



A Cidade de Deus

Santo Agostinho

A Cidade de Deus

Santo Agostinho

A Cidade de Deus

por Santo Agostinho

EDIÇÃO E TRADUÇÃO: MARLUCE COSTA

Todos os direitos reservados desta tradução.

Índice

[PREFÁCIO DO EDITOR](#)

[PREFÁCIO DA TRADUÇÃO INGLESA](#)

[LIVRO I: Agostinho censura os pagãos, que atribuíam as calamidades do mundo, e especialmente o saque de Roma pelos godos \(bárbaros\), à religião cristã e sua proibição do culto aos deuses](#)

[LIVRO II: Uma revisão das calamidades sofridas pelos romanos antes](#)

do tempo de Cristo, mostrando que seus deuses os mergulharam na corrupção e no vício

LIVRO III: As calamidades externas de Roma

LIVRO IV: Esse império foi dado a Roma não pelos deuses, mas pelo Único e Verdadeiro Deus

LIVRO V: Da predestinação, do livre arbítrio e da presciência de Deus, e da fonte das virtudes dos antigos romanos

LIVRO VI: Da divisão tríplice da teologia de Varrão (Varro), e da incapacidade dos deuses de contribuir com qualquer coisa para a felicidade da vida futura

LIVRO VII: Dos "seletos deuses" da teologia civil, e que a vida eterna não é obtida adorando-os

LIVRO VIII: Alguns relatos da filosofia socrática e platônica, e uma refutação da doutrina de Apuleio de que os demônios deveriam ser adorados como mediadores entre deuses e homens

LIVRO IX: Dos que alegam distinção entre demônios, alguns sendo bons e outros maus

LIVRO X: A doutrina da redenção de Porfírio

LIVRO XI: Agostinho passa para a segunda parte da obra, na qual são discutidos a origem, o progresso e os destinos das cidades terrenas e celestiais. — Especulações sobre a criação do mundo

LIVRO XII: Da criação dos anjos e dos homens, e da origem do mal

LIVRO XIII: Que a morte é penal, e teve sua origem no pecado de Adão

LIVRO XIV: Da punição e resultados do primeiro pecado do homem, e da propagação do homem sem luxúria

LIVRO XV: O progresso das cidades terrenas e celestiais traçadas pela

história sagrada

LIVRO XVI: A história da cidade de Deus desde Noé até o tempo dos reis de Israel

LIVRO XVI I: A história da cidade de Deus desde os tempos dos profetas até Cristo

LIVRO XVIII: Uma história paralela das cidades terrenas e celestiais desde o tempo de Abraão até o fim do mundo

LIVRO XIX: Uma revisão das opiniões filosóficas sobre o Bem Supremo e uma comparação dessas opiniões com a crença cristã sobre a felicidade

LIVRO XX: Do juízo final, e as declarações a seu respeito no Antigo e Novo Testamento

LIVRO XXI: Do castigo eterno dos ímpios no inferno, e das várias objeções feitas contra ele

LIVRO XXII: Da eterna felicidade dos santos, da ressurreição do corpo e dos milagres da Igreja primitiva:

Prefácio do Editor

A "Cidade de Deus" é a obra-prima do maior gênio entre os Bispos latinos, e a mais conhecida e lida de suas obras, exceto as "Confissões". Ele incorpora os resultados de treze anos de trabalho intelectual e estudo (de 413-426 d.C.). É uma defesa do cristianismo contra os ataques dos pagãos em vista do saque da cidade de Roma pelos bárbaros, no momento em que a antiga civilização greco-romana se aproximava de sua queda e uma nova civilização cristã começava a se erguer em suas ruínas. É a primeira tentativa de uma filosofia da história, sob o aspecto de duas cidades ou comunidades rivais – a cidade eterna de Deus e a cidade perecível do mundo.

Esta foi a única filosofia da história conhecida em toda a Europa durante a Idade Média; foi adotado e reproduzido em suas características essenciais por Bossuet, Ozanam, Frederick Schlegel e outros escritores católicos, e recentemente foi oficialmente endossado, por assim dizer, pelo erudito Papa Leão XIII. em sua carta encíclica sobre a Constituição Cristã dos Estados (*Immortale Dei*, 1º de novembro de 1885); pois o Papa diz que Agostinho, em seu *De Civitate Dei*, "expôs tão claramente a eficácia da sabedoria cristã e a maneira pela qual ela está ligada ao bem-estar dos Estados, que ele parece não apenas ter defendido a causa da os cristãos de seu próprio tempo, mas ter refutado triunfalmente as falsas acusações [contra o cristianismo] para sempre".

"A Cidade de Deus" também é muito apreciada por escritores protestantes como Waterland, Milman, Neander, Bindemann, Pressense, Flint (*The Philosophy of History*, 1874, pp. 17 sqq.) e Fairbairn, (*The City of God*, London). , 2ª ed., 1886, pp. 348 sqq.). Mesmo o céptico Gibbon, que não tinha qualquer simpatia pela religião e teologia de Agostinho, concede a essa obra pelo menos "o mérito de um projeto magnífico, executado com vigor e não inabilidade". (*Declínio e queda*, Ch. xxviii. nota, em Harper's ed., vol. III., 271.)

Seria injusto julgar "A Cidade de Deus" pelo padrão da erudição

exegética e histórica moderna. As interpretações de Agostinho das Escrituras, embora geralmente engenhosas e muitas vezes profundas, são muitas vezes fantasiosas e carecem do fundamento seguro de um conhecimento das línguas originais; pois ele sabia muito pouco grego e nenhum hebraico, e tinha que depender da versão latina; ele foi até mesmo preconceituoso a princípio contra a revisão de Jerônimo da muito deficiente Itala, temendo, em sua solicitude pelos irmãos fracos e tímidos, que mais mal do que bem pudesse ser o resultado dessa grande e necessária melhoria. Seu aprendizado foi confinado à literatura bíblica e romana e aos sistemas da filosofia grega. Ele muitas vezes desperdiça argumentos com opiniões absurdas, e algumas de suas próprias opiniões nos parecem infantis e obsoletas. Ele confina o Reino de Deus aos limites estreitos da teocracia judaica e da Igreja Católica visível. Ele não podia, de fato, negar as verdades da filosofia grega; mas ele os derivou das Escrituras judaicas e adotou a hipótese impossível de Ambrósio de que Platão se familiarizou com o profeta Jeremias no Egito (comp. De Doctr. Christ. II. 28), embora depois ele a corrigiu (Retract. II. 4).). Ele não aprecia suficientemente as virtudes naturais, os caminhos da providência divina e a operação de Seu Espírito fora da raça escolhida; e sob a influência do espírito ascético que então prevalecia na Igreja, em oposição justificável à corrupção moral circundante do paganismo, ele até degrada a história secular e a vida secular, no Estado e na família, que são igualmente ordenadas por Deus. Em alguns aspectos, ele forma o extremo oposto a Orígenes, o maior gênio entre os pais gregos. Ambos assumem uma queda universal da santidade original. Mas Agostinho data de um ato de desobediência – a queda histórica de Adão, em quem toda a raça foi incluída germinalmente; enquanto Orígenes remonta a uma queda pré-histórica de cada alma individual, responsabilizando cada um pelo abuso da liberdade. Agostinho procede a uma eleição especial de um povo de Deus da massa corrupta e condenada; ele segue sua história em duas linhas antagônicas, e termina no contraste dualista de um céu eterno para os eleitos e um inferno eterno para os réprobos, incluindo entre estes até mesmo crianças não batizadas (*horribile dictu!*), que nunca cometeram uma transgressão real; enquanto Orígenes conduz todas as criaturas caídas, homens e anjos, por um processo lento e

gradual de emenda e correção, sob a influência cada vez maior da misericórdia redentora, durante o lapso de incontáveis eras, de volta a Deus, alguns superando outros e cuidando por um curso mais rápido para a perfeição, até que o último inimigo seja finalmente alcançado e a própria morte seja destruída, para que "Deus seja tudo em todos". Dentro dos limites da teocracia judaica e do cristianismo católico, Agostinho admite a ideia de desenvolvimento histórico ou um progresso gradual de um grau de conhecimento inferior para um superior, mas sempre em harmonia com a verdade católica. Ele não permitiria revoluções e mudanças radicais ou diferentes tipos de cristianismo. "O melhor pensamento" (diz o Dr. Flint, em sua Filosofia da História na Europa, I. 40), "ao mesmo tempo o mais judicioso e liberal, entre aqueles que são chamados de pais cristãos, sobre o assunto do progresso do cristianismo como organização e sistema, é o de Santo Agostinho, como elaborado e aplicado por Vicente de Lerins em seu 'Commonitorium', onde encontramos substancialmente a mesma concepção do desenvolvimento da Igreja e da doutrina cristã, que, no presente século, De Maistre tornou célebre na França, Möhler na Alemanha e Newman na Inglaterra. Seu principal defeito é que coloca na Igreja uma autoridade diferente e virtualmente superior à Escritura e à razão, para determinar o que é verdadeiro e falso em o desenvolvimento da doutrina".

Com todos os seus defeitos, o leitor sincero será muito instruído e edificado pela "Cidade de Deus", e encontrará mais para admirar do que para censurar nesta obra imortal de gênio e erudição santificados.

A presente tradução, a primeira exata e legível na língua portuguesa para o Kindle, foi preparada e publicada pela editora Dantas Bookstore.

Prefácio da Tradução Inglesa

“ROMA tendo sido invadida e saqueada pelos bárbaros (godos) sob Alarico, seu rei, os adoradores de falsos deuses, ou pagãos, como comumente os chamamos, tentaram atribuir essa calamidade à religião cristã e começaram a blasfemar o verdadeiro Deus com ainda mais do que sua habitual amargura. Foi isso que acendeu meu zelo pela casa de Deus, e me levou a empreender a defesa da cidade de Deus contra as acusações e deturpações de seus agressores. Este trabalho estava em minhas mãos, por vários anos, devido às interrupções ocasionadas por muitos outros assuntos que tinham uma reivindicação prévia de minha atenção e que eu não podia adiar. No entanto, esse grande empreendimento foi finalmente concluído em vinte e dois livros. Destes, os cinco primeiros refutar aqueles que imaginam que o culto politeísta é necessário para assegurar a prosperidade mundana, e que todas essas calamidades avassaladoras nos aconteceram em consequência de sua proibição. mesmo para aqueles que admitem que tais calamidades sempre atenderam e sempre atenderão a raça humana, e que elas constantemente se repetem em formas mais ou menos desastrosas, variando apenas nas cenas e ocasiões, mas, embora admitindo isso, sustentam que a adoração dos deuses é vantajosa para a vida futura. Nestes dez livros, então, refuto essas duas opiniões, que são tão infundadas quanto antagônicas à religião cristã.

“Mas para que ninguém tenha ocasião de dizer que, embora eu tenha refutado os princípios de outros homens, omiti a estabelecer os meus, dedico a este objetivo a segunda parte desta obra, que compreende doze livros, embora tenha não tive escrúpulos, conforme a ocasião oferecia, nem para apresentar minhas próprias opiniões nos dez primeiros livros, nem para demolir os argumentos de meus oponentes nos últimos doze. Desses doze livros, os quatro primeiros contêm um relato da origem dessas duas cidades. — a cidade de Deus e a cidade do mundo (terrestre). Os quatro segundos tratam de sua história ou progresso; os terceiros e quatro últimos, de seus destinos merecidos. E

assim, embora todos esses vinte e dois livros se refiram a ambas as cidades, ainda assim eu as dei o nome da melhor cidade, e as chamei de A Cidade de Deus".

Tal é o relato feito pelo próprio Agostinho da ocasião e plano desta sua maior obra. Mas, além dessa informação explícita, aprendemos pela correspondência de Agostinho, que foi devido à importunação de seu amigo Marcelino que essa defesa do cristianismo se estendeu além dos limites de algumas cartas. Pouco antes da queda de Roma, Marcelino foi enviado à África pelo imperador Honório para acertar as diferenças entre os donatistas e os católicos. Isso o colocou em contato não apenas com Agostinho, mas com Volusian, o procônsul da África, um homem de rara inteligência e franqueza. Ao descobrir que Volusiano, embora ainda pagão, se interessou pela religião cristã, Marcelino decidiu convertê-lo à verdadeira fé. Os detalhes da subsequente relação significativa entre o bispo erudito e cortês e os dois estadistas imperiais, infelizmente, estão quase inteiramente perdidos para nós; mas a impressão transmitida pela correspondência existente é que Marcelino foi o meio de colocar seus dois amigos em comunicação um com o outro. A primeira abertura foi da parte de Agostinho, na forma de um pedido simples e viril para que Volusiano examinasse cuidadosamente as Escrituras, acompanhado por uma oferta franca de fazer o melhor para resolver quaisquer dificuldades que pudessem surgir de tal curso de investigação. Volusian, portanto, entra em correspondência com Agostinho; e para ilustrar o tipo de dificuldades vividas por homens em sua posição, ele dá algumas notas gráficas de uma conversa em que ele havia participado recentemente em uma reunião de alguns de seus amigos. A dificuldade a que se atribui maior peso nesta carta é a aparente impossibilidade de acreditar na Encarnação. Mas uma carta que Marcelino imediatamente despachou a Agostinho, instando-o a responder a Volusiano em geral, trouxe a informação de que as dificuldades e objeções ao cristianismo eram assim limitadas apenas por uma consideração cortês à preciosidade do tempo do bispo e ao grande número de seus compromissos. Esta carta, em suma, trouxe à tona o fato importante de que uma remoção de dúvidas especulativas não seria suficiente para a conversão de homens

como Volusian, cuja vida era uma com a vida do império. Suas dificuldades eram bastante políticas, históricas e sociais. Eles não podiam ver como a recepção da regra de vida cristã era compatível com os interesses de Roma como senhora do mundo. E assim Agostinho foi levado a ter uma visão mais distinta e mais ampla de toda a relação que o cristianismo mantinha com o antigo estado de coisas – moral, político, filosófico e religioso – e foi gradualmente atraído para empreender o elaborado trabalho agora apresentado. para o leitor inglês, e que pode mais apropriadamente do que qualquer outro de seus escritos ser chamado de sua obra-prima² ou obra de vida. Começou no mesmo ano da morte de Marcelino, 413 d.C., e foi publicado em porções destacadas de tempos em tempos, até sua conclusão no ano 426. Assim, ocupou os anos mais maduros da vida de Agostinho - de seu quinquagésimo nono ao seu septuagésimo segundo ano.

A partir deste breve esboço, veremos que embora o trabalho de acompanhamento seja essencialmente um pedido de desculpas, o pedido de desculpas de Agostinho não pode ser uma mera reabilitação dos argumentos um tanto ou quanto despropositados, se não efêmeros, de Justino e Tertuliano. De fato, como Agostinho considerou o que lhe era exigido, - expor a fé cristã, e justificá-la aos homens esclarecidos: distingui-la e mostrar sua superioridade em relação a todas aquelas formas de verdade, filosóficas ou populares, que então se esforçavam pelo domínio ou, pelo menos, pelo espaço de manobra; colocar diante dos olhos do mundo uma visão de glória que pudesse ganhar o respeito até mesmo dos homens que se deslumbravam com o fascinante esplendor de um império mundial,- reconheceu que lhe foi apresentada uma tarefa à qual até seus poderes poderiam se mostrar desiguais,- uma tarefa que certamente lhe daria amplo espaço para seu aprendizado, compreensão dialética, capacidade filosófica e perspicácia, eloquência e faculdade de exposição.

Mas é a ocasião desta grande Apologia que a investe ao mesmo tempo de grandeza e vitalidade. Depois de mais de 1.100 anos de progresso

firme e triunfante, Roma havia sido tomada e saqueada. É difícil para nós apreciar, impossível superestimar, o choque que foi assim comunicado do centro de todo o mundo conhecido. Em geral, acreditava-se, não apenas pelos pagãos, mas também por muitos dos cristãos de mente mais liberal, que a destruição de Roma seria o prelúdio da destruição do mundo. Mesmo Jerônimo, que poderia ter ficado amargurado contra a orgulhosa dona do mundo por ela em hostilidade para si mesmo, não consegue esconder sua profunda emoção ao saber da queda dela. "Um rumor terrível", diz ele, "chegame do Ocidente falando de Roma sitiada, comprada por ouro, novamente sitiada, vida e propriedade perecendo juntas. Minha voz vacila, soluços abafam as palavras que digo; pois ela é uma cativa, aquela cidade que encantou o mundo."⁶ Agostinho nunca é tão teatral quanto Jerônimo na expressão de seu sentimento, mas é igualmente explícito ao lamentar a queda de Roma como uma grande calamidade: aos modos devassos, à efeminação e ao orgulho de seus cidadãos, ele não está sem esperança de que, por um retorno ao modo de vida simples, resistente e honrado que caracterizou os primeiros romanos, ela ainda possa ser restaurada a grande parte de sua vida. sua antiga prosperidade. Mas enquanto Agostinho contempla as ruínas da grandeza de Roma, e sente em comum com todo o mundo nesta crise, a instabilidade dos governos mais fortes, a insuficiência do estadista mais autoritário, paira sobre essas ruínas a esplêndida visão da cidade de Deus. "descendo do céu, adornada como uma noiva para seu marido". O velho sistema social está desmoronando por todos os lados, mas em seu lugar ele parece ver uma cristandade pura surgindo. Ele vê que a história humana e o destino humano não estão totalmente identificados com a história de qualquer poder terreno - embora seja tão cosmopolita quanto o império de Roma.⁸ Ele dirige a atenção dos homens para o fato de que há outro reino na terra, – uma cidade que tem fundamentos, cujo construtor e artífice é Deus. Ele ensina os homens a ter visões mais profundas da história, e mostra-lhes como desde o início a cidade de Deus, ou comunidade do povo de Deus, viveu ao lado dos reinos deste mundo e sua glória, e foi aumentando silenciosamente, "crescit occulto velut arbor ævo." Ele demonstra que a moralidade superior, a verdadeira doutrina, a origem celestial desta

cidade, garantem-lhe o sucesso; e contra isso, ele descreve as teorizações tolas ou contraditórias dos filósofos pagãos e a moral desequilibrada do povo, e coloca a todos os homens sinceros para dizer, seja na presença de uma causa tão manifestamente suficiente para a queda de Roma, há há espaço para imputá-lo à propagação do cristianismo. Ele traça o antagonismo dessas duas grandes comunidades de criaturas racionais até sua primeira divergência na queda dos anjos e até a consumação de todas as coisas no juízo final e destino eterno do bem e do mal. Em outras palavras, a cidade de Deus é "o primeiro esforço real para produzir uma filosofia da história", para exhibir eventos históricos em conexão com suas verdadeiras causas e em sua sequência real. Este plano de trabalho não é apenas uma grande concepção, mas é acompanhado de muitas vantagens práticas; a principal delas é que admite, e até exige, um tratamento completo daquelas doutrinas de nossa fé que são mais diretamente históricas – as doutrinas da criação, a queda, a encarnação, a conexão entre o Antigo e o Novo Testamento, e a doutrina das "últimas coisas".

O efeito produzido por esta grande obra é impossível de determinar com precisão. Beugnot, com um absolutismo que devemos condenar como presunção em qualquer autoridade menos competente, declara que seu efeito só pode ter sido muito leve. Provavelmente seu efeito seria silencioso e lento; falando primeiro sobre mentes cultivadas, e apenas indiretamente sobre as pessoas. Certamente seu efeito deve ter sido enfraquecido pela forma interrompida de sua publicação. É uma tarefa mais fácil estimar seu valor intrínseco. Mas nisto também as autoridades patrísticas e literárias diferem amplamente. Dupin admite que é uma leitura muito agradável, devido à surpreendente variedade de assuntos que são introduzidos para ilustrar e avançar o argumento, mas censura o autor por discutir questões muito inúteis e por apresentar razões que não poderiam satisfazer ninguém que já não estivesse convencido.³ Huet também fala do livro como "un amas confus d'excellents materiaux; c'est de l'or en barre et en lingots". L'Abbé Flottes censura essas opiniões como injustas e cita com aprovação o elogio incondicional de Pressense.⁵ Mas provavelmente a popularidade do livro é sua melhor justificativa. Essa popularidade

pode ser medida pela circunstância de que, entre o ano de 1467 e o final do século XV, não menos de vinte edições foram solicitadas, ou seja, uma nova edição a cada dezoito meses. E na interessante série de cartas trocadas entre Ludovicus Vives e Erasmus, que o contrataram para escrever um comentário sobre a Cidade de Deus para sua edição das obras de Agostinho, encontramos Vives pedindo uma edição separada desta obra, sob o fundamento que, de todos os escritos de Agostinho, era quase o único lido por estudantes de patrística e, portanto, poderia naturalmente ter uma circulação muito mais ampla.

Se fosse perguntado a que se deve essa popularidade, estaríamos dispostos a atribuí-la principalmente à grande variedade de idéias, opiniões e fatos que aqui são trazidos à mente do leitor. Sua importância como contribuição para a história da opinião não pode ser superestimada. Encontramos nele não apenas indicações ou enunciados explícitos dos pontos de vista do próprio autor sobre quase todos os tópicos importantes que ocupavam seu pensamento, mas também uma exposição resumida das idéias que mais poderosamente influenciaram a vida naquela época. Torna-se assim, como diz Poujoulat, "comme l'encyclopédie du cinquième siècle". Tudo o que é valioso, junto com muitas coisas que não o são, na religião e filosofia das nações clássicas da antiguidade, é revisto. E em alguns ramos desses assuntos, na opinião de alguém bem qualificado para julgar, "preservado mais do que toda a literatura latina sobrevivente". É verdade que às vezes nos cansamos com a refutação muito elaborada de opiniões que, para uma mente moderna, parecem absurdos evidentes; mas se essas opiniões eram de fato predominantes no século V, o investigador histórico não brigará com a forma em que suas informações são transmitidas, nem cometerá o absurdo de atribuir a Agostinho a tolice dessas opiniões, mas sim o crédito de explodi-las. . Que Agostinho é um crítico bem informado e imparcial, é evidenciado pela cortesia e franqueza que ele exhibe uniformemente a seus oponentes, pelo respeito que conquistou dos próprios pagãos e por sua própria infância. A crítica mais rigorosa o considerou culpado em relação a questões de fato apenas em alguns casos muito raros, que podem ser facilmente explicados. Seu aprendizado não seria de fato

comparado com o que é considerado como tal em nossos dias: sua vida era muito ocupada e muito dedicada aos pobres e aos espiritualmente necessitados, para admitir qualquer aquisição extraordinária. Ele não tinha acesso a nenhuma literatura além do latim; ou pelo menos ele só tinha grego suficiente para se referir a autores gregos sobre pontos importantes, e não o suficiente para ler seus escritos com facilidade e prazer. Mas ele tinha um profundo conhecimento de seu próprio tempo, e um conhecimento familiar não apenas com os poetas latinos, mas com muitos outros autores, alguns de cujos escritos estão agora perdidos para nós, exceto os fragmentos preservados por meio de suas citações.

Mas o interesse ligado à Cidade de Deus não é meramente histórico. É a seriedade e habilidade com que ele desenvolve suas próprias visões filosóficas e teológicas que gradualmente fascinam o leitor e o fazem ver por que o mundo o colocou entre os poucos maiores livros de todos os tempos. As linhas fundamentais da teologia agostiniana são aqui estabelecidas de forma abrangente e interessante. Nunca se pensou tão abstrato expresso em linguagem tão popular. Ele lida com problemas metafísicos com a desenfreada facilidade de Platão, com toda a precisão e agudeza de Cícero, e mais profundo do que Cícero. Ele nunca está mais à vontade do que quando expõe a incompetência do neoplatonismo ou demonstra a harmonia da doutrina cristã e da verdadeira filosofia. E embora haja na Cidade de Deus, como em todos os livros antigos, coisas que nos parecem infantis e estereis, há também as mais surpreendentes antecipações da especulação moderna. Há uma luta séria com aqueles problemas que são continuamente reabertos porque estão subjacentes à relação do homem com Deus e com o mundo espiritual – os problemas que não são peculiares a nenhum século. Enquanto lemos essas discussões animadas,

"Os quatorze séculos caem

Entre nós e o santo africano,

E ao seu lado exortamos, hoje,

A busca imemorial e a velha queixa.

Nenhum sinal externo para nós é dado,

Do mar ou da terra não vem resposta;

Silenciado como o cáldo céu da Numídia,

Ele questionou vaidosamente nosso céu congelado".

É verdade que o estilo do livro não é tudo o que se poderia desejar: há passagens que só podem interessar ao antiquário; há outros sem nada para redimi-los a não ser o brilho de sua eloquência; há muitas repetições; há um uso ocasional de argumentos "plus ingenieux que solides", como diz M. Saisset. O grande admirador de Agostinho, Erasmo, não tem escrúpulos em chamá-lo de escritor "obscuræ, subtililatis et parum amænæ prolixitatis ; mas "a labuta de penetrar nas aparentes obscuridades será recompensada por encontrar uma verdadeira riqueza de discernimento e iluminação". ler os capítulos iniciais da Cidade de Deus, pode ter considerado que seria uma perda de tempo prosseguir; mas ninguém, estamos convencidos, jamais se arrependeu de ler tudo. O livro tem suas falhas; mas efetivamente nos introduz o mais influente dos teólogos e o maior professor popular; a um gênio que não pode acenar por muitas linhas juntas; a um raciocinador cuja dialética é mais formidável, mais perspicaz e criteriosa que a de Sócrates ou Tomás de Aquino; a um santo cuja ardente e genuína sentimento devocional irrompe através da argumentação mais severa; a um homem cuja bondade e inteligência, simpatias universais e amplitude de inteligência, emprestam picante e vitalidade à dissertação mais abstrata.

A propriedade de publicar uma tradução tão escolhida como um espécime da literatura antiga não precisa de defesa. Como observa Poujoulat muito sensatamente, não há muitos homens hoje em dia que lerão uma obra em latim de vinte e dois livros. Talvez haja menos ainda que devam fazê-lo. Com nossos vizinhos ocupados na França, este trabalho tem sido um dos principais favoritos por 400 anos. Pode-se dizer que há oito traduções independentes para a língua francesa,

embora algumas delas sejam em parte meras revisões. Uma dessas traduções teve até quatro edições. A mais recente é a que faz parte da série Nisard; mas o melhor, até onde vimos, é o do talentoso professor de filosofia no Colégio da França, Emile Saisset. Esta tradução é realmente tudo o que se pode desejar: aqui e ali ocorre uma omissão, e em cerca de uma ou duas traduções pode existir uma diferença de opinião; mas a felicidade e o espírito extraordinários de tudo mostram que foi um trabalho de amor, a homenagem afetuosa de um discípulo orgulhoso de seu mestre. O prefácio de M. Saisset é uma das contribuições mais valiosas já feitas para a compreensão da filosofia de Agostinho.

Das traduções inglesas houve uma pobreza inexplicável. Só existe um, e isso é tão excepcionalmente ruim, tão diferente das traduções atrevidas do século XVII em geral, tão impreciso e tão freqüentemente ininteligível, que não é impossível que tenha feito algo para dar ao público inglês um desgosto pelo livro em si. Que a presente tradução também possa ser melhorada, sabemos; que muitos homens eram mais aptos para a tarefa, em termos de erudição, somos muito sensatos; mas que alguém o teria executado com maior afeição e veneração pelo autor, não estamos preparados para admitir. Algumas notas foram adicionadas onde parecia ser necessário. Alguns são originais, alguns do beneditino Agostinho, e o resto do elaborado comentário de Vives.⁴

MARCUS DODS.

GLASGOW, 1871.

LIVRO I

ARGUMENTO

AGOSTINHO CENSURA OS PAGÕES, QUE ATRIBUÍRAM AS CALAMIDADES DO MUNDO, E ESPECIALMENTE O RECENTE SAQUE DE ROMA PELOS GODO (BÁRBAROS), À RELIGIÃO CRISTÃ, E SUA PROIBIÇÃO DE ADORAR OS DEUSES. ELE FALA DAS BÊNÇÃOS E MAL DA VIDA, QUE ENTÃO, COMO SEMPRE, ACONTECEU A HOMENS BONS E MAUS IGUALMENTE. POR FIM, ELE REPRESENTA A VERGONHA DOS QUE LANÇARAM AOS CRISTÃOS QUE SUAS MULHERES FORAM VIOLADAS PELOS SOLDADOS.

PREFÁCIO, EXPLICADO SEU PROJETO NA REALIZAÇÃO DESTA OBRA

A gloriosa cidade de Deus é o meu tema neste trabalho, que você, meu querido filho Marcelino,² sugeriu, e que é devido a você por minha promessa. Eu empreendi sua defesa contra aqueles que preferem seus próprios deuses ao Fundador desta cidade - uma cidade extraordinariamente gloriosa, quer a vejamos como ainda vive pela fé neste curso fugaz do tempo, e peregrina como um estranho no meio dos ímpios, ou como ele deve habitar na estabilidade fixa de seu assento eterno, que agora com paciência espera, esperando até que "a justiça retorne ao julgamento", e obtenha, em virtude de sua excelência, vitória final e perfeita Paz. Um grande trabalho este, e um árduo; mas Deus é meu ajudador. Pois sei que capacidade é necessária para persuadir os orgulhosos quão grande é a virtude da humildade, que nos eleva, não por uma arrogância bastante humana, mas por uma graça divina, acima de todas as dignidades terrenas que cambaleiam nesta cena cambiante. Pois o Rei e Fundador desta cidade da qual falamos, nas Escrituras pronunciou ao Seu povo um ditado da lei divina nestas palavras: "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes". A prerrogativa de Deus, a ambição inflada de um espírito orgulhoso também afeta, e ama muito que isso seja contado entre seus

atributos, para

"Tenha piedade da alma humilhada,

E esmague os filhos do orgulho."

E, portanto, como o plano deste trabalho que empreendemos exige, e conforme a ocasião oferece, devemos falar também da cidade terrena, que, embora seja senhora das nações, é governada por sua luxúria de governo.

CAPÍTULO. 1.-DOS ADVERSÁRIOS DO NOME DE CRISTO, A QUEM OS BÁRBAROS POR CAUSA DE CRISTO POUPARAM QUANDO ATACAM A CIDADE

1. Pois a esta cidade terrena pertencem os inimigos contra os quais tenho que defender a cidade de Deus. Muitos deles, de fato, sendo recuperados de seu erro ímpio, tornaram-se cidadãos suficientemente dignos de crédito desta cidade; mas muitos estão tão inflamados de ódio contra ele, e são tão ingratos ao seu Redentor por Seus sinais de benefícios, que se esquecem de que agora seriam incapazes de proferir uma única palavra em seu preconceito, se não tivessem encontrado em seus lugares sagrados, como fugiram do aço do inimigo, aquela vida em que agora se vangloriam. Esses mesmos romanos, que foram poupados pelos bárbaros por seu respeito a Cristo, não se tornaram inimigos do nome de Cristo? Os relicários dos mártires e as igrejas dos apóstolos dão testemunho disso; pois no saque da cidade eles eram santuário aberto para todos os que fugiam para eles, fossem cristãos ou pagãos. Até o limiar deles, o inimigo sedento de sangue se enfureceu; ali sua fúria assassina tinha um limite. Para lá foi o inimigo que alguma pena transmitiu aqueles a quem deram quartel, para que não caísse sobre eles menos misericordiosamente dispostos. E, de fato, quando mesmo aqueles assassinos que em todos os lugares se mostravam impiedosos chegavam àqueles lugares onde era proibido o que a licença de guerra permitia em todos os outros lugares, sua fúria furiosa pela matança foi refreada e sua ânsia de fazer prisioneiros foi

saciada. Assim escaparam multidões que agora censuram a religião cristã e imputam a Cristo os males que caíram sobre sua cidade; mas a preservação de sua própria vida - um benefício que eles devem ao respeito que os bárbaros têm por Cristo - eles atribuem não ao nosso Cristo, mas à sua própria boa sorte. Eles deveriam antes, se tivessem alguma percepção correta, atribuir as severidades e dificuldades infligidas por seus inimigos àquela providência divina que costuma reformar as maneiras depravadas dos homens pelo castigo, e que exerce com aflições semelhantes os justos e louváveis, – seja traduzindo-os, depois de terem passado pelo julgamento, para um mundo melhor, ou detendo-os ainda na terra para fins ulteriores. E eles devem atribuir ao espírito destes tempos cristãos, que, contrariamente ao costume da guerra, esses bárbaros sanguinários os poupavam, e os poupavam por amor de Cristo, se essa misericórdia foi realmente mostrada em lugares promíscuos, ou naqueles lugares especialmente dedicado ao nome de Cristo, e dos quais os maiores foram selecionados como santuários, para que todo o escopo pudesse ser dado à compaixão expansiva que desejava que uma grande multidão pudesse encontrar abrigo ali. Portanto, devem dar graças a Deus e, com sincera confissão, refugiar-se em seu nome, a fim de escaparem do castigo do fogo eterno, aqueles que com lábios mentirosos tomaram sobre si este nome, para escaparem do castigo da destruição presente. . Pois daqueles que você vê insultando insolentemente e descaradamente os servos de Cristo, há números que não teriam escapado dessa destruição e matança se não tivessem fingido que eles mesmos eram servos de Cristo. No entanto, agora, com orgulho ingrato e loucura mais ímpia, e correndo o risco de serem punidos nas trevas eternas, eles se opõem perversamente àquele nome sob o qual se protegeram fraudulentamente para desfrutar da luz desta breve vida.

CAPÍTULO. 2.-QUE É TOTALMENTE CONTRÁRIO AO USO DA GUERRA, QUE OS VENCEDORES DEVEM POUPAR OS VENCIDOS POR CAUSA DE SEUS DEUSES

1. Há histórias de inúmeras guerras, tanto antes da construção de Roma como desde sua ascensão e extensão de seu domínio; que estes sejam lidos, e que seja citado um exemplo em que, quando uma cidade foi tomada por estrangeiros, os vencedores pouparam aqueles que foram encontrados fugindo para o santuário dos templos de seus deuses; ou um caso em que um general bárbaro deu ordens para que ninguém fosse morto pela espada que havia sido encontrado neste ou naquele templo. Não viu Enéias

"Morrendo Príamo no santuário,

Manchando a lareira que ele fez divina?"

Não Diomedes e Ulisses

"Arraste com as mãos vermelhas, a sentinela morta,

Sua imagem fatídica de seu fane,

Suas mechas castas se tocam e mancham com sangue

A coroa virgem que ela usava?"

Nem é verdade o que se segue, que

"Dali em diante a maré da fortuna mudou,

E a Grécia ficou fraca."

Pois depois disso conquistaram e destruíram Tróia com fogo e espada; depois disso, eles decapitaram Príamo enquanto ele fugia para os altares. Nem Tróia pereceu porque perdeu Minerva. Pois o que a própria Minerva perdera primeiro, para perecer? Seus guardas, talvez? Sem dúvida; apenas seus guardas. Pois assim que eles fossem mortos, ela poderia ser roubada. Não foram, de fato, os homens que foram preservados pela imagem, mas a imagem pelos homens. Como, então, ela foi invocada para defender a cidade e os cidadãos, ela que não podia defender seus próprios defensores?

CAPÍTULO. 3.-QUE OS ROMANOS NÃO DEMONSTRARAM SUA HABITUAL SAGACIDADE QUANDO CONFIARAM QUE SERIAM BENEFICIADOS PELOS DEUSES, QUE NÃO HAVIAM SIDO CAPAZES DE DEFENDER O TRÓIA

1. E estes são os deuses a cujos cuidados protetores os romanos se deleitaram em confiar sua cidade! Oh também, erro lamentável! E eles se enfurecem conosco quando falamos assim sobre seus deuses, embora, longe de se enfurecerem com seus próprios escritores, desembolsem dinheiro para aprender o que dizem; e, de fato, os próprios professores desses autores são considerados dignos de um salário do erário público e de outras honras. Há Virgílio, que é lido pelos meninos, para que este grande poeta, o mais famoso e aprovado de todos os poetas, possa fecundar suas mentes virgens, e não ser facilmente esquecido por eles, segundo aquele ditado de Horácio,

"O barril fresco mantém por muito tempo seu primeiro sabor."

Bem, neste Virgílio, eu digo, Juno é apresentado como hostil aos troianos, e agitando Éolo, o rei dos ventos, contra eles nas palavras:

"Uma raça que eu odeio agora ara o mar,

Transportando Tróia para a Itália,

E os deuses do lar conquistaram"...

E os homens prudentes deveriam ter confiado a defesa de Roma a esses deuses conquistados? Mas dir-se-á, isto foi apenas o que disse Juno, que, como uma mulher zangada, não sabia o que dizia. O que, então, diz o próprio Æneas, - Æneas que é tantas vezes designado "piedoso"? Ele não diz,

"Eis! Panthus, 'escapado da morte por vôo,

Sacerdote de Apolo nas alturas,

Seus deuses conquistados com mãos trêmulas

Ele suporta, e abriga demandas rápidas?"

Não está claro que os deuses (a quem ele não tem escrúpulos em chamar de "conquistados") foram mais confiados a Enéias do que ele a eles, quando lhe é dito:

"Os deuses de seus santuários domésticos

Seu país para seus cuidados consigna?"

Se, então, Virgílio diz que os deuses eram como esses, e foram conquistados, e que, quando conquistados, não poderiam escapar senão sob a proteção de um homem, que loucura supor que Roma foi sabiamente confiada a esses guardiões. , e não poderia ter sido tomada a menos que as tivesse perdido! De fato, adorar deuses conquistados como protetores e campeões, o que é isso senão adorar, não boas divindades, mas maus presságios? Não seria mais sensato acreditar, não que Roma nunca teria caído em uma calamidade tão grande se eles não tivessem perecido primeiro, mas sim que eles teriam perecido há muito tempo se Roma não os tivesse preservado tanto quanto pôde? Pois quem não vê, quando pensa nisso, que suposição tola é que eles não poderiam ser vencidos sob defensores vencidos, e que eles só pereceram porque perderam seus deuses guardiões, quando, de fato, a única causa de seu perecimento foi que eles escolheram para seus protetores deuses condenados a perecer? Os poetas, portanto, quando compuseram e cantaram essas coisas sobre os deuses conquistados, não tiveram a intenção de inventar falsidades, mas proferiram, como homens honestos, o que a verdade extorquiou deles. Isso, no entanto, será discutido cuidadosa e copiosamente em outro lugar mais apropriado. Enquanto isso, explicarei brevemente, e com o melhor de minha capacidade, o que quis dizer sobre esses homens ingratos que blasfemamente imputam a Cristo as calamidades que eles merecidamente sofrem por causa de seus próprios caminhos perversos, enquanto o que é por amor de Cristo poupado eles, apesar de sua maldade, eles nem se dão ao trabalho de notar; e em sua insolência louca e blasfema, eles usam contra Seu nome aqueles mesmos lábios com os quais eles falsamente alegaram esse mesmo

nome para que suas vidas fossem poupadas. Nos lugares consagrados a Cristo, onde por amor a Ele nenhum inimigo os prejudicaria, eles restringiam suas línguas para que pudessem estar seguros e protegidos; mas tão logo eles saem desses santuários, eles desenfream essas línguas para lançar contra Ele maldições cheias de ódio.

CAPÍTULO. 4.-DO ASILO DE JUNO EM TRÓIA, QUE NÃO SALVOU NINGUÉM DOS GREGOS; E DAS IGREJAS DOS APÓSTOLOS, QUE PROTEGERAM DOS BÁRBAROS TODOS OS QUE FUGIRAM PARA ELES

1. A própria Tróia, a mãe do povo romano, não foi capaz, como eu disse, de proteger seus próprios cidadãos nos lugares sagrados de seus deuses do fogo e da espada dos gregos, embora os gregos adorassem os mesmos deuses. Não só isso, mas

"Fênix e Ulisses caíram

Nos tribunais vazios pela cela de Juno

Foram colocados os despojos para guardar;

Arrebatado dos santuários em chamas,

Lá estava o poderoso tesouro de Ilium,

Ricos altares, taças de ouro maciço,

E roupas cativas, enroladas rudemente

Em uma pilha promíscua;

Enquanto meninos e matronas, selvagens de medo,

Em longa fila estavam de pé perto."

Em outras palavras, o lugar consagrado a tão grande deusa foi escolhido, não para que dele ninguém pudesse ser levado cativo, mas

para que nele todos os cativos pudessem ser emparedados. Compare agora este "asilo" - o asilo não de um deus comum, não de um dos deuses, mas da própria irmã e esposa de Júpiter, a rainha de todos os deuses - com as igrejas construídas em memória dos apóstolos. . Nela foram recolhidos os despojos resgatados dos templos em chamas e arrebatados dos deuses, não para que fossem devolvidos aos vencidos, mas divididos entre os vencedores; enquanto para estes foi levado de volta, com a mais religiosa observância e respeito, tudo o que lhes pertencia, mesmo que encontrado em outro lugar. Lá a liberdade foi perdida; aqui preservado. Lá a escravidão era estrita; aqui estritamente excluído. Nesse templo, os homens eram levados a se tornarem bens de seus inimigos, agora dominando-os; para essas igrejas, os homens eram conduzidos por seus inimigos clementes , para que pudessem estar em liberdade. Enfim, os gentis gregos se apropriaram daquele templo de Juno para os propósitos de sua própria avareza e orgulho; enquanto essas igrejas de Cristo foram escolhidas até mesmo pelos bárbaros selvagens como as cenas adequadas para humildade e misericórdia. Mas talvez, afinal, os gregos tenham poupado nessa sua vitória os templos daqueles deuses que eles adoravam em comum com os troianos, e não ousaram matar à espada ou fazer cativos os troianos miseráveis e vencidos que para lá fugiram; e talvez Virgílio, à maneira dos poetas, tenha retratado o que nunca realmente aconteceu? Mas não há dúvida de que ele descreveu o costume usual de um inimigo ao saquear uma cidade.

CAPÍTULO. 5.-DECLARAÇÃO DE CÆSAR SOBRE O COSTUME UNIVERSAL DE UM INIMIGO AO SAQUEAR UMA CIDADE

1. Até o próprio César nos dá um testemunho positivo sobre este costume; pois, em sua libertação no senado sobre os conspiradores, ele diz (como Salústio, um historiador de notável veracidade, escreve) "que virgens e meninos são violados, crianças arrancadas do abraço de seus pais, matronas submetidas a qualquer que seja o prazer dos conquistadores, templos e casas saqueados, matança e queima

abundante; enfim, todas as coisas cheias de armas, cadáveres, sangue e lamentos”. Se ele não tivesse mencionado templos aqui, poderíamos supor que os inimigos tinham o hábito de poupar as habitações dos deuses. E os templos romanos estavam em perigo desses desastres, não por inimigos estrangeiros, mas por Catilina e seus associados, os mais nobres senadores e cidadãos de Roma. Mas estes, pode-se dizer, eram homens abandonados e parricidas de sua pátria.

CAPÍTULO. 6.-QUE NEM OS ROMANOS, QUANDO TOMARAM AS CIDADES, POUPARAM OS CONQUISTADOS EM SEUS TEMPLOS

1. Por que, então, nosso argumento precisa levar em conta as muitas nações que travaram guerras umas com as outras, e em nenhum lugar pouparam os conquistados nos templos de seus deuses? Vejamos a prática dos próprios romanos, digamos, recordemos e revisemos os romanos, cujo principal elogio foi "poupar os vencidos e subjugar os orgulhosos", e que eles preferiram "mais perdoar do que vingar". uma lesão;" e entre tantas e grandes cidades que eles invadiram, tomaram e derrubaram para a extensão de seu domínio, diga-se que templos eles estavam acostumados a isentar, para que quem se refugiasse neles fosse livre. Ou eles realmente fizeram isso, e o fato foi suprimido pelos historiadores desses eventos? É de se acreditar que os homens que buscavam com a maior ânsia os pontos que podiam elogiar omitiam aqueles que, em sua própria opinião, são as provas mais marcantes de piedade? Marcus Marcellus, um distinto romano, que tomou Siracusa, uma cidade mais esplendidamente adornada, teria lamentado sua ruína iminente e ter derramado suas próprias lágrimas sobre ela antes de derramar seu sangue. Ele tomou medidas também para preservar a castidade até mesmo de seu inimigo. Pois antes de dar ordens para o assalto à cidade, ele emitiu um decreto proibindo a violação de qualquer pessoa livre. No entanto, a cidade foi saqueada de acordo com o costume da guerra; nem em lugar algum lemos que mesmo por um comandante tão casto e gentil foram dadas ordens para que ninguém fosse ferido que tivesse fugido para este ou aquele templo. E

isso certamente não teria sido omitido, quando nem seu choro nem seu edito preservador da castidade poderiam ser passados em silêncio. Fábio, o conquistador da cidade de Tarento, é elogiado por se abster de saquear as imagens. Pois quando seu secretário lhe propôs a pergunta, o que ele desejava que fosse feito com as estátuas dos deuses, que haviam sido tomadas em grande número, ele disfarçou sua moderação sob uma piada. Pois ele perguntou de que tipo eles eram; e quando lhe relataram que não havia apenas muitas imagens grandes, mas algumas delas armadas, "Oh", diz ele, "deixemos com os tarentinos seus deuses irados". Vendo, então, que os escritores da história romana não podiam passar em silêncio, nem o choro de um general nem o riso do outro, nem a piedade casta de um nem a moderação jocosa do outro, em que ocasião seria ser omitido, se, para a honra de qualquer um dos deuses de seus inimigos, eles tivessem mostrado essa forma particular de clemência, que em qualquer templo era proibido o abate ou cativo?

CAPÍTULO. 7.-QUE AS CRUELDADE QUE OCORREU NO SAQUE DE ROMA ESTAVAM DE ACORDO COM O COSTUME DA GUERRA, CONSIDERANDO QUE OS ATOS DE CLEMÊNCIA RESULTARAM DA INFLUÊNCIA DO NOME DE CRISTO

1. Todo o espólio, então, a que Roma foi exposta na calamidade recente - toda a matança, pilhagem, queima e miséria - foi o resultado do costume da guerra. Mas o que era novo era que os bárbaros selvagens se mostravam tão gentilmente, que as maiores igrejas foram escolhidas e separadas para o propósito de serem preenchidas com o povo a quem foi dado quarto, e que nelas ninguém foi morto, desde nenhum deles foi arrastado à força; que para eles muitos foram levados por seus inimigos clementes para serem libertados, e que deles nenhum foi levado à escravidão por inimigos impiedosos. Quem não vê que isso deve ser atribuído ao nome de Cristo e ao temperamento cristão, é cego; quem vê isso e não elogia é ingrato; quem impede alguém de louvá-lo é louco. Longe de qualquer homem prudente

imputar esta clemência aos bárbaros. Suas mentes ferozes e sangrentas estavam atemorizadas, refreadas e maravilhosamente temperadas por Aquele que há muito tempo disse por Seu profeta: "Visitar com vara a sua transgressão, e com açoites as suas iniquidades ; não obstante, a minha benignidade não totalmente tirar deles."

CAPÍTULO. 8.-DAS VANTAGENS E DESVANTAGENS QUE FREQUENTEMENTE ACRESCEM INDISCRIMINADAMENTE A HOMENS BONS E MAUS

1. Alguém dirá: Por que, então, essa compaixão divina foi estendida até mesmo aos ímpios e ingratos? Ora, mas porque foi a misericórdia dAquele que diariamente "faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos". Pois, embora alguns desses homens, pensando nisso, se arrependam de sua maldade e reformam-se, alguns, como diz o apóstolo, "desprezando as riquezas de sua bondade e longanimidade, depois de sua dureza e coração impenitente, entesouraram para si a ira contra o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um de acordo com as suas obras: "3 todavia, a paciência de Deus ainda convida os ímpios ao arrependimento, assim como o flagelo de Deus educa os bons a paciência. E assim também a misericórdia de Deus abraça o bem para que possa apreciá-los, pois a severidade de Deus prende os ímpios para puni-los. Para a providência divina pareceu bom preparar no mundo vindouro para os bens justos, que os injustos não desfrutarão; e para os maus coisas más, pelas quais os bons não serão atormentados. Mas quanto às coisas boas desta vida e seus males, Deus quis que fossem comuns a ambos; para que não cobicemos com muita avidez as coisas que os homens maus são vistos como desfrutando igualmente, nem nos encolhemos com um medo impróprio dos males que até os homens bons costumam sofrer.

2. Há, também, uma diferença muito grande no propósito servido tanto pelos eventos que chamamos adversos quanto pelos chamados prósperos. Pois o homem bom não é exaltado com as coisas boas do

tempo, nem quebrado por seus males; mas o ímpio, porque está corrompido pela felicidade deste mundo, sente-se castigado por sua infelicidade. No entanto, muitas vezes, mesmo na atual distribuição das coisas temporais, Deus evidencia claramente Sua própria interferência. Pois se todo pecado fosse agora visitado com punição manifesta, nada pareceria reservado para o julgamento final; por outro lado, se nenhum pecado recebesse agora uma punição claramente divina, concluir-se-ia que não há nenhuma providência divina. E assim, das coisas boas desta vida: se Deus não as concedeu por uma liberalidade muito visível a algumas das pessoas que as pedem, devemos dizer que essas coisas boas não estavam à Sua disposição; e se Ele os deu a todos os que os procuraram, deveríamos supor que essas foram as únicas recompensas de Seu serviço; e tal serviço não nos tornaria piedosos, mas antes gananciosos e cobiçosos. Portanto, embora os homens bons e maus sofram igualmente, não devemos supor que não haja diferença entre os próprios homens, porque não há diferença no que ambos sofrem. Pois mesmo na semelhança dos sofrimentos, permanece uma dessemelhança nos sofrendores; e embora expostos à mesma angústia, virtude e vício não são a mesma coisa. Pois como o mesmo fogo faz com que o ouro resplandeça e a palha fume; e sob o mesmo mangual a palha é batida pequena, enquanto o grão é limpo; e como as borras não são misturadas com o óleo, embora espremidas para fora da cuba pela mesma pressão, a mesma violência da aflição prova, purga, esclarece os bons, mas condena, arruína, extermina os maus. E assim é que na mesma aflição os ímpios detestam a Deus e blasfemam, enquanto os bons oram e louvam. Faz uma diferença tão material, não quais males são sofridos, mas que tipo de homem os sofre. Pois, agitada com o mesmo movimento, a lama exala um cheiro horrível, e o unguento exala um cheiro perfumado.

CAPÍTULO. 9.-DAS RAZÕES PARA MINISTRAR A CORREÇÃO PARA O MAL E O BEM JUNTOS

1. O que, então, os cristãos sofreram naquele período calamitoso, que não beneficiaria a todos que considerassem devida e fielmente as

seguintes circunstâncias? Antes de tudo, eles devem considerar humildemente aqueles mesmos pecados que provocaram Deus a encher o mundo com desastres tão terríveis; pois, embora estejam longe dos excessos de homens ímpios, imorais e ímpios, ainda assim não se julgam tão limpos de todas as falhas que sejam bons demais para sofrer por esses males temporais. Pois todo homem, por mais louvável que viva, ainda cede em alguns pontos à concupiscência da carne. Embora ele não caia em enormidade grosseira de maldade, maldade abandonada e profanação abominável, ainda assim ele escorrega em alguns pecados, raramente ou com mais frequência, pois os pecados parecem menos importantes. Mas, para não mencionar isso, onde podemos encontrar prontamente um homem que tenha em boa e justa estima aquelas pessoas por causa de cujo orgulho, luxúria e avareza revoltantes, e malditas iniquidades e impiedade, Deus agora fere a terra como Suas previsões ameaçavam? Onde está o homem que vive com eles no estilo em que nos convém viver com eles? Pois muitas vezes nos cegamos perversamente para as ocasiões de ensiná-los e admoestá-los, às vezes até de repreendê-los e repreendê-los, seja porque nos esquivamos do trabalho ou nos envergonhamos de ofendê-los, ou porque tememos perder boas amizades, para que isso não perdure. no caminho de nosso progresso, ou nos ferir em algum assunto mundano, que nossa disposição cobiçosa deseja obter, ou nossa fraqueza evita perder. De modo que, embora a conduta dos ímpios seja desagradável para os bons, e, portanto, eles não caiam com eles na condenação que na próxima vida aguarda tais pessoas, ainda assim, porque eles poupam seus pecados condenáveis pelo medo, portanto, mesmo embora seus próprios pecados sejam leves e veniais, eles são justamente flagelados com os ímpios neste mundo, embora na eternidade eles escapem do castigo. Justamente, quando Deus os aflige em comum com os ímpios, eles acham esta vida amarga, por amor de cuja doçura eles se recusaram a ser amargos para esses pecadores.

2. Se alguém se abster de repreender e criticar os que estão fazendo o mal, porque procura uma oportunidade mais oportuna, ou porque teme que eles possam piorar com sua repreensão, ou que outras

peessoas fracas possam ficar desencorajadas de tentar levar uma vida boa e piedosa, e pode ser expulso da fé; a omissão deste homem parece ser ocasionada não por cobiça, mas por uma consideração caridosa. Mas o que é censurável é que aqueles que se revoltam contra a conduta dos ímpios e vivem de uma maneira bem diferente, ainda assim poupam as falhas em outros homens das quais deveriam repreender e afastar; e poupá-los porque temem ofender, para que não prejudiquem seus interesses naquelas coisas que os homens bons podem usar inocente e legitimamente - embora as usem com mais ganância do que as pessoas que são estranhas neste mundo, e professam a esperança de um país celestial. Pois não somente os irmãos mais fracas que gozam da vida conjugal, e têm filhos (ou desejam tê-los), e possuem casas e estabelecimentos, aos quais o apóstolo se dirige nas igrejas, advertindo e instruindo como devem viver, tanto as esposas com seus maridos, e os maridos com suas esposas, os filhos com seus pais, e os pais com seus filhos, e servos com seus senhores, e senhores com seus servos — não apenas esses irmãos mais fracas obtêm de bom grado e perdem a contragosto muitas coisas terrenas e temporais por causa do qual eles não ousam ofender os homens cuja vida poluída e perversa os desagrada muito; mas também aqueles que vivem em um nível superior, que não estão enredados nas malhas da vida conjugal, mas usam comida e roupas escassas, muitas vezes pensam em sua própria segurança e bom nome, e se abstêm de criticar os ímpios, porque temem suas artimanhas e violência. E embora eles não os temam a ponto de serem atraídos para a prática de iniquidades semelhantes, não, não por qualquer ameaça ou violência; no entanto, aqueles mesmos atos que eles se recusam a participar da comissão, muitas vezes se recusam a encontrar falhas, quando possivelmente poderiam, encontrando falhas, impedir sua comissão. Abstêm-se de interferência, porque temem que, se não surtir efeito, sua própria segurança ou reputação possa ser prejudicada ou destruída; não porque vejam que sua preservação e bom nome são necessários, para que possam influenciar aqueles que precisam de sua instrução, mas porque eles apreciam fracamente a lisonja e o respeito dos homens, e temem os julgamentos do povo e a dor ou morte do corpo; ou seja, sua não intervenção é fruto do egoísmo, e não do amor.

3. Assim, esta parece-me ser uma das principais razões pelas quais os bons são castigados junto com os ímpios, quando Deus se compraz em castigar com castigos temporais os costumes libertinos de uma comunidade. Eles são punidos juntos, não porque tenham passado uma vida igualmente corrupta, mas porque os bons e os maus, embora não igualmente com eles, amam esta vida presente; enquanto eles deveriam considerar isso barato, para que os ímpios, sendo admoestados e reformados por seu exemplo, pudessem se apossar da vida eterna. E se não forem companheiros dos bons na busca da vida eterna, devem ser amados como inimigos e tratados com paciência. Enquanto eles viverem, permanece incerto se eles não chegarão a uma mente melhor. Essas pessoas egoístas têm mais motivos para temer do que aqueles a quem foi dito pelo profeta: "Ele foi levado em sua iniquidade, mas o seu sangue exigirei da mão do vigia". Pois vigias ou supervisores do povo são designados nas igrejas, para que possam repreender impiedosamente o pecado. Tampouco é inocente aquele homem do pecado de que falamos, que, embora não seja um atalaia, ainda vê na conduta daqueles com quem as relações desta vida o colocam em contato, muitas coisas que devem ser culpadas, e ainda ignora eles, temendo ofender e perder as bênçãos mundanas que podem ser legitimamente desejadas, mas que ele também avidamente agarra. Então, finalmente, há outra razão pela qual os bons são afligidos por calamidades temporais – a razão que o caso de Jó exemplifica: que o espírito humano possa ser provado e que possa ser manifestado com que fortaleza de confiança piedosa e com quão amor, ele se apega a Deus.²

CAPÍTULO. 10.-QUE OS SANTOS NADA PERDEM NA PERDA DE BENS TEMPORAIS

1. Estas são as considerações que se deve ter em vista, para que se possa responder à pergunta se algum mal acontece aos fiéis e piedosos que não pode ser transformado em lucro. Ou devemos dizer que a pergunta é desnecessária, e que o apóstolo está vaporizando quando

diz: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus?"

Perderam tudo o que tinham. A fé deles? Sua piedade? Os bens do homem oculto do coração, que aos olhos de Deus são de grande valor? Eles perderam esses? Pois estas são as riquezas dos cristãos, a quem o rico apóstolo disse: "Grande ganho é a piedade com contentamento. Pois nada trouxemos a este mundo, e é certo que nada podemos levar. E tendo comida e roupas, sejamos mas os que querem ser ricos caem em tentação e laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na ruína e perdição; porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males, que, enquanto alguns cobiçaram, eles se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores."5

2. Eles, então, que perderam tudo de seu mundo no saque de Roma, se possuíssem suas posses como haviam sido ensinados pelo apóstolo, que era pobre por fora, mas rico por dentro, isto é, se usassem o mundo como não usá-lo - poderia dizer nas palavras de Jó, fortemente provado, mas não vencido: "Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei para lá: o Senhor deu, e o Senhor tirou; como agradou ao Senhor, assim aconteceu: bendito seja o nome do Senhor." Como um bom servo, Jó considerou a vontade de seu Senhor sua grande propriedade, pela obediência à qual sua alma foi enriquecida; nem o entristeceu perder, enquanto ainda vivo, aqueles bens que ele deve deixar em breve em sua morte. Mas quanto aos espíritos mais fracos que, embora não se possa dizer que preferem as posses terrenas a Cristo, ainda se apegam a elas com um apego um tanto imoderado, descobriram pela dor de perder essas coisas o quanto estavam pecando ao amá-las. Pois sua dor é de sua própria autoria; nas palavras do apóstolo citado acima, "eles se traspassaram com muitas dores". Pois era bom que aqueles que por tanto tempo desprezaram essas admoestações verbais recebessem o ensino da experiência. Pois quando o apóstolo diz: "Os que querem ser ricos caem em tentação", e assim por diante, o que ele culpa nas riquezas não é a posse delas, mas o desejo delas. Pois em outro lugar ele diz: "Ordena aos ricos deste

mundo que não sejam orgulhosos, nem confiem em riquezas incertas, mas no Deus vivo, que nos dá ricamente todas as coisas para nosso desfrute; que façam o bem, que sejam ricos em boas obras, prontos a distribuir, dispostos a comunicar; entesourando para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna". Aqueles que faziam tal uso de suas propriedades foram consolados por perdas leves por grandes ganhos, e tiveram mais prazer nos bens que eles deixaram seguramente além, dando-os livremente, do que tristeza naqueles que eles perderam inteiramente por uma acumulação ansiosa e egoísta deles. Pois nada poderia perecer na terra, exceto o que eles teriam vergonha de levar da terra. A injunção de nosso Senhor diz: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem corroem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem corroem, e onde os ladrões não invadam nem roubem; pois onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração." 2 E aqueles que deram ouvidos a esta injunção provaram no tempo da tribulação quão bem foram aconselhados a não desprezar este mestre fidedigno, e mais fiel e poderoso guardião de seu tesouro. Pois, se muitos se alegraram de que seus tesouros estivessem guardados em lugares que o inimigo não encontrou, quão melhor era a alegria daqueles que, pelo conselho de seu Deus, fugiram com seus tesouros para uma cidadela que nenhum inimigo pode chegar! Assim, nosso Paulino, bispo de Nola, que voluntariamente abandonou vastas riquezas e se tornou bastante pobre, embora abundantemente rico em santidade, quando os bárbaros saquearam Nola e o fizeram prisioneiro, costumava orar silenciosamente, como depois me disse: "Ó Senhor, não me perturbe por ouro e prata, pois onde está todo o meu tesouro tu sabes." Pois todo o seu tesouro estava onde ele havia sido ensinado a escondê-lo e guardá-lo por Aquele que também havia predito que essas calamidades aconteceriam no mundo. Conseqüentemente, aquelas pessoas que obedeceram ao seu Senhor quando Ele os advertiu onde e como acumular tesouros, não perderam nem mesmo suas posses terrenas na invasão dos bárbaros; enquanto aqueles que agora se arrependem de não obedecer a Ele aprenderam o uso correto dos bens terrenos, se não pela sabedoria que teria evitado sua perda, pelo

menos pela experiência que se segue.

3. Mas alguns homens bons e cristãos foram torturados, para serem forçados a entregar seus bens ao inimigo. Na verdade, eles não podiam entregar nem perder aquele bem que os tornava bons. Se, no entanto, eles preferiram a tortura à entrega das riquezas da iniquidade, então eu digo que eles não eram bons homens. Em vez disso, eles deveriam ter sido lembrados de que, se sofreram tão severamente por causa do dinheiro, deveriam suportar todo o tormento, se necessário, por amor de Cristo; para que sejam ensinados a amar mais aquele que enriquece com felicidade eterna todos os que sofrem por ele, e não prata e ouro, pelos quais era lamentável sofrer, quer o preservassem mentindo, quer o perdessem dizendo a verdade. Pois sob essas torturas ninguém perdeu a Cristo confessando-o, ninguém preservou a riqueza a não ser negando sua existência. De modo que possivelmente o suplício que lhes ensinava que deviam depositar suas afeições em um bem que não podiam perder era mais útil do que aqueles bens que, sem nenhum fruto útil, inquietavam e atormentavam seus ansiosos donos. Mas então somos lembrados de que alguns foram torturados que não tinham riqueza para entregar, mas que não foram acreditados quando disseram isso. Estes também, no entanto, talvez tivessem algum desejo de riqueza, e não eram voluntariamente pobres com uma santa resignação; e para tal tinha que ficar claro que não apenas a posse real, mas também o desejo de riqueza, merecia tais dores excruciantes. E mesmo que fossem destituídos de quaisquer reservas ocultas de ouro e prata, porque estavam vivendo na esperança de uma vida melhor – não sei de fato se tal pessoa foi torturada na suposição de que tinha riqueza; mas se sim, então certamente ao confessar, quando questionado, uma santa pobreza, ele confessou a Cristo. E embora não fosse de se esperar que os bárbaros acreditassem nele, nenhum confessor de uma santa pobreza poderia ser torturado sem receber uma recompensa celestial.

4. Novamente, eles dizem que a longa fome derrubou muitos cristãos. Mas isso, também, os fiéis se voltaram para bons usos por uma piedosa tolerância. Para aqueles a quem a fome matou imediatamente,

ela resgatou dos males desta vida, como uma doença bondosa teria feito; e aqueles que foram apenas mordidos de fome foram ensinados a viver com mais moderação e acostumados a jejuns mais longos.

CAPÍTULO. 11.-DO FIM DESTA VIDA

1. Mas, acrescenta-se, muitos cristãos foram massacrados e condenados à morte de uma horrenda variedade de formas cruéis. Bem, se isso for difícil de suportar, certamente é o destino comum de todos os que nascem nesta vida. Disto, pelo menos, estou certo, que nunca morreu ninguém que não estivesse destinado a morrer algum dia. Agora, o fim da vida coloca a vida mais longa em pé de igualdade com a mais curta. Pois de duas coisas que deixaram de ser iguais, uma não é melhor, a outra pior, uma maior, a outra menor. E qual é a consequência de que tipo de morte põe fim à vida, já que aquele que morreu uma vez não é obrigado a passar pela mesma provação uma segunda vez? E como nas baixas diárias da vida todo homem é, por assim dizer, ameaçado de inúmeras mortes, enquanto permanece incerto qual delas é o seu destino, eu perguntaria se não é melhor sofrer uma e morrer, do que viver com medo de todos? Não ignoro o medo desanimado que nos leva a escolher viver muito tempo com medo de tantas mortes, do que morrer uma vez e assim escapar de todas; mas o encolhimento fraco e covarde da carne é uma coisa, e a persuasão ponderada e razoável da alma é outra. Que a morte não deve ser julgada como um mal que é o fim de uma vida boa; pois a morte se torna má apenas pela retribuição que a segue. Eles, então, que estão destinados a morrer, não precisam ter o cuidado de perguntar que morte eles devem morrer, mas em que lugar a morte os conduzirá. E uma vez que os cristãos estão bem cientes de que a morte do miserável piedoso cujas feridas os cães lamberam foi muito melhor do que a do homem rico perverso que jazia em púrpura e linho fino, que mal essas mortes terríveis poderiam causar aos mortos que viveram bem? ?

CAPÍTULO. 12.-DO ENTERRO DOS MORTOS

1. Além disso, somos lembrados que em tal carnificina como então ocorreu, os corpos não poderiam ser enterrados. Mas a confiança piedosa não fica chocada com uma circunstância tão de mau agouro; pois os fiéis têm em mente que foi dada a garantia de que nem um fio de cabelo de sua cabeça perecerá e que, portanto, embora sejam devorados por animais, sua abençoada ressurreição não será impedida. A Verdade de modo algum teria dito: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma", se qualquer coisa que um inimigo pudesse fazer ao corpo do morto pudesse ser prejudicial à vida futura. Ou alguém talvez tome uma posição tão absurda a ponto de afirmar que aqueles que matam o corpo não devem ser temidos antes da morte, para que não matem o corpo, mas depois da morte, para que não o privem de sepultura? Se assim for, então é falso o que Cristo diz: "Não temais os que matam o corpo, e depois disso não têm mais o que fazer"; 4 pois parece que podem causar grande dano ao corpo morto. Longe de nós supor que a Verdade possa ser assim falsa. Diz-se que aqueles que matam o corpo "fazem alguma coisa", porque o golpe mortal é sentido, o corpo ainda tendo sensação; mas depois disso, eles não têm mais o que fazer, pois no corpo morto não há sensação. E assim há de fato muitos corpos de cristãos insepultos; mas ninguém os separou do céu, nem da terra que está toda cheia da presença daquele que sabe de onde ressuscitará o que criou. É dito, de fato, no Salmo: "Os cadáveres dos Teus servos deram por pasto às aves do céu, a carne dos Teus santos às feras da terra. Seu sangue eles derramaram como água ao redor cerca de Jerusalém, e não havia quem os sepultasse". Mas isso foi dito antes para exhibir a crueldade daqueles que fizeram essas coisas, do que a miséria daqueles que as sofreram. Aos olhos dos homens, isso parece uma sorte dura e triste, mas "preciosa aos olhos do Senhor é a morte de Seus santos". o equipamento do túmulo e a pompa das exéquias são mais o consolo dos vivos do que o conforto dos mortos. Se um enterro caro faz algum bem a um homem ímpio, um enterro miserável, ou nenhum, pode prejudicar o piedoso. Sua multidão de criados forneceu aos Dives vestidos de púrpura um funeral lindo aos olhos do homem; mas aos

olhos de Deus esse foi um funeral mais suntuoso que o indigente ulceroso recebeu das mãos dos anjos, que não o levaram para um túmulo de mármore, mas o levaram ao seio de Abraão.

2. Os homens contra os quais me incumbi de defender a cidade de Deus riem de tudo isso. Mas mesmo seus próprios filósofos desprezaram um enterro cuidadoso; e muitas vezes exércitos inteiros lutaram e caíram por seu país terreno sem se preocupar em perguntar se seriam deixados expostos no campo de batalha ou se tornariam o alimento de animais selvagens. Deste nobre desrespeito à sepultura a poesia bem disse: "Aquele que não tem túmulo tem o céu por sua abóbada". Quanto menos eles devem insultar sobre os corpos insepultos dos cristãos, aos quais foi prometido que a própria carne será restaurada e o corpo formado novamente, todos os membros dele sendo reunidos não apenas da terra, mas do recessos mais secretos de qualquer outro dos elementos em que os corpos mortos dos homens jazem escondidos!

CAPÍTULO. 13.-RAZÕES PARA ENTERRAR OS CORPOS DOS SANTOS

1. No entanto, os corpos dos mortos não devem ser desprezados e deixados sem sepultura; menos de todos os corpos dos justos e fiéis, que foram usados pelo Espírito Santo como Seus órgãos e instrumentos para todas as boas obras. Pois se o vestido de um pai, ou seu anel, ou qualquer coisa que ele usasse, é precioso para seus filhos, na proporção do amor que eles lhe deram, com quanto mais razão devemos cuidar do corpo daqueles que amamos, que eles usavam muito mais de perto e intimamente do que qualquer roupa! Pois o corpo não é um ornamento ou auxílio estranho, mas uma parte da própria natureza do homem. E, portanto, para os justos dos tempos antigos, os últimos ofícios foram prestados piedosamente, e sepulcros fornecidos para eles, e exéquias celebradas; e eles mesmos, ainda vivos, deram ordem a seus filhos sobre o sepultamento e, ocasionalmente, até mesmo sobre a remoção de seus corpos para

algum lugar favorito. 3 E Tobias, de acordo com o testemunho do anjo, é recomendado, e é dito ter agradado a Deus enterrando os mortos. Nosso próprio Senhor também, embora Ele devesse ressuscitar no terceiro dia, aplaude e elogia nosso aplauso, o bom trabalho da mulher religiosa que derramou unguento precioso sobre Seus membros, e o fez contra Seu sepultamento.⁵ E o Evangelho fala com elogios daqueles que tiveram o cuidado de retirar Seu corpo da cruz, e envolvê-lo amorosamente em turbantes caros, e cuidar de seu sepultamento. Esses casos certamente não provam que os cadáveres tenham qualquer sentimento; mas eles mostram que a providência de Deus se estende até os corpos dos mortos, e que tais ofícios piedosos são agradáveis a Ele, como nutrir a fé na ressurreição. E podemos também tirar deles esta lição salutar, que se Deus não esquece nem mesmo nenhum ofício bondoso que o cuidado amoroso presta aos mortos inconscientes, muito mais Ele recompensa a caridade que exercemos para com os vivos. Outras coisas, de fato, que os santos patriarcas disseram sobre o enterro e remoção de seus corpos, eles pretendiam ser tomados em um sentido profético; mas destes não precisamos falar aqui em geral, o que já dissemos é suficiente. Mas se a falta das coisas que são necessárias para o sustento dos vivos, como alimento e vestuário, embora penosa e penosa, não destrói a fortaleza e a resistência virtuosa dos homens bons, nem erradica de suas almas a piedade, mas antes torna mais frutífera, quanto menos a ausência do funeral e das outras atenções costumeiras prestadas aos mortos tornará miseráveis aqueles que já repousam nas moradas ocultas dos bem-aventurados! Conseqüentemente, embora no saque de Roma e de outras cidades os cadáveres dos cristãos tenham sido privados desses últimos ofícios, isso não é culpa dos vivos, pois eles não puderam prestá-los; nem uma inflição aos mortos, pois eles não podem sentir a perda.

CAPÍTULO. 14.-DO CATIVEIRO DOS SANTOS, E QUE A CONSOLAÇÃO DIVINA NUNCA LHES FALHOU

1. Mas, dizem eles, muitos cristãos foram levados cativos. Este, de fato,

era um destino muito lamentável, se eles pudessem ser levados para qualquer lugar onde não pudessem encontrar seu Deus. Mas para esta calamidade também a Sagrada Escritura oferece grande consolo. Os três jovens eram cativos; Daniel era um cativo; assim foram os outros profetas: e Deus, o Consolador, não lhes falhou. E da mesma maneira Ele não falhou com Seu próprio povo no poder de uma nação que, embora bárbara, ainda é humana – Aquele que não abandonou o profeta⁸ no ventre de um monstro. Essas coisas, de fato, são mais ridicularizadas do que creditadas por aqueles com quem estamos debatendo; embora acreditem no que lêem em seus próprios livros, que Arion de Methymna, o famoso lirista, quando foi lançado ao mar, foi recebido nas costas de um golfinho e levado para terra. Mas aquela nossa história sobre o profeta Jonas é muito mais incrível, mais incrível porque mais maravilhosa, e mais maravilhosa porque uma maior exibição de poder.

**CAPÍTULO. 15.-DE REGULUS, EM QUEM TEMOS UM
EXEMPLO DA RESISTÊNCIA VOLUNTÁRIA DO CATIVEIRO
EM NOME DA RELIGIÃO; QUE AINDA ASSIM NÃO O
BENEFICIAVA, EMBORA ELE FOSSE UM ADORADOR DOS
DEUSES**

1. Mas entre seus próprios homens famosos eles têm um exemplo muito nobre da resistência voluntária do cativo em obediência a um escrúpulo religioso. Marcus Attilius Regulus, um general romano, foi prisioneiro nas mãos dos cartagineses. Mas eles, mais ansiosos para trocar seus prisioneiros com os romanos do que para mantê-los, enviaram Regulus como um emissário especial com seus próprios embaixadores para negociar essa troca, mas o vincularam primeiro com um juramento de que, se ele não cumprisse seu desejo, ele retornaria a Cartago. Ele foi e persuadiu o senado a fazer o contrário, porque acreditava que não era vantagem da república romana fazer uma troca de prisioneiros. Depois que ele exerceu sua influência, os romanos não o obrigaram a retornar ao inimigo; mas o que ele havia jurado, ele voluntariamente realizou. Mas os cartagineses o mataram

com torturas refinadas, elaboradas e horríveis. Eles o trancaram em uma caixa estreita, na qual ele foi obrigado a ficar de pé, e na qual pregos finamente afiados foram fixados ao redor dele, para que ele não pudesse se apoiar em nenhuma parte dela sem dor intensa; e assim o mataram, privando-o do sono. Com justiça, de fato, eles aplaudem a virtude que se elevou acima de um destino tão terrível. No entanto, os deuses pelos quais ele jurou eram aqueles que agora deveriam vingar a proibição de sua adoração, infligindo essas calamidades presentes à raça humana. Mas se esses deuses, que eram adorados especialmente para isso, para que pudessem conferir felicidade nesta vida, quisessem ou permitissem que esses castigos fossem infligidos a alguém que cumprisse seu juramento a eles, que castigo mais cruel eles poderiam ter em sua raiva? infligido a uma pessoa perjurada? Mas por que não posso tirar do meu raciocínio uma dupla inferência? Regulus certamente tinha tanta reverência pelos deuses, que por causa de seu juramento ele não permaneceria em sua própria terra nem iria para outro lugar, mas sem hesitação voltou para seus inimigos mais amargos. Se ele pensou que este procedimento seria vantajoso com respeito a esta vida presente, ele certamente estava muito enganado, pois isso levou sua vida a um término assustador. Por seu próprio exemplo, de fato, ele ensinou que os deuses não garantem a felicidade temporal de seus adoradores; já que ele mesmo, que era devotado ao culto deles, conquistado em batalha e feito prisioneiro, e depois, porque se recusou a agir em violação do juramento que havia feito por eles, foi torturado e morto por um novo e até então inédito, e muito horrível tipo de punição. E na suposição de que os adoradores dos deuses são recompensados pela felicidade na vida futura, por que, então, caluniam a influência do cristianismo? por que eles afirmam que esse desastre atingiu a cidade porque ela deixou de adorar seus deuses, uma vez que, adorá-los tão assiduamente como pode, ainda pode ser tão infeliz quanto Regulus foi? Ou alguém carregará uma cegueira tão maravilhosa a ponto de tentar loucamente, em face da verdade evidente, argumentar que, embora um homem possa ser infeliz, embora seja um adorador dos deuses, uma cidade inteira não poderia ser assim? Ou seja, o poder de seus deuses é mais adequado para preservar multidões do que indivíduos, como se uma multidão

não fosse composta de indivíduos.

2. Mas se eles dizem que o Sr. Regulus, mesmo estando prisioneiro e suportando esses tormentos corporais, pode ainda gozar da bem-aventurança de uma alma virtuosa, então reconheçam a verdadeira virtude pela qual uma cidade também pode ser abençoada. Pois a bem-aventurança de uma comunidade e de um indivíduo brotam da mesma fonte; pois uma comunidade nada mais é do que um conjunto harmonioso de indivíduos. De modo que não estou preocupado em discutir que tipo de virtude Regulus possuía; o suficiente, que por seu exemplo muito nobre eles são forçados a admitir que os deuses devem ser adorados não por causa de confortos corporais ou vantagens externas; pois ele preferia perder todas essas coisas a ofender os deuses por quem havia jurado. Mas o que podemos fazer com homens que se gloriam em ter tal cidadão, mas temem ter uma cidade como ele? Se eles não temem isso, então reconheçam que alguma calamidade como a de Regulus também pode acontecer a uma comunidade, embora eles estejam adorando seus deuses tão diligentemente quanto ele; e que eles não joguem mais a culpa de seus infortúnios no cristianismo. Mas como nossa preocupação atual é com os cristãos que foram feitos prisioneiros, que aqueles que aproveitam essa calamidade para insultar nossa religião mais saudável de uma maneira não menos imprudente do que insolente, considerem isso e fiquem calados; pois se não fosse uma vergonha para seus deuses que um adorador mais meticuloso deles fosse, para manter seu juramento a eles, ser privado de sua terra natal sem esperança de encontrar outra, e cair nas mãos de seus inimigos, e ser condenado à morte por uma longa e primorosa tortura, muito menos o nome cristão deve ser acusado do cativo daqueles que acreditam em seu poder, pois eles, na expectativa confiante de uma pátria celestial, sabem que são peregrinos em suas próprias casas.

CAPÍTULO. 16.-DA VIOLAÇÃO DAS VIRGENS CONSAGRADAS E OUTRAS VIRGENS CRISTÃS, ÀS QUAIS FORAM VÍTIMAS EM CATIVEIRO E ÀS QUAIS SUA

PRÓPRIA VONTADE NÃO DEU CONSENTIMENTO; E SE ISSO CONTAMINOU SUAS ALMAS

1. Mas eles imaginam que trazem uma acusação conclusiva contra o cristianismo, quando agravam o horror do cativo, acrescentando que não apenas esposas e donzelas solteiras, mas até virgens consagradas foram violadas. Mas, na verdade, com respeito a isso, não é a fé cristã, nem a piedade, nem mesmo a virtude da castidade, que é cercada por qualquer dificuldade; a única dificuldade é tratar o assunto de modo a satisfazer ao mesmo tempo a modéstia e a razão. E, ao discuti-lo, não seremos tão cuidadosos em responder aos nossos acusadores quanto em confortar nossos amigos. Deixe-se, portanto, em primeiro lugar, estabelecer como uma posição inatacável, que a virtude que torna a vida boa tem seu trono na alma e, portanto, governa os membros do corpo, que se torna santo em virtude da santidade de a vontade; e que enquanto a vontade permanece firme e inabalável, nada que outra pessoa faça com o corpo, ou sobre o corpo, é culpa da pessoa que a sofre, desde que ela não possa escapar sem pecado. Mas como não apenas a dor pode ser infligida, mas a luxúria satisfeita no corpo de outro, sempre que algo deste último tipo ocorre, a vergonha invade até mesmo um espírito completamente puro do qual a modéstia não se afastou – vergonha, para que aquele ato que não poderia ser sofrido sem algum prazer sensual, deve-se acreditar ter sido cometido também com algum consentimento da vontade.

CAPÍTULO. 17.-DO SUICÍDIO, COMETIDO POR MEDO DE PUNIÇÃO OU DESONRA

1. E, conseqüentemente, mesmo que algumas dessas virgens se matassem para evitar tal desgraça, quem tem algum sentimento humano se recusaria a perdoá-las? E quanto àqueles que não querem pôr fim à sua vida, para que não pareçam escapar do crime de outro por um pecado próprio, aquele que lhes imputa isso como uma grande maldade não é inocente da culpa de loucura. Pois se não é lícito tomar a lei em nossas próprias mãos e matar até mesmo um culpado, cuja

morte nenhuma sentença pública justificou, então certamente aquele que se mata é um homicida, e tanto mais culpado de sua própria morte, como ele era mais inocente daquela ofensa pela qual ele se condenou a morrer. Executamos com justiça o ato de Judas, e a própria verdade pronuncia que, enforcando-se, ele agravou mais do que expiou a culpa dessa traição mais iníqua, pois, ao se desesperar da misericórdia de Deus em sua tristeza que causou a morte, ele não deixou para si mesmo lugar para uma penitência de cura? Quanto mais ele deve se abster de impor as mãos violentas sobre si mesmo, que não fez nada digno de tal punição! Pois Judas, quando se matou, matou um ímpio; mas ele passou desta vida responsável não apenas pela morte de Cristo, mas pela sua própria: pois, embora ele tenha se matado por causa de seu crime, matar a si mesmo foi outro crime. Por que, então, um homem que não fez mal faria mal a si mesmo, matando-se a si mesmo, matando o inocente para escapar do ato culpado de outro, e cometendo sobre si um pecado próprio, para que o pecado de outro não seja perpetrado em outro? ele?

CAPÍTULO. 18.-DA VIOLÊNCIA, QUE PODE SER FEITA AO CORPO PELA LUXÚRIA DE OUTREM, ENQUANTO A MENTE PERMANECE INVOLADA

1. Mas existe o medo de que até mesmo a luxúria de outra pessoa possa poluir o violado? Não poluirá, se for de outro: se poluir, não será de outro, mas é compartilhado também pelos poluídos. Mas como a pureza é uma virtude da alma, e tem por companheira a virtude, a fortaleza que antes suporta todos os males do que consente com o mal; e como ninguém, por mais magnânimo e puro que seja, tem sempre a disposição de seu próprio corpo, mas só pode controlar o consentimento e a recusa de sua vontade, que homem sensato pode supor que, se seu corpo for apreendido e usado à força para satisfazer a luxúria de outro, ele perde assim sua pureza? Pois se a pureza pode ser assim destruída, então certamente a pureza não é virtude da alma; nem pode ser contado entre as coisas boas pelas quais a vida se torna boa, mas entre as coisas boas do corpo, na mesma categoria que a

força, a beleza, a saúde são e ininterrupta e, em suma, todas as coisas boas como pode ser diminuída sem diminuir a bondade e a retidão de nossa vida. Mas se a pureza não é nada melhor do que isso, por que o corpo deve ser posto em perigo para que possa ser preservado? Se, por outro lado, pertence à alma, nem mesmo quando o corpo é violado se perde. Mais ainda, a virtude da santa continência, quando resiste à impureza da luxúria carnal, santifica até o corpo e, portanto, quando essa continência permanece indomável, até a santidade do corpo é preservada, porque a vontade de usá-la santamente permanece, e, na medida em que reside no próprio corpo, o poder também.

2. Pois a santidade do corpo não consiste na integridade dos seus membros, nem na sua isenção de todo toque; pois eles estão expostos a vários acidentes que os violentam e ferem, e os cirurgiões que administram alívio muitas vezes realizam operações que adoecem o espectador. Uma parteira, suponha, tenha (seja maliciosa ou acidentalmente, ou por falta de habilidade) destruiu a virgindade de alguma garota, enquanto tentava averiguá-la: suponho que ninguém seja tão tolo a ponto de acreditar que, por essa destruição da integridade de um órgão, a virgem perdeu qualquer coisa até mesmo de sua santidade corporal. E assim, enquanto a alma mantém essa firmeza de propósito que santifica até mesmo o corpo, a violência feita pela luxúria alheia não impressiona essa santidade corporal, que é preservada intacta pela própria continência persistente. Suponhamos que uma virgem viole o juramento que fez a Deus e vá ao encontro de seu sedutor com a intenção de ceder a ele, digamos que, ao ir, ela possui até mesmo a santidade corporal, quando já a perdeu e destruiu. da alma que santifica o corpo? Longe de nós aplicarmos tão mal as palavras. Vamos antes tirar esta conclusão, que enquanto a santidade da alma permanece mesmo quando o corpo é violado, a santidade do corpo não é perdida; e que, da mesma maneira, a santidade do corpo se perde quando a santidade da alma é violada, embora o próprio corpo permaneça intacto. E, portanto, uma mulher que foi violada pelo pecado de outra, e sem seu próprio consentimento, não tem motivo para se matar; muito menos ela fez cometer suicídio para evitar tal violação, pois nesse caso ela comete um certo homicídio para evitar

um crime que ainda é incerto, e não o seu.

CAPÍTULO. 19.-DE LUCRÉCIA (LUCRETIA), QUE PÔS UM FIM À SUA VIDA POR CAUSA DO ULTRAJE QUE LHE CAUSOU

1. Esta é, pois, a nossa posição, e parece suficientemente lúcida. Sustentamos que quando uma mulher é violada enquanto sua alma não admite consentimento à iniquidade, mas permanece inviolavelmente casta, o pecado não é dela, mas daquele que a viola. Mas eles contra quem temos que defender não apenas as almas, mas também os corpos sagrados desses cativos cristãos ultrajados, ousam, talvez, contestar nossa posição? Mas todos sabem quão alto eles exaltam a pureza de Lucrecia, aquela nobre matrona da Roma antiga. Quando o filho do rei Tarquínio violou seu corpo, ela deu a conhecer a maldade desse jovem devasso a seu marido Colatino e a Bruto seu parente, homens de alta posição e cheios de coragem, e os comprometeu por um juramento de vingá-la. Então, com o coração doente e incapaz de suportar a vergonha, ela pôs fim à sua vida. Como devemos chamá-la? Uma adúltera ou casta? Não há dúvida de que ela era. Não mais feliz do que verdadeiramente um declamador disse desta triste ocorrência: "Aqui estava uma maravilha: havia dois, e apenas um cometeu adultério". Falada com mais força e verdade. Pois este declamador, vendo na união dos dois corpos a luxúria repugnante de um e a vontade casta do outro, e dando atenção não ao contato dos membros do corpo, mas à ampla diversidade de suas almas, diz: "Eram dois, mas o adultério foi cometido apenas por um."

2. Mas como é que aquela que não foi cúmplice do crime sofre o castigo mais pesado dos dois? Pois o adúltero só foi banido junto com seu pai; ela sofreu a pena extrema. Se não foi a impureza pela qual ela foi violentada sem querer, então não é a justiça pela qual ela, sendo casta, é punida. A vós apelo, ó leis e juizes de Roma. Mesmo após a perpetração de grandes enormidades, você não permite que o criminoso seja morto sem julgamento. Se, então, alguém trouxesse

este caso a seu tribunal e lhe provasse que uma mulher não apenas inexperiente, mas casta e inocente, foi morta, você não visitaria o assassino com punição proporcionalmente severa? Este crime foi cometido por Lucretia; que Lucrécia tão celebrada e desembarcada matou a inocente, casta e ultrajada Lucrécia. Pronuncie sentença. Mas se você não pode, porque não aparece ninguém a quem você possa punir, por que você exalta com tal louvor desmedido aquela que matou uma mulher inocente e casta? Certamente você achará impossível defendê-la diante dos juízes dos reinos abaixo, se eles são como seus poetas gostam de representá-los; pois ela está entre esses.

"Os quais sem culpa se enviaram para a perdição,

E tudo por abominação do dia,

Na loucura jogaram suas vidas fora."

E se ela com os outros quiser voltar,

'O destino bloqueia o caminho: em torno de sua fortaleza

As lentas águas sem graça rastejam,

E amarre com uma corrente de nove dobras."

Ou talvez ela não esteja lá, porque se matou consciente da culpa, não da inocência? Ela mesma conhece sua razão; mas e se ela foi traída pelo prazer do ato, e deu algum consentimento a Sexto, embora a abusasse tão violentamente, e então foi tão afetada pelo remorso, que ela pensou que somente a morte poderia expiar seu pecado? Mesmo que fosse esse o caso, ela ainda deveria ter segurado a mão do suicídio, se ela pudesse com seus falsos deuses realizar um arrependimento frutífero. No entanto, se tal fosse o estado do caso, e se fosse falso que havia dois, mas um só cometeu adultério; se a verdade fosse que ambos estavam envolvidos nisso, um por agressão aberta, o outro por consentimento secreto, então ela não matou uma mulher inocente; e, portanto, seus defensores eruditos podem sustentar que ela não está entre aquela classe de moradores abaixo "que sem culpa se enviaram

para a perdição". Mas esse caso de Lucrecia está em tal dilema, que se você atenua o homicídio, confirma o adultério: se a absolve do adultério, torna mais pesada a acusação de homicídio; e não há saída para o dilema, quando se pergunta: Se ela foi adúltera, por que elogiá-la? se casta, por que matá-la?

3. No entanto, para nosso propósito de refutar aqueles que são incapazes de compreender o que é a verdadeira santidade, e que, portanto, insultam nossas mulheres cristãs ultrajadas, basta que no caso desta nobre matrona romana tenha sido dito em seu louvor: "Foram dois, mas o adultério foi crime de um só." Pois acreditava-se que Lucretia era superior à contaminação de qualquer pensamento consentido ao adultério. E, portanto, já que ela se suicidou por ter sido submetida a um ultraje no qual não teve parte culpada, é óbvio que esse ato foi motivado não pelo amor à pureza, mas pelo peso esmagador de sua vergonha. Ela estava envergonhada por um crime tão vil ter sido perpetrado contra ela, embora sem sua cumplicidade; e esta matrona, com o amor romano pela glória em suas veias, foi tomada por um medo orgulhoso de que, se ela continuasse a viver, seria de supor que ela não se ressentiu do mal que lhe foi feito. Ela não podia exhibir aos homens sua consciência, mas julgou que seu castigo auto-infligido testemunharia seu estado de espírito; e ela ardeu de vergonha ao pensar que sua paciência com a afronta que outro lhe fizera deveria ser interpretada como cumplicidade com ele. Não foi essa a decisão das mulheres cristãs que sofreram como ela, e ainda assim sobrevivem. Eles se recusaram a se vingar da culpa dos outros, e assim adicionar crimes próprios aos crimes em que não tinham participação. Por isso eles teriam feito se sua vergonha os tivesse levado ao homicídio, como a luxúria de seus inimigos os levou ao adultério. Dentro de suas próprias almas, no testemunho de sua própria consciência, eles gozam da glória da castidade. Aos olhos de Deus, também, eles são considerados puros, e isso os satisfaz; eles não pedem mais: basta ter a oportunidade de fazer o bem, e eles se recusam a evitar a angústia da suspeita humana, para que não se desviem da lei divina.

CAPÍTULO. 20.-QUE OS CRISTÃOS NÃO TÊM AUTORIDADE PARA COMETER SUICÍDIO EM QUALQUER CIRCUNSTÂNCIA

1. Não é sem significado que em nenhuma passagem dos santos livros canônicos pode ser encontrado preceito divino ou permissão para tirar nossa própria vida, seja para entrar no gozo da imortalidade, ou para evitar, ou nos livrando de qualquer coisa. Não, a lei, corretamente interpretada, até proíbe o suicídio, onde diz: "Não matarás". Isto é provado especialmente pela omissão das palavras "teu próximo", que são inseridas quando o falso testemunho é proibido: "Não darás falso testemunho contra o teu próximo". Nem ainda ninguém deve supor que não quebrou este mandamento se deu falso testemunho apenas contra si mesmo. Pois o amor ao próximo é regulado pelo amor a nós mesmos, como está escrito: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Se, então, aquele que faz declarações falsas sobre si mesmo não é menos culpado de prestar falso testemunho do que se as tivesse feito em prejuízo de seu próximo; embora no mandamento que proíbe o falso testemunho apenas seu próximo seja mencionado, e as pessoas que não se esforçam para entendê-lo podem supor que um homem foi autorizado a ser uma testemunha falsa para seu próprio dano; quanto maior razão temos para entender que um homem não pode se matar, pois no mandamento "Não matarás", não há nenhuma limitação adicionada nem qualquer exceção feita em favor de ninguém, e muito menos em favor de aquele sobre quem o comando é posto! E assim alguns tentam estender esse comando até mesmo aos animais e ao gado, como se nos proibisse de tirar a vida de qualquer criatura. Mas se é assim, por que não estender também às plantas, e tudo o que está enraizado e nutrido pela terra? Pois, embora essa classe de criaturas não tenha sensação, também se diz que vivem e, conseqüentemente, podem morrer; e, portanto, se a violência for feita a eles, podem ser mortos. Assim, também, o apóstolo, ao falar das sementes de coisas como essas, diz: "O que você semeia não é vivificado, a menos que morra"; e no Salmo é dito: "Ele matou suas vinhas com granizo."

Devemos, portanto, considerar uma violação deste mandamento, "Não matarás", para arrancar uma flor? Devemos, assim, insanamente aprovar o erro tolo dos maniqueus? Deixando de lado, então, esses delírios, se, quando dizemos: Não matarás, não entendemos isso das plantas, pois não têm sensação, nem dos animais irracionais que voam, nadam, andam ou rastejam, pois eles estão dissociados de nós por sua falta de razão e, portanto, pela justa designação do Criador, sujeitos a nós para matar ou manter vivos para nossos próprios usos; se assim for, resta entendermos esse mandamento simplesmente do homem. O mandamento é: "Não matarás homem"; portanto, nem outro nem a si mesmo, pois quem se mata ainda não mata nada mais do que o homem.

CAPÍTULO. 21.-DOS CASOS EM QUE PODEMOS MATAR HOMENS SEM INCORRER NA CULPA DE ASSASSINATO

1. No entanto, há algumas exceções feitas pela autoridade divina à sua própria lei, para que os homens não sejam mortos. Essas exceções são de dois tipos, justificando-se ou por uma lei geral, ou por uma comissão especial concedida temporariamente a algum indivíduo. E neste último caso, aquele a quem a autoridade é delegada, e que é apenas a espada na mão de quem a usa, não é responsável pela morte que inflige. E, portanto, aqueles que travaram a guerra em obediência ao mandamento divino, ou em conformidade com Suas leis, representaram em suas pessoas a justiça pública ou a sabedoria do governo e, nessa capacidade, mataram homens maus; tais pessoas de modo algum violaram o mandamento: "Não matarás". Abraão, de fato, não foi meramente considerado inocente de crueldade, mas foi até aplaudido por sua piedade, porque estava pronto para matar seu filho em obediência a Deus, não à sua própria paixão. E é bastante razoável fazer uma pergunta, se devemos considerar que foi em conformidade com uma ordem de Deus que Jefté matou sua filha, porque ela o encontrou quando ele prometeu que sacrificaria a Deus o que quer que o encontrasse primeiro como ele voltou vitorioso da batalha. Sansão, também, que derrubou a casa sobre si e seus inimigos juntos, é

justificado apenas por este motivo, que o Espírito que operou maravilhas por ele lhe deu instruções secretas para fazer isso. Com exceção, então, dessas duas classes de casos, que são justificados por uma lei justa que se aplica geralmente, ou por uma intimação especial do próprio Deus, a fonte de toda justiça, quem matar um homem, seja ele mesmo ou outro, está implicado na culpa do assassinato.

CAPÍTULO. 22.-QUE O SUICÍDIO NUNCA PODE SER PROVOCADO PELA MAGNANIMIDADE

1. Mas aqueles que impuseram mãos violentas sobre si mesmos talvez sejam admirados por sua grandeza de alma, embora não possam ser aplaudidos pela solidez de seu julgamento. No entanto, se você examinar o assunto mais de perto, dificilmente o chamará de grandeza de alma, que leva um homem a se matar para não suportar algumas dificuldades da fortuna ou pecados em que ele não está envolvido. Não é antes prova de uma mente fraca, ser incapaz de suportar as dores da servidão corporal ou a opinião tola do vulgo? E não se deve declarar a mente maior, que antes enfrenta do que foge dos males da vida e que, em comparação com a luz e a pureza da consciência, menospreza o julgamento dos homens, e especialmente do vulgo, que está frequentemente envolvido em uma névoa de erro? E, portanto, se o suicídio deve ser considerado um ato de magnanimidade, ninguém pode ter maior grau de magnanimidade do que Cleombrotus, que (segundo a história), quando leu o livro de Platão no qual trata da imortalidade da alma, atirou-se de uma parede, e assim passou desta vida para aquela que acreditava ser melhor. Pois ele não foi duramente pressionado pela calamidade, nem por qualquer acusação, falsa ou verdadeira, que ele não poderia muito bem ter vivido; não havia, em suma, nenhum motivo, mas apenas a magnanimidade incitando-o a buscar a morte e romper com a doce detenção desta vida. E, no entanto, que essa era uma ação magnânima e não justificável, o próprio Platão, que ele havia lido, teria dito a ele; pois ele certamente estaria disposto a cometer, ou pelo menos a recomendar o suicídio, se o mesmo intelecto brilhante que viu que a alma é imortal, não tivesse

percebido também que buscar a imortalidade pelo suicídio deveria ser mais proibido do que encorajado.

2. Mais uma vez, diz-se que muitos se mataram para evitar que um inimigo o fizesse. Mas não estamos perguntando se isso foi feito, mas se deveria ter sido feito. O bom senso deve ser preferido até mesmo aos exemplos, e de fato os exemplos se harmonizam com a voz da razão; mas nem todos os exemplos, mas apenas aqueles que se distinguem por sua piedade e são proporcionalmente dignos de imitação. Para o suicídio não podemos citar o exemplo dos patriarcas, profetas ou apóstolos; embora nosso Senhor Jesus Cristo, quando os aconselhou a fugir de cidade em cidade se fossem perseguidos, pudesse muito bem ter aproveitado essa ocasião para aconselhá-los a impor as mãos violentas sobre si mesmos e assim escapar de seus perseguidores. Mas visto que Ele não fez isso, nem propôs este modo de partir desta vida, embora Ele estivesse se dirigindo a Seus próprios amigos para quem Ele havia prometido preparar mansões eternas, é óbvio que tais exemplos como são produzidos pelas "nações que se esquecem de Deus", não dão garantia de imitação aos adoradores do único Deus verdadeiro.

CAPÍTULO. 23.—O QUE DEVEMOS PENSAR NO EXEMPLO DE CATÃO, QUE SE MATOU POR NÃO SUPORTAR A VITÓRIA DE CÆSAR

1. Além de Lucrecia, de quem já foi dito bastante, nossos defensores do suicídio têm alguma dificuldade em encontrar qualquer outro exemplo prescritivo, a não ser o de Catão, que se suicidou em Utica. Seu exemplo é apelado, não porque ele foi o único homem que fez isso, mas porque ele era tão estimado como um homem erudito e excelente, que poderia ser plausivelmente sustentado que o que ele fez foi e é uma boa coisa a fazer. Mas desta sua ação, o que posso dizer, senão que seus próprios amigos, homens esclarecidos como ele, prudentemente o dissuadiram e, portanto, julgaram seu ato como sendo de um espírito fraco e não de um forte, e ditado não por

sentimentos honrosos impedindo vergonha , mas por fraqueza encolhendo-se de dificuldades? De fato, Catão se condena pelo conselho que deu a seu filho muito amado. Pois se era uma vergonha viver sob o governo de César, por que o pai instigou o filho a essa desgraça, encorajando-o a confiar absolutamente na generosidade de César? Por que ele não o persuadiu a morrer junto com ele mesmo? Se Torquatus foi aplaudido por matar seu filho, quando contrariando as ordens que ele havia engajado, e engajado com sucesso, com o inimigo, por que Catão conquistado poupou seu filho conquistado, embora ele não poupou a si mesmo? Era mais vergonhoso ser um vencedor contrário às ordens do que submeter-se a um vencedor contrário às idéias recebidas de honra? Catão, então, não pode ter considerado vergonhoso viver sob o governo de César; pois se ele tivesse feito isso, a espada do pai teria livrado seu filho dessa desgraça. A verdade é que seu filho, a quem ele esperava e desejava que fosse poupado por César, não era mais amado por ele do que César invejava a glória de perdoá-lo (como de fato o próprio César teria dito); ou se inveja é uma palavra muito forte, digamos que ele se envergonhou de que essa glória fosse dele.

CAPÍTULO. 24.-QUE NA VIRTUDE EM QUE REGULUS EXCEDE CATÃO, OS CRISTÃOS SÃO PREEMINENTEMENTE DISTINTOS

1. Nossos oponentes se ofendem por preferirmos Catão, o santo Jó, que suportou males terríveis em seu corpo, em vez de se livrar de todo tormento pela morte autoinfligida; ou outros santos, dos quais está registrado em nossos livros autorizados e confiáveis que eles suportaram o cativeiro e a opressão de seus inimigos ao invés de cometerem suicídio. Mas seus próprios livros nos autorizam a preferir Marcus Cato, Marcus Regulus. Pois Cato nunca havia conquistado César; e quando conquistado por ele, desdenhou de submeter-se a ele, e para escapar dessa submissão se matou. Régulo, ao contrário, havia conquistado anteriormente os cartagineses, e no comando do exército de Roma havia conquistado para a república romana uma vitória que

nenhum cidadão poderia lamentar e que o próprio inimigo era obrigado a admirar; mas depois, quando ele, por sua vez, foi derrotado por eles, ele preferiu ser cativo deles a se colocar fora de seu alcance pelo suicídio. Paciente sob o domínio dos cartagineses e constante em seu amor pelos romanos, ele não privou um de seu corpo conquistado, nem outro de seu espírito invicto. Tampouco foi o amor à vida que o impediu de se matar. Isso foi claramente indicado por seu retorno sem hesitação, por causa de sua promessa e juramento, aos mesmos inimigos que ele havia provocado mais gravemente por suas palavras no senado do que mesmo por suas armas em batalha. Tendo tanto desprezo pela vida, e preferindo acabar com ela por quaisquer tormentos que os inimigos excitados pudessem inventar, em vez de terminá-la por suas próprias mãos, ele não poderia ter declarado mais distintamente quão grande ele julgava ser um crime o suicídio. Entre todos os seus cidadãos famosos e notáveis, os romanos não têm homem melhor para se gabar do que este, que não foi corrompido pela prosperidade, pois permaneceu um homem muito pobre depois de conquistar tais vitórias; nem quebrado pela adversidade, pois ele retornou intrepidamente ao fim mais miserável. Mas se os heróis mais bravos e renomados, que tinham apenas um país terreno para defender, e que, embora tivessem apenas falsos deuses, ainda os prestavam uma verdadeira adoração e cuidadosamente mantinham seu juramento a eles; se esses homens, que pelo costume e direito da guerra punham à espada os inimigos conquistados, ainda assim evitavam pôr fim às suas próprias vidas, mesmo quando conquistados por seus inimigos; se, embora não tivessem medo da morte, eles prefeririam sofrer escravidão a cometer suicídio, quanto antes os cristãos, os adoradores do verdadeiro Deus, os aspirantes à cidadania celestial, devem recuar desse ato, se na vontade de Deus? providência eles foram por uma temporada entregues nas mãos de seus inimigos para prová-los ou corrigi-los! E certamente, os cristãos submetidos a esta condição humilhante não serão abandonados pelo Altíssimo, que por eles se humilhou. Nem devem esquecer que não são obrigados por nenhuma lei de guerra, nem ordens militares, a colocar à espada mesmo um inimigo conquistado; e se um homem não pode matar o inimigo que pecou, ou ainda pecar contra ele, que está tão apaixonado

a ponto de sustentar que pode se matar porque um inimigo pecou ou vai pecar contra ele?

CAPÍTULO. 25.-QUE NÃO DEVEMOS ESFORÇAR PELO PECADO PARA EVITAR O PECADO

1. Mas, dizem-nos, há motivos para temer que, quando o corpo é submetido à luxúria do inimigo, o insidioso prazer dos sentidos pode induzir a alma a consentir com o pecado, e devem ser tomadas medidas para evitar uma ação tão desastrosa. resultado. E o suicídio não é o modo adequado de prevenir não apenas o pecado do inimigo, mas o pecado do cristão tão seduzido? Agora, em primeiro lugar, a alma que é guiada por Deus e Sua sabedoria, e não pela concupiscência corporal, certamente nunca consentirá com o desejo despertado em sua própria carne pela concupiscência de outro. E, em todo caso, se for verdade, como a verdade declara claramente, que o suicídio é uma maldade detestável e condenável, que é tão tolo que diz: Pequemos agora, para evitar um possível pecado futuro; vamos agora cometer assassinato, para que talvez depois não cometamos adultério? Se somos tão controlados pela iniquidade que a inocência está fora de questão, e podemos, na melhor das hipóteses, fazer uma escolha de pecados, um adultério futuro e incerto não é preferível a um assassinato presente e certo? Não é melhor cometer uma maldade que a penitência pode curar, do que um crime que não deixa lugar para contrição curativa? Digo isso por causa daqueles homens ou mulheres que temem ser seduzidos a consentir com a luxúria de seu violador, e pensam que devem colocar as mãos violentas sobre si mesmos e, assim, impedir não o pecado de outro, mas o seu próprio. Mas longe da mente de um cristão que confia em Deus e descansa na esperança de Sua ajuda; longe, eu digo, de tal mente dar um consentimento vergonhoso aos prazeres da carne, seja qual for a sua apresentação. E se essa desobediência lasciva, que ainda habita em nossos membros mortais, segue sua própria lei, independentemente de nossa vontade, certamente seus movimentos no corpo de quem se rebela contra eles são tão irrepreensíveis quanto seus movimentos no corpo de quem

dorme.

CAPÍTULO. 26.-QUE EM CERTOS CASOS PECULIARES OS EXEMPLOS DOS SANTOS NÃO DEVEM SER SEGUIDOS

1. Mas, dizem eles, no tempo da perseguição algumas mulheres santas escaparam daqueles que as ameaçavam com indignação, lançando-se em rios que sabiam que as afogariam; e tendo morrido assim, são venerados na igreja católica como mártires. De tais pessoas, não pretendo falar precipitadamente. Não posso dizer se não foi concedida à igreja alguma autoridade divina, comprovada por evidências confiáveis, para honrar sua memória: pode ser que assim seja. Pode ser que eles não tenham sido enganados pelo julgamento humano, mas motivados pela sabedoria divina, para seu ato de autodestruição. Sabemos que este foi o caso de Sansão. E quando Deus ordena qualquer ato, e sugere por clara evidência que Ele o ordenou, quem chamará a obediência de criminosa? Quem acusará uma submissão tão religiosa? Mas então nem todo homem é justificado em sacrificar seu filho a Deus, porque Abraão foi louvável ao fazê-lo. O soldado que matou um homem em obediência à autoridade sob a qual foi legitimamente comissionado não é acusado de assassinato por nenhuma lei de seu estado; não, se ele não o matou, é então que ele é acusado de traição ao estado e de desprezar a lei. Mas se ele agiu por sua própria autoridade e por seu próprio impulso, ele incorreu neste caso no crime de derramamento de sangue humano. E assim ele é punido por fazer sem ordens a mesma coisa que ele é punido por deixar de fazer quando lhe foi ordenado. Se as ordens de um general fazem uma diferença tão grande, as ordens de Deus não farão nenhuma? Aquele, então, que sabe que é ilegal se matar, pode, no entanto, fazê-lo se for ordenado por Aquele cujas ordens não podemos negligenciar. Apenas que ele tenha certeza de que o comando divino foi significado. Quanto a nós, só podemos conhecer os segredos da consciência na medida em que estes nos são revelados, e apenas na medida em que julgamos: "Ninguém conhece as coisas do homem, a não ser o espírito do homem, que está em ele." Mas isto nós

afirmamos, isto nós sustentamos, isto nós declaramos ser certo de todas as maneiras, que nenhum homem deve infligir a si mesmo a morte voluntária, pois isso é escapar dos males do tempo mergulhando nos da eternidade; que nenhum homem deveria fazê-lo por causa dos pecados de outro homem, pois isso era para escapar de uma culpa que não poderia poluí-lo, incorrendo em grande culpa própria; que nenhum homem deve fazê-lo por causa de seus próprios pecados passados, pois ele tem tanto mais necessidade desta vida que esses pecados podem ser curados pelo arrependimento; que nenhum homem deve pôr fim a esta vida para obter aquela vida melhor que buscamos após a morte, pois aqueles que morrem por suas próprias mãos não têm vida melhor após a morte.

CAPÍTULO. 27.-SE A MORTE VOLUNTÁRIA DEVE SER PROCURADA PARA EVITAR O PECADO

1. Resta uma razão para o suicídio que mencionei antes, e que é considerada boa, a saber, impedir que alguém caia no pecado pelas adulações do prazer ou pela violência da dor. Se esta razão fosse boa, então deveríamos ser impelidos a exortar os homens imediatamente a se destruírem, assim que eles forem lavados na pia da regeneração e receberem o perdão de todos os pecados. Então é a hora de escapar de todo pecado futuro, quando todo pecado passado é apagado. E se essa fuga for legalmente assegurada pelo suicídio, por que não então especialmente? Por que qualquer pessoa batizada segura sua mão para não tirar a própria vida? Por que alguém que está livre dos perigos desta vida novamente se expõe a eles, quando tem poder tão facilmente para se livrar de todos eles, e quando está escrito: "Aquele que ama o perigo cairá nele?" Por que ele ama, ou pelo menos enfrenta tantos sérios perigos, permanecendo nesta vida da qual pode legitimamente partir? Mas alguém está tão cego e distorcido em sua natureza moral, e tão desviado da verdade, a ponto de pensar que, embora um homem deva se livrar de si mesmo por medo de ser levado ao pecado pela opressão de um homem, sua mestre, ele ainda deve viver, e assim se expor às tentações deste mundo de hora em hora,

tanto a todos os males que a opressão de um mestre envolve, quanto a inúmeras outras misérias nas quais esta vida inevitavelmente nos envolve? Que razão, então, há para consumirmos tempo nessas exortações pelas quais procuramos animar os batizados, seja à castidade virginal, seja à continência vidual, seja à fidelidade matrimonial, quando temos um método muito mais simples e compêndio de libertação de pecado, persuadindo aqueles que são recém-batizados a porem um fim em suas vidas, e assim passarem ao seu Senhor puros e bem condicionados? Se alguém pensa que tal persuasão deve ser tentada, digo que não é tolo, mas louco. Com que rosto, então, ele pode dizer a qualquer homem: "Mate-se, para que não acrescente a seus pequenos pecados um pecado hediondo, enquanto você vive sob um mestre impuro, cuja conduta é a de um bárbaro?" Como ele pode dizer isso, se ele não pode dizer sem maldade: "Mate-se, agora que você está lavado de todos os seus pecados, para que você não caia novamente em pecados semelhantes ou mesmo agravados, enquanto você vive em um mundo que tem tanto poder para seduzir por seus prazeres impuros, para atormentar por suas horríveis crueldades, para vencer por seus erros e terrores? É perverso dizer isso; é, portanto, perverso matar-se. Pois se poderia haver alguma causa justa para o suicídio, era assim. E como nem isso é assim, não há.

CAPÍTULO. 28.-POR QUAL JULGAMENTO DE DEUS FOI PERMITIDO AO INIMIGO SATISFAZER SUA LUXÚRIA SOBRE OS CORPOS DOS CRISTÃOS DO CONTINENTE

1. Não deixe que sua vida, então, seja um fardo para você, servos fiéis de Cristo, embora sua castidade tenha se tornado o divertimento de seus inimigos. Você tem um grande e verdadeiro consolo, se você mantiver uma boa consciência e souber que você não consentiu nos pecados daqueles que foram autorizados a cometer ultraje pecaminoso contra você. E se você perguntar por que essa permissão foi concedida, de fato é uma providência profunda do Criador e Governador do mundo; e "insondáveis são os Seus juízos, e os Seus caminhos

inescrutáveis". No entanto, interrogai fielmente vossas próprias almas, se não fostes indevidamente inchados por vossa integridade, continência e castidade; e se vocês não desejaram tanto o louvor humano que é concedido a essas virtudes, que invejaram alguns que as possuíam. Eu, de minha parte, não conheço seus corações e, portanto, não faço nenhuma acusação; Eu nem mesmo ouço o que seus corações respondem quando você os questiona. E, no entanto, se eles responderem que é como eu supus que poderia ser, não se maravilhe que você tenha perdido o que pode ganhar o elogio dos homens e retenha o que não pode ser exibido aos homens. Se você não consentiu em pecar, foi porque Deus acrescentou Sua ajuda à Sua graça para que não se perdesse, e porque a vergonha diante dos homens sucedeu à glória humana que não fosse amada. Mas em ambos os aspectos, mesmo os fracos de coração entre vocês têm um consolo, aprovado por uma experiência, castigado pela outra; justificado por um, corrigido pelo outro. Quanto àqueles cujos corações, quando interrogados, respondem que nunca se orgulharam da virtude da virgindade, viuvez ou castidade matrimonial, mas, condescendentes com os de baixa condição, regozijaram-se com tremor nesses dons de Deus, e que eles têm nunca invejou a ninguém as mesmas excelências de santidade e pureza, mas se elevou acima do aplauso humano, que costuma ser abundante em proporção à raridade da virtude aplaudida, e desejou antes que seu próprio número fosse aumentado, do que pela pequenez de seu número, cada uma delas deve ser notável; - mesmo essas mulheres fiéis, eu digo, não devem reclamar que a permissão foi dada aos bárbaros tão grosseiramente para ultrajá-los; nem devem se permitir acreditar que Deus negligenciou seu caráter quando permitiu atos que ninguém comete impunemente. Pois alguns desejos mais flagrantes e perversos são permitidos livremente no presente pelo julgamento secreto de Deus, e são reservados ao julgamento público e final. Além disso, é possível que aquelas mulheres cristãs, que não têm consciência de qualquer orgulho indevido por causa de sua castidade virtuosa, pela qual sofreram sem pecado a violência de seus captores, ainda tivessem alguma enfermidade à espreita que poderia tê-las traído em um comportamento orgulhoso e desdenhoso. , se eles não tivessem sido submetidos à humilhação que se abateu sobre eles na

tomada da cidade. Como, portanto, alguns homens foram removidos pela morte, para que nenhuma maldade pudesse mudar sua disposição, essas mulheres ficaram indignadas com a possibilidade de a prosperidade corromper sua modéstia. Nem aquelas mulheres então, que já estavam infladas pela circunstância de serem ainda virgens, nem aquelas que poderiam estar tão infladas se não tivessem sido expostas à violência do inimigo, perderam sua castidade, mas ganharam humildade; os primeiros foram salvos do orgulho já acalentado, os segundos do orgulho que logo teria crescido sobre eles.

2. Devemos notar ainda que alguns desses sofredores podem ter concebido que a continência é um bem corporal, e permanece enquanto o corpo estiver inviolável, e não entenderam que a pureza tanto do corpo quanto da alma repousa na firmeza de a vontade fortalecida pela graça de Deus, e não pode ser tirada à força de uma pessoa relutante. A partir deste erro, eles provavelmente agora são entregues. Pois quando eles refletem quão conscienciosamente serviram a Deus, e quando eles se acomodam novamente na firme persuasão de que Ele de modo algum pode abandonar aqueles que o servem, e assim invocam Sua ajuda; e quando eles consideram, o que eles não podem duvidar, quão agradável a Ele é a castidade, eles são calados à conclusão de que Ele nunca poderia ter permitido que esses desastres acontecessem aos Seus santos, se por eles aquela santidade pudesse ser destruída que Ele mesmo havia concedido. sobre eles, e deleita-se em ver neles.

CAPÍTULO. 29.-O QUE OS SERVOS DE CRISTO DEVEM DIZER EM RESPOSTA AOS INCRÉDULOS

1. Toda a família de Deus, a mais alta e mais verdadeira, tem, portanto, um consolo próprio – um consolo que não pode enganar e que tem uma esperança mais segura do que os assuntos vacilantes e de queda da terra podem oferecer. Eles não recusarão a disciplina desta vida temporal, na qual são educados para a vida eterna; nem lamentarão sua experiência, pois usam as coisas boas da terra como peregrinos

que não são detidos por eles, e seus males os provam ou melhoram. Quanto àqueles que os insultam em suas provações, e quando os males lhes acontecem, dizem: "Onde está o teu Deus?" podemos perguntar-lhes onde estão seus deuses quando sofrem as mesmas calamidades para evitar que cultuem seus deuses, ou sustentam que devem ser adorados; pois a família de Cristo é fornecida com sua resposta: nosso Deus está presente em todos os lugares, totalmente em todos os lugares; não confinado a nenhum lugar. Ele pode estar presente sem ser percebido e estar ausente sem se mover; quando Ele nos expõe às adversidades, é para provar nossas perfeições ou corrigir nossas imperfeições; e em troca de nossa paciência com os sofrimentos do tempo, Ele reserva para nós uma recompensa eterna. Mas quem é você, para que nos dignamos a falar com você até mesmo sobre seus próprios deuses, muito menos sobre nosso Deus, que deve ser "mais temido do que todos os deuses? Porque todos os deuses das nações são ídolos; mas o Senhor fez o céus."2

CAPÍTULO. 30.-QUE AQUELES QUE RECLAMAM DA CRISTANDADE REALMENTE DESEJAM VIVER SEM RESTRIÇÕES EM UM LUXO VERGONHOSO

1. Se agora estivesse vivo o famoso Cipião Nasica, que já foi vosso pontífice, e foi escolhido por unanimidade pelo senado, quando, no pânico criado pela guerra púnica, procuraram o melhor cidadão para entreter a deusa frígia, ele refreie essa sua falta de vergonha, embora você talvez mal se atreveria a olhar para o semblante de um homem assim. Pois por que em suas calamidades você se queixa do cristianismo, a não ser porque deseja desfrutar irrestritamente de sua luxuosa licença e levar uma vida abandonada e perdulária sem a interrupção de qualquer desconforto ou desastre? Certamente, seu desejo de paz, prosperidade e abundância não é motivado por nenhum propósito de usar essas bênçãos honestamente, isto é, com moderação, sobriedade, temperança e piedade; pois seu propósito é antes se revoltar em uma variedade infinita de prazeres estúpidos e, assim, gerar de sua prosperidade uma pestilência moral que se mostrará mil

vezes mais desastrosa do que os inimigos mais ferozes. Foi uma calamidade como esta que Cipião, seu chefe pontífice, seu melhor homem no julgamento de todo o Senado, temeu quando se recusou a concordar com a destruição de Cartago, rival de Roma; e se opôs a Catão, que aconselhou sua destruição. Ele temia a segurança, aquele inimigo das mentes fracas, e percebeu que um medo saudável seria um guardião adequado para os cidadãos. E ele não estava enganado; o evento provou quão sabiamente ele havia falado. Pois quando Cartago foi destruída e a república romana libertada de sua grande causa de ansiedade, uma multidão de males desastrosos resultou imediatamente da próspera condição das coisas. A primeira concórdia foi enfraquecida e destruída por sedições ferozes e sangrentas; seguida, por uma concatenação de causas funestas, guerras civis, que trouxeram em seu rastro tais massacres, tal derramamento de sangue, tal proibição e pilhagem sem lei e cruel, que aqueles romanos que, nos dias de sua virtude, esperavam injúria apenas no mãos de seus inimigos, agora que sua virtude estava perdida, sofreram maiores crueldades nas mãos de seus concidadãos. A luxúria do governo, que com outros vícios existia entre os romanos com mais intensidade do que entre qualquer outro povo, depois de ter tomado posse dos poucos mais poderosos, subjugou sob seu jugo o resto, desgastado e cansado.

CAPÍTULO. 31.-POR QUAIS PASSOS A PAIXÃO POR GOVERNAR AUMENTOU ENTRE OS ROMANOS

1. Pois em que estágio essa paixão descansaria quando se alojasse em um espírito orgulhoso, até que, por uma sucessão de avanços, chegasse até mesmo ao trono. E para obter tais avanços nada adianta senão ambição sem escrúpulos. Mas a ambição sem escrúpulos não tem nada em que trabalhar, exceto em uma nação corrompida pela avareza e pelo luxo. Além disso, um povo se torna avarento e luxuoso pela prosperidade; e era isso que aquele homem muito prudente Nasica tentava evitar quando se opunha à destruição da maior, mais forte e mais rica cidade inimiga de Roma. Ele pensou que, assim, o medo agiria como um freio à luxúria, e que a luxúria sendo contida não iria

se descontrolar na luxúria, e que a luxúria impedida a avareza terminaria; e que esses vícios sendo banidos, a virtude floresceria e aumentaria o grande lucro do estado; e a liberdade, a companheira adequada da virtude, permaneceria livre. Por razões semelhantes, e animado pelo mesmo patriotismo atencioso, esse mesmo pontífice supremo - ainda me refiro a ele que foi julgado o melhor homem de Roma sem uma voz discordante - jogou água fria na proposta do Senado de construir um círculo de cadeiras ao redor do teatro, e em um discurso muito pesado advertiu-os contra permitir que as maneiras luxuosas da Grécia minassem a virilidade romana, e os persuadiu a não ceder à influência enervante e castradora da licenciosidade estrangeira. Tão autoritárias e convincentes foram suas palavras, que o Senado foi levado a proibir o uso mesmo daqueles bancos que até então costumavam ser trazidos ao teatro para uso temporário dos cidadãos. Quão ansiosamente tal homem teria banido de Roma as próprias exhibições cênicas, se ele ousasse opor-se à autoridade daqueles que ele supunha serem deuses! Pois ele não sabia que eles eram demônios maliciosos; ou, se o fez, supôs que deveriam ser mais propiciados do que desprezados. Pois ainda não havia sido revelada aos gentios a doutrina celestial que deveria purificar seus corações pela fé, e transformar sua disposição natural pela piedade humilde, e afastá-los do serviço de demônios orgulhosos para buscar as coisas que estão nos céus, ou mesmo acima dos céus.

CAPÍTULO. 32.-DO ESTABELECIMENTO DE DIVERSÕES CÊNICAS

1. Saibam então, vocês que ignoram isso, e vocês que fingem ignorância sejam lembrados, enquanto murmuram contra Aquele que os libertou de tais governantes, que os jogos cênicos, exhibições de tolice e licenciosidade desavergonhadas, foram estabelecidos em Roma, não pelos desejos viciosos dos homens, mas pela designação de seus deuses. Muito mais perdoavelmente você poderia ter prestado honras divinas a Cipião do que a deuses como estes. Os deuses não eram tão morais quanto seu pontífice. Mas dê-me agora a sua atenção,

se a sua mente, inebriada por suas profundas poções de erro, pode absorver qualquer verdade sóbria. Os deuses ordenaram que os jogos fossem exibidos em sua honra para evitar uma pestilência física; seu pontífice proibiu a construção do teatro, para evitar uma pestilência moral. Se, então, resta em você iluminação mental suficiente para preferir a alma ao corpo, escolha a quem você adorará. Além disso, embora a pestilência tenha cessado, não foi porque a loucura voluptuosa das peças de teatro se apoderou de um povo guerreiro até então acostumado apenas aos jogos do circo; mas esses espíritos astutos e perversos, prevendo que no devido tempo a pestilência cessaria em breve, aproveitaram a ocasião para infectar, não os corpos, mas a moral de seus adoradores, com uma doença muito mais grave. E nesta pestilência esses deuses encontram grande prazer, porque ela obscureceu as mentes dos homens com uma escuridão tão grosseira, e os desonrou com uma deformidade tão repugnante, que mesmo muito recentemente (a posteridade será capaz de acreditar nisso?) fugiram do saque de Roma e encontraram refúgio em Cartago, estavam tão infectados com esta doença, que dia após dia pareciam lutar entre si quem deveria correr loucamente atrás dos atores nos teatros.

CAPÍTULO. 33.-QUE A DERROCADA DE ROMA NÃO CORRIGIU OS VÍCIOS DOS ROMANOS

1. Ó homens apaixonados, o que é essa cegueira, ou melhor, loucura, que os possui? Como é que enquanto, como ouvimos, até as nações orientais estão lamentando sua ruína, e enquanto estados poderosos nas partes mais remotas da terra estão lamentando sua queda como uma calamidade pública, vocês mesmos deveriam estar se aglomerando nos teatros, deve ser derramado neles e enchê-los; e, em suma, estar desempenhando um papel mais louco agora do que nunca? Este era o flagelo da peste, este o naufrágio da virtude e da honra de que Cipião procurou preservar-vos quando proibiu a construção de teatros; essa era a razão dele para desejar que você ainda tivesse um inimigo a temer, visto que ele tinha a facilidade com que a prosperidade o corromperia e destruiria. Ele não considerou

florescente aquela república cujos muros estão de pé, mas cuja moral está em ruínas. Mas as seduções de demônios mal-intencionados tiveram mais influência sobre você do que as precauções de homens prudentes. Portanto, as injúrias que você faz, você não permitirá que sejam imputadas a você: mas as injúrias que você sofre, você imputa ao cristianismo. Depravado pela boa fortuna e não castigado pela adversidade, o que você deseja na restauração de um estado de paz e segurança não é a tranquilidade da comunidade, mas a impunidade de seu próprio luxo vicioso. Cipião queria que vocês fossem duramente pressionados por um inimigo, para que não se abandonassem a maneiras luxuosas; mas você está tão abandonado que nem mesmo quando esmagado pelo inimigo seu luxo é reprimido. Você perdeu o lucro de sua calamidade; você se tornou o mais miserável e permaneceu o mais devasso.

CAPÍTULO. 34.-DA CLEMÊNCIA DE DEUS EM MODERAR A RUÍNA DA CIDADE

1. E que você ainda está vivo é devido a Deus, que o poupa para que você seja admoestado a se arrepender e reformar sua vida. Foi Ele que vos permitiu, ingratos como sois, escapar da espada do inimigo, chamando-vos Seus servos, ou encontrando asilo nos lugares sagrados dos mártires.

Diz-se que Rômulo e Remo, para aumentar a população da cidade que fundaram, abriram um santuário no qual todo homem poderia encontrar asilo e absolvição de todo crime, um notável prenúncio do que ocorreu recentemente em honra de Cristo. Os destruidores de Roma seguiram o exemplo de seus fundadores. Mas não foi muito para seu crédito que estes, para aumentar o número de seus cidadãos, fizessem o que os primeiros fizeram, para que o número de seus inimigos não fosse diminuído.

CAPÍTULO. 35.-DOS FILHOS DA IGREJA QUE ESTÃO

ESCONDIDOS ENTRE OS ÍMPIOS E DOS FALSOS CRISTÃOS DENTRO DA IGREJA

1. Que essas e outras respostas semelhantes (se forem encontradas respostas mais completas e adequadas) sejam dadas aos seus inimigos pela família redimida do Senhor Cristo e pela cidade peregrina do Rei Cristo. Mas lembre-se esta cidade que entre seus inimigos se escondem aqueles que estão destinados a serem concidadãos, para que ela não pense que é um trabalho inútil suportar o que eles infligem como inimigos até que se tornem confessores da fé. Assim, também, enquanto ela for estrangeira no mundo, a cidade de Deus tem em sua comunhão, e ligada a ela pelos sacramentos, alguns que não habitarão eternamente na sorte dos santos. Destes, alguns não são agora reconhecidos; outros se declaram e não hesitam em fazer causa comum com nossos inimigos murmurando contra Deus, cuja insígnia sacramental eles usam. Esses homens que você pode ver hoje lotando as igrejas conosco, amanhã lotando os teatros com os ímpios. Mas temos menos razão para desesperar com a recuperação mesmo de tais pessoas, se entre nossos inimigos mais declarados houver agora alguns, desconhecidos para eles, que estão destinados a se tornar nossos amigos. Na verdade, essas duas cidades estão entrelaçadas neste mundo e misturadas até que o juízo final efetue sua separação. Agora passo a falar, como Deus me ajudará, da ascensão, progresso e fim dessas duas cidades; e o que escrevo. Escrevo para a glória da cidade de Deus, para que, colocada em comparação com as outras, brilhe com mais brilho.

CAPÍTULO. 36.-QUAIS ASSUNTOS DEVEM SER TRATADOS NO SEGUINTE DISCURSO

1. Mas tenho ainda algumas coisas a dizer para refutar aqueles que referem os desastres da república romana à nossa religião, porque proíbe a oferta de sacrifícios aos deuses. Para este fim, devo relatar todos, ou tantos quanto possam parecer suficientes, dos desastres que aconteceram naquela cidade e suas províncias sujeitas, antes que esses

sacrifícios fossem proibidos; por todos esses desastres eles sem dúvida nos teriam atribuído, se naquela época nossa religião tivesse lançado sua luz sobre eles e tivesse proibido seus sacrifícios. Devo, então, mostrar que bem-estar social o verdadeiro Deus, em cujas mãos estão todos os reinos, concedeu-lhes que seu império pudesse aumentar. Devo mostrar por que Ele fez isso, e como seus falsos deuses, em vez de ajudá-los, os feriram grandemente com astúcia e engano. E, finalmente, devo conhecer aqueles que, convencidos e refutados neste ponto por provas irrefutáveis, procuram sustentar que adoram os deuses, não esperando as vantagens presentes desta vida, mas aquelas que devem ser desfrutadas após a morte. . E esta, se não me engano, será a parte mais difícil da minha tarefa e merecerá o mais alto argumento; pois devemos então entrar nas listas com os filósofos, não o mero rebanho comum de filósofos, mas os mais renomados, que em muitos pontos concordam conosco, quanto à imortalidade da alma, e que o verdadeiro Deus criou o mundo, e por Sua providência governa tudo o que Ele criou. Mas como eles diferem de nós em outros pontos, não devemos fugir da tarefa de expor seus erros, para que, tendo refutado as contradições dos ímpios com a habilidade que Deus pode conceder, podemos afirmar a cidade de Deus e a verdadeira piedade e adoração a Deus, aos quais somente a promessa de felicidade verdadeira e eterna está ligada. Aqui, então, vamos concluir, que podemos entrar nesses assuntos em um novo livro.

LIVRO II

ARGUMENTO

NESTE LIVRO AGOSTINHO RESENHA AQUELAS CALAMIDADES QUE OS ROMANOS SOFRERAM ANTES DO TEMPO DE CRISTO, E ENQUANTO A ADORAÇÃO AOS FALSOS DEUSES FOI PRATICADA UNIVERSALMENTE; E DEMONSTRA QUE, LONGE DE SER PRESERVADO DO INFORTÚNIO PELOS DEUSES, OS ROMANOS FORAM POR ELES DOMINADOS COM A ÚNICA, OU PELO MENOS A MAIOR, DE TODAS AS CALAMIDADES: A CORRUPÇÃO DAS MANEIRAS E OS VÍCIOS DA ALMA.

CAPÍTULO. 1.-DOS LIMITES QUE DEVEM SER COLOCADOS À NECESSIDADE DE RESPONDER A UM ADVERSÁRIO

1. SE a mente débil do homem não ousou resistir à clara evidência da verdade, mas cedeu sua enfermidade a doutrinas sadias, como a um remédio que dá saúde, até obter de Deus, por sua fé e piedade, a graça necessária para curá-la, aqueles que têm ideias justas e as expressam em linguagem adequada não precisariam usar longos discursos para refutar os erros de conjecturas vazias. Mas essa enfermidade mental é agora mais prevalente e prejudicial do que nunca, a tal ponto que, mesmo depois que a verdade foi demonstrada tão plenamente quanto o homem pode prová-la ao homem, eles mantêm como verdade suas próprias fantasias irracionais, seja por causa de sua grande cegueira, que os impede de ver o que está claramente diante deles, ou por causa de sua obstinação opinativa, que os impede de reconhecer a força do que vêem. Portanto, freqüentemente surge a necessidade de falar mais detalhadamente sobre os pontos que já são claros, para que possamos, por assim dizer, apresentá-los não aos olhos, mas mesmo ao tato, para que possam ser sentidos até mesmo por aqueles que fecham seus olhos contra eles. E, no entanto, para que fim levaremos nossas discussões, ou que limites podemos estabelecer para nosso discurso, se

seguirmos o princípio de que devemos sempre responder àqueles que nos respondem? Para aqueles que são incapazes de entender nossos argumentos, ou estão tão endurecidos pelo hábito da contradição que, embora compreendam, não podem ceder a eles, responder-nos e, como está escrito, "falar coisas duras", e são incorrigivelmente vaidosa. Agora, se nos propusemos a refutar suas objeções com a mesma frequência que eles, com cara descarada, optam por desconsiderar nossos argumentos, e tantas vezes quanto podem contradizer nossas declarações, você vê quão interminável, infrutífera e dolorosa é uma tarefa que nós deveria estar empreendendo. E, portanto, não desejo que meus escritos sejam julgados nem mesmo por você, meu filho Marcelino, nem por qualquer outro a serviço de quem este meu trabalho é colocado livremente e com toda a caridade cristã, se pelo menos você pretende sempre exigir um resposta a todas as exceções que você ouvir sobre o que você lê nele; pois assim você se tornaria como aquelas mulheres tolas de quem o apóstolo diz que estão "sempre aprendendo, e nunca podendo chegar ao conhecimento da verdade".

CAPÍTULO. 2.-RECAPITULAÇÃO DO CONTEÚDO DO PRIMEIRO LIVRO

1. No livro anterior, tendo começado a falar da cidade de Deus, à qual resolvi, Deus me ajudando, a consagrar toda esta obra, foi meu primeiro esforço para responder àqueles que atribuem as guerras pelas quais o mundo está sendo devastado, e especialmente o recente saque de Roma pelos bárbaros, à religião de Cristo, que proíbe a oferta de sacrifícios abomináveis aos demônios. Mostrei que deveriam antes atribuir a Cristo que, por amor de Seu nome, os bárbaros, contrariando todos os costumes e leis da guerra, abriram como santuários as maiores igrejas e, em muitos casos, mostraram tal reverência a Cristo, que não apenas Seus servos genuínos, mas mesmo aqueles que em seu terror fingiram ser assim, foram isentos de todas as dificuldades que pelo costume da guerra podem ser legalmente infligidas. Então, a partir disso, surgiu a questão, por que homens

maus e ingratos foram autorizados a compartilhar esses benefícios; e por que, também, as dificuldades e calamidades da guerra foram infligidas tanto aos piedosos quanto aos ímpios. E ao dar uma resposta adequada e completa a esta grande questão, ocupei um espaço considerável, em parte para aliviar as ansiedades que perturbam muitos quando observam que as bênçãos de Deus e as baixas humanas comuns e diárias recaem sobre o destino de muitos. homens maus e bons sem distinção; mas principalmente para dar algum consolo àquelas mulheres santas e castas que foram ultrajadas pelo inimigo de modo a chocar sua modéstia, mas não manchar sua pureza, e para que eu as preservasse de se envergonhar da vida, embora eles não têm culpa alguma para se envergonhar. E então falei brevemente contra aqueles que com a mais desavergonhada devassidão insultam aqueles pobres cristãos que foram submetidos a essas calamidades, e especialmente contra aquelas mulheres de coração partido e humilhadas, embora castas e santas; esses próprios companheiros sendo os mais depravados e devassos depravados, bastante degenerados dos romanos genuínos, cujos feitos famosos são abundantemente registrados na história e celebrados em todos os lugares, mas que encontraram em seus descendentes os maiores inimigos de sua glória. Na verdade, Roma, que foi fundada e aumentada pelo trabalho desses antigos heróis, foi mais vergonhosamente arruinada por seus descendentes, enquanto seus muros ainda estavam de pé, do que agora pela demolição deles. Pois nesta ruína caíram pedras e madeiras; mas na ruína que esses libertinos efetuaram, caíram, não o mural, mas os baluartes e ornamentos morais da cidade, e seus corações ardiam com paixões mais destrutivas do que as chamas que consumiam suas casas. Assim encerrei meu primeiro livro. E agora passo a falar daquelas calamidades que a própria cidade, ou suas províncias sujeitas, sofreram desde sua fundação; tudo o que eles teriam igualmente atribuído à religião cristã, se naquele período inicial a doutrina do evangelho contra seus deuses falsos e enganadores tivesse sido tão ampla e livremente proclamada como agora.

CAPÍTULO. 3.-QUE SÓ PRECISAMOS LER A HISTÓRIA PARA VER QUE CALAMIDADES OS ROMANOS SOFRERAM ANTES QUE A RELIGIÃO DE CRISTO COMEÇASSE A COMPETIR COM A ADORAÇÃO DOS DEUSES

1. Mas lembre-se de que, ao contar essas coisas, ainda tenho que me dirigir a homens ignorantes; tão ignorante, de fato, que deu origem ao ditado comum: "Seca e cristianismo andam de mãos dadas". Há, de fato, alguns entre eles que são homens perfeitamente instruídos e têm gosto pela história, na qual as coisas de que falo estão abertas à sua observação; mas para irritar as massas incultas contra nós, eles fingem ignorar esses eventos e fazem o que podem para fazer o vulgo acreditar que esses desastres, que em certos lugares e em certos momentos atingem uniformemente a humanidade, são o resultado do cristianismo, que está sendo difundido por toda parte, e possui um renome e brilho que eclipsam seus próprios deuses. veio na carne, e antes que Seu nome tivesse sido brasonado entre as nações com aquela glória que eles em vão ressentiram. Que eles, se puderem, defendam seus deuses neste artigo, pois sustentam que os adoram para serem preservados desses desastres, que agora nos imputam se sofrerem no menor grau. Pois por que esses deuses permitiram que os desastres de que estou falando caíssem sobre seus adoradores antes que a pregação do nome de Cristo os ofendesse e acabasse com seus sacrifícios?

CAPÍTULO. 4.-QUE OS ADORADORES DOS DEUSES NUNCA RECEBERAM DELES NENHUM PRECEITO MORAL SAUDÁVEL, E QUE NA CELEBRAÇÃO DE SUA ADORAÇÃO FORAM PRATICADOS TODOS OS TIPOS DE IMPUREZAS

1. Em primeiro lugar, perguntaríamos por que seus deuses não tomaram medidas para melhorar a moral de seus adoradores. Que o verdadeiro Deus negligenciasse aqueles que não buscavam Sua ajuda, isso era apenas justiça; mas por que aqueles deuses, de cuja adoração homens ingratos agora se queixam de que são proibidos, não emitiram

leis que pudessem guiar seus devotos a uma vida virtuosa? Certamente era justo que o cuidado que os homens mostrassem com a adoração dos deuses, os deuses, por sua vez, tivessem com a conduta dos homens. Mas, responde-se, é por sua própria vontade que um homem se extravia. Quem nega? Mas, no entanto, cabia a esses deuses, que eram os guardiões dos homens, publicar em termos claros as leis de uma vida boa, e não escondê-las de seus adoradores. Era sua parte enviar profetas para alcançar e condenar os que quebravam essas leis, e proclamar publicamente os castigos que aguardam os malfeitores e as recompensas que podem ser esperadas pelos que fazem o bem. Alguma vez as paredes de algum de seus templos ecoaram alguma voz de advertência? Eu mesmo, quando jovem, costumava ir às vezes aos entretenimentos e espetáculos sacrílegos; Vi os padres delirando de excitação religiosa e ouvi os coristas; Eu tinha prazer nos jogos vergonhosos que eram celebrados em honra de deuses e deusas, da virgem Coelestis e Berecynthia, a mãe de todos os deuses E no dia santo consagrado à sua purificação, eram cantadas diante de seu leito produções tão obsceno e sujo para os ouvidos - não digo da mãe dos deuses, mas da mãe de qualquer senador ou homem honesto - não, tão impuro, que nem mesmo a mãe dos jogadores desbocados poderia ter formado um da platéia. Pois a reverência natural pelos pais é um vínculo que os mais abandonados não podem ignorar. E, portanto, as ações lascivas e palavras sujas com que esses jogadores honraram a mãe dos deuses, na presença de uma vasta assembléia e público de ambos os sexos, eles não poderiam por vergonha ter ensaiado em casa na presença de suas próprias mães. E as multidões reunidas de todos os cantos por curiosidade, modéstia ofendida devem, suponho, ter se dispersado na confusão da vergonha. Se estes são ritos sagrados, o que é sacrilégio? Se isso é purificação, o que é poluição? Essa festividade era chamada de Mesas, como se estivesse sendo dado um banquete no qual demônios impuros pudessem encontrar um refresco adequado. Pois não é difícil ver que tipo de espíritos devem ser aqueles que se deleitam com tais obscenidades, a menos que, de fato, um homem seja cegado por esses espíritos malignos que se disfarçam de deuses e não acredite em sua existência, ou leva uma vida que o leva a propiciá-los e temê-los do que ao verdadeiro Deus.

CAPÍTULO. 5.-DAS OBSCENIDADES PRATICADAS EM HONRA À MÃE DOS DEUSES

1. A este respeito, preferiria ter como meus assessores em julgamento, não aqueles homens que preferem se deleitar com esses costumes infames do que se esforçar para acabar com eles, mas aquele mesmo Cipião Nasica que foi escolhido pelo Senado como o cidadão mais digno de receber em suas mãos a imagem daquele demônio Cibele, e transportá-la para a cidade. Ele nos diria se ficaria orgulhoso de ver sua própria mãe tão estimada pelo estado a ponto de ter honras divinas atribuídas a ela; como os gregos e romanos e outras nações decretaram honras divinas a homens que lhes prestaram serviço material, e acreditaram que seus benfeitores mortais foram assim tornados imortais e inscritos entre os deuses. Certamente ele desejaria que sua mãe desfrutasse de tal felicidade, se fosse possível. Mas se perguntássemos a ele se, entre as homenagens prestadas a ela, ele desejaria que ritos tão vergonhosos como esses fossem celebrados, ele não exclamaria imediatamente que preferia que sua mãe morresse a pedrada do que sobrevivesse como uma deusa? dar ouvidos a essas obscenidades? É possível que aquele que tinha uma moral tão severa, que usou sua influência como senador romano para impedir a construção de um teatro naquela cidade dedicado às virtudes viris, desejasse que sua mãe fosse propiciada como uma deusa com palavras? o que teria trazido o rubor ao rosto dela quando uma matrona romana? Ele poderia acreditar que a modéstia de uma mulher estimada seria tão transformada por sua promoção à divindade, que ela se permitiria ser invocada e celebrada em termos tão grosseiros e imodestos, que se ela tivesse ouvido algo semelhante em vida na terra , e tivesse escutado sem tapar os ouvidos e sair correndo do lugar, seus parentes, seu marido e seus filhos teriam corado por ela? Portanto, sendo a mãe dos deuses um personagem que o homem mais libertino se envergonharia de ter como mãe, e querendo encantar os espíritos dos romanos, exigiu para seu serviço o seu melhor cidadão, para não o amadurecer ainda mais em virtude por

seu conselho útil, mas para enredá-lo por seu engano, como aquela de quem está escrito: “A adúltera caçará a alma preciosa”. à sua excelência, a fim de poder confiar em sua própria eminência em virtude, e não fazer mais esforços pela verdadeira piedade e religião, sem as quais o gênio natural, por mais brilhante que seja, se transforma em orgulho e não dá em nada. Para que, senão um propósito malicioso, poderia aquela deusa exigir o padrinho, visto que em seus próprios festivais sagrados ela exige tais obscenidades que os melhores homens ficariam cobertos de vergonha de ouvir em suas próprias mesas?

CAPÍTULO. 6.-QUE OS DEUSES DOS PAGÕES NUNCA INCULTIRAM SANTIDADE

1. Esta é a razão pela qual essas divindades negligenciaram completamente a vida e a moral das cidades e nações que os adoravam, e não lançaram nenhuma proibição terrível em seu caminho para impedi-los de se tornarem totalmente corruptos e preservá-los desses males terríveis e detestáveis. que não visitam colheitas e vindimas, nem casa e posses, não o corpo que está sujeito à alma, mas a própria alma, o espírito que governa todo o homem. Se houve tal proibição, que seja produzida, que seja provada. Eles nos dirão que pureza e probidade foram inculcadas naqueles que foram iniciados nos mistérios da religião, e que secretas incitações à virtude foram sussurradas no ouvido da elite; mas isso é uma ostentação ociosa. Que nos mostrem ou nomeiem os lugares que em algum momento foram consagrados a assemblages em que, em vez dos cantos obscenos e da atuação licenciosa dos tocadores, em vez da celebração daquelas mais imundas e desavergonhadas Fugalia (assim chamadas Fugalia, pois banem modéstia e sentimento correto), o povo foi ordenado em nome dos deuses a conter a avareza, refrear a impureza e conquistar a ambição; onde, em suma, eles podem aprender naquela escola à qual Pérsio os açoita veementemente, quando ele diz: é a lei do nosso sucesso na vida; e com que arte podemos desviar o objetivo sem naufrágio; que limite devemos colocar

à nossa riqueza, o que podemos legitimamente desejar, e que usos serve o lucro imundo; quanto devemos conceder nosso país e nossa família; aprenda, em suma, o que Deus quis que você fosse, e que lugar Ele ordenou que você ocupasse.”² Que eles nos digam os lugares onde tais instruções costumavam ser comunicadas pelos deuses, e onde as pessoas que os adoravam costumavam recorrer para ouvi-los, como podemos apontar para as nossas igrejas construídas para este fim em todos os países onde a religião cristã é recebida

**CAPÍTULO. 7.- QUE AS SUGESTÕES DOS FILÓSOFOS
ESTÃO IMPEDIDAS DE TER QUALQUER EFEITO MORAL,
PORQUE NÃO TÊM A AUTORIDADE QUE PERTENCE À
INSTRUÇÃO DIVINA, E PORQUE A VISÃO NATURAL DO
HOMEM PARA O MAL O INDUZA A SEGUIR OS EXEMPLOS
DOS DEUSES E A OBEDECER AOS PRECEITOS DE
HOMENS**

1. Mas eles talvez nos lembrem das escolas dos filósofos e suas disputas? Em primeiro lugar, não pertencem a Roma, mas à Grécia; e mesmo que cedamos a eles que agora são romanos, porque a própria Grécia se tornou uma província romana, ainda assim os ensinamentos dos filósofos não são mandamentos dos deuses, mas descobertas dos homens, que, a pedido de seus próprios capacidade especulativa, fez esforços para descobrir as leis ocultas da natureza, e o certo e o errado na ética, e na dialética o que era conseqüente de acordo com as regras da lógica, e o que era inconseqüente e errôneo. E alguns deles, com a ajuda de Deus, fizeram grandes descobertas; mas, quando entregues a si mesmos, foram traídos pela enfermidade humana e caíram em erros. E isso foi ordenado pela providência divina, para que seu orgulho pudesse ser contido e que, por seu exemplo, pudesse ser indicado que é a humildade que tem acesso às regiões mais altas. Mas sobre isso teremos mais a dizer, se o Senhor Deus da verdade permitir, em seu próprio lugar. No entanto, se os filósofos fizeram descobertas suficientes para guiar os homens à virtude e à bem-aventurança, não teria sido maior justiça votar-lhes as honras divinas? Não fosse mais

de acordo com todo sentimento virtuoso ler os escritos de Platão em um "Templo de Platão", do que estar presente nos templos dos demônios para testemunhar os sacerdotes de Cibele⁴ se mutilando, os efeminados sendo consagrados, os fanáticos delirantes se cortando, e qualquer outra cerimônia cruel ou vergonhosa, ou vergonhosamente cruel ou cruelmente vergonhosa, é ordenada pelo ritual de deuses como esses? Não seria uma educação mais adequada, e mais provável para levar os jovens à virtude, se eles ouvissem recitações públicas das leis dos deuses, em vez da vã louvação dos costumes e leis de seus ancestrais? Certamente todos os adoradores dos deuses romanos, uma vez possuídos pelo que Pérsio chama de "o veneno ardente da luxúria", preferem testemunhar os feitos de Júpiter a ouvir o que Platão ensinou ou Catão censurou. Assim, o jovem devasso de Terêncio, quando vê na parede um afresco representando a lendária descida de Júpiter no colo de Danae na forma de uma chuva de ouro, aceita isso como um precedente autorizado para sua própria licenciosidade e se gaba de ser um imitador de Deus. "E que Deus?" ele diz. "Aquele que com seu trovão sacode os templos mais elevados. E eu, uma pobre criatura comparada a Ele, faria disso ossos? Não, eu fiz isso, e com todo o meu coração."

CAPÍTULO. 8.- QUE AS EXPOSIÇÕES TEATRAIS PUBLICANDO AS AÇÕES VERGONHOSAS DOS DEUSES, FAVORECERAM EM VEZ DE OFENDÊ-LOS.

1. Mas, alguém irá interpor, estas são as fábulas dos poetas, não os livramentos dos próprios deuses. Bem, não tenho intenção de arbitrar entre a lascívia dos entretenimentos teatrais e dos ritos místicos; só digo isso, e a história me confirma ao afirmar que essas mesmas diversões, nas quais as ficções dos poetas são a atração principal, não foram introduzidas nas festas dos deuses pela devoção ignorante dos romanos, mas que os próprios deuses deram as ordens mais urgentes para esse efeito e, de fato, extorquiram dos romanos essas solenidades e celebrações em sua homenagem. Mencionei isso no livro anterior e mencionei que os entretenimentos dramáticos foram inaugurados pela

primeira vez em Roma por ocasião de uma pestilência e por autoridade do pontífice. E que homem há que não seja mais propenso a adotar, para a regulação de sua própria vida, os exemplos que são representados em peças que têm uma sanção divina, em vez dos preceitos escritos e promulgados com apenas autoridade humana? Se os poetas deram uma falsa representação de Júpiter ao descrevê-lo como adúltero, então seria de esperar que os deuses castos vingassem com raiva uma ficção tão perversa, em vez de encorajar os jogos que a circulavam. Dessas peças, as mais inofensivas são as comédias e tragédias, ou seja, os dramas que os poetas escrevem para o palco e que, embora muitas vezes lidem com assuntos impuros, ainda assim o fazem sem a imundície da linguagem que caracteriza muitas outras performances; e são esses dramas que os meninos são obrigados pelos mais velhos a ler e aprender como parte do que é chamado de educação liberal e cavalheiresca.

CAPÍTULO. 9.-QUE A LICENÇA POÉTICA QUE OS GREGOS, EM OBEDIÊNCIA A SEUS DEUSES, PERMITIRAM, FOI CONDENADA PELOS ANTIGOS ROMANOS

1. A opinião dos antigos romanos sobre este assunto é atestada por Cícero em sua obra De Republica, na qual Cipião, um dos interlocutores, diz: "A lascívia da comédia nunca poderia ter sido sofrida pelo público, a menos que os costumes da sociedade já havia sancionado a mesma lascívia." E, nos primeiros dias, os gregos preservaram uma certa razoabilidade em sua licença, e fizeram uma lei, que qualquer comédia que quisesse dizer de alguém, deveria dizê-lo pelo nome. E assim, na mesma obra de Cícero, Cipião diz: "A quem não dispersou? Não, a quem não preocupou? A quem poupou? Permita que ataque demagogos e facções, homens prejudiciais à comunidade - um Cleon, um Cleophon, um Hyperbolus. Isso é tolerável, embora tivesse sido mais apropriado para o censor público marcar tais homens, do que para um poeta satirizá-los; mas para enegrecer a fama de Péricles com versos obscenos, depois que ele dignidade presidiu seu estado tanto na guerra quanto na paz, era tão

indigno de um poeta, como se nosso próprio Plauto ou Névio trouxesse Públio e Cneio Cipião ao palco cômico, ou como se Cécilio fosse caricaturar Catão. E então, um pouco depois, ele continua: "Embora nossas Doze Tábuas atribuíssem a pena de morte apenas a muito poucas ofensas, entre essas poucas havia uma: se alguém cantasse uma pasquinade ou compusesse uma sátira calculada para trazer infâmia ou desgraça a outra pessoa, sabiamente decretado, pois é pelas decisões dos magistrados, e por uma justiça bem informada, que nossas vidas devem ser julgadas, e não pelas fantasias vãs dos poetas; nem devemos ser expostos a ouvir calúnias, salvo onde temos a liberdade de responder e defender-nos perante um tribunal adequado". Isso julguei conveniente citar o quarto livro do De Republica de Cícero; e fiz a citação palavra por palavra, com exceção de algumas palavras omitidas e algumas ligeiramente transpostas, para dar o sentido mais prontamente. E certamente o extrato é pertinente ao assunto que estou tentando explicar. Cícero faz algumas observações adicionais e conclui a passagem mostrando que os antigos romanos não permitiam que nenhum homem vivo fosse elogiado ou criticado no palco. Mas os gregos, como eu disse, embora não tão morais, eram mais lógicos ao permitir essa licença que os romanos proibiam; pois eles viram que seus deuses aprovavam e apreciavam a linguagem obscena da baixa comédia quando dirigida não apenas contra os homens, mas até contra eles mesmos; e isto, se as ações infames que lhes são imputadas eram ficções de poetas, ou suas iniquidades reais eram comemoradas e representadas nos teatros. E se os espectadores os julgassem dignos apenas de riso, e não de imitação! Evidentemente, fora um orgulho poupar o bom nome dos líderes e dos cidadãos comuns, quando as próprias divindades não ressentiam que sua própria reputação fosse manchada.

CAPÍTULO. 10.-QUE OS DEMÔNIOS, AO SOFREREM CRIMES FALSOS OU VERDADEIROS PARA SEREM ACUSADOS, PRETENDEM FAZER MAL AOS HOMENS

1. Alega-se, em desculpa dessa prática, que as histórias contadas dos

deuses não são verdadeiras, mas falsas e meras invenções, mas isso só piora as coisas, se formarmos nossa estimativa pela moralidade que nossa religião ensina; e se considerarmos a malícia dos demônios, que artifício mais astuto e astuto eles poderiam praticar sobre os homens? Quando uma calúnia é proferida contra um estadista líder de vida justa e útil, não é repreensível na proporção de sua inverdade e falta de fundamento? Que punição, então, será suficiente quando os deuses são objetos de uma injustiça tão perversa e ultrajante? Mas os demônios, a quem esses homens reputam deuses, contentam-se com que mesmo as iniquidades de que são inocentes lhes sejam atribuídas, contanto que possam enredar as mentes dos homens nas malhas dessas opiniões e arrastá-las consigo para seus destinos predestinados. punição: se tais coisas foram realmente cometidas pelos homens a quem esses demônios, deliciando-se com a paixão humana, fazem ser adorados como deuses, e em cujo lugar eles, por mil artifícios malignos e enganosos, substituem a si mesmos e assim recebem adoração; ou se, embora fossem realmente crimes de homens, esses espíritos malignos permitiram de bom grado que fossem atribuídos a seres superiores, para que parecesse ser transmitido do próprio céu uma sanção suficiente para a perpetração de maldade vergonhosa. Os gregos, portanto, vendo o caráter dos deuses a quem serviam, pensaram que os poetas certamente não deveriam se abster de mostrar os vícios humanos no palco, seja porque desejavam ser como seus deuses nisso, ou porque temiam que, se eles exigissem para si uma reputação mais imaculada do que afirmavam para os deuses, eles poderiam provocá-los à ira.

CAPÍTULO. 11.-QUE OS GREGOS ADMITIRAM ATORES EM CARGOS DE ESTADO, COM O FUNDAMENTO DE QUE OS HOMENS QUE AGRADARAM AOS DEUSES NÃO DEVEM SER TRATADOS DE FORMA DESDENHOSA POR SEUS SEMELHANTES

1. Foi uma parte dessa mesma razoabilidade dos gregos que os induziu a conceder aos atores dessas mesmas peças não desprezíveis honras

cívicas. No referido livro do De Republica, é mencionado que Æschines, um ateniense muito eloquente, que havia sido um ator trágico em sua juventude, tornou-se um estadista, e que os atenienses repetidamente enviaram outro trágico, Aristodemo, como seu plenipotenciário a Filipe. Pois eles julgaram impróprio condenar e tratar como pessoas infames aqueles que eram os principais atores nos entretenimentos cênicos que eles consideravam tão agradáveis aos deuses. Sem dúvida, isso era imoral dos gregos, mas não há dúvida de que eles agiram em conformidade com o caráter de seus deuses; pois como eles poderiam ter ousado proteger a conduta dos cidadãos de ser cortada em pedaços pelas línguas de poetas e jogadores, que foram autorizados, e até mesmo ordenados pelos deuses, a rasgar sua reputação divina em farrapos? E como eles poderiam desprezar os homens que representavam nos teatros aqueles dramas que, como eles haviam verificado, davam prazer aos deuses que eles adoravam? Não, como eles poderiam conceder-lhes as mais altas honras cívicas? Com que fundamento poderiam honrar os sacerdotes que ofereciam por eles sacrifícios aceitáveis aos deuses, se marcavam de infâmia os atores que, em nome do povo, davam aos deuses aquele prazer ou honra que eles exigiam e que, segundo o relato dos sacerdotes, eles estavam zangados por não receber. Labeo, cujo aprendizado o torna uma autoridade em tais pontos, é de opinião que a distinção entre divindades boas e más deve encontrar expressão em uma diferença de adoração; que o mal deve ser propiciado por sacrifícios sangrentos e ritos dolorosos, mas o bem com uma observância alegre e agradável, como, por exemplo (como ele mesmo diz), com peças, festivais e banquetes. Tudo isso iremos, com a ajuda de Deus, discutir a seguir. No momento, e falando sobre o assunto em questão, se todos os tipos de oferendas são feitas indiscriminadamente a todos os deuses, como se todos fossem bons (e é uma coisa imprópria conceber que existem deuses maus; mas esses deuses dos pagãos são todos maus, porque não são deuses, mas espíritos malignos), ou se, como pensa Labeo, é feita uma distinção entre as oferendas apresentadas aos diferentes deuses, os gregos estão igualmente justificados em honrar igualmente os sacerdotes pelos quais os sacrifícios são feitos. oferecidos, e os atores pelos quais os dramas são representados, para que eles não

possam ser acusados de causar dano a todos os seus deuses, se as peças forem agradáveis a todos eles, ou (o que era ainda pior) ao seu bem. deuses, se as peças são apreciadas apenas por eles.

CAPÍTULO. 12.-QUE OS ROMANOS, AO RECUSAREM AOS POETAS A MESMA LICENÇA EM RELAÇÃO AOS HOMENS QUE LHES ERA PERMITIDA NO CASO DOS DEUSES, MOSTRARAM UMA SENSIBILIDADE MAIS DELICADA EM RELAÇÃO A SI MESMOS DO QUE EM RELAÇÃO AOS DEUSES

1. Os romanos, porém, como Cipião se vangloria nessa mesma discussão, recusaram ter sua conduta e bom nome sujeitos aos assaltos e calúnias dos poetas, e chegaram a fazer um crime capital se alguém se atrevesse a compor tais versos. Este era um caminho muito honroso a seguir, no que dizia respeito a eles mesmos, mas em relação aos deuses era orgulhoso e irreligioso: pois eles sabiam que os deuses não apenas toleravam, mas apreciavam, sendo açoitados pelas expressões injuriosas do poetas e, no entanto, eles próprios não sofreriam esse mesmo tratamento; e o que seu ritual prescrevia como aceitável para os deuses, sua lei proibia como prejudicial a eles mesmos. Como então, Cipião, você elogia os romanos por recusarem essa licença aos poetas, para que nenhum cidadão pudesse ser caluniado, sabendo que os deuses não estavam incluídos no comércio dessa proteção? Você considera seu Senado digno de uma consideração muito maior do que o Capitólio? É a única cidade de Roma mais valiosa aos seus olhos do que todo o céu dos deuses, que você proíbe seus poetas de proferir quaisquer palavras injuriosas contra um cidadão, embora possam impunemente lançar sobre os deuses as imputações que quiserem, sem a interferência de senador, censor, príncipe ou pontífice? Era, de fato, intolerável que Plauto ou Névio atacassem Públio e Cneio Cipião, insuportável que Cecílio satirizasse Catão; mas muito apropriado que seu Terêncio encoraje a luxúria juvenil pelo mau exemplo do supremo Júpiter.

CAPÍTULO. 13.-QUE OS ROMANOS DEVERIAM TER ENTENDIDO QUE OS DEUSES QUE DESEJAVAM SER VENERADOS EM LICEUS ERAM INDIGNOS DE HONRA DIVINA

1. Mas Cipião, se estivesse vivo, possivelmente responderia: "Como poderíamos punir aquilo que os próprios deuses consagraram? Pois os espetáculos teatrais em que tais coisas são ditas, representadas e representadas foram introduzidas na sociedade pelos deuses, que ordenaram que fossem dedicados e exibidos em sua honra". Mas não era esta, então, a prova mais clara de que eles não eram deuses verdadeiros, nem em qualquer aspecto dignos de receber honras divinas da república? Suponha que eles exigissem que em sua honra os cidadãos de Roma fossem ridicularizados, todo romano teria se ressentido da odiosa proposta. Como então, eu perguntaria, eles podem ser considerados dignos de adoração, quando eles propõem que seus próprios crimes sejam usados como material para celebrar seus louvores? Esse artifício não os expõe e prova que são demônios detestáveis? Assim, os romanos, embora fossem supersticiosos o suficiente para servir como deuses aqueles que não escondiam seu desejo de serem adorados em peças licenciosas, ainda assim tinham suficiente consideração por sua dignidade e virtude hereditárias, para levá-los a recusar aos jogadores quaisquer recompensas como os gregos lhes concederam. Sobre este ponto temos este testemunho de Cipião, registrado em Cícero: "Eles [os romanos] consideravam a comédia e todas as apresentações teatrais como vergonhosas e, portanto, não apenas excluía os jogadores de cargos e honras abertas ao cidadão comum, mas também decretavam que seus nomes devem ser marcados pelo censor e apagados do rol de sua tribo." Um excelente decreto e outro testemunho da sagacidade de Roma; mas eu gostaria que a prudência deles tivesse sido mais completa e consistente. Pois quando ouço que, se algum cidadão romano escolheu o palco como profissão, não apenas fechou para si toda carreira louvável, mas até se tornou um pária de sua própria tribo, não posso

deixar de exclamar: este é o verdadeiro espírito romano, este é digno de um estado ciumento de sua reputação. Mas então alguém interrompe meu êxtase, perguntando com que consistência os jogadores são excluídos de todas as honras, enquanto as jogadas são contadas entre as honras devidas aos deuses? Durante muito tempo, a virtude de Roma não foi contaminada por exposições teatrais; e se tivessem sido adotadas para satisfazer o gosto dos cidadãos, teriam sido introduzidas de mãos dadas com o relaxamento dos costumes. Mas o fato é que foram os deuses que exigiram que eles fossem exibidos para gratificá-los. Com que justiça, então, é excomungado o jogador por quem Deus é adorado? Com que pretexto você pode ao mesmo tempo adorar aquele que exige e marcar aquele que representa essas peças? Esta, então, é a controvérsia na qual os gregos e romanos estão envolvidos. Os gregos pensam que honram os jogadores com justiça, porque veneram os deuses que exigem jogadas; os romanos, por outro lado, não permitem que um ator desonre com seu nome sua própria tribo plebeia, muito menos a ordem senatorial. E toda essa discussão pode ser resumida no seguinte silogismo. Os gregos nos dão a premissa principal: se tais deuses devem ser adorados, então certamente tais homens podem ser honrados. Os romanos acrescentam o menor: Mas tais homens não devem de modo algum ser honrados. Os cristãos tiram a conclusão: Portanto, tais deuses de modo algum devem ser adorados.

CAPÍTULO. 14.-AQUELE PLATÃO, QUE EXCLUIU POETAS DE UMA CIDADE BEM ORDENADA, FOI MELHOR DO QUE ESSES DEUSES QUE DESEJAM SER HONRADOS POR PEÇAS DE TEATRO

1. Resta saber por que os poetas que escrevem as peças, e que pela lei das doze tábuas são proibidos de ferir o bom nome dos cidadãos, são considerados mais estimados do que os atores, embora tão vergonhosamente caluniem o caráter dos deuses? É certo que os atores dessas efusões poéticas e desonrosas a Deus sejam marcados, enquanto seus autores são honrados? Não devemos aqui dar a palma a

um grego, Platão, que, ao estruturar sua república ideal, concebeu que os poetas deveriam ser banidos da cidade como inimigos do Estado? Ele não podia tolerar que os deuses fossem desonrados, nem que as mentes dos cidadãos fossem depravadas e enlouquecidas pelas ficções dos poetas. Compare agora a natureza humana como você a vê em Platão, expulsando os poetas da cidade para que os cidadãos não sejam feridos, com a natureza divina como você a vê nesses deuses exigindo peças em sua própria honra. Platão se esforçou, embora sem sucesso, para persuadir os gregos levianos e lascivos a se absterem de escrever tais peças; os deuses usaram sua autoridade para extorquir a atuação do mesmo dos romanos dignos e sóbrios. E não contentes em tê-los representados, mandaram-nos dedicados a si mesmos, consagrados a si mesmos, celebrados solenemente em sua própria honra. A qual, então, seria mais conveniente decretar honras divinas, - a Platão, que proibiu essas peças perversas e licenciosas, ou aos demônios que se deleitavam em cegar os homens para a verdade do que Platão procurou inculcar sem sucesso?

2. Este filósofo, Platão, foi elevado por Labeo à categoria de semideus, e assim colocado no mesmo nível de Hércules e Rômulo. Labeo classifica os semideuses acima dos heróis, mas ambos contam entre as divindades. Mas não tenho dúvidas de que ele considera esse homem que ele considera um semideus digno de maior respeito não apenas do que os heróis, mas também do que os próprios deuses. As leis dos romanos e as especulações de Platão têm essa semelhança, que os últimos pronunciam uma condenação total das ficções poéticas, enquanto os primeiros restringem a licença da sátira, pelo menos na medida em que os homens são seus objetos. Platão não permitirá que os poetas morem em sua cidade: as leis de Roma proíbem os atores de serem registrados como cidadãos; e se eles não tivessem temido ofender os deuses que pediram os serviços dos jogadores, eles provavelmente os teriam banido completamente. É óbvio, portanto, que os romanos não podiam receber, nem razoavelmente esperar receber, leis para regular sua conduta de seus deuses, pois as leis que eles mesmos promulgaram superavam e envergonhavam a moralidade dos deuses. Os deuses exigem peças de teatro em sua própria honra; os

romanos excluem os jogadores de todas as honras cívicas; os primeiros ordenavam que fossem celebrados pela representação cênica de sua própria desgraça; este ordenou que nenhum poeta ousasse manchar a reputação de qualquer cidadão. Mas aquele semideus Platão resistiu à luxúria de deuses como esses e mostrou aos romanos o que seu gênio havia deixado incompleto; pois ele excluiu absolutamente os poetas de seu estado ideal, quer eles compusessem ficções sem levar em conta a verdade, ou dessem os piores exemplos possíveis aos homens miseráveis sob o pretexto de ações divinas. Nós, de nossa parte, de fato, não consideramos Platão nem um deus nem um semideus; nem mesmo o compararíamos a nenhum dos santos anjos de Deus; nem aos profetas que falam a verdade, nem a nenhum dos apóstolos ou mártires de Cristo, não, a nenhum homem cristão fiel. A razão desta nossa opinião nós, Deus nos fazendo prosperar, renderemos em seu próprio lugar. No entanto, como eles desejam que ele seja considerado um semideus, pensamos que ele certamente tem mais direito a esse posto, e é em todos os sentidos superior, se não a Hércules e Rômulo (embora nenhum historiador possa narrar nem qualquer poeta possa cantar sobre ele que ele tinha matado seu irmão, ou cometido qualquer crime), mas certamente a Príapo, ou um Cynocephalus, ou a Febre,² – divindades que os romanos receberam em parte de estrangeiros e em parte consagradas por ritos caseiros. Como, então, deuses como esses poderiam promulgar leis boas e salutares, seja para prevenir males morais e sociais, ou para erradicá-los onde já haviam surgido? - deuses que usaram sua influência até mesmo para semear e cultivar prodigalidade, determinando que os atos verdadeira ou falsamente atribuídos a eles sejam publicados ao povo por meio de exposições teatrais e, assim, atizando gratuitamente a chama da luxúria humana com o sopro de uma aprovação aparentemente divina. Em vão Cícero, falando de poetas, exclama contra esse estado de coisas com estas palavras: "Quando os aplausos e aclamações do povo, que se assentam como juízes infalíveis, são conquistados pelos poetas, que escuridão obscurece a mente, que medos invadem, que paixões o inflamam!"

CAPÍTULO. 15.-QUE FOI A VAIDADE, NÃO A RAZÃO, QUE CRIOU ALGUNS DOS DEUSES ROMANOS

1. Mas não é manifesto que a vaidade, e não a razão, regulou a escolha de alguns de seus falsos deuses? Este Platão, que eles consideram um semideus, e que usou toda a sua eloquência para preservar os homens das calamidades espirituais mais perigosas, ainda não foi considerado digno de um pequeno santuário; mas Rômulo, porque eles podem chamá-lo de seu, eles o estimaram mais do que muitos deuses, embora sua doutrina secreta só possa conceder-lhe a posição de um semideus. A ele deram um flamen, isto é, um sacerdote de uma classe tão estimada em sua religião (distinguida, também, por suas mitras cônicas), que para apenas três de seus deuses foram nomeados flamens – o Flamen Dialis para Júpiter, Martialis para Marte e Quirinalis para Romulus (pois quando o ardor de seus concidadãos deu a Romulus um assento entre os deuses, eles lhe deram este novo nome Quirino). E assim, por esta honra, Rômulo foi preferido a Netuno e Plutão, irmãos de Júpiter, e ao próprio Saturno, seu pai. Eles designaram o mesmo sacerdócio para servi-lo como para servir a Júpiter; e ao dar a Marte (o suposto pai de Rômulo) a mesma honra, isso não é antes por causa de Rômulo do que para honrar Marte?

CAPÍTULO. 16.-QUE SE OS DEUSES TIVESSEM REALMENTE QUALQUER RESPEITO PELA JUSTIÇA, OS ROMANOS DEVERIAM TER RECEBIDO BOAS LEIS DELES, EM VEZ DE TER QUE PEGAR EMPRESTADOS DE OUTRAS NAÇÕES

1. Além disso, se os romanos pudessem receber uma regra de vida de seus deuses, eles não teriam emprestado as leis de Sólon dos atenienses, como fizeram alguns anos depois da fundação de Roma; e, no entanto, eles não os guardaram como os receberam, mas se esforçaram para melhorá-los e corrigi-los. Embora Licurgo fingisse ter sido autorizado por Apolo a dar leis aos lacedemônios, os romanos sensatos não decidiram acreditar nisso e não foram induzidos a

emprestar leis de Esparta. Diz-se que Numa Pompílio, que sucedeu Rômulo no reino, elaborou algumas leis que, no entanto, não foram suficientes para regular os assuntos cívicos. Entre esses regulamentos havia muitos relativos a observâncias religiosas, e, no entanto, não é relatado que ele tenha recebido nem mesmo isso dos deuses. Com respeito, então, aos males morais, males da vida e da conduta – males que são tão poderosos que, segundo os pagãos mais sábios,⁵ por eles os estados são arruinados enquanto suas cidades permanecem ilesas – seus deuses não fizeram a menor provisão por preservar seus adoradores desses males, mas, pelo contrário, se esforçaram para aumentá-los, como já tentamos provar.

CAPÍTULO. 17.-DO ESTUPRO DAS SABINAS E OUTRAS INIQUIDADES PERPETIDAS NOS DIAS MAIS DIFÍCEIS DE ROMA

1. Mas, possivelmente, devemos encontrar a razão para essa negligência dos romanos por seus deuses, no ditado de Salústio, que "equidade e virtude prevaleceram entre os romanos não mais por força de leis do que por natureza". Presumo que é a essa equidade inata e bondade de disposição que devemos atribuir o estupro das mulheres sabinas. O que, de fato, poderia ser mais justo e virtuoso, do que levar à força, como cada homem estava apto, e sem o consentimento de seus pais, meninas que eram estranhas e convidadas, e que haviam sido enganadas e aprisionadas com o pretexto de uma espetáculo! Se os sabinos estavam errados em negar suas filhas quando os romanos as pediam, não foi um erro maior dos romanos carregá-las depois dessa negação? Os romanos poderiam ter feito guerra mais justamente contra a nação vizinha por ter recusado suas filhas em casamento quando as buscaram pela primeira vez, do que por tê-las exigido de volta quando as roubaram. A guerra deveria ter sido proclamada a princípio; era então que Marte deveria ter ajudado seu filho guerreiro, para que ele pudesse, pela força das armas, vingar o dano causado a ele pela recusa do casamento, e também conquistar as mulheres que desejava. Pode ter havido alguma aparência de "direito de guerra" em

um vencedor que leva, em virtude desse direito, as virgens que foram sem qualquer demonstração de direito negado a ele; ao passo que não havia "direito à paz" que lhe permitisse levar aqueles que não lhe foram dados e travar uma guerra injusta com seus pais justamente enfurecidos. Uma circunstância feliz estava de fato ligada a isso. ato de violência, a saber, que embora tenha sido comemorado pelos jogos do circo, mesmo assim não constituiu um precedente na cidade ou reino de Roma. Se alguém encontrar falhas nos resultados desse ato, deve ser pelo fato de que os romanos fizeram de Rômulo um deus, apesar de ele ter perpetrado essa iniquidade; pois não se pode censurá-los por fazer desse ato qualquer tipo de precedente para o estupro de mulheres.

Mais uma vez, presumo que foi devido a essa equidade e virtude naturais que, após a expulsão do rei Tarquínio, cujo filho havia violado Lucrecia, Júnio Bruto, o cônsul, forçou Lúcio Tarquínio Colatino, marido de Lucrecia e seu próprio colega, um homem bom e inocente, renunciar ao seu cargo e ir para o exílio, sob a única acusação de ser do nome e do sangue dos Tarquínios. Esta injustiça foi perpetrada com a aprovação, ou pelo menos com a conivência, do povo, que havia elevado ao posto consular tanto Colatino quanto Bruto. Outro exemplo dessa equidade e virtude é encontrado em seu tratamento de Marcus Camilo. Este eminente homem, depois de ter conquistado rapidamente os Veias, então o mais formidável dos inimigos de Roma, e que havia mantido uma guerra de dez anos, na qual o exército romano sofreu as calamidades usuais decorrentes do mau generalato, depois que ele restaurou a segurança de Roma, que começou a tremer por sua segurança, e depois de ter tomado a cidade mais rica do inimigo, teve acusações feitas contra ele pela malícia daqueles que invejavam seu sucesso e pela insolência dos tribunos do pessoas; e vendo que a cidade não lhe dava nenhuma gratidão por preservá-la, e que certamente seria condenado, foi para o exílio, e mesmo na sua ausência foi multado em 10.000 burros. Pouco depois, no entanto, seu país ingrato teve novamente que buscar sua proteção dos gauleses. Mas agora não posso mencionar todos os atos vergonhosos e iníquos com os quais Roma foi agitada, quando a aristocracia tentou submeter

o povo, e o povo se ressentiu de suas invasões, e os defensores de qualquer das partes foram movidos mais pelo amor da vitória do que por qualquer consideração equitativa ou virtuosa.

**CAPÍTULO. 18.-O QUE A HISTÓRIA DE SALÚSTIO
(SALLUST) REVELA SOBRE A VIDA DOS ROMANOS, SEJA
QUANDO ESTREITADOS PELA ANSIEDADE OU
RELAXADOS NA SEGURANÇA**

1. Vou, portanto, fazer uma pausa e acrescentar o testemunho do próprio Salústio, cujas palavras em louvor aos romanos (que "a equidade e a virtude prevaleceram entre eles não mais por força de leis do que de natureza") deram ocasião a esta discussão. Ele estava se referindo a esse período imediatamente após a expulsão dos reis, em que a cidade se tornou grande em um espaço de tempo incrivelmente curto. E, no entanto, este mesmo escritor reconhece no primeiro livro de sua história, no próprio exórdio de sua obra, que mesmo naquela época, quando um intervalo muito curto após o governo ter passado de reis a cônsules, os homens mais poderosos começaram para agir injustamente, e ocasionou a deserção do povo dos patrícios, e outras desordens na cidade. Pois depois de Salústio ter declarado que os romanos gozavam de maior harmonia e de um estado de sociedade mais puro entre a segunda e a terceira guerras púnicas do que em qualquer outro momento, e que a causa disso não era o amor à boa ordem, mas o medo de que a paz eles tinham com Cartago poderia ser quebrado (isso também, como mencionamos, Nasica contemplou quando ele se opôs à destruição de Cartago, pois ele supôs que o medo tenderia a reprimir a maldade e preservar modos saudáveis de vida), ele então prossegue para diga: "No entanto, após a destruição de Cartago, a discórdia, a avareza, a ambição e os outros vícios que são comumente gerados pela prosperidade, aumentaram mais do que nunca". Se eles "aumentaram", e isso "mais do que nunca", então eles já haviam aparecido e estavam aumentando. E assim Salústio acrescenta esta razão para o que ele disse: "Pois", diz ele, "as medidas opressivas dos poderosos e as conseqüentes secessões da plebe dos

patrícios e outras dissensões civis existiram desde o início, e os assuntos foram administrado com equidade e justiça bem temperada por não mais do que o curto período de tempo após a expulsão dos reis, enquanto a cidade estava ocupada com a grave guerra toscana e a vingança de Tarquínio". Você vê como, mesmo naquele breve período após a expulsão dos reis, o medo, ele reconhece, foi a causa do intervalo de equidade e boa ordem. Eles tinham medo, de fato, da guerra que Tarquínio travou contra eles, depois que ele foi expulso do trono e da cidade, e se aliou aos toscanos. Mas observe o que ele acrescenta: "Depois disso, os patrícios trataram o povo como seus escravos, ordenando que fossem açoitados ou decapitados como os reis haviam feito, expulsando-os de suas propriedades e tiranizando duramente aqueles que não tinham bens a perder. O povo, esmagado por essas medidas opressivas, e principalmente por usura exorbitante, e obrigado a contribuir com dinheiro e serviço pessoal para as guerras constantes, finalmente pegou em armas e separou-se do Monte Aventino e do Monte Sacer, e assim obteve para eles mesmos tribunos e leis protetoras. Mas foi apenas a segunda guerra púnica que pôs fim a ambos os lados à discórdia e ao conflito." Você vê que tipo de homens eram os romanos, mesmo poucos anos após a expulsão dos reis; e é desses homens que ele diz que "a equidade e a virtude prevaleceram entre eles não mais por força da lei do que da natureza".

2. Ora, se estes foram os dias em que a república romana se mostra mais justa e melhor, o que dizer ou pensar da época seguinte, quando, para usar as palavras do mesmo historiador, "mudando pouco a pouco do justo e cidade virtuosa que era, tornou-se totalmente perversa e dissoluta?" Isso foi, como ele menciona, após a destruição de Cartago. O breve resumo e o esboço de Salústio desse período podem ser lidos em sua própria história, na qual ele mostra como os costumes perdulários que foram propagados pela prosperidade acabaram por resultar até mesmo em guerras civis. Ele diz: "E a partir de então os costumes primitivos, em vez de sofrer uma alteração insensível como até então, foram varridos como por uma torrente: os jovens foram tão depravados pelo luxo e avareza, que pode-se dizer com justiça que nenhum pai teve um filho que pudesse preservar seu próprio

patrimônio ou manter suas mãos longe das de outros homens." Salústio acrescenta uma série de detalhes sobre os vícios de Sila e a condição degradada da república em geral; e outros escritores fazem observações semelhantes, embora em linguagem muito menos marcante.

3. No entanto, suponho que você veja agora, ou pelo menos qualquer um que dê sua atenção tenha os meios de ver, em que poço de iniquidade aquela cidade foi mergulhada antes do advento de nosso Rei celestial. Pois essas coisas aconteceram não apenas antes que Cristo começasse a ensinar, mas antes mesmo que Ele nascesse da Virgem. Se, pois, não se atrevem a imputar a seus deuses os graves males daqueles tempos antigos, mais toleráveis antes da destruição de Cartago, mas intoleráveis e terríveis depois dela, embora tenham sido os deuses que por sua malícia instilaram nas mentes dos homens as concepções das quais tais vícios terríveis se ramificaram por todos os lados, por que eles imputam essas calamidades atuais a Cristo, que ensina a verdade vivificante e nos proíbe de adorar deuses falsos e enganosos, e que, abominando e condenando com Sua autoridade divina esses desejos perversos e prejudiciais dos homens, gradualmente retira Seu próprio povo de um mundo que está corrompido por esses vícios, e está caindo em ruínas, para fazer deles uma cidade eterna, cuja glória não repousa sobre as aclamações da vaidade, mas sobre o julgamento da verdade?

CAPÍTULO. 19.-DA CORRUPÇÃO QUE CRESCEU NA REPÚBLICA ROMANA ANTES DE CRISTO; ABOLIR A ADORAÇÃO DOS DEUSES

1. Aqui, então, está esta república romana, "que mudou pouco a pouco da cidade justa e virtuosa que era, e se tornou totalmente perversa e dissoluta". Não sou eu o primeiro a dizer isso, mas seus próprios autores, de quem aprendemos por uma taxa, e que o escreveram muito antes da vinda de Cristo. Você vê como, antes da vinda de Cristo, e após a destruição de Cartago, "os costumes primitivos, em vez de

sofrerem alterações insensíveis, como até então haviam feito, foram varridos como por uma torrente; e quão depravados pelo luxo e avareza os juventude era." Que eles agora, por sua vez, leiam para nós quaisquer leis dadas por seus deuses ao povo romano e dirigidas contra o luxo e a avareza. E oxalá tivessem calado apenas sobre os assuntos de castidade e modéstia, e não tivessem exigido do povo práticas indecentes e vergonhosas, às quais emprestaram um patrocínio pernicioso por sua assim chamada divindade. Que leiam nossos mandamentos nos Profetas, Evangelhos, Atos dos Apóstolos ou Epístolas; que eles examinem o grande número de preceitos contra a avareza e o luxo que são lidos em toda parte para as congregações que se reúnem para esse fim, e que atingem os ouvidos, não com o som incerto de uma discussão filosófica, mas com o trovão do próprio oráculo de Deus. das nuvens. E, no entanto, eles não imputam a seus deuses o luxo e a avareza, as maneiras cruéis e dissolutas, que tornaram a república totalmente perversa e corrupta, mesmo antes da vinda de Cristo; mas qualquer que seja a aflição a que seu orgulho e efeminação os expuseram nestes últimos dias, eles imputam furiosamente à nossa religião. Se os reis da terra e todos os seus súditos, se todos os príncipes e juizes da terra, se jovens e donzelas, velhos e jovens, todas as idades e ambos os sexos; se aqueles a quem o Batista se dirigiu, os publicanos e os soldados, estivessem todos juntos para ouvir e observar os preceitos da religião cristã sobre uma vida justa e virtuosa, então a república deveria adornar toda a terra com sua própria felicidade, e alcançar em vida eterna ao pináculo da glória real. Mas porque este homem ouve e aquele homem zomba, e a maioria está apaixonada pelas lisonjas do vício em vez da severidade saudável da virtude, o povo de Cristo, qualquer que seja sua condição - sejam eles reis, príncipes, juizes, soldados ou provincianos, ricos ou pobres, escravos ou livres, homens ou mulheres - são ordenados a suportar esta república terrena, perversa e dissoluta como ela é, para que eles possam por essa resistência ganhar para si um lugar eminente naquela santíssima e augusta assembléia de anjos e república do céu, na qual a vontade de Deus é a lei.

CAPÍTULO. 20.-DO TIPO DE FELICIDADE E VIDA EM QUE REALMENTE SE COMPRAZEM AQUELES QUE SE VOLTAM CONTRA A RELIGIÃO CRISTÃ

1. Mas os adoradores e admiradores desses deuses se deleitam em imitar suas iniquidades escandalosas, e de modo algum se preocupam que a república seja menos depravada e licenciosa. Apenas deixe-a invicta, dizem eles, apenas deixe-a florescer e abundar em recursos; que seja glorioso por suas vitórias, ou melhor ainda, seguro em paz; e o que importa para nós? Esta é a nossa preocupação, que cada homem possa aumentar sua riqueza para suprir suas prodigalidades diárias, e para que os poderosos submetam os fracos a seus próprios propósitos. Que os pobres cortejem os ricos para viver, e que sob sua proteção possam desfrutar de uma tranqüilidade preguiçosa; e que os ricos abusem dos pobres como seus dependentes, para ministrar ao seu orgulho. Que o povo aplauda não aqueles que defendem seus interesses, mas aqueles que lhes proporcionam prazer. Que nenhum dever severo seja ordenado, nenhuma impureza proibida. Que os reis avaliem sua prosperidade, não pela justiça, mas pelo servilismo de seus súditos. Que as províncias permaneçam leais aos reis, não como guias morais, mas como senhores de suas posses e fornecedores de seus prazeres; não com uma reverência calorosa, mas um medo torto e servil. Que as leis tomem conhecimento antes do dano causado à propriedade de outro homem do que daquele feito à própria pessoa. Se um homem incomodar seu vizinho, ou prejudicar sua propriedade, família ou pessoa, que seja acionável; mas, em seus próprios assuntos, que cada um faça impunemente o que quiser em companhia de sua própria família e daqueles que voluntariamente se unem a ele. Que haja um suprimento abundante de prostitutas públicas para todos os que desejarem usá-las, mas especialmente para aqueles que são pobres demais para manter uma para seu uso privado. Que sejam erguidas casas da maior e mais ornamentada descrição: nelas sejam providenciados os mais suntuosos banquetes, onde quem quiser pode, de dia ou de noite, brincar, beber, vomitar, dissipar. Que se ouça por toda parte o farfalhar dos dançarinos, o riso alto e imodesto do teatro; que uma sucessão dos prazeres mais cruéis e voluptuosos mantenha

uma excitação perpétua. Se tal felicidade é desagradável para alguém, que seja tachado de inimigo público; e se qualquer tentativa de modificá-lo ou acabar com ele, que seja silenciado, banido, posto um fim. Que estes sejam considerados os verdadeiros deuses, que obtêm para o povo esta condição de coisas, e a preservam uma vez possuídas. Que sejam adorados como quiserem; deixe-os exigir os jogos que quiserem, de ou com seus próprios adoradores; apenas deixe-os garantir que tal felicidade não seja ameaçada por inimigos, pragas ou desastres de qualquer tipo. Que homem sensato compararia uma república como esta, não direi ao império romano, mas ao palácio de Sardanapalus, o antigo rei que estava tão abandonado aos prazeres, que fez com que fosse inscrito em seu túmulo, que agora que ele estava morto, ele possuía apenas as coisas que ele havia engolido e consumido por seus apetites enquanto vivo? Se esses homens tivessem um rei como este, que, embora auto-indulgente, não devesse impor restrições severas a eles, eles consagrariam a ele com mais entusiasmo um templo e um flamingo do que os antigos romanos fizeram a Rômulo.

CAPÍTULO. 21.- OPINIÃO DE CÍCERO DA REPÚBLICA ROMANA

1. Mas se nossos adversários não se importam com o quão suja e vergonhosamente a república romana seja manchada por práticas corruptas, enquanto ela se mantiver e continuar existindo, e se eles, portanto, desprezarem o testemunho de Salústio para seus "totalmente perversos e libertino", o que eles vão fazer da afirmação de Cícero, que mesmo em seu tempo se tornou inteiramente extinta, e que não restava nenhuma república romana existente? Ele apresenta Cipião (o Cipião que destruiu Cartago) discutindo a república, numa época em que já havia pressentimentos de sua rápida ruína por aquela corrupção que Salústio descreve. De fato, no momento da discussão, um dos Gracos, que, segundo Salústio, foi o primeiro grande instigador de sedições, já havia sido condenado à morte. Sua morte, de fato, é mencionada no mesmo livro. Agora Cipião, no final do segundo

livro, diz: "Como entre os diferentes sons que procedem da lira, da flauta e da voz humana, deve ser mantida uma certa harmonia que um ouvido culto não pode suportar ouvir perturbado ou dissonante, mas que pode ser eliciada em plena e absoluta concórdia pela modulação mesmo de vozes muito diferentes umas das outras; assim, onde a razão pode modular os diversos elementos do estado, obtém-se uma perfeita concórdia dos superiores, inferiores e médios. classes a partir de vários sons; e o que os músicos chamam de harmonia no canto, é a concórdia em questões de estado, que é o vínculo mais estrito e a melhor segurança de qualquer república, e que por nenhuma engenhosidade pode ser mantida onde a justiça se extinguiu". Então, quando discorreu um pouco mais detalhadamente e ilustrou mais copiosamente os benefícios de sua presença e os efeitos desastrosos de sua ausência sobre um estado, Pilus, um dos presentes na discussão, interveio e exigiu que a questão fosse seja mais bem crivado, e que o tema da justiça seja discutido livremente, para se saber qual é a verdade da máxima que se tornava cada dia mais corrente, de que "não se pode governar a república sem injustiça". Cipião expressou sua vontade de que essa máxima fosse discutida e peneirada, e deu-lhe a opinião de que ela era infundada, e que nenhum progresso poderia ser feito na discussão da república a menos que ela fosse estabelecida, não apenas essa máxima, que "a república não pode ser governada sem injustiça", era falso, mas também que a verdade é que não pode ser governado sem a mais absoluta justiça. E a discussão desta questão, sendo adiada para o dia seguinte, continua no terceiro livro com grande animação. Pois o próprio Pilus se comprometeu a defender a posição de que a república não pode ser governada sem injustiça, ao mesmo tempo em que se esforçava para se livrar de qualquer participação real nessa opinião. Defendeu com grande agudeza a causa da injustiça contra a justiça, e se esforçou por razões e exemplos plausíveis para demonstrar que a primeira é benéfica, a segunda inútil, para a república. Então, a pedido da companhia, Lælius tentou defender a justiça e esforçou todos os nervos para provar que nada é tão prejudicial para um estado quanto a injustiça; e que sem justiça uma república não pode ser governada, nem mesmo continuar a existir.

2. Quando esta questão foi tratada a contento da empresa, Cipião volta ao fio original do discurso e repete com elogios sua própria breve definição de república, que é o bem do povo. "O povo" ele define como sendo não todo agenciamento ou turba, mas um agenciamento associado por um reconhecimento comum da lei e por uma comunidade de interesses. Em seguida, ele mostra o uso da definição no debate; e a partir dessas próprias definições ele deduz que uma república, ou "bem do povo", só existe quando é bem e justamente governada, seja por um monarca, ou uma aristocracia, ou por todo o povo. Mas quando o monarca é injusto ou, como dizem os gregos, um tirano; ou os aristocratas são injustos e formam uma facção; ou o próprio povo é injusto e se torna, como Cipião, por falta de um nome melhor, o chama, ele próprio o tirano, então a república não é apenas manchada (como havia sido provado no dia anterior), mas por dedução legítima dessas definições, deixa completamente de ser. Pois não poderia ser o bem do povo quando um tirano dominasse o estado; nem o povo seria mais um povo se fosse injusto, pois não responderia mais à definição de povo - "um conjunto associado por um reconhecimento comum da lei e por uma comunidade de interesses".

3. Quando, portanto, a república romana era tal como Salústio a descreveu, ela não era "totalmente perversa e perdulária", como ele diz, mas havia cessado completamente de existir, se admitirmos o raciocínio desse debate mantido sobre o assunto da república por seus melhores representantes. O próprio Tully, também, falando não na pessoa de Cipião ou de qualquer outro, mas expressando seus próprios sentimentos, usa a seguinte linguagem no início do quinto livro, depois de citar uma linha do poeta Ennius, na qual ele disse: "A moralidade severa de Roma e seus cidadãos são sua salvaguarda." "Este verso", diz Cícero, "parece-me ter toda a veracidade sentenciosa de um oráculo. Pois nem os cidadãos teriam valido sem a moralidade da comunidade, nem a moral dos plebeus sem homens notáveis teria valido tanto para estabelecer ou por tanto tempo manter em vigor uma república tão grande com um império tão amplo e justo. Assim, antes de nossos dias, os costumes hereditários formaram nossos principais

homens, e eles, por sua vez, mantiveram os costumes e instituições de seus pais. época, recebendo a república como um chef-d'œuvre de uma outra época que já começava a envelhecer, não se limitou a restituir as cores do original, mas nem mesmo se esforçou para preservar tanto quanto o geral contornos e traços mais marcantes. Pois o que sobrevive daquela moral primitiva que o poeta chamava de salvaguarda de Roma? É tão obsoleta e esquecida que, longe de praticá-la, nem mesmo a conhecemos. E dos cidadãos o que devo dizer? ai? A moral pereceu pela pobreza dos grandes homens; uma pobreza pela qual devemos não apenas atribuir uma razão, mas pela culpa da qual devemos responder como criminosos acusados de um crime capital. Pois é por nossos vícios, e não por qualquer contratempo, que mantemos apenas o nome de uma república, e há muito perdemos a realidade."

4. Esta é a confissão de Cícero, muito depois da morte de Africano, que introduziu como interlocutor na sua obra *De Republica*, mas ainda antes da vinda de Cristo. No entanto, se os desastres que ele lamenta tivessem sido lamentados depois que a religião cristã foi difundida e começou a prevalecer, existe um homem de nossos adversários que não teria pensado que eles deveriam ser imputados aos cristãos? Por que, então, seus deuses não tomaram medidas para impedir a decadência e a extinção daquela república, sobre a perda da qual Cícero, muito antes de Cristo ter vindo em carne, canta uma fúnebre tão lúgubre? Seus admiradores têm necessidade de indagar se, mesmo nos dias dos homens e da moral primitivos, a verdadeira justiça floresceu nela; ou talvez não fosse mesmo então, para usar a expressão casual de Cícero, mais uma pintura colorida do que a realidade viva? Mas, se Deus quiser, consideraremos isso em outro lugar. Pois quero em seu próprio lugar mostrar isso – de acordo com as definições em que o próprio Cícero, usando Cipião como seu porta-voz, propôs brevemente o que é uma república e o que é um povo, e de acordo com muitos testemunhos, ambos de seus próprios lábios e daqueles que participaram desse mesmo debate – Roma nunca foi uma república, porque a verdadeira justiça nunca teve lugar nela. Mas aceitando as definições mais factíveis de república, admito que houve uma

república de certo tipo, e certamente muito melhor administrada pelos romanos mais antigos do que por seus representantes modernos. Mas o fato é que a verdadeira justiça não existe a não ser naquela república cujo fundador e governante é Cristo, se pelo menos alguém escolher chamá-la de república; e de fato não podemos negar que é o bem do povo. Mas se por acaso esse nome, que se tornou familiar em outras relações, for considerado estranho à nossa linguagem comum, podemos de qualquer maneira dizer que nesta cidade está a verdadeira justiça; a cidade da qual a Sagrada Escritura diz: "Coisas gloriosas são ditas de ti, ó cidade de Deus".

CAPÍTULO. 22.-QUE OS DEUSES ROMANOS NUNCA FIZERAM NADA PARA EVITAR QUE A REPÚBLICA SEJA ARRUINADA PELA IMORALIDADE

1. Mas o que é relevante para a presente questão é que, por mais admirável que nossos adversários digam que a república foi ou é, é certo que, pelo testemunho de seus próprios escritores mais eruditos, ela se tornou, muito antes da vinda de Cristo, totalmente perversos e dissolutos, e de fato não existiam, mas haviam sido destruídos pela devassidão. Para evitar isso, certamente esses deuses guardiões deveriam ter dado preceitos de moral e uma regra de vida ao povo por quem eram adorados em tantos templos, com tão grande variedade de sacerdotes e sacrifícios, com tantos e diversos ritos, tantas solenidades festivas, tantas celebrações de jogos magníficos. Mas em tudo isso os demônios só cuidavam de seus próprios interesses, e não se importavam com a forma como seus adoradores viviam, ou melhor, se esforçavam para induzi-los a levar uma vida abandonada, desde que pagassem esses tributos à sua honra e considerassem eles com medo. Se alguém negar isso, que ele apresente, que ele aponte, que ele leia as leis que os deuses deram contra a sedição e que os Gracos transgrediram quando confundiram tudo; ou aqueles que Marius, Cinna e Carbo quebraram quando envolveram seu país em guerras civis, mais iníquas e injustificáveis em suas causas, cruelmente conduzidas e ainda mais cruelmente encerradas; ou aqueles que Sylla

desprezou, cuja vida, caráter e ações, conforme descrito por Salústio e outros historiadores, são a aversão de toda a humanidade. Quem negará que naquela época a república estava extinta?

2. Possivelmente terão a ousadia de sugerir, em defesa dos deuses, que abandonaram a cidade por conta da devassidão dos cidadãos, segundo as linhas de Virgílio:

"Desaparecido de cada fane, cada santuário sagrado,

São aqueles que fizeram este reino divino."

Mas, em primeiro lugar, se é assim, então eles não podem reclamar contra a religião cristã, como se fosse aquela que ofendeu os deuses e os fez abandonar Roma, já que a imoralidade romana há muito expulsava dos altares da cidade uma nuvem de pequenos deuses, como muitas moscas. E, no entanto, onde estava essa multidão de divindades, quando, muito antes da corrupção da moral primitiva, Roma foi tomada e queimada pelos gauleses? Talvez estivessem presentes, mas adormecidos? Pois naquela época toda a cidade caiu nas mãos do inimigo, com a única exceção do monte Capitolino; e isso também teria sido levado, não fossem os gansos vigilantes que despertaram os deuses adormecidos! E isso deu ocasião ao festival do ganso, no qual Roma caiu quase na superstição dos egípcios, que adoram animais e pássaros. Mas desses males adventícios que são infligidos por exércitos hostis ou por algum desastre, e que se prendem mais ao corpo do que à alma, não estou discutindo. Atualmente falo da decadência da moral, que a princípio perdeu quase imperceptivelmente seu tom brilhante, mas depois foi totalmente obliterada, foi varrida como por uma torrente e envolveu a república em ruína tão desastrosa que, embora as casas e os lamentos permanecessem de pé os principais escritores não têm escrúpulos em dizer que a república foi destruída. Agora, a partida dos deuses "de cada fane, cada santuário sagrado", e seu abandono da cidade à destruição, era um ato de justiça, se suas leis inculcando justiça e uma vida moral tivessem sido desprezadas por aquela cidade. Mas que tipo de deuses eram esses, por favor, que se recusavam a viver com um

povo que os adorava e cuja vida corrupta eles não tinham feito nada para reformar?

CAPÍTULO. 23.-QUE AS VICISSITUDES DESTA VIDA SÃO DEPENDENTES NÃO DO FAVOR OU HOSTILIDADE DE DEMÔNIOS, MAS DA VONTADE DO VERDADEIRO DEUS

1. Mas, além disso, não é óbvio que os deuses favoreceram a realização dos desejos dos homens, em vez de refreá-los com autoridade? Para Marius, um homem de origem humilde e self-made, que impiedosamente provocou e conduziu guerras civis, foi tão eficazmente auxiliado por eles, que ele foi sete vezes cônsul, e morreu cheio de anos em seu sétimo cônsul, escapando das mãos de Sylla, que logo em seguida assumiu o poder. Por que, então, eles também não o ajudaram, de modo a impedi-lo de tantas enormidades? Pois se é dito que os deuses não tiveram participação em seu sucesso, não é uma admissão trivial de que um homem pode alcançar a tão cobiçada felicidade desta vida, mesmo que seus próprios deuses não sejam propícios; que os homens podem ser carregados com os dons da fortuna como Marius foi, podem desfrutar de saúde, poder, riqueza, honras, dignidade, comprimento de dias, embora os deuses sejam hostis a ele; e que, por outro lado, os homens podem ser atormentados como Regulus, com cativo, escravidão, miséria, vigílias, dor e morte cruel, embora os deuses sejam seus amigos. Admitir isso é fazer uma confissão resumida de que os deuses são inúteis e sua adoração supérflua. Se os deuses ensinaram ao povo antes o que vai contra as virtudes da alma, e aquela integridade da vida que encontra uma recompensa após a morte; se mesmo em relação às bênçãos temporais e transitórias não ferem aqueles a quem odeiam nem lucram a quem amam, por que são adorados, por que são invocados com tão ardente homenagem? Por que os homens murmuram em emergências difíceis e tristes, como se os deuses tivessem se retirado com raiva? e por que, por causa deles, a religião cristã é prejudicada pelas calúnias mais indignas? Se em questões temporais eles têm poder para o bem ou para o mal, por que ficaram ao lado de Mário, o pior dos cidadãos de

Roma, e abandonaram Régulo, o melhor? Isso não prova ser muito injusto e perverso? E mesmo que se suponha que por essa mesma razão eles devem ser temidos e adorados, isso é um erro; pois não vemos que Regulus os adorava menos assiduamente do que Marius. Tampouco é aparente que uma vida perversa deva ser escolhida, com base no fato de que os deuses deveriam ter favorecido mais Marius do que Regulus. Para Metellus, o mais estimado de todos os romanos, que teve cinco filhos no consulado, foi próspero ainda nesta vida; e Catilina, o pior dos homens, reduzido à pobreza e derrotado na guerra que sua própria culpa havia despertado, viveu e pereceu miseravelmente. A felicidade real e segura é a posse peculiar daqueles que adoram aquele Deus por quem somente ela pode ser conferida.

2. É assim evidente que, quando a república estava sendo destruída por costumes libertinos, seus deuses nada fizeram para impedir sua destruição pela direção ou correção de seus costumes, mas antes aceleraram sua destruição aumentando a desmoralização e a corrupção que já existiam. Eles não precisam fingir que sua bondade ficou chocada com a iniquidade da cidade e que se retiraram com raiva. Pois eles estavam lá, com certeza; são detectados, condenados: foram igualmente incapazes de romper o silêncio para orientar os outros e de calar para se esconder. Não me detenho no fato de que os habitantes de Minturnæ tiveram pena de Mário e o recomendaram à deusa Marica em seu bosque, para que ela lhe desse sucesso em todas as coisas, e isso do abismo de desespero em que ele então jazia ele imediatamente retornou ileso a Roma e entrou na cidade como líder implacável de um exército implacável; e aqueles que desejam saber quão sangrenta foi sua vitória, quão diferente de um cidadão, e quão mais implacável do que qualquer inimigo estrangeiro ele agiu, que leiam as histórias. Mas isso, como eu disse, não me detenho; nem atribuo a felicidade sangrenta de Marius, não sei a que deusa Minturniana [Marica], mas à providência secreta de Deus, para que as bocas de nossos adversários possam ser fechadas, e que aqueles que não são movidos pela paixão, mas pela consideração prudente dos eventos, pode ser libertado do erro. E mesmo que os demônios tenham algum poder nessas coisas, eles têm apenas o poder que o decreto

secreto do Todo-Poderoso lhes concede, para que não demos grande importância à prosperidade terrena, visto que muitas vezes é concedida até mesmo aos ímpios. homens como Marius; e que, por outro lado, não podemos considerá-lo um mal, pois vemos que muitos bons e piedosos adoradores do único Deus verdadeiro são, apesar dos demônios, preeminente bem-sucedidos; e, finalmente, para que não suponhamos que esses espíritos imundos devam ser propiciados ou temidos por causa de bênçãos ou calamidades terrenas: pois como os homens maus na terra não podem fazer tudo o que querem, também esses demônios não podem, mas apenas em na medida em que são permitidos pelo decreto dAquele cujos julgamentos são totalmente compreensíveis, justamente repreensíveis por ninguém.

CAPÍTULO. 24.-DOS ATOS DE SILA (SYLLA), NOS QUAIS OS DEMÔNIOS SE GABAVAM DE TER TIDO SUA AJUDA

1. É certo que Sila - cujo governo era tão cruel que, em comparação com ele, se lamentou o estado anterior de coisas que ele veio vingar - quando ele avançou para Roma para lutar contra Mário, achou os auspícios tão favoráveis quando ele sacrificou, que, segundo o relato de Lívio, o áugure Postúmio expressou sua vontade de perder a cabeça se Sila não, com a ajuda dos deuses, realizasse o que ele pretendia. Os deuses, você vê, não se afastaram de "todos os templos e santuários sagrados", pois ainda estavam prevendo a questão desses assuntos, e ainda assim não estavam tomando medidas para corrigir o próprio Sylla. Seus presságios lhe prometiam grande prosperidade, mas nenhuma ameaça deles subjugou suas más paixões. E então, quando ele estava na Ásia conduzindo a guerra contra Mitrídates, uma mensagem de Júpiter foi entregue a ele por Lúcio Tício, no sentido de que ele conquistaria Mitrídates; E assim aconteceu. E depois, quando ele estava pensando em voltar a Roma para vingar no sangue dos cidadãos as injúrias feitas a ele e seus amigos, uma segunda mensagem de Júpiter foi entregue a ele por um soldado da sexta legião, no sentido de que foi ele quem previu a vitória sobre Mitrídates, e que agora ele prometeu dar-lhe poder para recuperar a

república de seus inimigos, embora com grande derramamento de sangue. Sylla imediatamente perguntou ao soldado que forma lhe havia aparecido; e, em sua resposta, reconheceu que era o mesmo que Júpiter havia usado anteriormente para transmitir-lhe a certeza da vitória sobre Mitrídates. Como, então, os deuses podem ser justificados neste assunto pelo cuidado que tiveram em prever esses sucessos sombrios, e por sua negligência em corrigir Sylla e impedi-lo de desencadear uma guerra civil tão lamentável e atroz, que não apenas desfigurada, mas extinta, a república? A verdade é que, como tenho dito muitas vezes, e como as Escrituras nos informam, e como os próprios fatos indicam suficientemente, os demônios são encontrados para cuidar apenas de seus próprios fins, para que possam ser considerados e adorados como deuses, e que os homens possam ser induzido a oferecer a eles uma adoração que os associa a seus crimes e os envolve em uma maldade comum e julgamento de Deus.

2. Depois, quando Sylla chegou a Tarentum, e ali se sacrificou, ele viu na cabeça do fígado da vítima a semelhança de uma coroa de ouro. Então o mesmo adivinho Postumius interpretou isso como um sinal de vitória e ordenou que ele só comesse das vísceras. Pouco depois, o escravo de um certo Lúcio Pôncio gritou: "Sou o mensageiro de Belona; a vitória é sua, Sylla!" Então ele acrescentou que o Capitólio deveria ser queimado. Assim que ele fez essa previsão, ele deixou o acampamento, mas voltou no dia seguinte mais animado do que nunca e gritou: "O Capitólio está demitido!" E disparou de fato foi. Isso era fácil para um demônio prever e anunciar rapidamente. Mas observe, como relevante para o nosso assunto, que tipo de deuses são sob os quais esses homens desejam viver, que blasfemam do Salvador que livra as vontades dos fiéis do domínio dos demônios. O homem gritou em êxtase profético: "A vitória é sua, Sylla!" E para certificar que ele falava por um espírito divino, ele predisse também um evento que estava para acontecer em breve, e que de fato aconteceu, em um lugar de onde aquele em quem esse espírito estava falando estava muito distante. Mas ele nunca gritou: "Abandone suas vilanias, Sylla!" - as vilanias que foram cometidas em Roma por aquele vencedor a quem

uma coroa de ouro no fígado do bezerro foi mostrada como a evidência divina de sua vitória. Se tais sinais eram habitualmente enviados por deuses justos, e não por demônios perversos, então certamente as entranhas que ele consultou deveriam ter dado a Sylla uma indicação dos desastres cruéis que aconteceriam à cidade e a ele. Pois essa vitória não foi tão propícia à sua exaltação ao poder, quanto foi fatal à sua ambição; pois com isso ele se tornou tão insaciável em seus desejos e se tornou tão arrogante e imprudente pela prosperidade, que pode-se dizer que ele infligiu uma destruição moral a si mesmo do que uma destruição corporal a seus inimigos. Mas essas calamidades verdadeiramente lamentáveis e deploráveis os deuses não lhe deram nenhum indício prévio, nem por entranhas, augúrio, sonho ou previsão. Pois eles temiam mais sua emenda do que sua derrota. Sim, eles cuidaram bem para que esse glorioso conquistador de seus próprios concidadãos fosse conquistado e levado cativo por seus próprios vícios infames, e assim fosse o escravo mais submisso dos próprios demônios.

CAPÍTULO. 25.-COMO OS ESPÍRITOS MALIGNOS INCITAM OS HOMENS A AÇÕES PERVERSAS, DANDO-LHES A AUTORIDADE QUASE DIVINA

1. Agora, quem não compreende, a menos que tenha preferido imitar tais deuses em vez de, pela graça divina, retirar-se de sua comunhão, quem não vê com que avidez esses espíritos malignos se esforçam por seu exemplo para emprestar, como é foram, autoridade divina para o crime? Isso não é provado pelo fato de que eles foram vistos em uma vasta planície na Campânia ensaiando entre si a batalha que logo depois ocorreu lá com grande derramamento de sangue entre os exércitos de Roma? Pois a princípio ouviram-se altos ruídos de estrondo, e depois muitos relataram que tinham visto por alguns dias juntos dois exércitos envolvidos. E quando essa batalha cessou, eles encontraram o terreno todo recortado com as pegadas de homens e cavalos que um grande conflito deixaria. Se, então, as divindades estavam realmente lutando umas com as outras, as guerras civis dos

homens são suficientemente justificadas; no entanto, a propósito, observe-se que tais deuses combativos devem ser muito perversos ou muito miseráveis. Se, no entanto, era apenas uma luta simulada, o que eles pretendiam com isso, senão que as guerras civis dos romanos não parecessem maldade, mas uma imitação dos deuses? Pois as guerras civis já haviam começado; e antes disso, algumas batalhas lamentáveis e massacres execráveis ocorreram. Já muitos se comoveram com a história do soldado que, ao despojar os despojos de seu inimigo morto, reconheceu no cadáver despojado seu próprio irmão e, com profundas maldições sobre guerras civis, se matou ali mesmo no corpo de seu irmão. . Para disfarçar a amargura de tais tragédias e acender um ardor crescente nesta guerra monstruosa, esses demônios malignos, que eram reputados e adorados como deuses, caíram neste plano de se revelarem em estado de guerra civil, que nenhum remorso para concidadãos poderia fazer com que os romanos recuassem de tais batalhas, mas que a criminalidade humana pudesse ser justificada pelo exemplo divino. Por um ofício semelhante, também, esses espíritos malignos ordenaram que os entretenimentos cênicos, dos quais já falei, fossem instituídos e dedicados a eles. E nesses entretenimentos as composições poéticas e as ações do drama atribuíam tais iniquidades aos deuses, que qualquer um poderia imitá-las com segurança, quer acreditasse que os deuses realmente fizeram tais coisas, ou, não acreditando nisso, mas percebendo que eles muito ansiosamente desejava ser representado como tendo feito isso. E para que ninguém suponha que, ao representar os deuses lutando uns contra os outros, os poetas os caluniaram e lhes imputaram ações indignas, os próprios deuses, para completar o engano, confirmaram as composições dos poetas exibindo suas próprias batalhas aos olhos dos homens, não apenas por meio de ações nos teatros, mas em suas próprias pessoas no campo real.

2. Fomos forçados a apresentar esses fatos, porque seus autores não tiveram escrúpulos em dizer e escrever que a república romana já havia sido arruinada pelos hábitos morais depravados dos cidadãos e havia deixado de existir antes do advento de nosso Senhor Jesus Cristo. Agora, essa ruína eles não imputam aos seus próprios deuses,

embora imputem ao nosso Cristo os males desta vida, que não podem arruinar os homens bons, estejam eles vivos ou mortos. E isso eles fazem, embora nosso Cristo tenha emitido tantos preceitos inculcando a virtude e restringindo o vício; enquanto seus próprios deuses nada fizeram para preservar aquela república que os serviu, e para impedi-la da ruína por tais preceitos, mas antes apressaram sua destruição, corrompendo sua moral através de seu exemplo pestilento. Ninguém, imagino, terá agora a ousadia de dizer que a república foi então arruinada por causa da partida dos deuses "de cada fane, cada santuário sagrado", como se fossem amigos da virtude e ofendidos pela vícios dos homens. Não, há muitos presságios de entranhas, augúrios, adivinhos, pelos quais eles se proclamaram presunçosos de eventos futuros e controladores da fortuna da guerra - todos os quais provam que eles estiveram presentes. E se eles estivessem realmente ausentes, os romanos nunca nessas guerras civis teriam sido tão transportados por suas próprias paixões como foram pelas instigações desses deuses.

CAPÍTULO. 26.-QUE OS DEMÔNIOS DERAM EM SEGREDO CERTAS INSTRUÇÕES OBSCURAS DE MORAL, ENQUANTO EM PÚBLICO SUAS PRÓPRIAS SOLENIDADES INCULCAVAM TODA MALDADE

1. Visto que assim é, visto que os atos imundos e cruéis, as ações vergonhosas e criminosas dos deuses, reais ou fingidas, foram publicadas a seu pedido, e foram consagradas e consagradas em sua honra como sagradas e solenidades declaradas; vendo que juraram vingança contra aqueles que se recusaram a exhibi-los aos olhos de todos, para que fossem propostos como atos dignos de imitação, por que esses mesmos demônios, que, por se deleitam com tais obscenidades, se reconhecem impuros? espíritos, e deliciando-se com suas próprias vilanias e iniquidades, reais ou imaginárias, e pedindo ao imodesto e extorquindo do modesto a celebração desses atos licenciosos, proclamam-se instigadores de uma vida criminosa e lasciva; - ora, eu pergunte, eles são representados como dando alguns

bons preceitos morais a alguns de seus próprios eleitos, iniciados no segredo de seus santuários? Se for assim, isso só serve ainda mais para demonstrar o ofício malicioso desses espíritos pestilentos. Pois tão grande é a influência da probidade e castidade, que todos os homens, ou quase todos os homens, são movidos pelo elogio dessas virtudes; nem qualquer homem é tão depravado pelo vício, mas ele tem algum sentimento de honra deixado nele. De modo que, a menos que o diabo às vezes se transformasse, como diz a Escritura, em um anjo de luz, ele não poderia cumprir seu propósito enganoso. Assim, em público, uma impureza ousada enche os ouvidos do povo com clamor barulhento; em privado, uma castidade fingida fala em sussurros escassamente audíveis para alguns: um palco aberto é fornecido para coisas vergonhosas, mas sobre o louvável a cortina cai: a graça esconde, a desgraça ostenta: um ato perverso atrai uma casa transbordante, um discurso virtuoso encontra dificilmente um ouvinte, como se a pureza devesse ser envergonhada, a impureza se vangloriava. Onde mais pode reinar tal confusão, senão nos templos dos demônios? Onde, mas nas assombrações do engano? Pois os preceitos secretos são dados como um brinde aos virtuosos, que são poucos em número; os maus exemplos são exibidos para encorajar os viciosos, que são incontáveis.

2. Onde e quando os iniciados nos mistérios de Coelestis receberam boas instruções, não sabemos. O que sabemos é que, diante de seu santuário, no qual sua imagem está colocada, e em meio a uma vasta multidão reunida de todos os cantos, e amontoada, éramos espectadores intensamente interessados dos jogos que estavam acontecendo, e vimos, como nos agradou virar o olho, deste lado uma grande exibição de prostitutas, do outro a deusa virgem; vimos esta virgem ser adorada com orações e ritos obscenos. Lá não vimos mímicos envergonhados, nenhuma atriz sobrecarregada de modéstia; tudo o que os ritos obscenos exigiam foi totalmente cumprido. Foi-nos mostrado claramente o que era agradável à divindade virgem, e a matrona que testemunhou o espetáculo voltou para casa do templo uma mulher mais sábia. Algumas, de fato, das mulheres mais prudentes desviaram o rosto dos movimentos imodestos dos jogadores e aprenderam a arte da maldade com um olhar furtivo. Pois eles foram

impedidos, pelo comportamento modesto devido aos homens, de olhar com ousadia para os gestos imodestos; mas muito mais foram impedidos de condenar com coração casto os ritos sagrados daquela a quem adoravam. E, no entanto, essa licenciosidade - que, se praticada em casa, só poderia ser feita em segredo - era praticada como uma lição pública no templo; e se alguma modéstia permanecesse nos homens, ela se ocupava em maravilhar-se de que a maldade que os homens não podiam cometer irrestritamente fosse parte do ensino religioso dos deuses, e que omitir sua exibição deveria incorrer na ira dos deuses. Que espírito pode ser aquele que, por uma inspiração oculta, estimula a corrupção dos homens e os incita ao adultério, e se alimenta da iniquidade plena, a menos que seja o mesmo que se compraz em tais cerimônias religiosas, coloca nos templos imagens de demônios? , e gosta de ver em jogo as imagens dos vícios; que sussurra em segredo algumas palavras justas para enganar os poucos que são bons, e espalha em público convites à devassidão, para obter a posse dos milhões que são maus?

CAPÍTULO. 27.-QUE AS OBSCENIDADES DAS PEÇAS QUE OS ROMANOS CONSAGRARAM PARA PROPICIAR A SEUS DEUSES, CONTRIBUÍRAM EM GRANDE PARTE PARA A DECADÊNCIA DA ORDEM PÚBLICA

1. Cícero, homem de peso e filósofo à sua maneira, quando prestes a ser feito edile, queria que os cidadãos entendessem que, entre os outros deveres de sua magistratura, devia propiciar a Flora com a celebração de jogos. E esses jogos são considerados devotos em proporção à sua lascívia. Em outro lugar,² e quando ele era agora cônsul, e o estado em grande perigo, ele diz que os jogos foram celebrados por dez dias juntos, e que nada foi omitido que pudesse pacificar os deuses: como se não fosse mais satisfatório irritar os deuses pela temperança, do que pacificá-los pela devassidão; e provocar seu ódio por uma vida honesta, do que acalmá-lo por tal grosseria imprópria. Pois por mais cruel que fosse a ferocidade daqueles homens que ameaçavam o Estado, e por causa de quem os

deuses estavam sendo propiciados, não poderia ter sido mais prejudicial do que a aliança de deuses que foi conquistada com os mais imundos vícios. Para evitar o perigo que ameaçava os corpos dos homens, os deuses foram conciliados de uma maneira que expulsou a virtude de seus espíritos; e os deuses não se alistaram como defensores das ameias contra os sitiantes, antes de terem primeiro atacado e saqueado a moralidade dos cidadãos. Essa propiciação de tais divindades – uma propiciação tão lasciva, tão impura, tão imodesta, tão má, tão imunda, cujos atores a virtude inata e louvável dos romanos desprovidos de honras cívicas, apagados de sua tribo, reconhecidos como poluídos e tornados infames ;-essa propiciação, digo, tão suja, tão detestável e alheia a todo sentimento religioso, esses relatos fabulosos e enganosos das ações criminosas dos deuses, essas ações escandalosas que eles cometeram vergonhosamente e perversamente, ou mais vergonhosamente e perversamente fingido, tudo isso a cidade inteira aprendeu em público tanto pelas palavras quanto pelos gestos dos atores. Eles viram que os deuses se deleitavam com a comissão dessas coisas e, portanto, acreditavam que desejavam não apenas que fossem exibidos a eles, mas que fossem imitados por eles mesmos. Mas, quanto à instrução boa e honesta de que falam, foi dada em tal segredo, e a tão poucos (se de fato dada), que eles pareciam mais temer que fosse divulgado, do que que não pudesse ser praticado. .

CAPÍTULO. 28.-QUE A RELIGIÃO CRISTÃ CONDUZ A PIEIDADE

1. Eles, então, são apenas miseráveis abandonados e ingratos, em profunda e rápida escravidão a esse espírito maligno, que reclamam e murmuram que os homens são resgatados pelo nome de Cristo da escravidão infernal desses espíritos imundos, e de uma participação em sua punição, e são trazidos da noite da impiedade pestilenta para a luz da piedade mais saudável. Somente esses homens poderiam murmurar que as massas afluem às igrejas e seus atos castos de adoração, onde se observa uma separação de sexos decente; onde eles

aprendem como podem passar esta vida terrena, de modo a merecer uma eternidade abençoada no futuro; onde a Sagrada Escritura e a instrução na justiça são proclamadas de uma plataforma elevada na presença de todos, para que tanto os que praticam a palavra ouçam para sua salvação, como os que não a praticam ouçam para julgamento. E embora alguns entrem que zombam de tais preceitos, toda a sua petulância é extinta por uma mudança repentina, ou é restringida pelo medo ou vergonha. Pois nenhuma ação imunda e perversa é apresentada para ser contemplada ou imitada; mas ou os preceitos do verdadeiro Deus são recomendados, Seus milagres narrados, Seus dons louvados ou Seus benefícios implorados.

CAPÍTULO. 29.— UMA EXORTAÇÃO AOS ROMANOS A RENUNCIAREM AO PAGANISMO

1. Esta é, antes, a religião digna de seus desejos, ó admirável raça romana, a progênie de seus Scævolas e Scipios, de Regulus e de Fabricius. Essa cobiça, isso distingue daquela vaidade vil e malícia astuta dos demônios. Se há em sua natureza alguma virtude eminente, somente pela verdadeira piedade ela é purificada e aperfeiçoada, enquanto pela impiedade ela é destruída e punida. Escolha agora o que você buscará, para que seu louvor não esteja em você, mas no verdadeiro Deus, em quem não há erro. Para a glória popular você teve sua parte; mas pela providência secreta de Deus, a verdadeira religião não foi oferecida à sua escolha. Acordado, agora é dia; como você já despertou nas pessoas de alguns em cuja perfeita virtude e sofrimentos pela verdadeira fé nós nos gloriamos: pois eles, lutando por todos os lados com poderes hostis, e conquistando todos eles morrendo bravamente, compraram para nós este nosso país com seu sangue; para qual país vos convidamos e vos exortamos a acrescentar-vos ao número dos cidadãos desta cidade, que também tem um santuário próprio na verdadeira remissão dos pecados. Não dê ouvidos a esses seus filhos degenerados que caluniam a Cristo e os cristãos, e lhes imputam esses tempos desastrosos, embora desejem tempos em que possam desfrutar mais impunidade por sua maldade do que uma

vida pacífica. Tal nunca foi a ambição de Roma, mesmo em relação ao seu país terreno. Agarre-se agora ao país celestial, que é facilmente conquistado e no qual você reinará verdadeiramente e para sempre. Pois não encontrarás fogo vestal, nenhuma pedra Capitolina, mas o único Deus verdadeiro.

"Nenhuma data, nenhum objetivo aqui ordenará:

Mas conceda um reinado sem fim e sem limites."

2. Não mais, então, siga deuses falsos e enganosos; antes, abjure-os e despreze-os, explodindo em verdadeira liberdade. Deuses não são, mas espíritos malignos, para quem sua felicidade eterna será um doloroso castigo. Juno, de quem você deduz sua origem de acordo com a carne, não ressentiu tão amargamente as cidadelas de Roma para os troianos, como esses demônios, a quem vocês reputam deuses, rancoram um assento eterno para a raça humana. E tu mesmo não os julgaste com voz vacilante, quando os pacificou com jogos, e ainda assim considerou infames os homens pelos quais as peças foram representadas. Permita-nos, então, afirmar sua liberdade contra os espíritos imundos que impuseram em seu pescoço o jugo de celebrar sua própria vergonha e imundície. Os atores desses crimes divinos você removeu dos cargos de honra; suplicar ao verdadeiro Deus, para que ele possa remover de ti aqueles deuses que se deleitam em seus crimes – uma coisa muito vergonhosa se os crimes são realmente deles, e uma invenção muito maliciosa se os crimes são fingidos. Muito bem, pois baniste espontaneamente do número de teus cidadãos todos os atores e jogadores. Desperte mais plenamente: a majestade de Deus não pode ser propiciada por aquilo que macula a dignidade do homem. Como, então, você pode acreditar que os deuses que se comprazem em tais jogos lascivos pertencem ao número dos poderes sagrados do céu, quando os homens por quem essas peças são encenadas são por vós recusadas a admissão no número de cidadãos romanos, mesmo do mais baixo grau? Incomparavelmente mais gloriosa do que Roma, é aquela cidade celestial na qual para a vitória você tem a verdade; por dignidade, santidade; pela paz, felicidade; para a vida, a eternidade. Muito menos ela admite em sua sociedade tais deuses, se você se

envergonha de admitir em sua sociedade tais homens. Portanto, se você deseja alcançar a cidade abençoada, evite a sociedade dos demônios. Aqueles que são propiciados por atos de vergonha, são indignos da adoração de homens de coração reto. Que estes, então, sejam obliterados de sua adoração pela limpeza da religião cristã, como aqueles homens foram apagados de sua cidadania pela marca do censor.

Mas, no que diz respeito aos benefícios carnais, que são as únicas bênçãos que os ímpios desejam desfrutar, e às misérias carnais, que são as únicas que eles evitam suportar, mostraremos no livro seguinte que os demônios não têm o poder que deveriam ter. ; e embora eles o tivessem, devemos antes desprezar essas bênçãos, do que por causa deles adorar esses deuses, e ao adorá-los para perder a obtenção dessas bênçãos, eles nos ressentem. Mas que eles não têm nem mesmo esse poder que lhes é atribuído por aqueles que os adoram por causa de vantagens temporais, isso, digo, provarei no livro seguinte; então vamos encerrar aqui o presente argumento.

LIVRO III

ARGUMENTO

COMO NO LIVRO PRECEDENTE, AGOSTINHO PROVOU A RESPEITO DE CALAMIDADES MORAIS E ESPIRITUAIS, ASSIM NESTE LIVRO ELE PROVA A RESPEITO DE DESASTRES EXTERNOS E CORPORAIS, QUE DESDE A FUNDAÇÃO DA CIDADE OS ROMANOS TÊM ESTADO CONTINUAMENTE SUJEITOS A ELES; E QUE MESMO QUANDO OS FALSOS DEUSES ERAM ADORADOS SEM UM RIVAL, ANTES DO ADVENTO DE CRISTO, ELES NÃO DAVAM NENHUM ALÍVIO A TAIS CALAMIDADES.

CAPÍTULO. 1.-DOS MALES QUE SÓ OS ÍMPIOS TEMEM, E QUE O MUNDO SOFREU CONTINUAMENTE, MESMO QUANDO OS DEUSES ERAM ADORADOS

1. DOS males morais e espirituais, que estão acima de todos os outros a serem reprovados, acho que já foi dito o suficiente para mostrar que os falsos deuses não tomaram medidas para impedir que as pessoas que os adoravam fossem esmagadas por tais calamidades, mas sim agravou a ruína. Vejo que devo agora falar daqueles males que são os únicos temidos pelos pagãos – fome, pestilência, guerra, pilhagem, cativo, massacre e calamidades semelhantes, já enumeradas no primeiro livro. Pois os homens maus consideram más somente as coisas que não tornam os homens maus; nem enrubescem para louvar coisas boas, e ainda assim permanecerem más entre as coisas boas que louvam. Dói-lhes mais possuir uma casa ruim do que uma vida ruim, como se fosse o maior bem do homem ter tudo de bom, menos ele mesmo. Mas nem mesmo os males que eram temidos pelos pagãos eram repelidos por seus deuses, mesmo quando eram adorados sem restrições. Pois em vários tempos e lugares antes do advento de nosso Redentor, a raça humana foi esmagada por inúmeras e às vezes incríveis calamidades; e naquela época, a que deuses, senão esses, o

mundo adorava, se você exceto a nação dos hebreus, e, além deles, indivíduos como o mais secreto e mais justo julgamento de Deus considerados dignos da graça divina? Mas, para não ser prolixo, ficarei calado sobre as pesadas calamidades sofridas por quaisquer outras nações, e falarei apenas do que aconteceu com Roma e o Império Romano, ou seja, Roma propriamente dita, e aqueles terras que já, antes da vinda de Cristo, por aliança ou conquista se tornaram, por assim dizer, membros do corpo do Estado.

CAPÍTULO. 2.-SE OS DEUSES, A QUEM OS GREGOS E ROMANOS ADORAVAM EM COMUM, PODIAM OU NÃO PERMITIR A DESTRUIÇÃO DE TRÓIA E ÍLIO

1. Primeiro, então, por que Tróia ou Ílio, o berço do povo romano (pois não devo ignorar nem disfarçar o que abordei no primeiro livro), conquistada, tomada e destruída pelos gregos, embora estimada e adorada os mesmos deuses que eles? Príamo , alguns respondem, pagou a pena do perjúrio de seu pai Laomedon.³ Então é verdade que Laomedon contratou Apolo e Netuno como seus trabalhadores. Pois a história diz que ele lhes prometeu salários e depois quebrou o acordo. Eu me pergunto que o famoso adivinho Apolo trabalhou em um trabalho tão grande, e nunca suspeitou que Laomedon iria enganá-lo em seu pagamento. E também Netuno, seu tio, irmão de Júpiter, rei do mar, realmente não era decente que ignorasse o que estava para acontecer. Pois ele é apresentado por Homero (que viveu e escreveu antes da construção de Roma) como prevendo algo grandioso da posteridade de Enéias, que de fato fundou Roma. E como Homero diz, Netuno também resgatou Enéias em uma nuvem da ira de Aquiles, embora (de acordo com Virgílio)

'Toda a sua vontade era destruir

Sua própria criação, perjuro Troy.

Deuses, então, tão grandes como Apolo e Netuno, ignorando a fraude que iria defraudá-los de seus salários, construíram os muros de Tróia

para nada além de agradecimentos e pessoas ingratas. Pode haver alguma dúvida se não é um crime pior acreditar que tais pessoas são deuses, do que enganar tais deuses. Nem o próprio Homero deu total crédito à história; pois enquanto ele representa Netuno, de fato, como hostil aos troianos, ele apresenta Apolo como seu campeão, embora a história implique que ambos foram ofendidos por essa fraude. Se, portanto, eles acreditam em suas fábulas, deixe-os corar para adorar tais deuses; se eles desacreditam as fábulas, não se diga mais do "perjúrio de Tróia"; ou deixá-los explicar como os deuses odiavam Trojan, mas amavam o perjúrio romano. Pois como a conspiração de Catilina, mesmo em uma cidade tão grande e corrupta, encontrou um suprimento tão abundante de homens cujas mãos e línguas os sustentavam por perjúrio e brigas cívicas? O que mais, a não ser o perjúrio, corrompeu os julgamentos proferidos por tantos senadores? O que mais corrompeu os votos do povo e as decisões de todas as causas julgadas perante eles? Pois parece que a antiga prática de jurar foi preservada mesmo em meio à maior corrupção, não para restringir a maldade pelo medo religioso, mas para completar a história dos crimes acrescentando a do perjúrio.

CAPÍTULO. 3.-QUE OS DEUSES NÃO PODEM SE OFENDER PELO ADULTÉRIO DE PARIS, ESTE CRIME SENDO TÃO COMUM ENTRE SI

1. Não há fundamento, então, para representar os deuses (por quem, como dizem, esse império permaneceu, embora se prove que foram conquistados pelos gregos) como sendo enfurecidos com o perjúrio troiano. Tampouco, como outros novamente alegam em sua defesa, foi a indignação pelo adultério de Paris que os levou a retirar sua proteção de Tróia. Pois seu hábito é ser instigadores e instrutores no vício, não seus vingadores. "A cidade de Roma", diz Salústio, "foi primeiro construída e habitada, como ouvi, pelos troianos, que, voando seu país, sob a conduta de Enéias, vagaram sem fazer qualquer assentamento". Se, então, os deuses eram de opinião que o adultério de Paris deveria ser punido, eram principalmente os romanos, ou pelo

menos os romanos também, que deveriam ter sofrido; pois o adultério foi provocado pela mãe de Enéias. Mas como eles poderiam odiar em Paris um crime ao qual eles não faziam objeção em sua própria irmã Vênus, que (para não mencionar qualquer outro caso) cometeu adultério com Anquises, e assim se tornou a mãe de Enéias? Será porque num caso Menelau⁴ foi lesado, enquanto no outro Vulcano foi conivente com o crime? Pois os deuses, imagino, são tão pouco ciumentos de suas esposas, que não têm escrúpulos em compartilhá-los com os homens. Mas talvez eu seja suspeito de transformar os mitos em ridículo, e não tratar de um assunto tão pesado com suficiente gravidade. Bem, então, digamos que Enéias não é filho de Vênus. Estou disposto a admitir; mas Rômulo é mais filho de Marte? Por que não tanto um como o outro? Ou é lícito que os deuses tenham relações com as mulheres, e ilegal que os homens tenham relações com as deusas? Uma condição difícil, ou melhor, incrível, que o que foi permitido a Marte pela lei de Vênus, não deve ser permitido à própria Vênus por sua própria lei. No entanto, ambos os casos têm a autoridade de Roma; pois César nos tempos modernos acreditava não menos que era descendente de Vênus,⁶ do que o antigo Rômulo acreditava ser filho de Marte.

CAPÍTULO. 4.-DA OPINIÃO DO VARRO, QUE É ÚTIL PARA OS HOMENS FINGIR QUE SÃO DESCENDENTES DOS DEUSES

1. Alguém dirá: Mas você acredita em tudo isso? Não eu mesmo. Pois mesmo Varrão, um pagão muito instruído, quase admite que essas histórias são falsas, embora não diga isso com ousadia e confiança. Mas ele sustenta que é útil para os estados que homens corajosos acreditem, embora falsamente, que descendem dos deuses; pois assim o espírito humano, nutrindo a crença de sua descendência divina, se aventurará com mais ousadia em grandes empreendimentos e os realizará com mais energia e, portanto, por sua própria confiança, garantirá sucesso mais abundante. Você vê quão amplo é o campo aberto à falsidade por esta opinião de Varrão, que expressei tão bem

quanto pude em minhas próprias palavras; e como é compreensível que muitas das religiões e lendas sagradas sejam fingidas em uma comunidade em que se julgou proveitoso para os cidadãos que mentiras sejam ditas até mesmo sobre os próprios deuses.

CAPÍTULO. 5.-QUE NÃO É CREDÍVEL QUE OS DEUSES TENHAM PUNIDO O ADULTÉRIO DE PARIS, POIS NÃO DEMONSTRARAM INDIGNAÇÃO COM O ADULTÉRIO DA MÃE DE RÔMULO

1. Mas se Vênus poderia dar à luz Enéias a um pai humano Anquises, ou Marte gerar Rômulo da filha de Numitor, deixamos como questões não resolvidas. Pois nossas próprias Escrituras sugerem uma questão muito semelhante, se os anjos caídos tiveram relações sexuais com as filhas dos homens, pela qual a terra estava naquele tempo cheia de gigantes, isto é, com homens enormemente grandes e fortes. Por ora, então, limitarei minha discussão a este dilema: se o que seus livros relatam sobre a mãe de Enéias e o pai de Rômulo é verdade, como os deuses podem se desagradar com os homens por adultérios que, quando cometidos por eles mesmos, não excitar nenhum desprazer? Se for falso, nem mesmo neste caso os deuses podem ficar zangados por os homens realmente cometerem adultérios, que, mesmo quando falsamente atribuídos aos deuses, eles se deleitam. ser libertada da imputação, então a mãe de Rômulo é deixada desprotegida pelo pretexto de uma sedução divina. Pois Sylvia era uma sacerdotisa vestal, e os deuses deveriam vingar esse sacrilégio sobre os romanos com mais severidade do que o adultério de Paris contra os troianos. Pois mesmo os próprios romanos nos tempos primitivos costumavam ir tão longe a ponto de enterrar viva qualquer vestal que fosse detectada em adultério, enquanto as mulheres não consagradas, embora fossem punidas, nunca eram punidas com a morte por esse crime; e assim eles reivindicavam mais fervorosamente a pureza dos santuários que consideravam divinos, do que da cama humana.

CAPÍTULO. 6.-QUE OS DEUSES NÃO EXIGIRAM PENA PELO ATO FRATRICIDA DE RÔMULO

1. Acrescento outro exemplo: se os pecados dos homens enfureceram tanto essas divindades, que abandonaram Tróia ao fogo e à espada para punir o crime de Paris, o assassinato do irmão de Rômulo deveria tê-los indignado mais contra os romanos do que o a bajulação de um marido grego moveu-os contra os troianos: o fratricídio em uma cidade recém-nascida deveria tê-los provocado mais do que o adultério em uma cidade já florescente. Não faz diferença para a questão que agora discutimos, se Rômulo ordenou que seu irmão fosse morto ou o matou com sua própria mão; é um crime que muitos negam descaradamente, muitos por vergonha da dúvida, muitos disfarçados de dor. E não vamos parar para examinar e pesar os testemunhos de escritores históricos sobre o assunto. Todos concordam que o irmão de Rômulo foi morto, não por inimigos, nem por estranhos. Se foi Rômulo quem comandou ou cometeu esse crime; Rômulo era mais verdadeiramente o chefe dos romanos do que Paris dos troianos; Por que então aquele que levou a mulher de outro homem trouxe a ira dos deuses sobre os troianos, enquanto aquele que tirou a vida de seu irmão obteve a guarda desses mesmos deuses? Se, por outro lado, esse crime não foi cometido nem pela mão nem pela vontade de Rômulo, então toda a cidade é responsável por ele, porque não cuidou de sua punição, e assim cometeu não fratricídio, mas parricídio, que é pior. Pois ambos os irmãos foram os fundadores daquela cidade, da qual um foi por vilania impedido de ser governante. Tanto quanto vejo, então, nenhum mal pode ser atribuído a Tróia que justificou os deuses em abandoná-la à destruição, nem qualquer bem a Roma que explique que os deuses a visitaram com prosperidade; a menos que a verdade seja que eles fugiram de Tróia porque foram vencidos, e se dirigiram a Roma para praticar seus enganos característicos lá. No entanto, eles se mantiveram firmes em Tróia, para enganar os futuros habitantes que repovoaram essas terras: enquanto em Roma, por um exercício mais amplo de suas artes malignas, exultaram em honras mais abundantes.

CAPÍTULO. 7.-DA DESTRUIÇÃO DE ILIUM POR FIMBRIA, UM TENENTE DE MARIUS

1. E certamente podemos perguntar que mal fez o pobre Ilium, para que, no primeiro calor das guerras civis de Roma, sofresse nas mãos de Fimbria, o verdadeiro vilão entre os partidários de Marius, uma destruição mais feroz e cruel. do que o saco grego. Pois, quando os gregos a tomaram, muitos escaparam, e muitos que não escaparam tiveram que viver, embora em cativeiro. Mas Fimbria, desde o início, deu ordens para que nenhuma vida fosse poupada e queimou junto a cidade e todos os seus habitantes. Assim Ilium foi correspondida, não pelos gregos, a quem ela havia provocado por malfetorias; mas pelos romanos, que foram construídos a partir de suas ruínas; enquanto os deuses, adorados por ambos os lados, simplesmente nada faziam, ou, para falar mais corretamente, nada podiam fazer. É verdade que também nesta época, depois de Tróia ter reparado o dano causado pelo fogo grego, todos os deuses por cuja ajuda o reino estava, "abandonaram cada fane, cada santuário sagrado?"

Mas se for assim, pergunto o motivo; pois, a meu ver, a conduta dos deuses devia ser tão reprovada quanto a dos cidadãos aplaudida. Pois estes fecharam seus portões contra Fimbria, para que pudessem preservar a cidade para Sylla, e, portanto, foram queimados e consumidos pelo general enfurecido. Agora, até agora, a causa de Sylla era a mais digna das duas; pois até agora ele usou as armas para restaurar a república, e até agora suas boas intenções não encontraram reveses. Que coisa melhor, então, os troianos poderiam ter feito? O que há de mais honroso, de mais fiel a Roma, ou mais digno de seu parentesco, do que preservar sua cidade para a maior parte dos romanos e fechar suas portas contra um parricídio de seu país? Cabe aos defensores dos deuses considerar a ruína que essa conduta trouxe a Tróia. Os deuses abandonaram um povo adúltero e abandonaram Tróia ao fogo dos gregos, para que de suas cinzas surgisse uma Roma casta. Mas por que eles abandonaram pela segunda vez esta mesma cidade, agora aliada a Roma, e não guerreando contra sua nobre filha, mas preservando a mais firme e piedosa fidelidade à facção mais

justificável de Roma? Por que a entregaram para ser destruída, não pelos heróis gregos, mas pelo mais vil dos romanos? Ou, se os deuses não favoreceram a causa de Sila, pela qual os infelizes troianos mantiveram sua cidade, por que eles mesmos previram e prometeram a Sila tais sucessos? Devemos chamá-los de bajuladores dos afortunados, em vez de ajudantes dos miseráveis? Tróia não foi destruída, então, porque os deuses a abandonaram. Pois os demônios, sempre atentos para enganar, fizeram o que puderam. Pois, quando todas as estátuas foram derrubadas e queimadas junto com a cidade, Lívio nos diz que apenas a imagem de Minerva foi encontrada em pé ilesa entre as ruínas de seu templo; não que se possa dizer em seu louvor, "Os deuses que fizeram este reino divino", mas que não pode ser dito em sua defesa, Eles "foram de cada fane, cada santuário sagrado": pois essa maravilha foi permitida eles, não para que se prove que são poderosos, mas para que sejam convencidos de estarem presentes.

CAPÍTULO. 8.-SE ROMA DEVERIA TER SIDO CONFIADA AOS DEUSES DE TROIA?

1. Onde, então, estava a sabedoria de confiar Roma aos deuses troianos, que haviam demonstrado sua fraqueza na perda de Tróia? Alguém dirá que, quando Fimbria invadiu Tróia, os deuses já residiam em Roma? Como, então, a imagem de Minerva permaneceu de pé? Além disso, se estavam em Roma quando Fimbria destruiu Tróia, talvez estivessem em Tróia quando a própria Roma foi tomada e incendiada pelos gauleses. Mas como eles são muito aguçados na audição e muito rápidos em seus movimentos, eles vieram rapidamente ao cacarejar do ganso para defender pelo menos o Capitólio, embora para defender o resto da cidade eles demoraram muito para serem avisados.

CAPÍTULO. 9.-SE É CREDÍVEL QUE A PAZ DURANTE O REINADO DE NUMA FOI TRAZIDA PELOS DEUSES

1. Acredita-se também que foi com a ajuda dos deuses que o sucessor de Rômulo, Numa Pompílio, gozou de paz durante todo o seu reinado, e fechou as portas de Janus, que costumam ser mantidas abertas durante a guerra. E supõe-se que ele foi assim recompensado por nomear muitas observâncias religiosas entre os romanos. Certamente aquele rei teria ordenado nossos parabéns por tão raro lazer, se ele tivesse sido sábio o suficiente para gastá-lo em atividades saudáveis, e, subjungando uma curiosidade perniciosa, tivesse buscado o verdadeiro Deus com verdadeira piedade. Mas como era, os deuses não eram os autores de seu lazer; mas possivelmente o teriam enganado menos se o tivessem achado mais ocupado. Pois quanto mais desengajados o encontravam, mais eles mesmos ocupavam sua atenção. Varrão nos informa de todos os seus esforços e das artes que empregou para associar esses deuses a si mesmo e à cidade; e em seu próprio lugar, se Deus quiser, discutirei esses assuntos. Entretanto, enquanto falamos dos benefícios conferidos pelos deuses, admito prontamente que a paz é um grande benefício; mas é um benefício do verdadeiro Deus, que, como o sol, a chuva e outros suportes da vida, é frequentemente conferido aos ingratos e ímpios. Mas se essa grande dádiva foi conferida a Roma e Pompílio por seus deuses, por que eles nunca a concederam ao império romano durante períodos ainda mais meritórios? Os ritos sagrados foram mais eficazes na sua primeira instituição do que na sua celebração posterior? Mas eles não existiam no tempo de Numa, até que ele os adicionou ao ritual; considerando que depois eles já haviam sido celebrados e preservados, esse benefício poderia surgir deles. Como, então, aqueles quarenta e três, ou como outros preferem, trinta e nove anos do reinado de Numa, foram passados em paz ininterrupta, e ainda depois, quando o culto foi estabelecido, e os próprios deuses, que eram invocados por ela, foram os guardiões e patronos reconhecidos da cidade, dificilmente podemos encontrar durante todo o período, desde a construção da cidade até o reinado de Augusto, um ano - isto, isto é, que se seguiu ao encerramento da primeira guerra púnica - na qual, por maravilha, os romanos conseguiram fechar as portas da guerra?

CAPÍTULO. 10.-SE ERA DESEJÁVEL QUE O IMPÉRIO ROMANO FOSSE AUMENTADO POR UMA SUCESSÃO TÃO FURIOSA DE GUERRAS, QUANDO PODERIA TER SIDO TRANQUILO E SEGURO, SEGUINDO AS FORMAS PACÍFICAS DE NUMA

1. Eles respondem que o império romano nunca poderia ter sido tão amplamente estendido, nem tão glorioso, exceto por guerras constantes e ininterruptas? Um argumento adequado, realmente! Por que um reino deve ser distraído para ser grande? Neste pequeno mundo do corpo do homem, não é melhor ter uma estatura moderada e saúde com ela, do que atingir as enormes dimensões de um gigante por meio de tormentos não naturais, e quando você o alcança não encontra descanso, mas sofre quanto mais proporcional ao tamanho de seus membros? Que mal teria resultado, ou melhor, que bem não teria resultado, se tivessem continuado aqueles tempos que Salústio esboçou, quando diz: "A princípio os reis (pois esse foi o primeiro título de império no mundo) estavam divididos em seus sentimentos : uma parte cultivava a mente, outra o corpo: naquela época a vida dos homens era levada sem cobiça; cada um estava suficientemente satisfeito com a sua!" Era necessário, então, para a prosperidade de Roma, que o estado de coisas que Virgílio reprova devesse ter sucesso:

"Por fim, roubou em uma idade mais básica

E a raiva indomável da guerra,

E desejo ganancioso de ganho?"

Mas, obviamente, os romanos têm uma defesa plausível para empreender e levar a cabo guerras tão desastrosas, a saber, que a pressão de seus inimigos os obrigou a resistir, de modo que foram obrigados a lutar, não por qualquer ganância de aplausos humanos, mas por a necessidade de proteger a vida e a liberdade. Bem, deixe isso passar. Aqui está o relato de Salústio sobre o assunto: "Pois quando seu estado, enriquecido com leis, instituições, território, parecia abundantemente próspero e suficientemente poderoso, de acordo com

a lei ordinária da natureza humana, a opulência deu origem à inveja. os estados pegaram em armas e os atacaram. Alguns aliados prestaram assistência; os demais, amedrontados, mantiveram-se distantes dos perigos. Mas os romanos, vigilantes em casa e na guerra, foram ativos, fizeram preparativos, encorajaram uns aos outros, marcharam ao encontro inimigos, – protegidos pelas armas sua liberdade, país, país. Depois, quando eles repeliram os perigos por sua bravura, eles levaram ajuda a seus aliados e amigos, e conseguiram alianças mais concedendo do que recebendo favores”. Isso foi para construir a grandeza de Roma por meios honrosos. Mas, no reinado de Numa, eu saberia se a longa paz foi mantida apesar das incursões de vizinhos perversos, ou se essas incursões foram interrompidas para que a paz pudesse ser mantida? Pois se Roma foi assediada pelas guerras, e ainda assim não enfrentou a força com a força, os mesmos meios que ela usou para acalmar seus inimigos sem vencê-los na guerra, ou amedrontá-los com o início da batalha, ela poderia ter usado sempre, e reinaram em paz com as portas de Janus fechadas. E se isso não estava em seu poder, então Roma gozava de paz não por vontade de seus deuses, mas pela vontade de seus vizinhos, e apenas enquanto eles quisessem provocá-la sem guerra, a menos que talvez esses deuses lamentáveis ousará vender a um homem como seu favor o que não está em seu poder de conceder, mas na vontade de outro homem. Esses demônios, de fato, na medida em que são permitidos, podem aterrorizar ou incitar as mentes dos ímpios por sua própria maldade peculiar. Mas se eles sempre tivessem esse poder, e se nenhuma ação fosse tomada contra seus esforços por um poder mais secreto e superior, eles seriam supremos para dar a paz ou as vitórias da guerra, que quase sempre caem por alguma emoção humana, e muitas vezes em oposição à vontade dos deuses, como é provado não apenas pelas lendas mentirosas, que quase não sugerem ou significam qualquer grão de verdade, mas também pela própria história romana.

CAPÍTULO. 11.-DA ESTÁTUA DE APOLO EM CUMÆ, CUJAS LÁGRIMAS SUPOSTAMENTE TENHAM PREVISTO

DESASTRES PARA OS GREGOS, NO QUAL OS DEUSES NÃO FORAM CAPAZES DE SOCORRER

1. E é ainda esta fraqueza dos deuses que é confessada na história do Cuman Apolo, que se diz ter chorado durante quatro dias durante a guerra com os Aqueus e o rei Aristonicus. E quando os augúrios ficaram alarmados com o portento, e decidiram lançar a estátua ao mar, os velhos de Cumæ intervieram e relataram que um prodígio semelhante ocorreu à mesma imagem durante as guerras contra Antíoco e Perseu, e que por um decreto do Senado, presentes foram apresentados a Apolo, porque o evento se mostrou favorável aos romanos. Então, foram convocados adivinhos que deveriam ter maior habilidade profissional, e eles declararam que o choro da imagem de Apolo era propício aos romanos, porque Cumæ era uma colônia grega, e que Apolo estava lamentando (e, portanto, pressagiando) a dor e a calamidade que estava prestes a desembarcar em sua própria terra da Grécia, de onde ele havia sido trazido. Pouco depois, foi relatado que o rei Aristônico foi derrotado e feito prisioneiro - uma derrota certamente oposta à vontade de Apolo; e isso ele indicou até mesmo derramando lágrimas de sua imagem de mármore. E isso nos mostra que, embora os versos dos poetas sejam míticos, eles não são totalmente desprovidos de verdade, mas descrevem os costumes dos demônios em um estilo suficientemente adequado. Pois em Virgílio, Diana chorou por Camilla, e Hércules chorou por Palas condenada à morte.² Talvez seja por isso que Numa Pompílio também, gozando de uma paz prolongada, mas sem saber ou perguntar de quem a recebeu, começou em seu tempo para considerar a que deuses ele deve confiar a guarda e a conduta de Roma, e não sonhando que o Deus verdadeiro, todo-poderoso e altíssimo cuida dos assuntos terrestres, mas lembrando apenas que os deuses troianos que Enéias trouxe para a Itália tinham não conseguiu preservar nem o reino troiano nem o laviniano fundado pelo próprio Enéias, concluiu que deveria fornecer outros deuses como guardiões dos fugitivos e ajudantes dos fracos, e adicioná-los às divindades anteriores que vieram para Roma com Rômulo ou quando Alba foi destruída.

CAPÍTULO. 12.-QUE OS ROMANOS ADICIONARAM UM GRANDE NÚMERO DE DEUSES AOS INTRODUZIDOS PELO NUMA, E QUE SEUS NÚMEROS NÃO OS AJUDARAM EM NADA

1. Mas embora Pompílio tenha introduzido um ritual tão amplo, Roma não achou por bem se contentar com ele. Pois o próprio Júpiter ainda não tinha seu templo principal, sendo o rei Tarqu quem construiu o Capitólio. E Esculápio partiu de Epidauro para Roma, a fim de que nesta primeira cidade ele pudesse ter um campo melhor para o exercício de sua grande habilidade médica. A mãe dos deuses também veio não sei de onde de Pessinuns; sendo impróprio que, enquanto seu filho presidiu o monte Capitolino, ela mesma se escondesse na obscuridade. Mas se ela é a mãe de todos os deuses, ela não apenas seguiu alguns de seus filhos para Roma, mas deixou outros para segui-la. Eu me pergunto, de fato, se ela era a mãe de Cynocephalus, que muito tempo depois veio do Egito. Se também a deusa Febre era sua descendência, é uma questão para seu neto Esculápio decidir. Mas de qualquer raça que ela seja, os deuses estrangeiros não presumirão, acredito, chamar uma deusa nascida de base que seja cidadã romana. Quem pode numerar as divindades a quem foi confiada a tutela de Roma? Indígenas e importados, ambos do céu, da terra, do inferno, dos mares, das fontes, dos rios; e, como diz Varrão, deuses certos e incertos, masculino e feminino: pois, como entre os animais, também entre todos os tipos de deuses existem essas distinções. Roma, então, desfrutando da proteção de tal nuvem de divindades, certamente poderia ter sido preservada de algumas dessas grandes e horríveis calamidades, das quais posso mencionar apenas algumas. Pois pela grande fumaça de seus altares ela convocou para sua proteção, como por um farol de fogo, uma multidão de deuses, para os quais ela designou e manteve templos, altares, sacrifícios, sacerdotes, e assim ofendeu o Deus verdadeiro e altíssimo, a quem somente todo este cerimonial é legalmente devido. E, de fato, ela era mais próspera quando tinha menos deuses; mas quanto maior ela se tornava, mais

deuses ela achava que deveria ter, já que o navio maior precisa ser tripulado por uma tripulação maior. Suponho que ela tenha se desesperado com o número menor, sob cuja proteção ela passou dias comparativamente felizes, sendo capaz de defender sua grandeza. Pois mesmo sob os reis (com exceção de Numa Pompílio, de quem já falei), quão perversa deve ter existido uma disputa por ocasião da morte do irmão de Rômulo!

CAPÍTULO. 13.-POR QUE DIREITO OU ACORDO OS ROMANOS OBTIVERAM SUAS PRIMEIRAS ESPOSAS

1. Como é que nem Juno, que com seu marido Júpiter até então

"Os filhos de Roma, a nação do vestido",

nem a própria Vênus, poderia ajudar os filhos do amado Enéias a encontrar esposas por algum meio justo e equitativo? Pois a falta disso implicou aos romanos a lamentável necessidade de roubar suas esposas e depois travar guerra com seus sogros; de modo que as mulheres miseráveis, antes de se recuperarem do mal cometido por seus maridos, foram doadas com o sangue de seus pais. "Mas os romanos conquistaram seus vizinhos." Sim; mas com que feridas de ambos os lados, e com que triste matança de parentes e vizinhos! A guerra de César e Pompeu foi a disputa de apenas um sogro com um genro; e antes de começar, a filha de César, esposa de Pompeu, já estava morta. Mas com que viva e justa acento de dor Lucano exclama: "Eu canto isso pior do que a guerra civil travada nas planícies de Emathia, e na qual o crime foi justificado pela vitória!"

Os romanos, então, conquistaram para que pudessem, com as mãos manchadas de sangue de seus sogros, arrancar do abraço as meninas miseráveis, que não ousavam chorar por seus pais mortos, por medo de ofender seus maridos vitoriosos. ; e enquanto ainda a batalha estava sendo travada, ficaram com suas orações em seus lábios, e não sabiam por quem pronunciá-las. Essas núpcias certamente foram preparadas para o povo romano não por Vênus, mas por Belona; ou

talvez aquela fúria infernal de Alecto tivesse mais liberdade para feri-los agora que Juno os ajudava, do que quando as orações daquela deusa a excitaram contra Enéias. Andrômaca em cativeiro era mais feliz do que essas noivas romanas. Pois embora ela fosse uma escrava, ainda assim, depois que ela se tornou a esposa de Pirro, nenhum troiano caiu por suas mãos; mas os romanos mataram em batalha os próprios pais das noivas que acariciavam. Andrômaca, cativa do vencedor, só podia lamentar, não temer, a morte de seu povo. As sabinas, aparentadas com homens ainda combatentes, temiam a morte de seus pais quando seus maridos saíam para a batalha e lamentavam sua morte quando voltavam, enquanto nem sua dor nem seu medo podiam ser expressos livremente. Pois as vitórias de seus maridos, envolvendo a destruição de concidadãos, parentes, irmãos, pais, causavam ou uma agonia piedosa ou uma exultação cruel. Além disso, como a sorte da guerra é caprichosa, algumas delas perderam seus maridos pela espada de seus pais, enquanto outras perderam marido e pai juntos em destruição mútua. Pois os romanos não escaparam impunemente, mas foram expulsos para dentro de seus muros e se defenderam atrás de portões fechados; e quando os portões foram abertos pela astúcia, e o inimigo admitido na cidade, o próprio Fórum foi o campo de um combate odioso e feroz de sogros e genros. Os violadores foram realmente derrotados e, voando por todos os lados para suas casas, mancharam com nova vergonha seu triunfo original, vergonhoso e lamentável. Foi nessa conjuntura que Rômulo, não esperando mais do valor de seus cidadãos, rogou a Júpiter que eles pudessem se manter firmes; e desta ocasião o deus ganhou o nome de Estator. Mas nem assim teria terminado o mal, se as próprias mulheres violentadas não tivessem reluzido com os cabelos desgrenhados, e se lançado diante de seus pais, e assim desarmado sua justa raiva, não com os braços da vitória, mas com as súplicas de filiação. afeição. Então Rômulo, que não podia tolerar seu próprio irmão como colega, foi obrigado a aceitar Tito Tácio, rei dos sabinos, como seu parceiro no trono. Mas por quanto tempo aquele que não gostava do companheirismo de seu próprio irmão gêmeo suportaria um estranho? Assim, Tácio sendo morto, Rômulo permaneceu o único rei, para que ele pudesse ser o deus maior. Veja que direitos de

casamento eram esses que fomentavam guerras não naturais. Estas eram as ligas romanas de parentesco, relacionamento, aliança, religião. Esta era a vida da cidade tão abundantemente protegida pelos deuses. Você vê quantas coisas severas podem ser ditas sobre este tema; mas nosso propósito nos leva além deles e requer nosso discurso para outros assuntos.

CAPÍTULO. 14.-DA PERVERSIDADE DA GUERRA TRAVADA PELOS ROMANOS CONTRA OS ALBANOS, E DAS VITÓRIAS OBTIDAS PELA LUXÚRIA DE PODER

1. Mas o que aconteceu depois do reinado de Numa, e sob os outros reis, quando os albaneses foram provocados à guerra, com tristes resultados não só para eles, mas também para os romanos? A longa paz de Numa tornou-se tediosa; e com que interminável matança e detrimento de ambos os estados os exércitos romano e albanos o puseram fim! Pois Alba, que havia sido fundada por Ascânio, filho de Enéias, e que era mais propriamente a mãe de Roma do que a própria Tróia, foi provocada para a batalha por Tullus Hostilius, rei de Roma, e no conflito infligiu e recebeu tais danos, que finalmente ambas as partes se cansaram da luta. Foi então concebido que a guerra deveria ser decidida pelo combate de três irmãos gêmeos de cada exército: dos romanos os três Horácios avançaram, dos Albanos os três Curiácios. Dois dos Horácios foram vencidos e eliminados pelos Curiácios; mas pelo Horácio restante, os três Curiácios foram mortos. Assim Roma permaneceu vitoriosa, mas com tal sacrifício que apenas um sobrevivente voltou para sua casa. De quem foi a perda de ambos os lados? De quem é a dor, senão da descendência de Enéias, os descendentes de Ascânio, a descendência de Vênus, os netos de Júpiter? Para isso, também, foi uma guerra "pior que civil", na qual os estados beligerantes eram mãe e filha. E a este combate dos três irmãos gêmeos acrescentou-se outra catástrofe atroz e horrível. Pois como as duas nações haviam sido anteriormente amigas (sendo parentes e vizinhas), a irmã dos Horácios havia sido prometida a um dos Curiácios; e ela, quando viu seu irmão usando os espólios de seu

noivo, desatou a chorar e foi morta por seu próprio irmão em sua ira. Para mim, essa garota parece ter sido mais humana do que todo o povo romano. Não posso culpá-la por lamentar o homem a quem já havia jurado sua fidelidade, ou, como talvez estivesse fazendo, por lamentar que seu irmão o tivesse matado a quem havia prometido à irmã. Por que louvamos a dor de Enéias (em Virgílio) pelo inimigo abatido até por sua própria mão? Por que Marcelo derramou lágrimas sobre a cidade de Siracusa, quando se lembrou, pouco antes de destruir, sua magnificência e glória meridiana, e pensou sobre o destino comum de todas as coisas? Exijo, em nome da humanidade, que se os homens são elogiados pelas lágrimas derramadas sobre os inimigos conquistados por eles mesmos, uma garota fraca não seja considerada criminosa por lamentar seu amante massacrado pela mão de seu irmão. Enquanto, então, aquela donzela chorava pela morte de seu noivo infligida pela mão de seu irmão, Roma regozijava-se por tamanha devastação ter sido feita em seu estado de mãe, e por ela ter comprado uma vitória com tal gasto do sangue comum de ela e os albaneses.

2. Por que me alegam os meros nomes e palavras de "glória" e "vitória?" Rasgue o disfarce da ilusão selvagem e olhe para os atos nus: pese-os nus, julgue-os nus. Que a acusação seja feita contra Alba, como Troy foi acusado de adultério. Não existe tal acusação, nenhuma como esta encontrada: a guerra foi desencadeada apenas para que houvesse

"Pode soar em ouvidos lânguidos o grito

De Tullus e de vitória."

Esse vício de ambição inquieta foi o único motivo dessa guerra social e parricida, um vício que Salústio marca de passagem; pois quando ele falou com elogios breves, mas calorosos, daqueles tempos primitivos em que a vida era passada sem cobiça, e todos estavam suficientemente satisfeitos com o que tinham, ele continua: "Mas depois de Ciro na Ásia, e os lacedemônios e atenienses na Grécia, começou a subjugar cidades e nações, e a considerar a luxúria da

soberania um motivo suficiente para a guerra, e a reconhecer que a maior glória consistia no maior império;" e assim por diante, pois não preciso citar agora. Este desejo de soberania perturba e consome a raça humana com males terríveis. Por essa luxúria, Roma foi vencida quando triunfou sobre Alba e, louvando seu próprio crime, chamou-o de glória. Pois, como dizem nossas Escrituras, "o ímpio se gloria do desejo do seu coração e abençoa o avarento, a quem o Senhor abomina". Que nenhum homem me diga que este e aquele foi um "grande" homem, porque lutou e conquistou tal e tal. Gladiadores lutam e conquistam, e essa barbárie tem seu mérito de louvor; mas acho que é melhor arcar com as consequências de qualquer preguiça do que buscar a glória conquistada por tais armas. E se dois gladiadores entrassem na arena para lutar, um sendo pai, o outro seu filho, quem suportaria tal espetáculo? quem não se revoltaria com isso? Como, então, poderia ser uma guerra gloriosa que um estado-filha travou contra sua mãe? Ou fazia diferença que o campo de batalha não fosse uma arena e que as vastas planícies estivessem cheias de carcaças não de dois gladiadores, mas de muitas flores de duas nações; e que essas competições foram vistas não pelo anfiteatro, mas por todo o mundo, e forneceram um espetáculo profano tanto para os vivos na época quanto para sua posteridade, enquanto a fama for proferida?

3. No entanto, esses deuses, guardiões do império romano e, por assim dizer, espectadores teatrais de tais competições como essas, não ficaram satisfeitos até que a irmã dos Horácios foi adicionada pela espada de seu irmão como uma terceira vítima do lado romano, de modo que a própria Roma, embora tenha ganhado o dia, deveria ter tantas mortes para lamentar. Depois, como fruto da vitória, Alba foi destruída, embora ali os deuses troianos formassem um terceiro asilo depois que Ilium foi saqueado pelos gregos, e depois que eles deixaram Lavinium, onde Enéias fundou um reino em uma terra de banimento. Mas provavelmente Alba foi destruída porque dela também os deuses haviam migrado, como sempre, como diz Virgílio:

"Desaparecido de cada fane, cada santuário sagrado,

São aqueles que fizeram este reino divino."

Foi-se, de fato, e a partir de agora seu terceiro asilo, para que Roma parecesse ainda mais sábia em se comprometer com eles depois de terem desertado três outras cidades. Alba, cujo rei Amúlio havia banido seu irmão, os desagradou; Roma, cujo rei Rômulo havia matado seu irmão, os agradou. Mas antes de Alba ser destruída, sua população, dizem eles, foi amalgamada com os habitantes de Roma, de modo que as duas cidades eram uma. Bem, admitindo que fosse assim, permanece o fato de que a cidade de Ascânio, o terceiro retiro dos deuses troianos, foi destruída pela cidade-filha. Além disso, para efetuar esse lamentável conglomerado de resquícios da guerra, muito sangue foi derramado de ambos os lados. E como falarei em detalhes das mesmas guerras, tantas vezes renovadas em reinados subsequentes, embora parecessem ter sido terminadas por grandes vitórias; e de guerras que de tempos em tempos foram encerradas por grandes matanças, e que ainda de tempos em tempos foram renovadas pela posteridade daqueles que fizeram a paz e firmaram tratados? Desta história calamitosa não temos uma pequena prova, no fato de que nenhum rei subsequente fechou os portões da guerra; e, portanto, com todos os seus deuses tutelares, nenhum deles reinou em paz.

CAPÍTULO. 15.-QUE MODO DE VIDA E MORTE OS REIS ROMANOS TINHAM

1. E qual foi o fim dos próprios reis? De Rômulo, uma lenda lisonjeira nos diz que ele foi elevado ao céu. Mas certos historiadores romanos relatam que ele foi despedaçado pelo Senado por sua ferocidade, e que um homem, Júlio Próculo, foi subornado para revelar que Rômulo havia aparecido a ele, e por meio dele ordenou ao povo romano que o adorasse como um Deus; e que assim o povo, que começava a se ressentir da ação do senado, foi acalmado e pacificado. Pois um eclipse do sol também havia acontecido; e isso foi atribuído ao poder divino de Rômulo pela multidão ignorante, que não sabia que era causado pelas leis fixas do curso do sol: embora essa dor do sol pudesse ser

considerada prova de que Rômulo havia sido morto , e que o crime foi indicado por essa privação da luz do sol; como, na verdade, foi o caso quando o Senhor foi crucificado pela crueldade e impiedade dos judeus. Pois está suficientemente demonstrado que este último obscurecimento do sol não ocorreu pelas leis naturais dos corpos celestes, porque era então a Páscoa judaica, que é celebrada apenas na lua cheia, enquanto os eclipses naturais do sol acontecem apenas na último quarto da lua. Cícero também mostra claramente que a apoteose de Rômulo era imaginária e não real, quando, mesmo enquanto o elogia em uma das observações de Cipião no De Republica, ele diz: "Tal reputação ele tinha adquirido, que quando ele subitamente desaparecido durante um eclipse do sol, ele deveria ter sido assumido no número dos deuses, o que não poderia ser suposto de nenhum mortal que não tivesse a mais alta reputação de virtude. Por essas palavras, "ele desapareceu de repente", devemos entender que ele foi misteriosamente eliminado pela violência da tempestade ou de um ataque assassino. Pois seus outros escritores falam não apenas de um eclipse, mas também de uma tempestade repentina, que certamente deu oportunidade para o crime ou acabou com Rômulo. E de Tullus Hostilius, que foi o terceiro rei de Roma, e que foi ele próprio destruído por um raio, Cícero no mesmo livro diz que "ele não deveria ter sido divinizado por esta morte, possivelmente porque os romanos não estavam dispostos a vulgarizar a promoção que lhes foi assegurada ou persuadida no caso de Rômulo, para que não a desprezassem, atribuindo-a gratuitamente a todos." Em uma de suas invectivas,² também, ele diz, em termos redondos: "O fundador desta cidade, Rômulo, nós elevamos à imortalidade e divindade ao celebrar gentilmente seus serviços"; implicando que sua deificação não era real, mas reputada, e assim chamada por cortesia por causa de suas virtudes. No diálogo Hortênsio. também, ao falar dos eclipses regulares do sol, ele diz que eles "produzem a mesma escuridão que cobriu a morte de Rômulo, que aconteceu durante um eclipse do sol". Aqui você vê que ele não hesita em falar de sua "morte", pois Cícero era mais um raciocinador do que um elogiador.

2. Os outros reis de Roma também, com exceção de Numa Pompílio e

Ancus Marcius, que morreram de morte natural, que fim horrível eles tiveram! Tullus Hostilius, o conquistador e destruidor de Alba, foi, como eu disse, ele e toda a sua casa consumidos por um raio. Prisco Tarquínio foi morto pelos filhos de seu antecessor. Servius Tullius foi assassinado por seu genro Tarquinius Super-bus, que o sucedeu no trono. Tampouco um parricídio tão flagrante cometido contra o melhor rei de Roma expulsou de seus altares e santuários aqueles deuses que teriam sido movidos pelo adultério de Paris para tratar a pobre Tróia neste estilo e abandoná-la ao fogo e à espada dos gregos. Não, o próprio Tarquínio que havia assassinado, foi autorizado a suceder seu sogro. E este infame parricídio, durante o reinado que ele havia assegurado por assassinato, pôde triunfar em muitas guerras vitoriosas e construir o Capitólio com seus despojos; os deuses, entretanto, não partindo, mas permanecendo, e apoiando, e deixando seu rei Júpiter presidir e reinar sobre eles naquele esplêndido Capitólio, obra de um parricídio. Pois ele não construiu o Capitólio nos dias de sua inocência e depois sofreu banimento por crimes subsequentes; mas para aquele reinado durante o qual ele construiu o Capitólio, ele ganhou seu caminho por um crime não natural. E quando ele foi posteriormente banido pelos romanos e proibido a cidade, não foi por sua própria maldade, mas de seu filho no caso de Lucrecia – um crime perpetrado não apenas sem seu conhecimento, mas em sua ausência. Pois naquela época ele estava sitiando Ardea e lutando nas batalhas de Roma; e não podemos dizer o que ele teria feito se soubesse do crime de seu filho. Não obstante, embora sua opinião não tenha sido investigada nem apurada, o povo o despojou da realeza; e quando ele voltou a Roma com seu exército, foi admitido, mas ele foi excluído, abandonado por suas tropas, e os portões se fecharam em seu rosto. E, no entanto, depois de ter apelado para os estados vizinhos e atormentado os romanos com guerras calamitosas, mas sem sucesso, e quando foi abandonado pelo aliado de quem mais dependia, desesperado por recuperar o reino, viveu uma vida retirada e tranquila por catorze anos, como é relatado, em Tusculum, uma cidade romana, onde envelheceu na companhia de sua esposa, e finalmente terminou seus dias de uma maneira muito mais desejável do que seu sogro, que havia morrido nas mãos de seu genro; sua

própria filha sendo cúmplice, se o relato for verdadeiro. E a este Tarquínio os romanos chamavam, não o Cruel, nem o Infame, mas o Orgulhoso; seu próprio orgulho talvez se ressentindo de seus ares tirânicos. Tão pouco eles deram por ele assassinar seu melhor rei, seu próprio sogro, que o elegeram seu próprio rei. Eu me pergunto se não era ainda mais criminoso neles recompensar tão generosamente um criminoso tão grande. E, no entanto, não havia nenhuma palavra dos deuses abandonando os altares; a menos que, talvez, alguém diga em defesa dos deuses que eles permaneceram em Roma para punir os romanos, em vez de ajudá-los e lucrar com eles, seduzindo-os com vitórias vazias e desgastando-os com guerras severas. Tal foi a vida dos romanos sob os reis durante a tão elogiada época do estado que se estende até a expulsão de Tarquínio Superbus no ano 243, durante a qual todas aquelas vitórias, que foram compradas com tanto sangue e tantos desastres, dificilmente empurrou o domínio de Roma a vinte milhas da cidade; um território que de forma alguma poderia ser comparado com o de qualquer pequeno estado gætuliano.

CAPÍTULO. 16.-DOS PRIMEIROS CÔNSULES ROMANOS, UM DOS QUAIS EXPULSOU O OUTRO DO PAÍS, E POUCO DEPOIS PERECEU EM ROMA PELAS MÃOS DE UM INIMIGO FERIDO, E ASSIM TERMINOU UMA CARREIRA DE ASSASSINATOS NÃO NATURAIS

1. A esta época acrescentemos também aquela de que Salústio diz, que foi ordenada com justiça e moderação, enquanto o medo de Tarquínio e de uma guerra com a Etrúria era iminente. Enquanto os etruscos ajudaram os esforços de Tarquínio para recuperar o trono, Roma foi convulsionada por uma guerra angustiante. E por isso diz que o Estado foi ordenado com justiça e moderação, pela pressão do medo, não pela influência da equidade. E neste período muito breve, quão calamitoso foi o ano em que os cônsules foram criados pela primeira vez, quando o poder real foi abolido! Não cumpriram o mandato. Pois Junius Brutus privou seu colega Lucius Tarquinius Collatinus e o baniu da cidade; e pouco depois ele mesmo caiu em batalha, matando

e matando ao mesmo tempo, tendo anteriormente matado seus próprios filhos e seus cunhados, porque descobriu que eles estavam conspirando para restaurar Tarquínio. É esse feito que Virgílio estremece ao registrar, mesmo quando parece elogiá-lo; pois quando ele diz:

"E chame sua própria semente rebelde

Para que a liberdade ameaçada sangue",

ele imediatamente exclama,

"Pai infeliz!

A ação será julgada depois de dias;"

isto é, que a posteridade julgue o feito como bem entender, que elogie e enalteça o pai que matou seus filhos, ele é infeliz. E então acrescenta, como para consolar um homem tão infeliz:

"O amor de seu país tudo suportará,

E sede inextinguível de louvor."

No final trágico de Bruto, que matou seus próprios filhos, e embora ele tenha matado seu inimigo, filho de Tarquínio, ainda não conseguiu sobreviver a ele, mas foi sobrevivido por Tarquínio o mais velho, a inocência de seu colega Colatino não parece ser justificada, quem, sendo um bom cidadão, sofreu o mesmo castigo que o próprio Tarquínio, quando esse tirano foi banido? Pois se diz que o próprio Brutus era parente de Tarquínio. Mas Colatino teve a infelicidade de carregar não apenas o sangue, mas o nome de Tarquínio. Mudar seu nome, então, não seu país, teria sido sua penalidade adequada: abreviar seu nome por essa palavra e ser chamado simplesmente de L. Collatinus. Mas ele não foi obrigado a perder o que podia perder sem prejuízo, mas foi destituído da honra do primeiro consulado e foi banido da terra que amava. É esta, então, a glória de Brutus, esta injustiça, ao mesmo tempo detestável e inútil para a república? Foi para isso que ele foi levado pelo "amor de seu país e sede inextinguível

de louvor?"

Quando o tirano Tarquínio foi expulso, L. Tarquínio Colatino, marido de Lucrecia, foi criado cônsul junto com Bruto. Como o povo agiu com justiça, olhando mais para o caráter do que para o nome de um cidadão! Quão injustamente agiu Bruto, ao privar de honra e pátria seu colega naquele novo cargo, a quem ele poderia ter privado de seu nome, se fosse tão ofensivo para ele! Tais foram os males, tais os desastres, que aconteceram quando o governo foi "ordenado com justiça e moderação". Também Lucrécio, que sucedeu a Brutus, foi morto por uma doença antes do final daquele mesmo ano. Assim P. Valério, que sucedeu a Colatino, e M. Horácio, que preencheu a vaga ocasionada pela morte de Lucrécio, completaram aquele ano funéreo e desastroso, que teve cinco cônsules. Tal foi o ano em que a república romana inaugurou a nova honra e cargo do consulado.

CAPÍTULO. 17.-DOS DESASTRES QUE VEXARAM A REPÚBLICA ROMANA APÓS A INAUGURAÇÃO DO CONSULADO, E DA NÃO INTERVENÇÃO DOS DEUSES DE ROMA

1. Depois disso, quando seus temores foram diminuindo gradualmente, não porque as guerras cessassem, mas porque eles não estavam tão furiosos, aquele período em que as coisas eram "ordenadas com justiça e moderação" chegou ao fim, e seguiu-se que O estado de coisas que Salústio assim esboça brevemente: "Então começaram os patrícios a oprimir o povo como escravos, a condená-los à morte ou ao açoitamento, como os reis haviam feito, a expulsá-los de suas propriedades e a tyrannizar aqueles que não tinham O povo , esmagado por essas medidas opressivas, e sobretudo pela usura, e obrigado a contribuir com dinheiro e serviço pessoal para as guerras constantes, finalmente pegou em armas e separou-se para o Monte Aventino e o Monte Sacer, e assim garantiram para si tribunos e leis protetoras. Mas foi apenas a segunda guerra púnica que pôs fim a ambos os lados à discórdia e à contenda". Mas por que devo gastar

tempo escrevendo essas coisas, ou fazer com que outros o gastem lendo-as? Que o resumo sucinto de Salústio seja suficiente para intimar a miséria da república durante todo aquele longo período até a segunda guerra púnica – como ela foi desviada de fora por guerras incessantes e devastada por brigas e dissensões civis. De modo que essas vitórias que eles se vangloriam não eram as alegrias substanciais dos felizes, mas os confortos vazios dos homens miseráveis, e incitações sedutoras aos homens turbulentos para inventar desastres sobre desastres. E não se irrite os bons e prudentes romanos por dizermos isso; e, de fato, não precisamos depreciar nem denunciar a raiva deles, pois sabemos que eles não abrigarão nenhuma. Pois não falamos mais severamente do que seus próprios autores, e muito menos elaborada e surpreendentemente; no entanto, eles lêem diligentemente esses autores e obrigam seus filhos a aprendê-los. Mas aqueles que estão zangados, o que fariam comigo se eu dissesse o que Salústio diz? “Freqüentes turbas, sedições e, finalmente, guerras civis tornaram-se comuns, enquanto alguns líderes, dos quais as massas dependiam, afetavam o poder supremo sob o pretexto de buscar o bem do Senado e do povo; os cidadãos eram julgados bons ou maus sem referência à sua lealdade à república (pois todos eram igualmente corruptos); mas os ricos e perigosamente poderosos eram considerados bons cidadãos, porque mantinham o estado de coisas existente”. Ora, se esses historiadores julgaram que uma honrosa liberdade de expressão exigia que não se calassem sobre as manchas de seu próprio estado, que em muitos lugares aplaudiram ruidosamente em sua ignorância dessa outra e verdadeira cidade em que a cidadania é um eterno dignidade; o que nos convém fazer, cuja liberdade deve ser tanto maior, quanto nossa esperança em Deus é melhor e mais segura, quando imputam a nosso Cristo as calamidades desta época, para que os homens menos instruídos e mais fracos tipo pode ser alienado daquela cidade na qual somente a vida eterna e abençoada pode ser desfrutada? Tampouco pronunciamos contra seus deuses nada mais horrível do que seus próprios autores, que eles lêem e circulam. Pois, de fato, tudo o que dissermos derivamos deles, e há muito mais a dizer de um tipo pior que não podemos dizer.

2. Onde, então, estavam aqueles deuses que deveriam ser justamente adorados pela esbelta e ilusória prosperidade deste mundo, quando os romanos, que foram seduzidos a seu serviço por enganos mentirosos, foram perseguidos por tais calamidades? Onde eles estavam quando o cônsul Valério foi morto enquanto defendia o Capitólio, que havia sido demitido por exilados e escravos? Ele mesmo era mais capaz de defender o templo de Júpiter, do que aquela multidão de divindades com seu altíssimo e poderoso rei, cujo templo ele veio resgatar, era capaz de defendê-lo. Onde estavam eles quando a cidade, desgastada por sedições incessantes, esperava com alguma calma o retorno dos embaixadores enviados a Atenas para pedir leis emprestadas e foi assolada por fome e pestilência terríveis? Onde estavam eles quando o povo, novamente afligido pela fome, criou pela primeira vez um prefeito do mercado; e quando Spurius Melius, que, com o aumento da fome, distribuía trigo para as massas famintas, foi acusado de aspirar à realeza, e por instância deste mesmo prefeito, e sob a autoridade do ditador L. Quintius, foi condenado a morte por Quintus Servilius, mestre do cavalo, - um evento que ocasionou um tumulto sério e perigoso? Onde estavam eles quando aquela pestilência muito severa visitou Roma, por causa da qual o povo, depois de longas e cansativas e inúteis súplicas dos deuses indefesos, concebeu a idéia de celebrar a Lectisternia, o que nunca havia sido feito antes; ou seja, eles colocam leitões em honra dos deuses, o que explica o nome desse rito sagrado, ou melhor, sacrilégio? Onde estavam eles quando, durante dez anos sucessivos de reveses, o exército romano sofreu frequentes e grandes perdas entre os veianos, e teria sido destruído se não fosse o socorro de Furius Camilo, que depois foi banido por um país ingrato? Onde eles estavam quando os gauleses tomaram, saquearam, queimaram e desolaram Roma? Onde estavam eles quando aquela pestilência memorável operou tamanha destruição, na qual também pereceu Furius Camilo, que primeiro defendeu a ingrata república dos veianos e depois a salvou dos gauleses? Não, durante esta praga, eles introduziram uma nova pestilência de entretenimentos cênicos, que espalharam seu contágio mais fatal, não para os corpos, mas para a moral dos romanos? Onde eles estavam quando outra pestilência terrível visitou a cidade - quero dizer, os envenenamentos imputados a

um número incrível de nobres matronas romanas, cujos personagens estavam infectados com uma doença mais fatal do que qualquer praga? Ou quando ambos os cônsules à frente do exército foram assediados pelos samnitas nos Forques Caudinos e forçados a fechar um tratado vergonhoso, 600 cavaleiros romanos mantidos como reféns; enquanto as tropas, tendo deposto as armas e despojados de tudo, foram obrigados a passar sob o jugo com uma roupa cada? Ou quando, em meio a uma grave pestilência, um raio atingiu o acampamento romano e matou muitos? Ou quando Roma foi impelida, pela violência de outra praga intolerável, a enviar a Epidauro por Esculápio como deus da medicina; já que os freqüentes adultérios de Júpiter em sua juventude talvez não tivessem deixado a este rei de todos que por tanto tempo reinou no Capitólio, algum tempo livre para o estudo da medicina? Ou quando, de uma só vez, os lucanianos, brucianos, samnitas, toscanos e gauleses senonianos conspiraram contra Roma, e primeiro mataram seus embaixadores, depois derrubaram um exército sob o pretor, passando à espada 13.000 homens, além do comandante e sete tribunos? Ou quando o povo, após os graves e prolongados distúrbios em Roma, finalmente saqueou a cidade e se retirou para Janículo; um perigo tão grave, que Hortensius foi criado ditador – um cargo ao qual eles recorriam apenas em emergências extremas; e ele, tendo trazido de volta o povo, morreu enquanto ainda mantinha seu cargo – um evento sem precedentes no caso de qualquer ditador, e que era uma vergonha para aqueles deuses que agora tinham Esculápio entre eles?

3. Naquela época, de fato, havia tantas guerras por toda parte que, por falta de soldados, alistaram para o serviço militar os proletários, que receberam esse nome, porque, sendo muito pobres para equipar-se para o serviço militar, tinham tempo para gerar descendência. Pirro, rei da Grécia, na época de grande renome, foi convidado pelos tarentinos a se alistar contra Roma. Foi a ele que Apolo, quando consultado sobre o assunto de seu empreendimento, pronunciou com alguma jovialidade um oráculo tão ambíguo, que qualquer que fosse a alternativa, o próprio deus deveria ser considerado divino. Pois ele redigiu o oráculo de tal maneira que, se Pirro foi conquistado pelos

romanos, ou os romanos por Pirro, o deus adivinho esperaria com segurança a questão. E então que terríveis massacres de ambos os exércitos se seguiram! No entanto, Pirro permaneceu conquistador, e poderia agora proclamar Apolo um verdadeiro adivinho, como ele entendia o oráculo, se os romanos não tivessem sido os conquistadores no próximo combate. E enquanto essas guerras desastrosas estavam sendo travadas, uma terrível doença eclodiu entre as mulheres. Pois as gestantes morreram antes do parto. E Esculápio, imagino, se desculpou nesta questão alegando ser arqui-médico, não parteiro. O gado também pereceu da mesma forma; de modo que se acreditava que toda a raça dos animais estava destinada a se extinguir. Então, o que direi daquele inverno memorável em que o tempo foi tão incrivelmente severo, que no Fórum caiu uma neve assustadoramente profunda por quarenta dias seguidos, e o Tibre ficou congelado? Se tais coisas tivessem acontecido em nosso tempo, que acusações teríamos ouvido de nossos inimigos! E aquela outra grande pestilência, que durou tanto tempo e levou tantos; o que direi disso? Apesar de todas as drogas de Esculápio, só piorou em seu segundo ano, até que finalmente recorreu-se aos livros sibilinos, uma espécie de oráculo que, como diz Cícero em seu *De Divinatione*, deve significado aos seus intérpretes, que fazer conjecturas duvidosas como podem ou como desejam. Nesse caso, dizia-se que a causa da praga era que tantos templos haviam sido usados como residências particulares. E assim Esculápio por enquanto escapou da acusação de negligência ignominiosa ou falta de habilidade. Mas por que tantos foram autorizados a ocupar cortiços sagrados sem interferência, a menos que a súplica havia sido dirigida em vão a tal multidão de deuses, e assim, gradualmente, os lugares sagrados foram abandonados de adoradores e, sendo assim vagos, poderiam sem ofensa ser? colocar pelo menos em alguns usos humanos? E os templos, que naquela época eram laboriosamente reconhecidos e restaurados para que a peste pudesse ser detida, caíram depois em desuso e foram novamente dedicados aos mesmos usos humanos. Se assim não tivessem caído na obscuridade, não poderia ser apontado como prova da grande erudição de Varrão que em seu trabalho sobre lugares sagrados ele cite tantos que eram desconhecidos. Enquanto isso, a restauração dos templos não trouxe a

cura da peste, mas apenas uma bela desculpa para os deuses.

CAPÍTULO. 18.-OS DESASTRES SOFRIDOS PELOS ROMANOS NAS GUERRAS PÚNICAS, QUE NÃO FORAM ATENUADOS PELA PROTEÇÃO DOS DEUSES

1. Nas guerras púnicas, novamente, quando a vitória pairou por tanto tempo na balança entre os dois reinos, quando duas nações poderosas estavam forçando todos os nervos e usando todos os seus recursos uma contra a outra, quantos reinos menores foram esmagados, quantos grandes e cidades florescentes foram demolidas, quantos estados foram subjugados e arruinados, quantos distritos e terras distantes e próximas foram desoladas! Quantas vezes os vencedores de ambos os lados foram vencidos! Que multidões de homens, tanto os realmente armados como os outros, foram destruídos! Que enormes marinhas também foram aleijadas em combates, ou foram afundadas por todo tipo de desastre marinho! Se tentássemos contar ou mencionar essas calamidades, deveríamos nos tornar escritores da história. Naquele período, Roma foi fortemente perturbada e recorreu a expedientes vãos e ridículos. Sob a autoridade dos livros sibilinos, os jogos seculares foram renomeados, que haviam sido inaugurados um século antes, mas caíram no esquecimento em tempos mais felizes. Os jogos consagrados aos deuses infernais também foram renovados pelos pontífices; pois eles também haviam caído em desuso nos melhores tempos. E não é de admirar; pois quando eles foram renovados, a grande abundância de homens moribundos fez todo o inferno se alegrar com suas riquezas e se entregar ao esporte: pois certamente as guerras ferozes, brigas desastrosas e vitórias sangrentas - agora de um lado, e agora do outro outro – embora mais calamitoso para os homens, proporcionou grande esporte e um rico banquete aos demônios. Mas na primeira guerra púnica não houve evento mais desastroso do que a derrota romana em que Regulus foi levado. Nós o mencionamos nos dois livros anteriores como um homem incontestavelmente grande, que antes havia conquistado e subjugado os cartagineses, e que teria posto fim à primeira guerra púnica, se um

apetite desordenado de louvor e glória não o tivesse levado a impor aos cansados cartagineses condições mais duras do que podiam suportar. Se o cativo inesperado e a escravidão imprópria deste homem, sua fidelidade ao juramento e sua morte extraordinariamente cruel não trazem rubor ao rosto dos deuses, é verdade que eles são descarados e sem sangue.

2. Tampouco faltavam naquela época desastres muito pesados dentro da própria cidade. Pois o Tibre foi extraordinariamente inundado e destruiu quase todas as partes baixas da cidade; alguns prédios foram levados pela violência da torrente, enquanto outros foram encharcados até a podridão pela água que os cercava mesmo depois que a enchente passou. A esta visita seguiu-se um incêndio ainda mais destruidor, pois consumiu alguns dos edifícios mais altos em redor do Fórum, e não poupou nem mesmo o seu próprio templo, o de Vesta, no qual as virgens escolhidas para esta honra, ou melhor, para esta punição, havia sido empregado em conferir, por assim dizer, vida eterna ao fogo, alimentando-o incessantemente com combustível fresco. Mas na época de que falamos, o fogo no templo não se contentava em manter-se vivo: enfurecia-se. E quando as virgens, assustadas por sua veemência, não conseguiram salvar aquelas imagens fatais que já haviam causado destruição em três cidades em que foram recebidas, o sacerdote Metelo, esquecido de sua própria segurança, apressou-se e resgatou as coisas sagradas, embora ele estivesse meio torrado ao fazê-lo. Pois ou o fogo não o reconheceu, ou então a deusa do fogo estava lá, uma deusa que não teria fugido do fogo supondo que estivesse lá. Mas aqui você vê como um homem poderia ser mais útil para Vesta do que ela poderia ser para ele. Agora, se esses deuses não podiam afastar o fogo de si mesmos, que ajuda contra chamas ou inundações poderiam trazer ao estado de que eram os guardiões reputados? Os fatos mostraram que eles eram inúteis. Essas nossas objeções seriam inúteis se nossos adversários sustentassem que seus ídolos são consagrados mais como símbolos das coisas eternas, do que para garantir as bênçãos do tempo; e que assim, embora os símbolos, como todas as coisas materiais e visíveis, pudessem perecer, nenhum dano resultava às coisas por causa das quais foram consagrados, enquanto, quanto às

próprias imagens, elas poderiam ser renovadas novamente para o mesmos propósitos que antes serviam. Mas com uma cegueira lamentável, eles supõem que, pela intervenção de deuses perecíveis, o bem-estar terreno e a prosperidade temporal do estado podem ser preservados de perecer. E assim, quando são lembrados de que, mesmo quando os deuses permaneceram entre eles, esse bem-estar e prosperidade foram arruinados, eles enrubescem ao mudar a opinião que são incapazes de defender.

CAPÍTULO. 19.-DA CALAMIDADE DA SEGUNDA GUERRA PÚNICA, QUE CONSUMIU A FORÇA DE AMBAS AS PARTES

1. Quanto à segunda guerra púnica, foi tedioso relatar os desastres que ela provocou em ambas as nações engajadas em uma guerra tão prolongada e inconstante, que (pelo reconhecimento mesmo daqueles escritores que fizeram seu objetivo não tanto narrar as guerras para elogiar o domínio de Roma) as pessoas que permaneceram vitoriosas eram menos como conquistadores do que como conquistados. Pois, quando Aníbal saiu da Espanha sobre os Pirineus, e invadiu a Gália, e irrompeu pelos Alpes, e durante todo o seu curso reuniu forças saqueando e subjugando enquanto avançava, e inundou a Itália como uma torrente, quão sangrentas foram as guerras. e quão contínuos os combates, que foram travados! Quantas vezes os romanos foram vencidos! Quantas cidades passaram para o inimigo, e quantas foram tomadas e subjugadas! Que batalhas terríveis houve, e quantas vezes a derrota dos romanos brilhou nas armas de Aníbal! E o que direi da derrota maravilhosamente esmagadora em Cannæ, onde mesmo Aníbal, cruel como era, ainda estava saciado com o sangue de seus inimigos mais amargos, e deu ordens para que fossem poupados? Deste campo de batalha, ele enviou a Cartago três alqueires de anéis de ouro, significando que grande parte da posição de Roma havia caído naquele dia, que era mais fácil dar uma ideia por medida do que por números e que a terrível matança de as fileiras comuns cujos corpos não eram distinguidos pelo anel, e que eram numerosos em proporção à sua mesquinhez, deviam ser mais conjecturados do que

relatados com precisão. De fato, tal foi a escassez de soldados depois disso, que os romanos impressionaram seus criminosos com a promessa de impunidade e seus escravos com o suborno da liberdade, e dessas classes infames não tanto recrutaram quanto criaram um exército. Mas esses escravos, ou, para dar-lhes todos os títulos, esses libertos que foram alistados para lutar pela república de Roma, careciam de armas. E assim eles pegaram armas dos templos, como se os romanos estivessem dizendo a seus deuses: Larguem essas armas que vocês seguraram por tanto tempo em vão, se por acaso nossos escravos puderem usar o que vocês, nossos deuses, têm. impotente para usar. Naquela época, também, o tesouro público era muito baixo para pagar os soldados, e os recursos privados eram usados para fins públicos; e tão generosamente os indivíduos contribuíram de sua propriedade, que, salvo o anel de ouro e a bula que cada um usava, a marca lamentável de sua posição, nenhum senador, e muito menos qualquer das outras ordens e tribos, reservou qualquer ouro para seu próprio uso. . Mas se em nossos dias fossem reduzidos a essa pobreza, quem seria capaz de suportar suas censuras, tão pouco suportáveis como agora, quando se gasta mais dinheiro em atores para uma gratificação supérflua, do que então foi desembolsado para as legiões ?

CAPÍTULO. 20.-DA DESTRUIÇÃO DOS SAGUNTINES, QUE NÃO RECEBEU AJUDA DOS DEUSES ROMANOS, EMBORA PERECENDO POR CAUSA DE SUA FIDELIDADE A ROMA

1. Mas entre todos os desastres da segunda guerra púnica, não ocorreu nenhum mais lamentável, ou calculado para suscitar queixas mais profundas, do que o destino dos saguntinos. Esta cidade da Espanha, eminentemente amiga de Roma, foi destruída por sua fidelidade ao povo romano. Pois quando Aníbal rompeu o tratado com os romanos, ele procurou ocasião para provocá-los à guerra e, portanto, fez um ataque feroz a Sagunto. Quando isso foi relatado em Roma, embaixadores foram enviados a Aníbal, instando-o a levantar o cerco; e quando esse protesto foi negligenciado, eles seguiram para Cartago, apresentaram queixa contra a quebra do tratado e retornaram a Roma

sem realizar seu objetivo. Enquanto isso, o cerco continuava; e no oitavo ou nono mês, esta opulenta mas malfadada cidade, querida como era ao seu próprio estado e a Roma, foi tomada e submetida a um tratamento que não se pode ler, muito menos narrar, sem horror. E, no entanto, porque se trata diretamente do assunto em questão, vou abordá-lo brevemente. Primeiro, então, a fome desperdiçou os Saguntinos, de modo que até cadáveres humanos foram comidos por alguns: pelo menos assim está registrado. Posteriormente, completamente desgastados, para que pelo menos pudessem escapar da ignomínia de cair nas mãos de Aníbal, eles ergueram publicamente uma enorme pilha funerária e se lançaram em suas chamas, enquanto ao mesmo tempo matavam seus filhos e a si mesmos com a espada. Esses deuses, esses devassos e gourmands, cujas bocas salivam por sacrifícios gordos e cujos lábios proferem adivinhações mentirosas, não poderiam fazer nada em um caso como esse? Não poderiam interferir para a preservação de uma cidade intimamente aliada ao povo romano, ou impedi-la de perecer por sua fidelidade àquela aliança da qual eles mesmos foram os mediadores? Saguntum, mantendo fielmente o tratado que havia firmado diante desses deuses, e ao qual havia se vinculado firmemente por um juramento, foi assediada, tomada e destruída por uma pessoa perjurada. Se depois, quando Aníbal estava perto das muralhas de Roma, foram os deuses que o aterrorizaram com raios e tempestades e o afastaram, por que, pergunto, eles não interferiram antes? Pois me atrevo a dizer que essa demonstração com a tempestade teria sido mais honrosamente feita em defesa dos aliados de Roma - que estavam em perigo por causa de sua relutância em quebrar a fé com os romanos e não tinham recursos de sua própria - do que em defesa dos próprios romanos, que estavam lutando em sua própria causa e tinham recursos abundantes para se opor a Aníbal. Se, então, eles tivessem sido os guardiões da prosperidade e glória romanas, teriam preservado essa glória da mancha desse desastre de Saguntina; e quão tolo é acreditar que Roma foi preservada da destruição nas mãos de Aníbal pelo cuidado guardião daqueles deuses que foram incapazes de salvar a cidade de Saguntum de perecer por sua fidelidade à aliança de Roma. Se a população de Saguntum fosse cristã e sofresse como sofreu pela fé

cristã (embora, é claro, os cristãos não tivessem usado fogo e espada contra suas próprias pessoas), teriam sofrido com aquela esperança que brota da fé. em Cristo – a esperança não de uma breve recompensa temporal, mas de felicidade sem fim e eterna. O que, então, os defensores e apologistas desses deuses dirão em sua defesa, quando acusados do sangue desses Saguntinos; pois eles são professamente adorados e invocados com esse mesmo propósito de garantir a prosperidade nesta vida fugaz e transitória? Pode-se dizer algo além do que foi alegado no caso da morte de Regulus? Pois, embora haja uma diferença entre os dois casos, um sendo um indivíduo, o outro uma comunidade inteira, ainda assim a causa da destruição foi em ambos os casos a manutenção de sua fidelidade comprometida. Pois foi isso que fez Regulus querer voltar para seus inimigos, e isso fez com que os Saguntinos não quisessem se revoltar contra seus inimigos. Então, a manutenção da fé provoca a ira dos deuses? Ou é possível que não apenas indivíduos, mas até comunidades inteiras pereçam enquanto os deuses lhes são propícios? Deixe nossos adversários escolherem qual alternativa eles escolherão. Se, por um lado, esses deuses estão enfurecidos com a manutenção da fé, que eles recrutem pessoas perjuradas como seus adoradores. Se, por outro lado, homens e estados podem sofrer grandes e terríveis calamidades e finalmente perecer enquanto são favorecidos pelos deuses, então sua adoração não produz a felicidade como fruto. Que aqueles, portanto, que supõem que caíram em aflição porque seu culto religioso foi abolido, deixem de lado sua raiva; pois era bem possível que os deuses não apenas permanecessem com eles, mas os considerassem com favor, eles ainda poderiam ser deixados para lamentar um destino infeliz, ou poderiam, mesmo como Regulus e os Saguntinos, ser horrivelmente atormentados e finalmente perecer miseravelmente.

CAPÍTULO. 21.-DA INGRATIDÃO DE ROMA A SCIPIO, SEU LIBERTADOR, E DE SUAS ATITUDES DURANTE O PERÍODO QUE SALLUST DESCREVE COMO O MELHOR

1. Omitindo muitas coisas, para não ultrapassar os limites do trabalho que me propus, chego à época entre a segunda e a última guerra púnica, durante a qual, segundo Salústio, os romanos viveram com a maior virtude e concórdia. Agora, neste período de virtude e harmonia, o grande Cipião, o libertador de Roma e da Itália, que com surpreendente habilidade encerrou a segunda guerra púnica - aquela luta horrível, destrutiva e perigosa - que havia derrotado Aníbal e subjugado Cartago, e cuja vida inteira se diz ter sido dedicada aos deuses e acarinhada em seus templos, este Cipião, depois de tal triunfo, foi obrigado a ceder às acusações de seus inimigos e deixar seu país, que seu valor salvou e libertou, para passar o resto de seus dias na cidade de Liternum, tão indiferente a um retorno do exílio, que ele teria dado ordens para que nem mesmo seus restos mortais ficassem em seu país ingrato. Foi nessa época também que o pró-cônsul Cn. Mânlio, depois de subjugar os gálatas, introduziu em Roma o luxo da Ásia, mais destrutivo do que todos os exércitos hostis. Foi então que os estrados de ferro e os tapetes caros foram usados pela primeira vez; então, também, que cantoras eram admitidas em banquetes, e outras abominações licenciosas foram introduzidas. Mas agora eu quis falar, não dos males que os homens praticam voluntariamente, mas daqueles que eles sofrem a despeito de si mesmos. De modo que o caso de Cipião, que sucumbiu a seus inimigos e morreu no exílio do país que havia resgatado, foi mencionado por mim como pertinente à presente discussão; pois esta foi a recompensa que ele recebeu daqueles deuses romanos cujos templos ele salvou de Aníbal e que são adorados apenas para garantir a felicidade temporal. Mas como Salústio, como vimos, declara que os costumes de Roma nunca foram melhores do que naquela época, julguei correto mencionar o luxo asiático então introduzido, para que se veja que o que ele diz é verdade, somente quando esse período é comparado com os outros durante os quais a moral era certamente pior e as facções mais violentas. Pois naquela época — quero dizer, entre a segunda e a terceira guerra púnica — foi aprovada a famigerada Lex Voconia, que proibia um homem de fazer de uma mulher, mesmo filha única, sua herdeira; do que qual lei não consigo conceber o que poderia ser mais injusto. É verdade que no intervalo entre essas duas guerras púnicas a

miséria de Roma foi um pouco menor. No exterior, de fato, suas forças foram consumidas pelas guerras, mas também consoladas pelas vitórias; enquanto em casa não havia perturbações como em outras ocasiões. Mas quando a última guerra púnica terminou com a destruição total do rival de Roma, que rapidamente sucumbiu ao outro Cipião, que assim ganhou para si o sobrenome de Africanus, então a república romana foi dominada por uma série de males, que surgiram das maneiras corruptas induzidas pela prosperidade e segurança, que a repentina derrubada de Cartago é vista como tendo ferido Roma mais gravemente do que sua longa hostilidade. Durante todo o período subsequente até a época de César Augusto, que parece ter privado inteiramente os romanos de liberdade – uma liberdade, de fato, que em seu próprio julgamento não era mais gloriosa, mas cheia de turbulências e perigos, e que agora estava bastante enervado e definhando – e que submeteu todas as coisas novamente à vontade de um monarca, e infundiu como que uma nova vida na velhice doentia da república, e inaugurou um novo regime; – durante todo esse período, eu digamos, muitos desastres militares foram sofridos em várias ocasiões, todos os quais passo aqui. Havia especialmente o tratado de Numância, manchado como estava com extrema desgraça; pois as galinhas sagradas, dizem eles, voaram para fora do galinheiro, e assim pressagiaram desastre para Mancinus, o cônsul; como se, durante todos esses anos em que aquela pequena cidade de Numância resistiu ao exército sitiante de Roma e se tornou um terror para a república, todos os outros generais tivessem marchado contra ela sob auspícios desfavoráveis.

CAPÍTULO. 22.-DO ÉDITO DE MITRÍDATES, ORDENANDO QUE TODOS OS CIDADÃOS ROMANOS ENCONTRADOS NA ÁSIA DEVEM SER MORTOS

1. Estas coisas, digo, passo em silêncio; mas não posso de modo algum calar a ordem dada por Mitrídates, rei da Ásia, de que um dia todos os cidadãos romanos que residam em qualquer lugar da Ásia (onde grande número deles estavam cuidando de seus negócios particulares)

deveriam ser executados: e essa ordem foi executada. Quão miserável foi então apresentado um espetáculo, quando cada homem foi subitamente e traiçoeiramente assassinado onde quer que estivesse, no campo ou na estrada, na cidade, em sua própria casa, ou na rua, no mercado ou no templo, em cama ou na mesa! Pense nos gemidos dos moribundos, nas lágrimas dos espectadores e até nos próprios carrascos. Pois quão cruel foi a necessidade que compeliu as hostes dessas vítimas, não apenas a ver essas abomináveis carnificinas em suas próprias casas, mas até mesmo a perpetrá-las: mudar seu semblante de repente da amabilidade da amizade e no meio da paz se dedicando aos negócios da guerra; e, devo dizer, dar e receber feridas, os mortos sendo perfurados no corpo, o matador no espírito! Todas essas pessoas assassinadas, então, desprezaram os augúrios? Eles não tinham deuses públicos nem domésticos para consultar quando saíam de suas casas e partiam naquela jornada fatal? Se não o fizeram, nossos adversários não têm motivos para reclamar desses tempos cristãos neste particular, pois há muito tempo os romanos desprezavam os augúrios como ociosos. Se, por outro lado, eles consultaram presságios, que eles nos digam o bem que obtiveram com isso, mesmo quando tais coisas não foram proibidas, mas autorizadas, por lei humana, se não por lei divina.

CAPÍTULO. 23.-DOS DESASTRES INTERNOS QUE AFLIGIRAM A REPÚBLICA ROMANA, E QUE SE SEGUIRAM A UMA PORTENTOSA LOUCURA QUE SE ABATEU SOBRE TODOS OS ANIMAIS DOMÉSTICOS

1. Mas vamos agora mencionar, tão sucintamente quanto possível, aqueles desastres que foram ainda mais irritantes, porque mais próximos de casa; Refiro-me àquelas discórdias erroneamente chamadas de civis, pois destroem os interesses civis. As sedições tornaram-se agora guerras urbanas, nas quais o sangue era derramado livremente e nas quais as partes se enfureciam umas contra as outras, não com disputas e contendas verbais, mas com força física e armas. Que mar de sangue romano foi derramado, que desolações e

devastações foram ocasionadas na Itália por guerras sociais, guerras servis, guerras civis! Antes que os latinos começassem a guerra social contra Roma, todos os animais usados a serviço do homem – cães, cavalos, jumentos, bois e todos os outros que estão sujeitos ao homem – de repente se tornaram selvagens, e esqueceram sua mansidão domesticada, abandonaram suas baias e vagavam à solta, e não podiam ser aproximados nem por estranhos nem por seus próprios senhores sem perigo. Se isso foi um presságio, quão séria uma calamidade deve ter sido pressagiada por uma praga que, por presságio ou não, era em si uma calamidade séria! Se tivesse acontecido em nossos dias, os pagãos teriam sido mais raivosos contra nós do que seus animais estavam contra eles.

CAPÍTULO. 24.-DA DISSENSÃO CIVIL OCASIADA PELA SEDIÇÃO DOS GRACCHI

1. As guerras civis originaram-se nas sedições que os Gracchi suscitaram em relação às leis agrárias; pois eles pretendiam dividir entre o povo as terras que foram indevidamente possuídas pela nobreza. Mas reformar um abuso tão antigo era um empreendimento cheio de perigos, ou melhor, como o evento provou, de destruição. Pois que desastres acompanharam a morte do Graco mais velho! que massacre se seguiu quando, pouco depois, o irmão mais novo teve o mesmo destino! Pois nobres e ignóbeis foram massacrados indiscriminadamente; e isso não por autoridade e procedimento legal, mas por turbas e desordeiros armados. Após a morte do jovem Graco, o cônsul Lúcio Opímio, que o havia combatido dentro da cidade, derrotado e passado à espada a si mesmo e seus confederados, e massacrara muitos cidadãos, instituiu um exame judicial de outros, e é relatado que matou até 3.000 homens. Disso se pode depreender quantos caíram nos desenfreados confrontos, quando o resultado mesmo de uma investigação judicial foi tão sangrento. O próprio assassino de Graco vendeu sua cabeça ao cônsul por seu peso em ouro, tal sendo o acordo anterior. Neste massacre, também, Marcus Fulvius, um homem de posto consular, com todos os seus filhos, foi condenado

à morte.

CAPÍTULO. 25.-DO TEMPLO DA CONCÓRDIA, QUE FOI ERIGIDO POR DECRETO DO SENADO NO LOCAL DESSAS EXPEDIÇÕES E MASSACRES

1. Um belo decreto do senado foi, na verdade, que o templo da Concórdia foi construído no local onde aquele desastroso levante e onde tantos cidadãos de todas as classes haviam caído. Suponho que o monumento ao castigo dos Gracos possa chamar a atenção e afetar a memória dos suplicantes. Mas o que era isso senão ridicularizar os deuses, construindo um templo para aquela deusa que, se estivesse na cidade, não teria se permitido ser dilacerada por tais dissensões? Ou será que Concord foi responsável por esse derramamento de sangue porque ela abandonou as mentes dos cidadãos e, portanto, foi encarcerada naquele templo? Pois, se eles tinham alguma consideração pela consistência, por que não erigiram naquele local um templo da Discórdia? Ou há uma razão para Concord ser uma deusa enquanto Discórdia não é? A distinção de Labeo se mantém aqui, quem teria feito de um uma divindade boa e a outra uma divindade má? um para a Saúde. Mas, no mesmo terreno, tanto a Discórdia quanto a Concórdia devem ser deificadas. Uma aventura arriscada que os romanos fizeram ao provocar uma deusa tão perversa e ao esquecer que a destruição de Tróia foi ocasionada por ela ter se ofendido. Pois, indignada por não ter sido convidada com os outros deuses [para as núpcias de Peleu e Tétis], ela criou dissensão entre as três deusas ao enviar a maçã de ouro, que ocasionou contenda no céu, vitória de Vênus, estupro de Helen e a destruição de Tróia. Portanto, se ela estava talvez ofendida porque os romanos não a consideravam digna de um templo entre os outros deuses em sua cidade, e, portanto, perturbavam o estado com tais tumultos, com quanto maior paixão ela seria despertada quando visse o templo? de seu adversário erguido no local daquele massacre, ou seja, no local de sua própria obra! Aqueles homens sábios e eruditos estão furiosos por rirmos dessas loucuras; e, no entanto, sendo adoradores de divindades boas e más, eles não

podem escapar desse dilema sobre Concórdia e Discórdia: ou eles negligenciaram o culto a essas deusas e preferiram a Febre e a Guerra, para quem há santuários erguidos de grande antiguidade, ou eles os adoraram, e afinal Concord os abandonou, e Discórdia os lançou tempestuosamente em guerras civis.

CAPÍTULO. 26.-DOS VÁRIOS TIPOS DE GUERRAS QUE SE SEGUIRAM; À CONSTRUÇÃO DO TEMPLO DA CONCÓRDIA

1. Mas eles supunham que, ao erigir o templo de Concórdia à vista dos oradores, como um memorial da punição e morte dos Gracos, eles estavam levantando um obstáculo efetivo à sedição. Quanto efeito teve, é indicado pelas guerras ainda mais deploráveis que se seguiram. Pois depois disso os oradores se esforçaram não para evitar o exemplo dos Gracchi, mas para superar seus projetos; como o fizeram Lúcio Saturnino, tribuno do povo, Caio Servílio, o pretor, e algum tempo depois de Marco Druso, todos os quais provocaram sedições que, em primeiro lugar, provocaram derramamento de sangue, e depois as guerras sociais pelas quais a Itália foi gravemente ferida e reduzida para uma condição lamentavelmente desolada e desperdiçada. Seguiram-se então a guerra servil e as guerras civis; e neles que batalhas foram travadas e que sangue foi derramado, de modo que quase todos os povos da Itália, que formavam a principal força do império romano, foram conquistados como se fossem bárbaros! Então, até os próprios historiadores acham difícil explicar como a guerra servil foi iniciada por muito poucos, certamente menos de setenta gladiadores, que número de homens ferozes e cruéis se apegaram a eles, quantos generais romanos esse bando derrotou e como devastou muitos distritos e cidades. E essa não foi a única guerra servil: a província da Macedônia, e posteriormente a Sicília e o litoral, também foram despovoadas por bandos de escravos. E quem pode descrever adequadamente as horríveis atrocidades que os piratas cometeram pela primeira vez, ou as guerras que depois mantiveram contra Roma?

CAPÍTULO. 27.-DA GUERRA CIVIL ENTRE MARIO E CINA (MARIUS E SYLLA)

1. Mas quando Marius, manchado com o sangue de seus concidadãos, que a ira do partido havia sacrificado, foi por sua vez vencido e expulso da cidade, mal teve tempo de respirar livremente, quando, para usar as palavras de Cícero, "Cina e Mário voltaram juntos e tomaram posse dela. Então, de fato, os principais homens do estado foram mortos, suas luzes apagadas. Sila depois vingou essa vitória cruel; mas não precisamos dizer com que perda de vida , e com que ruína para a república." Pois desta vingança, que era mais destrutiva do que se os crimes que ela punia tivessem sido cometidos impunemente, Lucan diz: "A cura foi excessiva e muito parecida com a doença. Os culpados pereceram, mas quando ninguém, exceto os culpados, sobrevivia: e então o ódio e a ira privados, desenfreados pela lei, foram permitidos livremente. , mercados, teatros e templos; de modo que não é fácil calcular se os vencedores mataram mais antes ou depois da vitória, para que possam ser ou porque foram vencedores. Assim que Marius triunfou e retornou do exílio, além das carnificinas perpetradas por toda parte, o chefe do cônsul Octavius foi exposto na tribuna: César e Fimbria foram assassinados em suas próprias casas; os dois Crassi, pai e filho, foram assassinados à vista um do outro; Bebius e Numitorius foram estripados ao serem arrastados com ganchos; Catulo escapou das mãos de seus inimigos bebendo veneno; Merula, o flamen de Júpiter, cortou suas veias e fez uma libação de seu próprio sangue para seu deus. Além disso, todo aquele cuja saudação Marius não respondeu com a mão, foi imediatamente cortado diante de seu rosto.

CAPÍTULO. 28.-DA VITÓRIA DE SYLLA, O VINGADOR DAS CRUELDADE DE MARIUS

1. Seguiu-se a vitória de Sylla, o chamado vingador das crueldades de Marius. Mas não apenas sua vitória foi adquirida com grande derramamento de sangue; mas quando as hostilidades terminaram, a hostilidade sobreviveu, e a paz subsequente foi sangrenta como a

guerra. Aos antigos e ainda recentes massacres do velho Marius, o jovem Marius e Carbo, que pertenciam ao mesmo partido, acrescentaram maiores atrocidades. Pois quando Sylla se aproximou, e eles se desesperaram não apenas com a vitória, mas com a própria vida, fizeram um massacre promíscuo de amigos e inimigos. E, não satisfeitos em manchar todos os cantos de Roma com sangue, eles sitiaram o Senado e levaram os senadores à morte da cúria como de uma prisão. Mucius Scævola, o pontífice, foi morto no altar de Vesta, ao qual ele se agarrou porque nenhum lugar em Roma era mais sagrado do que seu templo; e seu sangue quase extinguiu o fogo que foi mantido vivo pelo constante cuidado das virgens. Então Sylla entrou na cidade vitoriosa, depois de ter matado na Villa Publica, não por combate, mas por ordem, 7.000 homens que se renderam e, portanto, estavam desarmados; tão feroz era a fúria da própria paz, mesmo depois que a fúria da guerra foi extinta. Além disso, em toda a cidade, cada partidário de Sylla matava quem quisesse, de modo que o número de mortes ultrapassava o cálculo, até que foi sugerido a Sylla que ele deveria permitir que alguns sobrevivessem, para que os vencedores não ficassem destituídos de súditos. Então essa licença furiosa e promíscua para matar foi verificada, e muito alívio foi expresso com a publicação da lista de proscrição, contendo, embora contivesse, a sentença de morte de dois mil homens das mais altas patentes, o senatorial e o equestre. O grande número era realmente entristecedor, mas era consolador que um limite fosse fixado; nem a dor dos números foi tão grande quanto a alegria de que o resto estivesse seguro. Mas essa mesma segurança, por mais dura que fosse, não podia deixar de lamentar a tortura requintada aplicada a alguns daqueles que estavam condenados à morte. Pois um foi despedaçado pelas mãos desarmadas dos carrascos; homens que tratam um homem vivo com mais selvageria do que animais selvagens são usados para rasgar um cadáver abandonado. Outro teve seus olhos arrancados, e seus membros cortados pouco a pouco, e foi forçado a viver muito tempo, ou melhor, a morrer muito tempo, em tal tortura. Algumas cidades célebres foram leiloadas, como fazendas; e um foi coletivamente condenado ao massacre, assim como um criminoso individual seria condenado à morte. Essas coisas foram feitas em paz

quando a guerra acabou, não para que a vitória pudesse ser obtida mais rapidamente, mas para que, depois de obtida, não fosse considerada levemente. A paz comparou com a guerra em crueldade e a superou: pois enquanto a guerra derrubou hostes armadas, a paz matou os indefesos. A guerra deu liberdade a quem foi atacado, para atacar se pudesse; a paz concedida aos sobreviventes não é a vida, mas uma morte sem resistência.

CAPÍTULO. 29.-UMA COMPARAÇÃO DOS DESASTRES QUE ROMA SOFREU DURANTE AS INVASÕES GÓTICAS E GÁLICAS, COM AQUELES OCASIONADOS PELOS AUTORES DAS GUERRAS CIVIS

1. Que fúria de nações estrangeiras, que ferocidade bárbara se compara a esta vitória dos cidadãos sobre os cidadãos? O que foi mais desastroso, mais hediondo, mais amargo para Roma: o gótico recente e a antiga invasão gaulesa, ou a crueldade demonstrada por Marius e Sylla e seus partidários contra homens que eram membros do mesmo corpo que eles? Os gauleses, de fato, massacraram todos os senadores que encontraram em qualquer parte da cidade, exceto no Capitólio, que sozinho era defendido; mas pelo menos eles venderam a vida para aqueles que estavam no Capitólio, embora pudessem tê-los matado de fome se não pudessem tê-lo invadido. Os godos, mais uma vez, poupavam tantos senadores, que é ainda mais surpreendente que tenham matado algum. Mas Sylla, enquanto Marius ainda estava vivo, estabeleceu-se como conquistador no Capitólio, que os gauleses não haviam violado, e daí emitiu suas sentenças de morte; e quando Marius escapou em fuga, embora destinado a retornar mais feroz e sanguinário do que nunca, Sylla emitiu do Capitólio até decretos do Senado para a matança e confisco da propriedade de muitos cidadãos. Então, quando Sylla foi embora, o que a facção mariana considerou sagrado ou poupado, quando eles não deram quartel nem mesmo a Múcio, um cidadão, um senador, um pontífice, e embora apertando em um abraço comovente o próprio altar em que, eles dizem, residem? os destinos de Roma? E essa lista final de proscrição de Sylla, para não

mencionar inúmeros outros massacres, despachou mais senadores do que os godos poderiam saquear.

CAPÍTULO. 30.-DA CONEXÃO DAS GUERRAS QUE COM GRANDE SEVERIDADE E FREQUÊNCIA SE SEGUEM ANTES DO ADVENTO DE CRISTO

1. Com que descaramento, então, com que segurança, com que insolência, com que loucura, ou melhor, insanidade, eles se recusam a imputar esses desastres a seus próprios deuses e imputam o presente a nosso Cristo! Essas guerras civis sangrentas, mais angustiantes, pela confissão de seus próprios historiadores, do que quaisquer guerras estrangeiras, e que foram declaradas não apenas calamitosas, mas absolutamente ruinosas para a república, começaram muito antes da vinda de Cristo e deram origem a um outro; de modo que uma concatenação de causas injustificáveis levou das guerras de Mário e Sila às de Sertório e Catalina, das quais uma foi proscrita, a outra criada por Sila; daí para a guerra de Lépido e Cátulo, dos quais um queria rescindir, o outro defender os atos de Sila; disso para a guerra de Pompeu e César, de quem Pompeu tinha sido um partidário de Sila, cujo poder ele igualou ou mesmo superou, enquanto César condenou o poder de Pompeu porque não era seu, e ainda o ultrapassou quando Pompeu foi derrotado e morto . A partir dele, a cadeia de guerras civis se estendeu até o segundo César, depois chamado Augusto, e em cujo reinado Cristo nasceu. Pois até o próprio Augusto travou muitas guerras civis; e nessas guerras morreram muitos dos homens mais importantes, entre eles aquele hábil manipulador da república, Cícero. Caio [Júlio] César, quando conquistou Pompeu, embora tenha usado sua vitória com clemência e concedido a homens da facção oposta vida e honras, era suspeito de visar a realeza e foi assassinado na cúria por um partido de nobres senadores, que conspiraram para defender a liberdade da república. Seu poder foi então cobiçado por Antônio, um homem de caráter muito diferente, poluído e aviltado por todo tipo de vício, a quem Cícero resistiu vigorosamente com o mesmo pretexto de defender a liberdade da república. Nesse momento, aquele outro

César, filho adotivo de Caio, e depois, como disse, conhecido pelo nome de Augusto, estreou como um jovem de notável gênio. Este jovem César foi favorecido por Cícero, para que sua influência pudesse contrabalançar a de Antônio; pois esperava que César derrubasse e destruísse o poder de Antônio e estabelecesse um estado livre, tão cego e inconsciente do futuro ele era: pois aquele jovem, cujo avanço e influência ele estava promovendo, permitiu que Cícero fosse morto. como o selo de uma aliança com Antônio, e submeteu ao seu próprio governo a própria liberdade da república em defesa da qual ele havia feito tantos discursos.

CAPÍTULO. 31.-QUE É DESAFIO IMPUTAR OS PROBLEMAS PRESENTES A CRISTO E A PROIBIÇÃO DO CULTO POLITEÍSTICO, UMA VEZ QUE MESMO QUANDO OS DEUSES ERAM ADORADOS, TAIS CALAMIDADES RECAÍAM SOBRE O POVO

1. Que aqueles que não têm gratidão a Cristo por Seus grandes benefícios, culpem seus próprios deuses por esses grandes desastres. Pois, certamente, quando isso ocorreu, os altares dos deuses foram mantidos em chamas, e lá subiu a fragrância misturada de "incenso sabæan e guirlandas frescas"; os sacerdotes foram vestidos de honra, os santuários foram mantidos em esplendor; sacrifícios, jogos, êxtases sagrados eram comuns nos templos; enquanto o sangue dos cidadãos estava sendo derramado tão livremente, não apenas em lugares remotos, mas entre os próprios altares dos deuses. Cícero não escolheu buscar santuário em um templo, porque Múcio o procurou em vão. Mas aqueles que mais imperdoavelmente caluniam esta era cristã são os mesmos homens que ou fugiram para asilo nos lugares especialmente dedicados a Cristo, ou foram levados para lá pelos bárbaros para que pudessem ser salvos. Em suma, não para recapitular os muitos exemplos que citei, e não para adicionar ao seu número outros que seria tedioso enumerar, esta é uma coisa de que estou persuadido, e isso todo julgamento imparcial reconhecerá prontamente, que se a raça humana havia recebido o cristianismo

antes das guerras púnicas, e se as mesmas calamidades desoladoras que essas guerras trouxeram à Europa e à África tivessem seguido a introdução do cristianismo, não há quem agora nos acusa que não as teria atribuído à nossa religião. Quão intoleráveis teriam sido suas acusações, pelo menos no que diz respeito aos romanos, se a religião cristã tivesse sido recebida e difundida antes da invasão dos gauleses, ou das inundações e incêndios ruinosos que assolaram Roma, ou daqueles mais calamitosa de todos os eventos, as guerras civis! E esses outros desastres, de natureza tão estranha que foram considerados prodígios, se tivessem acontecido desde a era cristã, a quem, senão aos cristãos, teriam imputado como crimes? Não falo daquelas coisas que foram mais surpreendentes do que dolorosas – bois falando, bebês não nascidos articulando algumas palavras no ventre de suas mães, serpentes voando, galinhas e mulheres sendo transformadas no outro sexo; e outros prodígios semelhantes que, verdadeiros ou falsos, são registrados não em suas obras imaginativas, mas em suas obras históricas, e que não prejudicam, mas apenas surpreendem os homens. Mas quando chovia terra, quando chovia giz, quando chovia pedras – não granizo, mas pedras reais – isso certamente foi calculado para causar sérios danos. Lemos em seus livros que os fogos do Etna, que desciam do topo da montanha para a costa vizinha, fizeram o mar ferver, de modo que as rochas foram queimadas e o piche dos navios começou a correr - um fenômeno incrivelmente surpreendente, mas ao mesmo tempo não menos doloroso. Pelo mesmo calor violento, eles relatam que em outra ocasião a Sicília se encheu de cinzas, de modo que as casas da cidade de Catina foram destruídas e enterradas sob elas – uma calamidade que levou os romanos a se compadecerem deles e remeterem seu tributo por isso. ano. Pode-se ler também que a África, que naquela época se tornara uma província de Roma, foi visitada por uma prodigiosa multidão de gafanhotos, que, depois de consumir os frutos e a folhagem das árvores, foram lançados ao mar em uma vasta e imensurável nuvem. ; de modo que, quando foram afogados e lançados à praia, o ar ficou poluído, e produziu-se uma pestilência tão grave que só no reino de Masinissa dizem que pereceram 800.000 pessoas, além de um número muito maior nos distritos vizinhos. Em Utica garantem-nos

que, dos 30.000 soldados que a guarneciam, sobreviveram apenas dez. No entanto, quais desses desastres, suponhamos que aconteçam agora, não seriam atribuídos à religião cristã por aqueles que nos acusam tão impensadamente e a quem somos obrigados a responder? E, no entanto, a seus próprios deuses eles não atribuem nenhuma dessas coisas, embora os adorem para escapar de calamidades menores do mesmo tipo, e não refletem que aqueles que os adoravam anteriormente não foram preservados desses graves desastres.

LIVRO IV

ARGUMENTO

NESTE LIVRO ESTÁ PROVADO QUE A EXTENSÃO E A LONGA DURAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO DEVE SER ATRIBUÍDA, NÃO À UNIÃO OU AOS DEUSES DOS PAGÃOS, AOS QUAIS INDIVIDUALMENTE SE ACREDITAVA CONFIAR ATÉ MESMO COISAS ÚNICAS E AS FUNÇÕES MAIS BÁSICAS, MAS AO ÚNICO DEUS VERDADEIRO, O AUTOR DA FELICIDADE, POR CUJO PODER E JULGAMENTO OS REINOS TERRENOS SÃO FUNDADOS E MANTIDOS.

CAPÍTULO. 1.-DAS COISAS QUE FORAM DISCUTIDAS NO PRIMEIRO LIVRO

1. Tendo começado a falar da cidade de Deus, julguei necessário, antes de tudo, responder aos seus inimigos, que, perseguindo avidamente as alegrias terrenas e boquiabertos pelas coisas transitórias, lançam a culpa de toda a tristeza que sofrem nelas: antes pela compaixão de Deus em admoestar do que Sua severidade em punir – na religião cristã, que é a única religião salutar e verdadeira. E como há entre eles também uma ralé iletrada, eles são incitados como pela autoridade dos doutos a nos odiar mais amargamente, pensando em sua inexperiência que coisas que aconteceram inusitadamente em seus dias não costumavam acontecer em outros tempos passados. por; e enquanto esta opinião deles é confirmada mesmo por aqueles que sabem que é falsa, e ainda assim dissimulam seu conhecimento para que pareçam ter justa causa para murmurar contra nós, era necessário, a partir de livros em que seus autores registraram e publicou a história dos tempos passados para que pudesse ser conhecida, para demonstrar que é muito diferente do que eles pensam; e ao mesmo tempo ensinar que os falsos deuses, a quem eles adoravam abertamente, ou ainda adoram em segredo, são espíritos imundos e demônios malignos e

enganosos, a tal ponto que eles se deleitam em crimes que, sejam eles reais ou apenas fictícios, são ainda seus, que foi sua vontade de ter celebrado em homenagem a eles em seus próprios festivais; de modo que a enfermidade humana não pode ser chamada de volta da perpetração de atos condenáveis, enquanto a autoridade é fornecida para imitá-los que parece até divino. Essas coisas provamos, não por nossas próprias conjecturas, mas em parte pela memória recente, porque nós mesmos vimos tais coisas celebradas, e para tais divindades, em parte pelos escritos daqueles que deixaram essas coisas registradas para a posteridade, não como se em reprovação, mas como em honra de seus próprios deuses. Assim Varrão, homem mais instruído entre eles, e da mais alta autoridade, quando fez livros separados sobre coisas humanas e coisas divinas, distribuindo uns entre os humanos, outros entre os divinos, segundo a dignidade especial de cada um, colocou o cenário não joga entre as coisas humanas, mas entre as coisas divinas; embora, certamente, se houvesse homens bons e honestos no estado, as peças cênicas não deveriam ser permitidas mesmo entre as coisas humanas. E isso ele não fez por sua própria autoridade, mas porque, sendo nascido e educado em Roma, ele os encontrou entre as coisas divinas. Agora, como afirmamos brevemente no final do primeiro livro o que pretendíamos discutir depois, e como descartamos uma parte disso nos próximos dois livros, vemos o que nossos leitores esperam que façamos agora.

CAPÍTULO. 2.-DAQUELAS COISAS QUE ESTÃO CONTIDAS NOS LIVROS SEGUNDO E TERCEIRO

1. Tínhamos prometido, então, que diríamos algo contra aqueles que atribuam as calamidades da república romana à nossa religião, e que contaríamos os males, tantos e grandes quanto pudéssemos lembrar ou julgássemos suficientes, que aquele cidade, ou as províncias pertencentes ao seu império, sofreram antes que seus sacrifícios fossem proibidos, todos os quais, sem dúvida, teriam sido atribuídos a nós, se nossa religião já tivesse brilhado sobre eles, ou tivesse proibido

seus ritos sacrílegos. Essas coisas temos, como pensamos, totalmente descartadas no segundo e terceiro livros, tratando no segundo dos males da moral, que só ou principalmente devem ser considerados males; e na terceira, daquelas que só os tolos temem sofrer - a saber, as do corpo ou das coisas externas - que na maioria das vezes também os bons sofrem. Mas esses males pelos quais eles mesmos se tornam maus, eles tomam, não digo com paciência, mas com prazer. E quão poucos males eu relatei sobre aquela cidade e seu império! Nem mesmo tudo até o tempo de César Augusto. E se eu tivesse escolhido contar e ampliar esses males, não que os homens infligiram uns aos outros, como as devastações e destruições da guerra, mas que acontecem nas coisas terrenas, dos elementos do próprio mundo. De tais males, Apuleio fala brevemente em uma passagem daquele livro que ele escreveu, De Mundo, dizendo que todas as coisas terrenas estão sujeitas a mudanças, derrubadas e destruição. Pois, para usar suas próprias palavras, por terremotos excessivos, o solo se rompeu e cidades com seus habitantes foram completamente destruídas: por chuvas repentinas, regiões inteiras foram lavadas; também aqueles que antes eram continentes, foram isolados por ondas estranhas e recém-chegadas, e outros, pelo afundamento do mar, tornaram-se transitáveis ao pé do homem: por ventos e tempestades, cidades foram derrubadas; fogos brilharam das nuvens, pelas quais as regiões do Oriente sendo queimadas pereceram; e nas costas ocidentais, destruições semelhantes foram causadas pela explosão de águas e inundações. Assim, antigamente, das altas crateras do Etna, rios de fogo acesos por Deus fluíram como uma torrente pelas encostas. Se eu quisesse recolher da história onde quer que pudesse, estes e exemplos semelhantes, onde deveria ter terminado o que aconteceu mesmo naqueles tempos antes que o nome de Cristo tivesse derrubado aqueles de seus ídolos, tão vãos e prejudiciais para a verdadeira salvação? Prometi que também deveria apontar quais de seus costumes e por qual motivo o verdadeiro Deus, em cujo poder estão todos os reinos, se dignou a favorecer a ampliação de seu império; e como aqueles a quem eles pensam que os deuses não podem ter aproveitado nada para eles, mas muito mais prejudicados, enganando-os e seduzindo-os; de modo que me parece que agora devo falar dessas

coisas e principalmente do aumento do império romano. Pois eu já falei muito, especialmente no segundo livro, sobre os muitos males introduzidos em seus costumes pelos enganos prejudiciais dos demônios que eles adoravam como deuses. Mas ao longo de todos os três livros já concluídos, onde pareceu conveniente, expusemos quanto socorro Deus, em nome de Cristo, a quem os bárbaros além do costume da guerra prestaram tanta honra, concedeu aos bons e maus, conforme está escrito: "O qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus, e dá chuva a justos e injustos".

CAPÍTULO. 3.-SE A GRANDE EXTENSÃO DO IMPÉRIO, QUE FOI ADQUIRIDA APENAS POR GUERRA, DEVE SER CONTADA ENTRE AS COISAS BOAS DOS SÁBIOS OU DOS BEM-AVENTURADOS

1. Agora, portanto, vejamos como é que eles ousam atribuir a grande extensão e duração do império romano àqueles deuses que eles alegam adorar honrosamente, mesmo pelas exéquias de jogos vis e o ministério de vil homens: embora eu gostaria de perguntar um pouco que razão, que prudência há em querer se gloriar na grandeza e extensão do império, quando você não pode apontar a felicidade de homens que estão sempre rolando, com escuro medo e luxúria cruel, em matanças bélicas e em sangue, que, seja derramado em guerra civil ou estrangeira, ainda é sangue humano; de modo que sua alegria pode ser comparada ao vidro em seu esplendor frágil, do qual se tem medo de que ele seja de repente quebrado em pedaços. Para que isso seja mais fácil de discernir, não nos deixemos levar por vanglória vazia, ou embotemos nossa atenção por nomes de coisas que soam alto, quando ouvimos falar de povos, reinos, províncias. Mas vamos supor um caso de dois homens; pois cada homem individual, como uma letra em uma língua, é como se fosse o elemento de uma cidade ou reino, por mais extensa que seja em sua ocupação da terra. Destes dois homens, vamos supor que um seja pobre, ou melhor, de circunstâncias medianas; o outro muito rico. Mas o rico está ansioso com medos, definhando de descontentamento, ardendo de cobiça, nunca seguro,

sempre inquieto, ofegante da luta perpétua de seus inimigos, aumentando seu patrimônio de fato por essas misérias em um grau imenso, e por esses acréscimos também acumulando as mais amargas preocupações. Mas aquele outro homem de riqueza moderada se contenta com uma pequena e compacta propriedade, muito cara à sua própria família, desfrutando da mais doce paz com seus vizinhos e amigos afins, em piedade religiosa, benigna de espírito, saudável de corpo, em vida frugal, em maneiras castas, em consciência segura. Não sei se alguém pode ser tão tolo que ouse hesitar em qual preferir. Como, portanto, no caso desses dois homens, em duas famílias, em duas nações, em dois reinos, esse teste de tranquilidade é válido; e se a aplicarmos com vigilância e sem preconceito, veremos facilmente onde mora a mera demonstração de felicidade e onde a felicidade real. Portanto, se o verdadeiro Deus é adorado, e se Ele é servido com ritos genuínos e verdadeira virtude, é vantajoso que homens bons reinem por muito tempo em toda parte. Nem isso é vantajoso tanto para eles mesmos, quanto para aqueles sobre quem eles reinam. Pois, no que diz respeito a si mesmos, sua piedade e probidade, que são grandes dons de Deus, bastam para lhes dar a verdadeira felicidade, permitindo-lhes viver bem a vida que é agora e depois receber a que é eterna. Neste mundo, portanto, o domínio dos homens bons é lucrativo, não tanto para eles mesmos como para os assuntos humanos. Mas o domínio dos homens maus é prejudicial principalmente para eles mesmos que governam, pois eles destroem suas próprias almas por maior licenciosidade na maldade; enquanto aqueles que são colocados sob eles em serviço não são prejudicados, exceto por sua própria iniquidade. Para os justos, todos os males impostos a eles pelos governantes injustos não são o castigo do crime, mas o teste da virtude. Portanto, o homem bom, embora escravo, é livre; mas o homem mau, mesmo que reine, é escravo, e isso não de um homem, mas, o que é muito mais grave, de tantos senhores quantos vícios tiver; dos quais vícios quando a Escritura divina trata, ela diz: "Pois de quem alguém é vencido, desse também é escravo".

CAPÍTULO. 4.-COMO REINO SEM JUSTIÇA SÃO AOS ROUBOS

1. Tirada a justiça, o que são os reinos senão grandes roubos? Pois o que são os próprios roubos, senão pequenos reinos? A própria banda é formada por homens; é governado pela autoridade de um príncipe, é unido pelo pacto da confederação; o espólio é dividido pela lei acordada. Se, pela admissão de homens abandonados, esse mal aumenta a tal ponto que ocupa lugares, fixa moradas, toma posse de cidades e subjuga povos, assume mais claramente o nome de um reino, porque a realidade é agora manifestamente conferida a ela, não pela remoção da cobiça, mas pela adição da impunidade. De fato, essa foi uma resposta adequada e verdadeira que foi dada a Alexandre, o Grande, por um pirata que havia sido capturado. Pois quando aquele rei perguntou ao homem o que ele queria dizer com manter a posse hostil do mar, ele respondeu com orgulho ousado: "O que você quer dizer com apoderar-se de toda a terra, mas porque eu faço isso com um navio mesquinho, sou chamado de ladrão , enquanto tu que o fazes com uma grande frota és denominado imperador."

CAPÍTULO. 5.-DOS GLADIADORES FUGITIVOS CUJO PODER SE TORNOU COMO O DA DIGNIDADE REAL

1. Não ficarei, portanto, para perguntar que tipo de homens Rômulo reuniu, visto que ele deliberou muito sobre eles – como, sendo assumidos dessa vida que eles levaram para a comunhão de sua cidade, eles poderiam deixar de pensar no castigo eles mereciam, cujo medo os havia levado a maiores vilanias; para que doravante eles possam se tornar membros mais pacíficos da sociedade. Mas digo isto, que o império romano, que subjugando muitas nações já havia se tornado grande e um objeto de pavor universal, ficou muito alarmado e só com muita dificuldade evitou uma derrubada desastrosa, porque um mero punhado de gladiadores na Campânia, fugindo dos jogos, recrutou um grande exército, nomeou três generais e devastou a Itália de maneira mais ampla e cruel. Que digam que deus ajudou esses

homens, para que, de um pequeno e desprezível bando de ladrões, chegassem a um reino, temido até pelos romanos, que tinham tão grandes forças e fortalezas. Ou negarão que foram ajudados divinamente porque não duraram muito? Como se, de fato, a vida de qualquer homem durasse muito. Nesse caso, também, os deuses não ajudam ninguém a reinar, pois todos os indivíduos morrem rapidamente; nem o poder soberano deve ser considerado um benefício, porque em pouco tempo em cada homem, e assim em todos eles um por um, ele desaparece como um vapor. Pois o que importa para aqueles que adoraram os deuses sob Rômulo, e estão mortos há muito tempo, que após sua morte o império romano tenha crescido tanto, enquanto eles pleiteiam suas causas perante os poderes abaixo? Se essas causas são boas ou más, não importa para a questão diante de nós. E isso deve ser entendido por todos aqueles que carregam consigo o pesado fardo de suas ações, tendo nos poucos dias de sua vida passado rápida e apressadamente o estágio do cargo imperial, embora o próprio cargo tenha durado longos períodos de tempo, sendo preenchido por uma sucessão constante de homens moribundos. Se, no entanto, mesmo os benefícios que duram apenas por pouco tempo devem ser atribuídos ao auxílio dos deuses, esses gladiadores não foram pouco auxiliados, que romperam os laços de sua condição servil, fugiram, escaparam, levantaram um grande e exército mais poderoso, obediente à vontade e ordens de seus chefes e muito temido pela majestade romana, e permanecendo indomável por vários generais romanos, conquistou muitos lugares e, tendo conquistado muitas vitórias, desfrutava de todos os prazeres que desejava e fazia o que queria. sua luxúria sugeriu e, até que finalmente foram conquistados, o que foi feito com a maior dificuldade, viveram sublimes e dominantes. Mas vamos a assuntos maiores.

CAPÍTULO. 6.-A RESPEITO DA COBIÇA DE NINUS, QUE FOI O PRIMEIRO A FAZER GUERRA A SEUS VIZINHOS, PARA PODER GOVERNAR MAIS LIVREMENTE

1. Justino, que escreveu a história grega, ou melhor, estrangeira em

latim, e brevemente, como Trogus Pompeius, a quem seguiu, começa seu trabalho assim: "No início dos assuntos dos povos e nações, o governo estava nas mãos dos reis, que foram elevados à altura desta majestade não por cortejar o povo, mas pelo conhecimento que os homens bons tinham de sua moderação. O povo não estava sujeito a nenhuma lei; as decisões dos príncipes eram em vez de leis. Era costume guardar ao invés de estender os limites do império, e os reinos foram mantidos dentro dos limites da terra natal de cada governante . Ele primeiro fez guerra contra seus vizinhos, e subjugou totalmente até as fronteiras da Líbia as nações ainda não treinadas para resistir." E pouco depois ele diz: "Ninus estabeleceu pela posse constante a grandeza da autoridade que ele havia conquistado. o que se seguiu, subjugou as nações de todo o Oriente." Agora, com qualquer fidelidade aos fatos que ele ou Trogus em geral possam ter escrito - pois que eles às vezes mentiam é mostrado por outros escritores mais confiáveis - ainda assim, é acordado entre outros autores que o reino dos assírios foi estendido por toda parte. pelo rei Ninus. E durou tanto, que o império romano ainda não atingiu a mesma idade; pois, como escrevem aqueles que trataram da história cronológica, esse reino durou mil e duzentos e quarenta anos desde o primeiro ano em que Ninus começou a reinar, até ser transferido para os Modos. Mas fazer guerra a seus vizinhos e daí proceder a outros, e por mera luxúria de domínio esmagar e subjugar pessoas que não lhe fazem mal, o que mais pode ser chamado de grande roubo?

CAPÍTULO. 7.-SE OS REINO TERRESTRE EM SUA ASCENSÃO E QUEDA FORAM AJUDADOS OU DESERTOS PELA AJUDA DOS DEUSES

1. Se este reino foi tão grande e duradouro sem a ajuda dos deuses, por que o amplo território e a longa duração do império romano devem ser atribuídos aos deuses romanos? Pois qualquer que seja a causa nele, o mesmo está no outro também. Mas se eles afirmam que a prosperidade do outro também deve ser atribuída à ajuda dos deuses, eu pergunto a quem? Pois as outras nações que Ninus venceu, não

adoravam outros deuses. Ou se os assírios tinham deuses próprios, que, por assim dizer, eram trabalhadores mais hábeis na construção e preservação do império, se eles estão mortos, já que eles mesmos também perderam o império; ou, tendo sido defraudados de seu pagamento, ou prometido um maior, eles preferiram ir para os medos, e deles novamente para os persas, porque Ciro os convidou e lhes prometeu algo ainda mais vantajoso? Esta nação, de fato, desde o tempo do reino de Alexandre, o Macedônio, que foi tão breve quanto grande em extensão, preservou seu próprio império e hoje ocupa não pequenos territórios no Oriente. Se assim é, então ou são infiéis os deuses que abandonam os seus e passam para os seus inimigos, o que Camilo, que era apenas um homem, não fez quando, sendo vitorioso e subjugador de um estado mais hostil, embora ele sentira que Roma, por quem tanto fizera, era ingrata, mas depois, esquecendo a injúria e lembrando-se de sua terra natal, libertou-a novamente dos gauleses; ou não são tão fortes quanto os deuses deveriam ser, pois podem ser superados pela habilidade ou força humana. Ou se, quando eles fazem guerra entre si, os deuses não são vencidos pelos homens, mas alguns deuses que são peculiares a certas cidades são talvez vencidos por outros deuses, segue-se que eles têm brigas entre si que defendem, cada um por sua parte. Portanto, uma cidade não deve adorar seus próprios deuses, mas sim outros que ajudam seus próprios adoradores. Finalmente, qualquer que tenha sido o caso quanto a essa mudança de lado, ou fuga, ou migração, ou fracasso na batalha por parte dos deuses, o nome de Cristo ainda não havia sido proclamado naquelas partes da terra quando esses reinos foram perdidos e transferidos através de grandes destruições na guerra. Pois se, depois de mais de mil e duzentos anos, quando o reino foi tirado dos assírios, a religião cristã já havia pregado outro reino eterno e pôs fim ao culto sacrílego dos falsos deuses, o que mais os homens tolos fariam? daquela nação disseram, mas que o reino que havia sido preservado por tanto tempo, não poderia ser perdido por nenhuma outra causa senão a deserção de suas próprias religiões e a recepção do cristianismo? Em qual discurso tolo que poderia ter sido proferido, que aqueles de quem falamos observem sua própria semelhança e corem, se houver algum sentimento de vergonha neles, porque

expressaram queixas semelhantes; embora o império romano esteja mais afligido do que mudado – uma coisa que também aconteceu em outros tempos, antes que o nome de Cristo fosse ouvido, e foi restaurado após tal aflição – uma coisa que mesmo nestes tempos não deve se desesperar. Pois quem conhece a vontade de Deus sobre este assunto?

CAPÍTULO. 8.-QUAL DOS DEUSES OS ROMANOS PODEM SUPOR QUE PRESIDIU O AUMENTO E A PRESERVAÇÃO DE SEU IMPÉRIO, QUANDO ACREDITARAM QUE MESMO O CUIDADO DE COISAS ÚNICAS DIFICILMENTE PODERIA SER COMPROMETIDO COM DEUSES ÚNICOS?

1. Em seguida, perguntemos, se quiserem, a uma multidão tão grande de deuses que os romanos adoram, a quem em especial, ou que deuses eles acreditam ter estendido e preservado esse império. Agora, certamente desta obra, que é tão excelente e tão cheia da mais alta dignidade, eles não ousam atribuir qualquer parte à deusa Cloacina; ou para Volupia, que tem seu nome de voluptuosidade; ou para Libentina, que tem seu nome de luxúria; ou ao Vaticanus, que preside os gritos das crianças; ou a Cunina, que governa seus berços. Mas como é possível contar em uma parte deste livro todos os nomes de deuses ou deusas, que dificilmente poderiam conter em grandes volumes, distribuindo entre essas divindades seus ofícios peculiares sobre coisas únicas? Eles nem sequer pensaram que a responsabilidade de suas terras deveria ser confiada a qualquer deus: mas eles confiaram suas fazendas a Rusina; os cumes das montanhas até Jugatinus; sobre os baixos eles colocaram a deusa Collatina; sobre os vales, Vallonia. Tampouco podiam encontrar uma Segétia tão competente que pudessem entregar aos seus cuidados todas as suas colheitas de milho de uma só vez; mas enquanto a sua semente de milho ainda estivesse debaixo da terra, eles teriam a deusa Seia colocada sobre ela; então, sempre que estava acima do solo e formava palha, eles colocavam sobre ela a deusa Segétia; e quando o grão foi recolhido e armazenado, eles colocaram sobre ele a deusa Tutilina,

para que pudesse ser guardado em segurança. Quem não teria pensado que a deusa Segétia era suficiente para cuidar do milho em pé até que ele passasse das primeiras folhas verdes para as espigas secas? No entanto, ela não era suficiente para os homens, que amavam uma multidão de deuses, para que a alma miserável, desprezando o abraço casto do único Deus verdadeiro, fosse prostituída com uma multidão de demônios. Por isso, eles colocam Proserpina sobre as sementes em germinação; sobre as juntas e nós dos caules, o deus Nodotus; sobre as bainhas que envolvem as orelhas, a deusa Voluntina; quando as bainhas se abriram para que a espiga pudesse sair, foi atribuída à deusa Patelana; quando as hastes ficaram todas iguais com novas espigas, porque os antigos desprezaram essa equalização pelo termo hostire, foi atribuída à deusa Hostilina; quando o grão estava em flor, era dedicado à deusa Flora; quando cheio de leite, ao deus Lacturnus; ao amadurecer, à deusa Matuta; quando a colheita foi desfeita, isto é, removida do solo, para a deusa Runcina. Nem ainda os conto todos, pois estou farto de tudo isso, embora não os envergonhe. Apenas, eu disse essas poucas coisas, para que se entenda que eles não ousam dizer que o Império Romano foi estabelecido, aumentado e preservado por suas divindades, que tiveram todas as suas próprias funções atribuídas a eles de tal maneira. forma, que nenhuma supervisão geral foi confiada a qualquer um deles. Quando, portanto, Segetia poderia cuidar do império, que não tinha permissão para cuidar do milho e das árvores? Quando Cunina poderia pensar na guerra, cuja supervisão não podia ir além dos berços dos bebês? Quando Nodotus poderia ajudar na batalha, que não tinha nada a ver nem com a bainha da orelha, mas apenas com os nós das articulações? Cada um põe um porteiro na porta de sua casa e, por ser homem, basta; mas essas pessoas colocaram três deuses, Forculus para as portas, Cardea para a dobradiça, Limentinus para o limiar. Assim, Forculus não poderia cuidar ao mesmo tempo da dobradiça e da soleira.

CAPÍTULO. 9.-SE A GRANDE EXTENSÃO E LONGA DURAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO DEVE SER ATRIBUÍDA

A JÚPITER (JOVE), QUE SEUS ADORADORES CRÊM SER O DEUS CHEFE

1. Portanto, omitindo, ou passando um pouco, essa multidão de deuses mesquinhos, devemos investigar a parte desempenhada pelos grandes deuses, pela qual Roma se tornou tão grande a ponto de reinar por tanto tempo sobre tantas nações. Sem dúvida, portanto, esta é a obra do amor. Pois eles terão que ele é o rei de todos os deuses e deusas, como é mostrado por seu cetro e pelo Capitólio na colina elevada. A respeito desse deus publicam um ditado que, embora seja de um poeta, é o mais adequado: "Todas as coisas estão cheias de Júpiter". Varro acredita que este deus é adorado, embora chamado por outro nome, mesmo por aqueles que adoram um só Deus sem qualquer imagem. Mas se é assim, por que ele foi tão mal usado em Roma (e também por outras nações) para que uma imagem dele fosse feita? o costume perverso de uma cidade tão grande, ele não teve a menor hesitação em dizer e escrever, que os que designaram imagens para o povo, ao mesmo tempo, tiraram o medo e acrescentaram o erro.

CAPÍTULO. 10.-QUE OPINIÕES SEGUIRAM AQUELES QUE COLOCARAM SEUS DIVERSOS DEUSES SOBRE DIVERSAS PARTES DO MUNDO

1. Por que, também, Juno se une a ele como sua esposa, que é chamada ao mesmo tempo "irmã e companheira de jugo"? Porque, dizem eles, temos Júpiter no éter, Juno no ar; e estes dois elementos estão unidos, sendo um superior e o outro inferior. Não é ele, então, de quem se diz: "Todas as coisas estão cheias de Júpiter", se Juno também preenche alguma parte. Cada um deles preenche um deles, e ambos são desse par em ambos os elementos, e em cada um deles ao mesmo tempo? Por que, então, o éter é dado a Júpiter, o ar a Juno? Além disso, esses dois deveriam ter sido suficientes. Por que o mar é atribuído a Netuno, a terra a Plutão? E para que estes também não fiquem sem companheiros, Salacia une-se a Netuno, Prosérpina a Plutão. Pois dizem que, assim como Juno possui a parte inferior dos

céus, isto é, o ar, Salácia possui a parte inferior do mar e Prosérpina a parte inferior da terra. Eles procuram como podem consertar essas fábulas, mas não encontram nenhuma maneira. Pois se essas coisas fossem assim, seus antigos sábios teriam sustentado que existem três elementos principais do mundo, não quatro, para que cada um dos elementos possa ter um par de deuses. Agora, eles afirmaram positivamente que o éter é uma coisa, o ar é outra. Mas a água, seja superior ou inferior, é certamente água. Suponha que seja tão diferente, pode ser tanto que não seja mais água? E a terra inferior, por qualquer divindade que possa ser distinguida, o que mais pode ser além da terra? Veja, então, já que todo o mundo físico está completo nesses quatro ou três elementos, onde estará Minerva? O que ela deve possuir, o que ela deve preencher? Pois ela é colocada no Capitólio junto com esses dois, embora ela não seja filha de seu casamento. Ou se eles dizem que ela possui a parte superior do éter, e por isso os poetas fingiram que ela surgiu da cabeça de Júpiter, por que então ela não é considerada rainha dos deuses, porque ela é superior a Júpiter (Jove)? É porque seria impróprio colocar a filha antes do pai? Por que, então, essa regra de justiça não é observada em relação ao próprio Júpiter em relação a Saturno? É porque ele foi conquistado? Eles lutaram então? De maneira nenhuma, dizem eles; essa é a fábula de uma velha esposa. Veja, não devemos acreditar em fábulas, e devemos ter opiniões mais dignas sobre os deuses! Por que, então, eles não atribuem ao pai de Júpiter um assento, se não de maior, pelo menos de igual honra? Porque Saturno, dizem eles, é uma extensão de tempo.⁴ Portanto, aqueles que adoram Saturno adoram o Tempo; e insinua-se que Júpiter, o rei dos deuses, nasceu do Tempo. Pois é algo indigno dito quando se diz que Júpiter e Juno surgiram do Tempo, se ele é o céu e ela é a terra, já que tanto o céu quanto a terra foram feitos e, portanto, não são eternos? Pois seus sábios e sábios têm isso também em seus livros. Nem é esse ditado tirado por Virgílio de invenções poéticas, mas dos livros de filósofos,

"Então Éter, o Pai Todo-Poderoso, em copiosas chuvas desceu

No seio alegre de sua esposa, tornando-o fértil",

– isto é, no seio de Tellus, ou na terra. Embora aqui, também, eles terão algumas diferenças, e pensam que na própria terra Terra é uma coisa, Tellus outra, e Tellumo outra. E eles têm tudo isso como deuses, chamados por seus próprios nomes, distinguidos por seus próprios ofícios e venerados com seus próprios altares e ritos. Essa mesma terra também eles chamam de mãe dos deuses, de modo que até as ficções dos poetas são mais toleráveis, se, de acordo com seus livros poéticos, mas sagrados, Juno não é apenas a irmã e a esposa, mas também a mãe de Júpiter. A mesma terra eles adoram como Ceres, e também como coletes; enquanto ainda afirmam com mais frequência que os coletes nada mais são do que fogo, pertencente às lareiras, sem as quais a cidade não pode existir; e, portanto, as virgens costumam servi-la, porque, como nada nasce de uma virgem, nada nasce do fogo; - mas todo esse absurdo deve ser completamente abolido e extinto por Aquele que nasceu de uma virgem. Pois quem pode suportar que, enquanto atribuem ao fogo tanta honra e, por assim dizer, castidade, não se envergonham às vezes até de chamar Vests de Vênus, para que a virgindade honrada desapareça em suas servas? Pois se Vests é Vênus, como as virgens podem servi-la corretamente, abstendo-se de venerá-la? Existem duas Vênus, uma virgem e a outra não empregada? Ou melhor, há três, uma a deusa das virgens, que também é chamada de Vesta, outra a deusa das esposas e outra das meretrizes? A ela também os fenícios ofereceram um presente prostituindo suas filhas antes de uni-las aos maridos. Qual destas é a esposa de Vulcano? Certamente não a virgem, já que ela tem marido. Longe de nós dizer que é a prostituta, para que não pareçamos prejudicar o filho de Juno e colega de trabalho de Minerva. Portanto, deve-se entender que ela pertence às pessoas casadas; mas não gostaríamos que a imitassem no que ela fez com Marte. "De novo", dizem eles, "você volta às fábulas". Que justiça é essa, zangar-se conosco porque dizemos tais coisas de seus deuses, e não ficar zangados consigo mesmos, que em seus teatros contemplam com mais boa vontade os crimes de seus deuses? E – coisa incrível, se não fosse bem provada – essas representações tão teatrais dos crimes de seus deuses foram instituídas em homenagem a esses mesmos deuses.

CAPÍTULO. 11.-REFERENTE AOS MUITOS DEUSES QUE OS MÉDICOS PAGÃOS DEFENDEM COMO UM, E O MESMO JÚPITER (JOVE)

1. Que eles, portanto, afirmem quantas coisas quiserem em raciocínios físicos e disputas. Um momento que Júpiter seja a alma deste mundo corpóreo, que enche e move toda essa massa, construída e compactada de quatro, ou tantos elementos quantos quiserem; daqui a pouco, deixe-o ceder a sua irmã e irmãos suas partes: agora deixe-o ser o éter, para que de cima ele possa abraçar Juno, o ar espalhado por baixo; novamente, que ele seja todo o céu junto com o ar, e engravide com chuvas fertilizantes e sementes a terra, como sua esposa e, ao mesmo tempo, sua mãe (pois isso não é vil nos seres divinos); e mais uma vez (para que não seja necessário percorrê-los todos), deixe ele, o único deus, de quem muitos pensam que foi dito por um poeta muito nobre,

"Pois Deus permeia todas as coisas,

Todas as terras, e as extensões do mar, e as profundezas dos céus,"

que seja aquele que no éter é Júpiter; no ar, Juno; no mar, Netuno; nas partes mais baixas do mar, Salacia; na terra, Plutão; na parte inferior da terra, Proserpina; nas lareiras domésticas, Vesta; na fornalha dos trabalhadores, Vulcano; entre as estrelas, Sol e Luna, e as estrelas; na adivinhação, Apolo; em mercadoria, Mercúrio; em Janus, o iniciador; em Terminus, o terminador; Saturno, no tempo; Marte e Belona, em guerra; Liber, em vinhas; Ceres, em milharais; Diana, nas florestas; Minerva, no aprendizado. Finalmente, que seja aquele que está nessa multidão, por assim dizer, de deuses plebeus: que ele presida sob o nome de Liber sobre a semente dos homens, e sob o de Libera sobre a das mulheres: seja Diespiter, que traz o nascimento à luz do dia: seja a deusa Mena, a quem eles colocaram sobre a menstruação das mulheres; seja Lucina, que é invocada pelas mulheres no parto; que ele ajude os que estão nascendo, tomando-os do seio da terra, e que ele seja chamado Opis: que ele abra a boca no

bebê que chora, e seja chamado de deus Vaticanus: que ele o levante da terra, e seja chamado de deusa Levana; que ele cuide dos berços, e seja chamada a deusa Cunina: que não seja outra senão aquela que está nessas deusas, que cantam os destinos dos recém-nascidos, e se chamam Carmentes: que ele presida os eventos fortuitos e seja chamado Fortuna: na deusa Rumina, deixe-o ordenhar o peito do pequeno, porque os antigos chamavam o peito de ruma: na deusa Potina, que ele administre a bebida; na deusa Educa, que ele forneça comida: do terror de crianças, que ele seja denominado Paventia: da esperança que vem, Venilia: da volúpia, Volupia: da ação, Agenor: dos estimulantes pelos quais o homem é estimulado a muita ação, seja chamado a deusa Estímulo: seja ele a deusa Strenia, por tornar extenuante; Numeria, que ensina a numerar; Camœna, que ensina a cantar: seja ele o deus Consus para dar conselhos e a deusa Sentia para frases inspiradoras: seja a deusa Juventas, que, depois que o manto da infância é posto de lado, se encarrega do início da juventude: que seja Fortuna Barbata, que dota os adultos de barba, a quem eles não escolheram honrar; para que essa divindade, seja ela qual for, seja pelo menos um deus masculino, chamado Barbatus, de barba, como Nodotus, de nodus; ou, certamente, não Fortuna, mas porque ele tem barba, Fortunius: deixe-o, no deus Jugatinus, unir casais em casamento; e quando o cinto da esposa virgem for solto, que ele seja invocado como a deusa Virginiensis: seja Mutunus ou Tuternus, que, entre os gregos, é chamado de Príapo. Se eles não se envergonham disso, que todos estes que eu mencionei, e quaisquer outros que eu não mencionei (pois não achei adequado nomear todos), que todos esses deuses e deusas sejam esse Júpiter, seja, como alguns quer, tudo isso faz parte dele, ou são seus poderes, como pensam aqueles que se comprazem em considerá-lo a alma do mundo, que é a opinião da maioria de seus médicos, e estes os maiores. Se essas coisas são assim (como podem ser más, ainda não indago), o que perderiam se, por um resumo mais prudente, adorassem um deus? Pois que parte dele poderia ser desprezado se ele mesmo devesse ser adorado? Mas se eles temem que partes dele fiquem zangadas por serem ignoradas ou negligenciadas, então não é o caso, como eles querem, que este todo seja como a vida de um ser vivo, que contém todos os deuses juntos. ,

como se fossem suas virtudes, ou membros, ou partes; mas cada parte tem sua própria vida separada do resto, se é de modo que uma pode ser irritada, apaziguada ou agitada mais do que outra. Mas se for dito que todos juntos, isto é, todo o próprio Júpiter, ficariam ofendidos se suas partes também não fossem adoradas individualmente e minuciosamente, isso é tolamente falado. Certamente nenhum deles poderia ser ignorado se aquele que possui todos eles fosse adorado. Pois, para omitir outras coisas que são inumeráveis, quando eles dizem que todas as estrelas são partes de Júpiter, e estão todas vivas, e têm almas racionais e, portanto, sem controvérsia são deuses, eles não podem ver quantos eles não adoram? a quantos eles não constroem templos ou erguem altares, e a quantos, de fato, das estrelas eles pensaram em erguê-los e oferecer sacrifícios? Se, portanto, estão descontentes aqueles que não são adorados solidariamente, eles não temem viver com apenas alguns apaziguados, enquanto todo o céu está descontente? Mas se eles adoram todas as estrelas porque são parte de Júpiter, a quem adoram, pelo mesmo método de compêndio poderiam suplicar a todas somente nele. Pois assim ninguém ficaria descontente, pois somente nele todos seriam suplicados. Ninguém seria desprezado, em vez de haver justa causa de desagrado dada ao número muito maior que é ignorado no culto oferecido a alguns; especialmente quando Príapo, estendido em vil nudez, é preferido àqueles que brilham de sua morada celestial.

CAPÍTULO. 12.-QUANTO À OPINIÃO DOS QUE PENSAM QUE DEUS É A ALMA DO MUNDO, E O MUNDO É O CORPO DE DEUS

1. Não deveriam os homens de inteligência, e de fato homens de todo tipo, ser instigados a examinar a natureza dessa opinião? Pois não há necessidade de excelente capacidade para esta tarefa, para que, deixando de lado o desejo de contenda, observem que, se Deus é a alma do mundo, e o mundo é como um corpo para Ele, que é a alma, Ele deve ser um ser vivo constituído de alma e corpo, e que este mesmo Deus é uma espécie de útero da natureza que contém todas as

coisas em si mesmo, de modo que as vidas e almas de todos os seres vivos são tomadas, de acordo com a forma de nascimento de cada um, de Sua alma que vivifica toda aquela massa e, portanto, nada permanece que não seja uma parte de Deus. E se é assim, quem não pode ver que consequências ímpias e irreligiosas se seguem, como que, tudo o que alguém pode pisar, deve pisar uma parte de Deus, e ao matar qualquer criatura viva, uma parte de Deus deve ser massacrada? Mas não estou disposto a proferir tudo o que possa ocorrer àqueles que pensam nisso, mas não posso ser falado sem irreverência.

CAPÍTULO. 13.-RELATIVA AQUELES QUE AFIRMAM QUE APENAS OS ANIMAIS RACIONAIS SÃO PARTES DO ÚNICO DEUS

1. Mas se eles afirmam que apenas os animais racionais, como os homens, são partes de Deus, eu realmente não vejo como, se o mundo inteiro é Deus, eles podem separar os animais de serem partes Dele. Mas qual é a necessidade de se esforçar para isso? Quanto ao próprio animal racional, isto é, o homem, que crença mais infeliz pode ser nutrida do que uma parte de Deus que é açoitada quando um menino é açoitado? E quem, a menos que seja muito louco, poderia suportar o pensamento de que partes de Deus podem se tornar lascivas, iníquas, ímpias e totalmente condenáveis? Em resumo, por que Deus está zangado com aqueles que não O adoram, já que esses ofensores são partes de Si mesmo? Resta, portanto, que eles devem dizer que todos os deuses têm suas próprias vidas; que cada um vive para si, e nenhum deles faz parte de ninguém; mas que todos devem ser adorados – pelo menos tantos quantos podem ser conhecidos e adorados; pois eles são tantos que é impossível que todos possam ser assim. E de tudo isso, acredito que Júpiter, porque ele preside como rei, é considerado por eles como tendo estabelecido e estendido o império romano. Pois se ele não o fez, que outro deus eles acreditam que poderia ter tentado uma obra tão grande, quando todos devem estar ocupados com seus próprios ofícios e obras, nem um pode se intrometer no de outro? O reino dos homens poderia então ser propagado e aumentado pelo rei

dos deuses?

CAPÍTULO. 14.-O AMPLIAMENTO DOS REINOS É INADEQUADAMENTE ATRIBUÍDO A JÚPITER (JOVE); POIS SE, COMO ELES QUEREM, A VITÓRIA É UMA DEUSA, SÓ ELA SERIA SUFICIENTE PARA ESTE NEGÓCIO

1. Aqui, em primeiro lugar, pergunto, por que mesmo o próprio reino não é algum deus. Pois por que não deveria ser assim também, se a Vitória é uma deusa? Ou que necessidade há do próprio Júpiter neste caso, se a Vitória favorece e é propícia, e sempre vai para aqueles que ela deseja que sejam vitoriosos? Com esta deusa favorável e propícia, mesmo que Júpiter estivesse ocioso e nada fizesse, que nações poderiam permanecer indomáveis, que reino não cederia? Mas talvez seja desagradável para os homens bons lutar com a mais perversa injustiça, e provocar com vizinhos de guerra voluntários que são pacíficos e não fazem mal, a fim de ampliar um reino? Se eles se sentem assim, eu os aprovo e os louvo inteiramente.

CAPÍTULO. 15.-SE É ADEQUADO PARA BONS HOMENS DESEJAR GOVERNAR MAIS AMPLAMENTE

1. Que eles perguntem, então, se é bastante apropriado para homens bons se alegrarem com um império estendido. Pois a iniquidade daqueles com quem se travam guerras justas favorece o crescimento de um reino, que certamente teria sido pequeno se a paz e a justiça dos vizinhos não tivessem provocado por nenhum mal a guerra contra eles; e os assuntos humanos sendo assim mais felizes, todos os reinos teriam sido pequenos, regozijando-se na concórdia da vizinhança; e assim haveria muitos reinos de nações no mundo, pois há muitas casas de cidadãos em uma cidade. Portanto, continuar a guerra e estender um reino sobre nações totalmente subjugadas parece para os homens maus uma felicidade, para os homens bons, uma necessidade. Mas porque seria pior que os injuriadores governassem os mais justos,

portanto, mesmo isso não é inadequadamente chamado de felicidade. Mas, sem dúvida, é maior felicidade ter um bom vizinho em paz, do que vencer um mau fazendo a guerra. Seus desejos são ruins, quando você deseja que aquele que você odeia ou teme esteja em tal condição que você possa conquistá-lo. Se, portanto, realizando guerras justas, não ímpias ou injustas, os romanos poderiam ter adquirido um império tão grande, não deveriam eles adorar como uma deusa até a injustiça dos estrangeiros? Pois vemos que isso cooperou muito na extensão do império, tornando os estrangeiros tão injustos que se tornaram pessoas com quem guerras justas poderiam ser travadas e o império aumentado. E por que não a injustiça, pelo menos a de nações estrangeiras, também ser uma deusa, se Medo e Pavor e Ague mereceram ser deuses romanos? Por estes dois, portanto, isto é, pela injustiça estrangeira, e a deusa Vitória, pois a injustiça provoca as causas das guerras, e Vitória leva essas mesmas guerras a um final feliz, o império aumentou, embora Júpiter tenha sido parado. Pois que parte poderia ter Júpiter aqui, quando aquelas coisas que poderiam ser consideradas seus benefícios são consideradas deuses, chamados deuses, adorados como deuses, e são eles próprios invocados por suas próprias partes? Ele também pode ter alguma parte aqui, se ele mesmo pode ser chamado de Império, assim como ela é chamada de Vitória. Ou se o império é uma dádiva de Júpiter, por que a vitória também não pode ser considerada sua dádiva? E certamente teria sido assim, se ele fosse reconhecido e adorado, não como uma pedra no Capitólio, mas como o verdadeiro Rei dos reis e Senhor dos senhores.

CAPÍTULO. 16.-QUAL FOI A RAZÃO POR QUE OS ROMANOS, DETALHANDO DEUSES SEPARADOS PARA TODAS AS COISAS E TODOS OS MOVIMENTOS DA MENTE, ESCOLHERAM TER O TEMPLO DO SILÊNCIO FORA DOS PORTÕES

1. Mas eu me admiro muito, que enquanto eles atribuíram aos deuses coisas separadas, e (quase) todos os movimentos da mente; que enquanto invocavam a deusa Agenoria, que deveria excitar à ação; a

deusa Stimula, que deve estimular ações inusitadas; a deusa Múrcia, que não deve mover os homens além da medida, mas torná-los, como diz Pompônio, mórbidos - isto é, muito preguiçosos e inativos; a deusa Strenua, que deveria torná-los extenuantes; e que enquanto eles ofereciam a todos esses deuses e deusas um culto solene e público, eles ainda não deveriam ter dado reconhecimento público a quem eles chamam de Quies porque ela acalma os homens, mas construiu seu templo fora do portão Colline. Se isso era um sintoma de uma mente inquieta, ou melhor, era assim sugerido que aquele que deveria perseverar em adorar aquela multidão, não, com certeza, de deuses, mas de demônios, não poderia habitar em silêncio; ao qual o verdadeiro Médico chama, dizendo: "Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas?"

CAPÍTULO. 17.-SE, SE O MAIS ALTO PODER PERTENCE A JÚPITER (JOVE), VITÓRIA (VICTORIA) TAMBÉM DEVE SER ADORADA

1. Ou eles dizem, talvez, que Júpiter envia a deusa Vitória, e que ela, como se estivesse agindo em obediência ao rei dos deuses, vem para aqueles a quem ele pode tê-la despachado e toma seus aposentos em o lado deles? Isto é verdadeiramente dito, não de Júpiter, a quem eles, segundo sua própria imaginação, fingem ser o rei dos deuses, mas daquele que é o verdadeiro Rei eterno, porque ele envia, não a Vitória, que não é uma pessoa, mas Seu anjo, e faz com que quem Ele queira conquistar; cujo conselho pode estar oculto, mas não pode ser injusto. Pois se a Vitória é uma deusa, por que o Triunfo não é também um deus, e unido à Vitória como marido, irmão ou filho? De fato, eles imaginaram tais coisas a respeito dos deuses, que se os poetas tivessem fingido algo assim, e eles deveriam ter sido discutidos por nós, eles teriam respondido que eram invenções risíveis dos poetas, não devem ser atribuídas a verdadeiras divindades. E, no entanto, eles mesmos não riam quando estavam, não lendo nos poetas, mas adorando nos templos tais loucuras adoradoras. Portanto, eles devem

suplicar a Jove por todas as coisas, e suplicar apenas a ele. Pois se Vitória é uma deusa, e está sob ele como seu rei, onde quer que ele a tenha enviado, ela não ousaria resistir e fazer sua própria vontade e não a dele.

CAPÍTULO. 18.-SE A FELICIDADE E A FORTUNA TAMBÉM SÃO DEUSAS

1. O que diremos, além disso, da ideia de que Felicidade também é uma deusa? Ela recebeu um templo; ela mereceu um altar; ritos adequados de adoração são pagos a ela. Ela sozinha, então, deve ser adorada. Pois onde ela está presente, que coisa boa pode faltar? Mas o que um homem deseja, que ele pensa que a Fortuna também é uma deusa e a adora? Felicidade é uma coisa, fortuna outra? A fortuna, de fato, pode ser ruim e boa; mas a felicidade, se pudesse ser ruim, não seria felicidade. Certamente devemos pensar que todos os deuses de ambos os sexos (se eles também fazem sexo) são apenas bons. Isto diz Platão; isto dizem outros filósofos; isto dizem todos os estimados governantes da república e das nações. Como é, então, que a deusa Fortuna às vezes é boa, às vezes má? Será que, quando ela é má, ela não é uma deusa, mas de repente se transforma em um demônio maligno? Quantas Fortunas existem então? Tantos quantos são os homens afortunados, isto é, de boa fortuna. Mas como deve haver também muitos outros que ao mesmo tempo são homens de má sorte, poderia ela, sendo uma e a mesma Fortuna, ser ao mesmo tempo má e boa – uma para estes, a outra para aqueles? Ela que é a deusa, ela é sempre boa? Então ela mesma é a felicidade. Por que, então, dois nomes são dados a ela? No entanto, isso é tolerável; pois é costume que uma coisa seja chamada por dois nomes. Mas por que templos diferentes, altares diferentes, rituais diferentes? Há uma razão, dizem eles, porque Felicidade é aquela que os bons têm por mérito anterior; mas a fortuna, que é chamada de boa sem qualquer prova de mérito, recai sobre homens bons e maus fortuitamente, de onde ela também é chamada de fortuna. Como, portanto, é boa aquela que sem discernimento vem tanto para o bem quanto para o mal? Por que ela é

adorada, que é tão cega, correndo ao acaso em qualquer um, de modo que na maioria das vezes ela passa por seus adoradores e se apega aos que a desprezam? Ou se seus adoradores lucram um pouco, para que sejam vistos por ela e amados, então ela segue o mérito e não vem por acaso. O que, então, acontece com essa definição de fortuna? O que acontece com a opinião de que ela recebeu seu próprio nome de eventos fortuitos? Pois não adianta adorá-la se ela é verdadeiramente fortuna. Mas se ela distingue seus adoradores para beneficiá-los, ela não é fortuna. Ou Júpiter também a manda para onde quer? Então deixe-o ser adorado; porque a Fortuna não é capaz de resistir a ele quando ele a comanda, e a envia para onde quer. Ou, pelo menos, que os maus a adorem, que não escolhem ter mérito pelo qual a deusa Felicidade possa ser convidada.

CAPÍTULO. 19.-A RESPEITO DA FORTUNA MULIEBRIS.

1. A esta suposta divindade, a quem eles chamam Fortuna, eles atribuem tanto, de fato, que eles têm uma tradição que a imagem dela, que foi dedicada pelas matronas romanas, e chamada Fortuna Muliebris, falou e disse: uma e outra vez, que as matronas a agradaram com sua homenagem; que, de fato, se for verdade, não deve excitar nossa admiração. Pois não é tão difícil para os demônios malignos enganar, e eles deveriam antes advertir para suas inteligências e astúcias, porque é aquela deusa que vem ao acaso que falou, e não ela que vem recompensar o mérito. Pois Fortuna era loquaz e Felicitas muda; e por que outra razão, senão que os homens não se importassem em viver corretamente, tendo feito da Fortuna sua amiga, quem poderia torná-los afortunados sem nenhum bom merecimento? E, na verdade, se a Fortuna fala, ela deve pelo menos falar, não com uma voz feminina, mas com uma voz masculina; para que eles mesmos que dedicaram a imagem não pensem que um milagre tão grande foi feito pela loquacidade feminina.

CAPÍTULO. 20.-QUANTO À VIRTUDE E FÉ, QUE OS

**PAGÕES HONRARAM COM TEMPLOS E RITOS SAGRADOS,
PASSANDO POR OUTRAS BOAS QUALIDADES, QUE
TAMBÉM DEVERIAM SER ADORADAS, SE A DEIDADE FOI
ATRIBUÍDA CORRETAMENTE A ESTAS**

1. Eles fizeram da Virtude também uma deusa, que, de fato, se pudesse ser uma deusa, teria sido preferível a muitos. E agora, porque não é uma deusa, mas um dom de Deus, que seja obtido pela oração dEle, por quem somente pode ser dado, e toda a multidão de falsos deuses desaparece. Mas por que se acredita que a Fé seja uma deusa, e por que ela mesma recebe templo e altar? Pois quem a reconhece com prudência faz de si mesmo uma morada para ela. Mas como eles sabem o que é a fé, da qual é a principal e maior função na qual o verdadeiro Deus pode ser acreditado? Mas por que a virtude não bastou? Não inclui a fé também? Visto que eles julgaram conveniente distribuir a virtude em quatro divisões – prudência, justiça, fortaleza e temperança – e como cada uma dessas divisões tem suas próprias virtudes, a fé está entre as partes da justiça e tem o lugar principal entre tantas nós como sabemos o que esse ditado significa: "O justo viverá pela fé". Mas se a Fé é uma deusa, eu me pergunto por que esses apaixonados amantes de uma multidão de deuses prejudicaram tantas outras deusas, deixando-as de lado, quando poderiam ter dedicado templos e altares a elas da mesma forma. Por que a temperança não mereceu ser uma deusa, quando alguns príncipes romanos obtiveram não pouca glória por causa dela? Por que, enfim, a fortaleza não é uma deusa, que ajudou Múcio quando ele enfiou a mão direita nas chamas; quem ajudou Curtius, quando por causa de seu país ele se jogou de cabeça na terra bocejante; quem ajudou Décio, o senhor, e Décio, o filho, quando eles se dedicaram ao exército? - embora possamos questionar se esses homens tiveram verdadeira coragem, se isso se refere à nossa discussão atual. Por que a prudência e a sabedoria não mereceram lugar entre os deuses? É porque todos eles são adorados sob o nome geral da própria Virtude? Então eles poderiam adorar o verdadeiro Deus também, de quem todos os outros deuses são considerados partes. Mas nesse único nome de virtude estão compreendidas tanto a fé quanto a castidade, que ainda obtiveram

altares separados em seus próprios templos.

CAPÍTULO. 21.- QUE EMBORA NÃO ENTENDENDO QUE SEJAM DONS DE DEUS, DEVEM PELO MENOS TER SIDO CONTEÚDOS COM VIRTUDE E FELICIDADE

1. Estes, não a verdade, mas a vaidade fez deusas. Pois estes são presentes do verdadeiro Deus, não deusas. No entanto, onde estão a virtude e a felicidade, o que mais se busca? O que pode bastar ao homem a quem a virtude e a felicidade não bastam? Pois certamente a virtude compreende todas as coisas que precisamos fazer, a felicidade todas as coisas que precisamos desejar. Se Júpiter, então, foi adorado para dar essas duas coisas – porque, se a extensão e a duração do império é algo bom, pertence a essa mesma felicidade – por que não se entende que não são deusas, mas os dons de Deus? Mas se eles são julgados como deusas, então pelo menos essa outra grande multidão de deuses não deve ser procurada. Pois, tendo considerado todos os ofícios que sua fantasia distribuiu entre os vários deuses e deusas, que eles descubram, se puderem, qualquer coisa que possa ser concedida por qualquer deus a um homem que possui virtude, possui felicidade. Que instrução poderia ser buscada de Mercúrio ou Minerva, quando a Virtude já possuía tudo em si mesma? A virtude, de fato, é definida pelos antigos como a própria arte de viver bem e corretamente. Portanto, porque a virtude é chamada em grego ἀρετή, pensou-se que os latinos derivaram dela o termo arte. Mas se a virtude não pode vir senão para os inteligentes, que necessidade havia do deus padre Cúrio, que deveria tornar os homens cautelosos, isto é, agudos, quando Felicidade podia conferir isso? Porque, nascer inteligente pertence à felicidade. Por isso, embora a deusa Felicidade não pudesse ser adorada por um ainda não nascido, a fim de que, tornando-se sua amiga, ela pudesse conceder-lhe isso, mas ela pudesse conceder esse favor aos pais que eram seus adoradores, que crianças inteligentes fossem nascidas para eles. Que necessidade tinham as mulheres no parto de invocar Lucina, quando, se Felicity estivesse presente, teriam não apenas um bom parto, mas também bons filhos? Que necessidade

havia de recomendar os filhos à deusa Ops quando eles estavam nascendo; ao deus Vaticanus em seu grito de nascimento; à deusa Cunina quando embalada; para a deusa Rimina ao chupar; ao deus Estatilino quando em pé; à deusa Adeona ao chegar; a Abeona quando se vai; à deusa Mens para que tenham uma boa mente; ao deus Volumnus e à deusa Volumna, para que possam desejar coisas boas; aos deuses nupciais, para que pudessem fazer bons casamentos; aos deuses rurais, e principalmente à própria deusa Fructesca, para que recebessem os frutos mais abundantes; para Marte e Bellona, para que possam levar a guerra bem; à deusa Vitória, para que fossem vitoriosos; ao deus Honra, para que sejam honrados; à deusa Pecúnia, para que tenham bastante dinheiro; ao deus Esculano e seu filho Argentino, para que tivessem moedas de bronze e prata? Pois eles estabeleceram Esculano como o pai de Argentino por esta razão, aquela moeda de latão começou a ser usada antes da prata. Mas eu me pergunto Argentinus não gerou Aurinus, uma vez que a moeda de ouro também se seguiu. Se o tivessem como deus, prefeririam Aurinus tanto a seu pai Argentinus quanto a seu avô Esculano, assim como colocaram Júpiter antes de Saturno. Portanto, que necessidade havia por causa desses dons, seja de alma, ou corpo, ou estado exterior, para adorar e invocar uma multidão tão grande de deuses, todos os quais eu não mencionei, nem eles mesmos foram capazes de fornecer? para todos os benefícios humanos, minuciosa e individualmente metodizados, deuses minúsculos e únicos, quando a única deusa Felicidade foi capaz, com a maior facilidade, de conceder todos eles? nem deve ser procurado qualquer outro, seja para conceder coisas boas, ou para evitar o mal. Por que eles deveriam invocar a deusa Fessonia para o cansado; para afastar inimigos, a deusa Pellonia; para os doentes, como médico, Apolo ou Esculápio, ou ambos juntos, se houver grande perigo? Tampouco se deve pedir ao deus Spiniensis para arrancar os espinhos dos campos; nem a deusa Rubigo para que o mofo não viesse, — Felicitas sozinha estando presente e guardando, ou nenhum mal teria surgido, ou eles teriam sido facilmente expulsos. Finalmente, já que tratamos dessas duas deusas, Virtude e Felicidade, se a felicidade é a recompensa da virtude, ela não é uma deusa, mas um dom de Deus. Mas se ela é uma deusa, por que não se pode dizer

que ela confere a própria virtude, visto que é uma grande felicidade alcançar a virtude?

CAPÍTULO. 22.-QUANTO AO CONHECIMENTO DA ADORAÇÃO AOS DEUSES, QUE VARRO SE GLORIFICA EM TER CONFERIDO AOS ROMANOS

1. O que é, então, que Varrão se vangloria de ter concedido como um grande benefício aos seus concidadãos, porque ele não apenas relata os deuses que deveriam ser adorados pelos romanos, mas também diz o que pertence a cada um deles? ? “Assim como não é vantajoso”, diz ele, “conhecer o nome e a aparência de qualquer homem que é médico, e não saber que ele é médico, também”, diz ele, “não é vantajoso saiba bem que Esculápio é um deus, se você não sabe que ele pode conceder o dom da saúde e, portanto, não sabe por que você deve suplicar a ele. Ele também afirma isso por outra comparação, dizendo: "Ninguém pode, não apenas viver bem, mas até mesmo viver, se não souber quem é o mito, quem é o padeiro, quem é o tecelão, de quem pode procurar qualquer utensílio, a quem tomar por ajudante, a quem por líder, a quem por professor;" afirmando, "que desta forma não pode ser duvidoso para ninguém, que assim o conhecimento dos deuses é útil, se alguém pode saber que força, e faculdade, ou poder qualquer deus pode ter em qualquer coisa. ser capaz", diz ele, "de saber a que deus devemos invocar e invocar por qualquer causa; para que não façamos como muitos costumam fazer, e desejamos água de Liber e vinho de Lymphs". Muito útil, sem dúvida! Quem não daria graças a este homem se pudesse mostrar coisas verdadeiras e se pudesse ensinar que o único Deus verdadeiro, de quem são todas as coisas boas, deve ser adorado pelos homens?

CAPÍTULO. 23.-SOBRE A FELICIDADE, QUE OS ROMANOS, QUE VENERAM MUITOS DEUSES, POR MUITO TEMPO NÃO ADORARAM COM HONRA DIVINA

1. Mas como acontece, se seus livros e rituais são verdadeiros, e Felicidade é uma deusa, que ela mesma não seja apontada como a única a ser adorada, já que ela poderia conferir todas as coisas e de uma só vez fazer os homens felizes? ? Pois quem deseja alguma coisa por qualquer outra razão que não seja para ser feliz? Por que coube a Lúculo dedicar um templo a uma deusa tão grande em uma data tão tardia e depois de tantos governantes romanos? Por que o próprio Rômulo, ambicioso como era de contornar uma cidade afortunada, não erigiu um templo para essa deusa antes de todas as outras? Por que ele suplicou aos outros deuses por alguma coisa, já que nada lhe faltaria se ela estivesse com ele? Pois mesmo ele próprio não teria sido primeiro rei, depois, como pensam, deus, se essa deusa não lhe fosse propícia. Por que, portanto, ele nomeou como deuses para os romanos, Janus, Jove, Marte, Picus, Fauno, Tibernus, Hércules e outros, se havia mais deles? Por que Tito Tácio acrescentou Saturno, Ops, Sol, Lua, Vulcano, Luz e quaisquer outros que ele acrescentou, entre os quais estava até a deusa Cloacina, enquanto Felicidade foi negligenciada? Por que Numa nomeou tantos deuses e tantas deusas sem este? Seria porque ele não podia vê-la em meio a uma multidão tão grande? Certamente o rei Hostílio não teria apresentado os novos deuses Medo e Medo para serem apaziguados, se ele pudesse conhecer ou adorar essa deusa. Pois, na presença de Felicity, o medo e o pavor teriam desaparecido, não digo propiciados, mas postos em fuga. 2. Em seguida, pergunto, como é que o império romano já havia aumentado imensamente antes que alguém adorasse Felicidade? O império era, portanto, mais grande do que feliz? Pois como poderia existir a verdadeira felicidade, onde não havia verdadeira piedade? Pois a piedade é a adoração genuína do Deus verdadeiro, e não a adoração de tantos demônios quanto os falsos deuses. No entanto, mesmo depois, quando Felicidade já havia sido incluída no número dos deuses, seguiu-se a grande infelicidade das guerras civis. Felicidade talvez com razão se indignasse, tanto por ter sido convidada tão tarde, quanto por ser convidada não para homenagear, mas para reprovar, porque junto com ela eram adorados Príapo, Cloacina, Medo e Pavor, Ague e outros que não eram deuses a serem adorados, mas os crimes dos adoradores? 3. Por último, se parecia bom adorar uma deusa tão

grande junto com uma multidão indigna, por que pelo menos ela não foi adorada de maneira mais honrosa do que o resto? Pois não é intolerável que Felicidade não seja colocada nem entre os deuses Consentes, a quem eles alegam serem admitidos no conselho de Júpiter, nem entre os deuses que eles chamam de Seletos? Algum templo pode ser feito para ela que pode ser preeminente, tanto na elevação do local quanto na dignidade do estilo. Por que, de fato, não algo melhor do que é feito para o próprio Júpiter? Pois quem deu o reino mesmo a Júpiter senão Felicidade? Suponho que , quando reinou, foi feliz. Felicity, no entanto, é certamente mais valiosa do que um reino. Pois ninguém duvida que seja fácil encontrar um homem que tenha medo de ser feito rei; mas não se encontra ninguém que não queira ser feliz. Portanto, se se pensa que eles podem ser consultados por augúrio, ou de qualquer outra forma, os próprios deuses devem ser consultados sobre isso, se desejam dar lugar a Felicidade. Se, por acaso, o lugar já estivesse ocupado pelos templos e altares de outros, onde um templo maior e mais elevado pudesse ser construído para Felicidade, até o próprio Júpiter poderia ceder, para que Felicidade pudesse obter o próprio pináculo do Capitólio. Colina. Pois não há quem resista à Felicidade, exceto, o que é impossível, quem queira ser infeliz. Certamente, se ele fosse consultado, Júpiter em caso algum faria o que aqueles três deuses, Marte, Terminus e Juventas, fizeram, que positivamente se recusaram a dar lugar ao seu superior e rei. Pois, como registram seus livros, quando o rei Tarquínio quis construir o Capitólio e percebeu que o lugar que lhe parecia o mais digno e adequado estava ocupado por outros deuses, não ousando fazer nada contrário ao seu prazer, e acreditando que de bom grado dariam lugar a um deus que era tão grande e era seu próprio mestre, porque havia muitos deles lá quando o Capitólio foi fundado, ele perguntou por augúrio se eles escolheram dar lugar a Júpiter, e todos eles estavam disposto a remover dali, exceto aqueles que nomeei, Marte, Terminus e Juventas; e, portanto, o Capitólio foi construído de tal maneira que esses três também pudessem estar dentro dele, mas com sinais tão obscuros que nem mesmo os homens mais instruídos poderiam saber disso. Certamente, então, o próprio Júpiter de modo algum desprezaria Felicidade, como ele próprio era desprezado por

Terminus, Marte e Juventas. Mas mesmo eles mesmos que não deram lugar a Júpiter, certamente dariam lugar a Felicidade, que fez de Júpiter rei sobre eles. Ou, se não cedessem, agiriam assim não por desprezo a ela, mas porque preferiram ser obscuros na casa de Felicidade, do que eminentes sem ela em seus próprios lugares.

4. Estando assim a deusa Felicidade no lugar maior e mais elevado, os cidadãos devem saber de onde devem ser buscados os bons desejos. E assim, pela persuasão da própria natureza, sendo abandonada a multidão supérflua de outros deuses, somente Felicidade seria adorada, a oração seria feita somente a ela, somente seu templo seria frequentado pelos cidadãos que desejavam ser felizes, o que nenhum um deles não desejaria; e assim a felicidade, que era procurada por todos os deuses, seria procurada apenas por ela mesma. Pois quem deseja receber de qualquer deus outra coisa senão felicidade, ou o que ele supõe tender para a felicidade? Portanto, se Felicidade tem o poder de estar com o homem que ela quiser (e ela o tem se ela for uma deusa), que tolice é, afinal, buscar de qualquer outro deus aquela que você pode obter por solicitação de ela mesma! Portanto, eles devem honrar esta deusa acima de outros deuses, mesmo pela dignidade do lugar. Pois, como lemos em seus próprios autores, os antigos romanos prestavam maiores honras não sei a que Summanus, a quem atribuíam raios noturnos, do que a Júpiter, a quem os raios diurnos pertenciam. Mas, depois que um famoso e conspícuo templo foi construído para Júpiter, devido à dignidade do edifício, a multidão recorreu a ele em tão grande número, que dificilmente se encontra alguém que se lembre de ter lido o nome de Summanus, que agora ele não pode mais ouvir o nome. Mas se Felicidade não é uma deusa, porque, como é verdade, é um dom de Deus, deve-se buscar esse deus que tem poder para dá-la, e deve-se abandonar essa multidão prejudicial de falsos deuses que a multidão vã de homens tolos segue, fazendo deuses para si mesmo dos dons de Deus, e ofendendo a si mesmo de quem são os dons pela teimosia de uma vontade orgulhosa. Pois não pode ser livre de felicidade quem adora Felicidade como uma deusa e abandona Deus, o doador de felicidade; assim como não pode ficar livre da fome quem lambe um pão pintado e não o compra do

homem que tem um de verdade.

CAPÍTULO. 24.-AS RAZÕES PELAS QUAIS OS PAGÕES TENTAM DEFENDER SUA ADORAÇÃO ENTRE OS DEUSES

1. Podemos, no entanto, considerar suas razões. É de se acreditar, dizem eles, que nossos antepassados eram tão apaixonados que não sabiam que essas coisas são dons divinos, e não deuses? Mas como eles sabiam que tais coisas não são concedidas a ninguém, exceto por algum deus que as concede livremente, eles chamaram os deuses cujos nomes eles não descobriram pelos nomes das coisas que eles julgavam serem dadas por eles; às vezes alterando ligeiramente o nome para esse fim, como, por exemplo, da guerra eles chamaram Bellona, não bellum; desde berços, Cunina, não cunæ; de milho em pé, Segetia, não seges; de maçãs, Pomona, não pomum; de bois, Bubona, não bos. Às vezes, novamente, sem alteração da palavra, assim como as próprias coisas são nomeadas, de modo que a deusa que dá dinheiro é chamada Pecúnia, e o dinheiro não é considerado uma deusa: assim de Virtus, que dá virtude; Honra, que dá honra; Concordia, que dá a concordância; Victoria, que dá a vitória. Assim, dizem eles, quando Felicitas é chamada de deusa, o que se entende não é a coisa em si que é dada, mas aquela divindade pela qual a felicidade é dada.

CAPÍTULO. 25.-REFERENTE AO ÚNICO DEUS A SER ADORADO, QUE, EMBORA SEU NOME É DESCONHECIDO, AINDA É CONSIDERADO O DOADOR DE FELICIDADE

1. Tendo-nos apresentado essa razão, talvez possamos persuadir muito mais facilmente, como desejamos, aqueles cujo coração não se tornou muito endurecido. Pois se agora a enfermidade humana percebeu que a felicidade não pode ser dada senão por algum deus; se isso foi percebido por aqueles que adoravam tantos deuses, em cuja cabeça eles colocaram o próprio Júpiter; se, em sua ignorância do nome daquele por quem a felicidade foi dada, eles concordaram em chamá-

lo pelo nome da mesma coisa que eles acreditavam que ele deu; então segue-se que eles pensaram que a felicidade não poderia ser dada nem mesmo por Júpiter. ele mesmo, a quem eles já adoravam, mas certamente por aquele que eles achavam adequado para adorar sob o nome de Felicity. Eu afirmo completamente a afirmação de que eles acreditavam que a felicidade era dada por um certo Deus que eles não conheciam: que ele seja buscado, que ele seja adorado, e isso é suficiente. Que o trem de inumeráveis demônios seja repudiado, e que este Deus baste a todo homem a quem seu dom é suficiente. Para ele, eu digo, Deus o doador de felicidade não será suficiente para adorar, para quem a felicidade em si não é suficiente para receber. Mas aquele a quem basta (e o homem nada mais tem que desejar) sirva ao único Deus, o doador da felicidade. Este Deus não é aquele a quem chamam Júpiter. Pois se eles o reconhecessem como o doador de felicidade, eles não procurariam, sob o nome de Felicidade, outro deus ou deusa por quem a felicidade pudesse ser dada; nem podiam tolerar que o próprio Júpiter fosse adorado com atributos tão infames. Pois ele é considerado o devasso das esposas dos outros; ele é o amante desavergonhado e violador de um lindo menino.

CAPÍTULO. 26.-DAS PEÇAS CÊNICAS, A CELEBRAÇÃO DE QUE OS DEUSES EXIGIRAM DE SEUS ADORADORES

1. "Mas", diz Cícero, "Homero inventou essas coisas e transferiu as coisas humanas para os deuses: eu preferiria transferir as coisas divinas para nós". O poeta, ao atribuir tais crimes aos deuses, desagradou justamente o homem grave. Por que, então, as peças cênicas, onde esses crimes são habitualmente falados, representados, exibidos, em honra dos deuses, são considerados entre as coisas divinas pelos homens mais sábios? Cícero deveria exclamar, não contra as invenções dos poetas, mas contra os costumes dos antigos. Eles não teriam exclamado em resposta: O que fizemos? Os próprios deuses exigiram em voz alta que essas peças fossem exibidas em sua honra, exigiram-nas ferozmente, ameaçaram a destruição a menos que isso fosse realizado, vingaram sua negligência com grande severidade

e manifestaram prazer com a reparação de tal negligência. Entre seus atos virtuosos e maravilhosos está relacionado o seguinte. Foi anunciado em sonho a Tito Latim, um rústico romano, que ele deveria ir ao Senado e dizer-lhes que recomeçassem os jogos de Roma, porque no primeiro dia de sua celebração um criminoso condenado havia sido levado ao castigo à vista de as pessoas, um incidente tão triste que perturbou os deuses que buscavam diversão nos jogos. E quando o camponês que recebera essa intimação temia no dia seguinte entregá-la ao senado, ela se renovava na noite seguinte de forma mais severa: ele perdeu o filho por causa de sua negligência. Na terceira noite, ele foi avisado de que um castigo ainda mais grave estava iminente, se ele ainda recusasse a obediência. Quando mesmo assim não se atreveu a obedecer, caiu em uma doença virulenta e horrível. Mas então, a conselho de seus amigos, ele deu informações aos magistrados, e foi levado em uma liteira para o Senado, e tendo, ao declarar seu sonho, imediatamente recuperado as forças, foi embora de pé inteiro. , maravilhado com tão grande milagre, decretou que os jogos deveriam ser renovados a um custo quatro vezes maior. Que homem sensato não vê que homens, sendo dominados por demônios malignos, de cujo domínio nada senão a graça de Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor, foram compelidos pela força a exhibir a deuses como estes, peças que, se bem aconselhados, devem condenar como vergonhoso? É certo que nestas peças se celebram os crimes poéticos dos deuses, mas são peças que foram restabelecidas por decreto do senado, por compulsão dos deuses. Nessas peças, os atores mais desavergonhados celebravam Júpiter como o corruptor da castidade e, assim, lhe davam prazer. Se isso fosse uma ficção, ele teria ficado com raiva; mas se ele se deleitava com a representação de seus crimes, ainda que fabulosos, então, quando ele era adorado, a quem senão o diabo poderia ser servido? É para que ele pudesse fundar, estender e preservar o império romano, que era mais vil do que qualquer homem romano, a quem tais coisas desagradavam? Ele poderia dar felicidade a quem foi tão infelizmente adorado, e quem, a menos que ele devesse ser assim adorado, foi ainda mais infelizmente provocado à ira?

CAPÍTULO. 27.-RELATIVA AOS TRÊS TIPOS DE DEUSES SOBRE OS QUAIS O PONTÍFICE SCÆVOLA DISCURROU

1. Está registrado que o muito erudito pontífice Scævola havia distinguido cerca de três tipos de deuses – um introduzido pelos poetas, outro pelos filósofos, outro pelos estadistas. O primeiro tipo ele declara ser insignificante, porque muitas coisas indignas foram inventadas pelos poetas sobre os deuses; a segunda não convém aos estados, porque contém algumas coisas que são supérfluas, e outras, também, que seria prejudicial para o povo saber. As coisas supérfluas não têm grande importância, pois é um ditado comum dos advogados hábeis: "As coisas supérfluas não fazem mal".⁴ Mas o que são aquelas coisas que prejudicam quando apresentadas à multidão? "Estes", diz ele, "que Hércules, Esculápio, Castor e Pólux não são deuses; O quê mais? "Esses estados não têm as verdadeiras imagens dos deuses; porque o verdadeiro Deus não tem sexo, nem idade, nem membros corpóreos definidos." O pontífice não deseja que o povo saiba dessas coisas; pois ele não pensa que eles são falsos. Ele acha conveniente, portanto, que os estados sejam enganados em questões de religião; que o próprio Varrão nem hesita em dizer em seus livros sobre as coisas divinas. Excelente religião! para o qual o fraco, que precisa ser entregue, pode fugir em busca de socorro; e quando ele busca a verdade pela qual ele pode ser liberto, acredita-se ser conveniente para ele que seja enganado. E, realmente, nesses mesmos livros, Scævola não se cala quanto à razão de rejeitar os deuses poéticos, a saber, "porque eles desfiguram os deuses de tal maneira que não podem ser comparados nem mesmo com homens bons, quando fazem uma para cometer roubo, outra adultério; ou, ainda, para dizer ou fazer outra coisa vil e tolamente; como três deusas disputaram (uma com a outra) o prêmio da beleza, e as duas vencidas por Vênus destruíram Tróia; que Júpiter se transformou em um touro ou cisne para que ele pudesse copular com alguém; que uma deusa se casou com um homem e Saturno devorou seus filhos; que, enfim, não há nada que possa ser imaginado, seja miraculoso ou vicioso, que não possa ser encontrado lá, e ainda está longe da natureza dos deuses ". Ó pontífice supremo Scævola, tire as peças se for capaz; instruir o povo para que não

ofereça tais honras aos deuses imortais, nos quais, se quiserem, possam admirar os crimes dos deuses e, na medida do possível, possam, se quiserem, imitá-los. Mas se o povo te tiver respondido: Tu, ó pontífice, trouxeste estas coisas entre nós, então pergunta aos próprios deuses, por instigação de quem ordenou estas coisas, para que não ordenem que tais coisas lhes sejam oferecidas. Pois se eles são maus e, portanto, de modo algum críveis em relação à maioria dos deuses, maior é o mal cometido pelos deuses sobre os quais são fingidos impunemente. Mas eles não te ouvem, eles são demônios, eles ensinam coisas más, eles se regozijam em coisas ruins; não só eles não consideram um erro se essas coisas são fingidas sobre eles, mas é um erro que eles são completamente incapazes de suportar se não forem representados em seus festivais declarados. Mas agora, se você invocar Júpiter contra eles, principalmente porque mais de seus crimes costumam ser representados nas peças cênicas, não é o caso que, embora você o chame de deus Júpiter, por quem todo este mundo é governado e administrado, é aquele a quem o maior mal é feito por você, porque você pensou que ele deveria ser adorado junto com eles, e o nomeou seu rei?

CAPÍTULO. 28.-SE A ADORAÇÃO AOS DEUSES TEM SERVIÇO AOS ROMANOS NA OBTENÇÃO E AMPLIAÇÃO DO IMPÉRIO

1. Portanto, tais deuses, que são propiciados por tais honras, ou melhor, são acusados por elas (pois é um crime maior deleitar-se em que tais coisas sejam ditas falsamente, do que mesmo se elas pudessem ser ditas com verdade), nunca poderiam por quaisquer meios foram capazes de aumentar e preservar o império romano. Pois, se pudessem fazê-lo, prefeririam ter concedido tão grande presente aos gregos, que, neste tipo de coisas divinas, isto é, em peças cênicas, os adoraram com mais honra e dignidade, embora tenham não se isentaram das calúnias dos poetas, por quem viram os deuses despedaçados, dando-lhes licença para maltratar qualquer homem que quisessem, e não consideraram os próprios atores cênicos como vis,

mas os consideraram dignos até de ilustre honra. Mas, assim como os romanos podiam ter dinheiro de ouro, embora não adorassem um deus Aurinus, também podiam ter moedas de prata e latão, e ainda assim não adoravam Argentinus nem seu pai Æsculanus; e assim de todo o resto, que seria cansativo para mim detalhar. Segue-se, portanto, que ambos não poderiam de forma alguma alcançar tal domínio se o verdadeiro Deus não estivesse disposto; e que se esses deuses, falsos e muitos, fossem desconhecidos ou desprezados, e somente Ele fosse conhecido e adorado com fé e virtude sinceras, ambos teriam um reino melhor aqui, qualquer que fosse sua extensão, e se eles pudessem ter um aqui ou não, receberia depois um reino eterno.

CAPÍTULO. 29.-DA FALSIDADE DO AUGÚRIO PELO QUAL A FORÇA E A ESTABILIDADE DO IMPÉRIO ROMANO FOI CONSIDERADA COMO SENDO CERTA.

1. Pois que tipo de augúrio é aquele que eles declararam ser o mais belo, e ao qual me referi há pouco, que Marte, Terminus e Juventas não dariam lugar nem mesmo a Júpiter, o rei dos deuses? Pois assim, dizem eles, foi significado que a nação dedicada a Marte – isto é, a romana – não deveria ceder a ninguém o lugar que uma vez ocupou; da mesma forma, que por causa do deus Terminus, ninguém poderia perturbar as fronteiras romanas; e também, que a juventude romana, por causa da deusa Juventas, não se rendesse a ninguém. Deixe-os ver, portanto, como eles podem considerá-lo o rei de seus deuses e o doador de seu próprio reino, se esses augúrios o colocam como um adversário, a quem teria sido honroso não ceder. No entanto, se essas coisas são verdadeiras, eles não precisam ter medo. Pois eles não vão confessar que os deuses que não se renderam a Júpiter se renderam a Cristo. Pois, sem alterar os limites do império, Jesus Cristo provou ser capaz de expulsá-los, não apenas de seus templos, mas dos ouvidos de seus adoradores. Mas, antes que Cristo viesse em carne, e, de fato, antes que essas coisas que citamos em seus livros pudessem ter sido escritas, mas depois que esse augúrio foi feito sob o rei Tarquínio, o

exército romano foi várias vezes disperso ou posto a fuga, e mostrou a falsidade do augúrio, que eles derivaram do fato de que a deusa Juventas não deu lugar a Júpiter; e a nação dedicada a Marte foi pisada na própria cidade pelos invasores e triunfantes gauleses; e as fronteiras do império, através da queda de muitas cidades para Aníbal, foram confinadas em um espaço estreito. Assim, a beleza dos auspícios é anulada, e resta apenas a contumácia contra Júpiter, não de deuses, mas de demônios. Pois uma coisa é não ter cedido, e outra é ter voltado para onde você se rendeu. Além disso, mesmo depois, nas regiões orientais, os limites do império romano foram alterados pela vontade de Adriano; pois ele cedeu ao império persa aquelas três províncias nobres, Armênia, Mesopotâmia e Assíria. Assim, aquele deus Terminus, que segundo esses livros era o guardião das fronteiras romanas, e por esse auspício mais bonito não deu lugar a Júpiter, parece ter tido mais medo de Adriano, um rei dos homens, do que do rei dos deuses. Tendo as referidas províncias também sido retomadas, quase dentro de nossa própria lembrança a fronteira retrocedeu, quando Juliano, entregue aos oráculos de seus deuses, com ousadia desmedida, ordenou que os navios de abastecimento fossem incendiados. Ficando assim o exército destituído de provisões, e ele próprio também sendo morto pelo inimigo, e as legiões sendo duramente pressionadas, enquanto consternadas com a perda de seu comandante, foram reduzidos a tais extremos que ninguém poderia ter escapado, a menos que por artigos de paz, os limites do império foram então estabelecidos onde ainda permanecem; não, de fato, com uma perda tão grande como a sofrida pela concessão de Adriano, mas ainda com um sacrifício considerável. Foi um vão augúrio, então, que o deus Terminus não cedeu a Jove, uma vez que cedeu à vontade de Adriano, e cedeu também à temeridade de Juliano e à necessidade de Joviniano. Os romanos mais inteligentes e sérios viram essas coisas, mas tiveram pouco poder contra o costume do estado, que era obrigado a observar os ritos dos demônios; porque eles mesmos, embora percebendo que essas coisas eram vãs, ainda pensavam que o culto religioso que é devido a Deus deveria ser pago à natureza das coisas que está estabelecida sob o governo e governo do único Deus verdadeiro, "servindo, " como diz o apóstolo, "a criatura mais do que o

Criador, que é bendito para sempre." A ajuda deste verdadeiro Deus foi necessária para enviar homens santos e verdadeiramente piedosos, que morreriam pela religião verdadeira para remover o falso entre os vivos.

CAPÍTULO. 30.-QUE TIPO DE COISAS ATÉ MESMO SEUS ADORADORES PENSARAM SOBRE OS DEUSES DAS NAÇÕES

1. Cícero, o augúrio, ri dos augúrios e repreende os homens por regularem os propósitos da vida pelos gritos de corvos e gralhas. Mas será dito que um filósofo acadêmico, que argumenta que todas as coisas são incertas, é indigno de ter qualquer autoridade nesses assuntos. No segundo livro de seu *De Natura Deorum*, ele apresenta Lucílio Balbo, que, depois de mostrar que as superstições têm sua origem em verdades físicas e filosóficas, expressa sua indignação pela montagem de imagens e noções fabulosas, falando assim: "Você não vê, pois, que das verdadeiras e úteis descobertas físicas a razão pode ser desviada para deuses fabulosos e imaginários? Isso dá origem a opiniões falsas e erros turbulentos, e superstições quase antiquadas. suas idades, roupas e ornamentos nos são familiares; suas genealogias, também, seus casamentos, parentescos e todas as coisas sobre eles são rebaixados à semelhança da fraqueza humana. Eles são até apresentados como tendo mentes perturbadas; pois temos relatos das luxúrias, cuidados e raivas dos deuses. Nem, de fato, como dizem as fábulas, os deuses ficaram sem suas guerras e batalhas. E não apenas quando, como em Homero, alguns deuses de ambos os lados defendeu dois exércitos adversários, mas eles até mesmo travaram guerras por conta própria, como com os Titãs ou com os Gigantes. Essas coisas é um absurdo dizer ou acreditar: são totalmente frívolas e infundadas." Veja, agora, o que é confessado por aqueles que defendem os deuses das nações. Depois ele passa a dizer que algumas coisas pertencem à superstição, mas outros à religião, que ele acha bom ensinar de acordo com os estóicos. "Pois não apenas os filósofos", diz ele, "mas também nossos antepassados fizeram uma distinção entre superstição

e religião. Para aqueles", diz ele, "que passaram dias inteiros em oração e ofereceram sacrifícios para que seus filhos sobrevivessem a eles, são chamados de supersticiosos". a religião dos antigos, e que ele deseja separá-la da superstição, mas não pode descobrir como fazê-lo? ele culpa) as imagens dos deuses de diversas idades e roupas distintas, e inventou as genealogias dos deuses, seus casamentos e parentescos? e adorava tais imagens. Não, ele implica a si mesmo, que, com qualquer eloquência que possa se esforçar para se libertar e ser livre, ainda estava sob a necessidade de venerar essas imagens; nem ousou sequer sussurrar em um discurso ao povo Wh nesta disputa ele claramente soa. Vamos, portanto, cristãos, dar graças ao Senhor nosso Deus – não ao céu e à terra, como argumenta aquele autor, mas àquele que fez o céu e a terra; porque essas superstições, que Balbo, como um tagarela, mal repreende, Ele, pela mais profunda humildade de Cristo, pela pregação dos apóstolos, pela fé dos mártires morrendo pela verdade e vivendo com a verdade, derrubou , não só nos corações dos religiosos, mas também nos templos dos supersticiosos, por seu próprio serviço gratuito.

CAPÍTULO. 31.-QUANTO ÀS OPINIÕES DE VARRO, QUE, AO REPRODUZIR A CRENÇA POPULAR, PENSOU QUE A SUA ADORAÇÃO DEVE SER CONFINADA A UM DEUS, EMBORA ELE NÃO FOI CAPAZ DE DESCOBRIR O DEUS VERDADEIRO

1. O que diz o próprio Varrão, que lamentamos ter encontrado, embora não por seu próprio julgamento, colocando as peças cênicas entre as coisas divinas? Quando em muitas passagens ele está exortando, como um homem religioso, ao culto dos deuses, ele não admite que, em seu próprio julgamento, não acredita nas coisas que ele relata que o estado romano instituiu; para que ele não hesite em afirmar que, se estivesse fundando um novo estado, poderia enumerar melhor os deuses e seus nomes pela regra da natureza? Mas, tendo nascido em uma nação já antiga, ele diz que se vê obrigado a aceitar os nomes e sobrenomes tradicionais dos deuses, e as histórias relacionadas a eles, e que seu

objetivo ao investigar e publicar esses detalhes é inclinar o povo a adorar os deuses, e não desprezá-los. Por quais palavras este homem mais agudo indica suficientemente que ele não publica todas as coisas, porque elas não apenas seriam desprezíveis para ele, mas teriam parecido desprezíveis até para a ralé, a menos que tivessem sido ignoradas em silêncio. Eu deveria conjecturar essas coisas, a menos que ele próprio, em outra passagem, tivesse dito abertamente, ao falar de ritos religiosos, que muitas coisas são verdadeiras, as quais não é apenas útil para as pessoas comuns saberem, mas que é conveniente que o povo pense de outra forma, ainda que falsamente, e, portanto, os gregos calaram as cerimônias religiosas e os mistérios em silêncio e dentro de muros. Nisto ele, sem dúvida, expressa a política dos chamados sábios por quem os estados e os povos são governados. No entanto, por esse artifício astuto, os demônios malignos são maravilhosamente encantados, que possuem tanto os enganadores quanto os enganados, e de cuja tirania nada liberta, exceto a graça de Deus por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.

2. O mesmo autor mais agudo e erudito também diz que somente aqueles que lhe parecem ter percebido o que é Deus, que acreditaram nele ser a alma do mundo, governando-o por desígnio e razão. E por isso, parece que, embora ele não tenha alcançado a verdade – pois o verdadeiro Deus não é uma alma, mas o criador e autor da alma – ainda assim, se ele pudesse ter sido livre para ir contra os preconceitos da costume, ele poderia ter confessado e aconselhado outros que o único Deus deve ser adorado, que governa o mundo por desígnio e razão; de modo que sobre este assunto restasse apenas este ponto para ser debatido com ele, que ele o chamou de alma, e não o criador da alma. Diz, também, que os antigos romanos, por mais de cento e setenta anos, adoraram os deuses sem imagem³ ." A favor dessa opinião, ele cita como testemunha, entre outras, a nação judaica; nem hesita em concluir essa passagem dizendo daqueles que primeiro consagraram imagens para o povo, que ambos tiraram o medo religioso de seus concidadãos e aumentaram o erro, pensando sabiamente que os deuses facilmente caem em desprezo quando exibidos sob a inércia das imagens. Mas como ele não diz que eles

transmitiram o erro, mas que o aumentaram, ele deseja, portanto, que se entenda que já havia erro quando não havia imagens. Portanto, quando ele diz que somente eles perceberam o que é Deus, aqueles que acreditaram que Ele é a alma governante do mundo, e pensa que os ritos da religião teriam sido mais puramente observados sem imagens, quem não vê quão perto ele chegou à verdade? Pois se ele pudesse fazer algo contra tão inveterado, um erro, ele certamente teria dado como sua opinião tanto que o único Deus deveria ser adorado quanto que Ele deveria ser adorado sem uma imagem; e tendo quase descoberto a verdade, talvez ele pudesse facilmente ter sido lembrado da mutabilidade da alma, e assim ter percebido que o verdadeiro Deus é aquela natureza imutável que fez a própria alma. Visto que essas coisas são assim, qualquer que seja o ridículo que tais homens tenham lançado em seus escritos contra a pluralidade dos deuses, eles o fizeram mais como compelidos pela vontade secreta de Deus a confessá-los, do que tentando persuadir os outros. Se, portanto, quaisquer testemunhos são apresentados por nós a partir desses escritos, eles são apresentados para a refutação daqueles que não estão dispostos a considerar quão grande e maligno é o poder dos demônios o sacrifício singular do derramamento do sangue santíssimo, e o dom do Espírito concedido, pode nos libertar.

CAPÍTULO. 32.-EM QUE INTERESSE OS PRÍNCIPES DAS NAÇÕES DESEJAVAM QUE AS FALSAS RELIGIÕES CONTINUASSEM ENTRE OS POVOS A ELAS SUJEITOS

1. Varrão diz também, sobre as gerações dos deuses, que o povo se inclinou mais para os poetas do que para os filósofos naturais; e que, portanto, seus antepassados, isto é, os antigos romanos, acreditavam tanto no sexo quanto nas gerações dos deuses, e estabeleceram seus casamentos; o que certamente parece ter sido feito por nenhuma outra causa, exceto que era tarefa de homens prudentes e sábios enganar o povo em questões de religião, e nisso mesmo não apenas adorar, mas também imitar os demônios, cuja maior luxúria é enganar. Pois assim como os demônios não podem possuir senão aqueles a quem

enganaram com dolo, assim também os homens em cargos principescos, não sendo justos, mas como demônios, persuadiram o povo em nome da religião a aceitar como verdadeiras as coisas que eles mesmos sabiam ser falsos; desta forma, por assim dizer, vinculando-os mais firmemente à sociedade civil, para que eles também os possuíssem como súditos. Mas quem era fraco e iletrado poderia escapar dos enganos tanto dos príncipes do estado quanto dos demônios?

CAPÍTULO. 33.-QUE OS TEMPOS DE TODOS OS REIS E REINOS SÃO ORDENADOS PELO JULGAMENTO E PODER DO VERDADEIRO DEUS

1. Portanto, que Deus, o autor e doador de felicidade, porque somente Ele é o verdadeiro Deus, Ele mesmo dá reinos terrenos tanto para o bem como para o mal. Nem faz isso precipitadamente e, por assim dizer, fortuitamente, porque Ele é Deus, não fortuna, mas de acordo com a ordem das coisas e dos tempos, que está oculta de nós, mas totalmente conhecida por Ele mesmo; essa mesma ordem dos tempos, porém, Ele não serve como sujeito a ela, mas Ele mesmo governa como senhor e nomeia como governador. Felicity Ele dá apenas para o bem. Se um homem é um súdito ou um rei, não faz diferença; ele pode igualmente possuir ou não possuir. E será plena naquela vida onde já não existem reis e súditos. E, portanto, reinos terrenos são dados por Ele tanto para os bons como para os maus; para que Seus adoradores, ainda sob a conduta de uma mente muito fraca, cobicem esses dons dEle como grandes coisas. E este é o mistério do Antigo Testamento, no qual o Novo estava escondido, que até os dons terrenos são prometidos: aqueles que eram entendimento espiritual mesmo então, embora ainda não declarassem abertamente, tanto a eternidade que foi simbolizada por essas coisas terrenas, e em que dons de Deus a verdadeira felicidade pode ser encontrada.

CAPÍTULO. 34.-SOBRE O REINO DOS JUDEUS, QUE FOI

FUNDADO PELO ÚNICO E VERDADEIRO DEUS, E PRESERVADO POR ELE ENQUANTO PERMANECERAM NA VERDADEIRA RELIGIÃO

1. Portanto, para que se saiba que essas coisas terrenas, depois das quais os que não podem imaginar coisas melhores, permanecem no poder do próprio Deus único, não dos muitos falsos deuses que os romanos anteriormente acreditavam dignos de adoração, Ele multiplicou Seu povo no Egito de muito poucos, e os libertou por meio de sinais maravilhosos. Nem suas mulheres invocavam Lucina quando sua prole estava sendo incrivelmente multiplicada; e aquela nação tendo aumentado incrivelmente, Ele mesmo libertou, Ele mesmo os salvou das mãos dos egípcios, que os perseguiram, e desejavam matar todos os seus filhos. Sem a deusa Rumina, eles chupavam; sem Cunina foram ninados, sem Educa e Potina comeram e beberam: sem todos esses deuses pueris foram educados; sem os deuses nupciais eles se casaram; sem a adoração de Priapo eles tiveram relações conjugais; sem a invocação de Netuno, o mar dividido abriu um caminho para eles passarem, e subjogou com suas ondas que retornavam seus inimigos que os perseguiram. Nem eles consagraram nenhuma deusa Mannia quando receberam maná do céu; nem, quando a rocha ferida derramou água para eles quando tiveram sede, eles adoraram Ninfas e Linfas. Sem os ritos loucos de Marte e Bellona, eles continuaram a guerra; e embora, de fato, eles não conquistassem sem vitória, eles não a consideravam uma deusa, mas o presente de seu Deus. Sem Segetia eles tinham colheitas; sem Bubona, bois; mel sem Mellona; maçãs sem Pomona: e, em uma palavra, tudo pelo que os romanos pensavam que deveriam suplicar a uma multidão tão grande de falsos deuses, eles receberam muito mais feliz do único Deus verdadeiro. E se eles não tivessem pecado contra Ele com ímpia curiosidade, que os seduziu como artes mágicas, e os atraiu para deuses e ídolos estranhos, e finalmente os levou a matar Cristo, seu reino teria permanecido para eles, e teria sido, se não mais espaçoso, mas mais feliz que o de Roma. E agora que eles estão dispersos por quase todas as terras e nações, é pela providência daquele único Deus verdadeiro; que enquanto as imagens, altares, bosques e templos dos falsos deuses são derrubados

em todos os lugares, e seus sacrifícios proibidos, pode ser mostrado em seus livros como isso foi predito por seus profetas há muito tempo; para que, talvez, quando forem lidos no nosso, eles possam parecer inventados por nós. Mas agora, reservando o que se segue para o livro seguinte, devemos aqui estabelecer um limite para a prolixidade deste.

LIVRO V

ARGUMENTO

AGOSTINHO PRIMEIRO DISCUTE A DOCTRINA DA PREDESTINAÇÃO, PARA CONFUTAR AQUELES QUE ESTÃO DISPOSTOS A REFERIR AO DESTINO O PODER E O AUMENTO DO IMPÉRIO ROMANO, QUE NÃO PODERIA SER ATRIBUÍDO A FALSOS DEUSES, COMO FOI MOSTRADO NO LIVRO ANTERIOR. APÓS ISSO, ELE PROVA QUE NÃO HÁ CONTRADIÇÃO ENTRE A PRESCIÊNCIA DE DEUS E O NOSSO LIVRE ARBÍTRIO. ELE ENTÃO FALA DAS MANEIRAS DOS ANTIGOS ROMANOS, E MOSTRA EM QUE SENTIDO FOI DEVIDO À VIRTUDE DOS PRÓPRIOS ROMANOS, E EM QUANTO AO CONSELHO DE DEUS, QUE ELE AUMENTOU O SEU DOMÍNIO, EMBORA NÃO O ADORAVAM. FINALMENTE, EXPLICA O QUE DEVE SER CONSIDERADA A VERDADEIRA FELICIDADE DOS IMPERADORES CRISTÃOS.

PREFÁCIO

Visto que, pois, está estabelecido que a realização completa de tudo o que desejamos é aquilo que constitui a felicidade, que não é uma deusa, mas um dom de Deus, e que, portanto, os homens não podem adorar nenhum deus senão Aquele que é capaz de fazê-los felizes, – e se a própria Felicidade fosse uma deusa, ela seria com razão o único objeto de adoração, – já que, digo, isso está estabelecido, passemos agora a considerar por que Deus, que é capaz de dar com todas as outras coisas aquelas boas dons que podem ser possuídos por homens que não são bons e, conseqüentemente, não felizes, acharam adequado conceder tal domínio prolongado e duradouro ao império romano; pois isso não foi efetuado por aquela multidão de falsos deuses que eles adoravam, ambos já aduzimos e, conforme a ocasião oferece, ainda apresentaremos provas consideráveis.

CAPÍTULO. 1.-QUE A CAUSA DO IMPÉRIO ROMANO, E DE TODOS OS REINO, NÃO É FORTUITO NEM CONSISTE NA POSIÇÃO DAS ESTRELAS.

1. Portanto, a causa da grandeza do Império Romano não é fortuita nem fatal, segundo o juízo ou opinião daqueles que chamam de fortuitas as coisas que ou não têm causa, ou causas que não procedem de alguma ordem inteligível. , e aquelas coisas fatais que acontecem independentemente da vontade de Deus e do homem, pela necessidade de uma certa ordem. Em uma palavra, os reinos humanos são estabelecidos pela providência divina. E se alguém atribui sua existência ao destino, porque chama a vontade ou o poder de Deus pelo nome de destino, que mantenha sua opinião, mas corrija sua linguagem. Pois por que ele não diz primeiro o que dirá depois, quando alguém lhe perguntar: O que ele quer dizer com destino? Pois quando os homens ouvem essa palavra, de acordo com o uso comum da linguagem, eles simplesmente entendem por ela a virtude dessa posição particular das estrelas que pode existir no momento em que alguém nasce ou é concebido, que alguns separam completamente do vontade de Deus, enquanto outros afirmam que esta também depende dessa vontade. Mas aqueles que são de opinião que, à parte da vontade de Deus, as estrelas determinam o que devemos fazer, ou que coisas boas devemos possuir, ou que males devemos sofrer, deve ser recusado por todos, não apenas por aqueles que sustentam a verdadeira religião, mas por aqueles que desejam ser adoradores de quaisquer deuses, mesmo falsos deuses. Pois o que essa opinião realmente significa, senão isso, que nenhum deus deve ser adorado ou orado? Contra estes, no entanto, nossa presente disputa não pretende ser dirigida, mas contra aqueles que, em defesa daqueles que eles pensam serem deuses, se opõem à religião cristã. Eles, no entanto, que fazem a posição das estrelas depender da vontade divina, e de certa forma decretam que caráter cada homem deve ter, e que bem ou mal deve acontecer a ele, se eles pensam que essas mesmas estrelas têm esse poder conferido. sobre eles pelo supremo poder de Deus, a fim de que possam determinar essas coisas de acordo com sua vontade, causar um grande dano à esfera celeste, em cujo senado mais brilhante

e esplêndida casa do senado, por assim dizer, eles supõem que atos perversos são decretados para serem feitos – atos como esse, se algum estado terrestre os decretasse, seria condenado a derrubar pelo decreto de toda a raça humana. Que julgamento, então, é deixado a Deus sobre as ações dos homens, que é Senhor tanto das estrelas quanto dos homens, quando a essas ações é atribuída uma necessidade celestial? Ou, se eles não dizem que as estrelas, embora tenham recebido certo poder de Deus, que é supremo, determinam essas coisas de acordo com sua própria discricção, mas simplesmente que Seus mandamentos são cumpridos por eles instrumentalmente na aplicação e execução de tais necessidades, devemos assim pensar a respeito de Deus mesmo o que parecia indigno que pensássemos sobre a vontade das estrelas? Mas, se se diz que as estrelas significam antes essas coisas do que as efetuam, de modo que essa posição das estrelas é, por assim dizer, uma espécie de fala que prevê, não causa coisas futuras, pois esta tem sido a opinião dos homens. de nenhuma erudição comum — certamente os matemáticos não costumam dizer, por assim dizer, por exemplo, Marte em tal ou tal posição significa um homicídio, mas faz um homicídio. Mas, no entanto, embora admitamos que eles não falam como deveriam, e que devemos aceitar como a forma apropriada de falar aquela empregada pelos filósofos para prever as coisas que eles pensam descobrir na posição das estrelas, como acontece que eles nunca foram capazes de atribuir qualquer causa por que, na vida dos gêmeos, em suas ações, nos eventos que lhes acontecem, em suas profissões, artes, honras e outras coisas pertencentes à vida humana, também em seus morte, muitas vezes há uma diferença tão grande que, no que diz respeito a essas coisas, muitos estranhos inteiros são mais parecidos com eles do que uns com os outros, embora separados no nascimento pelo menor intervalo de tempo, mas na concepção gerada pelo mesmo ato de cópula, e no mesmo momento?

CAPÍTULO. 2.- SOBRE A DIFERENÇA NA SAÚDE DOS GÊMEOS

1. Cícero diz que o famoso médico Hipócrates deixou por escrito que suspeitava que um certo par de irmãos eram gêmeos, pelo fato de que ambos adoeceram ao mesmo tempo, e sua doença avançou para sua crise e diminuiu ao mesmo tempo em cada um deles. Posidônio, o estóico, muito dado à astrologia, costumava explicar o fato supondo que eles tivessem nascido e concebidos sob a mesma constelação. Nesta questão, a conjectura do médico é muito mais digna de ser aceita e se aproxima muito mais da credibilidade, pois, assim como os pais foram afetados no corpo no momento da cópula, também os primeiros elementos dos fetos podem ter sido afetados, para que tudo o que fosse necessário para seu crescimento e desenvolvimento até o nascimento, tendo sido suprido pelo corpo da mesma mãe, eles pudessem nascer com constituições semelhantes. A partir daí, alimentados na mesma casa, com os mesmos tipos de alimentos, onde teriam também os mesmos tipos de ar, a mesma localidade, a mesma qualidade de água – que, segundo o testemunho da ciência médica, têm um valor muito grande influência, boa ou má, sobre o estado de saúde do corpo – e onde também estivessem acostumados aos mesmos tipos de exercício, teriam constituições corporais tão semelhantes que seriam igualmente afetados pela doença ao mesmo tempo e por as mesmas causas. Mas, querer aduzir aquela posição particular das estrelas que existiam no momento em que nasceram ou foram concebidas como a causa de serem simultaneamente afetadas pela doença, manifesta a maior arrogância, quando tantos seres das mais diversas espécies, no as mais diversas condições, e sujeitas aos mais diversos eventos, podem ter sido concebidas e nascidas ao mesmo tempo, e no mesmo distrito, sob o mesmo céu. Mas sabemos que os gêmeos não apenas agem de maneira diferente e viajam para lugares muito diferentes, mas também sofrem de diferentes tipos de doença; pela qual Hipócrates daria o que é, na minha opinião, a razão mais simples, a saber, que, através da diversidade de alimentos e exercícios, que decorre não da constituição do corpo, mas da inclinação da mente, eles podem ter se tornado diferentes. uns dos outros em matéria de saúde. Além disso, Posidônio, ou qualquer outro defensor da influência fatal das estrelas, terá o suficiente para encontrar algo a dizer sobre isso, se ele não estiver disposto a impor às

mentes dos não instruídos coisas que eles ignoram. Mas, quanto ao que eles tentam descobrir a partir desse intervalo de tempo muito pequeno que decorre entre os nascimentos de gêmeos, por causa daquele ponto no céu onde a marca da hora natal é colocada, e que eles chamam de "horóscopo, "ou é desproporcionalmente pequeno em relação à diversidade encontrada nas disposições, ações, hábitos e fortunas dos gêmeos, ou é desproporcionalmente grande quando comparado com o patrimônio dos gêmeos, seja baixo ou alto, que é o mesmo para ambos. eles, a causa de cuja maior diferença eles colocam, em todos os casos, na hora em que se nasce; e, por esta razão, se um nasce tão imediatamente após o outro que não há mudança no horóscopo, exijo toda uma semelhança em tudo o que diz respeito a ambos, o que nunca pode ser encontrado no caso de gêmeos. Mas se a lentidão do nascimento do segundo dá tempo para uma mudança no horóscopo, exijo pais diferentes, que gêmeos nunca poderão ter.

CAPÍTULO. 3.-QUANTO AOS ARGUMENTOS QUE O MATEMÁTICO NIGIDIUS TIROU DA RODA DE OLEIRO, NA QUESTÃO SOBRE O NASCIMENTO DE GÊMEOS

1. É inútil, portanto, que essa famosa ficção sobre a roda do oleiro seja apresentada, que fala da resposta que Nigidius teria dado quando ficou perplexo com essa pergunta e por causa da qual foi chamado Figulus. Pois, tendo girado em torno da roda do oleiro com toda a sua força, marcou-a com tinta, golpeando-a duas vezes com a máxima rapidez, de modo que os traços pareciam cair na mesma parte. Então, quando a rotação cessou, as marcas que ele havia feito foram encontradas na borda da roda a uma distância não pequena. Assim, disse ele, considerando a grande rapidez com que a esfera celeste gira, embora gêmeos tenham nascido com um intervalo tão curto entre seus nascimentos quanto entre os golpes que dei a esta roda, esse breve intervalo de tempo equivale a um distância muito grande na esfera celeste. Por isso, disse ele, venham quaisquer dissimilitudes que possam ser observadas nos hábitos e fortunas dos gêmeos. Este argumento é mais frágil do que os vasos que são formados pela rotação

dessa roda. Pois se há tanto significado nos céus que não pode ser compreendido pela observação das constelações, que, no caso de gêmeos, uma herança pode cair para um e não para o outro, por que, no caso de outros que são não gêmeos, ousam eles, examinando suas constelações, declarar as coisas que pertencem a esse segredo que ninguém pode compreender, e atribuí-las ao momento preciso do nascimento de cada indivíduo? Agora, se tais previsões em conexão com as horas natais de outros que não são gêmeos devem ser justificadas com base na observação de espaços mais extensos nos céus, enquanto aqueles momentos muito pequenos de tempo que separaram os nascimentos de gêmeos, e correspondem a porções minúsculas do espaço celeste, devem estar relacionadas com coisas insignificantes sobre as quais os matemáticos não costumam ser consultados – pois quem os consultaria sobre quando deve sentar-se, quando caminhar no exterior, quando e sobre o que ele vai jantar? - como podemos justificar isso, quando podemos apontar uma diversidade tão múltipla tanto nos hábitos, nos feitos e nos destinos dos gêmeos?

CAPÍTULO. 4.—REFERENTE AOS GÊMEOS ESAU E JACÓ, QUE ERAM MUITO DIFERENTES ENTRE TANTO EM SEU CARÁTER E AÇÕES

1. No tempo dos antigos pais, para falar de pessoas ilustres, nasceram dois irmãos gêmeos, um tão imediatamente após o outro, que o primeiro agarrou o calcanhar do segundo. Havia uma diferença tão grande em suas vidas e costumes, uma diferença tão grande em suas ações, uma diferença tão grande no amor de seus pais por eles, respectivamente, que o próprio contraste entre eles produzia até uma antipatia mútua hostil. Quer dizer, quando dizemos que eles eram tão diferentes um do outro, que quando um caminhava o outro estava sentado, quando um dormia o outro acordava – diferenças essas que são atribuídas a essas minúsculas porções de espaço? que não pode ser apreciada por quem anota a posição dos astros que existe no momento do nascimento, para que os matemáticos possam ser consultados a

respeito? Um desses gêmeos foi por muito tempo um empregado contratado; o outro nunca serviu. Um deles era amado por sua mãe; o outro não era assim. Um deles perdeu aquela honra que era tão valorizada entre seu povo; o outro a obteve. E o que diremos de suas esposas, seus filhos e suas posses? Quão diferentes eles eram em relação a tudo isso! Se, portanto, tais coisas estão relacionadas com aqueles intervalos de tempo minúsculos que decorrem entre os nascimentos de gêmeos, e não devem ser atribuídos às constelações, por que elas são preditas no caso de outras pelo exame de suas constelações? E se, por outro lado, se diz que essas coisas são preditas, porque estão conectadas, não com momentos minuciosos e insignificantes, mas com intervalos de tempo que podem ser observados e anotados, para que servirá essa roda de oleiro? este assunto, exceto para girar em torno de homens que têm corações de barro, a fim de que possam ser impedidos de detectar o vazio da conversa dos matemáticos?

CAPÍTULO. 5.-DE QUE MANEIRA OS MATEMÁTICOS SÃO CONDENADOS POR PROFESSAR UMA CIÊNCIA VÃ

1. Não aquelas mesmas pessoas que a sagacidade médica de Hipócrates o levou a suspeitar serem gêmeas, porque sua doença foi observada por ele para desenvolver sua crise e diminuir novamente ao mesmo tempo em cada um deles - não estes? , digo, servem de refutação suficiente àqueles que desejam atribuir à influência dos astros o que se deve a uma semelhança de constituição corporal? Pois por que ambos estavam doentes da mesma doença, e ao mesmo tempo, e não um após o outro na ordem de seu nascimento? (pois certamente eles não poderiam nascer ao mesmo tempo.) Ou, se o fato de terem nascido em épocas diferentes não implica necessariamente que eles devam estar doentes em épocas diferentes, por que eles afirmam que a diferença de a época de seus nascimentos foi a causa de sua diferença em outras coisas? Por que eles podiam viajar para o exterior em épocas diferentes, casar-se em épocas diferentes, gerar filhos em épocas diferentes e fazer muitas outras coisas em épocas

diferentes, por terem nascido em épocas diferentes, e ainda não podiam, pelo mesmo motivo? razão, também estar doente em momentos diferentes? Pois se uma diferença no momento do nascimento mudou o horóscopo e ocasionou diferenças em todas as outras coisas, por que aquela simultaneidade que pertencia à sua concepção permaneceu em seus ataques de doença? Ou, se os destinos da saúde estão envolvidos no momento da concepção, mas os de outras coisas estão ligados ao momento do nascimento, eles não devem prever nada sobre a saúde do exame das constelações de nascimento, quando o também não é dada a hora da concepção, para que suas constelações possam ser inspecionadas. Mas se eles dizem que preveem ataques de doença sem examinar o horóscopo da concepção, porque estes são indicados pelos momentos do nascimento, como eles poderiam informar a qualquer um desses gêmeos quando ele estaria doente, a partir do horóscopo de seu nascimento, quando o outro também, que não teve o mesmo horóscopo de nascimento, deve necessariamente adoecer ao mesmo tempo? Mais uma vez, pergunto, se a distância de tempo entre os nascimentos de gêmeos é tão grande a ponto de ocasionar uma diferença de suas constelações por causa da diferença de seus horóscopos e, portanto, de todos os pontos cardeais aos quais se atribui tanta influência, que mesmo de tal mudança advenha uma diferença de destino, como é possível que assim seja, já que não podem ter sido concebidos em épocas diferentes? Ou, se dois concebidos no mesmo momento podem ter destinos diferentes em relação a seus nascimentos, por que também dois nascidos no mesmo momento não podem ter destinos diferentes para a vida e para a morte? Pois se o momento em que ambos foram concebidos não impediu que um nascesse antes do outro, por que, se dois nascem no mesmo momento, algo os impediria de morrer no mesmo momento? Se uma concepção simultânea permite que gêmeos sejam afetados de maneira diferente no útero, por que a simultaneidade de nascimento não deveria permitir que dois indivíduos tivessem fortunas diferentes no mundo? e assim todas as ficções desta arte, ou melhor, ilusão, seriam varridas. Que estranha circunstância é esta, que duas crianças concebidas ao mesmo tempo, ou melhor, no mesmo momento, sob a

mesma posição das estrelas, tenham destinos diferentes que as levam a diferentes horas de nascimento, enquanto duas crianças, nascidas de duas mães, no mesmo momento, sob uma mesma e mesma posição dos astros, não podem ter destinos diferentes que as conduzirão necessariamente a diversos modos de vida e de morte? Eles estão na concepção ainda sem destinos, porque eles só podem tê-los se nascerem? O que, portanto, eles querem dizer quando dizem que, se a hora da concepção for encontrada, muitas coisas podem ser preditas por esses astrólogos? daí também surgiu aquela história que é reiterada por alguns, que um certo sábio escolheu uma hora para se deitar com sua esposa, a fim de garantir a geração de um filho ilustre. Desta opinião também veio a resposta de Posidônio, o grande astrólogo e também filósofo, sobre aqueles gêmeos que foram atacados de doença ao mesmo tempo, a saber: "Isso aconteceu com eles porque foram concebidos ao mesmo tempo e nasceram ao mesmo tempo." Pois certamente ele acrescentou "concepção", para que não se lhe dissesse que não poderiam nascer os dois ao mesmo tempo, sabendo que, de qualquer forma, ambos devem ter sido concebidos ao mesmo tempo; desejando assim mostrar que ele não atribuiu o fato de serem similar e simultaneamente afetados pela doença à semelhança de suas constituições corporais como causa imediata, mas que ele sustentava que, mesmo em relação à semelhança de sua saúde, eles eram obrigados juntos por uma conexão sideral. Se, portanto, o tempo da concepção tem tanto a ver com a semelhança dos destinos, esses mesmos destinos não devem ser alterados pelas circunstâncias do nascimento; ou, se se diz que os destinos dos gêmeos mudam porque nascem em épocas diferentes, por que não entender antes que eles já foram modificados para nascerem em épocas diferentes? Então, a vontade dos homens que vivem no mundo não muda os destinos de nascimento, quando a ordem de nascimento pode mudar os destinos que eles tiveram na concepção?

CAPÍTULO. 6.-QUANTO A GÊMEOS DE SEXOS DIFERENTES

1. Mas mesmo na própria concepção de gêmeos, que certamente ocorre no mesmo momento no caso de ambos, muitas vezes acontece que um é concebido como homem e o outro como mulher. Conheço dois de sexos diferentes que são gêmeos. Ambos estão vivos e na flor de sua idade; e embora se pareçam no corpo, tanto quanto a diferença de sexo permite, ainda assim são muito diferentes em todo o escopo e propósito de suas vidas (considerando as diferenças que necessariamente existem entre as vidas de machos e fêmeas) , - aquele que ocupa o cargo de conde e está quase constantemente fora de casa com o exército em serviço estrangeiro, o outro nunca deixando o solo de seu país ou seu distrito natal. Ainda mais – e isso é mais incrível, se acreditarmos nos destinos das estrelas, embora não seja maravilhoso se considerarmos as vontades dos homens e os dons gratuitos de Deus – ele é casado; ela é uma virgem sagrada: ele gerou uma prole numerosa; ela nunca se casou. Mas a virtude do horóscopo não é muito grande? Acho que já disse o suficiente para mostrar o absurdo disso. Mas, dizem esses astrólogos, qualquer que seja a virtude do horóscopo em outros aspectos, é certamente importante com respeito ao nascimento. Mas por que não também em relação à concepção, que ocorre indubitavelmente com um ato de cópula? E, de fato, tão grande é a força da natureza, que depois que uma mulher concebe, ela deixa de ser suscetível à concepção. Ou eles foram, talvez, transformados no nascimento, ou ele em um homem, ou ela em uma mulher, por causa da diferença em seus horóscopos? Mas, embora não seja de todo absurdo dizer que certas influências siderais têm algum poder de causar diferenças nos corpos apenas – como, por exemplo, vemos que as estações do ano se aproximam e se afastam do sol, e que certos tipos de coisas aumentam ou diminuem de tamanho pelos crescentes e minguantes da lua, como ouriços-do-mar, ostras e as maravilhosas marés do oceano – não se segue que as vontades dos homens devam ser feitas sujeito à posição das estrelas. Os astrólogos, no entanto, quando querem vincular nossas ações também às constelações, apenas nos põem a investigar se, mesmo nesses corpos, as mudanças não podem ser atribuídas a outra causa que não seja sideral. Pois o que há que diz respeito mais intimamente a um corpo do que ao seu sexo? E, no entanto, sob a mesma posição das estrelas, gêmeos de sexos

diferentes podem ser concebidos. Portanto, que maior absurdo pode ser afirmado ou acreditado do que a posição das estrelas, que era a mesma para ambos no momento da concepção, não poderia fazer com que uma criança não fosse de um sexo diferente de seu irmão, com quem ela tinha uma constelação comum, enquanto a posição das estrelas que existiam na hora de seu nascimento poderia fazer com que ela fosse separada dele pela grande distância entre o casamento e a santa virgindade?

CAPÍTULO. 7.-QUANTO À ESCOLHA DE UM DIA PARA CASAMENTO, OU PARA PLANTIO OU SEMEADURA

1. Agora, alguém apresentará isso, que ao escolher certos dias particulares para ações particulares, os homens trazem certos novos destinos para suas ações? Aquele homem, por exemplo, de acordo com esta doutrina, não nasceu para ter um filho ilustre, mas sim um desprezível, e por isso, sendo um homem erudito, escolheu uma hora para deitar com sua esposa. Ele fez, portanto, um destino que não tinha antes, e desse destino de sua autoria começou a ser fatal algo que não estava contido no destino de sua hora natal. Oh, estupidez singular! Um dia é escolhido para se casar; e por esta razão, acredito, que a menos que um dia seja escolhido, o casamento pode cair em um dia de azar e resultar em um dia infeliz. O que acontece então com o que as estrelas já decretaram na hora do nascimento? Pode-se dizer que um homem muda por um ato de escolha o que já foi determinado para ele, enquanto o que ele mesmo determinou na escolha de um dia não pode ser alterado por outro poder? Assim, se apenas os homens, e não todas as coisas debaixo do céu, estão sujeitos à influência das estrelas, por que eles escolhem alguns dias como adequados para plantar vinhas ou árvores, ou para semear grãos, outros dias como adequados para domar os animais? ou para colocar os machos nas fêmeas, para que as vacas e éguas possam engravidar, e para coisas semelhantes? Se for dito que certos dias escolhidos influem nessas coisas, porque as constelações regem todos os corpos terrestres, animados e inanimados, segundo as diferenças dos momentos do

tempo, consideremos que inumeráveis multidões de seres nascem ou surgem, ou se originam no mesmo instante de tempo, que termina tão diferentemente, que podem persuadir qualquer menino de que essas observações sobre os dias são ridículas. Pois quem é tão louco a ponto de ousar afirmar que todas as árvores, todas as ervas, todos os animais, serpentes, pássaros, peixes, vermes, têm cada um separadamente seus próprios momentos de nascimento ou início? No entanto, os homens costumam, para testar a habilidade dos matemáticos, trazer diante de si as constelações de animais mudos, cujas constelações de cujo nascimento eles observam diligentemente em casa com vistas a essa descoberta; e eles preferem esses matemáticos a todos os outros, que dizem pela inspeção das constelações que indicam o nascimento de um animal e não de um homem. Eles também ousam dizer que tipo de animal é, se é um animal que carrega lã, ou um animal adequado para carregar fardos, ou um adequado para o arado, ou para cuidar de uma casa; pois os astrólogos também são julgados com respeito ao destino dos cães, e suas respostas sobre isso são seguidas por gritos de admiração por parte daqueles que os consultam. Eles enganam os homens a ponto de fazê-los pensar que durante o nascimento de um homem os nascimentos de todos os outros seres são suspensos, de modo que nem mesmo uma mosca nasce ao mesmo tempo em que ele nasce, sob a mesma região de os céus. E se isso for admitido em relação à mosca, o raciocínio não pode parar por aí, mas deve ascender das moscas até levá-las aos camelos e elefantes. Nem eles estão dispostos a atender a isso, que quando um dia foi escolhido para semear um campo, tantos grãos caem no solo simultaneamente, germinam simultaneamente, brotam, atingem a perfeição e amadurecem simultaneamente; e, no entanto, de todas as orelhas que são coevas e, por assim dizer, congerminais, algumas são destruídas pelo mofo, algumas são devoradas pelos pássaros e algumas são puxadas pelos homens. Como eles podem dizer que todos estes tinham suas constelações diferentes, que eles vêm chegando a fins tão diferentes? Confessarão que é loucura escolher dias para tais coisas e afirmar que não se enquadram na esfera do decreto celestial, enquanto submetem somente os homens às estrelas, a quem somente no mundo Deus concedeu o livre arbítrio?

? Considerando todas essas coisas, temos boas razões para acreditar que, quando os astrólogos dão muitas respostas maravilhosas, isso deve ser atribuído à inspiração oculta de espíritos não da melhor espécie, cujo cuidado é insinuar nas mentes dos homens, e confirmar neles aquelas opiniões falsas e nocivas sobre a influência fatal dos astros, e não a sua marcação e inspeção de horóscopos, de acordo com algum tipo de arte que na realidade não existe.

CAPÍTULO. 8.-RELATIVA AQUELES QUE CHAMAM PELO NOME DO DESTINO, NÃO A POSIÇÃO DAS ESTRELAS, MAS A CONEXÃO DE CAUSAS QUE DEPENDE DA VONTADE DE DEUS

1. Mas, quanto àqueles que chamam pelo nome do destino, não a disposição das estrelas, como pode existir quando qualquer criatura é concebida, ou nasce, ou começa sua existência, mas toda a conexão e sequência de causas que fazem tudo se tornar o que se torna, não há necessidade de que eu trabalhe e lute com eles em uma controvérsia meramente verbal, pois eles atribuem a chamada ordem e conexão das causas à vontade e poder de Deus Altíssimo, que é o mais corretamente e mais verdadeiramente acredita saber todas as coisas antes que elas aconteçam, e não deixar nada não ordenado; de quem são todos os poderes, embora as vontades de todos não sejam dEle. Agora, que é principalmente a vontade de Deus altíssimo, cujo poder se estende irresistivelmente por todas as coisas que eles chamam de destino, é provado pelos seguintes versículos, dos quais, se não me engano, Annæus Seneca é o autor:

"Pai supremo, Tu soberano dos céus elevados,

Conduza-me onde for Teu prazer; eu darei

Uma obediência pronta, sem demora,

Ei! aqui estou. Prontamente venho fazer Tua soberana vontade;

Se teu comando frustrar minha inclinação, eu ainda
Seguir-te gemendo, e o trabalho designado,
Com todo o sofrimento de uma mente repugnante,
Executará, sendo mau; que, se eu fosse bom,
Eu deveria ter assumido e realizado, embora duro,
Com alegria virtuosa.

As Parcas conduzem o homem que segue disposto;
Mas o homem que não quer, eles arrastam."

Mais evidentemente, neste último versículo, ele chama aquele "destino" que ele antes havia chamado de "a vontade do Pai supremo", a quem, ele diz, está pronto a obedecer para que seja conduzido, estando disposto, não arrastado, sendo relutantes, pois "as Parcas conduzem o homem que segue disposto, mas o homem que não quer, a ele arrastam".

As seguintes linhas homéricas, que Cícero traduz para o latim, também favorecem essa opinião:

"Tais são as mentes dos homens, como é a luz

Que o próprio Pai Jove derrama

Ilustre sobre a terra fecunda."

Não que Cícero deseje que um sentimento poético tenha algum peso em uma questão como esta; pois quando ele diz que os estóicos, ao afirmar o poder do destino, costumavam usar esses versos de Homero, ele não está tratando da opinião desse poeta, mas daquela daqueles filósofos, pois por esses versos, que eles citam em conexão com a controvérsia que eles mantêm sobre o destino, é mais distintamente manifestado o que eles consideram destino, uma vez que eles chamam pelo nome de Júpiter aquele a quem eles consideram o deus supremo,

de quem, eles dizem, depende toda a cadeia de destinos.

CAPÍTULO. 9.-QUANTO À PRECONHECIMENTO DE DEUS E O LIVRE-ARBÍTRIO DO HOMEM, EM OPOSIÇÃO À DEFINIÇÃO DE CÍCERO

1. A maneira como Cícero se dirige à tarefa de refutar os estóicos mostra que ele não achava que poderia fazer nada contra eles em argumentação, a menos que tivesse primeiro demolido a adivinhação. E isso ele tenta realizar negando que haja qualquer conhecimento de coisas futuras, e sustenta com todas as suas forças que não existe tal conhecimento nem em Deus nem no homem, e que não há previsão de eventos. Assim, ele nega a presciência de Deus e tenta, por argumentos vãos e opondo a si mesmo certos oráculos muito fáceis de serem refutados, derrubar toda profecia, mesmo aquela que é mais clara que a luz (embora mesmo esses oráculos não sejam refutados por ele).

Mas, ao refutar essas conjecturas dos matemáticos, seu argumento é triunfante, porque na verdade elas se autodestroem e se refutam. No entanto, são muito mais toleráveis aqueles que afirmam a influência fatal das estrelas do que aqueles que negam a presciência de eventos futuros. Pois, confessar que Deus existe e, ao mesmo tempo, negar que Ele tem presciência das coisas futuras, é a mais manifesta loucura. Este próprio Cícero viu e, portanto, tentou afirmar a doutrina incorporada nas palavras das Escrituras: "O tolo disse em seu coração: Deus não existe". Isso, no entanto, ele não fez em sua própria pessoa, pois viu quão odiosa e ofensiva seria tal opinião; e, portanto, em seu livro sobre a natureza dos deuses,⁴ ele faz Cota contestar isso contra os estóicos, e preferiu dar sua própria opinião a favor de Lucílio Balbo, a quem ele atribuiu a defesa da posição estóica, em vez de em favor de Cotta, que sustentou que não existe divindade. No entanto, em seu livro sobre adivinhação, ele em sua própria pessoa se opõe mais abertamente à doutrina da presciência das coisas futuras. Mas tudo isso ele parece fazer para não conceder a doutrina do destino e, assim, destruir o livre arbítrio. Pois ele pensa que, uma vez concedido o

conhecimento das coisas futuras, o destino segue como uma consequência tão necessária que não pode ser negada.

Mas, que esses debates e disputas desconcertantes dos filósofos continuem como podem, nós, para que possamos confessar o próprio Deus altíssimo e verdadeiro, confessamos Sua vontade, poder supremo e presciência. Nem tenhamos medo de que, afinal, não façamos por vontade o que fazemos por vontade, porque Ele, cuja presciência é infalível, sabia de antemão que o faríamos. Era disso que Cícero temia e, portanto, se opunha à presciência. Os estóicos também sustentavam que nem todas as coisas acontecem por necessidade, embora afirmassem que todas as coisas acontecem de acordo com o destino. 2. O que, então, Cícero temia na presciência das coisas futuras? Sem dúvida foi isso: se todas as coisas futuras foram conhecidas de antemão, elas acontecerão na ordem em que foram conhecidas de antemão; e se acontecerem nesta ordem, há uma certa ordem de coisas que Deus conhece de antemão; e se uma certa ordem de coisas, então uma certa ordem de causas, pois nada pode acontecer que não seja precedido por alguma causa eficiente. Mas se há uma certa ordem de causas segundo a qual tudo acontece o que acontece, então, por destino, diz ele, acontecem todas as coisas que acontecem. Mas se for assim, então não há nada em nosso próprio poder, e não há tal coisa como o livre arbítrio; e se admitirmos isso, diz ele, toda a economia da vida humana é subvertida. Em vão são promulgadas as leis. Em vão são as censuras, elogios, repreensões, exortações a que se recorreu; e não há justiça alguma na designação de recompensas para os bons e punições para os ímpios. E que consequências tão vergonhosas, absurdas e perniciosas para a humanidade podem não vir, Cícero escolhe rejeitar a presciência das coisas futuras, e cala a mente religiosa a esta alternativa, fazer escolha entre duas coisas, ou que algo está em nosso próprio poder, ou que há presciência, os quais não podem ser verdadeiros; mas se um é afirmado, o outro é negado. Ele, portanto, como um homem verdadeiramente grande e sábio, e quem consultou muito e muito habilmente para o bem da humanidade, desses dois escolheu a liberdade da vontade, para confirmar a qual negava a presciência das coisas futuras; e assim,

desejando tornar os homens livres, ele os torna sacrílegos. Mas a mente religiosa escolhe ambos, confessa ambos e mantém ambos pela fé da piedade. Mas como assim? diz Cícero; para o conhecimento de coisas futuras sendo concedido, segue-se uma cadeia de consequências que termina nisto, que não pode haver nada dependendo de nosso próprio livre arbítrio . Além disso, se há algo que depende de nossas vontades, devemos retroceder pelos mesmos passos de raciocínio até chegarmos à conclusão de que não há presciência de coisas futuras. Pois retrocedemos em todas as etapas na seguinte ordem: — Se há livre arbítrio, nem todas as coisas acontecem de acordo com o destino; se todas as coisas não acontecem de acordo com o destino, não há uma certa ordem de causas; e se não há uma certa ordem de causas, também não há uma certa ordem de coisas pré-conhecida por Deus — pois as coisas não podem acontecer a menos que sejam precedidas por causas eficientes — mas, se não houver uma ordem fixa e certa de causas pré-conhecidas por Deus, não se pode dizer que todas as coisas acontecem conforme Ele sabia de antemão que aconteceriam. Além disso, se não é verdade que todas as coisas acontecem exatamente como foram conhecidas por Ele, não há, diz ele, em Deus qualquer presciência de eventos futuros.

3. Agora, contra as ousadias sacrílegas e ímpias da razão, afirmamos que Deus conhece todas as coisas antes que elas aconteçam, e que fazemos por nosso livre arbítrio tudo o que sabemos e sentimos ser feito por nós apenas porque queremos. . Mas que todas as coisas acontecem pelo destino, não dizemos; não, afirmamos que nada acontece pelo destino; pois demonstramos que o nome de destino, como costuma ser usado por aqueles que falam de destino, significando assim a posição das estrelas no momento da concepção ou nascimento de cada um, é uma palavra sem sentido, pois a própria astrologia é uma ilusão. Mas uma ordem de causas em que a mais alta eficiência é atribuída à vontade de Deus, não a negamos nem a designamos pelo nome de destino, a menos que, talvez, possamos entender por destino o que é falado, derivando-o de fari, falar; pois não podemos negar que está escrito nas Sagradas Escrituras: "Deus falou uma vez; estas duas coisas ouvi, que o poder pertence a Deus.

Também a ti, ó Deus, pertence a misericórdia; às suas obras." Agora, a expressão "uma vez que Ele falou" deve ser entendida como significando "imovivelmente", isto é, imutavelmente Ele falou, visto que Ele conhece imutavelmente todas as coisas que serão e todas as coisas que Ele fará. Poderíamos, então, usar a palavra destino no sentido que ela tem quando derivada de fari, para falar, se já não tivesse sido entendida em outro sentido, no qual não quero que os corações dos homens inconscientemente deslizem. Mas não se segue que, embora haja para Deus uma certa ordem de todas as causas, não deva, portanto, haver nada que dependa do livre exercício de nossas próprias vontades, pois nossas próprias vontades estão incluídas nessa ordem de causas que é certa para Deus. , e é abraçado por Sua presciência, pois as vontades humanas também são causas das ações humanas; e Aquele que conheceu de antemão todas as causas das coisas certamente entre essas causas não teria ignorado nossas vontades. 4. Pois mesmo essa mesma concessão que o próprio Cícero faz é suficiente para refutá-lo neste argumento. Pois o que lhe ajuda dizer que nada acontece sem uma causa, mas que toda causa não é fatal, havendo uma causa fortuita, uma causa natural e uma causa voluntária? É suficiente que ele confesse que tudo o que acontece deve ser precedido por uma causa. Pois dizemos que as causas chamadas fortuitas não são um mero nome para a ausência de causas, mas são apenas latentes, e as atribuímos ou à vontade do Deus verdadeiro ou à de espíritos de uma ou outra espécie. E quanto às causas naturais, de modo algum as separamos da vontade dAquele que é o autor e criador de toda a natureza. Mas agora quanto às causas voluntárias. Eles se referem a Deus, ou a anjos, ou a homens, ou a animais de qualquer descrição, se é que são aqueles movimentos instintivos de animais desprovidos de razão, pelos quais, de acordo com sua própria natureza, eles buscam ou evitam várias coisas, devem ser chamados de testamentos. E quando falo das vontades dos anjos, quero dizer ou as vontades dos anjos bons, a quem chamamos de anjos de Deus, ou dos anjos maus, a quem chamamos de anjos do diabo, ou demônios. Também por vontades dos homens quero dizer as vontades dos bons ou dos maus. E daí concluímos que não há causas eficientes de todas as coisas que acontecem, a não ser causas voluntárias, isto é, aquelas

que pertencem àquela natureza que é o espírito da vida. Pois o ar ou vento chama-se espírito, mas, enquanto corpo, não é espírito de vida. O espírito da vida, portanto, que vivifica todas as coisas, e é o criador de todo corpo e de todo espírito criado, é o próprio Deus, o espírito incriado. Em Sua vontade suprema reside o poder que atua sobre as vontades de todos os espíritos criados, auxiliando os bons, julgando os maus, controlando a todos, concedendo poder a alguns, não concedendo a outros. Pois, como Ele é o criador de todas as naturezas, também é o concessor de todos os poderes, não de todas as vontades; pois as vontades perversas não são dele, sendo contrárias à natureza, que é dele. Quanto aos corpos, eles estão mais sujeitos às vontades: alguns às nossas vontades, quero dizer as vontades de todas as criaturas mortais vivas, mas mais às vontades dos homens do que dos animais. Mas todos eles estão acima de tudo sujeitos à vontade de Deus, a quem todas as vontades também estão sujeitas, pois não têm poder senão o que Ele lhes concedeu. A causa das coisas, portanto, que faz, mas é feita, é Deus; mas todas as outras causas fazem e são feitas. Assim são todos os espíritos criados, especialmente os racionais. As causas materiais, portanto, que se pode dizer antes feitas do que feitas, não devem ser consideradas entre as causas eficientes, porque elas só podem fazer o que as vontades dos espíritos fazem por elas. Como, então, uma ordem de causas que é certa para a presciência de Deus necessita que não haja nada que dependa de nossas vontades, quando nossas próprias vontades têm um lugar muito importante na ordem das causas? Cícero, então, luta com aqueles que chamam essa ordem de causas de fatal, ou melhor, designam essa ordem pelo nome de destino; a que temos aversão, especialmente por causa da palavra, que os homens se acostumaram a entender como significando o que não é verdade. Mas, enquanto ele nega que a ordem de todas as causas seja mais certa e perfeitamente clara para a presciência de Deus, detestamos sua opinião mais do que os estóicos. Pois ele ou nega que Deus existe – o que, de fato, em um personagem assumido, ele trabalhou para fazer, em seu livro *De Natura Deorum* – ou se ele confessa que Ele existe, mas nega que Ele é presciente de coisas futuras. , o que é isso, mas apenas "o tolo dizendo em seu coração que não há Deus?" Pois quem não é presciente de todas as coisas futuras

não é Deus. Portanto, nossas vontades também têm tanto poder quanto Deus quis e sabia de antemão que deveriam ter; e, portanto, qualquer poder que tenham, eles o têm dentro de certos limites; e seja o que for que eles devam fazer, eles certamente o farão, pois Aquele cuja presciência é infalível sabia de antemão que eles teriam o poder de fazê-lo, e o faria. Portanto, se eu escolher aplicar o nome de destino a qualquer coisa, eu diria antes que o destino pertence ao mais fraco de duas partes, a vontade ao mais forte, que tem o outro em seu poder, do que a liberdade de nossos a vontade é excluída por essa ordem de causas que, por uma aplicação incomum da palavra peculiar a eles mesmos, os estóicos chamam de Destino.

CAPÍTULO. 10.-SE NOSSA VONTADE É REGULADA PELA NECESSIDADE

1. Portanto, também não se deve temer essa necessidade, cujo temor os estóicos se esforçaram para fazer distinções entre as causas das coisas que lhes permitissem resgatar certas coisas do domínio da necessidade e sujeitar outras a ela. Entre aquelas coisas que não queriam sujeitar à necessidade, colocaram nossas vontades, sabendo que não seriam livres se sujeitas à necessidade. Pois se isso deve ser chamado de nossa necessidade, que não está em nosso poder, mas ainda que não queiramos, efetua o que pode efetuar – como, por exemplo, a necessidade da morte – é manifesto que nossas vontades pelas quais vivemos corretamente ou perversamente não estão sob tal necessidade; pois fazemos muitas coisas que, se não quiséssemos, certamente não faríamos. Isso vale principalmente para o ato de querer em si – pois se quisermos, será; se não quisermos, não é, pois não deveríamos querer se não quiséssemos. Mas se definimos necessidade como aquilo segundo o qual dizemos que é necessário que algo seja de tal ou tal natureza, ou seja feito de tal e tal maneira, não sei por que deveríamos temer essa necessidade tomando afasta a liberdade de nossa vontade. Pois não colocamos a vida de Deus ou a presciência de Deus sob necessidade, se dissermos que é necessário que Deus viva para sempre e conheça todas as coisas; como nem o seu

poder é diminuído quando dizemos que ele não pode morrer ou cair em erro - pois isso é de tal maneira impossível para ele, que se fosse possível para ele, ele seria de menos poder. Mas certamente Ele é corretamente chamado de onipotente, embora Ele não possa morrer nem cair em erro. Pois Ele é chamado onipotente por fazer o que quer, não por sofrer o que não quer; pois se isso acontecesse com Ele, Ele de modo algum seria onipotente. Portanto, Ele não pode fazer algumas coisas pela própria razão de que Ele é onipotente. Assim também, quando dizemos que é necessário que, quando queremos, queremos por livre arbítrio, ao dizer isso afirmamos o que é verdade sem dúvida, e não submetemos ainda nossas vontades a uma necessidade que destrói a liberdade. Nossas vontades, portanto, existem como vontades, e fazem por si mesmas tudo o que fazemos por querer, e o que não seria feito se não quiséssemos. Mas quando alguém sofre alguma coisa, não querendo pela vontade de outro, mesmo nesse caso a vontade mantém sua validade essencial – não queremos dizer a vontade da parte que inflige o sofrimento, pois resolvemos isso no poder de Deus. Pois se uma vontade simplesmente existisse, mas não fosse capaz de fazer o que quer, ela seria dominada por uma vontade mais poderosa. Nem seria assim se não existisse vontade, e que não a vontade da outra parte, mas a vontade daquele que quis, mas não foi capaz de realizar o que quis. Portanto, tudo o que o homem sofre contra a sua vontade, não deve atribuir à vontade dos homens, nem dos anjos, nem de qualquer espírito criado, mas sim à sua vontade que dá poder às vontades. 2. Não é o caso, portanto, que porque Deus previu o que estaria no poder de nossas vontades, por isso não há nada no poder de nossas vontades. Pois aquele que conheceu isso de antemão não sabia nada de antemão. Além disso, se aquele que sabia de antemão o que estaria no poder de nossas vontades não sabia nada, mas algo, certamente, mesmo que ele soubesse de antemão, há algo no poder de nossas vontades. Portanto, não somos de modo algum compelidos, mantendo a presciência de Deus, a tirar a liberdade da vontade, ou, mantendo a liberdade da vontade, a negar que Ele é presciente das coisas futuras, o que é ímpio. Mas abraçamos os dois. Nós confessamos ambos fiel e sinceramente. O primeiro, para que possamos crer bem; o último, para que possamos viver bem. Pois vive

mal quem não crê bem em Deus. Portanto, esteja longe de nós, para manter nossa liberdade, negar a presciência dAquele por cuja ajuda somos ou seremos livres. Conseqüentemente, não é em vão que as leis são promulgadas e que se recorre a censuras, exortações, elogios e vitupérios; pois estes também Ele conheceu de antemão, e eles são de grande utilidade, mesmo tão grandes quanto Ele sabia de antemão que seriam. As orações também são úteis para obter aquelas coisas que Ele sabia que concederia àqueles que as oferecessem; e com justiça foram designadas recompensas para boas ações e castigos para pecados. Pois um homem não peca, portanto, porque Deus sabia de antemão que ele pecaria. Não, não se pode duvidar de que é o próprio homem que peca quando peca, porque Ele, cuja presciência é infalível, não sabia de antemão que o destino, a fortuna ou qualquer outra coisa pecaria, mas que o próprio homem pecaria, que, se não quiser, não peca. Mas se ele não quiser pecar, mesmo isso Deus sabia de antemão.

CAPÍTULO. 11.-RELATIVA À PROVIDÊNCIA UNIVERSAL DE DEUS NAS LEIS DAS QUAIS TODAS AS COISAS SÃO COMPREENDIDAS

1. Portanto, Deus supremo e verdadeiro, com Sua Palavra e Espírito Santo (que três são um), um Deus onipotente, criador e criador de toda alma e de todo corpo; por cujo dom são felizes todos os que são felizes por verdade e não por vaidade; que fez do homem um animal racional composto de alma e corpo, que, quando pecou, não permitiu que ele ficasse impune, nem o deixou sem misericórdia; que deu ao bem e ao mal, estando em comum com as pedras, a vida vegetal em comum com as árvores, a vida sensual em comum com os brutos, a vida intelectual em comum apenas com os anjos; de quem é todo modo, toda espécie, toda ordem; de quem são medida, número, peso; de quem é tudo o que tem existência na natureza, de qualquer tipo e de qualquer valor; de quem são as sementes das formas e as formas das sementes, e o movimento das sementes e das formas; que deu também à carne sua origem, beleza, saúde, fecundidade reprodutiva, disposição dos membros e a salutar concórdia de suas partes; quem também à

alma irracional deu memória, sentido, apetite, mas à alma racional, além destes, deu inteligência e vontade; que não deixou, para não falar do céu e da terra, dos anjos e dos homens, mas nem mesmo as entranhas do menor e mais desprezível animal, ou a pena de um pássaro, ou a florzinha de uma planta, ou a folha de um árvore, sem harmonia e, por assim dizer, uma paz mútua entre todas as suas partes; - que nunca se pode acreditar que Deus tenha deixado os reinos dos homens, seus domínios e servidão, fora das leis de Sua providência.

CAPÍTULO. 12.-POR QUAIS VIRTUDES OS ANTIGOS ROMANOS MERECIAM QUE O VERDADEIRO DEUS, EMBORA NÃO O ADORASSEM, AMPLIASSE SEU IMPÉRIO

1. Por isso, passemos a considerar quais eram as virtudes dos romanos que o verdadeiro Deus, em cujo poder estão também os reinos da terra, condescendeu em ajudar para levantar o império, e também por que razão o fez . E, para discutir esta questão com mais clareza, escrevemos os livros anteriores, para mostrar que o poder daqueles deuses, que, eles pensavam, deveriam ser adorados com ritos tão insignificantes e tolos, não tinha nada a ver com isso. importam; e também o que já realizamos no presente volume, para refutar a doutrina do destino, para que ninguém que já estivesse persuadido de que o império romano não foi estendido e preservado pelo culto a esses deuses ainda atribui sua extensão e preservação a algum tipo de destino, em vez da vontade mais poderosa de Deus altíssimo. Os antigos e primitivos romanos, portanto, embora sua história nos mostre que, como todas as outras nações, com a única exceção dos hebreus, eles adoravam falsos deuses e sacrificavam vítimas, não a Deus, mas a demônios, têm, no entanto, essa recomendação concedido a eles por seu historiador, que eles eram "gananciosos de louvor, pródigos de riqueza, desejosos de grande glória e contentes com uma fortuna moderada". A glória que eles mais ardentemente amavam: por ela desejavam viver, por ela não hesitavam em morrer. Todos os outros desejos eram reprimidos pela força de sua paixão por aquela

coisa. Por fim, seu próprio país, porque parecia inglório servir, mas glorioso governar e comandar, eles primeiro desejavam sinceramente ser livres e depois ser senhores. Por isso, não suportando a dominação dos reis, colocaram o governo nas mãos de dois chefes, com mandato de um ano, que eram chamados cônsules, não reis ou senhores.² Mas a pompa real parecia incompatível com a administração de um governante (regentis), ou a benevolência de quem consulta (isto é, para o bem público) (consulentis), mas antes com a altivez de um senhor (dominantis). O rei Tarquínio, portanto, banido e instituído o governo consular, seguiu-se, como o mesmo autor já aludiu em seus elogios aos romanos, que "o Estado cresceu com espantosa rapidez depois de ter obtido a liberdade, tão grande desejo de glória se apossou dela." Essa ânsia de louvor e desejo de glória, então, foi o que realizou essas muitas coisas maravilhosas, louváveis, sem dúvida e gloriosas de acordo com o julgamento humano. 2. O mesmo Salústio elogia os grandes homens de seu tempo, Marco Catão e Caio César, dizendo que durante muito tempo a república não teve nenhum grande em virtude, mas que em sua memória estiveram esses dois homens de eminente virtude. , e atividades muito diferentes. Agora, entre os elogios que ele pronuncia a César, ele colocou isso, que ele desejava um grande império, um exército e uma nova guerra, para que ele pudesse ter uma esfera onde seu gênio e virtude pudessem brilhar. Assim, era sempre a oração de homens de caráter heróico que Bellona excitasse nações miseráveis para a guerra, e as açoitaria em agitação com seu flagelo sangrento, para que houvesse ocasião para a exibição de seu valor. Isso, sem dúvida, é o que aquele desejo de louvor e sede de glória fez. Portanto, pelo amor à liberdade em primeiro lugar, depois também pelo domínio e pelo desejo de louvor e glória, eles alcançaram muitas coisas grandes; e seu poeta mais eminente testemunha que eles foram motivados por todos esses motivos:

"Porsenna lá, com orgulho exultante,

Manda Roma a Tarquínio abrir seu portão;

Com os braços ele cerca a cidade,

Os filhos de Enéias estão firmes para vencer."

Naquela época, sua maior ambição era morrer bravamente ou viver livre; mas quando a liberdade foi obtida, um desejo de glória tão grande se apossou deles, que só a liberdade não era suficiente, a menos que também se buscasse a dominação, sendo sua grande ambição aquela que o mesmo poeta põe na boca de Júpiter:

"Não, o eu de Juno, cujos alarmes selvagens

Coloque o oceano, a terra e o céu em braços,

Deve trocar por sorrisos sua carranca mal-humorada,

E competir comigo em zelo para coroar

Os filhos de Roma, a nação do vestido.

Assim fica minha vontade. Chega um dia,

Enquanto as grandes eras de Roma seguem seu caminho,

Quando os filhos do velho Assaracus

Deve deixá-los nos mirmidões,

O'er Phthia e Mycenæ reinam,

E humilde Argos para sua corrente."

Coisas que, de fato, Virgílio faz Júpiter prever como futuras, enquanto, na realidade, ele estava apenas passando em revista em sua própria mente, coisas que já estavam feitas e que eram vistas por ele como realidades presentes. Mas eu os mencionei com a intenção de mostrar que, ao lado da liberdade, os romanos estimavam tanto a dominação, que ela recebeu um lugar entre aquelas coisas às quais eles davam os maiores elogios. Por isso também é que aquele poeta, preferindo às artes de outras nações aquelas artes que pertencem peculiarmente aos romanos, a saber, as artes de governar e comandar, e de subjugar e vencer nações, diz:

"Outros, provavelmente, com maior graça,
De bronze ou pedra chamará o rosto,
Defenda causas duvidosas, mapeie os céus,
E diga quando os planetas se põem ou nascem;
Mas tu romano, tu controlas
As nações em toda parte;
Seja este teu gênio, para impor
A regra da paz sobre os inimigos vencidos,
Mostre piedade à alma humilde,
E esmague os filhos do orgulho."

3. Essas artes eles exerciam com mais habilidade, quanto menos se entregavam aos prazeres e à enervação do corpo e da mente na cobiça e acumulando riquezas, e por meio desses costumes corruptores, extorquindo-os dos cidadãos miseráveis e esbanjando-os em vileza. atores de palco. Por isso, esses homens de caráter vil, que abundavam quando Salústio escrevia e Virgílio cantava essas coisas, não buscavam honras e glórias por essas artes, mas por traição e engano. Por isso o mesmo diz: "Mas no início era mais a ambição do que a avareza que agitava as mentes dos homens, cujo vício, no entanto, está mais próximo da virtude. Pois glória, honra e poder são desejados tanto pelo homem bom quanto pelo ignóbil. ; mas o primeiro", diz ele, "se esforça para eles pelo caminho verdadeiro, enquanto o outro, não conhecendo as boas artes, as busca por fraude e engano". E o que significa buscar a obtenção de glória, honra e poder pelas boas artes é buscá-los pela virtude, e não por intrigas enganosas; pois o homem bom e o homem ignóbil desejam essas coisas, mas o homem bom se esforça para alcançá-las pelo caminho verdadeiro. O caminho é a virtude, ao longo do qual ele avança para o objetivo da posse - ou seja, para a glória, honra e poder. Agora que este era um sentimento

enraizado na mente romana, é indicado até pelos templos de seus deuses; pois eles construíram muito próximos os templos da Virtude e da Honra, adorando como deuses os dons de Deus. Assim, podemos entender o que aqueles que eram bons pensavam ser o fim da virtude, e ao que eles a referiam, a saber, a honra; pois, quanto ao mal, eles não tinham virtude, embora desejassem honra e se esforçassem para possuí-la por fraude e engano. 4. Louvor de um tipo superior é concedido a Catão, pois ele diz dele: "Quanto menos ele buscava a glória, mais ela o seguia". Dizemos elogios de um tipo superior; pois a glória com a qual os romanos queimaram é o julgamento dos homens que pensam bem dos homens. E, portanto, melhor é a virtude, que não se contenta com nenhum julgamento humano, exceto o da própria consciência. Daí o apóstolo diz: "Porque esta é a nossa glória, o testemunho da nossa consciência."³ E em outro lugar ele diz: "Mas cada um prove a sua própria obra, e então terá glória em si mesmo, e não em outro. ." A glória, a honra e o poder, portanto, que eles desejavam para si mesmos, e que o bem buscava alcançar pelas boas artes, não deveriam ser buscados pela virtude, mas a virtude por eles. Pois não há verdadeira virtude exceto aquela que é dirigida para aquele fim em que está o bem supremo e último do homem. Portanto, mesmo as honras que Catão buscou ele não deveria ter buscado, mas o estado deveria tê-las conferido a ele sem ser solicitado, por causa de suas virtudes.

5. Mas, dos dois grandes romanos da época, Catão era aquele cuja virtude era de longe a mais próxima da verdadeira idéia de virtude. Portanto, vamos nos referir à opinião do próprio Catão, para descobrir qual foi o julgamento que ele formou sobre a condição do estado tanto então quanto em tempos passados. "Não acho", diz ele, "que foi pelas armas que nossos ancestrais fizeram a república grande de pequena. Se assim fosse, a república de nossos dias teria sido muito mais florescente do que a de seus tempos, pois o número de nossos aliados e cidadãos é muito maior; e, além disso, possuímos uma abundância muito maior de armaduras e cavalos do que eles. eles: indústria em casa, governo justo fora, mente livre na deliberação, não viciada nem no crime nem na luxúria. Em vez disso, temos luxo e avareza, pobreza

no estado, opulência entre os cidadãos; louvamos as riquezas, seguimos a preguiça ; não há diferença entre o bem e o mal; todas as recompensas da virtude são obtidas por intriga. , em assuntos públicos, de dinheiro e favor, não é de admirar que um ataque seja made sobre a república desprotegida."

6. Quem ouve estas palavras de Catão ou de Salústio provavelmente pensa que tal louvor concedido aos antigos romanos era aplicável a todos eles, ou, pelo menos, a muitos deles. Não é assim; caso contrário, as coisas que o próprio Catão escreve, e que citei no segundo livro desta obra, não seriam verdadeiras. Nessa passagem, ele diz que, desde o início do estado, os erros foram cometidos pelos mais poderosos, o que levou à separação do povo dos pais, além de outras dissensões internas; e a única época em que existiu uma administração justa e moderada foi após o banimento dos reis, e isso não mais do que enquanto eles tinham motivo para temer a Tarquínio, e estavam levando a cabo a grave guerra que havia sido travada por causa dele. contra a Etrúria; mas depois os pais oprimiram o povo como escravos, açoitaram-no como os reis haviam feito, expulsaram-no de suas terras e, com a exclusão de todos os outros, mantiveram o governo apenas em suas próprias mãos. E a essas discórdias, enquanto os padres desejavam governar e o povo não queria servir, a segunda guerra púnica pôs fim; pois novamente um grande medo começou a pressionar suas mentes inquietas , impedindo-as dessas distrações por outra e maior ansiedade, e trazendo-as de volta ao acordo civil. Mas as grandes coisas que foram alcançadas foram realizadas através da administração de alguns homens, que eram bons à sua maneira. E pela sabedoria e premeditação desses poucos homens bons, que primeiro permitiram à república suportar esses males e os mitigar, ela foi crescendo cada vez mais. E isso o mesmo historiador afirma, quando diz que, lendo e ouvindo as muitas realizações ilustres do povo romano na paz e na guerra, por terra e por mar, ele quis entender o que era pelo qual essas grandes coisas eram especialmente sustentado. Pois ele sabia que muitas vezes os romanos tinham com uma pequena companhia disputada com grandes legiões de inimigos; e sabia também que com poucos recursos haviam travado guerras com reis

opulentos. E ele diz que, depois de ter considerado muito o assunto, parecia-lhe evidente que a virtude preeminente de alguns cidadãos havia alcançado o todo, e isso explicava como a pobreza superou a riqueza, e os pequenos números grandes multidões. Mas, acrescenta ele, depois que o Estado foi corrompido pelo luxo e pela indolência, novamente a república, por sua própria grandeza, pôde suportar os vícios de seus magistrados e generais. Portanto, mesmo os elogios de Catão são aplicáveis apenas a alguns; pois apenas alguns possuíam aquela virtude que leva os homens a buscar a glória, a honra e o poder pelo verdadeiro caminho, isto é, pela própria virtude. Esta indústria em casa, de que fala Catão, foi consequência de um desejo de enriquecer o erário público, ainda que o resultado fosse a pobreza em casa; e, portanto, quando ele fala do mal decorrente da corrupção da moral, ele inverte a expressão e diz: "Pobreza no estado, riqueza em casa".

CAPÍTULO. 13.-SOBRE O AMOR AO LOUVOR, QUE, EMBORA SEJA UM VÍCIO, É CONSIDERADO UMA VIRTUDE

1. Portanto, quando os reinos do Oriente foram ilustres por muito tempo, agradou a Deus que também surgisse um império ocidental, que, embora mais tarde no tempo, fosse mais ilustre em extensão e grandeza. E, para que pudesse vencer os graves males que existiam entre outras nações, Ele propositalmente a concedeu a homens que, por causa da honra, louvor e glória, consultavam bem seu país, em cuja glória eles buscavam sua vida. próprios, e cuja segurança eles não hesitaram em preferir à sua própria, suprimindo o desejo de riqueza e muitos outros vícios por este único vício, a saber, o amor ao louvor. Pois tem a percepção mais sã quem reconhece que até o amor ao elogio é um vício; nem isso escapou à percepção do poeta Horácio, que diz:

"Você está inchado pela ambição? siga o conselho:

Esse livro vai aliviar você se você lê-lo três vezes."

E o mesmo poeta, em uma canção lírica, assim falou com o desejo de reprimir a paixão pela dominação:

"Governe um espírito ambicioso, e você terá

Um reino mais amplo do que se você se juntar

Para a distante Gades Líbia, e assim

Deve manter em serviço qualquer cartaginês."

No entanto, aqueles que refreiam as concupiscências vis, não pelo poder do Espírito Santo obtido pela fé da piedade, ou pelo amor da beleza inteligível, mas pelo desejo de louvor humano, ou, em todo caso, melhor as refreiam pelo amor de tal louvor, não são de fato ainda santos, mas apenas menos vil. Nem mesmo Tully conseguiu esconder esse fato; pois, nos mesmos livros que escreveu, De Republica, ao falar sobre a educação de um chefe de estado, que deveria, diz ele, ser nutrido de glória, continua dizendo que seus antepassados fizeram muitas coisas maravilhosas e ilustres. através do desejo de glória. Longe, portanto, de resistir a esse vício, pensaram mesmo que deveria ser excitado e aceso, supondo que isso fosse benéfico para a república. Mas nem mesmo em seus livros de filosofia Tully dissimula essa opinião venenosa, pois ele a confessa com mais clareza do que o dia. Pois quando ele fala daqueles estudos que devem ser realizados com vistas ao verdadeiro bem, e não com o desejo vaidoso de louvor humano, ele introduz a seguinte declaração universal e geral:

"A honra nutre as artes, e todos são estimulados ao prosseguimento dos estudos pela glória; e são sempre negligenciadas aquelas atividades que geralmente são desacreditadas."

CAPÍTULO. 14.-QUANTO À ERRADICAÇÃO DO AMOR DE LOUVOR HUMANO, PORQUE TODA A GLÓRIA DO JUSTO ESTÁ EM DEUS

1. É, portanto, sem dúvida muito melhor resistir a esse desejo do que ceder a ele, pois o mais puro é dessa contaminação, mais semelhante ele é a Deus; e, embora este vício não seja completamente erradicado de seu coração, pois não cessa de tentar até mesmo as mentes daqueles que estão fazendo bom progresso na virtude, de qualquer forma, deixe o desejo de glória ser superado pelo amor de justiça, de modo que, se em algum lugar forem vistas "coisas mentirosas e negligenciadas que geralmente são desacreditadas", se são boas, se são certas, até o amor do louvor humano pode corar e ceder ao amor da verdade. Pois tão hostil é esse vício à fé piedosa, se o amor da glória é maior no coração do que o temor ou o amor de Deus, que o Senhor disse: "Como podeis crer, que procurais a glória uns dos outros e não buscar a glória que vem somente de Deus?" Além disso, a respeito de alguns que haviam crido nele, mas temiam confessá-lo abertamente, o evangelista diz: "Eles amaram mais o louvor dos homens do que o louvor de Deus"; 2 o que não os santos apóstolos, que, quando proclamaram o nome de Cristo naqueles lugares onde não foi apenas desacreditado e, portanto, negligenciado – de acordo com Cícero: "Sempre são negligenciadas as coisas que geralmente são desacreditadas" – mas foi até mesmo mantida no máximo detestação, mantendo o que eles ouvira do Bom Mestre, que era também o médico das mentes: "Se alguém me negar diante dos homens, eu também o negarei diante de meu Pai que está nos céus e diante dos anjos de Deus", em meio a maldições e censuras, e as mais dolorosas perseguições e punições cruéis, não foram dissuadidos da pregação da salvação humana pelo barulho da indignação humana. E quando, como eles fizeram e falaram coisas divinas, e viveram vidas divinas, conquistando, por assim dizer, corações duros, e introduzindo neles a paz da justiça, grande glória os seguiu na igreja de Cristo, eles não descansaram naquela como no fim de sua virtude, mas, referindo essa glória mesma à glória de Deus, por cuja graça eles eram o que eram, eles procuravam acender, também por essa mesma chama, as mentes daqueles para cujo bem eles consultavam, ao amor dEle, por quem eles poderiam ser feitos para serem o que eles mesmos eram. Pois seu Mestre os havia ensinado a não procurar ser bons por causa da glória humana, dizendo: "Vede que não façais a vossa justiça diante dos

homens para serem vistos por eles; do contrário, não receberéis galardão de vosso Pai, que está nos céus." 4 Mas, novamente, para que, entendendo isso errado, eles, por medo de agradar aos homens, sejam menos úteis, ocultando sua bondade, mostrando para que fim devem torná-la conhecida, Ele diz: "Deixem suas obras resplandece diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus". Não, observe, "para que sejais vistos por eles, isto é, para que seus olhos se voltem para vocês" – porque de vós nada sois –, mas "para que glorifiquem a seu Pai que está nos céus". ", fixando seus respeitos em quem eles podem se tornar como vocês são. A estes seguiram os mártires, que superaram os Scævolas, e os Curtiuses, e os Deciuses, ambos em verdadeira virtude, porque em verdadeira piedade, e também na grandeza de seu número. Mas visto que aqueles romanos estavam em uma cidade terrena e tinham diante deles, como o fim de todos os ofícios assumidos em seu favor, sua segurança e um reino, não no céu, mas na terra, não na esfera da vida eterna , mas na esfera da morte e sucessão, onde os mortos são sucedidos pelos moribundos - o que mais eles deveriam amar, senão a glória, pela qual eles desejavam mesmo depois da morte viver na boca de seus admiradores?

CAPÍTULO. 15.-QUANTO À RECOMPENSA TEMPORAL QUE DEUS CONCEDEU ÀS VIRTUDES DOS ROMANOS

1. Agora, portanto, em relação àqueles a quem Deus não quis dar a vida eterna com Seus santos anjos em Sua própria cidade celestial, à sociedade da qual aquela verdadeira piedade que não presta serviço à religião, que os gregos chame *λατρεία*, a qualquer um, exceto a verdadeira conduta de Deus, se Ele também lhes tivesse negado a glória terrestre daquele império mais excelente, uma recompensa não teria sido dada às suas boas artes, isto é, suas virtudes, pelas quais eles procurou alcançar tão grande glória. Pois quanto àqueles que parecem fazer algum bem para receber glória dos homens, o Senhor também diz: "Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa." Assim também estes desprezavam seus próprios negócios particulares por

causa da república, e por seu tesouro resistiram à avareza, consultados pelo bem de seu país com espírito de liberdade, não viciados no que suas leis declaravam ser crime nem luxúria. Por todos esses atos, como pelo verdadeiro caminho, eles avançaram para honras, poder e glória; eles foram honrados entre quase todas as nações; impuseram as leis de seu império a muitas nações; e hoje, tanto na literatura quanto na história, eles são gloriosos entre quase todas as nações. Não há razão para reclamarem contra a justiça do Deus supremo e verdadeiro — "eles receberam sua recompensa".

CAPÍTULO. 16.-RELATIVA À RECOMPENSA DOS SANTOS CIDADÃOS DA CIDADE CELESTIAL, A QUEM É ÚTIL O EXEMPLO DAS VIRTUDES DOS ROMANOS

1. Mas a recompensa dos santos é muito diferente, que mesmo aqui suportaram opróbrios por aquela cidade de Deus que é odiosa para os amantes deste mundo. Essa cidade é eterna. Lá ninguém nasce, pois ninguém morre. Existe felicidade verdadeira e plena — não uma deusa, mas uma dádiva de Deus. Dali recebemos o penhor da fé, enquanto em nossa peregrinação suspiramos por sua beleza. Não nasce o sol sobre o bem e o mal, mas o sol da justiça protege somente o bem. Ali não se gastará grande indústria para enriquecer o tesouro público sofrendo privações em casa, pois ali está o tesouro comum da verdade. E, portanto, não foi apenas para recompensar os cidadãos de Roma que seu império e glória foram tão notavelmente estendidos, mas também para que os cidadãos daquela cidade eterna, durante sua peregrinação aqui, pudessem contemplar diligente e sobriamente esses exemplos. , e veja que amor eles devem ao país celestial por causa da vida eterna, se o país terrestre foi tão amado por seus cidadãos por causa da glória humana.

CAPÍTULO. 17.-COM QUE LUCRO OS ROMANOS FIZERAM GUERRA E QUANTO CONTRIBUÍRAM PARA O BEM-ESTAR DOS QUE CONQUISTOU

1. Pois, quanto a esta vida de mortais, que se passa e termina em poucos dias, que importa sob cujo governo vive um moribundo, se aqueles que governam não o obrigam à impiedade e à iniquidade? Os romanos prejudicaram de alguma forma aquelas nações, sobre as quais, quando subjugados, eles impuseram suas leis, exceto na medida em que isso foi realizado com grande matança na guerra? Ora, se tivesse sido feito com o consentimento das nações, teria sido feito com maior sucesso, mas não teria havido glória de conquista, pois nem os próprios romanos viviam isentos daquelas leis que impuseram aos outros. Se isso tivesse sido feito sem Marte e Belona, de modo que não houvesse lugar para a vitória, ninguém conquistando onde ninguém havia lutado, a condição dos romanos e das outras nações não teria sido a mesma, especialmente se o que foi feito de uma só vez, o que depois foi feito de maneira mais humana e mais aceitável, a saber, a admissão de todos aos direitos dos cidadãos romanos que pertenciam ao império romano, e se isso tivesse sido feito privilégio de tudo o que antes era privilégio de uns poucos, com esta única condição, que a classe mais humilde, que não tinha terras próprias, vivesse às expensas públicas - um imposto alimentar, que teria sido pago com muito mais graça por eles nas mãos de bons administradores de a república, da qual eles eram membros, por seu consentimento sincero, do que teria sido pago se fosse extorquido deles como homens conquistados? 2. Pois não vejo o que faz para a segurança, os bons costumes, e certamente não para a dignidade dos homens, que alguns conquistaram e outros foram conquistados, exceto que lhes dá aquela pompa mais insana da glória humana, em que "eles receberam sua recompensa", que queimaram com desejo excessivo e levaram a maioria das guerras ansiosas. Pois suas terras não pagam tributo? Eles têm algum privilégio de aprender o que os outros não têm o privilégio de aprender? Não há muitos senadores nos outros países que nem de vista conhecem Roma? Elimine a aparência exterior, e afinal, o que são todos os homens senão homens? Mas ainda que a perversidade da época permitisse que todos os homens melhores fossem mais altamente honrados do que os outros, nem assim a honra humana deveria ter um alto preço, pois é fumaça que não tem peso. Mas vamos nos valer, mesmo nessas coisas, da bondade de Deus. Consideremos

quão grandes coisas eles desprezaram, quão grandes coisas eles suportaram, que concupiscências eles subjugarão por causa da glória humana, que mereceu essa glória, por assim dizer, em recompensa por tais virtudes; e que isso nos seja útil até para suprimir o orgulho, de modo que, como a cidade em que nos foi prometido reinar supera esta como o céu está distante da terra, como a vida eterna supera a alegria temporal, a glória sólida vazia louvor, ou a sociedade dos anjos a sociedade dos mortais, ou a glória daquele que fez do sol e da lua a luz do sol e da lua, os cidadãos de um país tão grande podem não parecer a si mesmos ter feito algo muito grande, se, para obtê-lo, eles fizeram algumas boas obras ou sofreram alguns males, quando aqueles homens para este país terrestre já obtiveram, fizeram coisas tão grandes, sofreram tantas coisas. E especialmente todas essas coisas devem ser consideradas, porque a remissão dos pecados que recolhe os cidadãos ao país celestial tem algo em que uma sombra de semelhança se encontra naquele asilo de Rômulo, onde escapam da punição de todos os tipos de crimes reunidos. aquela multidão com a qual o Estado deveria ser fundado.

CAPÍTULO. 18.-QUÃO LONGE DEVEM ESTAR OS CRISTÃOS DO GOLPE, SE FIZERAM ALGO PELO AMOR DO PAÍS ETERNO, QUANDO OS ROMANOS FIZERAM TÃO GRANDES COISAS PARA A GLÓRIA HUMANA E UMA CIDADE TERRESTRE

1. Que grande coisa, portanto, é para aquela cidade eterna e celestial desprezar todos os encantos deste mundo, por mais agradáveis que sejam, se por causa desta cidade terrestre Brutus poderia até mesmo matar seu filho - um sacrifício que o cidade celestial não obriga ninguém a fazer? Mas certamente é mais difícil matar os filhos do que fazer o que se deve fazer pela pátria celeste, até mesmo distribuir aos pobres as coisas que eram consideradas como coisas a serem acumuladas e guardadas para os filhos. , ou deixá-los ir, se surgir alguma tentação que nos obrigue a fazê-lo, por causa da fé e da justiça. Pois não são as riquezas terrenas que nos fazem felizes ou nossos

filhos; pois eles devem ser perdidos por nós em nossa vida, ou possuídos quando estivermos mortos, por quem não sabemos, ou talvez por quem não queremos. Mas é Deus que nos faz felizes, que é a verdadeira riqueza das mentes. Mas de Brutus, mesmo o poeta que celebra seus louvores testemunha que foi a ocasião de infelicidade para ele que matou seu filho, pois ele diz:

"E chame sua própria semente rebelde

Pela liberdade ameaçada de sangrar.

Pai infeliz! como assim

A ação será julgada depois de dias."

Mas no versículo seguinte ele o consola em sua infelicidade, dizendo:

"O amor de seu país tudo suportará."

Existem essas duas coisas, a saber, a liberdade e o desejo de louvor humano, que compeliu os romanos a atos admiráveis. Se, portanto, para a liberdade dos moribundos e para o desejo de louvor humano que é procurado pelos mortais, os filhos podem ser mortos por um pai, que grande coisa é, se, para a verdadeira liberdade que tem nos libertou do domínio do pecado, da morte e do diabo, não pelo desejo de louvor humano, mas pelo desejo sincero de libertar os homens, não do rei Tarquínio, mas dos demônios e do príncipe dos demônios, devemos, não digo, matar nossos filhos, mas contar entre nossos filhos os pobres de Cristo? 2. Se, também, outro chefe romano, de sobrenome Torquatus, matou seu filho, não porque lutasse contra sua pátria, mas porque, desafiado por um inimigo, por impetuosidade juvenil lutou, embora por sua pátria, mas contrariando as ordens que ele seu pai havia dado como general; e isso ele fez, apesar de que seu filho foi vitorioso, para que não houvesse mais mal no exemplo de autoridade desprezada, do que bem na glória de matar um inimigo; - se, eu digo, Torquatus agiu assim, por que eles deveriam se gabar, que, pelas leis de um país celestial, despreza todas as coisas boas terrenas, que são muito menos amadas do que filhos? Se Furius

Camilo, que foi condenado por aqueles que o invejavam, apesar de ter tirado do pescoço de seus compatriotas o jugo de seus inimigos mais amargos, os Veientes, novamente libertou seu país ingrato dos gauleses, porque não tinha outro em que ele poderia ter melhores oportunidades para viver uma vida de glória; - se Camilo fez assim, por que ele deveria ser exaltado como tendo feito algo grande, que, tendo, talvez, sofrido na igreja nas mãos de inimigos carnis injúria mais grave e desonrosa, não se dirigiu a inimigos heréticos, nem levantou alguma heresia contra ela, mas a defendeu, tanto quanto pôde, da perversidade mais perniciosa dos hereges, pois não há outra igreja, Não digo em que se pode viver uma vida de glória, mas em que se pode obter a vida eterna? Se Múcio, para que a paz pudesse ser feita com o rei Porsenna, que estava pressionando os romanos com uma guerra mais dolorosa, quando não conseguiu matar Porsenna, mas matou outro por engano por ele, estendeu a mão direita e deitou sobre um altar incandescente, dizendo que muitos, como ele o via, conspiraram para sua destruição, de modo que Porsenna, aterrorizado com sua ousadia, e com a ideia de uma conspiração como ele, sem demora recordou tudo. seus propósitos bélicos e fez a paz; - se, eu digo, Múcio fez isso, quem falará de suas reivindicações meritórias ao reino dos céus, se por isso ele pode ter dado às chamas não uma mão, mas até mesmo todo o seu corpo, e isso não por seu próprio ato espontâneo, mas porque foi perseguido por outro? Se Curtius, esporeando seu corcel, se jogou todo armado em um abismo escarpado, obedecendo aos oráculos de seus deuses, que ordenaram que os romanos jogassem naquele abismo o melhor que possuíam, e eles só podiam entender assim que, uma vez que eles eram excelentes em homens e armas, os deuses ordenaram que um homem armado fosse lançado de cabeça naquela destruição; - se ele fez isso, diremos que aquele homem fez uma grande coisa pela cidade eterna que pode ter morrido por uma morte semelhante, mas não precipitando-se espontaneamente em um abismo, mas tendo sofrido esta morte nas mãos de algum inimigo de sua fé, mais especialmente quando recebeu de seu Senhor, que também é Rei de seu país, uma morte mais certo oráculo: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma?" Se os Décios se dedicassem à morte, consagrando-se em uma

forma de palavras, por assim dizer, que caindo e pacificando com seu sangue a ira dos deuses, eles poderiam ser o meio de libertar o exército romano; - se eles fizessem isso , que os santos mártires não se comportem com orgulho, como se tivessem feito algo meritório por uma participação naquele país onde estão a vida e a felicidade eternas, mesmo que até o derramamento de seu sangue, amando não apenas os irmãos por quem foi derramado , mas, conforme lhes foi ordenado, até mesmo seus inimigos por quem estava sendo derramado, eles competiram entre si na fé do amor e no amor da fé. Se Marco Pulvilo, quando empenhado em dedicar um templo a Júpiter, Juno e Minerva, recebeu com tanta indiferença a falsa informação que lhe foi trazida da morte de seu filho, com a intenção de agitá-lo para que ele fosse embora, e assim a glória de dedicar o templo deveria recair sobre seu colega; - se ele recebeu essa inteligência com tanta indiferença que até ordenou que seu filho fosse expulso sem sepultura, o amor da glória superando em seu coração a dor da perda, como pode alguém afirmar que fez uma grande coisa pela pregação do evangelho, pelo qual os cidadãos da cidade celestial são libertados de vários erros e reunidos de várias andanças, a quem seu Senhor disse, quando ansiosos por o enterro de seu pai: "Siga-me, e deixe os mortos enterrarem seus mortos?" Regulus, para não quebrar seu juramento, mesmo com seus inimigos mais cruéis, retornou a eles da própria Roma, porque (como ele disse ter respondido aos romanos quando desejavam conservá-lo) ele não poderia ter a dignidade de um cidadão honrado em Roma depois de ter sido escravo dos africanos, e os cartagineses o mataram com as maiores torturas, porque ele havia falado contra eles no senado. Se Régulo agiu assim, que torturas não devem ser desprezadas por causa da boa fé para com aquele país a cuja beatitude a própria fé conduz? Ou o que um homem terá dado ao Senhor por tudo o que Ele concedeu a ele, se, pela fidelidade que ele deve a Ele, ele sofreu as coisas que Regulus sofreu nas mãos de seus inimigos mais cruéis pela boa fé que ele devia a eles? E como ousa um cristão se vangloriar de sua pobreza voluntária, que ele escolheu para que durante a peregrinação desta vida ele possa andar mais desembaraçado no caminho que leva ao país onde estão as verdadeiras riquezas, o próprio Deus? — como, eu digo, ele vai se vangloriar disso, quando ouve ou lê

que Lúcio Valério, que morreu quando exercia o cargo de cônsul, era tão pobre que suas despesas de funeral foram pagas com dinheiro arrecadado pelo povo? — ou quando ele ouve que Quintius Cincinnatus, que, possuindo apenas quatro acres de terra e cultivando-os com suas próprias mãos, foi tirado do arado para se tornar ditador — um cargo mais honroso ainda que o de cônsul — e que, depois de ter conquistado grande glória conquistando o inimigo, ele preferiu continuar em sua pobreza? Ou como se gabar de ter feito uma grande coisa, que não foi convencida pela oferta de qualquer recompensa deste mundo para renunciar à sua conexão com aquele país celestial e eterno, quando ouve que Fabricius não pôde ser persuadido a abandonar? a cidade romana pelos grandes presentes que lhe foram oferecidos por Pirro, rei dos Epirots, que lhe prometeu a quarta parte de seu reino, mas preferiu permanecer ali em sua pobreza como um particular? Pois se, quando sua república, isto é, o interesse do povo, o interesse do país, o interesse comum, era mais próspera e rica, eles mesmos eram tão pobres em suas próprias casas, que um deles, que já tinha sido duas vezes cônsul, foi expulso daquele senado dos pobres pelo censor, porque se descobriu que possuía dez libras de prata, pois, digo, aqueles mesmos homens por cujos triunfos o tesouro público foi enriquecido eram tão pobres, não deveriam todos os cristãos, que fazem propriedade comum de suas riquezas com um propósito muito mais nobre, mesmo que (segundo o que está escrito nos Atos dos Apóstolos) possam distribuir a cada um de acordo com sua necessidade, e que ninguém pode dizer que alguma coisa é sua, mas que todas as coisas podem ser sua propriedade comum,² - eles não devem entender que não devem se vangloriar, porque fazem isso para obter a sociedade dos anjos, quando esses homens fizeram bem -quase a mesma coisa para preservar a glória dos romanos?

3. Como essas coisas, e todas as coisas semelhantes encontradas na história romana, tornaram-se tão amplamente conhecidas e foram proclamadas por uma fama tão grande, se o império romano, estendendo-se por toda parte, não tivesse sido elevado à sua grandeza por sucessos magníficos? Portanto, por meio desse império tão extenso e de tão longa duração, tão ilustre e glorioso também pelas

virtudes de tão grandes homens, a recompensa que eles buscavam foi dada às suas aspirações sinceras, e também nos são dados exemplos, contendo advertências necessárias , para que sejamos picados de vergonha se virmos que não retivemos essas virtudes por causa da mais gloriosa cidade de Deus, que são, de qualquer maneira, semelhantes àquelas virtudes que eles mantinham para o bem. por causa da glória de uma cidade terrestre, e que, também, se nos sentirmos conscientes de que os seguramos com firmeza, não podemos ser exaltados com orgulho, porque, como diz o apóstolo, "Os sofrimentos do tempo presente são não é digno de ser comparado com a glória que em nós há de ser revelada". Mas no que diz respeito à glória humana e temporal, a vida desses antigos romanos foi considerada suficientemente digna. Portanto, também vemos, à luz daquela verdade que, velada no Antigo Testamento, é revelada no Novo, a saber, que não é em vista dos benefícios terrestres e temporais, que a providência divina concede promiscuamente ao bem e ao mal , que Deus deve ser adorado, mas em vista da vida eterna, dos dons eternos e da sociedade da própria cidade celestial; - à luz desta verdade, vemos que os judeus foram dados com justiça como um troféu para a glória dos romanos; pois vemos que esses romanos, que repousavam na glória terrena e buscavam obtê-la por virtudes, como eram, conquistaram aqueles que, em sua grande depravação, mataram e rejeitaram o doador da verdadeira glória e da cidade eterna.

CAPÍTULO. 19.-QUANTO À DIFERENÇA ENTRE A VERDADEIRA GLÓRIA E O DESEJO DE DOMINAÇÃO

1. Há seguramente uma diferença entre o desejo de glória humana e o desejo de dominação; pois, embora aquele que tem um prazer arrogante na glória humana também seja muito propenso a aspirar sinceramente à dominação, aqueles que desejam a verdadeira glória mesmo do louvor humano se esforçam para não desagradar aqueles que os julgam bem. Pois há muitas boas qualidades morais, das quais muitos são juízes competentes, embora não sejam possuídas por muitos; e por essas boas qualidades morais esses homens avançam

para a glória, honra e domínio, dos quais Salústio diz: "Mas eles avançam pelo caminho verdadeiro".

Mas quem, sem possuir aquele desejo de glória que faz temer desagradar aqueles que julgam sua conduta, deseja domínio e poder, muitas vezes procura obter o que ama pelos crimes mais abertos. Portanto, aquele que deseja a glória se esforça para obtê-la pelo verdadeiro caminho, ou certamente pelo engano e artifício, querendo parecer bom quando não o é. Portanto, para aquele que possui virtudes, é uma grande virtude desprezar a glória; pois o desprezo é visto por Deus, mas não é manifesto ao julgamento humano. Pois tudo o que alguém faz diante dos olhos dos homens para mostrar-se desprezador da glória, se eles suspeitam que o faz para obter maior louvor, isto é, maior glória, não tem como demonstrando às percepções daqueles que suspeitam dele que o caso é realmente diferente do que eles suspeitam que seja. Mas aquele que despreza o julgamento dos elogiadores, despreza também a temeridade dos suspeitos. A salvação deles, de fato, ele não despreza, se ele é realmente bom; pois tão grande é a justiça daquele homem que recebe suas virtudes do Espírito de Deus, que ele ama seus próprios inimigos, e os ama tanto que deseja que seus inimigos e detratores sejam convertidos em justiça, e se tornem seus associados, e que não em um país terreno, mas em um país celestial. Mas com respeito aos seus louvadores, embora ele dê pouco valor ao seu louvor, ele não dá pouco valor ao seu amor; nem ele ilude seus elogios, para que não perca seu amor. E, portanto, ele se esforça sinceramente para que seus louvores sejam dirigidos a Ele, de quem cada um recebe o que nele é verdadeiramente louvável. Mas aquele que despreza a glória, mas é ávido de dominação, supera os animais nos vícios da crueldade e da luxúria. Tais, de fato, eram certos dos romanos, que, querendo o amor da estima, não queriam a sede de dominação; e que havia muitos assim, a história atesta. Mas foi Nero César o primeiro a chegar ao cume e, por assim dizer, à cidadela deste vício; pois tão grande era sua luxúria, que alguém pensaria que não havia nada de viril a ser temido nele, e tamanha sua crueldade, que, se não fosse conhecido o contrário, ninguém pensaria que havia algo efeminado em seu caráter.

No entanto, o poder e o domínio não são dados a tais homens, exceto pela providência do Deus Altíssimo, quando Ele julga que o estado dos negócios humanos é digno de tais senhores. A declaração divina é clara sobre este assunto; pois a Sabedoria de Deus assim fala: "Por mim reinam os reis, e os tiranos possuem a terra". Mas, para que não se pense que por "tiranos" se entende, não reis perversos e ímpios, mas homens corajosos, de acordo com o antigo uso da palavra, como quando Virgílio diz:

"Para saber que o tratado pode não ficar

Onde o rei cumprimenta o rei e não junta a mão",

em outro lugar, é dito inequivocamente de Deus, que Ele "faz o homem que é um hipócrita para reinar por causa da perversidade do povo". Portanto, embora eu tenha mostrado, de acordo com minha capacidade, por que razão Deus, que é o único verdadeiro e justo, ajudou os romanos, que eram bons segundo um certo padrão de estado terreno, a adquirir a glória de grande império, pode haver, no entanto, uma causa mais oculta, mais conhecida por Deus do que por nós, dependendo da diversidade dos méritos da raça humana. Entre todos os que são verdadeiramente piedosos, concorda-se em todos os casos que ninguém sem verdadeira piedade, isto é, verdadeira adoração ao verdadeiro Deus, pode ter verdadeira virtude; e que não é a verdadeira virtude que é escrava do louvor humano. Embora, no entanto, aqueles que não são cidadãos da cidade eterna, que é chamada de cidade de Deus nas Sagradas Escrituras, são mais úteis para a cidade terrena quando possuem até mesmo essa virtude do que se não a possuíssem. Mas não poderia haver nada mais feliz para os assuntos humanos do que, pela misericórdia de Deus, aqueles que são dotados de verdadeira piedade da vida, se têm a habilidade de governar as pessoas, também devem ter o poder. Mas tais homens, por maiores que sejam as virtudes que possuam nesta vida, atribuem-na unicamente à graça de Deus que Ele lhes concedeu — querer, crer, buscar. E, ao mesmo tempo, eles entendem o quanto estão aquém daquela perfeição de justiça que existe na sociedade daqueles santos anjos para os quais eles estão se esforçando para se adequar. Mas, por

mais que se louve e se exalte aquela virtude, que sem a verdadeira piedade é escrava da glória humana, ela não pode ser comparada nem mesmo aos débeis primórdios da virtude dos santos, cuja esperança está depositada na graça. e misericórdia do verdadeiro Deus.

CAPÍTULO. 20.-QUE É TÃO VERGONHOSO PARA AS VIRTUDES SERVIR A GLÓRIA HUMANA QUANTO O PRAZER CORPORAL

1. Filósofos, que colocam o fim do bem humano na própria virtude, para envergonhar alguns outros filósofos, que de fato aprovam as virtudes, mas medem todas elas com referência ao fim do prazer corporal, e pensam que isso o prazer deve ser buscado por si mesmo, mas as virtudes por conta do prazer – costumam pintar uma espécie de quadro de palavras, no qual o prazer se senta como uma rainha luxuosa em um assento real, e todas as virtudes são submetidas a ela como escravas, observando-a assentir, para que possam fazer o que ela mandar. Ela ordena que Prudence esteja sempre alerta para descobrir como o Prazer pode governar e estar seguro. Justiça ela ordena conceder os benefícios que puder, a fim de assegurar as amizades necessárias ao prazer corporal; não fazer mal a ninguém, para que, por causa da violação das leis, o prazer não seja capaz de viver em segurança. Fortitude ela ordena manter sua senhora, isto é, Prazer, bravamente em sua mente, se alguma aflição acontecer em seu corpo que não cause morte, a fim de que, pela lembrança de prazeres anteriores, ela possa mitigar a pungência da dor presente. A temperança ela ordena tomar apenas uma certa quantidade, mesmo do alimento mais favorito, para que, pelo uso imoderado, algo se torne prejudicial por perturbar a saúde do corpo e, portanto, o prazer, que os epicuristas fazem consistir principalmente na saúde do corpo, ficar gravemente ofendido. Assim as virtudes, com toda a dignidade de sua glória, serão escravas do Prazer, como de alguma mulher imperiosa e de má reputação.

Não há nada, dizem nossos filósofos, mais vergonhoso e monstruoso

do que este quadro, e que os olhos dos homens bons podem suportar menos. E dizem a verdade. Mas não creio que o quadro fosse suficientemente adequado, mesmo que fosse feito para que as virtudes fossem representadas como escravas da glória humana; pois, embora essa glória não seja uma mulher luxuosa, é, no entanto, inchada e tem muita vaidade. Portanto, é indigno da solidez e firmeza das virtudes representá-las como servindo a essa glória, de modo que a prudência nada proverá, a justiça nada distribuirá, a temperança nada moderará, exceto para que os homens se satisfaçam e a vã glória seja servida. Tampouco poderão defender-se da acusação de tal baixeza, enquanto, por serem desprezadores da glória, desconsideram o julgamento de outros homens, parecem-se sábios e agradam a si mesmos. Pois sua virtude – se é que é virtude – é apenas de outra maneira submetida ao elogio humano; pois quem procura agradar a si mesmo procura ainda agradar ao homem. Mas aquele que, com verdadeira piedade para com Deus, a quem ama, acredita e espera, fixa sua atenção mais nas coisas em que se desagrada, do que naquelas, se houver, que lhe agradam, ou melhor, , não a si mesmo, mas a verdade, não atribui aquilo pelo qual ele agora pode agradar a verdade a nada, mas à misericórdia daquele a quem ele temeu desagradar, dando graças pelo que nele é curado e derramando orações pelos cura daquilo que ainda não foi curado.

CAPÍTULO. 21.-QUE O DOMÍNIO ROMANO FOI CONCEDIDO POR AQUELE DE QUEM É TODO PODER, E POR CUJA PROVIDÊNCIA TODAS AS COISAS SÃO REGIDAS

1. Sendo assim, não atribuímos o poder de dar reinos e impérios a ninguém, exceto ao verdadeiro Deus, que dá felicidade no reino dos céus somente aos piedosos, mas dá poder real na terra tanto aos piedosos quanto aos o ímpio, como pode agradar a Ele, cujo bom prazer é sempre justo. Pois, embora tenhamos dito algo sobre os princípios que orientam sua administração, na medida em que lhe pareceu bom explicá-lo, no entanto, é demais para nós, e supera em muito nossas forças, discutir as coisas ocultas do coração dos homens.

, e por um exame claro para determinar os méritos de vários reinos. Ele, portanto, que é o único Deus verdadeiro, que nunca deixa a raça humana sem justo julgamento e ajuda, deu um reino aos romanos quando quis, e tão grande quanto quis, como também fez aos assírios, e até os persas, por quem, como seus próprios livros testemunham, apenas dois deuses são adorados, um bom e outro mau, para não dizer nada sobre o povo hebreu, de quem já falei tanto quanto parecia necessário, que, como enquanto eles eram um reino, ninguém adorava senão o verdadeiro Deus. O mesmo, portanto, que dava colheitas aos persas, embora não adorassem a deusa Segétia, que dava as outras bênçãos da terra, embora não adorassem os muitos deuses que os romanos supunham presidir, cada um sobre algum particular. coisa, ou mesmo muitos deles sobre cada uma das várias coisas – Ele, eu digo, deu aos persas o domínio, embora eles não adorassem nenhum daqueles deuses a quem os romanos se consideravam devedores do império. E o mesmo é verdade em relação aos homens, bem como às nações. Aquele que deu poder a Marius deu também a Caio Cæsar; Aquele que o deu a Augusto o deu também a Nero; Aquele que o deu aos imperadores mais benignos, os Vespasianos, pai e filho, o deu também ao cruel Domiciano; e, finalmente, para evitar a necessidade de passar por cima de todos eles, Aquele que o deu ao cristão Constantino o deu também ao apóstata Juliano, cuja mente dotada foi enganada por uma curiosidade sacrílega e detestável, estimulada pelo amor ao poder. E foi porque estava viciado por curiosidade em oráculos vãos, que, confiante na vitória, queimou os navios carregados com as provisões necessárias para seu exército e, portanto, empenhando-se com zelo em empreendimentos temerariamente audaciosos, logo foi morto. , como a justa consequência de sua imprudência, e deixou seu exército desprovisionado em um país inimigo, e em tal situação que nunca poderia ter escapado, a não ser alterando as fronteiras do império romano, em violação daquele presságio do deus Terminus de que falei no livro anterior; pois o deus Terminus cedeu à necessidade, embora não tivesse cedido a Júpiter. Manifestamente, essas coisas são governadas e governadas pelo único Deus de acordo com a vontade dele; e se Seus motivos estão ocultos, eles são, portanto, injustos?

CAPÍTULO. 22.-AS DURAÇÃO E QUESTÕES DA GUERRA DEPENDE DA VONTADE DE DEUS

1. Assim também as durações das guerras são determinadas por Ele, conforme Ele pode ver se encontrar, de acordo com Sua justa vontade, prazer e misericórdia, para afligir ou consolar a raça humana, de modo que às vezes são mais longas, às vezes mais curtas. duração. A guerra dos piratas e a terceira guerra púnica terminaram com incrível celeridade. ano, tendo sido ele próprio, durante a sua continuidade, o fim de muito. Os Picentes, os Marsi e os Peligni, nações não distantes, mas italianas, depois de uma longa e mais leal servidão sob o jugo romano, tentaram erguer suas cabeças para a liberdade, embora muitas nações tivessem agora sido submetidas ao poder romano, e Cartago havia sido derrubado. Nesta guerra italiana os romanos foram muitas vezes derrotados e morreram dois cônsules, além de outros nobres senadores; no entanto, esta calamidade não se prolongou por um longo espaço de tempo, pois o quinto ano pôs fim a ela. Mas a segunda guerra púnica, que durou dezoito anos e causou os maiores desastres e calamidades à república, esgotou e quase consumiu a força dos romanos; pois em duas batalhas caíram cerca de setenta mil romanos. A primeira guerra púnica terminou depois de vinte e três anos. A guerra Mitridática foi travada por quarenta anos. E para que ninguém pense que nos primeiros e muito elogiados tempos dos romanos eles eram muito mais corajosos e mais capazes de terminar as guerras rapidamente, a guerra samnita se prolongou por quase cinquenta anos; e nesta guerra os romanos foram tão derrotados que até foram colocados sob o jugo. Mas, porque não amavam a glória pela justiça, mas pareciam ter amado a justiça pela glória, romperam a paz e o tratado que havia sido concluído. Menciono essas coisas, porque muitos, ignorantes das coisas passadas, e alguns também dissimulando o que sabem, se nos tempos cristãos vêem alguma guerra se prolongar um pouco mais do que esperavam, logo fazem um ataque feroz e insolente à nossa religião, exclamando que , mas para isso, as divindades teriam sido suplicadas ainda, de acordo com ritos

antigos; e então, por essa bravura dos romanos, que, com a ajuda de Marte e Belona, rapidamente puseram fim a tão grandes guerras, esta guerra também seria rapidamente terminada. Que aqueles, portanto, que leram a história, lembrem-se de que guerras prolongadas, tendo vários problemas e acarretando matanças lamentáveis, foram travadas pelos antigos romanos, de acordo com a verdade geral de que a terra, como as profundezas tempestuosas, está sujeita a agitações das tempestades – tempestades de tais males, em vários graus – e que às vezes confessem o que não gostam de possuir, e não, falando loucamente contra Deus, destruam a si mesmos e enganem os ignorantes.

CAPÍTULO. 23.-RELATIVA À GUERRA EM QUE RADAGAISUS, REI DOS GODOS, ADORADOR DE DEMÔNIOS, FOI VENCIDO EM UM DIA, COM TODAS AS SUAS FORÇAS PODEROSAS

1. No entanto, eles não mencionam com ação de graças o que Deus fez muito recentemente, e dentro de nossa própria memória, maravilhosa e misericordiosamente feito, mas até onde eles estão, eles tentam, se possível, enterrá-lo no esquecimento universal. Mas se calarmos essas coisas, seremos igualmente ingratos. Quando Radagaisus, rei dos godos, tendo tomado sua posição muito perto da cidade, com um exército vasto e selvagem, já estava perto dos romanos, ele foi em um dia tão rápido e tão completamente derrotado, que, embora nem sequer um romano foi ferido, muito menos morto, muito mais de cem mil de seu exército foram prostrados, e ele e seus filhos, tendo sido capturados, foram imediatamente mortos, sofrendo o castigo que mereciam. Pois se um homem tão ímpio, com um exército tão grande e tão ímpio, tivesse entrado na cidade, a quem ele teria poupado? que túmulos dos mártires ele teria respeitado? em seu tratamento de que pessoa ele teria manifestado o temor de Deus? cujo sangue ele teria evitado derramar? cuja castidade ele desejaria preservar inviolada? Mas quão alto eles não teriam sido nos louvores de seus deuses! Quão insultantemente eles teriam se gabado, dizendo que Radagaíso havia

conquistado, que ele havia conseguido realizar coisas tão grandes, porque ele propiciava e conquistava os deuses por sacrifícios diários – algo que a religião cristã não permitiu que os romanos fizessem. ! Pois quando ele se aproximava daqueles lugares onde foi esmagado pelo aceno da Suprema Majestade, como sua fama estava aumentando em toda parte, nos diziam em Cartago que os pagãos estavam acreditando, publicando e se gabando, que ele, por causa da ajuda e proteção dos deuses amigáveis a ele, por causa dos sacrifícios que ele dizia estar oferecendo diariamente a eles, certamente não seria conquistado por aqueles que não realizavam tais sacrifícios aos deuses romanos, e nem mesmo permitiam que eles devem ser oferecidos por qualquer um. E agora esses miseráveis homens não dão graças a Deus por sua grande misericórdia, que, tendo decidido castigar a corrupção dos homens, que era digna de castigo muito mais pesado do que a corrupção dos bárbaros, temperou Sua indignação com tal brandura que, em a primeira instância, para fazer com que o rei dos godos fosse conquistado de uma maneira maravilhosa, para que a glória não chegasse aos demônios, a quem ele era conhecido por suplicar, e assim as mentes dos fracos fossem derrubadas; e então, depois, fazer com que, quando Roma fosse tomada, fosse tomada por aqueles bárbaros que, contrariamente a qualquer costume de todas as guerras anteriores, protegiam, por reverência à religião cristã, aqueles que fugiam para se refugiar no lugares sagrados, e que se opunham tanto aos próprios demônios, e aos ritos de sacrifícios ímpios, que pareciam estar travando uma guerra muito mais terrível com eles do que com os homens. Assim, o verdadeiro Senhor e Governador das coisas açoitou misericordiosamente os romanos e, pela maravilhosa derrota dos adoradores de demônios, mostrou que esses sacrifícios não eram necessários nem mesmo para a segurança das coisas presentes; para que, por aqueles que não resistem obstinadamente, mas prudentemente consideram o assunto, a verdadeira religião não pode ser abandonada por causa das urgências do tempo presente, mas pode ser mais agarrada na expectativa mais confiante da vida eterna.

CAPÍTULO. 24.-QUAL FOI A FELICIDADE DOS IMPERADORES CRISTÃOS, E ATÉ QUANTO ERA VERDADEIRA FELICIDADE

1. Pois também não dizemos que certos imperadores cristãos foram felizes porque governaram por muito tempo, ou, morrendo de uma morte pacífica, deixaram seus filhos para sucedê-los no império, ou subjugaram os inimigos da república, ou puderam ambos para se proteger e reprimir a tentativa de cidadãos hostis que se levantam contra eles. Estes e outros dons ou confortos desta vida dolorosa, mesmo certos adoradores de demônios merecem receber, que não pertencem ao reino de Deus ao qual pertencem; e isso deve ser atribuído à misericórdia de Deus, que não deseja que aqueles que creem nEle desejem coisas como o bem maior. Mas dizemos que são felizes se governam com justiça; se não se exaltam entre os louvores dos que lhes prestam sublimes honras e a obsequiosidade dos que os saúdam com excessiva humildade, mas lembram-se de que são homens; se eles fazem de seu poder a serva de Sua majestade, usando-o para a maior extensão possível de Sua adoração; se eles temem, amam, adoram a Deus; se amam mais do que o seu próprio reino em que não têm medo de ter parceiros; se demoram a punir, prontos a perdoar; se aplicarem esse castigo como necessário ao governo e à defesa da república, e não para satisfazer sua própria inimizade; se eles concedem perdão, não para que a iniquidade fique impune, mas com a esperança de que o transgressor possa corrigir seus caminhos; se eles compensarem com a clemência da misericórdia e a liberalidade da benevolência por qualquer severidade que possam ser obrigados a decretar; se o luxo deles é tão restrito quanto poderia ter sido irrestrito; se eles preferem governar desejos depravados em vez de qualquer nação; e se fizerem todas essas coisas, não por ardente desejo de glória vã, mas por amor da felicidade eterna, não deixando de oferecer ao Deus verdadeiro, que é o seu Deus, por seus pecados, os sacrifícios de humildade, contrição e oração . Tais imperadores cristãos, dizemos, são felizes no tempo presente pela esperança, e estão destinados a sê-lo no gozo da própria realidade, quando o que esperamos chegar.

CAPÍTULO. 25.-RELATIVA À PROSPERIDADE QUE DEUS CONCEDEU AO IMPERADOR CRISTÃO CONSTANTINO

1. Pois o bom Deus, para que os homens, que creem que Ele deve ser adorado com vistas à vida eterna, pensem que ninguém poderia alcançar todo esse alto estado e esse domínio terrestre, a menos que fosse um adorador dos demônios, supondo que esses espíritos tenham grande poder em relação a tais coisas, por isso deu ao imperador Constantino, que não era um adorador de demônios, mas do próprio Deus verdadeiro, tal plenitude de dons terrenos como ninguém se atreveria a desejar. A ele também concedeu a honra de fundar uma cidade, companheira do império romano, filha, por assim dizer, da própria Roma, mas sem nenhum templo ou imagem dos demônios. Ele reinou por um longo período como único imperador e, sem ajuda, manteve e defendeu todo o mundo romano. Ao conduzir e conduzir guerras, ele foi o mais vitorioso; em derrubar tiranos ele foi mais bem sucedido. Ele morreu em idade avançada, de doença e velhice, e deixou seus filhos para sucedê-lo no império. Cristão por causa da vida eterna, Deus tirou Jovian muito mais cedo do que Julian, e permitiu que Graciano fosse morto pela espada de um tirano. Mas no caso dele houve muito mais mitigação da calamidade do que no caso do grande Pompeu, pois ele não podia ser vingado por Catão, a quem ele havia deixado, por assim dizer, herdeiro da guerra civil. Mas Graciano, embora as mentes piedosas não requeiram tais consolações, foi vingado por Teodósio, a quem ele havia associado a si mesmo no império, embora tivesse um irmãozinho próprio, sendo mais desejoso de uma aliança fiel do que de um poder extenso.

CAPÍTULO. 26.-NA FÉ E PIEDADE DE TEODÓSIO (THEODOSIUS) AUGUSTUS

1. E por isso Teodósio não só conservou durante a vida de Graciano aquela fidelidade que lhe era devida, mas também, depois de sua morte, ele, como um verdadeiro cristão, tomou seu irmãozinho

Valentiniano sob sua proteção, como imperador conjunto. , depois de ter sido expulso por Maximus, o assassino de seu pai. Ele o guardou com afeição paterna, embora pudesse sem dificuldade se livrar dele, sendo inteiramente destituído de todos os recursos, se estivesse animado com o desejo de um império extenso, e não com a ambição de ser um benfeitor. Foi, portanto, um prazer muito maior para ele, quando adotou o menino e preservou para ele sua dignidade imperial, consolá-lo por sua própria humanidade e bondade. Depois, quando esse sucesso estava tornando Máximo terrível , Teodósio, em meio a suas inquietações desconcertantes, não foi levado a seguir as sugestões de uma curiosidade sacrílega e ilegal, mas enviado a João, cuja morada era no deserto do Egito, – pois ele havia aprendido que este servo de Deus (cuja fama estava se espalhando) era dotado do dom da profecia – e dele recebeu a garantia da vitória. Imediatamente o matador do tirano Máximo, com os mais profundos sentimentos de compaixão e respeito, devolveu ao menino Valentiniano sua parte no império do qual havia sido expulso. Valentiniano sendo logo depois morto por assassinato secreto, ou por algum outro complô ou acidente, Teodósio, tendo novamente recebido uma resposta do profeta, e depositando toda a confiança nela, marchou contra o tirano Eugênio, que havia sido ilegalmente eleito para suceder aquele imperador. , e derrotou seu exército muito poderoso, mais pela oração do que pela espada. Alguns soldados que estavam na batalha me relataram que todos os mísseis que eles estavam lançando foram arrancados de suas mãos por um vento veemente, que soprou da direção do exército de Teodósio sobre o inimigo; nem apenas dirigiu com maior velocidade os dardos que foram lançados contra eles, mas também voltou contra seus próprios corpos os dardos que eles mesmos estavam lançando. E, portanto, o poeta Claudiano, embora um estranho do nome de Cristo, no entanto, diz em seus louvores a ele: "Ó príncipe, muito amado por Deus, para ti Éolus derrama tempestades armadas de suas cavernas; por ti o ar luta, e os ventos obedecem unânimes às tuas cornetas." Mas o vencedor, como ele havia acreditado e previsto, derrubou as estátuas de Júpiter, que haviam sido, por assim dizer, consagradas por não sei que tipo de ritos contra ele, e erguidas nos Alpes. E os raios dessas estátuas, que eram feitas de ouro, ele alegremente e graciosamente apresentou a

seus mensageiros que (conforme a alegria da ocasião permitia) estavam dizendo jocosamente que eles ficariam muito felizes em serem atingidos por tais raios. próprios inimigos, cujos pais haviam sido mortos não tanto por suas ordens, mas pela veemência da guerra, tendo fugido para uma igreja, embora ainda não fossem cristãos, ele estava ansioso, aproveitando a ocasião, para trazer ao cristianismo, e os tratou com amor cristão. Tampouco os privou de sua propriedade, mas, além de permitir que a retivessem, concedeu-lhes honras adicionais. Ele não permitiu que animosidades privadas afetassem o tratamento de qualquer homem após a guerra. Ele não era como Cina, Mário, Sila e outros homens semelhantes, que desejavam não terminar as guerras civis mesmo quando terminadas, mas antes lamentavam que tivessem surgido, do que desejavam que, quando terminassem, prejudicassem qualquer um. Em meio a todos esses eventos, desde o início de seu reinado, ele não cessou de ajudar a igreja conturbada contra os ímpios por leis mais justas e misericordiosas, que o herético Valente, favorecendo os arianos, afligiu com veemência. De fato, ele se alegrou mais por ser membro desta igreja do que por ser um rei na terra. Os ídolos dos gentios ele ordenou por toda parte que fossem derrubados, entendendo bem que nem mesmo os dons terrestres são colocados no poder dos demônios, mas no do verdadeiro Deus. E o que poderia ser mais admirável do que sua humildade religiosa, quando, impelido pela urgência de alguns de seus íntimos, vingou o grave crime dos tessalonicenses, que, por oração dos bispos, prometeu perdoar, e, sendo preso Pela disciplina da igreja, a penitência de tal maneira que a visão de sua altivez imperial prostrada fez as pessoas que estavam intercedendo por ele chorarem mais do que a consciência da ofensa os fez temer quando enfurecidos? Estas e outras boas obras semelhantes, que seria longo contar, ele levou consigo deste mundo de tempo, onde a maior nobreza e altivez humana são apenas vapor. Destas obras, a recompensa é a felicidade eterna, da qual Deus é o doador, embora apenas para aqueles que são sinceramente piedosos. Mas todas as outras bênçãos e privilégios desta vida, como o próprio mundo, luz, ar, terra, água, frutas, e a alma do próprio homem, seu corpo, sentidos, mente, vida, Ele prodigaliza tanto para o bem quanto para o mal. E entre essas bênçãos deve ser contada também a posse de

um império, cuja extensão Ele regula de acordo com as exigências de Seu governo providencial em vários momentos. 2. De onde, vejo, devemos agora responder àqueles que, sendo refutados e condenados pelas provas mais manifestas, pelas quais se mostra que para obter essas coisas terrestres, que são todos os desejos tolos de ter, essa multidão de falsos deuses é inútil tentar afirmar que os deuses devem ser adorados com vistas ao interesse, não da vida presente, mas daquela que virá após a morte. Pois quanto àqueles que, por causa da amizade deste mundo, estão dispostos a adorar vaidades e não se afligem por serem deixados em seus entendimentos pueris, acho que foram suficientemente respondidos nestes cinco livros; desses livros, quando publiquei os três primeiros, e eles começaram a chegar às mãos de muitos, ouvi que certas pessoas estavam preparando contra eles uma resposta de algum tipo por escrito. Então me disseram que eles já haviam escrito sua resposta, mas estavam esperando um momento em que pudessem publicá-la sem perigo. A essas pessoas eu aconselharia a não desejar o que não pode ser de nenhuma vantagem para elas; pois é muito fácil para um homem parecer a si mesmo ter respondido aos argumentos, quando ele apenas não quis ficar em silêncio. Pois o que é mais loquaz do que a vaidade? E embora possa, se quiser, gritar mais alto que a verdade, não é, por tudo isso, mais poderoso que a verdade. Mas que os homens considerem diligentemente todas as coisas que dissemos, e se, por acaso, julgando sem espírito partidário, perceberem claramente que são coisas que podem antes ser abaladas do que dilaceradas por sua falsidade mais insolente e, como fossem, leviandade satírica e mímica, que eles restringissem seus absurdos, e que eles escolhessem ser corrigidos pelos sábios do que serem elogiados pelos tolos. Pois se eles estão esperando uma oportunidade, não pela liberdade de falar a verdade, mas pela licença para injuriar, não pode acontecer o que Tully diz sobre alguém: "Oh, homem miserável! Quem tinha liberdade para pecar?" Portanto, quem quer que seja que se considere feliz por causa da licença para insultar, ele seria muito mais feliz se isso não lhe fosse permitido; pois ele pode o tempo todo, deixando de lado a jactância vazia, contradizendo aqueles a cujos pontos de vista ele se opõe por meio de consulta gratuita com eles, e estar ouvindo, como lhe convier,

com honra, gravidade, sinceridade, tudo o que pode ser aduzido. por aqueles a quem ele consulta por disputa amigável.

LIVRO VI

ARGUMENTO

ATÉ ASSIM O ARGUMENTO FOI REALIZADO CONTRA AQUELES QUE ACREDITAM QUE OS DEUSES DEVEM SER ADORADOS PARA BENEFÍCIOS TEMPORAIS, AGORA É DIRECIONADO CONTRA AQUELES QUE CRÊM QUE DEVEM SER ADORADOS POR CAUSA DA VIDA ETERNA. AGOSTINHO DEVOTA OS CINCO LIVROS SEGUINTE À CONFUTAÇÃO DESTA ÚLTIMA CRENÇA, E PRIMEIRO DE TUDO MOSTRA COMO A OPINIÃO DOS DEUSES FOI MALIGNA PELO PRÓPRIO VARRO, O MAIS ESTIMADO ESCRITOR DE TEOLOGIA PAGÃ. DESTA TEOLOGIA AGOSTINHO ADOTA A DIVISÃO DE VARRO EM TRÊS TIPOS, MÍTICO, NATURAL E CIVIL; E DEMONSTRANDO IMEDIATAMENTE QUE NEM O MÍTICO NEM O CIVIL PODEM CONTRIBUIR EM NADA PARA A FELICIDADE DA VIDA FUTURA.

PREFÁCIO

Nos cinco livros anteriores, penso ter contestado suficientemente aqueles que acreditam que os muitos falsos deuses, que a verdade cristã mostra serem imagens inúteis, ou espíritos imundos e demônios perniciosos, ou certamente criaturas, não o Criador, devem ser adorado para o proveito desta vida mortal e dos assuntos terrestres, com aquele rito e serviço que os gregos chamam de λατρεία, e que é devido ao único Deus verdadeiro. E quem não sabe que, em face de excessiva estupidez e obstinação, nem estes cinco nem qualquer outro número de livros poderiam ser suficientes, quando se estima que a glória da vaidade não ceder a nenhuma quantidade de força do lado da verdade? , - certamente para sua destruição sobre quem um vício tão hediondo tiraniza? Pois, apesar de toda a assiduidade do médico que tenta efetuar a cura, a doença permanece invicta, não por culpa sua, mas pela incurabilidade do doente. Mas aqueles que pesam

cuidadosamente as coisas que lêem, tendo-as compreendido e considerado, sem nenhuma, ou sem grande e excessivo grau daquela obstinação que pertence a um erro há muito acariciado, julgarão mais prontamente que, nos cinco livros já terminado, fizemos mais do que a necessidade da questão exigia, do que discutimos menos do que exigia. E eles não podem duvidar que todo o ódio que os ignorantes tentam trazer sobre a religião cristã por causa dos desastres desta vida, e a destruição e mudança que se abatem sobre as coisas terrestres, enquanto os eruditos não apenas dissimulam, mas encorajam isso ódio, contrário à sua própria consciência, possuídos por uma louca impiedade; - eles não podem duvidar, eu digo, de que esse ódio é desprovido de reflexão e razão corretas, e cheio da mais leve temeridade e da mais pernicioso animosidade .

CAPÍTULO. 1.- DAQUELES QUE SUSTENTAM QUE ADORAM OS DEUSES NÃO POR CAUSA DE VANTAGENS TEMPORAIS, MAS ETERNAS

1. Agora, como, em seguida (como a ordem prometida exige), devem ser refutados e ensinados aqueles que afirmam que os deuses das nações, que a verdade cristã destrói, devem ser adorados não por causa desta vida , mas por causa do que há de ser depois da morte, farei bem em começar minha disputa com o verdadeiro oráculo do santo salmo: "Bem-aventurado o homem cuja esperança é o Senhor Deus, e que não respeita vaidades e loucuras mentirosas ." No entanto, em todas as vaidades e loucuras mentirosas, os filósofos devem ser ouvidos com muito mais tolerância, que repudiaram essas opiniões e erros do povo; pois o povo erigiu imagens para as divindades, e fingiu a respeito daqueles a quem chamam deuses imortais muitas coisas falsas e indignas, ou acreditou nelas, já fingiu, e, quando acreditado, as misturou com seu culto e ritos sagrados.

Com aqueles homens que, embora não por livre confissão de suas convicções, ainda testemunham que desaprovam essas coisas murmurando desaprovações durante as discussões sobre o assunto,

pode não ser muito errado discutir a seguinte questão: da vida que será após a morte, devemos adorar, não o único Deus que fez todas as criaturas espirituais e corpóreas, mas aqueles muitos deuses que, como alguns desses filósofos sustentam, foram feitos por esse único Deus e colocados por Ele em suas respectivas esferas sublimes, e por isso são considerados mais excelentes e mais nobres do que todos os outros? 2. Mas quem vai afirmar que deve ser afirmado e afirmado que aqueles deuses, alguns dos quais mencionei no quarto livro, aos quais são distribuídos, cada um a cada um as acusações de coisas minuciosas, concedem a vida eterna? Mas aqueles homens mais hábeis e perspicazes, que se gloriam de ter escrito para o grande benefício dos homens, ensinarão por que cada deus deve ser adorado e o que deve ser buscado de cada um, para que não com o mais vergonhoso absurdo, tal como uma mímica costuma exibir por causa da alegria, deve-se buscar água de Liber, vinho das Linfas - esses homens realmente afirmarão a qualquer homem que suplica aos deuses imortais que, quando ele pedir vinho às Linfas, e eles devem ter respondido a ele: "Temos água, busque vinho de Liber", ele pode corretamente dizer: "Se você não tem vinho, pelo menos me dê a vida eterna?" O que é mais monstruoso do que esse absurdo? Será que esses Linfas, pois costumam ser facilmente ridicularizados,³ rindo alto (se não tentarem enganar como demônios), responderão ao suplicante: "Ó homem, tu pensas que temos vida (vitam?) em nosso poder, quem você ouve não tem nem mesmo a videira (vitem)?" É, portanto, a mais insolente tolice buscar e esperar a vida eterna de tais deuses que são afirmados para presidir os assuntos minuciosos separados desta vida tão dolorosa e curta, e tudo o que for útil para sustentá-la e sustentá-la, como aquilo que está sob o cuidado e o poder de um ser procurado do outro, é tão incongruente e absurdo que parece muito imitar a brincadeira, que, quando feita por mímicos sabendo o que estão fazendo, é merecidamente ridicularizada no teatro , mas quando é feito por pessoas tolas, que não sabem melhor, é mais merecidamente ridicularizado no mundo. Portanto, no que diz respeito aos deuses que os estados estabeleceram, foi habilmente inventado e transmitido à memória por homens eruditos, que deus ou deusa deve ser suplicado em relação a cada coisa particular – o que,

por exemplo, deve ser procurei de Liber, o que dos Linfas, o que de Vulcano, e assim de todo o resto, alguns dos quais mencionei no quarto livro, e alguns julguei correto omitir. Além disso, se é um erro buscar vinho de Ceres, pão de Liber, água de Vulcan, fogo de Lymphs, quanto maior absurdo deve ser pensado, se súplica a qualquer um deles pela vida eterna?

3. Portanto, se, quando inquirimos que deuses ou deusas se acredita serem capazes de conferir reinos terrestres aos homens, todas as coisas foram discutidas, mostrou-se muito longe da verdade pensar que mesmo reinos terrestres são estabelecidos por qualquer uma dessas muitas falsas divindades, não é a mais insana impiedade acreditar que a vida eterna, que é, sem dúvida ou comparação, preferida a todos os reinos terrestres, pode ser dada a qualquer um por qualquer um desses deuses? Pois a razão pela qual tais deuses nos pareceram incapazes de dar sequer um reino terreno, não era porque eles são muito grandes e exaltados, enquanto isso é algo pequeno e abjeto, que eles, em sua tão grande sublimidade, não condescendem. cuidar, mas porque, por mais merecidamente que alguém possa, em consideração à fragilidade humana, desprezar os pináculos em queda de um reino terrestre, esses deuses apresentaram uma aparência que parece mais indigna de ter a concessão e preservação até mesmo daqueles a quem foram confiados. para eles; e, conseqüentemente, se (como ensinamos nos dois últimos livros de nossa obra, onde este assunto é tratado) nenhum deus de toda essa multidão, seja pertencente, por assim dizer, aos deuses plebeus ou aos nobres, é apto para dar reinos mortais a mortais, quanto menos ele é capaz de fazer imortais de mortais?

4. E mais do que isso, se, de acordo com a opinião daqueles com quem agora discutimos, os deuses devem ser adorados, não por causa da vida presente, mas por aquilo que deve ser após a morte, então, certamente, eles não devem ser adorados por causa daquelas coisas particulares que são distribuídas e repartidas (não por qualquer lei da verdade racional, mas por mera conjectura vã) ao poder de tais deuses, como eles acreditam que devem ser adorados, que afirmam que sua

adoração é necessária para todas as coisas desejáveis desta vida mortal, contra as quais tenho contestado suficientemente, tanto quanto pude, nos cinco livros anteriores. Assim sendo, se a própria idade daqueles que adoravam a deusa Juventas se caracterizasse por notável vigor, enquanto seus desprezadores ou morressem nos anos da juventude, ou, durante esse período, esfriassem como no torpor da velhice era; se a barbada Fortuna cobrisse as faces de seus adoradores mais bela e graciosamente do que todos os outros, enquanto veríamos aqueles por quem ela era desprezada totalmente imberbe ou malbarbada; mesmo assim, deveríamos dizer com toda a razão que até aqui esses vários deuses tinham poder, limitado de alguma forma por suas funções, e que, conseqüentemente, nem a vida eterna deveria ser buscada de Juventas, que não podia dar barba, nem deveria coisa boa depois desta vida que se espera de Fortuna Barbata, que não tem poder mesmo nesta vida para dar a idade em que a barba cresce. Mas agora, quando sua adoração é necessária nem mesmo por causa dessas mesmas coisas que eles pensam estar sujeitas ao seu poder – pois muitos adoradores da deusa Juventas não foram vigorosos nessa idade, e muitos que não a adoram regozije-se na força juvenil; e também muitos suplicantes de Fortuna Barbata ou não conseguiram obter barba alguma, nem mesmo feia, embora aqueles que a adoram para obter uma barba sejam ridicularizados por seus desprezadores barbudos, – o coração humano realmente tão tolo a ponto de acreditar que a adoração dos deuses, que ela reconhece ser vã e ridícula em relação a esses dons temporais e rápidos, sobre cada um dos quais um desses deuses preside, é frutífera em resultados com respeito para a vida eterna? E que eles são capazes de dar a vida eterna não foi afirmado nem mesmo por aqueles que, para serem adorados pela população tola, distribuíram entre eles essas ocupações temporais, para que nenhum deles ficasse ocioso; pois eles supunham a existência de um número extremamente grande.

CAPÍTULO. 2.-O QUE DEVEMOS ACREDITAR QUE VARRO PENSOU A RESPEITO DOS DEUSES DAS NAÇÕES, CUJOS

VÁRIOS TIPOS E RITOS SAGRADOS ELE DEMONSTROU SER TAL QUE TERIA AGIDO COM MAIS REVERÊNCIA

1. Quem investigou essas coisas com mais cuidado do que Marcus Varro? Quem os descobriu com mais sabedoria? Quem os considerou com mais atenção? Quem os distinguiu mais agudamente? Quem escreveu sobre eles mais diligentemente e mais plenamente? - quem, embora seja menos agradável em sua eloquência, é, no entanto, tão cheio de instrução e sabedoria, que em toda a erudição que chamamos de secular, mas liberal, ele ensinará o estudante das coisas tanto quanto Cícero encanta o estudante das palavras. E até o próprio Tully dá-lhe tal testemunho, a ponto de dizer em seus livros acadêmicos que ele teve aquela disputa que é travada lá com Marco Varrão, "um homem", acrescenta ele, "inquestionavelmente o mais agudo de todos os homens e, sem qualquer dúvida, o mais instruído." Ele não diz o mais eloquente ou o mais fluente, pois na realidade ele era muito deficiente nessa faculdade, mas ele diz, "de todos os homens o mais agudo". E naqueles livros, isto é, o Acadêmico, onde ele afirma que todas as coisas devem ser postas em dúvida, ele acrescenta dele, "sem dúvida o mais erudito". Na verdade, ele estava tão certo a respeito disso, que deixou de lado aquela dúvida a que costuma recorrer em todas as coisas, como se, quando estivesse prestes a disputar a favor da dúvida dos acadêmicos, tivesse, com respeito a esta única coisa, esquecido que ele era um Acadêmico. Mas no primeiro livro, quando ele exalta as obras literárias do mesmo Varrão, ele diz: "Nós vagando e vagando em nossa própria cidade como estranhos, teus livros, por assim dizer, trazidos para casa, para que finalmente possamos chegar a saber de quem éramos e onde estávamos. Abriu-nos a idade do país, a distribuição das estações, as leis das coisas sagradas e dos sacerdotes; abriu-nos a disciplina doméstica e pública; tu indicaste-nos os lugares apropriados para as cerimônias religiosas e nos informaste sobre os lugares sagrados. Mostraste-nos os nomes, tipos, ofícios, causas de todas as coisas divinas e humanas.

Este homem, então, de tão ilustres e excelentes aquisições, e, como Terenciano diz brevemente dele em um verso muito elegante,

"Varro, um homem universalmente informado",

que lê tanto que nos perguntamos quando ele teve tempo para escrever, escreveu tanto que mal podemos acreditar que alguém poderia ter lido tudo - esse homem, digo, tão grande em talento, tão grande em conhecimento, se tivesse sido um opositor e destruidor das chamadas coisas divinas sobre as quais ele escreveu, e se ele dissesse que pertenciam à superstição e não à religião, talvez, mesmo nesse caso, não tivesse escrito tantas coisas que são ridículas, desprezíveis, detestáveis. Mas quando ele adorou esses mesmos deuses, e assim justificou sua adoração, a ponto de dizer, em sua mesma obra literária, que ele temia que eles perecessem, não por um ataque de inimigos, mas por negligência dos cidadãos, e que desta ignomínia eles estão sendo libertados por ele, e estão sendo depositados e preservados na memória do bem por meio de tais livros, com um zelo muito mais benéfico do que aquele pelo qual Metelo é declarado ter resgatado o sagrado. coisas de Vesta das chamas, e Enéias por ter resgatado os Penates do incêndio de Tróia; e quando ele, no entanto, dá à luz coisas para serem lidas por eras sucessivas que são merecidamente julgadas por sábios e imprudentes como impróprias para serem lidas e muito hostis à verdade da religião; o que devemos pensar, senão que um homem mais perspicaz e instruído, não, embora libertado pelo Espírito Santo, foi dominado pelos costumes e leis de seu estado e, não podendo calar sobre as coisas pelas quais ele foi influenciado, falou deles sob o pretexto de elogiar a religião?

CAPÍTULO. 3.—A DISTRIBUIÇÃO DE SEU LIVRO QUE ELE COMPÔS SOBRE AS ANTIGUIDADES DAS COISAS HUMANAS E DIVINAS

1. Ele escreveu quarenta e um livros de antiguidades. Estes ele dividiu em coisas humanas e divinas. Vinte e cinco ele dedicou às coisas humanas, dezesseis às coisas divinas; seguindo este plano naquela divisão, ou seja, dar seis livros para cada uma das quatro divisões das coisas humanas. Pois ele dirige sua atenção para essas considerações:

quem executa, onde executa, quando executa, o que executa. Portanto, nos primeiros seis livros ele escreveu sobre os homens; nos seis segundos, referentes a lugares; no terceiro seis, referente aos tempos; no quarto e último seis, sobre as coisas. Quatro vezes seis, no entanto, são apenas vinte e quatro. Mas ele colocou à frente deles uma obra separada, que falava de todas essas coisas conjuntamente.

Nas coisas divinas, a mesma ordem ele preservou por toda parte, no que diz respeito às coisas que são realizadas aos deuses. Pois coisas sagradas são realizadas por homens em lugares e épocas. Essas quatro coisas que mencionei ele abraçou em doze livros, distribuindo três para cada um. Pois ele escreveu os três primeiros sobre os homens, os três seguintes sobre os lugares, o terceiro três sobre os tempos e o quarto três sobre os ritos sagrados – mostrando quem deve realizar, onde deve realizar, quando deve realizar, o que deve realizar, com a mais sutil distinção. Mas porque era necessário dizer - e isso era especialmente esperado - a quem eles deveriam realizar ritos sagrados, ele escreveu sobre os próprios deuses os três últimos livros; e estes cinco vezes três fizeram quinze. Mas são ao todo, como dissemos, dezesseis. Pois ele também colocou no início deste livro distinto, falando como introdução de tudo o que se segue; tendo terminado, ele procedeu a subdividir os três primeiros naquela distribuição quádrupla que pertence aos homens, fazendo o primeiro sobre os sumos sacerdotes, o segundo sobre os áugures, o terceiro sobre os quinze homens que presidem as cerimônias sagradas. Os três segundos ele fez sobre lugares, falando em um deles sobre suas capelas, no segundo sobre seus templos, e no terceiro sobre lugares religiosos. Os três seguintes, que se seguem, e dizem respeito aos tempos, isto é, aos dias festivos, ele distribuiu de modo a fazer um referente aos feriados, o outro aos jogos de circo e o terceiro às peças cênicas. Dos quatro três, relativos às coisas sagradas, ele dedicou um às consagrações, outro aos ritos privados, o último aos ritos públicos e sagrados. Nas três que restam, os próprios deuses seguem esse pomposo trem, por assim dizer, para quem toda essa cultura foi gasta. No primeiro livro estão os deuses certos, no segundo os incertos, no terceiro e último de todos os deuses principais e selecionados.

CAPÍTULO. 4.-DA DISPUTA DE VARRO, SEGUE QUE OS ADORADORES DOS DEUSES CONSIDERAM AS COISAS HUMANAS MAIS ANTIGAS QUE AS DIVINAS

1. Em toda esta série de distribuições e distinções mais belas e mais sutis, mais facilmente parecerá evidente pelas coisas que já dissemos e pelo que será dito a seguir, para qualquer homem que não esteja, na obstinação de seu coração, um inimigo de si mesmo, que é inútil buscar e esperar, e ainda mais insolente desejar a vida eterna. Pois essas instituições são obra de homens ou de demônios, não daqueles a quem chamam bons demônios, mas, para falar mais claramente, de espíritos impuros e, sem dúvida, malignos, que com maravilhosa astúcia e segredo sugerem ao pensamentos dos ímpios, e às vezes apresentam abertamente ao seu entendimento, opiniões nocivas, pelas quais a mente humana se torna cada vez mais tola, e se torna incapaz de se adaptar e permanecer na verdade imutável e eterna, e procura confirmar essas opiniões por todo tipo de atestação falaciosa em seu poder. Este mesmo Varrão testemunha que escreveu primeiro sobre as coisas humanas, mas depois sobre as coisas divinas, porque os estados existiram primeiro, e depois essas coisas foram instituídas por eles. Mas a verdadeira religião não foi instituída por nenhum estado terreno, mas claramente estabeleceu a cidade celestial. Ela, no entanto, é inspirada e ensinada pelo verdadeiro Deus, o doador da vida eterna aos Seus verdadeiros adoradores.

2. Eis a razão que Varrão dá quando confessa que escreveu primeiro sobre as coisas humanas e depois sobre as coisas divinas, porque essas coisas divinas foram instituídas pelos homens: - "Como o pintor está diante da tábua pintada, o pedreiro diante o edifício, então os estados são antes das coisas que são instituídas pelos estados". Mas ele diz que teria escrito primeiro sobre os deuses, depois sobre os homens, se estivesse escrevendo sobre toda a natureza dos deuses – como se estivesse realmente escrevendo sobre alguma parte, e não toda, a natureza dos deuses. Deuses; ou como se, de fato, uma parte, embora não toda, da natureza dos deuses não devesse ser colocada antes da

dos homens. Como, então, é que nesses três últimos livros, quando ele está explicando diligentemente os deuses certos, incertos e selecionados, ele parece não passar por cima de nenhuma parte da natureza dos deuses? Por que, então, ele diz: "Se estivéssemos escrevendo sobre toda a natureza dos deuses, primeiro teríamos terminado as coisas divinas antes de tocarmos as humanas?" Pois ele escreve sobre toda a natureza dos deuses, ou sobre alguma parte dela, ou sobre nenhuma parte dela. No que diz respeito a tudo isso, certamente deve ser colocado antes das coisas humanas; se concernente a alguma parte dele, por que não deveria, pela própria natureza do caso, preceder as coisas humanas? Não é mesmo uma parte dos deuses que deve ser preferida a toda a humanidade? Mas se é demais preferir uma parte do divino a todas as coisas humanas, certamente essa parte é digna de ser preferida pelo menos aos romanos. Pois ele escreve os livros sobre as coisas humanas, não com referência ao mundo inteiro, mas apenas a Roma; quais livros ele diz ter colocado adequadamente, na ordem da escrita, antes dos livros sobre as coisas divinas, como um pintor diante da tabuleta pintada, ou um pedreiro diante do edifício, confessando mais abertamente que, como quadro ou estrutura, mesmo essas coisas divinas foram instituídas pelos homens. Resta apenas a terceira suposição, que ele deve ser entendido como tendo escrito sobre nenhuma natureza divina, mas que ele não queria dizer isso abertamente, mas deixou para o inteligente inferir; pois quando se diz "não todos", o uso entende que significa "alguns", mas pode ser entendido como significando nenhum, porque o que não é nenhum não é nem todos nem alguns. De fato, como ele mesmo diz, se estivesse escrevendo sobre toda a natureza dos deuses, seu devido lugar teria sido antes das coisas humanas na ordem da escrita. Mas, como diz a verdade, ainda que Varrão esteja calado, a natureza divina deveria ter precedido as coisas romanas, embora não fossem todas, mas apenas algumas. Mas é corretamente colocado depois, portanto, não é nenhum. Seu arranjo, portanto, deveu-se não ao desejo de dar prioridade às coisas humanas às coisas divinas, mas à sua relutância em preferir as coisas falsas às verdadeiras. Pois no que ele escreveu sobre as coisas humanas, ele seguiu a história dos assuntos; mas no que ele escreveu sobre as coisas

que eles chamam de divinas, o que mais ele seguiu, senão meras conjecturas sobre coisas vãs? Isso, sem dúvida, é o que, de maneira sutil, ele desejava significar; não apenas escrevendo sobre as coisas divinas segundo as humanas, mas até mesmo dando uma razão pela qual ele fez isso; pois se ele tivesse suprimido isso, alguns, talvez, o defenderiam de uma maneira, e outros de outra. Mas justamente por isso ele deu, ele não deixou nada para os homens conjeturarem à vontade, e provou suficientemente que ele preferia os homens às instituições dos homens, não a natureza dos homens à natureza dos deuses. Assim, ele confessou que, ao escrever os livros sobre as coisas divinas, ele não escreveu sobre a verdade que pertence à natureza, mas a falsidade que pertence ao erro; que ele expressou em outro lugar mais abertamente (como mencionei no quarto livro), dizendo que, se ele próprio estivesse fundando uma nova cidade, ele teria escrito de acordo com a ordem da natureza; mas como só havia encontrado um antigo, não pôde deixar de seguir seu costume.

CAPÍTULO. 5.-QUANTO AOS TRÊS TIPOS DE TEOLOGIA SEGUNDO VARRO, MÍTICO (FÁBULA), FÍSICO E CIVIL

1. Agora, o que devemos dizer desta proposição dele, a saber, que existem três tipos de teologia, isto é, do relato que é dado dos deuses; e destes, um é chamado mítico, o outro físico, e o terceiro civil? Se o uso latino permitisse, deveríamos chamar o tipo que ele colocou primeiro na ordem de fabular, mas vamos chamá-lo de fabuloso, pois mítico é derivado do grego μυθος, uma fábula; mas que o segundo deve ser chamado de natural, o uso da fala agora admite; o terceiro ele mesmo designou em latim, chamando-o de civil. Então ele diz, "eles chamam de mítico aquele tipo que os poetas usam principalmente; físico, o que os filósofos usam; civil, o que as pessoas usam. , que são contrários à dignidade e natureza dos imortais, pois nele encontramos que um deus nasceu da cabeça, outro da coxa, outro de gotas de sangue; também, descobrimos que os deuses roubaram, cometeu adultério, serviu a homens; em uma palavra, todos os tipos de coisas são atribuídos aos deuses, tais como podem acontecer, não apenas a

qualquer homem, mas até mesmo ao homem mais desprezível”. Ele certamente, onde pôde, onde ousou, onde pensou que poderia fazê-lo impunemente, manifestou, sem nenhuma névoa de ambiguidade, quão grande dano foi feito à natureza dos deuses por fábulas mentirosas; pois ele estava falando, não sobre a teologia natural, não sobre a civil, mas sobre a teologia fabulosa, na qual ele pensava poder criticar livremente.

2. Vejamos, agora, o que ele diz sobre o segundo tipo. "O segundo tipo que expliquei", diz ele, "é aquele sobre o qual os filósofos deixaram muitos livros, nos quais tratam de questões como estas: que deuses existem, onde estão, de que tipo e caráter são, desde que tempo existem, ou se existem desde a eternidade; se são de fogo, como acredita Heráclito; ou de número, como Pitágoras; ou de átomos, como diz Epicuro; e outras coisas semelhantes, que os ouvidos dos homens podem mais ouvir facilmente dentro das paredes de uma escola do que fora do Fórum." Ele não encontra falhas em nada nesse tipo de teologia que eles chamam de física e que pertence aos filósofos, exceto que ele relatou suas controvérsias entre si, através das quais surgiram uma multidão de seitas dissidentes. No entanto, ele removeu esse tipo do Fórum, ou seja, da população, mas ele o encerrou nas escolas. Mas aquele primeiro tipo, mais falso e mais vil, ele não removeu dos cidadãos. Oh, os ouvidos religiosos do povo, e entre eles mesmo os dos romanos, que não são capazes de suportar o que os filósofos discutem sobre os deuses! Mas quando os poetas cantam e os atores encenam coisas que depreciam a dignidade e a natureza dos imortais, como podem acontecer não apenas a um homem, mas ao homem mais desprezível, eles não apenas suportam, mas ouvem de bom grado. . Nem isso é tudo, mas eles até consideram que essas coisas agradam aos deuses, e que são propiciadas por eles.

3. Mas alguém pode dizer: Distingamos esses dois tipos de teologia, o mítico e o físico, isto é, o fabuloso e o natural, deste tipo civil sobre o qual estamos falando agora. Antecipando isso, ele mesmo os distinguiu. Vejamos agora como ele explica a própria teologia civil. Vejo, de fato, por que deve ser distinguido como fabuloso, até porque é

falso, porque é vil, porque é indigno. Mas querer distinguir o natural do civil, o que mais é isso senão confessar que o próprio civil é falso? Pois se isso é natural, que culpa tem de ser excluído? E se isso que se chama civil não é natural, que mérito tem que seja admitido? Esta, na verdade, é a razão pela qual ele escreveu primeiro sobre as coisas humanas e depois sobre as coisas divinas; pois nas coisas divinas ele não seguiu a natureza, mas a instituição dos homens. Vejamos esta sua teologia civil. “O terceiro tipo”, diz ele, “é aquele que os cidadãos das cidades, e especialmente os sacerdotes, devem conhecer e administrar. pode desempenhar adequadamente.” Atenhamo-nos ainda ao que se segue. “A primeira teologia”, diz ele, “é especialmente adaptada ao teatro, a segunda ao mundo, a terceira à cidade”. Quem não vê a quem dá a palma? Certamente a segunda, que ele disse acima, é a dos filósofos. Pois ele testemunha que isso pertence ao mundo, do que eles pensam que não há nada melhor. Mas essas duas teologias, a primeira e a terceira, a saber, a do teatro e a da cidade, ele as distinguiu ou as uniu? Pois, embora vejamos que a cidade está no mundo, não vemos que se segue que quaisquer coisas pertencentes à cidade pertencem ao mundo. Pois é possível que tais coisas possam ser adoradas e acreditadas na cidade, de acordo com falsas opiniões, como não existem no mundo ou fora dele. Mas onde está o atre senão na cidade? Quem instituiu o teatro senão o Estado? Com que propósito o constituiu senão para peças cênicas? E a que classe de coisas pertencem as peças cênicas senão àquelas coisas divinas sobre as quais esses livros de Varrão são escritos com tanta habilidade?

CAPÍTULO. 6.-QUANTO AO MÍTICO, OU FÁBULA, A TEOLOGIA E O CIVIL, CONTRA VARRO

1. Ó Marco Varrão! tu és o mais perspicaz e sem dúvida o mais instruído, mas ainda um homem, não Deus - agora elevado pelo Espírito de Deus para ver e anunciar as coisas divinas, você vê, de fato, que as coisas divinas devem ser separadas de ninharias e mentiras humanas, mas você teme ofender as opiniões mais corruptas da população e seus costumes em superstições públicas, que você mesmo,

quando as considera por todos os lados, percebe, e toda a sua literatura declara em voz alta ser abominável a natureza dos deuses, mesmo de deuses que a fragilidade da mente humana supõe existir nos elementos deste mundo. O que o talento humano mais excelente pode fazer aqui? O que o aprendizado humano, embora múltiplo, pode te valer nessa perplexidade? Tu desejas adorar os deuses naturais; tu és obrigado a adorar o civil. Achaste alguns dos deuses fabulosos, sobre os quais vomitas muito livremente o que pensas e, quer queiras ou não, tu molhaste até os deuses civis. Tu dizes, sem dúvida, que o fabuloso se adapta ao teatro, o natural ao mundo e o civil à cidade; embora o mundo seja uma obra divina, mas as cidades e os teatros são obras dos homens, e embora os deuses que são ridicularizados no teatro não sejam outros que aqueles que são adorados nos templos; e vocês não exibem jogos em honra de outros deuses além daqueles de quem vocês imolam vítimas. Quão mais livre e sutil você teria decidido isso se tivesse dito que alguns deuses são naturais, outros estabelecidos pelos homens; e a respeito dos que foram assim estabelecidos, a literatura dos poetas dá um relato, e a dos sacerdotes outro, - ambos são, no entanto, tão amigos um do outro, por companheirismo na falsidade, que ambos são agradável aos demônios, aos quais a doutrina da verdade é hostil.

2. Essa teologia, portanto, que eles chamam de natural, sendo deixada de lado por um momento, como será discutida depois, perguntamos se alguém realmente se contenta em buscar uma esperança de vida eterna nos deuses poéticos, teatrais, cênicos? Pereça o pensamento! O verdadeiro Deus evita uma loucura tão selvagem e sacrílega! O que, a vida eterna deve ser pedida aos deuses a quem essas coisas agradam e a quem essas coisas propiciam, nos quais seus próprios crimes são representados? Ninguém, como penso, chegou a tal ponto de impiedade impetuosa e furiosa. Portanto, nem pelo fabuloso nem pela teologia civil alguém obtém a vida eterna. Pois um semeia coisas vis em relação aos deuses fingindo-os, o outro colhe com carinho; um espalha mentiras, o outro as reúne; um persegue as coisas divinas com crimes falsos, o outro incorpora entre as coisas divinas as peças que compõem esses crimes; um espalha em canções humanas ficções

ímpias sobre os deuses, o outro as consagra para as festividades dos próprios deuses; um canta as maldades e crimes dos deuses, o outro os ama; um dá ou finge, o outro atesta o verdadeiro ou se deleita no falso. Ambos são básicos; ambos são condenáveis. Mas o que é teatral ensina abominação pública, e o que é da cidade se adorna com essa abominação. A vida eterna deve ser esperada desses, pelos quais esta vida curta e temporal é poluída? A sociedade de homens ímpios polui nossa vida se eles se insinuam em nossas afeições e ganham nosso consentimento? e a sociedade dos demônios não polui a vida, que é adorada com seus próprios crimes? — se com crimes verdadeiros, quão perversos são os demônios! se com falso, quão perversa a adoração!

3. Quando dizemos essas coisas, pode parecer a alguém muito ignorante dessas coisas que apenas as coisas relativas aos deuses que são cantadas nas canções dos poetas e representadas no palco são indignas da majestade divina. e ridículo, e detestável demais para ser celebrado, enquanto aquelas coisas sagradas que não os atores de palco, mas os padres realizam, são puras e livres de toda indecência. Se assim fosse, ninguém pensaria que essas abominações teatrais fossem celebradas em sua homenagem, nunca os próprios deuses teriam ordenado que fossem realizadas para eles. Mas os homens não se envergonham de realizar essas coisas nos teatros, porque coisas semelhantes são realizadas nos templos. Em suma, quando o referido autor tentou distinguir a teologia civil da fabulosa e natural, como uma espécie de terceira e distinta espécie, quis que ela fosse entendida como mais temperada por ambas do que separada de qualquer uma. Pois ele diz que as coisas que os poetas escrevem são menos do que o povo deveria seguir, enquanto o que os filósofos dizem é mais do que é conveniente para o povo se intrometer. "Que", diz ele, "diferem de tal maneira que, no entanto, não poucas coisas de ambos foram levadas à conta da teologia civil; portanto, indicaremos o que a teologia civil tem em comum com a da teologia poeta, embora devesse estar mais intimamente ligado à teologia dos filósofos". A teologia civil, portanto, não está totalmente desconectada da dos poetas. No entanto, em outro lugar, sobre as gerações dos deuses, ele diz que o povo está mais

inclinado para os poetas do que para os teólogos físicos. Pois neste lugar ele disse o que deveria ser feito; naquele outro lugar, o que realmente foi feito. Disse que estes escreveram por utilidade, mas os poetas por diversão. E, portanto, as coisas dos escritos dos poetas, que o povo não deve seguir, são os crimes dos deuses; que, no entanto, divertem tanto o povo quanto os deuses. Pois, por diversão, diz ele, os poetas escrevem, e não por utilidade; no entanto, eles escrevem as coisas que os deuses desejam, e as pessoas realizam.

CAPÍTULO. 7.-QUANTO À SEMELHANÇA E ACORDO DAS TEOLOGIAS MÍTICAS E CIVIS

1. Essa teologia, portanto, que é fabulosa, teatral, cênica e cheia de toda baixeza e indecência, é incorporada à teologia civil; e parte dessa teologia, que em sua totalidade é merecidamente julgada digna de reprovação e rejeição, é declarada digna de ser cultivada e observada; - não uma parte incongruente, como me propus a mostrar, e que, sendo estranho ao corpo todo, estava inadequadamente ligado e suspenso dele, mas uma parte inteiramente congruente e mais harmoniosamente ajustada ao resto, como um membro do mesmo corpo. Pois o que mais essas imagens, formas, idades, sexos, características dos deuses mostram? Se os poetas têm Júpiter com barba e Mercúrio sem barba, não têm os sacerdotes o mesmo? O Priapus dos sacerdotes é menos obsceno que o Priapus dos jogadores? Ele recebe a adoração dos adoradores de uma forma diferente daquela em que se move pelo palco para a diversão dos espectadores? Não é Saturno velho e Apolo jovem nos santuários onde estão suas imagens, bem como quando representados pelas máscaras dos atores? Por que são Forculus, que preside às portas, e Limentinus, que preside aos limiões e lintéis, deuses masculinos, e Cardea entre eles femininos, que preside às dobradiças? Não se encontram nos livros de coisas divinas aquelas coisas que os poetas graves consideraram indignas de seus versos? A Diana do teatro carrega armas, enquanto a Diana da cidade é simplesmente virgem? O palco Apolo é um lirista, mas o Apolo Delfo ignora essa arte? Mas essas coisas são decentes

comparadas com as coisas mais vergonhosas. O que pensavam do próprio Júpiter aqueles que colocaram sua ama de leite no Capitólio? Eles não testemunharam Euhemerus, que, não com a falácia de um contador de fábulas, mas com a gravidade de um historiador que investigou diligentemente o assunto, escreveu que todos esses deuses foram homens e mortais? E aqueles que nomearam os Epulones como parasitas na mesa de Júpiter, o que mais eles desejavam senão imitar ritos sagrados. Pois se algum mímico dissesse que os parasitas de Júpiter eram usados em sua mesa, ele certamente teria parecido estar tentando provocar o riso. Varrão disse isso, não quando ele estava zombando, mas quando ele estava elogiando os deuses ele disse isso. Seus livros sobre as coisas divinas, não sobre as humanas, testemunham que ele escreveu isso – não onde ele expôs os jogos cênicos, mas onde ele explicou as leis capitolinas. Em uma palavra, ele é conquistado, e confessa que, assim como fizeram os deuses com forma humana, acreditavam que se deleitavam com os prazeres humanos.

2. Pois também os espíritos malignos não estavam tão interessados em seus próprios negócios a ponto de não confirmar opiniões nocivas nas mentes dos homens, convertendo-as em esporte. Daí também aquela história do sacristão de Hércules, que diz que, não tendo nada para fazer, passou a jogar dados como passatempo, jogando-os alternadamente com uma mão para Hércules, com a outra para si mesmo, com esse entendimento, que se vencesse, deveria com os fundos do templo preparar uma ceia e contratar uma amante; mas se Hércules ganhasse o jogo, ele mesmo deveria, às suas próprias custas, providenciar o mesmo para o prazer de Hércules. Depois, derrotado por ele mesmo, como por Hércules, deu ao deus d Hércules a ceia que lhe devia, e também à mais nobre meretriz Larentina. Mas ela, tendo adormecido no templo, sonhou que Hércules tinha tido relações sexuais com ela, e lhe disse que encontraria seu pagamento com o jovem que deveria encontrar pela primeira vez ao sair do templo, e que ela deveria acreditar nisso. para ser pago a ela por Hércules. E assim o primeiro jovem que a conheceu ao sair foi o rico Tarutius, que a manteve por muito tempo, e quando ele morreu deixou-a sua herdeira.

Ela, tendo obtido uma fortuna mui ampla, para não parecer ingrata pela contratação divina, por sua vez fez do povo romano seu herdeiro, o que ela considerou mais aceitável para as divindades; e, tendo desaparecido, foi encontrado o testamento. Por qual conduta meritória eles dizem que ela ganhou honras divinas.

3. Se essas coisas tivessem sido fingidas pelos poetas e representadas pelos mímicos, sem dúvida teriam sido ditas como pertencentes à teologia fabulosa, e teriam sido julgadas dignas de serem separadas da dignidade da teologia civil. Mas quando essas coisas vergonhosas – não dos poetas, mas do povo; não das mímicas, mas das coisas sagradas; não dos teatros, mas dos templos, isto é, não do fabuloso, mas da teologia civil – são relatados por tão grande autor, não em vão os atores representam com arte teatral a baixeza dos deuses, que é tão grande; mas certamente em vão os sacerdotes tentam, por ritos chamados sagrados, representar sua nobreza de caráter, que não existe. Existem ritos sagrados de Juno; e estes são celebrados em sua amada ilha, Samos, onde ela foi dada em casamento a Júpiter. Existem ritos sagrados de Ceres, nos quais Proserpina é procurada, tendo sido levada por Plutão. Há ritos sagrados de Vênus, nos quais, seu amado Adônis sendo morto por um dente de javali, a bela jovem é lamentada. Há ritos sagrados da mãe dos deuses, nos quais a bela jovem Átis, amada por ela e castrada por ela pelo ciúme de uma mulher, é deplorada por homens que sofreram a mesma calamidade, a quem chamam de Galli. Se, então, essas coisas são mais impróprias do que todas as abominações cênicas, por que elas se esforçam para separar, por assim dizer, as fabulosas ficções do poeta sobre os deuses, como, por certo, pertencentes ao teatro, das ficções civis? teologia que eles desejam que pertença à cidade, como se estivessem separando coisas nobres e dignas, coisas indignas e vis? Portanto, há mais motivos para agradecer aos atores de palco, que pouparam os olhos dos homens e não desnudaram pela exibição teatral todas as coisas que estão escondidas pelas paredes dos templos. De que adianta pensar em seus ritos sagrados que estão ocultos nas trevas, quando aqueles que são trazidos à luz são tão detestáveis? E certamente eles mesmos viram o que fazem em segredo por meio de homens mutilados e efeminados.

No entanto, eles não foram capazes de esconder esses mesmos homens miseravelmente e vis enervados e corrompidos. Deixe-os persuadir a quem puderem que eles transacionam algo sagrado através de tais homens, que, eles não podem negar, são contados e vivem entre suas coisas sagradas. Não sabemos o que eles negociam, mas sabemos por meio de quem eles negociam; pois sabemos que coisas são transacionadas no palco, onde nunca, mesmo em um coro de prostitutas, apareceu alguém mutilado ou efeminado. E, no entanto, mesmo essas coisas são representadas por personagens vis e infames; pois, de fato, eles não devem ser agidos por homens de bom caráter. Quais são, então, esses ritos sagrados, para cuja realização a santidade escolheu homens que nem mesmo a obscenidade do palco admitiu?

CAPÍTULO. 8.-QUANTO ÀS INTERPRETAÇÕES, CONSISTIDAS EM EXPLICAÇÕES NATURAIS, QUE OS PROFESSORES PAGÕES TENTAM MOSTRAR PARA SEUS DEUSES

1. Mas todas essas coisas, dizem eles, têm certas interpretações físicas, isto é, naturais, mostrando seu significado natural; como se nesta disputa estivéssemos procurando física e não teologia, que é o relato, não da natureza, mas de Deus. Pois embora Aquele que é o verdadeiro Deus seja Deus, não por opinião, mas por natureza, nem toda natureza é Deus; pois certamente há uma natureza do homem, de uma besta, de uma árvore, de uma pedra – nenhuma das quais é Deus. Pois se, quando a questão é sobre a mãe dos deuses, aquilo de que todo o sistema de interpretação certamente parte é que a mãe dos deuses é a terra, por que fazemos mais perguntas? por que conduzimos nossa investigação por todo o resto? O que pode favorecer mais manifestamente aqueles que dizem que todos aqueles deuses eram homens? Pois eles são nascidos da terra no sentido de que a terra é sua mãe. Mas na verdadeira teologia a terra é obra, não mãe, de Deus. Mas, seja qual for a maneira de interpretar seus ritos sagrados, e qualquer referência que possam ter à natureza das coisas, não é de acordo com a natureza, mas contra a natureza, que os homens devem

ser efeminados. Essa doença, esse crime, essa abominação, tem um lugar reconhecido entre essas coisas sagradas, embora mesmo os homens depravados dificilmente sejam compelidos por tormentos a confessar que são culpados disso. Mais uma vez, se esses ritos sagrados, que se provam mais imundos que as abominações cênicas, são desculpados e justificados com base no fato de terem suas próprias interpretações, pelas quais são mostrados para simbolizar a natureza das coisas, por que as coisas poéticas não o são? como forma desculpada e justificada? Pois muitos interpretaram até mesmo estes de maneira semelhante, a tal ponto que mesmo o que eles dizem ser o mais monstruoso e mais horrível – a saber, que Saturno devorou seus próprios filhos – foi interpretado por alguns deles como significando esse comprimento. do tempo, que é significado pelo nome de Saturno, consome tudo o que gera; ou que, como pensa o mesmo Varrão, Saturno pertence a sementes que caem novamente na terra de onde brotam. E assim um interpreta de uma maneira, e outro de outra. E o mesmo deve ser dito de todo o resto desta teologia.

2. E, no entanto, é chamada de teologia fabulosa, e é censurada, rejeitada, rejeitada, juntamente com todas as interpretações que lhe pertencem. E não apenas pela teologia natural, que é a dos filósofos, mas também por essa teologia civil, da qual estamos falando, que se afirma pertencer às cidades e aos povos, ela é julgada digna de repúdio, porque inventou indignas coisas relativas aos deuses. Do qual, eu sei, este é o segredo: que aqueles homens eruditos mais perspicazes, por quem essas coisas foram escritas, entenderam que ambas as teologias deveriam ser rejeitadas, a saber, tanto a fabulosa quanto a civilizada, mas a o primeiro eles ousaram rejeitar, o último eles não ousaram; os primeiros eles propuseram ser censurados, os segundos eles mostraram ser muito parecidos; não que possa ser escolhido para ser mantido em preferência ao outro, mas que possa ser entendido como digno de ser rejeitado junto com ele. E assim, sem perigo para aqueles que temiam censurar a teologia civil, ambos sendo desprezados, aquela teologia que eles chamam de natural poderia encontrar um lugar em mentes mais bem dispostas; pois o civil e o fabuloso são ambos fabulosos e ambos civis. Aquele que inspecionar

sabiamente as vaidades e obscenidades de ambos descobrirá que ambos são fabulosos; e aquele que dirigir sua atenção para as peças cênicas pertencentes à teologia fabulosa nos festivais dos deuses civis e nos ritos divinos das cidades, descobrirá que ambos são civis. Como, então, o poder de dar a vida eterna pode ser atribuído a qualquer desses deuses cujas próprias imagens e ritos sagrados os convencem de serem mais semelhantes aos deuses fabulosos, que são mais abertamente reprovados, em formas, idades, sexo, características casamentos? , gerações, ritos; em todas as coisas eles são entendidos como homens, e que tiveram seus ritos e solenidades sagrados instituídos em sua honra de acordo com a vida ou morte de cada um deles, os demônios sugerindo e confirmando esse erro, ou certamente os espíritos mais imundos , que, aproveitando-se de uma ocasião ou outra, invadiu as mentes dos homens para enganá-los?

CAPÍTULO. 9.-RELATIVA AOS OFÍCIOS ESPECIAIS DOS DEUSES

1. E quanto aos mesmos ofícios dos deuses, tão mesquinho e tão minuciosamente repartidos, de modo que eles dizem que devem ser suplicados, cada um de acordo com sua função especial – sobre os quais já falamos muito, embora não tudo o que deve ser dito sobre isso – eles não são mais consistentes com a bufonaria mímica do que com a majestade divina? Se alguém usar duas amas para seu filho, uma das quais não deve dar nada além de comida, a outra nada além de bebida, já que estas usam duas deusas para isso, Educa e Potina, ele certamente deve parecer um tolo, e fazer em sua casa uma coisa digna de uma mímica. Eles teriam que Liber fosse nomeado de "libertação", porque através dele os machos no momento da cópula são liberados pela emissão da semente. Dizem também que Libera (o mesmo que Vênus na opinião deles) exerce a mesma função no caso das mulheres, pois dizem que também emitem semente; e eles também dizem que por isso a mesma parte do macho e da fêmea é colocada no templo, a do macho para Liber, e a da fêmea para Libera. A estas coisas acrescentam-se as mulheres designadas para Liber, e o vinho para

excitar a luxúria. Assim, as Bacanárias são celebradas com a maior insanidade, a respeito da qual o próprio Varrão confessa que tais coisas não seriam feitas pelas Bacanais, exceto que suas mentes estivessem altamente excitadas. Essas coisas, no entanto, depois desagradaram a um senado mais sã, e ordenou que fossem descontinuadas. Aqui, finalmente, eles talvez tenham percebido quanto poder os espíritos impuros, quando considerados deuses, exercem sobre as mentes dos homens. Essas coisas, certamente, não deveriam ser feitas nos teatros; pois lá eles tocam, não deliram, embora ter deuses que se deleitam com tais peças seja muito como delirar.

2. Mas que tipo de distinção é essa que ele faz entre o homem religioso e o homem supersticioso, dizendo que os deuses são temidos pelo homem supersticioso, mas são reverenciados como pais pelo homem religioso, não temidos como inimigos; e que são todos tão bons que pouparão mais prontamente os ímpios do que ferir um inocente? E, no entanto, ele nos diz que três deuses são designados como guardiões de uma mulher depois que ela deu à luz, para que o deus Silvanus não venha e a moleste; e que para significar a presença desses protetores, três homens dão a volta na casa durante a noite, e primeiro batem na soleira com um machado, depois com um pilão, e pela terceira vez varrem com um pincel, para que estes Exibidos os símbolos da agricultura, o deus Silvanus pode ser impedido de entrar, porque nem as árvores são cortadas ou podadas sem machado, nem grãos moídos sem pilão, nem milho amontoado sem vassoura. Agora destas três coisas três deuses foram nomeados: Intercidona, do corte feito pelo machado; Pilumnus, do pilão; Diverra, da vassoura; - por quais deuses guardiões a mulher que foi entregue é preservada contra o poder do deus Silvanus. Assim, a tutela de deuses bondosos não valeria contra a malícia de um deus travesso, a menos que fossem três a um, e lutassem contra ele, por assim dizer, com os emblemas opostos do cultivo, que, sendo um habitante da floresta, é áspero, horrível e inculto. É esta a inocência dos deuses? Este é o acordo deles? São essas as divindades que dão saúde às cidades, mais ridículas do que as coisas de que se ri nos teatros?

3. Quando um macho e uma fêmea estão unidos, o deus Jugatinus preside. Bem, deixe isso ser suportado. Mas a mulher casada deve ser trazida para casa: o deus Domiducus também é invocado. Para que ela esteja na casa, o deus Domício é apresentado. Para que ela possa permanecer com seu marido, a deusa Manturnæ é usada. O que mais é necessário? Que a modéstia humana seja poupada. Deixe a luxúria da carne e do sangue continuar com o resto, o segredo da vergonha sendo respeitado. Por que o quarto está cheio de uma multidão de divindades, quando até os padrinhos partiram? E, além disso, está tão cheio, não que em consideração à sua presença se possa prestar mais atenção à castidade, mas que com a ajuda deles a mulher, naturalmente do sexo mais fraco, e trêmula com a novidade de sua situação, pode prontamente ceder sua virgindade. Pois há a deusa Virginiensis, e o padrinho Subigus, e a deusa-mãe Prema, e a deusa Pertunda, e Vênus e Príapo.² O que é isso? Se fosse absolutamente necessário que um homem, trabalhando nessa obra, fosse ajudado pelos deuses, não seria suficiente algum deus ou deusa? Não bastava Vênus por si só, de quem se diz que se chama a partir disso, que sem seu poder uma mulher não deixa de ser virgem? Se há alguma vergonha nos homens, que não está nas divindades, não é o caso que, quando o casal acredita que tantos deuses de ambos os sexos estão presentes, e ocupados neste trabalho, eles são tão afetados pela vergonha, que o homem é menos comovido e a mulher mais relutante? E certamente, se a deusa Virginiensis estiver presente para perder a zona da virgem, se o deus Subigus estiver presente para que a virgem possa ser colocada sob o homem, se a deusa Prema estiver presente para que, tendo sido dominada por ele, ela possa ser reprimida, e não pode se mexer, o que a deusa Pertunda tem para fazer ali? Deixe-a corar; deixe-a ir adiante. Deixe o próprio marido fazer alguma coisa. É vergonhoso que qualquer um, exceto ele mesmo, faça aquilo de que ela recebeu seu nome. Mas talvez ela seja tolerada porque se diz que ela é uma deusa, e não um deus. Pois se ela fosse considerada um homem, e fosse chamada Pertundus, o marido exigiria mais ajuda contra ele pela castidade de sua esposa do que a mulher recém-nascida contra Silvano. Mas por que estou dizendo isso, quando também há Príapo, um homem em excesso, em cujo membro imenso e

mais feio a noiva recém-casada é mandada sentar, de acordo com o costume mais honrado e mais religioso das matronas?

4. Que prossigam, e que tentem com toda a sutileza distinguir a teologia civil do fabuloso, as cidades dos teatros, os templos dos palcos, as coisas sagradas dos sacerdotes das canções dos poetas, como as coisas honrosas das coisas baixas, as coisas verdadeiras das falaciosas, as graves da luz, as coisas sérias do ridículo, as coisas desejavaíveis das coisas a serem rejeitadas, nós entendemos o que eles fazem. Eles estão cientes de que aquela teologia teatral e fabulosa depende do civil, e se reflete nele pelas canções dos poetas como por um espelho; e assim, aquela teologia tendo sido exposta à visão que eles não ousam condenar, eles mais livremente atacam e censuram essa imagem dela, a fim de que aqueles que percebem o que eles querem dizer possam detestar essa mesma face da qual essa é a imagem. , – que, no entanto, os próprios deuses, como se se vissem no mesmo espelho, amam tanto, que é melhor ver em ambos quem e o que são. Daí, também, eles obrigaram seus adoradores, com terríveis ordens, a dedicar-lhes a impureza da teologia fabulosa, colocá-los entre suas solenidades e considerá-los entre as coisas divinas; e assim ambos se mostraram mais manifestamente como espíritos mais impuros, e fizeram dessa teologia teatral rejeitada e reprovada um membro e uma parte desta, por assim dizer, escolhida e aprovada teologia da cidade, de modo que, embora toda a teologia é vergonhoso e falso, e contém em si deuses fictícios, uma parte dela está na literatura dos sacerdotes, a outra nas canções dos poetas. Se pode ter outras partes é outra questão. No momento, creio, mostrei suficientemente, por causa da divisão de Varrão, que a teologia da cidade e a do teatro pertencem a uma teologia civil. Portanto, porque ambos são igualmente vergonhosos, absurdos, vergonhosos, falsos, longe de os religiosos esperarem a vida eterna de um ou de outro.

5. Em suma, até o próprio Varrão, em seu relato e enumeração dos deuses, parte do momento da concepção de um homem. Ele começa a série daqueles deuses que se encarregam do homem com Janus, leva-a até a morte do homem decrépito com a idade, e termina com a deusa

Nænia, que é cantada nos funerais dos idosos. Depois disso, ele começa a dar conta dos outros deuses, cuja província não é o próprio homem, mas os pertences do homem, como comida, roupas e tudo o que é necessário para esta vida; e, no caso de tudo isso, ele explica qual é o ofício especial de cada um e pelo que cada um deve ser suplicado. Mas com toda essa diligência escrupulosa e abrangente, ele não provou a existência, nem sequer mencionou o nome, de qualquer deus de quem a vida eterna deve ser buscada – o único objetivo pelo qual somos cristãos. Quem, então, é tão estúpido a ponto de não perceber que este homem, ao expor e abrir tão diligentemente a teologia civil, e exibindo sua semelhança com essa teologia fabulosa, vergonhosa e vergonhosa, e também ensinando que esse tipo fabuloso também faz parte deste outro, estava trabalhando para obter um lugar na mente dos homens para ninguém, mas para aquela teologia natural, que ele diz pertencer aos filósofos, com tal sutileza que ele censura o fabuloso, e, não ousando censurar abertamente o civil, mostra seu caráter censurável simplesmente exibindo-o; e assim, ambos sendo reprovados pelo julgamento de homens de entendimento correto, resta apenas o natural a ser escolhido? Mas a respeito disso em seu próprio lugar, com a ajuda do Deus verdadeiro, temos que discutir com mais diligência.

CAPÍTULO. 10.-QUANTO À LIBERDADE DE SENECA, QUE CENSUROU A TEOLOGIA CIVIL COM MAIS VEEMÊNCIA DO QUE VARRO A FÁBULA

1. Essa liberdade, na verdade, que este homem queria, para não se atrever a censurar aquela teologia da cidade, que é muito semelhante à teatral, tão abertamente como ele fez a própria teatral, foi, embora não totalmente, ainda em parte possuído por Annæus Seneca, a quem temos algumas evidências para mostrar ter florescido nos tempos de nossos apóstolos. Foi em parte possuído por ele, digo, pois ele o possuía por escrito, mas não ao vivo. Pois naquele livro que escreveu contra a superstição, ele censurou mais copiosamente e veementemente aquela teologia civil e urbana do que Varrão, a teatral

e fabulosa. Pois, ao falar sobre imagens, ele diz: "Eles dedicam imagens dos imortais sagrados e invioláveis na matéria mais inútil e imóvel. Eles lhes dão a aparência de homens, animais e peixes, e alguns os fazem de sexo misto e heterogêneos. Eles os chamam de divindades, quando são tais que, se eles respirassem e de repente os encontrassem, seriam considerados monstros." Então, pouco depois, ao exaltar a teologia natural, tendo exposto os sentimentos de certos filósofos, ele se opõe a uma pergunta e diz: "Aqui alguém diz: Devo acreditar que os céus e a terra são deuses, e que alguns estão acima da lua e outros abaixo dela? Devo apresentar Platão ou o peripatético Strato, um dos quais fez Deus sem corpo, o outro sem mente? Em resposta ao que ele diz: "E, realmente, o que mais verdadeiros os sonhos de Tito Tácio, ou Rômulo, ou Túlio Hostílio te parecem? Tácio declarou a divindade da deusa Cloacina; Rômulo, a de Pico e Tiberino; Túlio Hostílio de Pavor e Pallor, as afeições mais desagradáveis dos homens, uma das quais é a agitação da mente sob o medo, a outra a do corpo, não uma doença, de fato, mas uma mudança de cor". Você prefere acreditar que essas são divindades e recebê-las no céu? Mas com que liberdade ele escreveu sobre os próprios ritos, cruéis e vergonhosos! "Um", diz ele, "se castra, outro corta seus braços. Onde eles encontrarão espaço para o medo desses deuses quando zangados, que usam esses meios para ganhar seu favor quando propícios? Mas deuses que desejam ser adorados neste A moda não deve ser adorada em nenhum lugar. Tão grande é o frenesi da mente quando perturbada e expulsa de seu assento, que os deuses são apaziguados pelos homens de uma maneira que nem mesmo os homens da maior ferocidade e crueldade famosa das fábulas dão vazão à sua raiva. Tiranos dilaceraram os membros de alguns; eles nunca ordenaram a ninguém que dilacerasse os seus. Para a satisfação da luxúria real, alguns foram castrados; mas ninguém nunca, por ordem de seu senhor, impôs mãos violentas sobre si mesmo para emascular se matam nos templos, suplicam com suas feridas e com seu sangue. de homens livres, tão diferente do atos de homens são, que ninguém duvidaria que eles são loucos, se tivessem sido loucos com a minoria; mas agora a multidão de loucos é a defesa de sua sanidade."

2. Em seguida, ele relata as coisas que costumam ser feitas no Capitólio e, com a maior intrepidez, insiste que são coisas que só se poderia acreditar que fossem feitas por homens que brincam ou por loucos. Por ter falado com escárnio disso, que nos ritos sagrados egípcios, Osíris, estando perdido, é lamentado, mas logo, quando encontrado, é motivo de grande alegria por seu reaparecimento, porque tanto a perda quanto a descoberta são fingidas. ; e, no entanto, essa dor e essa alegria que são provocadas por aqueles que nada perderam e não encontraram nada são reais; enlouquecer uma vez por ano. Vá ao Capitólio. Um está sugerindo ordens divinas a um deus; outro está contando as horas a Júpiter; um é um lictor; outro é um ungido, que com o mero movimento de seus braços imita um Unção. Há mulheres que arrumam os cabelos de Juno e Minerva, afastando-se não só de sua imagem, mas até de sua têmpora. Estas movem os dedos como cabeleireiras. Há algumas mulheres que seguram um espelho. há alguns que estão chamando os deuses para ajudá-los no tribunal. Há alguns que estão segurando documentos para eles, e estão explicando-lhes seus casos. Um comediante erudito e distinto, agora velho e decrépito, fazia diariamente o mímico no Capitólio, como se os deuses fossem de bom grado espectadores desse t que os homens deixaram de se importar. Todo tipo de artífices que trabalham para os deuses imortais está morando lá em ociosidade.” E um pouco depois ele diz: “No entanto, estes, embora se entreguem aos deuses para propósitos bastante supérfluos, não o fazem para nenhum propósito abominável ou infame. . Há certas mulheres no Capitólio que pensam que são amadas por Júpiter; nem se assustam nem mesmo com o olhar do, se você acredita nos poetas, o irado Juno.”

3. Esta liberdade Varrão não gozava. Era apenas a teologia poética que ele parecia censurar. O civil, que este homem corta em pedaços, ele não teve coragem de impugnar. Mas se prestarmos atenção à verdade, os templos onde essas coisas são realizadas são muito piores do que os teatros onde são representadas. Por isso, em relação a esses ritos sagrados da teologia civil, Sêneca preferiu, como melhor caminho a ser seguido por um sábio, fingir respeito por eles em ato, mas não ter real consideração por eles no coração. "Tudo isso", diz ele, "um homem

sábio observará como sendo ordenado pelas leis, mas não como sendo agradável aos deuses". E um pouco depois ele diz: "E daí, que unimos os deuses em casamento, e isso nem mesmo naturalmente, pois unimos irmãos e irmãs? Casamos Bellona com Marte, Vênus com Vulcano, Salacia com Netuno. as deixamos solteiras, como se não fossem páreo para elas, o que certamente é desnecessário, especialmente quando há certas deusas solteiras, como Populonia, ou Fulgora, ou a deusa Rumina , por quem não me espanta que os pretendentes tenham desejado Toda essa ignóbil multidão de deuses, que a superstição dos séculos acumulou, devemos", diz ele, "adorar de modo a lembrar o tempo todo que sua adoração pertence mais ao costume do que à realidade". Portanto, nem essas leis nem esses costumes instituíram na teologia civil aquilo que agradava aos deuses, ou que pertencia à realidade. Mas este homem, que a filosofia tinha feito por assim dizer livre, no entanto, porque era um ilustre senador do povo romano, adorava o que censurava, fazia o que condenava, adorava o que censurava, porque, de fato, a filosofia havia ensinado para ele algo grande, a saber, não ser supersticioso no mundo, mas, por causa das leis das cidades e dos costumes dos homens, ser um ator, não no palco, mas nos templos, conduzir mais seja condenado, que aquelas coisas que ele estava agindo enganosamente ele agiu de tal maneira que as pessoas pensaram que ele estava agindo com sinceridade. Mas um ator de teatro prefere encantar as pessoas com peças de teatro do que atraí-las com falsos pretextos.

CAPÍTULO. 11.-O QUE SENECA PENSOU SOBRE OS JUDEUS

1. Sêneca, entre outras superstições da teologia civil, também criticou as coisas sagradas dos judeus, e especialmente os sábados, afirmando que agem inutilmente em guardar esses sétimos dias, pelos quais perdem por ociosidade cerca da sétima parte de sua vida. vida, e também muitas coisas que exigem atenção imediata são danificadas. Os cristãos, no entanto, que já eram mais hostis aos judeus, ele não se atreveu a mencionar, seja para louvor ou censura, para que, se os

elogiasse, o fizesse contra o antigo costume de seu país, ou, talvez, se deve culpá-los, deve fazê-lo contra sua própria vontade.

Quando ele estava falando sobre aqueles judeus, ele disse: "Quando, entretanto, os costumes daquela nação amaldiçoada ganharam tal força que agora foram recebidos em todas as terras, os conquistados deram leis aos conquistadores". Por essas palavras, ele expressa seu espanto; e, não sabendo o que a providência de Deus o levava a dizer, une em palavras claras uma opinião pela qual ele mostrou o que pensava sobre o significado dessas instituições sagradas: "Pois", diz ele, "aqueles, porém, conhecem causa de seus ritos, enquanto a maior parte do povo não sabe por que eles realizam os seus". Mas quanto às solenidades dos judeus, por que ou até que ponto foram instituídas pela autoridade divina, e depois, no devido tempo, pela mesma autoridade tirada do povo de Deus, a quem foi revelado o mistério da vida eterna, ambos falaram em outro lugar, especialmente quando estávamos tratando contra os maniqueus, e também pretendemos falar neste trabalho em um lugar mais adequado.

CAPÍTULO. 12.- QUE QUANDO A VAIDADE DOS DEUSES DAS NAÇÕES FOI EXPOSTA, NÃO SE PODE DUVIDAR QUE ELES SÃO INCAPAZES DE CONCEDER A VIDA ETERNA A NINGUÉM, QUANDO ELES NÃO PODEM DAR-SE AO LUXO DE AJUDAR MESMO COM RESPEITO ÀS COISAS DESTA VIDA TEMPORAL

1. Ora, uma vez que existem três teologias, que os gregos chamam respectivamente de mítica, física e política, e que podem ser chamadas em latim de fabulosa, natural e civil; e visto que nem do fabuloso, que mesmo os adoradores de muitos e falsos deuses se censuraram mais livremente, nem do civil, do qual se julga ser parte, ou até pior do que ele, pode esperar-se a vida eterna de qualquer uma dessas teologias – se alguém pensa que o que foi dito neste livro não é suficiente para ele, que ele também acrescente a ele as muitas e várias dissertações sobre Deus como o doador de felicidade, contidas nos livros anteriores,

especialmente o quarto.

Pois a que senão à felicidade os homens deveriam se consagrar, a felicidade era uma deusa? No entanto, como não é uma deusa, mas um dom de Deus, a que Deus, senão o doador da felicidade, devemos nos consagrar, que amamos piedosamente a vida eterna, na qual há verdadeira e plena felicidade? Mas acho que, pelo que foi dito, ninguém deve duvidar que nenhum desses deuses é o doador de felicidade, que são adorados com tanta vergonha e que, se não são adorados, ficam mais vergonhosamente enfurecidos, e assim confessar que eles são os espíritos mais imundos. Além disso, como pode dar vida eterna a quem não pode dar felicidade? Pois entendemos por vida eterna aquela vida onde há felicidade sem fim. Pois se a alma vive em castigos eternos, pelos quais também os espíritos imundos serão atormentados, isso é antes a morte eterna do que a vida eterna. Pois não há morte maior ou pior do que quando a morte nunca morre. Mas porque a alma por sua própria natureza, sendo criada imortal, não pode ficar sem algum tipo de vida, sua morte máxima é a alienação da vida de Deus em uma eternidade de punição. Assim, então, somente aquele que dá a verdadeira felicidade dá a vida eterna, ou seja, uma vida infinitamente feliz. E já que os deuses que esta teologia civil adora se provaram incapazes de dar essa felicidade, eles não devem ser adorados por causa dessas coisas temporais e terrestres, como mostramos nos cinco livros anteriores, muito menos por causa das coisas eternas. vida, que deve ser após a morte, como procuramos mostrar especialmente neste livro, enquanto os outros livros também emprestam sua cooperação. Mas como a força do hábito inveterado tem suas raízes muito profundas, se alguém pensa que não discuti o suficiente para mostrar que esta teologia civil deve ser rejeitada e evitada, que se atenha a outro livro que, com a ajuda de Deus, deve juntar-se a este.

LIVRO VII

ARGUMENTO

NESTE LIVRO MOSTRA-SE QUE A VIDA ETERNA NÃO É OBTIDA PELO ADORAÇÃO DE JANO, JÚPITER, SATURNO E DOS OUTROS "DEUS SELETOS" DA TEOLOGIA CIVIL.

PREFÁCIO

Será dever daqueles que são dotados de entendimentos mais rápidos e melhores, em cujo caso os livros anteriores são suficientes, e mais do que suficientes, para realizar o objetivo pretendido, suportar-me com paciência e equanimidade enquanto eu tento com mais de diligência ordinária para rasgar e erradicar opiniões depravadas e antigas hostis à verdade da piedade, que o erro contínuo da raça humana fixou profundamente em mentes não iluminadas; cooperando também nisso, de acordo com minha pequena medida, com a graça daquele que, sendo o verdadeiro Deus, é capaz de realizá-lo e de cuja ajuda dependo em meu trabalho; e, por causa dos outros, não devem considerar supérfluo o que sentem não ser mais necessário para si mesmos. Uma questão muito grande está em jogo quando a divindade verdadeira e verdadeiramente santa é recomendada aos homens como aquilo que eles devem buscar e adorar; não, porém, por causa do vapor transitório da vida mortal, mas por causa da vida eterna, a única que é abençoada, embora também nos seja proporcionada a ajuda necessária para esta vida frágil que agora vivemos.

CAPÍTULO. 1.-SE, JÁ QUE É EVIDENTE QUE A DEIDADE NÃO DEVE SER ENCONTRADA NA TEOLOGIA CIVIL, DEVEMOS CRER QUE DEVE SER ENCONTRADA NOS DEUSES "SELETOS" (SELECIONADOS, ESCOLHIDOS)

1. Se houver alguém a quem o sexto livro, que terminei por último, não

persuadiu de que essa divindade, ou, por assim dizer, divindade – pois essa palavra também nossos autores não hesitam em usar, a fim de traduzir mais exatamente o que os gregos chamam de θεότης; - se há alguém, eu digo, a quem o sexto livro não persuadiu de que essa divindade ou divindade não se encontra naquela teologia que eles chamam de civil, e que Marco Varrão explicou em dezesseis livros, isto é, que a felicidade da vida eterna não é alcançada através da adoração de deuses como os estados estabeleceram para serem adorados, e que de tal forma, talvez, quando ele tiver lido este livro, ele não nada mais a desejar para esclarecer esta questão. Pois é possível que alguém pense que pelo menos os deuses seletos e principais, que Varrão incluiu em seu último livro, e dos quais não falamos suficientemente, devem ser adorados por causa da vida abençoada, que não é outra do que eterno. A respeito desse assunto não digo o que Tertuliano disse, talvez com mais espirituosidade do que verdade: "Se os deuses são escolhidos como cebolas, certamente o resto é rejeitado como ruim". Não digo isso, pois vejo que, mesmo entre os seletos, alguns são selecionados para algum cargo maior e mais excelente: como na guerra, quando os recrutas são eleitos, há alguns eleitos novamente entre aqueles para o desempenho de alguns. maior serviço militar; e na igreja, quando as pessoas são eleitas para serem superintendentes, certamente o resto não é rejeitado, já que todos os bons cristãos são merecidamente chamados de eleitos; na construção de um edifício são eleitas as pedras angulares, embora não sejam rejeitadas as demais pedras, que se destinam a outras partes da estrutura; as uvas são eleitas para comer, enquanto as outras, que deixamos para beber, não são rejeitadas. Não há necessidade de acrescentar muitas ilustrações, pois a coisa é evidente. Portanto, a seleção de certos deuses entre muitos não oferece nenhuma razão adequada para que aquele que escreveu sobre esse assunto, ou os adoradores dos deuses, ou os próprios deuses, sejam desprezados. Devemos antes procurar saber quais são os deuses e com que propósito eles parecem ter sido seletos.

CAPÍTULO. 2.-QUEM SÃO OS DEUSES SELETOS, E SE SÃO

CONSIDERADOS ISENTOS DOS OFÍCIOS DOS DEUSES COMUNS

1. Os seguintes deuses, certamente, Varrão assinala como seletos, dedicando um livro a este assunto: Janus, Júpiter, Saturno, Gênio, Mercúrio, Apolo, Marte, Vulcano, Netuno, Sol, Orcus, pai Liber, Tellus, Ceres, Juno, Luna, Diana, Minerva, Vênus, Vesta; dos quais vinte deuses, doze são do sexo masculino e oito do sexo feminino. Se essas divindades são chamadas de seletas, por causa de suas esferas mais altas de administração no mundo, ou porque se tornaram mais conhecidas pelas pessoas, e mais adoração foi dedicada a elas? Se for por causa das maiores obras que são realizadas por eles no mundo, não deveríamos tê-los encontrado entre aquela, por assim dizer, multidão plebeia de divindades, que lhe atribuiu o encargo de coisas pequenas e insignificantes. Pois, em primeiro lugar, na concepção de um feto, a partir do qual começam todas as obras que foram distribuídas em detalhes minuciosos a muitas divindades, o próprio Janus abre o caminho para a recepção da semente; há também Saturno, por causa da própria semente; há Liber, que liberta o macho pela efusão da semente; há Libera, que eles também deveriam ser Vênus, que confere à mulher esse mesmo benefício, a saber, que ela também seja liberada pela emissão da semente; - todos estes são do número daqueles que são chamados de seletos. Mas há também a deusa Mena, que preside a menstruação; embora a filha de Júpiter, ignóbil, no entanto. E esta província da menstruação o mesmo autor, em seu livro sobre os deuses seletos, atribui à própria Juno, que é até rainha entre os deuses selecionados; e aqui, como Juno Lucina, junto com a mesma Mena, sua enteada, ela preside o mesmo sangue. Há também dois deuses, extremamente obscuros, Vitumnus e Sentinus - um dos quais dá vida ao feto, e o outro sensação; e, na verdade, eles concedem, por mais ignóbeis que sejam, muito mais do que todos aqueles nobres e seletos deuses concedem. Pois, certamente, sem vida e sensação, o que é todo o feto que uma mulher carrega em seu ventre, senão uma coisa vil e sem valor, não melhor do que lodo e pó?

**CAPÍTULO. 3.-NÃO HÁ MOTIVO QUE POSSA SER
MOSTRADO PARA A SELEÇÃO DE CERTOS DEUSES,
QUANDO A ADMINISTRAÇÃO E OFÍCIO MAIS
IMPORTANTES É ATRIBUÍDA A MUITOS DEUSES
INFERIORES**

1. Qual é a causa, portanto, que levou tantos deuses seletos a essas pequenas obras, nas quais eles são superados por Vitumnus e Sentinus, embora pouco conhecidos e afundados na obscuridade, na medida em que conferem os dons generosos da vida e sensação? Para o seletos Janus concede uma entrada e, por assim dizer, uma porta para a semente; o Saturno seletos confere a própria semente; o Liber seletos concede aos homens a emissão da mesma semente; Libera, que é Ceres ou Vênus, confere o mesmo às mulheres; o seletos Juno confere (não sozinho, mas junto com Mena, a filha de Júpiter) a menstruação, para o crescimento daquilo que foi concebido; e o obscuro e ignóbil Vitumnus confere vida, enquanto o obscuro e ignóbil Sentinus confere sensação; - duas últimas coisas que são tanto mais excelentes que as outras, quanto elas mesmas são superadas pela razão e pelo intelecto. Pois como as coisas que raciocinam e compreendem são preferíveis àquelas que, sem intelecto e razão, como no caso do gado, vivem e sentem; assim também as coisas que foram dotadas de vida e sensação são merecidamente preferidas às coisas que não vivem nem sentem. Portanto, Vitumnus, o doador da vida,³ e Sentinus, o doador de sentidos, deveriam ter sido contados entre os deuses seletos, em vez de Janus, o admitidor da semente, e Saturno, o doador ou semeador da semente, e Liber e Libera, os motores e libertadores. de semente; cuja semente não vale um pensamento, a menos que alcance vida e sensação. No entanto, esses dons selecionados não são dados por deuses seletos, mas por certos deuses desconhecidos e, considerando sua dignidade, deuses negligenciados. Mas se for respondido que Janus tem domínio sobre todos os começos e, portanto, a abertura do caminho para a concepção não é sem razão atribuída a ele; e que Saturno tem domínio sobre todas as sementes e, portanto, a semeadura da semente pela qual um ser humano é gerado não pode ser excluída de sua operação; que Liber e Libera têm poder sobre a

emissão de todas as sementes e, portanto, presidem aquelas sementes que pertencem à procriação dos homens; que Juno preside todas as purgações e nascimentos e, portanto, ela também se encarrega das purgações das mulheres e dos nascimentos dos seres humanos; - se eles derem essa resposta, que eles encontrem uma resposta à pergunta sobre Vitumnus e Sentinus, se eles são desejando que estes também tenham domínio sobre todas as coisas que vivem e sentem. Se eles concedem isso, deixe-os observar em quão sublime é a posição que eles estão prestes a colocá-los. Pois brotar das sementes está na terra e da terra, mas viver e sentir devem ser propriedades mesmo dos deuses siderais. Mas se eles dizem que só as coisas que vêm à vida na carne, e são sustentadas pelos sentidos, são atribuídas a Sentinus, por que aquele Deus que fez todas as coisas viver e sentir, não concede à carne também vida e sensação, na universalidade? de Sua operação conferindo também aos fetos este dom? E qual é, então, o uso de Vitumnus e Sentinus? Mas se essas coisas, por assim dizer, extremas e inferiores foram cometidas por Aquele que preside universalmente sobre a vida e sentido a esses deuses como servos, são esses deuses seletos então tão destituídos de servos, que eles não poderiam encontrar nenhum a quem sequer eles podem cometer essas coisas, mas com toda a sua dignidade, pela qual são, ao que parece, considerados dignos de serem selecionados , foram obrigados a realizar seu trabalho junto com outros ignóbeis? Juno é seleta rainha dos deuses e irmã e esposa de Júpiter; no entanto, ela é Iterduca, a maestrina, para os meninos, e executa esse trabalho junto com um par muito ignóbil - as deusas Abeona e Adeona. Lá eles também colocaram a deusa Mena, que dá aos meninos uma boa mente, e ela não é colocada entre os deuses seletos; como se algo maior pudesse ser concedido a um homem do que uma boa mente. Mas Juno é colocada entre as seletas porque ela é Iterduca e Domiduca (ela que conduz um em uma viagem, e que o conduz de volta para casa); como se fosse de alguma vantagem para alguém fazer uma viagem e ser conduzido para casa novamente, se sua mente não for boa. E, no entanto, a deusa que concede esse dom não foi colocada pelos seletores entre os deuses seletos, embora ela devesse de fato ter sido preferida até mesmo a Minerva, a quem, nesta distribuição minuciosa de trabalho, eles

atribuíram a memória dos meninos. Pois quem duvidará que é muito melhor ter uma boa mente do que uma memória tão grande? Pois ninguém é mau quem tem uma boa mente; mas alguns que são muito maus têm uma memória admirável, e são tanto piores quanto menos conseguem esquecer as coisas ruins que pensam. E ainda Minerva está entre os deuses seletos, enquanto a deusa Mena está escondida por uma multidão inútil. O que devo dizer sobre Virtus? O que dizer de Felicitas? – de quem já falei muito no quarto livro;² a quem, embora as considerassem deusas, não julgaram adequado atribuir um lugar entre os deuses seletos, entre os quais deram um lugar a Marte e Orcus, um o causador da morte, o outro o receptor dos mortos.

2. Visto que, portanto, vemos que até mesmo os próprios deuses seletos trabalham em conjunto com os outros, como um senado com o povo, em todas aquelas obras minuciosas que foram minuciosamente repartidas entre muitos deuses; e como descobrimos que coisas muito maiores e melhores são administradas por certos deuses que não foram considerados dignos de serem escolhidos do que por aqueles que são chamados de seletos, resta supor que eles foram chamados de seletos e chefes, não por causa de por ocuparem cargos mais elevados no mundo, mas porque aconteceram a eles se tornarem mais conhecidos do povo. E até o próprio Varrão diz que, dessa forma, a obscuridade caiu no destino de alguns deuses-pai e deusas-mãe, como cabe ao homem. Se, portanto, a Felicidade não deveria talvez ter sido colocada entre os deuses escolhidos, porque eles não alcançaram essa nobre posição por mérito, mas por acaso, a Fortuna pelo menos deveria ter sido colocada entre eles, ou melhor, antes deles; pois dizem que essa deusa distribui a cada um os presentes que recebe, não de acordo com qualquer arranjo racional, mas de acordo com o que o acaso determinar. Ela deveria ter ocupado o primeiro lugar entre os deuses seletos, pois entre eles principalmente é que ela mostra o poder que ela tem. Pois vemos que eles foram selecionados não por causa de alguma virtude eminente ou felicidade racional, mas por aquele poder aleatório da Fortuna que os adoradores desses deuses pensam que ela exerce. Para aquele homem mais eloquente, Salústio talvez também tenha em vista os próprios deuses quando diz: “Mas, na verdade, a

fortuna governa em tudo; ela torna todas as coisas famosas ou obscuras, de acordo com o capricho e não de acordo com a verdade”. eles não podem descobrir uma razão pela qual Vênus deve ter se tornado famoso, enquanto Virtus foi tornado obscuro, quando a divindade de ambos foi solenemente reconhecida por eles, e seus méritos não podem ser comparados. Mais uma vez, se ela mereceu uma posição nobre pelo fato de ser muito procurada - pois há mais pessoas que buscam Vênus do que Virtus - por que Minerva foi celebrada enquanto Pecúnia foi deixada na obscuridade, embora durante todo o a avareza da raça humana atrai um número muito maior do que a habilidade? E mesmo entre aqueles que são hábeis nas artes, você raramente encontrará um homem que não pratique sua própria arte para fins de ganho pecuniário; e aquilo para o qual qualquer coisa é feita, é sempre mais valorizado do que aquilo que é feito para outra coisa. Se, então, essa seleção de deuses foi feita pelo julgamento da multidão tola, por que a deusa Pecúnia não foi preferida a Minerva, já que há muitos artífices por causa do dinheiro? Mas se essa distinção foi feita por poucos sábios, por que Virtus foi preferida a Vênus quando a razão de longe prefere a primeira? Em todo o caso, como já disse, a própria Fortuna – que, segundo os que lhe atribuem mais influência, torna todas as coisas famosas ou obscuras por capricho e não pela verdade –, já que soube exercer tanto poder até mesmo sobre os deuses, como, de acordo com seu julgamento caprichoso, para tornar famosos aqueles que ela quisesse, e aqueles que ela quisesse obscurecer; A própria fortuna deve ocupar o lugar de preeminência entre os deuses seletos, pois sobre eles também ela tem tal poder preeminente. Ou devemos supor que a razão pela qual ela não está entre os selecionados é simplesmente esta, que mesmo a própria Fortune teve uma fortuna adversa? Ela foi adversa, então, para si mesma, pois, enquanto enobrece os outros, ela mesma permaneceu obscura.

CAPÍTULO. 4.-OS DEUSES INFERIORES, CUJOS NOMES NÃO ESTÃO ASSOCIADOS À INFÂMIA, FORAM MELHOR

TRATADOS DO QUE OS DEUSES SELETOS, CUJAS INFÂMIAS SÃO CELEBRADAS

1. No entanto, qualquer um que busca ansiosamente por celebridade e renome, pode felicitar esses deuses selecionados e chamá-los de afortunados, se não visse que eles foram escolhidos mais para seu prejuízo do que para sua honra. Pois essa baixa multidão de deuses foi protegida por sua própria mesquinhez e obscuridade de ser dominada pela infâmia. Rimos, sim, quando os vemos repartidos pela mera ficção das opiniões humanas, segundo os trabalhos especiais que lhes são atribuídos, como os que cultivam pequenas parcelas da receita pública, ou como os operários na rua dos ourives, onde um vaso, para que saia perfeito, passa pelas mãos de muitos, quando poderia ter sido acabado por um operário perfeito. Mas a única razão pela qual a habilidade combinada de muitos operários foi considerada necessária, foi que é melhor que cada parte de uma arte seja aprendida por um operário especial, o que pode ser feito com rapidez e facilidade, do que todos serem obrigados a ser perfeitos em uma arte em todas as suas partes, que eles só podiam alcançar lentamente e com dificuldade. No entanto, dificilmente se encontra um dos deuses não selecionados que trouxe infâmia sobre si mesmo por qualquer crime, enquanto dificilmente há algum dos deuses seletos que não tenha recebido sobre si o tipo de infâmia notável. Estes desceram às obras humildes dos outros, enquanto os outros não chegaram aos seus crimes sublimes. A respeito de Janus, não me ocorre prontamente nada infame; e talvez ele fosse alguém que vivesse mais inocentemente do que o resto, e mais distante de delitos e crimes. Ele gentilmente recebeu e entreteve Saturno quando ele estava fugindo; ele dividiu seu reino com seu hóspede, de modo que cada um deles teve uma cidade para si,² um Janiculum e o outro Saturnia. Mas aqueles que buscam todo tipo de indecência na adoração dos deuses o desonraram, cuja vida eles acharam menos vergonhosa do que a dos outros deuses, com uma imagem de deformidade monstruosa, fazendo-a às vezes com duas faces, e às vezes, por assim dizer, duplo, com quatro faces. Desejavam que, como a maioria dos deuses seletos havia perdido a vergonha⁴ através da perpetração de crimes vergonhosos, sua maior inocência

fosse marcada por um número maior de rostos?

CAPÍTULO. 5.-A RESPEITO DA DOCTRINA MAIS SECRETA DOS PAGÃOS, E A RESPEITO DAS INTERPRETAÇÕES FÍSICAS

1. Mas vamos ouvir suas próprias interpretações físicas pelas quais eles tentam colorir, como com a aparência de doutrina mais profunda, a baixeza do erro mais miserável. Varrão, em primeiro lugar, recomenda essas interpretações tão fortemente a ponto de dizer que os antigos inventaram as imagens, insígnias e adornos dos deuses, para que quando aqueles que iam aos mistérios os vissem com seus olhos corporais, eles possam com os olhos de sua mente ver a alma do mundo e suas partes, isto é, os verdadeiros deuses; e também que o significado pretendido por aqueles que fizeram suas imagens com a forma humana parecia ser este, a saber, que a mente dos mortais, que está em um corpo humano, é muito semelhante à mente imortal, assim como vasos podem ser colocados para representar os deuses, como, por exemplo, um vaso de vinho pode ser colocado no templo de Liber, para significar vinho, o que está contido sendo significado pelo que contém. Assim, por uma imagem que tinha a forma humana, foi significada a alma racional, porque a forma humana é o vaso, por assim dizer, no qual costuma estar contida aquela natureza que eles atribuem a Deus ou aos deuses. Estes são os mistérios da doutrina em que aquele homem mais erudito penetrou para que pudesse trazê-los à luz. Mas, ó homem perspicaz, perdeste entre esses mistérios aquela prudência que te levou a formar a sóbria opinião, que aqueles que primeiro estabeleceram aquelas imagens para o povo tiraram o medo dos cidadãos e acrescentaram o erro, e que os antigos romanos honrou os deuses mais castamente sem imagens? Pois foi por consideração a eles que você foi encorajado a falar essas coisas contra os romanos posteriores. Pois se aqueles romanos mais antigos também adorassem imagens, talvez você tivesse suprimido pelo silêncio do medo todos esses sentimentos (sentimentos verdadeiros, no entanto) sobre a loucura de erguer imagens, e teria exaltado mais alto e mais

loquazmente, essas doutrinas misteriosas que consistem nessas ficções vãs e perniciosas. Tua alma, tão erudita e tão esperta (e por isso sofro muito por ti), jamais poderia por meio desses mistérios ter alcançado seu Deus; isto é, o Deus por quem, não com quem, foi feito, de quem não é uma parte, mas uma obra – aquele Deus que não é a alma de todas as coisas, mas que fez cada alma, e em cuja luz somente toda alma é bem-aventurada, se não for ingrata por Sua graça.

Mas as coisas que se seguem neste livro mostrarão qual é a natureza desses mistérios e que valor deve ser dado a eles. Enquanto isso, este homem douto confessa como sua opinião que a alma do mundo e suas partes são os verdadeiros deuses, do que percebemos que sua teologia (ou seja, aquela mesma teologia natural à qual ele presta grande atenção) foi capaz, em sua completude, para se estender até a natureza da alma racional. Pois neste livro (sobre os deuses seletos) ele diz muito poucas coisas por antecipação sobre a teologia natural; e veremos se ele foi capaz naquele livro, por meio de interpretações físicas, referir-se a essa teologia natural aquela teologia civil, sobre a qual ele escreveu por último ao tratar dos deuses seletos. Agora, se ele foi capaz de fazer isso, o todo é natural; e nesse caso, que necessidade havia de distinguir tão cuidadosamente o civil do natural? Mas se foi distinguido por uma verdadeira distinção, então, como nem mesmo essa teologia natural que tanto lhe agrada é verdadeira (pois, embora tenha chegado até a alma, não chegou ao verdadeiro Deus que fez alma), quão mais desprezível e falsa é aquela teologia civil que se ocupa principalmente com o que é corpóreo, como será demonstrado por suas próprias interpretações, que com tanta diligência procuraram e enunciaram, algumas das quais devo necessariamente menção!

CAPÍTULO. 6.-QUANTO À OPINIÃO DE VARRO, QUE DEUS É A ALMA DO MUNDO, QUE NO ENTANTO, EM SUAS VÁRIAS PARTES, TEM MUITAS ALMAS CUJA NATUREZA É DIVINA

1. O mesmo Varrão, então, ainda falando por antecipação, diz que

pensa que Deus é a alma do mundo (que os gregos chamam de κόσμος), e que este próprio mundo é Deus; mas como um homem sábio, embora seja composto de corpo e mente, é, no entanto, chamado sábio por causa de sua mente, assim o mundo é chamado Deus por causa da mente, embora consista em mente e corpo. Aqui ele parece, pelo menos de alguma forma, reconhecer um Deus; mas para que ele possa introduzir mais, ele acrescenta que o mundo é dividido em duas partes, céu e terra, que são novamente divididos cada um em duas partes, céu em éter e ar, terra em água e terra, de tudo o que o éter é o mais alto, o ar em segundo, a água em terceiro e a terra o mais baixo. Todas essas quatro partes, diz ele, estão cheias de almas; os que estão no éter e no ar são imortais, e os que estão na água e na terra são mortais. Da parte mais alta dos céus até a órbita da lua existem almas, a saber, as estrelas e os planetas; e estes não são apenas entendidos como deuses, mas são vistos como tais. E entre a órbita da lua e o início da região de nuvens e ventos há almas aéreas; mas estes são vistos com a mente, não com os olhos, e são chamados de Heróis, Lares e Gênios. Esta é a teologia natural que é brevemente apresentada nestas declarações antecipatórias, e que satisfaz não apenas Varrão, mas também muitos filósofos. Isso devo discutir com mais cuidado, quando, com a ajuda de Deus, tiver completado o que ainda tenho a dizer sobre a teologia civil, no que diz respeito aos deuses escolhidos.

CAPÍTULO. 7.-SE É RAZOÁVEL SEPARAR JANUS E TERMINUS COMO DUAS DEIDADES DISTINTAS

1. Quem, então, é Janus, com quem Varro começa? Ele é o mundo. Certamente uma resposta muito breve e inequívoca. Por que, então, eles dizem que o começo das coisas pertence a ele, mas os fins a outro que eles chamam de Terminus? Pois dizem que dois meses foram dedicados a esses dois deuses, com referência a começos e fins - janeiro a Janus e fevereiro a Terminus - além daqueles dez meses que começam em março e terminam em dezembro. E dizem que é por isso que os Terminalia são celebrados no mês de fevereiro, o mesmo mês

em que se faz a purificação sagrada que chamam de Februum, e do qual o mês deriva seu nome. Os primórdios das coisas, portanto, pertencem ao mundo, que é Janus, e não também os fins, já que outro deus foi colocado sobre eles? Eles não reconhecem que todas as coisas que dizem que começam neste mundo também terminam neste mundo? Que tolice é dar-lhe apenas metade do poder no trabalho, quando à sua imagem lhe dão duas faces! Não seria uma maneira muito mais elegante de interpretar a imagem de duas faces, dizer que Janus e Terminus são o mesmo, e que uma face se refere aos começos, a outra aos fins? Pois quem trabalha deve respeitar ambos. Pois aquele que em cada desenvolvimento de atividade não olha para trás no começo, não espera o fim. Portanto, é necessário que a intenção prospectiva esteja ligada à memória retrospectiva. Pois como alguém pode encontrar como terminar algo, se ele esqueceu o que ele começou? Mas se eles pensassem que a vida abençoada começa neste mundo e se aperfeiçoa além do mundo, e por isso atribui a Janus, isto é, ao mundo, apenas o poder dos começos, certamente deveriam ter preferido Terminus a ele. , e não deveria tê-lo excluído do número dos deuses selecionados. No entanto, mesmo agora, quando os começos e fins das coisas temporais são representados por esses dois deuses, mais honra deveria ter sido dada a Terminus. Pois a maior alegria é aquela que é sentida quando algo está terminado; mas as coisas iniciadas são sempre causa de muita ansiedade até que sejam levadas a um fim, cujo fim aquele que começa algo muito anseia, fixa sua mente, espera, deseja; nem alguém jamais se alegra com algo que começou, a menos que seja levado ao fim.

CAPÍTULO. 8.-POR QUE RAZÃO OS ADORADORES DE JANUS FIZERAM SUA IMAGEM COM DUAS CARAS, QUANDO ÀS VEZES A VERIAM COM QUATRO

1. Mas agora que seja produzida a interpretação da imagem de duas faces. Pois dizem que tem duas faces, uma antes e outra atrás, porque nossas bocas escancaradas parecem assemelhar-se ao mundo: de onde os gregos chamam o palato de οὐρανός, e alguns poetas latinos, diz ele,

chamam os céus de palatum [o palato] ; e da boca escancarada, dizem eles, há uma saída na direção dos dentes e uma entrada na direção do esôfago. Veja a que o mundo chegou por causa de uma palavra grega ou poética para o nosso paladar! Que este deus seja adorado apenas por causa da saliva, que tem duas portas abertas sob os céus do palato, uma através da qual parte pode ser cuspidada, a outra através da qual parte pode ser engolida. Além disso, o que é mais absurdo do que não encontrar no próprio mundo duas portas opostas uma à outra, através das quais ele pode receber algo em si mesmo ou expulsá-lo de si mesmo; e buscar de nossa garganta e esôfago, com os quais o mundo não tem nenhuma semelhança, para fazer uma imagem do mundo em Janus, porque se diz que o mundo se assemelha ao palato, com o qual Janus não tem semelhança? Mas quando eles o fazem de quatro faces, e o chamam de duplo Janus, eles interpretam isso como tendo referência aos quatro cantos do mundo, como se o mundo olhasse para qualquer coisa, como Janus através de suas quatro faces. Novamente, se Janus é o mundo, e o mundo consiste em quatro quartos, então a imagem de Janus de duas faces é falsa. Ou se é verdade, porque o mundo inteiro às vezes é entendido pela expressão leste e oeste, alguém chamará o mundo de duplo quando o norte e o sul também são mencionados, como eles chamam Janus de duplo quando ele tem quatro faces? Eles não têm como interpretar, em relação ao mundo, quatro portas pelas quais entrar e sair, como fizeram no caso do Janus de duas faces, onde encontraram, pelo menos na boca humana. , algo que respondia ao que diziam sobre ele; a menos que talvez Netuno venha em seu auxílio e lhes entregue um peixe que, além da boca e da garganta, tenha também as aberturas das brânquias, uma de cada lado. No entanto, com todas as portas, nenhuma alma escapa dessa vaidade, senão aquela que ouve a verdade dizendo: "Eu sou a porta".

CAPÍTULO. 9.-RELATIVA AO PODER DE JÚPITER, E UMA COMPARAÇÃO DE JÚPITER COM JANO

1. Mas eles também mostram quem eles querem que Júpiter (que também é chamado de Júpiter) seja entendido. Ele é o deus, dizem

eles, que tem o poder das causas pelas quais qualquer coisa vem a existir no mundo. E quão grande é isso, o verso mais nobre de Virgílio testemunha:

"Feliz aquele que aprendeu as causas das coisas."

Mas por que Janus é preferido a ele? Deixe que o homem mais perspicaz e erudito nos responda a esta pergunta. "Porque", diz ele, "Janus tem domínio sobre as primeiras coisas, Júpiter sobre as coisas mais altas. as coisas mais elevadas primam pela dignidade."

Agora, isso teria sido dito corretamente se as primeiras partes das coisas que são feitas fossem distinguidas das partes mais altas; como, por exemplo, é o começo de uma coisa feita para partir, a parte mais alta para chegar. Começar a aprender é a primeira parte de uma coisa iniciada, a aquisição de conhecimento é a parte mais elevada. E assim de todas as coisas: os começos são os primeiros, os fins mais elevados. Este assunto, no entanto, já foi discutido em conexão com Janus e Terminus. Mas as causas atribuídas a Júpiter são coisas que efetuam, não coisas que efetuam; e é impossível que eles sejam impedidos no tempo por coisas que são feitas ou feitas, ou pelos primórdios de tais coisas; pois a coisa que faz é sempre anterior à coisa que é feita. Portanto, embora os primórdios das coisas que são feitas ou feitas pertençam a Janus, eles não são anteriores às causas eficientes que eles atribuem a Júpiter. Pois, como nada acontece sem ser precedido por uma causa eficiente, sem uma causa eficiente nada começa a acontecer. Em verdade, se as pessoas chamam esse deus Júpiter, em cujo poder estão todas as causas de todas as naturezas que foram feitas, e de todas as coisas naturais, e o adoram com tais insultos e criminações infames, são culpados de sacrilégio mais chocante do que se eles devem negar totalmente a existência de qualquer deus. Portanto, seria melhor para eles chamar algum outro deus pelo nome de Júpiter - alguém digno de honras vis e criminosas; substituindo Júpiter por alguma ficção vã (como se diz que Saturno recebeu uma pedra para devorar em vez de seu filho), que eles poderiam tornar o assunto de suas blasfêmias, em vez de falar desse deus como tropeçando e cometendo adultério, – governando o mundo inteiro, e

se expondo para a prática de tantos atos licenciosos, – tendo em seu poder a natureza e as causas mais altas de todas as coisas naturais, mas não tendo suas próprias causas boas.

2. Em seguida, pergunto que lugar ainda encontram para este Júpiter entre os deuses, se Janus é o mundo; pois Varrão definiu os verdadeiros deuses como a alma do mundo e as partes dele. E, portanto, o que não se enquadra nessa definição, certamente não é um deus verdadeiro, de acordo com eles. Dirão então que Júpiter é a alma do mundo e Janus o corpo, isto é, este mundo visível? Se eles disserem isso, não será possível afirmar que Janus é um deus. Pois mesmo, segundo eles, o corpo do mundo não é um deus, mas a alma do mundo e suas partes. Por isso Varrão, vendo isso, diz que pensa que Deus é a alma do mundo, e que este próprio mundo é Deus; mas que como um homem sábio, embora consistindo de alma e corpo, é, no entanto, chamado de sábio pela alma, assim o mundo é chamado Deus pela alma, embora consista de alma e corpo. Portanto, só o corpo do mundo não é Deus, mas somente a sua alma, ou a alma e o corpo juntos, mas de modo que não é Deus em virtude do corpo, mas em virtude da alma. Se, portanto, Janus é o mundo, e Janus é um deus, eles dirão, para que Júpiter possa ser um deus, que ele é alguma parte de Janus? Pois eles costumam atribuir a existência universal a Júpiter; daí o ditado: "Todas as coisas estão cheias de Júpiter". Portanto, eles devem pensar também Júpiter, para que ele possa ser um deus, e especialmente rei dos deuses, para ser o mundo, para que ele possa governar os outros deuses – de acordo com eles, suas partes. Para este efeito, também, o mesmo Varrão expõe certos versos de Valério Sorano³ naquele livro que ele escreveu à parte dos outros sobre o culto dos deuses. Estes são os versos:

"Jove Todo-Poderoso, progenitor de reis, e coisas, e deuses,

E eke a mãe dos deuses, deus um e todos."

Mas no mesmo livro ele expõe esses versos dizendo que, como o macho emite semente e a fêmea a recebe, Júpiter, que eles acreditavam ser o mundo, emite todas as sementes de si mesmo e as

recebe em si. Por essa razão, diz ele, Sorano escreveu: "Jove, progenitor e mãe"; e sem menor razão disse que todos eram iguais. Pois o mundo é um, e nele estão todas as coisas.

CAPÍTULO. 10.-SE A DISTINÇÃO ENTRE JANUS E JÚPITER É ADEQUADA

1. Visto que Janus é o mundo, e Júpiter é o mundo, por que Janus e Júpiter são dois deuses, enquanto o mundo é apenas um? Por que eles têm templos separados, altares separados, ritos diferentes, imagens diferentes? Se é porque a natureza dos começos é uma, e a natureza das causas outra, e uma recebeu o nome de Janus, a outra de Júpiter; é então o caso que, se um homem tem dois ofícios distintos de autoridade, ou duas artes, fala-se de dois juízes ou dois artífices, porque a natureza dos ofícios ou das artes é diferente? Assim também em relação a um deus: se ele tem o poder dos começos e das causas, deve-se pensar que ele seja dois deuses, porque os começos e as causas são duas coisas? Mas se eles pensam que isso está certo, que eles também afirmem que Júpiter é tantos deuses quantos lhe deram sobrenomes, por causa de muitos poderes; pois as coisas das quais esses sobrenomes são aplicados a ele são muitas e diversas. Mencionarei alguns deles.

CAPÍTULO. 11.-RELATIVA AOS SOBRENOMES DE JÚPITER, QUE SE REFEREM NÃO A MUITOS DEUSES, MAS A UM E O MESMO DEUS

1. Chamaram-no Victor, Invictus, Opitulus, Impulsor, Stator, Centumpeda, Supinalis, Tigillus, Almus, Ruminus e outros nomes que demoraria a enumerar. Mas esses sobrenomes eles deram a um deus por causa de diversas causas e poderes, mas ainda não o obrigaram a ser, por causa de tantas coisas, tantos deuses. Eles lhe deram esses sobrenomes porque ele conquistou todas as coisas; porque ele não foi conquistado por ninguém; porque trouxe ajuda aos necessitados;

porque tinha o poder de impelir, parar, firmar, jogar nas costas; porque como uma viga ele manteve unido e sustentou o mundo; porque ele alimentou todas as coisas; porque, como o papa,² ele alimentava os animais. Aqui, percebemos, estão algumas coisas grandes e algumas coisas pequenas; e, no entanto, é aquele que se diz realizar todos eles. Acho que as causas e os primórdios das coisas, por causa das quais eles pensaram que o único mundo são dois deuses, Júpiter e Janus, estão mais próximos um do outro do que a união do mundo e a entrega do seio a animais; e, no entanto, por causa dessas duas obras tão distantes uma da outra, tanto em natureza quanto em dignidade, não houve necessidade da existência de dois deuses; mas um Júpiter foi chamado, por causa de um Tigillus, por causa do outro Ruminus. Não estou disposto a dizer que dar o mingau a animais sugadores pode ter se tornado Juno em vez de Júpiter, especialmente quando havia a deusa Rumina para ajudá-la e servi-la neste trabalho; pois acho que se pode responder que a própria Juno nada mais é do que Júpiter, de acordo com aqueles versos de Valério Sorano, onde foi dito:

"Jove Todo-Poderoso, progenitor de reis, e coisas, e deuses,

E eke a mãe dos deuses", etc.

Por que, então, ele foi chamado Ruminus, quando aqueles que talvez perguntem com mais diligência podem descobrir que ele também é aquela deusa Rumina?

Se, então, foi justamente considerado indigno da majestade dos deuses, que em uma espiga de milho um deus tivesse o cuidado da junta, outro da casca, quanto mais indigno dessa majestade é aquele coisa, e a do tipo mais baixo, até mesmo dar o seio aos animais para que sejam alimentados, deve estar sob os cuidados de dois deuses, um dos quais é o próprio Júpiter, o próprio rei de todas as coisas, que não faz isso. junto com sua própria esposa, mas com alguma Rumina ignóbil (a menos que talvez ele próprio seja Rumina, sendo Ruminus para homens e Rumina para mulheres)! Eu certamente deveria ter dito que eles não estavam dispostos a aplicar a Júpiter um nome feminino,

se ele não tivesse sido denominado nesses versos "progenitor e mãe", e eu não tivesse lido entre outros sobrenomes dele o de Pecunia [dinheiro], que encontramos como uma deusa entre essas divindades mesquinhas, como já mencionei no quarto livro. Mas já que homens e mulheres têm dinheiro [pecuniam], por que ele não foi chamado de Pecunius e Pecunia? Essa é a preocupação deles.

CAPÍTULO. 12.-QUE JÚPITER TAMBÉM É CHAMADO PECÚNIA

1. Com que elegância eles explicaram esse nome! "Ele também é chamado Pecunia", dizem eles, "porque todas as coisas pertencem a ele". Oh, quão grandiosa é a explicação do nome de uma divindade! Sim; aquele a quem todas as coisas pertencem é mais mesquinho e mais contumeliosamente chamado Pecúnia. Em comparação com todas as coisas contidas no céu e na terra, o que são todas as coisas que os homens possuem sob o nome de dinheiro? E esse nome, sem dúvida, deu a avareza a Júpiter, para que quem fosse amante do dinheiro parecesse amar não um deus comum, mas o próprio rei de todas as coisas. Mas seria muito diferente se ele fosse chamado de Riches. Pois riqueza é uma coisa, dinheiro é outra. Pois chamamos de ricos os sábios, os justos, os bons, que não têm dinheiro ou têm muito pouco. Pois eles são mais verdadeiramente ricos em possuir a virtude, pois por ela, mesmo no que diz respeito às coisas necessárias ao corpo, eles se contentam com o que têm. Mas chamamos os gananciosos de pobres, que estão sempre desejando e sempre querendo. Pois eles podem possuir uma quantidade tão grande de dinheiro; mas qualquer que seja a abundância disso, eles não podem senão querer. E chamamos apropriadamente o próprio Deus de rico; não, porém, em dinheiro, mas em onipotência. Portanto, aqueles que têm muito dinheiro são chamados de ricos, mas interiormente necessitados, se são gananciosos. Assim também, aqueles que não têm dinheiro são chamados de pobres, mas ricos por dentro, se forem sábios.

O que, então, o sábio deve pensar dessa teologia, na qual o rei dos

deuses recebe o nome daquela coisa "que nenhum sábio desejou?" Pois se houvesse alguma coisa sadiamente ensinada por essa filosofia sobre a vida eterna, quão mais apropriadamente aquele deus que é o governante do mundo teria sido chamado por eles, não dinheiro, mas sabedoria, cujo amor purga da sujeira da avareza, isto é, do amor ao dinheiro!

CAPÍTULO. 13.-QUE QUANDO SE EXPLICA O QUE É SATURNO, O QUE É O GÊNIO, CHEGA A ISSO, QUE AMBOS SÃO MOSTRADOS COMO JÚPITER

1. Mas por que falar mais desse Júpiter, com quem talvez todo o resto deve ser identificado; para que, sendo ele tudo, a opinião sobre a existência de muitos deuses permaneça como uma mera opinião, vazia de toda verdade? E todos eles devem ser referidos a ele, se suas várias partes e poderes são considerados tantos deuses, ou se o princípio da mente que eles pensam ser difundido por todas as coisas recebeu os nomes de muitos deuses dos vários partes que a massa deste mundo visível combina em si mesma e da multiforme administração da natureza. Pois o que é Saturno também? "Um dos principais deuses", diz ele, "que tem domínio sobre todas as sementeiras".

A exposição dos versos de Valério Sorano não ensina que Júpiter é o mundo, e que ele emite todas as sementes de si mesmo e as recebe em si mesmo?

É ele, então, com quem está o domínio de todas as sementeiras. O que é Gênio? "Ele é o deus que está estabelecido e tem o poder de gerar todas as coisas." Quem mais além do mundo eles acreditam ter esse poder, ao qual foi dito:

"Todo-poderoso Jove, progenitor e mãe?"

E quando em outro lugar ele diz que o gênio é a alma racional de cada um e, portanto, existe separadamente em cada indivíduo, mas que a alma correspondente do mundo é Deus, ele simplesmente volta à

mesma coisa, a saber, que o alma do próprio mundo deve ser considerada, por assim dizer, o gênio universal. Isto, portanto, é o que ele chama de Júpiter. Pois se todo gênio é um deus, e a alma de todo homem um gênio, segue-se que a alma de todo homem é um deus. Mas se o próprio absurdo obriga mesmo esses próprios teólogos a fugir disso, resta que eles chamam esse gênio de deus por distinção especial e preeminente, a quem chamam a alma do mundo e, portanto, Júpiter.

CAPÍTULO. 14.-RELATIVA AOS OFÍCOS DE MERCÚRIO E MARTE

1. Mas eles não encontraram como referir Mercúrio e Marte a nenhuma parte do mundo, e às obras de Deus que estão nos elementos; e, portanto, eles os colocaram ao menos sobre as obras humanas, tornando-os auxiliares no falar e nas guerras. Ora, Mercúrio, se ele também tem o poder da fala dos deuses, governa também o próprio rei dos deuses, se Júpiter, como ele recebe dele a faculdade da fala, também fala conforme é seu prazer permitir-lhe — o que certamente é absurdo; mas se é apenas o poder sobre a fala humana que se acredita ser atribuído a ele, então dizemos que é incrível que Júpiter tenha condescendido em dar o papa não apenas às crianças, mas também aos animais - dos quais ele recebeu o sobrenome. Ruminus – e ainda assim não deveria estar disposto a que o cuidado de nosso discurso, pelo qual superamos as feras, pertencesse a ele. E assim a própria fala pertence a Júpiter e é Mercúrio. Mas se se diz que a própria fala é Mercúrio, como mostram as coisas que se dizem a seu respeito por meio da interpretação, porque se diz que ele foi chamado Mercúrio, isto é, aquele que corre entre, porque a fala corre entre homens: dizem também que os gregos o chamam de Ἑρμῆς, porque a fala, ou interpretação, que certamente pertence à fala, é chamada por eles de ἑρμηνεία: também se diz que ele preside os pagamentos, porque a fala passa entre vendedores e compradores: as asas, também, que ele tem na cabeça e nos pés, eles dizem significar que a fala passa voando pelo ar: também é dito que ele foi chamado de

mensageiro, porque por meio da fala todos os nossos pensamentos são expressos; 4 - se, portanto, a própria fala é Mercúrio então, mesmo por sua própria confissão, ele não é um deus. Mas quando eles fazem para si deuses de quem nem mesmo são demônios, orando a espíritos imundos, eles são possuídos por aqueles que não são deuses, mas demônios. Da mesma forma, porque não puderam encontrar para Marte nenhum elemento ou parte do mundo em que ele pudesse realizar algumas obras da natureza de qualquer espécie, disseram que ele é o deus da guerra, que é uma obra de homens, e aquela que não é considerada desejável por eles. Se, portanto, Felicitas desse paz perpétua, Marte não teria nada a fazer. Mas se a própria guerra é Marte, como a fala é Mercúrio, gostaria que fosse tão verdade que não havia guerra para ser falsamente chamado de deus, como é verdade que não é um deus.

CAPÍTULO. 15.-RELATIVA A CERTAS ESTRELAS QUE OS PAGÕES CHAMARAM PELOS NOMES DE SEUS DEUSES

1. Mas possivelmente essas estrelas que foram chamadas por seus nomes são esses deuses. Pois eles chamam uma certa estrela de Mercúrio, e também uma certa outra estrela de Marte. Mas entre essas estrelas que são chamadas pelos nomes de deuses, está aquela que eles chamam de Júpiter, e ainda com elas Júpiter é o mundo. Há também aquele que eles chamam de Saturno e, no entanto, não lhe dão nenhuma pequena propriedade, a saber, todas as sementes. Há também aquela mais brilhante de todas que é chamada por eles de Vênus, e ainda assim eles terão essa mesma Vênus para ser também a lua: - sem mencionar como Vênus e Juno são ditos por eles para disputar essa estrela mais brilhante, como embora sobre outra maçã dourada. Alguns dizem que Lúcifer pertence a Vênus e outros a Juno. Mas, como sempre, Vênus vence. Pois, de longe, o maior número atribui essa estrela a Vênus, tanto que dificilmente se encontra um deles que pense o contrário. Mas já que chamam Júpiter de rei de todos, quem não rirá ao ver sua estrela até agora superada em brilho pela estrela de Vênus? Pois deveria ter sido tão mais brilhante que o

resto, quanto ele próprio é mais poderoso. Eles respondem que só parece porque está mais alto e muito mais longe da terra. Se, portanto, sua maior dignidade mereceu um lugar mais alto, por que Saturno é mais alto nos céus do que Júpiter? Será que a vaidade da fábula que fez de Júpiter rei não conseguir alcançar as estrelas? E foi permitido a Saturno obter pelo menos nos céus, o que ele não poderia obter em seu próprio reino nem no Capitólio?

Mas por que Janus não recebeu nenhuma estrela? Se é porque ele é o mundo, e todos estão nele, o mundo também é de Júpiter, mas ele tem um. Janus comprometeu seu caso o melhor que pôde, e em vez de uma estrela que ele não tem entre os corpos celestes, aceitou tantos rostos na terra? Além disso, se eles pensam que só por causa das estrelas Mercúrio e Marte são partes do mundo, para que possam tê-los como deuses, pois a fala e a guerra não são partes do mundo, mas atos dos homens, como é que eles não fizeram altares, não estabeleceram ritos, não construíram templos para Áries, Touro, Câncer e Escorpião, e o resto que eles numeram como os signos celestes, e que consistem não de estrelas isoladas, mas cada uma delas? deles de muitas estrelas, que também dizem estar situadas acima das já mencionadas na parte mais alta dos céus, onde um movimento mais constante faz com que as estrelas sigam um curso invariável? E por que não os consideraram deuses, não digo entre esses deuses seletos, mas nem mesmo entre aqueles, por assim dizer, deuses plebeus?

CAPÍTULO. 16.-RELATIVA A APOLO E DIANA, E AOS OUTROS DEUSES SELETOS QUE ELES DEVERIAM SER PARTES DO MUNDO

1. Embora eles quisessem que Apolo fosse um adivinho e médico, eles, no entanto, deram-lhe um lugar como parte do mundo. Eles disseram que ele também é o sol; e da mesma forma disseram que Diana, sua irmã, é a lua e a guardiã das estradas. De onde também eles querem que ela seja virgem, porque um caminho não traz nada. Eles também fazem com que ambos tenham flechas, porque esses dois planetas

enviam seus raios do céu para a terra. Eles fazem de Vulcano o fogo do mundo; Netuno as águas do mundo; Pai Dis, ou seja, Orcus, a parte terrena e mais baixa do mundo. Liber e Ceres eles colocam sobre sementes – o primeiro sobre as sementes dos machos, o último sobre as sementes das fêmeas; ou um sobre a parte fluida da semente, mas o outro sobre a parte seca. E tudo isso junto é referido ao mundo, isto é, a Júpiter, que é chamado de "progenitor e mãe", porque ele emitiu todas as sementes de si mesmo e as recebeu em si. Pois eles também fazem com que esta mesma Ceres seja a Grande Mãe, que eles dizem não ser outra senão a terra, e a chamam também de Juno. E, portanto, eles atribuem a ela as segundas causas das coisas, apesar de ter sido dito a Júpiter, "progenitor e mãe dos deuses"; porque, segundo eles, o próprio mundo inteiro é de Júpiter. Minerva, também, porque eles a colocaram acima das artes humanas, e não encontraram nem mesmo uma estrela para colocá-la, foi dito por eles ser o éter mais alto, ou mesmo a lua. Também a própria Vesta eles pensaram ser a mais alta das deusas, porque ela é a terra; embora tenham pensado que o fogo mais brando do mundo, que é usado para os propósitos comuns da vida humana, não o fogo mais violento, como o de Vulcano, deve ser atribuído a ela. E assim eles terão todos aqueles deuses selecionados para serem o mundo e suas partes – alguns deles o mundo inteiro, outros deles suas partes; o todo Júpiter, suas partes, Gênio, Mater Magna, Sol e Luna, ou melhor, Apolo e Diana, e assim por diante. E às vezes eles fazem de um deus muitas coisas; às vezes uma coisa muitos deuses. Muitas coisas são um deus no caso de Júpiter; pois tanto o mundo inteiro é Júpiter, como somente o céu é Júpiter, e somente a estrela é dita e considerada Júpiter. Juno também é senhora das causas secundárias – Juno é o ar, Juno é a terra; e se ela tivesse vencido Vênus, Juno teria sido a estrela. Da mesma forma, Minerva é o éter mais alto, e Minerva é igualmente a lua, que eles supõem estar no limite mais baixo do éter. E também eles fazem uma coisa muitos deuses dessa maneira. O mundo é tanto Jan nós quanto Júpiter; também a terra é Juno, e Mater Magna, e Ceres.

CAPÍTULO. 17.-QUE MESMO VARRO PRONUNCIOU SUAS PRÓPRIAS OPINIÕES SOBRE OS DEUSES AMBÍGUOS

1. E o mesmo é verdade em relação a todo o resto, como é verdade em relação às coisas que mencionei a título de exemplo. Eles não os explicam, mas os envolvem. Eles correm para lá e para cá, para um lado ou para outro, conforme são movidos pelo impulso da opinião errática; de modo que até o próprio Varrão preferiu duvidar de todas as coisas do que afirmar qualquer coisa. Pois, tendo escrito o primeiro dos três últimos livros sobre os deuses certos, e tendo começado no segundo deles a falar dos deuses incertos, ele diz: "Não devo ser censurado por ter declarado neste livro as opiniões duvidosas sobre os deuses. Pois aquele que, depois de lê-los, pensar que ambos devem ser e podem ser julgados conclusivamente, o fará ele mesmo. De minha parte, posso ser mais facilmente levado a duvidar do coisas que escrevi no primeiro livro, do que tentar reduzir todas as coisas que escreverei neste a qualquer sistema ordenado". Assim, ele torna incerto não apenas aquele livro sobre os deuses incertos, mas também aquele outro sobre os deuses certos. Além disso, naquele terceiro livro sobre os deuses seletos, depois de ter exibido por antecipação tanto da teologia natural quanto julgou necessário, e quando estava prestes a começar a falar das vaidades e loucuras mentirosas da teologia civil, onde ele não era apenas sem a orientação da verdade das coisas, mas também pressionado pela autoridade da tradição, ele diz: "Eu escreverei neste livro sobre os deuses públicos do povo romano, aos quais eles dedicaram templos e a quem eles visivelmente distinguido por muitos adornos; mas, como escreve Xenofonte de Colofão, direi o que penso, não o que estou disposto a sustentar: é para o homem pensar essas coisas, para Deus conhecê-las.

Não é, então, um relato das coisas compreendidas e certamente acreditadas que ele prometeu, quando estava prestes a escrever as coisas que foram instituídas pelos homens. Ele apenas timidamente promete um relato de coisas que são apenas objeto de opinião duvidosa. Nem, de fato, era possível para ele afirmar com a mesma certeza que Janus era o mundo, e coisas semelhantes; ou descobrir

com a mesma certeza tais coisas como Júpiter era filho de Saturno, enquanto Saturno estava sujeito a ele como rei: – ele não podia, eu digo, nem afirmar nem descobrir tais coisas com a mesma certeza com que ele conhecia tais coisas. coisas como que o mundo existia, que os céus e a terra existiam, os céus brilhavam com estrelas e a terra fértil por meio de sementes; ou com a mesma convicção perfeita com que acreditava que essa massa universal da natureza é governada e administrada por uma certa força invisível e poderosa.

CAPÍTULO. 18.-UMA CAUSA MAIS CREDÍVEL DO AUMENTO DO ERRO PAGÃO

1. Um relato muito mais crível desses deuses é dado quando se diz que eles eram homens, e que para cada um deles foram instituídos ritos e solenidades sagrados, de acordo com seu gênio particular, costumes, ações, circunstâncias; quais ritos e solenidades, gradualmente rastejando pelas almas dos homens, que são como demônios, e ansiosos por coisas que os divertem, foram espalhados por toda parte; os poetas os adornam com mentiras, e os falsos espíritos seduzem os homens para recebê-los. Pois é muito mais provável que algum jovem, ou ele próprio ímpio, ou com medo de ser morto por um pai ímpio, desejando reinar, destronou seu pai, do que (de acordo com a interpretação de Varrão) Saturno foi derrubado por seu filho Júpiter: pois a causa, que pertence a Júpiter, é anterior à semente, que pertence a Saturno. Pois se assim fosse, Saturno nunca teria sido antes de Júpiter, nem teria sido o pai de Júpiter. Pois a causa sempre precede a semente e nunca é gerada a partir da semente. Mas quando eles procuram honrar por interpretação natural as fábulas ou atos mais vãos dos homens, mesmo os homens mais perspicazes ficam tão perplexos que somos compelidos a lamentar também por sua loucura.

CAPÍTULO. 19.-QUANTO ÀS INTERPRETAÇÕES QUE COMPÕEM A RAZÃO DO CULTO DE SATURNO

1. Disseram, diz Varrão, que Saturno costumava devorar tudo o que dele brotava, porque as sementes voltavam à terra de onde brotavam. E quando se diz que um pedaço de terra foi colocado diante de Saturno para ser devorado em vez de Júpiter, significa, diz ele, que antes que a arte de arar fosse descoberta, as sementes eram enterradas na terra pelas mãos dos homens. A própria terra, então, e não as sementes, deveria ter sido chamada Saturno, porque de certa forma devora o que produziu, quando as sementes que surgiram dela retornam novamente a ela. E o que tem a ver Saturno de um pedaço de terra em vez de Júpiter a ver com isso, que as sementes foram cobertas no solo pelas mãos dos homens? A semente foi impedida de ser devorada, como outras coisas, por ser coberta com o solo? Pois o que eles dizem implicaria que aquele que colocou o solo tirou a semente, como se diz que Júpiter foi tirado quando o pedaço de solo foi oferecido a Saturno em vez dele, e não que o solo, cobrindo o semente, só fez com que fosse devorada com mais avidez. Então, dessa forma, Júpiter é a semente, e não a causa da semente, como foi dito um pouco antes.

Mas o que devem fazer os homens que não podem encontrar nada sábio para dizer, porque estão interpretando coisas tolas? Saturno tem uma faca de poda. Isso, diz Varro, é por conta da agricultura. Certamente no reinado de Saturno ainda não existia agricultura, e por isso se fala dos tempos antigos de Saturno, porque, como o mesmo Varrão interpreta as fábulas, os homens primitivos viviam daquelas sementes que a terra produzia espontaneamente. Talvez ele tenha recebido uma faca de poda quando perdeu seu cetro; que aquele que foi rei e viveu à vontade durante a primeira parte de seu tempo, deveria se tornar um trabalhador laborioso enquanto seu filho ocupasse o trono. Então ele diz que os meninos costumavam ser imolados a ele por certos povos, os cartagineses, por exemplo; e também que os adultos foram imolados por algumas nações, por exemplo, os gauleses — porque, de todas as sementes, a raça humana é a melhor. O que precisamos dizer mais sobre essa vaidade tão cruel. Antes, prestemos atenção e sustentemos por isso que essas interpretações não são levadas ao verdadeiro Deus — uma natureza viva, incorpórea e imutável, de quem uma vida abençoada que dura

para sempre – mas que terminam em coisas que são corpóreas, temporais, mutáveis e mortais. E enquanto é dito nas fábulas que Saturno castrou seu pai Cœlus, isso significa, diz Varrão, que a semente divina pertence a Saturno, e não a Cœlus; por esta razão, até onde se pode descobrir uma razão, a saber, que no céu nada nasce da semente. Mas, ei! Saturno, se é filho de Cœlus, é filho de Júpiter. Pois eles afirmam vezes sem conta, e isso enfaticamente, que os céus² são Júpiter. Assim, as coisas que não vêm da verdade, muitas vezes, sem serem impelidas por ninguém, se derrubam umas às outras. Ele diz que Saturno foi chamado Κρονοῦς, que na língua grega significa um espaço de tempo, porque, sem isso, a semente não pode ser produtiva. Estas e muitas outras coisas são ditas a respeito de Saturno, e todas elas são referidas à semente. Mas Saturno certamente, com todo esse grande poder, poderia ter sido suficiente para a semente. Por que outros deuses são exigidos para isso, especialmente Liber e Libera, isto é, Ceres? - sobre quem novamente, no que diz respeito à semente, ele diz tantas coisas como se não tivesse dito nada sobre Saturno.

CAPÍTULO. 20.-RELATIVA AOS RITOS DE ELÊUSIS (ELEUSINIAN) CERES

1. Agora, entre os ritos de Ceres, são muito famosos os ritos de Elêusis que tinham a mais alta reputação entre os atenienses, dos quais Varrão não oferece nenhuma interpretação, exceto em relação ao milho, que Ceres descobriu, e em relação a Proserpina, que Ceres perdeu, e Orcus a levando embora. E esta própria Prosérpina, diz ele, significa a fecundidade das sementes. Mas como essa fecundidade partiu em certa estação, enquanto a terra apresentava um aspecto de tristeza pela conseqüente esterilidade, surgiu uma opinião de que a filha de Ceres, isto é, a própria fecundidade, que se chamava Prosérpina, de prosérpere (para rastejar, a primavera), tinha sido levado por Orcus, e detido entre os habitantes do mundo inferior; que circunstância foi celebrada com luto público. Mas como a mesma fecundidade voltou novamente, surgiu a alegria porque Proserpina havia sido devolvida por Orcus, e assim esses ritos foram instituídos.

Então Varro acrescenta, que muitas coisas são ensinadas nos mistérios de Ceres que só se referem à descoberta dos frutos.

CAPÍTULO. 21.-RELATIVA À VERGONHA DOS RITOS QUE SÃO CELEBRADOS EM HONRA DE LIBERDADE

1. Agora, quanto aos ritos de Liber, que eles colocaram sobre sementes líquidas e, portanto, não apenas sobre os licores de frutas, entre os quais o vinho detém, por assim dizer, a primazia, mas também sobre as sementes dos animais: - como a esses ritos, não estou disposto a me comprometer a mostrar a que excesso de torpeza eles chegaram, porque isso implicaria um discurso prolongado, embora eu não esteja disposto a fazê-lo como demonstração da estupidez orgulhosa de quem os pratica. Entre outros ritos que, pela grandeza de seu número, sou obrigado a omitir, Varro diz que na Itália, nos lugares onde as estradas se cruzavam, os ritos de Liber eram celebrados com tal torpeza desenfreada, que as partes íntimas de um homem eram adoradas em sua homenagem. Tampouco essa abominação foi transacionada em segredo, para que pelo menos alguma consideração pudesse ser prestada à modéstia, mas foi exibida aberta e desenfreadamente. Pois durante o festival de Liber, este membro obscuro, colocado em um carro, foi carregado com grande honra, primeiro pelas encruzilhadas do país e depois para a cidade. Mas na cidade de Lavinium um mês inteiro foi dedicado apenas a Liber, durante os dias em que todas as pessoas se entregaram à conversação dissoluta, até que aquele membro fosse levado através do fórum e trazido para descansar em seu próprio lugar; sobre qual membro indecoroso era necessário que a mais honrada matrona colocasse uma coroa de flores na presença de todo o povo. Assim, de fato, o deus Liber deveria ser apaziguado para o crescimento de sementes. Assim, o encantamento deveria ser afastado dos campos, mesmo que uma matrona fosse compelida a fazer em público o que nem mesmo uma prostituta deveria fazer em um teatro, se houvesse matronas entre os espectadores. Por essas razões, portanto, não se acreditava que Saturno sozinho fosse suficiente para sementes, a saber, para que a

mente impura pudesse encontrar ocasiões para multiplicar os deuses; e que, sendo justamente abandonado à impureza pelo único Deus verdadeiro, e sendo prostituído para a adoração de muitos deuses falsos, por uma avidez de impureza cada vez maior, deveria chamar esses ritos sacrílegos de coisas sagradas e abandonar-se para ser violado e poluído por multidões de demônios imundos.

CAPÍTULO. 22.-RELATIVA A NETUNO E SALACIA E VENILIA

1. Agora Netuno teve como esposa Salacia, que eles dizem ser as águas inferiores do mar. Por que Venilia também se uniu a ele? Não foi simplesmente pela luxúria da alma desejando um número maior de demônios a quem se prostituir, e não porque essa deusa era necessária à perfeição de seus ritos sagrados? Mas que a interpretação desta ilustre teologia seja apresentada para nos restringir dessa censura, apresentando uma razão satisfatória. Venilia, diz esta teologia, é a onda que vem à praia, Salacia a onda que volta ao mar. Por que, então, existem duas deusas, quando é uma onda que vem e volta? Certamente é a própria luxúria louca, que em sua ânsia por muitas divindades se assemelha às ondas que quebram na praia. Pois, embora a água que vai não seja diferente da que volta, ainda assim a alma que vai e não volta é contaminada por dois demônios, a quem ela aproveitou a ocasião para convidar com esse falso pretexto. Peço-te, ó Varrão, e a ti que tens lido tais obras de homens eruditos, e pensas ter aprendido algo grande, - peço-te que interpretes isso, não digo de maneira consistente com a natureza eterna e imutável que somente é Deus, mas apenas de uma maneira consistente com a doutrina relativa à alma do mundo e suas partes, que vocês pensam ser os verdadeiros deuses. É uma coisa um pouco mais tolerável que você tenha feito aquela parte da alma do mundo que permeia o mar seu deus Netuno. A onda, então, que chega à praia e volta ao principal, é duas partes do mundo, ou duas partes da alma do mundo? Quem de vocês é tão tolo a ponto de pensar assim? Por que, então, eles fizeram para você duas deusas? A única razão parece ser que seus sábios ancestrais forneceram, não

que muitos deuses deveriam governá-lo, mas que muitos desses demônios que se deleitam com essas vaidades e falsidades deveriam possuí-lo. Mas por que aquela Salacia, segundo esta interpretação, perdeu a parte inferior do mar, visto que foi representada como submissa ao marido? Pois ao dizer que ela é a onda que recua, você a colocou na superfície. Ela estava furiosa com o marido por ter tomado Venilia como concubina, e assim o expulsou da parte superior do mar?

**CAPÍTULO. 23.-A RESPEITO DA TERRA, QUE VARRO
AFIRMA SER UMA DEUSA, PORQUE AQUELA ALMA DO
MUNDO QUE ELE PENSA SER DEUS PERMEIA TAMBÉM
ESTA PARTE MAIS BAIXA DE SEU CORPO, E LHE
CONFERE UMA FORÇA DIVINA**

1. Certamente a terra, que vemos cheia de seus próprios seres vivos, é uma; mas por tudo isso, é apenas uma massa poderosa entre os elementos e a parte mais baixa do mundo. Por que, então, eles teriam que ser uma deusa? É porque é frutífero? Por que, então, os homens não são considerados deuses, que o tornam frutífero ao cultivá-lo; mas ainda que lavrem, não o adoram? Mas, dizem eles, a parte da alma do mundo que o permeia faz dele uma deusa. Como se não fosse uma coisa muito mais evidente, ou melhor, uma coisa que não é questionada, que há uma alma no homem. E, no entanto, os homens não são considerados deuses, mas (uma coisa a ser tristemente lamentada), com uma ilusão maravilhosa e lamentável, são submetidos àqueles que não são deuses, e do que eles próprios são melhores, como objetos de adoração merecida e adoração. E certamente o mesmo Varrão, no livro sobre os deuses seletos, afirma que existem três graus de alma na natureza universal. Aquele que permeia todas as partes vivas do corpo, e não tem sensação, mas apenas o poder da vida – aquele princípio que penetra nos ossos, unhas e cabelos. Por este princípio, as árvores do mundo são nutridas e crescem sem serem dotadas de sensação, e vivem de uma maneira peculiar a elas mesmas. O segundo grau da alma é aquele em que há sensação. Este princípio penetra nos olhos, ouvidos, narinas, boca e

nos órgãos da sensação. O terceiro grau da alma é o mais alto, e é chamado de mente, onde a inteligência tem seu trono. Este grau de alma nenhuma criatura mortal, exceto o homem, possui. Ora, esta parte da alma do mundo, diz Varrão, chama-se Deus, e em nós chama-se Gênio. E as pedras e a terra no mundo, que vemos, e que não são permeadas pelo poder da sensação, são, por assim dizer, os ossos e pregos de Deus Novamente, o sol, a lua e as estrelas, que percebemos, e pelos quais Ele percebe, são Seus órgãos de percepção. Além disso, o éter é Sua mente; e pela virtude que está nele, que penetra nas estrelas, também as faz deuses; e porque penetra através deles na terra, faz dela a deusa Tellus, de onde novamente entra e permeia o mar e o oceano, tornando-os o deus Netuno.

2. Retorne desta, que julga ser a teologia natural, àquilo de onde saiu, para descansar do cansaço causado pelas muitas voltas e torções do seu caminho. Deixe-o voltar, eu digo, deixe-o voltar para a teologia civil. Desejo detê-lo lá por um tempo. Eu tenho algo a dizer que tem a ver com essa teologia. Ainda não estou dizendo que, se a terra e as pedras são semelhantes aos nossos ossos e unhas, eles são desprovidos de inteligência, assim como são desprovidos de sensação. Tampouco estou dizendo que, se se diz que nossos ossos e unhas têm inteligência, porque estão em um homem que tem inteligência, aquele que diz que as coisas análogas a estas no mundo são deuses, é tão estúpido quanto aquele que diz que nossos ossos e unhas são homens. Talvez tenhamos ocasião de discutir essas coisas com os filósofos. No momento, porém, desejo tratar Varrão como teólogo político. Pois é possível que, embora ele pareça ter desejado erguer a cabeça, por assim dizer, para a liberdade da teologia natural, a consciência de que o livro com o qual ele estava ocupado era sobre um assunto pertencente à teologia civil, pode tê-lo levado a recair no ponto de vista dessa teologia, e dizer isso para que os ancestrais de sua nação e outros estados não possam acreditar que tenham concedido a Netuno um culto irracional. O que devo dizer é o seguinte: já que a terra é uma só, por que aquela parte da alma do mundo que permeia a terra não fez dela aquela deusa que ele chama de Tellus? Mas se tivesse feito isso, o que havia acontecido com Orcus, o irmão de Júpiter e Netuno, a quem eles chamam de Pai

Dis? E onde, nesse caso, estava sua esposa Prosérpina, que, segundo outra opinião dada no mesmo livro, é chamada não de fecundidade da terra, mas de sua parte inferior? do mundo, quando permeia a parte superior da terra, faz o deus Pai Dis, mas quando permeia a parte inferior da mesma a deusa Prosérpina; o que, nesse caso, será esse Tellus? Pois tudo o que ela era foi dividido nessas duas partes, e esses dois deuses; de modo que é impossível encontrar o que fazer ou onde colocá-la como uma terceira deusa, exceto que essas divindades Orcus e Proserpine são a deusa Tellus, e que não são três deuses, mas um ou dois, enquanto apesar de serem chamados três, considerados três, adorados como três, tendo seus próprios vários altares, seus próprios santuários, ritos, imagens, sacerdotes, enquanto seus próprios falsos demônios também por essas coisas contaminam a alma prostituída. Que esta pergunta adicional seja respondida: que parte da terra uma parte da alma do mundo permeia para fazer o deus Tellumo? Não, diz ele; mas a terra sendo uma e a mesma, tem uma vida dupla – a masculina, que produz a semente, e a feminina, que recebe e nutre a semente. Por isso foi chamado Tellus do princípio feminino, e Tellumo do masculino. Por que, então, os sacerdotes, como ele indica, prestam serviço divino a quatro deuses, acrescentando dois outros, a saber, Tellus, Tellumo, Altor e Rusor? Já falamos sobre Tellus e Tellumo. Mas por que eles adoram Altor? Porque, diz ele, tudo o que brota da terra é nutrido pela terra. Por que eles adoram Rusor? Porque todas as coisas retornam novamente ao lugar de onde vieram.

CAPÍTULO. 24.-SOBRE OS SOBRENOMES DE TELLUS E SUAS SIGNIFICAÇÕES, QUE, EMBORA INDIQUEM MUITAS PROPRIEDADES, NÃO DEVERIAM TER ESTABELECIDO A OPINIÃO DE QUE EXISTE UM NÚMERO CORRESPONDENTE DE DEUSES

1. A única terra, então, por causa dessa quádrupla virtude, deveria ter quatro sobrenomes, mas não deveria ser considerada como quatro deuses – como Júpiter e Juno, embora tenham tantos sobrenomes, são para todos que apenas divindades únicas – pois por todos esses

sobrenomes é significado que uma virtude múltipla pertence a um deus ou a uma deusa; mas a multidão de sobrenomes não implica uma multidão de deuses. Mas, como às vezes as próprias mulheres mais vis se cansam daquelas multidões que buscaram sob o impulso de paixões perversas, assim também a alma, tornada vil e prostituída a espíritos impuros, às vezes começa a detestar multiplicar para si deuses a quem entregar-se a ser poluído por eles, tanto quanto antes se deleitava em fazê-lo. Pois o próprio Varrão, como se envergonhado daquela multidão de deuses, faria de Tellus uma deusa. “Dizem”, diz ele, “que enquanto a única grande mãe tem um tímpano, significa que ela é o orbe da terra; enquanto ela tem torres em sua cabeça, cidades são significadas; e enquanto os assentos são fixados ao redor Ela significa que, enquanto todas as coisas se movem, ela não se move. ao se jogarem diante dela, ensina-se”, diz ele, “que aqueles que cultivam a terra não devem ficar ociosos, pois sempre há algo para fazer. O som dos címbalos significa o barulho feito pelo lançamento de utensílios de ferro, e pelas mãos dos homens, e todos os outros ruídos ligados às operações agrícolas; e esses címbalos são de latão, porque os antigos usavam utensílios de bronze em sua agricultura antes que o ferro fosse descoberto. mostre que não existe nenhum tipo de terra então vi velho e tão estéril que seria inútil tentar trazê-lo e cultivá-lo.” Então ele acrescenta que, porque eles deram muitos nomes e sobrenomes à mãe Tellus, chegou-se a pensar que estes significavam muitos deuses. “Eles pensam”, diz ele, “que Tellus é Ops, porque a terra é melhorada pelo trabalho; Mãe, porque dá muito; Grande, porque dá semente; Proserpina, porque os frutos brotam dela; Vesta, porque ela é revestida de ervas, e assim”, diz ele, “eles não identificam absurdamente outras deusas com a terra”. Se, então, é uma deusa (embora, se a verdade fosse consultada, não é nem isso), por que eles a separam em muitas? Que haja muitos nomes de uma deusa, e que não haja tantas deusas quantos são os nomes.

Mas a autoridade dos antigos errantes pesa sobre Varrão e o obriga, depois de ter expressado essa opinião, a mostrar sinais de inquietação; pois ele imediatamente acrescenta: “Com quais coisas a opinião dos antigos, que pensavam que havia realmente muitas deusas, não entra

em conflito". Como não entrar em conflito, quando é totalmente diferente dizer que uma deusa tem muitos nomes e dizer que há muitas deusas? Mas é possível, diz ele, que a mesma coisa seja uma, e ainda assim tenha uma pluralidade de coisas. Admito que há muitas coisas em um homem; há, pois, nele muitos homens? Da mesma forma, em uma deusa há muitas coisas; há, portanto, também muitas deusas? Mas deixe-os dividir, unir, multiplicar, reduplicar e implicar como quiserem.

2. Estes são os famosos mistérios de Tellus e da Grande Mãe, todos os quais são mostrados como tendo referência a sementes mortais e à agricultura. Faça essas coisas, então, a saber, o tímpano, as torres, os Galli, o balançar dos membros, o barulho dos címbalos, as imagens dos leões, faça essas coisas, tendo essa referência e esse fim, promessa eterna. vida? Os Galli mutilados, então, servem a esta Grande Mãe para significar que aqueles que precisam de semente devem seguir a terra, como se não fosse o caso de que esse mesmo serviço os levasse a querer semente? Pois se eles, seguindo essa deusa, adquirem semente, carecendo dela, ou, seguindo-a, perdem semente quando a têm? Isso é interpretar ou depreciar? Tampouco se considera até que ponto os demônios malignos ganharam vantagem, na medida em que foram capazes de exigir tais ritos cruéis sem ousar prometer grandes coisas em troca deles. Se a terra não fosse uma deusa, os homens teriam, pelo trabalho, colocado as mãos sobre ela para obter sementes por meio dela, e não teriam colocado as mãos violentas sobre si mesmos para perder sementes por causa disso. Se não fosse uma deusa, teria se tornado tão fértil pelas mãos de outros, que não obrigaria um homem a se tornar estéril por suas próprias mãos; nem que no festival de Liber uma matrona honrada colocasse uma coroa de flores nas partes íntimas de um homem à vista da multidão, onde talvez seu marido estivesse de pé, corando e suando, se houver alguma vergonha nos homens; e que, na celebração de casamentos, a noiva recém-casada era condenada a sentar-se sobre Príapo. Essas coisas são ruins o suficiente, mas são pequenas e desprezíveis em comparação com a mais cruel abominação, ou a mais abominável crueldade, pela qual qualquer conjunto é tão iludido que nenhum perece de sua ferida. Lá

se teme o encantamento dos campos; aqui não se teme a amputação de membros. Lá a modéstia da noiva é ultrajada , mas de tal maneira que nem sua fecundidade nem mesmo sua virgindade são tiradas; aqui um homem é tão mutilado que não se transforma em mulher nem permanece homem.

CAPÍTULO. 25.-A INTERPRETAÇÃO DA MUTILAÇÃO DE ÁTIS (ATYS) QUE A DOUTRINA DOS SÁBIOS GREGOS ESTABELECEU

1. Varrão não falou desse Átis, nem procurou qualquer interpretação para ele, em memória de quem foi mutilado por Ceres, o Gallus. Mas os gregos eruditos e sábios de modo algum silenciaram sobre uma interpretação tão santa e tão ilustre. O célebre filósofo Porfírio disse que Átis significa as flores da primavera, que é a estação mais bonita e, portanto, foi mutilada porque a flor cai antes que o fruto apareça. Eles não compararam, então, o próprio homem, ou melhor, aquela aparência de um homem que eles chamavam de Átis, com a flor, mas seus órgãos masculinos – estes, de fato, caíram enquanto ele estava vivo. Eu disse caiu? não, verdadeiramente eles não caíram, nem foram arrancados, mas arrancados. Nem quando aquela flor foi perdida, nenhum fruto se seguiu, mas sim a esterilidade. O que, então, eles dizem que é significado pelo próprio Atys castrado, e o que restou dele após sua castração? A que se referem isso? A que interpretação isso dá origem? Eles, depois de vãos esforços para descobrir uma interpretação, procuram persuadir os homens de que é melhor acreditar no que o relatório tornou público e que também foi escrito sobre ele ter sido um homem mutilado? Nosso Varrão se opôs a isso muito apropriadamente e não quis declará -lo; pois certamente não era desconhecido para aquele homem mais instruído.

CAPÍTULO. 26.-RELATIVA À ABOMINAÇÃO DOS RITOS SAGRADOS DA GRANDE MÃE

1. Quanto aos efeminados consagrados à mesma Grande Mãe, a despeito de toda a modéstia dos homens e das mulheres, Varrão nada quis dizer, nem me lembro de ter lido nada a respeito deles. Esses efeminados, o mais tardar ontem, percorriam as ruas e lugares de Cartago com cabelos ungidos, rostos embranquecidos, corpos relaxados e andar feminino, exigindo do povo os meios de manter suas vidas ignominiosas. Nada foi dito a respeito deles. A interpretação falhou, a razão corou, a fala foi silenciosa. A Grande Mãe superou todos os seus filhos, não em grandeza de divindade, mas de crime. A este monstro nem mesmo a monstruosidade de Janus pode ser comparada. Sua deformidade era apenas à sua imagem; a dela era a deformidade da crueldade em seus ritos sagrados. Ele tem uma redundância de membros em imagens de pedra; ela inflige a perda de membros aos homens. Esta abominação não é superada pelos atos licenciosos de Júpiter, tantos e tão grandes. Ele, com todas as suas seduções de mulheres, apenas desonrou o céu com um Ganimedes; ela, com tantos afeminados declarados e públicos, tanto contaminou a terra como ultrajou o céu. Talvez possamos comparar Saturno a esta Magna Mater, ou mesmo colocá-lo diante dela nesse tipo de crueldade abominável, pois ele mutilou seu pai. Mas nos festivais de Saturno, os homens preferiam ser mortos pelas mãos de outros do que mutilados pelas suas próprias. Ele devorou seus filhos, como dizem os poetas, e os teólogos naturais interpretam isso como eles listam. A história diz que ele os matou. Mas os romanos nunca receberam, como os cartagineses, o costume de sacrificar seus filhos a ele. Esta Grande Mãe dos deuses, no entanto, trouxe homens mutilados para os templos romanos e preservou esse costume cruel, acreditando-se que promove a força dos romanos castrando seus homens. Comparados com esse mal, quais são os roubos de Mercúrio, a libertinagem de Vênus e os atos vis e flagrantes do resto deles, que poderíamos trazer de livros, se não fossem cantados e dançados diariamente nos teatros? ? Mas o que são essas coisas para um mal tão grande – um mal cuja magnitude só era proporcional à grandeza da Grande Mãe – especialmente porque se diz que foram inventadas pelos poetas? como se os poetas também tivessem inventado isso de serem aceitáveis aos deuses. Que seja imputado, então, à audácia e descaramento dos poetas que essas

coisas foram cantadas e escritas. Mas que eles tenham sido incorporados ao corpo de ritos e honras divinas, as próprias divindades exigindo e extorquindo essa incorporação, o que é isso senão o crime dos deuses? mais ainda, a confissão de demônios e o engano de homens miseráveis? Mas quanto a que a Grande Mãe seja considerada adorada na forma apropriada quando ela é adorada pela consagração de homens mutilados, isso não é uma invenção dos poetas, antes, eles se encolheram com horror do que cantaram. isto. Deve alguém, então, ser consagrado a esses deuses seletos, para que ele possa viver felizmente após a morte, consagrado a quem ele não poderia viver decentemente antes da morte, sendo submetido a tais superstições sujas e preso a demônios impuros? Mas todas essas coisas, diz Varrão, devem ser referidas ao mundo. Deixe-o considerar se não é antes para o imundo.² Mas por que não referir isso ao mundo que é demonstrado estar no mundo? Nós, no entanto, buscamos uma mente que, confiando na verdadeira religião, não adore o mundo como seu deus, mas por amor de Deus louve o mundo como uma obra de Deus e, purificada das impurezas mundanas, venha pura para Deus. Ele mesmo que fundou o mundo.⁴

CAPÍTULO. 27.-QUANTO ÀS FIGURAS DOS TEÓLOGOS FÍSICOS, QUE NEM ADORAM A VERDADEIRA DIVINDADE, NEM REALIZAM O ADORAÇÃO COM QUE A VERDADEIRA DIVINDADE DEVE SER SERVIDA

1. Vemos que esses deuses seletos, de fato, se tornaram mais famosos que os demais; não, porém, para que seus méritos sejam trazidos à luz, mas para que seus atos infames não sejam escondidos. Daí é mais credível que fossem homens, como transmitiu não só a literatura poética, mas também histórica. Por isso que Virgílio diz,

"Então das alturas do Olimpo desceu

Bom Saturno, exilado de seu trono

Por Júpiter, seu herdeiro mais poderoso;"

e o que se segue com referência a este caso é totalmente relatado pelo historiador Euhemerus e foi traduzido para o latim por Ennius. E como aqueles que escreveram antes de nós na língua grega ou latina contra tais erros como estes disseram muito sobre este assunto, eu achei desnecessário me estender sobre isso. 2. Quando considero, pois, aquelas razões físicas pelas quais os homens sábios e perspicazes tentam transformar as coisas humanas em coisas divinas, tudo o que vejo é que eles só souberam referir essas coisas às obras temporais e ao que tem um caráter corpóreo. natureza, e mesmo invisível ainda mutável; e este não é de modo algum o verdadeiro Deus. Mas se esse culto tivesse sido realizado como o simbolismo de idéias pelo menos congruentes com a religião, embora de fato fosse motivo de tristeza que o verdadeiro Deus não fosse anunciado e proclamado por seu simbolismo, ainda assim poderia ter sido suportado em algum grau com , quando não ocasionou e ordenou a realização de coisas tão sujas e abomináveis. Mas visto que é impiedade adorar o corpo ou a alma para o verdadeiro Deus, por cuja única habitação a alma é feliz, quanto mais ímpio é adorar aquelas coisas pelas quais nem alma nem corpo podem obter a salvação ou a honra humana? Portanto, se com templo, sacerdote e sacrifício, que são devidos ao verdadeiro Deus, se adora algum elemento do mundo, ou qualquer espírito criado, ainda que não seja impuro e mau, esse culto ainda é mau, não porque as coisas são más pelo qual a adoração é realizada, mas porque essas coisas devem ser usadas apenas na adoração dAquele a quem somente tal adoração e serviço são devidos. Mas se alguém insistir em adorar o único Deus verdadeiro, isto é, o Criador de toda alma e de todo corpo, com ídolos estúpidos e monstruosos, com vítimas humanas, colocando uma coroa no órgão masculino, com o salário de impureza, com corte de membros, com emasculação, com a consagração de efeminados, com jogos impuros e obscenos, tal pessoa não peca porque adora Aquele que não deve ser adorado, mas porque adora Aquele que deve ser adorado. adorado de uma maneira em que Ele não deveria ser adorado. Mas aquele que adora com tais coisas, isto é, coisas sujas e obscenas, e que não é o verdadeiro Deus, a saber, o criador da alma e do corpo, mas uma criatura, ainda que não uma criatura má, seja alma ou corpo, ou alma e corpo juntos, peca duas vezes contra Deus, porque

tanto adora para Deus o que não é Deus, como também adora com coisas que nem Deus nem o que não é Deus deve ser adorado. É, de fato, manifesto como esses pagãos adoram – isto é, quão vergonhosamente e criminalmente eles adoram; mas o que ou quem eles adoram teria sido deixado na obscuridade, se sua história não testemunhasse que esses mesmos ritos confessadamente baixos e imundos foram prestados em obediência às exigências dos deuses, que os exigiam com terrível severidade. Portanto, é evidente, sem sombra de dúvida, que toda essa teologia civil se ocupa em inventar meios para atrair os espíritos perversos e impuros, convidando-os a visitar imagens sem sentido e, por meio delas, tomar posse de corações estúpidos.

CAPÍTULO. 28.-QUE A DOCTRINA DE VARRO SOBRE A TEOLOGIA NÃO É EM PARTE CONSISTENTE COM SI MESMA

1. Com que propósito, então, é que este homem mui erudito e perspicaz Varrão tenta, por assim dizer, com disputa sutil, reduzir e remeter todos esses deuses ao céu e à terra? Ele não pode fazê-lo. Eles saem de suas mãos como água; eles encolhem; eles escorregam e caem. Pois ao falar das mulheres, isto é, das deusas, ele diz: “Visto que, como observei no primeiro livro sobre os lugares, o céu e a terra são as duas origens dos deuses, por isso são chamados de celestiais e terrestres, e como eu comecei nos livros anteriores com o céu, falando de Janus, a quem alguns dizem ser o céu, e outros a terra, então eu agora começo com Tellus falando sobre as deusas. Eu posso entender o constrangimento que uma mente tão grande estava experimentando. Pois ele é influenciado pela percepção de uma certa semelhança plausível, quando diz que o céu é o que faz, e a terra, o que sofre, e, portanto, atribui o princípio masculino a um e o feminino ao outro, sem considerar que é antes Ele quem fez o céu e a terra que é o criador da atividade e da passividade. Com base nesse princípio, ele interpreta os célebres mistérios dos samotrácios e promete, com um ar de grande devoção, que, por escrito, exporá esses mistérios, que ainda não eram

conhecidos de seus compatriotas, e lhes enviará sua exposição. Em seguida, ele diz que obteve de muitas provas que, nesses mistérios, entre as imagens, uma significa o céu, outra a terra, outra os padrões das coisas, que Platão chama de idéias. Ele faz Júpiter significar o céu, Juno a terra, Minerva as idéias. Céu, pelo qual tudo é feito; a terra, da qual é feito; e o padrão, de acordo com o qual é feito. Mas, no que diz respeito à última, esqueço-me de dizer que Platão atribuiu a essas ideias uma importância tão grande que não disse que o céu fez alguma coisa segundo elas, mas que segundo elas foi feito o próprio céu. Para voltar, no entanto, deve-se observar que Varrão, no livro sobre os deuses seletos, perdeu aquela teoria desses deuses, nos quais ele, por assim dizer, abraçou todas as coisas. Pois ele atribui os deuses masculinos ao céu, as mulheres à terra; entre os quais colocou Minerva, a quem antes havia colocado acima do próprio céu. Então o deus masculino Netuno está no mar, que pertence mais à terra do que ao céu. Por último, o pai Dis, que é chamado em grego Πλουτων, outro deus masculino, irmão de ambos (Júpiter e Netuno), também é considerado um deus da terra, segurando a região superior da terra e distribuindo a região inferior para sua esposa Prosérpina. Como, então, eles tentam encaminhar os deuses para o céu e as deusas para a terra? Que solidez, que consistência, que sobriedade tem essa disputa? Mas esse Tellus é a origem das deusas, a saber, a grande mãe, ao lado de quem há continuamente o barulho da folia louca e abominável de homens efeminados e mutilados, e homens que se cortam e se entregam a gesticulações frenéticas, - como é, então, que Janus é chamado a cabeça dos deuses, e Tellus a cabeça das deusas? Em um caso o erro não faz uma cabeça, e no outro o frenesi não faz uma cabeça sã. Por que eles tentam em vão encaminhá-los para o mundo? Mesmo que pudessem fazê-lo, nenhuma pessoa piedosa adora o mundo pelo verdadeiro Deus. No entanto, a pura verdade torna evidente que eles não são capazes nem mesmo de fazer isso. Deixe-os antes identificá-los com homens mortos e demônios mais perversos, e nenhuma outra pergunta permanecerá.

CAPÍTULO. 29.-QUE TODAS AS COISAS QUE OS TEÓLOGOS FÍSICOS SE REFEREM AO MUNDO E SUAS PARTES, ELES DEVERIAM SE REFERIR AO ÚNICO DEUS VERDADEIRO

1. Pois todas as coisas que, de acordo com o relato desses deuses, são referidas ao mundo pela assim chamada interpretação física, podem, sem qualquer escrúpulo religioso, ser atribuídas ao verdadeiro Deus, que fez o céu e a terra, e criou toda alma e todo corpo; e o seguinte é a maneira pela qual vemos que isso pode ser feito. Nós adoramos a Deus – não o céu e a terra, dos quais este mundo consiste em duas partes, nem a alma ou almas difundidas por todas as coisas vivas – mas a Deus que fez o céu e a terra, e todas as coisas que neles há; que fez cada alma, qualquer que seja a natureza de sua vida, se ela tem vida sem sensação e razão, ou vida com sensação, ou vida com sensação e razão.

CAPÍTULO. 30.-COMO A PIEDADE DISTINGUE O CRIADOR DAS CRIATURAS, PARA QUE, EM VEZ DE UM SÓ DEUS, NÃO SEJAM ADORADOS TANTOS DEUSES QUANTOS HÁ OBRAS DE UM SÓ AUTOR

1. E agora, para começar a examinar as obras do único Deus verdadeiro, por causa das quais eles fizeram para si muitos e falsos deuses, enquanto tentam dar uma interpretação honrosa para seus muitos mistérios mais abomináveis e infames, – nós adoramos aquele Deus que designou às naturezas criadas por Ele tanto o começo quanto o fim de sua existência e movimento; que detém, conhece e dispõe as causas das coisas; quem criou a virtude das sementes; quem deu a quais criaturas Ele quer uma alma racional, que é chamada de mente; quem concedeu a faculdade e o uso da fala ; que concedeu o dom de predizer coisas futuras a quaisquer espíritos que lhe parecessem bons; que também prediz coisas futuras, por meio de quem Ele quer e por quem Ele quer, remove doenças que, quando a raça humana deve ser corrigida e castigada por guerras, regula também o início, o progresso e o fim dessas guerras que criou e governa o fogo mais veemente e

violento deste mundo, na devida relação e proporção com os outros elementos de natureza imensa; quem é o governador de todas as águas; que fez o sol mais brilhante de todas as luzes materiais, e lhe deu poder e movimento adequados; que não retirou, mesmo dos habitantes do mundo inferior, Seu domínio e poder; quem designou às naturezas mortais sua semente e nutrição adequadas, secas ou líquidas; que estabelece e faz frutificar a terra; que generosamente concede seus frutos aos animais e aos homens; quem conhece e ordena, não apenas as causas principais, mas também as causas subsequentes, que determinou para a lua seu movimento; que oferece caminhos no céu e na terra para a passagem de um lugar para outro; que concedeu também às mentes humanas, que Ele criou, o conhecimento das várias artes para o auxílio da vida e da natureza; quem designou a união de macho e fêmea para a propagação da prole; que favoreceu as sociedades dos homens com o dom do fogo terrestre para os propósitos mais simples e familiares, para queimar na lareira e iluminar. Estas são, então, as coisas que aquele homem mais perspicaz e erudito Varrão trabalhou para distribuir entre os deuses seletos, por não sei que interpretação física, que ele obteve de outras fontes, e também conjecturou para si mesmo. Mas essas coisas o único Deus verdadeiro faz e faz, mas como o mesmo Deus, isto é, como Aquele que está totalmente em todos os lugares, incluído em nenhum espaço, não preso por cadeias, mutável em nenhuma parte de seu ser, enchendo céu e terra. com poder onipresente, não com uma natureza carente. Portanto, Ele governa todas as coisas de maneira a permitir que elas executem e exercitem seus próprios movimentos adequados. Pois embora eles não possam ser nada sem Ele, eles não são o que Ele é. Ele também faz muitas coisas por meio de anjos; mas somente de Si mesmo Ele beatifica os anjos. Assim também, embora Ele envie anjos aos homens para certos propósitos, Ele não o faz para todos os que beatificam os homens pelo bem inerente aos anjos, mas por Si mesmo, como Ele faz com os próprios anjos.

CAPÍTULO. 31.-QUAIS OS BENEFÍCIOS QUE DEUS DÁ AOS

SEGUIDORES DA VERDADE PARA DESFRUTAR DE SUA BENÇÃO

1. Pois, além dos benefícios que, de acordo com esta administração da natureza que mencionamos, Ele prodigaliza tanto para bons como para maus, temos dele uma grande manifestação de grande amor, que pertence apenas aos bons. Pois, embora nunca possamos dar graças suficientes a Ele, por sermos, por vivermos, por contemplarmos o céu e a terra, por termos mente e razão para buscar Aquele que fez todas essas coisas, não obstante, que corações, que número de línguas, devem afirmar que são suficientes para dar graças a Ele por isso, que Ele não se afastou totalmente de nós, carregado e sobrecarregado de pecados, avesso à contemplação de Sua luz e cego pelo amor às trevas, que é, de iniquidade, mas nos enviou sua própria Palavra, que é seu único Filho, para que por seu nascimento e sofrimento por nós na carne, que ele assumiu, possamos saber quanto Deus valorizou o homem, e que por esse único sacrifício, possamos ser purificados de todos os nossos pecados, e que, sendo o amor derramado em nossos corações pelo Seu Espírito, possamos, tendo superado todas as dificuldades, chegar ao descanso eterno e à doçura inefável da contemplação de Si mesmo?

CAPÍTULO. 32.-QUE EM NENHUM MOMENTO NO PASSADO FOI DESEJADO O MISTÉRIO DA REDENÇÃO DE CRISTO, MAS EM TODO O MOMENTO FOI DECLARADO, AINDA QUE DE VÁRIAS FORMAS

1. Este mistério da vida eterna, desde os primórdios do gênero humano, foi, por certos sinais e sacramentos próprios dos tempos, anunciado pelos anjos aos que o conheceram. Então o povo hebreu foi congregado em uma república, por assim dizer, para realizar esse mistério; e naquela república foi predito, às vezes por homens que entendiam o que falavam, e às vezes por homens que não entendiam, tudo o que havia acontecido desde o advento de Cristo até agora, e tudo o que acontecerá. Esta mesma nação, também, foi

posteriormente dispersa pelas nações, a fim de testemunhar as escrituras nas quais a salvação eterna em Cristo havia sido declarada. Pois não apenas as profecias contidas em palavras, nem apenas os preceitos para a conduta correta da vida, que ensinam a moral e a piedade, e estão contidos nos escritos sagrados, não apenas estes, mas também os ritos, sacerdócio, tabernáculo ou templo, altares, sacrifícios, cerimônias e tudo o que pertence a esse serviço que é devido a Deus, e que em grego é propriamente chamado λατρεία, - tudo isso significava e anunciava aquelas coisas que nós, que cremos em Jesus Cristo para a vida eterna acredite ter sido cumprido, ou veja em processo de cumprimento, ou acredite com confiança que ainda será cumprido.

CAPÍTULO. 33.-QUE SOMENTE ATRAVÉS DA RELIGIÃO CRISTÃ PODERIA O ENGANO DOS ESPÍRITOS MALIGNOS, QUE SE ALEGRA COM OS ERROS DOS HOMENS, TER SE MANIFESTADO

1. Esta, a única religião verdadeira, foi a única capaz de manifestar que os deuses das nações são os demônios mais impuros, que desejam ser considerados deuses, valendo-se dos nomes de certas almas defuntas ou da aparência de criaturas mundanas , e com orgulhosa impureza regozijando-se nas coisas mais baixas e infames, como se estivesse em honras divinas, e invejando as almas humanas por sua conversão ao verdadeiro Deus. De cujo domínio mais cruel e mais ímpio um homem é libertado quando acredita nAquele que deu um exemplo de humildade, após o qual os homens podem se elevar tanto quanto foi o orgulho pelo qual caíram. Portanto, não são apenas aqueles deuses, sobre os quais já falamos muito, e muitos outros pertencentes a diferentes nações e terras, mas também aqueles de quem estamos tratando agora, que foram escolhidos como se fossem para o senado dos deuses,— escolhidos, porém, pela notoriedade de seus crimes, não pela dignidade de suas virtudes, cujas coisas sagradas Varrão tenta referir-se a certas razões naturais, procurando tornar honrosas as coisas baixas, mas não encontra como equacionar e concorda com

estas razões, porque estas não são as causas daqueles ritos que ele pensa, ou melhor, deseja que sejam pensados assim. Pois se não apenas estas, mas também todas as outras desse tipo, fossem causas reais, embora não tivessem nada a ver com o verdadeiro Deus e a vida eterna, que deve ser buscada na religião, eles teriam, fornecendo algum tipo de razão extraídos da natureza das coisas, atenuaram em algum grau aquela ofensa que foi ocasionada por alguma torpeza ou absurdo nos ritos sagrados, que não foi entendido. Isso ele tentou fazer em relação a certas fábulas dos teatros ou mistérios dos santuários; mas ele não absolveu os teatros de semelhança com os santuários, mas condenou os santuários por semelhança com os teatros. No entanto, ele de alguma forma fez a tentativa de acalmar os sentimentos chocados por coisas horríveis, tornando o que ele teria que ser interpretações naturais.

**CAPÍTULO. 34.-RELATIVA AOS LIVROS DE NUMA
POMPÍLIO (POMPILIUS), QUE O SENADO ORDENOU QUE
FOSSE QUEIMADO , PARA QUE AS CAUSAS DOS DIREITOS
SAGRADOS NELES ATRIBUÍDOS NÃO SE TORNASSEM
CONHECIDAS**

1. Mas, por outro lado, verificamos, como o mesmo erudito relatou, que as causas dos ritos sagrados que foram dados nos livros de Numa Pompílio não podiam de modo algum ser toleradas, e eram consideradas indignas, não apenas para se tornarem conhecidos dos religiosos por serem lidos, mas até mesmo para permanecerem escritos nas trevas em que foram escondidos. Por ora, deixe-me dizer o que prometi no terceiro livro desta obra dizer em seu devido lugar. Pois, como lemos no mesmo livro de Varrão sobre o culto aos deuses, "Um certo Terêncio tinha um campo no Janículo e, uma vez, quando seu lavrador passava o arado perto do túmulo de Numa Pompílio, apareceu do chão os livros de Numa, nos quais estavam escritas as causas das sagradas instituições; quais livros ele levou ao pretor, que, tendo lido o início deles, referiu ao senado o que parecia ser um assunto de tanta importância E quando os senadores-chefes leram

algumas das razões pelas quais este ou aquele rito foi instituído, o senado concordou com o morto Numa, e os padres conscritos, como preocupados com os interesses da religião, ordenaram ao pretor que queimasse os livros. " Que cada um acredite no que pensa; não, que cada defensor de tal impiedade diga qualquer disputa louca que possa sugerir. De minha parte, basta sugerir que as causas das coisas sagradas que foram escritas pelo rei Numa Pompílio, o instituidor dos ritos romanos, nunca deveriam ter se tornado conhecidas do povo ou do Senado, ou mesmo dos próprios sacerdotes; e também que o próprio Numa chegou a esses segredos de demônios por uma curiosidade ilícita, a fim de escrevê-los, para poder, lendo, ser lembrado deles. No entanto, embora ele fosse rei e não tivesse motivos para temer ninguém, ele não ousava ensiná-los a ninguém, nem destruí-los por obliteração ou qualquer outra forma de destruição. Portanto, como não queria que ninguém os conhecesse, para que os homens não aprendessem coisas infames, e porque temia violá-las, para não enfurecer os demônios contra si mesmo, enterrou-os no que julgou ser um lugar seguro. , acreditando que um arado não poderia se aproximar de seu sepulcro. Mas o senado, temendo condenar as solenidades religiosas de seus ancestrais e, portanto, obrigado a concordar com Numa, estava tão convencido de que aqueles livros eram perniciosos, que não ordenou que fossem enterrados novamente, sabendo que a curiosidade humana seria assim excitado por procurar com muito maior avidez o assunto já divulgado, mas ordenou que as escandalosas relíquias fossem destruídas com fogo; porque, como achavam que agora era necessário realizar aqueles ritos sagrados, julgaram que o erro decorrente da ignorância de suas causas era mais tolerável do que a perturbação que o conhecimento deles ocasionaria ao Estado.

CAPÍTULO. 35.-RELATIVA À HIDROMÂNICA ATRAVÉS DA QUAL NUMA FOI ENGANADA POR CERTAS IMAGENS DE DEMÔNIOS VISTOS NA ÁGUA

1. Também o próprio Numa, a quem nenhum profeta de Deus,

nenhum anjo santo foi enviado, foi levado a recorrer à hidromancia, para ver as imagens dos deuses na água (ou melhor, as aparições pelas quais os demônios faziam brincadeira dele), e pode aprender com eles o que ele deve ordenar e observar nos ritos sagrados. Esse tipo de adivinhação, diz Varrão, foi introduzido pelos persas e foi usado pelo próprio Numa, e posteriormente pelo filósofo Pitágoras. Nesta adivinhação, ele diz, eles também perguntam aos habitantes do mundo inferior e fazem uso de sangue; e isso os gregos chamam de νεκρομαντεία. Mas, quer seja chamado de necromancia ou hidromancia, é a mesma coisa, pois em ambos os casos os mortos devem predizer coisas futuras. Mas por quais artifícios essas coisas são feitas, deixem-se considerar; pois não estou disposto a dizer que esses artifícios costumavam ser proibidos pelas leis e serem severamente punidos mesmo nos estados gentios, antes do advento de nosso Salvador. Não estou disposto, digo, a afirmar isso, pois talvez até essas coisas fossem permitidas na época. No entanto, foi por essas artes que Pompílio aprendeu esses ritos sagrados que ele apresentou como fatos, enquanto ocultava suas causas; pois até ele mesmo estava com medo do que havia aprendido. O Senado também fez com que os livros em que essas causas foram registradas fossem queimados. O que é, então, para mim, que Varrão tenta aduzir todos os tipos de interpretações físicas fantasiosas, que se esses livros tivessem contido, eles certamente não teriam sido queimados? Caso contrário, os padres conscritos também teriam queimado os livros que Varrão publicou e dedicou ao sumo sacerdote César. Ora, diz-se que Numa casou-se com a ninfa Egéria, porque (como explica Varrão no livro mencionado) ele carregava água² com a qual realizar sua hidromancia. Assim, os fatos costumam ser convertidos em fábulas por meio de cores falsas. Foi por essa hidromancia, então, que aquele super-curioso rei romano aprendeu tanto os ritos sagrados que deveriam ser escritos nos livros dos sacerdotes, como também as causas desses ritos - que, no entanto, ele não queria que isso acontecesse. qualquer um além dele mesmo deveria saber. Por isso ele fez com que essas causas, por assim dizer, morressem junto com ele, tendo o cuidado de tê-las escritas por si mesmas e removidas do conhecimento dos homens por serem enterradas na terra. Portanto, as coisas que estão escritas nesses livros

eram ou abominações de demônios, tão sujas e nocivas que tornam toda essa teologia civil execrável mesmo aos olhos de homens como aqueles senadores, que aceitaram tantas coisas vergonhosas nos próprios ritos sagrados, ou eles não eram nada mais do que os relatos de homens mortos, a quem, ao longo dos tempos, quase todas as nações gentias passaram a acreditar ser deuses imortais; enquanto esses mesmos demônios se deleitavam mesmo com tais ritos, apresentando-se para receber adoração sob o pretexto de serem aqueles mesmos homens mortos que eles fizeram serem considerados deuses imortais por certos milagres falaciosos, realizados para estabelecer essa crença. Mas, pela providência oculta do Deus verdadeiro, esses demônios foram autorizados a confessar essas coisas a seu amigo Numa, tendo sido adquiridos por aquelas artes através das quais a necromancia poderia ser realizada, e ainda não foram obrigados a admoestá-lo em sua morte para queimar do que enterrar os livros em que foram escritos. Mas, para que esses livros fossem desconhecidos, os demônios não resistiram ao arado com que foram lançados, ou à pena de Varrão, através da qual as coisas que foram feitas em relação a esse assunto chegaram até nosso conhecimento. . Pois eles não são capazes de efetuar nada que não lhes seja permitido; mas eles têm permissão para influenciar aqueles a quem Deus, em Seu profundo e justo julgamento, de acordo com seus méritos, entrega para serem simplesmente afligidos por eles, ou para serem também subjugados e enganados. Mas quão perniciosos esses escritos foram julgados, ou quão alheios ao culto da verdadeira Divindade, pode ser entendido pelo fato de que o Senado preferiu queimar o que Pompílio havia escondido, em vez de temer o que ele temia, para que ele pudesse não ouse fazer isso. Portanto, quem não deseja viver uma vida piedosa ainda agora, busque a vida eterna por meio de tais ritos. Mas aquele que não deseja ter comunhão com demônios malignos não tenha medo da superstição nociva com a qual eles são adorados, mas reconheça a verdadeira religião pela qual eles são desmascarados e vencidos.

LIVRO VIII

ARGUMENTO

AGOSTINHO CHEGA AGORA AO TERCEIRO TIPO DE TEOLOGIA, QUE É A NATURAL, E LEVANTA A QUESTÃO SE A ADORAÇÃO AOS DEUSES DA TEOLOGIA NATURAL (FÍSICA) É DE ALGUMA VANTAGEM PARA GARANTIR A BÊNÇÃO NA VIDA POR VIR. ESTA QUESTÃO ELE PREFERE DISCUTIR COM OS PLATÔNICOS, PORQUE O SISTEMA PLATÔNICO É "PRÍNCIPE FÁCIL" ENTRE AS FILOSOFIAS, E APROXIMA MAIS PRÓXIMO DA VERDADE CRISTÃ. AO PERSEGUIR ESSE ARGUMENTO, ELE PRIMEIRO REFUTA APULEIUS, E TODOS QUE MANTENHAM QUE OS DEMÔNIOS DEVEM SER ADORADOS COMO MENSAGEIROS E MEDIADORES ENTRE DEUSES E HOMENS; DEMONSTRANDO QUE DE NENHUMA POSSIBILIDADE OS HOMENS PODEM SER RECONCILIADOS COM DEUSES BONS PELOS DEMÔNIOS, QUE SÃO OS ESCRAVOS DO VÍCIO, E QUE SE DELICIAM E PATROCINAM O QUE OS HOMENS BONS E SÁBIOS ABOMINAM E CONDENAM, AS FICÇÕES BLASFEMAS DE POETAS, EXPOSIÇÕES DE TEATRO E ARTES MÁGICAS .

CAPÍTULO. 1.-QUE A QUESTÃO DA TEOLOGIA NATURAL (FÍSICA) DEVE SER DISCUTIDA COM OS FILÓSOFOS QUE BUSCAM UMA SABEDORIA MAIS EXCELENTE

1. Exigiremos aplicar nossa mente com muito maior intensidade à presente questão do que foi requerido na solução e desdobramento das questões tratadas nos livros anteriores; pois não é com homens comuns, mas com filósofos que devemos conferir sobre a teologia que eles chamam de natural. Pois não é como o fabuloso, isto é, o teatral; nem a civil, isto é, a teologia urbana: uma das quais expõe os crimes dos deuses, enquanto a outra manifesta seus desejos criminosos, que demonstram que são mais demônios malignos do que deuses. É,

dizemos, com os filósofos que temos que conferir a respeito dessa teologia, homens cujo próprio nome, se traduzido em latim, significa aqueles que professam o amor à sabedoria. Agora, se a sabedoria é Deus, que fez todas as coisas, como é atestado pela autoridade e verdade divinas, então o filósofo é um amante de Deus. Mas como a própria coisa, que é chamada por esse nome, não existe em todos os que se gloriam no nome, pois não se segue, é claro, que todos os que são chamados de filósofos sejam amantes da verdadeira sabedoria, devemos selecionar do número daqueles cujas opiniões pudemos nos familiarizar pela leitura, alguns com os quais não podemos indignamente nos envolver no tratamento desta questão. Pois não me empenhei nesta obra para refutar todas as opiniões vãs dos filósofos, mas apenas as que dizem respeito à teologia, palavra grega que entendemos significar um relato ou explicação da natureza divina. Tampouco me incumbi de refutar todas as vãs opiniões teológicas de todos os filósofos, mas apenas daqueles que, concordando na crença de que existe uma natureza divina, e que esta natureza divina se preocupa com os assuntos humanos, não obstante, negue que a adoração do único Deus imutável seja suficiente para a obtenção de uma vida abençoada após a morte, bem como no tempo presente; e sustentam que, a fim de obter essa vida, muitos deuses, criados, de fato, e designados para suas várias esferas por esse único Deus, devem ser adorados. Estes se aproximam mais da verdade do que Varrão; pois, embora ele não visse dificuldade em estender a teologia natural em sua totalidade até ao mundo e à alma do mundo, estes reconhecem Deus como existindo acima de tudo o que é da natureza da alma, e como o Criador não apenas deste mundo visível, que muitas vezes é chamado de céu e terra, mas também de toda alma, e como Aquele que dá bem-aventurança à alma racional – de que tipo é a alma humana – pela participação em Sua própria luz imutável e incorpórea. Não há ninguém, que tenha um conhecimento mínimo dessas coisas, que não conheça os filósofos platônicos, que derivam seu nome de seu mestre Platão. A respeito desse Platão, então, exporei brevemente as coisas que julgo necessárias à presente questão, mencionando de antemão aqueles que o precederam no tempo no mesmo departamento de literatura.

CAPÍTULO. 2.-QUANTO ÀS DUAS ESCOLAS DE FILÓSOFOS, OU SEJA, A ITÁLICA E A JÔNICA, E SEUS FUNDADORES

1. No que diz respeito à literatura dos gregos, cuja língua ocupa um lugar mais ilustre do que qualquer das línguas das outras nações, a história menciona duas escolas de filósofos, a chamada escola itálica, originária daquela parte da Itália que foi anteriormente chamado Magna Græcia; a outra chamada de escola jônica, tendo sua origem naquelas regiões que ainda são chamadas pelo nome de Grécia. A escola itálica teve como fundador Pitágoras de Samos, a quem também se diz que o termo "filosofia" deve a sua origem. Pois enquanto antigamente aqueles que pareciam superar os outros pela maneira louvável com que regulavam suas vidas eram chamados de sábios, Pitágoras, ao ser perguntado sobre o que professava, respondeu que era um filósofo, isto é, um estudante ou amante da sabedoria; pois lhe parecia o cúmulo da arrogância professar-se um sábio. O fundador da escola jônica, novamente, foi Tales de Mileto, um dos sete que foram denominados os "sete sábios", dos quais seis se distinguiam pelo tipo de vida que viviam e por certas máximas que proferiam para os conduta adequada da vida. Tales foi distinguido como um investigador da natureza das coisas; e, para ter sucessores em sua escola, ele escreveu suas dissertações. O que, no entanto, o tornou especialmente eminente foi sua capacidade, por meio de cálculos astronômicos, até mesmo de prever eclipses do sol e da lua. Ele pensava, no entanto, que a água era o primeiro princípio das coisas, e que dela todos os elementos do mundo, o próprio mundo e todas as coisas que são geradas nele, consistem em última instância. Sobre todo esse trabalho, porém, que, quando consideramos o mundo, parece tão admirável, ele nada colocou sobre a natureza da mente divina. A ele sucedeu Anaximandro, seu discípulo, que tinha uma opinião diferente sobre a natureza das coisas; pois ele não sustentou que todas as coisas brotam de um princípio, como Tales fez, que considerou esse princípio ser a água, mas pensou que cada coisa brota de seu próprio princípio próprio. Esses princípios de coisas ele acreditava serem infinitos em

número, e pensava que eles geravam inumeráveis mundos, e todas as coisas que surgem neles. Ele pensava, também, que esses mundos estão sujeitos a um processo perpétuo de dissolução e regeneração alternados, cada um continuando por um período de tempo mais longo ou mais curto, de acordo com a natureza do caso; nem ele, mais do que Tales, atribuiu nada a uma mente divina na produção de toda essa atividade das coisas. Anaximandro deixou como sucessor seu discípulo Anaxímenes, que atribuiu todas as causas das coisas a um ar infinito. Ele não negou nem ignorou a existência de deuses, mas, longe de acreditar que o ar foi feito por eles, ele sustentou, ao contrário, que eles surgiram do ar. Anaxágoras, no entanto, que foi seu aluno, percebeu que uma mente divina era a causa produtiva de todas as coisas que vemos, e disse que todos os vários tipos de coisas, de acordo com seus vários modos e espécies, foram produzidos de uma matéria infinita, consistindo de partículas homogêneas, mas pela eficiência de uma mente divina. Diógenes, também, outro discípulo de Anaxímenes, disse que um certo ar era a substância original das coisas, da qual todas as coisas foram produzidas, mas que possuía uma razão divina, sem a qual nada poderia ser produzido a partir dele. Anaxágoras foi sucedido por seu discípulo Arquelaus, que também pensava que todas as coisas consistiam em partículas homogêneas, das quais cada coisa particular era feita, mas que essas partículas eram permeadas por uma mente divina, que energizava perpetuamente todos os corpos eternos, a saber, aqueles partículas, de modo que sejam alternadamente unidas e separadas. Diz-se que Sócrates, o mestre de Platão, foi discípulo de Arquelaus; e é por causa de Platão que dei este breve esboço histórico de toda a história dessas escolas.

CAPÍTULO. 3.-DA FILOSOFIA SOCRÁTICA

1. Diz-se que Sócrates foi o primeiro que direcionou todo o esforço da filosofia para a correção e regulação dos costumes, todos os que o precederam tendo despendido seus maiores esforços na investigação dos fenômenos físicos, isto é, naturais. No entanto, parece-me que não se pode descobrir com certeza se Sócrates fez isso porque estava

cansado de coisas obscuras e incertas, e assim desejava dirigir sua mente para a descoberta de algo manifesto e certo, que era necessário para obter de uma vida abençoada – aquele grande objetivo para o qual o trabalho, a vigilância e a indústria de todos os filósofos parecem ter sido direcionados – ou se (como alguns ainda mais favoráveis a ele supõem) ele o fez porque não queria que as mentes contaminadas com desejos terrenos devem tentar elevar-se às coisas divinas. Pois ele viu que as causas das coisas eram procuradas por eles – causas que ele acreditava serem, em última análise, redutíveis a nada mais do que a vontade do único Deus verdadeiro e supremo – e por isso ele pensou que elas só poderiam ser compreendidas por uma mente purificada; e, portanto, que toda diligência deve ser dada à purificação da vida pelos bons costumes, a fim de que a mente, libertada do peso deprimente das concupiscências, possa elevar-se por seu vigor nativo às coisas eternas, e pode, com entendimento purificado, contemple essa natureza que é luz incorpórea e imutável, onde vivem as causas de todas as naturezas criadas. É evidente, no entanto, que ele caçava e perseguia, com uma maravilhosa amabilidade de estilo e argumentação, e com uma urbanidade aguçada e insinuante, a tolice de homens ignorantes, que pensavam saber isto ou aquilo, - às vezes confessando sua própria ignorância, e às vezes dissimulando seu conhecimento, mesmo naquelas mesmas questões morais para as quais ele parece ter dirigido toda a força de sua mente. E daí surgiu a hostilidade contra ele, que terminou em ser caluniosamente acusado e condenado à morte. Depois, porém, a mesma cidade dos atenienses, que o havia condenado publicamente, lamentou-o publicamente, tendo a indignação popular se voltado com tanta veemência sobre seus acusadores, que um deles pereceu pela violência da multidão, enquanto o outro apenas escapou de um castigo semelhante pelo exílio voluntário e perpétuo.

Ilustre, portanto, tanto em sua vida quanto em sua morte, Sócrates deixou muitíssimos discípulos de sua filosofia, que competiam entre si no desejo de proficiência no tratamento das questões morais que dizem respeito ao bem principal (*summum bonum*), cuja posse pode tornar um homem abençoado; e porque, nas disputas de Sócrates,

onde ele levanta todo tipo de questões, faz asserções e depois as derruba, evidentemente não parecia o que ele considerava o principal bem, cada um tirava dessas disputas o que mais lhe agradava, e cada um colocou o bem final em tudo o que parecia consistir. Agora, o que é chamado de bem final é aquele em que, quando se chega, ele é abençoado. Mas tão diversas eram as opiniões dos seguidores de Sócrates a respeito desse bem final, que (coisa que dificilmente se deve acreditar em relação aos seguidores de um mestre) alguns colocaram o chefe bom no prazer, como Aristipo, outros na virtude, como Antístenes. De fato, era tedioso relatar as várias opiniões de vários discípulos.

CAPÍTULO. 4.-RELATIVA A PLATÃO, O CHEFE ENTRE OS DISCÍPULOS DE SÓCRATES, E SUA TRÊS DIVISÃO DE FILOSOFIA

1. Mas, entre os discípulos de Sócrates, Platão foi aquele que brilhou com uma glória que superou em muito a dos outros, e que não eclipsou injustamente todos eles. Por nascimento, um ateniense de ascendência honrosa, ele superou em muito seus condiscípulos em dotes naturais, dos quais ele possuía em um grau maravilhoso. No entanto, considerando a si mesmo e a disciplina socrática longe de serem suficientes para levar a filosofia à perfeição, ele viajou o máximo que pôde, indo a todos os lugares famosos pelo cultivo de qualquer ciência da qual pudesse se tornar mestre. Assim, ele aprendeu com os egípcios tudo o que eles consideravam e ensinavam como importante; e do Egito, passando para aquelas partes da Itália que estavam cheias da fama dos pitagóricos, ele dominou, com a maior facilidade e sob os mais eminentes mestres, toda a filosofia itálica que estava em voga. E, como tinha um amor peculiar por seu mestre Sócrates, fazia dele o orador de todos os seus diálogos, pondo na boca tudo o que aprendia, seja dos outros, seja pelos esforços de seu próprio intelecto poderoso, temperando até mesmo sua moral. disputas com a graça e polidez do estilo socrático. E, como o estudo da sabedoria consiste em ação e contemplação, de modo que uma parte dela pode ser chamada ativa e

a outra contemplativa, – a parte ativa referindo-se à conduta da vida, isto é, à regulação da moral, e a parte contemplativa para a investigação das causas da natureza e da verdade pura,— Assim , diz-se que Crates se destacou na parte ativa desse estudo, enquanto Pitágoras deu mais atenção à sua parte contemplativa, sobre a qual ele fez valer tudo. a força de seu grande intelecto. A Platão é dado o elogio de ter aperfeiçoado a filosofia combinando ambas as partes em uma. Ele então o divide em três partes – a primeira moral, que é principalmente ocupada com a ação; o segundo natural, cujo objeto é a contemplação; e o terceiro racional, que discrimina entre o verdadeiro e o falso. E embora esta última seja necessária tanto para a ação quanto para a contemplação, é a contemplação, no entanto, que reivindica peculiarmente o ofício de investigar a natureza da verdade. Assim, esta divisão tripartite não é contrária àquela que fez o estudo da sabedoria consistir em ação e contemplação. Agora, quanto ao que Platão pensava a respeito de cada uma dessas partes, isto é, o que ele acreditava ser o fim de todas as ações, a causa de todas as naturezas e a luz de todas as inteligências, seria uma questão também muito tempo para discutir, e sobre o qual não devemos fazer nenhuma afirmação precipitada. Pois, como Platão gostava e afetava constantemente o conhecido método de seu mestre Sócrates, a saber, o de dissimular seu conhecimento ou suas opiniões, não é fácil descobrir claramente o que ele mesmo pensava sobre vários assuntos, mais do que descobrir quais eram as verdadeiras opiniões de Sócrates. Devemos, no entanto, inserir em nosso trabalho algumas das opiniões que ele expressa em seus escritos, quer ele mesmo as pronunciou, quer as narra como expressas por outros, e parece aprovar, opiniões às vezes favoráveis à verdadeira religião, que a nossa fé assume e defende, e às vezes contrária a ela, como, por exemplo, nas questões relativas à existência de um Deus ou de muitos, no que se refere à vida verdadeiramente abençoada que é após a morte. Para aqueles que são elogiados por terem seguido mais de perto Platão, que é justamente preferido a todos os outros filósofos dos gentios, e que se diz ter manifestado a maior agudeza em entendê-lo, talvez tenham uma idéia de Deus a ponto de admitir que nEle se encontra a causa da existência, a razão última do entendimento e o fim em relação ao qual toda a vida

deve ser regulada. Das três coisas, a primeira é entendida como pertencente à parte natural, a segunda à racional e a terceira à parte moral da filosofia. Pois se o homem foi criado para alcançar, por meio do que há de mais excelente nele, o que excede todas as coisas, isto é, o único Deus verdadeiro e absolutamente bom, sem o qual nenhuma natureza existe, nenhuma doutrina instrui, nenhum exercício lucra – que seja procurado em quem todas as coisas são seguras para nós, que seja descoberto em quem toda a verdade se torna certa para nós, que seja amado em quem tudo se torna certo para nós.

CAPÍTULO. 5.-QUE É ESPECIALMENTE COM OS PLATONISTAS QUE DEVEMOS CONTINUAR NOSSOS DISPUTAS SOBRE MATÉRIAS DE TEOLOGIA, SENDO SUAS OPINIÕES PREFERIDAS ÀS DE TODOS OS OUTROS FILÓSOFOS

1. Se, então, Platão definiu o sábio como aquele que imita, conhece, ama esse Deus, e que é abençoado pela comunhão com Ele em sua própria bem-aventurança, por que discutir com os outros filósofos? É evidente que ninguém se aproxima mais de nós do que os platônicos. A eles, portanto, dê lugar aquela teologia fabulosa que deleita as mentes dos homens com os crimes dos deuses; e também aquela teologia civil, na qual demônios impuros, sob o nome de deuses, seduziram os povos da terra, entregues aos prazeres terrenos, desejando ser honrados pelos erros dos homens e enchendo as mentes de seus adoradores com impuros desejos, excitando-os a fazer da representação de seus crimes um dos ritos de seu culto, enquanto eles mesmos encontravam nos espectadores dessas exibições um espetáculo muito agradável – uma teologia em que tudo o que era honroso no templo era profanado por sua mistura com a obscenidade do teatro, e tudo o que era vil no teatro era justificado pelas abominações dos templos. A esses filósofos também devem dar lugar as interpretações de Varrão, nas quais ele explica os ritos sagrados como tendo referência ao céu e à terra, e às sementes e operações de coisas perecíveis; pois, em primeiro lugar, esses ritos não têm o

significado que ele gostaria que os homens acreditassem estar ligado a eles e, portanto, a verdade não o segue em sua tentativa de interpretá-los; e mesmo que tivessem esse significado, ainda assim não devem ser adoradas pela alma racional como seu deus as coisas que são colocadas abaixo dela na escala da natureza, nem a alma deve preferir a si mesma como deuses as coisas às quais o verdadeiro Deus deu preferência. O mesmo deve ser dito dos escritos relativos aos ritos sagrados, que Numa Pompílio teve o cuidado de ocultar, fazendo com que fossem enterrados junto com ele, e que, depois de serem revolvidos pelo arado, foram queimados por ordem do senado. E, para tratar Numa com toda a honra, mencionemos como pertencente ao mesmo nível desses escritos o que Alexandre da Macedônia escreveu a sua mãe, conforme comunicado a ele por Leão, um sumo sacerdote egípcio. Nesta carta, não apenas Pico e Fauno, e Enéias e Rômulo ou mesmo Hércules, e Esculápio e Liber, nascidos de Semele, e os filhos gêmeos de Tíndaro, ou quaisquer outros mortais que tenham sido deificados, mas também os próprios deuses principais, para a quem Cícero, em suas perguntas tusculanas,² alude sem mencionar seus nomes, Júpiter, Juno, Saturno, Vulcano, Vesta e muitos outros que Varrão tenta identificar com as partes ou os elementos do mundo, são mostrados como homens. Há, como dissemos, uma semelhança entre este caso e o de Numa; pois o padre, temendo por ter revelado um mistério, implorou fervorosamente a Alexandre que mandasse sua mãe queimar a carta que lhe transmitia essas comunicações. Que essas duas teologias, a fabulosa e a civil, deem lugar aos filósofos platônicos, que reconheceram o verdadeiro Deus como o autor de todas as coisas, a fonte da luz da verdade e o generoso doador de toda bem-aventurança. E não apenas estes, mas a esses grandes reconhecedores de tão grande Deus, aqueles filósofos devem ceder aqueles que, tendo sua mente escravizada ao seu corpo, supuseram que os princípios de todas as coisas fossem materiais; como Tales, que sustentava que o primeiro princípio de todas as coisas era a água; Anaxímenes, que era ar; os estóicos, que era fogo; Epicuro, que afirmou que ela consistia de átomos, ou seja, de minúsculos corpúsculos; e muitos outros que é desnecessário enumerar, mas que acreditavam que os corpos, simples ou compostos, animados ou inanimados, mas ainda assim corpos,

eram a causa e o princípio de todas as coisas. Alguns deles - como, por exemplo, os epicuristas - acreditavam que os seres vivos poderiam se originar de coisas sem vida; outros sustentavam que todas as coisas vivas ou sem vida brotam de um princípio vivo, mas que, no entanto, todas as coisas, sendo materiais, brotam de um princípio material. Pois os estóicos pensavam que o fogo, isto é, um dos quatro elementos materiais dos quais este mundo visível é composto, era vivo e inteligente, o criador do mundo e de todas as coisas nele contidas - que era de fato Deus . Estes e outros como eles só puderam supor o que seus corações escravizados aos sentidos lhes sugeriram em vão. E, no entanto, eles têm dentro de si algo que não podiam ver: eles representavam para si mesmos interiormente coisas que viam por fora, mesmo quando não as viam, mas apenas pensavam nelas. Mas essa representação no pensamento não é mais um corpo, mas apenas a similitude de um corpo; e essa faculdade da mente pela qual essa semelhança de um corpo é vista não é um corpo nem a semelhança de um corpo; e a faculdade que julga se a representação é bela ou feia é sem dúvida superior ao objeto julgado. Este princípio é a compreensão do homem, a alma racional; e certamente não é um corpo, já que a semelhança de um corpo que ele contempla e julga não é um corpo. A alma não é terra, nem água, nem ar, nem fogo, dos quais quatro corpos, chamados os quatro elementos, vemos que este mundo é composto. E se a alma não é um corpo, como Deus, seu Criador, deveria ser um corpo? Que todos esses filósofos, então, deem lugar, como dissemos, aos platônicos, e também aqueles que se envergonharam de dizer que Deus é um corpo, mas ainda pensaram que nossas almas são da mesma natureza que Deus. Não se espantam com a grande mutabilidade da alma, atributo que seria ímpio atribuir à natureza divina, mas dizem que é o corpo que muda a alma, pois em si mesmo é imutável. Assim como eles poderiam dizer: "A carne é ferida por algum corpo, pois em si mesma é invulnerável". Em uma palavra, aquilo que é imutável não pode ser mudado por nada, de modo que aquilo que pode ser mudado pelo corpo não pode ser considerado imutável.

CAPÍTULO. 6.-RELATIVA AO SIGNIFICADO DOS PLATONISTAS NAQUELA PARTE DA FILOSOFIA CHAMADA FÍSICA (NATURAL)

1. Esses filósofos, então, que não vemos imerecidamente exaltados acima dos demais em fama e glória, viram que nenhum corpo material é Deus e, portanto, transcenderam todos os corpos em busca de Deus. Eles viram que tudo o que é mutável não é o Deus Altíssimo e, portanto, transcenderam todas as almas e todos os espíritos mutáveis em busca do supremo. Eles viram também que, em toda coisa mutável, a forma que a torna o que é, qualquer que seja seu modo ou natureza, só pode ser por meio daquele que verdadeiramente é, porque ele é imutável. E, portanto, se considerarmos todo o corpo do mundo, sua figura, qualidades e movimento ordenado, e também todos os corpos que estão nele; ou se consideramos toda a vida, seja aquela que nutre e mantém, como a vida das árvores, ou aquela que, além disso, também tem sensação, como a vida dos animais; ou o que acrescenta a todas essas inteligências, como a vida do homem; ou aquilo que não precisa do suporte de nutrição, mas apenas mantém, sente, entende, como a vida dos anjos – tudo só pode ser por meio daquele que absolutamente é. Pois para Ele não é uma coisa ser, e outra viver, como se pudesse ser, não vivendo; nem é para Ele uma coisa viver, e outra coisa entender, como se Ele pudesse viver, sem entender; nem é para Ele uma coisa entender, outra coisa ser abençoado, como se Ele pudesse entender e não ser abençoado. Mas para Ele viver, entender, ser abençoado, é ser. Eles entenderam, desta imutabilidade e desta simplicidade, que todas as coisas devem ter sido feitas por Ele, e que Ele mesmo não poderia ter sido feito por ninguém. Pois eles consideraram que tudo o que é é corpo ou vida, e que a vida é algo melhor que o corpo, e que a natureza do corpo é sensível e a da vida inteligível. Portanto, eles preferiram a natureza inteligível à sensível. Entendemos por coisas sensíveis aquelas que podem ser percebidas pela visão e toque do corpo; por coisas inteligíveis, tais como podem ser entendidas pela visão da mente. Pois não há beleza corporal, seja na condição de um corpo, como figura, ou em seu movimento, como na música, da qual não é a mente que julga. Mas isso nunca poderia

ter acontecido, se não existisse na própria mente uma forma superior dessas coisas, sem volume, sem ruído de voz, sem espaço e tempo. Mas mesmo a respeito dessas coisas, se a mente não fosse mutável, não seria possível a um julgar melhor do que outro sobre as formas sensíveis. O inteligente julga melhor do que o lento, o hábil do que o inábil, o experiente do que o inexperiente; e a mesma pessoa julga melhor depois de ganhar experiência do que antes. Mas o que é capaz de mais e menos é mutável; de onde os homens capazes, que pensaram profundamente sobre essas coisas, concluíram que a primeira forma não pode ser encontrada naquelas coisas cuja forma é mutável. Visto que, portanto, eles viram que corpo e mente podem ser mais ou menos belos na forma, e que, se eles quisessem forma, eles não poderiam ter existência, eles viram que existe alguma existência na qual é a primeira forma, imutável, e portanto, não admitindo graus de comparação, e naquilo que eles acreditavam com razão, era o primeiro princípio das coisas que não foram feitas, e pelo qual todas as coisas foram feitas. Portanto, o que é conhecido de Deus Ele manifestou a eles quando Suas coisas invisíveis foram vistas por eles, sendo compreendidas pelas coisas que foram feitas; também Seu poder eterno e Divindade por quem todas as coisas visíveis e temporais foram criadas. Já dissemos o suficiente sobre aquela parte da teologia que eles chamam de física, isto é, natural.

CAPÍTULO. 7.-QUANTO OS PLATONISTAS DEVEM SER CONSIDERADOS COMO EXCELENTES OUTROS FILÓSOFOS EM LÓGICA, E FILOSOFIA RACIONAL

1. Então, novamente, no que diz respeito à doutrina que trata do que eles chamam de lógica, ou seja, filosofia racional, longe de nós compará-los com aqueles que atribuíram aos sentidos corporais a faculdade de discernir a verdade, e pensamento, que tudo o que aprendemos é ser medido por suas regras não confiáveis e falaciosas. Tais eram os epicuristas, e todos da mesma escola. Assim também eram os estóicos, que atribuíam aos sentidos corporais aquela perícia na disputa que eles tanto amam, chamada por eles de dialética,

afirmando que dos sentidos a mente concebe as noções (ἐννοιαί) daquelas coisas que eles explicam por definição. E assim é desenvolvido todo o plano e conexão de seu aprendizado e ensino. Muitas vezes me pergunto, com respeito a isso, como eles podem dizer que ninguém é belo senão o sábio; pois com que sentido corporal eles perceberam essa beleza, com que olhos da carne eles viram a beleza da forma da sabedoria? Aqueles, porém, que justamente colocamos acima de todos os outros, distinguiram as coisas que são concebidas pela mente daquelas que são percebidas pelos sentidos, não tirando dos sentidos nada de que sejam competentes, nem lhes atribuindo nada além sua competência. E a luz de nossos entendimentos, pela qual todas as coisas são aprendidas por nós, eles afirmaram ser o mesmo Deus por quem todas as coisas foram feitas.

CAPÍTULO. 8.-QUE OS PLATONISTAS DETEREM O PRIMEIRO LUGAR NA FILOSOFIA MORAL TAMBÉM

1. A parte restante da filosofia é a moral, ou o que é chamado pelos gregos de ἠθική, em que se discute a questão do bem principal, o que não nos deixará mais nada a buscar para sermos abençoados, se apenas fizermos todas as nossas ações se referem a ele, e o buscam não por causa de outra coisa, mas por si mesmo. Por isso é chamado fim, porque desejamos outras coisas por causa dele, mas ele mesmo apenas por si mesmo. Este bem beatífico, portanto, segundo alguns, vem ao homem do corpo, segundo outros, da mente e, segundo outros, de ambos juntos. Pois eles viram que o próprio homem consiste em alma e corpo; e, portanto, eles acreditavam que de qualquer um desses dois, ou de ambos juntos, seu bem-estar deve proceder, consistindo em um certo bem final, que poderia torná-los bem-aventurados, e ao qual eles poderiam se referir a todas as suas ações, não exigindo nada ulterior. ao qual referir esse próprio bem. É por isso que aqueles que acrescentaram um terceiro tipo de coisas boas, que chamam de extrínsecas, como honra, glória, riqueza e outras semelhantes, não as consideraram como parte do bem final, isto é, a ser buscado. por si mesmos, mas como coisas que devem ser buscadas por causa de outra

coisa , afirmando que esse tipo de bem é bom para o bem e mal para o mal. Portanto, se eles buscaram o bem do homem da mente ou do corpo, ou de ambos juntos, ainda assim é apenas do homem que eles supõem que deve ser buscado. Mas aqueles que o buscaram no corpo o buscaram na parte inferior do homem; aqueles que o buscaram da mente, da parte superior; e aqueles que o buscaram de ambos, de todo o homem. Se, portanto, eles o buscaram de qualquer parte ou de todo o homem, ainda assim eles o buscaram apenas no homem; nem essas diferenças, sendo três, deram origem apenas a três seitas dissidentes de filósofos, mas a muitas. Pois diversos filósofos sustentaram opiniões diversas, tanto a respeito do bem do corpo, quanto do bem da mente, e do bem de ambos juntos. Deixe, portanto, tudo isso dar lugar àqueles filósofos que não afirmaram que um homem é abençoado pelo gozo do corpo, ou pelo gozo da mente, mas pelo gozo de Deus - desfrutando dele, no entanto, não como a mente faz o corpo ou a si mesma, ou como um amigo desfruta de outro, mas como os olhos desfrutam da luz, se, de fato, podemos fazer alguma comparação entre essas coisas. Mas qual é a natureza dessa comparação, se Deus me ajudar, será mostrada em outro lugar, com o melhor de minha capacidade. No momento, basta mencionar que Platão determinou que o bem último é viver segundo a virtude, e afirmou que só pode alcançar a virtude quem conhece e imita a Deus, cujo conhecimento e imitação são a única causa da bem-aventurança. Portanto, ele não duvidou que filosofar é amar a Deus, cuja natureza é incorpórea. De onde certamente se segue que o estudante da sabedoria, isto é, o filósofo, será abençoado quando começar a desfrutar de Deus. Pois, embora não seja necessariamente bem-aventurado aquele que desfruta daquilo que ama (pois muitos são miseráveis por amar o que não deve ser amado, e ainda mais miseráveis quando desfrutam disso), não obstante, ninguém é bem-aventurado quem não desfruta daquilo que ele ama. O amor é. Pois mesmo aqueles que amam as coisas que não devem ser amadas não se consideram bem-aventurados apenas amando, mas desfrutando delas. Quem, então, senão o mais miserável negará que é bem-aventurado aquele que desfruta daquilo que ama e ama o verdadeiro e supremo bem? Mas o verdadeiro e supremo bem, segundo Platão, é Deus e, portanto, ele o chamaria de

filósofo que ama a Deus; pois a filosofia é dirigida à obtenção da vida abençoada, e aquele que ama a Deus é abençoado no desfrute de Deus.

CAPÍTULO. 9.-RELATIVA À FILOSOFIA QUE MAIS SE APROXIMA DA FÉ CRISTÃ

1. Tudo o que os filósofos, portanto, pensavam sobre o Deus supremo, que Ele é tanto o criador de todas as coisas criadas, a luz pela qual as coisas são conhecidas, quanto o bem em referência ao qual as coisas devem ser feitas; que temos nEle o primeiro princípio da natureza, a verdade da doutrina e a felicidade da vida – se esses filósofos podem ser chamados mais adequadamente de platônicos, ou se podem dar algum outro nome à sua seita; se, dizemos, apenas os principais homens da escola jônica, como o próprio Platão, e aqueles que o compreenderam bem, pensaram assim; ou se também incluímos a escola itálica, por causa de Pitágoras e dos pitagóricos, e todos os que podem ter tido opiniões semelhantes; e, finalmente, se também incluímos todos os que foram considerados sábios e filósofos entre todas as nações que viram e ensinaram isso, sejam eles atlânticos, líbios, egípcios, indianos, persas, caldeus, citas, gauleses, espanhóis, ou de outras nações – nós os preferimos a todos os outros filósofos e confessamos que eles se aproximam mais de nós.

CAPÍTULO. 10.-QUE A EXCELÊNCIA DA RELIGIÃO CRISTÃ ESTÁ ACIMA DE TUDO A CIÊNCIA DOS FILÓSOFOS

1. Pois, embora um cristão instruído apenas em literatura eclesiástica possa talvez ignorar o próprio nome de platônicos, e nem mesmo saber que existiram duas escolas de filósofos que falam a língua grega, a saber, a jônica e a itálica, ele no entanto, não é tão surdo em relação aos assuntos humanos, a ponto de não saber que os filósofos professam o estudo, e mesmo a posse, da sabedoria. Ele está em guarda, no entanto, com respeito àqueles que filosofam de acordo com os elementos deste mundo, não de acordo com Deus, por quem o

próprio mundo foi feito; pois ele é advertido pelo preceito do apóstolo, e fielmente ouve o que foi dito: "Cuidado para que ninguém vos engane com filosofia e vãs sutilezas, segundo os rudimentos do mundo." Então, para que ele não suponha que todos os filósofos são tais, ele ouve o mesmo apóstolo dizer a respeito de alguns deles: "Porque o que é conhecido de Deus é manifesto entre eles, porque Deus o manifestou a eles. as coisas invisíveis desde a criação do mundo são claramente vistas, sendo compreendidas pelas coisas que são feitas, também o seu eterno poder e divindade. capaz de entender: "Nele vivemos, e nos movemos, e existimos", ele continua dizendo: "Como certos de vocês também disseram". Ele também sabe muito bem estar alerta até mesmo contra esses filósofos em seus erros. Pois onde foi dito por ele, "que Deus lhes manifestou por aquelas coisas que se tornaram suas coisas invisíveis, para que possam ser vistas pelo entendimento", também foi dito que eles não adoraram corretamente o próprio Deus. , porque eles pagaram honras divinas, que são devidas somente a ele, a outras coisas também a que não deveriam tê-los pago, - "porque, conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus; nem foram agradecidos, mas tornaram-se vãos em seus pensamentos, e o seu coração insensato se obscureceu; Dizendo- se sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis ;"2 - onde o apóstolo quer que o entendamos como significando os romanos, gregos e egípcios, que se gloriaram em nome da sabedoria; mas a respeito disso discutiremos com eles depois. No que diz respeito, porém, ao que eles concordam conosco, nós os preferimos a todos os outros, a saber, quanto ao único Deus, o autor deste universo, que não está apenas acima de todos os corpos, sendo incorpóreo, mas também acima de todas as almas, sendo incorruptível. — nosso princípio, nossa luz, nosso bem. 2. E embora o homem cristão, sendo ignorante de seus escritos, não use em disputa palavras que ele não aprendeu, - não chamando essa parte da filosofia natural (que é o termo latino) ou física (que é o termo grego)), que trata da investigação da natureza; ou aquela parte racional, ou lógica, que trata da questão de como a verdade pode ser descoberta; ou aquela parte moral, ou ética, que diz respeito à moral e mostra como o

bem deve ser buscado e o mal evitado – ele não ignora, portanto, que é do único Deus verdadeiro e supremamente bom que temos natureza na qual somos feitos à imagem de Deus, e aquela doutrina pela qual nós O conhecemos e a nós mesmos, e aquela graça pela qual, ao nos apegarmos a Ele, somos abençoados. Esta, portanto, é a razão pela qual preferimos estes a todos os outros, porque, enquanto outros filósofos esgotaram suas mentes e poderes na busca das causas das coisas e se esforçando para descobrir o modo correto de aprender e viver, estes, conhecendo a Deus, encontraram onde reside a causa pela qual o universo foi constituído, e a luz pela qual a verdade deve ser descoberta, e a fonte na qual a felicidade deve ser bebida. Todos os filósofos, então, que tiveram esses pensamentos sobre Deus, sejam platônicos ou outros, concordam conosco. Mas achamos melhor pleitear nossa causa junto aos platônicos, porque seus escritos são mais conhecidos. Pois os gregos, cuja língua ocupa o lugar mais alto entre as línguas dos gentios, são barulhentos em seus louvores a esses escritos; e os latinos, tomados com sua excelência, ou seu renome, estudaram-nos com mais entusiasmo do que outros escritos e, traduzindo-os para nossa língua, deram-lhes maior celebridade e notoriedade.

CAPÍTULO. 11.-COMO PLATÃO FOI CAPAZ DE SE APROXIMAR TÃO DO CONHECIMENTO CRISTÃO

1. Certos participantes conosco da graça de Cristo se admiram quando ouvem e lêem que Platão tinha concepções a respeito de Deus, nas quais reconhecem considerável concordância com a verdade de nossa religião. Alguns concluíram disso que, quando ele foi ao Egito, ouviu o profeta Jeremias ou, enquanto viajava pelo mesmo país, leu as escrituras proféticas, opinião que eu mesmo expressei em alguns de meus escritos. Mas um cálculo cuidadoso de datas, contido na história cronológica, mostra que Platão nasceu cerca de cem anos depois do tempo em que Jeremias profetizou, e, como ele viveu oitenta e um anos, descobriu-se que havia cerca de setenta anos desde seu nascimento. morte até aquele momento em que Ptolomeu, rei do

Egito, pediu que as escrituras proféticas do povo hebreu lhe fossem enviadas da Judéia, e as entregou a setenta hebreus, que também conheciam a língua grega, para serem traduzidas e guardadas. Portanto, naquela sua viagem, Platão não poderia ter visto Jeremias, que havia morrido há muito tempo, nem ter lido as mesmas escrituras que ainda não haviam sido traduzidas para a língua grega, da qual ele era mestre, a menos, de fato, dizemos que, como ele era muito zeloso na busca do conhecimento, ele também estudou esses escritos por meio de um intérprete, como fez os dos egípcios - não, de fato, escrevendo uma tradução deles (as facilidades para fazer que eram apenas ganho até mesmo por Ptolomeu em troca de atos generosos de bondade,⁴ embora o medo de sua autoridade real pudesse parecer um motivo suficiente), mas aprendendo o máximo que podia sobre seu conteúdo por meio de conversas. O que garante essa suposição são os versículos iniciais de Gênesis: "No princípio Deus fez os céus e a terra. E a terra era invisível e sem ordem, e havia trevas sobre o abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre as águas". Pois no Timeu, ao escrever sobre a formação do mundo, ele diz que Deus primeiro uniu a terra e o fogo; a partir do qual é evidente que ele atribui ao fogo um lugar no céu. Essa opinião tem certa semelhança com a afirmação: "No princípio Deus fez os céus e a terra". Platão fala a seguir desses dois elementos intermediários, água e ar, pelos quais os outros dois extremos, a saber, terra e fogo, foram mutuamente unidos; a partir de qual circunstância ele acredita ter entendido as palavras: "O Espírito de Deus se movia sobre as águas". Pois, não prestando atenção suficiente às designações dadas por essas escrituras ao Espírito de Deus, ele pode ter pensado que os quatro elementos são mencionados naquele lugar, porque o ar também é chamado de espírito. Então, quanto à afirmação de Platão de que o filósofo é um amante de Deus, nada brilha mais visivelmente nesses escritos sagrados. Mas o mais impressionante a esse respeito, e o que mais me inclina quase a concordar com a opinião de que Platão não ignorava esses escritos, é a resposta que foi dada à pergunta suscitada pelo santo Moisés quando as palavras de Deus lhe foi transmitido pelo anjo; pois, quando ele perguntou qual era o nome daquele Deus que lhe ordenava ir e libertar o povo hebreu do Egito, esta resposta foi dada: "Eu sou o que sou; e

você dirá aos filhos de Israel: Aquele que me enviou a vós;" como se comparado com Aquele que verdadeiramente é, porque Ele é imutável, aquelas coisas que foram criadas mutáveis não são – uma verdade que Platão zelosamente sustentou e muito diligentemente recomendou. E eu não sei se este sentimento pode ser encontrado em algum lugar nos livros daqueles que foram antes de Platão, a menos naquele livro onde é dito: “Eu sou quem sou; e tu dirás aos filhos de Israel, que é enviado mim até você.”

CAPÍTULO. 12.-QUE MESMO OS PLATONISTAS, EMBORA DIGAM ESSAS COISAS A RESPEITO DO ÚNICO DEUS VERDADEIRO, PENSAVAM QUE OS RITOS SAGRADOS DEVERIAM SER REALIZADOS EM HONRA DE MUITOS DEUSES

1. Mas não precisamos determinar de que fonte ele aprendeu essas coisas - se foi nos livros dos antigos que o precederam, ou, como é mais provável, nas palavras do apóstolo: "Porque o que é conhecido de Deus se manifestou entre eles, porque Deus o manifestou a eles. Pois as suas coisas invisíveis desde a criação do mundo são claramente vistas, sendo compreendidas pelas coisas que foram feitas, também o seu eterno poder e divindade". De qualquer fonte que ele possa ter derivado esse conhecimento, então, acho que deixei suficientemente claro que não escolhi os filósofos platônicos imerecidamente como as partes com quem discutir; porque a questão que acabamos de abordar diz respeito à teologia natural, a saber, se os ritos sagrados devem ser realizados a um Deus ou a muitos, por causa da felicidade que deve ser após a morte. Eu os escolhi especialmente porque seus pensamentos mais justos sobre o único Deus que fez o céu e a terra os tornaram ilustres entre os filósofos. Isso lhes deu tal superioridade sobre todos os outros no julgamento da posteridade, que, embora Aristóteles, o discípulo de Platão, um homem de habilidades eminentes, inferior em eloquência a Platão, mas muito superior a muitos a esse respeito, havia contornado o Peripatético seita, - assim chamada porque eles tinham o hábito de andar durante suas disputas, - e embora ele

tivesse, pela grandeza de sua fama, reunido muitos discípulos em sua escola, mesmo durante a vida de seu mestre; e embora Platão em sua morte tenha sido sucedido em sua escola, que se chamava Academia, por Espeusipo, filho de sua irmã, e Xenócrates, seu discípulo amado, que, juntamente com seus sucessores, foram chamados por esse nome da escola, Acadêmicos; no entanto, os filósofos recentes mais ilustres, que escolheram seguir Platão, não quiseram ser chamados de peripatéticos ou acadêmicos, mas preferiram o nome de platônicos. Entre estes estavam os renomados Plotino, Jâmblico e Porfírio, que eram gregos, e o africano Apuleio, que era erudito tanto na língua grega quanto na latina. Todos estes, no entanto, e os demais que eram da mesma escola, e também o próprio Platão, pensavam que os ritos sagrados deveriam ser realizados em honra de muitos deuses.

CAPÍTULO. 13.-QUANTO À OPINIÃO DE PLATÃO, DE ACORDO COM A QUAL DEFINE OS DEUSES COMO SERES TOTALMENTE BONS E OS AMIGOS DA VIRTUDE

1. Portanto, embora em muitos outros aspectos importantes eles diferem de nós, no entanto, com relação a esse ponto de diferença específico, que acabei de declarar, pois é de grande importância, e a questão em questão diz respeito a ele, primeiro vou pergunte-lhes a que deuses eles pensam que os ritos sagrados devem ser realizados - para os bons ou para os maus, ou para os bons e os maus? Mas temos a opinião de Platão afirmando que todos os deuses são bons, e que nenhum dos deuses é mau. Segue-se, portanto, que estes devem ser realizados para o bem, pois então eles são realizados para os deuses; pois, se não são bons, também não são deuses. Ora, se for esse o caso (pois o que mais devemos acreditar em relação aos deuses?), certamente destrói a opinião de que os deuses maus devem ser propiciados por ritos sagrados para que eles não nos prejudiquem, mas os bons deuses devem ser invocados para que possam nos ajudar. Pois não há deuses maus, e é ao bem que, como dizem, deve ser paga a devida honra de tais ritos. De que caráter são, então, esses deuses que amam as exposições cênicas, exigindo mesmo que lhes seja dado um

lugar entre as coisas divinas e que sejam exibidos em sua homenagem? O poder desses deuses prova que eles existem, mas o fato de gostarem dessas coisas prova que são ruins. Pois é bem conhecido qual era a opinião de Platão sobre as peças cênicas. Ele pensa que os próprios poetas, por terem composto canções tão indignas da majestade e bondade dos deuses, deveriam ser banidos do estado. De que caráter são, portanto, esses deuses que disputam com o próprio Platão sobre essas peças cênicas? Ele não permite que os deuses sejam difamados por falsos crimes; os deuses ordenam que esses mesmos crimes sejam celebrados em sua própria honra.

Enfim, quando mandaram inaugurar essas peças, não só exigiram coisas vis, mas também fizeram coisas cruéis, tirando de Tito Latim, seu filho, e mandando sobre ele uma doença por ele ter se recusado a obedecê-las, que retiraram quando ele havia cumprido suas ordens. Platão, no entanto, por piores que fossem, não achava que deveriam ser temidos; mas, mantendo sua opinião com a máxima firmeza e constância, não hesita em remover de um estado bem ordenado todas as loucuras sacrílegas dos poetas, com as quais esses deuses se deliciam porque eles mesmos são impuros. Mas Labeo coloca esse mesmo Platão (como já mencionei no segundo livro) entre os semideuses. Agora Labeo pensa que as divindades más devem ser propiciadas com vítimas sangrentas e por jejuns acompanhados das mesmas, mas as divindades boas com peças e todas as outras coisas associadas à alegria. Como é que, então, o semideus Platão ousa tão persistentemente tirar esses prazeres, porque os considera vil, não dos semideuses, mas dos deuses, e estes são os deuses bons? E, além disso, esses mesmos deuses certamente refutam a opinião de Labeo, pois se mostraram no caso de Latinius não apenas devassos e esportivos, mas também cruéis e terríveis. Que os platônicos, portanto, nos expliquem essas coisas, pois, seguindo a opinião de seu mestre, eles pensam que todos os deuses são bons e honrados, e amigos das virtudes dos sábios, considerando ilegal pensar de outra forma em relação a qualquer um deles. os deuses. Vamos explicá-lo, dizem eles. Vamos, então, ouvi-los atentamente.

CAPÍTULO. 14.-DA OPINIÃO DOS QUE DIZEM QUE AS ALMAS RACIONAIS SÃO DE TRÊS TIPOS, A SABER, AQUELAS DOS DEUSES CELESTIAIS, AQUELAS DOS DEMÔNIOS AÉREOS, E AQUELAS DE HOMENS TERRESTRE

1. Há, dizem eles, uma tríplice divisão de todos os animais dotados de uma alma racional, a saber, em deuses, homens e demônios. Os deuses ocupam a região mais elevada, os homens a mais baixa, os demônios a região do meio. Pois a morada dos deuses é o céu, a dos homens a terra, a dos demônios o ar. Como a dignidade de suas regiões é diversa, assim também é a de suas naturezas; portanto, os deuses são melhores que os homens e os demônios. Os homens foram colocados abaixo dos deuses e demônios, tanto em relação à ordem das regiões que habitam, quanto à diferença de seus méritos. Os demônios, portanto, que ocupam o lugar do meio, como são inferiores aos deuses, do que habitam uma região inferior, são superiores aos homens, do que habitam uma região mais elevada. Pois eles têm a imortalidade do corpo em comum com os deuses, mas as paixões da mente em comum com os homens. Por isso, dizem eles, não é de admirar que se deleitem com as obscenidades do teatro e as ficções dos poetas, pois também estão sujeitos às paixões humanas, das quais os deuses estão distantes e às quais são totalmente estranhos. Daí concluímos que não foram os deuses, que são todos bons e altamente exaltados, que Platão privou do prazer das peças teatrais, reprovando e proibindo as ficções dos poetas, mas os demônios.

2. Destas coisas muitos escreveram: entre outros Apuleio, o platônico de Madaura, que compôs toda uma obra sobre o assunto, intitulada Sobre o Deus de Sócrates. Lá ele discute e explica de que tipo era aquela divindade que atendeu Sócrates, uma espécie de familiar, por quem se diz que ele foi aconselhado a desistir de qualquer ação que não resultasse em sua vantagem. Ele afirma mais distintamente, e prova longamente, que não era um deus, mas um demônio; e ele discute com grande diligência a opinião de Platão sobre o estado

elevado dos deuses, o estado inferior dos homens e o estado médio dos demônios. Sendo assim, como Platão ousou tirar, senão aos deuses, que ele tirou de todo contágio humano, certamente dos demônios, todos os prazeres do teatro, expulsando do Estado os poetas? Evidentemente assim ele queria admoestar a alma humana, embora ainda confinada nesses membros moribundos, a desprezar os comandos vergonhosos dos demônios, e detestar sua impureza, e escolher antes o esplendor da virtude. Mas se Platão se mostrou virtuoso em responder e proibir essas coisas, então certamente foi vergonhoso dos demônios ordenar. Portanto, ou Apuleio está errado, e o familiar de Sócrates não pertencia a essa classe de divindades, ou Platão mantinha opiniões contraditórias, ora honrando os demônios, ora retirando do estado bem regulado as coisas em que se deleitavam, ou Sócrates não deveria ser felicitado pela amizade do demônio, da qual Apuleio se envergonhou tanto que intitulou seu livro Sobre o Deus de Sócrates, enquanto, de acordo com o teor de sua discussão, em que ele tão diligentemente e por tanto tempo distingue deuses de demônios, ele não deveria tê-lo intitulado, Relativo ao Deus, mas Relativo ao Demônio de Sócrates. Mas ele preferiu colocar isso na discussão em si do que no título de seu livro. Pois, pela sã doutrina que iluminou a sociedade humana, todos, ou quase todos os homens têm tanto horror ao nome dos demônios, que todo aquele que antes de ler a dissertação de Apuleio, que expõe a dignidade dos demônios, deveria ter lido o título do livro, Sobre o Demônio de Sócrates, certamente teria pensado que o autor não era um homem sã. Mas o que mesmo Apuleio encontrou para louvar nos demônios, exceto sutileza e força do corpo e um lugar mais alto de habitação? Pois quando ele falou geralmente sobre suas maneiras, ele não disse nada que fosse bom, mas muito que fosse ruim. Finalmente, ninguém, depois de ler aquele livro, se admira de que desejassem ter até mesmo a obscenidade do palco entre as coisas divinas, ou que, desejando ser considerados deuses, se deleitassem com os crimes dos deuses, ou que todas aquelas solenidades sagradas, cuja obscenidade provoca o riso, e cuja vergonhosa crueldade causa horror, devem estar de acordo com suas paixões.

CAPÍTULO. 15.-QUE OS DEMÔNIOS NÃO SÃO MELHORES QUE OS HOMENS POR CAUSA DE SEUS CORPOS AÉREOS, OU POR CONTA DE SEU LUGAR SUPERIOR DE MORADIA

1. Portanto, não suponha a mente verdadeiramente religiosa e submetida ao verdadeiro Deus que os demônios são melhores do que os homens, porque têm corpos melhores. Caso contrário, deve colocar diante de si muitos animais que são superiores a nós, tanto em agudeza dos sentidos, em facilidade e rapidez de movimento, em força e em vigor prolongado de corpo. Que homem pode igualar a águia ou o abutre em força de visão? Quem pode igualar o cão na agudeza do olfato? Quem pode igualar a lebre, o veado e todas as aves em rapidez? Quem pode igualar em força o leão ou o elefante? Quem pode igualar em duração de vida as serpentes, que afirmam adiar a velhice junto com sua pele e retornar à juventude novamente? Mas como somos melhores do que todos estes pela posse da razão e do entendimento, também devemos ser melhores do que os demônios por viver uma vida boa e virtuosa. Pois a providência divina lhes deu corpos de melhor qualidade do que os nossos, para que assim nos seja recomendado como merecedor de ser muito mais cuidado do que o corpo, e que aprendamos a desprezar o corpo. excelência dos demônios em comparação com a bondade da vida, em relação à qual somos melhores do que eles, sabendo que também teremos imortalidade do corpo – não uma imortalidade torturada pelo castigo eterno, mas aquela que é conseqüente da pureza da alma.

2. Mas agora, no que diz respeito à elevação do lugar, é totalmente ridículo ser tão influenciado pelo fato de que os demônios habitam o ar e nós a terra, a ponto de pensar que por isso eles devem ser colocados diante de nós; pois assim colocamos todos os pássaros diante de nós mesmos. Mas os pássaros, quando estão cansados de voar, ou precisam reparar seus corpos com comida, voltam à terra para descansar ou se alimentar, o que os demônios, dizem eles, não fazem. Eles estão, portanto, inclinados a dizer que os pássaros são superiores a nós, e os demônios superiores aos pássaros? Mas se é

loucura pensar assim, não há razão para pensarmos que, por habitarem um elemento mais elevado, os demônios têm direito à nossa submissão religiosa. Mas como é realmente o caso que as aves do ar não são apenas colocadas diante de nós que habitamos na terra; mas estão até mesmo sujeitos a nós por causa da dignidade da alma racional que está em nós, assim também é o caso que os demônios, embora sejam aéreos, não são melhores do que nós, que somos terrestres, porque o ar é mais alto que o ar. terra, mas, ao contrário, os homens devem ser colocados diante dos demônios, porque seu desespero não deve ser comparado à esperança dos homens piedosos. Mesmo aquela lei de Platão, segundo a qual ele ordena e organiza mutuamente os quatro elementos, inserindo entre os dois elementos extremos - a saber, o fogo, que é móvel no mais alto grau, e a terra imóvel - os dois intermediários, ar e água, que quanto o ar é mais alto que a água, e o fogo que o ar, tanto mais as águas são mais altas que a terra – esta lei, eu digo, nos adverte suficientemente a não estimar os méritos da animação. criaturas de acordo com os graus dos elementos. E o próprio Apuleio diz que o homem é um animal terrestre em comum com o resto, que, no entanto, deve ser colocado muito antes dos animais aquáticos, embora Platão coloque as próprias águas antes da terra. Com isso, ele nos faria entender que a mesma ordem não deve ser observada quando a questão diz respeito aos méritos dos animais, embora pareça ser a verdadeira na gradação dos corpos; pois parece ser possível que uma alma de uma ordem superior possa habitar um corpo de uma ordem inferior, e uma alma de uma ordem inferior um corpo de uma ordem superior.

CAPÍTULO. 16.-O QUE APULEIO O PLATONISTA PENSOU SOBRE AS MANEIRAS E AÇÕES DOS DEMÔNIOS

1. O mesmo Apuleio, ao falar sobre os costumes dos demônios, disse que eles estão agitados com as mesmas perturbações da mente que os homens; que são provocados por injúrias, propiciados por serviços e por presentes, se alegram com as honras, se deleitam com uma variedade de ritos sagrados e se incomodam se algum deles é

negligenciado. Entre outras coisas, ele também diz que deles dependem as adivinhações dos augures, adivinhos e profetas, e as revelações dos sonhos, e que deles também são os milagres dos magos. Mas, ao dar uma breve definição deles, ele diz: "Os demônios são de natureza animal, passivos na alma, racionais na mente, aéreos no corpo, eternos no tempo". "Das quais cinco coisas, as três primeiras são comuns a eles e a nós, a quarta peculiar a elas mesmas, e a quinta comum a elas, aos deuses." Mas vejo que eles têm em comum com os deuses duas das primeiras coisas que têm em comum conosco. Pois ele diz que os deuses também são animais; e quando ele está atribuindo a cada ordem de seres seu próprio elemento, ele nos coloca entre os outros animais terrestres que vivem e sentem sobre a terra. Portanto, se os demônios são animais quanto ao gênero, isso lhes é comum, não apenas aos homens, mas também aos deuses e aos animais; se são racionais quanto à sua mente, isso é comum a eles com os deuses e com os homens; se eles são eternos no tempo, isso é comum a eles apenas com os deuses; se eles são passivos quanto à sua alma, isso é comum a eles apenas com os homens; se são de corpo aéreo, nisto estão sós. Portanto, não é grande coisa para eles serem de natureza animal, pois assim também são os animais; sendo racionais quanto à mente, eles não estão acima de nós, pois nós também estamos; e quanto a serem eternos quanto ao tempo, qual é a vantagem disso se eles não são abençoados? pois melhor é a felicidade temporal do que a miséria eterna. Mais uma vez, quanto a serem passivos de alma, como eles estão neste aspecto acima de nós, já que nós também somos assim, mas não teríamos sido assim se não tivéssemos sido miseráveis? Além disso, quanto ao fato de serem aéreos em corpo, quanto valor deve ser atribuído a isso, já que uma alma de qualquer espécie deve ser colocada acima de todo corpo? e, portanto, o culto religioso, que deve ser prestado da alma, de modo algum é devido ao que é inferior à alma. Além disso, se ele tivesse, entre as coisas que ele diz pertencer aos demônios, enumerado a virtude, a sabedoria, a felicidade, e afirmado que eles têm essas coisas em comum com os deuses, e, como eles, eternamente, ele certamente lhes teria atribuído algo muito a ser desejado, e muito a ser valorizado. E mesmo nesse caso não seria nosso dever adorá-los como Deus por causa dessas

coisas, mas antes adorar Aquele de quem sabemos que os receberam. Mas quanto menos eles são realmente dignos da honra divina – esses animais aéreos que são apenas racionais para serem capazes de sofrer, passivos para serem realmente miseráveis e eternos para que lhes seja impossível acabar com sua miséria? !

CAPÍTULO. 17.-SE É CORRETO QUE OS HOMENS ADOREM OS ESPÍRITOS DE CUJOS VÍCIOS É NECESSÁRIO QUE SEJAM LIBERTOS

1. Portanto, para omitir outras coisas e limitar nossa atenção ao que ele diz ser comum aos demônios conosco, façamos esta pergunta: Se todos os quatro elementos estão cheios de seus próprios animais, o fogo e o ar de imortais, e a água e a terra dos mortais, por que as almas dos demônios são agitadas pelos redemoinhos e tempestades das paixões? - pois a palavra grega παθος significa perturbação, de onde ele escolheu chamar os demônios de "passivos de alma", porque a palavra paixão, que é derivada de πάθος, significava uma comoção da mente contrária à razão. Por que, então, essas coisas estão nas mentes de demônios que não estão em animais? Pois se algo desse tipo aparece nos animais, não é perturbação, porque não é contrário à razão, da qual eles são desprovidos. Ora, é a tolice ou a miséria que é a causa dessas perturbações no caso dos homens, pois ainda não somos abençoados na posse daquela perfeição de sabedoria que nos é prometida finalmente, quando seremos libertos de nosso presente. mortalidade. Mas os deuses, dizem eles, estão livres dessas perturbações, porque não são apenas eternos, mas também abençoados; pois eles também têm o mesmo tipo de almas racionais, mas mais puras de todas as manchas e pragas. Portanto; se os deuses são árvores da perturbação porque são abençoados, não animais miseráveis, e os animais estão livres deles porque são animais que não são capazes nem de bem-aventurança nem de miséria, resta que os demônios, como os homens, estejam sujeitos a perturbações . porque eles não são animais abençoados, mas miseráveis. 2. Que loucura, portanto, ou melhor, que loucura, submeter-nos por qualquer

sentimento de religião aos demônios, quando pertence à verdadeira religião nos livrar dessa depravação que nos faz semelhantes a eles! Pois o próprio Apuleio, embora seja muito parcimonioso com eles e pense que eles são dignos de honras divinas, é, no entanto, obrigado a confessar que eles estão sujeitos à ira; e a verdadeira religião ordena que não sejamos movidos pela raiva, mas que resistamos a ela. Os demônios são conquistados por presentes; e a verdadeira religião nos ordena a não favorecer ninguém por causa dos dons recebidos. Os demônios são lisonjeados por honras; mas a verdadeira religião não nos ordena de modo algum sermos movidos por tais coisas. Os demônios são odiadores de alguns homens e amantes de outros, não por causa de um julgamento prudente e calmo, mas por causa do que ele chama de "alma passiva"; enquanto a verdadeira religião nos ordena amar até mesmo nossos inimigos. Por fim, a verdadeira religião nos ordena a deixar de lado toda inquietação do coração e agitação da mente, e também todas as comoções e tempestades da alma, que Apuleio afirma estar continuamente inchando e surgindo nas almas dos demônios. Por que, portanto, exceto por tolice e erro miserável, você deveria se humilhar para adorar um ser de quem você deseja ser diferente em sua vida? E por que você deve prestar homenagem religiosa àquele a quem você não está disposto a imitar, quando é o mais alto dever da religião imitar Aquele a quem você adora?

CAPÍTULO. 18.-QUE TIPO DE RELIGIÃO ENSINA QUE OS HOMENS DEVEM EMPREGAR A DEFESA DOS DEMÔNIOS A FIM DE SEREM RECOMENDADOS A FAVOR DOS DEUSES BONS

1. Em vão, portanto, Apuleio, e aqueles que pensam com ele, conferiram aos demônios a honra de colocá-los no ar, entre os céus etéreos e a terra, para que possam levar aos deuses as orações dos homens. , aos homens as respostas dos deuses: pois Platão sustentava, dizem eles, que nenhum deus tem relações sexuais com o homem. Aqueles que acreditam nessas coisas acharam impróprio que os

homens tenham relações com os deuses, e os deuses com os homens, mas uma coisa apropriada que os demônios tenham relações tanto com deuses quanto com homens, apresentando aos deuses as petições dos homens, e transmitir aos homens o que os deuses concederam; de modo que um homem casto e um estranho aos crimes das artes mágicas deve usar como patronos, através dos quais os deuses podem ser induzidos a ouvi-lo, demônios que amam esses crimes, embora o próprio fato de não amar eles deveriam tê-lo recomendado a eles como alguém que merecia ser ouvido com maior prontidão e boa vontade de sua parte. Eles amam as abominações do palco, que a castidade não ama. Eles amam, nas feitiçarias dos magos, "mil artes de infligir danos", que a inocência não ama. No entanto, tanto a castidade quanto a inocência, se quiserem obter alguma coisa dos deuses, não poderão fazê-lo por seus próprios méritos, a menos que seus inimigos ajam como mediadores em seu favor. Apuleio não precisa tentar justificar as ficções dos poetas e as zombarias do palco. Se a modéstia humana pode agir com tanta infidelidade em relação a si mesma a ponto de não apenas amar as coisas vergonhosas, mas até pensar que elas agradam à divindade, podemos citar por outro lado sua autoridade e mestre mais alta, Platão.

CAPÍTULO. 19.-DA IMPIEDADE DA ARTE MÁGICA, QUE DEPENDE DA ASSISTÊNCIA DE ESPÍRITOS MALIGNOS

1. Além disso, contra aquelas artes mágicas, das quais alguns homens, extremamente miseráveis e extremamente ímpios, se deleitam em se vangloriar, não pode a própria opinião pública ser apresentada como testemunha? Pois por que essas artes são tão severamente punidas pelas leis, se são obras de divindades que devem ser adoradas? Deve-se dizer que os cristãos ordenaram aquelas leis pelas quais as artes mágicas são punidas? Com que outro significado, exceto que essas feitiçarias são sem dúvida perniciosas para a raça humana, o poeta mais ilustre disse:

"Pelo céu, eu juro, e sua querida vida,

Sem querer esses braços que eu empuno,

E tome, para enfrentar a luta vindoura,

A espada e o escudo do encantamento."

E também o que ele diz em outro lugar sobre artes mágicas,

"Eu o vi para outro lugar transportar o milho em pé",

refere-se ao fato de que se diz que os frutos de um campo são transferidos para outro por essas artes que essa doutrina pestífera e maldita ensina. Não nos informa Cícero que, entre as leis das Doze Tábuas, isto é, as leis mais antigas dos romanos, havia uma lei escrita que determinava um castigo a ser infligido a quem o fizesse? Por fim, foi perante os juízes cristãos que o próprio Apuleio foi acusado de artes mágicas? eles, antes culpando as leis pelas quais essas coisas foram proibidas e declaradas dignas de condenação, enquanto deveriam ter sido consideradas dignas de admiração e respeito. Pois ao fazê-lo, ou ele teria persuadido os juízes a adotar sua própria opinião, ou, se eles tivessem mostrado sua parcialidade por leis injustas, e o condenassem à morte, apesar de elogiar e elogiar tais coisas, os demônios teriam concedido a ele a alma e as recompensas que ele merecia, que, para proclamar e expor suas obras divinas, não temeu a perda de sua vida humana. Como nossos mártires, quando essa religião lhes foi imputada como um crime, pelo qual eles sabiam que estavam seguros e mais gloriosos por toda a eternidade, não escolheram, negando-a, escapar dos castigos temporais, mas confessando, professando e proclamá-la, suportando todas as coisas por ela com fidelidade e coragem, e morrendo por ela com calma piedosa, envergonhou a lei pela qual essa religião foi proibida e causou sua revogação. Mas existe um discurso muito copioso e eloquente deste filósofo platônico, no qual ele se defende contra a acusação de praticar essas artes, afirmando que ele é totalmente estranho a elas, e desejando apenas mostrar sua inocência negando coisas como não pode ser cometido inocentemente. Mas todos os milagres dos magos, que ele pensa serem justamente merecedores de condenação, são

realizados de acordo com o ensinamento e pelo poder dos demônios. Por que, então, ele acha que eles devem ser honrados? Pois ele afirma que eles são necessários, a fim de apresentar nossas orações aos deuses, e ainda assim suas obras são tais que devemos evitar se desejamos que nossas orações cheguem ao verdadeiro Deus. Novamente, pergunto, que tipo de orações de homens ele supõe que são apresentadas aos bons deuses pelos demônios? Se orações mágicas, eles não terão nada disso; se orações lícitas, eles não as receberão através de tais seres. Mas se um pecador penitente derrama orações, especialmente se ele cometeu algum crime de feitiçaria, ele recebe perdão pela intercessão daqueles demônios por cuja instigação e ajuda ele caiu no pecado ser pranteado? ou os próprios demônios, para merecerem o perdão dos penitentes, primeiro se tornam penitentes porque os enganaram? Isso ninguém jamais disse a respeito dos demônios; pois se fosse esse o caso, eles nunca ousariam buscar para si honras divinas. Pois como deveriam fazê-lo aqueles que desejavam por penitência obter a graça do perdão; vendo que tal orgulho detestável não poderia existir junto com uma humildade digna de perdão?

CAPÍTULO. 20.-SE DEVEMOS CRER QUE OS DEUSES BONS ESTÃO MAIS DISPOSTOS A TER RELAÇÕES COM DEMÔNIOS DO QUE COM HOMENS

1. Mas alguma causa urgente e mais urgente obriga os demônios a mediar entre os deuses e os homens, para que possam oferecer as orações dos homens e trazer de volta as respostas dos deuses? e se sim, o que, por favor, é essa causa, o que é essa necessidade tão grande? Porque, dizem eles, nenhum deus tem relações sexuais com o homem. Santidade mais admirável de Deus, que não tem relações com um homem suplicante, e ainda tem relações com um demônio arrogante! que não tem relações com um homem penitente, e ainda tem relações com um demônio enganador! que não tem relações com um homem que foge para o refúgio da natureza divina, e ainda tem relações com um demônio Fingindo divindade! que não tem relações

com um homem que busca perdão, e ainda tem relações com um demônio que persuade à maldade! que não tem relações com um homem que expulsa os poetas por meio de escritos filosóficos de um estado bem regulamentado, e ainda tem relações com um demônio pedindo aos príncipes e sacerdotes de um estado a representação teatral das zombarias dos poetas! que não tem relações com o homem que proíbe a atribuição de crimes aos deuses, e ainda tem relações com um demônio que se deleita na representação fictícia de seus crimes! que não tem relações com um homem que pune os crimes dos magos por leis justas, e ainda tem relações com um demônio ensinando e praticando artes mágicas! que não tem relações com um homem que evita a imitação de um demônio, e ainda tem relações com um demônio à espreita do engano de um homem!

CAPÍTULO. 21.-SE OS DEUSES USAM OS DEMÔNIOS COMO MENSAGEIROS E INTÉRPRETES, E SE ELES SÃO ENGANADOS POR ELES VOLUNTARIAMENTE, OU SEM SEU PRÓPRIO CONHECIMENTO

1. Mas aqui reside, sem dúvida, a grande necessidade desse absurdo, tão indigno dos deuses, que os deuses etéreos, que se preocupam com os assuntos humanos, não saberiam o que os homens terrestres estavam fazendo, a menos que os demônios aéreos lhes trouxessem inteligência. , porque o éter está suspenso longe da terra e muito acima dela, mas o ar é contíguo ao éter e à terra ó admirável sabedoria! O que mais esses homens pensam sobre os deuses que, eles dizem, são todos no mais alto grau bons, mas que eles estão preocupados com os assuntos humanos, para que não pareçam indignos de adoração, enquanto, por outro lado, da distância entre eles? os elementos, eles são ignorantes das coisas terrestres? É por isso que eles supõem que os demônios são necessários como agentes, por meio dos quais os deuses podem se informar a respeito dos assuntos humanos e por meio de quem, quando necessário, eles podem socorrer os homens; e é por causa desse ofício que os próprios demônios foram considerados merecedores de adoração. Se este for o caso, então um demônio é mais

conhecido por esses bons deuses pela proximidade do corpo, do que um homem pela bondade da mente. Ó lamentável necessidade, ou não direi antes erro detestável e vão, para não imputar vaidade à natureza divina! Pois se os deuses podem, com suas mentes livres dos obstáculos dos corpos, ver nossa mente, eles não precisam dos demônios como mensageiros de nossa mente para eles; mas se os deuses etéreos, por meio de seus corpos, percebem os índices corpóreos das mentes, como o semblante, a fala, o movimento, e daí entendem o que os demônios lhes dizem, então também é possível que eles sejam enganados pelas falsidades de demônios. Além disso, se a divindade dos deuses não pode ser enganada pelos demônios, também não pode ignorar nossas ações. 2. Mas gostaria que eles me dissessem se os demônios informaram aos deuses que as ficções dos poetas sobre os crimes dos deuses desagradam a Platão, ocultando o prazer que eles mesmos têm nelas; ou se eles ocultaram ambos, e preferiram que os deuses fossem ignorantes a respeito de todo este assunto, ou tenham contado a ambos, também a piedosa prudência de Platão em relação aos deuses como sua própria luxúria, que é prejudicial aos Deuses; ou se eles ocultaram a opinião de Platão, segundo a qual ele não queria que os deuses fossem difamados com falsos crimes alegados pela ímpia licença dos poetas, enquanto eles não se envergonharam nem temeram dar a conhecer sua própria maldade, que os torna amáveis peças teatrais, nas quais são celebrados os feitos infames dos deuses. Deixe-os escolher qual dessas quatro alternativas, e deixe-os considerar quanto mal qualquer um deles exigiria que eles pensassem nos deuses. Pois se eles escolhem o primeiro, eles devem então confessar que não era possível para os deuses bons morarem com o bom Platão, embora ele procurasse proibir coisas prejudiciais a eles, enquanto eles moravam com demônios malignos, que exultavam em suas injúrias; e isso porque supõem que os deuses bons só podem conhecer um homem bom, colocado a uma distância tão grande deles, pela mediação de demônios maus, que eles poderiam conhecer por causa de sua proximidade de si mesmos. Se eles escolherem a segunda e disserem que ambas as coisas são ocultadas pelos demônios, de modo que os deuses são totalmente ignorantes tanto da lei mais religiosa de Platão quanto do prazer sacrílego dos demônios, o que,

nesse caso, os deuses podem? sabem para algum proveito a respeito dos negócios humanos através desses demônios mediadores, quando eles não sabem as coisas que são decretadas, pela piedade dos homens bons, para a honra dos deuses bons contra a luxúria dos demônios maus? Mas se eles escolherem o terceiro e responderem que esses demônios intermediários comunicaram não apenas a opinião de Platão, que proibia os males de serem feitos aos deuses, mas também seu próprio prazer nesses males, eu perguntaria se tal comunicação não é sim um insulto? Ora, os deuses, ouvindo e conhecendo ambos, não só permitem a aproximação desses demônios malignos, que desejam e fazem coisas contrárias à dignidade dos deuses e à religião de Platão, mas também, por meio desses demônios perversos, que estão próximos de eles, envie coisas boas para o bom Platão, que está longe deles; pois eles habitam tal lugar na série concatenada dos elementos, que podem entrar em contato com aqueles por quem são acusados, mas não com aquele por quem são defendidos – sabendo a verdade de ambos os lados, mas não podendo para mudar o peso do ar e da terra. Resta a quarta suposição; mas é pior que o resto. Pois quem permitirá que se diga que os demônios deram a conhecer as calúnias ficções dos poetas sobre os deuses imortais, e também as vergonhosas zombarias dos teatros, e sua própria luxúria mais ardente e o mais doce prazer nessas coisas? enquanto eles esconderam deles que Platão, com a gravidade de um filósofo, deu como sua opinião que todas essas coisas deveriam ser removidas de uma república bem regulamentada; de modo que os bons deuses são agora compelidos, através de tais mensageiros, a conhecer as más ações dos seres mais perversos, isto é, dos próprios mensageiros, e não são permitidos a conhecer as boas ações dos filósofos, embora os primeiros são para o dano, mas estes para a honra dos próprios deuses?

CAPÍTULO. 22.-QUE DEVEMOS, NÃO OBSTANTE A OPINIÃO DE APULEIO, REJEITAR A ADORAÇÃO DE DEMÔNIOS

1. Nenhuma dessas quatro alternativas, então, deve ser escolhida; pois

não ousamos supor coisas impróprias sobre os deuses como a adoção de qualquer um deles nos levaria a pensar. Resta, portanto, que nenhum crédito deve ser dado à opinião de Apuleio e dos outros filósofos da mesma escola, a saber, que os demônios atuam como mensageiros e intérpretes entre os deuses e os homens para levar nossas petições de nós para os deuses, e trazer de volta para nós a ajuda dos deuses. Pelo contrário, devemos acreditar que eles são os espíritos mais ansiosos para infligir danos, totalmente alheios à justiça, inchados de orgulho, pálidos de inveja, sutis no engano; que habitam realmente neste ar como em uma prisão, de acordo com seu próprio caráter, porque, lançados do alto do céu mais alto, foram condenados a habitar neste elemento como a justa recompensa da transgressão irrecuperável. Mas, embora o ar esteja situado acima da terra e das hóstias, elas não são, por isso, superiores em mérito aos homens, que, embora não os superem no que diz respeito a seus corpos terrestres, os superam em muito pela piedade. da mente, eles fizeram a escolha do verdadeiro Deus como seu ajudante. Sobre muitos, no entanto, que são manifestamente indignos de participação na verdadeira religião, eles tiranizam como cativos a quem eles subjugaram – a maior parte dos quais eles persuadiram de sua divindade por sinais maravilhosos e mentirosos, consistindo em atos ou em previsões. Alguns, no entanto, que consideraram mais atenta e diligentemente seus vícios, não foram capazes de persuadir que são deuses, e assim se fingiram mensageiros entre os deuses e os homens. Alguns, de fato, pensaram que nem mesmo esta última honra deveria ser reconhecida como pertencente a eles, não acreditando que fossem deuses, porque viram que eram maus, enquanto os deuses, segundo sua opinião, são todos bons. No entanto, eles não ousaram dizer que eram totalmente indignos de toda honra divina, por medo de ofender a multidão, pela qual, por superstição inveterada, os demônios foram servidos pela realização de muitos ritos e pela construção de muitos templos.

CAPÍTULO. 23.-O QUE HERMES TRISMEGISTUS PENSOU SOBRE A IDOLATRIA, E DE QUE FONTE SABIA QUE AS

SUPERSTIÇÕES DO EGITO DEVEM SER ABOLIDAS

1. O Hermes egípcio, a quem chamam de Trismegisto, tinha uma opinião diferente sobre esses demônios. Apuleio, de fato, nega que eles sejam deuses; mas quando ele diz que eles ocupam um lugar intermediário entre os deuses e os homens, de modo que parecem ser necessários para os homens como mediadores entre eles e os deuses, ele não distingue entre o culto devido a eles e a homenagem religiosa devida aos deuses celestiais. Este egípcio, no entanto, diz que existem alguns deuses feitos pelo Deus supremo, e alguns feitos por homens. Quem ouve isso, como eu disse, sem dúvida supõe que se refere a imagens, porque são obras das mãos dos homens; mas ele afirma que as imagens visíveis e tangíveis são, por assim dizer, apenas os corpos dos deuses, e que nelas habitam certos espíritos, que foram convidados a entrar nelas e que têm o poder de infligir danos ou cumprir os desejos daqueles por quem honras e serviços divinos são prestados a eles. Unir, portanto, por uma certa arte, esses espíritos invisíveis às coisas visíveis e materiais, de modo a fazer, por assim dizer, corpos animados, dedicados e entregues aos espíritos que os habitam – isso, diz ele, é fazer deuses, acrescentando que os homens receberam este grande e maravilhoso poder. Darei as palavras deste egípcio como foram traduzidas para nossa língua: "E, já que nos comprometemos a discursar sobre a relação e a comunhão entre os homens e os deuses, conhece, ó Esculápio, o poder e a força do homem. Como o Senhor e Pai, ou o que é mais elevado, mesmo Deus, é o criador dos deuses celestiais, assim o homem é o criador dos deuses que estão nos templos, contentes em habitar perto dos homens". E um pouco depois ele diz: "Assim a humanidade, sempre atenta à sua natureza e origem, persevera na imitação da divindade; e como o Senhor e Pai fez deuses eternos, para que fossem como Ele, assim a humanidade formou seus próprios deuses segundo à semelhança do seu próprio semblante." Quando este Esculápio, a quem especialmente ele estava falando, lhe respondeu e disse: "Você quer dizer as estátuas, ó Trismegisto?" - "Sim, as estátuas", respondeu ele, "por mais incrédulo que sejas, ó Esculápio, – as estátuas, animadas e cheias de sensação e espírito, e que fazem coisas tão grandes e maravilhosas, –

as estátuas prescientes de coisas futuras, e predizendo-as por sorteio, por profeta, por sonhos e muitas outras coisas, que trazem doenças homens e cure-os novamente, dando-lhes alegria ou tristeza de acordo com seus méritos. Não sabes, ó Esculápio, que o Egito é uma imagem do céu, ou, mais verdadeiramente, uma tradução e descendência de todas as coisas que são ordenadas e realizadas ali? , que é, em verdade, se assim podemos dizer, ser o templo de todo o mundo? virá um tempo em que parecerá que os egípcios têm tudo em vão, com mente piedosa e com o maior escrúpulo nossa diligência, esperou na divindade, e quando todo o seu santo culto se desfaça, e seja considerado em vão”.

2. Hermes então segue em grande extensão as declarações desta passagem, na qual ele parece prever o tempo presente, em que a religião cristã está derrubando todas as invenções mentirosas com uma veemência e liberdade proporcional à sua verdade e santidade superiores, a fim de para que a graça do verdadeiro Salvador me livre daqueles deuses que o homem fez, e os sujeite àquele Deus por quem o homem foi feito. Mas quando Hermes prediz essas coisas, ele fala como quem é amigo dessas mesmas zombarias de demônios, e não expressa claramente o nome de Cristo. Pelo contrário, ele deplora, como se já tivesse ocorrido, a futura abolição daquelas coisas cuja observância foi mantida no Egito uma semelhança com o céu – ele testemunha o cristianismo por uma espécie de profecia triste. Agora, foi com referência a isso que o apóstolo disse: "Conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem foram agradecidos; antes, tornaram-se vãos em seus pensamentos, e o seu coração insensato se obscureceu; professando-se sábios, tornaram-se tolos, e mudou a glória do Deus incorruptível na semelhança da imagem do homem corruptível”, e assim por diante, pois toda a passagem é muito longa para citar. Pois Hermes faz muitas dessas declarações de acordo com a verdade sobre o único Deus verdadeiro que formou este mundo. E não sei como ele ficou tão desnorteado por esse "escurecimento do coração" a ponto de tropeçar na expressão de um desejo de que os homens continuem sempre em sujeição àqueles deuses que ele confessa serem feitos pelos homens, e lamentar seus remoção futura;

como se pudesse haver algo mais miserável do que a humanidade tiranizada pelo trabalho de suas próprias mãos, pois o homem, adorando as obras de suas próprias mãos, pode deixar de ser homem mais facilmente do que as obras de suas mãos podem, por suas próprias mãos. adoração a eles, tornam-se deuses. Pois pode acontecer mais cedo que o homem, que recebeu uma posição honrosa, possa, por falta de entendimento, tornar-se comparável aos animais, do que as obras do homem se tornarem preferíveis à obra de Deus, feita à sua imagem, que é, para o próprio homem. Por isso, merecidamente, o homem se afasta daquele que o fez, quando prefere a si mesmo o que ele mesmo fez.

3. Por essas coisas vãs, enganosas, perniciosas, sacrílegas, o egípcio Hermes se entristeceu, porque ele sabia que estava chegando o tempo em que elas deveriam ser removidas. Mas sua tristeza foi expressa tão imprudentemente quanto seu conhecimento foi obtido imprudentemente; pois não foi o Espírito Santo que revelou essas coisas a ele, como Ele havia feito aos santos profetas, que, prevendo essas coisas, disseram com exultação: "Se um homem fizer deuses, eis que eles não são deuses"; e em outro lugar: "E acontecerá naquele dia, diz o Senhor, que exterminarei da terra os nomes dos ídolos, e eles não serão mais lembrados."⁴ Mas o santo Isaías profetiza expressamente a respeito do Egito em referência a este assunto, dizendo: "E os ídolos do Egito serão movidos em Sua presença, e seus corações serão vencidos neles", e outras coisas com o mesmo efeito. E com o profeta devem ser classificados aqueles que se regozijaram porque o que eles sabiam que estava para vir realmente havia chegado – como Simeão ou Ana, que imediatamente reconheceu Jesus quando Ele nasceu, ou Isabel, que no Espírito o reconheceu quando Ele foi concebido, ou Pedro, que disse pela revelação do Pai: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". Mas para este egípcio esses espíritos indicaram o tempo de sua própria destruição, que também, quando o Senhor estava presente na carne, disse com tremor: "Vieste aqui para nos destruir antes do tempo?" ² significando destruição antes do tempo, ou aquela mesma destruição que eles esperavam vir, mas que eles não achavam que viria tão repentinamente como parecia ter acontecido, ou apenas aquela

destruição que consistia em serem desprezados por serem conhecidos. E, de fato, esta foi uma destruição antes do tempo, isto é, antes do tempo do julgamento, quando eles serão punidos com condenação eterna, juntamente com todos os homens que estão implicados em sua maldade, como declara a verdadeira religião, que nem erra nem induz ao erro; pois não é como aquele que, soprado para cá e para lá por todo vento de doutrina, e misturando coisas verdadeiras com coisas falsas, lamenta como prestes a perecer uma religião que depois confessa ser um erro.

CAPÍTULO. 24.-COMO HERMES CONFESSOU ABERTAMENTE O ERRO DE SEUS ANTEPASSADOS, A DESTRUIÇÃO PRÓXIMA DA QUAL ELE AINDA LAMENTAVA

1. Depois de um longo intervalo, Hermes volta novamente ao assunto dos deuses que os homens fizeram, dizendo o seguinte: "Mas basta sobre este assunto. Voltemos ao homem e à razão, esse dom divino por causa do qual o homem foi chamado de animal racional, pois as coisas que foram ditas sobre o homem, por mais maravilhosas que sejam, são menos maravilhosas do que aquelas que foram ditas sobre a razão. de todas as outras coisas maravilhosas, pois nossos antepassados erraram muito no conhecimento dos deuses, por incredulidade e por falta de atenção em seu culto e serviço, eles inventaram essa arte de fazer deuses; e essa arte uma vez inventada , associaram-lhe uma virtude conveniente emprestada da natureza universal e, sendo incapazes de fazer almas, evocaram as dos demônios ou dos anjos, e as uniram a essas imagens sagradas e mistérios divinos, para que por meio dessas almas As imagens podem ter o poder de fazer bem ou mal aos homens." Não sei se os próprios demônios poderiam ter sido obrigados, mesmo por conjuração, a confessar como ele confessou nestas palavras: "Porque nossos antepassados erraram muito no que diz respeito ao conhecimento dos deuses, por incredulidade e falta de atenção aos sua adoração e serviço, eles inventaram a arte de fazer deuses." Ele diz que foi um grau moderado de erro que resultou na

descoberta da arte de fazer deuses, ou ele se contentou em dizer "eles erraram?" Não; ele precisa acrescentar "muito longe" e dizer: "Eles erraram muito". Foi este grande erro e incredulidade, então, de seus antepassados que não atenderam ao culto e serviço dos deuses, que foi a origem da arte de fazer deuses. E, no entanto, este sábio lamenta a ruína desta arte em algum momento futuro, como se fosse uma religião divina. Ele não é realmente compelido pela influência divina, por um lado, a revelar o erro passado de seus antepassados, e por uma influência diabólica, por outro lado, a lamentar o futuro castigo dos demônios? Pois se seus antepassados, errando muito no que diz respeito ao conhecimento dos deuses, por incredulidade e aversão da mente de sua adoração e serviço, inventaram a arte de fazer deuses, que maravilha é que tudo o que é feito por essa arte detestável, que se opõe à religião divina, deve ser retirado por essa religião, quando a verdade corrige o erro, a fé refuta a incredulidade e a conversão retifica a aversão?

2. Pois se ele apenas dissesse, sem mencionar a causa, que seus antepassados haviam descoberto a arte de fazer deuses, seria nosso dever, se levássemos em consideração o que é certo e piedoso, considerar e ver isso eles nunca poderiam ter alcançado esta arte se não tivessem se desviado da verdade, se tivessem crido nas coisas que são dignas de Deus, se tivessem atendido ao culto e serviço divinos. No entanto, se apenas dissermos que as causas desta arte se encontram no grande erro e incredulidade dos homens, e aversão da mente errante e infiel à religião divina, a insolência daqueles que resistem à verdade estava em alguns maneira de suportar; mas quando aquele que admira no homem, acima de todas as outras coisas, este poder que lhe foi concedido exercer, e se entristece porque está chegando o tempo em que todas essas invenções de deuses inventadas pelos homens serão ordenadas pelas leis a serem tomadas longe, - quando mesmo este homem confessa, no entanto, e explica as causas que levaram à descoberta desta arte, dizendo que seus ancestrais, por grande erro e incredulidade, e por não atenderem ao culto e serviço dos deuses, inventaram esta arte de fazer deuses – o que devemos dizer, ou melhor, fazer, senão dar ao Senhor nosso Deus todas as graças que

pudermos, porque Ele as tirou por causas contrárias às que levaram à sua instituição? Por aquilo que a prevalência do erro instituiu, o caminho da verdade tirou; aquilo que a incredulidade instituiu, a fé tirou; aquilo que a aversão ao culto e serviço divino instituiu, a conversão ao único Deus verdadeiro e santo tirou. E não foi assim apenas no Egito, país em que somente o espírito dos demônios lamentou em Hermes, mas em toda a terra, que canta ao Senhor um novo cântico, como predisseram as Escrituras verdadeiramente santas e verdadeiramente proféticas, nas quais está escrito: "Cantai ao Senhor um cântico novo; cantai ao Senhor, toda a terra." Pois o título deste salmo é: "Quando a casa foi construída após o cativeiro". Pois uma casa está sendo construída ao Senhor em toda a terra, sim, a cidade de Deus, que é a santa Igreja, depois daquele cativeiro em que os demônios mantiveram cativos aqueles homens que, pela fé em Deus, se tornaram pedras vivas na casa. Pois, embora o homem tenha feito deuses, não se segue que aquele que os fez não foi mantido cativo por eles, quando, ao adorá-los, foi levado à comunhão com eles – à comunhão não de ídolos impassíveis, mas de demônios astutos; pois o que são ídolos senão o que são representados nas mesmas escrituras: "Eles têm olhos, mas não vêem"² e, embora artisticamente formados, ainda não têm vida nem sensação? Mas os espíritos imundos, associados através dessa arte perversa com esses mesmos ídolos, têm levado miseravelmente cativos as almas de seus adoradores, trazendo-os para a comunhão consigo mesmos. De onde o apóstolo diz: "Sabemos que um ídolo não é nada, mas as coisas que os gentios sacrificam, eles sacrificam a demônios, e não a Deus; e eu não queria que tivésseis comunhão com demônios". Após este cativeiro, portanto, no qual os homens foram mantidos por demônios malignos, a casa de Deus está sendo construída em toda a terra; daí o título daquele salmo em que é dito: "Cantai ao Senhor um cântico novo; cantai ao Senhor, toda a terra. Cantai ao Senhor, bendizei o Seu nome; proclamai bem a Sua salvação de dia em dia. glória entre as nações, entre todos os povos as suas maravilhas; porque grande é o Senhor, e muito digno de louvor; é mais terrível do que todos os deuses; porque todos os deuses das nações são demônios, mas o Senhor fez os céus". 4

3. Portanto, aquele que se entristeceu porque se aproximava o tempo em que a adoração de ídolos deveria ser abolida, e o domínio dos demônios sobre aqueles que os adoravam, desejou, sob a influência de um demônio, que esse cativo continuasse sempre, na cessação da qual esse salmo celebra a edificação da casa do Senhor em toda a terra. Hermes predisse essas coisas com tristeza, o profeta com alegria; e porque é vitorioso o Espírito que cantou essas coisas através dos profetas antigos, até o próprio Hermes foi compelido de uma maneira maravilhosa a confessar que essas mesmas coisas que ele desejava não serem removidas, e na perspectiva de cuja remoção ele estava triste, havia sido instituída, não por homens prudentes, fiéis e religiosos, mas por homens errantes e incrédulos, avessos ao culto e ao serviço dos deuses. E embora ele os chame de deuses, no entanto, quando ele diz que eles foram feitos por homens que certamente não deveríamos ser, ele mostra, quer queira ou não, que eles não devem ser adorados por aqueles que não se parecem com eles. Fazedores de imagens, isto é, por homens prudentes, fiéis e religiosos, ao mesmo tempo que também manifesta que os próprios homens que os fizeram se envolviam na adoração daqueles como deuses que não eram deuses. Pois verdadeiro é o dito do profeta: "Se um homem faz deuses, eis que eles não são deuses". Tais deuses, portanto, reconhecidos por tais adoradores e feitos por tais homens, Hermes chamou de "deuses feitos por homens", isto é, demônios, através de alguma arte de não sei qual descrição, presos pelas cadeias de suas próprias concupiscências. às imagens. Mas, no entanto, ele não concordou com a opinião do Apuleio platônico, da qual já mostramos a incongruência e o absurdo, a saber, que eles eram intérpretes e intercessores entre os deuses que Deus fez e os homens que o mesmo Deus fez . , trazendo a Deus as orações dos homens, e de Deus os dons dados em resposta a essas orações. Pois é extremamente estúpido acreditar que os deuses que os homens fizeram tenham mais influência sobre os deuses que Deus fez do que os próprios homens, a quem o mesmo Deus fez. E considere, também, que é um demônio que, ligado por um homem a uma imagem por meio de uma arte ímpia, foi feito um deus, mas um deus apenas para tal homem, não para todos os homens. Que tipo de deus, portanto, é aquele que nenhum homem faria senão um errante,

incrédulo e avesso ao verdadeiro Deus? Além disso, se os demônios que são adorados nos templos, sendo introduzidos por algum tipo de arte estranha em imagens, isto é, em representações visíveis de si mesmos, por aqueles homens que por essa arte fizeram deuses quando estavam se afastando, e foram avessos ao culto e ao serviço dos deuses, se, digo, esses demônios não são nem mediadores nem intérpretes entre os homens e os deuses, tanto por causa de seus próprios modos mais perversos e vis, quanto porque os homens, embora errantes, incrédulos, e avessos ao culto e ao serviço dos deuses, são sem dúvida melhores do que os demônios que eles mesmos evocaram, então resta afirmar que o poder que eles possuem eles possuem como demônios, causando danos ao conceder pretensos benefícios, - danos tanto maior para o engano – ou então aberta e indisfarçadamente fazendo mal aos homens. Eles não podem, no entanto, fazer nada desse tipo, a menos que sejam permitidos pela profunda e secreta providência de Deus, e apenas na medida em que forem permitidos. Quando, no entanto, eles são permitidos, não é porque eles, estando a meio caminho entre os homens e os deuses, tenham pela amizade dos deuses grande poder sobre os homens; pois esses demônios não podem ser amigos dos bons deuses que habitam na santa e celestial habitação, por quem queremos dizer santos anjos e criaturas racionais, sejam tronos, ou dominações, ou principados, ou potestades, de quem eles estão tão separados em disposição e caráter como vício está distante da virtude, maldade da bondade.

CAPÍTULO. 25.-RELATIVA ÀS COISAS QUE PODEM SER COMUNS AOS SANTOS ANJOS E AOS HOMENS

1. Portanto, não devemos de modo algum procurar, por meio da suposta mediação dos demônios, valer-se da benevolência ou beneficência dos deuses, ou melhor, dos anjos bons, mas assemelhando-se a eles na posse de uma boa vontade, pela qual estamos com eles, vivemos com eles e adoramos com eles o mesmo Deus, embora não possamos vê-los com os olhos da nossa carne. Mas não é na localidade que estamos distantes deles, mas no mérito da

vida, causado por nossa miserável dessemelhança com eles em vontade e pela fraqueza de nosso caráter; pois o mero fato de morarmos na terra sob as condições da vida na carne não impede nossa comunhão com eles. Só é impedido quando nós, na impureza de nossos corações, nos importamos com as coisas terrenas. Mas neste tempo presente, enquanto estamos sendo curados para que possamos eventualmente ser como eles são, somos trazidos para perto deles pela fé, se por sua assistência acreditamos que Aquele que é sua bem-aventurança também é nosso.

CAPÍTULO. 26.-QUE TODA A RELIGIÃO DOS PAGÕES TEM REFERÊNCIA A HOMENS MORTOS

1. É certamente uma coisa notável como este egípcio, ao expressar sua dor por chegar um tempo em que essas coisas seriam tiradas do Egito, que ele confessa ter sido inventado por homens errantes, incrédulos e avessos ao serviço de religião divina, diz, entre outras coisas: "Então aquela terra, o lugar santíssimo dos santuários e templos, estará cheia de sepulcros e homens mortos", como se, de fato, se essas coisas não fossem tiradas, os homens não morrer! como se cadáveres pudessem ser enterrados em outro lugar que não no chão! como se, à medida que o tempo avançasse, o número de sepulcros não devesse necessariamente aumentar em proporção ao aumento do número de mortos! Mas aqueles que têm uma mente perversa, e se opõem a nós, supõem que o que ele lamenta é que os memoriais de nossos mártires sucedessem a seus templos e santuários, para que eles tenham motivos para pensar que deuses eram adorados pelos pagãos nos templos, mas que os mortos são adorados por nós nos sepulcros. Pois com tal cegueira os homens ímpios, por assim dizer, tropeçam nas montanhas e não verão as coisas que atingem seus próprios olhos, de modo que não atendem ao fato de que em toda a literatura dos pagãos não se encontra nenhuma, ou quase nenhum deus, que não tenha sido homem, a quem, quando morto, honras divinas foram pagas. Não vou me alongar no fato de que Varrão diz que todos os mortos são considerados deuses por eles – Manes e prova isso por aqueles ritos

sagrados que são realizados em homenagem a quase todos os mortos, entre os quais ele menciona os jogos fúnebres, considerando isso a mais alta prova de divindade, porque os jogos só costumam ser celebrados em honra das divindades. 2. O próprio Hermes, de quem agora tratamos, naquele mesmo livro em que, como que predizendo coisas futuras, diz com tristeza "Então aquela terra, o lugar santíssimo dos santuários e templos, estará cheia de sepulcros e mortos homens", atesta que os deuses do Egito eram homens mortos. Pois, tendo dito que seus antepassados, errando muito no que diz respeito ao conhecimento dos deuses, incrédulos e desatentos ao culto e serviço divinos, inventaram a arte de fazer deuses, à qual arte, quando inventada, associaram a virtude apropriada que é inerente à natureza universal, e misturando essa virtude com esta arte, eles chamaram as almas dos demônios ou dos anjos (pois eles não podiam fazer almas), e os fizeram tomar posse ou associar-se a imagens sagradas e mistérios divinos, para que através dessas almas as imagens tenham o poder de fazer bem ou mal aos homens; - tendo dito isso, ele continua, por assim dizer, a prová-lo por ilustrações, dizendo: "Teu avô, ó Esculápio, o primeiro descobridor da medicina, a quem foi consagrado um templo em uma montanha da Líbia, perto da costa dos crocodilos, no qual jaz o seu homem terreno, isto é, o seu corpo – para a melhor parte dele, ou melhor, todo ele, se o homem todo está no A vida inteligente, voltou para o céu, oferece ainda agora, por sua divindade, todas as ajudas aos homens enfermos, que antigamente ele costumava conceder a eles pela arte da medicina". Ele diz, portanto, que um homem morto era adorado como um deus naquele lugar onde ele tinha seu sepulcro. Ele engana os homens com uma falsidade, pois o homem "voltou para o céu". Então ele acrescenta: "Hermes, que foi meu avô, e cujo nome eu carrego, morando no país que é chamado por seu nome, não ajuda e preserva todos os mortais que vêm a ele de todos os cantos?" Para este eider Hermes, isto é, Mercúrio, que, ele diz, era seu avô, é dito estar enterrado em Hermópolis, isto é, na cidade chamada por seu nome; então aqui estão dois deuses que ele afirma terem sido homens, Esculápio e Mercúrio. Agora a respeito de Esculápio, tanto os gregos como os latinos pensam a mesma coisa; mas quanto a Mercúrio, há muitos que não pensam que ele era

anteriormente um mortal, embora Hermes testemunhe que ele era seu avô. Mas são esses dois indivíduos diferentes que foram chamados pelo mesmo nome? Não discutirei muito se são indivíduos diferentes ou não. Basta saber que esse Mercúrio de que fala Hermes é, assim como Esculápio, um deus que já foi homem, segundo o testemunho desse mesmo Trismegisto, tão estimado por seus conterrâneos, e também neto de Mercúrio. ele mesmo.

3. Hermes continua dizendo: "Mas sabemos quantas coisas boas Ísis, a esposa de Osíris, concede quando é propícia, e que grande oposição ela pode oferecer quando enfurecida?" Então, a fim de mostrar que havia deuses feitos pelos homens através desta arte, ele continua dizendo: "Pois é fácil para os deuses terrenos e mundanos ficarem irados, sendo feitos e compostos por homens de qualquer natureza"; dando-nos assim a entender que ele acreditava que os demônios eram antigamente as almas dos homens mortos, que, como ele diz, por meio de uma certa arte inventada por homens muito errados, incrédulos e irreligiosos, foram levados a tomar posse de imagens, porque aqueles que fizeram tais deuses não foram capazes de fazer almas. Quando, portanto, ele diz "qualquer natureza", ele quer dizer alma e corpo – o demônio sendo a alma e a imagem o corpo. O que, então, acontece com essa lamentação lamentável, de que a terra do Egito, o lugar mais sagrado de santuários e templos, deveria estar cheia de sepulcros e homens mortos? Em verdade, o espírito falacioso, por cuja inspiração Hermes falou essas coisas, foi compelido a confessar por meio dele que já aquela terra estava cheia de sepulcros e de mortos, a quem eles adoravam como deuses. Mas era a dor dos demônios que se expressava por sua boca, que estavam sofrendo por causa dos castigos que estavam prestes a cair sobre eles nos túmulos dos mártires. Pois em muitos desses lugares eles são torturados e obrigados a confessar, e são expulsos dos corpos dos homens, dos quais tomaram posse.

CAPÍTULO. 27.-QUANTO À NATUREZA DA HONRA QUE OS CRISTÃOS PAGAM AOS SEUS MÁRTIRES

1. Mas, no entanto, não construímos templos e ordenamos sacerdotes, ritos e sacrifícios para esses mesmos mártires; porque eles não são nossos deuses, mas o seu Deus é o nosso Deus. Certamente honramos seus relicários, como memoriais de homens santos de Deus que lutaram pela verdade até a morte de seus corpos, para que a verdadeira religião pudesse ser conhecida e as religiões falsas e fictícias expostas. Pois se havia alguns antes deles que pensavam que essas religiões eram realmente falsas e fictícias, eles tinham medo de dar expressão às suas convicções . Mas quem já ouviu um sacerdote dos fiéis, de pé sobre um altar construído para a honra e adoração de Deus sobre o corpo santo de algum mártir, dizer nas orações: Eu ofereço a ti um sacrifício, ó Pedro, ou ó Paulo, ou Ó Cipriano? pois é a Deus que os sacrifícios são oferecidos em seus túmulos – o Deus que os fez homens e mártires, e os associou com santos anjos em honra celestial; e a razão pela qual prestamos tais honras à sua memória é que, ao fazê-lo, podemos agradecer ao verdadeiro Deus por suas vitórias e, lembrando-as novamente, podemos nos estimular a imitá-las, procurando obter como coroas e palmas, chamando em nosso socorro aquele mesmo Deus a quem invocaram. Portanto, quaisquer que sejam as honras que os religiosos prestem nos lugares dos mártires, são apenas honras prestadas à sua memória, não ritos sagrados ou sacrifícios oferecidos a mortos como a deuses. E mesmo aqueles que trazem para lá comida – o que, de fato, não é feito pelos melhores cristãos, e na maioria dos lugares do mundo não é feito de forma alguma – o fazem para que seja santificado a eles pelos méritos de os mártires, em nome do Senhor dos mártires, primeiro apresentando o alimento e oferecendo a oração, e depois levando-o para ser comido ou para ser em parte concedido aos necessitados. Mas quem conhece o único sacrifício dos cristãos, que é o sacrifício oferecido naqueles lugares, também sabe que não são sacrifícios oferecidos aos mártires. 2. Portanto, não é com honras divinas nem com crimes humanos, pelos quais eles adoram seus deuses, que honramos nossos mártires; nem oferecemos sacrifícios a eles, nem convertemos os crimes dos deuses em seus ritos sagrados. Pois quem quiser e puder ler a carta de Alexandre a sua mãe Olímpia, na qual ele conta as coisas que lhe foram reveladas pelo padre Leão, e quem a leu

lembre-se do que ela contém, para que possam veja que grandes abominações foram transmitidas à memória, não pelos poetas, mas pelos escritos místicos dos egípcios, concernentes à deusa Ísis, a esposa de Osíris, e os pais de ambos, todos os quais, de acordo com esses escritos, eram personagens reais. Ísis, ao sacrificar a seus pais, diz ter descoberto uma colheita de cevada, da qual ela trouxe algumas espigas para o rei seu marido, e seu conselheiro Mercurius, e, portanto, eles a identificam com Ceres. Aqueles que lerem a carta podem ver qual era o caráter daquelas pessoas a quem, quando mortos, ritos sagrados foram instituídos como deuses, e quais foram os atos deles que forneceram a ocasião para esses ritos. Que eles não se atrevam a comparar em nenhum aspecto essas pessoas, embora os considerem deuses, com nossos santos mártires, embora não os consideremos deuses. Pois não ordenamos sacerdotes e oferecemos sacrifícios aos nossos mártires, como fazem aos seus mortos, pois isso seria incongruente, indevido e ilegal, sendo devido apenas a Deus; e assim não os agradamos com seus próprios crimes, ou com peças tão vergonhosas como aquelas em que se celebram os crimes dos deuses, que são crimes reais cometidos por eles no tempo em que eram homens, ou então, se eles nunca foram homens, crimes fictícios inventados para o prazer de demônios nocivos. O deus de Sócrates, se tivesse um deus, não pode ter pertencido a esta classe de demônios. Mas talvez aqueles que desejavam se destacar nesta arte de fazer deuses, impuseram um deus desse tipo a um homem que era estranho e inocente de qualquer ligação com essa arte. O que precisamos dizer mais? Ninguém que seja moderadamente sábio imagina que os demônios devem ser adorados por causa da vida abençoada que deve ser após a morte. Mas talvez digam que todos os deuses são bons, mas que dos demônios alguns são maus e outros bons, e que são os bons que devem ser adorados, para que por eles alcancemos a vida eternamente abençoada. Ao exame desta opinião, dedicaremos o livro seguinte.

LIVRO IX

ARGUMENTO

TENDO MOSTRADO NO LIVRO ANTERIOR QUE A ADORAÇÃO AOS DEMÔNIOS DEVE SER ABJURADA, PORQUE DE MIL MANEIRAS SE PROCLAMAM ESPÍRITOS MAUS, AGOSTINHO NESTE LIVRO ENCONTRA-SE COM AQUELES QUE ALEGAM DISTINÇÃO ENTRE DEMÔNIOS, ALGUNS SÃO MAUS, ENQUANTO OUTROS SÃO BONS; E, TENDO EXPLODIDO ESTA DISTINÇÃO, ELE PROVA QUE A NENHUM DEMÔNIO, MAS A CRISTO SOMENTE, PERTENCE O OFÍCIO DE FORNECER A BÊNÇÃO ETERNA AOS HOMENS.

CAPÍTULO. 1.-O PONTO EM QUE CHEGOU A DISCUSSÃO E O QUE FICA A SER TRATADO

1. ALGUNS defenderam a opinião de que existem deuses bons e deuses maus; mas alguns, pensando mais respeitosamente nos deuses, atribuíram-lhes tanta honra e louvor que impedem a suposição de que qualquer deus seja mau. Mas aqueles que sustentam que existem deuses maus, assim como bons, incluíram os demônios sob o nome de "deuses", e às vezes, embora mais raramente, chamaram os deuses de demônios; de modo que eles admitem que Júpiter, a quem eles fazem o rei e chefe de todos os outros, é chamado de demônio por Homero. Aqueles, por outro lado, que sustentam que os deuses são todos bons, e muito mais excelentes do que os homens que são justamente chamados bons, são movidos pelas ações dos demônios, que não podem negar nem imputar aos deuses cuja bondade eles afirmam, para distinguir entre deuses e demônios; de modo que, sempre que encontram algo ofensivo nas ações ou sentimentos pelos quais os espíritos invisíveis manifestam seu poder, acreditam que isso não procede dos deuses, mas dos demônios. Ao mesmo tempo, eles acreditam que, como nenhum deus pode manter relações diretas com

os homens, esses demônios ocupam a posição de mediadores, ascendendo com orações e retornando com presentes. Esta é a opinião dos platônicos, os mais hábeis e mais estimados de seus filósofos, com os quais, portanto, escolhemos debater esta questão – se a adoração de vários deuses é útil para obter a bem-aventurança na vida futura. E esta é a razão pela qual, no livro anterior, perguntamos como os demônios, que têm prazer nas coisas que os homens bons e sábios detestam e execram, nas ficções sacrílegas e imorais que os poetas escreveram não sobre os homens, mas dos próprios deuses, e na violência perversa e criminosa das artes mágicas, pode ser considerado como mais próximo e mais amigável com os deuses do que os homens, e pode mediar entre os homens bons e os deuses bons; e foi demonstrado que isso é absolutamente impossível.

CAPÍTULO. 2.-SE ENTRE OS DEMÔNIOS, INFERIORES AOS DEUSES, HÁ ALGUM BOM ESPÍRITO SOB CUJA TUTELA A ALMA HUMANA POSSA ALCANÇAR A VERDADEIRA BEM-AVENTURANÇA

1. Este livro, então, de acordo com a promessa feita no final do anterior, deve conter uma discussão, não sobre a diferença que existe entre os deuses, que, segundo os platônicos, são todos bons, nem sobre a diferença entre deuses e demônios, os primeiros dos quais eles separam por um largo intervalo dos homens, enquanto os segundos são colocados intermediariamente entre os deuses e os homens, mas da diferença, uma vez que eles fazem um, entre os próprios demônios. Discutiremos isso até onde se relaciona com o nosso tema. Tem sido a crença comum e usual que alguns dos demônios são maus, outros bons; e esta opinião, seja a dos platônicos ou de qualquer outra seita, não deve de modo algum ser ignorada, para que ninguém suponha que ele deve cultivar os bons demônios para que, por sua mediação, seja aceito pelos deuses. , todos os quais ele acredita serem bons, e que ele possa viver com eles após a morte; Considerando que ele seria assim enredado nas labutas dos espíritos malignos, e vagaria longe do verdadeiro Deus, com quem somente, e em quem somente, a alma

humana, isto é, a alma que é racional e intelectual, é abençoada .

CAPÍTULO. 3.-O QUE APULEIO ATRIBUI AOS DEMÔNIOS, A QUEM, EMBORA NÃO NEGUE A RAZÃO, NÃO ATRIBUI VIRTUDE

1. Qual, então, é a diferença entre demônios bons e maus? Pois o platônico Apuleio, em um tratado sobre todo esse assunto, embora fale muito sobre seus corpos aéreos, não tem uma palavra a dizer sobre as virtudes espirituais de que, se fossem boas, deveriam ter sido dotadas. Nem uma palavra ele disse, então, daquilo que poderia lhes dar felicidade; mas ele deu prova de sua miséria, reconhecendo que sua mente, pela qual eles se classificam como seres racionais, não apenas não está imbuída e fortalecida com a Virtude para resistir a todas as paixões desarrazoadas, mas que é de alguma forma agitada com emoções tempestuosas e está, portanto, no mesmo nível da mente dos tolos. Suas próprias palavras são: "É a esta classe de demônios que os poetas se referem, quando, sem erro grave, eles fingem que os deuses odeiam e amam os indivíduos entre os homens, prosperando e enobrecendo alguns, e opondo e afligindo outros. Portanto, piedade, indignação. , tristeza, alegria, toda emoção humana é experimentada pelos demônios, com a mesma perturbação mental, e a mesma maré de sentimento e pensamento. Pode haver alguma dúvida de que nestas palavras não é uma parte inferior de sua natureza espiritual, mas a própria mente pela qual os demônios mantêm sua posição como seres racionais, que ele diz estar agitado com paixão como um mar tempestuoso? Eles não podem, então, ser comparados nem mesmo aos sábios, que resistem com a mente imperturbável a essas perturbações a que estão expostos nesta vida, e das quais a enfermidade humana nunca está isenta, e que não se entregam a aprovar ou perpetrar qualquer coisa que pode desviá-los do caminho da sabedoria e da lei da retidão. Eles se assemelham em caráter, embora não em aparência corporal, a homens perversos e tolos. De fato, posso dizer que são piores, pois envelheceram na iniquidade e incorrigíveis pelo castigo. A mente deles, como diz Apuleio, é um mar agitado pela tempestade,

não tendo em sua alma nenhum ponto de encontro de verdade ou virtude a partir do qual possam resistir às suas emoções turbulentas e depravadas.

CAPÍTULO. 4.-A OPINIÃO DOS PERIPATÉTICOS E ESTÓICOS SOBRE EMOÇÕES MENTAIS

1. Entre os filósofos há duas opiniões sobre essas emoções mentais, que os gregos chamam de $\pi\alpha\theta\eta$, enquanto alguns de nossos próprios escritores, como Cícero, as chamam de perturbações, algumas afeições, e outras, para traduzir a palavra grega com mais precisão, paixões. Alguns dizem que mesmo o homem sábio está sujeito a essas perturbações, embora moderadas e controladas pela razão, que lhes impõe leis e, assim, as restringe dentro dos limites necessários. Esta é a opinião dos platônicos e aristotélicos; pois Aristóteles foi discípulo de Platão e o fundador da escola peripatética. Mas outros, como os estóicos, são de opinião que o sábio não está sujeito a essas perturbações. Mas Cícero, em seu livro *De Finibus*, mostra que os estóicos estão aqui em desacordo com os platônicos e peripatéticos mais em palavras do que em realidade; pois os estóicos se recusam a aplicar o termo "bens" às vantagens externas e corporais, porque consideram que o único bem é a virtude, a arte de viver bem, e isso existe apenas na mente. Os outros filósofos, ainda, usam a fraseologia simples e costumeira, e não têm escrúpulos em chamar essas coisas de bens, embora em comparação com a virtude, que guia nossa vida, sejam pequenas e de pouca estima. E assim é óbvio que, quer essas coisas externas sejam chamadas de bens ou vantagens, elas são tidas na mesma avaliação por ambas as partes, e que neste assunto os estóicos estão se agradando apenas com uma nova fraseologia. Parece-me, então, que nesta questão, se o sábio está sujeito às paixões mentais, ou totalmente livre delas, a controvérsia é mais de palavras do que de coisas; pois penso que, se for considerada a realidade e não o mero som das palavras, os estóicos têm exatamente a mesma opinião que os platônicos e os peripatéticos. 2. Pois, omitindo por uma questão de brevidade outras provas que eu poderia apresentar em apoio a esta

opinião, apresentarei apenas uma que considero conclusiva. Aulo Gélíio, homem de grande erudição e dotado de um estilo eloquente e gracioso, relata, em sua obra intitulada *Noctes Atticæ*, que certa vez fez uma viagem com um eminente filósofo estóico; e ele continua relatando plenamente e com gosto o que eu mal direi, que quando o navio foi sacudido e em perigo por uma violenta tempestade, o filósofo empalideceu de terror. Isso foi percebido pelos que estavam a bordo, que, embora ameaçados de morte, estavam curiosos para ver se um filósofo seria agitado como os outros homens. Passada a tempestade, e logo que a segurança lhes deu liberdade para retomarem a conversa, um dos passageiros, um asiático rico e luxuoso, começa a caçoar do filósofo e a animá-lo porque até empalideceu de medo, enquanto ele próprio não se comoveu com a destruição iminente. Mas o filósofo aproveitou a resposta de Aristipo, o socrático, que, ao ver-se igualmente zombado por um homem do mesmo caráter, respondeu: "Você não tinha motivo para ansiedade pela alma de um libertino libertino, mas eu tinha motivos para ficar alarmado pela alma de Aristipo." Disposto o rico assim, Aulo Gélíio perguntou ao filósofo, no interesse da ciência e para não incomodá-lo, qual era o motivo de seu medo? E ele, disposto a instruir um homem tão zeloso na busca do conhecimento, tirou imediatamente de sua carteira um livro de Epicteto, o estóico,² no qual eram avançadas doutrinas que se harmonizavam precisamente com as de Zenão e Crisipo, os fundadores da escola estóica. . Aulo Gellius diz que leu neste livro que os estóicos sustentam que há certas impressões feitas na alma por objetos externos que eles chamam de *phantasiæ*, e que não está no poder da alma determinar se ou quando ela deve ser invadida. por estes. Quando essas impressões são feitas por objetos assustadores e formidáveis, é preciso que elas comovem a alma mesmo do homem sábio, de modo que ele estremece um pouco de medo ou se deprime pela tristeza, essas impressões antecipando o trabalho da razão e autocontrole; mas isso não implica que a mente aceite essas más impressões, ou as aprove ou concorde com elas. Pois esse consentimento está, eles pensam, no poder de um homem; havendo essa diferença entre a mente do sábio e a do tolo, que a mente do tolo cede a essas paixões e consente com elas, enquanto a do sábio, embora

não possa deixar de ser invadida por elas, mantém com inabalável firmeza uma persuasão verdadeira e firme daquelas coisas que racionalmente deveria desejar ou evitar. Este relato do que Aulo Gélíio relata que ele leu no livro de Epicteto sobre os sentimentos e doutrinas dos estóicos eu dei da melhor forma que pude, não, talvez, com sua linguagem de escolha, mas com maior brevidade e, acho que , com maior clareza. 3. E se isso for verdade, então não há diferença, ou quase nenhuma, entre a opinião dos estóicos e a dos outros filósofos sobre as paixões e perturbações mentais, pois ambas as partes concordam em sustentar que a mente e a razão de o sábio não está sujeito a isso. E talvez o que os estóicos querem dizer com isso é que a sabedoria que caracteriza o homem sábio não é obscurecida por nenhum erro e manchada por nenhuma mácula, mas, com a reserva de que sua sabedoria permanece intacta, ele é exposto às impressões que os bens e males desta vida (ou, como eles preferem chamá-los, as vantagens ou desvantagens) fazem sobre eles. Pois não precisamos dizer que, se aquele filósofo não tivesse pensado nada sobre as coisas que ele pensava que iria perder imediatamente, a vida e a segurança do corpo, ele não teria ficado tão aterrorizado pelo perigo a ponto de trair seu medo pela palidez de seu rosto. . No entanto, ele pode sofrer esse distúrbio mental e, no entanto, manter a firme convicção de que a vida e a segurança corporal, que a violência da tempestade ameaçava destruir, não são aquelas coisas boas que tornam seus possuidores bons, como a posse da justiça. Mas na medida em que persistem em que devemos chamá-los não de bens, mas de vantagens, eles brigam sobre as palavras e negligenciam as coisas. Pois que diferença faz se bens ou vantagens são o melhor nome, enquanto o estóico não menos que o peripatético está alarmado com a perspectiva de perdê-los e enquanto, embora os nomeie de maneira diferente, os tenha em igual estima? Ambas as partes nos asseguram que, se incitadas a cometer alguma imoralidade ou crime pela ameaça de perda desses bens ou vantagens, elas prefeririam perder coisas que preservam o conforto e a segurança do corpo, em vez de cometer coisas que violam a justiça. E assim a mente em que esta resolução está bem fundamentada não sofre perturbações que prevaleçam contra a razão, ainda que ataquem as partes mais fracas da alma; e não apenas isso, mas governa sobre

eles e, enquanto recusa seu consentimento e resiste a eles, administra um reino de virtude. Tal personagem é atribuído a Enéias por Virgílio quando ele diz:

"Ele permanece imóvel pelas lágrimas,

Nem as palavras mais ternas com piedade ouvem."

CAPÍTULO. 5.-QUE AS PAIXÕES QUE ASSISTEM AS ALMAS DOS CRISTÃOS NÃO OS SEDUÇAM AO VÍCIO, MAS EXERCEM SUA VIRTUDE

1. Não precisamos agora dar uma exposição cuidadosa e copiosa da doutrina das Escrituras, a soma do conhecimento cristão, a respeito dessas paixões. Sujeita a própria mente a Deus, para que Ele possa governá-la e ajudá-la, e as paixões, novamente, à mente, para moderá-las e refreá-las, e transformá-las em usos justos. Em nossa ética, não perguntamos tanto se uma alma piedosa está com raiva, mas por que ela está com raiva; não se ele está triste, mas qual é a causa de sua tristeza; não se ele teme, mas o que ele teme. Pois não estou ciente de que qualquer pessoa de pensamento correto encontraria falhas na raiva de um malfeitor que busca sua correção, ou na tristeza que pretende aliviar o sofrimento, ou no medo de que alguém em perigo seja destruído. Os estóicos, de fato, estão acostumados a condenar a compaixão. Mas quão mais honroso teria sido naquele estóico de que falamos, se ele fosse perturbado pela compaixão que o levava a aliviar um semelhante, do que ser perturbado pelo medo do naufrágio! Muito melhores, mais humanas e mais consonantes com sentimentos piedosos, são as palavras de Cícero em louvor a César, quando diz: "Entre suas virtudes, nenhuma é mais admirável e agradável do que sua compaixão". solidariedade pela miséria do outro, o que nos leva a ajudá-lo se pudermos? E essa emoção é obediente à razão, quando a compaixão é demonstrada sem violar o direito, como quando o pobre é socorrido, ou o penitente perdoado. Cícero, que sabia usar a linguagem, não hesitou em chamar isso de virtude, que os estóicos não

se envergonham de considerar entre os vícios, embora, como o livro do eminente estóico Epicteto, citando as opiniões de Zenão e Crisipo, os fundadores da escola, nos ensinaram, eles admitem que paixões desse tipo invadem a alma do homem sábio, a quem eles deveriam estar livres de todo vício. Donde se segue que essas mesmas paixões não são julgadas por eles como vícios, pois atacam o sábio sem forçá-lo a agir contra a razão e a virtude; e que, portanto, a opinião dos peripatéticos ou platônicos e dos estóicos é a mesma. Mas, como diz Cícero, a mera logomaquia é a ruína desses miseráveis gregos, que anseiam mais por contenda do que por verdade. No entanto, pode-se perguntar com justiça se nossa sujeição a essas afeições, mesmo enquanto seguimos a virtude, é parte da enfermidade desta vida? Pois os santos anjos não sentem raiva enquanto punem aqueles a quem a lei eterna de Deus condena ao castigo, nem sentimentos de companheirismo com a miséria enquanto aliviam os miseráveis, nem medo enquanto ajudam aqueles que estão em perigo; e, no entanto, a linguagem comum atribui a eles também essas emoções mentais, porque, embora não tenham nenhuma de nossas fraquezas, seus atos se assemelham às ações para as quais essas emoções nos movem; e assim mesmo o próprio Deus é dito nas Escrituras estar irado, e ainda assim sem qualquer perturbação. Pois esta palavra é usada para o efeito de Sua vingança, não para a perturbadora afeição mental.

CAPÍTULO. 6.-DAS PAIXÕES QUE, SEGUNDO APULEIO, AGITAM OS DEMÔNIOS QUE ELE DEVE MEDIAR ENTRE DEUSES E HOMENS

1. Adiado por agora a questão sobre os santos anjos, examinemos a opinião dos platônicos, de que os demônios que mediam entre deuses e homens são agitados por paixões. Pois se sua mente, embora exposta à sua incursão, ainda permanecesse livre e superior a eles, Apuleio não poderia dizer que seus corações são sacudidos de paixões como o mar por ventos tempestuosos. A mente deles, então, aquela parte superior de sua alma pela qual eles são seres racionais, e que, se realmente existe neles, deve governar e refrear as paixões turbulentas das partes

inferiores da alma, esta mente deles, eu digamos, é, segundo o referido platônico, sacudido por um furacão de paixões. A mente dos demônios, portanto, está sujeita às emoções de medo, raiva, luxúria e todas as afeições semelhantes. Que parte deles, então, é livre e dotada de sabedoria, de modo que são agradáveis aos deuses, e os bons guias dos homens para a pureza da vida, pois sua parte mais alta, sendo escrava da paixão e sujeita ao vício? , só os torna mais empenhados em enganar e seduzir, na proporção da força mental e energia do desejo que possuem?

CAPÍTULO. 7.-QUE OS PLATONISTAS SUSTENTAM QUE OS POETAS ENGANAM OS DEUSES AO REPRESENTÁ-LOS COMO DISTRAÍDOS PELO SENTIMENTO DE PARTIDO, AO QUAL OS DEMÔNIOS E NÃO OS DEUSES, ESTÃO SUJEITOS

1. Mas se alguém disser que não é de todos os demônios, mas apenas dos ímpios, que os poetas, não sem verdade, dizem que amam ou odeiam violentamente certos homens, pois foi deles Apuleio disse que eles foram movidos por fortes correntes de emoção – como podemos aceitar essa interpretação, quando Apuleio, na mesma conexão, representa todos os demônios, e não apenas os ímpios, como intermediários entre deuses e homens por seus corpos aéreos? A ficção dos poetas, segundo ele, consiste em fazer deuses de demônios, e dar-lhes nomes de deuses, e atribuí-los como aliados ou inimigos a homens individuais, usando essa licença poética, embora professem que os deuses são muito diferente em caráter dos demônios, e muito exaltado acima deles por sua morada celestial e riqueza de bem-aventurança. Isso, eu digo, é a ficção dos poetas, dizer que esses são deuses que não são deuses, e que, sob o nome de deuses, eles lutam entre si pelos homens que amam ou odeiam com aguçado sentimento partidário. Apuleio diz que isso não está longe da verdade, pois, embora sejam erroneamente chamados pelos nomes dos deuses, são descritos em seu próprio caráter como demônios. A essa categoria, diz ele, pertence a Minerva de Homero, "que se interpôs nas fileiras dos gregos para conter Aquiles". Para que isso fosse Minerva, ele supõe ser

ficção poética; pois ele pensa que Minerva é uma deusa, e ele a coloca entre os deuses que ele acredita serem todos bons e abençoados na sublime região etérea, distante das relações com os homens. Mas que houvesse um demônio favorável aos gregos e adverso aos troianos, como outro, que o mesmo poeta menciona sob o nome de Vênus ou Marte (deuses exaltados acima dos assuntos terrenos em suas habitações celestiais), era o aliado dos troianos e o inimigo dos gregos, e que esses demônios lutavam por aqueles que amavam contra aqueles que odiavam - em tudo isso ele admitia que os poetas afirmavam algo muito parecido com a verdade. Pois eles fizeram essas declarações sobre seres aos quais ele atribui as mesmas paixões violentas e tempestuosas que perturbam os homens, e que são, portanto, capazes de amores e ódios não justamente formados, mas formados em espírito de festa, como os espectadores em corridas ou caçadas imaginam e preconceitos. Parece ter sido o grande medo desse platônico que as ficções poéticas fossem acreditadas nos deuses, e não nos demônios que levavam seus nomes.

CAPÍTULO. 8.-COMO APULEIO DEFINE OS DEUSES QUE HABITAM NO CÉU, OS DEMÔNIOS QUE OCUPAM O AR E OS HOMENS QUE HABITAM A TERRA

1. A definição que Apuleio dá de demônios, e na qual ele naturalmente inclui todos os demônios, é que eles são animais na natureza, na alma sujeita à paixão, na mente racional, no corpo aéreo, na duração eterna. Agora, nessas cinco qualidades, ele não nomeou absolutamente nada que seja próprio dos homens bons e não também dos maus. Pois quando Apuleio falou primeiro dos celestiais e depois estendeu sua descrição de modo a incluir um relato daqueles que habitam muito abaixo da terra, para que, depois de descrever os dois extremos do ser racional, ele pudesse passar a falar do demônios intermediários, ele diz: "Homens, portanto, dotados da faculdade da razão e da fala, cuja alma é imortal e seus membros mortais, que têm espíritos fracos e ansiosos, corpos embotados e corruptíveis, caracteres diferentes, ignorância semelhante, que são obstinados em sua audácia e

persistentes em sua esperança, cujo trabalho é vão e cuja fortuna está sempre em declínio, sua raça imortal, eles mesmos perecendo, cada geração repleta de criaturas cuja vida é rápida e sua sabedoria lenta, sua morte súbita e a sua vida um pranto, estes são os homens que habitam na terra”. Ao relatar tantas qualidades que pertencem à grande proporção dos homens, ele esqueceu o que é propriedade de poucos quando fala de sua sabedoria ser lenta? Se isso tivesse sido omitido, esta descrição da raça humana, tão cuidadosamente elaborada, teria sido defeituosa. E quando ele elogiou a excelência dos deuses, ele afirmou que eles se destacaram naquela mesma bem-aventurança que ele pensa que os homens devem alcançar pela sabedoria. E, portanto, se ele quisesse que acreditássemos que alguns dos demônios são bons, ele deveria ter inserido em sua descrição algo pelo qual pudéssemos ver que eles têm, em comum com os deuses, alguma parte de bem-aventurança, ou, em comum com os homens, alguma sabedoria. Mas, como é, ele não mencionou nenhuma boa qualidade pela qual o bom possa ser distinguido do mau. Pois, embora ele se abstinhasse de dar um relato completo de sua maldade, por medo de ofender, não a si mesmos, mas a seus adoradores, para quem estava escrevendo, ainda assim indicou suficientemente aos leitores perspicazes qual opinião ele tinha deles; pois somente em um artigo da eternidade de seus corpos ele os assimila aos deuses, os quais, ele afirma, são bons e abençoados, e absolutamente livres do que ele mesmo chama de paixões tempestuosas dos demônios; e quanto à alma, ele afirma claramente que elas se assemelham aos homens e não aos deuses, e que essa semelhança não está na posse da sabedoria, que até os homens podem alcançar, mas na perturbação das paixões que dominam os tolos e os perversos. , mas é tão governado pelos bons e sábios que preferem não admitir a conquistá-lo. Pois se ele quisesse que se entendesse que os demônios se assemelhavam aos deuses na eternidade não de seus corpos, mas de suas almas, certamente teria admitido os homens para compartilhar desse privilégio, porque, como platônico, ele certamente deve ter que a alma humana é eterna. Assim, ao descrever esta raça de seres vivos, ele disse que suas almas eram imortais, seus membros mortais. E, conseqüentemente, se os homens não têm a eternidade em comum com os deuses porque têm corpos

mortais, os demônios têm a eternidade em comum com os deuses porque seus corpos são imortais.

CAPÍTULO. 9.-SE A INTERCESSÃO DOS DEMÔNIOS PODE GARANTIR PARA OS HOMENS A AMIZADE DOS DEUSES CELESTIAIS

1. Como, então, os homens podem esperar uma introdução favorável à amizade dos deuses por tais mediadores, que são, como os homens, defeituosos naquilo que é a melhor parte de cada criatura viva, a saber, a alma, e quem se assemelha aos deuses apenas no corpo, que é a parte inferior? Pois uma criatura viva ou animal consiste em alma e corpo, e dessas duas partes a alma é sem dúvida a melhor; ainda que vicioso e fraco, é obviamente melhor do que o corpo mais sólido e mais forte, pois a maior excelência de sua natureza não é reduzida ao nível do corpo mesmo pela poluição do vício, como o ouro, mesmo quando manchado, é mais precioso do que a mais pura prata ou chumbo. E, no entanto, esses mediadores, por cuja interposição as coisas humanas e divinas devem ser harmonizadas, têm um corpo eterno em comum com os deuses e uma alma viciosa em comum com os homens – como se a religião pela qual esses demônios unem deuses e os homens eram uma questão corporal, e não espiritual. Que maldade, então, ou castigo, suspendeu esses falsos e enganosos mediadores, por assim dizer, de cabeça para baixo, de modo que sua parte inferior, seu corpo, está ligada aos deuses acima, e sua parte superior, a alma, ligada aos homens abaixo; unido aos deuses celestes pela parte que serve, e miserável, juntamente com os habitantes da terra, pela parte que governa? Pois o corpo é o servo, como diz Salústio: "Usamos a alma para governar, o corpo para obedecer"; acrescentando: "o que temos em comum com os deuses, o outro com os brutos". Pois ele estava aqui falando de homens; e eles têm, como os brutos, um corpo mortal. Esses demônios, que nossos amigos filósofos nos forneceram como mediadores com os deuses, podem realmente dizer da alma e do corpo, um que temos em comum com os deuses, o outro com os homens; mas, como eu disse, eles estão como que suspensos e

amarrados de cabeça para baixo, tendo o escravo, o corpo, em comum com os deuses, o mestre, a alma, em comum com os homens miseráveis, sua parte inferior exaltada, sua superior parte deprimido. E, portanto, se alguém supõe que, por não estarem sujeitos, como os animais terrestres, à separação da alma e do corpo pela morte, assemelham-se aos deuses em sua eternidade, seu corpo não deve ser considerado uma carruagem de um triunfo eterno. , mas sim a cadeia de um castigo eterno.

CAPÍTULO. 10.-QUE, SEGUNDO O PLOTINO, OS HOMENS, CUJO CORPO É MORTAL, SÃO MENOS MISERÁVEIS QUE OS DEMÔNIOS, CUJO CORPO É ETERNO

1. Plotino, cuja memória é bastante recente, goza da fama de ter compreendido Platão melhor do que qualquer outro de seus discípulos. Ao falar das almas humanas, ele diz: “O Pai, por compaixão, tornou mortais os seus laços;”³ isto é, ele considerou devido à misericórdia do Pai que os homens, tendo um corpo mortal, não fossem confinados para sempre na miséria. desta vida. Mas desta misericórdia os demônios foram julgados indignos, e receberam, em conjunto com uma alma sujeita às paixões, um corpo não mortal como o do homem, mas eterno. Pois eles seriam mais felizes do que os homens se tivessem, como os homens, um corpo mortal e, como os deuses, uma alma abençoada. E deveriam ter sido iguais aos homens, se em conjunto com uma alma miserável tivessem pelo menos recebido, como os homens, um corpo mortal, para que a morte os livrasse de problemas, se, pelo menos, tivessem alcançado algum grau de piedade. Mas, como é, eles não são apenas mais felizes do que os homens, tendo, como eles, uma alma miserável, eles também são mais miseráveis, estando eternamente ligados ao corpo; pois ele não nos deixa inferir que, por algum progresso em sabedoria e piedade, eles podem se tornar deuses, mas diz expressamente que são demônios para sempre.

CAPÍTULO. 11.-DA OPINIÃO DOS PLATONISTAS, QUE AS ALMAS DOS HOMENS SE TORNAM DEMÔNIOS QUANDO DESENCORPADOS

1. Ele diz, de fato, que as almas dos homens são demônios, e que os homens se tornam Lares se forem bons, Lemures ou Larvas se forem maus, e Manes se for incerto se merecem o bem ou o mal. Quem não vê de relance que se trata de um mero redemoinho sugando os homens para a destruição moral? Pois, por mais perversos que os homens tenham sido, se eles supõem que se tornarão Larvas ou Manes divinos, eles se tornarão piores quanto mais amor eles tiverem por infligir danos; pois, como as Larvas são demônios nocivos feitos de homens maus, esses homens devem supor que após a morte serão invocados com sacrifícios e honras divinas para que possam infligir ferimentos. Mas esta questão não devemos prosseguir. Ele também afirma que os bem-aventurados são chamados em grego εὐδαίμονες, porque são boas almas, ou seja, bons demônios, confirmando sua opinião de que as almas dos homens são demônios.

CAPÍTULO. 12.-DAS TRÊS QUALIDADES OPOSTAS PELAS QUAIS OS PLATONISTAS DISTINGUEM ENTRE A NATUREZA DOS HOMENS E A DOS DEMÔNIOS

1. Mas agora estamos falando daqueles seres que ele descreveu como sendo propriamente intermediários entre deuses e homens, em natureza animais, em mente racional, em alma sujeita à paixão, em corpo aéreo, em duração eterna. Quando distinguiu os deuses, que colocou no céu mais alto, dos homens, que colocou na terra, não apenas pela posição, mas também pela dignidade desigual de suas naturezas, concluiu com estas palavras: "Vocês têm aqui dois tipos dos animais: os deuses, amplamente distinguidos dos homens pela sublimidade da morada, perpetuidade da vida, perfeição da natureza; pois suas habitações são separadas por um intervalo tão grande que não pode haver comunicação íntima entre eles, e enquanto a vitalidade de um é eterno e irrevogável, o dos outros é desvanecido e precário, e

enquanto os espíritos dos deuses são exaltados em êxtase, os dos homens são afundados em misérias." Aqui encontro três qualidades opostas atribuídas aos extremos do ser, o mais alto e o mais baixo. Pois, depois de mencionar as três qualidades pelas quais devemos admirar os deuses, ele repetiu, embora em outras palavras, as mesmas três como um contraste aos defeitos do homem. As três qualidades são "sublimidade da morada, perpetuidade da vida, perfeição da natureza". Estes ele novamente mencionou para destacar seus contrastes na condição do homem. Como ele havia mencionado "sublimidade de morada", ele diz: "Suas habitações são separadas por um intervalo tão amplo"; como ele havia mencionado "perpetuidade da vida", ele diz que "enquanto a vida divina é eterna e irrevogável, a vida humana está desaparecendo e precária"; e como ele havia mencionado a "perfeição da natureza", ele diz que "enquanto os espíritos dos deuses são exaltados em êxtase, os dos homens são afundados em misérias". Essas três coisas, então, ele predica dos deuses, exaltação, eternidade, bem-aventurança; e do homem ele predica o oposto, humildade de habitação, mortalidade, miséria.

CAPÍTULO. 13.-COMO OS DEMÔNIOS PODEM MEDIAR ENTRE DEUSES E HOMENS SE NÃO TÊM NADA EM COMUM COM AMBOS, NÃO SENDO BEM-AVENTURADOS COMO OS DEUSES, NEM MISERÁVEIS COMO OS HOMENS

1. Se, agora, nos esforçamos para encontrar entre esses opostos a média ocupada pelos demônios, não pode haver dúvida quanto à sua posição local; pois, entre o lugar mais alto e o mais baixo, há um lugar que é corretamente considerado e chamado de lugar do meio. As outras duas qualidades permanecem, e a elas devemos dar maior cuidado, para que possamos ver se são totalmente estranhas aos demônios, ou como são concedidas a eles sem infringir sua posição mediata. Podemos descartar a ideia de que eles são estranhos para eles. Pois não podemos dizer que os demônios, sendo animais racionais, não são abençoados nem miseráveis, como dizemos dos animais e plantas, que são desprovidos de sentimento e razão, ou

como dizemos do lugar intermediário, que não é nem o mais alto nem o mais baixo. Os demônios, sendo racionais, devem ser miseráveis ou abençoados. E, da mesma forma, não podemos dizer que eles não são mortais nem imortais; pois todas as coisas vivas vivem eternamente ou terminam a vida na morte. Nosso autor, além disso, afirmou que os demônios são eternos. O que nos resta supor, então, senão que esses seres mediatos são assimilados aos deuses em uma das duas qualidades restantes, e aos homens na outra? Pois se eles receberam ambos de cima, ou ambos de baixo, eles não deveriam mais ser mediadores, mas subir para os deuses acima ou afundar para os homens abaixo. Portanto, como foi demonstrado que eles devem possuir essas duas qualidades, eles ocuparão seu lugar intermediário se receberem uma de cada parte. Conseqüentemente, como eles não podem receber sua eternidade de baixo, porque não está lá para receber, eles devem obtê-la de cima; e, portanto, eles não têm escolha a não ser completar sua posição de mediação aceitando a miséria dos homens.

2. De acordo com os platônicos, então, os deuses, que ocupam o lugar mais alto, desfrutam da bem-aventurança eterna, ou eternidade abençoada; homens, que ocupam o mais baixo, uma miséria mortal ou uma mortalidade miserável; e os demônios, que ocupam a média, uma eternidade miserável, ou uma miséria eterna. Quanto às cinco coisas que Apuleio incluiu em sua definição de demônios, ele não mostrou, como prometeu, que os demônios são mediadores. Para três deles, que sua natureza é animal, sua mente racional, sua alma sujeita às paixões, ele disse que eles têm em comum com os homens; uma coisa, sua eternidade, em comum com os deuses; e um próprio deles, seu corpo aéreo. Como, então, eles são intermediários, quando têm três coisas em comum com o mais baixo e apenas uma em comum com o mais alto? Quem não vê que a posição intermediária é abandonada na proporção em que eles tendem e são deprimidos para o extremo mais baixo? Mas talvez devamos aceitá-los como intermediários por causa de sua única propriedade de um corpo aéreo, pois os dois extremos têm cada um seu corpo próprio, os deuses um corpo etéreo, os homens um corpo terrestre, e porque duas das qualidades que possuem em

comum com homem eles possuem também em comum com os deuses, a saber, sua natureza animal e mente racional. Pois o próprio Apuleio, ao falar de deuses e homens, disse: "Você tem duas naturezas animais". E os platônicos costumam atribuir uma mente racional aos deuses. Duas qualidades permanecem, sua suscetibilidade à paixão e sua eternidade – a primeira das quais eles têm em comum com os homens, a segunda com os deuses; de modo que eles não são levados ao mais alto nem deprimidos ao extremo mais baixo, mas perfeitamente equilibrados em sua posição intermediária. Mas então, esta é a própria circunstância que constitui a miséria eterna, ou eternidade miserável, dos demônios. Pois quem diz que sua alma está sujeita a paixões também teria dito que eles são miseráveis, se não tivesse enrubescido por seus adoradores. Além disso, como o mundo é governado, não por acasos fortuitos, mas, como os próprios platônicos confessam, pela providência do Deus supremo, a miséria dos demônios não seria eterna a menos que sua maldade fosse grande.

3. Se, então, os bem-aventurados são corretamente denominados eudemônios, os demônios intermediários entre deuses e homens não são eudemônios. Qual é, então, a posição local desses bons demônios, que, acima dos homens, mas abaixo dos deuses, prestam assistência aos primeiros, ministram aos segundos? Pois se são bons e eternos, sem dúvida são bem-aventurados. Mas a bem-aventurança eterna destrói seu caráter intermediário, dando-lhes uma estreita semelhança com os deuses e separando-os amplamente dos homens. E, portanto, os platônicos se esforçarão em vão para mostrar como os bons demônios, se eles são imortais e abençoados, podem justamente dizer que ocupam um lugar intermediário entre os deuses, que são imortais e abençoados, e os homens, que são mortais e miseráveis. . Pois se eles têm a imortalidade e a bem-aventurança em comum com os deuses, e nenhuma dessas coisas em comum com os homens, que são ao mesmo tempo miseráveis e mortais, eles não estão mais distantes dos homens e unidos aos deuses, do que intermediários entre eles. Seriam intermediários se tivessem uma de suas qualidades em comum com uma das partes e a outra com a outra, pois o homem é uma espécie de mim entre os anjos e os animais, sendo o animal um animal irracional

e mortal, o anjo um racional e imortal, enquanto o homem, inferior ao anjo e superior à besta, e tendo em comum com uma mortalidade e com a outra razão, é um animal racional e mortal. Assim, quando buscamos um intermediário entre os bem-aventurados imortais e os miseráveis mortais, devemos encontrar um ser que é mortal e abençoado, ou imortal e miserável.

CAPÍTULO. 14.-SE OS HOMENS, EMBORA MORTAIS, PODEM DESFRUTAR DA VERADEIRA BENÇÃO DA VERDADEIRA BÊNÇÃO

(BEM-AVENTURANÇA)

1. É uma grande questão entre os homens, se o homem pode ser mortal e abençoado. Alguns, tendo uma visão mais humilde de sua condição, negaram que ele seja capaz de bem-aventurança enquanto continuar nesta vida mortal; outros, ainda, rejeitaram essa idéia e foram ousados o suficiente para sustentar que, mesmo sendo mortais, os homens podem ser abençoados por alcançar a sabedoria. Mas se assim for, por que esses sábios não são constituídos mediadores entre os miseráveis mortais e os bem-aventurados imortais, já que têm a bem-aventurança em comum com os últimos e a mortalidade em comum com os primeiros? Certamente, se eles são abençoados, eles não invejam ninguém (pois o que é mais miserável do que a inveja?), mas procuram com todas as suas forças ajudar os miseráveis mortais a alcançar a bem-aventurança, para que depois da morte eles se tornem imortais e sejam associados aos bem-aventurados. e anjos imortais.

CAPÍTULO. 15.-DO HOMEM CRISTO JESUS, O MEDIADOR ENTRE DEUS E OS HOMENS

1. Mas se, como é muito mais provável e crível, deve ser necessário que todos os homens, enquanto mortais, sejam também miseráveis, devemos buscar um intermediário que não seja apenas homem, mas

também Deus, que, pela interposição de Sua abençoada mortalidade, Ele pode tirar os homens de sua miséria mortal para uma abençoada imortalidade. Neste intermediário duas coisas são necessárias, que Ele se torne mortal, e que Ele não continue mortal. Ele se tornou mortal, não tornando enferma a divindade do Verbo, mas assumindo a enfermidade da carne. Nem Ele continuou mortal na carne, mas o ressuscitou dos mortos; pois é o próprio fruto de Sua mediação que aqueles, por causa de cuja redenção Ele se tornou o Mediador, não permaneçam eternamente na morte corporal. Portanto, tornou-se o Mediador entre nós e Deus ter uma mortalidade transitória e uma bem-aventurança permanente, que por aquilo que é transitório Ele pode ser assimilado aos mortais, e pode traduzi-los da mortalidade para o que é permanente. Bons anjos, portanto, não podem mediar entre mortais miseráveis e imortais abençoados, pois eles mesmos também são abençoados e imortais; mas os anjos maus podem mediar, porque são imortais como uma parte, miseráveis como a outra. A estes se opõe o bom Mediador, que, em oposição à sua imortalidade e miséria, escolheu ser mortal por um tempo e pôde continuar abençoado na eternidade. É assim que Ele destruiu, pela humildade de Sua morte e a benignidade de Sua bem-aventurança, aqueles imortais orgulhosos e miseráveis nocivos, e os impediu de seduzir à miséria por sua jactância de imortalidade aqueles homens cujos corações Ele purificou pela fé, e a quem Ele assim libertou de seu domínio impuro.

2. O homem, então, mortal e miserável, e distante dos imortais e bem-aventurados, que meio ele escolherá para se unir à imortalidade e à bem-aventurança? A imortalidade dos demônios, que pode ter algum encanto para o homem, é miserável; a mortalidade de Cristo, que poderia ofender o homem, não existe mais. Em um há o medo de uma miséria eterna; no outro, a morte, que não poderia ser eterna, não pode mais ser temida, e a bem-aventurança, que é eterna, deve ser amada. Pois o mediador imortal e miserável se interpõe para nos impedir de passar para uma imortalidade abençoada, porque aquilo que impede tal passagem, a saber, a miséria, continua nele; mas o mortal e abençoado Mediador se interpôs, a fim de que, tendo passado pela mortalidade, Ele pudesse dos mortais fazer imortais (mostrando

Seu poder para fazer isso em Sua própria ressurreição), e de ser miserável para elevá-los à companhia abençoada do número de quem Ele mesmo nunca partiu. Há, pois, um mediador perverso, que separa os amigos, e um mediador bom, que reconcilia os inimigos. E os que se separam são numerosos, porque a multidão dos bem-aventurados só é abençoada pela sua participação no único Deus; de cuja participação os anjos maus são privados, eles são miseráveis, e interpõem-se para impedir em vez de ajudar a essa bem-aventurança, e por seu próprio número nos impedem de alcançar aquele bem beatífico, para o qual não precisamos de muitos, mas de um Mediador, a Palavra incriada de Deus, por quem todas as coisas foram feitas, e na participação de quem somos abençoados. Eu não digo que Ele é Mediador porque Ele é a Palavra, pois como a Palavra Ele é supremamente abençoado e supremamente imortal e, portanto, longe de mortais miseráveis; mas Ele é Mediador como Ele é homem, pois por Sua humanidade Ele nos mostra que, para obter esse bem abençoado e beatífico, não precisamos buscar outros mediadores para nos guiar pelos passos sucessivos dessa conquista, mas que os abençoados e Deus beatífico, tornando-se participante de nossa humanidade, nos deu pronto acesso à participação de sua divindade. Pois ao nos livrar de nossa mortalidade e miséria, Ele não nos leva aos anjos imortais e abençoados, para que nos tornemos imortais e abençoados participando de sua natureza, mas Ele nos conduz diretamente para aquela Trindade, participando da qual os próprios anjos são abençoados. Portanto, quando Ele escolheu ser na forma de servo, e inferior aos anjos, para ser nosso Mediador, Ele permaneceu acima dos anjos, na forma de Deus – Ele mesmo, ao mesmo tempo, o modo de vida na terra. e a própria vida no céu.

**CAPÍTULO. 16.-SE É RAZOÁVEL NOS PLATONISTAS
DETERMINAR QUE OS DEUSES CELESTIAIS DECLINEM O
CONTATO COM AS COISAS TERRESTRE E RELAÇÕES COM
OS HOMENS, QUE, POR ISSO, REQUEREM A
INTERCESSÃO DOS DEMÔNIOS**

1. Essa opinião, que o mesmo platônico afirma que Platão proferiu, não é verdadeira, "que nenhum deus mantém relações com os homens". E isso, diz ele, é a principal evidência de sua exaltação, que eles nunca são contaminados pelo contato com os homens. Ele admite, portanto, que os demônios estão contaminados; e segue-se que eles não podem purificar aqueles por quem eles mesmos são contaminados, e assim todos se tornam igualmente impuros, os demônios associando-se com os homens, e os homens adorando os demônios. Ou, se dizem que os demônios não são contaminados por se associarem e lidarem com homens, então eles são melhores que os deuses, pois os deuses, se o fizessem, seriam contaminados. Quatro, dizem-nos, é a glória dos deuses, que eles são tão exaltados que nenhuma relação humana pode manchá-los. Ele afirma, de fato, que o Deus supremo, o Criador de todas as coisas, a quem chamamos de Deus verdadeiro, é mencionado por Platão como o único Deus que a pobreza da fala humana não consegue descrever até mesmo de maneira razoável; e que mesmo os sábios, quando sua energia mental está o mais longe possível libertada dos entraves da conexão com o corpo, têm apenas vislumbres de percepção de Sua natureza que podem ser comparados a um relâmpago iluminando a escuridão. Se, então, este Deus supremo, que é verdadeiramente exaltado acima de todas as coisas, visita as mentes dos sábios, quando emancipados do corpo, com uma presença inteligível e inefável, embora seja apenas ocasional, e como se fosse um rápido lampejo de luz através da escuridão, por que os outros deuses são tão sublimemente removidos de todo contato com os homens, como se fossem poluídos por ele? como se não fosse uma refutação suficiente disso levantar nossos olhos para aqueles corpos celestes que dão à terra sua luz necessária. Se as estrelas, embora sejam, segundo ele, deuses visíveis, não estão contaminadas quando as olhamos, tampouco os demônios estão contaminados quando os homens as vêem de perto. Mas talvez seja a voz humana, e não o olho, que polui os deuses; e, portanto, os demônios são designados para mediar e levar as declarações dos homens aos deuses, que se mantêm distantes por medo da poluição? O que direi dos outros sentidos? Pois pelo cheiro nem os demônios, que estão presentes, nem os deuses, embora estivessem presentes e

inalassem as exalações dos homens vivos, seriam poluídos se não fossem contaminados com os eflúvios das carcaças oferecidas em sacrifício. Quanto ao gosto, eles não são pressionados pela necessidade de reparar a decadência corporal, de modo a serem reduzidos a pedir comida aos homens. E o toque está em seu próprio poder. Pois embora possa parecer que o contato é assim chamado, porque o sentido do tato está especialmente relacionado a ele, ainda assim os deuses, se assim o desejarem, podem se misturar com os homens, de modo a ver e ser visto, ouvir e ser ouvido; e onde está a necessidade de tocar? Pois os homens não ousariam desejar isso, se fossem favorecidos com a visão ou a conversa de deuses ou bons demônios; e se por curiosidade excessiva o desejassem, como poderiam realizar seu desejo sem o consentimento do deus ou do demônio, quando não podem tocar nem mesmo um pardal a menos que seja enjaulado?

2. Não há, portanto, nada que impeça os deuses de se misturar em uma forma corpórea com os homens, de ver e ser visto, de falar e ouvir. E se os demônios se misturam assim com os homens, como eu disse, e não são poluídos, enquanto os deuses, se o fizessem, deveriam ser poluídos, então os demônios são menos suscetíveis à poluição do que os deuses. E se até os demônios estão contaminados, como eles podem ajudar os homens a alcançar a bem-aventurança após a morte, se, longe de poder purificá-los e apresentá-los puros aos deuses não poluídos, esses mediadores estão eles mesmos poluídos? E se eles não podem conferir esse benefício aos homens, que bem pode fazer sua mediação amigável? Ou será o resultado, não que os homens encontrem entrada para os deuses, mas que homens e demônios permaneçam juntos em um estado de poluição e, conseqüentemente, de exclusão da bem-aventurança? A menos, talvez, que alguém possa dizer que, como esponjas ou coisas desse tipo, os próprios demônios, no processo de limpeza de seus amigos, tornam-se mais imundos na medida em que os outros se tornam limpos. Mas se esta é a solução, então os deuses, que evitam o contato ou a relação sexual com os homens por medo da poluição, misturam-se com demônios que são muito mais poluídos. Ou talvez os deuses, que não podem purificar os homens sem se poluir, possam purificar sem poluição os demônios

que foram contaminados pelo contato humano? Quem pode acreditar em tais loucuras, a menos que os demônios tenham praticado seu engano sobre ele? Se ver e ser visto é contaminação, e se os deuses, que o próprio Apuleio chama de visíveis, "as luzes brilhantes do mundo", e as outras estrelas, são vistos pelos homens, devemos acreditar que os demônios, que não podem ser vistos a menos que por favor, são mais seguros de contaminação? Ou se é apenas o ver e não o ser visto que contamina, então eles devem negar que esses seus deuses, essas luzes brilhantes do mundo, vejam os homens quando seus raios irradiam sobre a terra. Seus raios não são contaminados pela iluminação de todo tipo de poluição, e devemos supor que os deuses seriam contaminados se se misturassem com os homens, e mesmo se o contato fosse necessário para ajudá-los? Pois há contato entre a terra e os raios do sol ou da lua e, no entanto, isso não polui a luz.

CAPÍTULO. 17.-QUE PARA OBTER A VIDA BEM-AVENTURADA, QUE CONSISTE EM PARTICIPAR DO BEM SUPREMO, O HOMEM PRECISA DE TAL MEDIAÇÃO QUE É FORNECIDA NÃO POR UM DEMÔNIO, MAS POR CRISTO SOMENTE

1. Estou consideravelmente surpreso que tais homens instruídos, homens que declaram que todas as coisas materiais e sensíveis são totalmente inferiores às que são espirituais e inteligíveis, mencionem o contato corporal em conexão com a vida abençoada. Esse sentimento de Plotino foi esquecido? — "Devemos voar para nossa amada pátria. Lá está o Pai, lá é nosso tudo. Que frota ou vôo nos levará para lá? Nosso caminho é tornar-se como Deus." Se, então, alguém está mais perto de Deus como ele está com Ele, não há outra distância de Deus senão a dessemelhança com Ele. E a alma do homem é diferente dessa essência incorpórea, imutável e eterna, na medida em que anseia por coisas temporais e mutáveis. E como as coisas abaixo, que são mortais e impuras, não podem manter contato com a pureza imortal que está acima, um mediador é realmente necessário para remover essa

dificuldade; mas não um mediador que se assemelhe à mais alta ordem de ser por possuir um corpo imortal, e a mais baixa por ter uma alma doente, o que o torna mais rancoroso que sejamos curados do que ajude a nossa cura. Precisamos de um Mediador que, unindo-se a nós aqui embaixo pela mortalidade de Seu corpo, seja ao mesmo tempo capaz de nos fornecer ajuda verdadeiramente divina para nos purificar e libertar por meio da justiça imortal de Seu espírito, pela qual Ele permaneceu celestial mesmo estando aqui na terra. Longe esteja do Deus incontaminável temer a poluição do homem que assumiu, ou dos homens entre os quais viveu na forma de um homem. Pois, embora Sua encarnação não tenha nos mostrado mais nada, esses dois fatos salutares foram suficientes, que a verdadeira divindade não pode ser poluída pela carne, e que os demônios não devem ser considerados melhores do que nós porque não têm carne. diz, é o "Mediador entre Deus e o homem, o homem Cristo Jesus", de cuja divindade, pela qual Ele é igual ao Pai, e a humanidade, pela qual Ele se tornou como nós, este não é o lugar para falar tão plenamente quanto eu poderia.

CAPÍTULO. 18.-QUE OS DEMÔNIOS ENGANOSO, ENQUANTO PROMETENDO CONDUZIR OS HOMENS A DEUS POR SUA INTERCESSÃO, TENTAM DESVIÁ-LOS DO CAMINHO DA VERDADE

1. Quanto aos demônios, esses falsos e enganosos mediadores, que, embora sua impureza de espírito freqüentemente revele sua miséria e malignidade, ainda assim, em virtude da leviandade de seus corpos aéreos e da natureza dos lugares em que habitam, conseguem nos desviar e impedir nosso progresso espiritual; eles não nos ajudam a chegar a Deus, mas nos impedem de alcançá-lo. Visto que mesmo no caminho corpóreo, que é errôneo e enganoso, e no qual a justiça não anda, - pois devemos subir a Deus não pela ascensão corporal, mas pela conformidade incorpórea ou espiritual a Ele - neste caminho corporal, digo, que os amigos dos demônios organizam de acordo com o peso dos vários elementos, os demônios aéreos sendo colocados

entre os deuses etéreos e os homens terrenos, eles imaginam que os deuses têm esse privilégio, que por esse intervalo local eles são preservados da poluição do contato humano. Assim, eles acreditam que os demônios são contaminados por homens, em vez de homens purificados pelos demônios, e que os próprios deuses deveriam ser poluídos, a menos que sua superioridade local os preservasse. Quem é uma criatura tão miserável a ponto de esperar purificação por uma maneira pela qual os homens estão contaminando, os demônios contaminados e os deuses contaminantes? Quem não escolheria esse caminho pelo qual escapamos da contaminação dos demônios e somos purificados da poluição pelo Deus incontaminável, de modo a sermos associados aos anjos incontaminados?

CAPÍTULO. 19.-QUE MESMO ENTRE SEUS PRÓPRIOS ADORADORES O NOME "DEMÔNIO" NUNCA TEM UM BOM SIGNIFICADO

1. Mas como alguns desses demonoladores, como posso chamá-los, e entre eles Labeo, alegam que aqueles que eles chamam de demônios são chamados por outros de anjos, eu devo, se eu não quiser discutir apenas sobre palavras, dizer algo sobre os bons anjos. Os platônicos não negam sua existência, mas preferem chamá-los de bons demônios. Mas nós, seguindo as Escrituras, segundo as quais somos cristãos, aprendemos que alguns dos anjos são bons, outros maus, mas nunca lemos nas Escrituras sobre bons demônios; mas onde quer que este ou qualquer termo cognato ocorra, é aplicado apenas aos espíritos maus. E esse uso tornou-se tão universal que, mesmo entre aqueles que são chamados pagãos, e que sustentam que os demônios, assim como os deuses, devem ser adorados, dificilmente há um homem, não importa quão bem lido e instruído, que ousaria dizer como louvor ao seu escravo, Você tem um demônio, ou quem poderia duvidar que o homem a quem ele disse isso consideraria uma maldição? Por que, então, devemos nos sujeitar à necessidade de explicar o que dissemos quando ofendemos usando a palavra demônio, com a qual todos, ou quase todos, ligam um mau sentido, enquanto podemos facilmente

fugir dessa necessidade usando a palavra anjo?

CAPÍTULO. 20.-DO TIPO DE CONHECIMENTO QUE INSPIRA OS DEMÔNIOS

1. No entanto, a própria origem do nome sugere algo digno de consideração, se o compararmos com os livros divinos. Eles são chamados de demônios de uma palavra grega que significa conhecimento. Agora o apóstolo, falando com o Espírito Santo, diz: "O conhecimento incha , mas a caridade edifica." vento vazio. Os demônios, então, têm conhecimento sem caridade, e por isso são tão inflados ou orgulhosos, que eles anseiam por aquelas honras divinas e serviços religiosos que eles sabem serem devidos ao verdadeiro Deus, e ainda, tanto quanto podem, exigi-los de todos sobre quem eles têm influência. Contra esse orgulho dos demônios, sob o qual a raça humana foi submetida como seu merecido castigo, foi exercida a poderosa influência da humildade de Deus, que apareceu na forma de servo; mas os homens, assemelhando-se aos demônios em orgulho, mas não em conhecimento, e estando inchados de impureza, deixaram de reconhecê-lo.

CAPÍTULO. 21.-A QUE MEDIDA O SENHOR TEM O PRAZER DE SE DAR CONHECIDO AOS DEMÔNIOS

1. Os próprios demônios conheciam tão bem esta manifestação de Deus, que disseram ao Senhor, embora vestidos com a enfermidade da carne: "Que temos nós contigo, Jesus de Nazaré? Vieste para nos destruir antes do tempo ?" A partir dessas palavras, fica claro que eles tinham grande conhecimento e nenhuma caridade. Eles temiam Seu poder de punir e não amavam Sua justiça. Ele deu a conhecer a eles tanto quanto quis, e Ele se agradou de dar a conhecer tanto quanto era necessário. Mas Ele se deu a conhecer não como aos santos anjos, que O conhecem como a Palavra de Deus, e se regozijam em Sua eternidade, da qual eles participam, mas como era necessário para

aterrorizar os seres de cuja tirania Ele iria libertar aqueles que foram predestinados para o Seu reino e a glória dele, eternamente verdadeiro e verdadeiramente eterno. Ele se deu a conhecer, portanto, aos demônios, não por aquilo que é a vida eterna, e a luz imutável que ilumina os piedosos, cujas almas são purificadas pela fé que há nele, mas por alguns efeitos temporais de seu poder, e evidências de Sua misteriosa presença, que eram mais facilmente discernidas pelos sentidos angélicos, mesmo de espíritos malignos, do que pela enfermidade humana. Mas quando julgou conveniente suprimir gradualmente esses sinais e retirar-se para uma obscuridade mais profunda, o príncipe dos demônios duvidou que ele fosse o Cristo, e procurou averiguar isso tentando-o, na medida em que se permitiu ser tentado. , para que pudesse adaptar a masculinidade que usava para ser um exemplo para nossa imitação. Mas depois dessa tentação, quando, como diz a Escritura, Ele foi ministrado a2 pelos anjos que são bons e santos, e, portanto, objetos de terror para os espíritos impuros, Ele revelou cada vez mais distintamente aos demônios quão grande Ele era, de modo que , embora a enfermidade de Sua carne possa parecer desprezível, ninguém ousou resistir à Sua autoridade.

CAPÍTULO. 22.-A DIFERENÇA ENTRE O CONHECIMENTO DOS SANTOS ANJOS E O DOS DEMÔNIOS

1. Os anjos bons, portanto, desprezam todo o conhecimento das coisas materiais e transitórias que os demônios tanto se orgulham de possuir, não porque eles sejam ignorantes dessas coisas, mas porque o amor de Deus, pelo qual eles são santificados, é muito queridos para eles, e porque, em comparação com aquela beleza não apenas imaterial, mas também imutável e inefável, com o santo amor de que estão inflamados, eles desprezam todas as coisas que estão abaixo dela, e tudo o que não é, que eles possam com todo bem que há neles desfrutar daquele bem que é a fonte de sua bondade. E, portanto, eles têm um conhecimento mais certo até mesmo das coisas temporais e mutáveis, porque contemplam seus princípios e causas na palavra de Deus, pela qual o mundo foi feito – aquelas causas pelas quais uma

coisa é aprovada, outra rejeitada, e tudo arranjado. Mas os demônios não contemplam na sabedoria de Deus essas causas eternas e, por assim dizer, cardeais das coisas temporais, mas apenas preveem uma parte maior do futuro do que os homens, em razão de sua maior familiaridade com os sinais que são escondido de nós. Às vezes, também, são suas próprias intenções que eles predizem. E, finalmente, os demônios são freqüentemente, os anjos nunca, enganados. Pois uma coisa é, com a ajuda de coisas temporais e mutáveis, conjeturar as mudanças que podem ocorrer no tempo e modificá-las por sua própria vontade e faculdade – e isso é até certo ponto permitido aos demônios, – outra coisa é prever as mudanças dos tempos nas leis eternas e imutáveis de Deus, que vivem em Sua sabedoria, e conhecer a vontade de Deus, a mais infalível e poderosa de todas as causas, participando de Seu espírito; e isso é concedido aos santos anjos por uma descrição justa. E assim eles não são apenas eternos, mas abençoados. E o bem em que são abençoados é Deus, por quem foram criados. Pois sem fim eles desfrutam da contemplação e participação dEle.

**CAPÍTULO. 23.-QUE O NOME DOS DEUSES É
FALSAMENTE DADO AOS DEUSES DOS GENTIOS,
EMBORA AS ESCRITURAS O APLICAM AOS SANTOS
ANJOS E AOS HOMENS JUSTOS**

1. Se os platônicos preferem chamar esses anjos de deuses em vez de demônios, e considerá-los como aqueles que Platão, seu fundador e mestre, afirma terem sido criados pelo Deus supremo, eles são bem-vindos a fazê-lo, pois não gastarei forças na luta sobre as palavras. Pois se eles dizem que esses seres são imortais e, no entanto, criados pelo Deus supremo, abençoados, mas apegados ao seu Criador e não por seu próprio poder, eles dizem o que dizemos, qualquer que seja o nome pelo qual chamem esses seres. E que esta é a opinião de todos ou do melhor dos platônicos pode ser verificado por seus escritos. E quanto ao próprio nome, se eles acharem apropriado chamar tais criaturas abençoadas e imortais de deuses, isso não precisa dar origem a nenhuma discussão séria entre nós, pois em nossas próprias

Escrituras lemos: “O Deus dos deuses, o Senhor falou; ”² e novamente, "Confesse ao Deus dos deuses"; e novamente, "Ele é um grande Rei acima de todos os deuses." E onde é dito: "Ele deve ser temido acima de todos os deuses", a razão é imediatamente acrescentada, pois segue, "porque todos os deuses das nações são ídolos, mas o Senhor fez os céus". Ele disse, "acima de todos os deuses", mas acrescentou, "das nações"; isto é, sobretudo aqueles que as nações consideram deuses, ou seja, demônios. Por eles Ele deve ser temido com aquele terror em que clamaram ao Senhor: "Vieste para nos destruir?" Mas onde se diz "o Deus dos deuses", não pode ser entendido como o deus dos demônios; e longe de nós dizer que "grande Rei acima de todos os deuses" significa "grande Rei acima de todos os demônios". Mas a mesma Escritura também chama os homens que pertencem ao povo de Deus "deuses": "Eu disse: Vós sois deuses, e todos vós filhos do Altíssimo." ⁶ Assim, quando Deus é denominado Deus dos deuses, isso pode ser entendido desses deuses; e assim, também, quando Ele é denominado um grande Rei acima de todos os deuses.

2. No entanto, alguém pode dizer, se os homens são chamados deuses porque pertencem ao povo de Deus, a quem Ele se dirige por meio de homens e anjos, não são os imortais, que já gozam daquela felicidade que os homens procuram alcançar adorando a Deus, muito mais digno do título? E o que responderemos a isso, senão que não é sem razão que na Sagrada Escritura os homens são mais expressamente denominados deuses do que aqueles espíritos imortais e abençoados aos quais esperamos ser iguais na ressurreição, porque havia o temor de que a fraqueza da incredulidade, sendo superada com a excelência desses seres, poderia presumir constituir alguns deles um deus? No caso dos homens, isso era um resultado que não precisava ser evitado. Além disso, era certo que os homens pertencentes ao povo de Deus fossem mais expressamente chamados deuses, para assegurar e certificar-lhes que Aquele que é chamado Deus dos deuses é o seu Deus; porque, embora aqueles espíritos imortais e abençoados que habitam nos céus sejam chamados deuses, eles não são chamados deuses dos deuses, isto é, deuses dos homens que constituem o povo de Deus, e a quem é dito: "Eu tenho disse. Vós sois deuses, e todos vós

filhos do Altíssimo. Daí o dito do apóstolo: "Ainda que haja os que se chamam deuses, tanto no céu como na terra, como há muitos deuses e muitos senhores, mas para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas, e nós nele; e um só Senhor Jesus Cristo, por quem são todas as coisas, e nós por ele".

3. Não precisamos, portanto, discutir laboriosamente sobre o nome, uma vez que a realidade é tão óbvia que não admite sombra de dúvida. O que dizemos, que os anjos que são enviados para anunciar a vontade de Deus aos homens pertencem à ordem dos bem-aventurados imortais, não satisfaz os platônicos, porque eles acreditam que esse ministério é exercido, não por aqueles que eles chamam de deuses, em outras palavras, não por imortais abençoados, mas por demônios, que eles não ousam afirmar serem abençoados, mas apenas imortais, ou se os classificam entre os imortais abençoados, mas apenas como bons demônios, e não como deuses que habitam em o céu dos céus distante de todo contato humano. Mas, embora possa parecer mera disputa sobre um nome, ainda assim o nome de demônio é tão detestável que não podemos suportar em nenhum sentido aplicá-lo aos santos anjos. Agora, portanto, vamos encerrar este livro com a certeza de que, como quer que chamemos esses espíritos imortais e abençoados, que ainda são apenas criaturas, eles não agem como mediadores para introduzir à felicidade eterna os mortais miseráveis, dos quais são separados por um dupla distinção. E aqueles outros que são mediadores, na medida em que têm a imortalidade em comum com seus superiores e a miséria em comum com seus inferiores (pois são justamente miseráveis em punição de sua maldade), não podem conceder-nos, mas sim ressentir-se disso. devemos possuir, a bem-aventurança da qual eles próprios são excluídos. E assim os amigos dos demônios não têm nada de considerável para alegar por que devemos adorá-los como nossos ajudantes do que evitá-los como traidores de nossos interesses. Quanto aos espíritos que são bons e que, portanto, são não apenas imortais, mas também abençoados, e a quem eles supõem que devemos dar o título de deuses e oferecer adoração e sacrifícios para herdar uma vida futura, devemos, por Com a ajuda de Deus, esforce-se no livro a seguir para mostrar que esses espíritos, chame-os por qual

nome e atribua a eles a natureza que desejam, desejam que o culto religioso seja prestado somente a Deus, por quem foram criados e por cujas comunicações de Ele mesmo para eles eles são abençoados.

LIVRO X

ARGUMENTO

NESTE LIVRO AGOSTINHO ENSINA QUE OS ANJOS BONS DESEJAM SOMENTE A DEUS, A QUE ELE MESMO SERVEM, QUE RECEBA AQUELA HONRA DIVINA QUE SE PRESTA POR SACRIFÍCIO, E QUE SE CHAMA "LATREIA". ELE CONTINUA A DISPUTA CONTRA A PORFÍRIA SOBRE O PRINCÍPIO E O CAMINHO DA LIMPEZA E LIBERTAÇÃO DA ALMA.

CAPÍTULO. 1.-QUE OS PRÓPRIOS PLATONISTAS DETERMINARAM QUE SÓ DEUS PODE CONFERIR FELICIDADE TANTO AOS ANJOS QUANTO AOS HOMENS, MAS QUE AINDA PERMANECE UMA QUESTÃO SE AQUELES ESPÍRITOS A QUEM ELES NOS ORDENAM QUE ADOREMOS, PARA QUE OBTENHAMOS FELICIDADE, DESEJAM QUE O SACRIFÍCIO SEJA OFERECIDO A SI MESMOS OU APENAS AO ÚNICO DEUS

1. É a opinião decidida de todos os que usam seus cérebros, que todos os homens desejam ser felizes. Mas quem é feliz, ou como fica, essas são questões sobre as quais a fraqueza do entendimento humano suscita controvérsias sem fim e raivosas, nas quais os filósofos desperdiçaram suas forças e gastaram seu lazer. Aduzir e discutir suas várias opiniões seria tedioso e desnecessário. O leitor pode lembrar-se do que dissemos no oitavo livro, ao fazer uma seleção dos filósofos com quem podemos discutir a questão da vida futura de felicidade, se podemos alcançá-la prestando honras divinas ao único Deus verdadeiro, o Criador de todos os deuses, ou adorando muitos deuses, e ele não esperará que repitamos aqui o mesmo argumento, especialmente porque, mesmo que ele o tenha esquecido, ele pode refrescar sua memória pela repetição. Pois selecionamos os platônicos, justamente considerados os mais nobres dos filósofos, porque tiveram

a sagacidade de perceber que a alma humana, imortal e racional, ou intelectual, como é, não pode ser feliz senão participando da luz do aquele Deus por quem ele mesmo e o mundo foram feitos; e também que a vida feliz que todos os homens desejam não pode ser alcançada por quem não se apega com um amor puro e santo àquele bem supremo, o Deus imutável. Mas como mesmo esses filósofos, quer acomodando-se à loucura e ignorância do povo, ou, como diz o apóstolo, “tornando-se vãos em suas imaginações”, supuseram ou permitiram que outros supunham que muitos deuses deveriam ser adorados, de modo que alguns deles considerado que a honra divina pelo culto e sacrifício deve ser prestada até mesmo aos demônios (um erro que já detonei), devemos agora, com a ajuda de Deus, averiguar o que é pensado sobre nosso culto religioso e piedade por aqueles espíritos imortais e abençoados, que habitam nos lugares celestiais entre dominações, principados, potestades, a quem os platônicos chamam deuses, e alguns bons demônios, ou, como nós, anjos, isto é, para dizer mais claramente, se os anjos desejam que nós ofereçamos sacrifício e adoração, e consagrar nossas posses e nós mesmos, a eles ou somente a Deus, deles e nosso.

2. Pois este é o culto que é devido à Divindade, ou, para falar mais precisamente, à Deidade; e, para expressar esse culto em uma única palavra, pois não me ocorre nenhum termo latino suficientemente exato, usarei, sempre que necessário, uma palavra grega. Λατρεία, sempre que ocorre nas Escrituras, é traduzida pela palavra serviço. Mas o serviço que é devido aos homens, e em referência ao qual o apóstolo escreve que os servos devem estar sujeitos a seus próprios senhores, geralmente é designado por outra palavra em grego,³ enquanto o serviço que é pago somente a Deus pelo culto é sempre, ou quase sempre, chamado λατρεία no uso daqueles que escreveram dos oráculos divinos. Isso não pode ser chamado simplesmente de "cultus", pois nesse caso não parece ser devido exclusivamente a Deus; pois a mesma palavra é aplicada ao respeito que prestamos à memória ou à presença viva dos homens. Dela também derivamos as palavras agricultura, colonizador e outras. E os pagãos chamam seus deuses de “coelicolæ”, não porque eles adoram o céu, mas porque habitam nele

e, por assim dizer, o colonizam – não no sentido em que chamamos aqueles colonos que estão apegados ao seu solo nativo para cultivar sob o domínio dos proprietários, mas no sentido em que o grande mestre da língua latina diz: “Havia uma cidade antiga habitada por colonos tírios”. habitavam a cidade. Assim, também, as cidades que se separaram de cidades maiores são chamadas de colônias. Conseqüentemente, embora seja bem verdade que, usando a palavra em um sentido especial, "culto" não pode ser prestado a ninguém além de Deus, ainda assim, como a palavra é aplicada a outras coisas, o culto devido a Deus não pode ser expresso em latim somente por esta palavra.

3. A palavra "religião" pode parecer expressar mais definitivamente a adoração devida somente a Deus e, portanto, os tradutores latinos usaram essa palavra para representar $\theta\rho\eta\sigma\kappa\epsilon\acute{\iota}\alpha$; no entanto, como não apenas os incultos, mas também os mais instruídos, usam a palavra religião para expressar laços, relacionamentos e afinidades humanas, inevitavelmente introduziria ambigüidade usar essa palavra ao discutir a adoração a Deus, incapazes como somos de dizer que a religião nada mais é do que o culto a Deus, sem contradizer o uso comum que aplica esta palavra à observância das relações sociais. “Piedade”, novamente, ou, como dizem os gregos, $\epsilon\upsilon\sigma\acute{\epsilon}\beta\epsilon\iota\alpha$, é comumente entendida como a designação adequada da adoração a Deus. No entanto, esta palavra também é usada em relação ao dever para com os pais. As pessoas comuns também o usam de obras de caridade, que, suponho, surgem da circunstância de Deus ordenar a realização de tais obras e declara que Ele se agrada delas em vez de, ou em preferência a sacrifícios. A partir desse uso, também aconteceu que o próprio Deus é chamado de piedoso, em cujo sentido os gregos nunca usam $\epsilon\upsilon\sigma\epsilon\beta\epsilon\acute{\iota}\nu$, embora $\epsilon\upsilon\sigma\acute{\epsilon}\beta\epsilon\iota\alpha$ também seja aplicado a obras de caridade por suas pessoas comuns. Em algumas passagens das Escrituras, portanto, eles procuraram preservar a distinção usando não $\epsilon\upsilon\sigma\acute{\epsilon}\beta\epsilon\iota\alpha$, a palavra mais geral, mas $\theta\epsilon\omicron\sigma\acute{\epsilon}\beta\epsilon\iota\alpha$, que denota literalmente a adoração a Deus. Nós, por outro lado, não podemos expressar nenhuma dessas idéias por uma palavra. Este culto, então, que em grego é chamado $\lambda\alpha\tau\rho\epsilon\acute{\iota}\alpha$, e em latim "servitus" [serviço], mas

o serviço devido somente a Deus; esse culto, que em grego é chamado θρησκεία, e em latim "religio", mas a religião pela qual estamos ligados apenas a Deus; essa adoração, que eles chamam de θεοσέβεια, mas que não podemos expressar em uma palavra, mas chamamos de adoração a Deus – isso, dizemos, pertence apenas àquele Deus que é o Deus verdadeiro e que faz seus adoradores deuses. E, portanto, quem quer que sejam esses habitantes imortais e abençoados do céu, se eles não nos amam e desejam que sejamos abençoados, então não devemos adorá-los; e se eles nos amam e desejam nossa felicidade, eles não podem desejar que sejamos felizes por nenhum outro meio que eles mesmos tenham desfrutado – pois como eles poderiam desejar que nossa bem-aventurança fluísse de uma fonte, a deles de outra?

CAPÍTULO. 2.-A OPINIÃO DE PLOTINUS (PLOTINO) O PLATONISTA SOBRE ILUMINAÇÃO DE CIMA

1. Mas com esses filósofos mais estimados não temos disputa neste assunto. Pois eles perceberam, e de várias formas abundantemente expressas em seus escritos, que esses espíritos têm a mesma fonte de felicidade que nós – uma certa luz inteligível, que é seu Deus, e é diferente deles mesmos, e os ilumina para que sejam penetrados de luz, e gozam de perfeita felicidade na participação de Deus. Plotino, comentando sobre Plato , afirma repetida e fortemente que nem mesmo a alma que eles acreditam ser a alma do mundo deriva sua bem-aventurança de qualquer outra fonte que não a nossa, a saber, daquela Luz que é distinta dela e criou, e por cuja iluminação inteligível goza de luz nas coisas inteligíveis. Ele também compara essas coisas espirituais aos vastos e conspícuos corpos celestes, como se Deus fosse o sol e a alma a lua; pois eles supõem que a lua deriva sua luz do sol. Esse grande platônico, portanto, diz que a alma racional, ou melhor, a alma intelectual – em que classe ele compreende as almas dos bem-aventurados imortais que habitam o céu – não tem natureza superior a ela, exceto Deus, o Criador do mundo e a própria alma, e que esses espíritos celestiais derivam sua vida abençoada e a luz da verdade, da mesma fonte que nós,

concordando com o evangelho onde lemos: "Houve um homem enviado de Deus cujo nome era João; o mesmo veio como testemunha para dar testemunho daquela Luz, para que por meio Dele todos cressem. Ele não era aquela Luz, mas para que pudesse dar testemunho da Luz. Essa era a verdadeira Luz que ilumina todo homem que vem ao mundo; uma distinção que prova suficientemente que a alma racional ou intelectual como a de João não pode ser sua própria luz, mas precisa receber iluminação de outra, a verdadeira Luz. O próprio João confessa quando dá seu testemunho: "Todos nós recebemos de sua plenitude".

CAPÍTULO. 3.-QUE OS PLATONISTAS, CONHECENDO ALGO DO CRIADOR DO UNIVERSO, ENTENDEM MAL A VERDADEIRA ADORAÇÃO A DEUS, DANDO HONRA DIVINA AOS ANJOS, BONS OU MAUS

1. Assim sendo, se os platônicos, ou aqueles que pensam com eles, conhecendo a Deus, O glorificaram como Deus e deram graças, se não se tornaram vãos em seus próprios pensamentos, se não se originaram ou cederam ao povo erros, eles certamente reconheceriam que nem os bem-aventurados imortais poderiam manter, nem nós, miseráveis mortais, alcançar uma condição feliz sem adorar o único Deus dos deuses, que é deles e nosso. 2. A Ele devemos o serviço que é chamado em grego λατρεία, quer o prestemos exteriormente ou interiormente; pois somos todos Seu templo, cada um de nós separadamente e todos juntos, porque Ele condescende em habitar cada um individualmente e todo o corpo harmonioso, não sendo maior em todos do que em cada um, pois Ele não é expandido nem dividido. Nosso coração quando se eleva a Ele é Seu altar; o sacerdote que intercede por nós é Seu Unigênito; sacrificamos a Ele vítimas sangrentas quando lutamos por Sua verdade até o sangue; a Ele oferecemos o mais doce incenso quando nos apresentamos diante dele ardendo de amor santo e piedoso; a Ele nos dedicamos e entregamos a nós mesmos e Seus dons em nós; a Ele, por festas solenes e em dias determinados, consagramos a memória de Seus benefícios, para que, com o passar do tempo, o

esquecimento ingrato não nos roube; a Ele oferecemos no altar do nosso coração o sacrifício de humildade e louvor, aceso pelo fogo do amor ardente. É para que possamos vê-Lo, tanto quanto Ele pode ser visto; é para que possamos nos apegar a Ele, que sejamos purificados de toda mancha de pecados e más paixões, e sejamos consagrados em Seu nome. Pois Ele é a fonte de nossa felicidade, Ele é o fim de todos os nossos desejos. Estando apegados a Ele, ou melhor, deixe-me dizer, religados – pois nos desapegamos e O perdemos – estando, digo, religados a Ele, tendemos para Ele por amor, para que possamos descansar. Nele, e encontrar nossa bem-aventurança ao atingir esse fim. Pois o nosso bem, sobre o qual os filósofos tanto discutiram, nada mais é do que estar unido a Deus. É, se assim posso dizer, abraçando-O espiritualmente que a alma intelectual é preenchida e impregnada de verdadeiras virtudes. Somos ordenados a amar este bem com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todas as nossas forças. A este bem devemos ser conduzidos por aqueles que nos amam, e conduzir aqueles que amamos. Assim se cumprem aqueles dois mandamentos dos quais dependem toda a lei e os profetas: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de todo o teu entendimento, e de toda a tua alma"; e "Amarás o teu próximo como a ti mesmo."⁴ Pois, para que o homem pudesse ser inteligente em seu amor próprio, foi designado para ele um fim ao qual ele poderia se referir a todas as suas ações, para que ele pudesse ser abençoado. Pois quem ama a si mesmo não deseja outra coisa senão isso. E o fim proposto para ele é "aproximar-se de Deus". E assim, quando alguém que tem esse amor-próprio inteligente é ordenado a amar o próximo como a si mesmo, o que mais é ordenado senão que ele faça tudo ao seu alcance para recomendar-lhe o amor de Deus? Esta é a adoração a Deus, esta é a verdadeira religião, esta piedade correta, este é o serviço devido somente a Deus. Se algum poder imortal, então, não importa com que virtude dotada, nos ama como a si mesmo, ele deve desejar que encontremos nossa felicidade submetendo-nos a Ele, em submissão a quem ele mesmo encontra a felicidade. Se ele não adora a Deus, ele é miserável, porque privado de Deus; se ele adora a Deus, ele não pode desejar ser adorado no lugar de Deus. Ao contrário, esses poderes superiores concordam de coração com a sentença divina em que está

escrito: "Aquele que sacrificar a qualquer deus, exceto somente ao Senhor, será totalmente destruído".

CAPÍTULO. 4.-ESTE SACRIFÍCIO É DEVIDO APENAS AO VERDADEIRO DEUS

1. Mas, deixando de lado por enquanto os outros serviços religiosos com os quais Deus é adorado, certamente nenhum homem ousaria dizer que o sacrifício é devido a ninguém, exceto a Deus. Muitas partes, de fato, do culto divino são indevidamente usadas para mostrar honra aos homens, seja por meio de uma humildade excessiva ou bajulação pernicioso; contudo, enquanto isso é feito, aquelas pessoas que são assim adoradas e veneradas, ou mesmo adoradas, são consideradas não mais do que humanas; e quem jamais pensou em sacrificar a não ser a alguém que ele sabia, supunha ou fingia ser um deus? E quão antiga é uma parte do sacrifício de adoração de Deus, esses dois irmãos, Caim e Abel, mostram suficientemente, de quem Deus rejeitou o sacrifício do mais velho e olhou favoravelmente para o mais jovem.

CAPÍTULO. 5.-DOS SACRIFÍCIOS QUE DEUS NÃO REQUER, MAS QUERIA SER OBSERVADO PARA A EXIBIÇÃO DAS COISAS QUE ELE REQUER

1. E quem é tão tolo a ponto de supor que as coisas oferecidas a Deus são necessárias por Ele para alguns usos próprios? As Escrituras Divinas em muitos lugares explodem essa ideia. Para não ser cansativo, basta citar este breve provérbio de um salmo: "Eu disse ao Senhor: Tu és o meu Deus, porque não precisas da minha bondade". Devemos crer, então, que Deus não tem necessidade, não apenas de gado, ou qualquer outra coisa terrena e material, mas até mesmo da justiça do homem, e que qualquer adoração correta que seja prestada a Deus não lucra a Ele, mas ao homem. Pois nenhum homem diria que fez um benefício para uma fonte bebendo, ou para a luz vendo. E o fato

de que a igreja antiga oferecia sacrifícios de animais, que o povo de Deus hoje lê sem imitar, não prova nada mais do que isso, que esses sacrifícios significavam as coisas que fazemos com o propósito de nos aproximar de Deus, e induzindo nosso próximo a fazer o mesmo. Um sacrifício, portanto, é o sacramento visível ou sinal sagrado de um sacrifício invisível. Portanto, aquele penitente no salmo, ou pode ser o próprio salmista, suplicando a Deus que seja misericordioso com seus pecados, diz: “Se você desejasse sacrifício, eu o daria : não te agradas de holocaustos. é um coração quebrantado: um coração contrito e humilde Deus não desprezará.”² Observe como, nas próprias palavras em que ele está expressando a recusa de Deus ao sacrifício, ele mostra que Deus requer sacrifício. Ele não deseja o sacrifício de um animal abatido, mas deseja o sacrifício de um coração contrito. Assim, aquele sacrifício que ele diz que Deus não deseja é o símbolo do sacrifício que Deus deseja. Deus não deseja sacrifícios no sentido em que os tolos pensam que Ele os deseja, a saber, para gratificar Seu próprio prazer. Pois se Ele não quisesse que os sacrifícios que Ele exige, como, por exemplo, um coração contrito e humilhado pela tristeza penitente, fossem simbolizados por aqueles sacrifícios que Ele pensava desejar porque agradáveis a Si mesmo, a velha lei nunca teria ordenado a sua apresentação; e eles estavam destinados a serem fundidos quando chegasse a oportunidade adequada, para que os homens não pudessem supor que os próprios sacrifícios, em vez das coisas simbolizadas por eles, eram agradáveis a Deus ou aceitáveis em nós. Por isso, em outra passagem de outro salmo, ele diz: "Se eu tivesse fome, não te diria, pois o mundo é meu e a sua plenitude. Comerei carne de novilhos ou beberei sangue de bodes?" como se Ele dissesse: Supondo que tais coisas fossem necessárias para mim, eu nunca te pediria o que tenho em minhas próprias mãos. Então ele passa a mencionar o que isso significa: "Oferece a Deus o sacrifício de louvor, e cumpre os teus votos ao Altíssimo. E invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás." ⁴ Assim, em outro profeta: "Com que me apresentarei diante do Senhor, e me curvarei diante do Deus Altíssimo? Irei diante dele com holocaustos, com bezerros de um ano? O Senhor se agradará de milhares de carneiros, ou com dez mil rios de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do

meu corpo pelo pecado da minha alma? Ele te mostrou, homem, o que é bom? ti, mas praticar a justiça, e amar a misericórdia, e andar humildemente com o teu Deus?” Nas palavras desse profeta, essas duas coisas são distinguidas e apresentadas com suficiente clareza, que Deus não exige esses sacrifícios por si mesmos e que Ele exige os sacrifícios que eles simbolizam. Na epístola intitulada "Aos hebreus" é dito: "Para fazer o bem e para comunicar, não se esqueçam; porque com tais sacrifícios Deus se compraz." ”, nada mais significa que um sacrifício é preferido a outro; pois o que em linguagem comum é chamado de sacrifício é apenas o símbolo do verdadeiro sacrifício. Ora, a misericórdia é o verdadeiro sacrifício, e por isso se diz, como acabei de citar, "com tais sacrifícios Deus se compraz". Todas as ordenanças divinas, portanto, que lemos sobre os sacrifícios no serviço do tabernáculo ou do templo, devemos nos referir ao amor de Deus e ao próximo. Pois “destes dois mandamentos”, como está escrito, “depende toda a lei e os profetas”.

CAPÍTULO. 6.-DO VERDADEIRO E PERFEITO SACRIFÍCIO

1. Assim, um verdadeiro sacrifício é todo trabalho que é feito para que possamos estar unidos a Deus em santa comunhão, e que tem uma referência ao bem supremo e ao fim no qual somente podemos ser verdadeiramente abençoados. E, portanto, mesmo a misericórdia que mostramos aos homens, se não for mostrada por amor de Deus, não é um sacrifício. Pois, embora feito ou oferecido pelo homem, o sacrifício é uma coisa divina, como queriam indicar aqueles que o chamavam de sacrifício. Assim, o próprio homem, consagrado em nome de Deus e jurado a Deus, é um sacrifício na medida em que morre para o mundo para viver para Deus. Pois isso faz parte daquela misericórdia que cada homem mostra a si mesmo; como está escrito: "Tem misericórdia de tua alma, agradando a Deus." 2 Nosso corpo também é um sacrifício quando o castigamos com temperança, se o fizermos como devemos, por amor de Deus, para que não entreguemos nossos membros instrumentos de injustiça para o pecado, mas instrumentos de justiça para Deus. Exortando a este sacrifício, o apóstolo diz: "Rogo-vos, pois,

irmãos, pela misericórdia de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional". , o corpo, que, sendo inferior, a alma usa como servo ou instrumento, é um sacrifício quando é usado corretamente, e em relação a Deus, quanto mais a própria alma se torna um sacrifício quando se oferece a Deus, para que, inflamado pelo fogo do Seu amor, possa receber da Sua beleza e tornar-se agradável a Ele, perdendo a forma do desejo terreno, e sendo remodelado à imagem do encanto permanente? E isso, de fato, o apóstolo se junta, dizendo: "E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos na renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus". Visto que os verdadeiros sacrifícios são obras de misericórdia para nós mesmos ou para os outros, feitas com referência a Deus, e visto que as obras de misericórdia não têm outro objetivo senão o alívio da angústia ou a concessão de felicidade, e visto que não há felicidade além de aquele bem do qual se diz: "É bom para mim estar muito perto de Deus", 6 segue-se que toda a cidade redimida, isto é, a congregação ou comunidade dos santos, é oferecida a Deus como nosso sacrifício pelo grande Sumo Sacerdote, que se ofereceu a Deus na sua paixão por nós, para que fôssemos membros desta gloriosa cabeça, como servos. Pois foi desta forma que Ele ofereceu, nisto Ele foi oferecido, porque é segundo isto que Ele é Mediador, nisto Ele é nosso Sacerdote, nisto o Sacrifício. Assim, quando o apóstolo nos exortou a apresentar nossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, nosso serviço racional, e não para ser conforme ao mundo, mas para ser transformado na renovação de nossa mente, para que pudéssemos provar qual é essa boa, agradável e perfeita vontade de Deus, isto é, o verdadeiro sacrifício de nós mesmos, ele diz: "Pois eu digo, pela graça de Deus que me foi dada, a todo homem que está entre vós, que não pense de si mesmo mais do que convém, mas pense com sobriedade, conforme Deus deu a cada um a medida da fé; porque, como temos muitos membros em um só corpo, e nem todos os membros têm o mesmo ofício, assim nós, sendo muitos, somos um corpo em Cristo, e cada um membro uns dos outros, tendo dons diversos segundo a graça que nos foi dada". Este é o sacrifício dos cristãos: nós, sendo muitos, somos um

só corpo em Cristo. E este é também o sacrifício que a Igreja celebra continuamente no sacramento do altar, conhecido dos fiéis, no qual ela ensina que ela mesma é oferecida na oferta que faz a Deus.

CAPÍTULO. 7.-DO AMOR DOS SANTOS ANJOS, QUE OS LEVA A DESEJAR QUE ADORAMOS AO ÚNICO DEUS VERDADEIRO, E NÃO A SI MESMOS

1. É muito justo que esses espíritos bem-aventurados e imortais, que habitam as moradas celestiais, e regozijam-se nas comunicações da plenitude de seu Criador, firmes em sua eternidade, seguros em sua verdade, santos por sua graça, pois nos contemplam com compaixão e ternura miseráveis mortais, e desejam que nos tornemos imortais e felizes, não desejam que sacrifiquemos a si mesmos, mas a Ele, cujo sacrifício eles sabem ser em comum conosco. Pois nós e eles juntos somos a única cidade de Deus, à qual é dito no salmo: "Coisas gloriosas são ditas de ti, ó cidade de Deus"; a parte humana peregrinando aqui embaixo, a ajuda angelical de cima. Pois daquela cidade celestial, na qual a vontade de Deus é a lei inteligível e imutável, daquela câmara do conselho celestial – pois eles se sentam em conselho a nosso respeito – aquela Sagrada Escritura, que nos desceu pelo ministério dos anjos, na qual está escrito: "Aquele que sacrificar a qualquer deus, salvo somente ao Senhor, será totalmente destruído", 9 - esta Escritura, esta lei, estes preceitos, foram confirmados por tais milagres, que é suficientemente evidente para quem estes espíritos imortais e abençoados, que desejam que sejamos como eles, desejam que façamos sacrifícios.

CAPÍTULO. 8.-DOS MILAGRES QUE DEUS CONCEDEU A ATRIBUIR, ATRAVÉS DO MINISTÉRIO DOS ANJOS, ÀS SUAS PROMESSAS PARA A CONFIRMAÇÃO DA FÉ DOS PIEDOSOS

1. Pareceria tedioso se eu contasse todos os milagres antigos, que

foram realizados em atestação das promessas de Deus que Ele fez a Abraão há milhares de anos, de que em sua semente todas as nações da terra seriam abençoadas. Pois quem pode se maravilhar que a esposa estéril de Abraão tenha dado à luz um filho em uma idade em que nem mesmo uma mulher prolífica poderia ter filhos; ou, ainda, que quando Abraão sacrificasse, uma chama do céu deveria ter corrido entre as partes divididas; destruição de Sodoma pelo fogo do céu; e que seu sobrinho Ló deveria ter sido resgatado de Sodoma pelos anjos quando o fogo estava descendo, enquanto sua esposa, que olhou para trás e foi imediatamente transformada em sal, permaneceu como um farol sagrado nos alertando que ninguém que está sendo salvo deve ansiar pelo que está deixando? Quão impressionantes também foram as maravilhas feitas por Moisés para resgatar o povo de Deus do jugo da escravidão no Egito, quando os magos do Faraó, isto é, o rei do Egito, que tiranizou este povo, foram forçados a fazer algumas coisas maravilhosas que eles podem ser derrotados ainda mais claramente! Eles fizeram essas coisas pelas artes mágicas e encantamentos aos quais os espíritos malignos ou demônios são viciados; enquanto Moisés, tendo tanto maior poder quanto tinha ao seu lado, e tendo a ajuda dos anjos, facilmente os conquistou em nome do Senhor que fez o céu e a terra. E, de fato, os magos falharam na terceira praga; ao passo que Moisés, fazendo os milagres que lhe foram delegados, trouxe dez pragas sobre a terra, de modo que os corações duros de Faraó e dos egípcios cederam, e o povo foi solto. Mas, arrependendo-se rapidamente e tentando alcançar os hebreus que partiam, que haviam atravessado o mar em terra seca, eles foram cobertos e subjugados pelas águas que retornavam. O que direi daquelas freqüentes e estupendas exhibições do poder divino, enquanto o povo era conduzido pelo deserto? madeira foi lançada neles? do maná que desceu do céu para saciar a fome, e que gerou vermes e apodreceu quando alguém colheu mais do que a quantidade designada, e ainda, embora o dobro fosse recolhido na véspera do sábado (não sendo lícito colhê-lo em naquele dia), permaneceu fresco? dos pássaros que enchiam o acampamento e transformavam o apetite em saciedade quando ansiavam por carne, que parecia impossível fornecer a uma população tão vasta? dos inimigos que os encontraram, e se opuseram

à sua passagem com armas, e foram derrotados sem a perda de um único hebreu, quando Moisés orou com as mãos estendidas em forma de cruz? das pessoas sediciosas que surgiram entre o povo de Deus, e se separaram da comunidade divinamente ordenada, e foram engolidas vivas pela terra, um sinal visível de um castigo invisível? da rocha golpeada com a vara, e derramando águas mais do que suficientes para todo o exército? das mordidas das serpentes mortais, enviadas como punição justa do pecado, mas curadas ao olhar para a serpente de bronze levantada, para que não apenas as pessoas atormentadas fossem curadas, mas um símbolo da crucificação da morte diante deles nesta destruição da morte pela morte? Foi esta serpente que foi preservada em memória deste evento, e depois foi adorada pelas pessoas equivocadas como um ídolo, e foi destruída pelo rei piedoso e temente a Deus Ezequias, para seu crédito.

CAPÍTULO. 9.-DAS ARTES ILÍCITAS LIGADAS À DEMONOLATRIA, E DAS QUAIS O PORFÍRIO PLATONISTA ADOA ALGUMAS E DESCARTA OUTRAS

1. Esses milagres, e muitos outros da mesma natureza, que era tedioso mencionar, foram feitos com o propósito de elogiar a adoração do único Deus verdadeiro e proibir a adoração de uma multidão de falsos deuses. Além disso, eles foram forjados pela fé simples e confiança piedosa, não pelos encantamentos e encantos compostos sob a influência de um criminoso adulterando o mundo invisível, de uma arte que eles chamam de magia, ou pelo título mais abominável necromancia, ou o Teurgia de designação mais honrosa; pois eles desejam discriminar entre aqueles que o povo chama de mágicos, que praticam a necromancia, e são viciados em artes ilícitas e condenados, e aqueles outros que lhes parecem dignos de louvor por sua prática de teurgia – a verdade, porém, sendo que ambas as classes são escravas dos ritos enganosos dos demônios que invocam sob o nome de anjos.

2. Pois mesmo Porfírio promete algum tipo de purificação da alma com a ajuda da teurgia, embora o faça com alguma hesitação e

vergonha, e nega que essa arte possa garantir a alguém um retorno a Deus; então você pode detectar sua opinião vacilando entre a profissão de filosofia e uma arte que ele considera presunçosa e sacrílega. Pois ao mesmo tempo ele nos adverte para evitá-lo como enganoso, proibido por lei e perigoso para aqueles que o praticam; então, novamente, como que em deferência a seus defensores, ele a declara útil para limpar uma parte da alma, não, de fato, a parte intelectual, pela qual a verdade das coisas inteligíveis, que não têm imagens sensíveis, é reconhecida, mas a parte espiritual, que toma conhecimento das imagens das coisas materiais. Esta parte, diz ele, é preparada e apropriada para o intercâmbio com espíritos e anjos, e para a visão dos deuses, com a ajuda de certas consagrações teúrgicas, ou, como eles chamam, mistérios. Ele reconhece, no entanto, que esses mistérios teúrgicos não conferem à alma intelectual nenhuma pureza que a ajuste para ver seu Deus e reconhecer as coisas que realmente existem. E deste reconhecimento podemos inferir que tipo de deuses são estes, e que tipo de visão deles é dada pelas consagrações teúrgicas, se por ela não se pode ver as coisas que realmente existem. Ele diz, ainda, que a alma racional, ou, como ele prefere chamá-la, a alma intelectual, pode passar aos céus sem que a parte espiritual seja purificada pela arte teúrgica, e que essa arte não pode purificar a parte espiritual a ponto de dar-lhe entrada para a imortalidade e eternidade. E, portanto, embora ele distinga os anjos dos demônios, afirmando que a habitação dos últimos está no ar, enquanto os primeiros habitam no éter e no empíreo, e embora nos aconselhe a cultivar a amizade de algum demônio, que poderá depois nossa morte para nos ajudar e nos elevar pelo menos um pouco acima da terra – pois ele reconhece que é por outro caminho que devemos alcançar a sociedade celestial dos anjos – ele ao mesmo tempo nos adverte distintamente para evitar a sociedade dos demônios, dizendo que a alma, expiando seu pecado após a morte, execra o culto dos demônios pelos quais foi enredada. E da própria teurgia, embora a recomende como reconciliadora de anjos e demônios, não pode negar que trata com poderes que ou invejam a pureza da alma ou servem às artes daqueles que a invejam. Ele se queixa disso pela boca de algum caldeu ou outro: "Um homem bom na Caldéia reclama", diz ele, "que seus esforços mais árduos para limpar

sua alma foram frustrados, porque outro homem, que teve influência nesses assuntos, e que invejava sua pureza, havia orado aos poderes, e os prendeu por sua conjuração para não ouvir seu pedido. Portanto", acrescenta Porfírio, "o que um homem amarrava, o outro não podia soltar". E disso ele conclui que a teurgia é um ofício que realiza não apenas o bem, mas o mal entre deuses e homens; e que os deuses também têm paixões, e são perturbados e agitados pelas emoções que Apuleio atribuiu aos demônios e aos homens, mas das quais ele preservou os deuses por aquela sublimidade de residência que, em comum com Platão, ele lhes concedeu.

CAPÍTULO. 10.-QUANTO À TEURGIA, QUE PROMETE UMA PURIFICAÇÃO ilusória DA ALMA PELA INVOCAÇÃO DE DEMÔNIOS

1. Mas aqui temos outro platonista muito mais erudito do que Apuleio, Porfírio, a saber, afirmando que, por não sei que teurgia, até os próprios deuses estão sujeitos a paixões e perturbações; pois por adjurações eles estavam tão presos e aterrorizados que não podiam conferir pureza de alma – estavam tão aterrorizados por aquele que lhes impôs uma ordem perversa, que eles não podiam pela mesma teurgia ser libertados desse terror e cumprir os justos a mando daquele que orou a eles, ou faça o bem que ele buscou. Quem não vê que todas essas coisas são ficções de demônios enganadores, a menos que seja um miserável escravo deles e um estranho à graça do verdadeiro Libertador? Pois se os caldeus estivessem lidando com deuses bons, certamente um homem bem-intencionado, que procurasse purificar sua própria alma, teria mais influência sobre eles do que um homem mal-intencionado que procurasse impedi-lo. Ou, se os deuses fossem justos e considerassem o homem indigno da purificação que ele buscava, em todo caso não deveriam ter sido aterrorizados por um invejoso, nem impedidos, como Porfírio confessa, pelo medo de uma divindade mais forte, mas deveriam simplesmente negaram a benção por seu próprio julgamento . E é surpreendente que aquele caldeu bem disposto, que desejava purificar

sua alma por ritos teúrgicos, não encontrou divindade superior que pudesse aterrorizar ainda mais os deuses amedrontados e forçá-los a conceder o benefício, ou compor seus medos, e assim permita-lhes fazer o bem sem compulsão, mesmo supondo que o bom teurgo não tivesse ritos pelos quais ele mesmo pudesse expurgar a mácula do medo dos deuses que ele invocava para a purificação de sua própria alma. E por que existe um deus que tem poder para aterrorizar os deuses inferiores, e nenhum que tem poder para libertá-los do medo? Existe um deus que ouve o homem invejoso e assusta os deuses de fazer o bem? e não é encontrado um deus que ouve o homem bem-intencionado e remove o medo dos deuses para que eles possam lhe fazer bem? Ó excelente teurgia! Ó admirável purificação da alma! — uma teurgia em que a violência de uma inveja impura tem mais influência do que a súplica de pureza e santidade. Antes, abominemos e evitemos o engano de tais espíritos maus, e ouçamos a sã doutrina. Quanto àqueles que realizam essas limpezas imundas por ritos sacrílegos, e vêem em seu estado iniciado (como ele nos diz ainda, embora possamos questionar essa visão) certas aparições maravilhosamente adoráveis de anjos ou deuses, é a isso que o apóstolo se refere quando ele fala de "Satanás se transformando em anjo de luz". Pois estas são as aparências ilusórias daquele espírito que anseia em enredar almas miseráveis na adoração enganosa de muitos e falsos deuses, e afastá-los da verdadeira adoração do verdadeiro Deus, por quem somente eles são purificados e curados, e que, como foi dito de Proteu, "transforma-se em todas as formas",² igualmente prejudicial, quer ele nos assalte como um inimigo, ou assuma o disfarce de um amigo.

CAPÍTULO. 11.-DA EPÍSTOLA DE PORFÍRIO A ANEBO, EM QUE ELE PEDE INFORMAÇÕES SOBRE AS DIFERENÇAS ENTRE DEMÔNIOS

1. Foi melhor o tom que Porfírio adotou em sua carta a Anebo, o egípcio, na qual, assumindo o caráter de um inquiridor que o consultava, desmascarou e explodiu essas artes sacrílegas. Nessa carta,

de fato, ele repudia todos os demônios, que ele considera tão tolos a ponto de serem atraídos pelos vapores do sacrifício e, portanto, residindo não no éter, mas no ar sob a lua e, na verdade, na própria lua. No entanto, ele não tem a ousadia de atribuir a todos os demônios todos os enganos e práticas maliciosas e tolas que justamente movem sua indignação. Pois, embora ele reconheça que, como uma raça, os demônios são tolos, ele até agora se acomoda às idéias populares a ponto de chamar algumas delas de demônios benignos. Ele expressa surpresa que os sacrifícios não apenas inclinam os deuses, mas também os compelem e os forçam a fazer o que os homens desejam; e ele não entende como o sol e a lua, e outros corpos celestes visíveis – pois corpos ele não duvida que sejam – são considerados deuses, se os deuses se distinguem dos demônios por sua incorporeidade; também, se são deuses, como alguns são chamados benéficos e outros prejudiciais, e como eles, sendo corpóreos, são contados com os deuses, que são incorpóreos. Ele pergunta ainda, e ainda como alguém em dúvida, se os adivinhos e milagreiros são homens de almas extraordinariamente poderosas, ou se o poder de fazer essas coisas é comunicado por espíritos de fora. Ele se inclina para a última opinião, com o fundamento de que é pelo uso de pedras e ervas que eles lançam feitiços sobre as pessoas, abrem portas fechadas e fazem maravilhas semelhantes. E por isso, diz ele, alguns supõem que existe uma raça de seres cuja propriedade é ouvir os homens - uma raça enganosa, cheia de artifícios, capaz de assumir todas as formas, simulando deuses, demônios e homens mortos, – e que é esta raça que produz todas essas coisas que têm a aparência do bem ou do mal, mas o que é realmente bom eles nunca nos ajudam, e de fato desconhecem, pois facilitam a maldade, mas lançam obstáculos no caminho dos que seguem avidamente a virtude; e que eles estão cheios de orgulho e imprudência, deleitam-se com odores sacrificais, são recebidos com bajulação. Estas e outras características desta raça de espíritos enganosos e maliciosos, que entram nas almas dos homens e iludem seus sentidos, tanto no sono quanto na vigília, ele descreve não como coisas das quais ele próprio está convencido, mas apenas com tanta suspeita e dúvida quanto a levá-lo a falar delas como opiniões comumente recebidas. Devemos nos solidarizar com esse grande

filósofo pela dificuldade que experimentou em se familiarizar e atacar com confiança toda a fraternidade dos demônios, que qualquer velha cristã descreveria sem hesitação e detestava sem reservas. Talvez, no entanto, ele se esquivasse de ofender Anebo, a quem escrevia, ele próprio o patrono mais eminente desses mistérios, ou os outros que se maravilhavam com essas façanhas mágicas como obras divinas e intimamente aliadas ao culto dos deuses.

2. No entanto, ele segue esse assunto e, ainda no caráter de um inquiridor, menciona algumas coisas que nenhum julgamento sóbrio poderia atribuir a outros poderes, exceto maliciosos e enganosos. Ele pergunta por que, depois que a melhor classe de espíritos foi invocada, a pior deveria ser ordenada a realizar os desejos perversos dos homens; por que eles não ouvem um homem que acaba de deixar o abraço de uma mulher, enquanto eles mesmos não têm escrúpulos em tentar os homens ao incesto e ao adultério; por que seus sacerdotes são ordenados a se abster de comida animal por medo de serem poluídos pelas exalações corpóreas, enquanto eles mesmos são atraídos pelas fumaças dos sacrifícios e outras exalações; por que os iniciados são proibidos de tocar um cadáver, enquanto seus mistérios são celebrados quase inteiramente por meio de cadáveres; por que é que um homem viciado em qualquer vício deve proferir ameaças, não a um demônio ou à alma de um homem morto, mas ao sol e à lua, ou a alguns dos corpos celestes, que ele intimida por terrores imaginários, que ele pode arrancar deles um verdadeiro benefício – pois ele ameaça demolir o céu, e outras impossibilidades semelhantes – que esses deuses, alarmados, como crianças tolas, com ameaças imaginárias e absurdas, possam fazer o que lhes é ordenado. Porfírio relata ainda que um homem, Chæremon, profundamente versado nesses mistérios sagrados ou bastante sacrílegos, escreveu que os famosos mistérios egípcios de Ísis e seu marido Osíris tiveram grande influência sobre os deuses para compeli-los a fazer o que lhes foi ordenado, quando aquele que usou os feitiços ameaçou divulgar ou acabar com esses mistérios, e gritou com uma voz ameaçadora que ele dispersaria os membros de Osíris se eles negligenciassem suas ordens. Não é sem razão que Porfírio se surpreende que um homem faça ameaças tão

selvagens e vazias contra os deuses, não contra deuses sem importância, mas contra os deuses celestiais e aqueles que brilham com luz sideral, e que essas ameaças sejam eficazes. para constrangê-los com poder irresistível e alarmá-los para que cumpram seus desejos. Não é sem razão que ele, na qualidade de um investigador das razões dessas coisas surpreendentes, dá a entender que elas são feitas por aquela raça de espíritos que ele descreveu anteriormente como se citando opiniões de outras pessoas - espíritos que não enganam, como ele disse, por natureza, mas por sua própria corrupção, e que simulam deuses e homens mortos, mas não, como ele disse, demônios por demônios que realmente são. Quanto à sua ideia de que por meio de ervas, pedras e animais, e certos encantamentos e ruídos e desenhos, às vezes fantasiosos, às vezes copiados dos movimentos dos corpos celestes, os homens criam na terra poderes capazes de produzir vários resultados, tudo isso é apenas a mistificação que esses demônios praticam sobre aqueles que estão sujeitos a eles, para se divertirem às custas de seus tolos. Ou, então, Porfírio foi sincero em suas dúvidas e indagações, e mencionou essas coisas para demonstrar e colocar sem dúvida que eram obra, não de poderes que nos ajudam a obter a vida, mas de demônios enganosos; ou, para ter uma visão mais favorável do filósofo, ele adotou esse método com o egípcio que era casado com esses erros e se orgulhava deles, para não ofendê-lo assumindo a atitude de um professor, nem descompor sua mente pela altercação de um assaltante confesso, mas, assumindo o caráter de um inquiridor, e a atitude humilde de alguém que estava ansioso para aprender, pode voltar sua atenção para esses assuntos e mostrar como eles são dignos de serem desprezados e abandonados. Perto da conclusão de sua carta, ele pede a Anebo que lhe informe o que a sabedoria egípcia indica como o caminho para a bem-aventurança. Mas quanto àqueles que mantêm relações com os deuses e os incomodam apenas para encontrar um escravo fugitivo, ou adquirir propriedades, ou negociar um casamento, ou coisas assim, ele declara que suas pretensões de sabedoria são vãs. Ele acrescenta que esses mesmos deuses, mesmo admitindo que em outros pontos suas declarações eram verdadeiras, foram ainda tão imprudentes e insatisfatórios em suas revelações sobre a bem-aventurança, que não podem ser nem deuses nem bons

demônios, mas são aquele espírito que é chamado o enganador, ou meras ficções da imaginação.

CAPÍTULO. 12.-DOS MILAGRES REALIZADOS PELO VERDADEIRO DEUS ATRAVÉS DO MINISTÉRIO DOS SANTOS ANJOS

1. Uma vez que por meio dessas artes são feitas maravilhas que superam em muito o poder humano, que escolha temos senão acreditar que essas previsões e operações, que parecem ser milagrosas e divinas, e que ao mesmo tempo não fazem parte do culto do único Deus, em adesão a quem, como os próprios platônicos testemunham abundantemente, toda a bem-aventurança consiste, são o passatempo dos espíritos maus, que assim procuram seduzir e impedir os verdadeiramente piedosos? Por outro lado, não podemos deixar de acreditar que todos os milagres, sejam operados por anjos ou por outros meios, contanto que sejam feitos de modo a recomendar a adoração e a religião do único Deus em quem somente há bem-aventurança, são operados por aqueles que nos amam de maneira verdadeira e piedosa, ou por meio deles, o próprio Deus trabalhando neles. Pois não podemos ouvir aqueles que sustentam que o Deus invisível não opera milagres visíveis; pois até eles acreditam que Ele fez o mundo, que certamente eles não negarão ser visível. Qualquer que seja a maravilha que aconteça neste mundo, certamente é menos maravilhosa do que todo este mundo em si – quero dizer, o céu e a terra, e tudo o que há neles – e isso Deus certamente fez. Mas, como o próprio Criador está oculto e incompreensível para o homem, também o é o modo de criação. Embora, portanto, o milagre permanente deste mundo visível seja pouco pensado, porque sempre diante de nós, ainda assim, quando nos despertamos para contemplá-lo, é um milagre maior do que as mais raras e inauditas maravilhas. Pois o próprio homem é um milagre maior do que qualquer milagre feito por meio de sua instrumentalidade. Portanto, Deus, que fez o céu e a terra visíveis, não despreza fazer milagres visíveis no céu ou na terra, para que assim desperte a alma que está imersa nas coisas visíveis para

adorar a si mesmo, o invisível. Mas o lugar e o tempo desses milagres dependem de Sua vontade imutável, na qual as coisas futuras são ordenadas como se já tivessem sido realizadas. Pois Ele move as coisas temporais sem se mover no tempo. Ele não conhece de um modo as coisas que devem ser e, de outro, as coisas que foram; nem Ele ouve aqueles que oram de outra forma que não como Ele vê aqueles que vão orar. Pois, mesmo quando Seus anjos nos ouvem, é Ele mesmo quem nos ouve neles, como em seu verdadeiro templo não feito por mãos, como naqueles homens que são seus santos; e Suas respostas, embora cumpridas a tempo, foram arranjadas por Sua designação eterna.

CAPÍTULO. 13.-DO DEUS INVISÍVEL, QUE FREQUENTEMENTE SE FEZ VISÍVEL, NÃO COMO REALMENTE É, MAS COMO OS HUMANOS PODEM SUPORTAR A VISTA

1. Nem devemos nos surpreender que Deus, invisível como é, muitas vezes apareceu visivelmente aos patriarcas. Pois como o som que comunica o pensamento concebido no silêncio da mente não é o pensamento em si, assim a forma pela qual Deus, invisível em sua própria natureza, tornou-se visível, não era o próprio Deus. No entanto, é Ele mesmo que foi visto sob essa forma, como o próprio pensamento é ouvido no som da voz; e os patriarcas reconheceram que, embora a forma corpórea não fosse Deus, eles viam o Deus invisível. Pois, embora Moisés tenha conversado com Deus, ainda assim ele disse: "Se achei graça aos teus olhos, mostra-me a ti mesmo, para que eu te veja e conheça". E como era apropriado que a lei, que foi dada, não a um homem ou a alguns homens esclarecidos, mas a toda uma nação populosa, fosse acompanhada por sinais inspiradores, grandes maravilhas foram feitas, pelo ministério de anjos, diante do povo no monte onde a lei lhes estava sendo dada por meio de um homem, enquanto a multidão contemplava as terríveis aparições. Pois o povo de Israel acreditou em Moisés, não como os lacedemônios acreditaram em seu Licurgo, porque ele havia recebido de Júpiter ou Apolo as leis que ele lhes deu. Pois, quando foi dada ao povo a lei que

prescrevia o culto de um só Deus, foram feitos sinais maravilhosos e terremotos, que a sabedoria divina julgou suficiente, à vista de todos, para que soubessem que era o Criador quem podia assim usar a criação para promulgar Sua lei.

CAPÍTULO. 14.-QUE O DEUS ÚNICO DEVE SER ADORADO NÃO APENAS PARA BÊNÇÃOS ETERNAS , MAS TAMBÉM EM CONEXÃO COM A PROSPERIDADE TEMPORAL, PORQUE TODAS AS COISAS SÃO REGULADAS POR SUA PROVIDÊNCIA

1. A educação da raça humana, representada pelo povo de Deus, avançou, como a de um indivíduo, através de certas épocas, ou, por assim dizer, eras, para que pudesse subir gradualmente das coisas terrenas às celestiais, e do visível ao invisível. Este objetivo foi mantido tão claramente em vista, que, mesmo no período em que as recompensas temporais foram prometidas, o único Deus foi apresentado como objeto de adoração, para que os homens não reconhecessem outro senão o verdadeiro Criador e Senhor do espírito, mesmo em conexão com as bênçãos terrenas desta vida transitória. Pois aquele que nega que todas as coisas, que os anjos ou os homens podem nos dar, estão nas mãos do único Todo-Poderoso, é um louco. O platônico Plotino discorre sobre a providência e, pela beleza das flores e folhagens, prova que do Deus supremo, cuja beleza é invisível e inefável, a providência chega até essas coisas terrenas aqui embaixo; e ele argumenta que todas essas coisas frágeis e perecíveis não poderiam ter uma beleza tão requintada e elaborada, se não fossem moldadas por Aquele cuja beleza invisível e imutável continuamente permeia todas as coisas. Isto é provado também pelo Senhor Jesus, onde Ele diz: "Considerai os lírios, como eles crescem; eles não trabalham, nem fiam. E ainda vos digo que Salomão em toda a sua glória não se vestiu como um destes Mas, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã será lançada no forno, quanto mais vos vestirá, ó homens de pouca fé!"³ Era melhor, portanto, que a alma do homem, que ainda desejava fracamente as coisas terrenas,

deve acostumar-se a buscar somente em Deus essas pequenas dádivas temporais, e as necessidades terrenas desta vida transitória, que são desprezíveis em comparação com as bênçãos eternas, a fim de que o desejo mesmo dessas coisas não pode afastá-lo da adoração dAquele, a quem chegamos desprezando e abandonando tais coisas.

CAPÍTULO. 15.-DO MINISTÉRIO DOS SANTOS ANJOS, PELO QUE CUMPRAM A PROVIDÊNCIA DE DEUS

1. E assim agradeu à Divina Providência, como eu disse, e como lemos nos Atos dos Apóstolos, que a lei que ordena o culto de um Deus seja dada pela disposição dos anjos. Mas entre eles a pessoa do próprio Deus apareceu visivelmente, não, de fato, em sua própria substância, que permanece sempre invisível aos olhos mortais, mas pelos sinais infalíveis fornecidos pela criação em obediência ao seu Criador. Ele fez uso, também, das palavras da fala humana, pronunciando-as sílaba por sílaba sucessivamente, embora em Sua própria natureza Ele fale não de forma corporal, mas espiritual; não para sentir, mas para a mente; não em palavras que ocupam o tempo, mas, se assim posso dizer, eternamente, nem começando a falar nem chegando ao fim. E o que Ele diz é ouvido com precisão, não pelo ouvido corporal, mas pelo ouvido mental de Seus ministros e mensageiros, que são imortalmente abençoados no desfrute de Sua verdade imutável; e as direções que eles de alguma forma inefável recebem, eles executam sem demora ou dificuldade no mundo sensível e visível. E esta lei foi dada em conformidade com a idade do mundo, e Contida nas primeiras promessas terrenas, como eu disse, que, no entanto, simbolizavam as eternas; e essas bênçãos eternas poucos entenderam, embora muitos participassem da celebração de seus sinais visíveis. No entanto, com um consentimento, tanto as palavras quanto os ritos visíveis dessa lei ordenam a adoração de um Deus, não um de uma multidão de deuses, mas aquele que fez o céu e a terra, e toda alma e todo espírito que é diferente de si mesmo . . Ele criou; tudo o mais foi criado; e, tanto para o ser como para o bem-estar, todas as coisas precisam daquele que as criou.

CAPÍTULO. 16.-SE AQUELES ANJOS QUE EXIGEM QUE LHE PRESTEMOS HONRA DIVINA, OU AQUELES QUE NOS ENSINAM A PRESTAR SERVIÇO SANTO, NÃO A SI MESMOS, MAS A DEUS, DEVEM SER CONFIADOS SOBRE O CAMINHO PARA A VIDA ETERNA

1. Que anjos, então, devemos acreditar nesta questão de vida abençoada e eterna? - aqueles que desejam ser adorados com ritos e observâncias religiosas, e exigem que os homens sacrifiquem a eles; ou aqueles que dizem que todo esse culto é devido a um Deus, o Criador, e nos ensinam a prestar-lhe com verdadeira piedade, pela visão de quem eles já são abençoados, e em quem prometem que seremos tão ? Pois essa visão de Deus é a beleza de uma visão tão grande e é tão infinitamente desejável, que Plotino não hesita em dizer que aquele que desfruta de todas as outras bênçãos em abundância, e não as tem, é extremamente miserável. Visto que, portanto, os milagres são feitos por alguns anjos para nos induzir a adorar esse Deus, por outros, para nos induzir a adorar a si mesmos; e uma vez que os primeiros nos proibem de adorá-los, enquanto os últimos não ousam nos proibir de adorar a Deus, o que devemos ouvir? Que respondam os platônicos, ou quaisquer filósofos, ou os teurgos, ou melhor, os periurgistas – pois este nome é bom o suficiente para aqueles que praticam tais artes. Em suma, que todos os homens respondam – se, pelo menos, sobrevive neles alguma centelha daquela percepção natural que, como seres racionais, eles possuem quando criados – que eles, eu digo, nos digam se devemos nos sacrificar ao deuses ou anjos que nos mandam sacrificar a eles, ou àquele a quem somos ordenados a sacrificar por aqueles que nos proibem de adorar a si mesmos ou a esses outros. Se nem uma das partes nem a outra tivessem feito milagres, mas tivessem apenas proferido ordens, uma para sacrificar a si mesma, a outra proibindo isso e ordenando que sacrifiquemos a Deus, uma mente piedosa não teria dificuldade em discernir quais comando procedeu de orgulhosa arrogância, e que de verdadeira religião. vou dizer mais. Se os milagres tivessem sido operados apenas por aqueles que exigem

sacrifícios para si mesmos, enquanto aqueles que proibiam isso, e ordenavam o sacrifício apenas ao único Deus, achavam adequado renunciar inteiramente ao uso de milagres visíveis, a autoridade deste último deveria ser preferida por todos os que usariam, não apenas seus olhos, mas sua razão. Mas visto que Deus, para nos recomendar os oráculos de Sua verdade, por meio desses mensageiros imortais, que proclamam Sua majestade e não seu próprio orgulho, operou milagres de grandeza, certeza e distinção insuperáveis, a fim de que os fracos entre os piedosos podem não ser atraídos para a religião falsa por aqueles que exigem que sacrifiquemos a eles e se esforcem para nos convencer por estupendos apelos aos nossos sentidos, que é tão totalmente irracional a ponto de não escolher e seguir a verdade, quando ele acha que é anunciado por evidências ainda mais impressionantes do que falsidade?

2. Quanto aos milagres que a história atribui aos deuses dos pagãos, não me refiro àqueles prodígios que acontecem a intervalos de algumas causas físicas desconhecidas, e que são organizados e designados pela Divina Providência, como nascimentos monstruosos e fenômenos meteorológicos incomuns, sejam apenas surpreendentes, ou também prejudiciais, e que se diz serem provocados e removidos pela comunicação com os demônios e por seus ofícios mais enganosos - mas me refiro a esses prodígios que manifestamente são forjados por seu poder e força, como, que os deuses domésticos que Enéias carregou de Tróia em sua fuga se mudaram de um lugar para outro; que Tarquínio cortou uma pedra de amolar com uma navalha; que a serpente de Epidauro se ligou como companheira de Esculápio em sua viagem a Roma; que o navio em que estava a imagem da mãe frígia, e que não podia ser movido por uma multidão de homens e bois, foi movido por uma mulher fraca, que prendeu seu cinto ao navio e o puxou, como prova de sua castidade ; que uma vestal, cuja virgindade foi questionada, removeu a suspeita carregando do Tibre uma peneira cheia de água sem que ela caísse: estas, então, e outras semelhantes, não podem ser comparadas em grandeza e virtude àquelas que , lemos, foram feitas entre o povo de Deus. Quanto menos podemos comparar aquelas maravilhas que até as leis das nações pagãs proíbem e punem

– quero dizer as maravilhas mágicas e teúrgicas, das quais a maior parte são meras ilusões praticadas sobre os sentidos, como o desenho da lua, "que", como diz Lucan, "pode ter uma influência mais forte sobre as plantas?" E se alguns destes parecem igualar aqueles que são feitos pelos piedosos, o fim para o qual eles são feitos distingue os dois, e mostra que os nossos são incomparavelmente mais excelentes. Pois esses milagres recomendam a adoração de uma pluralidade de deuses, que tanto menos merecem adoração quanto mais a exigem; mas estes nossos elogiam a adoração do único Deus, que, tanto pelo testemunho de Suas próprias Escrituras, quanto pela eventual abolição dos sacrifícios, prova que Ele não precisa de tais ofertas. Se, portanto, algum anjo exige sacrifício para si, devemos preferir aqueles que o exigem, não para si, mas para Deus, o Criador de tudo, a quem eles servem. Pois assim eles provam quão sinceramente eles nos amam, pois eles desejam por sacrifício nos sujeitar, não a si mesmos, mas a Ele pela contemplação de quem eles mesmos são abençoados, e nos levar a Ele de quem eles mesmos nunca se desviaram. Se, por outro lado, algum anjo deseja que sacrifiquemos, não a um, mas a muitos, não a si mesmo, mas aos deuses de quem são anjos, devemos neste caso preferir também aqueles que são os anjos. do único Deus dos deuses, e que nos ordena a adorá-lo de modo a impedir que adoremos qualquer outro. Mas, além disso, se for o caso, como seu orgulho e engano indicam, que eles não são anjos bons nem anjos de deuses bons, mas demônios maus, que desejam que o sacrifício seja pago, não ao único e supremo Deus, senão a si mesmos, que melhor proteção contra eles podemos escolher do que a do único Deus a quem os bons anjos servem, os anjos que nos convidam a sacrificar, não a eles mesmos, mas àquele cujo sacrifício nós mesmos devemos ser?

CAPÍTULO. 17.-RELATIVA À ARCA DA ALIANÇA, E OS SINAIS MIRACULOSOS PELO QUE DEUS AUTENTICOU A LEI E A PROMESSA

1. Foi por isso que a lei de Deus, dada pela disposição dos anjos, e que ordenava que o único Deus dos deuses recebesse adoração sagrada,

com exclusão de todos os outros, foi depositada na arca, chamada arca do testemunho. Por este nome é suficientemente indicado, não que Deus, que foi adorado por todos aqueles ritos, foi fechado e encerrado naquele lugar, embora Suas respostas emanassem dele junto com sinais apreciáveis pelos sentidos, mas que Sua vontade foi declarada de aquele trono. A própria lei também foi gravada em tábuas de pedra e, como eu disse, depositada na arca, que os sacerdotes carregavam com a devida reverência durante a permanência no deserto, junto com o tabernáculo, que era igualmente chamado o tabernáculo do testemunho; e havia então um sinal acompanhante, que aparecia como uma nuvem de dia e como um fogo à noite; quando a nuvem se movia, o acampamento era deslocado, e onde estava o acampamento era armado. Além desses sinais e das vozes que procediam do lugar onde estava a arca, havia outros testemunhos milagrosos da lei. Pois, quando a arca foi transportada através do Jordão, à entrada da terra da promessa, a parte superior do rio parou no seu curso, e a parte inferior continuou a fluir, para apresentar tanto à arca como ao povo terra seca para passar. Então, quando foi carregado sete vezes ao redor da primeira cidade hostil e politeísta que eles encontraram, suas muralhas caíram repentinamente, embora não atacadas por nenhuma mão, nem atingidas por nenhum aríete. Depois, também, quando eles agora residiam na terra da promessa, e a arca, em punição de seu pecado, foi tomada por seus inimigos, seus captores triunfantes a colocaram no templo de seu deus favorito e a deixaram fechada. Lá em cima, mas, ao abrir o templo no dia seguinte, encontraram a imagem para a qual costumavam orar caída no chão e vergonhosamente despedaçada. Então, sendo eles próprios alarmados por presságios, e ainda mais vergonhosamente punidos, eles restauraram a arca do testemunho ao povo de quem a haviam tirado. E qual foi a maneira de sua restauração? Colocaram-no numa carroça, e atrelaram a ele as vacas das quais haviam tirado os bezerros, deixando-os escolher seu próprio curso, esperando que assim a vontade divina fosse indicada; e as vacas, sem nenhum homem conduzindo-as ou dirigindo-as, seguiram firmemente o caminho para os hebreus, sem considerar o mugido de seus bezerros, e assim devolveram a arca a seus adoradores. Para Deus, essas e outras maravilhas semelhantes são

pequenas, mas são poderosas para aterrorizar e dar instruções salutares aos homens. Pois se os filósofos, e especialmente os platônicos, são com justiça considerados mais sábios do que os outros homens, como acabei de mencionar, porque ensinaram que mesmo essas coisas terrenas e insignificantes são governadas pela Divina Providência, deduzindo isso das inúmeras belezas que são observáveis não apenas nos corpos dos animais, mas também nas plantas e ervas, quanto mais claramente essas coisas atestam a presença da divindade que acontece no tempo previsto, e na qual é recomendada a religião que proíbe a oferta de sacrifício a qualquer , terrestre ou infernal, e ordena que seja oferecido somente a Deus, o único que nos abençoa por Seu amor por nós, e por nosso amor a Ele, e que, organizando os tempos determinados desses sacrifícios, e predizendo que eles deveriam passar para um sacrifício melhor por um Sacerdote melhor, testificou que Ele não tem apetite por esses sacrifícios, mas através deles indicou outros de bênçãos mais substanciais – e tudo isso não é que Ele mesmo pode ser glorificado por essas honras, mas para que possamos ser estimulados a adorá-lo e apegar-nos a ele, sendo inflamados por seu amor, que é nossa vantagem e não a dele?

CAPÍTULO. 18.-CONTRA AQUELES QUE NEGAM QUE OS LIVROS DA IGREJA DEVEM SER CRIDOS SOBRE OS MILAGRES PELOS QUAIS O POVO DE DEUS FOI EDUCADO

1. Alguém dirá que esses milagres são falsos, que nunca aconteceram e que os registros deles são mentiras? Quem diz isso, e afirma que em tais assuntos nenhum registro pode ser creditado, também pode dizer que não há deuses que cuidam dos assuntos humanos. Pois eles induziram os homens a adorá-los apenas por meio de obras milagrosas, que as histórias pagãs testemunham, e pelas quais os deuses fizeram uma exibição de seu próprio poder em vez de prestar qualquer serviço real. Esta é a razão pela qual não empreendemos nesta obra, da qual estamos agora escrevendo o décimo livro, refutar aqueles que negam a existência de qualquer poder divino ou afirmam que ele não interfere nos assuntos humanos, mas aqueles que

preferem o seu próprio deus ao nosso Deus, o Fundador da cidade santa e gloriosa, sem saber que Ele é também o Fundador invisível e imutável deste mundo visível e mutável, e o verdadeiro doador da vida abençoada que não reside nas coisas criadas , mas em si mesmo. Pois assim fala Seu profeta mais confiável: "É bom para mim estar unido a Deus". Entre os filósofos é uma questão: qual é esse fim e bem com o qual todos os nossos deveres devem ter uma relação? O salmista não disse: É bom para mim ter grandes riquezas ou usar insígnias imperiais, púrpura, cetro e diadema; ou, como alguns dos filósofos não se envergonharam de dizer, é bom para mim desfrutar do prazer sensual; ou, como os melhores homens entre eles pareciam dizer: Meu bem é minha força espiritual; mas, "É bom para mim estar unido a Deus." Isso ele aprendeu com Aquele a quem os santos anjos, com o acompanhamento de testemunhos de milagres, apresentaram como o único objeto de adoração. E, portanto, ele próprio se tornou o sacrifício de Deus, cujo amor espiritual o inflamava e em cujo abraço inefável e incorpóreo ele ansiava por se lançar. Além disso, se os adoradores de muitos deuses (seja qual for o tipo de deuses que eles imaginam que sejam) acreditam que os milagres registrados em suas histórias civis, ou nos livros de magia, ou da teurgia mais respeitável, foram operados por esses deuses, que razão têm eles para se recusarem a acreditar nos milagres registrados nesses escritos, aos quais devemos um crédito tanto maior quanto maior é aquele a quem somente esses escritos nos ensinam a sacrificar?

CAPÍTULO. 19.- SOBRE A RAZOABILIDADE DE OFERECER, COMO A VERDADEIRA RELIGIÃO ENSINA, UM SACRIFÍCIO VISÍVEL AO ÚNICO DEUS VERDADEIRO E INVÍSEL

1. Quanto àqueles que pensam que esses sacrifícios visíveis são convenientemente oferecidos a outros deuses, mas que os sacrifícios invisíveis, as graças da pureza da mente e da santidade da vontade, devem ser oferecidos, como maiores e melhores, ao Deus invisível, Ele próprio maior e melhor do que todos os outros, eles devem ignorar

que esses sacrifícios visíveis são sinais do invisível, como as palavras que pronunciamos são os sinais das coisas. E, portanto, como na oração ou no louvor dirigimos palavras inteligíveis àquele a quem em nosso coração oferecemos os próprios sentimentos que expressamos, assim devemos entender que em sacrifício oferecemos sacrifício visível somente a quem em nosso coração devemos apresentar-nos um sacrifício invisível. É então que os anjos, e todos aqueles poderes superiores que são poderosos por sua bondade e piedade, nos olham com prazer, se regozijam conosco e nos ajudam com o máximo de seu poder. Mas se oferecemos tal adoração a eles, eles a recusam; e quando em qualquer missão para os homens eles se tornam visíveis aos sentidos, eles positivamente proíbem isso. Exemplos disso ocorrem nas escrituras sagradas. Alguns imaginaram que deveriam, por adoração ou sacrifício, prestar aos anjos a mesma honra que é devida a Deus, e foram impedidos de fazê-lo pelos próprios anjos, e ordenados a entregá-lo a quem somente eles sabem que é devido. E os santos anjos foram imitados nisto pelos santos homens de Deus. Pois Paulo e Barnabé, quando fizeram um milagre de cura na Licaônia, eram considerados deuses, e os licaônios desejavam sacrificar a eles, e eles humilde e piedosamente recusaram essa honra, e anunciaram a eles o Deus em quem deveriam acreditar. E esses espíritos enganadores e orgulhosos, que exigem adoração, fazem isso simplesmente porque sabem que isso é devido ao verdadeiro Deus. Pois o que eles têm prazer não é, como diz Porfírio e alguns imaginam, o cheiro das vítimas, mas as honras divinas. Eles têm, de fato, muitos odores em todas as mãos e, se desejassem mais, poderiam fornecê-los para si mesmos. Mas os espíritos que se arrogam a divindade se deleitam não com a fumaça das carcaças, mas com o espírito suplicante que eles enganam e mantêm em sujeição, e impedem de se aproximar de Deus, impedindo-o de se oferecer em sacrifício a Deus, induzindo-o sacrificar aos outros.

CAPÍTULO. 20.-DO SUPREMO E VERDADEIRO SACRIFÍCIO QUE FOI EFETUADO PELO MEDIADOR ENTRE DEUS E OS

HOMENS

1. E, portanto, esse verdadeiro Mediador, na medida em que, assumindo a forma de servo, tornou-se o Mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, embora na forma de Deus tenha recebido sacrifício juntamente com o Pai, com quem Ele é um Deus, mas na forma de servo Ele escolheu ser do que receber um sacrifício, para que nem mesmo neste caso alguém tenha ocasião de supor que o sacrifício deve ser prestado a qualquer criatura. Assim, Ele é tanto o Sacerdote que oferece quanto o Sacrifício oferecido. E Ele quis que houvesse um sinal diário disso no sacrifício da Igreja, que, sendo Seu corpo, aprende a se oferecer por meio dele. Deste verdadeiro Sacrifício os antigos sacrifícios dos santos foram os vários e numerosos sinais; e foi assim figurado de várias maneiras, assim como uma coisa é significada por uma variedade de palavras, para que possa haver menos cansaço quando falamos muito sobre isso. A este supremo e verdadeiro sacrifício deram lugar todos os falsos sacrifícios.

CAPÍTULO. 21.-DO PODER DELEGADO AOS DEMÔNIOS PARA A PROVA E GLORIFICAÇÃO DOS SANTOS, QUE VENCEM NÃO PROPITANDO OS ESPÍRITOS DO AR, MAS PERMANECENDO EM DEUS

1. O poder delegado aos demônios em certas ocasiões designadas e bem ajustadas, para que expressem sua hostilidade à cidade de Deus, incitando contra ela os homens que estão sob sua influência, e não apenas recebam sacrifício de aqueles que voluntariamente o oferecem, mas também podem extorqui-lo dos relutantes por meio de perseguição violenta; - esse poder é considerado não apenas inofensivo, mas até útil para a Igreja, completando o número de mártires, a quem a cidade de Deus estima como todos os cidadãos mais ilustres e honrados, porque eles lutaram até o sangue contra o pecado da impiedade. Se a linguagem comum da Igreja permitisse, poderíamos chamar mais elegantemente esses homens de nossos heróis. Pois este nome é dito ser derivado de Juno, que em grego é

chamado de Hêrê e, portanto, de acordo com os mitos gregos, um de seus filhos se chamava Heros. E essas fábulas significavam misticamente que Juno era dona do ar, que eles supõem ser habitado pelos demônios e os heróis, entendendo por heróis as almas dos mortos merecedores. Mas, por uma razão bem oposta, chamaríamos nossos mártires de heróis, supondo, como eu disse, que o uso da linguagem eclesiástica o admitisse, não porque eles conviveram com os demônios no ar, mas porque venceram esses demônios. ou poderes do ar, e entre eles a própria Juno, seja o que for, não inadequadamente representada, como geralmente é pelos poetas, tão hostil à virtude e ciumenta de homens de marca que aspiram aos céus. Virgílio, no entanto, infelizmente cede e cede a ela; pois, embora ele a represente dizendo: "Sou conquistada por Enéias", Heleno dá ao próprio Enéias este conselho religioso:

"Pague votos para Juno: supere

Sua alma de rainha com dom e oração."

Em conformidade com esta opinião, Porfírio - expressando, no entanto, não tanto seus próprios pontos de vista como os de outras pessoas - diz que um deus ou gênio bom não pode vir a um homem a menos que o gênio do mal tenha sido antes de tudo propiciado, implicando que as divindades más tinha maior poder do que o bem; pois, até que tenham sido apaziguados e cedidos, o bem não pode dar assistência; e se as divindades más se opõem, as boas não podem ajudar; ao passo que o mal pode causar danos sem que o bem possa impedi-los. Este não é o caminho da religião verdadeira e verdadeiramente santa; não é assim que nossos mártires conquistam Juno, isto é, os poderes do ar, que invejam as virtudes dos piedosos. Nossos heróis, se assim podemos chamá-los, vencem Hêrê, não por dons suplicantes, mas por virtudes divinas. Como Cipião, que conquistou a África por sua bravura, é mais adequadamente denominado Africano do que se tivesse apaziguado seus inimigos com presentes e assim conquistado sua misericórdia.

CAPÍTULO. 22.-DE QUE OS SANTOS DERRAM PODER CONTRA DEMÔNIOS E VERDADEIRA PURIFICAÇÃO DO CORAÇÃO

1. É pela verdadeira piedade que os homens de Deus expulsam o poder hostil do ar que se opõe à piedade; é exorcizando-o, não propiciando-o; e eles vencem todas as tentações do adversário orando, não a ele, mas ao seu próprio Deus contra ele. Pois o diabo não pode conquistar ou subjugar senão aqueles que estão em aliança com o pecado; e, portanto, ele é conquistado em nome daquele que assumiu a humanidade, e sem pecado, para que ele mesmo seja sacerdote e sacrifício, ele possa realizar a remissão dos pecados, isto é, por meio do mediador entre Deus e homens, o homem Cristo Jesus, por quem somos reconciliados com Deus, sendo realizada a purificação do pecado. Pois os homens estão separados de Deus apenas pelos pecados, dos quais estamos nesta vida purificados não por nossa própria virtude, mas pela compaixão divina; por Sua indulgência, não por nosso próprio poder. Pois, qualquer virtude que chamamos de nossa, ela mesma nos é concedida por Sua bondade. E podemos atribuir muito a nós mesmos enquanto na carne, a menos que vivêssemos no recebimento do perdão até que o dermos. Esta é a razão pela qual nos foi concedida, através do Mediador, esta graça, de que nós, que somos poluídos pela carne pecaminosa, sejamos purificados pela semelhança da carne pecaminosa. Por esta graça de Deus, na qual Ele mostrou Sua grande compaixão por nós, somos ambos governados pela fé nesta vida e, depois desta vida, somos conduzidos à mais completa perfeição pela visão da verdade imutável.

CAPÍTULO. 23.-DOS PRINCÍPIOS QUE, SEGUNDO OS PLATONISTAS, REGULAM A PURIFICAÇÃO DA ALMA

1. Mesmo Porfírio afirma que foi revelado por oráculos divinos que não somos purificados por nenhum sacrifício ao sol ou à lua, significando que se infere que não somos purificados por sacrifícios a quaisquer deuses. Pois que mistérios podem purificar, se os do sol e da

lua, que são considerados os principais dos deuses celestes, não purificam? Ele também diz, no mesmo lugar, que “princípios” podem purificar, para que não se suponha, por ele dizer que sacrificar ao sol e à lua não pode purificar, que sacrificar a algum outro da hoste de deuses pode fazê-lo. E o que ele, como platônico, quer dizer com "princípios", nós sabemos.² Pois ele fala de Deus Pai e Deus Filho, a quem ele chama (escrevendo em grego) de intelecto ou mente do Pai; mas do Espírito Santo ele não diz nada, ou nada claramente, pois não entendo de que outro ele fala como ocupando o lugar intermediário entre esses dois. Pois se, como Plotino em sua discussão sobre as três substâncias principais, ele quisesse que entendêssemos por esta terceira a alma da natureza, certamente não lhe teria dado o lugar intermediário entre essas duas, isto é, entre o Pai e o Pai. Filho. Pois Plotino coloca a alma da natureza após o intelecto do Pai, enquanto Porfírio, tornando-a o meio, não a coloca depois, mas entre os outros. Sem dúvida, ele falou de acordo com sua luz, ou como achou conveniente; mas afirmamos que o Espírito Santo é o Espírito não somente do Pai, nem somente do Filho, mas de ambos. Pois os filósofos falam como querem, e nas questões mais difíceis não têm escrúpulos em ofender os ouvidos religiosos; mas somos obrigados a falar de acordo com uma certa regra, para que a liberdade de expressão não gere impiedade de opinião sobre os próprios assuntos de que falamos.

CAPÍTULO. 24.-DO ÚNICO PRINCÍPIO VERDADEIRO QUE SOMENTE PURIFICA E RENOVA A NATUREZA HUMANA

1. Assim, quando falamos de Deus, não afirmamos dois ou três princípios, não mais do que temos a liberdade de afirmar dois ou três deuses; embora, falando de cada um, do Pai, ou do Filho, ou do Espírito Santo, confessemos que cada um é Deus; e ainda assim não dizemos, como dizem os hereges sabelianos, que o Pai é o mesmo que o Filho, e o Espírito Santo o mesmo que o Pai e o Filho; mas dizemos que o Pai é o Pai do Filho, e o Filho o Filho do Pai, e que o Espírito Santo do Pai e do Filho não é o Pai nem o Filho. Foi, portanto,

verdadeiramente dito que o homem é purificado apenas por um Princípio, embora os platônicos tenham errado ao falar no plural dos princípios. Mas Porfírio, estando sob o domínio desses poderes invejosos, de cuja influência ele ao mesmo tempo se envergonhava e temia repelir, recusou-se a reconhecer que Cristo é o Princípio por cuja encarnação somos purificados. De fato, ele o desprezou, por causa da própria carne que assumiu, para oferecer um sacrifício para nossa purificação – um grande mistério, ininteligível para o orgulho de Porfírio, que aquele Redentor verdadeiro e benigno derrubou por sua humildade, manifestando-se aos mortais. pela mortalidade que Ele assumiu, e que os mediadores malignos e enganosos se orgulham de querer, prometendo, como o benefício dos imortais, uma assistência enganosa aos homens miseráveis. Assim, o bom e verdadeiro Mediador mostrou que é o pecado que é mau, e não a substância ou natureza da carne; pois isso, junto com a alma humana, poderia sem pecado ser assumido e retido, e estabelecido na morte, e mudado para algo melhor pela ressurreição. Mostrou também que a própria morte, embora seja o castigo do pecado, foi submetida por Ele por nossa causa sem pecado, e não deve ser evitada pelo pecado de nossa parte, mas sim, se a oportunidade servir, ser suportada por causa da justiça. Pois ele foi capaz de expiar pecados morrendo, porque Ele morreu, e não pelo pecado dele. Mas Ele não foi reconhecido por Porfírio como o Princípio, senão O teria reconhecido como o Purificador. O Princípio não é a carne nem a alma humana em Cristo, mas a Palavra pela qual todas as coisas foram feitas. A carne, portanto, não purifica por sua própria virtude, mas em virtude do Verbo pelo qual foi assumida, quando "o Verbo se fez carne e habitou entre nós". Por falar misticamente de comer Sua carne, quando aqueles que não O entenderam se ofenderam e foram embora, dizendo: "Duro é este discurso, quem o pode ouvir?" Ele respondeu aos demais que permaneceram: "É o Espírito que vivifica; a carne para nada aproveita."² O Princípio, portanto, tendo assumido uma alma e carne humana, purifica a alma e a carne dos crentes. Portanto, quando os judeus Lhe perguntaram quem Ele era, Ele respondeu que Ele era o Princípio. E isso nós, homens carnais e fracos, sujeitos ao pecado e envolvidos nas trevas da ignorância, não poderíamos entender, a

menos que fôssemos purificados e curados por Ele, tanto por meio do que éramos como do que não éramos. Porque éramos homens, mas não justos; enquanto em Sua encarnação havia uma natureza humana, mas era justa, e não pecaminosa. Esta é a mediação pela qual uma mão é estendida para o decaído e caído; esta é a semente "ordenada pelos anjos", por cujo ministério a lei também foi dada, ordenando a adoração de um Deus e prometendo que esse Mediador deveria vir.

CAPÍTULO. 25.-QUE TODOS OS SANTOS, SOB A LEI E DIANTE DELA, FORAM JUSTIFICADOS PELA FÉ NO MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO DE CRISTO

1. Foi pela fé neste mistério e piedade da vida que a purificação foi alcançada até mesmo pelos santos da antiguidade, mesmo antes que a lei fosse dada aos hebreus (porque Deus e os anjos estavam presentes como instrutores), ou nos períodos sob a lei, embora as promessas de coisas espirituais, sendo apresentadas em figura, parecessem carnis e, portanto, o nome de Antigo Testamento. Pois foi então que os profetas viveram, por quem, como por anjos, a mesma promessa foi anunciada; e entre eles estava aquele cujo sentimento grandioso e divino em relação ao fim e ao bem supremo do homem acabei de citar: "É bom que eu me apegue a Deus". Neste salmo, a distinção entre o Antigo e o Novo Testamento é claramente anunciada. Pois o salmista diz que, quando viu que as promessas carnis e terrenas eram abundantemente desfrutadas pelos ímpios, seus pés quase se foram, seus passos quase escorregaram; e que lhe parecia que ele havia servido a Deus em vão, quando viu que aqueles que desprezavam a Deus aumentavam naquela prosperidade que ele esperava da mão de Deus. Ele diz também que, ao investigar esse assunto com o desejo de entender por que era assim, ele trabalhou em vão, até que entrou no santuário de Deus e entendeu o fim daqueles a quem erroneamente considerou felizes. Então ele entendeu que eles foram derrubados por isso mesmo, como ele diz, que eles se vangloriavam, e que eles haviam sido consumidos e perecidos por suas iniquidades; e que todo esse tecido de prosperidade temporal tornou-se como um sonho quando

alguém acorda e de repente se vê destituído de todas as alegrias que havia imaginado durante o sono. E, como nesta terra ou cidade terrena eles pareciam ser grandes, ele diz: "Ó Senhor, em Tua cidade Tu reduzirás a imagem deles a nada". Ele também mostra como foi benéfico para ele buscar até mesmo as bênçãos terrenas apenas do único Deus verdadeiro, em cujo poder estão todas as coisas, pois ele diz: "Eu era como uma besta diante de Ti, e estou sempre contigo". "Como uma fera", diz ele, querendo dizer que ele era estúpido. Pois eu deveria ter procurado de Ti coisas que os ímpios não podiam desfrutar tão bem quanto eu, e não aquelas coisas que eu os vi desfrutando em abundância e, portanto, concluí que estava servindo a Ti em vão, porque aqueles que se recusaram a Te servir tinha o que eu não tinha. No entanto, "eu estou sempre contigo", porque mesmo em meu desejo por tais coisas eu não rezei a outros deuses. E, conseqüentemente, ele continua: "Tu me seguraste pela minha mão direita, e pelo Teu conselho me guiaste, e com glória me ergueste"; como se todas as vantagens terrenas fossem bênçãos da mão esquerda, porém, quando ele as viu desfrutadas pelos ímpios, seus pés quase se foram. "Para que", diz ele, "tenho no céu, e o que tenho desejado de Ti na terra?" Ele se culpa e está justamente descontente consigo mesmo; porque, embora tivesse no céu uma posse tão vasta (como depois entendeu), ele ainda buscava de seu Deus na terra uma felicidade transitória e fugaz – uma felicidade de lama, podemos dizer. "Meu coração e minha carne", diz ele, "falha, ó Deus do meu coração". Feliz fracasso, das coisas de baixo para as de cima! E, portanto, em outro salmo, Ele diz: "Minha alma anseia, sim, até falha, pelos átrios do Senhor". No entanto, embora ele tivesse dito tanto de seu coração quanto de sua carne que eles estavam falhando, ele não disse: ó Deus do meu coração e minha carne, mas, ó Deus do meu coração; porque pelo coração a carne é purificada. Portanto, diz o Senhor: "Purifica o que está por dentro, e o que está por fora também ficará limpo."² Ele então diz que o próprio Deus – não qualquer coisa recebida Dele, mas Ele mesmo – é sua porção. "O Deus do meu coração e minha porção para sempre." Entre os vários objetos da escolha humana, somente Deus o satisfaz. "Pois, eis", diz ele, "os que estão longe de Ti perecerão: Tu destróis todos os que se prostituem de Ti" – isto é, que se prostituem com

muitos deuses. E então segue o versículo para o qual todo o resto do salmo parece se preparar: "É bom para mim me apegar a Deus" - não ir muito longe; não se prostituir com uma multidão de deuses. E então esta união com Deus será aperfeiçoada, quando tudo o que deve ser redimido em nós for redimido. Mas, por enquanto, devemos, como ele diz, "colocar nossa esperança em Deus". "Pois o que se vê", diz o apóstolo, "não é esperança. Pois o que o homem vê, por que ainda espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos". Estando, então, para o presente estabelecido nesta esperança, façamos o que o salmista indica ainda, e tornemo-nos em nossa medida anjos ou mensageiros de Deus, declarando Sua vontade e louvando Sua glória e Sua graça. Pois quando ele disse: "Para colocar minha esperança em Deus", ele continua, "para que eu anuncie todos os Teus louvores nas portas da filha de Sião". Esta é a cidade mais gloriosa de Deus; esta é a cidade que conhece e adora um Deus: ela é celebrada pelos santos anjos, que nos convidam para sua sociedade e desejam que nos tornemos concidadãos com eles nesta cidade; pois eles não desejam que os adoremos como nossos deuses, mas que nos juntemos a eles na adoração ao seu Deus e ao nosso; nem sacrificar a eles, mas, juntamente com eles, tornar-se um sacrifício a Deus. Assim, quem deixar de lado a obstinação maligna e considerar essas coisas, terá a certeza de que todos esses espíritos abençoados e imortais, que não nos invejam (pois se invejaram, não foram abençoados), mas nos amam e desejam que sejam tão abençoados quanto eles, olhem para nós com maior prazer e nos dêem maior assistência, quando nos unimos a eles na adoração a um Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, do que se oferecêssemos a eles sacrifício e adoração.

CAPÍTULO. 26.-DA FRAQUEZA DE PORFÍRIA EM VACILAR ENTRE A CONFISSÃO DO VERDADEIRO DEUS E A ADORAÇÃO DE DEMÔNIOS

1. Não sei como é, mas me parece que Porfírio corou por seus amigos, os teurgos; pois ele sabia tudo o que eu afirmei, mas não condenou francamente o culto politeísta. Ele disse, de fato, que há alguns anjos

que visitam a terra e revelam a verdade divina aos teurgos, e outros que publicam na terra as coisas que pertencem ao Pai, Sua altura e profundidade. Podemos acreditar, então, que os anjos, cujo ofício é declarar a vontade do Pai, desejam que estejamos sujeitos a qualquer um, exceto Aquele a quem eles declararão? E, portanto, mesmo este próprio platônico observa judiciosamente que devemos antes imitá-los do que invocá-los. Não devemos, então, temer que possamos ofender esses súditos imortais e felizes do único Deus por não sacrificar a eles; por isso eles sabem ser devido apenas ao único Deus verdadeiro, em fidelidade a quem eles mesmos encontram sua bem-aventurança e, portanto, eles não a terão dado, nem em figura, nem em realidade, que os mistérios do sacrifício simbolizavam. Tal arrogância pertence aos demônios orgulhosos e miseráveis, cuja disposição é diametralmente oposta à piedade daqueles que estão sujeitos a Deus, e cuja bem-aventurança consiste no apego a Ele. E, para que também possamos alcançar essa bem-aventurança, eles nos ajudam, como convém, com sincera bondade, e não usurpam sobre nós nenhum domínio, mas declaram-nos Aquele sob cujo governo somos então companheiros. Por que, então, ó filósofo, você ainda teme falar livremente contra os poderes que são inimigos tanto da verdadeira virtude quanto dos dons do verdadeiro Deus? Você já discriminou entre os anjos que proclamam a vontade de Deus e aqueles que visitam os teurgos, atraídos por não sei que arte. Por que você ainda atribui a estes últimos a honra de declarar a verdade divina? Se eles não declaram a vontade do Pai, que revelações divinas podem fazer? Não são esses os espíritos malignos que foram aprisionados pelos encantamentos de um homem invejoso, para que não concedessem pureza de alma a outro, e não pudessem, como você diz, ser libertados desses laços por um homem bom e ansioso pela pureza? , e recuperar o poder sobre suas próprias ações? Você ainda duvida se estes são demônios perversos; ou você, talvez, finge ignorância, para não ofender os teurgos, que te atraíram por seus ritos secretos, e te ensinaram, como um benefício poderoso, esses demônios insanos e perniciosos? Você se atreve a elevar acima do ar, e mesmo ao céu, esses poderes invejosos, ou pragas, deixe-me chamá-los, antes de chamá-los, menos dignos do nome de soberano do que de escravo, como você mesmo possui; e você

não tem vergonha de colocá-los entre seus deuses siderais, e assim desprezar as próprias estrelas?

CAPÍTULO. 27.-DA IMPIEDADE DA PORFÍRIA, QUE É PIOR DO QUE MESMO O ERRO DE APULEIO

1. Quão mais tolerável e de acordo com o sentimento humano é o erro de seu co-sectário platônico Apuleio! pois ele atribuiu as doenças e tempestades das paixões humanas apenas aos demônios que ocupam um grau abaixo da lua, e faz até mesmo essa confissão como por constrangimento em relação aos deuses que ele honra; mas os deuses superiores e celestiais, que habitam as regiões etéreas, sejam visíveis, como o sol, a lua e outros luminares, cujo brilho os torna visíveis, ou invisíveis, mas acreditados por ele, ele faz o possível para remover além do menor mancha dessas perturbações. Não é, pois, de Platão, mas de teus mestres caldeus aprendeste a elevar os vícios humanos às regiões etéreas e empíreas do mundo e ao firmamento celeste, para que teus teurgos possam obter de teus deuses revelações; e, no entanto, você se torna superior a essas revelações divinas por sua vida intelectual, que dispensa essas purificações teúrgicas como não necessárias a um filósofo. Mas, para recompensar seus professores, você recomenda essas artes a outros homens que, não sendo filósofos, podem ser persuadidos a usar o que você reconhece ser inútil para si mesmo, que é capaz de coisas superiores; para que aqueles que não podem valer-se da virtude da filosofia, que é muito árdua para a multidão, possam, por sua instigação, dirigir-se aos teurgos pelos quais podem ser purificados, não, de fato, no intelectual, mas no espiritual. parte da alma. Agora, como as pessoas que são inaptas para a filosofia formam incomparavelmente a maioria da humanidade, mais podem ser compelidos a consultar esses seus professores secretos e ilícitos do que freqüentar as escolas platônicas. Pois esses demônios mais impuros, fingindo ser deuses etéreos, dos quais você se tornou arauto e mensageiro, prometeram que aqueles que são purificados pela teurgia na parte espiritual de sua alma não retornarão ao Pai, mas habitarão entre os seres etéreos. deuses acima das regiões aéreas. Mas

tais fantasias não são ouvidas pelas multidões de homens que Cristo veio libertar da tirania dos demônios. Pois nEle eles têm a mais graciosa purificação, na qual a mente, o espírito e o corpo participam igualmente. Pois, para que Ele pudesse curar o homem inteiro da praga do pecado, Ele tomou sem pecado toda a natureza humana. Quem dera você O tivesse conhecido, e que você tivesse se comprometido a curar a Ele, em vez de sua própria virtude humana frágil e enferma, ou a artes perniciosas e curiosas! Ele não o teria enganado; para Ele seus próprios oráculos, em sua própria exibição, reconhecidos como santos e imortais. É dele, também, que o poeta mais famoso fala, poeticamente de fato, já que ele o aplica à pessoa de outro, mas verdadeiramente, se você o refere a Cristo, dizendo: "Sob teus auspícios, se algum vestígio de nossos crimes permanecer, eles serão obliterados, e a terra livre de seu medo perpétuo." Com o qual ele indica que, em razão da enfermidade que se liga a esta vida, o maior progresso em virtude e justiça deixa espaço para a existência, se não de crimes, mas de vestígios de crimes, que são obliterados apenas por aquele Salvador de quem este versículo fala. Por que ele não disse isso por impulso de sua própria imaginação, Virgílio nos diz quase no último verso da 4ª Écloga, quando diz: "A última era predita pela sibila de Cumæan agora chegou;" de onde parece claramente que isso foi ditado pela sibila de Cumæan. Mas esses teurgistas, ou melhor, demônios, que assumem a aparência e a forma de deuses, poluem em vez de purificar o espírito humano por falsas aparências e pela zombaria ilusória de formas insubstanciais. Como podem aqueles cujo espírito é impuro purificar o espírito do homem? Se eles não fossem impuros, eles não seriam obrigados pelos encantamentos de um homem invejoso, e não teriam medo nem rancor de conceder aquele benefício vazio que eles prometem. Mas é suficiente para nosso propósito que você reconheça que a alma intelectual, isto é, nossa mente, não pode ser justificada pela teurgia; e que mesmo a parte espiritual ou inferior de nossa alma não pode por esse ato se tornar eterna e imortal, embora você afirme que ela pode ser purificada por ele. Cristo, porém, promete a vida eterna; e, portanto, para Ele o mundo aflui, grandemente para sua indignação, também para seu espanto e confusão. De que vale a sua confissão forçada de que a

teurgia desvia os homens e engana um grande número com seus ensinamentos ignorantes e tolos, e que é o erro mais manifesto recorrer por oração e sacrifício a anjos e principados, quando, ao mesmo tempo, salvar da acusação de gastar trabalho em vão em tais artes, você dirige os homens aos teurgos, para que por meio deles os homens, que não vivem pela regra da alma intelectual, possam ter sua alma espiritual purificada?

CAPÍTULO. 28.-COMO É QUE A PORFÍRIA FOI TÃO CEGA PARA NÃO RECONHECER A VERDADEIRA SABEDORIA-CRISTO

1. Você leva os homens, portanto, ao erro mais palpável. E, no entanto, você não se envergonha de fazer tanto mal, embora se considere um amante da virtude e da sabedoria. Se você tivesse sido verdadeiro e fiel nesta profissão, você teria reconhecido a Cristo, a virtude de Deus e a sabedoria de Deus, e não teria, no orgulho da vã ciência, se revoltado com Sua humildade salutar. No entanto reconheces que a parte espiritual da alma pode ser purificada pela virtude da castidade sem o auxílio daquelas artes e mistérios teúrgicos que perdeste tempo a aprender. Você até diz, às vezes, que esses mistérios não ressuscitam a alma após a morte, de modo que, após o término desta vida, eles parecem não servir nem para a parte que você chama de espiritual; e, no entanto, você recorre a todas as oportunidades a essas artes, para nenhum outro propósito, tanto quanto vejo, senão parecer um teúrgico talentoso e gratificar aqueles que são curiosos em artes ilícitas, ou então inspirar outros com a mesma curiosidade. Mas damos-lhe todos os elogios por dizer que esta arte deve ser temida, tanto por causa dos decretos legais contra ela, quanto pelo perigo envolvido na própria prática dela. E que nisto, pelo menos, você fosse ouvido por seus miseráveis devotos, para que eles pudessem ser retirados de toda a absorção nele, ou até mesmo preservados de adulterá-lo! Você diz, de fato, que a ignorância, e os inúmeros vícios resultantes dela, não podem ser removidos por nenhum mistério, mas apenas pela πατρικὸς νοῦς, isto é, a mente do Pai ou intelecto

consciente da vontade do Pai. Mas que Cristo é esta mente que você não acredita; a Ele vocês desprezam por causa do corpo que tomou de uma mulher e da vergonha da cruz; pois sua alta sabedoria despreza coisas tão baixas e desprezíveis, e voa para regiões mais elevadas. Mas Ele cumpre o que os santos profetas realmente predisseram a respeito dele: "Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a prudência dos prudentes". Pois Ele não destrói e reduz a nada Seu próprio presente neles, mas o que eles arrogam para si mesmos e não o retêm. E, portanto, o apóstolo, tendo citado este testemunho do profeta, acrescenta: "Onde está o sábio? a sabedoria de Deus, o mundo pela sabedoria não conheceu a Deus, aprouve a Deus pela loucura da pregação salvar os que crêem; porque os judeus pedem um sinal, e os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado aos judeus escândalo, e loucura para os gregos, mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus, porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens." Isso é desprezado como uma coisa fraca e tola por aqueles que são sábios e fortes em si mesmos; no entanto, esta é a graça que cura os fracos, que não se orgulham de sua própria bem-aventurança, mas humildemente reconhecem sua verdadeira miséria.

CAPÍTULO. 29.-DA ENCARNAÇÃO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, QUE OS PLATONISTAS EM SUA IMPIEDADE CORAM PARA RECONHECER

1. Você proclama o Pai e Seu Filho, a quem você chama de intelecto ou mente do Pai, e entre estes um terceiro, por quem supomos que você quer dizer o Espírito Santo, e à sua maneira você chama esses três Deuses. Nisto, embora suas expressões sejam imprecisas, você faz de alguma forma, e como através de um véu, vê o que devemos nos esforçar; mas a encarnação do imutável Filho de Deus, pela qual somos salvos e habilitados a alcançar as coisas em que cremos, ou em parte entendemos, é isso que você se recusa a reconhecer. Você vê de uma forma, embora à distância, embora com olhos turvos, o país em

que devemos habitar; mas o caminho para isso você não sabe. No entanto, você acredita na graça, pois diz que é concedido a poucos chegar a Deus em virtude da inteligência. Pois você não diz: "Poucos acharam conveniente ou desejaram", mas: "Foi concedido a poucos" - reconhecendo distintamente a graça de Deus, não a suficiência do homem. Você também usa esta palavra mais expressamente, quando, de acordo com a opinião de Platão, você não duvida que nesta vida um homem não pode de modo algum alcançar a sabedoria perfeita, mas que tudo o que está faltando na vida futura é compensado aqueles que vivem intelectualmente, pela providência e graça de Deus. Oh, se você tivesse reconhecido a graça de Deus em Jesus Cristo, nosso Senhor, e aquela própria encarnação Dele, na qual Ele assumiu uma alma e corpo humanos, você poderia ter parecido o exemplo mais brilhante de graça! Mas o que estou fazendo? Sei que é inútil falar com um morto, inútil, pelo menos, no que diz respeito a você, mas talvez não em vão para aqueles que o estimam muito e o amam por amor à sabedoria ou curiosidade sobre aqueles artes que você não deveria ter aprendido; e a essas pessoas me dirijo em seu nome. A graça de Deus não poderia ter sido mais graciosamente confiada a nós do que assim, que o único Filho de Deus, permanecendo imutável em Si mesmo, assumisse a humanidade e nos desse a esperança de Seu amor, por meio da mediação de um ser humano. natureza, através da qual nós, da condição de homens, podemos chegar a Ele que estava tão longe – o imortal do mortal; o imutável do mutável; o justo do injusto; os bem-aventurados dos miseráveis. E, como Ele nos deu um instinto natural para desejar a bem-aventurança e a imortalidade, Ele mesmo continua sendo abençoado, mas assumindo a mortalidade, suportando o que tememos, nos ensinou a desprezá-lo, para que o que ansiamos Ele nos conceda.

2. Mas para sua aquiescência a esta verdade, é a humildade que é necessária, e para isso é extremamente difícil dobrar você. Pois o que há de incrível, especialmente para homens como você, acostumados à especulação, que podem predispor você a acreditar nisso – o que há de incrível, eu digo, na afirmação de que Deus assumiu uma alma e um corpo humanos? Vocês mesmos atribuem tal excelência à alma

intelectual, que é, afinal, a alma humana, que vocês sustentam que ela pode se tornar consubstancial àquela inteligência do Pai em quem vocês acreditam como Filho de Deus. Que coisa incrível é, então, que uma alma seja assumida por Ele de maneira inefável e única para a salvação de muitos? Além disso, nossa própria natureza testemunha que um homem é incompleto a menos que um corpo esteja unido à alma. Isso certamente seria mais incrível, não fosse de todas as coisas a mais comum; pois deveríamos acreditar mais facilmente em uma união entre espírito e espírito, ou, para usar sua própria terminologia, entre o incorpóreo e o incorpóreo, ainda que um fosse humano, o outro divino, um mutável e o outro imutável, do que em uma união entre o corpóreo e o incorpóreo. Mas talvez seja o nascimento sem precedentes de um corpo de uma virgem que te deixa atordoado? Mas, longe de ser uma dificuldade, deveria ajudá-lo a receber nossa religião, que uma pessoa milagrosa nasceu milagrosamente. Ou você encontra dificuldade no fato de que, depois que Seu corpo foi entregue à morte, e foi transformado em um tipo superior de corpo pela ressurreição, e agora não era mais mortal, mas incorruptível, Ele o carregou para o céu? locais? Talvez você se recuse a acreditar nisso, porque se lembra que Porfírio, nesses mesmos livros dos quais tanto citei, e que tratam do retorno da alma, ensina com tanta frequência que se deve escapar de todo tipo de corpo, para que a alma habite em bem-aventurança com Deus. Mas aqui, em vez de seguir Porfírio, você deveria tê-lo corrigido, especialmente porque você concorda com ele em acreditar em coisas tão incríveis sobre a alma deste mundo visível e enorme estrutura material. Pois, como estudiosos de Platão, vocês sustentam que o mundo é um animal, e um animal muito feliz, que vocês desejam que seja também eterno. Como, então, nunca pode ser solto de um corpo, e ainda assim nunca perder sua felicidade, se, para a felicidade da alma, o corpo deve ser deixado para trás? O sol, também, e as outras estrelas, você não apenas reconhece ser corpos, nos quais você tem o assentimento cordial de todos os homens que vêem, mas também, em obediência ao que você considera uma visão mais profunda, você declara que eles são muito abençoados. animais, e eternos, juntamente com seus corpos. Por que, então, quando a fé cristã é imposta a você, você esquece, ou finge ignorar, o que

habitualmente discute ou ensina? Por que vocês se recusam a ser cristãos, com base em opiniões que, de fato, vocês mesmos destroem? Não é porque Cristo veio em humildade, e vocês são orgulhosos? A natureza precisa dos corpos ressurretos dos santos pode às vezes ocasionar discussão entre aqueles que são mais bem lidos nas Escrituras Cristãs; no entanto, não há entre nós a menor dúvida de que eles serão eternos e de natureza exemplificada no exemplo do corpo ressuscitado de Cristo. Mas seja qual for a sua natureza, pois sustentamos que eles serão absolutamente incorruptíveis e imortais, e não oferecerão nenhum obstáculo à contemplação da alma, pela qual ela é fixada em Deus, e como você diz que entre os celestiais os corpos dos eternamente abençoados são eternos, por que você sustenta que, para a bem-aventurança, todo corpo deve ser escapado? Por que você busca uma razão tão plausível para escapar da fé cristã, se não porque, como digo novamente, Cristo é humilde e você orgulhoso? Você tem vergonha de ser corrigido? Este é o vício dos orgulhosos. É, sem dúvida, uma degradação para homens instruídos passar da escola de Platão para o discipulado de Cristo, que por Seu Espírito ensinou um pescador a pensar e dizer: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus , e o Verbo era Deus. O mesmo estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E o a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam". O velho santo Simpliciano, depois bispo de Milão, costumava me dizer que um certo platônico costumava dizer que esta passagem de abertura do santo evangelho, intitulada "Segundo João", deveria ser escrita em letras de ouro, e pendurado em todas as igrejas no lugar mais visível. Mas o desprezo orgulhoso de tomar Deus como seu Mestre, porque "o Verbo se fez carne e habitou entre nós". têm vergonha do remédio que poderia curá-los. E, ao fazê-lo, asseguram não a elevação, mas uma queda mais desastrosa.

CAPÍTULO. 30.-EMENDAÇÕES DE PORFÍRIA E MODIFICAÇÕES DO PLATONISMO

1. Se é considerado indecoroso emendar qualquer coisa que Platão tocou, por que o próprio Porfírio fez emendas, e não poucas? pois é muito certo que Platão escreveu que as almas dos homens retornam após a morte aos corpos dos animais. Plotino também, professor de Porfírio, manteve essa opinião;⁴ mas Porfírio a rejeitou com justiça. Ele era de opinião que as almas humanas retornam de fato em corpos humanos, mas não nos corpos que deixaram, mas em outros novos corpos. Ele se esquivou da outra opinião, com medo de que uma mulher que voltou em uma mula pudesse carregar seu próprio filho nas costas. Ele não se esquivou, no entanto, de uma teoria que admitia a possibilidade de uma mãe voltar a ser uma menina e se casar com seu próprio filho. Quanto mais honroso credo é aquele que foi ensinado pelos anjos santos e verazes, proferido pelos profetas movidos pelo Espírito de Deus, pregado por Aquele que foi predito como o Salvador vindouro por Seus arautos precursores e pelos apóstolos a quem Ele enviado, e que encheu o mundo inteiro com o evangelho, quão mais honrosa, eu digo, é a crença de que as almas retornam de uma vez por todas aos seus próprios corpos, do que elas retornam repetidamente a diversos corpos? No entanto, Porfírio, como eu disse, melhorou consideravelmente essa opinião, pelo menos na medida em que sustentou que as almas humanas só podiam transmigrar para corpos humanos, e não teve escrúpulos em demolir as prisões bestiais nas quais Platão desejava lançá-los. Ele diz, também, que Deus colocou a alma no mundo para que ela pudesse reconhecer os males da matéria, e retornar ao Pai, e ser para sempre emancipada do contato poluente da matéria. E embora aqui haja algum pensamento inadequado (pois a alma é dada ao corpo para fazer o bem; pois não aprenderia o mal a menos que o fizesse), ainda assim ele corrige a opinião de outros platônicos, e isso em um ponto de vista não é de pouca importância, já que ele confessa que a alma, purificada de todo o mal e recebida na presença do Pai, nunca mais sofrerá os males desta vida. Com essa opinião, ele subverteu completamente o dogma platônico favorito, segundo o qual, como os mortos são feitos de vivos, os vivos são feitos de mortos; e explodiu a ideia que Virgílio parece ter adotado de Platão, de que as almas purificadas que foram enviadas aos campos elísios (o nome poético

das alegrias dos bem-aventurados) são convocadas ao rio Letes, isto é, ao esquecimento do passado,

"Para que em direção à terra eles possam passar mais uma vez,

Não lembrando das coisas anteriores,

E com uma propensão cega anseia

Aos corpos carnis para retornar."

Isso não encontrou graça com Porfírio, e com muita justiça; pois é realmente tolice acreditar que as almas desejam retornar dessa vida, que não pode ser muito abençoada a menos que pela certeza de sua permanência, e voltar a esta vida, e à poluição de corpos corruptíveis, como se o resultado de purificação perfeita eram apenas para tornar a contaminação desejável. Pois se a purificação perfeita efetua o esquecimento de todos os males, e o esquecimento dos males cria o desejo de um corpo no qual a alma possa novamente se enredar com os males, então a suprema felicidade será a causa da infelicidade, e a perfeição da sabedoria a causa de loucura, e a mais pura purificação, causa de corrupção. E, por mais que dure a bem-aventurança da alma, ela não pode ser fundada na verdade, se, para ser bem-aventurada, deve ser enganada. Pois não pode ser abençoado a menos que esteja livre do medo. Mas, para estar livre do medo, deve estar sob a falsa impressão de que será sempre abençoado – a falsa impressão, pois está destinado a ser também miserável em algum momento. Como, então, a alma deve se regozijar na verdade, cuja alegria é cercada de falsidade? Porfírio viu isso e, portanto, disse que a alma purificada retorna ao Pai, para que nunca mais seja enredada no contato poluente com o mal. A opinião, portanto, de alguns platônicos, de que há uma revolução necessária levando as almas embora e trazendo-as de volta às mesmas coisas, é falsa. Mas, se fosse verdade, qual era a vantagem de saber? Os platônicos presumiriam alegar sua superioridade sobre nós, porque nesta vida ignoramos o que eles próprios estavam condenados a ignorar quando aperfeiçoados em pureza e sabedoria em outra vida melhor, e que eles devem ignorar se

forem ser abençoado? Se fosse muito absurdo e tolo dizer isso, então certamente devemos preferir a opinião de Porfírio à idéia de uma circulação de almas através da alternância constante da felicidade e da miséria. E se isso é justo, aqui está um platônico corrigindo Platão, aqui está um homem que viu o que Platão não viu, e que não hesitou em corrigir um mestre tão ilustre, mas preferiu a verdade a Platão.

CAPÍTULO. 31.- CONTRA OS ARGUMENTOS EM QUE OS PLATONISTAS FUNDAM SUA AFIRMAÇÃO DE QUE A ALMA HUMANA É CO-ETERNA COM DEUS

1. Por que, então, não acreditamos na divindade nessas questões, que o talento humano não pode compreender? Por que não creditamos a afirmação da divindade, de que a alma não é co-eterna com Deus, mas é criada, e uma vez não foi? Pois os platônicos pareciam alegar uma razão adequada para sua rejeição dessa doutrina, quando afirmavam que nada poderia ser eterno que nem sempre existiu. Platão, no entanto, ao escrever sobre o mundo e os deuses nele, que o Supremo fez, mais expressamente afirma que eles tiveram um começo e, no entanto, não teriam fim, mas, pela vontade soberana do Criador, durariam eternamente. Mas, interpretando isso, os platônicos descobriram que ele se referia a um começo, não de tempo, mas de causa. "Pois como se um pé", dizem eles, "estivesse desde a eternidade no pó, sempre haveria uma pegada embaixo dele; e, no entanto, ninguém duvidaria que essa pegada foi feita pela pressão do pé, nem que, embora um tenha sido feito pelo outro, nenhum foi anterior ao outro; então", dizem eles, "o mundo e os deuses criados nele sempre existiram, seu Criador sempre existiu e, no entanto, eles foram feitos". Se, então, a alma sempre existiu, devemos dizer que sua miséria sempre existiu? Pois, se há algo nele que não era desde a eternidade, mas começou no tempo, por que é impossível que a própria alma, embora não existindo anteriormente, comece a existir no tempo? Sua bem-aventurança também, que, como ele reconhece, deve ser mais estável e, na verdade, infinita, após a experiência dos males da alma – isso, sem dúvida, tem um começo no tempo e, no entanto, deve ser

sempre, embora anteriormente não existisse. . Toda essa argumentação, portanto, para estabelecer que nada pode ser infinito, exceto aquilo que não teve começo, cai por terra. Pois aqui encontramos a bem-aventurança da alma, que tem um começo, mas não tem fim. E, portanto, deixe a incapacidade do homem dar lugar à autoridade de Deus; e tomemos nossa crença sobre a verdadeira religião dos espíritos sempre bem-aventurados, que não buscam para si a honra que sabem ser devida ao seu Deus e ao nosso, e que não nos mandam sacrificar senão somente a Ele, cujo sacrifício, como já disse muitas vezes, e devo repetir muitas vezes, nós e eles juntos devemos ser, oferecidos por aquele Sacerdote que se ofereceu à morte um sacrifício por nós, naquela natureza humana que Ele assumiu e segundo a qual Ele desejou ser nosso Sacerdote.

**CAPÍTULO. 32.-DO CAMINHO UNIVERSAL DE
LIBERTAÇÃO DA ALMA, QUE O PORFIRIO NÃO
ENCONTROU PORQUE NÃO O PROCUROU COM RAZÃO, E
QUE A GRAÇA DE CRISTO, POR SI SÓ, ABRIU.**

1. Esta é a religião que possui o caminho universal para libertar a alma; pois, exceto por este caminho, nenhum pode ser entregue. Este é um tipo de caminho real, que por si só leva a um reino que não vacila como todas as dignidades temporais, mas permanece firme em fundamentos eternos. E quando Porfírio diz, no final do primeiro livro De Regressu Animæ, que nenhum sistema de doutrina que forneça o caminho universal para libertar a alma foi ainda recebido, seja da filosofia mais verdadeira, seja das idéias e práticas do Índios, ou do raciocínio dos caldeus, ou de qualquer fonte, e que nenhuma leitura histórica o familiarizou com esse caminho, ele manifestamente reconhece que existe esse caminho, mas que ainda não o conhecia. Nada de tudo o que ele havia aprendido tão laboriosamente sobre a libertação da alma, nada de tudo o que ele parecia aos outros, se não a si mesmo, conhecer e acreditar, o satisfaz. Pois ele percebeu que ainda faltava uma autoridade de comando que pudesse ser correto seguir em um assunto de tal importância. E quando ele diz que não aprendeu de

nenhuma filosofia mais verdadeira um sistema que possuísse o caminho universal da libertação da alma, ele mostra claramente, como me parece, que a filosofia da qual ele era discípulo não era a mais verdadeira. , ou que não compreendeu tal maneira. E como pode ser a filosofia mais verdadeira que não possui esse caminho? Pois qual é o caminho universal da libertação da alma senão aquele pelo qual todas as almas são libertadas universalmente, e sem o qual, portanto, nenhuma alma é libertada? E quando ele diz, além disso, "ou das idéias e práticas dos índios, ou do raciocínio dos caldeus, ou de qualquer fonte", ele declara na linguagem mais inequívoca que esse caminho universal de libertação da alma era não abraçado no que ele havia aprendido com os índios ou os caldeus; e , no entanto, ele não podia deixar de afirmar que foi dos caldeus que ele derivou esses oráculos divinos dos quais ele faz menção tão frequente. O que, portanto, ele quer dizer com esse caminho universal de libertação da alma, que ainda não havia sido conhecido por nenhuma filosofia mais verdadeira, ou pelos sistemas doutrinários daquelas nações que eram consideradas como tendo grande discernimento das coisas divinas, porque se entregavam? mais livremente em uma ciência curiosa e fantasiosa e adoração de anjos? Qual é esse caminho universal do qual ele reconhece sua ignorância, senão um caminho que não pertence a uma nação como sua propriedade especial, mas é comum a todos e divinamente concedido? Porfírio, um homem sem habilidades medíocres, não questiona que tal caminho exista; pois ele acredita que a Divina Providência não poderia ter deixado os homens destituídos dessa maneira universal de libertar a alma. Pois ele não diz que esse caminho não existe, mas que esse grande benefício e assistência ainda não foi descoberto e não chegou ao seu conhecimento. E não é de admirar; pois Porfírio viveu em uma época em que esse meio universal de libertação da alma - em outras palavras, a religião cristã - foi exposto às perseguições de idólatras e adoradores de demônios e governantes terrenos,² que o número de mártires ou testemunhas de a verdade seja completada e consagrada, e que por eles seja dada a prova de que devemos suportar todos os sofrimentos corporais pela causa da santa fé e para o elogio da verdade. Porfírio, sendo testemunha dessas perseguições, concluiu que este caminho estava

destinado a uma rápida extinção, e que, portanto, não era o caminho universal de libertação da alma, e não viu que a mesma coisa que assim o movia, e dissuadiu-o de se tornar cristão, contribuiu para a confirmação e recomendação mais eficaz de nossa religião.

2. Este, então, é o caminho universal da libertação da alma, o caminho que é concedido pela compaixão divina às nações universalmente. E nenhuma nação para a qual o conhecimento disso já tenha chegado, ou possa vir no futuro, deve perguntar: Por que tão cedo? ou, por que tão tarde? - pois o desígnio daquele que o envia é impenetrável pela capacidade humana. Isso foi sentido por Porfírio quando se limitou a dizer que esse dom de Deus ainda não havia sido recebido e ainda não havia chegado ao seu conhecimento. Pois embora fosse assim, ele não declarou por isso que o próprio caminho não existia. Este, eu digo, é o caminho universal para a libertação dos crentes, a respeito do qual o fiel Abraão recebeu a garantia divina: "Em tua semente serão abençoadas todas as nações". Ele, de fato, era um caldeu de nascimento; mas, para que ele possa receber essas grandes promessas, e que possa ser propagado dele uma semente "disposta por anjos na mão de um Mediador",² em quem este caminho universal, aberto a todas as nações para a libertação da alma, pode ser encontrado, ele foi ordenado a deixar seu país, parentes e casa do pai. Então ele mesmo foi, antes de tudo, libertado das superstições caldeus, e por sua obediência adorou o único Deus verdadeiro, em cujas promessas ele confiava fielmente. Este é o caminho universal, do qual é dito na santa profecia: "Deus tenha misericórdia de nós, e nos abençoe, e faça resplandecer o seu rosto sobre nós, para que o teu caminho seja conhecido na terra, a tua saúde salvadora entre todas as nações ." E, portanto, quando nosso Salvador, muito tempo depois, tomou carne da semente de Abraão, Ele diz de Si mesmo: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". antes de ter sido predito: "E acontecerá nos últimos dias que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes, e será exaltado acima dos outeiros; e todas as nações acorrerão a ele ... E muitos irão e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, e ele nos ensinará os seus caminhos, e andaremos nas suas veredas: porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém

a palavra do Senhor”. Este caminho, portanto, não é propriedade de uma, mas de todas as nações. A lei e a palavra do Senhor não permaneceram em Sião e Jerusalém, mas saíram de lá para serem difundidas universalmente. E, portanto, o próprio Mediador, depois de Sua ressurreição, diz a Seus discípulos alarmados: "Estas são as palavras que vos falei estando ainda convosco, para que se cumprisse todas as coisas que estavam escritas na lei de Moisés e em os profetas, e nos Salmos, a meu respeito, então abriu-lhes o entendimento para que entendessem as Escrituras, e disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos ao terceiro dia. : e que o arrependimento e a remissão dos pecados sejam pregados em Seu nome entre todas as nações, começando por Jerusalém.”⁶ Este é o caminho universal da libertação da alma, que os santos anjos e os santos profetas anteriormente revelaram onde podiam entre os poucos homens que encontraram a graça de Deus, e especialmente na nação hebraica, cuja comunidade foi, por assim dizer, consagrada para prefigurar e preanunciar a cidade de Deus que deveria ser reunida de todas as nações, por seu tabernáculo e templo, e por sua vida e sacrifícios. Em algumas declarações explícitas e em muitos prenúncios obscuros, esse caminho foi declarado; mas ultimamente veio o próprio Mediador em carne e Seus apóstolos abençoados, revelando como a graça do Novo Testamento explicava mais abertamente o que havia sido obscuramente sugerido às gerações anteriores, em conformidade com a relação das eras da raça humana, e como agradou a Deus em Sua sabedoria designar, que também os testemunhou com sinais e milagres, alguns dos quais citei acima. Pois não apenas houve visões de anjos e palavras ouvidas daqueles ministros celestiais, mas também homens de Deus, armados com a palavra de simples piedade, expulsaram espíritos imundos dos corpos e sentidos dos homens e curaram deformidades e doenças; as feras da terra e do mar, as aves do ar, as coisas inanimadas, os elementos, as estrelas, obedeciam aos seus mandamentos divinos; os poderes do inferno cederam diante deles, os mortos foram restaurados à vida. Não digo nada dos milagres peculiares e próprios da própria pessoa do Salvador, especialmente o nascimento e a ressurreição; em um dos quais Ele operou apenas o mistério de uma maternidade virgem ,

enquanto no outro Ele forneceu um exemplo da ressurreição que todos finalmente experimentarão. Assim purifica o homem inteiro e prepara o mortal em todas as suas partes para a imortalidade. Pois, para nos impedir de buscar uma purificação para a parte que Porfírio chama de intelectual, e outra para a parte que ele chama de espiritual, e outra para o próprio corpo, nosso mais poderoso e verdadeiro Purificador e Salvador assumiu toda a natureza humana. Exceto por este caminho, que esteve presente entre os homens durante o período das promessas e da proclamação de seu cumprimento, nenhum homem foi libertado, nenhum homem foi libertado, nenhum homem será libertado.

3. Quanto à afirmação de Porfírio de que o caminho universal da libertação da alma ainda não havia chegado ao seu conhecimento por qualquer conhecimento que ele tivesse da história, eu perguntaria, que história mais notável pode ser encontrada do que aquela que tomou posse de todo o mundo? por sua voz autoritária? ou o que é mais confiável do que aquele que narra eventos passados e prediz o futuro com igual clareza, e nas previsões não cumpridas das quais somos obrigados a acreditar por aquelas que já foram cumpridas? Pois nem Porfírio nem quaisquer platônicos podem desprezar a adivinhação e a predição, mesmo das coisas que pertencem a esta vida e assuntos terrenos, embora desprezem com justiça a adivinhação comum e a adivinhação ligada às artes mágicas. Eles negam que essas sejam as previsões de grandes homens, ou que devem ser consideradas importantes, e estão certos; pois eles são fundados, ou na previsão de causas subsidiárias, como para um olho profissional muito do curso de uma doença é previsto por certos sintomas premonitórios, ou os demônios impuros predizem o que eles resolveram fazer, para que possam assim trabalhar sobre os pensamentos e desejos dos ímpios com aparência de autoridade, e inclinem a fragilidade humana a imitar suas ações impuras. Não são essas coisas que os santos que andam no caminho universal se preocupam em predizer como importantes, embora, com o propósito de recomendar a fé, eles sabiam e muitas vezes predisseram até mesmo coisas que não podiam ser detectadas pela observação humana, nem ser facilmente comprovada pela experiência. Mas havia outros eventos verdadeiramente importantes e

divinos que eles predisseram, na medida em que lhes foi dado conhecer a vontade de Deus. Pela encarnação de Cristo, e todas aquelas maravilhas importantes que foram realizadas nEle e feitas em Seu nome; o arrependimento dos homens e a conversão de suas vontades a Deus; a remissão dos pecados, a graça da justiça, a fé dos piedosos, e as multidões em todas as partes do mundo que crêem na verdadeira divindade; a derrubada da idolatria e adoração de demônios, e o teste dos fiéis por provações; a purificação daqueles que perseveraram, e sua libertação de todo mal; o dia do julgamento, a ressurreição dos mortos, a condenação eterna da comunidade dos ímpios e o reino eterno da cidade mais gloriosa de Deus, sempre abençoada no gozo da visão de Deus, essas coisas foram preditas e prometido nas Escrituras desta maneira; e destes vemos tantos cumpridos, que confiamos justa e piedosamente que o resto também acontecerá. Quanto àqueles que não crêem, e conseqüentemente não entendem, que este é o caminho que leva diretamente à visão de Deus e à comunhão eterna com Ele, de acordo com as verdadeiras previsões e declarações das Sagradas Escrituras, eles podem atacar nossa posição, mas eles não podem atacá-la.

4. E, portanto, nestes dez livros, embora não satisfaça, ousado dizer, a expectativa de alguns, ainda assim, como o verdadeiro Deus e Senhor concedeu para me ajudar, satisfiz o desejo de certas pessoas, refutando as objeções dos ímpios, que preferem seus próprios deuses ao Fundador da cidade santa, sobre a qual nos propusemos a falar. Desses dez livros, os cinco primeiros foram dirigidos contra aqueles que pensam que devemos adorar os deuses por causa das bênçãos desta vida, e os cinco segundos contra aqueles que pensam que devemos adorá-los por causa da vida que é ser após a morte. E agora, em cumprimento da promessa que fiz no primeiro livro, continuarei dizendo, como Deus me ajudar, o que acho que deve ser dito sobre a origem, história e fins merecidos das duas cidades, que, como já observado, estão neste mundo misturados e implicados uns com os outros.

LIVRO XI

ARGUMENTO

AQUI COMEÇA A SEGUNDA PARTE DESTE TRABALHO, QUE TRATA DA ORIGEM, HISTÓRIA E DESTINOS DAS DUAS CIDADES, A TERRESTRE E A CELESTE. EM PRIMEIRO LUGAR, AGOSTINHO MOSTRA NESTE LIVRO COMO AS DUAS CIDADES FORAM FORMADAS ORIGINALMENTE, PELA SEPARAÇÃO DOS ANJOS BONS E MAUS; E TEM OCASIÃO PARA TRATAR DA CRIAÇÃO DO MUNDO, COMO ESTÁ DESCRITO NA ESCRITURA SAGRADA NO INÍCIO DO LIVRO DE GÊNESIS.

CAPÍTULO. 1.-DESTA PARTE DO TRABALHO, EM QUE COMEÇAMOS A EXPLICAR A ORIGEM E FIM DAS DUAS CIDADES

1. A cidade de Deus nós A cidade de Deus de que falamos é a mesma cujo testemunho é dado por aquela Escritura, que supera todos os escritos de todas as nações por sua autoridade divina, e colocou sob sua influência todos os tipos de mentes , e isso não por um movimento intelectual casual, mas obviamente por um arranjo providencial expresso. Pois ali está escrito: "Coisas gloriosas são ditas de ti, ó cidade de Deus". E em outro salmo lemos: "Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado na cidade do nosso Deus, no monte da sua santidade, aumentando a alegria de toda a terra". mesmo salmo: "Como ouvimos, assim vimos na cidade do Senhor dos Exércitos, na cidade do nosso Deus. Deus a estabeleceu para sempre". E em outro, "Há um rio cujas correntes alegram a cidade de nosso Deus, o lugar santo das tendas do Altíssimo. Deus está no meio dela, ela não será abalada." Destes e de outros testemunhos semelhantes, todos cansativos de citar, aprendemos que existe uma cidade de Deus, e o seu Fundador nos inspirou um amor que nos faz cobiçar a sua cidadania. A este Fundador da cidade santa os cidadãos da cidade

terrena preferem seus próprios deuses, não sabendo que Ele é o Deus dos deuses, não de deuses falsos, isto é, de deuses ímpios e orgulhosos, que, sendo privados de Seu imutável e livremente comunicado luz, e assim reduzido a uma espécie de poder atingido pela pobreza, agarram-se avidamente a seus próprios privilégios privados e buscam honras divinas de seus súditos iludidos; mas dos deuses piedosos e santos, que têm mais prazer em se submeter a um do que em sujeitar muitos a si mesmos, e que preferem adorar a Deus do que ser adorado como Deus. Mas aos inimigos desta cidade respondemos nos dez livros anteriores, de acordo com nossa capacidade e a ajuda de nosso Senhor e Rei. Agora, reconhecendo o que se espera de mim, e não descuidando da minha promessa, e contando também com o mesmo socorro, tentarei tratar da origem, do progresso e dos destinos merecidos das duas cidades (a terrena e a celestial, a saber), que, como dissemos, estão neste mundo presente misturados e, por assim dizer, emaranhados. E, primeiro, explicarei como os fundamentos dessas duas cidades foram originalmente lançados, na diferença que surgiu entre os anjos.

CAPÍTULO. 2.-DO CONHECIMENTO DE DEUS, AO QUAL NENHUM HOMEM PODE ALCANÇAR SALVAÇÃO, SOMENTE ATRAVÉS DO MEDIADOR ENTRE DEUS E OS HOMENS, O HOMEM CRISTO JESUS

1. É uma coisa grande e muito rara para um homem, depois de contemplar toda a criação, corpórea e incorpórea, e discernir sua mutabilidade, passar além dela e, pelo contínuo aumento de sua mente, atingir a substância imutável de Deus e, nessa altura de contemplação, aprender com o próprio Deus que ninguém, a não ser Ele, fez tudo o que não é da essência divina. Pois Deus fala com um homem não por meio de alguma criatura audível jantando em seus ouvidos, de modo que as vibrações atmosféricas conectem Aquele que faz com aquele que ouve o som, nem mesmo por meio de um ser espiritual com a aparência de um corpo, como vemos em sonhos ou estados semelhantes; pois mesmo neste caso Ele fala como se fosse aos

ouvidos do corpo, porque é por meio da aparência de um corpo que Ele fala, e com a aparência de um intervalo real de espaço – pois as visões são representações exatas de objetos corporais. . Não por estes, então, Deus fala, mas pela própria verdade, se alguém estiver preparado para ouvir com a mente e não com o corpo. Pois Ele fala para aquela parte do homem que é melhor do que tudo o que está nele, e do que o próprio Deus é melhor. Pois como o homem é mais propriamente entendido (ou, se isso não pode ser, pelo menos, acreditado) como sendo feito à imagem de Deus, sem dúvida é aquela parte dele pela qual ele se eleva acima das partes inferiores que ele tem em comum. as bestas, o que o aproxima do Supremo. Mas uma vez que a própria mente , embora naturalmente capaz de razão e inteligência, é incapacitada por vícios obstinados e inveterados, não apenas por deleitar e permanecer, mas até mesmo por tolerar Sua luz imutável, até que ela seja gradualmente curada, renovada e tornada capaz de tal felicidade, deveria, em primeiro lugar, ser impregnada de fé, e assim purificada. E para que nesta fé avance com mais confiança para a verdade, a verdade mesma, Deus, Filho de Deus, assumindo a humanidade sem destruir a sua divindade, estabeleceu e fundou esta fé, para que haja um caminho do homem para o Deus do homem através de um Deus-homem. Pois este é o Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus. Pois é como homem que Ele é o Mediador e o Caminho. Pois, se o caminho está entre aquele que vai e o lugar para onde vai, há esperança de alcançá-lo; mas se não há caminho, ou se ele não sabe onde está, o que o faz saber para onde deve ir? Agora, a única maneira que é infalivelmente segura contra todos os erros, é quando a mesma pessoa é ao mesmo tempo Deus e homem, Deus nosso fim, o homem nosso caminho.²

CAPÍTULO. 3.-DA AUTORIDADE DAS ESCRITURAS CANÔNICAS COMPOSTAS PELO ESPÍRITO DIVINO

1. Este Mediador, tendo falado o que julgou suficiente primeiro pelos profetas, depois por seus próprios lábios e depois pelos apóstolos, produziu além disso a Escritura que é chamada canônica, que tem

autoridade suprema, e à qual damos consentimento em todos os assuntos sobre os quais não devemos ignorar, e ainda assim não podemos conhecer por nós mesmos. Pois se alcançamos o conhecimento de objetos presentes pelo testemunho de nossos próprios sentidos, sejam internos ou externos, então, em relação a objetos distantes de nossos próprios sentidos, precisamos que outros tragam seu testemunho, pois não podemos conhecê-los por nós mesmos, e creditamos as pessoas a quem os objetos estiveram ou estão sensivelmente presentes. Assim, como no caso dos objetos visíveis que não vimos, confiamos naqueles que os têm (e também com todos os objetos sensíveis), assim no caso das coisas que são percebidas pela mente e pelo espírito, isto é, que são distante de nosso próprio sentido interior, cabe a nós confiar naqueles que os viram colocados nessa luz incorpórea, ou contemplá-los permanentemente.

CAPÍTULO. 4.-QUE O MUNDO NÃO É SEM COMEÇO, NEM AINDA CRIADO POR UM NOVO DECRETO DE DEUS, PELO QUAL ELE DEPOIS DESEJOU O QUE NÃO TINHA ANTES DESEJADO

1. De todas as coisas visíveis, o mundo é o maior; de todos os invisíveis, o maior é Deus. Mas, que o mundo é, vemos; que Deus é, cremos. Que Deus fez o mundo, não podemos crer de ninguém com mais segurança do que do próprio Deus. Mas onde O ouvimos? Em nenhum lugar mais distintamente do que nas Sagradas Escrituras, onde Seu profeta disse: “No princípio Deus criou os céus e a terra”. O profeta estava presente quando Deus fez os céus e a terra? Não; mas a sabedoria de Deus, por quem todas as coisas foram feitas, estava lá,⁶ e a sabedoria se insinua nas almas santas, e as torna amigas de Deus e Seus profetas, e silenciosamente as informa de Suas obras. Eles são ensinados também pelos anjos de Deus, que sempre contemplam a face do Pai e anunciam Sua vontade a quem convém. Desses profetas foi aquele que disse e escreveu: "No princípio criou Deus os céus e a terra". E uma testemunha tão adequada era ele de Deus, que o mesmo Espírito de Deus, que lhe revelou essas coisas, o capacitou também

muito antes de predizer que nossa fé também viria.

2. Mas por que Deus escolheu então criar os céus e a terra que até então Ele não havia feito? Se aqueles que fazem esta pergunta desejam fazer com que o mundo seja eterno e sem começo, e que conseqüentemente não foi feito por Deus, eles são estranhamente enganados e deliram na loucura incurável da impiedade. Pois, embora as vozes dos profetas fossem silenciosas, o próprio mundo, por suas mudanças e movimentos bem ordenados, e pela bela aparência de todas as coisas visíveis, dá testemunho próprio, tanto de que foi criado quanto de que não poderia ter sido criado senão por Deus, cuja grandeza e beleza são indizíveis e invisíveis. Quanto aos que reconhecem, de fato, que foi feito por Deus, e ainda atribuem a ele não um começo temporal, mas apenas criacional, de modo que, de alguma maneira pouco inteligível, o mundo deveria sempre ter existido um mundo criado, eles fazem uma afirmação que parece-lhes defender Deus da acusação de pressa arbitrária, ou de conceber subitamente a ideia de criar o mundo como uma ideia totalmente nova, ou de mudar casualmente Sua vontade, embora Ele seja imutável. Mas não vejo como essa suposição deles pode permanecer em outros aspectos, e principalmente no que diz respeito à alma; pois se eles afirmam que é co-eterno com Deus, eles não saberão explicar de onde se acumularam novas misérias, que por uma eternidade anterior não existiam. Pois se eles disseram que sua felicidade e sua miséria se alternam incessantemente, eles devem dizer, ainda, que essa alternância continuará para sempre; de onde resultará esse absurdo, que, embora a alma seja chamada de bem-aventurada, não é assim que ela prevê sua própria miséria e desgraça. E, no entanto, se não o prevê e supõe que não será desonrado nem miserável, mas sempre abençoado, então é abençoado porque é enganado; e uma declaração mais tola não se pode fazer. Mas se a ideia deles é que a miséria da alma se alternou com sua bem-aventurança durante as eras da eternidade passada, mas que agora, uma vez que a alma foi libertada, ela não retornará mais à miséria, eles são, no entanto, de opinião. que nunca foi verdadeiramente abençoado antes, mas começa finalmente a desfrutar de uma felicidade nova e incerta; isto é, eles devem reconhecer que

alguma coisa nova, e que uma coisa importante e importante, acontece com a alma que nunca em toda uma eternidade passada aconteceu antes. E se eles negam que o propósito eterno de Deus inclui esta nova experiência da alma, eles negam que Ele seja o Autor de sua bem-aventurança, que é impiedade indescritível. Se, por outro lado, eles dizem que a futura bem-aventurança da alma é o resultado de um novo decreto de Deus, como eles mostrarão que Deus não é responsável por essa mutabilidade que os desagrada? Além disso, se eles reconhecem que foi criado no tempo, mas nunca perecerá no tempo – que tem, como número, um começo, mas não tem fim – e que, portanto, tendo uma vez experimentado a miséria e sido libertado da isso, nunca mais voltará a isso, eles certamente admitirão que isso ocorre sem qualquer violação do conselho imutável de Deus. Que eles, então, da mesma maneira acreditem em relação ao mundo que ele também poderia ser feito no tempo, e ainda que Deus, ao fazê-lo, não alterou Seu desígnio eterno.

CAPÍTULO. 5.-QUE NÃO DEVEMOS PROCURAR COMPREENDER AS IDADES INFINITAS DE TEMPO ANTES DO MUNDO, NEM OS REINO INFINITO DO ESPAÇO

1. Em seguida, devemos ver que resposta pode ser dada àqueles que concordam que Deus é o Criador do mundo, mas têm dificuldades sobre o tempo de sua criação, e que resposta, também, eles podem dar às dificuldades que podemos levantar sobre o lugar de sua criação. Pois, como eles perguntam por que o mundo foi criado então e não antes, podemos perguntar por que foi criado exatamente aqui onde está, e não em outro lugar. Pois se eles imaginam infinitos espaços de tempo antes do mundo, durante os quais Deus não poderia estar ocioso, da mesma maneira eles podem conceber fora do mundo infinitos reinos do espaço, nos quais, se alguém disser que o Onipotente não pode segurar sua mão trabalhando, não se seguirá que eles devem adotar o sonho de Epicuro de inumeráveis mundos? com esta diferença apenas, que ele afirma que eles são formados e destruídos pelos movimentos fortuitos dos átomos, enquanto eles

sustentam que eles são feitos pela mão de Deus, se eles sustentam que, através da imensidão ilimitada do espaço, estendendo-se interminavelmente em cada direção ao redor do mundo, Deus não pode descansar, e que os mundos que eles supõem que Ele faça não podem ser destruídos. Pois aqui a questão é com aqueles que, conosco, acreditam que Deus é espiritual e o Criador de todas as existências, exceto Ele mesmo. Quanto a outros, é uma condescendência discutir com eles sobre uma questão religiosa, pois eles adquiriram reputação apenas entre os homens que prestam honras divinas a vários deuses e se tornaram notáveis entre os outros filósofos por nenhuma outra razão senão essa. , embora ainda estejam longe da verdade, estão perto dela em comparação com o resto. Enquanto estes, então, não confinam em nenhum lugar, nem limitam, nem distribuem a substância divina, mas, como é digno de Deus, a reconhecem como totalmente, embora espiritualmente, presente em todos os lugares, eles porventura dirão que essa substância está ausente de tão imensa espaços fora do mundo, e é ocupado em um só, (e esse muito pequeno comparado com o infinito além), aquele, a saber, em que está o mundo? Eu acho que eles não vão proceder a esse absurdo. Uma vez que eles sustentam que há apenas um mundo, de grande volume material, de fato, ainda finito, e em sua própria posição determinada, e que isso foi feito pela operação de Deus, deixe-os dar o mesmo relato do descanso de Deus no infinito. vezes antes do mundo como eles dão Seu descanso nos espaços infinitos fora dele. E como não se segue que Deus tenha colocado o mundo no próprio lugar que ocupa e nenhum outro por acaso, e não pela razão divina, embora nenhuma razão humana possa compreender por que foi assim colocado, e embora não houvesse mérito no lugar escolhido para dar-lhe a precedência de outros infinitos, também não se segue que devemos supor que Deus foi guiado por acaso quando criou o mundo naquele e não em um tempo anterior, embora os tempos anteriores tenham passado durante um passado infinito , e embora não havia diferença pela qual um horário pudesse ser escolhido em detrimento de outro. Mas se eles dizem que os pensamentos dos homens são ociosos quando concebem lugares infinitos, já que não há lugar ao lado do mundo, respondemos que, com a mesma demonstração, é inútil conceber os tempos passados do

descanso de Deus, pois não há tempo antes do mundo.

CAPÍTULO. 6.-QUE O MUNDO E O TEMPO TEVE UM COMEÇO E UM NÃO ANTECIPOU O OUTRO

1. Pois se eternidade e tempo se distinguem justamente por isso, que o tempo não existe sem algum movimento e transição, enquanto na eternidade não há mudança, quem não vê que não poderia ter havido tempo se alguma criatura não tivesse sido feita, que por algum movimento poderia dar origem à mudança – as várias partes das quais movimento e mudança, como não podem ser simultâneos, se sucedem – e assim, nesses intervalos de duração mais curtos ou mais longos, o tempo começaria? Desde então, Deus, em cuja eternidade não há mudança alguma, é o Criador e Ordenador do tempo, não vejo como se possa dizer que Ele criou o mundo depois de decorridos espaços de tempo, a menos que se diga que antes de no mundo havia alguma criatura por cujo movimento o tempo poderia passar. E se as Sagradas e infalíveis Escrituras dizem que no princípio Deus criou os céus e a terra, para que se entenda que antes não havia feito nada; dito ter sido feito "no princípio" - então certamente o mundo foi feito, não no tempo, mas simultaneamente com o tempo. Pois o que é feito no tempo é feito depois e antes de algum tempo – depois do que é passado, antes do que é futuro. Mas nenhum poderia ter passado, pois não havia criatura por cujos movimentos sua duração pudesse ser medida. Mas simultaneamente com o tempo o mundo foi feito, se na criação do mundo se criou a mudança e o movimento, como parece evidente pela ordem dos primeiros seis ou sete dias. Pois nestes dias são contados a manhã e a tarde, até que, no sexto dia, todas as coisas que Deus então fez foram concluídas, e no sétimo o descanso de Deus foi misteriosa e sublimemente sinalizado. Que tipo de dias foram esses é extremamente difícil, ou talvez impossível para nós conceber, e quanto mais dizer!

CAPÍTULO. 7.-DA NATUREZA DOS PRIMEIROS DIAS, QUE

SE DIZ QUE TIVERAM MANHÃ E NOITE, ANTES QUE HAVIA SOL

1. Vemos, de fato, que nossos dias comuns não têm tarde a não ser pelo pôr-do-sol, e nenhuma manhã a não ser pelo nascer do sol; mas os primeiros três dias de todos foram passados sem sol, pois é relatado que foi feito no quarto dia. E antes de tudo, de fato, a luz foi feita pela palavra de Deus, e Deus, lemos, separou-a das trevas, e chamou a luz de Dia e as trevas de Noite; mas que tipo de luz era, e por qual movimento periódico ela fazia tarde e manhã, está além do alcance de nossos sentidos; nem podemos entender como foi, e ainda assim devemos acreditar sem hesitação. Pois ou era alguma luz material, seja procedente das partes superiores do mundo, longe de nossa vista, ou do local onde o sol foi depois aceso; ou sob o nome de luz foi significada a cidade santa, composta de santos anjos e espíritos abençoados, a cidade da qual o apóstolo diz: "Jerusalém de cima é nossa eterna mãe no céu"; e em outro lugar: "Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas". este dia também. Pois o conhecimento da criatura é, em comparação com o conhecimento do Criador, apenas um crepúsculo; e assim amanhece e amanhece quando a criatura é atraída para o louvor e amor do Criador; e a noite nunca cai quando o Criador não é abandonado pelo amor da criatura. Em suma, as Escrituras, quando relatam aqueles dias em ordem, nunca mencionam a palavra noite. Nunca diz: "Foi a noite", mas "A tarde e a manhã foram o primeiro dia". Assim do segundo e do resto. E, de fato, o conhecimento das coisas criadas contempladas por elas mesmas é, por assim dizer, mais incolor do que quando são vistas na sabedoria de Deus, como na arte pela qual foram feitas. Portanto, a noite é uma figura mais adequada do que a noite; e ainda, como eu disse, a manhã volta quando a criatura volta ao louvor e amor do Criador. Quando o faz no conhecimento de si mesmo, esse é o primeiro dia; quando no conhecimento do firmamento, que é o nome dado ao céu entre as águas de cima e as de baixo, esse é o segundo dia; quando no conhecimento da terra, e do mar, e todas as coisas que brotam da terra, esse é o terceiro dia; quando no conhecimento dos luminares

maiores e menores, e todas as estrelas, esse é o quarto dia; quando no conhecimento de todos os animais que nadam nas águas e que voam no ar, esse é o quinto dia; quando no conhecimento de todos os animais que vivem na terra, e do próprio homem, esse é o sexto dia.

CAPÍTULO. 8.-O QUE DEVEMOS ENTENDER DO DESCANSO DE DEUS NO SÉTIMO DIA, APÓS OS SEIS DIAS DE TRABALHO

1. Quando se diz que Deus descansou no sétimo dia de todas as suas obras, e o santificou, não devemos conceber isso de maneira infantil, como se o trabalho fosse uma labuta para Deus, que "falou e tudo se fez". —falado pela palavra espiritual e eterna, não audível e transitória. Mas o descanso de Deus significa o descanso daqueles que descansam em Deus, assim como a alegria de uma casa significa a alegria daqueles na casa que se alegram, embora não a casa, mas outra coisa, cause a alegria. Quão mais inteligível é essa fraseologia, então, se a própria casa, por sua própria beleza, alegra os habitantes! Pois, neste caso, não apenas a chamamos de alegre por aquela figura de linguagem em que a coisa que contém é usada para a coisa contida (como quando dizemos: "Os teatros aplaudem", "Os prados baixos", significando que os homens no um aplaude, e os bois no outro baixo), mas também por aquela figura em que se fala da causa como se fosse o efeito, como quando se diz que uma carta é alegre, porque faz seus leitores assim. Mais apropriadamente, portanto, a narrativa sagrada afirma que Deus descansou, significando assim que descansam aqueles que estão nEle e a quem Ele faz descansar. E isso a narrativa profética promete também aos homens a quem ela fala, e para quem foi escrito, que eles mesmos, depois das boas obras que Deus faz neles e por eles, se tiverem conseguido pela fé chegar perto de Deus em esta vida, desfrutará nEle o descanso eterno. Isso foi prefigurado para o antigo povo de Deus pelo resto ordenado em sua lei do sábado, da qual, em seu próprio lugar, falarei mais amplamente.

CAPÍTULO. 9.-O QUE AS ESCRITURAS NOS ENSINAM A CRER SOBRE A CRIAÇÃO DOS ANJOS

1. No momento, desde que me comprometi a tratar da origem da cidade santa, e primeiro dos santos anjos, que constituem grande parte desta cidade, e na verdade a parte mais abençoada, pois nunca foram expatriados, dedicar-me-ei à tarefa de explicar, com a ajuda de Deus, e até onde me parecer conveniente, as Escrituras que se referem a este ponto. Onde a Escritura fala da criação do mundo, não é dito claramente se ou quando os anjos foram criados; mas se for feita menção a eles, é implicitamente sob o nome de "céu", quando se diz: "No princípio Deus criou os céus e a terra", ou talvez sob o nome de "luz", da qual atualmente. Mas que eles foram totalmente omitidos, eu não posso acreditar, porque está escrito que Deus no sétimo dia descansou de todas as Suas obras que Ele fez; e este mesmo livro começa: "No princípio Deus criou os céus e a terra", de modo que antes do céu e da terra Deus parece não ter feito nada. Visto que, portanto, Ele começou com os céus e a terra – e a própria terra, como as Escrituras acrescentam, era inicialmente invisível e sem forma, a luz ainda não sendo feita, e as trevas cobrindo a face do abismo (isto é, cobrindo um caos indefinido de terra e mar, pois onde não há luz, as trevas devem estar), - e então quando todas as coisas, que são registradas como concluídas em seis dias, foram criadas e organizadas, como os anjos deveriam ser? omitidos, como se não estivessem entre as obras de Deus, das quais descansou no sétimo dia? No entanto, embora o fato de que os anjos são a obra de Deus não seja omitido aqui, na verdade não é explicitamente mencionado; mas em outros lugares a Sagrada Escritura afirma isso da maneira mais clara. Pois no Hino das Três Crianças na Fornalha foi dito: "Ó todas as obras do Senhor, bendizei o Senhor"; e entre essas obras mencionadas posteriormente em detalhes, os anjos são nomeados. E no salmo é dito: "Louvai ao Senhor desde os céus, louvai-o nas alturas. Louvai-o, todos os seus anjos; louvai-o, todos os seus exércitos. Louvai-o, sol e lua; louvai-o, todas as estrelas de luz. Louvai-o, ó céus dos céus, e vós, águas que estão acima dos céus. Louvem eles o nome do Senhor, porque Ele ordenou, e eles foram criados. pela autoridade divina disse

ter sido feito por Deus, pois deles, entre as outras coisas celestiais, é dito: "Ele ordenou, e eles foram criados". Quem, então, será ousado o suficiente para sugerir que os anjos foram feitos após a criação dos seis dias? Se alguém é tão tolo, sua tolice é eliminada por uma escritura de autoridade semelhante, onde Deus diz: "Quando as estrelas foram feitas, os anjos me louvaram em alta voz". Os anjos, portanto, existiam antes das estrelas; e as estrelas foram feitas no quarto dia. Diremos então que eles foram feitos no terceiro dia? Longe disso; pois sabemos o que foi feito naquele dia. A terra foi separada da água, e cada elemento tomou sua própria forma distinta, e a terra produziu tudo o que nela cresce. No segundo dia, então? Nem mesmo nisso; pois nele o firmamento foi feito entre as águas acima e abaixo, e foi chamado "Céu", no qual foram feitas as estrelas no quarto dia. Não há dúvida, então, que se os anjos estão incluídos nas obras de Deus durante esses seis dias, eles são aquela luz que foi chamada de "Dia", e cuja unidade a Escritura sinaliza ao chamar aquele dia não de "primeiro dia", mas "um dia".⁴ Pois o segundo dia, o terceiro e os demais não são outros dias; mas o mesmo "um" dia é repetido para completar o número seis ou sete, para que haja conhecimento tanto das obras de Deus quanto de Seu descanso. Pois quando Deus disse: "Haja luz, e houve luz", se somos justificados em entender nesta luz a criação dos anjos, então certamente eles foram criados participantes da luz eterna que é a imutável Sabedoria de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, e a quem chamamos de Filho unigênito de Deus; para que eles, sendo iluminados pela Luz que os criou, pudessem se tornar luz e serem chamados "Dia", em participação dessa Luz e Dia imutável que é a Palavra de Deus, por quem eles e tudo o mais foram feitos. "A verdadeira Luz, que ilumina todo homem que vem ao mundo" – esta Luz ilumina também todo anjo puro, para que ele seja luz não em si mesmo, mas em Deus; de quem, se um anjo se afasta, torna-se impuro, como todos os que se chamam espíritos imundos, e não são mais luz no Senhor, mas trevas em si mesmos, privados da participação da Luz eterna. Pois o mal não tem natureza positiva; mas a perda do bem recebeu o nome de "mal".⁶

CAPÍTULO. 10.-DA TRINDADE SIMPLES E IMUTÁVEL, PAI, FILHO E ESPÍRITO SANTO, UM DEUS, EM QUE A SUBSTÂNCIA E A QUALIDADE SÃO IDÊNTICAS

1. Há, portanto, um bem que é o único simples e, portanto, o único imutável, e este é Deus. Por este Bem foram criados todos os outros, mas não simples e, portanto, não imutáveis. "Criado", eu digo, - isto é, feito, não gerado. Pois o que é gerado do simples Bem é simples como si mesmo, e o mesmo como si mesmo. Esses dois chamamos de Pai e Filho; e ambos juntamente com o Espírito Santo são um Deus; e a este Espírito o epíteto Santo é, por assim dizer, apropriado nas Escrituras. E Ele é outro que o Pai e o Filho, pois Ele não é o Pai nem o Filho. Digo "outra", não "outra coisa", porque Ele é igualmente com eles o Bem simples, imutável e co-eterno. E esta Trindade é um Deus; e não menos simples porque uma Trindade. Pois não dizemos que a natureza do bem é simples, porque somente o Pai a possui, ou somente o Filho, ou somente o Espírito Santo; nem dizemos, com os hereges sabelianos, que é apenas nominalmente uma Trindade e não tem distinção real de pessoas; mas dizemos que é simples, porque é o que tem, com exceção da relação das pessoas entre si. Pois, em relação a essa relação, é verdade que o Pai tem um Filho, e ainda assim não é o Filho; e o Filho tem um Pai, e não é Ele mesmo o Pai. Mas, em relação a si mesmo, independentemente da relação com o outro, cada um é o que tem; assim, Ele está em Si mesmo vivendo, pois Ele tem vida, e Ele mesmo é a Vida que Ele tem.

2. É por isso, então, que a natureza da Trindade é chamada simples, porque não tem nada que possa perder, e porque não é uma coisa e seu conteúdo outra, como um copo e o licor, ou um corpo e sua cor, ou o ar e sua luz ou calor, ou uma mente e sua sabedoria. Pois nada disso é o que tem: a taça não é licor, nem a cor do corpo, nem o ar luz e calor, nem a mente sabedoria. E, portanto, eles podem ser privados do que têm, e podem ser transformados ou transformados em outras qualidades e estados, de modo que o copo possa ser esvaziado do líquido do qual está cheio, o corpo fique descolorido, o ar escureça, a mente ficar bobo. O corpo incorruptível que é prometido aos santos na

ressurreição não pode, de fato, perder sua qualidade de incorrupção, mas a substância corporal e a qualidade de incorrupção não são a mesma coisa. Pois a qualidade da incorrupção reside inteira em cada parte, não maior em uma e menor em outra; pois nenhuma parte é mais incorruptível que outra. O corpo, de fato, é maior no todo do que em parte; e uma parte dela é maior, outra menor, mas não é a maior mais incorruptível que a menor. O corpo, então, que não é em cada uma de suas partes um corpo inteiro, é uma coisa; a incorruptibilidade, que é totalmente completa, é outra coisa; – pois cada parte do corpo incorruptível, por mais desigual do resto, é igualmente incorruptível. Pois a mão, por exemplo, não é mais incorrupta que o dedo porque é maior que o dedo; assim, embora dedo e mão sejam desiguais, sua incorruptibilidade é igual. Assim, embora a incorruptibilidade seja inseparável de um corpo incorruptível, a substância do corpo é uma coisa, a qualidade da incorrupção é outra. E, portanto, o corpo não é o que tem. A própria alma também, embora seja sempre sábia (como será eternamente quando for redimida), o será participando da sabedoria imutável, o que não é; pois, embora o ar nunca seja roubado da luz que é derramada nele, não é por isso a mesma coisa que a luz. Não quero dizer que a alma seja ar, como supõem alguns que não podem conceber uma natureza espiritual; mas, com muita dessemelhança, as duas coisas têm uma espécie de semelhança, o que torna adequado dizer que a alma imaterial é iluminada com a luz imaterial da simples sabedoria de Deus, como o ar material é irradiado com luz material, e que, como o ar, quando privado desta luz, escurece (pois a escuridão material nada mais é do que o ar querendo luz, 2) assim a alma, privada da luz da sabedoria, escurece.

3. De acordo com isso, então, as coisas que são essencialmente e verdadeiramente divinas são chamadas simples, porque nelas a qualidade e a substância são idênticas, e porque são divinas, ou sábias, ou abençoadas em si mesmas, e sem suplemento estranho. Na Sagrada Escritura, é verdade, o Espírito de sabedoria é chamado de "múltiplo" porque contém muitas coisas nele; mas o que ele contém também é, e sendo um são todas essas coisas. Pois também não há muitas

sabedorias, mas uma só, na qual estão os tesouros incontáveis e infinitos das coisas intelectuais, na qual estão todas as razões invisíveis e imutáveis das coisas visíveis e mutáveis que foram criadas por ela.⁴ Pois Deus nada fez involuntariamente; nem mesmo um operário humano pode fazer isso. Mas se Ele sabia tudo o que Ele fez, Ele fez apenas aquelas coisas que Ele sabia. De onde flui uma conclusão muito impressionante, mas verdadeira, de que este mundo não poderia ser conhecido por nós a menos que existisse, mas não poderia ter existido a menos que fosse conhecido por Deus.

CAPÍTULO. 11.-SE OS ANJOS QUE CAÍRAM PARTICIPARAM DA BÊNÇÃO QUE OS SANTOS ANJOS SEMPRE DESFRUTARAM DESDE A SUA CRIAÇÃO

1. E sendo assim, aqueles espíritos que chamamos de anjos nunca foram trevas em nenhum momento, mas, logo que foram feitos, tornaram-se luz; no entanto, eles não foram criados para que pudessem existir e viver de qualquer maneira, mas foram iluminados para que pudessem viver com sabedoria e bênção. Alguns deles, tendo se afastado desta luz, não ganharam esta vida sábia e abençoada, que certamente é eterna, e acompanhada com a certeza de sua eternidade; mas eles ainda têm a vida da razão, embora obscurecida pela tolice, e isso eles não podem perder, mesmo que quisessem. Mas quem pode determinar até que ponto eles eram participantes dessa sabedoria antes de cair? E como diremos que eles participaram dela igualmente com aqueles que por ela são verdadeira e plenamente abençoados, descansando na verdadeira certeza da felicidade eterna? Pois se eles tivessem participado igualmente deste verdadeiro conhecimento, então os anjos maus teriam permanecido eternamente abençoados igualmente com os bons, porque eles estavam igualmente ansiosos por isso. Pois, embora uma vida nunca seja tão longa, não pode ser verdadeiramente chamada de eterna se estiver destinada a ter um fim; porque se chama vida enquanto é vivida, mas eterna porque não tem fim. Portanto, embora tudo que é eterno não seja, portanto, abençoado (pois o fogo do inferno é eterno), ainda assim, se nenhuma vida pode

ser verdadeira e perfeitamente abençoada a menos que seja eterna, a vida desses anjos não foi abençoada, pois estava fadada ao fim, e portanto, não é eterno, quer eles saibam ou não. Num caso, a retaguarda, no outro, a ignorância, impediu-os de serem abençoados. E mesmo que sua ignorância não fosse tão grande a ponto de gerar neles uma expectativa totalmente falsa, mas os deixasse vacilantes na incerteza se seu bem seria eterno ou terminaria em algum momento, essa mesma dúvida sobre um destino tão grande era incompatível com a plenitude de bem-aventurança que acreditamos que os santos anjos desfrutaram. Pois não limitamos e restringimos a aplicação do termo “bem-aventurança” a ponto de aplicá-lo apenas a Deus, embora sem dúvida Ele seja tão verdadeiramente abençoado que maior bem-aventurança não pode ser; e, em comparação com Sua bem-aventurança, qual é a dos anjos, embora, de acordo com sua capacidade, sejam perfeitamente abençoados?

CAPÍTULO. 12.-COMPARAÇÃO DA BÊNÇÃO DOS JUSTOS, QUE AINDA NÃO RECEBERAM A RECOMPENSA DIVINA, COM A DE NOSSOS PRIMEIROS PAIS NO PARAÍSO

1. E os anjos não são os únicos membros da criação racional e intelectual que chamamos de bem-aventurados. Pois quem o aceitará negar que aqueles primeiros homens no Paraíso foram abençoados antes de pecar, embora não tivessem certeza de quanto tempo duraria sua bem-aventurança e se seria eterna (e eterna teria sido se não tivessem pecado) , -que, eu digo, o fará, visto que mesmo agora não chamamos indecentemente aqueles que vemos levando uma vida justa e santa, na esperança da imortalidade, que não têm remorso angustiante de consciência, mas obtêm prontamente a remissão divina de os pecados de sua enfermidade atual? Estes, embora estejam certos de que serão recompensados se perseverarem, não estão certos de que perseverarão. Pois que homem pode saber que perseverará até o fim no exercício e aumento da graça, a menos que tenha sido certificado por alguma revelação dAquele que, em seu julgamento justo e secreto, embora não engane a ninguém, informa a poucos sobre esse assunto?

Assim, no que diz respeito ao conforto atual, o primeiro homem no Paraíso foi mais abençoado do que qualquer homem justo nesse estado inseguro; mas no que diz respeito à esperança do bem futuro, todo homem que não apenas supõe, mas certamente sabe que desfrutará eternamente do Deus Altíssimo na companhia dos anjos e além do alcance do mal - este homem, não importa quais tormentos corporais afligi-lo, é mais abençoado do que aquele que, mesmo naquela grande felicidade do Paraíso, estava incerto de seu destino.

CAPÍTULO. 13.-SE TODOS OS ANJOS FORAM CRIADOS EM UM ESTADO COMUM DE FELICIDADE, QUE AQUELES QUE CAÍRAM NÃO SABIAM QUE CAÍRIAM, E QUE AQUELES QUE PERMANECEM RECEBERAM GARANTIA DE SUA PRÓPRIA PERSEVERANÇA APÓS A RUÍNA DOS CAÍDOS

1. De tudo isso, facilmente ocorrerá a qualquer um que a bem-aventurança que um ser inteligente deseja como seu objeto legítimo resulta de uma combinação dessas duas coisas, a saber, que ele desfruta ininterruptamente do bem imutável, que é Deus; e que seja liberto de toda dúvida, e saiba certamente que permanecerá eternamente no mesmo gozo. Que é assim com os anjos de luz nós cremos piedosamente; mas que os anjos caídos, que por sua própria falta perderam essa luz, não desfrutaram dessa bem-aventurança mesmo antes de pecar, a razão nos convida a concluir. No entanto, se a vida deles durou antes de cair, devemos permitir-lhes uma bem-aventurança de algum tipo, embora não aquela que seja acompanhada de previsão. Ou, se parece difícil acreditar que, quando os anjos foram criados, alguns foram criados na ignorância de sua perseverança ou de sua queda, enquanto outros certamente tinham certeza da eternidade de sua felicidade, - se é difícil acreditar que eles não eram todos desde o princípio em pé de igualdade, até que estes que agora são maus se afastaram da luz do bem, certamente é muito mais difícil acreditar que os santos anjos agora estão incertos de sua bem-aventurança eterna, e não sabem a respeito de si mesmos tanto quanto pudemos reunir a respeito deles nas Sagradas Escrituras. Pois qual cristão católico não

sabe que nenhum novo demônio jamais surgirá entre os anjos bons, pois sabe que esse demônio presente nunca mais voltará à comunhão dos bons? Pois a verdade no evangelho promete aos santos e fiéis que eles serão iguais aos anjos de Deus; e também lhes é prometido que eles "irão para a vida eterna". Mas se estivermos certos de que nunca perderemos a felicidade eterna, enquanto eles não estiverem certos, então não seremos seus iguais, mas seus superiores. Mas como a verdade nunca engana, e como seremos iguais a eles, eles devem estar certos de sua bem-aventurança. E porque os anjos maus não podiam ter certeza disso, já que sua bem-aventurança estava destinada a terminar, segue-se que os anjos eram desiguais, ou que, se iguais, os anjos bons estavam assegurados da eternidade de sua bem-aventurança após a perdição dos outros; a menos que, possivelmente, alguém possa dizer que as palavras do Senhor sobre o diabo, "Ele foi homicida desde o princípio, e não permaneceu na verdade",² devem ser entendidas como se ele não fosse apenas um assassino desde o princípio da raça humana, quando foi feito o homem, a quem ele poderia matar com seu engano, mas também que ele não permaneceu na verdade desde o tempo de sua própria criação, e, portanto, nunca foi abençoado com os santos anjos, mas recusou submeter-se ao seu Criador, e orgulhosamente exultou como se estivesse em um senhorio privado próprio, e foi assim enganado e enganador. Pois o domínio do Todo-Poderoso não pode ser iludido; e aquele que não se submete piedosamente às coisas como elas são, orgulhosamente finge e zomba de si mesmo com um estado de coisas que não existe; de modo que o que o abençoado apóstolo João diz assim se torna inteligível: "O diabo peca desde o princípio" - isto é, desde o momento em que foi criado, ele recusou a justiça, que ninguém, exceto uma vontade piedosa sujeita a Deus, pode desfrutar. Quem adota esta opinião ao menos discorda desses hereges, os maniqueus, e de qualquer outra seita pestilenta que possa supor que o diabo derivou de algum princípio mau adverso uma natureza própria. Essas pessoas estão tão enganadas pelo erro que, embora reconheçam conosco a autoridade dos evangelhos, não percebem que o Senhor não disse: "O diabo era naturalmente um estranho à verdade", mas "O diabo não habitou na verdade", com o que Ele quis que nós entendêssemos que ele havia

caído da verdade, na qual, se ele tivesse morado, ele teria se tornado um participante dela, e teria permanecido em bem-aventurança junto com os santos anjos.

CAPÍTULO. 14.-EXPLICAÇÃO DO QUE É DITO DO DIABO, QUE ELE NÃO PERMANECEU NA VERDADE, PORQUE A VERDADE NÃO ESTAVA NELE

1. Além disso, como se estivéssemos perguntando por que o diabo não permaneceu na verdade, nosso Senhor acrescenta a razão, dizendo: "porque a verdade não está nele". Agora, estaria nele se ele permanecesse nisto. Mas a fraseologia é incomum. Pois, como as palavras permanecem, "Ele não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele", parece que a verdade não estar nele fosse a causa de ele não permanecer nela; ao passo que sua não permanência na verdade é antes a causa de ela não estar nele. A mesma forma de falar é encontrada no salmo: "Eu te invoquei, porque tu me ouviste, ó Deus", onde deveríamos esperar que fosse dito: Tu me ouviste, ó Deus, porque eu invoquei Te. Mas quando ele disse: "Eu chamei", então, como se alguém estivesse buscando prova disso, ele demonstra a seriedade efetiva de sua oração pelo efeito de Deus ouvi-la; como se ele tivesse dito: A prova de que orei é que você me ouviu.

CAPÍTULO. 15.-COMO DEVEMOS ENTENDER AS PALAVRAS, "O DIABO PECA DESDE O PRINCÍPIO."

1. Quanto ao que João diz sobre o diabo, "O diabo peca desde o princípio", eles⁷ que supõem que isso significa que o diabo foi feito com uma natureza pecaminosa, entendem mal; pois se o pecado é natural, não é pecado de forma alguma. E como eles respondem às provas proféticas - ou o que Isaías diz quando representa o diabo sob a pessoa do rei da Babilônia: "Como caíste, ó Lúcifer, filho da manhã!" ou o que Ezequiel diz: "Tu estiveste no Éden, o jardim de Deus; toda pedra preciosa foi a tua cobertura",⁹ onde significa que ele esteve

algum tempo sem pecado; pois um pouco depois é ainda mais explicitamente dito: "Você era perfeito em seus caminhos?" E se essas passagens não podem ser bem interpretadas de outra forma, devemos entender por esta também: "Ele não permaneceu na verdade", que ele esteve uma vez na verdade, mas não permaneceu nela. E desta passagem, "O diabo peca desde o princípio", não se deve supor que ele pecou desde o início de sua existência criada, mas desde o início de seu pecado, quando por seu orgulho ele uma vez começou a pecar. Há também uma passagem no livro de Jó, da qual o diabo é o assunto: "Este é o começo da criação de Deus, que Ele fez para ser um divertimento para seus anjos", que concorda com o salmo, onde é dito: "Ali está aquele dragão que tu fizeste para ser um divertimento nele." Mas essas passagens não devem nos levar a supor que o diabo foi originalmente criado para ser o divertimento dos anjos, mas que ele foi condenado a este castigo depois de seu pecado. Seu começo, então, é obra de Deus; pois não há natureza, mesmo entre o menor, o mais baixo e o último dos animais, que não tenha sido obra daquele de quem procedeu toda medida, toda forma, toda ordem, sem a qual nada pode ser planejado ou concebido. Quanto mais, então, é esta natureza angelical, que supera em dignidade tudo o que Ele fez, obra do Altíssimo!

CAPÍTULO. 16.-DAS GRADUAÇÕES E DIFERENÇAS DAS CRIATURAS, ESTIMADA POR SUA UTILIDADE, OU DE ACORDO COM AS GRADAÇÕES NATURAIS DO SER

1. Pois, entre os seres que existem, e que não são da essência de Deus, o Criador, aqueles que têm vida são classificados acima daqueles que não têm; aqueles que têm o poder de gerar, ou mesmo de desejar, acima daqueles que desejam esta faculdade. E, entre as coisas que têm vida, os sencientes são mais elevados do que aqueles que não têm sensação, como os animais são classificados acima das árvores. E, entre os sencientes, os inteligentes estão acima daqueles que não têm inteligência – homens, por exemplo, acima do gado. E, entre os inteligentes, os imortais, como os anjos, acima dos mortais, como os

homens. Estas são as gradações de acordo com a ordem da natureza; mas de acordo com a utilidade que cada homem encontra em uma coisa, existem vários padrões de valor, de modo que acontece que preferimos algumas coisas que não têm sensação a alguns seres sencientes. E tão forte é essa preferência, que, se tivéssemos o poder, aboliríamos completamente esta última da natureza, seja por ignorância do lugar que ocupam na natureza, ou, embora o saibamos, sacrificando-a para nossa própria conveniência. Quem, por exemplo, não preferiria pão em casa a ratos, ouro a pulgas? Mas há pouco a admirar nisso, visto que mesmo quando valorizado pelos próprios homens (cuja natureza é certamente da mais alta dignidade), muitas vezes é dado mais por um cavalo do que por um escravo, por uma jóia do que por uma donzela. Assim, a razão de quem contempla a natureza suscita juízos muito diferentes daqueles ditados pela necessidade do necessitado ou pelo desejo do voluptuoso; pois o primeiro considera o valor que uma coisa em si tem na escala da criação, enquanto a necessidade considera como ela atende à sua necessidade; a razão procura o que a luz mental julgará ser verdade, enquanto o prazer procura o que agrada agradavelmente o sentido corporal. Mas de tal importância nas naturezas racionais é o peso, por assim dizer, da vontade e do amor, que, embora na ordem da natureza os anjos estejam acima dos homens, ainda assim, pela escala da justiça, os homens bons são de maior valor do que os anjos maus. .

CAPÍTULO. 17.-QUE A FALHA DA MALDADE NÃO É A NATUREZA, MAS CONTRÁRIA À NATUREZA, E TEM SUA ORIGEM, NÃO NO CRIADOR, MAS NA VONTADE

1. É com referência à natureza, então, e não à maldade do diabo, que devemos entender estas palavras: "Este é o princípio da obra de Deus"; pois, sem dúvida, a maldade pode ser uma falha ou vício⁴ somente onde a natureza anteriormente não estava viciada. O vício também é tão contrário à natureza que não pode deixar de danificá-la. E, portanto, o afastamento de Deus não seria um vício, a menos que em uma natureza cuja propriedade fosse permanecer com Deus. De modo

que mesmo a vontade perversa é uma forte prova da bondade da natureza. Mas Deus, como Ele é o Criador supremamente bom das boas naturezas, também Ele das más vontades é o Governante mais justo; de modo que, enquanto eles fazem um mau uso das boas naturezas, Ele faz um bom uso até mesmo das más vontades. Assim, Ele fez com que o diabo (bom pela criação de Deus, perverso por sua própria vontade) fosse derrubado de sua alta posição e se tornasse o escárnio de Seus anjos, isto é, Ele fez com que suas tentações beneficiassem aqueles a quem ele deseja para ferir por eles. E porque Deus, quando o criou, certamente não ignorava sua malignidade futura, e previu o bem que Ele mesmo traria de seu mal, portanto diz o salmo: "Este leviatã que fizeste para ser um divertimento nele, "para que possamos ver que, embora Deus em sua bondade o tenha criado bom, ele já havia previsto e arranjado como ele faria uso dele quando ele se tornasse ímpio.

CAPÍTULO. 18.-DA BELEZA DO UNIVERSO, QUE SE TORNA, POR DECISÃO DE DEUS, MAIS BRILHANTE POR OPOSIÇÃO DOS CONTRÁRIOS

1. Pois Deus nunca teria criado nenhum, não digo anjo, mas até mesmo o homem, cuja maldade futura Ele conheceu de antemão, a menos que soubesse igualmente para que usos em favor do bem Ele poderia usá-lo, embelezando assim o curso de as eras, como se fosse um poema primoroso com antíteses. Pois as chamadas antíteses estão entre os mais elegantes ornamentos da fala. Eles podem ser chamados em latim "oposições" ou, para falar mais precisamente, "contraposições"; mas essa palavra não é de uso comum entre nós, embora o latim e, de fato, as línguas de todas as nações, usem os mesmos ornamentos de estilo. Na Segunda Epístola aos Coríntios o Apóstolo Paulo também faz um uso gracioso de antítese, naquele lugar onde ele diz: "Pela armadura da justiça à direita e à esquerda, por honra e desonra, por má fama e boa como enganadores, mas verdadeiros; como desconhecidos, mas bem conhecidos; como mortos, e eis que vivemos; como castigados, e não mortos; como contristados,

mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como não tendo nada, mas possuindo todas as coisas. eloquência não de palavras, mas de coisas. Isto é claramente declarado no Livro do Eclesiástico, desta forma: "O bem está contra o mal, e a vida contra a morte; assim é o pecador contra o piedoso. e dois, um contra o outro."

CAPÍTULO. 19.-O QUE, APARENTEMENTE, DEVEMOS ENTENDER PELAS PALAVRAS, "DEUS DIVIDIU A LUZ DAS TREVAS."

1. Assim, embora a obscuridade da palavra divina tenha certamente essa vantagem, que faz com que muitas opiniões sobre a verdade sejam iniciadas e discutidas, cada leitor vendo nela algum significado novo, ainda assim, o que quer que seja dito ser entendido por um obscuro A passagem deve ser ou confirmada pelo testemunho de fatos óbvios, ou deve ser afirmada em outros textos menos ambíguos. Essa obscuridade é benéfica, se o sentido do autor é finalmente alcançado após a discussão de muitas outras interpretações, ou se, embora esse sentido permaneça oculto, outras verdades são trazidas pela discussão da obscuridade. Para mim, não parece incongruente com a operação de Deus, se entendermos que os anjos foram criados quando aquela primeira luz foi feita, e que uma separação foi feita entre os anjos santos e os impuros, quando, como é dito, "Deus separou a luz das trevas; e Deus chamou à luz Dia, e às trevas chamou Noite". Pois somente Ele poderia fazer essa discriminação, que também foi capaz antes de cair, de prever que cairiam e que, sendo privados da luz da verdade, permaneceriam nas trevas do orgulho. Pois, no que diz respeito ao dia e à noite, com os quais estamos familiarizados, Ele ordenou aos luminares do céu que são óbvios aos nossos sentidos que se dividissem entre a luz e as trevas. "Haja", diz Ele, "luzes no firmamento do céu, para separar o dia da noite"; e logo depois Ele diz: "E Deus fez dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite: também as estrelas. E Deus as colocou no firmamento do céu, para iluminar a terra, e governar o dia e a noite, e separar a luz das trevas". Mas entre aquela

luz, que é a santa companhia dos anjos espiritualmente radiante com a iluminação da verdade, e aquela escuridão oposta, que é a nojenta sujeira da condição espiritual daqueles anjos que se afastaram da luz da justiça, somente Ele mesmo poderia separar, de quem sua maldade (não de natureza, mas de vontade), enquanto ainda era futura, não poderia ser escondida ou incerta.

CAPÍTULO. 20.-DAS PALAVRAS QUE SEGUEM A SEPARAÇÃO DE LUZ E TREVAS, "E DEUS VIU A LUZ QUE ERA BOM."

1. Então, não devemos passar desta passagem da Escritura sem perceber que quando Deus disse: "Haja luz, e houve luz", foi imediatamente acrescentado: "E Deus viu a luz que era bom". Nenhuma expressão seguiu a afirmação de que Ele separou a luz das trevas, e chamou a luz de Dia e as trevas de Noite, para que o selo de Sua aprovação não parecesse ser colocado em tais trevas, bem como na luz. Pois quando a escuridão não foi objeto de desaprovação, como quando foi separada pelos corpos celestes dessa luz que nossos olhos discernem, a afirmação de que Deus viu que era bom é inserida, não antes, mas depois da divisão é registrada. "E Deus os colocou", assim diz a passagem, "no firmamento do céu, para iluminar a terra, e governar o dia e a noite, e separar a luz das trevas: e Deus viu que era bom." Pois Ele aprovou ambos, porque ambos eram sem pecado. Mas onde Deus disse: "Haja luz, e houve luz; e Deus viu a luz que era bom"; e a narrativa continua, "e Deus separou a luz das trevas! e Deus chamou à luz Dia, e às trevas chamou Noite", não havia neste lugar anexado a afirmação: "E Deus viu que era bom, "Para que ambos não sejam designados bons, enquanto um deles era mau, não por natureza, mas por sua própria culpa. E, portanto, nessa facilidade, somente a luz recebeu a aprovação do Criador, enquanto as trevas angélicas, embora tenham sido ordenadas, ainda não foram aprovadas.

CAPÍTULO. 21.-DO CONHECIMENTO E VONTADE

ETERNOS E IMUTÁVEIS DE DEUS, PELO QUE TUDO QUE ELE FEZ O AGRADOU

1. Pois o que mais deve ser entendido por esse refrão invariável: "E Deus viu que era bom", do que a aprovação da obra em seu design, que é a sabedoria de Deus? Pois certamente Deus não, na realização real da obra, primeiro aprendeu que era bom, mas, pelo contrário, nada teria sido feito se não tivesse sido conhecido primeiro por Ele. Enquanto, portanto, Ele vê que é bom o que, se Ele não tivesse visto antes de ser feito, nunca teria sido feito, é claro que Ele não está descobrindo, mas ensinando que é bom. Platão, de fato, foi ousado o suficiente para dizer que, quando o universo foi concluído, Deus estava, por assim dizer, exultante de alegria. E Platão não foi tão tolo a ponto de dizer com isso que Deus foi tornado mais abençoado pela novidade de Sua criação; mas ele desejava assim indicar que o trabalho agora concluído obteve a aprovação de seu Criador, como ainda estava em projeto. Não é como se o conhecimento de Deus fosse de vários tipos, conhecendo de maneiras diferentes coisas que ainda não são, coisas que são e coisas que foram. Pois não é à nossa maneira que Ele olha para o futuro, nem para o presente, nem para o passado; mas de uma maneira bem diferente e distante e profundamente distante de nosso modo de pensar. Pois Ele não passa disso para aquilo por transição de pensamento, mas contempla todas as coisas com absoluta imutabilidade; de modo que daquelas coisas que surgem no tempo, o futuro, de fato, ainda não é, e o presente é agora, e o passado não é mais; mas todos estes são por Ele compreendidos em Sua presença estável e eterna. Nem Ele vê de uma maneira pelos olhos, de outra pela mente, pois Ele não é composto de mente e corpo; nem Seu conhecimento presente difere do que já foi ou será, pois essas variações de tempo, passado, presente e futuro, embora alterem nosso conhecimento, não afetam Seu "em quem não há variação, nem sombra de virando". Pois como sem qualquer movimento que o tempo possa medir, Ele mesmo move todas as coisas temporais, assim Ele conhece todos os tempos com um conhecimento que o tempo não pode medir. E, portanto, Ele viu que o que Ele havia feito era bom, quando Ele viu que era bom fazê-lo. E quando Ele o viu feito, Ele não

tinha, por causa disso, um conhecimento duplo nem aumentado; como se tivesse menos conhecimento antes de fazer o que viu. Pois certamente Ele não seria o obreiro perfeito que é, a menos que Seu conhecimento fosse tão perfeito que não recebesse nenhum acréscimo de Suas obras acabadas. Portanto, se o único objetivo fosse informar-nos quem fez a luz, bastaria dizer: "Deus fez a luz"; e se mais informações sobre os meios pelos quais ela foi feita tivessem sido pretendidas, teria sido suficiente dizer: "E Deus disse: Haja luz, e houve luz", para que pudéssemos saber não apenas que Deus havia feito a mundo, mas também que Ele o fez pela palavra. Mas porque era certo que três verdades principais sobre a criatura nos fossem intimadas, a saber, quem a fez, por que meios e por quê, está escrito: "Disse Deus: Haja luz, e houve luz. Deus viu a luz que era bom." Se, então, perguntarmos quem o fez, foi "Deus". Se, por que meios, Ele disse "Deixe estar", e foi. Se perguntarmos por que Ele fez isso, "foi bom". Nem há autor mais excelente do que Deus, nem habilidade mais eficaz do que a palavra de Deus, nem causa melhor do que o bem que possa ser criado pelo bom Deus. Isso também Platão atribuiu como a razão mais suficiente para a criação do mundo, que boas obras possam ser feitas por um Deus bom; se ele leu esta passagem, ou, talvez, foi informado dessas coisas por aqueles que as leram, ou, por seu gênio perspicaz, penetrou nas coisas espirituais e invisíveis através das coisas que são criadas, ou foi instruído a respeito delas por aqueles que os discerniram.

CAPÍTULO. 22.-DE QUEM NÃO APROVA CERTAS COISAS QUE FAZEM PARTE DESTA BOA CRIAÇÃO DE UM BOM CRIADOR, E QUE PENSAM QUE EXISTE ALGUM MAL NATURAL

1. Esta causa, porém, de uma boa criação, a saber, a bondade de Deus, - esta causa, digo, tão justa e adequada, que, quando ponderada com piedade e cuidado, encerra todas as controvérsias daqueles que investigam a origem do mundo, não foi reconhecido por alguns hereges, porque existem, de fato, muitas coisas, como fogo, geada,

animais selvagens, e assim por diante, que não se adequam, mas ferem essa mortalidade frágil e de sangue fraco de nossa carne, que atualmente está sob justa punição. Eles não consideram quão admiráveis essas coisas são em seus próprios lugares, quão excelentes em suas próprias naturezas, quão belamente ajustadas ao resto da criação e quanta graça elas contribuem para o universo por suas próprias contribuições como uma comunidade; e quão úteis eles são até para nós mesmos, se os usarmos com o conhecimento de suas adaptações adequadas – de modo que mesmo venenos, que são destrutivos quando usados incrivelmente, tornam-se saudáveis e medicinais quando usados em conformidade com suas qualidades e design; assim como, por outro lado, as coisas que nos dão prazer, como comida, bebida e a luz do sol, são prejudiciais quando usadas imoderadamente ou fora de época. E assim a providência divina nos adverte não tolamente a vituperar as coisas, mas a investigar sua utilidade com cuidado; e, onde nossa capacidade mental ou enfermidade está em falta, acreditar que há uma utilidade, embora oculta, como experimentamos que havia outras coisas que quase não conseguimos descobrir. Pois essa ocultação do uso das coisas é em si mesmo um exercício de nossa humildade ou um nivelamento de nosso orgulho; pois nenhuma natureza é má, e este é um nome para nada além da falta de bem. Mas das coisas terrenas às celestiais, das visíveis às invisíveis, há algumas coisas melhores que outras; e para isso são desiguais, para que todos possam existir. Ora, Deus é tão grande obreiro nas grandes coisas, que não é menos nas pequenas coisas, pois essas pequenas coisas devem ser medidas não por sua própria grandeza (que não existe), mas pela sabedoria de seus Projetista; como, na aparência visível de um homem, se uma sobancelha for raspada, quase nada é tirado do corpo, mas quanto da beleza! membros. Mas não admiramos muito que as pessoas, que supõem que alguma natureza má foi gerada e propagada por uma espécie de princípio oposto próprio a ela, se recusem a admitir que a causa da criação foi esta, que o bom Deus produziu uma boa criação. . Pois eles acreditam que Ele foi levado a este empreendimento de criação pela necessidade urgente de repelir o mal que guerreava contra Ele, e que Ele misturou Sua boa natureza com o mal para restringi-lo e vencê-lo;

e que essa Sua natureza, sendo assim vergonhosamente poluída, e mais cruelmente oprimida e mantida em cativeiro, Ele trabalha para limpá-la e libertá-la, e com todas as Suas dores não consegue totalmente; mas a parte dela que não pode ser purificada dessa contaminação deve servir como prisão e cadeia do inimigo conquistado e encarcerado. Os maniqueus não fariam besteira, ou melhor, delirariam em um estilo como este, se acreditassem que a natureza de Deus é, como é, imutável e absolutamente incorruptível, e não sujeita a nenhum dano; e se, além disso, sustentavam com sobriedade cristã que a alma que se mostrou capaz de ser alterada para pior por sua própria vontade e de ser corrompida pelo pecado e, portanto, de ser privada da luz da verdade eterna, – que essa alma, eu digo, não é parte de Deus, nem da mesma natureza que Deus, mas é criada por Ele e é muito diferente de seu Criador.

CAPÍTULO. 23.-DO ERRO EM QUE A DOCTRINA DE ORÍGENES ESTÁ ENVOLVIDA

1. Mas é muito mais surpreendente que alguns mesmo daqueles que, conosco, acreditam que há uma única fonte de todas as coisas, e que nenhuma natureza que não seja divina pode existir a menos que seja originada por esse Criador, ainda se recusaram a aceitar com fé boa e simples esta razão tão boa e simples da criação do mundo, que um Deus bom o fez bom; e que as coisas criadas, sendo diferentes de Deus, eram inferiores a Ele, e ainda assim eram boas, sendo criadas por ninguém menos que Ele. Mas eles dizem que as almas, embora não sejam, de fato, partes de Deus, mas criadas por Ele, pecaram ao abandonar Deus; que, em proporção aos seus vários pecados, eles mereciam diferentes graus de degradação do céu à terra, e diversos corpos como prisões; e que este é o mundo, e esta a causa de sua criação, não a produção de coisas boas, mas a contenção do mal. Orígenes é justamente culpado por manter essa opinião. Pois nos livros que ele intitula *περὶ ἀρχῶν*, isto é, Das origens, este é o seu sentimento, este é o seu enunciado. E não posso expressar suficientemente meu espanto, que um homem tão erudito e bem

versado na literatura eclesiástica não tenha observado, em primeiro lugar, como isso é oposto ao significado desta Escritura autorizada, que, ao relatar todas as obras de Deus, regularmente acrescenta: "E Deus viu que era bom"; e, quando tudo foi concluído, insere as palavras: "E Deus viu tudo o que havia feito, e eis que era muito bom". Não era obviamente para ser entendido que não havia outra causa para a criação do mundo além de que boas criaturas deveriam ser feitas por um bom Deus? Nesta criação, se ninguém tivesse pecado, o mundo teria sido preenchido e embelezado com naturezas boas sem exceção; e embora haja pecado, nem todas as coisas estão, portanto, cheias de pecado, pois a grande maioria dos habitantes celestiais preserva a integridade de sua natureza. E a vontade pecaminosa, embora violasse a ordem de sua própria natureza, não escapou por isso às leis de Deus, que com justiça ordena todas as coisas para o bem. Pois como a beleza de um quadro é aumentada por sombras bem geridas, assim, ao olho que tem habilidade para discerni-lo, o universo é embelezado até pelos pecadores, embora, considerados por eles mesmos, sua deformidade seja uma mácula triste.

2. Em segundo lugar, Orígenes e todos os que pensam com ele deveriam ter visto que, se fosse a verdadeira opinião que o mundo foi criado para que as almas pudessem, por seus pecados, ser acomodadas em corpos nos quais deveriam como em casas de correção, os pecadores mais veniais recebendo corpos mais leves e mais etéreos, enquanto os pecadores mais grosseiros e mais graves receberam corpos mais grosseiros e rasteiros, então seguiria que os demônios, que são mais profundos em maldade, deveriam, antes, do que até mesmo os homens maus, ter corpos terrenos, uma vez que estes são os mais grosseiros e menos etéreos de todos. Mas, de fato, para que vejamos que os méritos das almas não devem ser avaliados pelas qualidades dos corpos, o diabo mais perverso possui um corpo etéreo, enquanto o homem, malvado, é verdade, mas com uma maldade pequena e venial em comparação com o seu, recebeu antes mesmo de seu pecado um corpo de barro. E que afirmação mais tola pode ser feita do que Deus, por este nosso sol, não planejou beneficiar a criação material, ou dar brilho à sua beleza, e, portanto, criou um único sol

para este único mundo, mas que assim aconteceu que uma só alma pecou tanto para merecer ser encerrada em tal corpo como é? Neste princípio, se tivesse acontecido que não um, mas dois, sim, ou dez, ou cem tivessem pecado de forma semelhante, e com um grau de culpa semelhante, então este mundo teria cem sóis. E que tal não seja o caso, não se deve à consideração ponderada do Criador, arquitetando a segurança e a beleza das coisas materiais, mas sim ao fato de que uma qualidade tão boa do pecado foi atingida por apenas uma alma, de modo que só ela mereceu tal corpo. Manifestamente, as pessoas que sustentam tais opiniões devem procurar confinar, não as almas das quais não sabem o que dizem, mas a si mesmas, para que não caiam, e merecidamente, longe da verdade. E quanto a essas três respostas que anteriormente recomendei quando, no caso de qualquer criatura, as perguntas são colocadas: Quem a fez? Pelo que significa? Por quê? que devesse ser respondido: Deus, pela Palavra, porque era bom – quanto a essas três respostas, é muito questionável se a própria Trindade é assim misticamente indicada, isto é, o Pai, o Filho e o Santo Ghost, ou se há alguma boa razão para esta aceitação nesta passagem das Escrituras – isso, eu digo, é questionável, e não se pode esperar que explique tudo em um volume.

CAPÍTULO. 24.-DA DIVINA TRINDADE, E AS INDICAÇÕES DE SUA PRESENÇA ESPALHADAS POR TODOS OS LUGARES ENTRE SUAS OBRAS

1. Acreditamos, sustentamos, pregamos fielmente que o Pai gerou a Palavra, isto é, a Sabedoria, pela qual todas as coisas foram feitas, o Filho unigênito, um como o Pai é um, eterno como o Pai é eterno, e, igualmente com o Pai, supremamente bom; e que o Espírito Santo é o Espírito tanto do Pai quanto do Filho, e Ele mesmo é consubstancial e co-eterno com ambos; e que este todo é uma Trindade em razão da individualidade das pessoas, e um Deus em razão da substância divina indivisível, como também um Todo-Poderoso em razão da onipotência indivisível; ainda assim, quando perguntamos a respeito de cada um individualmente, é dito que cada um é Deus e Todo-Poderoso; e,

quando falamos de todos juntos, é dito que não há três Deuses, nem três Todo-Poderosos, mas um Deus Todo-Poderoso; tão grande é a unidade indivisível destes Três, que requer que assim seja declarado. Mas, se o Espírito Santo do Pai e do Filho, que são ambos bons, podem ser chamados com propriedade de bondade de ambos, porque Ele é comum a ambos, não pretendo determinar apressadamente. No entanto, eu hesitaria menos em dizer que Ele é a santidade de ambos, não como se Ele fosse meramente um atributo divino, mas Ele mesmo também a substância divina, e a terceira pessoa na Trindade. Estou bastante encorajado a fazer esta afirmação, porque, embora o Pai seja um espírito, e o Filho um espírito, e o Pai santo, e o Filho santo, ainda assim a terceira pessoa é distintamente chamada de Espírito Santo, como se Ele foram a santidade substancial consubstancial com os outros dois. Mas se a bondade divina nada mais é do que a santidade divina, então certamente é uma estudiosa razoável, e não uma intrusão presunçosa, indagar se a mesma Trindade não é sugerida em um modo enigmático de fala, pelo qual nossa investigação é estimulada, quando está escrito quem fez cada criatura, e por que meios, e por quê. Pois é o Pai da Palavra que disse: Haja. E o que foi feito quando Ele falou foi certamente feito por meio da Palavra. E pelas palavras "Deus viu que era bom", é suficientemente insinuado que Deus fez o que foi feito não por qualquer necessidade, nem para suprir qualquer necessidade, mas apenas por Sua própria bondade, ou seja, porque foi Boa. E isso é declarado depois que a criação ocorreu, para que não haja dúvida de que a coisa satisfaz a bondade por causa da qual foi feita. E se estivermos certos em entender que esta bondade é o Espírito Santo, então toda a Trindade nos é revelada na criação. Nisto também está a origem, a iluminação, a bem-aventurança da cidade santa que está acima entre os santos anjos. Pois se perguntarmos de onde é, Deus o criou; ou de onde sua sabedoria, Deus a iluminou; ou de onde vem sua bem-aventurança, Deus é sua bem-aventurança. Tem sua forma subsistindo Nele; sua iluminação ao contemplá-lo; sua alegria permanecendo nEle. Isto é; ele vê; ele ama. Na eternidade de Deus está sua vida; na verdade de Deus sua luz; na bondade de Deus sua alegria.

CAPÍTULO. 25.-DA DIVISÃO DA FILOSOFIA EM TRÊS PARTES

1. Tanto quanto se pode julgar, é pela mesma razão que os filósofos visaram uma divisão tríplice da ciência, ou melhor, puderam ver que havia uma divisão tríplice (pois eles não a inventaram, mas apenas a descobriram), dos quais uma parte é chamada física, outra lógica, a terceira ética. Os equivalentes latinos desses nomes são agora naturalizados nos escritos de muitos autores, de modo que essas divisões são chamadas naturais, racionais e morais, sobre as quais toquei ligeiramente no oitavo livro. Não que eu concluísse que esses filósofos, nesta divisão tríplice, tivessem alguma idéia de uma trindade em Deus, embora se diga que Platão foi o primeiro a descobrir e promulgar essa distribuição, e ele viu que somente Deus poderia ser o autor de natureza, o doador de inteligência e o acendedor de amor pelo qual a vida se torna boa e abençoada. Mas é certo que, embora os filósofos discordem tanto quanto à natureza das coisas, quanto ao modo de investigar a verdade, e ao bem a que todas as nossas ações devem tender, ainda assim nessas três grandes questões gerais toda a sua energia intelectual é gasta. E embora haja uma confusa diversidade de opiniões, todo homem se esforçando para estabelecer sua própria opinião em relação a cada uma dessas questões, mas nenhum deles duvida que a natureza tenha alguma causa, a ciência algum método, a vida algum fim e objetivo. Então, novamente, há três coisas que todo artífice deve possuir se quiser realizar alguma coisa: natureza, educação, prática. A natureza deve ser julgada pela capacidade, a educação pelo conhecimento, a prática pelos seus frutos. Estou ciente de que, propriamente falando, fruta é o que a gente gosta, usa [prática] o que usa. E esta parece ser a diferença entre eles, que dizem que desfrutamos daquilo que em si mesmo, e independentemente de outros fins, nos deleita; usar aquilo que buscamos por causa de algum fim além. Por esta razão, as coisas do tempo devem ser usadas em vez de desfrutadas, para que possamos merecer desfrutar das coisas eternas; e não como aquelas criaturas

perversas que gostariam de desfrutar do dinheiro e usar Deus – não gastando dinheiro por amor a Deus, mas adorando a Deus por amor ao dinheiro. No entanto, na linguagem comum, nós dois usamos frutas e gostamos de usos. Pois falamos corretamente dos "frutos do campo", que certamente todos nós usamos na vida presente. E foi de acordo com esse uso que eu disse que havia três coisas a serem observadas em um homem: natureza, educação, prática. A partir delas os filósofos elaboraram, como eu disse, a tríplice divisão daquela ciência pela qual uma vida abençoada é alcançada: o natural com respeito à natureza, o racional para a educação, o moral para a prática. Se, então, fôssemos nós mesmos os autores de nossa natureza, deveríamos ter gerado conhecimento em nós mesmos, e não deveríamos exigir alcançá-lo pela educação, ou seja, aprendendo-o com os outros. Também nosso amor, procedendo de nós mesmos e retornando a nós, bastaria para tornar nossa vida abençoada e não necessitaria de nenhum prazer estranho. Mas agora, visto que nossa natureza tem Deus como seu autor obrigatório, é certo que devemos tê-lo como nosso professor para que possamos ser sábios; Ele, também, para nos dispensar doçura espiritual para que sejamos abençoados.

CAPÍTULO. 26.-DA IMAGEM DA SUPREMA TRINDADE, QUE ENCONTRAMOS DE ALGUM TIPO NA NATUREZA HUMANA MESMO NO SEU ESTADO ATUAL

1. E de fato reconhecemos em nós mesmos a imagem de Deus, isto é, da suprema Trindade, uma imagem que, embora não seja igual a Deus, ou melhor, embora esteja muito distante dEle, não sendo nem co-eterno, nem, para dizer tudo em uma palavra, consubstancial a Ele – ainda está mais próximo dEle em natureza do que qualquer outra de Suas obras, e está destinado a ser restaurado ainda, para que possa ter uma semelhança ainda mais próxima. Pois ambos somos, e sabemos que somos, e nos deleitamos em nosso ser e em nosso conhecimento dele. Além disso, nessas três coisas nenhuma ilusão aparentemente verdadeira nos perturba; pois não entramos em contato com eles por algum sentido corporal, como percebemos as coisas fora de nós –

cores, por exemplo, ao ver, sons ao ouvir, cheiros ao cheirar, sabores ao paladar, objetos duros e macios ao tocar. , – de todos os objetos sensíveis são as imagens que se assemelham a eles, mas não elas mesmas que percebemos na mente e mantemos na memória, e que nos excitam a desejar os objetos. Mas, sem qualquer representação ilusória de imagens ou fantasmas, estou mais certo de que sou, e que sei e me deleito nisso. A respeito dessas verdades, não tenho medo dos argumentos dos Acadêmicos, que dizem: E se você estiver enganado? Pois se estou enganado, estou. Pois quem não é, não pode ser enganado; e se estou enganado, por este mesmo motivo estou. E já que sou se sou enganado, como sou enganado em acreditar que sou? pois é certo que sou se for enganado. Visto que, portanto, eu, o enganado, deveria ser, mesmo que fosse enganado, certamente não estou enganado neste conhecimento que sou. E, conseqüentemente, também não estou enganado em saber que sei. Pois, como sei que sou, também sei isto, que sei. E quando amo essas duas coisas, acrescento a elas uma certa terceira coisa, a saber, meu amor, que é de igual importância. Pois também não me engano nisto, que amo, porque nas coisas que amo não me engano; embora, mesmo que fossem falsos, ainda seria verdade que eu amava coisas falsas. Pois como eu poderia ser justamente culpado e proibido de amar as coisas falsas, se fosse falso que eu as amava? Mas, uma vez que são verdadeiros e reais, quem duvida que quando são amados, o amor deles é verdadeiro e real? Além disso, como não há ninguém que não queira ser feliz, também não há ninguém que não queira ser. Pois como ele pode ser feliz, se ele não é nada?

CAPÍTULO. 27.-DE EXISTÊNCIA, E CONHECIMENTO DELA, E O AMOR DE AMBOS

1. E verdadeiramente o próprio fato de existir é por algum encanto natural tão agradável, que mesmo os miseráveis, por nenhuma outra razão, não desejam perecer; e, quando se sentem miseráveis, não desejam que eles mesmos sejam aniquilados, mas que sua miséria seja assim. Considerem-se também aqueles que, tanto em sua própria

estima quanto de fato, são totalmente miseráveis, e que são considerados assim, não apenas pelos sábios por causa de sua loucura, mas por aqueles que se consideram bem-aventurados e os consideram miseráveis porque são pobres e destituídos – se alguém desse a esses homens uma imortalidade, na qual sua miséria fosse imortal, e oferecesse a alternativa de que, se eles se recusassem a existir eternamente na mesma miséria, poderiam ser aniquilados, e não existem em nenhum lugar, nem em qualquer condição, no instante em que eles alegremente, ou melhor, exultante, fazem a eleição para existir sempre, mesmo em tal condição, em vez de não existir. O sentimento bem conhecido de tais homens testemunha isso. Pois quando vemos que eles temem morrer e preferem viver em tal infortúnio do que terminá-lo com a morte, não é bastante óbvio como a natureza se encolhe diante da aniquilação? E, portanto, quando eles sabem que devem morrer, eles procuram, como um grande benefício, que essa misericórdia lhes seja mostrada, para que possam viver um pouco mais na mesma miséria e demorem para terminá-la pela morte. E assim eles indubitavelmente provam com que alegre entusiasmo eles aceitariam a imortalidade, mesmo que isso lhes assegurasse destruição sem fim. O que! nem mesmo todos os animais irracionais, para os quais tais cálculos são desconhecidos, desde os enormes dragões até os menores vermes, todos testemunham que desejam existir e, portanto, evitam a morte por todos os movimentos ao seu alcance? Não, as próprias plantas e arbustos, que não têm vida que lhes permita evitar a destruição por movimentos que podemos ver, não procuram todos à sua maneira conservar sua existência, enraizando-se cada vez mais profundamente na terra, para que se alimentem e joguem ramos saudáveis para o céu? Enfim, mesmo os corpos sem vida, que querem não apenas sensação, mas vida seminal, mas buscam o ar superior ou afundam-se profundamente, ou se equilibram em uma posição intermediária, para que possam proteger sua existência naquela situação em que podem existir em mais de acordo com sua natureza.

2. E quanto a natureza humana ama o conhecimento de sua existência, e como ela evita ser enganada, será suficientemente entendido deste fato, que todo homem prefere sofrer em uma mente sã, a se alegrar na

loucura. E este grande e maravilhoso instinto pertence apenas aos homens de todos os animais; pois, embora alguns deles tenham uma visão mais aguçada do que nós para a luz deste mundo, eles não podem alcançar aquela luz espiritual com a qual nossa mente é de alguma forma irradiada, para que possamos formar julgamentos corretos de todas as coisas. Pois nosso poder de julgar é proporcional à nossa aceitação dessa luz. No entanto, os animais irracionais, embora não tenham conhecimento, certamente têm algo semelhante ao conhecimento; enquanto as outras coisas materiais são ditas sensíveis, não porque têm sentidos, mas porque são objetos de nossos sentidos. No entanto, entre as plantas, sua nutrição e geração têm alguma semelhança com a vida sensível. No entanto, tanto essas como todas as coisas materiais têm suas causas ocultas em sua natureza; mas suas formas externas, que dão beleza a essa estrutura visível do mundo, são percebidas por nossos sentidos, de modo que parecem querer compensar sua própria falta de conhecimento fornecendo-nos conhecimento. Mas nós os percebemos pelos nossos sentidos corporais de tal maneira que não os julgamos por esses sentidos. Pois temos outro sentido muito superior, pertencente ao homem interior, pelo qual percebemos o que é justo e o que é injusto, justamente por meio de uma idéia inteligível, injusta por falta dela. Este sentido não é auxiliado em suas funções nem pela visão, nem pelo orifício do ouvido, nem pelos orifícios das narinas, nem pelo paladar do paladar, nem por qualquer toque corporal. Por ela, tenho certeza de que sou e de que sei disso; e esses dois eu amo, e da mesma maneira tenho certeza de que os amo.

CAPÍTULO. 28.-SE DEVEMOS AMAR O PRÓPRIO AMOR COM QUE AMAMOS A NOSSA EXISTÊNCIA E O NOSSO CONHECIMENTO DELA, PARA QUE POSSAMOS MAIS ASSEMELHAR A IMAGEM DA DIVINA TRINDADE

1. Dissemos o quanto o escopo deste trabalho exige sobre essas duas coisas, a saber, nossa existência e nosso conhecimento dela, e quanto eles são amados por nós, e como se encontra até nas criaturas

inferiores uma espécie de semelhança dessas coisas, mas com uma diferença. Ainda temos que falar do amor com que eles são amados, para determinar se esse amor mesmo é amado. E sem dúvida é; e esta é a prova. Porque nos homens que são amados com justiça, é antes o próprio amor que é amado; pois não é justamente chamado de homem bom aquele que sabe o que é bom, mas que o ama. Não é então óbvio que amamos em nós mesmos o mesmo amor com que amamos o bem que amamos? Pois há também um amor com o qual amamos o que não devemos amar; e esse amor é odiado por quem ama aquilo com que ama o que deve ser amado. Pois é bem possível que ambos existam em um homem. E essa convivência é boa para o homem, a fim de que cresça esse amor que nos conduz ao bem viver, e o outro que nos leva ao mal diminua, até que toda a nossa vida seja perfeitamente curada e transmutada em bem. Pois se fôssemos animais, amaríamos a vida carnal e sensual, e isso seria nosso bem suficiente; e quando tudo estivesse bem conosco em relação a isso, não deveríamos buscar nada além. Da mesma forma, se fôssemos árvores, não poderíamos, de fato, no sentido estrito da palavra, amar nada; no entanto, deveríamos parecer, por assim dizer, ansiar por aquilo pelo qual poderíamos nos tornar mais abundante e luxuriantemente frutíferos. Se fôssemos pedras, ou ondas, ou vento, ou chama, ou qualquer coisa desse tipo, deveríamos querer, de fato, sensação e vida, mas deveríamos possuir um tipo de atração por nossa própria posição e ordem natural. Pois a gravidade específica dos corpos é, por assim dizer, seu amor, quer sejam levados para baixo por seu peso, ou para cima por sua leviandade. Pois o corpo é carregado por sua gravidade, assim como o espírito por amor, onde quer que seja carregado. Mas nós somos homens, criados à imagem de nosso Criador, cuja eternidade é verdadeira, e cuja verdade é eterna, cujo amor é eterno e verdadeiro, e que Ele mesmo é a Trindade eterna, verdadeira e adorável, sem confusão, sem separação; e, portanto, enquanto percorremos todas as obras que Ele estabeleceu, podemos detectar, por assim dizer, Suas pegadas, ora mais e ora menos distintas mesmo nas coisas que estão abaixo de nós, pois não poderiam tanto como existem, ou são encarnados em qualquer forma, ou seguem e observam qualquer lei, eles não foram feitos por Aquele que supremamente é, e é

supremamente bom e supremamente sábio; contudo, em nós mesmos, contemplando Sua imagem, vamos, como aquele filho mais novo do evangelho, vir a nós mesmos, levantar e voltar para Aquele de quem por nosso pecado nos afastamos. Lá nosso ser não terá morte, nosso conhecimento não terá erro, nosso amor não terá infortúnio. Mas agora, embora tenhamos certeza de que possuímos essas três coisas, não pelo testemunho de outros, mas por nossa própria consciência de sua presença, e porque as vemos com nossa visão interior mais verdadeira, ainda assim, como não podemos nós mesmos sabemos quanto tempo eles devem durar, e se eles nunca deixarão de existir, e a que fim seu bom ou mau uso levará, nós procuramos por outros que possam nos informar dessas coisas, se ainda não as encontramos. Da fidedignidade dessas testemunhas, haverá, não agora, mas posteriormente, uma oportunidade de falar. Mas neste livro vamos continuar como começamos, com a ajuda de Deus, a falar da cidade de Deus, não em seu estado de peregrinação e mortalidade, mas como ela existe sempre imortal nos céus, isto é, vamos falar dos santos anjos que mantêm sua fidelidade a Deus, que nunca foram, nem nunca serão, apóstatas, entre os quais e aqueles que abandonaram a luz eterna e se tornaram trevas, Deus, como já dissemos, fez no início uma separação.

CAPÍTULO. 29.-DO CONHECIMENTO PELO QUE OS SANTOS ANJOS CONHECEM A DEUS EM SUA ESSÊNCIA, E PELO QUE VÊM AS CAUSAS DE SUAS OBRAS NA ARTE DO TRABALHADOR, ANTES DE VEREM NAS OBRAS DO ARTISTA

1. Esses santos anjos chegam ao conhecimento de Deus não por palavras audíveis, mas pela presença em suas almas da verdade imutável, ou seja, da Palavra unigênita de Deus; e eles conhecem este próprio Verbo, e o Pai, e seu Espírito Santo, e que esta Trindade é indivisível, e que as três pessoas dela são uma substância, e que não há três Deuses, mas um Deus; e isso eles sabem, que é melhor compreendido por eles do que nós por nós mesmos. Assim também

eles conhecem a criatura também, não em si mesma, mas desta maneira melhor, na sabedoria de Deus, como na arte pela qual ela foi criada; e, conseqüentemente, eles se conhecem melhor em Deus do que em si mesmos, embora também tenham este último conhecimento. Pois eles foram criados e são diferentes de seu Criador. Nele, portanto, eles têm, por assim dizer, um conhecimento do meio-dia; em si, um conhecimento crepuscular, de acordo com nossas explicações anteriores. Pois há uma grande diferença entre conhecer uma coisa no desenho em conformidade com o qual foi feita e conhecê-la em si mesma – por exemplo, a retidão das linhas e a exatidão das figuras são conhecidas de uma maneira quando concebidas mentalmente, de outra quando descrito em papel; e a justiça é conhecida de um modo na verdade imutável, de outro no espírito de um homem justo. Assim é com todas as outras coisas – como o firmamento entre as águas acima e abaixo, que foi chamado de céu; o ajuntamento das águas abaixo, e o desnudamento da terra seca, e a produção de plantas e árvores; a criação do sol, da lua e das estrelas; e dos animais das águas, aves, peixes e monstros das profundezas; e de tudo o que anda ou rasteja sobre a terra, e do próprio homem, que excede tudo o que está na terra, todas essas coisas são conhecidas de uma maneira pelos anjos na Palavra de Deus, na qual eles vêem o eterno causas e razões segundo as quais foram feitas, e de outro modo em si mesmas: nas primeiras, com um conhecimento mais claro; neste último, com um escurecimento do conhecimento, e mais das obras nuas do que do desenho. No entanto, quando essas obras são referidas ao louvor e adoração do próprio Criador, é como se amanhecesse na mente de quem as contempla.

CAPÍTULO. 30.-DA PERFEIÇÃO DO NÚMERO SEIS, QUE É O PRIMEIRO DOS NÚMEROS QUE É COMPOSTO DE SUAS PARTES ALIQUOTAS

1. Essas obras são registradas como tendo sido concluídas em seis dias (o mesmo dia sendo repetido seis vezes), porque seis é um número perfeito, não porque Deus exigia um tempo prolongado, como se Ele

não pudesse criar todas as coisas de uma só vez, que então deveria marcar o curso do tempo pelos movimentos que lhes são próprios, mas porque a perfeição das obras foi significada pelo número seis. Pois o número seis é o primeiro que é composto de suas próprias partes, isto é, de sua sexta, terceira e metade, que são respectivamente um, dois e três, e que perfazem um total de seis. Nessa maneira de olhar para um número, diz-se que são suas partes que o dividem exatamente, como metade, um terço, um quarto ou uma fração com qualquer denominador – por exemplo, quatro é uma parte de nove, mas não portanto, uma parte alíquota; mas um é, pois é a nona parte; e três é, pois é o terceiro. No entanto, essas duas partes, a nona e a terceira, ou uma e três, estão longe de fazer sua soma total de nove. Então, novamente, no número dez, quatro é uma parte, mas não a divide; mas um é uma parte alíquota, pois é um décimo; então tem um quinto, que é dois; e meio, que é cinco. Mas essas três partes, um décimo, um quinto e meio, ou um, dois e cinco, somados, não fazem dez, mas oito. Do número doze, novamente, as partes somadas excedem o todo; pois tem um décimo segundo, isto é, um; um sexto, ou dois; um quarto, que é três; um terceiro, que é quatro; e meio, que é seis. Mas um, dois, três, quatro e seis formam, não doze, mas mais, isto é, dezesseis. Tanto julguei oportuno expor para ilustrar a perfeição do número seis, que é, como disse, o primeiro que se compõe exatamente de suas próprias partes somadas; e neste número de dias Deus terminou Sua obra. E, portanto, não devemos desprezar a ciência dos números, que, em muitas passagens da Sagrada Escritura, é considerada de eminente serviço ao intérprete cuidadoso. todas as coisas em número, medida e peso”.

CAPÍTULO. 31.-DO SÉTIMO DIA, EM QUE INTEGRALIDADE E REPOUSO SÃO CELEBRADOS

1. Mas, no sétimo dia (isto é, o mesmo dia repetido sete vezes, número que também é perfeito, embora por outra razão), o descanso de Deus é apresentado, e então, também, primeiro ouvimos falar de seu sendo santificado. De modo que Deus não quis santificar este dia por suas

obras, mas por seu descanso, que não tem tarde, pois não é uma criatura; para que, sendo conhecido de um modo na Palavra de Deus, e de outro em si mesmo, deve fazer um duplo conhecimento, luz do dia e crepúsculo (dia e tarde). Muito mais poderia ser dito sobre a perfeição do número sete, mas este livro já é longo demais, e temo que pareça aproveitar a oportunidade de expor meu pequeno conhecimento de ciência de forma mais infantil do que proveitosa. Devo falar, portanto, com moderação e dignidade, para que, ao seguir "número", seja acusado de esquecer "peso" e "medida". Basta dizer aqui que três é o primeiro número inteiro que é ímpar, quatro o primeiro que é par, e destes dois, sete é composto. Por esse motivo, muitas vezes é colocado para todos os números juntos, como: "Um homem justo cai sete vezes e se levanta novamente" - isto é, que ele nunca caia com tanta frequência, ele não perecerá (e isso deveria ser entendido não de pecados, mas de aflições que conduzem à humildade). Novamente, "Sete vezes por dia Te louvarei",⁵ que em outros lugares é expresso assim: "Bendirei o Senhor em todos os momentos". E muitos desses exemplos são encontrados nas autoridades divinas, nas quais o número sete é, como eu disse, comumente usado para expressar o todo ou a completude de qualquer coisa. E assim o Espírito Santo, de quem o Senhor diz: "Ele vos ensinará toda a verdade",⁷ é significado por este número. Nela está o descanso de Deus, o descanso que Seu povo encontra Nele. Pois o descanso está no todo, isto é, em perfeita completude, enquanto na parte há trabalho. E assim trabalhamos enquanto sabemos em parte; "mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado." É mesmo com trabalho que pesquisamos as próprias Escrituras. Mas os santos anjos, para cuja sociedade e assembléia suspiramos nesta nossa penosa peregrinação, como já habitam em sua morada eterna, gozam de perfeita facilidade de conhecimento e felicidade de descanso. É sem dificuldade que eles nos ajudam; pois seus movimentos espirituais, puros e livres, não lhes custam nenhum esforço.

CAPÍTULO. 32.-DA OPINIÃO DE QUE OS ANJOS FORAM

CRIADOS ANTES DO MUNDO

1. Mas se alguém se opuser à nossa opinião e disser que os santos anjos não são mencionados quando se diz: "Haja luz, e houve luz"; se ele supõe ou ensina que alguma luz material, então criada primeiro, foi concebida, e que os anjos foram criados, não apenas antes do firmamento que divide as águas e chamado "o céu", mas também antes do tempo significado nas palavras "No princípio Deus criou o céu e a terra;" se ele alegar que esta frase, "No princípio", não significa que nada foi feito antes (pois os anjos eram), mas que Deus fez todas as coisas por Sua Sabedoria ou Palavra, que é chamada nas Escrituras "o Princípio, " como Ele mesmo, no evangelho, respondeu aos judeus quando lhe perguntaram quem Ele era, que Ele era o Princípio; - não vou contestar o ponto, principalmente porque me dá a mais viva satisfação encontrar a Trindade celebrada no início do livro de Gênesis. Por ter dito "No princípio criou Deus os céus e a terra", significando que o Pai os fez no Filho (como o salmo testemunha onde diz: "Quantas são as tuas obras, ó Senhor! em sabedoria as fizeste todos"11), um pouco depois é feita menção apropriada do Espírito Santo também. Pois, quando nos foi dito que tipo de terra Deus criou a princípio, ou qual era a massa ou matéria que Deus, sob o nome de "céu e terra", havia fornecido para a construção do mundo, como é dito em as palavras adicionais: "E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo", então, para completar a menção da Trindade, é imediatamente acrescentado: "E o Espírito de Deus movia-se sobre a face das águas." Que cada um, então, tome como quiser; pois é uma passagem tão profunda que pode sugerir, para o exercício do tato do leitor, muitas opiniões, e nenhuma delas se afastando amplamente da regra da fé. Ao mesmo tempo, que ninguém duvide de que os santos anjos em suas moradas celestiais são, embora não, de fato, co-eternos com Deus, mas seguros e certos da felicidade eterna e verdadeira. A sua companhia o Senhor ensina que Seus pequeninos pertencem; e não apenas diz: "Eles serão iguais aos anjos de Deus", mas também mostra que contemplação abençoada os próprios anjos desfrutam, dizendo: "Vede que não desprezes nenhum destes pequeninos; porque eu vos digo , para que no céu os seus anjos

contemplem sempre a face de meu Pai que está nos céus.”²

CAPÍTULO. 33.-DAS DUAS DIFERENTES E DISSEMILARES COMUNIDADES DE ANJOS, QUE NÃO SÃO INADEQUADAMENTE SIGNIFICADAS PELOS NOMES LUZ E TREVAS

1. Que certos anjos pecaram e foram lançados nas partes mais baixas deste mundo, onde estão, por assim dizer, encarcerados até sua condenação final no dia do julgamento, o apóstolo Pedro declara muito claramente, quando diz que " Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou no inferno e os entregou nas cadeias das trevas para serem reservados para o julgamento". Quem, então, pode duvidar que Deus, seja em presciência ou em ato, separou entre estes e o resto? E quem contestará que o resto é justamente chamado de "luz"? Pois mesmo nós, que ainda vivemos pela fé, esperando apenas e ainda não desfrutando da igualdade com eles, já somos chamados de "luz" pelo apóstolo: "Pois antes fostes trevas, mas agora sois luz no Senhor". para esses anjos apóstatas, todos os que entendem ou acreditam que eles são piores do que os homens incrédulos estão bem cientes de que eles são chamados de "trevas". Portanto, embora a luz e as trevas devam ser tomadas em seu significado literal nestas passagens de Gênesis nas quais é dito: "Deus disse: Haja luz, e houve luz", e "Deus separou a luz das trevas, "No entanto, de nossa parte, entendemos essas duas sociedades de anjos - uma desfrutando de Deus, a outra inchando de orgulho; aquele a quem se diz: "Louvai-o, todos os seus anjos", o outro cujo príncipe diz: "Todas estas coisas te darei se te prostrares e me adorares"; 6 aquele que resplandece com o santo amor de Deus, o outro cheirando com a impura luxúria de autopromoção. E visto que, como está escrito, "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes", podemos dizer, um habitando no céu dos céus, o outro lançando o nce, e se enfurecendo pelas regiões inferiores do ar. ; um tranqüilo no esplendor da piedade, o outro fustigado por desejos turvos; um, à vontade de Deus, socorrendo com ternura, vingando com justiça, - o outro, incitado por seu próprio orgulho,

fervendo com a luxúria de subjugar e ferir; um ministro da bondade de Deus ao máximo de seu bom prazer, o outro retido pelo poder de Deus de fazer o mal que faria; o primeiro ri do segundo quando faz o bem a contragosto por suas perseguições, o último inveja o primeiro quando se reúne em seus peregrinos. Essas duas comunidades angélicas, portanto, diferentes e contrárias uma à outra, uma tanto por natureza boa quanto por vontade reta, a outra também boa por natureza, mas por vontade depravada, como são exibidas em outras passagens mais explícitas da Sagrada Escritura, então eu acho que eles são mencionados neste livro de Gênesis sob os nomes de luz e trevas; e mesmo que o autor talvez tivesse um significado diferente, nossa discussão sobre a linguagem obscura não foi perda de tempo; pois, embora não tenhamos conseguido descobrir seu significado, ainda assim aderimos à regra de fé, que é suficientemente verificada pelos fiéis de outras passagens de igual autoridade. Pois, embora sejam as obras materiais de Deus que são mencionadas aqui, elas certamente têm uma semelhança com as espirituais, de modo que Paulo pode dizer: "Vós sois todos filhos da luz e filhos do dia; Se, por outro lado, o autor de Gênesis viu nas palavras o que vemos, então nossa discussão chega a esta conclusão mais satisfatória, que o homem de Deus, tão eminentemente e divinamente sábio, ou melhor, que o Espírito de Deus, que por ele registrou as obras de Deus que foram concluídas no sexto dia, pode não ter omitido toda menção aos anjos, se ele os incluiu nas palavras "no princípio", porque Ele fez primeiro, ou, o que parece mais provável, porque Ele os fez na Palavra unigênita. E, sob esses nomes céu e terra, toda a criação é significada, seja dividida em espiritual e material, o que parece mais provável, ou nas duas grandes partes do mundo em que todas as coisas criadas estão contidas, de modo que, primeiro de tudo, a criação é apresentada em suma, e então suas partes são enumeradas de acordo com o número místico dos dias.

**CAPÍTULO. 34.-DA IDÉIA DE QUE OS ANJOS SE REFERIAM
À SEPARAÇÃO DAS ÁGUAS PELO FIRMAMENTO, E
DAQUELA OUTRA IDÉIA DE QUE AS ÁGUAS NÃO FORAM**

CRIADAS

1. Alguns, no entanto, supuseram que as hostes angélicas são de alguma forma referidas sob o nome de águas, e que isso é o que significa "Haja um firmamento no meio das águas": 2 que as águas acima deveriam ser entendido pelos anjos, e aqueles abaixo das águas visíveis, ou da multidão de anjos maus, ou das nações dos homens. Se é assim, então não aparece aqui quando os anjos foram criados, mas quando eles foram separados. Embora não tenha havido falta de homens tolos e perversos o suficiente para negar que as águas foram feitas por Deus, porque em nenhum lugar está escrito: "Deus disse: Haja águas". Com igual tolice, eles podem dizer o mesmo da terra, pois em nenhum lugar lemos: "Deus disse: Seja a terra". Mas, dizem eles, está escrito: "No princípio criou Deus os céus e a terra". Sim, e aí se entende a água, pois ambas estão incluídas em uma palavra. Pois "o mar é dele", como diz o salmo, "e ele o fez; e suas mãos formaram a terra seca". os elementos, e temem que as águas, devido à sua fluidez e peso, não possam ser colocadas nas partes superiores do mundo. De modo que, se construíssem um homem sobre seus próprios princípios, não colocariam em sua cabeça nenhum humor úmido, ou "fleuma", como os gregos o chamam, e que atua como parte da água entre os elementos do nosso corpo. . Mas, na obra de Deus, a cabeça é a sede da fleuma, e certamente mais apropriada; e, no entanto, de acordo com a suposição deles, tão absurdamente que, se não tivéssemos conhecimento do fato e fôssemos informados por esse mesmo registro de que Deus havia colocado um humor úmido e frio e, portanto, pesado na parte superior do corpo do homem, esses mundos... os pesadores recusariam a crença. E se eles fossem confrontados com a autoridade das Escrituras, eles sustentariam que algo mais deve ser entendido pelas palavras. Mas, se investigarmos e descobirmos todos os detalhes que estão escritos neste livro divino sobre a criação do mundo, deveríamos ter muito a dizer e nos desviar amplamente do objetivo proposto deste trabalho. Já que, então, já dissemos o que parecia necessário a respeito dessas duas comunidades de anjos diversas e contrárias, nas quais também se encontra a origem das duas comunidades humanas (das quais pretendemos falar em breve),

tragamos imediatamente este livro também a uma conclusão.

LIVRO XII

ARGUMENTO

AGOSTINHO PRIMEIROS INSTITUI DOIS INQUÉRITOS SOBRE OS ANJOS; OU SEJA, O QUE HÁ EM ALGUNS UM BEM, E EM OUTROS UMA VONTADE MÁ? E, QUAL A RAZÃO DA BÊNÇÃO DO BEM E DA MISERIA DO MAL? DEPOIS ELE TRATA DA CRIAÇÃO DO HOMEM, E ENSINA QUE NÃO É DA ETERNIDADE, MAS FOI CRIADO, E POR NINGUÉM ALÉM DE DEUS.

CAPÍTULO. 1.-QUE A NATUREZA DOS ANJOS, BONS E RUINS, É UMA E A MESMA

1. Já foi mostrado no livro anterior como as duas cidades se originaram entre os anjos. Antes de falar da criação do homem, e de mostrar como as cidades surgiram no que diz respeito à raça dos mortais racionais, vejo que devo primeiro, tanto quanto posso, aduzir o que pode demonstrar que não é incongruente e inadequado falar de uma sociedade composta de anjos e homens juntos; de modo que não há quatro cidades ou sociedades — duas, a saber, de anjos, e tantas de homens —, mas sim duas ao todo, uma composta de bons, a outra de maus, anjos ou homens indiferentemente.

2. Que as propensões contrárias nos anjos bons e maus surgiram, não de uma diferença em sua natureza e origem, uma vez que Deus, o bom Autor e Criador de todas as essências, os criou ambos, mas de uma diferença em suas vontades e desejos, é impossível duvidar. Enquanto alguns perseveraram naquilo que era o bem comum de todos, a saber, no próprio Deus e em Sua eternidade, verdade e amor; outros, enamorando-se antes de seu próprio poder, como se pudessem ser seu próprio bem, recaíram para esse bem privado deles, daquele bem maior e beatífico que era comum a todos, e, trocando a dignidade elevada da eternidade por a inflação do orgulho, a verdade mais segura da astúcia da vaidade, unindo o amor ao partidarismo faccioso,

tornaram-se orgulhosos, enganados, invejosos. A causa, portanto, da bem-aventurança do bem é a adesão a Deus. E assim a causa da miséria dos outros será encontrada no contrário, isto é, em não aderirem a Deus. Portanto, se quando a pergunta é feita, por que os primeiros são abençoados, é respondida corretamente, porque eles aderem a Deus; e quando se pergunta por que os últimos são miseráveis, é respondido corretamente, porque eles não aderem a Deus – então não há outro bem para a criatura racional ou intelectual, exceto apenas Deus. Assim, embora não seja toda criatura que pode ser abençoada (pois animais, árvores, pedras e coisas desse tipo não têm essa capacidade), ainda assim, aquela criatura que tem a capacidade não pode ser abençoada por si mesma, pois é criada de nada, mas somente por Aquele por quem foi criado. Pois é abençoado pela posse daquele cuja perda o torna miserável. Aquele, então, que é abençoado não em outro, mas em si mesmo, não pode ser miserável, porque ele não pode se perder.

3. Assim, dizemos que não há bem imutável, mas o único, verdadeiro e bendito Deus; que as coisas que Ele fez são realmente boas porque dele, mas mutáveis porque não foram feitas dele, mas do nada. Embora, portanto, não sejam o bem supremo, pois Deus é um bem maior, ainda assim aquelas coisas mutáveis que podem aderir ao bem imutável, e assim serem abençoadas, são muito boas; pois Ele é tão completamente bom para eles, que sem Ele eles não podem deixar de ser miseráveis. E as outras coisas criadas no universo não são melhores por causa disso, que não podem ser miseráveis. Pois ninguém diria que os outros membros do corpo são superiores aos olhos, porque eles não podem ser cegos. Mas como a natureza senciente, mesmo quando sente dor, é superior à pedregosa, que não pode sentir nada, assim a natureza racional, mesmo quando miserável, é mais excelente do que aquela que carece de razão ou sentimento, e, portanto, não pode experimentar miséria. . E como é assim, então nesta natureza que foi criada tão excelente, que embora seja ela mesma mutável, ainda pode garantir sua bem-aventurança aderindo ao bem imutável, o Deus supremo: e como ela não está satisfeita a menos que seja perfeitamente abençoado, e não pode ser

assim abençoado salvo em Deus – nesta natureza, eu digo, não aderir a Deus, é manifestamente uma falha. Ora, toda falta fere a natureza e, por conseguinte, é contrária à natureza. A criatura, portanto, que se apegua a Deus, difere daquelas que não o fazem, não por natureza, mas por culpa; e, no entanto, por esse mesmo defeito, a própria natureza provou ser muito nobre e admirável. Pois essa natureza é certamente elogiada, cuja falta é justamente censurada. Pois nós justamente culpamos a falha porque ela mancha a natureza louvável. Como, então, quando dizemos que a cegueira é um defeito dos olhos, provamos que a visão pertence à natureza dos olhos; e quando dizemos que a surdez é um defeito dos ouvidos, fica provado que a audição pertence à sua natureza; - então, quando dizemos que é uma falha da criatura angélica que ela não se apegua a Deus, nós por este meio claramente declaramos que pertencem à sua natureza apegar-se a Deus. E quem pode dignamente conceber ou expressar quão grande é a glória que é apegar-se a Deus, para viver para Ele, dele extrair sabedoria, deleitar-se nEle e desfrutar deste tão grande bem, sem morte, erro, ou mágoa? E assim, como todo vício é um dano à natureza, esse mesmo vício dos anjos maus, seu afastamento de Deus, é prova suficiente de que Deus criou sua natureza tão boa, que é um dano para ela não estar com Deus.

CAPÍTULO. 2.-QUE NÃO HÁ ENTIDADE CONTRÁRIA AO DIVINO, PORQUE A NÃO-ENTIDADE PARECE SER A QUE É TOTALMENTE OPOSTA ÀQUELE QUE É SUPREMO E ETERNO

1. Isso pode ser suficiente para impedir que alguém suponha, quando falamos dos anjos apóstatas, que eles poderiam ter outra natureza, derivada, por assim dizer, de alguma origem diferente, e não de Deus. Da grande impiedade deste erro nos desvencilharemos tanto mais prontamente e facilmente, quanto mais distintamente entendermos o que Deus falou pelo anjo quando enviou Moisés aos filhos de Israel: "Eu sou o que sou". Pois como Deus é a existência suprema, isto é, supremamente é e, portanto, imutável, as coisas que Ele fez Ele deu

poder para ser, mas não para ser supremamente como Ele mesmo. Para alguns Ele comunicou uma existência mais ampla, para outros uma existência mais limitada, e assim organizou as naturezas dos seres em fileiras. Pois como de sapere vem sapientia, de esse vem essentia, uma palavra nova, de fato, que os antigos escritores latinos não usavam, mas que é naturalizada em nossos dias, para que nossa língua não queira um equivalente para o grego οὐσία. Pois isso é expresso palavra por palavra por essentia. Conseqüentemente, àquela natureza que é supremamente e que criou tudo o mais que existe, nenhuma natureza é contrária a não ser aquela que não existe. Pois a nulidade é o contrário do que é. E assim não há ser contrário a Deus, o Ser Supremo e Autor de todos os seres.

CAPÍTULO. 3.-QUE OS INIMIGOS DE DEUS SÃO ASSIM, NÃO POR NATUREZA, MAS POR VONTADE

1. Nas Escrituras eles são chamados de inimigos de Deus que se opõem ao Seu governo, não por natureza, mas por vício; não tendo poder para machucá-lo, mas apenas a si mesmos. Pois eles são Seus inimigos, não por seu poder de ferir, mas por sua vontade de se opor a Ele. Pois Deus é imutável e totalmente à prova de danos. Portanto, o vício que faz aqueles que são chamados Seus inimigos resistirem a Ele, é um mal não para Deus, mas para eles mesmos. E para eles é um mal, apenas porque corrompe o bem de sua natureza. Não é a natureza, portanto, mas o vício, que é contrário a Deus. Pois o que é mau é contrário ao bem. E quem negará que Deus é o bem supremo? O vício, portanto, é contrário a Deus, como o mal ao bem. Além disso, a natureza que vicia é um bem e, portanto, a esse bem também é contrário. Mas, embora seja contrário a Deus apenas como mal para o bem, é contrário à natureza que vicia, tanto como mal quanto como prejudicial. Pois para Deus nenhum mal é prejudicial; mas apenas para naturezas mutáveis e corruptíveis, embora, pelo testemunho dos próprios vícios, originalmente boas. Pois se eles não fossem bons, os vícios não poderiam prejudicá-los. Pois como eles os ferem senão privando-os de integridade, beleza, bem-estar, virtude e, em suma, qualquer vício

natural que costuma diminuir ou destruir? Mas se não há bem para tirar, então nenhum dano pode ser causado e, conseqüentemente, não pode haver vício. Pois é impossível que haja um vício inofensivo. De onde concluimos que, embora o vício não possa prejudicar o bem imutável, ele não pode prejudicar nada além do bem; porque não existe onde não fere. Isto, então, pode ser formulado assim: o vício não pode estar no bem supremo, e não pode estar senão em algum bem. As coisas unicamente boas, portanto, podem existir em algumas circunstâncias; coisas exclusivamente más, nunca; pois mesmo aquelas naturezas que estão viciadas por uma má vontade, na medida em que estão viciadas, são más, mas enquanto são naturezas, são boas. E quando uma natureza viciada é punida, além do bem que tem em ser uma natureza, ela também tem isso de não ficar impune. Pois isso é justo, e certamente tudo que é justo é um bem. Pois ninguém é punido por vícios naturais, mas por vícios voluntários. Pois mesmo o vício que pela força do hábito e longa permanência se tornou uma segunda natureza, teve sua origem na vontade. Pois no momento estamos falando dos vícios da natureza, que tem uma capacidade mental para aquela iluminação que discrimina entre o que é justo e o que é injusto.

CAPÍTULO. 4.-DA NATUREZA DAS CRIATURAS IRRACIONAIS E SEM VIDA, QUE EM SEU PRÓPRIO TIPO E ORDEM NÃO MATURAM A BELEZA DO UNIVERSO

1. Mas é ridículo condenar as faltas de animais e árvores, e outras coisas mortais e mutáveis que são destituídas de inteligência, sensação ou vida, ainda que essas faltas destruam sua natureza corruptível; pois essas criaturas receberam, pela vontade de seu Criador, uma existência que lhes convém, passando e dando lugar a outros, para garantir aquela forma mais baixa de beleza, a beleza das estações, que em seu próprio lugar é uma parte necessária deste mundo. Pois as coisas terrenas não deveriam ser iguais às coisas celestiais, nem deveriam, embora inferiores, serem totalmente omitidas do universo. Pois, pois, naquelas situações em que tais coisas são apropriadas, alguns perecem para dar lugar a outros que nascem em seu quarto, e

os menos sucumbem aos maiores, e as coisas superadas se transformam na qualidade daqueles que o domínio, esta é a ordem designada de coisas transitórias. Dessa ordem a beleza não nos impressiona, porque por nossa fragilidade mortal estamos tão envolvidos em uma parte dela, que não podemos perceber o todo, em que esses fragmentos que nos ofendem se harmonizam com a mais precisa adequação e beleza. E, portanto, onde não somos tão capazes de perceber a sabedoria do Criador, somos muito devidamente instados a acreditar nela, para que na vaidade da temeridade humana presumimos encontrar alguma falha na obra de tão grande Artífice. Ao mesmo tempo, se considerarmos com atenção até mesmo essas faltas das coisas terrenas, que não são voluntárias nem penais, elas parecem ilustrar a excelência das próprias naturezas, todas originadas e criadas por Deus; pois é o que nos agrada nesta natureza que nos desagrade ver removidos pela falta – a menos que até as próprias naturezas desagradem os homens, como muitas vezes acontece quando se tornam prejudiciais para eles, e então os homens não as estimam por sua natureza, mas por sua utilidade; como no caso daqueles animais cujos enxames açoitaram o orgulho dos egípcios. Mas nesta forma de estimar, eles podem encontrar falhas na própria soma; pois certos criminosos ou devedores são condenados pelos juízes a serem postos ao sol. Portanto, não é com respeito à nossa conveniência ou desconforto, mas com respeito à sua própria natureza, que as criaturas estão glorificando seu Artífice. Assim, mesmo a natureza do fogo eterno, embora penal para os pecadores condenados, é certamente digna de louvor. Pois o que é mais belo do que o fogo flamejante, ardente e brilhante? O que é mais útil do que o fogo para aquecer, restaurar, cozinhar, embora nada seja mais destrutivo do que o fogo queimando e consumindo? A mesma coisa, então, quando aplicada de uma maneira, é destrutiva, mas quando aplicada adequadamente, é mais benéfica. Pois quem pode encontrar palavras para contar seus usos em todo o mundo? Não devemos ouvir, então, aqueles que elogiam a luz do fogo, mas criticam seu calor, julgando-a não por sua natureza, mas por sua conveniência ou desconforto. Pois eles desejam ver, mas não querem ser queimados. Mas eles esquecem que essa mesma luz que é tão agradável para eles, discorda e fere os olhos

fracos; e nesse calor que lhes é desagradável, alguns animais encontram as condições mais adequadas para uma vida saudável.

CAPÍTULO. 5.-QUE EM TODAS AS NATUREZAS, DE TODO TIPO E NÍVEL, DEUS É GLORIFICADO

1. Todas as naturezas, então, enquanto são, e têm, portanto, uma categoria e espécie próprias, e uma espécie de harmonia interna, são certamente boas. E quando eles estão nos lugares que lhes são designados pela ordem de sua natureza, eles preservam o ser que receberam. E aquelas coisas que não receberam o ser eterno são alteradas para melhor ou para pior, de modo a se adequarem às necessidades e movimentos daquelas coisas às quais a lei do Criador as tornou subservientes; e assim eles tendem na providência divina para aquele fim que é abraçado no esquema geral do governo do universo. De modo que, embora a corrupção de coisas transitórias e perecíveis os leve à destruição total, isso não os impede de produzir o que foi projetado para ser seu resultado. E sendo assim, Deus, que é supremamente, e que, portanto, criou todo ser que não tem existência suprema (porque o que foi feito de nada não poderia ser igual a Ele, e de fato não poderia ser se Ele não o tivesse feito). , não deve ser criticado por causa das falhas da criatura, mas deve ser louvado em vista das naturezas que Ele fez.

CAPÍTULO. 6.-QUAL É A CAUSA DA BÊNÇÃO DOS ANJOS BONS E QUAL É A CAUSA DA MISÉRIA DOS ÍMPIOS

1. Assim, a verdadeira causa da bem-aventurança dos anjos bons é esta, que eles se apegam Àquele que é supremamente. E se perguntarmos a causa da miséria dos maus, ocorre-nos, e não sem razão, que eles são miseráveis porque abandonaram Aquele que é supremamente e se voltaram para si mesmos que não têm tal essência. E esse vício, como é chamado além de orgulho? Pois "o orgulho é o princípio do pecado". Eles não estavam dispostos, então, a preservar

sua força para Deus: e como a adesão a Deus era a condição de desfrutar de um ser mais amplo, eles a diminuíram, preferindo-se a Ele. Este foi o primeiro defeito, e o primeiro empobrecimento, e a primeira falha de sua natureza, que foi criada, não de fato supremamente existente, mas encontrando sua bem-aventurança no gozo do Ser Supremo; enquanto, abandonando-O, deveria tornar-se, de fato, não natureza nenhuma, mas uma natureza com uma existência menos ampla e, portanto, miserável.

Se a pergunta adicional for feita, qual foi a causa eficiente de sua má vontade? não há nenhum. Pois o que é que torna má a vontade, quando é a própria vontade que torna má a ação? E conseqüentemente a má vontade é a causa da má ação, mas nada é a causa eficiente da má vontade. Pois se alguma coisa é a causa, essa coisa ou tem ou não vontade. Se tiver, a vontade é boa ou má. Se é bom, quem é tão entregue a si mesmo a ponto de dizer que uma boa vontade torna uma vontade ruim? Pois neste caso uma boa vontade seria a causa do pecado; uma suposição absurda. Por outro lado, se essa coisa hipotética tem má vontade, gostaria de saber o que a fez assim; e para que não continuemos para sempre, pergunto imediatamente, o que fez com que o primeiro mal fosse ruim? Pois esse não é o primeiro que foi corrompido por uma vontade má, mas esse é o primeiro que não foi feito mal por nenhuma outra vontade. Pois, se foi precedida por aquilo que a fez má, essa vontade foi primeiro que fez a outra má. Mas se for respondido: "Nada o tornou mau; sempre foi mau", pergunto se existe em alguma natureza. Pois se não, então não existia; e se existiu em alguma natureza, então viciou e corrompeu, e prejudicou e, conseqüentemente, privou-o do bem. E, portanto, a má vontade não poderia existir em uma natureza má, mas em uma natureza ao mesmo tempo boa e mutável, que esse vício poderia prejudicar. Pois se não causou dano, não foi vício; e, conseqüentemente, a vontade em que estava, não poderia ser chamada de má. Mas se causou dano, o fez tirando ou diminuindo o bem. E, portanto, não poderia haver desde a eternidade, como foi sugerido, uma má vontade naquela coisa em que antes havia um bem natural, que a má vontade pôde diminuir ao corrompê-la. Se, então, não foi desde a eternidade, quem, eu pergunto,

o fez? A única coisa que pode ser sugerida em resposta é que algo que em si não tinha vontade tornou a vontade má. Pergunto, então, se essa coisa era superior, inferior ou igual a ela? Se superior, então é melhor. Como, então, ela não tem vontade, e não uma boa vontade? O mesmo raciocínio se aplica se for igual; pois enquanto duas coisas têm igualmente boa vontade, uma não pode produzir na outra uma má vontade. Permanece então a suposição de que aquilo que corrompeu a vontade da natureza angélica que primeiro pecou, foi ela mesma uma coisa inferior sem vontade. Mas essa coisa, seja ela do tipo mais baixo e mais terreno, é certamente boa, pois é uma natureza e um ser, com uma forma e grau próprios em sua própria espécie e ordem. Como, então, pode uma coisa boa ser a causa eficiente de uma má vontade? Como, eu digo, pode o bem ser a causa do mal? Pois quando a vontade abandona o que está acima de si e se volta para o que está abaixo, torna-se má, não porque é para o mal que ela se volta, mas porque a própria volta é má. Portanto, não foi uma coisa inferior que tornou má a vontade, mas é ela mesma que se tornou assim por desejar perversa e desordenadamente uma coisa inferior. Pois se dois homens, iguais em constituição física e moral, vêm a mesma beleza corporal, e um deles é excitado pela visão para desejar um prazer ilícito, enquanto o outro mantém firmemente uma modesta restrição de sua vontade, o que supomos que a traz? sobre, que há uma má vontade em um e não no outro? O que a produz no homem em que ela existe? Não a beleza corporal, pois esta se apresentava igualmente ao olhar de ambos, mas não produzia em ambos uma má vontade. A carne de um causou o desejo como ele olhou? Mas por que não a carne do outro? Ou foi a disposição? Mas por que não a disposição de ambos? Pois estamos supondo que ambos eram de um temperamento semelhante de corpo e alma. Devemos, então, dizer que aquele foi tentado por uma sugestão secreta do espírito maligno? Como se não fosse por vontade própria que ele consentisse com essa sugestão e com qualquer incentivo! Esse consentimento, então, essa vontade maligna que ele apresentou à influência persuasiva do mal – qual foi a causa disso, perguntamos? Pois, para não tardar em uma dificuldade como esta, se ambos são tentados igualmente e um cede e consente à tentação enquanto o outro permanece impassível por ela, que outra explicação podemos dar do

assunto além disso, que um está disposto , o outro relutante, a cair da castidade? E o que causa isso senão suas próprias vontades, pelo menos nos casos como estamos supondo, onde o temperamento é idêntico? A mesma beleza era igualmente óbvia aos olhos de ambos; a mesma tentação secreta pressionava ambos com igual violência. Por mais minuciosamente que examinemos o caso, portanto, não podemos discernir nada que tenha causado a vontade de alguém ser má. Pois se dissermos que o próprio homem fez má sua vontade, o que era o próprio homem antes que sua vontade fosse má, senão uma boa natureza criada por Deus, o bem imutável? Aqui estão dois homens que, antes da tentação, eram iguais em corpo e alma, e dos quais um cedeu ao tentador que o persuadiu, enquanto o outro não pôde ser persuadido a desejar aquele corpo adorável que estava igualmente diante dos olhos de ambos. Devemos dizer do homem tentado com sucesso que ele corrompeu sua própria vontade, pois certamente era bom antes que sua vontade se tornasse má? Então, por que ele fez isso? Foi porque sua vontade era uma natureza, ou porque era feita de nada? Veremos que o último é o caso. Pois se uma natureza é a causa de uma má vontade, o que mais podemos dizer senão que o mal surge do bem ou que o bem é a causa do mal? E como pode acontecer que uma natureza, boa embora mutável, produza algum mal, isto é, torne a própria vontade má?

CAPÍTULO. 7.-QUE NÃO DEVEMOS ESPERAR ENCONTRAR QUALQUER CAUSA EFICIENTE DO MAL VONTADE

1. Que ninguém, portanto, procure uma causa eficiente da má vontade; pois não é eficiente, mas deficiente, pois a própria vontade não é uma realização de algo, mas um defeito. Pois a deserção do que é supremamente para o que tem menos de ser – isso é começar a ter uma má vontade. Agora, procurar descobrir as causas dessas deserções – causas, como eu disse, não eficientes, mas deficientes – é como se alguém procurasse ver a escuridão ou ouvir o silêncio. No entanto, ambos são conhecidos por nós, e o primeiro apenas por meio do olho, o último apenas pelo ouvido; mas não por sua realidade

positiva, mas por sua falta dela. Que ninguém, então, procure saber de mim o que sei que não sei; a menos que ele talvez queira aprender a ignorar aquilo que tudo o que sabemos é que não pode ser conhecido. Pois aquelas coisas que são conhecidas não por sua realidade, mas por sua falta, são conhecidas, se nossa expressão pode ser permitida e compreendida, não as conhecendo, para que, conhecendo-as, elas não sejam conhecidas. Pois quando a visão examina os objetos que atingem o sentido, ela não vê a escuridão em nenhum lugar, a não ser onde começa a não ver. E, portanto, nenhum outro sentido além do ouvido pode perceber o silêncio e, no entanto, só é percebido por não ouvir. Assim, também, nossa mente percebe formas inteligíveis ao compreendê-las; mas quando são deficientes, ela os conhece por não os conhecer; para "quem pode entender defeitos?"²

CAPÍTULO. 8.-DO AMOR MAL DIRECIONADO EM QUE A VONTADE SE AFASTA DO BEM IMUTÁVEL PARA O BEM MUTÁVEL

1. Isso eu sei, que a natureza de Deus nunca, em nenhum lugar, de modo algum pode ser defeituosa, e que as naturezas feitas de nada podem. Estes últimos, porém, quanto mais têm, e quanto mais bem fazem (pois então fazem algo de positivo), mais têm causas eficientes; mas na medida em que são defeituosos em ser e, conseqüentemente, fazem o mal (pois, então, qual é o trabalho deles senão a vaidade?), eles têm causas deficientes. E também sei que a vontade não poderia tornar-se má, se não desejasse tornar-se assim; e, portanto, suas falhas são justamente punidas, não sendo necessárias, mas voluntárias. Pois suas deserções não são para coisas más, mas são más; isto é, não são para as coisas que são naturalmente e em si más, mas a deserção da vontade é má, porque é contrária à ordem da natureza, e um abandono do que tem ser supremo por aquilo que tem menos. Pois a avareza não é um defeito inerente ao ouro, mas ao homem que ama desordenadamente o ouro, em detrimento da justiça, que deve ser considerada incomparavelmente mais alta do que o ouro. Nem é o luxo culpa dos objetos encantadores e encantadores, mas do coração

que ama desordenadamente os prazeres sensuais, negligenciando a temperança, que nos liga aos objetos mais belos em sua espiritualidade e mais deleitados por sua incorruptibilidade. A ostentação também não é culpa do louvor humano, mas da alma que gosta desordenadamente do aplauso dos homens, e que faz pouco caso da voz da consciência. O orgulho também não é culpa daquele que delega o poder, nem do próprio poder, mas da alma que se apaixona desmedidamente por seu próprio poder e despreza o domínio mais justo de uma autoridade superior. Conseqüentemente, aquele que ama desordenadamente o bem que qualquer natureza possui, ainda que o obtenha, torna-se ele mesmo mau no bem, e miserável porque privado de um bem maior.

CAPÍTULO. 9.-SE OS ANJOS, ALÉM DE RECEBER DE DEUS A SUA NATUREZA, RECEBERAM DELE TAMBÉM A SUA BOA VONTADE PELO ESPÍRITO SANTO, INVOCANDO-OS DE AMOR

1. Não há, pois, causa natural eficiente, ou, se me permitem a expressão, nenhuma causa essencial, da má vontade, pois ela mesma é a origem do mal nos espíritos mutáveis, pelo qual o bem de sua natureza é diminuído e corrompido; e a vontade é tornada má por nada mais do que a deserção de Deus – uma deserção da qual a causa também é certamente deficiente. Mas quanto à boa vontade, se devemos dizer que não há causa eficiente dela, devemos ter cuidado para não dar moeda à opinião de que a boa vontade dos bons anjos não é criada, mas é co-eterna com Deus. Pois se eles mesmos são criados, como podemos dizer que sua boa vontade era eterna? Mas se criado, foi criado junto com eles, ou existiram por um tempo sem ele? Se junto com eles, então sem dúvida foi criado por Aquele que os criou, e, tão logo eles foram criados, eles se ligaram Àquele que os criou, com o amor que Ele criou neles. E eles estão separados da sociedade do resto, porque eles continuaram na mesma boa vontade; enquanto os outros se desviaram para outra vontade, que é má, pelo próprio fato de ser uma apostasia do bem; do qual, podemos

acrescentar, eles não teriam caído se não estivessem dispostos a fazê-lo. Mas se os anjos bons existiram por um tempo sem boa vontade e a produziram em si mesmos sem a interferência de Deus, segue-se que eles se fizeram melhores do que Ele os fez. Fora com tal pensamento! Pois sem uma boa vontade, o que eles eram senão o mal? Ou se eles não eram maus, porque não tinham uma vontade má mais do que uma boa (pois não haviam caído daquilo que ainda não haviam começado a desfrutar), certamente não eram os mesmos, nem tão bons. , como quando passaram a ter boa vontade. Ou se eles não pudessem se tornar melhores do que foram feitos por Aquele que não é superado por ninguém em Sua obra, então certamente, sem Sua operação útil, eles não poderiam vir a possuir aquela boa vontade que os tornou melhores. E embora sua boa vontade tenha feito que eles não se voltassem para si mesmos, que tinham uma existência mais limitada, mas para Aquele que supremamente é, e que, estando unidos a Ele, seu próprio ser foi ampliado, e eles viveram uma vida sábia e abençoada. por Suas comunicações a eles, o que isso prova, senão que a vontade, por melhor que fosse, teria continuado impotente apenas para desejá-lo, se Ele não tivesse feito sua natureza do nada, e ainda fosse capaz de desfrutá-lo, primeiro estimulou-o a desejá-lo, e depois o encheu de Si mesmo, e assim o tornou melhor?

2. Além disso, também deve ser indagado se, se os bons anjos fizeram boa sua própria vontade, eles o fizeram com ou sem vontade? Se sem, então não foi obra deles. Se com, a vontade foi boa ou ruim? Se ruim, como poderia um mau dar à luz um bom? Se bom, então eles já tinham uma boa vontade. E quem fez esta vontade, que eles já tinham, senão Aquele que os criou com uma boa vontade, ou com aquele casto amor pelo qual eles se apegaram a Ele, em um mesmo ato criando sua natureza e dotando-a de graça? E assim somos levados a acreditar que os santos anjos nunca existiram sem uma boa vontade ou o amor de Deus. Mas os anjos que, embora criados bons, ainda são maus agora, tornaram-se assim por sua própria vontade. E esta vontade não se tornou má por sua boa natureza, a não ser por sua deserção voluntária do bem; pois o bem não é a causa do mal, mas uma deserção do bem é. Esses anjos, portanto, receberam menos da graça do amor divino do

que aqueles que perseveraram no mesmo; ou se ambos foram criados igualmente bons, então, enquanto um caiu por sua má vontade, os outros foram mais abundantemente assistidos, e atingiram aquele grau de bem-aventurança em que se certificaram de que nunca cairiam dele – como já vimos. mostrado no livro anterior. Devemos, portanto, reconhecer, com o louvor devido ao Criador, que não apenas dos homens santos, mas também dos santos anjos, pode-se dizer que "o amor de Deus é derramado em seus corações pelo Espírito Santo, que é dado a eles." E isso é verdade não só dos homens, mas principalmente e principalmente dos anjos, como está escrito: "Bom é aproximar-se de Deus". eles se aproximam, e uns com os outros, uma santa comunhão, e formam uma cidade de Deus - Seu sacrifício vivo e Seu templo vivo. E vejo que, como já falei da ascensão desta cidade entre os anjos, é hora de falar da origem daquela parte dela que daqui por diante será unida aos anjos imortais, e que atualmente é sendo reunido entre os homens mortais, e está peregrinando na terra, ou, nas pessoas daqueles que passaram pela morte, está descansando nos receptáculos secretos e moradas de espíritos desencarnados. Porque de um homem, a quem Deus criou como o primeiro, descendeu todo o gênero humano, segundo a fé da Sagrada Escritura, que merecidamente é de maravilhosa autoridade entre todas as nações do mundo; visto que, entre suas outras declarações verdadeiras, predisse, por sua divina previsão, que todas as nações lhe dariam crédito.

CAPÍTULO. 10.-DA FALSIDADE DA HISTÓRIA, QUE REMETE MUITOS MILHARES DE ANOS AO PASSADO DO MUNDO

1. Vamos, então, omitir as conjecturas de homens que não sabem o que dizem, quando falam da natureza e origem da raça humana. Pois alguns têm a mesma opinião em relação aos homens que têm em relação ao próprio mundo, que sempre foram. Assim, Apuleio diz quando descreve nossa raça: "Individualmente, eles são mortais, mas coletivamente, e como raça, são imortais". E quando lhes perguntam como, se a raça humana sempre existiu, eles reivindicam a verdade de

sua história, que narra quem foram os inventores e o que eles inventaram, e quem primeiro instituiu os estudos liberais e as outras artes, e quem primeiro habitou esta ou aquela região, e esta ou aquela ilha? eles respondem,⁴ que a maioria, se não todas as terras, foram tão desoladas a intervalos por fogo e inundações, que os homens foram muito reduzidos em número, e a partir destes, novamente, a população foi restaurada ao seu número anterior, e que assim havia a intervalos, um novo começo era feito e, embora as coisas que haviam sido interrompidas e interrompidas pelas severas devastações fossem apenas renovadas, ainda assim pareciam ter se originado então; mas esse homem não poderia existir senão como produzido pelo homem. Mas eles dizem o que pensam, não o que sabem.

2. Eles são enganados, também, por esses documentos altamente mentirosos que professam dar a história de muitos milhares de anos, embora, contando pelos escritos sagrados, descobrimos que ainda não se passaram 6.000 anos. E, para não gastar muitas palavras em expor a falta de fundamento desses documentos, nos quais tantos milhares de anos são contabilizados, nem em provar que suas autoridades são totalmente inadequadas, deixe-me citar apenas a carta que Alexandre o Grande escreveu a sua mãe. Olympias,⁶ dando-lhe a narrativa que ele tinha de um sacerdote egípcio, que ele havia extraído de seus arquivos sagrados, e que dava conta de reinos mencionados também pelos historiadores gregos. Nesta carta de Alexandre, um prazo de mais de 5.000 anos é atribuído ao reino da Assíria; enquanto na história grega apenas 1.300 anos são contados a partir do reinado do próprio Bel, a quem tanto o grego quanto o egípcio concordam em contar o primeiro rei da Assíria. Então ao império dos persas e macedônios este egípcio atribuiu mais de 8.000 anos, contando até o tempo de Alexandre, a quem ele estava falando; enquanto entre os gregos, 485 anos são atribuídos aos macedônios até a morte de Alexandre, e aos persas 233 anos, contando com o término de suas conquistas. Assim, estes dão um número de anos muito menor do que os egípcios; e de fato, embora multiplicada três vezes, a cronologia grega ainda seria mais curta. Pois se diz que os egípcios contavam anteriormente apenas quatro meses para o ano; de modo que um ano,

de acordo com a computação mais completa e verdadeira agora em uso entre eles e entre nós, compreenderia três de seus anos antigos. Mas nem assim, como disse, a história grega corresponde à egípcia em sua cronologia. E, portanto, o primeiro deve receber o maior crédito, porque não excede a verdadeira conta da duração do mundo, como é dada por nossos documentos, que são verdadeiramente sagrados. Além disso, se esta carta de Alexandre, que se tornou tão famosa, difere amplamente nesta questão de cronologia do relato provável e credível, quanto menos podemos acreditar nesses documentos que, embora cheios de antiguidades fabulosas e fictícias, eles se oporiam a a autoridade de nossos livros bem conhecidos e divinos, que predisseram que o mundo inteiro acreditaria neles, e que o mundo inteiro acreditou; o que provou, também, que ele realmente narrou eventos passados por sua previsão de eventos futuros, que exatamente aconteceram!

CAPÍTULO. 11.-DAQUELES QUE SUPOSEM QUE ESTE MUNDO NÃO É ETERNO, MAS QUE EXISTEM INUMEROS MUNDOS, OU QUE UM E O MESMO MUNDO ESTÁ PERPETUAMENTE RESOLVIDO EM SEUS ELEMENTOS E RENOVADO NA CONCLUSÃO DE CICLOS FIXOS

1. Há alguns, ainda, que, embora não suponham que este mundo seja eterno, são de opinião que este não é o único mundo, mas que existem inúmeros mundos, ou que de fato é o único, mas que ele morre e renasce em intervalos fixos, e isso vezes sem número; mas eles devem reconhecer que a raça humana existia antes que houvesse outros homens para gerá-los. Pois eles não podem supor que, se o mundo inteiro percesse, alguns homens seriam deixados vivos no mundo, como poderiam sobreviver em inundações e conflagrações, que esses outros especuladores supõem ser parciais e, portanto, podem argumentar razoavelmente que um poucos homens sobreviveram cuja posteridade renovaria a população; mas como eles acreditam que o próprio mundo é renovado de seu próprio material, eles devem acreditar que de seus elementos a raça humana foi produzida, e então

a progênie dos mortais surgiu como a de outros animais de seus pais.

CAPÍTULO. 12.-COMO SÃO RESPONDIDAS ESSAS PESSOAS, QUE ENCONTRAM CULPA NA CRIAÇÃO DO HOMEM NA PONTA DE SUA DATA RECENTE

1. Quanto àqueles que estão sempre perguntando por que o homem não foi criado durante essas incontáveis eras do passado infinitamente estendido, e veio a existir tão recentemente que, de acordo com as Escrituras, menos de 6.000 anos se passaram desde que Ele começou a existir, eu diria resposta a eles sobre a criação do homem, assim como eu respondi sobre a origem do mundo para aqueles que não acreditam que ele não é eterno, mas teve um começo, o que o próprio Platão declara mais claramente, embora alguns pensem que sua declaração foi não condiz com sua opinião real. Se lhes ofende que o tempo decorrido desde a criação do homem seja tão curto, e seus anos tão poucos segundo nossas autoridades, levem em consideração que nada que tenha limite é longo, e que todas as idades do tempo ser finito, são muito pouco, ou mesmo nada, quando comparados à eternidade interminável. Conseqüentemente, se se passaram desde a criação do homem, não digo cinco ou seis, mas até sessenta ou seiscentos mil anos, ou sessenta vezes mais, ou seiscentos ou seiscentas mil vezes mais, ou esta soma multiplicada até que não pudesse mais ser expresso em números, a mesma pergunta ainda poderia ser feita: Por que ele não foi feito antes? Pois a eternidade passada e ilimitada durante a qual Deus se absteve de criar o homem é tão grande que, compare-a com o vasto e incontável número de eras que você quiser, enquanto houver uma conclusão definitiva deste período de tempo, nem mesmo é como se você comparasse a menor gota d'água com o oceano que flui em todos os lugares ao redor do globo. Pois destes dois, um de fato é muito pequeno, o outro incomparavelmente vasto, mas ambos são finitos; mas esse espaço de tempo que começa de algum começo e é limitado por algum fim, seja em que medida possa, se você o comparar com o que não tem início, não sei se devo dizer que devemos considerá-lo o próprio mínima

coisa, ou nada. Pois, tome esse tempo limitado e deduza do final dele, um a um, os momentos mais breves (como você pode tirar dia a dia da vida de um homem, começando no dia em que ele vive agora, de volta ao de sua nascimento), e embora o número de momentos que você deva subtrair neste movimento para trás seja tão grande que nenhuma palavra pode expressá-lo, ainda assim essa subtração às vezes o levará ao início. Mas se você tirar de um tempo que não tem começo, não digo breves momentos um a um, nem ainda horas, ou dias, ou meses, ou anos mesmo em quantidades, mas termos de anos tão vastos que não podem ser nomeados. pelos mais habilidosos aritméticos, – retire termos de anos tão vastos quanto aqueles que supomos serem gradualmente consumidos pela dedução de momentos – e os retire não uma e outra vez repetidamente, mas sempre, e o que você efetua, o que você faz por sua dedução, já que você nunca chega ao começo, que não tem existência? Portanto, aquilo que agora exigimos depois de cinco mil anos ímpares, nossos descendentes poderiam com igual curiosidade exigir depois de seiscentos mil anos, supondo que essas gerações moribundas de homens continuem a decair e ser renovadas por tanto tempo, e supondo que a posteridade continue tão fraca e ignorante quanto nós mesmos. A mesma pergunta pode ter sido feita por aqueles que viveram antes de nós e enquanto o homem era ainda mais novo na terra. O próprio primeiro homem, em suma, pode no dia seguinte ou no próprio dia de sua criação ter perguntado por que ele não foi criado antes. E não importa em que período anterior ou posterior ele tenha sido criado, essa controvérsia sobre o início da história deste mundo teria exatamente as mesmas dificuldades que tem agora.

**CAPÍTULO. 13.-DA REVOLUÇÃO DOS TEMPOS, QUE
ALGUNS FILÓSOFOS ACREDITAM QUE TRARÁ TUDO DE
VOLTA, APÓS UM CERTO CICLO FIXO, À MESMA ORDEM E
FORMA COMO NO INÍCIO.**

1. Esta controvérsia alguns filósofos não viram outro meio aprovado de resolver senão introduzindo ciclos de tempo, nos quais deveria haver

uma constante renovação e repetição da ordem da natureza; e, portanto, afirmaram que esses ciclos se repetirão incessantemente, um passando e outro chegando, embora não concordem se um mundo permanente passará por todos esses ciclos, ou se o mundo em intervalos fixos morrerá e será renovado de modo a exibir uma recorrência dos mesmos fenômenos - as coisas que foram e as que devem ser, coincidindo. E dessa fantástica vicissitude não isentam nem mesmo a alma imortal que alcançou a sabedoria, entregando-a a uma incessante transmigração entre a felicidade ilusória e a miséria real. Pois como pode ser verdadeiramente chamado bem-aventurado aquele que não tem certeza de ser tão eternamente, e está na ignorância da verdade e cego para a miséria que se aproxima, ou, sabendo disso, está na miséria e no medo? Ou se passa para a bem-aventurança e deixa misérias para sempre, então acontece no tempo uma coisa nova que o tempo não terminará. Por que não, então, o mundo também? Por que o homem também não pode ser uma coisa semelhante? Para que, seguindo o caminho reto da sã doutrina, escapemos, não sei de que caminhos tortuosos, descobertos por sábios enganadores e enganados.

2. Alguns, também, ao defender esses ciclos recorrentes que restauram todas as coisas ao seu original citam em favor de sua suposição o que Salomão diz no livro de Eclesiastes: "O que é o que foi? é o que se faz? É o que se fará; e não há nada novo debaixo do sol. Quem pode falar e dizer: Veja, isto é novo? Já é desde os tempos antigos, o que existiu antes de nós". Isso ele disse ou das coisas de que acabara de falar - a sucessão de gerações, a órbita do sol, o curso dos rios - ou então de todos os tipos de criaturas que nascem e morrem. Pois os homens estiveram antes de nós, estão conosco e estarão depois de nós; e assim todas as coisas vivas e todas as plantas. Mesmo produções monstruosas e irregulares, embora difiram umas das outras, e embora algumas sejam relatadas como instâncias solitárias, ainda assim se assemelham em geral, na medida em que são milagrosas e monstruosas e, nesse sentido, foram e serão, e não são coisas novas e recentes sob o sol. No entanto, alguns entenderiam essas palavras como significando que na predestinação de Deus todas as coisas já

existiram e que, portanto, não há nada novo debaixo do sol. Em todo caso, longe de qualquer crente verdadeiro supor que por essas palavras de Salomão se entendem esses ciclos, nos quais, de acordo com esses filósofos, os mesmos períodos e eventos de tempo são repetidos; como se, por exemplo, o filósofo Platão, tendo ensinado na escola de Atenas que é chamada de Academia, então, inúmeras eras antes, em intervalos longos, mas certos, esse mesmo Platão e a mesma escola, e os mesmos discípulos existissem, e assim também devem ser repetidos durante os incontáveis ciclos que ainda estão por acontecer – longe, digo, de acreditarmos nisso. Pela primeira vez Cristo morreu por nossos pecados; e, ressuscitando dos mortos, Ele não morre mais. "A morte não tem mais domínio sobre ele; 3 e nós mesmos, após a ressurreição, estaremos "sempre com o Senhor", a quem agora dizemos, como dita o sagrado salmista: "Tu nos guardarás, ó Senhor, tu nos preservarás desta geração."5 E o que se segue também é, penso eu, bastante apropriado: "Os ímpios andam em círculo"; não porque sua vida se repita por meio desses círculos, que esses filósofos imaginam, mas porque o caminho em que sua falsa doutrina agora corre é tortuoso.

CAPÍTULO. 14.-DA CRIAÇÃO DA RAÇA HUMANA NO TEMPO, E COMO ISSO FOI FEITO SEM NENHUM NOVO PROJETO OU MUDANÇA DE PROPÓSITO POR PARTE DE DEUS

1. Que maravilha se, enredados nesses círculos, eles não encontram nem entrada nem saída? Pois eles não sabem como a raça humana, e esta nossa condição mortal, teve sua origem, nem como ela terminará, uma vez que eles não podem penetrar na sabedoria inescrutável de Deus. Pois, embora Ele mesmo eterno e sem princípio, ainda assim Ele fez com que o tempo tivesse um começo; e o homem, a quem Ele não havia feito anteriormente, Ele o fez no tempo, não por uma resolução nova e repentina, mas por Seu desígnio imutável e eterno. Quem pode sondar a profundidade insondável deste propósito, quem pode perscrutar a sabedoria inescrutável, com a qual Deus, sem mudança de

vontade, criou o homem, que nunca havia antes, e lhe deu uma existência no tempo, e aumentou a raça humana de um Individual? Para o próprio salmista, quando ele disse pela primeira vez: “Tu nos guardarás, ó Senhor, tu nos preservarás desta geração para sempre”, e então repreendeu aqueles cuja doutrina tola e ímpia preserva para a alma nenhuma libertação e bem-aventurança eterna. acrescenta imediatamente: "Os ímpios andam em círculo". Então, como se lhe fosse dito: "O que então você acredita, sente, sabe? Devemos acreditar que de repente ocorreu a Deus criar o homem, a quem Ele nunca havia feito na eternidade passada - Deus, para em quem nada de novo pode ocorrer e em quem não há mutabilidade?" o salmista continua a responder, como se estivesse se dirigindo ao próprio Deus: "De acordo com a profundidade da tua sabedoria, multiplicaste os filhos dos homens." Deixe que os homens, ele parece dizer, imaginem o que quiserem, deixe-os conjecturar e discutir como lhes parecer bom, mas Tu multiplicaste os filhos dos homens de acordo com a profundidade de tua sabedoria, que nenhum homem pode compreender. Pois esta é uma profundidade de fato, que Deus sempre foi, e aquele homem, que Ele nunca havia feito antes, Ele quis fazer a tempo, e isso sem mudar Seu desígnio e vontade.

CAPÍTULO. 15.-SE DEVEMOS CRER QUE DEUS, COMO ELE SEMPRE FOI SOBERANO SENHOR, SEMPRE TEVE CRIATURAS SOBRE AS QUAIS EXERCEU SUA SOBERANIA; E EM QUE SENTIDO PODEMOS DIZER QUE A CRIATURA SEMPRE FOI, E AINDA NÃO PODEMOS DIZER QUE É CO-ETERNA

1. De minha parte, de fato, como não ousou dizer que houve um tempo em que o Senhor Deus não era Senhor, não devo duvidar de que o homem não existia antes do tempo e foi criado no tempo. Mas quando eu considero do que Deus poderia ser o Senhor, se nem sempre houve alguma criatura, eu evito fazer qualquer afirmação, lembrando minha própria insignificância, e que está escrito: "Que homem é aquele que pode conhecer o conselho de Deus? Ou quem pode pensar qual é a

vontade do Senhor? Pois os pensamentos dos homens mortais são tímidos e nossos planos são incertos. Pois o corpo corruptível oprime a alma, e o tabernáculo terrestre oprime a mente que medita sobre muitas coisas.”² Muitas coisas certamente eu penso neste tabernáculo terreno, porque a única coisa que é verdadeira entre muitos, ou além dos muitos, eu não consigo encontrar. Se, então, entre tantos pensamentos, digo que sempre houve criaturas para Ele ser Senhor, que é sempre e sempre foi Senhor, mas que essas criaturas nem sempre foram as mesmas, mas se sucederam (por não pareceríamos dizer que qualquer um é co-eterno com o Criador, uma afirmação condenada igualmente pela fé e pela sã razão), devo ter cuidado para não cair no erro absurdo e ignorante de sustentar que por essas sucessões e mudanças criaturas mortais sempre existiram, enquanto as criaturas imortais não começaram a existir até a data de nosso próprio mundo, quando os anjos foram criados; se pelo menos os anjos são pretendidos por aquela luz que foi feita primeiro, ou melhor, por aquele céu do qual se diz: "No princípio Deus criou os céus e a terra". Os anjos, pelo menos, não existiam antes de serem criados; pois se dissermos que eles sempre existiram, pareceremos torná-los co-eternos com o Criador. Novamente, se eu disser que os anjos não foram criados no tempo, mas existiram antes de todos os tempos, como aqueles sobre os quais Deus, que sempre foi Soberano, exerceu Sua soberania, então me perguntarão se, se eles foram criados antes de todos os tempos, eles, sendo criaturas, poderiam sempre existir. Pode-se talvez responder: Por que não sempre, já que o que está em todos os tempos pode muito bem ser dito como "sempre"? Agora é tão verdade que esses anjos existiram em todos os tempos que, mesmo antes do tempo, eles foram criados; se pelo menos o tempo começou com os céus, e os anjos existiram antes dos céus. E se o tempo era mesmo antes dos corpos celestes, não de fato marcado por horas, dias, meses e anos - pois essas medidas de períodos de tempo que são comumente e apropriadamente chamadas de tempos, manifestamente começaram com o movimento dos corpos celestes, e assim Deus disse, quando Ele os designou: "Sejam eles para sinais, e para estações, e para dias, e para anos," se, eu digo, o tempo foi antes destes corpos celestes por algum movimento de mudança, cujas partes sucederam

uma outro e não poderia existir simultaneamente, e se houvesse algum movimento entre os anjos que necessitasse da existência do tempo, e que eles desde sua própria criação estivessem sujeitos a essas mudanças temporais, então eles existiram em todos os tempos, pois o tempo chegou. estar junto com eles. E quem vai dizer que o que foi em todos os tempos, nem sempre foi?

2. Mas se eu der tal resposta, me será dito: Como, então, eles não são co-eternos com o Criador, se Ele e eles sempre foram? Como se pode dizer que eles foram criados, se devemos entender que eles sempre existiram? O que devemos responder a isso? Devemos dizer que ambas as afirmações são verdadeiras? que sempre existiram, visto que existiram em todos os tempos, sendo criados com o tempo, ou o tempo com eles, e ainda que também foram criados? Pois, da mesma forma, não negaremos que o próprio tempo foi criado, embora ninguém duvide que o tempo tenha existido em todos os tempos; pois se não foi em todos os tempos, então houve um tempo em que não havia tempo. Mas a pessoa mais tola não poderia fazer tal afirmação. Pois podemos dizer razoavelmente que houve um tempo em que Roma não existia; houve um tempo em que Jerusalém não existia; houve um tempo em que Abraão não era; houve um tempo em que o homem não existia, e assim por diante: enfim, se o mundo não foi feito no início dos tempos, mas depois de algum tempo, podemos dizer que houve um tempo em que o mundo não existia. Mas dizer que houve um tempo em que o tempo não existia é tão absurdo quanto dizer que houve um homem quando não havia homem; ou, este mundo era quando este mundo não era. Pois se não estamos nos referindo ao mesmo objeto, a forma de expressão pode ser usada, pois havia outro homem quando este não existia. Assim, podemos razoavelmente dizer que houve outro tempo em que este não foi; mas nem o mais simplório poderia dizer que houve um tempo em que não havia tempo. Como, então, dizemos que o tempo foi criado, embora também digamos que sempre foi, pois em todos os tempos o tempo existiu, não se segue que, se os anjos sempre existiram, eles não foram criados. Pois dizemos que sempre existiram, porque sempre existiram; e dizemos que sempre existiram, porque o próprio tempo não poderia existir sem eles. Pois onde não há criatura

cujos movimentos cambiantes admitam sucessão, não pode haver tempo algum. E conseqüentemente, mesmo que sempre tenham existido, foram criados; nem, se sempre existiram, são, portanto, coeternos com o Criador. Pois Ele sempre existiu na eternidade imutável; enquanto eles foram criados, e dizem que sempre existiram, porque sempre existiram, sendo o tempo impossível sem a criatura. Mas o tempo que passa por sua mutabilidade não pode ser co-eterno com a eternidade imutável. E, conseqüentemente, embora a imortalidade dos anjos não passe no tempo, não se torne passado como se não fosse agora, nem tenha um futuro como se ainda não fosse, ainda assim seus movimentos, que são a base do tempo, passar do futuro para o passado; e, portanto, eles não podem ser coeternos com o Criador, em cujo movimento não podemos dizer que houve o que agora não é, ou haverá o que ainda não é. 3. Portanto, se Deus sempre foi Senhor, Ele sempre teve criaturas sob Seu domínio – criaturas, no entanto, não geradas por Ele, mas criadas por Ele do nada; nem co-eterno com Ele, pois Ele estava diante deles, embora em nenhum momento sem eles, porque Ele os precedeu, não pelo lapso de tempo, mas por Sua eternidade permanente. Mas se eu responder a quem pergunta como Ele sempre foi Criador, sempre Senhor, se nem sempre houve uma criação sujeita; ou como isso foi criado, e não antes co-eterno com seu Criador, se sempre foi, temo ser acusado de afirmar imprudentemente o que não sei, em vez de ensinar o que sei. Volto, portanto, ao que nosso Criador achou por bem que devêssemos saber; e aquelas coisas que Ele permitiu que os homens mais capazes soubessem nesta vida, ou reservou para serem conhecidas na próxima pelos santos perfeitos, eu reconheço estar além da minha capacidade. Mas achei correto discutir esses assuntos sem fazer afirmações positivas, para que aqueles que leem possam ser advertidos a se abster de perguntas perigosas e não se considerarem aptos para tudo. Em vez disso, esforcem-se para obedecer à salutar injunção do apóstolo, quando ele diz: “Pois eu digo, pela graça que me foi dada, a todo homem que está entre vocês, que não pense de si mesmo mais do que deveria pensar; mas pensem com sobriedade, conforme Deus deu a cada um a medida da fé”. Pois se uma criança recebe nutrição adequada à sua força, torna-se capaz, à medida que cresce, de receber

mais; mas se sua força e capacidade forem sobrecarregadas, ela se extingue no lugar de crescer.

CAPÍTULO. 16.-COMO DEVEMOS ENTENDER A PROMESSA DE DEUS DE VIDA ETERNA, QUE FOI PROFERIDA ANTES DOS "TEMPOS ETERNOS".

1. Reconheço que não sei que eras se passaram antes que a raça humana fosse criada, mas não tenho dúvidas de que nenhuma coisa criada é co-eterna com o Criador. Mas mesmo o apóstolo fala do tempo como eterno, e isso com referência, não ao futuro, mas, o que é mais surpreendente, ao passado. Pois ele diz: “Na esperança da vida eterna, a qual Deus que não pode mentir prometeu antes dos tempos eternos, mas no devido tempo manifestou a sua palavra”. Você vê que ele diz que no passado houve tempos eternos, que, no entanto, não eram co-eternos com Deus. E visto que Deus antes destes tempos eternos não só existia, mas também "prometeu" a vida eterna, que Ele manifestou em seus próprios tempos (isto é, em tempos devidos), o que mais é isso senão Sua palavra? Pois esta é a vida eterna. Mas então, como Ele prometeu; pois a promessa foi feita aos homens, e ainda assim eles não existiam antes dos tempos eternos? Isso não significa que, em Sua própria eternidade e em Sua palavra co-eterna, o que deveria ser em seu próprio tempo já estava predestinado e fixado?

CAPÍTULO. 17.-QUE DEFESA É FEITA PELA SAUDÁVEL FÉ COM RELAÇÃO AO CONSELHO E VONTADE IMUTÁVEL DE DEUS, CONTRA OS RACIOCÍNIOS DOS QUE CONSIDERAM QUE AS OBRAS DE DEUS SÃO ETERNAMENTE REPETIDAS EM CICLOS ROTATÓRIOS QUE RESTAURAM TODAS AS COISAS COMO ERAM

1. Disso também não tenho dúvida de que antes da criação do primeiro homem nunca houve homem algum, nem este mesmo homem recorrente por não sei que ciclos, e tendo feito não sei quantos

revoluções, nem qualquer outra de natureza semelhante. Por essa crença, não me assusto com argumentos filosóficos, entre os quais se conta o mais agudo que se baseia na afirmação de que o infinito não pode ser compreendido por nenhum modo de conhecimento. Consequentemente, eles argumentam, Deus tem em sua própria mente concepções finitas de todas as coisas finitas que Ele faz. Agora, não se pode supor que Sua bondade tenha sido ociosa; pois se fosse, deveria ser atribuído a Ele um despertar para a atividade no tempo, de uma eternidade passada de inatividade, como se Ele se arrependesse de uma ociosidade que não teve começo e, portanto, começou a trabalhar. Assim sendo, eles dizem que deve ser que as mesmas coisas se repetam sempre e que, ao passarem, estão destinadas a sempre retornar, se em meio a todas essas mudanças o mundo permanece o mesmo, o mundo que sempre foi, e ainda foi criado, - ou que o mundo nessas revoluções está perpetuamente morrendo e sendo renovado; caso contrário, se apontarmos para um tempo em que as obras de Deus foram iniciadas, seria acreditado que Ele considerou Seu lazer eterno passado como inerte e indolente e, portanto, o condenou e alterou como desagradável a Si mesmo. Agora, se Deus supostamente sempre fez coisas temporais, mas diferentes umas das outras, e uma após a outra, de modo que Ele veio finalmente fazer o homem, a quem Ele nunca havia feito antes, então pode parecer que Ele fez o homem não com conhecimento (pois eles supõem que nenhum conhecimento pode compreender a sucessão infinita de criaturas), mas no ditado da hora, como o atingiu no momento, com uma súbita e acidental mudança de mente. Por outro lado, dizem eles, se esses ciclos forem admitidos, e se supusermos que as mesmas coisas temporais se repetem, enquanto o mundo permanece idêntico através de todas essas rotações, ou então morre e é renovado, então é atribuído a Deus nem a preguiça preguiçosa de uma eternidade passada, nem uma criação precipitada e imprevista. E se as mesmas coisas não forem assim repetidas em ciclos, então elas não podem por nenhuma ciência ou presciência ser compreendidas em sua infinita diversidade. 2. Mesmo que a razão não pudesse refutar, a fé sorriria diante dessas argumentações, com as quais os ímpios se esforçam para desviar nossa simples piedade do caminho certo, para que possamos andar com eles

"em círculo". Mas com a ajuda do Senhor nosso Deus, até mesmo a razão, e isso com bastante facilidade, quebra esses círculos giratórios que moldam conjecturas. Pois o que especialmente leva esses homens ao erro a Preferir seus próprios círculos ao caminho reto da verdade é que eles medem por seu próprio intelecto humano, mutável e estreito a mente divina, que é absolutamente imutável, infinitamente ampla e sem sucessão. de pensamento, contando todas as coisas sem número. Assim, aquele dito do apóstolo se aplica a eles, pois, "comparando-se consigo mesmos, não entendem". Pois porque eles fazem, em virtude de um novo propósito, qualquer coisa nova que lhes ocorreu para ser feita (suas mentes sendo mutáveis), eles concluem que é assim com Deus; e assim comparar, não Deus, - pois eles não podem conceber Deus, mas pensam em alguém como eles quando pensam nEle - não Deus, mas eles mesmos, e não com Ele, mas consigo mesmos. De nossa parte, não ousamos acreditar que Deus seja afetado de uma maneira quando trabalha, de outra quando descansa. De fato, dizer que Ele é afetado de alguma forma é um abuso de linguagem, pois implica que vem a haver algo em Sua natureza que não existia antes. Pois aquele que é afetado sofre a ação, e tudo o que sofre a ação é mutável. Seu lazer, portanto, não é preguiça, indolência, inatividade; como em Sua obra não há trabalho, esforço, indústria. Ele pode agir enquanto repousa, e repousar enquanto age. Ele pode começar um novo trabalho com (não um novo, mas) um desígnio eterno; e o que Ele não fez antes, Ele não começa a fazer agora porque Ele se arrepende de Seu repouso anterior. Mas quando se fala de Seu repouso anterior e operação subsequente (e não sei como os homens podem entender essas coisas), esse "anterior" e "subseqüente" são aplicados apenas às coisas criadas, que anteriormente não existiam e posteriormente vieram a existir. existência. Mas em Deus o propósito anterior não é alterado e obliterado pelo propósito subsequente e diferente, mas por uma e mesma vontade eterna e imutável que Ele efetuou em relação às coisas que Ele criou, tanto que antigamente, enquanto não eram, não deveriam ser, e que posteriormente, quando começassem a ser, deveriam vir a existir. E assim, talvez, Ele mostrasse, de maneira muito marcante, a quem tem olhos para tais coisas, quão independente Ele é do que Ele faz, e como é de Sua

própria bondade gratuita que Ele cria, pois desde a eternidade Ele habitou sem criaturas em uma bem-aventurança não menos perfeita.

CAPÍTULO. 18. CONTRA AQUELES QUE AFIRMAM QUE AS COISAS INFINITAS NÃO PODEM SER COMPREENDIDAS PELO CONHECIMENTO DE DEUS

1. Quanto à sua outra afirmação, de que o conhecimento de Deus não pode compreender as coisas infinitas, resta-lhes apenas afirmar, para que possam sondar as profundezas de sua impiedade, que Deus não conhece todos os números. Pois é muito certo que eles são infinitos; visto que, não importa em que número você suponha que um fim seja feito, esse número pode ser, não direi, aumentado pela adição de mais um, mas por maior que seja, e por mais vasta que seja a multidão de que é a expressão racional e científica, ela ainda pode ser não apenas duplicada, mas até mesmo multiplicada. Além disso, cada número é tão definido por suas próprias propriedades, que não há dois números iguais. Eles são, portanto, desiguais e diferentes um do outro; e enquanto eles são simplesmente finitos, coletivamente eles são infinitos. Deus, portanto, não conhece os números por causa dessa infinidade; e Seu conhecimento se estende apenas a uma certa altura em números, enquanto do resto Ele é ignorante? Quem está tão entregue a si mesmo a ponto de dizer isso? No entanto, eles dificilmente podem fingir colocar os números fora de questão, ou sustentar que não têm nada a ver com o conhecimento de Deus; pois Platão, sua grande autoridade, representa Deus como estruturando o mundo em princípios numéricos: e em nossos livros também é dito a Deus: "Tu ordenaste todas as coisas em número, medida e peso". "Quem traz o seu anfitrião por número." E o Salvador diz no Evangelho: "Os próprios cabelos de sua cabeça estão todos contados". infinito." A infinidade do número, embora não haja numeração de números infinitos, ainda não é incompreensível por Aquele cujo entendimento é infinito. E assim, se tudo o que é compreendido é definido ou finito pela compreensão daquele que o conhece, então todo o infinito é de algum modo inefável tornado finito para Deus, pois

é compreensível por Seu conhecimento. Portanto, se a infinidade dos números não pode ser infinita para o conhecimento de Deus, pelo qual é compreendido, o que somos nós pobres criaturas que devemos presumir fixar limites ao Seu conhecimento, e dizer que, a menos que a mesma coisa temporal seja repetida pelo mesmas revoluções periódicas, Deus não pode saber de antemão Suas criaturas para que Ele as faça, ou conhecê-las quando Ele as fez? Deus, cujo conhecimento é simplesmente múltiplo e uniforme em sua variedade, compreende todos os incompreensíveis com uma compreensão tão incompreensível que, embora tenha querido sempre tornar suas obras posteriores novas e diferentes do que veio antes delas, Ele não poderia produzi-las sem ordem e previsão. , nem concebê-los de repente, mas por Sua presciência eterna.

CAPÍTULO. 19.-DE MUNDOS SEM FIM, OU IDADES DE IDADES.

1. Não tenho a pretensão de determinar se Deus assim o faz, e se esses tempos que se chamam "idades dos séculos" estão reunidos em uma série contínua, e se sucedem com uma diversidade regulada, e deixam isentos de suas vicissitudes apenas aqueles que são libertados de sua miséria e permanecem sem fim em uma imortalidade abençoada; ou se estes são chamados de "eras dos séculos", para que possamos entender que as eras permanecem imutáveis na sabedoria inabalável de Deus, e são as causas eficientes, por assim dizer, daquelas eras que estão sendo gastas no tempo. Possivelmente, "eras" é usada para "era", de modo que nada mais é entendido por "eras de eras" do que por "era de era", pois nada mais é entendido por "céus dos céus" do que por "céu dos céus". Pois Deus chamou o firmamento, acima do qual estão as águas, "Céu", e ainda o salmo diz: "Que as águas que estão acima dos céus louvem o nome do Senhor". Qual desses dois significados devemos atribuir a "eras de eras", ou se não há algum outro significado ainda melhor, é uma questão muito profunda; e o assunto que estamos tratando no momento não apresenta nenhum obstáculo para que possamos adiar a discussão dele, se podemos determinar algo sobre

ele, ou só podemos ser mais cautelosos por seu tratamento posterior, de modo a sermos dissuadidos de fazer quaisquer afirmações precipitadas em um assunto de tal obscuridade. Pois no momento estamos contestando a opinião que afirma a existência daquelas revoluções periódicas pelas quais as mesmas coisas sempre se repetem em intervalos de tempo. Agora, qualquer uma dessas suposições a respeito das "eras das eras" é a verdadeira, de nada serve para a comprovação desses ciclos; pois se as eras das eras não são uma repetição do mesmo mundo, mas mundos diferentes que se sucedem em uma conexão regulada, as almas resgatadas permanecem em bem-aventurança segura sem qualquer retorno de miséria, ou se as eras das eras são o eterno causas que regem o que deve ser e é no tempo, segue-se igualmente que os ciclos que trazem as mesmas coisas não existem; e nada os destrói mais completamente do que o fato da vida eterna dos santos.

CAPÍTULO. 20.-DA IMPIEDADE DOS QUE AFIRMAM QUE AS ALMAS QUE GOSTAM DA VERDADEIRA E PERFEITA BÊNÇÃO, DEVEM NOVAMENTE NESTAS REVOLUÇÕES PERIÓDICAS VOLTAR AO TRABALHO E À MISÉRIA

1. Que ouvidos piedosos suportariam ouvir que depois de uma vida passada em tantas e severas angústias (se, de fato, isso deve ser chamado de uma vida que é antes uma morte, tão absoluta que o amor desta morte presente nos faz tememos aquela morte que nos livra dela), que depois de males tão desastrosos e misérias de todos os tipos foram finalmente expiados e acabados com a ajuda da verdadeira religião e sabedoria, e quando assim alcançamos a visão de Deus, e entramos em bem-aventurança pela contemplação da luz espiritual e participação em Sua imortalidade imutável, que ardemos para alcançar - que em algum momento devemos perder tudo isso, e que aqueles que o perdem são expulsos dessa eternidade, verdade, e felicidade à mortalidade infernal e tolice vergonhosa, e estão envolvidos em desgraças amaldiçoadas, nas quais Deus se perde, a verdade é detestada e a felicidade buscada em impurezas iníquas? e

que isso acontecerá interminavelmente de novo e de novo, recorrente em intervalos fixos e em períodos de retorno regular? e que essa revolução eterna e incessante de ciclos definidos, que removem e restauram a verdadeira miséria e a felicidade enganosa, é planejada para que Deus possa conhecer Suas próprias obras, pois por um lado Ele não pode descansar de criar e por outro o outro, não pode conhecer o número infinito de Suas criaturas, se Ele sempre faz criaturas? Quem, eu digo, pode ouvir essas coisas? Quem pode aceitar ou permitir que sejam ditas? Se fossem verdade, não só seria mais prudente calar-se a respeito deles, mas até mesmo (para me expressar da melhor maneira possível) seria sensato não conhecê-los. Pois se no mundo futuro não devemos nos lembrar dessas coisas, e por esse esquecimento sermos abençoados, por que devemos agora aumentar nossa miséria, já bastante pesada, pelo conhecimento delas? Se, por outro lado, o conhecimento deles nos for imposto no futuro, agora pelo menos permaneçamos na ignorância, para que na expectativa presente possamos desfrutar de uma bem-aventurança que a realidade futura não deve conceder; visto que nesta vida esperamos obter a vida eterna, mas no mundo vindouro devemos descobri-la para ser abençoada, mas não eterna.

2. E se eles sustentam que ninguém pode alcançar a bem-aventurança do mundo vindouro, a menos que nesta vida ele tenha sido doutrinado naqueles ciclos em que bem-aventurança e miséria se aliviam mutuamente, como eles confessam que quanto mais um homem ama Deus, quanto mais prontamente ele alcança a bem-aventurança, - aqueles que ensinam o que paralisa o próprio amor? Pois quem não seria mais negligente e morno em seu amor por uma pessoa que ele pensa que será forçado a abandonar, e cuja verdade e sabedoria ele virá a odiar; e isso, também, depois de ter alcançado o máximo e mais feliz conhecimento Dele de que é capaz? Alguém pode ser fiel em seu amor, mesmo a um amigo humano, se sabe que está destinado a se tornar seu inimigo? Deus nos livre de que haja alguma verdade em uma opinião que nos ameace com uma miséria real que nunca termina, mas é frequente e infinitamente interrompida por intervalos de felicidade falaciosa. Pois que felicidade pode ser mais falaciosa e

falsa do que aquela em cuja chama da verdade ainda ignoramos que seremos miseráveis, ou em cuja cidadela mais segura ainda tememos que seremos assim? Pois se, por um lado, devemos ignorar a calamidade vindoura, então nossa miséria atual não é tão míope, pois é a certeza da felicidade vindoura. Se, por outro lado, o desastre que ameaça não nos é oculto no mundo vindouro, então o tempo de miséria que deve ser finalmente trocado por um estado de bem-aventurança é gasto pela alma mais feliz do que seu tempo de felicidade, que é terminar em um retorno à miséria. E assim nossa expectativa de infelicidade é feliz, mas de felicidade é feliz. E, portanto, como aqui sofremos males presentes e, no futuro, tememos males iminentes, seria mais verdadeiro dizer que sempre seremos miseráveis do que podemos algum dia ser felizes.

3. Mas essas coisas são declaradas falsas pelo alto testemunho da religião e da verdade; pois a religião promete verdadeiramente uma verdadeira bem-aventurança, da qual seremos eternamente assegurados e que não pode ser interrompido por nenhum desastre. Portanto, mantenhamo-nos no caminho reto, que é Cristo, e, com Ele como nosso Guia e Salvador, nos afastemos de coração e mente dos ciclos irrealis e fúteis dos ímpios. Porfírio, por mais platônico que fosse, abjurou a opinião de sua escola, de que nesses ciclos as almas estão incessantemente passando e retornando, ou sendo atingidas pela extravagância da idéia, ou sóbrias por seu conhecimento do cristianismo. Como mencionei no décimo livro, ele preferia dizer que a alma, como foi enviada ao mundo para conhecer o mal, e ser purgada e libertada dele, nunca mais foi exposta a tal experiência depois de ter retornado ao Pai. E se ele abjurou os princípios de sua escola, quanto mais nós cristãos devemos abominar e evitar uma opinião tão infundada e hostil à nossa fé? Mas, tendo eliminado esses ciclos e escapado deles, nenhuma necessidade nos obriga a supor que a raça humana não teve início no tempo, pois não há nada de novo na natureza que, por não sei que ciclos, não tenha algum período anterior existiu, e não voltará a existir no futuro. Pois se a alma, uma vez liberta, como nunca foi antes, nunca mais volta à miséria, então acontece em sua experiência algo que nunca aconteceu antes; e isso,

de fato, algo da maior consequência, a saber, a entrada segura na felicidade eterna. E se em uma natureza imortal pode ocorrer uma novidade, que nunca foi, nem jamais será, reproduzida por qualquer ciclo, por que se contesta que o mesmo possa ocorrer em naturezas mortais? Se eles sustentam que a bem-aventurança não é uma experiência nova para a alma, mas apenas um retorno ao estado em que ela esteve eternamente, então pelo menos sua libertação da miséria é algo novo, pois, por sua própria demonstração, a miséria da qual ela é entregue também é uma nova experiência. E se esta nova experiência caiu por acidente, e não foi abraçada na ordem das coisas designadas pela Divina Providência, então onde estão aqueles ciclos determinados e medidos em que nenhuma coisa nova acontece, mas todas as coisas são reproduzidas como eram antes? Se, no entanto, essa nova experiência foi abraçada nessa ordem providencial da natureza (se a alma foi exposta ao mal deste mundo por causa da disciplina, ou caiu nele pelo pecado), então é possível que coisas novas aconteçam. que nunca aconteceram antes, e que ainda não são estranhos à ordem da natureza. E se a alma é capaz por sua própria imprudência de criar para si uma nova miséria, que não foi imprevista pela Divina Providência, mas foi prevista na ordem da natureza junto com a libertação dela, como podemos, mesmo com todas as a temeridade da vaidade humana, pretende negar que Deus pode criar coisas novas - novas para o mundo, mas não para Ele - que Ele nunca antes criou, mas ainda previu desde toda a eternidade? Se eles dizem que é verdade que as almas resgatadas não voltam mais à miséria, mas que mesmo assim nada de novo acontece, uma vez que sempre houve, agora há e sempre haverá uma sucessão de almas resgatadas, eles devem pelo menos conceder que neste caso há novas almas para as quais a miséria e a libertação dela são novas. Pois se eles sustentam que aquelas almas das quais novos homens são feitos diariamente (de cujos corpos, se eles viveram sabiamente, eles são tão libertos que nunca mais voltam à miséria) não são novas, mas existem desde a eternidade, eles devem admitir logicamente que eles são infinitos. Pois, por maior que fosse um número finito de almas, isso não seria suficiente para fazer homens perpetuamente novos desde a eternidade – homens cujas almas deveriam ser eternamente libertas desse estado

mortal e nunca mais voltar a ele. E nossos filósofos acharão difícil explicar como há um número infinito de almas em uma ordem da natureza que eles exigem que seja finita, para que possa ser conhecida por Deus.

4. E agora que explodimos esses ciclos que deveriam trazer de volta a alma em períodos fixos às mesmas misérias, o que pode parecer mais de acordo com a razão divina do que acreditar que é possível para Deus criar coisas novas nunca antes criado e, ao fazê-lo, preservar Sua vontade inalterada? Mas se o número de almas eternamente redimidas pode ser continuamente aumentado ou não, decidam os próprios filósofos, que são tão sutis em determinar onde o infinito não pode ser admitido. De nossa parte, nosso raciocínio é válido em ambos os casos. Pois se o número de almas pode ser aumentado indefinidamente, que razão há para negar que o que nunca antes havia sido criado poderia ser criado? uma vez que o número de almas resgatadas nunca existiu antes, e ainda não foi feito apenas uma vez, mas nunca deixará de ser de novo surgindo. Se, por outro lado, for mais adequado que o número de almas eternamente resgatadas seja definido, e que esse número nunca aumente, mas esse número, seja qual for, certamente nunca existiu antes, e não pode aumentar, e atingir a quantidade que significa, sem ter algum começo; e este começo nunca antes existiu. Para que esse começo, portanto, possa ser, o primeiro homem foi criado.

CAPÍTULO. 21.-QUE NO INÍCIO FOI CRIADO APENAS UM INDIVÍDUO, E QUE A RAÇA HUMANA FOI CRIADA NELE

1. Agora que resolvemos, como pudemos, esta questão muito difícil sobre o Deus eterno criando coisas novas, sem nenhuma novidade de vontade, é fácil ver quão melhor é que Deus se agradou de produzir o ser humano raça de um indivíduo que Ele criou, do que se Ele a tivesse originado em vários homens. Pois quanto aos outros animais, Ele criou alguns lugares solitários e naturalmente solitários – como as águias, pipas, leões, lobos e outros semelhantes; outros gregários, que

se agrupam e preferem viver em companhia, como pombos, estorninhos, veados e pequenos gamos, e semelhantes: mas nenhuma classe Ele fez com que se propagasse de indivíduos, mas chamou vários ao mesmo tempo . O homem, por outro lado, cuja natureza deveria ser um meio-termo entre o angélico e o bestial, Ele criou de tal forma que, se permanecesse em sujeição ao Seu Criador como seu legítimo Senhor, e guardasse piedosamente Seus mandamentos, ele passaria para a companhia dos anjos, e obter, sem a intervenção da morte, uma imortalidade abençoada e sem fim; mas se ele ofendeu o Senhor seu Deus por um uso orgulhoso e desobediente de seu livre arbítrio, ele deveria se tornar sujeito à morte e viver como os animais – o escravo do apetite e condenado ao castigo eterno após a morte. E, portanto, Deus criou apenas um único homem, não, certamente, para que ele fosse um solitário, desprovido de toda a sociedade, mas que por este meio a unidade da sociedade e o vínculo de concórdia pudessem ser mais eficazmente recomendados a ele, os homens sendo vinculados juntos não apenas pela semelhança de natureza, mas pelo afeto familiar. E, de fato, Ele nem mesmo criou a mulher que deveria ser dada a ele como sua esposa, como ele criou o homem, mas a criou a partir do homem, para que toda a raça humana pudesse derivar de um homem.

CAPÍTULO. 22.-QUE DEUS SABIA QUE O PRIMEIRO HOMEM PECARIA, E QUE AO MESMO TEMPO VIU A GRANDE MULTIDÃO DE PESSOAS DE PIEDADE QUE POR SUA GRAÇA SERÁ TRAZIDA PARA A COMUNHÃO DOS ANJOS

1. E Deus não ignorava que o homem pecaria, e que, sendo ele próprio agora sujeito à morte, ele propagaria homens condenados à morte, e que esses mortais correriam a tais enormidades no pecado, que mesmo os animais desprovidos de racionalidade vontade, e que foram criados em grande número das águas e da terra, viveriam mais segura e pacificamente com sua própria espécie do que os homens, que foram propagados de um indivíduo com o próprio propósito de recomendar a

concordia. Pois nem mesmo leões ou dragões travaram com sua espécie guerras como os homens travaram uns com os outros. Mas Deus previu também que por Sua graça um povo seria chamado à adoção, e que eles, sendo justificados pela remissão de seus pecados, seriam unidos pelo Espírito Santo aos santos anjos em paz eterna, o último inimigo, a morte, sendo destruído; e Ele sabia que esse povo tiraria proveito da consideração de que Deus fez com que todos os homens derivassem de um, para mostrar quão altamente Ele valoriza a unidade em uma multidão.

CAPÍTULO. 23.-DA NATUREZA DA ALMA HUMANA CRIADA À IMAGEM DE DEUS

1. Deus, então, fez o homem à Sua própria imagem. Pois Ele criou para ele uma alma dotada de razão e inteligência, para que ele pudesse superar todas as criaturas da terra, do ar e do mar, que não eram tão dotadas. E quando Ele formou o homem do pó da terra, e quis que sua alma fosse como eu disse, - se Ele já o havia feito, e agora, pela respiração, o transmitiu ao homem, ou melhor, o fez respirando, de modo que aquele fôlego que Deus fez respirando (pois o que mais é "respirar" do que fazer respiração?) , e ele Ele formou de um osso retirado do lado do homem, trabalhando de maneira divina. Pois não devemos conceber este trabalho de maneira carnal, como se Deus operasse como comumente vemos artesãos, que usam suas mãos e materiais fornecidos a eles, para que por sua habilidade artística possam moldar algum objeto material. A mão de Deus é o poder de Deus; e Ele, trabalhando de forma invisível, produz resultados visíveis. Mas isso parece mais fabuloso do que verdadeiro para os homens, que medem por obras costumeiras e cotidianas o poder e a sabedoria de Deus, pelos quais Ele entende e produz sem sementes até as próprias sementes; e porque eles não podem entender as coisas que no início foram criadas, eles são céticos em relação a elas - como se as mesmas coisas que eles sabem sobre a propagação humana, concepções e nascimentos, parecessem menos incríveis se contadas para aqueles que não tinham experiência eles; embora essas mesmas coisas

também sejam atribuídas por muitos antes a causas físicas e naturais do que ao trabalho da mente divina.

CAPÍTULO. 24.-SE OS ANJOS PODEM SER DITO OS CRIADORES DE ALGUMA, MESMO A MENOR CRIATURA

1. Mas neste livro não temos nada a ver com aqueles que não acreditam que a mente divina fez ou cuida deste mundo. Quanto àqueles que acreditam em seu próprio Platão, que todos os animais mortais - entre os quais o homem ocupa o lugar preeminente e está próximo dos próprios deuses - foram criados não por aquele Deus altíssimo que fez o mundo, mas por outros deuses menores criado pelo Supremo e exercendo um poder delegado sob Seu controle, se apenas essas pessoas forem libertadas da superstição que as leva a buscar uma razão plausível para prestar honras divinas e sacrificar a esses deuses como seus criadores, elas serão facilmente desembaraçadas também a partir deste seu erro. Pois é blasfêmia acreditar ou dizer (mesmo antes que possa ser entendido) que qualquer outro que não seja Deus é criador de qualquer natureza, ainda que pequena e mortal. E quanto aos anjos, que aqueles platônicos preferem chamar de deuses, embora ajudem, na medida em que são permitidos e comissionados, na produção das coisas ao nosso redor, mas não por isso devemos chamá-los de criadores, assim como não chamamos os jardineiros de criadores de frutas e árvores.

CAPÍTULO. 25.-QUE SOMENTE DEUS É O CRIADOR DE TODO TIPO DE CRIATURA, QUALQUER SUA NATUREZA OU FORMA

1. Pois enquanto há uma forma que é dada de fora a toda substância corporal – como a forma que é construída por oleiros e ferreiros, e aquela classe de artistas que pintam e modelam formas como o corpo dos animais –, mas outra e forma interna que não é ela mesma construída, mas, como causa eficiente, produz não apenas as formas

naturais do corpo, mas também a própria vida dos seres vivos, e que procede da escolha secreta e oculta de uma natureza viva e inteligente, — que a primeira forma mencionada seja atribuída a todo artífice, mas esta última a um só, Deus, o Criador e Originador que fez o próprio mundo e os anjos, sem a ajuda do mundo ou dos anjos. Pois a mesma energia divina e, por assim dizer, criadora, que não pode ser feita, mas faz, e que deu à terra e ao céu sua redondeza — essa mesma energia divina, efetiva e criadora deu sua redondeza ao olho e ao a maçã; e os outros objetos naturais que vemos em qualquer lugar, receberam também sua forma, não de fora, mas do poder secreto e profundo do Criador, que disse: "Não encho o céu e a terra?" e cuja sabedoria é aquela que "vai poderosamente de um extremo a outro; e docemente ordena todas as coisas" . Não posso atribuir-lhes o que talvez não possam fazer, nem devo negar-lhes a faculdade que têm. Mas, por sua licença, atribuo a obra criadora e originadora que deu existência a todas as naturezas a Deus , a quem eles mesmos atribuem com gratidão sua existência. Não chamamos os jardineiros de criadores de seus frutos, pois lemos: "Nem o que planta coisa alguma, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento." Não, nem mesmo a própria terra chamamos de criadora, embora ela pareça ser a mãe prolífica de todas as coisas que ela ajuda a germinar e brotar da semente, e que ela mantém enraizada em seu próprio peito; pois também lemos: "Deus lhe dá um corpo como Lhe agradou, e a cada semente o seu próprio corpo." Não devemos nem mesmo chamar uma mulher de criadora de sua própria descendência; pois Ele é o seu criador que disse ao Seu servo: "Antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci." E embora as várias emoções mentais de uma mulher grávida produzam no fruto de seu ventre qualidades semelhantes — como Jacó com suas varinhas descascadas fez com que ovelhas malhadas fossem produzidas —, ainda assim a mãe cria sua prole tão pouco quanto ela mesma criou. Quaisquer causas corporais ou seminais, então, podem ser usadas para a produção de coisas, seja pela cooperação de anjos, homens ou animais inferiores, ou por geração sexual; e qualquer poder que os desejos e emoções mentais da mãe tenham para produzir no feto tenro e plástico os traços e cores correspondentes; no entanto, as próprias naturezas, que são assim afetadas de várias maneiras, não são a

produção de nada além do Deus Altíssimo. É o Seu poder oculto que permeia todas as coisas, e está presente em tudo sem ser contaminado, que dá ser a tudo o que é, e modifica e limita sua existência; de modo que sem Ele não seria assim, ou assim, nem teria qualquer ser. Se, então, em relação à forma externa que a mão do operário impõe à sua obra, não dizemos que Roma e Alexandria foram construídas por pedreiros e arquitetos, mas pelos reis por cuja vontade, plano e recursos foram construídas, de modo que um tem Rômulo, o outro Alexandre, por seu fundador; com que maior razão devemos dizer que somente Deus é o Autor de todas as naturezas, visto que Ele não usa para Sua obra nenhum material que não tenha sido feito por Ele, nem quaisquer trabalhadores que não tenham sido feitos também por Ele, e visto que, se Ele, por assim dizer, retirasse das coisas criadas Seu poder criador, elas imediatamente recairiam no nada em que estavam antes de serem criadas? "Antes", quero dizer, em relação à eternidade, não ao tempo. Pois que outro criador poderia haver do tempo, senão Aquele que criou aquelas coisas cujos movimentos fazem o tempo?

CAPÍTULO. 26.-DAQUELA OPINIÃO DOS PLATONISTAS, QUE OS ANJOS SÃO MESMOS CRIADOS POR DEUS, MAS QUE DEPOIS CRIARAM O CORPO DO HOMEM

1. É óbvio que, ao atribuir a criação dos outros animais a esses deuses inferiores que foram feitos pelo Supremo, ele quis entender que a parte imortal foi tirada do próprio Deus, e que esses criadores menores adicionaram a parte mortal papel; isto é, ele queria que eles fossem considerados os criadores de nossos corpos, mas não de nossas almas. Mas como Porfírio sustenta que, se a alma deve ser purificada, deve-se escapar de todo envolvimento com um corpo; e ao mesmo tempo concorda com Platão e os platônicos em pensar que aqueles que não passaram uma vida temperada e honrosa retornam a corpos mortais como seu castigo (a corpos de brutos na opinião de Platão, a corpos humanos na de Porfírio); segue-se que aqueles a quem eles querem que adoremos como nossos pais e autores, para que eles possam plausivelmente chamá-los de deuses, são, afinal, apenas os

falsificadores de nossos grilhões e correntes, não nossos criadores, mas nossos carcereiros e carcereiros, que trancar -nos na mais amarga e melancólica casa de correção. Que os platônicos, então, parem de nos ameaçar com nossos corpos como punição de nossas almas, ou de pregar que devemos adorar como deuses aqueles cuja obra sobre nós eles nos exortam por todos os meios ao nosso alcance a evitar e escapar. Mas, de fato, ambas as opiniões são bastante falsas. É falso que as almas voltem a esta vida para serem punidas; e é falso que haja outro criador de qualquer coisa no céu ou na terra, além daquele que fez o céu e a terra. Pois se vivemos em um corpo apenas para expiar nossos pecados, como diz Platão em outro lugar, que o mundo não poderia ter sido o mais belo e bom, se não estivesse cheio de todos os tipos de criaturas, mortais e imortais? Mas se nossa criação mesmo como mortais é um benefício divino, como é um castigo ser restituído a um corpo, isto é, a um benefício divino? E se Deus, como Platão continuamente sustenta, abraçou em Sua inteligência eterna as idéias tanto do universo quanto de todos os animais, como, então, Ele não deveria com Suas próprias mãos fazer todas elas? Não estaria disposto a ser o construtor de obras, cuja ideia e plano exigiam Sua infável e infável inteligência?

CAPÍTULO. 27.-QUE TODA A PLENITUDE DA RAÇA HUMANA FOI ABRAÇADA NO PRIMEIRO HOMEM, E QUE DEUS VIU A PARTE DELA QUE DEVE SER HONRADA E RECOMPENSADA, E A QUE DEVE SER CONDENADA E PUNIDA

1. Por uma boa causa, portanto, a verdadeira religião reconhece e proclama que o mesmo Deus que criou o cosmos universal, criou também todos os animais, almas e corpos. Entre os animais terrestres, o homem foi feito por Ele à Sua própria imagem e, pela razão que dei, foi feito um indivíduo, embora não tenha sido deixado solitário. Pois não há nada tão social por natureza, tão antisocial por sua corrupção, como esta raça. E a natureza humana não tem nada mais apropriado, seja para prevenir a discórdia, seja para curá-la, onde ela existe, do

que a lembrança daquele primeiro pai de todos nós, a quem Deus teve o prazer de criar sozinho, para que todos os homens pudessem ser derivado de um, e que eles podem assim ser admoestados a preservar a unidade entre toda a sua multidão. Mas pelo fato de que a mulher foi feita para ele do lado dele, significava claramente que deveríamos aprender o quão querido deve ser o vínculo entre marido e mulher. Essas obras de Deus certamente parecem extraordinárias, porque são as primeiras obras. Aqueles que não acreditam neles, não devem acreditar em nenhum prodígio; pois estes não seriam chamados de prodígios se não tivessem acontecido fora do curso normal da natureza. Mas, é possível que algo aconteça em vão, por mais oculta que seja sua causa, em tão grande governo da providência divina? Um dos salmistas sagrados diz: "Vinde, vede as obras do Senhor, quantos prodígios tem realizado na terra." Por que Deus fez a mulher do lado do homem, e o que esse primeiro prodígio prefigurava, contarei, com a ajuda de Deus, em outro lugar. 2. Mas no momento, visto que este livro deve ser concluído, digamos apenas que neste primeiro homem, que foi criado no princípio, foram lançados os fundamentos, não em obras evidentes, mas na presciência de Deus, dessas duas cidades ou sociedades, no que diz respeito à raça humana. Pois desse homem todos os homens deveriam ser derivados - alguns deles associados aos anjos bons em sua recompensa, outros com os ímpios em punição; tudo sendo ordenado pelo secreto mas justo julgamento de Deus. Pois como está escrito: "Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade", nem sua graça pode ser injusta, nem sua justiça cruel.

LIVRO XIII

ARGUMENTO

NESTE LIVRO É ENSINADO QUE A MORTE É PENAL, E TEM SUA ORIGEM NO PECADO DE ADÃO.

CAPÍTULO. 1.-DA QUEDA DO PRIMEIRO HOMEM, ATRAVÉS DO QUAL MORTALIDADE FOI CONTRAÍDA

1. TENDO eliminadas as questões muito difíceis sobre a origem de nosso mundo e o início da raça humana, a ordem natural exige que discutamos agora a queda do primeiro homem (podemos dizer dos primeiros homens) e da origem e propagação da morte humana. Pois Deus não fez o homem como os anjos, em tal condição que, embora tivessem pecado, não podiam mais morrer. Ele os fez assim, que se eles cumprissem as obrigações de obediência, uma imortalidade angelical e uma eternidade abençoada poderiam acontecer, sem a intervenção da morte; mas se eles desobedecessem, a morte deveria ser imposta a eles com uma sentença justa – que, também, foi mencionada no livro anterior.

CAPÍTULO. 2.-DAQUELA MORTE QUE PODE AFETAR UMA ALMA IMORTAL, E DAQUELA A QUE O CORPO ESTÁ SUJEITO

1. Mas vejo que devo falar um pouco mais cuidadosamente sobre a natureza da morte. Pois, embora a alma humana seja verdadeiramente afirmada como imortal, ela também tem uma morte certa. Pois, portanto, é chamado imortal, porque, em certo sentido, não deixa de viver e de sentir; enquanto o corpo é chamado mortal, porque pode ser abandonado de toda a vida e não pode viver por si mesmo. A morte, então, da alma ocorre quando Deus a abandona, como a morte do corpo quando a alma o abandona. Portanto, a morte de ambos, isto é,

de todo o homem, ocorre quando a alma, abandonada por Deus, abandona o corpo. Pois, neste caso, nem Deus é a vida da alma, nem a alma a vida do corpo. E esta morte de todo o homem é seguida por aquilo que, pela autoridade dos oráculos divinos, chamamos de segunda morte. A isso o Salvador se referiu quando disse: "Temei Aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo". E como isso não acontece antes que a alma esteja tão unida ao seu corpo que eles não possam ser separados, pode ser surpreendente como se pode dizer que o corpo foi morto por aquela morte na qual não é abandonado pela alma. , mas, sendo animado e sensível por ele, é atormentado. Pois nesse castigo penal e eterno, do qual em seu próprio lugar devemos falar mais amplamente, diz-se com justiça que a alma morre, porque não vive em conexão com Deus; mas como podemos dizer que o corpo está morto, visto que ele vive pela alma? Pois de outra forma não poderia sentir os tormentos corporais que se seguirão à ressurreição. É porque toda espécie de vida é boa e a dor um mal, que nos recusamos a dizer que vive aquele corpo, no qual a alma é a causa, não da vida, mas da dor? A alma, então, vive por Deus quando vive bem, pois não pode viver bem a menos que Deus opere nela o que é bom; e o corpo vive pela alma quando a alma vive no corpo, quer ela viva por Deus ou não. Pois a vida do ímpio no corpo não é uma vida da alma, mas do corpo, que mesmo almas mortas - isto é, almas abandonadas por Deus - podem conferir aos corpos, quão pouco de sua própria vida própria, pelo qual eles são imortais, eles retêm. Mas na última condenação, embora o homem não deixe de sentir, ainda porque esse sentimento dele não é doce com prazer nem saudável com repouso, mas dolorosamente penal, não é sem razão que se chama morte e não vida. E é chamada de segunda morte porque segue a primeira, que está sob as duas essências coerentes, sejam elas Deus e a alma, ou a alma e o corpo. Da primeira e da morte corporal, então, podemos dizer que para o bem é bom, e mal para o mal. Mas, sem dúvida, o segundo, como não acontece a nenhum dos bons, também não pode ser bom para ninguém.

CAPÍTULO. 3.-SE A MORTE, QUE PELO PECADO DE NOSSOS PRIMEIROS PAIS PASSOU A TODOS OS HOMENS, É O CASTIGO DO PECADO, MESMO PARA O BEM

1. Mas surge uma questão que não deve ser evitada: se na verdade a morte, que separa alma e corpo, é boa para o bem? Pois se for, como aconteceu que tal coisa deveria ser o castigo do pecado? Pois os primeiros homens não teriam sofrido a morte se não tivessem pecado. Como, então, isso pode ser bom para o bem, o que não poderia ter acontecido senão para o mal? Então, novamente, se isso só pudesse acontecer ao mal, ao bem não deveria ser bom, mas inexistente. Pois por que deveria haver alguma punição onde não há nada para punir? Portanto, devemos dizer que os primeiros homens foram realmente criados de tal forma que, se não tivessem pecado, não teriam experimentado nenhum tipo de morte; mas que, tendo se tornado pecadores, eles foram tão punidos com a morte, que tudo o que nasceu de seu estoque também deve ser punido com a mesma morte. Pois nada mais poderia nascer deles do que aquilo que eles mesmos haviam sido. Sua natureza se deteriorou na proporção da grandeza da condenação de seu pecado, de modo que o que existia como castigo naqueles que primeiro pecaram, tornou-se uma consequência natural em seus filhos. Pois o homem não é produzido pelo homem, como ele foi do pó. Pois o pó foi o material do qual o homem foi feito: o homem é o pai por quem o homem é gerado. Portanto, terra e carne não são a mesma coisa, embora a carne seja feita de terra. Mas como o homem é o pai, tal é o homem a descendência. No primeiro homem, portanto, existia toda a natureza humana, que deveria ser transmitida pela mulher à posteridade, quando aquela união conjugal recebesse a sentença divina de sua própria condenação; e o que o homem foi feito, não quando criado, mas quando pecou e foi punido, isso ele propagou, no que diz respeito à origem do pecado e da morte. Pois nem pelo pecado nem por sua punição ele próprio foi reduzido àquela enfermidade infantil e desamparada do corpo e da mente que vemos nas crianças. Pois Deus ordenou que as crianças começassem o mundo como as crias dos animais o começam, pois seus pais caíram ao nível dos animais na forma de sua vida e de sua morte; como está escrito:

"O homem, quando era em honra, não entendia; tornou-se como os animais que não têm entendimento." 2 Mais ainda, as crianças, vemos, são ainda mais fracas no uso e movimento de seus membros, e mais enfermas. escolher e recusar, do que a prole mais tenra de outros animais; como se a força que habita a natureza humana estivesse destinada a superar todas as outras coisas vivas tanto mais eminentemente quanto sua energia foi restringida por mais tempo e o tempo de seu exercício atrasado, assim como uma flecha voa mais alto quanto mais para trás ela foi desenhado. A esta imbecilidade infantil o primeiro homem não caiu por sua presunção sem lei e sentença justa; mas a natureza humana estava em sua pessoa viciada e alterada a tal ponto, que ele sofreu em seus membros a guerra da luxúria desobediente e ficou sujeito à necessidade de morrer. E o que ele próprio se tornou pelo pecado e punição, assim gerou aqueles a quem gerou; isto é, sujeito ao pecado e à morte. E se as crianças são libertadas desta escravidão do pecado pela graça do Redentor, elas podem sofrer apenas esta morte que separa alma e corpo; mas sendo redimidos da obrigação do pecado, eles não passam para aquela segunda morte sem fim e penal.

CAPÍTULO. 4.- PORQUE A MORTE, A PUNIÇÃO DO PECADO, NÃO É RETIRADA DAQUELES QUE PELA GRAÇA DA REGENERAÇÃO SÃO ABSOLVIDOS DO PECADO

1. Se, além disso, alguém é solícito sobre este ponto, como, se a morte é o próprio castigo do pecado, aqueles cuja culpa é cancelada pela graça ainda sofrem a morte, essa dificuldade já foi tratada e resolvida em nosso outro trabalho que escrevemos sobre o batismo de crianças. Lá foi dito que a separação da alma e do corpo foi deixada, embora sua conexão com o pecado tenha sido removida, por esta razão, que se a imortalidade do corpo seguisse imediatamente o sacramento da regeneração, a própria fé seria enervada. Pois a fé só é fé quando espera com esperança o que ainda não se vê em substância. E pelo vigor e conflito da fé, pelo menos em tempos passados, foi vencido o medo da morte. Isso foi especialmente evidente nos santos mártires,

que não poderiam ter vitória, nem glória, para quem não poderia nem mesmo haver conflito, se, após a pia da regeneração, os santos não pudessem sofrer a morte corporal. Quem não iria, então, em companhia das crianças apresentadas para o batismo, correr para a graça de Cristo, para que ele não fosse dispensado do corpo? E assim a fé não seria testada com uma recompensa invisível; e assim nem seria fé, buscando e recebendo uma recompensa imediata de suas obras. Mas agora, pela maior e mais admirável graça do Salvador, o castigo do pecado é voltado para o serviço da justiça. Pois então foi proclamado ao homem: "Se pecares, morrerás"; agora é dito ao mártir: "Morre, para que não peques". Então foi dito: "Se transgredirem os mandamentos, morrerão"; agora é dito: "Se recusares a morte, transgredes o mandamento." Aquilo que antes era objeto de terror, para que os homens não pecassem, agora deve ser experimentado se não pecarmos. Assim, pela indescritível misericórdia de Deus, até o próprio castigo da maldade tornou-se a armadura da virtude, e a pena do pecador torna-se a recompensa do justo. Pois então a morte foi incorrida pelo pecado, agora a justiça é cumprida pela morte. No caso dos santos mártires é assim; pois a eles o perseguidor propõe a alternativa, a apostasia ou a morte. Pois os justos preferem por crer sofrer o que os primeiros transgressores sofreram por não crer. Pois, a menos que tivessem pecado, não teriam morrido; mas os mártires pecam se não morrem. Um morreu porque pecaram, os outros não pecam porque morrem. Pela culpa do primeiro, a punição foi incorrida; pela punição do segundo, a culpa é prevenida. Não que a morte, que era antes de um mal, tenha se tornado algo bom, mas apenas que Deus concedeu à fé esta graça, que a morte, que é o oposto admitido da vida, deve se tornar o instrumento pelo qual a vida é alcançada.

CAPÍTULO. 5.-COMO OS ÍMPIOS FAZEM MAU USO DA LEI, O QUE É BOM, ASSIM OS BONS FAZEM BOM USO DA MORTE

1. O apóstolo, desejando mostrar quão prejudicial é o pecado, quando

a graça não nos ajuda, não hesitou em dizer que a força do pecado é aquela mesma lei pela qual o pecado é proibido. "O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei." Certamente verdade; pois a proibição aumenta o desejo de ação ilícita, se a justiça não for tão amada que o desejo do pecado seja conquistado por esse amor. Mas, a menos que a graça divina nos ajude, não podemos amar nem nos deleitar com a verdadeira justiça. Mas para que a lei não seja considerada um mal, uma vez que é chamada a força do pecado, o apóstolo, ao tratar de uma questão semelhante em outro lugar, diz: "A lei, na verdade, é santa, e o mandamento santo e justo, e bom. Então o que é santo tornou-se morte para mim? Deus me livre. Mas o pecado, para que possa parecer pecado, operando a morte em mim pelo que é bom, para que o pecado pelo mandamento se torne excessivamente pecaminoso . ele diz , porque a transgressão é mais hedionda quando através da crescente luxúria do pecado a própria lei também é desprezada. Por que achamos que vale a pena mencionar isso? Por isso, como a lei não é um mal quando aumenta a concupiscência dos que pecam, assim também a morte não é um bem quando aumenta a glória dos que a sofrem, pois ou a primeira é abandonada perversamente, e faz transgressores, ou o último é abraçado, por causa da verdade, e faz mártires. E assim a lei é realmente boa, porque é a proibição do pecado, e a morte é má porque é o salário do pecado; mas, como os ímpios fazem mau uso não só do mal, mas também das coisas boas, assim os justos fazem bom uso não só do bem, mas também do mal. Daí acontece que os ímpios fazem mau uso da lei, embora a lei seja boa; e que os bons morrem bem, embora a morte seja um mal.

CAPÍTULO. 6.-DO MAL DA MORTE EM GERAL, CONSIDERADO COMO A SEPARAÇÃO DE ALMA E CORPO

1. Portanto, quanto à morte corporal, isto é, a separação da alma do corpo, não é bom para ninguém enquanto está sendo suportada por aqueles que dizemos estar no artigo da morte. Pois a própria violência com que o corpo e a alma são dilacerados, que nos vivos estavam

unidos e intimamente entrelaçados, traz consigo uma experiência dura, chocando horrivelmente a natureza enquanto ela continua, até que ocorre uma perda total de sensação. que surgiu da própria interpenetração do espírito e da carne. E toda essa angústia às vezes é antecipada por um golpe do corpo ou súbito movimento da alma, cuja rapidez impede que seja sentida. Mas o que quer que seja no moribundo que com uma sensação violentamente dolorosa rouba toda sensação, ainda assim, quando é piedosa e fielmente suportado, aumenta o mérito da paciência, mas não torna inaplicável o nome de punição. A morte, procedente da geração comum desde o primeiro homem, é o castigo de todos os que dele nasceram, mas, se for suportado por causa da justiça, torna-se a glória daqueles que nasceram de novo; e embora a morte seja o prêmio do pecado, às vezes ela garante que nada seja concedido ao pecado.

CAPÍTULO. 7.-DA MORTE QUE SOFREM OS NÃO BATIZADOS PELA CONFISSÃO DE CRISTO

1. Para todos os não batizados que morrem confessando a Cristo, esta confissão tem a mesma eficácia para a remissão dos pecados como se fossem lavados na sagrada fonte do batismo. Pois Aquele que disse: "Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus", fez também uma exceção a favor deles, naquela outra frase em que Ele não menos absolutamente disse: "Todo aquele que confessar-me diante dos homens, eu também o confessarei diante de meu Pai que está nos céus;"³ e em outro lugar: "Todo aquele que perder a vida por minha causa, achá-la-á". E isso explica o versículo: "Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos Seus santos."⁵ Pois o que é mais precioso do que uma morte pela qual os pecados de um homem são todos perdoados e seus méritos aumentados cem vezes? Pois aqueles que foram batizados quando não podiam mais escapar da morte e partiram desta vida com todos os seus pecados apagados não têm mérito igual àqueles que não adiaram a morte, embora estivesse em seu poder, mas preferiram terminar sua vida confessando a Cristo, em vez de negá-lo para garantir uma oportunidade de batismo.

E mesmo que O negassem sob a pressão do medo da morte, isso também lhes teria sido perdoado naquele batismo, no qual foi remida até a enorme maldade daqueles que mataram Cristo. Mas quão abundante deve ter sido nestes homens a graça do Espírito, que sopra onde quer, visto que eles amaram tanto a Cristo que não podem negá-lo mesmo em uma emergência tão dolorosa, e com uma esperança tão segura de perdão! Preciosa, portanto, é a morte dos santos, a quem a graça de Cristo foi aplicada com efeitos tão gratiosos, que eles não hesitam em encontrar a morte, se é que podem encontrá-lo. E precioso é, também, porque provou que o que foi originalmente ordenado para o castigo do pecador, foi usado para a produção de uma colheita mais rica de justiça. Mas nem por isso devemos considerar a morte como uma coisa boa, pois ela é desviada para fins tão úteis, não por qualquer virtude própria, mas pela interferência divina. A morte foi originalmente proposta como objeto de pavor, para que o pecado não fosse cometido; agora deve ser sofrido para que o pecado não possa ser cometido, ou, se cometido, seja remido, e o prêmio da justiça seja concedido àquele cuja vitória a mereceu.

CAPÍTULO. 8.-QUE OS SANTOS, SOFRENDO A PRIMEIRA MORTE POR CAUSA DA VERDADE, ESTÃO LIBERADOS DA SEGUNDA

1. Pois se examinarmos o assunto com um pouco mais de cuidado, veremos que mesmo quando um homem morre fiel e louvavelmente por causa da verdade, ainda é a morte que ele está evitando. Pois ele se submete a alguma parte da morte, com o próprio propósito de evitar o todo, e a segunda e eterna morte além e acima. Ele se submete à separação da alma e do corpo, para que a alma não seja separada de Deus e do corpo, e assim toda a primeira morte seja completada, e a segunda morte o receba para sempre. Portanto, a morte é, de fato, como eu disse, boa para ninguém enquanto está sendo realmente sofrida, e enquanto subjuga os moribundos ao seu poder; mas é tolerado com mérito para reter ou conquistar o que é bom. E quanto ao que acontece depois da morte, não é absurdo dizer que a morte é

boa para os bons e má para os maus. Pois os espíritos desencarnados dos justos descansam; mas os dos ímpios sofrem punição até que seus corpos ressuscitem - os dos justos para a vida eterna e os outros para a morte eterna, que é chamada de segunda morte.

CAPÍTULO. 9.-SE DEVEMOS DIZER QUE O MOMENTO DA MORTE, EM QUE CESSA A SENSACÃO, OCORRE NA EXPERIÊNCIA DO MORIBUNDO OU NA DOS MORTOS

1. O ponto do tempo em que as almas do bem e do mal são separadas do corpo, devemos dizer que é depois da morte, ou melhor, na morte? Se é depois da morte, então não é a morte que é boa ou má, uma vez que a morte está acabada e passada, mas é a vida na qual a alma agora entrou. A morte era um mal quando estava presente, isto é, quando sofria os moribundos; pois para eles trouxe consigo uma experiência severa e dolorosa, da qual os bons fazem bom uso. Mas, passada a morte, como pode ser bom ou mau o que já não existe? Além disso, se examinarmos o assunto mais de perto, veremos que mesmo aquela dor dolorosa e dolorosa que o moribundo experimenta não é a própria morte. Enquanto tiverem alguma sensação, certamente ainda estarão vivos; e, se ainda estiver vivo, deve-se dizer que está em um estado anterior à morte do que na morte. Pois quando a morte realmente vem, ela nos rouba todas as sensações corporais, que, enquanto a morte está apenas se aproximando, é dolorosa. E assim é difícil explicar como falamos daqueles que ainda não estão mortos, mas estão agonizando em sua última e mortal extremidade, como estando no artigo da morte. No entanto, o que mais podemos chamá-los de pessoas moribundas? pois quando a morte iminente realmente chegar, não podemos mais chamá-los de mortos, mas mortos. Ninguém, portanto, está morrendo a menos que esteja vivo; pois mesmo aquele que está na última extremidade da vida e, como dizemos, entregando o espírito, ainda vive. A mesma pessoa está, portanto, ao mesmo tempo morrendo e vivendo, mas se aproximando da morte, partindo da vida; ainda em vida, porque seu espírito ainda permanece no corpo; ainda não na morte, porque o seu espírito ainda não abandonou o corpo.

Mas se, ao abandoná-lo, o homem ainda não está na morte, mas depois da morte, quem dirá quando ele está na morte? Por um lado, ninguém pode ser chamado de moribundo, se um homem não pode estar morrendo e vivendo ao mesmo tempo; e enquanto a alma está no corpo, não podemos negar que ela está viva. Por outro lado, se o homem que se aproxima da morte é chamado de moribundo, não sei quem está vivendo.

CAPÍTULO. 10.-DA VIDA DOS MORTAIS, QUE É MAIS CHAMADO DE MORTE DO QUE VIDA

1. Assim que começamos a viver neste corpo moribundo, começamos a nos mover incessantemente em direção à morte. Pois em todo o curso desta vida (se é que devemos chamá-la de vida) sua mutabilidade tende para a morte. Certamente não há ninguém que não esteja mais perto deste ano do que no ano passado, e amanhã do que hoje, e hoje do que ontem, e daqui a pouco do que agora, e agora do que há pouco. Pois qualquer tempo que vivemos é deduzido de todo o nosso período de vida, e o que resta está se tornando cada vez menor; de modo que toda a nossa vida não é mais que uma corrida para a morte, na qual ninguém pode ficar parado por um pouco de tempo, ou ir um pouco mais devagar, mas todos são levados adiante com um movimento imparcial e com igual rapidez. Pois aquele cuja vida é curta gasta um dia não mais rapidamente do que aquele cuja vida é mais longa. Mas enquanto os momentos iguais são arrebatados imparcialmente de ambos, um tem um objetivo mais próximo e o outro um objetivo mais remoto para alcançar com isso sua igual velocidade. Uma coisa é fazer uma viagem mais longa e outra é caminhar mais devagar. Aquele, portanto, que passa mais tempo em seu caminho para a morte não avança em um ritmo mais vagaroso, mas voa por mais terreno. Além disso, se todo homem começa a morrer, isto é, está na morte, assim que a morte começa a se manifestar nele (tirando a vida, a saber; pois quando toda a vida é tirada, o homem não será mais na morte, mas depois da morte), então ele começa a morrer assim que começa a viver. Pois o que mais está acontecendo em todos os seus dias, horas e

momentos, até que essa morte lenta seja totalmente consumada? E então vem o tempo após a morte, em vez daquele em que a vida estava sendo retirada, e que chamamos de estar na morte. O homem, então, nunca está na vida a partir do momento em que ele habita neste corpo moribundo ao invés de vivo – se, pelo menos, ele não pode estar na vida e na morte ao mesmo tempo. Ou melhor, digamos, ele está em ambos? – na vida, a saber, que ele vive até que tudo seja consumido; mas também na morte, que ele morre quando sua vida é consumida? Pois se ele não está em vida, o que é que é consumido até que tudo se vá? E se ele não está na morte, o que é esse consumo em si? Pois quando toda a vida foi consumida, a expressão "após a morte" não teria sentido, se esse consumo não fosse a morte. E se, quando tudo foi consumido, um homem não está na morte, mas depois da morte, quando ele está na morte, a menos que a vida esteja sendo consumida?

CAPÍTULO. 11.-SE ALGUÉM PODE ESTAR VIVO E MORTO AO MESMO TEMPO

1. Mas se é absurdo dizer que um homem está na morte antes de chegar à morte (pois qual é o seu curso ao passar pela vida, se ele já está na morte?), e se é ultrajante falar de um homem estar ao mesmo tempo vivo e morto, tanto quanto fala dele como ao mesmo tempo adormecido e acordado, resta saber quando um homem está morrendo? Pois, antes que a morte venha, ele não está morrendo, mas vivendo; e quando a morte chega, ele não está morrendo, mas morto. Um é antes, o outro depois da morte. Quando, então, ele está na morte para que possamos dizer que ele está morrendo? Pois assim como há três tempos, antes da morte, na morte, depois da morte, também há três estados correspondentes, vivo, moribundo, morto. E é muito difícil definir quando um homem está na morte ou morrendo, quando ele não está vivo, que é antes da morte, nem morto, que é depois da morte, mas morrendo, que é na morte. Enquanto a alma estiver no corpo, especialmente se a consciência permanecer, o homem certamente viverá; pois corpo e alma constituem o homem. E assim, antes da morte, não se pode dizer que ele esteja na morte, mas

quando, por outro lado, a alma se foi, e todas as sensações corporais estão extintas, a morte é passada e o homem está morto. Entre esses dois estados a condição de morrer não encontra lugar; pois se um homem ainda vive, a morte não chegou; se ele deixou de viver, a morte já passou. Nunca, então, ele está morrendo, isto é, compreendido no estado de morte. Assim também na passagem do tempo, você tenta colocar o dedo no presente e não consegue encontrá-lo, porque o presente não ocupa espaço, mas é apenas a transição do tempo do futuro para o passado. Devemos então concluir que, portanto, não há morte do corpo? Pois se há, onde está, visto que não está em ninguém, e ninguém pode estar nele? Pois, de fato, se ainda há vida, a morte ainda não é; pois este estado é antes da morte, não na morte: e se a vida já cessou, a morte não está presente; pois este estado é após a morte, não na morte. Por outro lado, se não há morte antes ou depois, o que queremos dizer quando dizemos "depois da morte" ou "antes da morte?" Esta é uma maneira tola de falar se não houver morte. E se tivéssemos vivido tão bem no Paraíso que, na verdade, agora não houvesse morte! Mas não apenas existe agora, mas é uma coisa tão grave que nenhuma habilidade é suficiente para explicá-la ou escapar dela.

2. Vamos, então, falar da maneira costumeira – nenhum homem deve falar de outra forma – e vamos chamar o tempo antes da morte, “antes da morte”; como está escrito: "Não elogie ninguém antes de sua morte." E quando isso aconteceu, digamos que "depois da morte" aconteceu isto ou aquilo. E do tempo presente falemos o melhor que pudermos, como quando dizemos: "Ele, ao morrer, fez sua vontade, e deixou isto ou aquilo para tal e tal pessoa" - embora, é claro, ele não pudesse fazê-lo a menos que ele estivesse vivo, e fez isso antes da morte do que na morte. E vamos usar a mesma fraseologia que a Escritura usa; pois não há escrúpulos em dizer que os mortos não estão depois, mas na morte. De modo que o versículo: “Porque na morte não há lembrança de ti”.² Pois até a ressurreição se diz que os homens estão justamente na morte; como se diz que todo mundo está dormindo até acordar. No entanto, embora possamos dizer que as pessoas adormecidas estão dormindo, não podemos falar dessa

maneira dos mortos e dizer que estão morrendo. Pois, no que diz respeito à morte do corpo, da qual estamos falando agora, não se pode dizer que aqueles que já estão separados de seus corpos continuam morrendo. Mas isso, você vê, é exatamente o que eu estava dizendo – que nenhuma palavra pode explicar agora ou se diz que os moribundos vivem, ou agora se diz que os mortos, mesmo depois da morte, estão na morte. Pois como podem estar após a morte se estão na morte, especialmente quando nem mesmo os chamamos de moribundos, como chamamos aqueles que dormem, dormem; e aqueles em langor, definhando; e aqueles em luto, de luto; e aqueles em vida, vivendo? E, no entanto, os mortos, até que ressuscitem, dizem que estão na morte, mas não podem ser chamados de moribundos.

E, portanto, penso que não foi inadequada nem inadequadamente, embora não por intenção do homem, mas talvez por propósito divino, que esta palavra latina *moritur* não possa ser recusada pelos gramáticos de acordo com a regra seguida por palavras semelhantes. Pois *oritur* dá a forma *ortus est* para o perfeito; e todos os verbos semelhantes formam este tempo a partir de seus participios perfeitos. Mas se perguntarmos o perfeito de *moritur*, obtemos a resposta regular *mortuus est*, com um duplo *u*. Pois assim se pronuncia *mortuus*, como *fatuus*, *arduus*, *conspicuus* e palavras semelhantes, que não são participios perfeitos, mas adjetivos, e são declinadas sem considerar o tempo. Mas *mortuus*, embora na forma de um adjetivo, é usado como participio perfeito, como se fosse declinar o que não pode ser declinado; e assim aconteceu adequadamente que, como a coisa em si não pode de fato ser recusada, também a palavra significante do ato não pode ser recusada. No entanto, com a ajuda da graça de nosso Redentor, podemos conseguir pelo menos recusar o segundo. Pois isso é ainda mais grave e, de fato, o pior de todos os males, pois não consiste na separação da alma e do corpo, mas na união de ambos na morte eterna. E ali, em flagrante contraste com nossas condições atuais, os homens não estarão antes ou depois da morte, mas sempre na morte; e assim nunca vivendo, nunca morto, mas morrendo infinitamente. E nunca um homem pode ser mais desastroso na morte

do que quando a própria morte for imortal.

CAPÍTULO. 12.-O QUE DEUS INTENCIONOU À MORTE, QUANDO ALERTOU NOSSOS PRIMEIROS PAIS DE MORTE SE DESOBEDECEM SEU MANDAMENTO

1. Quando, portanto, se pergunta com que morte Deus ameaçou nossos primeiros pais se eles transgredissem o mandamento que haviam recebido dele e deixassem de preservar sua obediência - se era a morte da alma, ou do corpo, ou do homem inteiro, ou daquilo que é chamado de segunda morte – devemos responder: É tudo. Pois o primeiro consiste em dois; a segunda é a morte completa, que consiste em tudo. Pois, como toda a terra consiste de muitas terras, e a Igreja universal de muitas igrejas, assim a morte universal consiste em todas as mortes. O primeiro consiste em dois, um do corpo e outro da alma. De modo que a primeira morte é a morte de todo o homem, pois a alma sem Deus e sem o corpo sofre castigo por um tempo; mas a segunda é quando a alma, sem Deus, mas com o corpo, sofre o castigo eterno. Quando, portanto, Deus disse àquele primeiro homem que ele havia colocado no Paraíso, referindo-se ao fruto proibido: "No dia em que dele comeres, certamente morrerás", essa ameaça incluiu não apenas a primeira parte da primeira morte, pelo qual a alma é privada de Deus; nem apenas a parte subsequente da primeira morte, pela qual o corpo é privado da alma; nem apenas toda a primeira morte em si, pela qual a alma é punida na separação de Deus e do corpo; – mas inclui tudo o que há de morte, até aquela morte final que é chamada segunda, e à qual nenhuma é posterior.

CAPÍTULO. 13.-QUAL FOI O PRIMEIRO CASTIGO DA TRANSGRESSÃO DE NOSSOS PRIMEIROS PAIS?

1. Pois, assim que nossos primeiros pais transgrediram o mandamento, a graça divina os abandonou, e eles foram confundidos com sua própria maldade; e, portanto, eles pegaram folhas de figueira

(que foram possivelmente as primeiras que vieram à mão em seu estado mental perturbado) e cobriram sua vergonha; pois embora seus membros permanecessem os mesmos, eles tinham vergonha agora onde não tinham antes. Eles experimentaram um novo movimento de sua carne, que se tornou desobediente a eles, em estrita retribuição de sua própria desobediência a Deus. Pois a alma, regozijando-se em sua própria liberdade e desprezando servir a Deus, foi ela mesma privada do comando que anteriormente mantinha sobre o corpo. E porque abandonou voluntariamente seu Senhor superior, não mantinha mais seu próprio servo inferior; nem poderia manter a carne sujeita, como sempre poderia fazer se permanecesse sujeita a Deus. Então começou a carne a cobiçar contra o Espírito, em cuja luta nascemos, derivando da primeira transgressão uma semente de morte, e trazendo em nossos membros e em nossa natureza viciada, a disputa ou mesmo a vitória da carne.

CAPÍTULO. 14.-EM QUE ESTADO O HOMEM FOI FEITO POR DEUS, E EM QUE ESTADO ELE CAIU POR ESCOLHA DE SUA PRÓPRIA VONTADE

1. Pois Deus, o autor das naturezas, não dos vícios, criou o homem reto; mas o homem, sendo de sua própria vontade corrompido e condenado com justiça, gerou filhos corrompidos e condenados. Pois todos nós estávamos naquele homem, visto que todos nós éramos aquele homem, que caiu em pecado pela mulher que foi feita dele antes do pecado. Pois ainda não foi criada e distribuída para nós a forma particular, na qual nós, como indivíduos, deveríamos viver, mas a natureza seminal já estava lá, a partir da qual deveríamos ser propagados; e este sendo viciado pelo pecado, e preso pela cadeia da morte, e justamente condenado, o homem não poderia nascer do homem em nenhum outro estado. E assim, do mau uso do livre-arbítrio, originou-se todo o trem do mal, que, com sua concatenação de misérias, conduz a raça humana de sua origem depravada, como de uma raiz corrupta, para a destruição da segunda morte. , que não tem fim, exceto aqueles que são libertados pela graça de Deus.

CAPÍTULO. 15.-QUE Adão em seu pecado abandonou a Deus antes que Deus o abandonasse, e que seu afastamento de Deus foi a primeira morte da alma

1. Talvez se suponha que, porque Deus disse: "Vocês morrerão a morte", e não "mortes", devemos entender apenas aquela morte que ocorre quando a alma é abandonada por Deus, que é sua vida; pois não foi abandonado por Deus, e assim O abandonou, mas O abandonou, e assim foi abandonado por Ele. Pois sua própria vontade foi o originador de seu mal, como Deus foi o originador de seus movimentos para o bem, tanto ao fazê-lo quando não era, quanto ao refazê-lo quando caiu e pereceu. Mas, embora suponhamos que Deus quis dizer apenas esta morte, e que as palavras: "No dia em que dela comeres, morrerás a morte", devem ser entendidas como significando: "No dia em que me abandonares em desobediência, abandonarei você na justiça", mas certamente nesta morte as outras mortes também foram ameaçadas, que foram sua consequência inevitável. Pois no primeiro movimento do movimento desobediente que foi sentido na carne da alma desobediente, e que fez com que nossos primeiros pais encobrissem sua vergonha, de fato, uma morte é experimentada, a saber, que ocorre quando Deus abandona a alma. (Isso foi sugerido pelas palavras que Ele proferiu, quando o homem, estupefato pelo medo, se escondeu: "Adão, onde estás?" , visto que Deus não estava com ele.) Mas quando a própria alma abandonou o corpo, corrompido e decomposto com a idade, a outra morte foi experimentada, da qual Deus havia falado ao pronunciar a sentença do homem: ." E dessas duas mortes é composta aquela primeira morte de todo o homem. E esta primeira morte é finalmente seguida pela segunda, a menos que o homem seja libertado pela graça. Pois o corpo não retornaria à terra da qual foi feito, a não ser pela morte que lhe é própria, que ocorre quando ele é abandonado pela alma, sua vida. E, portanto, é acordado entre todos os cristãos que verdadeiramente mantêm a fé católica, que estamos sujeitos à morte do corpo, não pela lei da natureza, pela qual Deus não ordenou a morte do homem, mas por Sua justa inflicção por

causa de pecado; pois Deus, vingando-se do pecado, disse ao homem, em quem todos nós estávamos então: “Tu és pó, e ao pó te tornarás”.

CAPÍTULO. 16.-RELATIVA AOS FILÓSOFOS QUE PENSAM QUE A SEPARAÇÃO DE ALMA E CORPO NÃO É PENAL, EMBORA PLATÃO REPRESENTA A DEIDADE SUPREMA COMO PROMETENDO AOS DEUSES INFERIORES QUE ELAS NUNCA SERÃO DEMITIDOS DE SEUS CORPOS

1. Mas os filósofos contra os quais estamos defendendo a cidade de Deus, isto é, sua Igreja, parecem ter boas razões para zombar de nós, porque dizemos que a separação da alma do corpo deve ser considerada parte do castigo do homem. Pois eles supõem que a bem-aventurança da alma só é completa quando é completamente despida do corpo e retorna a Deus uma alma pura e simples e, por assim dizer, nua. Neste ponto, se eu não encontrar nada em sua própria literatura para refutar essa opinião, serei forçado a demonstrar laboriosamente que não é o corpo, mas a corruptibilidade do corpo, que é um fardo para a alma. Daí aquela frase da Escritura que citamos em um livro anterior: “Porque o corpo corruptível oprime a alma”. A palavra corruptível é acrescentada para mostrar que a alma está sobrecarregada, não por qualquer corpo, mas pelo corpo tal como se tornou por causa do pecado. E mesmo que a palavra não tivesse sido acrescentada, não conseguíamos entender mais nada. Mas quando Platão declara mais expressamente que os deuses que são feitos pelo Supremo têm corpos imortais, e quando ele apresenta seu próprio Criador, prometendo-lhes como um grande benefício que eles deveriam permanecer em seus corpos eternamente, e nunca por qualquer morte ser libertos de eles, por que esses nossos adversários, para perturbar a fé cristã, fingem ignorar o que sabem muito bem, e até preferem se contradizer a perder a oportunidade de nos contradizer? Aqui estão as palavras de Platão, como Cícero as traduziu,² nas quais ele apresenta o Supremo dirigindo-se aos deuses que Ele havia feito e dizendo: (seus corpos) são indestrutíveis enquanto eu quiser, embora tudo o que é composto possa ser

destruído. Mas é perverso dissolver o que a razão comprimiu. Mas, visto que você nasceu, você não pode realmente ser imortal e indestrutível; contudo, de modo algum sereis destruídos, nem nenhum destino vos condenará à morte, e provará ser superior à minha vontade, que é uma garantia mais forte de vossa perpetuidade do que aqueles corpos aos quais fostes unidos quando nascestes.” Platão, você vê, diz que os deuses são ambos mortais pela conexão do corpo e da alma, e ainda são tornados imortais pela vontade e decreto de seu Criador. Se, portanto, é um castigo para a alma estar ligada a qualquer corpo, por que Deus se dirige a eles como se tivessem medo da morte, isto é, da separação da alma e do corpo? Por que Ele procura tranquilizá-los prometendo-lhes a imortalidade, não em virtude de sua natureza, que é composta e não simples, mas em virtude de Sua vontade invencível, pela qual Ele pode fazer que nem as coisas nascidas morram, nem as coisas compostas sejam dissolvidas? mas preservado eternamente?

2. Se esta opinião de Platão sobre as estrelas é verdadeira ou não, é outra questão. Pois não podemos conceder-lhe imediatamente que esses corpos ou globos luminosos, que de dia e de noite brilham sobre a terra com a luz de sua substância corporal, tenham também almas intelectuais e abençoadas que animam cada um seu próprio corpo, como ele afirma confiantemente de o próprio universo, como se fosse um enorme animal, no qual todos os outros animais estivessem contidos. Mas isso, como eu disse, é outra questão, que não nos propusemos a discutir no momento. Isso só eu julguei certo apresentar, em oposição àqueles que tanto se orgulham de ser, ou de serem chamados de platônicos, que se envergonham de serem cristãos, e que não podem ser chamados por um nome que as pessoas comuns também carregam. , para que não vulgarizem o círculo dos filósofos, que se orgulha em proporção à sua exclusividade. Esses homens, procurando um ponto fraco na doutrina cristã, escolhem para atacar a eternidade do corpo, como se fosse uma contradição lutar pela bem-aventurança da alma e desejar que ela sempre resida no corpo, amarrada, por assim dizer, em uma cadeia lamentável; e isso, embora Platão, seu próprio fundador e mestre, afirme que foi concedido pelo

Supremo como um benefício aos deuses que Ele havia feito, que eles não deveriam morrer, isto é, não deveriam ser separados dos corpos com os quais Ele havia conectado eles.

CAPÍTULO. 17. CONTRA AQUELES QUE AFIRMAM QUE OS CORPOS TERRESTRE NÃO PODEM SE TORNAR INCORRUPTÍVEIS E ETERNOS

1. Esses mesmos filósofos afirmam ainda que os corpos terrestres não podem ser eternos, embora não duvidem de que toda a terra, que é ela mesma o membro central de seu deus, não, de fato, do maior, mas ainda de um grande deus, isto é, deste mundo inteiro – é eterno. Desde então, o Supremo fez para eles outro deus, isto é, este mundo, superior aos outros deuses abaixo dele; e uma vez que supõem que esse deus é um animal, tendo, como afirmam, uma alma racional ou intelectual encerrada na enorme massa de seu corpo, e tendo, como membros bem situados e ajustados de seu corpo, os quatro elementos, cujos união eles desejam ser indissolúvel e eterno, para que este grande deus deles não pereça algum dia; que razão há para que a terra, que é o membro central no corpo de uma criatura maior, seja eterna, e os corpos de outras criaturas terrestres não possam ser eternos se Deus assim o desejar? Mas a terra, dizem eles, deve retornar à terra, da qual foram retirados os corpos terrestres dos animais. Por isso, dizem eles, é a razão da necessidade de sua morte e dissolução, e esta é a maneira de sua restauração à terra sólida e eterna de onde vieram. Mas se alguém diz a mesma coisa do fogo, sustentando que os corpos que dele derivam para fazer seres celestes devem ser restaurados ao fogo universal, a imortalidade que Platão representa esses deuses como recebendo do Supremo não evanesce no calor desta disputa? Ou isso não acontece com esses celestiais porque Deus, cuja vontade, como diz Platão, supera todos os poderes, quis que não fosse assim? O que, então, impede Deus de ordenar o mesmo dos corpos terrestres? E como, de fato, Platão reconhece que Deus pode impedir que as coisas que nascem morram, e que as coisas que são unidas sejam separadas, e que as coisas que são compostas sejam dissolvidas, e pode ordenar

que as almas, uma vez atribuídas aos seus corpos, nunca abandoná-los, mas desfrutar junto com eles a imortalidade e a bem-aventurança eterna, por que Ele não pode também efetuar que os corpos terrestres não morram? Deus é impotente para fazer tudo o que é especial para o credo cristão, mas poderoso para efetuar tudo o que os platônicos desejam? Os filósofos, de fato, foram admitidos a um conhecimento dos propósitos e poder divinos que foi negado aos profetas! A verdade é que o Espírito de Deus ensinou a Seus profetas tanto de Sua vontade quanto julgou conveniente revelar, mas os filósofos, em seus esforços para descobri-la, foram enganados por conjecturas humanas.

2. Mas eles não deveriam ter se desviado tanto, não direi por sua ignorância, mas por sua obstinação, a ponto de se contradizerem com tanta frequência; pois eles sustentam, com toda a sua alardeada força, que, para a felicidade da alma, ela deve abandonar não apenas seu corpo terreno, mas todo tipo de corpo. E, no entanto, eles sustentam que os deuses, cujas almas são mais abençoadas, estão ligadas a corpos eternos, os celestiais a corpos de fogo, e a alma do próprio Júpiter (ou deste mundo, como eles querem que acreditemos) a todos os elementos físicos que compõem toda esta massa que vai da terra ao céu. Para esta alma Platão acredita ser estendida e difundida por números musicais, do meio do interior da terra, que os geômetras chamam de centro, para fora através de todas as suas partes até as alturas e extremidades dos céus; de modo que este mundo é um animal imortal muito grande e abençoado, cuja alma tem a perfeita bem-aventurança da sabedoria, e nunca deixa seu próprio corpo, e cujo corpo tem vida eterna da alma, e de modo algum a obstrui ou impede, embora não seja um corpo simples, mas compactado de tantos e tão grandes materiais. Já que, portanto, eles permitem tanto às suas próprias conjecturas, por que eles se recusam a acreditar que pela vontade e poder divinos a imortalidade pode ser conferida aos corpos terrestres, nos quais as almas não seriam oprimidas com o peso deles, nem separadas? deles por qualquer morte, mas viver eternamente e abençoadamente? Eles não afirmam que seus próprios deuses vivem em corpos de fogo, e que o próprio Júpiter, seu rei, vive nos elementos físicos? Se, para sua bem-aventurança, a alma deve

abandonar todo tipo de corpo, que seus deuses voem das esferas estreladas, e Júpiter da terra ao céu; ou, se não puderem fazê-lo, que sejam declarados miseráveis. Mas nenhuma das alternativas esses homens adotarão. Pois, por um lado, eles não ousam atribuir a seus próprios deuses uma saída do corpo, para que não pareçam adorar os mortais; por outro lado, eles não ousam negar sua felicidade, para que não reconheçam os miseráveis como deuses. Portanto, para obter a bem-aventurança, não precisamos abandonar todo tipo de corpo, mas apenas o corruptível, pesado, doloroso, moribundo – não os corpos que a bondade de Deus criou para o primeiro homem, mas apenas os que o pecado do homem acarreta.

CAPÍTULO. 18.-DOS CORPOS TERRESTRE, QUE OS FILÓSOFOS AFIRMAM NÃO PODEM ESTAR EM LUGARES CELESTIAIS, PORQUE O QUE É DA TERRA É POR SEU PESO NATURAL ATRAÍDO À TERRA

1. Mas é necessário, dizem eles, que o peso natural dos corpos terrestres os mantenha na terra ou os atraia para ela; e, portanto, eles não podem estar no céu. Nossos primeiros pais estavam realmente na terra, em um local bem arborizado e frutífero, que foi chamado de Paraíso. Mas que nossos adversários considerem com um pouco mais de cuidado este assunto de peso terreno, porque tem importantes implicações, tanto na ascensão do corpo de Cristo, quanto na ressurreição do corpo dos santos . Se a habilidade humana pode, por algum artifício, fabricar vasos que flutuam, de metais que afundam assim que são colocados na água, quão mais crível é que Deus, por algum modo oculto de operação, deve ainda mais certamente efetuar que essas massas terrenas sejam emancipadas da pressão descendente de seu peso? Isso não pode ser impossível para aquele Deus por cuja vontade onipotente, segundo Platão, nem as coisas nascidas perecem, nem as coisas compostas se dissolvem, especialmente porque é muito mais maravilhoso que as essências espirituais e corporais sejam unidas do que os corpos sejam ajustados a outras substâncias materiais. Não podemos também acreditar facilmente que as almas,

sendo feitas perfeitamente abençoadas, devem ser dotadas do poder de mover seus corpos terrestres, mas incorruptíveis, como quiserem, com movimento quase espontâneo, e colocá-los onde quiserem com a ação mais rápida? Se os anjos transportam quaisquer criaturas terrestres que quiserem de qualquer lugar que quiserem, e as transportam para onde quiserem, deve-se acreditar que eles não podem fazê-lo sem labuta e sentimento de fardo? Por que, então, não podemos acreditar que os espíritos dos santos, aperfeiçoados e abençoados pela graça divina, podem levar seus próprios corpos para onde quiserem e colocá-los onde quiserem? Pois, embora estejamos acostumados a notar, ao carregar pesos, que quanto maior a quantidade, maior é o peso dos corpos terrestres, e quanto maior o peso, mais pesado é, mas a alma carrega os membros de sua própria carne. com menos dificuldade quando são maciços com saúde, do que na doença quando são desperdiçados. E embora o homem forte e forte se sinta mais pesado para outros homens que o carregam do que o esguio e doentio, ainda assim o próprio homem se move e carrega seu próprio corpo com menos sensação de carga quando tem o maior volume de saúde vigorosa do que quando sua estrutura é reduzido ao mínimo pela fome ou pela doença. De tal consequência, ao estimar o peso dos corpos terrestres, mesmo quando ainda corruptíveis e mortais, é a consideração não do peso morto, mas do equilíbrio saudável das partes. E que palavras podem dizer a diferença entre o que hoje chamamos de saúde e imortalidade futura? Que os filósofos não pensem, então, em perturbar nossa fé com argumentos do peso dos corpos; pois não me importo em perguntar por que eles não podem acreditar que um corpo terreno possa estar no céu, enquanto toda a terra está suspensa sobre o nada. Pois talvez o mundo mantenha seu lugar central pela mesma lei que atrai para seu centro todos os corpos pesados. Mas digo isto, se os deuses menores, a quem Platão confiou a criação do homem e das outras criaturas terrestres, puderam, como ele afirma, retirar do fogo a qualidade de queimar, deixando-o de acender, então que deve brilhar através dos olhos; e se ao Deus supremo Platão também concede o poder de preservar da morte as coisas que nasceram, e de preservar da dissolução as coisas que são compostas de partes tão diferentes quanto o corpo e o espírito

– devemos hesitar em conceder a esse mesmo Deus? o poder de operar na carne daquele a quem Ele dotou de imortalidade, de modo a retirar sua corrupção, mas deixar sua natureza, remover seu peso pesado, mas manter sua forma e membros decentes? Mas a respeito de nossa crença na ressurreição dos mortos e a respeito de seus corpos imortais, falaremos mais amplamente, se Deus quiser, no final desta obra.

CAPÍTULO. 19.-CONTRA A OPINIÃO DOS QUE NÃO CRÊEM QUE OS HOMENS PRIMITIVOS TERIAM SIDO IMORTAL SE NÃO TIVESSEM PECADO

1. Prossigamos agora, como começamos, a dar algumas explicações sobre os corpos de nossos primeiros pais. Digo então que, exceto como a justa consequência do pecado, eles não teriam sido submetidos nem mesmo a esta morte, que é boa para o bem, - esta morte , que não é exclusivamente conhecida e acreditada por alguns, mas é conhecido por todos, pelo qual alma e corpo são separados, e pelo qual o corpo de um animal que estava apenas visivelmente vivo agora está visivelmente morto. Pois, embora não haja dúvida de que as almas dos justos e santos mortos vivem em paz, ainda assim seria muito melhor para eles estarem vivos em corpos saudáveis e bem condicionados, que mesmo aqueles que mantêm o princípio que é muito abençoado ser dispensado de todo tipo de corpo, condenam essa opinião a despeito de si mesmos. Pois ninguém se atreverá a colocar os sábios, quer ainda para morrer ou já mortos, - em outras palavras, se já deixaram o corpo, ou em breve, - acima dos deuses imortais, a quem o Supremo, em Platão, promete como dom generoso a vida indissolúvel, ou em união eterna com seus corpos. Mas esse mesmo Platão pensa que nada melhor pode acontecer aos homens do que passarem pela vida com piedade e justiça e, separados de seus corpos, serem recebidos no seio dos deuses, que nunca abandonam os seus; "que, alheios ao passado, possam visitar o ar superior e conceber o desejo de retornar novamente ao corpo." Virgílio é aplaudido por emprestar isso do sistema platônico. Seguramente, Platão pensa que as almas dos mortais não podem estar sempre em seus corpos, mas devem

necessariamente ser dispensadas pela morte; e, por outro lado, ele pensa que sem corpos eles não podem durar para sempre, mas com alternância incessante passam da vida para a morte e da morte para a vida. Esta diferença, no entanto, ele estabelece entre os sábios e os demais, que eles são levados após a morte para as estrelas, para que cada homem possa repousar por um tempo em uma estrela adequada para ele, e daí retornar aos trabalhos e misérias dos mortais. Quando ele se tornou alheio à sua miséria anterior e possuído pelo desejo de ser encarnado. Aqueles, novamente, que viveram tola e transmigram para corpos adequados para eles, sejam humanos ou bestiais. Assim, ele designou até mesmo as almas boas e sábias para um destino muito difícil, pois não recebem os corpos que poderiam habitar sempre e até imortalmente, mas apenas aqueles que não podem manter permanentemente nem desfrutar da pureza eterna. Desta noção de Platão, já dissemos em um livro anterior² que Porfírio se envergonhava à luz desses tempos cristãos, de modo que não apenas emancipou as almas humanas de um destino nos corpos dos animais, mas também lutou pela libertação das almas humanas. As almas dos sábios de todos os laços corporais, para que, escapando de toda carne, possam, como almas nuas e bem-aventuradas, habitar com o Pai tempo sem fim. E para que ele não pareça ser superado pela promessa de vida eterna de Cristo aos Seus santos, ele também estabeleceu almas purificadas em felicidade sem fim, sem retorno às suas antigas aflições; mas, para contradizer Cristo, ele nega a ressurreição de corpos incorruptíveis e sustenta que essas almas viverão eternamente, não apenas sem corpos terrenos, mas sem quaisquer corpos. E, no entanto, seja o que for que ele quis dizer com esse ensinamento, ele pelo menos não ensinou que essas almas não deveriam oferecer observância religiosa aos deuses que habitavam em corpos. E por que não, a não ser porque não acreditava que as almas, mesmo separadas do corpo, eram superiores a esses deuses? Portanto, se esses filósofos não ousam (como penso que não o farão) colocar as almas humanas acima dos deuses mais bem-aventurados e, no entanto, estão eternamente ligados a seus corpos, por que acham absurdo o que prega a fé cristã, ou seja, , que nossos primeiros pais foram criados de tal maneira que, se não tivessem pecado, não teriam

sido expulsos de seus corpos por nenhuma morte, mas teriam sido dotados de imortalidade como recompensa de sua obediência, e teriam vivido eternamente com seus corpos; e além disso, que os santos habitarão na ressurreição aqueles mesmos corpos em que trabalharam aqui, mas de tal forma que nenhuma corrupção ou dificuldade de manejar se apegue à sua carne, nem qualquer tristeza ou problema para nublar sua felicidade?

CAPÍTULO. 20.-QUE A CARNE AGORA DESCANSANDO EM PAZ SERÁ ELEVADA A UMA PERFEIÇÃO NÃO APRECIADA PELA CARNE DE NOSSOS PRIMEIROS PAIS

1. Assim, as almas dos santos falecidos não são afetadas pela morte que os despediu de seus corpos, porque sua carne descansa na esperança, não importa quais indignidades receba depois que a sensação se for. Pois eles não desejam que seus corpos sejam esquecidos, como Platão acha conveniente, mas sim porque eles se lembram do que foi prometido por Aquele que não engana a ninguém, e que lhes deu segurança para a guarda até dos cabelos de sua cabeça, eles com uma longa paciência esperam na esperança da ressurreição de seus corpos, na qual eles sofreram muitas dificuldades, e agora não devem sofrer novamente. Pois se eles não "odiaram sua própria carne", quando ela, com sua enfermidade nativa, se opôs à sua vontade e teve que ser constrangida pela lei espiritual, quanto mais eles a amarão, quando ela mesma se tornar espiritual ! Pois como, quando o espírito serve à carne, é apropriadamente chamado de carnal, assim, quando a carne serve ao espírito, com justiça será chamado de espiritual. Não que se converta em espírito, como alguns imaginam das palavras: "Semeado em corrupção, é ressuscitado em incorrupção", mas porque está sujeito ao espírito com uma prontidão perfeita e maravilhosa de obediência, e responde em todas as coisas para a vontade que entrou na imortalidade – toda relutância, toda corrupção e toda lentidão sendo removidas. Pois o corpo não apenas será melhor do que estava aqui em seu melhor estado de saúde, mas superará os corpos de nossos primeiros pais antes que eles pecassem.

Pois, embora eles não morressem a menos que pecassem, ainda assim eles usavam comida como os homens fazem agora, seus corpos ainda não sendo espirituais, mas apenas animais. E embora eles não decaíssem com os anos, nem se aproximassem da morte – uma condição assegurada a eles na maravilhosa graça de Deus pela árvore da vida, que cresceu junto com a árvore proibida no meio do Paraíso – ainda assim eles tomaram outro alimento, embora não daquela única árvore, que foi interdita não porque fosse ruim, mas para recomendar uma obediência pura e simples, que é a grande virtude da criatura racional colocada sob o Criador como seu Senhor. Pois, embora nenhuma coisa má fosse tocada, ainda assim, se uma coisa proibida fosse tocada, a própria desobediência era pecado. Alimentavam-se, então, de outros frutos, que tomavam para que seus corpos animais não sofressem o mal-estar da fome ou da sede; mas eles provaram a árvore da vida, para que a morte não os roubasse de qualquer lugar, e que eles não pudessem, gastos com a idade, decair. Outros frutos eram, por assim dizer, seu alimento, mas este seu sacramento. Para que a árvore da vida parecesse ter sido no Paraíso terrestre o que a sabedoria de Deus é no espiritual, do qual está escrito: "Ela é árvore da vida para os que dela se apegam".

CAPÍTULO. 21.-DO PARAÍSO, QUE PODE SER ENTENDIDO EM SENTIDO ESPIRITUAL SEM SACRIFICAR A VERDADE HISTÓRICA DA NARRATIVA SOBRE O LUGAR REAL

1. Por este motivo, alguns alegorizam tudo o que diz respeito ao próprio Paraíso, onde os primeiros homens, os pais da raça humana, são, de acordo com a verdade da Sagrada Escritura, registrados como tendo sido; e eles entendem todas as suas árvores e plantas frutíferas como virtudes e hábitos de vida, como se não existissem no mundo externo, mas fossem apenas assim mencionadas ou relatadas por causa de significados espirituais. Como se não pudesse existir um verdadeiro paraíso terrestre! Como se nunca existissem essas duas mulheres, Sara e Agar, nem os dois filhos que nasceram a Abraão, um da escrava, o outro da livre, porque o apóstolo diz que nelas as duas

alianças foram prefiguradas; ou como se a água nunca fluísse da rocha quando Moisés a golpeou, porque nela Cristo pode ser visto em uma figura, como o mesmo apóstolo diz: "Ora, aquela rocha era Cristo!" Ninguém, então, nega que o Paraíso pode significar a vida dos bem-aventurados; seus quatro rios, as quatro virtudes, prudência, fortaleza, temperança e justiça; suas árvores, todo conhecimento útil; seus frutos, os costumes dos piedosos; sua árvore da vida, a própria sabedoria, a mãe de todo bem; e a árvore do conhecimento do bem e do mal, a experiência de um mandamento quebrado. A punição que Deus designou era em si mesma uma coisa justa e, portanto, boa; mas a experiência do homem não é boa.

Essas coisas também podem ser entendidas com mais proveito da Igreja, para que se tornem prenúncios proféticos do que está por vir. Assim o Paraíso é a Igreja, como é chamada nos Cânticos; os quatro rios do Paraíso são os quatro evangelhos; as árvores frutíferas os santos, e os frutos suas obras; a árvore da vida é o santo dos santos, Cristo; a árvore do conhecimento do bem e do mal, o livre arbítrio da vontade. Pois se o homem despreza a vontade de Deus, ele só pode destruir a si mesmo; e assim ele aprende a diferença entre consagrar-se ao bem comum e deleitar-se com o seu. Pois aquele que ama a si mesmo está abandonado a si mesmo, para que, sobrecarregado de medos e tristezas, possa chorar, se ainda houver alma nele para sentir seus males, nas palavras do salmo: "Minha alma está abatida dentro de mim",⁴ e quando castigado, pode dizer: "Por causa de sua força eu esperarei em Ti". Essas e outras interpretações alegóricas semelhantes podem ser convenientemente colocadas no Paraíso sem ofender ninguém, enquanto ainda acreditamos na estrita verdade da história, confirmada por sua narrativa circunstancial de fatos.⁶

CAPÍTULO. 22.-QUE OS CORPOS DOS SANTOS, APÓS A RESSURREIÇÃO, SERÃO ESPIRITUAIS E, NO ENTANTO, A CARNE NÃO SERÁ TRANSFORMADA EM ESPÍRITO

1. Os corpos dos justos, então, como serão na ressurreição, não

precisarão de nenhum fruto para preservá-los de morrer de doença ou da decadência da velhice, nem de qualquer outro alimento físico para aliviar os desejos de fome ou de sua sede; pois eles serão investidos de uma imortalidade tão segura e inviolável de todas as maneiras, que não comerão senão quando escolherem, nem estarão sob a necessidade de comer, enquanto desfrutarem do poder de fazê-lo. Pois assim também foi com os anjos que se apresentaram aos olhos e ao toque dos homens, não porque não pudessem fazer outra coisa, mas porque eram capazes e desejosos de se adequar aos homens por uma espécie de ministério de masculinidade. Pois também não devemos supor, quando os homens os recebem como convidados, que os anjos comem apenas na aparência, embora para quem não os conhecesse como anjos, parecesse comer da mesma necessidade que nós. Então estas palavras ditas no Livro de Tobias: "Você me viu comer, mas você viu, mas em visão"; isto é, você pensou que eu comia como você faz para refrescar meu corpo. Mas se, no caso dos anjos, outra opinião parece mais capaz de defesa, certamente nossa fé não deixa dúvidas em relação ao próprio Senhor, que mesmo depois de Sua ressurreição, e quando agora em carne espiritual, mas real, Ele comeu e bebeu com Seus discípulos; pois não o poder, mas a necessidade de comer e beber é retirado desses corpos. E assim serão espirituais, não porque deixarão de ser corpos, mas porque subsistirão pelo espírito vivificador.

CAPÍTULO. 23.-O QUE DEVEMOS ENTENDER POR CORPO ANIMAL E ESPIRITUAL; OU DOS QUE MORREM EM ADÃO, E DOS QUE SÃO VIVOS EM CRISTO

1. Pois, como os nossos corpos, que têm alma vivente, embora ainda não tenham espírito vivificador, são chamados corpos informados pela alma, e não são almas, mas corpos, assim também esses corpos são chamados espirituais, mas Deus não permita devemos, portanto, supor que são espíritos e não corpos – que, sendo vivificados pelo Espírito, têm a substância, mas não a inabilidade e corrupção da carne. O homem, então, não será terreno, mas celestial, não porque o

corpo não seja aquele mesmo corpo que foi feito da terra, mas porque, por seu dom celestial, será um habitante adequado do céu, e isso não por perder sua natureza, mas alterando sua qualidade. O primeiro homem, da terra, foi feito uma alma vivente, não um espírito vivificador, - cuja posição foi reservada para ele como recompensa da obediência. E, portanto, seu corpo, que exigia comida e bebida para saciar a fome e a sede, e que não tinha imortalidade absoluta e indestrutível, mas por meio da árvore da vida evitou a necessidade de morrer, e assim se manteve na flor da juventude, – este corpo, eu digo, sem dúvida não era espiritual, mas animal; e, no entanto, não teria morrido se não provocasse a vingança ameaçada de Deus ao ofender. E embora o sustento não lhe fosse negado mesmo fora do Paraíso, ainda assim, sendo proibida a árvore da vida, ele foi entregue à perda de tempo, pelo menos em relação à vida que, se ele não tivesse pecado, ele poderia ter retido perpetuamente em Paraíso, embora apenas em um corpo animal, até o momento em que se tornou espiritual em reconhecimento de sua obediência.

Portanto, embora entendamos que esta morte manifesta, que consiste na separação da alma e do corpo, também foi significada por Deus quando disse: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás", não deve por isso parecer absurdo que eles não foram despedidos do corpo no mesmo dia em que eles tomaram o fruto proibido e mortífero. Pois certamente naquele mesmo dia sua natureza foi alterada para pior e viciada, e por seu banimento mais justo da árvore da vida eles foram envolvidos na necessidade até mesmo da morte corporal, em cuja necessidade nascemos. E, portanto, o apóstolo não diz: "O corpo, de fato, está condenado a morrer por causa do pecado", mas diz: "O corpo, de fato, está morto por causa do pecado". Em seguida, ele acrescenta: "Mas, se o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou a Cristo dentre os mortos também vivificará vossos corpos mortais pelo seu Espírito que habita em vós". corpo se torna um espírito vivificador que agora é uma alma vivente; e, no entanto, o apóstolo o chama de "morto", porque já está sob a necessidade de morrer. Mas no Paraíso foi feito uma alma vivente, embora não um espírito vivificador, que

não poderia ser propriamente chamado de morto, pois, salvo pela comissão do pecado, não poderia ficar sob o poder da morte. Agora, já que Deus pelas palavras, “Adão, onde estás?” apontou para a morte da alma, que resulta quando Ele a abandona, e uma vez que nas palavras: “Tu és terra, e para a terra voltarás”, Ele significava a morte do corpo, que resulta quando a alma se afasta dele. , somos levados, portanto, a acreditar que Ele não disse nada sobre a segunda morte, desejando que ela fosse mantida oculta e reservando-a para a dispensação do Novo Testamento, na qual é mais claramente revelada. E isso Ele fez para que, antes de tudo, fosse evidente que esta primeira morte, que é comum a todos, foi o resultado daquele pecado que em um homem se tornou comum a todos.⁵ Mas a segunda morte não é comum a todos, exceto aqueles que foram “chamados segundo o seu propósito. Para aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”. Aqueles que a graça de Deus, por um Mediador, libertou da segunda morte.

2. Assim, o apóstolo afirma que o primeiro homem foi feito em um corpo animal. Pois, querendo distinguir o corpo animal que agora é do espiritual, que deve ser na ressurreição, ele diz: “Semeado em corrupção, é ressuscitado em incorrupção: é semeado em desonra, é ressuscitado em glória. : é semeado em fraqueza, é ressuscitado em poder: é semeado um corpo natural, é ressuscitado um corpo espiritual.” Então, para provar isso, ele continua: “Existe um corpo natural e existe um corpo espiritual”. E para mostrar o que é o corpo animado, ele diz: “Assim foi escrito: O primeiro homem Adão foi feito alma vivente, o último Adão foi feito espírito vivificador”. Ele desejava assim mostrar o que é o corpo animado, embora as Escrituras não digam do primeiro homem Adão, quando sua alma foi criada pelo sopro de Deus, “O homem foi feito em um corpo animado”, mas “O homem foi feito uma vida alma.”³ Por estas palavras, portanto, “O primeiro homem foi feito alma vivente”, o apóstolo deseja que o corpo animado do homem seja entendido. Mas como ele deseja que o corpo espiritual seja entendido, ele mostra quando acrescenta: “Mas o último Adão foi feito um espírito vivificador”, referindo-se claramente

a Cristo, que ressuscitou dos mortos de modo que não pode mais morrer. Ele então continua dizendo: "Mas não foi primeiro o que é espiritual, mas o que é natural; e depois o que é espiritual". E aqui ele afirma muito mais claramente que se referiu ao corpo animal quando disse que o primeiro homem foi feito uma alma vivente, e ao espiritual quando disse que o último homem foi feito um espírito vivificador. O corpo animal é o primeiro, sendo tal como o primeiro Adão teve, e que não teria morrido se ele não tivesse pecado, sendo também tal como nós agora temos, sua natureza sendo mudada e viciada pelo pecado a ponto de nos colocar sob a necessidade da morte, e sendo tal que até mesmo Cristo condescendeu em primeiro lugar em assumir, não de fato por necessidade, mas por escolha; mas depois vem o corpo espiritual, que já é usado por antecipação por Cristo como nossa cabeça, e será usado por Seus membros na ressurreição dos mortos.

3. Então o apóstolo acrescenta uma diferença notável entre esses dois homens, dizendo: "O primeiro homem é da terra, terreno; o segundo homem é o Senhor do céu. Como é o terreno, tais também são os terrenos, e como é o celestial, tais também são os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do terreno, traremos também a imagem do celestial". Assim, ele diz em outro lugar: "Todos quantos foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo"; 5 mas de fato isso será realizado quando o que é animal em nós por nosso nascimento se tornar espiritual em nossa ressurreição. Pois, para usar suas palavras novamente, "Somos salvos pela esperança". Agora trazemos a imagem do homem terreno pela propagação do pecado e da morte, que nos passam por geração comum; mas trazemos a imagem do celestial pela graça do perdão e da vida eterna, que a regeneração nos confere por meio do Mediador de Deus e dos homens, o Homem Cristo Jesus. E Ele é o Homem celestial da passagem de Paulo, porque Ele veio do céu para ser revestido com um corpo de mortalidade terrena, para que pudesse revesti-lo com imortalidade celestial. E ele chama outros de celestiais, porque pela graça eles se tornam seus membros, para que, juntamente com eles, ele possa se tornar um Cristo, como cabeça e corpo. Na mesma epístola, ele coloca isso ainda mais claramente: "Visto que por um homem veio a morte, por um homem veio também

a ressurreição dos mortos. Pois, como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo"7 - isto é, dizer, em um corpo espiritual que será feito um espírito vivificador. Não que todos os que morrem em Adão sejam membros de Cristo – pois a grande maioria será punida com a morte eterna – mas ele usa a palavra “todos” em ambas as Cláusulas, porque, como ninguém morre em um corpo animal, exceto em Adão, de modo que ninguém é vivificado como corpo espiritual a não ser em Cristo. Não devemos, então, de modo algum supor que teremos na ressurreição um corpo como o que o primeiro homem tinha antes de pecar, nem que as palavras: "Assim como os terrenos, tais são também os terrenos" ser entendido daquilo que foi causado pelo pecado; pois não devemos pensar que Adão tinha um corpo espiritual antes de cair e que, em punição de seu pecado, foi transformado em um corpo animal. Se isso for pensado, pouca atenção foi dada às palavras de um mestre tão grande, que diz. "Há um corpo natural, há também um corpo espiritual; como está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente." Foi depois do pecado que ele foi feito assim? ou não foi esta a condição primordial do homem da qual o abençoado apóstolo seleciona seu testemunho para mostrar o que é o corpo animal?

CAPÍTULO. 24.-COMO DEVEMOS ENTENDER AQUELE RESPIRO DE DEUS PELO QUAL "O PRIMEIRO HOMEM FOI FEITO ALMA VIVENTE", E QUE TAMBÉM PELO QUE O SENHOR TRANSPORTOU SEU ESPÍRITO AOS SEUS DISCÍPULOS QUANDO DISSE: "RECEBEM O ESPÍRITO SANTO".

1. Alguns apressadamente supuseram pelas palavras: "Deus soprou nas narinas de Adão o fôlego da vida, e o homem se tornou alma vivente", que uma alma não foi dada primeiro ao homem, mas que a alma já dada foi vivificada pela Santo Fantasma. Eles são encorajados nessa suposição pelo fato de que o Senhor Jesus, após Sua ressurreição, soprou sobre Seus discípulos e disse: “Recebei o Espírito Santo”. evangelista continuou dizendo: E eles se tornaram almas

viventes. Mas se ele tivesse feito essa adição, deveríamos apenas entender que o Espírito é de alguma forma a vida das almas, e que sem Ele as almas racionais devem ser consideradas mortas, embora seus corpos pareçam viver diante de nossos olhos. Mas que não foi isso que aconteceu quando o homem foi criado, as próprias palavras da narrativa mostram suficientemente: "E Deus fez o homem pó da terra"; que alguns pensaram tornar mais claramente pelas palavras: "E Deus formou o homem do barro da terra." Pois já havia sido dito que "subiu uma névoa da terra e regou toda a face da terra", para que a referência ao barro, formado dessa umidade e poeira, pudesse ser entendida. Pois neste versículo segue-se imediatamente o anúncio: "E Deus criou o homem pó da terra"; então esses manuscritos gregos têm a partir do qual esta passagem foi traduzida para o latim. Mas se alguém prefere ler "criado" ou "formado", onde o grego lê ἔπλασεν, é de pouca importância; ainda "formado" é a melhor renderização. Mas os que preferiam "criados" pensavam assim evitar a ambiguidade decorrente do fato de que na língua latina o uso obtém que se diz que aqueles formam uma coisa que emolduram alguma coisa fingida e fictícia. Este homem, então, que foi criado do pó da terra, ou do pó ou barro umedecido, este "pó da terra" (para que eu possa usar as palavras expressas das Escrituras) foi feito, como o apóstolo ensina, um corpo animado quando recebeu uma alma. Este homem, diz ele, "foi feito alma vivente"; isto é, este pó moldado foi feito uma alma vivente.

2. Eles dizem: Ele já tinha uma alma, caso contrário não seria chamado de homem; pois o homem não é um corpo sozinho, nem uma alma sozinho, mas um ser composto de ambos. Isso, de fato, é verdade, que a alma não é o homem todo, mas a melhor parte do homem; o corpo não é o todo, mas a parte inferior do homem; e que então, quando ambos estão unidos, eles recebem o nome de homem – que, no entanto, eles não perdem separadamente, mesmo quando falamos deles isoladamente. Pois quem está proibido de dizer, no uso coloquial: "Esse homem está morto e agora está em repouso ou em tormento", embora isso possa ser falado apenas da alma; ou "Ele está enterrado em tal e tal lugar", embora isso se refira apenas ao corpo?

Eles dirão que as Escrituras não seguem tal uso? Pelo contrário, ela o adota tão completamente que, mesmo enquanto um homem está vivo, e corpo e alma estão unidos, chama cada um deles individualmente pelo nome de "homem", falando da alma como o "homem interior", e do corpo como o "homem exterior", como se houvesse dois homens, embora ambos juntos sejam de fato apenas um. I Mas devemos entender em que sentido se diz que o homem é à imagem de Deus, e ainda é pó, e ao pó retornará. O primeiro é falado da alma racional, que Deus por Sua respiração, ou, para falar mais apropriadamente, por Sua inspiração, transmitiu ao homem, isto é, ao seu corpo; mas este último se refere ao seu corpo, que Deus formou do pó, e ao qual uma alma foi dada, para que se tornasse um corpo vivo, isto é, para que o homem se tornasse uma alma vivente.

3. Portanto, quando nosso Senhor soprou sobre Seus discípulos e disse: "Recebei o Espírito Santo", Ele certamente desejou que fosse entendido que o Espírito Santo não era apenas o Espírito do Pai, mas do próprio Filho unigênito. . Pois o mesmo Espírito é, de fato, o Espírito do Pai e do Filho, fazendo com eles a trindade do Pai, Filho e Espírito, não uma criatura, mas o Criador. Pois nem aquele sopro material que procedeu da boca de Sua carne era a própria substância e natureza do Espírito Santo, mas sim a insinuação, como eu disse, de que o Espírito Santo era comum ao Pai e ao Filho; pois eles não têm cada um um Espírito separado, mas ambos um e o mesmo. Agora, esse Espírito é sempre mencionado nas Sagradas Escrituras pela palavra grega πνεῦμα, como o Senhor também O nomeou no lugar citado quando O deu a Seus discípulos e sugeriu o dom pelo sopro de Seus lábios; e não me ocorre nenhum lugar em todas as Escrituras onde Ele seja nomeado de outra forma. Mas nesta passagem onde é dito: "E o Senhor formou o homem pó da terra, e soprou, ou inspirou, em seu rosto o fôlego de vida"; o grego não tem πνεῦμα, a palavra usual para o Espírito Santo, mas πνοή, uma palavra mais freqüentemente usada para a criatura do que para o Criador; e por esta razão alguns intérpretes latinos preferiram traduzi-lo por "sopro" em vez de "espírito". Pois esta palavra ocorre também no grego em Isa. 7:16, onde Deus diz: "Eu fiz toda a respiração", significando, sem dúvida,

todas as almas. Consequentemente, esta palavra πνοή às vezes é traduzida como “respiração”, às vezes “espírito”, às vezes “inspiração”, às vezes “aspiração”, às vezes “alma”, mesmo quando é usada para Deus. Πνεῦμα, por outro lado, é uniformemente traduzido como “espírito”, seja do homem, de quem o apóstolo diz: “Pois quem conhece as coisas do homem, senão o espírito do homem que está nele?” ou da besta, como no livro de Salomão: "Quem conhece o espírito do homem que sobe e o espírito da besta que desce para a terra?" 2 ou daquele espírito físico que é chamado vento, pois assim o salmista o chama: "Fogo e granizo; neve e vapores; vento tempestuoso"; ou do Espírito Criador incriado, de quem o Senhor disse no evangelho: "Recebei o Espírito Santo", indicando o dom pelo sopro de Sua boca; e quando Ele diz: "Ide e batizai todas as nações em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo",⁴ palavras que muito expressa e excelentemente elogiam a Trindade; e onde se diz: "Deus é Espírito"; e em muitos outros lugares dos escritos sagrados. Em todas essas citações da Escritura não encontramos no grego a palavra πνοή usada, mas πνεῦμα, e no latim, não flatus, mas spiritus. Portanto, referindo-se novamente ao lugar onde está escrito: “Ele inspirou”, ou para falar mais corretamente, “soprou em seu rosto o fôlego da vida”, mesmo que o grego não tivesse usado πνοή (como tem), mas πνεῦμα, não se seguiria necessariamente que o Espírito Criador, que na Trindade é distintamente chamado de Espírito Santo, se referisse, uma vez que, como foi dito, é claro que πνεῦμα é usado não apenas para o Criador, mas também para a criatura.

4. Mas, dizem eles, quando a Escritura usa a palavra “espírito”, não teria acrescentado “da vida” a menos que significasse que entendêssemos o Espírito Santo; nem, quando disse: "O homem tornou-se alma", também teria inserido a palavra "vivo", a menos que fosse significada a vida da alma que lhe é concedida de cima pelo dom de Deus. Pois, visto que a alma por si mesma tem uma vida própria, que necessidade, perguntam, havia de acrescentar vida, senão apenas para mostrar que a vida que lhe é dada pelo Espírito Santo era significada? O que é isso senão lutar arduamente por suas próprias conjecturas, enquanto negligenciam descuidadamente o ensino das

Escrituras? Sem se incomodar muito, eles poderiam ter encontrado em uma página anterior deste mesmo livro de Gênesis as palavras: "Produza a terra alma vivente",⁷ quando todos os animais terrestres foram criados. Então, com um pequeno intervalo, mas ainda no mesmo livro, foi impossível para eles notarem este versículo: "Todos em cujas narinas estava o fôlego de vida, de tudo o que havia na terra seca, morreu", pelo qual foi significado que todos os animais que viviam na terra pereceram no dilúvio? Se, então, descobrirmos que a Escritura está acostumada a falar tanto da "alma vivente" quanto do "espírito da vida" mesmo em referência aos animais; e se neste lugar, onde se diz: "Todas as coisas que têm o espírito da vida", a palavra πνοη, não πνεῦμα, é usada; por que não podemos dizer: Que necessidade havia de acrescentar "viver", já que a alma não pode existir sem estar viva? ou, O que é preciso acrescentar "da vida" depois da palavra espírito? Mas entendemos que a Escritura usou essas expressões em seu estilo comum enquanto fala de animais, isto é, corpos animados, nos quais a alma serve como residência da sensação; mas quando se fala do homem, esquecemos o uso comum e estabelecido das Escrituras, pelo qual significa que o homem recebeu uma alma racional, que não foi produzida das águas e da terra como os outros seres vivos, mas foi criada pelo sopro de Deus. No entanto, esta criação foi ordenada para que a alma humana vivesse em um corpo animal, como aqueles outros animais dos quais a Escritura disse: "Que a terra produza toda alma vivente", e sobre os quais novamente diz que neles está o fôlego da vida. , onde a palavra πνοη e não πνεῦμα é usada no grego, e onde certamente não o Espírito Santo, mas seu espírito, é significado sob esse nome.

5. Mas, novamente, eles objetam que se entende que a respiração foi emitida pela boca de Deus; e se acreditamos que é a alma, devemos, conseqüentemente, reconhecer que ela é da mesma substância e igual àquela sabedoria que diz: "Eu saio da boca do Altíssimo". A sabedoria, de fato, não diz que foi soprada da boca de Deus, mas procedeu dela. Mas como somos capazes, quando respiramos, de fazer uma respiração, não de nossa própria natureza humana, mas do ar circundante, que inalamos e exalamos enquanto inspiramos e

respiramos novamente, assim Deus Todo-Poderoso foi capaz de fazer respiração , não de Sua própria natureza, nem da criatura abaixo Dele, mas mesmo de nada; e este sopro, quando Ele o comunicou ao corpo do homem, é mais apropriadamente dito que Ele respirou ou inspirou – o Imaterial respirando também imaterial, mas o Imutável não também o imutável; pois foi criado, Ele incriou. No entanto, que essas pessoas que estão dispostas a citar as Escrituras, e ainda não conhecem os usos de sua linguagem, podem saber que não apenas o que é igual e consubstancial a Deus é dito que sai de Sua boca, que eles ouçam ou leiam o que Deus diz. : "Então, porque você é morno, e nem frio nem quente, eu te vomitarei da minha boca."

6. Não há fundamento, então, para nossa objeção, quando o apóstolo tão expressamente distingue o corpo animal do espiritual – isto é, o corpo em que estamos agora daquele em que devemos estar. Ele diz: "Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Há corpo natural e há corpo espiritual. E assim está escrito: O primeiro homem Adão foi feito alma vivente; o último Adão foi feito espírito vivificador, mas não foi primeiro o espiritual, mas o natural, e depois o espiritual. O primeiro homem é da terra, terreno; o segundo homem é o Senhor do céu. Como é o terrenos, tais são também os terrenos; e qual é o celestial, tais também são os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do terreno, traremos também a imagem do celestial". De todas as palavras dele já falamos anteriormente. O corpo animal, portanto, no qual o apóstolo diz que o primeiro homem Adão foi feito, não foi feito para que não pudesse morrer, mas para que não morresse a menos que ele tivesse pecado. Aquele corpo, de fato, que será feito espiritual e imortal pelo Espírito vivificador não poderá morrer de forma alguma; como a alma foi criada imortal e, portanto, embora pelo pecado se possa dizer que morre, e perde uma certa vida própria, a saber, o Espírito de Deus, por quem foi capacitada a viver com sabedoria e bem-aventurança, ainda assim não deixa de viver um tipo de vida, embora miserável, porque é imortal por criação. Assim, também, os anjos rebeldes , embora ao pecar tenham morrido em certo sentido, porque abandonaram a Deus, a Fonte da vida, que enquanto bebiam podiam viver com sabedoria e bem, mas não podiam

morrer a ponto de cessam totalmente de viver e sentir, pois são imortais por criação. E assim, após o julgamento final, eles serão lançados na segunda morte, e nem mesmo ali serão privados da vida ou da sensação, mas sofrerão tormentos. Mas aqueles homens que foram abraçados pela graça de Deus, e se tornaram os concidadãos dos santos anjos que continuaram em bem-aventurança, nunca mais pecarão ou morrerão, sendo dotados de corpos espirituais; no entanto, sendo revestidos de imortalidade, como os anjos desfrutam, da qual eles não podem ser despojados nem mesmo pelo pecado, a natureza de sua carne continuará a mesma, mas toda corrupção e dificuldade carnal serão removidas.

7. Resta uma questão que deve ser discutida e, com a ajuda do Senhor Deus da verdade, resolvida: se a moção de concupiscência nos membros indisciplinados de nossos primeiros pais surgiu de seu pecado, e somente quando a graça divina os abandonou; e se foi nessa ocasião que seus olhos se abriram para ver, ou, mais exatamente, perceber sua nudez, e que cobriram sua vergonha porque o movimento desavergonhado de seus membros não estava sujeito à sua vontade, como, então, eles geraram filhos se tivessem permanecido sem pecado como foram criados? Mas como este livro deve ser concluído, e uma questão tão grande não pode ser sumariamente resolvida, podemos relegá-la ao livro seguinte, no qual será tratada mais convenientemente.

LIVRO XIV

ARGUMENTO

AGOSTINHO NOVAMENTE TRATA DO PECADO DO PRIMEIRO HOMEM, E ENSINA QUE É A CAUSA DA VIDA CARNAL E DAS AFEÇÕES VICIOSAS DO HOMEM. ESPECIALMENTE ELE PROVA QUE A VERGONHA QUE ACOMPANHA A LUXÚRIA É O JUSTO CASTIGO DESSA DESOBEDIÊNCIA, E PERGUNTA COMO O HOMEM, SE NÃO TIVESSE PECADO, PODERIA SEM LUXÚRIA PROPAGAR SUA ESPÉCIE.

CAPÍTULO. 1.-QUE A DESOBEDIÊNCIA DO PRIMEIRO HOMEM TERIA INSERIDO TODOS OS HOMENS NA INFINITA MISERIA DA SEGUNDA MORTE, NÃO TIVESSE A GRAÇA DE DEUS RESGATADO A MUITOS

1. Já afirmamos nos livros anteriores que Deus, desejando não apenas que a raça humana pudesse, por sua semelhança de natureza, associar-se uns aos outros, mas também que eles pudessem ser unidos em harmonia e paz pelos laços de relacionamento, teve o prazer de derivar todos os homens de um indivíduo, e criou o homem com tal natureza que os membros da raça não deveriam ter morrido, se os dois primeiros (dos quais um foi criado do nada, e o outro fora dele) mereceu isso por sua desobediência; pois por eles foi cometido um pecado tão grande, que por ele a natureza humana foi alterada para pior, e foi transmitida também à sua posteridade, sujeita ao pecado e sujeita à morte. E o reino da morte reinou tanto sobre os homens, que a merecida penalidade do pecado teria lançado todos de cabeça até a segunda morte, da qual não há fim, se a imerecida graça de Deus não tivesse salvado alguns dela. E assim aconteceu que, embora existam muitas e grandes nações em toda a terra, cujos ritos e costumes, fala, armas e vestimentas se distinguem por diferenças marcantes, ainda assim não há mais do que dois tipos de seres humanos. sociedade, que

podemos justamente chamar de duas cidades, de acordo com a linguagem de nossas Escrituras. Uma consiste daqueles que desejam viver segundo a carne, a outra daqueles que desejam viver segundo o espírito; e quando eles realizam o que desejam, eles vivem em paz, cada um segundo sua espécie.

CAPÍTULO. 2.-DA VIDA CARNAL, QUE DEVE SER ENTENDIDA NÃO APENAS DE VIVER NA INDULGÊNCIA CORPORAL, MAS TAMBÉM DE VIVER NOS VÍCIOS DO HOMEM INTERIOR

1. Primeiro, devemos ver o que é viver segundo a carne e o que é viver segundo o espírito. Pois quem não se lembra, ou não pesa suficientemente, a linguagem da Sagrada Escritura, pode, ao ouvir pela primeira vez o que dissemos, supor que os filósofos epicuristas vivem segundo a carne, porque colocam o maior bem do homem no prazer corporal. ; e que o fazem os outros que têm opinião de que de uma forma ou de outra o bem corpóreo é o bem supremo do homem; e que assim o faz a massa de homens que, sem dogmatizar ou filosofar sobre o assunto, são tão propensos à luxúria que não podem se deliciar com nenhum prazer, exceto o que recebem das sensações corporais: e ele pode supor que os estóicos, que colocam o bem supremo dos homens na alma, viva segundo o espírito; pois o que é a alma do homem, senão o espírito? Mas, no sentido da Escritura divina, ambos provam que vivem segundo a carne. Pois por carne significa não apenas o corpo de um animal terrestre e mortal, como quando diz: "Toda carne não é a mesma carne, mas há uma espécie de carne de homens, outra carne de animais, outra de peixes, outra de pássaros", mas usa essa palavra em muitos outros significados; e entre esses vários usos, um frequente é usar a carne para o próprio homem, a natureza do homem tomando a parte pelo todo, como nas palavras: "Pelas obras da lei nenhuma carne será justificada"; o que ele quer dizer aqui com "sem carne", mas "nenhum homem"? E isso, de fato, ele logo depois diz mais claramente: "Nenhum homem será justificado pela lei"; e na Epístola aos Gálatas, "Sabendo que o homem não é

justificado pelas obras da lei." E assim entendemos as palavras: "E o Verbo se fez carne"⁴ - isto é, homem, que alguns não aceitando em seu sentido correto, supuseram que Cristo não tinha uma alma humana. Pois como o todo é usado para a parte nas palavras de Maria Madalena no Evangelho: "Levaram meu Senhor, e não sei onde o puseram",⁶ com o que ela quis dizer apenas a carne de Cristo, que ela supôs que eu tinha sido tirado do túmulo onde foi enterrado, então a parte é usada para o todo, carne sendo nomeada, enquanto o homem é referido, como nas citações acima citadas.

2. Visto que, então, a Escritura usa a palavra carne de muitas maneiras, que não há tempo para coletar e investigar, se quisermos determinar o que é viver segundo a carne (o que certamente é mau, embora a natureza da carne seja não é má), devemos examinar cuidadosamente aquela passagem da epístola que o apóstolo Paulo escreveu aos Gálatas, na qual ele diz: "Ora, as obras da carne são manifestas, que são estas: adultério, fornicação, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, emulações, iras, contendas, sedições, heresias, invejas, homicídios, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes: das quais eu vos digo antes, como também vos disse no passado, que eles que fazem tais coisas não herdarão o reino de Deus". Toda esta passagem da epístola apostólica sendo considerada, na medida em que se refere ao assunto em questão, será suficiente para responder à pergunta: o que é viver segundo a carne. Pois entre as obras da carne, que ele disse serem manifestas, e que ele citou para condenação, encontramos não somente aquelas que dizem respeito ao prazer da carne, como prostituição, impureza, lascívia, embriaguez, orgias, mas também aquelas que, embora estão distantes do prazer carnal, revelam os vícios da alma. Pois quem não vê que idolatrias, feitiçarias, ódios, divergências, emulações, iras, contendas, heresias, invejas são vícios mais da alma do que da carne? Pois é bem possível que um homem se abstenha dos prazeres carnis por causa da idolatria ou de algum erro herético; e, no entanto, mesmo quando o faz, é provado por esta autoridade apostólica estar vivendo segundo a carne; e ao se abster dos prazeres carnis, prova-se que está praticando obras condenáveis da carne. Quem tem inimizade não a

tem em sua alma? ou quem diria ao seu inimigo, ou ao homem que ele considera seu inimigo: Você tem uma carne ruim para comigo, e não melhor: Você tem um espírito ruim para comigo? Enfim, se alguém ouvisse o que posso chamar de "carnalidades", não deixaria de atribuí-las à parte carnal do homem; então ninguém duvida que as "animosidades" pertencem à alma do homem. Por que, então, o doutor dos gentios em fé e verdade chama todas essas e outras coisas semelhantes de obras da carne, a menos que, por esse modo de falar pelo qual a parte é usada para o todo, ele quer que entendamos pela palavra carne o próprio homem?

CAPÍTULO. 3.-QUE O PECADO NÃO É CAUSADO PELA CARNE, MAS PELA ALMA, E QUE A CORRUPÇÃO CONTRAÍDA PELO PECADO NÃO É PECADO, MAS PUNIÇÃO DO PECADO

1. Mas se alguém disser que a carne é a causa de todos os vícios e más condutas, visto que a alma vive perversamente apenas porque é movida pela carne, é certo que não considerou cuidadosamente toda a natureza do homem. Pois “o corpo corruptível, de fato, pesa a alma”. De onde, também, o apóstolo, falando deste corpo corruptível, do qual ele havia dito pouco antes, “ainda que o nosso homem exterior pereça”,⁹ diz: “Sabemos que, se nossa casa terrena deste tabernáculo fosse dissolvida, temos um edifício de Deus, uma casa não feita por mãos, eterna nos céus, pois nisso gememos, desejando ardentemente sermos revestidos da nossa casa que é do céu; nós, que estamos neste tabernáculo, gememos, sobrecarregados: não para que sejamos despídos, mas revestidos, para que a mortalidade seja engolida em vida”. Somos então sobrecarregados com este corpo corruptível; mas sabendo que a causa desse peso não é a natureza e a substância do corpo, mas sua corrupção, não desejamos ser privados do corpo, mas ser revestidos de sua imortalidade. Pois então, também, haverá um corpo, mas não será mais um fardo, não sendo mais corruptível. Atualmente, então, “o corpo corruptível oprime a alma, e o tabernáculo terrestre oprime a mente que medita sobre muitas coisas”,

no entanto, estão errados os que supõem que todos os males da alma procedem do corpo.

2. Virgílio, de fato, parece expressar os sentimentos de Platão nas belas linhas, onde ele diz:

"Uma força ígnea inspira suas vidas,

Uma essência que do céu deriva,

Embora obstruído em parte por membros de barro

E a maçante 'vestimenta da decadência'; "

mas embora ele continue mencionando as quatro emoções mentais mais comuns – desejo, medo, alegria, tristeza – com a intenção de mostrar que o corpo é a origem de todos os pecados e vícios, dizendo:

–

"Daí desejos selvagens e medos rastejantes,

E risos humanos, lágrimas humanas,

Aprisionado em noites que parecem masmorras,

Eles olham para o exterior, mas não vêem luz",

no entanto, acreditamos muito de outra forma. Pois a corrupção do corpo, que sobrecarrega a alma, não é a causa, mas o castigo do primeiro pecado; e não foi a carne corruptível que tornou a alma pecadora, mas a alma pecadora que tornou a carne corruptível. E embora dessa corrupção da carne surjam certos incitamentos ao vício, e de fato desejos viciosos, ainda assim não devemos atribuir à carne todos os vícios de uma vida perversa, caso assim limpemos o diabo de tudo isso, pois ele tem nenhuma carne. Pois, embora não possamos chamar o diabo de fornicador ou bêbado, ou atribuir a ele qualquer indulgência sensual (embora ele seja o instigador e instigador secreto daqueles que pecam dessa maneira), ele é extremamente orgulhoso e invejoso. E essa maldade o possuiu de tal maneira, que por causa disso

ele está reservado em cadeias de escuridão para punição eterna. Agora, esses vícios, que têm domínio sobre o diabo, o apóstolo atribui à carne, o que certamente o diabo não tem. Pois ele diz que "ódio, emulações de discórdia, contenda, inveja" são obras da carne; e de todos esses males o orgulho é a origem e a cabeça, e reina no diabo embora ele não tenha carne. Pois quem mostra mais ódio aos santos? quem está mais em desacordo com eles? quem mais invejoso, amargo e ciumento? E visto que ele exhibe todas essas obras, embora não tenha carne, como são obras da carne, a não ser porque são obras do homem, que é, como eu disse, mencionado sob o nome de carne? Pois não é por ter carne, que o diabo não tem, mas por viver segundo ele mesmo, isto é, segundo o homem, que o homem se tornou semelhante ao diabo. Pois o diabo também desejou viver de acordo com ele mesmo quando não permaneceu na verdade; de modo que quando ele mentiu, isso não foi de Deus, mas de si mesmo, que não é apenas um mentiroso, mas o pai da mentira, sendo ele o primeiro que mentiu e o originador da mentira como do pecado.

CAPÍTULO. 4.-O QUE É VIVER SEGUNDO O HOMEM, E O QUE VIVER SEGUNDO DEUS

1. Quando, portanto, o homem vive de acordo com o homem, não de acordo com Deus, ele é como o diabo. Porque nem mesmo um anjo pode viver de acordo com um anjo, mas apenas de acordo com Deus, se ele permanecer na verdade e falar a verdade de Deus e não a sua própria mentira. E do homem, também, o mesmo apóstolo diz em outro lugar: "Se a verdade de Deus abundou mais pela minha mentira" – "minha mentira", ele disse, e "a verdade de Deus". Quando, então, um homem vive de acordo com a verdade, ele não vive de acordo com ele mesmo, mas de acordo com Deus; pois Ele era Deus que disse: "Eu sou a verdade".⁵ Quando, portanto, o homem vive de acordo com ele mesmo, isto é, de acordo com o homem, não de acordo com Deus, certamente ele vive de acordo com a mentira; não que o próprio homem seja uma mentira, pois Deus é seu autor e criador, que certamente não é o autor e criador de uma mentira, mas porque o

homem foi feito reto, para que não vivesse segundo si mesmo, mas segundo Aquele que fez ele – em outras palavras, para que ele pudesse fazer a Sua vontade e não a sua; e não viver como ele foi feito para viver, isso é uma mentira. Pois ele certamente deseja ser abençoado mesmo não vivendo para que seja abençoado. E o que é uma mentira se esse desejo não for? Portanto, não é sem sentido dizer que todo pecado é uma mentira. Pois nenhum pecado é cometido a não ser por aquele desejo ou vontade pela qual desejamos que esteja bem conosco e evitamos que esteja doente conosco. Isso, portanto, é uma mentira que fazemos para que esteja tudo bem conosco, mas que nos torna mais miseráveis do que éramos. E por que isso, senão porque a fonte da felicidade do homem está somente em Deus, a quem ele abandona quando peca, e não em si mesmo, vivendo segundo quem peca?

2. Ao enunciar esta nossa proposição, então, que porque alguns vivem segundo a carne e outros segundo o espírito, surgiram duas cidades diversas e conflitantes, poderíamos igualmente dizer: "porque alguns vivem segundo o homem, outros segundo Deus." Pois Paulo diz muito claramente aos coríntios: "Pois, havendo entre vós inveja e contenda, não sois carnis e andais segundo os homens?" De modo que andar segundo o homem e ser carnal são a mesma coisa; pois por carne, isto é, por uma parte do homem, o homem é entendido. Pois antes ele disse que aquelas mesmas pessoas eram animais que depois ele chama de carnis, dizendo: "Pois quem conhece as coisas do homem, senão o espírito do homem que está nele? Assim também as coisas de Deus ninguém conhece, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não recebemos o espírito deste mundo, mas o Espírito que é de Deus, para que pudéssemos conhecer as coisas que nos são dadas gratuitamente por Deus, as quais também falamos, não com palavras que a sabedoria do homem ensina, mas o que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais. Mas o homem animal não percebe as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura." É para homens desta espécie, então, isto é, para homens animais, ele logo depois diz: "E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis". pelo mesmo uso, uma parte sendo tomada pelo todo. Pois tanto a alma quanto a carne, as partes componentes do homem,

podem ser usadas para significar o homem inteiro; e assim o homem animal e o homem carnal não são duas coisas diferentes, mas uma e a mesma coisa, isto é, o homem vivendo segundo o homem. Da mesma forma, nada mais é do que homens que são entendidos nas palavras: "Pelas obras da lei nenhuma carne será justificada"; ou nas palavras: "Setenta e cinco almas desceram ao Egito com Jacó". Em uma passagem, "sem carne" significa "nenhum homem"; e no outro, por "setenta e cinco almas" se entendem setenta e cinco homens. E a expressão "não em palavras que a sabedoria humana ensina" pode ser igualmente "não em palavras que a sabedoria carnal ensina"; e a expressão, "você anda segundo o homem", pode ser "segundo a carne". E isso é ainda mais evidente nas palavras que se seguiram: "Pois enquanto um diz: Eu sou de Paulo, e outro, eu sou de Apolo, vocês não são homens?" A mesma coisa que ele havia expressado antes por "sois animais", "sois carnis", ele agora expressa por "sois homens"; isto é, vocês vivem de acordo com o homem, não de acordo com Deus, pois se vocês vivessem de acordo com Ele, vocês deveriam ser deuses.

CAPÍTULO. 5.-QUE A OPINIÃO DOS PLATONISTAS SOBRE A NATUREZA DO CORPO E DA ALMA NÃO É TÃO CENSURÁVEL QUANTO A DOS MANIQUEUS, MAS QUE ATÉ ELA É CENSURÁVEL, POIS ATRIBUI A ORIGEM DOS VÍCIOS À NATUREZA DA CARNE

1. Não há necessidade, portanto, que em nossos pecados e vícios acusemos a natureza da carne em prejuízo do Criador, pois em sua própria espécie e grau a carne é boa; mas abandonar o bom Criador e viver segundo o bem criado não é bom, quer o homem escolha viver segundo a carne, ou segundo a alma, ou segundo toda a natureza humana, que é composta de carne e alma, e da qual se fala, portanto, ou pelo nome somente carne, ou somente pelo nome alma. Pois aquele que exalta a natureza da alma como o bem principal e condena a natureza da carne como se fosse má, certamente é carnal tanto em seu amor à alma quanto em ódio à carne; pois estes seus sentimentos surgem da fantasia humana, não da verdade divina. Os platônicos, de

fato, não são tão tolos a ponto de, com os maniqueus, detestar nossos corpos atuais como uma natureza maligna; pois eles atribuem todos os elementos de que este mundo visível e tangível está compactado, com todas as suas qualidades, a Deus seu Criador. No entanto, dos membros infectados pela morte e da construção terrena do corpo eles acreditam que a alma é tão afetada, que assim se originam nela as doenças dos desejos, medos, alegria e tristeza, sob as quais quatro perturbações, como Cícero os chama, ou paixões, como a maioria prefere nomeá-los com os gregos, está incluída toda a perversidade da vida humana. Mas se é assim, como é que Enéias em Virgílio, quando ele ouviu de seu pai no Hades que as almas deveriam retornar aos corpos, expressa surpresa com esta declaração e exclama:

"Ó pai! e pode o pensamento conceber

Que almas felizes deste reino deixariam,

E buscar o céu superior,

Com barro preguiçoso para reunir?

Este desejo terrível para a luz,

De onde vem, digamos, e por quê?"

Esse desejo terrível, então, ainda existe mesmo naquela pureza ostentada dos espíritos desencarnados, e ainda procede dos membros infectados pela morte e membros terrenos? Ele não afirma isso; quando eles começam a desejar retornar ao corpo, eles já foram libertos de todas essas chamadas pestilências do corpo? Do que concluímos que, se essa purificação e contaminação infinitamente alternadas de almas que partem e retornam tão verdadeiras quanto certamente falsas, não se pode afirmar que todos os movimentos culpáveis e viciosos da alma se originam no corpo terreno; pois, por sua própria demonstração, "este desejo terrível", para usar as palavras de seu nobre expoente, é tão estranho ao corpo, que move a alma que está purificada de toda mácula corporal e existe à parte de qualquer corpo. , e o move, além disso, para ser encarnado novamente. De

modo que até eles mesmos reconhecem que a alma não é apenas movida ao desejo, medo, alegria, tristeza, pela carne, mas que também pode ser agitada com essas emoções em sua própria instância.

CAPÍTULO. 6.-DO CARÁTER DA VONTADE HUMANA QUE FAZ AS AFEIÇÕES DA ALMA CERTAS OU ERRADAS

1. Mas o caráter da vontade humana é importante; porque, se estiver errado, esses movimentos da alma serão errados, mas se estiver certo, eles não serão apenas irrepreensíveis, mas até louváveis. Pois a vontade está em todos eles; sim, nenhum deles é outra coisa senão vontade. Pois o que são desejo e alegria senão uma volição de consentimento para as coisas que desejamos? E o que são o medo e a tristeza senão uma volição de aversão às coisas que não desejamos? Mas quando o consentimento toma a forma de buscar possuir as coisas que desejamos, isso se chama desejo; e quando o consentimento toma a forma de desfrutar das coisas que desejamos, isso se chama alegria. Da mesma forma, quando nos voltamos com aversão ao que não desejamos que aconteça, essa volição é chamada de medo; e quando nos afastamos do que aconteceu contra nossa vontade, esse ato de vontade é chamado de tristeza. E geralmente em relação a tudo o que buscamos ou evitamos, como a vontade de um homem é atraída ou repelida, ela é mudada e transformada nessas diferentes afeições. Portanto, o homem que vive de acordo com Deus, e não de acordo com o homem, deve ser um amante do bem e, portanto, um aborrecedor do mal. E como ninguém é mau por natureza, mas quem é mau é mau por vício, aquele que vive segundo Deus deve acalentar para com os maus um ódio perfeito, para que não odeie o homem por causa do seu vício, nem ame o vício por causa do homem, mas odeie o vício e ame o homem. Para o vício sendo amaldiçoado, tudo o que deve ser amado, e nada que deve ser odiado, permanecerá.

CAPÍTULO. 7.- QUE AS PALAVRAS AMOR E RESPEITO (AMOR E DILECTIO) SÃO NA ESCRITURAS UTILIZADAS

INDIFERENTEMENTE DO BEM E DO MAL AFETO

1. Aquele que decide amar a Deus e amar o próximo como a si mesmo, não segundo o homem, mas segundo Deus, é por causa desse amor dito ser de boa vontade; e isso nas Escrituras é mais comumente chamado de caridade, mas também é, mesmo nos mesmos livros, chamado de amor. Pois o apóstolo diz que o homem a ser eleito governante do povo deve ser um amante do bem. E quando o próprio Senhor perguntou a Pedro: "Tu tens consideração por mim (diligis) mais do que estes?" Pedro respondeu: "Senhor, Tu sabes que eu te amo (amo)." E novamente, pela segunda vez, o Senhor não perguntou se Pedro O amava (amaret), mas se ele tinha consideração (diligeret) por Ele, e ele novamente respondeu: "Senhor, Tu sabes que eu Te amo (amo)". Mas na terceira interrogação o próprio Senhor já não diz: "Tu tens consideração (diligis) por mim", mas "Tu me amas (amas)?" E então o evangelista acrescenta: "Pedro se entristeceu porque lhe disse pela terceira vez: Amas-me (amas)?" embora o Senhor não tivesse dito três vezes, mas apenas uma vez: "Você me ama (amas)?" e duas vezes "Diligis me?" do que deduzimos que, mesmo quando o Senhor disse "diligis", Ele usou um equivalente para "amas". Pedro também usou uma palavra para a mesma coisa, e pela terceira vez também respondeu: "Senhor, Tu sabes todas as coisas, Tu sabes que eu te amo (amo)".

2. Julguei correto mencionar isso, porque alguns são de opinião que caridade ou consideração (dilectio) é uma coisa, amor (amor) outra. Dizem que dilectio é usado para uma boa afeição, amor para um amor mau. Mas é muito certo que mesmo a literatura secular não conhece tal distinção. No entanto, cabe aos filósofos determinar se e como eles diferem, embora seus próprios escritos atestem suficientemente que eles dão grande conta do amor (amor) colocado em objetos bons, e até mesmo no próprio Deus. Mas desejamos mostrar que as Escrituras de nossa religião, cuja autoridade preferimos a todos os escritos, não fazem distinção entre amor, dilectio e caritas; e já mostramos que o amor é usado em boa conexão. E se alguém imagina que o amor é, sem dúvida, usado tanto para os bons quanto para os maus amores, mas

que a dilectio é reservada apenas para o bem, lembre-se do que diz o salmo: "Aquele que ama (diligite) a iniquidade odeia sua própria alma"; e as palavras do apóstolo João: "Se alguém ama (diligere) o mundo, o amor (dilectio) do Pai não está nele". Aqui você tem em uma passagem dilectio usada tanto no bom quanto no mau sentido. E se alguém exigir um exemplo de amor sendo usado em mau sentido (pois já mostramos seu uso em bom sentido), leia as palavras: "Porque os homens serão amantes (amantes) de si mesmos, amantes (amatores) de dinheiro."

A vontade certa é, portanto, amor bem dirigido, e a vontade errada é amor mal dirigido. O amor, então, desejando ter o que é amado, é desejo; e tê-la e desfrutá-la é alegria; fugir do que lhe é oposto, é o medo; e sentir o que lhe é oposto, quando lhe acontece, é tristeza. Agora esses movimentos são maus se o amor é mau; bom se o amor for bom. O que afirmamos, vamos provar pelas Escrituras. O apóstolo "deseja partir e estar com Cristo". E, "Minha alma desejava ansiar por Teus julgamentos"² ou, se for mais apropriado dizer: "Minha alma ansiava por Teus julgamentos". E, "O desejo de sabedoria traz a um reino." No entanto, sempre se obteve o uso de entender o desejo e a concupiscência em mau sentido se o objeto não for definido. Mas a alegria é usada em um bom sentido: "Alegrai-vos no Senhor e regozijai-vos, ó justos".⁴ E: "Tu puseste alegria no meu coração". E: "Tu me encherás de alegria com o Teu semblante."⁶ O medo é usado em bom sentido pelo apóstolo quando ele diz: "Desenvolva a sua salvação com temor e tremor". E: "Não sejam arrogantes, mas temam."⁸ E, "Temo, que de modo algum, como a serpente enganou Eva com sua sutileza, assim suas mentes sejam corrompidas da simplicidade que há em Cristo". Mas com respeito à tristeza, que Cícero prefere chamar de doença (œgritudo), e dor de Virgílio (dolor) (como ele diz, "Dolent gaudentque"), mas que eu prefiro chamar de tristeza, porque a doença e a dor são mais comumente usadas para expressar sofrimento corporal — com respeito a essa emoção, digo, a questão de saber se pode ser usada no bom sentido é mais difícil.

CAPÍTULO. 8.-DAS TRÊS PERTURBAÇÕES, QUE OS

ESTÓICOS ADMITIRAM NA ALMA DO SÁBIO À EXCLUSÃO DE PESO OU TRISTEZA, QUE A MENTE VIRIL NÃO DEVE EXPERIMENTAR

1. Aquelas emoções que os gregos chamam de εὐπαθείαι, e que Cícero chama de constantiœ, os estóicos restringiriam a três; e, em vez de três "perturbações" na alma do sábio, eles substituíram separadamente, no lugar do desejo, a vontade; no lugar da alegria, contentamento; e por medo, cautela; e quanto à doença ou dor, que nós, para evitar ambiguidade, preferimos chamar de tristeza, eles negavam que pudesse existir na mente de um homem sábio. A vontade, dizem eles, busca o bem, pois é isso que o sábio faz. O contentamento tem seu objetivo no bem que é possuído, e isso o sábio possui continuamente. A cautela evita o mal, e isso o sábio deve evitar. Mas a tristeza surge do mal que já aconteceu; e como eles supõem que nenhum mal pode acontecer ao homem sábio, não pode haver representação de tristeza em sua mente. De acordo com eles, portanto, ninguém, exceto o homem sábio, quer, está contente, usa cautela; e que o tolo não pode fazer mais do que desejar, alegrar-se, temer, ficar triste. As três primeiras afecções Cícero chama de constantiœ, as últimas quatro perturbações. Muitos, no entanto, chamam essas últimas paixões; e, como eu disse, os gregos chamam o primeiro εὐπαθείαι, e o último πάθη. E quando fiz um exame cuidadoso das Escrituras para descobrir se esta terminologia foi sancionada por ela, me deparei com esta palavra do profeta: "Não há contentamento para o ímpio, diz o Senhor"; como se os ímpios pudessem se alegrar mais adequadamente do que se contentar com os males, pois o contentamento é a propriedade dos bons e piedosos. Encontrei também aquele versículo no Evangelho: "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lhes também vós"¹², o que parece implicar que coisas más ou vergonhosas podem ser objeto de desejo, mas não de vontade. De fato, alguns intérpretes acrescentaram "coisas boas", para tornar a expressão mais em conformidade com o uso costumeiro, e deram este significado: "Todas as boas obras que quereis que os homens vos façam". Pois eles pensavam que isso impediria qualquer um de desejar que outros homens lhe proporcionassem gratificações indecorosas,

para não dizer vergonhosas, banquetes luxuosos, por exemplo, supondo que, se ele devolvesse a eles, estaria cumprindo esse preceito. . No Evangelho Grego, no entanto, do qual o latim é traduzido, “bom” não ocorre, mas apenas “Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lhes também vós”, e, como acredito , porque "bom" já está incluído na palavra "seria"; pois Ele não diz “desejo”.

2. No entanto, embora às vezes possamos nos valer dessas propriedades precisas da linguagem, nem sempre devemos ser refreados por elas; e quando lemos aqueles escritores contra cuja autoridade é ilegal reivindicar, devemos aceitar os significados acima mencionados em passagens onde um sentido correto não pode ser induzido por nenhuma outra interpretação, como naqueles casos que aduzimos parcialmente do profeta, parcialmente do Evangelho. Pois quem não sabe que os ímpios exultam de alegria? No entanto, "não há contentamento para os ímpios, diz o Senhor". E como assim, a não ser porque contentamento, quando a palavra é usada em seu significado próprio e distinto, significa algo diferente de alegria? Da mesma maneira, quem negaria que é errado ordenar aos homens que tudo o que eles desejam que os outros façam a eles eles mesmos façam aos outros, para que não se agradem mutuamente por prazeres vergonhosos e ilícitos? E, no entanto, o preceito: "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lhes também vós", é muito saudável e justo. E como é isso, a não ser porque a vontade é neste lugar usada estritamente, e significa aquela vontade que não pode ter o mal por seu objeto? Mas a fraseologia comum não teria permitido o ditado: "Não queira mentir de forma alguma", se não houvesse também uma má vontade, cuja maldade se separa daquela que os anjos celebraram: "Paz na terra, de boa vontade para homens."2 Pois “bom” é supérfluo se não houver outro tipo de vontade senão a boa vontade. E por que o apóstolo deveria ter mencionado isso entre os louvores da caridade como uma grande coisa, que “não se regozija com a iniquidade”, a menos que a maldade se regozije? Pois mesmo com escritores seculares essas palavras são usadas com indiferença. Pois Cícero, o mais fértil dos oradores, diz: "Desejo, padres recrutas, ser misericordiosos". E quem seria tão pedante a ponto de dizer que

deveria ter dito "eu vou" em vez de "eu desejo", porque a palavra é usada em uma boa conexão? Mais uma vez, em Terêncio, o jovem devasso, ardendo de luxúria selvagem, diz: "Não quero outra coisa senão Filumena". muito melhor seria tentar banir esse amor de seu coração, do que falar inutilmente para inflamar ainda mais sua paixão!" E esse contentamento foi usado por escritores seculares em um mau sentido que o verso de Virgílio testemunha, no qual ele compreende mais sucintamente essas quatro perturbações, –

"Por isso eles temem e desejam, sofrem e estão contentes."

O mesmo autor também havia usado a expressão "os contentamentos malignos da mente". 3. Para que os homens bons e maus o façam, sejam cautelosos e contentes; ou, para dizer a mesma coisa em outras palavras, homens bons e maus desejam, temem, regozijam-se, mas os primeiros de maneira boa, os segundos de maneira ruim, conforme a vontade é certa ou errada. Também a própria dor, que os estóicos não permitiriam amarrar representada na mente do sábio, é usada em bom sentido, e especialmente em nossos escritos. Pois o apóstolo elogia os coríntios porque eles tiveram uma tristeza segundo Deus. Mas possivelmente alguém pode dizer que o apóstolo os parabenizou porque estavam arrependidos, e que tal tristeza só pode existir naqueles que pecaram. Pois estas são suas palavras: "Pois vejo que a mesma epístola vos contristou, ainda que por um tempo. Agora me alegro, não porque fostes contristados, mas porque vos entristeci para arrependimento, porque fostes contristados. segundo Deus, para que em nada recebais de nós dano; porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, da qual não se arrepende, mas a tristeza do mundo opera a morte. tipo, que cuidado isso forjou em você!" Conseqüentemente, os estóicos podem se defender respondendo,⁸ que a tristeza é realmente útil para o arrependimento do pecado, mas que isso não pode ter lugar na mente do homem sábio, visto que nenhum pecado se prende a ele do qual ele possa se arrepender com tristeza, nem qualquer outro mal cuja resistência ou experiência pudesse deixá-lo triste. Pois dizem que Alcibíades (se minha memória não me engana), que se julgava feliz, derramou

lágrimas quando Sócrates discutiu com ele, e demonstrou que era infeliz porque era tolo. No caso dele, portanto, a loucura foi a causa dessa tristeza útil e desejável, com a qual um homem lamenta ser o que não deveria ser. Mas os estóicos não sustentam que o tolo, mas que o sábio, não pode ser triste.

CAPÍTULO. 9.-DAS PERTURBAÇÕES DA ALMA QUE APARECEM COMO AFEIÇÕES CORRETAS NA VIDA DOS JUSTOS

1. Mas no que diz respeito a esta questão das perturbações mentais, respondemos a esses filósofos no nono livro desta obra, mostrando que é mais uma disputa verbal do que real, e que eles buscam a contenção em vez da verdade. A entre nós, de acordo com as Sagradas Escrituras e a sã doutrina, os cidadãos da cidade santa de Deus, que vivem segundo Deus na peregrinação desta vida, tanto temem como desejam, e se afligem e se regozijam. E porque o amor deles está bem colocado, todas essas afeições deles estão certas. Eles temem o castigo eterno, desejam a vida eterna; afligem-se porque gemem em si mesmos, esperando a adoção, a redenção do seu corpo;¹⁰ alegram-se na esperança, porque "se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória". Da mesma maneira, eles temem pecar, desejam perseverar; afligem-se no pecado, regozijam-se nas boas obras. Eles temem pecar, porque ouvem que "por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará".² Eles desejam perseverar, porque ouvem que está escrito: "Aquele que perseverar até o fim será salvo". Eles se afligem pelo pecado, ouvindo que "se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós".⁴ Eles se regozijam nas boas obras, porque ouvem que "o Senhor ama quem dá com alegria". Da mesma forma, conforme são fortes ou fracos, eles temem ou desejam ser tentados, entristecerem-se ou regozijarem-se na tentação. Eles temem ser tentados, porque ouvem a injunção: "Se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de mansidão; e guarda-te para que não sejas também tentado". ser tentados, porque eles ouvem um dos

heróis da cidade de Deus dizendo: "Examina-me, ó Senhor, e tenta-me: prova minhas rédeas e meu coração". Afligem-se nas tentações, porque vêem a Pedro chorar; 8 regozijam-se nas tentações, porque ouvem Tiago dizer: Irmãos meus, tenham grande gozo quando cairdes em várias tentações.

2. E não só por si mesmos eles experimentam essas emoções, mas também por causa daqueles cuja libertação eles desejam e cuja perdição eles temem, e cuja perda ou salvação os afeta com tristeza ou alegria. Pois se nós, que entramos na Igreja dentre os gentios, podemos exemplificar adequadamente aquele nobre e poderoso herói que se gloria em suas enfermidades, o mestre (doutor) das nações na fé e na verdade, que também trabalhou mais do que todos os seus companheiros. apóstolos, e instruiu as tribos do povo de Deus por suas epístolas, que edificaram não apenas os de seu próprio tempo, mas todos aqueles que deveriam ser reunidos - aquele herói, eu digo, e atleta de Cristo, instruído por Ele, ungido do Seu Espírito, crucificado com Ele, glorioso nEle, mantendo legalmente um grande conflito no teatro deste mundo, e sendo feito um espetáculo para anjos e homens, e avançando pelo prêmio de seu alto chamado, 11 - com muita alegria nós, com os olhos da fé, o contemplamos regozijando-se com os que se alegram e chorando com os que choram; embora prejudicado por lutas externas e medos internos;13 desejando partir e estar com Cristo; desejando ver os romanos, para que tenha algum fruto entre eles como entre os outros gentios; tendo grande tristeza e contínua tristeza de coração pelos israelitas, 17 porque eles, ignorando a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se submeteram à justiça de Deus; e expressando não apenas sua tristeza, mas amarga lamentação por alguns que pecaram formalmente e não se arrependeram de sua impureza e fornicação.19

3. Se essas emoções e afeições, que nascem do amor ao bem e de uma santa caridade, devem ser chamadas de vícios, deixemos que essas emoções que são verdadeiramente vícios passem pelo nome de virtudes. Mas uma vez que esses afetos, quando exercidos de maneira decente, seguem a orientação da reta razão, quem ousará dizer que são

doenças ou paixões viciosas? Portanto, mesmo o próprio Senhor, quando condescendeu em levar uma vida humana na forma de escravo, não cometeu nenhum pecado, e ainda assim exerceu essas emoções onde julgou que deveriam ser exercidas. Pois como havia nele um verdadeiro corpo humano e uma verdadeira alma humana, também havia uma verdadeira emoção humana. Quando, portanto, lemos no Evangelho que a dureza de coração dos judeus O levou a uma dolorosa indignação, que Ele disse: "Alegra-me por amor de vós, para que creiais",²¹ que quando estava prestes a ressuscitar Lázaro Ele até mesmo derramou lágrimas, desejando sinceramente comer a páscoa com seus discípulos,²³ que, quando sua paixão se aproximava de sua alma, era dolorosa, essas emoções certamente não são falsamente atribuídas a ele. Mas como Ele se tornou homem quando Lhe agradou, assim, na graça de Seu propósito definido, quando Lhe agradou, Ele experimentou essas emoções em Sua alma humana.

4. Mas devemos ainda admitir que, mesmo quando essas afeições são bem reguladas e de acordo com a vontade de Deus, elas são peculiares a esta vida, não àquela vida futura que esperamos, e que muitas vezes cedemos a elas contra nossa vontade. vai. E assim às vezes choramos a despeito de nós mesmos, sendo levados além de nós mesmos, não de fato por desejo culpável, mas por caridade louvável. Em nós, portanto, essas afeições surgem da enfermidade humana; mas não foi assim com o Senhor Jesus, pois até mesmo Sua enfermidade era consequência de Seu poder. Mas enquanto usarmos a enfermidade desta vida, seremos homens piores do que melhores se não tivermos nenhuma dessas emoções. Pois o apóstolo vituperou e abominou alguns que, como ele disse, eram "sem afeição natural". O salmista sagrado também criticou aqueles de quem ele disse: "Procurei alguns para lamentar comigo, e não houve nenhum." um dos literatos deste mundo percebeu e observou, ao preço de sensibilidades embotadas tanto da mente quanto do corpo. E, portanto, o que os gregos chamam de ἀπαθεια, e o que os latinos chamariam, se sua língua lhes permitisse, "impassibilitas", se fosse entendido como uma impassibilidade do espírito e não do corpo, ou, em outras palavras, uma liberdade daquelas emoções que são contrárias à razão e perturbam a mente,

então é obviamente uma qualidade boa e mais desejável, mas não é uma qualidade alcançável nesta vida. Pois as palavras do apóstolo são a confissão, não do rebanho comum, mas dos homens eminentemente piedosos, justos e santos: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós." Quando não houver pecado em um homem, então haverá este ἀπάθεια. No momento, basta viver sem crime; e aquele que pensa que vive sem pecado não deixa de lado o pecado, mas o perdão. E se isso deve ser chamado de apatia, onde a mente não é objeto de emoção, então quem não consideraria essa insensibilidade pior do que todos os vícios? Pode-se, de fato, ser razoavelmente sustentado que a perfeita bem-aventurança que esperamos esteja livre de todo aguilhão de medo ou tristeza; mas quem não está totalmente perdido na verdade diria que nem o amor nem a alegria serão experimentados lá? Mas se por apatia se entende uma condição na qual nenhum medo aterroriza nem qualquer dor incomoda, devemos nesta vida renunciar a tal estado se quisermos viver de acordo com a vontade de Deus, mas podemos esperar desfrutá-lo naquela bem-aventurança que é prometida como nossa condição eterna.

5. Por aquele medo de que o apóstolo João diz: "Não há temor no amor, mas o perfeito amor lança fora o medo, porque o medo atormenta. Aquele que teme não é aperfeiçoado no amor" - esse medo não é do mesmo tipo que o apóstolo Paulo sentiu para que os coríntios não fossem seduzidos pela sutileza da serpente; pois o amor é suscetível a esse medo, sim, somente o amor é capaz disso. Mas o temor que não está no amor é daquele tipo de que o próprio Paulo diz: "Porque ainda não recebestes o espírito de escravidão para temer". existir no mundo vindouro (e de que outra forma se pode dizer que dura para sempre?), não é um medo que nos dissuade do mal que pode acontecer, mas nos preserva no bem que não pode ser perdido. Pois onde o amor ao bem adquirido é imutável, certamente o medo que evita o mal está, se assim posso dizer, livre de ansiedade. Pois sob o nome de "medo puro", Davi significa aquela vontade pela qual devemos necessariamente recuar do pecado e protegê-lo, não com a ansiedade da fraqueza, que teme que possamos pecar fortemente, mas

com a tranquilidade do amor perfeito. . Ou se nenhum tipo de medo existir naquela segurança mais imperturbável de deleites perpétuos e bem-aventurados, então a expressão: "O temor do Senhor é limpo, duradouro para sempre", deve ser tomado no mesmo sentido que aquele outro, "A paciência dos pobres não perecerá para sempre" 8 Pois a paciência, que é necessária apenas onde os males devem ser suportados, não será eterna, mas aquela a que a paciência nos leva será eterna. Então, talvez se diga que esse "medo puro" dura para sempre, porque aquilo a que o medo leva durará.

6. E como é assim, já que devemos viver uma vida boa para alcançar uma vida abençoada, uma vida boa tem todos esses afetos certos, uma vida ruim os tem errado. Mas na vida abençoada eterna haverá amor e alegria, não apenas corretos, mas também seguros; mas medo e tristeza não haverá. De onde já aparece de alguma forma que tipo de pessoas devem ser os cidadãos da cidade de Deus nesta sua peregrinação, que vivem segundo o espírito, não segundo a carne, isto é, segundo Deus, não segundo o homem. , – e que tipo de pessoas eles serão também naquela imortalidade para onde estão viajando. E a cidade ou sociedade dos ímpios, que não vivem de acordo com Deus, mas de acordo com o homem, e que aceitam as doutrinas de homens ou demônios na adoração de um falso e desprezo pela verdadeira divindade, é abalada com essas emoções perversas como por doenças e distúrbios. E se há alguns de seus cidadãos que parecem conter e, por assim dizer, moderar essas paixões, eles estão tão exaltados com orgulho ímpio, que sua doença é tanto maior quanto sua dor é menor. E se alguns, com uma vaidade monstruosa em proporção à sua raridade, se enamoraram de si mesmos porque não podem ser estimulados e excitados por nenhuma emoção, movidos ou dobrados por nenhuma afeição, tais pessoas perdem toda a humanidade do que obtêm a verdadeira tranquilidade. Pois uma coisa não é necessariamente certa porque é inflexível, nem saudável porque é insensível.

CAPÍTULO. 10.-SE É PARA ACREDITAR QUE NOSSOS

PRIMEIROS PAIS NO PARAÍSO, ANTES DE PECAREM, ESTAVAM LIVRES DE TODA PERTURBAÇÃO

1. Mas é uma questão justa, se nossos primeiros pais ou primeiros pais (pois houve um casamento de dois), antes de pecarem, experimentaram em seu corpo animal emoções que não experimentaremos no corpo espiritual quando o pecado foi purgado e finalmente abolido. Pois se o fizeram, então como eles foram abençoados naquele lugar de felicidade, o Paraíso? Pois quem é afetado pelo medo ou pela dor pode ser chamado absolutamente abençoado? E o que essas pessoas poderiam temer ou sofrer em tal abundância de bênçãos, onde nem a morte nem a doença eram temidas, e onde nada faltava que uma boa vontade pudesse desejar, e nada presente que pudesse interromper o gozo mental ou corporal do homem? Seu amor a Deus era sem nuvens, e sua afeição mútua era a de um casamento fiel e sincero; e desse amor brotou um maravilhoso deleite, porque sempre desfrutaram do que amavam. Sua evitação do pecado foi tranquila; e, enquanto fosse mantido, nenhum outro mal poderia invadi-los e trazer tristeza. Ou talvez desejassem tocar e comer o fruto proibido, mas temiam morrer; e assim tanto o medo quanto o desejo já, mesmo naquele lugar bem-aventurado, predaram os primeiros da humanidade? Fora com o pensamento de que tal poderia ser o caso onde não havia pecado! E, de fato, já é pecado desejar as coisas que a lei de Deus proíbe e abster-se delas por medo do castigo, não por amor à justiça. Fora, eu digo, com o pensamento de que antes que houvesse qualquer pecado, já deveria ter sido cometido com relação a esse fruto o mesmo pecado que nosso Senhor nos adverte contra uma mulher: "Todo aquele que olhar para uma mulher para cobiçá-la, cometeu adultério com ela já em seu coração." Tão felizes, então, como foram esses nossos primeiros pais, que não estavam agitados por nenhuma perturbação mental, e incomodados por nenhum desconforto corporal, tão felizes toda a raça humana deveria ter sido, se eles não tivessem introduzido o mal que eles transmitiram a seus filhos. posteridade, e nenhum de seus descendentes cometeu iniquidade digna de condenação; mas esta bem-aventurança original continuando até que, em virtude daquela benção que disse: "Aumente

e multiplique",² o número dos santos predestinados deveria ter sido completado, então teria sido concedida aquela felicidade superior que é desfrutada pelos anjos mais abençoados,—uma bem-aventurança na qual deveria haver uma certeza segura de que ninguém pecaria e ninguém morreria; e assim os santos deveriam ter vivido, sem experimentar trabalho, dor ou morte, como agora eles viverão na ressurreição, depois de terem suportado todas essas coisas.

CAPÍTULO. 11.-DA QUEDA DO PRIMEIRO HOMEM, EM QUEM A NATUREZA FOI CRIADA BOA, E SÓ PODE SER RESTAURADA POR SEU AUTOR

1. Mas porque Deus previu todas as coisas e, portanto, não ignorava que o homem também cairia, devemos considerar esta cidade santa em conexão com o que Deus previu e ordenou, e não de acordo com nossas próprias idéias, que não abraçam a ordenação de Deus. . Pois o homem, por seu pecado, não poderia perturbar o conselho divino, nem obrigar Deus a mudar o que Ele havia decretado; pois a presciência de Deus havia antecipado ambos, isto é, quão mau o homem que Ele havia criado bom deveria se tornar, e que bem Ele mesmo deveria derivar dele. Pois embora se diga que Deus muda suas determinações (de modo que em um sentido tropical a Sagrada Escritura diz até que Deus se arrependeu), isso é dito com referência à expectativa do homem, ou a ordem das causas naturais, e não com referência ao que o Todo-Poderoso sabia de antemão que Ele faria. Assim, Deus, como está escrito, fez o homem reto,⁴ e conseqüentemente com boa vontade. Pois se ele não tivesse boa vontade, não poderia ter sido reto. A boa vontade, então, é obra de Deus; pois Deus o criou com ela. Mas a primeira vontade má, que precedeu todos os atos malignos do homem, foi mais uma espécie de afastamento da obra de Deus para suas próprias obras do que qualquer obra positiva. E, portanto, os atos resultantes foram maus, não tendo Deus, mas a própria vontade para seu fim; de modo que a vontade ou o próprio homem, na medida em que sua vontade é má, era como se fosse a árvore má dando frutos maus. Além disso, a má vontade, embora não esteja em harmonia com

a natureza, mas oposta à natureza, enquanto vício ou mácula, é verdade para ela como para todos os vícios, que ela não pode existir senão em uma natureza, e somente em uma natureza criada do nada, e não naquilo que o Criador gerou de Si mesmo, como Ele gerou a Palavra, por quem todas as coisas foram feitas. Pois, embora Deus tenha formado o homem do pó da terra, a própria terra e todo material terrestre são absolutamente criados do nada; e a alma do homem, também, Deus criou do nada, e uniu-se ao corpo, quando Ele fez o homem. Mas os males são tão completamente vencidos pelo bem que, embora lhes seja permitido existir, para demonstrar como a mais justa previsão de Deus pode fazer bom uso mesmo deles, ainda assim o bem pode existir sem o mal, como no verdadeiro e o próprio Deus supremo, e como em toda criatura celestial invisível e visível que existe acima desta atmosfera turva; mas o mal não pode existir sem o bem, porque as naturezas nas quais o mal existe, na medida em que são naturezas, são boas. E o mal é removido, não removendo qualquer natureza, ou parte de uma natureza, que tenha sido introduzida pelo mal, mas curando e corrigindo o que havia sido corrompido e depravado. A vontade, portanto, é verdadeiramente livre, quando não é escrava dos vícios e pecados. Assim nos foi dado por Deus; e esta sendo perdida por sua própria culpa, só pode ser restaurada por Aquele que primeiro foi capaz de dá-la. E, portanto, a verdade diz: "Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres"; o que equivale a dizer: Se o Filho vos salvar, verdadeiramente sereis salvos. Pois Ele é nosso Libertador, na medida em que Ele é nosso Salvador.

2. O homem então viveu com Deus para seu governo em um paraíso ao mesmo tempo físico e espiritual. Pois também não era um paraíso apenas físico para o proveito do corpo, e não também espiritual para o proveito da mente; nem era apenas espiritual proporcionar prazer ao homem por suas sensações internas, e não também físico proporcionar-lhe prazer por meio de seus sentidos externos. Mas obviamente era tanto para os dois lados. Mas depois daquele anjo orgulhoso e, portanto, invejoso (de cuja queda falei tanto quanto pude nos livros XI e XII desta obra, bem como a de seus companheiros, que, de anjos de Deus, tornaram-se seus anjos) , preferindo governar com

uma espécie de pompa de império a ser súdito de outrem, caiu do Paraíso espiritual e tentou insinuar sua astúcia persuasiva na mente do homem, cuja condição não caída o provocava a invejar agora que ele próprio estava caído, escolheu a serpente como porta-voz naquele Paraíso corpóreo em que ela e todos os outros animais terrestres viviam com aqueles dois seres humanos, o homem e sua esposa, sujeitos a eles e inofensivos; e ele escolheu a serpente porque, sendo escorregadia e movendo-se em tortuosos enrolamentos, era adequada ao seu propósito. E este animal sendo subjugado aos seus fins perversos pela presença e força superior de sua natureza angelical, ele abusou como seu instrumento, e primeiro tentou seu engano sobre a mulher, atacando a parte mais fraca daquela aliança humana, para que ele pudesse gradualmente ganhar o todo, e não supondo que o homem prontamente lhe dê ouvidos ou seja enganado, mas que ele possa ceder ao erro da mulher. Pois, como Arão não foi induzido a concordar com o povo quando eles desejavam cegamente que ele fizesse um ídolo, e ainda assim cedeu à restrição; e como não é crível que Salomão fosse tão cego a ponto de supor que os ídolos deveriam ser adorados, mas foi atraído para tal sacrilégio pelas lisonjas das mulheres; então não podemos acreditar que Adão foi enganado, e supôs que a palavra do diabo era verdade, e, portanto, transgrediu a lei de Deus, mas que ele por sorteios de parentes cedeu à mulher, o marido à esposa, o único ser humano ao único outro ser humano. Pois não sem significado o apóstolo disse: "E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão"; mas ele fala assim, porque a mulher aceitou como verdade o que a serpente lhe disse, mas o homem não suportou ser separado de sua única companheira, mesmo que isso envolvesse uma parceria no pecado. Ele não foi por isso menos culpado, mas pecou com os olhos abertos. E assim o apóstolo não diz: "Ele não pecou", mas "Ele não foi enganado". Pois ele mostra que pecou quando diz: "Por um homem o pecado entrou no mundo",³ e imediatamente depois mais distintamente: "À semelhança da transgressão de Adão". Mas ele quis dizer que são enganados aqueles que não julgam o que fazem como pecado; mas ele sabia. Caso contrário, como era verdade "Adão não foi enganado?" Mas, não tendo ainda experiência da severidade divina, ele possivelmente foi

enganado na medida em que considerou seu pecado venial. E, conseqüentemente, ele não foi enganado como a mulher foi enganada, mas ele foi enganado quanto ao julgamento que seria proferido em seu pedido de desculpas: "A mulher que você me deu para estar comigo, ela me deu, e eu comi". Que necessidade de dizer mais? Embora ambos não tenham sido enganados pela credulidade, ainda assim ambos foram enredados nas armadilhas do diabo e levados pelo pecado.

CAPÍTULO. 12.-DA NATUREZA DO PRIMEIRO PECADO DO HOMEM

1. Se alguém tiver dificuldade em compreender por que outros pecados não alteram a natureza humana como foi alterada pela transgressão desses primeiros seres humanos, de modo que por causa disso esta natureza está sujeita à grande corrupção que sentimos e vemos, e para a morte, e está distraído e sacudido por tantas emoções furiosas e conflitantes, e certamente é muito diferente do que era antes do pecado, mesmo que então estivesse alojado em um corpo animal - se, digo eu, alguém é movido por isso, ele não deve pensar que esse pecado foi pequeno e leve porque foi cometido sobre comida, e que não é ruim nem nocivo, exceto porque foi proibido; pois naquele local de felicidade singular Deus não poderia ter criado e plantado qualquer coisa má. Mas pelo preceito que Ele deu, Deus recomendou a obediência, que é, de certa forma, a mãe e guardiã de todas as virtudes da criatura racional, que foi criada para que a submissão lhe seja vantajosa, enquanto o cumprimento de sua própria vontade em preferência ao Criador é a destruição. E como este mandamento que prescreve a abstinência de um tipo de alimento em meio à grande abundância de outros tipos era tão fácil de guardar – um fardo tão leve para a memória – e, acima de tudo, não encontrou resistência à sua observância na luxúria, que só depois surgiu como consequência penal do pecado, a iniquidade de violá-lo foi tanto maior quanto maior for a facilidade com que poderia ter sido mantido.

CAPÍTULO. 13.-QUE NO PECADO DE ADÃO UM MAL PRECEDERÁ O ATO MAL

1. Nossos primeiros pais caíram em desobediência aberta porque já estavam secretamente corrompidos; pois o ato maligno nunca havia sido feito se uma má vontade não o tivesse precedido. E qual é a origem da nossa má vontade senão o orgulho? Pois "o orgulho é o princípio do pecado". E o que é o orgulho senão o desejo de exaltação indevida? E isso é exaltação indevida, quando a alma abandona Aquele a quem deveria se apegar como seu fim, e se torna uma espécie de fim para si mesma. Isso acontece quando se torna sua própria satisfação. E o faz quando se afasta daquele bem imutável que deveria satisfazê-lo mais do que a si mesmo. Essa queda é espontânea; pois se a vontade tivesse permanecido firme no amor daquele bem maior e imutável pelo qual foi iluminada à inteligência e inflamada no amor, ela não teria se desviado para encontrar satisfação em si mesma, tornando-se frígida e obscura; a mulher não teria acreditado que a serpente falou a verdade, nem o homem teria preferido o pedido de sua esposa ao comando de Deus, nem teria suposto que era uma transgressão venial se apegar ao parceiro de sua vida mesmo em uma parceria do pecado. O ato perverso, então, isto é, a transgressão de comer o fruto proibido, foi cometido por pessoas que já eram perversas. Esse "mau fruto"² só poderia ser produzido por "uma árvore corrupta". Mas que a árvore fosse má não era resultado da natureza; pois certamente só poderia tornar-se assim pelo vício da vontade, e o vício é contrário à natureza. Ora, a natureza não poderia ter sido depravada pelo vício se não tivesse sido feita do nada. Conseqüentemente, que é uma natureza, é porque é feito por Deus; mas que se afasta dEle, é porque é feito do nada. Mas o homem não caiu a ponto de se tornar absolutamente nada; mas, voltando-se para si mesmo, seu ser tornou-se mais contraído do que quando se apegou Àquele que é supremamente. Assim, existir em si mesmo, isto é, ser sua própria satisfação depois de abandonar Deus, não é exatamente tornar-se uma nulidade, mas aproximar-se disso. E, portanto, as Sagradas Escrituras designam os

orgulhosos por outro nome, "prazeres". Pois é bom ter o coração elevado, mas não para si mesmo, porque isso é soberba, mas para o Senhor, porque isso é obediente, e só pode ser ato dos humildes. Há, portanto, algo na humildade que, estranhamente, exalta o coração, e algo no orgulho que o rebaixa. Isso parece, de fato, ser contraditório, que a altivez deva rebaixar e a humildade exaltar. Mas a humildade piedosa nos permite submeter-nos ao que está acima de nós; e nada é mais exaltado acima de nós do que Deus; e, portanto, a humildade, tornando-nos sujeitos a Deus, nos exalta. Mas o orgulho, sendo um defeito da natureza, pelo próprio ato de recusar a sujeição e revoltar-se contra Aquele que é supremo, cai a uma condição inferior; e então acontece o que está escrito: "Tu os derrubaste quando eles se levantaram". mas "quando eles se levantaram", mesmo assim eles foram derrubados - isto é, o próprio levantamento já era uma queda. E é por isso que a humildade é especialmente recomendada à cidade de Deus enquanto peregrina neste mundo, e é especialmente exibida na cidade de Deus e na pessoa de Cristo, seu Rei; enquanto o vício contrário do orgulho, de acordo com o testemunho dos escritos sagrados, governa especialmente seu adversário, o diabo. E certamente esta é a grande diferença que distingue as duas cidades de que falamos, uma sendo a sociedade dos homens piedosos, a outra dos ímpios, cada uma associada aos anjos que aderem ao seu partido, e a outra guiada e formada por amor a si mesmo, o outro por amor a Deus.

2. O diabo, então, não teria enlaçado o homem no pecado aberto e manifesto de fazer o que Deus havia proibido, se o homem já não tivesse começado a viver para si mesmo. Foi isso que o fez ouvir com prazer as palavras: "Sereis como deuses", que eles teriam realizado muito mais prontamente aderindo obedientemente ao seu fim supremo e verdadeiro do que vivendo orgulhosamente para si mesmos. Pois os deuses criados são deuses não em virtude do que existe em si mesmos, mas por uma participação do verdadeiro Deus. Ao desejar ser mais, o homem torna-se menos; e por aspirar a ser auto-suficiente, ele se afastou dAquele que verdadeiramente lhe basta. Assim, este desejo perverso que leva o homem a agradar a si mesmo

como se ele próprio fosse luz, e que assim o afasta daquela luz pela qual, se a tivesse seguido, ele próprio teria se tornado luz – é desejo perverso, digo. , já existia secretamente nele, e o pecado aberto era apenas sua consequência. Pois é verdade o que está escrito: "O orgulho vem antes da destruição, e antes da honra vem a humildade";² isto é, a ruína secreta precede a ruína aberta, enquanto a primeira não é considerada ruína. Pois quem conta a exaltação como ruína, embora tão logo o Altíssimo seja abandonado, uma queda já tenha começado? Mas quem não reconhece como ruína, quando ocorre uma transgressão evidente e indubitável do mandamento? E, conseqüentemente, a proibição de Deus se referia a um ato que, quando cometido, não poderia ser defendido sob qualquer pretensão de fazer o que era justo. E atrevo-me a dizer que é útil para os orgulhosos cair em uma transgressão aberta e indiscutível, e assim desagradar a si mesmos, como já, agradando a si mesmos, caíram. Pois Pedro estava em uma condição mais saudável quando chorou e ficou insatisfeito consigo mesmo, do que quando ousadamente presumiu e se satisfez. E isso é afirmado pelo salmista sagrado quando ele diz: "Encha seus rostos de vergonha, para que busquem o teu nome, ó Senhor";⁴ isto é, que aqueles que se agradaram em buscar sua própria glória possam ser satisfeitos e satisfeitos Contigo em buscar Tua glória.

CAPÍTULO. 14.-DO ORGULHO DO PECADO, QUE FOI PIOR DO QUE O PECADO EM SI

1. Mas é um orgulho pior e mais condenável que procura o abrigo de uma desculpa mesmo em pecados manifestos, como esses nossos primeiros pais fizeram, de quem a mulher disse: "A serpente me enganou, e eu comi"; e o homem disse: "A mulher que me deste para estar comigo, ela me deu da árvore, e eu comi". Aqui não há nenhuma palavra de pedido de perdão, nenhuma palavra de súplica por cura. Pois embora eles não neguem, como Caim, que tenham perpetrado o ato, ainda assim seu orgulho procura atribuir sua maldade a outro – o orgulho da mulher à serpente, o do homem à mulher. Mas onde há

uma clara transgressão de um mandamento divino, isso é mais para acusar do que para se desculpar. Pois o fato de que a mulher pecou por persuasão da serpente, e o homem por oferta da mulher, não diminuiu a transgressão, como se houvesse alguém em quem devêssemos antes acreditar ou ceder a Deus.

CAPÍTULO. 15.-DA JUSTIÇA DA PUNIÇÃO COM A QUAL NOSSOS PRIMEIROS PAIS FORAM VISITADOS POR SUA DESOBEDIÊNCIA

1. Portanto, porque o pecado foi o desprezo da autoridade de Deus, que criou o homem; que o fez à Sua própria imagem; que o colocou acima dos outros animais; que o colocou no Paraíso; que o havia enriquecido com abundância de todo tipo e segurança; que não lhe dera muitos, nem grandes, nem difíceis mandamentos, mas, para facilitar-lhe uma obediência salutar, dera-lhe um único preceito muito breve e muito leve pelo qual lembrou aquela criatura cujo serviço deveria ser livre que Ele era o Senhor - foi apenas que a condenação se seguiu, e condenação tal que o homem, que guardando os mandamentos deveria ter sido espiritual mesmo em sua carne, tornou-se carnal em seu espírito; e como em seu orgulho ele havia buscado sua própria satisfação, Deus em Sua justiça o abandonou a si mesmo, não para viver na independência absoluta que ele fingia, mas em vez da liberdade que ele desejava, para viver insatisfeito consigo mesmo em uma dura e miserável escravidão daquele a quem, pecando, ele se entregou, condenado a morrer no corpo, como voluntariamente se tornou morto em espírito, condenado até à morte eterna (se a graça de Deus não o tivesse libertado), porque ele havia abandonado vida eterna. Quem pensa que tal punição seja excessiva ou injusta mostra sua incapacidade de medir a grande iniquidade do pecado onde o pecado poderia facilmente ter sido evitado. Pois como a obediência de Abraão é com justiça declarada grande, porque a coisa ordenada, matar seu filho, era muito difícil, assim no Paraíso a desobediência foi maior, porque a dificuldade do que foi ordenado era imperceptível. E como a obediência do segundo homem foi mais louvável porque Ele se

tornou obediente até “até a morte”, assim a desobediência do primeiro homem foi mais detestável porque ele se tornou desobediente até a morte. Pois onde a pena anexada à desobediência é grande, e a coisa ordenada pelo Criador é fácil, quem pode estimar suficientemente quão grande é a maldade, em um assunto tão fácil, não obedecer à autoridade de um poder tão grande, mesmo quando que o poder detém com uma penalidade tão terrível?

2. Em suma, para dizer tudo em uma palavra, o que senão a desobediência foi o castigo da desobediência naquele pecado? Pois o que mais é a miséria do homem senão sua própria desobediência a si mesmo, de modo que, por não estar disposto a fazer o que poderia fazer, agora deseja fazer o que não pode? Pois embora ele não pudesse fazer todas as coisas no Paraíso antes de pecar, ele desejava fazer apenas o que podia fazer e, portanto, podia fazer todas as coisas que desejava. Mas agora, como reconhecemos em sua descendência, e como as Escrituras divinas testificam, “o homem é semelhante à vaidade”. Pois quem pode contar quantas coisas ele deseja e não pode fazer, enquanto for desobediente a si mesmo, isto é, enquanto sua mente e sua carne não obedecerem à sua vontade? Pois, apesar de si mesmo, sua mente é frequentemente perturbada, e sua carne sofre, envelhece e morre; e, apesar de nós mesmos, sofremos tudo o que sofremos, e que não sofreríamos se nossa natureza obedecesse absolutamente e em todas as suas partes à nossa vontade. Mas não são as enfermidades da carne que a impedem de servir? No entanto, o que importa como seu serviço é dificultado, enquanto o fato permanece, que pela justa retribuição do Deus soberano a quem nos recusamos a estar sujeitos e servir, nossa carne, que foi submetida a nós, agora nos atormenta por insubordinação, embora nossa desobediência tenha causado problemas a nós mesmos, não a Deus? Pois Ele não precisa do nosso serviço como nós do nosso corpo; e, portanto, o que fizemos não foi castigo para Ele, mas o que recebemos é assim para nós. E as dores que se chamam corporais são dores da alma no e do corpo. Pois que dor ou desejo a carne pode sentir por si mesma e sem a alma? Mas quando se diz que a carne deseja ou sofre, entende-se, como explicamos, que o homem o faz, ou alguma parte da alma que é

afetada pela sensação da carne, seja uma sensação dura que causa dor, ou suave, causando prazer. Mas a dor na carne é apenas um desconforto da alma que surge da carne, e uma espécie de recuo de seu sofrimento, como a dor da alma que se chama tristeza é um recuo das coisas que nos aconteceram apesar de tudo. nós mesmos. Mas a tristeza é frequentemente precedida pelo medo, que está na alma, não na carne; enquanto a dor corporal não é precedida por nenhum tipo de medo da carne, que pode ser sentido na carne antes da dor. Mas o prazer é precedido por um certo apetite que é sentido na carne como um desejo, como fome e sede e aquele apetite gerador que é mais comumente identificado com o nome "luxúria", embora esta seja a palavra genérica para todos os desejos. Pois a própria raiva era definida pelos antigos como nada mais do que o desejo de vingança; embora às vezes um homem se zangue até mesmo com objetos inanimados que não podem sentir sua vingança, como quando alguém quebra uma caneta ou esmaga uma pena que escreve mal. No entanto, mesmo isso, embora menos razoável, é à sua maneira um desejo de vingança e é, por assim dizer, uma espécie misteriosa de sombra da [grande lei da] retribuição, para que aqueles que fazem o mal sofram o mal. Há, portanto, um desejo de vingança, que é chamado de raiva; há uma luxúria de dinheiro, que atende pelo nome de avareza; há um desejo de conquistar, não importa por quais meios, que é chamado de opinativo; há uma luxúria de aplausos, que se chama jactância. Existem muitas e várias concupiscências, das quais algumas têm nomes próprios, enquanto outras não. Pois quem poderia prontamente dar um nome ao desejo de governar, que ainda exerce uma poderosa influência na alma dos tiranos, como testemunham as guerras civis?

CAPÍTULO. 16.-DO MAL DA LUXÚRIA,-UMA PALAVRA QUE, EMBORA APLICÁVEL A MUITOS VÍCIOS, É ESPECIALMENTE APROPRIADA À IMPUREZA SEXUAL

1. Embora, portanto, a luxúria possa ter muitos objetos, ainda assim, quando nenhum objeto é especificado, a palavra luxúria geralmente

sugere à mente a excitação luxuriosa dos órgãos da geração. E esta concupiscência não só se apodera de todo o corpo e dos membros exteriores, mas também se faz sentir por dentro e move todo o homem com uma paixão em que a emoção mental se mistura com o apetite corporal, de modo que o prazer resultante é o maior de todos. todos os prazeres corporais. Tão possuidor é esse prazer que, no momento em que é consumado, toda atividade mental é suspensa. Que amigo de sabedoria e santas alegrias, que, estando casado, mas sabendo, como diz o apóstolo, “como possuir seu vaso em santificação e honra, não na doença do desejo, como os gentios que não conhecem a Deus”, não prefeririam, se isso fosse possível, gerar filhos sem essa luxúria, para que nessa função de gerar prole os membros criados para esse fim não fossem estimulados pelo calor da luxúria, mas fossem acionados por sua vontade, da mesma forma como seus outros membros o servem para seus respectivos fins? Mas mesmo aqueles que se deleitam com esse prazer não são movidos a ele por vontade própria, quer se limitem a prazeres lícitos ou transgredissem a prazeres ilícitos; mas às vezes essa luxúria os importuna apesar de si mesmos, e às vezes os falha quando desejam senti-la, de modo que, embora a luxúria se enfureça na mente, ela não se agita no corpo. Assim, curiosamente, essa emoção não só deixa de obedecer ao desejo legítimo de gerar filhos, mas também se recusa a servir à luxúria lasciva; e embora muitas vezes oponha toda a sua energia combinada à alma que lhe resiste, às vezes também se divide contra si mesma e, enquanto move a alma, deixa o corpo imóvel.

CAPÍTULO. 17.-DA NUDEZ DE NOSSOS PRIMEIROS PAIS

1. Justamente a vergonha está especialmente ligada a essa luxúria; com justiça, também, esses próprios membros, movidos e reprimidos não por nossa vontade, mas por uma certa autocracia independente, por assim dizer, são chamados de "vergonhosos". A condição deles era diferente antes do pecado. Pois, como está escrito: "Eles estavam nus e não se envergonharam" - não que sua nudez lhes fosse desconhecida, mas porque a nudez ainda não era vergonhosa, porque ainda não a

luxúria moveu esses membros sem o consentimento da vontade; ainda não a carne, por sua desobediência, testemunhou contra a desobediência do homem. Pois eles não foram criados cegos, como o vulgar ignorante imagina; pois Adão viu os animais aos quais deu nomes, e de Eva lemos: “A mulher viu que a árvore era boa para se comer, e que era agradável ao olhos.” Seus olhos, portanto, estavam abertos, mas não estavam abertos para isso, ou seja, não estavam atentos para reconhecer o que lhes era conferido pela vestimenta da graça, pois não tinham consciência de seus membros guerreando contra sua vontade. Mas quando eles foram despojados dessa graça,⁴ para que sua desobediência fosse punida com retribuição adequada, começou no movimento de seus membros corporais uma novidade vergonhosa que tornou a nudez indecente: ao mesmo tempo os tornou observadores e os envergonhados. E, portanto, depois de terem violado a ordem de Deus pela transgressão aberta, está escrito: “Abriram-se os olhos de ambos, e reconheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira e fizeram para si aventais.” “Os olhos de ambos foram abertos”, para não ver. pois já viram, mas para discernir entre o bem que haviam perdido e o mal em que haviam caído. E, portanto, também a própria árvore que eles foram proibidos de tocar foi chamada de árvore do conhecimento do bem e do mal por esta circunstância, que se eles a comessem, ela lhes transmitiria esse conhecimento. Pois o desconforto da doença revela o prazer da saúde. “Eles sabiam”, portanto, “que estavam nus” – nus daquela graça que os impedia de se envergonhar da nudez corporal, enquanto a lei do pecado não oferecia resistência à sua mente. E assim eles obtiveram um conhecimento do qual teriam vivido em feliz ignorância, se eles, em fiel obediência a Deus, se recusassem a cometer aquela ofensa que os envolvia na experiência dos efeitos prejudiciais da infidelidade e desobediência. E, portanto, envergonhados da desobediência de sua própria carne, que testemunhou sua desobediência enquanto a punia, “costuraram folhas de figueira e fizeram aventais”, isto é, cintos para suas partes íntimas; pois alguns intérpretes traduziram a palavra por succintoria. Campestris é, de fato, uma palavra latina, mas é usada para as gavetas ou aventais usados para um propósito semelhante pelos jovens que se despiam para se exercitar no campus; daí aqueles que eram tão

cingidos eram comumente chamados de campestrati. A vergonha encobria modestamente aquilo que a luxúria movia desobediente em oposição à vontade, que assim era punida por sua própria desobediência. Conseqüentemente, todas as nações, sendo propagadas a partir desse único estoque, têm um instinto tão forte para cobrir as partes vergonhosas, que alguns bárbaros não as descobrem nem mesmo no banho, mas lavam-se com as cuecas. Nas escuras solidões da Índia também, embora alguns filósofos andem nus e sejam, portanto, chamados de gimnosofistas, eles abrem uma exceção no caso desses membros e os cobrem.

CAPÍTULO. 18.-DA VERGONHA QUE ATENDE TODAS AS RELAÇÕES SEXUAIS

1. A luxúria requer para sua consumação escuridão e segredo; e isso não só quando se deseja relações ilícitas, mas até mesmo a fornicação que a cidade terrena legalizou. Onde não há medo de punição, esses prazeres permitidos ainda fogem dos olhos do público. Mesmo onde é feita provisão para esta luxúria, o segredo também é provido; e enquanto a luxúria achou fácil remover as proibições da lei, a falta de vergonha achou impossível deixar de lado o véu da aposentadoria. Pois mesmo homens sem vergonha chamam isso de vergonhoso; e embora amem o prazer, não ousam demonstrá-lo. O que! nem mesmo a relação conjugal, sancionada como é por lei para a procriação de filhos, por mais legítima e honrosa que seja, não busca o afastamento de todos os olhos? Antes de o noivo acariciar sua noiva, ele não exclui os atendentes, e até mesmo as paraninfas, e os amigos que os laços mais íntimos admitiram na câmara nupcial? O maior mestre da eloquência romana diz que todas as ações corretas desejam ser colocadas na luz, ou seja, desejam ser conhecidas. Essa ação correta, no entanto, tem tanto desejo de ser conhecida, que ainda enrubesce ao ser vista. Quem não sabe o que se passa entre marido e mulher para que nasçam filhos? Não é para isso que as esposas se casam com tal cerimônia? E, no entanto, quando esse ato bem entendido é realizado para a procriação de filhos, nem mesmo os próprios filhos, que já

podem ter nascido deles, são testemunhas. Essa ação correta busca a luz, na medida em que procura ser conhecida, mas teme ser vista. E por que assim, senão porque o que é por natureza adequado e decente é feito de modo a ser acompanhado de uma pena de pecado que gera vergonha?

CAPÍTULO. 19.-QUE AGORA É NECESSÁRIO, COMO NÃO ERA ANTES DE O HOMEM PECAR, FREAR A RAIVA E A LUXÚRIA PELA INFLUÊNCIA REPRESSORA DA SABEDORIA

1. É por isso que mesmo os filósofos que se aproximaram da verdade confessaram que a ira e a luxúria são emoções mentais viciosas, porque, mesmo quando exercidas em relação a objetos que a sabedoria não proíbe, são movidas de maneira desgovernada e desordenada, e conseqüentemente, precisam da regulação da mente e da razão. E eles afirmam que esta terceira parte da mente é colocada como se fosse uma espécie de cidadela, para governar essas outras partes, de modo que, enquanto governa e elas servem, a justiça do homem é preservada sem violação. Essas partes, então, que eles reconhecem como viciosas mesmo em um homem sábio e moderado, de modo que a mente, por sua influência compondo e restringindo, deve refreá-las e removê-las daqueles objetos para os quais são movidas ilegalmente, e dar-lhes acesso. para aqueles que a lei da sabedoria sanciona – que a ira, por exemplo, pode ser permitida para a imposição de uma autoridade justa, e o desejo pelo dever de procriar – essas partes, eu digo, não eram viciosas no Paraíso antes do pecado, pois eles nunca foram movidos em oposição a uma vontade santa em relação a qualquer objeto do qual fosse necessário que fossem retidos pelo freio restritivo da razão. Pois embora agora eles sejam movidos dessa maneira e sejam regulados por um poder de freio e restrição, que aqueles que vivem com temperança, justiça e piedade exercem, às vezes com facilidade, e às vezes com maior dificuldade, essa não é a sã saúde da natureza. , mas a fraqueza que resulta do pecado. E como é que a vergonha não esconde os atos e palavras ditados pela raiva ou outras

emoções, como cobre os movimentos da luxúria, a menos que os membros do corpo que empregamos para realizá-los sejam movidos, não pelas próprias emoções, mas pela autoridade da vontade consentida? Pois aquele que em sua ira insulta ou mesmo fere alguém, não poderia fazê-lo se sua língua e mão não fossem movidas pela autoridade da vontade, como também são movidas quando não há ira. Mas os órgãos da geração estão tão sujeitos ao domínio da luxúria, que não têm movimento senão o que ela comunica. É disso que nos envergonhamos; é isso que se esconde corando dos olhos dos espectadores. E antes um homem suportará uma multidão de testemunhas quando ele está descarregando injustamente sua raiva em alguém, do que os olhos de um homem quando ele inocentemente copular com sua esposa.

CAPÍTULO. 20.-DA BESTEIRA TOLA DOS CÍNICOS

1. É isso que os filósofos caninos ou cínicos ignoraram, quando, violando os instintos modestos dos homens, proclamaram orgulhosamente sua opinião impura e sem vergonha, digna de fato de cães, a saber, que como o ato matrimonial é legítimo, ninguém deve se envergonhar de realizá-lo abertamente, na rua ou em qualquer lugar público. A vergonha instintiva superou essa fantasia selvagem. Pois, embora seja relatado³ que Diógenes uma vez ousou colocar sua opinião em prática, com a impressão de que sua seita seria ainda mais famosa se sua flagrante falta de vergonha estivesse profundamente gravada na memória da humanidade, mas esse exemplo não foi seguido depois. A vergonha exerceu mais influência sobre eles, para fazê-los corar diante dos homens, do que o erro para fazê-los simular uma semelhança com os cães. E possivelmente, mesmo no caso de Diógenes, e daqueles que o imitaram, houve apenas uma aparência e pretensão de cópula, e não a realidade. Até hoje ainda há filósofos cínicos à vista; pois estes são cínicos que não se contentam em vestir o pália, mas também carregam um porrete; mas nenhum deles se atreve a fazer isso de que falamos. Se o fizessem, seriam cuspidos, para não dizer apedrejados, pela multidão. A natureza humana, então, sem

dúvida se envergonha dessa luxúria; e com razão, pois a insubordinação desses membros e seu desafio à vontade são o testemunho claro da punição do primeiro pecado do homem. E era apropriado que isso aparecesse especialmente naquelas partes pelas quais é gerada aquela natureza que foi alterada para pior por aquele primeiro e grande pecado - aquele pecado de cuja má conexão ninguém pode escapar, a menos que a graça de Deus expie nele individualmente o que foi perpetrado para a destruição de todos em comum, quando todos estavam em um homem, e que foi vingado pela justiça de Deus.

CAPÍTULO. 21.-A transgressão daquele homem não anulou a bênção da fecundidade pronunciada sobre o homem antes que ele pecasse, mas o infectou com a doença da luxúria

1. Longe de nós, então, supor que nossos primeiros pais no Paraíso sentiram aquela luxúria que os fez corar e esconder sua nudez, ou que por meio dela deveriam ter cumprido a bênção de Deus: "Aumenta e multiplica e encher a terra;" pois foi depois do pecado que a luxúria começou. Foi depois do pecado que nossa natureza, tendo perdido o poder que tinha sobre todo o corpo, mas não tendo perdido toda a vergonha, percebeu, notou, corou e cobriu. Mas aquela bênção sobre o casamento, que os encorajou a aumentar e multiplicar e encher a terra, embora continuasse mesmo depois que eles pecaram, ainda foi dada antes que eles pecassem, a fim de que a procriação de filhos pudesse ser reconhecida como parte da glória de Deus. casamento, e não do castigo do pecado. Mas agora, sendo os homens ignorantes da bem-aventurança do Paraíso, suponham que as crianças não poderiam ter sido geradas lá de outra maneira, a não ser que eles saibam que foram geradas agora, ou seja, pela luxúria, com a qual até mesmo o casamento honroso enrubesce; então eu não simplesmente rejeitando, mas zombando com ceticismo das Escrituras divinas, nas quais lemos que nossos primeiros pais, depois que pecaram, ficaram envergonhados de sua nudez e a cobriram; enquanto outros, embora aceitem e honrem as Escrituras, ainda concebem que esta expressão,

“aumenta e multiplica”, não se refere à fecundidade carnal, porque uma expressão semelhante é usada para a alma nas palavras: “Tu me multiplicarás com força em minha alma;” e assim, também, nas palavras que seguem em Gênesis, “E enchei a terra e sujeitai-a”, eles entendem por terra o corpo que a alma enche com sua presença, e que ela governa quando é multiplicada em força . E eles sustentam que as crianças não podiam mais do que agora ser geradas sem luxúria, que, depois do pecado, foi acesa, observada, enrubescida e coberta; e mesmo que as crianças não tivessem nascido no Paraíso, mas apenas fora dele, como de fato aconteceu. Pois foi depois que foram expulsos dela que se reuniram para gerar filhos e os geraram.

CAPÍTULO. 22.-DA UNIÃO CONJUGAL COMO FOI ORIGINALMENTE INSTITUÍDA E ABENÇOADA POR DEUS

1. Mas nós, de nossa parte, não temos dúvida de que aumentar, multiplicar e encher a terra em virtude da bênção de Deus, é um dom do casamento, como Deus o instituiu desde o princípio antes que o homem pecasse, quando Ele criou macho e fêmea, em outras palavras, dois sexos manifestamente distintos. E foi nesta obra de Deus que Sua bênção foi pronunciada. Pois tão logo as Escrituras disseram: "Homem e mulher os criou", e imediatamente continua: "E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Aumentai e multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a", etc. E embora todas essas coisas não possam ser interpretadas inadequadamente em um sentido espiritual, ainda assim "macho e fêmea" não podem ser entendidos de duas coisas em um homem, como se houvesse nele uma coisa que governa, outra que é governada; mas é bastante claro que eles foram criados macho e fêmea, com corpos de sexos diferentes, com o propósito de gerar descendência, e assim aumentar, multiplicar e reabastecer a terra; e é uma grande tolice opor-se a um fato tão claro. Não foi do espírito que comanda e do corpo que obedece, nem da alma racional que governa e do desejo irracional que é governado, nem da virtude contemplativa que é suprema e da ativa que está sujeita, nem do entendimento do mente e o sentido do corpo, mas claramente da união matrimonial

pela qual os sexos estão mutuamente ligados, que nosso Senhor, quando perguntado se era lícito por qualquer motivo repudiar a esposa (por causa da dureza do coração dos israelitas Moisés permitiu que fosse dada uma carta de divórcio), respondeu e disse: "Não tendes lido que aquele que os fez no princípio os fez homem e mulher, e disse: Por isso deixará o homem pai e mãe, e se apegar à sua mulher, e serão os dois uma só carne? Portanto, não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem." É certo, então, que desde os primeiros homens foram criados, como vemos e sabemos que são agora, de dois sexos, masculino e feminino, e que eles são chamados um, seja por causa da união matrimonial, seja por causa da origem da mulher, que foi criada do lado do homem. E é por este exemplo original, que o próprio Deus instituiu, que o apóstolo admoesta todos os maridos a amarem suas próprias esposas em particular.²

CAPÍTULO. 23.-SE A GERAÇÃO DEVERIA TER ACONTECIDO MESMO NO PARAÍSO SE O HOMEM NÃO TIVESSE PECADO, OU SE DEVERIA TER HAVIDO ALGUMA CONTENDA ENTRE CASTIDADE E LUXÚRIA

1. Mas aquele que diz que não deveria ter havido cópula nem geração senão pelo pecado, virtualmente diz que o pecado do homem foi necessário para completar o número dos santos. Pois se estes dois, não pecando, tivessem continuado a viver sozinhos, porque, como se supõe, eles não poderiam ter gerado filhos se não tivessem pecado, então certamente o pecado era necessário para que não houvesse apenas dois, mas muitos homens justos. E se isso não pode ser mantido sem absurdo, devemos antes acreditar que o número de santos aptos a completar esta cidade muito abençoada teria sido tão grande se ninguém tivesse pecado, como é agora que a graça de Deus reúne seus cidadãos da multidão de pecadores, enquanto os filhos deste mundo geram e são gerados.

2. E, portanto, esse casamento, digno da felicidade do Paraíso, deveria

ter tido frutos desejáveis sem a vergonha da luxúria, se não houvesse pecado. Mas como isso poderia ser, agora não há exemplo para nos ensinar. No entanto, não deve parecer incrível que um membro possa servir à vontade sem luxúria, já que tantos a servem agora. Agora movemos nossos pés e mãos quando desejamos fazer as coisas que faríamos por meio desses membros? não encontramos resistência neles, mas percebemos que são servidores prontos da vontade, tanto em nosso próprio caso como no de outros, e especialmente de artesãos empregados em operações mecânicas, pelas quais a fraqueza e a falta de jeito da natureza se tornam, através do exercício diligente, maravilhosamente hábil? e não devemos acreditar que, como todos esses membros obedientemente servem à vontade, também os membros deveriam ter cumprido a função de geração, embora a luxúria, o prêmio da desobediência, estivesse faltando? Não Cícero, ao discutir a diferença de governos em seu De Republica, não adotou um símile da natureza humana, e disse que nós comandamos nossos membros corporais como Filhos, eles são tão obedientes; mas que as partes viciosas da alma devem ser tratadas como escravas e coagidas com uma autoridade mais rigorosa? E sem dúvida, na ordem da natureza, a alma é mais excelente que o corpo; e, no entanto, a alma comanda o corpo com mais facilidade do que ela mesma. No entanto, esta concupiscência, da qual falamos agora, é ainda mais vergonhosa por causa disso, porque a alma não é mestre de si mesma, para não cobiçar, nem do corpo, para manter os membros sob o controle. controle da vontade; pois se eles fossem assim governados, não haveria vergonha. Mas agora a alma se envergonha de que o corpo, que por natureza é inferior e sujeito a ela, resista à sua autoridade. Pois na resistência experimentada pela alma nas outras emoções há menos vergonha, porque a resistência vem de si mesma, e assim, quando ela é conquistada por si mesma, ela mesma é a conquistadora, embora a conquista seja desordenada e viciosa, porque realizada por aquelas partes da alma que deveriam estar sujeitas à razão, contudo, sendo realizada por suas próprias partes e energias, a conquista é, como digo, sua. Pois quando a alma se conquista a uma devida subordinação, de modo que seus movimentos irracionais são controlados pela razão, enquanto ela está novamente sujeita a Deus,

esta é uma conquista virtuosa e louvável. No entanto, há menos vergonha quando a alma é resistida por suas próprias partes viciosas do que quando sua vontade e ordem são resistidas pelo corpo, que é distinto e inferior a ela, e dependente dela para a própria vida.

3. Mas enquanto a vontade retém sob sua autoridade os outros membros, sem os quais os membros excitados pela luxúria para resistir à vontade não podem realizar o que procuram, a castidade é preservada e o prazer do pecado é renunciado. E certamente, se a desobediência culposa não tivesse sido visitada com desobediência penal, o casamento do Paraíso deveria ter ignorado essa luta e rebelião, essa disputa entre vontade e luxúria, para que a vontade possa ser satisfeita e a luxúria reprimida, mas esses membros, como todos o resto, deveria ter obedecido a vontade. O campo de geração deveria ter sido semeado pelo órgão criado para esse fim, como a terra é semeada pela mão. E enquanto agora, enquanto tentamos investigar mais exatamente esse assunto, a modéstia nos impede e nos obriga a pedir perdão aos ouvidos castos, não haveria motivo para fazê-lo, mas poderíamos ter discursado livremente e sem medo de parecer obsceno, sobre todos aqueles pontos que ocorrem a quem medita sobre o assunto. Não haveria sequer palavras que pudessem ser chamadas de obscenas, mas tudo o que pudesse ser dito desses membros teria sido tão puro quanto o que é dito das outras partes do corpo. Quem, então, vier à leitura destas páginas com mente impura, que culpe sua disposição, não sua natureza; que ele marque os atos de sua própria impureza, não as palavras que a necessidade nos obriga a usar, e para as quais todo leitor ou ouvinte puro e piedoso me perdoará prontamente, enquanto eu exponho a loucura desse ceticismo que argumenta apenas com base no fundamento. de sua própria experiência, e não tem fé em nada além. Aquele que não se escandaliza com a censura do apóstolo à horrível maldade das mulheres que "transformaram o uso natural no contrário à natureza",² lerá tudo isso sem se chocar, especialmente porque não estamos, como Paulo, citando e censurando uma impureza condenável, mas estamos explicando, tanto quanto podemos, a geração humana, enquanto com Paulo evitamos toda obscenidade da linguagem.

CAPÍTULO. 24.-QUE SE OS HOMENS TIVESSEM PERMANECIDO INOCENTES E OBEDIENTES NO PARAÍSO, OS ÓRGÃOS GERADORES DEVERIAM ESTAR SUJEITOS À VONTADE COMO OS OUTROS MEMBROS ESTÃO

1. O homem, então, teria semeado a semente, e a mulher a recebeu, conforme a necessidade exigisse, os órgãos geradores sendo movidos pela vontade, não excitados pela luxúria. Pois movemos à vontade não apenas os membros dotados de articulações de osso sólido, como mãos, pés e dedos, mas também movemos à vontade aqueles que são compostos de nervos frouxos e macios: podemos colocá-los em movimento. , ou esticá-los, ou dobrá-los e torcê-los, ou contraí-los e enrijecê-los, como fazemos com os músculos da boca e do rosto. Os pulmões, que são as mais sensíveis das vísceras, exceto o cérebro, e, portanto, são cuidadosamente abrigados na cavidade do tórax, mas para todos os propósitos de inalar e exalar a respiração, e de emitir e modular a voz, são obedientes ao quando respiramos, exalamos, falamos, gritamos ou cantamos, assim como o fole obedece ao ferreiro ou ao organista. Não vou insistir no fato de que alguns animais têm o poder natural de mover um único ponto da pele com o qual todo o corpo está coberto, se sentiram nele algo que desejam expulsar – um poder tão grande que, esse tremor trêmulo da pele eles podem não apenas sacudir as moscas que se estabeleceram sobre eles, mas até as lanças que se fixaram em sua carne. O homem, é verdade, não tem esse poder; mas isso é alguma razão para supor que Deus não poderia dá-lo a tais criaturas que Ele desejasse possuí-lo? E, portanto, o próprio homem também poderia muito bem ter desfrutado de poder absoluto sobre seus membros, se não o tivesse perdido por sua desobediência; pois não foi difícil para Deus formá-lo para que o que agora é movido em seu corpo apenas pela luxúria fosse movido apenas à vontade.

2. Sabemos também que alguns homens são constituídos diferentemente de outros e têm uma rara e notável faculdade de fazer com seu corpo o que outros homens podem fazer sem nenhum esforço

e, de fato, dificilmente acreditam quando ouvem falar de outros fazendo. Há pessoas que podem mexer as orelhas, uma de cada vez, ou as duas juntas. Há alguns que, sem mover a cabeça, podem trazer o cabelo para baixo na testa e mover todo o couro cabeludo para trás e para frente à vontade. Alguns, pressionando levemente o estômago, trazem uma incrível quantidade e variedade de coisas que engoliram e produzem o que quiserem, bem inteiros, como se estivessem fora de um saco. Alguns imitam com tanta precisão as vozes de pássaros e animais e outros homens que, a menos que sejam vistos, a diferença não pode ser dita. Alguns têm tal controle de suas entranhas, que podem quebrar o vento continuamente à vontade, de modo a produzir o efeito de cantar. Eu mesmo conheci um homem que estava acostumado a suar sempre que desejava. É bem sabido que alguns choram quando querem e derramam uma torrente de lágrimas. Mas muito mais incrível é o que alguns de nossos irmãos viram recentemente. Havia um presbítero chamado Restitutus, na paróquia da Igreja Calamensiana, que, quantas vezes quisesse (e foi solicitado por aqueles que desejavam testemunhar um fenômeno tão notável), em alguém imitando os lamentos dos enlutados, tornou-se tão insensível e ficou em um estado tão parecido com a morte, que não apenas ele não sentiu quando o beliscaram e o espetaram, mas mesmo quando o fogo foi aplicado a ele, e ele foi queimado por isso, ele não sentiu dor, exceto depois da ferida. E que seu corpo permaneceu imóvel, não por causa de seu autocontrole, mas porque ele era insensível, foi provado pelo fato de que ele não respirava mais do que um homem morto; e, no entanto, ele disse que, quando alguém falava com mais clareza do que o normal, ouvia a voz, mas como se estivesse muito longe. Vendo, então, que mesmo nesta vida mortal e miserável o corpo serve a alguns homens por muitos movimentos e humores notáveis além do curso normal da natureza, que razão há para duvidar que, antes que o homem fosse envolvido por seu pecado neste fraco e corruptível? condição, seus membros poderiam ter servido à sua vontade para a propagação da prole sem luxúria? O homem foi entregue a si mesmo porque abandonou Deus, enquanto procurava ser auto-satisfatório; e desobedecendo a Deus, ele não podia obedecer nem a si mesmo. Por isso é que ele está envolvido na miséria óbvia de

ser incapaz de viver como deseja. Pois se ele vivesse como desejasse, ele se consideraria abençoado; mas ele não poderia ser assim se vivesse perversamente.

CAPÍTULO. 25.-DE VERDADEIRA BÊNÇÃO, QUE ESTA VIDA PRESENTE NÃO PODE DESFRUTAR

1. No entanto, se olharmos um pouco mais de perto, veremos que ninguém vive como deseja, exceto os bem-aventurados, e que ninguém é bem-aventurado senão os justos. Mas mesmo o próprio justo não vive como deseja, até que tenha chegado onde não possa morrer, ser enganado ou ferido, e até que tenha certeza de que essa será sua condição eterna. Para esta natureza exige; e a natureza não é plena e perfeitamente abençoada até que alcance o que procura. Mas que homem é capaz de viver como deseja, quando não está em seu poder tanto quanto viver? Ele deseja viver, ele é compelido a morrer. Como, então, vive como deseja quem não vive tanto quanto deseja? ou se deseja morrer, como pode viver como deseja, já que nem mesmo deseja viver? Ou se ele deseja morrer, não porque não goste da vida, mas para que depois da morte possa viver melhor, ainda não está vivendo como deseja, mas só tem a perspectiva de viver assim quando, através da morte, alcança o que deseja. desejos. Mas admita que vive como quer, porque se violou a si mesmo e se obrigou a não desejar o que não pode obter, e a desejar apenas o que pode (como diz Terêncio: "Já que você não pode fazer o que quer, quer o que você pode"), ele é, portanto, abençoado porque ele é pacientemente miserável? Pois uma vida abençoada é possuída apenas pelo homem que a ama. Se é amado e possuído, deve necessariamente ser mais ardentemente amado do que todos os demais; pois tudo o que é amado deve ser amado por causa da vida abençoada. E se é amado como merece ser – e não é bem-aventurado o homem que não ama a vida abençoada como merece – então quem a ama não pode deixar de desejar que ela seja eterna. Portanto, só será abençoado quando for eterno.

CAPÍTULO. 26.-QUE DEVEMOS ACREDITAR QUE NO PARAÍSO NOSSOS PRIMEIROS PAIS GERAM PROLE

1. No Paraíso, então, o homem viveu como desejou enquanto desejava o que Deus havia ordenado. Ele vivia no desfrute de Deus, e era bom pela bondade de Deus; ele vivia sem necessidade, e tinha em seu poder viver eternamente. Ele tinha comida para não ter fome, bebida para não ter sede, a árvore da vida para que a velhice não o desperdiçasse. Não havia em seu corpo nenhuma corrupção, nem semente de corrupção, que pudesse produzir nele qualquer sensação desagradável. Ele não temia nenhuma doença interior, nenhum acidente exterior. A mais perfeita saúde abençoou seu corpo, absoluta tranquilidade sua alma. Como no Paraíso não havia calor ou frio excessivos, seus habitantes estavam isentos das vicissitudes do medo e do desejo. Não havia tristeza de qualquer tipo, nem alegria tola; a verdadeira alegria fluía incessantemente da presença de Deus, que era amado "de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé não fingida". O amor honesto de marido e mulher fez uma harmonia segura entre eles. Corpo e espírito trabalharam harmoniosamente juntos, e o mandamento foi guardado sem trabalho. Nenhum langor tornava seu lazer cansativo; nenhuma sonolência interrompeu seu desejo de trabalhar.³ *In tanta facil rerum et felicitate hominum, absit ut suspicemur, non potuisse prolem seri sine libidinis morbo: sed eo voluntatis nutu moverentur illa membra qua cætera, et sine ardoris illecebrosi stimulo cum tranquillitate animi et corporis nulla corrupte integritatis infunderetur gremio maritus uxoris. Neque enim quia experientia probari non potest, ideo credendum non est; quando illas corporis partes non ageret turbidus calor, sed spontanea potestas, si cut opus esset adhiberet; ita tunc potuisse utero conjugis salva integritate feminei genitalis virile semen immitti, sicut nunc potest eadem integritate salva ex utero virginis fluxus menstrui cruoris emitti. Eadem quippe via posset illud injici, qua hoc potest ejici. Ut enim ad pariendum non doloris gemitus, sed maturitatis impulsus feminea viscera relaxet: sic ad foetandum et concipiendum non libidinis appetitus, sed voluntarius usus naturam utramque conjungeret.* Falamos de coisas que agora são vergonhosas e, embora

tentemos, tanto quanto podemos, concebê-las como eram antes de se tornarem vergonhosas, a necessidade nos obriga a limitar nossa discussão aos limites estabelecidos pela modéstia do que a estender como nossa moderada faculdade de discurso poderia sugerir. Pois como aquilo de que falei não foi experimentado nem mesmo por aqueles que poderiam tê-lo experimentado – quero dizer, nossos primeiros pais (pois o pecado e seu merecido banimento do Paraíso anteciparam essa geração sem paixão por parte deles), – quando a relação sexual é Falado agora, sugere aos pensamentos dos homens não uma obediência tão plácida à vontade como é concebível em nossos primeiros pais, mas um ato violento de luxúria como eles mesmos experimentaram. E, portanto, a modéstia cala minha boca, embora minha mente conceba o assunto com clareza. Mas Deus Todo-Poderoso, o Criador supremo e supremamente bom de todas as naturezas, que ajuda e recompensa as boas vontades, enquanto Ele abandona e condena as más, e governa ambas, não foi destituído de um plano pelo qual Ele pudesse povoar Sua cidade com o número fixo de cidadãos que Sua sabedoria havia preordenado até mesmo fora da raça humana condenada, discriminando-os agora não por méritos, já que toda a massa foi condenada como se numa raiz viciada, mas por graça, e mostrando, não apenas no caso dos remidos, mas também naqueles que não foram libertados, quanta graça Ele concedeu a eles. Pois cada um reconhece que foi resgatado do mal, não por uma bondade merecida, mas gratuita, quando é destacado da companhia daqueles com quem poderia justamente ter sofrido uma punição comum, e é permitido ir impune. Por que, então, Deus não criou aqueles que Ele previu que pecariam, uma vez que Ele foi capaz de mostrar neles e por eles tanto o que sua culpa merecia, quanto o que Sua graça concedeu, e visto que, sob Sua mão criadora e desordem perversa dos ímpios não poderia perverter a ordem correta das coisas?

**CAPÍTULO. 27.-DOS ANJOS E HOMENS QUE PECARAM, E
QUE SUA MALDADE NÃO PERTURBOU A ORDEM DA
PROVIDÊNCIA DE DEUS**

1. Os pecados dos homens e dos anjos não impedem as "grandes obras do Senhor que realizam a Sua vontade". Pois Aquele que por Sua providência e onipotência distribuiu a cada um a sua própria porção, é capaz de fazer bom uso não só dos bons, mas também dos ímpios. E assim fazendo bom uso do anjo perverso, que, em punição de sua primeira vontade perversa, foi condenado a uma obstinação que o impede agora de desejar qualquer bem, por que Deus não deveria ter permitido que ele tentasse o primeiro homem, que havia sido criado reto, isto é, com boa vontade? Pois ele havia sido constituído de tal forma que, se buscasse a ajuda de Deus, a bondade do homem derrotaria a maldade do anjo; mas se por orgulhoso auto-satisfação ele abandonou Deus, seu Criador e Sustentador, ele deveria ser conquistado. Se sua vontade permanecesse reta, apoiando-se na ajuda de Deus, ele deveria ser recompensado; se se tornasse perverso, abandonando a Deus, ele deveria ser punido. Mas mesmo essa confiança na ajuda de Deus não poderia ser realizada sem a ajuda de Deus, embora o homem tivesse em seu próprio poder renunciar aos benefícios da graça divina para agradar a si mesmo. Pois, como não está em nosso poder viver neste mundo sem nos sustentar com comida, enquanto está em nosso poder recusar esse alimento e deixar de viver, como fazem os que se matam, também não estava em poder do homem, mesmo no Paraíso, viver como deveria sem a ajuda de Deus; mas estava em seu poder viver perversamente, embora assim ele devesse interromper sua felicidade e incorrer em punição muito justa. Visto que, então, Deus não ignorava que o homem cairia, por que Ele não deveria permitir que ele fosse tentado por um anjo que o odiava e invejava? Não era, de fato, que Ele não soubesse que deveria ser vencido, mas porque Ele previu que pela semente do homem, auxiliado pela graça divina, esse mesmo diabo deveria ser vencido, para maior glória dos santos. Tudo foi feito de tal maneira, que nenhum evento futuro escapou da presciência de Deus, nem Sua presciência compeliu alguém a pecar, e de modo a demonstrar na experiência da criação inteligente, humana e angélica, quão grande é a diferença existe entre a presunção privada da criatura e a proteção do Criador. Pois quem se atreverá a acreditar ou dizer que não estava no poder de Deus impedir que anjos e homens pecassem? Mas Deus

preferiu deixar isso em seu poder e, assim, mostrar tanto o mal que poderia ser causado por seu orgulho quanto o bem por Sua graça.

CAPÍTULO. 28.-DA NATUREZA DAS DUAS CIDADES, A TERRESTRE E A CELESTIAL

1. Assim, duas cidades foram formadas por dois amores: a terrena pelo amor de si mesmo, até o desprezo de Deus; o celestial pelo amor de Deus, até o desprezo de si mesmo. O primeiro, em uma palavra, se gloria em si mesmo, o segundo no Senhor. Pois um busca a glória dos homens; mas a maior glória do outro é Deus, a testemunha da consciência. Aquele levanta a cabeça em sua própria glória; o outro diz ao seu Deus: "Tu és a minha glória e o que levanta a minha cabeça". No primeiro, os príncipes e as nações que ele subjuga são governados pelo amor de governar; no outro, os príncipes e os súditos se servem em amor, os últimos obedecendo, enquanto os primeiros pensam em todos. Um se deleita em sua própria força, representada nas pessoas de seus governantes; a outra diz ao seu Deus: "Eu te amarei, ó Senhor, minha força." 2 E, portanto, os sábios de uma cidade, vivendo segundo o homem, buscaram o lucro para seus próprios corpos ou almas, ou ambos, e aqueles que conheceram a Deus "não O glorificaram como Deus, nem foram agradecidos, mas tornaram-se vãos em suas imaginações, e seu coração insensato se obscureceu; professando-se sábios", isto é, gloriando-se em sua própria sabedoria e sendo possuídos pelo orgulho – "tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes e de répteis". Pois eles eram líderes ou seguidores do povo em imagens de adoração, "e adoravam e serviam a criatura mais do que o Criador, que é bendito para sempre". Mas na outra cidade não há sabedoria humana, mas apenas piedade, que oferece a devida adoração ao verdadeiro Deus, e espera sua recompensa na sociedade dos santos, dos santos anjos e dos homens santos, "para que Deus seja tudo em tudo."4

LIVRO XV

ARGUMENTO

TENDO TRATADO NOS QUATRO LIVROS ANTERIORES DA ORIGEM DAS DUAS CIDADES, A TERRESTRE E A CELESTIAL, AGOSTINHO EXPLICA SEU CRESCIMENTO E PROGRESSO NOS QUATRO LIVROS QUE SEGUEM; E, PARA ISSO, EXPLICA AS PRINCIPAIS PASSAGENS DA HISTÓRIA SAGRADA QUE TRATAM DESSE ASSUNTO. NESTE LIVRO XV, ELE ABRE ESTA PARTE DE SUA OBRA PARA EXPLICAR OS ACONTECIMENTOS REGISTRADOS EM GÊNESIS DO TEMPO DE CAIM E ABEL ATÉ O DILÚVIO.

CAPÍTULO. 1.-DAS DUAS LINHAS DA RAÇA HUMANA QUE DA PRIMEIRA À ÚLTIMA A DIVIDEM

1. Da bem-aventurança do Paraíso, do próprio Paraíso e da vida de nossos primeiros pais lá, e de seu pecado e punição, muitos pensaram muito, falaram muito, escreveram muito. Nós mesmos também falamos dessas coisas nos livros anteriores e escrevemos o que lemos nas Sagradas Escrituras ou o que poderíamos razoavelmente deduzir delas. E se entrássemos em uma investigação mais detalhada desses assuntos, surgiria um número infindável de perguntas infindáveis, que nos envolveriam em um trabalho maior do que a presente ocasião admite. Não podemos esperar que encontremos espaço para responder a todas as perguntas que podem ser iniciadas por homens desocupados e capciosos, que estão cada vez mais prontos para fazer perguntas do que capazes de entender a resposta. No entanto, acredito que já fizemos justiça a essas grandes e difíceis questões sobre o início do mundo, ou da alma, ou da própria raça humana. Esta raça nós distribuímos em duas partes, uma consistindo daqueles que vivem segundo o homem, a outra daqueles que vivem segundo Deus. E a estas também chamamos misticamente as duas cidades, ou as duas

comunidades de homens, das quais uma está predestinada a reinar eternamente com Deus, e a outra a sofrer o castigo eterno com o diabo. Este, no entanto, é o seu fim, e dele falaremos depois. Atualmente, como já dissemos bastante sobre sua origem, seja entre os anjos, cujos números não conhecemos, seja nos dois primeiros seres humanos, parece adequado tentar um relato de sua trajetória, desde o momento em que nossos dois primeiros pais começou a propagar a raça até que toda geração humana cesse. Pois todo este tempo ou era do mundo, em que os moribundos dão lugar e os que nascem sucedem, é a carreira dessas duas cidades sobre as quais tratamos.

2. Destes dois primeiros pais da raça humana, então, Caim foi o primogênito, e ele pertencia à cidade dos homens; depois dele nasceu Abel, que pertencia à cidade de Deus. Pois, como no indivíduo se discerne a verdade da declaração do apóstolo, "não é primeiro o que é espiritual, mas o que é natural, e depois o que é espiritual", de onde acontece que cada homem, sendo derivado de uma linhagem condenada, é antes de tudo nascido de Adão mau e carnal, e se torna bom e espiritual somente depois, quando ele é enxertado em Cristo pela regeneração: assim foi na raça humana como um todo. Quando essas duas cidades começaram a seguir seu curso por uma série de mortes e nascimentos, o cidadão deste mundo foi o primogênito, e depois dele o estrangeiro neste mundo, o cidadão da cidade de Deus, predestinado pela graça, eleito pela graça, pela graça um estrangeiro abaixo, e pela graça um cidadão acima. Pela graça – pois no que diz respeito a si mesmo, ele é nascido da mesma massa, toda a qual é condenada em sua origem: mas Deus, como um oleiro (pois essa comparação é introduzida pelo apóstolo judiciosamente, e não sem pensar), da mesma massa fez um vaso para honra e outro para desonra. Mas primeiro foi feito o vaso para desonra, e depois outro para honra. Pois em cada indivíduo, como já disse, há antes de tudo o que é reprovado, aquilo de onde devemos começar, mas no qual não precisamos necessariamente permanecer; depois é o que é bem aprovado, ao qual podemos, avançando, alcançar, e no qual, quando o alcançamos, podemos permanecer. Não, de fato, que todo homem mau seja bom, mas que ninguém será bom que não tenha sido primeiro

mau; mas quanto mais cedo alguém se torna um homem bom, mais rapidamente recebe esse título e abole o nome antigo no novo. Assim, está registrado que Caim construiu uma cidade,² mas Abel, sendo um peregrino, não construiu nenhuma. Pois a cidade dos santos está em cima, embora aqui embaixo gere cidadãos, nos quais peregrina até que chegue o tempo de seu reinado, quando reunirá todos no dia da ressurreição; e então o reino prometido será dado a eles, no qual eles reinarão com seu Príncipe, o Rei dos séculos, para sempre.

CAPÍTULO. 2.-DOS FILHOS DA CARNE E DOS FILHOS DA PROMESSA

1. Houve de fato na terra, enquanto fosse necessário, um símbolo e uma imagem prefiguradora desta cidade, que serviu ao propósito de lembrar aos homens que tal cidade deveria existir, em vez de torná-la presente; e essa imagem foi chamada de cidade santa, como símbolo da cidade futura, embora não seja a realidade. Desta cidade que servia de imagem, e daquela cidade livre que ela tipificava, Paulo escreve aos Gálatas nestes termos: “Dize-me, vós que desejais estar debaixo da lei, não ouvis a lei? , que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre. Mas o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas o da livre foi por promessa. O que é uma alegoria : porque estas são as duas alianças: a do monte Sinai, que gera escravidão, que é Agar. Pois esta Agar é o monte Sinai na Arábia, e corresponde à Jerusalém que agora existe, e está em escravidão com seus filhos. Mas A Jerusalém de cima é livre, a qual é a mãe de todos nós, porque está escrito: Alegra-te, estéril que não dás à luz; rompe e clama, tu que não estás de parto, porque a desolada tem muito mais filhos do que aquela que tem marido Agora nós, irmãos, como Isaque foi, somos filhos da promessa, mas como então aquele que nasceu segundo a carne persegue ed aquele que nasceu segundo o Espírito, assim é agora. No entanto, o que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho; porque o filho da escrava não será herdeiro com o filho da livre. E nós, irmãos, não somos filhos da escrava, mas da livre, na liberdade com que Cristo nos libertou”. As Escrituras das duas alianças - a antiga e a nova. Uma

parte da cidade terrena tornou-se uma imagem da cidade celestial, não tendo um significado próprio, mas significando outra cidade e, portanto, servindo, ou "estando em servidão". "Porque foi fundada não por si mesma, mas para prefigurar outra cidade; e esta sombra de uma cidade também foi prefigurada por outra figura precedente. Pois a serva de Sara, Agar, e seu filho, eram uma imagem desta imagem. E como as sombras iriam passar quando a plena luz viesse, Sara, a mulher livre, que prefigurava a cidade livre (que novamente também foi prefigurada de outra maneira por aquela sombra de uma cidade de Jerusalém), portanto disse: "Expulsa a escrava e seu filho; pois o filho da escrava não será herdeiro com meu filho Isaque", ou, como diz o apóstolo, "com o filho da livre". , e sua apresentação simbólica da cidade celestial. Agora, os cidadãos são gerados para a cidade terrena por natureza viciada pelo pecado, mas para a cidade celestial pela graça libertando a natureza do pecado; de onde os primeiros são chamados "vasos da ira", os últimos "vasos de misericórdia." E isso foi tipificado nos dois filhos de Abraão, Ismael, filho de Agar, a serva, nascido segundo a carne, enquanto Isaque nasceu da mulher livre Sara, segundo a promessa. Ambos, na verdade, eram da semente de Abraão, mas um foi gerado por lei natural, o outro foi dado por promessa graciosa. Num nascimento, a ação humana é revelada, no outro, uma bondade divina vem à luz.

CAPÍTULO. 3.-A ESTERILIDADE DE SARA FOI PRODUTIVA PELA GRAÇA DE DEUS

1. Sara, de fato, era estéril; e, sem esperança de descendência, e decidida a obter pelo menos através de sua serva aquela bênção que ela viu que não poderia obter por si mesma, ela deu sua serva ao marido, a quem ela mesma não podia ter filhos. Dele ela exigia esse dever conjugal, exercendo seu próprio direito no ventre de outro. E assim Ismael nasceu de acordo com a lei comum da geração humana, por relações sexuais. Portanto, é dito que ele nasceu "segundo a carne" - não porque tais nascimentos não sejam dons de Deus, nem obra de Suas mãos, cuja sabedoria criativa "alcança", como está escrito, "de

um extremo a outro poderosamente , e docemente ordena todas as coisas ", mas porque, em um caso em que o dom de Deus, que não era devido aos homens e era a generosidade gratuita da graça, deveria ser visível, era necessário que um filho fosse dado de uma forma que nenhum esforço da natureza poderia alcançar. A natureza nega filhos a pessoas da idade que Abraão e Sara tinham agora alcançado; além disso, no caso de Sarah, ela era estéril mesmo em seu auge. Esta natureza, de tal modo constituída que não se pode procurar descendência, simbolizava a natureza da raça humana viciada pelo pecado e por justa consequência condenada, que não merece nenhuma felicidade futura. Apropriadamente, portanto, Isaque, o filho da promessa, tipifica os filhos da graça, os cidadãos da cidade livre, que habitam juntos em paz eterna, na qual o amor próprio e a vontade própria não têm lugar, mas um amor ministrante que regozija-se na alegria comum todos, de muitos corações faz um, isto é, assegura uma perfeita concórdia.

CAPÍTULO. 4.-DO CONFLITO E PAZ DA CIDADE TERRESTRE

1. Mas a cidade terrena, que não será eterna (pois não será mais uma cidade quando tiver sido condenada à pena extrema), tem seu bem neste mundo e se regozija com tanta alegria quanto as coisas podem dispor. Mas como este não é um bem que pode livrar seus devotos de todas as angústias, esta cidade é muitas vezes dividida contra si mesma por litígios, guerras, brigas e vitórias que são destruidoras da vida ou de curta duração. Pois cada parte dela que se arma contra outra parte busca triunfar sobre as nações por si mesma em escravidão ao vício. Se, depois de vencer, estiver inflado de orgulho, sua vitória destruirá a vida; mas se volta seus pensamentos para as baixas comuns de nossa condição mortal, e está mais ansioso com os desastres que podem acontecer a ele do que exultante com os sucessos já alcançados, essa vitória, embora de tipo superior, ainda é de curta duração; pois não pode governar permanentemente aqueles a quem subjogou vitoriosamente. Mas as coisas que esta cidade deseja não

podem ser justamente consideradas más, pois ela é, em sua própria espécie, melhor do que todos os outros bens humanos. Pois deseja a paz terrena para usufruir os bens terrenos, e faz a guerra para alcançar essa paz; pois, se conquistou, e não resta ninguém que lhe resista, goza de uma paz que não teve enquanto havia partes opostas que disputavam o gozo das coisas que eram pequenas demais para satisfazer a ambos. Essa paz é comprada por guerras penosas; é obtido pelo que eles denominam uma vitória gloriosa. Agora, quando a vitória permanece com o partido que teve a causa mais justa, quem hesita em felicitar o vencedor e chamá-lo de uma paz desejável? Essas coisas, então, são coisas boas e, sem dúvida, os dons de Deus. Mas se eles negligenciam as melhores coisas da cidade celestial, que são asseguradas pela vitória eterna e paz sem fim, e cobiçam tão desordenadamente esses bens presentes que eles acreditam que são as únicas coisas desejáveis, ou os amam mais do que essas coisas que se acredita serem melhores – se assim for, então é necessário que a miséria siga e aumente sempre.

CAPÍTULO. 5.-DO ATO FRATRICIDA DO FUNDADOR DA CIDADE TERRESTRE, E O CRIME CORRESPONDENTE DO FUNDADOR DE ROMA

1. Assim, o fundador da cidade terrena era um fraticida. Dominado pela inveja, ele matou seu próprio irmão, cidadão da cidade eterna e peregrino na terra. De modo que não nos surpreendemos que esse primeiro espécime, ou, como dizem os gregos, arquétipo do crime, encontre, muito tempo depois, um crime correspondente na fundação daquela cidade que estava destinada a reinar sobre tantas nações e ser a cabeça desta cidade terrena de que falamos. Pois dessa cidade também, como mencionou um de seus poetas, "as primeiras paredes foram manchadas com o sangue de um irmão", ou, como registra a história romana, Remo foi morto por seu irmão Rômulo. E assim não há diferença entre a fundação desta cidade e da cidade terrena, a menos que Rômulo e Remo fossem ambos cidadãos da cidade terrena. Ambos desejavam ter a glória de fundar a república romana, mas

ambos não podiam ter tanta glória como se apenas a reivindicassem; pois aquele que desejasse ter a glória de governar certamente governaria menos se seu poder fosse compartilhado por uma consorte viva. Para, portanto, que toda a glória pudesse ser desfrutada por um, sua consorte foi removida; e por esse crime o império foi realmente maior, mas inferior, enquanto de outra forma teria sido menor, mas melhor. Ora, esses irmãos, Caim e Abel, não eram ambos animados pelos mesmos desejos terrenos, nem o assassino invejava o outro porque temia que, por ambos governando, seu próprio domínio fosse reduzido, - pois Abel não era solícito em governar em aquela cidade que seu irmão construiu, ele foi movido por aquele ódio diabólico e invejoso com que os maus olham para o bem, apenas porque são bons enquanto são maus. Pois a posse do bem não é de modo algum diminuída por ser compartilhada com um parceiro permanente ou temporariamente assumido; pelo contrário, a posse do bem aumenta na proporção da concórdia e da caridade de cada um dos que o compartilham. Em suma, quem não quer compartilhar essa posse não pode tê-la; e aquele que estiver mais disposto a admitir que outros participem disso terá a maior abundância para si mesmo. A briga, então, entre Rômulo e Remo mostra como a cidade terrena está dividida contra si mesma; o que caiu entre Caim e Abel ilustrou o ódio que subsiste entre as duas cidades, a de Deus e a dos homens. Os ímpios guerreiam com os ímpios; os bons também guerreiam com os maus. Mas com os bons, homens bons, ou pelo menos homens perfeitamente bons, não podem guerrear; embora, enquanto caminham apenas para a perfeição, eles guerreiam a tal ponto, que todo homem bom resiste aos outros naqueles pontos em que resiste a si mesmo. E em cada indivíduo "a carne milita contra o espírito, e o espírito contra a carne". Esta luxúria espiritual, portanto, pode estar em guerra com a luxúria carnal de outro homem; ou a luxúria carnal pode estar em guerra com os desejos espirituais de outro, de alguma forma como homens bons e maus estão em guerra; ou, ainda mais certamente, as concupiscências carnis de dois homens, bons, mas ainda não perfeitos, lutam juntos, assim como os ímpios lutam com os ímpios, até que a saúde daqueles que estão sob o tratamento da graça alcance a vitória final.

CAPÍTULO. 6.-DAS FRAQUEZAS QUE ATÉ OS CIDADÃOS DA CIDADE DE DEUS SOFREM DURANTE ESTA PEREGRINAÇÃO TERRESTRE EM CASTIGO DO PECADO, E DAS QUAIS SÃO CURADOS PELO CUIDADO DE DEUS

1. Esta doença - isto é, aquela desobediência de que falamos no livro décimo quarto - é o castigo da primeira desobediência. Portanto, não é natureza, mas vício; e, portanto, é dito aos bons que estão crescendo na graça e vivendo nesta peregrinação pela fé: "Levai os fardos uns dos outros, e assim cumpri a lei de Cristo." Da mesma maneira, é dito em outro lugar: "Advirta os indisciplinados, console os fracos de espírito, ampare os fracos, seja paciente para com todos os homens. Cuide para que ninguém retribua mal por mal a ninguém". Se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de mansidão; guarda-te para que não sejas também tentado". E em outro lugar: "Não se ponha o sol sobre a tua ira."⁵ E no Evangelho, "Se teu irmão te pecar, vai e repreende-o entre ti e ele sozinho." Assim também dos pecados que podem criar escândalo, o apóstolo diz: "Aos que pecarem repreende-os diante de todos, para que também os outros tenham medo." são dados que cuidadosamente inculcam o perdão mútuo; entre as quais podemos enumerar aquela terrível palavra em que o servo é obrigado a pagar sua dívida anteriormente remetida de dez mil talentos, porque ele não pagou ao seu conservo sua dívida de duzentos centavos. A essa parábola o Senhor Jesus acrescentou as palavras: "Assim também meu Pai celestial vos fará, se de coração não perdoardes cada um a seu irmão."⁹ É assim que os cidadãos da cidade de Deus são curados enquanto ainda eles peregrinam nesta terra e suspiram pela paz de seu país celestial. O Espírito Santo também opera internamente, para que o remédio aplicado externamente possa ter algum bom resultado. Caso contrário, ainda que o próprio Deus faça uso das criaturas que estão sujeitas a Ele, e de alguma forma humana se dirige aos nossos sentidos humanos, quer recebamos essas impressões no sono ou em alguma aparência externa, ainda assim, se Ele não graça influenciar e agir

sobre a mente, nenhuma pregação da verdade é de qualquer proveito. Mas isso Deus faz, distinguindo entre os vasos da ira e os vasos da misericórdia, por Sua própria providência muito secreta, mas muito justa. Quando Ele mesmo ajuda a alma em seus próprios caminhos ocultos e maravilhosos, e o pecado que habita em nossos membros, e é, como ensina o apóstolo, antes o castigo do pecado, não reina em nosso corpo mortal para obedecer às suas concupiscências, e quando não mais entregamos nossos membros como instrumentos de injustiça, então a alma é convertida de seus próprios desejos maus e egoístas e, possuindo-a Deus, ela se possui em paz mesmo nesta vida, e depois, com saúde perfeita e dotado de imortalidade, reinará sem pecado em paz eterna.

CAPÍTULO. 7.-DA CAUSA DO CRIME DE CAIM SUA OBSTINAÇÃO, QUE NEM MESMO A PALAVRA DE DEUS PODERIA SUBJUGAR

1. Mas, embora Deus tenha feito uso desse mesmo modo de tratamento que temos tentado explicar, e falado a Caim da forma pela qual Ele costumava se acomodar aos nossos primeiros pais e conversar com eles como um companheiro, que bom influência teve em Caim? Ele não cumpriu sua intenção perversa de matar seu irmão mesmo depois de ter sido avisado pela voz de Deus? Pois quando Deus fez uma distinção entre seus sacrifícios, negligenciando o de Caim, em relação ao de Abel, que sem dúvida foi sugerido por algum sinal visível para esse efeito; e quando Deus o fez porque as obras de um eram más, mas as de seu irmão boas, Caim ficou muito irado, e seu semblante caiu. Pois assim está escrito: "E o Senhor disse a Caim: Por que estás irado, e por que está caído o teu semblante? Se ofereceres corretamente, mas não distinguires corretamente, não pecaste? seja a sua volta, e tu o governarás". Nesta admoestação administrada por Deus a Caim, essa cláusula de fato: "Se você oferecer corretamente, mas não distinguir corretamente, não pecou?" é obscuro, na medida em que não é aparente por qual razão ou propósito foi falado, e muitos significados foram atribuídos a ele, pois cada um que o discute tenta

interpretá-lo de acordo com a regra da fé. A verdade é que um sacrifício é “oferecido corretamente” quando é oferecido ao verdadeiro Deus, a quem somente devemos sacrificar. E “não é corretamente distinguido” quando não distinguimos corretamente os lugares ou épocas ou materiais da oferta, ou a pessoa que oferece, ou a pessoa a quem é apresentada, ou aqueles a quem é distribuído como alimento após a oblação. . Distinguir² é usado aqui para discriminar – se quando uma oferta é feita em um lugar onde não deveria ou de um material que deveria ser oferecido não lá, mas em outro lugar; ou quando uma oferta é feita em um momento errado, ou de um material adequado não naquele momento, mas em algum outro momento; ou quando é oferecido o que em nenhum lugar ou tempo deve ser oferecido; ou quando um homem guarda para si espécimes mais escolhidos do mesmo tipo que ele oferece a Deus; ou quando ele ou qualquer outro que não possa licitamente participar profanamente come da oblação. Em qual desses detalhes Caim desagradou a Deus, é difícil determinar. Mas o apóstolo João, falando desses irmãos, diz: “Não como Caim, que era daquele maligno, e matou seu irmão. E por que o matou? Porque suas próprias obras eram más, e as de seu irmão justas”. Assim, ele nos dá a entender que Deus não respeitou sua oferta porque não foi corretamente “distinguido” nisso, que ele deu a Deus algo seu, mas se guardou para si mesmo. Para isso fazem todos os que não seguem a vontade de Deus, mas a sua própria, que não vivem com um coração reto, mas com um coração desonesto, e ainda assim oferecem a Deus os dons que eles supõem obter d’Ele, para que Ele os ajude não curando, mas satisfazendo suas maldades. paixões. E esta é a característica da cidade terrena, que ela adora a Deus ou deuses que podem ajudá-la a reinar vitoriosa e pacificamente na terra não pelo amor de fazer o bem, mas pelo desejo de governar. Os bons usam o mundo para desfrutar de Deus; os ímpios, ao contrário, para desfrutar do mundo, gostariam de usar Deus – aqueles, pelo menos, que alcançaram a crença de que Ele existe e se interessam nos assuntos humanos. Pois aqueles que ainda não atingiram essa crença estão ainda em um nível muito inferior. Caim, então, quando viu que Deus tinha respeito pelo sacrifício de seu irmão, mas não pelo seu próprio, deveria ter escolhido humildemente seu bom irmão como seu

exemplo, e não orgulhosamente o considerava seu rival. Mas ele ficou irado, e seu semblante caiu. Este arrependimento irado pela bondade de outra pessoa, mesmo de seu irmão, foi-lhe imputado por Deus como um grande pecado. E Ele o acusou disso no interrogatório: "Por que você está irado, e por que seu semblante está caído?" Pois Deus viu que ele invejava seu irmão, e disso o acusou. Para os homens, de quem o coração de seus semelhantes está escondido, pode ser duvidoso e bastante incerto se essa tristeza lamentou sua própria maldade pela qual, como ele aprendeu, ele desagradou a Deus, ou a bondade de seu irmão, que agradou a Deus. , e ganhou Sua consideração favorável ao seu sacrifício. Mas Deus, ao dar a razão pela qual Ele se recusou a aceitar a oferta de Caim e por que Caim deveria ter ficado descontente consigo mesmo do que com seu irmão, mostre-lhe que, embora ele fosse injusto em "não distinguir corretamente", isto é, não viver corretamente e sendo indigno de receber sua oferta, ele foi muito mais injusto ao odiar seu irmão justo sem causa.

2. No entanto, Ele não o dispensa sem conselho, santo, justo e bom. "Não te indignes", diz Ele, "porque para ti será a sua volta, e tu o dominarás." Sobre seu irmão, Ele quer dizer? Certamente não. Sobre o que, então, senão o pecado? Pois Ele havia dito: "Você pecou", e então Ele acrescentou: "Não te indignes, porque para ti será a sua volta, e tu a dominarás". E a "virada" do pecado para o homem pode ser entendida a partir de sua convicção de que a culpa do pecado não pode ser imputada a nenhum outro homem, a não ser a sua própria. Pois este é o remédio da penitência para a saúde, e o pedido adequado de perdão; de modo que, quando se diz: "Para ti, a sua virada", não devemos fornecer "será", mas devemos ler: "Para ti, que seja a sua virada", entendendo-o como um comando, não como uma previsão. Pois então um homem dominará seu pecado quando não o preferir a si mesmo e o defender, mas o sujeitar pelo arrependimento; caso contrário, aquele que se torna protetor dela certamente se tornará seu prisioneiro. Mas se entendermos esse pecado como aquela concupiscência carnal da qual o apóstolo diz: "A carne cobiça contra o espírito",² entre os frutos da qual ele chama inveja, pela qual certamente Caim foi picado e excitado para destruir seu irmão, então

podemos fornecer adequadamente as palavras “será” e ler: “Para ti será a sua volta, e tu a governarás”. Pois quando a parte carnal que o apóstolo chama de pecado, naquele lugar onde ele diz: “Não sou eu que faço isso, mas o pecado que habita em mim”, aquela parte que os filósofos também chamam de viciosa, e que não deve levar a mente, mas que a mente deve governar e restringir pela razão de movimentos ilícitos, – quando, então, esta parte foi movida para perpetrar qualquer maldade, se for reprimida e se obedecer à palavra do apóstolo: “Não ceda os vossos membros são instrumentos de injustiça para o pecado”,⁴ é voltado para a mente e subjugado e conquistado por ela, de modo que a razão a governa como sujeito. Foi isso que Deus ordenou àquele que foi aceso com o fogo da inveja contra seu irmão, de modo que procurou afastar aquele a quem deveria ter dado exemplo. “Não se preocupe”, ou componha-se, Ele diz: retire sua mão do crime; não reine o pecado em seu corpo mortal para cumpri-lo em suas concupiscências, nem entregue seus membros instrumentos de injustiça ao pecado. “Pois para ti será a sua volta”, contanto que você não o encoraje dando-lhe as rédeas, mas refreie-o apagando seu fogo. “E tu a governarás”; pois quando não são permitidos quaisquer atos externos, ele se rende à regra da mente governante e da vontade justa, e cessa até mesmo dos movimentos internos. Há algo semelhante dito no mesmo livro divino da mulher, quando Deus os questionou e julgou por causa de seu pecado, e pronunciou sentença sobre todos eles – o diabo na forma da serpente, a mulher e seu marido em sua própria pessoas. Pois quando Ele lhe disse: “Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor darás à luz filhos”, então Ele acrescentou, “e a tua conversão será para o teu marido, e ele te dominará”. O que é dito a Caim sobre seu pecado, ou sobre a concupiscência viciosa de sua carne, é dito aqui da mulher que pecou; e devemos entender que o marido deve governar sua esposa como a alma governa a carne. E, portanto, diz o apóstolo: “Aquele que ama sua esposa, ama a si mesmo; pois nenhum homem jamais odiou sua própria carne.”⁶ Essa carne, então, deve ser curada, porque pertence a nós mesmos: não deve ser abandonada à destruição como se fosse estranho à nossa natureza. Mas Caim recebeu esse conselho de Deus no espírito de quem não desejava emendar. De fato, o vício da inveja

se fortaleceu nele; e, tendo aprisionado seu irmão, ele o matou. Tal foi o fundador da cidade terrena. Ele também foi uma figura dos judeus que mataram Cristo, o Pastor do rebanho dos homens, prefigurado por Abel, o pastor das ovelhas: mas como este é um assunto alegórico e profético, deixo de explicá-lo agora; além disso, lembro-me de ter feito algumas observações sobre isso ao escrever contra Fausto, o Maniqueísta.

CAPÍTULO. 8.-QUAL A RAZÃO DE CAIM PARA CONSTRUIR UMA CIDADE TÃO CEDO NA HISTÓRIA DA RAÇA HUMANA

1. Atualmente, é a história que pretendo defender, que a Escritura não pode ser considerada incrível quando relata que um homem construiu uma cidade em uma época em que parecia haver apenas quatro homens na terra, ou melhor, apenas três, depois que um irmão matou o outro, a saber, o primeiro homem, o pai de todos, e o próprio Caim e seu filho Enoque, por cujo nome a própria cidade foi chamada. Mas os que se comovem com essa consideração esquecem de levar em conta que o escritor da história sagrada não menciona necessariamente todos os homens que poderiam estar vivos naquele momento, mas apenas aqueles que o escopo de sua obra exigia que ele nomeasse. O desígnio daquele escritor (que neste assunto era o instrumento do Espírito Santo) era descer a Abraão através das sucessões de gerações determinadas propagadas de um homem, e então passar da semente de Abraão para o povo de Deus, em quem, separados como eram de outras nações, foi prefigurado e predito tudo o que diz respeito à cidade cujo reinado é eterno, e ao seu rei e fundador Cristo, cujas coisas foram previstas no Espírito como destinadas a vir; no entanto, nem esse objetivo é tão efetivado que nada é dito da outra sociedade de homens que chamamos de cidade terrena, mas é feita menção a ela na medida em que parecia necessária para aumentar a glória da cidade celestial em contraste com seu oposto. Assim, quando a Escritura divina, ao mencionar o número de anos que aqueles homens viveram, conclui seu relato de cada homem de quem fala, com as palavras: "E gerou filhos e filhas, e todos os seus dias foram assim e assim, e ele

morreu", devemos entender que, porque não nomeia esses filhos e filhas, portanto, durante esse longo período de anos durante os quais uma vida se estendeu naqueles primeiros dias, pode não ter nascido muitos homens, por cujos números unidos não uma, mas várias cidades poderiam ter sido construídas? Mas convinha ao propósito de Deus, por cuja inspiração essas histórias foram compostas, organizar e distinguir da primeira essas duas sociedades em suas várias gerações – que de um lado as gerações dos homens, isto é, daqueles que viver segundo o homem e, por outro lado, as gerações dos filhos de Deus, isto é, dos homens que vivem segundo Deus, podem ser traçadas juntas e separadas umas das outras até o dilúvio, ponto em que sua dissociação e associação são exibidas: sua dissociação, na medida em que as gerações de ambas as linhas são registradas em tabelas separadas, uma linha descende do fratricida Caim, a outra de Seth, que havia nascido de Adão em vez daquele que seu irmão matou ; sua associação, na medida em que o bem se deteriorou tanto que toda a raça se tornou de tal caráter que foi varrida pelo dilúvio, com exceção de um homem justo, cujo nome era Noé, e sua esposa e três filhos e três filhas. só oito pessoas foram consideradas dignas de escapar daquela visita desoladora que destruiu todos os homens.

2. Portanto, embora esteja escrito: "E Caim conheceu sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Enoque, e ele edificou uma cidade e chamou o nome da cidade pelo nome de seu filho Enoque", não se segue que nós devemos acreditar que este tenha sido seu primogênito; pois não podemos supor que isso seja provado pela expressão "ele conhecia sua esposa", como se pela primeira vez ele tivesse tido relações sexuais com ela. Pois no caso de Adão, o pai de todos, esta expressão é usada não apenas quando Caim, que parece ter sido seu primogênito, foi concebido, mas também depois a mesma Escritura diz: "Adão conheceu Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz um filho, e chamou-lhe o nome de Sete."² Daí é óbvio que as Escrituras empregam esta expressão nem sempre quando um nascimento é registrado, nem apenas quando o nascimento de um primogênito é mencionado. Tampouco é necessário supor que Enoque foi o primogênito de Caim porque ele nomeou sua cidade em homenagem a

ele, pois é bem possível que, embora ele tivesse outros filhos, por alguma razão o pai o amasse mais do que aos outros. Judá não foi o primogênito, embora dê seu nome à Judéia e aos judeus. Mas mesmo que Enoque fosse o primogênito do fundador da cidade, isso não é razão para supor que o pai deu à cidade o nome dele assim que ele nasceu; pois naquela época ele, sendo apenas um homem solitário, não poderia ter fundado uma comunidade cívica, que nada mais é do que uma multidão de homens unidos por algum vínculo associativo. Mas quando sua família cresceu a tal ponto que ele tinha uma grande população, então tornou-se possível para ele construir uma cidade e dar-lhe, quando fundada, o nome de seu filho. Por tanto tempo foi a vida daqueles antediluvianos, que aquele que viveu o menor tempo daqueles cujos anos são mencionados nas Escrituras atingiu a idade de 753 anos. E embora ninguém tenha atingido a idade de mil anos, vários ultrapassaram a idade de novecentos. Quem, então, pode duvidar de que durante a vida de um homem a raça humana poderia ser tão multiplicada que haveria uma população para construir e ocupar não uma, mas várias cidades? E isso pode ser facilmente conjecturado pelo fato de que de um homem, Abraão, em não muito mais do que quatrocentos anos, os números da raça hebraica aumentaram tanto, que no êxodo daquele povo do Egito há registros de que houve seiscentos. e acima das outras nações que eram da mesma linhagem de Abraão, embora não através de Sara, isto é, seus descendentes por Agar e Quetura, os ismaelitas, midianitas, etc.

CAPÍTULO. 9.-DA VIDA LONGA E MAIOR ESTATURA DOS ANTEDILUVIANOS

1. Portanto, ninguém que pondere os fatos com consideração duvidará que Caim possa ter construído uma cidade, e que uma grande, quando se observa quão prolongada foram as vidas dos homens, a menos que talvez algum céptico faça objeção a essa mesma extensão de anos que nossos autores atribuem aos antediluvianos e negam que isso seja crível. E assim também eles não acreditam que o tamanho dos corpos dos homens era maior do que agora, embora o mais estimado de seus

próprios poetas, Virgílio, afirme o mesmo, quando fala daquela enorme pedra que havia sido fixada como um marco. , e que um homem forte daqueles tempos antigos arrebatou enquanto lutava, e corria, e arremessava e lançava, –

"Pouco doze homens fortes de molde posterior

Esse peso poderia sustentar em seus pescoços."

declarando assim sua opinião de que a terra então produziu homens mais poderosos. E se nos tempos mais recentes, quanto mais nas eras anteriores ao dilúvio mundialmente famoso? Mas o grande tamanho do corpo humano primitivo é muitas vezes provado pelos incrédulos pela exposição de sepulcros, seja pelo desgaste do tempo ou pela violência das torrentes ou algum acidente, e nos quais foram encontrados ou desdobrados ossos de tamanho incrível. . Eu mesmo, junto com alguns outros, vi na praia de Utica um dente molar de homem de tal tamanho que, se fosse cortado em dentes como nós, acho que cem poderiam ter sido feitos dele. Mas isso, acredito, pertencia a algum gigante. Pois embora os corpos dos homens comuns fossem maiores que os nossos, os gigantes superavam todos em estatura. E nem em nossa época nem em qualquer outra houve casos totalmente carentes de estatura gigantesca, embora possam ser poucos. O mais jovem Plínio, um homem mais culto, sustenta que quanto mais velho o mundo se torna, menores serão os corpos dos homens. E ele menciona que Homero em seus poemas muitas vezes lamentou o mesmo declínio; e disso ele não ri como uma invenção poética, mas em seu caráter de registrador de maravilhas naturais o aceita como historicamente verdadeiro. Mas, como eu disse, os ossos que são descobertos de tempos em tempos comprovam o tamanho dos corpos dos antigos³ e o farão nas eras futuras, pois são lentos para se decompor. Mas a duração da vida de um antediluviano agora não pode ser provada por nenhuma evidência monumental. Mas não devemos, por isso, negar nossa fé à história sagrada, cujas declarações de fatos passados somos mais indesculpáveis em desacreditar, pois vemos a precisão de sua previsão do que era futuro. E mesmo esse mesmo Plínio nos diz que ainda existe uma nação em que os homens vivem

200 anos. Se, então, em lugares desconhecidos para nós, acredita-se que os homens têm uma duração de dias que está muito além de nossa própria experiência, por que não deveríamos acreditar o mesmo em tempos distantes dos nossos? Ou devemos acreditar que em outros lugares há o que não está aqui, enquanto não acreditamos que em outros tempos houve algo além do que é agora?

CAPÍTULO. 10.-DO DIFERENTE CÁLCULO DAS IDADES DOS ANTEDILUVIANOS, DADO PELOS MANUSCRITOS HEBRAICOS E POR NOSSOS PRÓPRIOS.

1. Portanto, embora haja uma discrepância para a qual não posso explicar entre nossos manuscritos e o hebraico, no próprio número de anos atribuídos aos antediluvianos, ainda assim a discrepância não é tão grande que eles não concordem sobre sua longevidade. Pois o primeiro homem, Adão, antes de gerar seu filho Sete, está em nossos manuscritos como tendo vivido 230 anos, mas no manuscrito hebraico. 130. Mas depois que ele gerou Seth, nossas cópias dizem que ele viveu 700 anos, enquanto os hebreus dão 800. E assim, quando os dois períodos são tomados juntos, a soma concorda. E assim, ao longo das gerações sucessivas, o período antes do pai gerar um filho é sempre reduzido em 100 anos no hebraico, mas o período após o filho ser gerado é mais longo em 100 anos no hebraico do que em nossas cópias. E assim, juntando os dois períodos, o resultado é o mesmo em ambos. E na sexta geração não há discrepância nenhuma. No sétimo, no entanto, do qual Enoque é o representante, que é registrado como tendo sido traduzido sem morte porque ele agradou a Deus, há a mesma discrepância que nas primeiras cinco gerações, 100 anos mais sendo atribuídos a ele por nosso mss. antes de gerar um filho. Mas ainda assim o resultado concorda; pois de acordo com ambos os documentos ele viveu antes de ser traduzido 365 anos. Na oitava geração a discrepância é menor do que nas outras, e de um tipo diferente. Para Matusalém, a quem Enoque gerou, viveu, antes de gerar seu sucessor, não 100 anos a menos, mas 100 anos a mais, de acordo com a leitura hebraica; e em nosso MSS. novamente esses anos

são adicionados ao período depois que ele gerou seu filho; de modo que neste caso também a soma total é a mesma. E é somente na nona geração, isto é, na era de Lameque, filho de Matusalém e pai de Noé, que há uma discrepância na soma total; e mesmo neste caso é leve. Para o MSS hebraico. representá-lo vivendo vinte e quatro anos a mais do que os nossos atribuem a ele. Pois antes de gerar seu filho, que se chamava Noé, seis anos a menos são dados a ele pelos MSS hebraicos do que pelos nossos; mas depois que ele gerou este filho, eles lhe deram trinta anos a mais do que os nossos; de modo que, descontando os seis anteriores, resta, como dissemos, um excedente de vinte e quatro.

CAPÍTULO. 11.-DA IDADE DE MATUSALÉM, QUE PARECE SE PROLOGAR QUATORZE ANOS ALÉM DO DILUVÍO

1. Desta discrepância entre os livros hebraicos e os nossos surge a conhecida questão quanto à idade de Matusalém; pois calcula-se que ele viveu por quatorze anos após o dilúvio, embora as Escrituras relatem que de todos os que estavam na terra, apenas as oito almas na arca escaparam da destruição pelo dilúvio, e destes Matusalém não era um. Pois, de acordo com nossos livros, Matusalém, antes de gerar o filho a quem chamou de Lameque, viveu 167 anos; então o próprio Lamech, antes de seu filho Noé nascer, viveu 188 anos, que juntos fazem 355 anos. Adicione a estes a idade de Noé na data do dilúvio, 600 anos, e isso dá um total de 955 desde o nascimento de Matusalém até o ano do dilúvio. Agora todos os anos da vida de Matusalém são computados em 969; pois quando ele viveu 167 anos e gerou seu filho Lamech, ele viveu depois desses 802 anos, o que perfaz um total, como dissemos, de 969 anos. Disto, se deduzirmos 955 anos desde o nascimento de Matusalém até o dilúvio, restam quatorze anos, que se supõe que ele tenha vivido após o dilúvio. E, portanto, alguns supõem que, embora ele não estivesse na terra (no qual se concorda que todos os seres vivos que não podiam viver naturalmente na água pereceram), ele esteve por um tempo com seu pai, que havia sido trasladado, e que viveu ali até que o dilúvio passou. Essa hipótese eles adotam, que eles

não podem desprezar a confiabilidade das versões que a Igreja recebeu em uma posição de alta autoridade,² e porque eles acreditam que os MSS judeus. ao invés do nosso estão em erro. Pois eles não admitem que isso seja um erro dos tradutores, mas sustentam que há uma declaração falsificada no original, da qual, através do grego, a Escritura foi traduzida para nossa própria língua. Eles dizem que não é crível que os setenta tradutores, que simultaneamente e unanimemente produziram uma tradução, pudessem ter errado, ou, em um caso em que nenhum interesse deles estava envolvido, poderiam ter falsificado sua tradução; mas que os judeus, invejando-nos a nossa tradução de suas Leis e Profetas, fizeram alterações em seus textos para minar a autoridade da nossa. Esta opinião ou suspeita deixa cada homem adotar de acordo com seu próprio julgamento. Certo é que Matusalém não sobreviveu ao dilúvio, mas morreu no mesmo ano em que ocorreu, se os números são dados no MSS hebraico. são verdadeiros. A minha opinião sobre os setenta tradutores vou, com a ajuda de Deus, expor mais cuidadosamente em seu próprio lugar, quando eu tiver chegado (seguindo a ordem que este trabalho exige) ao período em que sua tradução foi executada. Para a presente questão, basta que, de acordo com nossas versões, os homens daquela época tenham vivido tanto tempo que seja bem possível que, durante a vida do primogênito dos dois pais únicos então na terra, o a raça humana se multiplicou o suficiente para formar uma comunidade.

CAPÍTULO. 12.-DA OPINIÃO DOS QUE NÃO ACREDITAM QUE NESSES TEMPOS PRIMITIVOS OS HOMENS VIVERAM TANTO COMO ESTÁ AFIRMADO

1. Pois de modo algum devem ser ouvidos aqueles que supõem que naqueles tempos os anos eram contados de maneira diferente e eram tão curtos que um de nossos anos pode ser considerado igual a dez deles. De modo que eles dizem que, quando lemos ou ouvimos que algum homem viveu 900 anos, devemos entender noventa, dez desses anos fazendo apenas um dos nossos, e dez dos nossos igualando 100

deles. Conseqüentemente, como eles supõem, Adão tinha vinte e três anos de idade quando gerou Sete, e o próprio Sete tinha vinte anos e seis meses quando seu filho Enos nasceu, embora a Escritura chame esses meses de 205 anos. Pois, na hipótese daqueles cuja opinião estamos explicando, era costume dividir um ano como temos em dez partes e chamar cada parte de ano. E cada uma dessas partes era composta de seis dias ao quadrado; porque Deus terminou Suas obras em seis dias, para que Ele pudesse descansar no sétimo. Discuti isso de acordo com minha habilidade no décimo primeiro livro. Agora seis ao quadrado, ou seis vezes seis, dá trinta e seis dias; e isso multiplicado por dez equivale a 360 dias, ou doze meses lunares. Quanto aos cinco dias restantes que são necessários para completar o ano solar, e para a quarta parte de um dia, que exige que a cada quatro anos ou ano bissexto seja acrescentado um dia, os antigos acrescentavam os dias que os romanos costumavam chamar "intercalar", para completar o número dos anos. De modo que Enos, filho de Seth, tinha dezenove anos quando seu filho Cainã nasceu, embora as Escrituras chamem esses anos de 190. E assim, através de todas as gerações em que as idades dos antediluvianos são dadas, encontramos em nossas versões que quase ninguém gerou um filho com a idade de 100 anos ou menos, ou mesmo com a idade de 120 anos ou algo assim; mas os pais mais jovens são registrados como tendo 160 anos ou mais. E a razão disso, dizem eles, é que ninguém pode gerar filhos aos dez anos de idade, a idade mencionada por aqueles homens como 100, mas que dezesseis é a idade da puberdade e competente agora para procriar; e esta é a idade chamada por eles de 160. E para que não seja considerado incrível que nestes dias o ano fosse calculado de maneira diferente do nosso, eles aduzem o que é registrado por vários escritores da história, que os egípcios tinham um ano de quatro meses, os Acarnanians de seis, e os Lavinians de treze meses. O jovem Plínio, depois de mencionar que alguns escritores relataram que um homem viveu 152 anos, outro mais dez, outros 200, outros 300, que alguns chegaram a 500 e 600, e alguns 800 anos de idade, deu como sua opinião que tudo isso deve ser atribuído a um cálculo equivocado. Para alguns, diz ele, faça verão e inverno cada ano; outros fazem cada estação um ano, como os Arcádios, cujos anos, diz ele, eram de três meses. Ele

acrescentou, também, que os egípcios, de cujos pequenos anos de quatro meses já falamos, às vezes terminavam seu ano no minguante de cada lua; de modo que com eles são produzidos tempos de vida de 1000 anos.

2. Por esses argumentos plausíveis, certas pessoas, sem o desejo de enfraquecer o crédito desta história sagrada, mas sim de facilitar a crença nela removendo a dificuldade de uma longevidade tão incrível, foram persuadidas, e pensam que agem sabiamente ao persuadir os outros, que naqueles dias o ano era tão breve que dez de seus anos equivalem a apenas um dos nossos, enquanto dez dos nossos equivalem a 100 deles. Mas há a evidência mais clara para mostrar que isso é totalmente falso. Antes de apresentar essa evidência, porém, parece correto mencionar uma conjectura ainda mais plausível. A partir dos manuscritos hebraicos, poderíamos refutar imediatamente essa afirmação confiante; pois neles se descobre que Adão viveu não 230, mas 130 anos antes de gerar seu terceiro filho. Se, então, isso significa treze anos por nosso cálculo comum, então ele deve ter gerado seu primeiro filho quando tinha apenas doze anos ou por aí. Quem pode nesta idade gerar filhos de acordo com o curso normal e familiar da natureza? Mas para não falar dele, já que é possível que ele tenha sido capaz de gerar seus semelhantes assim que foi criado – pois não é crível que ele tenha sido criado tão pequeno quanto nossos bebês são – para não falar dele, seu filho não tinha 205 anos quando gerou Enos, como dizem nossas versões, mas 105 e, conseqüentemente, de acordo com essa ideia, não tinha onze anos. Mas o que direi de seu filho Cainã, que, embora por nossa versão 170 anos, era pelo texto hebraico setenta quando gerou Mahalaleel? Se setenta anos naqueles tempos significavam apenas sete dos nossos anos, que homem de sete anos gera filhos?

CAPÍTULO. 13.-SE, EM COMPUTAÇÃO DE ANOS, DEVEMOS SEGUIR O HEBRAICO OU A SEPTUAGINTA

1. Mas se eu disser isso, logo serei respondido: É uma das mentiras dos

judeus. Isso, no entanto, já dispomos acima, mostrando que não pode ser que homens de reputação tão justa quanto os setenta tradutores tenham falsificado sua versão. No entanto, se eu perguntar a eles qual dos dois é mais credível, que a nação judaica, espalhada por toda parte, poderia ter conspirado unanimemente para forjar essa mentira, e assim, por invejar a autoridade de suas Escrituras, privou-se de sua verdade; ou que setenta homens, que também eram judeus, encerrados em um só lugar (pois Ptolomeu, rei do Egito os havia reunido para este trabalho), deveriam ter invejado as nações estrangeiras dessa mesma verdade, e de comum acordo inseriram esses erros: quem não não vê o que pode ser mais natural e prontamente acreditado? Mas longe de qualquer homem prudente acreditar que os judeus, por mais maliciosos e mal-intencionados que fossem, pudessem ter adulterado tantos e tão amplamente dispersos manuscritos; ou que aqueles setenta indivíduos renomados tinham algum propósito comum de ressentir a verdade para as nações. Deve-se, portanto, sustentar de maneira mais plausível que, quando seus trabalhos começaram a ser transcritos da cópia na biblioteca de Ptolomeu, alguma distorção desse tipo poderia encontrar seu caminho na primeira cópia feita, e a partir dela poderia ser disseminada por toda parte; e que isso pode surgir de nenhuma fraude, mas de um mero erro de copista. Este é um relato suficientemente plausível da dificuldade em relação à vida de Matusalém e daquele outro caso em que há uma diferença no total de vinte e quatro anos. Mas nos casos em que há uma semelhança metódica na falsificação, de modo que uniformemente uma versão atribui ao período anterior ao nascimento de um filho e sucessor 100 anos a mais do que o outro, e ao período subsequente 100 anos a menos, e vice-versa. versâ, para que os totais concordem – e isso vale para a primeira, segunda, terceira, quarta, quinta e sétima gerações – nesses casos o erro parece ter, se assim podemos dizer, um certo tipo de constância. , e não tem sabor de acidente, mas de design.

2. Assim, a diversidade de números que distingue as cópias hebraicas das gregas e latinas das Escrituras, e que consiste em uma adição e dedução uniforme de 100 anos em cada vida por várias gerações

consecutivas, não deve ser atribuída nem à malícia de aos judeus nem a homens tão diligentes e prudentes como os setenta tradutores, mas ao erro do copista que primeiro foi autorizado a transcrever o manuscrito da biblioteca do rei acima mencionado. Pois mesmo agora, nos casos em que os números não contribuem em nada para a compreensão mais fácil ou para o conhecimento mais satisfatório de qualquer coisa, eles são transcritos descuidadamente, e ainda mais descuidadamente corrigidos. Pois quem se preocupará em saber quantos milhares de homens continham as várias tribos de Israel? Ele não vê nenhum benefício resultante de tal conhecimento. Ou quantos homens estão cientes da vasta vantagem que se esconde nesse conhecimento? Mas neste caso, em que durante tantas gerações consecutivas se acrescentam 100 anos num manuscrito onde não são contados no outro, e depois, depois do nascimento do filho e sucessor, somam-se os anos que faltavam, é óbvio que o copista que elaborou esse arranjo pretendia insinuar que os antediluvianos viveram um número excessivo de anos apenas porque cada ano era excessivamente breve, e que ele tentou chamar a atenção para esse fato por sua declaração de sua idade de puberdade na qual tornaram-se capazes de gerar filhos. Pois, para que os incrédulos não tropeçassem na dificuldade de uma vida tão longa, ele insinuou que 100 de seus anos equivaliam a apenas dez dos nossos; e essa insinuação ele transmitia acrescentando 100 anos sempre que encontrasse a idade inferior a 160 anos ou próximo, deduzindo esses anos novamente do período posterior ao nascimento do filho, para que o total se harmonizasse. Dessa forma, ele pretendia atribuir a geração de descendentes a uma idade adequada, sem diminuir a soma total de anos atribuída ao tempo de vida dos indivíduos. E o próprio fato de que na sexta geração ele se afastou dessa prática uniforme, nos inclina a acreditar que quando a circunstância a que nos referimos exigiu suas alterações, ele as fez; vendo que quando esta circunstância não existia, ele não fez nenhuma alteração. Pois na mesma geração ele encontrou no MS hebraico, que Jared viveu antes de gerar Enoque 162 anos, que, de acordo com o cálculo do ano curto, é dezesseis anos e um pouco menos de dois meses, uma idade capaz de procriação; e, portanto, não foi necessário adicionar 100 anos curtos e, assim, tornar a idade vinte e

seis anos da duração usual; e é claro que não era necessário deduzir, após o nascimento do filho, anos que ele não havia somado antes. E assim acontece que neste caso não há variação entre os dois manuscritos.

3. Isso é corroborado ainda mais pelo fato de que na oitava geração, enquanto os livros hebraicos atribuem 182 anos a Matusalém antes do nascimento de Lameque, os nossos atribuem a ele vinte menos, embora geralmente 100 anos sejam adicionados a este período; então, após o nascimento de Lameque, os vinte anos são restaurados, de modo a igualar o total nos dois livros. Pois se seu projeto era que esses 170 anos fossem entendidos como dezessete, para se adequar à idade da puberdade, como não havia necessidade de ele adicionar nada, então não havia nada para ele subtrair; pois neste caso ele encontrou uma idade adequada para a geração de filhos, por causa da qual ele tinha o hábito de adicionar esses 100 anos nos casos em que ele não achava a idade já suficiente. Esta diferença de vinte anos poderíamos, de fato, supor ter acontecido acidentalmente, se ele não tivesse o cuidado de restaurá-los depois, como os havia deduzido do período anterior, para que não houvesse deficiência no total. Ou devemos supor que houve o desígnio ainda mais astuto de ocultar a adição deliberada e uniforme de 100 anos ao primeiro período e sua dedução do período subsequente – ele pretendia ocultar isso fazendo algo semelhante, isto é, dizer, somando e deduzindo, não um século, mas alguns anos, mesmo em um caso em que não havia necessidade de fazê-lo? Mas o que quer que se pense disso, quer se acredite que ele o fez ou não, quer, enfim, seja assim ou não, eu não tenho nenhuma dúvida de que, quando alguma diversidade é encontrada nos livros, uma vez que ambos não podem ser verdadeiros, fazemos bem em acreditar preferencialmente naquela língua a partir da qual a tradução foi feita para outra pelos tradutores. Pois há três MSS gregos, um latino e um siríaco, que concordam entre si, e em todos eles se diz que Matusalém morreu seis anos antes do dilúvio.

CAPÍTULO. 14.-QUE OS ANOS NESSES TEMPOS ANTIGOS

TINHAM A MESMA DURAÇÃO QUE OS NOSSOS

1. Vejamos agora como pode ser claramente entendido que na vida enormemente prolongada daqueles homens os anos não eram tão curtos que dez de seus anos eram iguais a apenas um dos nossos, mas eram tão longos quanto os nossos, que são medidos pelo curso do sol. É provado por isso que as Escrituras afirmam que o dilúvio ocorreu no ano seiscentos da vida de Noé. Mas por que no mesmo lugar também está escrito: "As águas do dilúvio caíram sobre a terra no ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, o vigésimo sétimo dia do mês", se aquele muito breve ano (dos quais foram necessários dez para fazer um dos nossos) consistia em trinta e seis dias? Para um ano tão escasso, se o antigo uso o dignificava com o nome de ano, ou não tem meses, ou este mês deve ter três dias, para que possa ter doze deles. Como então foi dito aqui: "No ano seiscentos, no segundo mês, no vigésimo sétimo dia do mês", a menos que os meses de então fossem da mesma duração que os meses de agora? Pois de que outra forma se poderia dizer que o dilúvio começou no vigésimo sétimo dia do segundo mês? Então depois, no fim do dilúvio, está assim escrito: "E a arca descansou no sétimo mês, no vigésimo sétimo dia do mês, sobre os montes de Ararate. E as águas baixaram continuamente até o décimo primeiro mês. : no primeiro dia do mês foram vistos os cumes das montanhas."2 Mas se os meses eram como nós temos, então os anos também o eram. E certamente meses de três dias cada não poderiam ter um vigésimo sétimo dia. Ou se cada medida de tempo foi diminuída em proporção, e uma trigésima parte de três dias foi então chamada de dia, então aquele grande dilúvio, que é registrado como tendo durado quarenta dias e quarenta noites, realmente acabou em menos de quatro de nossos dias. dias. Quem pode fugir com tanta tolice e absurdo? Longe de nós este erro – um erro que busca construir nossa fé nas Escrituras divinas em falsas conjecturas apenas para demolir nossa fé em outro ponto. É claro que o dia então era o que é agora, um espaço de vinte e quatro horas, determinado pelo lapso do dia e da noite; o mês então igual ao mês agora, que é definido pela ascensão e conclusão de uma lua; o ano então igual ao ano agora, que é completado por doze meses lunares, com a adição de cinco dias e um

quarto para ajustá-lo com o curso do sol. Foi um ano desta duração que foi contado como o sexto centésimo da vida de Noé, e no segundo mês, o vigésimo sétimo dia do mês, começou o dilúvio – um dilúvio que, como está registrado, foi causado por fortes chuvas. continuando por quarenta dias, dias que não tinham apenas duas horas e um pouco mais, mas vinte e quatro horas, completando uma noite e um dia. E, conseqüentemente, esses antediluvianos viveram mais de 900 anos, que foram anos tão longos quanto aqueles dos quais Abraão viveu 175, e depois dele seu filho Isaque 180, e seu filho Jacó quase 150, e algum tempo depois, Moisés 120, e os homens agora setenta ou oitenta, ou não muito mais, dos quais se diz que "sua força é o trabalho e a tristeza".

2. Mas essa discrepância de números que existe entre o nosso e o texto hebraico não afeta a longevidade dos antigos; e se houver uma diversidade tão grande que ambas as versões não possam ser verdadeiras, devemos tirar nossas idéias dos fatos reais daquele texto do qual nossa própria versão foi traduzida. No entanto, embora qualquer um que queira ter o poder de corrigir esta versão, não é sem importância observar que ninguém presumiu emendar a Septuaginta do texto hebraico nos muitos lugares em que parecem discordar. Pois esta diferença não foi considerada uma falsificação; e, de minha parte, estou convencido de que não deve ser considerado assim. Mas onde a diferença não é um mero erro de copista, e onde o sentido é agradável à verdade e ilustrativo da verdade, devemos acreditar que o Espírito divino os levou a dar uma versão variável, não em sua função de tradutores, mas na liberdade de profetizar. E, portanto, descobrimos que os apóstolos sancionam com justiça a Septuaginta, citando-a assim como o hebraico quando apresentam provas das Escrituras. Mas como prometi tratar este assunto com mais cuidado, se Deus me ajudar, em um lugar mais adequado, continuarei agora com o assunto em mãos. Pois não pode haver dúvida de que, sendo a vida dos homens tão longa, o primogênito do primeiro homem poderia ter construído uma cidade, mas uma cidade que era terrena, e não aquela que é chamada de cidade de Deus. , para descrever que temos em mãos este grande trabalho.

CAPÍTULO. 15.-SE É CREDÍVEL QUE OS HOMENS DA IDADE PRIMITIVA SE ABSTENHARAM DE RELAÇÕES SEXUAIS ATÉ AQUELA DATA EM QUE SE REGISTRA QUE GERARAM FILHOS

1. Alguém, então, dirá: É de se acreditar que um homem que pretendia gerar filhos, e não tinha intenção de continência, se absteve de relações sexuais por cem anos ou mais, ou mesmo, de acordo com a versão hebraica, apenas um pouco menos, digamos oitenta, setenta ou sessenta anos; ou, se não se absteve, foi incapaz de gerar descendência? Esta questão admite duas soluções. Pois ou a puberdade foi tão tardia quanto toda a vida foi mais longa, ou, o que me parece mais provável, não são os filhos primogênitos que são mencionados aqui, mas aqueles cujos nomes foram necessários para preencher a série até que Noé foi alcançado, de quem novamente vemos que a sucessão continua até Abraão, e depois dele até aquele ponto do tempo até o qual era necessário marcar por pedigree o curso da cidade mais gloriosa, que peregrina como uma estrangeira neste mundo, e procura a pátria celestial. O que é inegável é que Caim foi o primeiro que nasceu do homem e da mulher. Pois se ele não tivesse sido o primeiro que foi acrescentado pelo nascimento às duas pessoas não nascidas, Adão não poderia ter dito o que está registrado como tendo dito: "Conquistei um homem pelo Senhor". Ele foi seguido por Abel, a quem o irmão mais velho matou, e que foi o primeiro a mostrar, por uma espécie de prenúncio da peregrinação da cidade de Deus, que perseguições iníquas essa cidade sofreria nas mãos dos ímpios e, por assim dizer, homens nascidos na terra, que amam sua origem terrena e se deleitam na felicidade terrena da cidade terrena. Mas a idade de Adão quando gerou esses filhos não aparece. Depois disso as gerações divergem, um ramo derivando de Caim, o outro daquele que Adão gerou no quarto de Abel morto por seu irmão, e a quem ele chamou de Sete, dizendo, como está escrito: "Porque Deus me ressuscitou outra semente para Abel, que Caim matou." 2 Essas duas séries de gerações, uma de Caim, a outra de Sete, representam as

duas cidades em suas fileiras distintas, uma a cidade celestial, que peregrina na terra, a outra a terrenas, que boceja atrás das alegrias terrenas, e nelas rasteja como se fossem as únicas alegrias. Mas embora oito gerações, incluindo Adão, sejam registradas antes do dilúvio, nenhum homem da linhagem de Caim tem sua idade registrada na qual o filho que o sucedeu foi gerado. Pois o Espírito de Deus se recusou a marcar os tempos anteriores ao dilúvio nas gerações da cidade terrena, mas preferiu fazê-lo na linha celestial, como se fosse mais digno de ser lembrado. Além disso, quando Seth nasceu, a idade de seu pai é mencionada; mas ele já havia gerado outros filhos, e quem ousará dizer que Caim e Abel foram os únicos anteriormente gerados? Pois não se segue que somente eles tenham sido gerados de Adão, porque somente eles foram nomeados para continuar a série de gerações que era desejável mencionar. Pois embora os nomes de todos os outros estejam enterrados em silêncio, ainda assim é dito que Adão gerou filhos e filhas; e quem quer se livrar da acusação de temeridade ousará dizer quantos foram os seus descendentes? Foi bastante possível que Adão tenha sido divinamente induzido a dizer, depois que Sete nasceu: "Pois Deus levantou para mim outra semente para Abel", porque aquele filho deveria ser capaz de representar a santidade de Abel, não porque ele nasceu primeiro depois ele no ponto de me . Então, porque está escrito: "E Seth viveu 205 anos", ou, de acordo com a leitura hebraica, "105 anos, e gerou Enos", quem senão um homem imprudente poderia afirmar que este era seu primogênito? Algum homem fará isso para excitar nossa admiração e nos fazer perguntar como por tantos anos ele permaneceu livre de relações sexuais, embora sem qualquer propósito de continuar assim, ou como, se ele não se absteve, ele ainda não teve filhos? Alguém o fará quando estiver escrito sobre ele: "E ele gerou filhos e filhas, e todos os dias de Sete foram 912 anos, e ele morreu?" que geraram filhos e filhas.

Conseqüentemente, não aparece se aquele que é nomeado como filho foi ele mesmo o primogênito. Não, uma vez que é incrível que esses pais demorassem tanto para atingir a puberdade, ou não pudessem ter esposas, ou não pudessem fecundá-las, também é incrível que esses filhos fossem seus primogênitos. Mas como o escritor da história

sagrada planejou descer em intervalos bem marcados através de uma série de gerações até o nascimento e vida de Noé, em cujo tempo ocorreu o dilúvio, ele mencionou não aqueles filhos que foram primogênitos, mas aqueles por quem a sucessão foi proferida.

2. Deixe-me esclarecer isso inserindo aqui um exemplo, em relação ao qual ninguém pode duvidar de que o que estou afirmando é verdadeiro. O evangelista Mateus, onde ele pretende registrar em nossas memórias a geração da carne do Senhor por uma série de pais, começando por Abraão e pretendendo chegar a Davi, diz: "Abraão gerou Isaque"; por que ele não disse Ismael, a quem ele gerou primeiro? Então "Isaque gerou Jacó"; por que ele não disse Esaú, que foi o primogênito? Simplesmente porque esses filhos não o teriam ajudado a chegar a Davi. Em seguida, segue: "E Jacó gerou Judá e seus irmãos:" Judá foi o primogênito? "Judá", diz ele, "gerou Pharez e Zara"; contudo, nem esses gêmeos foram os primogênitos de Judá, mas antes deles ele havia gerado outros três filhos. E assim, na ordem das gerações, ele reteve aqueles por quem poderia alcançar Davi, de modo a prosseguir até o fim que tinha em vista. E a partir disso podemos entender que os antediluvianos mencionados não eram os primogênitos, mas aqueles através dos quais a ordem das gerações sucessivas pode ser transmitida ao patriarca Noé. Não precisamos, portanto, nos cansar de discutir a questão desnecessária e obscura quanto ao atraso de atingir a puberdade.

CAPÍTULO. 16.-DO CASAMENTO ENTRE RELAÇÕES DE SANGUE, EM RELAÇÃO AO QUAL A PRESENTE LEI NÃO PODERIA VINCULAR OS HOMENS DAS PRIMEIRAS IDADES

1. Como, portanto, a raça humana, posteriormente ao primeiro casamento do homem que foi feito de pó, e sua esposa que foi feita de seu lado, exigiu a união de machos e fêmeas para que pudesse se multiplicar, e como não havia seres humanos, exceto aqueles que nasceram desses dois, os homens tomaram suas irmãs por esposas –

um ato que certamente foi ditado pela necessidade nestes tempos antigos, como depois foi condenado pelas proibições da religião. Pois é muito razoável e justo que os homens, entre os quais a concórdia é honrosa e útil, sejam ligados por vários relacionamentos; e um homem não deve manter muitas relações, mas que as várias relações devem ser distribuídas entre vários, e devem, assim, servir para unir o maior número de pessoas nos mesmos interesses sociais. "Pai" e "sogro" são os nomes de dois relacionamentos. Quando, portanto, um homem tem uma pessoa para seu pai, outra para seu sogro, a amizade se estende a um número maior. Mas Adão em sua pessoa solteira foi obrigado a manter ambas as relações com seus filhos e filhas, pois irmãos e irmãs estavam unidos em casamento. Assim também Eva, sua esposa, era mãe e sogra para seus filhos de ambos os sexos; ao passo que, se houvesse duas mulheres, uma mãe e outra sogra, o afeto familiar teria um campo mais amplo. Então a própria irmã, tornando-se esposa, sustentou em sua pessoa solteira duas relações que, se tivessem sido distribuídas entre os indivíduos, sendo uma irmã e outra esposa, o vínculo familiar teria abarcado um número maior de pessoas. Mas então não havia material para efetuar isso, pois não havia seres humanos além dos irmãos e irmãs nascidos desses dois primeiros pais. Portanto, quando uma população abundante tornasse isso possível, os homens deveriam escolher para esposas mulheres que ainda não fossem suas irmãs; pois não apenas não haveria necessidade de se casar com irmãs, mas, se fosse feito; seria o mais abominável. Pois se os netos do primeiro casal, podendo agora escolher suas primas para esposas, se casassem com suas irmãs, então já não seriam apenas duas, mas três relações que seriam mantidas por um homem, enquanto cada uma dessas relações deveria ter sido mantido por um indivíduo separado, de modo a unir pela afeição familiar um número maior. Pois um homem seria, nesse caso, pai e sogro e tio de seus próprios filhos (irmão e irmã agora marido e mulher); e sua esposa seria mãe, tia e sogra para eles; e eles próprios não seriam apenas irmão e irmã, marido e mulher, mas também primos, sendo filhos de irmão e irmã. Agora, todos esses relacionamentos, que combinavam três homens em um, teriam abraçado nove pessoas se cada relacionamento fosse mantido por um indivíduo, de modo que um

homem tivesse uma pessoa para sua irmã, outro sua esposa, outro seu primo, outro seu pai, outro seu tio, outro seu sogro, outro sua mãe, outro sua tia, outro sua sogra; e assim o laço social não teria sido apertado para unir alguns, mas afrouxado para abraçar um número maior de relações.

2. E vemos que, uma vez que a raça humana aumentou e se multiplicou, isso é tão estritamente observado mesmo entre os adoradores profanos de muitos e falsos deuses, que embora suas leis perversamente permitam que um irmão se case com sua irmã, ainda assim o costume, com um moralidade mais refinada, prefere renunciar a esta licença; e embora fosse permitido nas primeiras eras da raça humana casar-se com a irmã, agora é abominado como algo que nenhuma circunstância poderia justificar. Pois o costume tem um poder muito grande para atrair ou chocar o sentimento humano. E nesta questão, enquanto restringe a concupiscência dentro dos devidos limites, o homem que a negligencia e desobedece é justamente tachado de abominável. Pois se é iníquo ir além de nossos próprios limites pela ganância do ganho, não é muito mais iníquo transgredir os limites reconhecidos da moral por meio da luxúria sexual? E quanto ao casamento no grau seguinte de consanguinidade, o casamento entre primos, observamos que em nosso tempo a moral costumeira impediu que isso fosse frequente, embora a lei o permita. Não foi proibido pela lei divina, nem ainda a lei humana o proibiu; no entanto, embora legítimo, as pessoas se esquivavam dele, porque estava tão próximo do que era ilegítimo, e ao se casar com um primo parecia quase se casar com uma irmã – pois os primos são tão parentes que são chamados de irmãos e irmãs, e são quase Realmente assim. Mas os antigos pais, temendo que o relacionamento próximo pudesse gradualmente divergir no decorrer das gerações e se tornar um relacionamento distante, ou deixar de ser um relacionamento, religiosamente se esforçaram para limitá-lo pelo vínculo do casamento antes que se tornasse distante e, assim, como fosse, chamá-lo de volta quando estava escapando deles. E por isso, mesmo quando o mundo estava cheio de pessoas, embora não escolhessem esposas entre suas irmãs ou meias-irmãs, preferiam que fossem da mesma linhagem que eles.

Mas quem duvida que a proibição moderna do casamento mesmo de primos seja a regulamentação mais apropriada - não apenas pela razão que temos exortado, a multiplicação das relações, para que uma pessoa não absorva duas, que podem ser distribuídas a duas pessoas, e assim aumentar o número de pessoas unidas como uma família, mas também porque há na natureza humana não sei que vergonha natural e louvável que nos impede de desejar aquela conexão que, embora para propagação, é ainda lasciva e que até a modéstia conjugal enrubesce, com quem a consanguinidade nos manda respeitar?

3. A relação sexual de homem e mulher, então, é no caso dos mortais uma espécie de sementeira da cidade; mas enquanto a cidade terrena precisa para sua população apenas de geração, a celestial também precisa de regeneração para livrar-se da mácula da geração. Se antes do dilúvio havia algum sinal corporal ou visível de regeneração, como foi posteriormente ordenado a Abraão quando ele foi circuncidado, ou que tipo de sinal era, a história sagrada não nos informa. Mas nos informa que mesmo esses primeiros da humanidade sacrificaram a Deus, como também apareceu no caso dos dois primeiros irmãos; Também se diz que Noé ofereceu sacrifícios a Deus quando saiu da arca após o dilúvio. E sobre este assunto já dissemos nos livros anteriores que os demônios se arrogam a si mesmos a divindade, e exigem sacrifícios para que possam ser considerados deuses, e não se deleitam nessas honras senão por isso, porque sabem que o verdadeiro sacrifício é devido. ao verdadeiro Deus.

CAPÍTULO. 17.-DOS DOIS PAIS E LÍDERES QUE SURGEM DE UM PROGENITOR

1. Uma vez que, então, Adão era o pai de ambas as linhagens - o pai, isto é, tanto da linhagem que pertencia ao terreno quanto daquela que pertencia à cidade celestial - quando Abel foi morto e por sua morte exibiu um mistério maravilhoso, havia doravante duas linhas procedentes de dois pais, Caim e Sete, e naqueles filhos deles, que cabia registrar, os sinais dessas duas cidades começaram a aparecer

mais distintamente. Pois Caim gerou Enoque, em cujo nome ele construiu uma cidade terrena, que não era de casa neste mundo, mas descansava satisfeito com sua paz e felicidade temporais. Caim também significa "possessão"; por isso, ao nascer, seu pai ou sua mãe disseram: "Conquistei um homem por meio de Deus". Então Enoque significa "dedicação"; pois a cidade terrena é dedicada neste mundo em que é construída, pois neste mundo ela encontra o fim para o qual almeja e aspira. Além disso, Seth significa "ressurreição", e Enos, seu filho, significa "homem", não como Adão, que também significa homem, mas é usado em hebraico indiferentemente para homem e mulher, como está escrito: "Homem e mulher os criou, e os abençoou, e chamou-lhes o nome de Adão", não deixando margem para dúvidas de que, embora a mulher fosse distintamente chamada de Eva, ainda assim o nome Adão, que significa homem, era comum a ambos. Mas Enos significa homem em um sentido tão restrito, que os linguistas hebreus nos dizem que não pode ser aplicado à mulher: é o equivalente ao "filho da ressurreição", quando eles não se casam nem são dados em casamento. nenhuma geração naquele lugar para onde a regeneração nos trouxe. Portanto, acho que não é irrelevante observar que naquelas gerações que são propagadas a partir daquele que é chamado Seth, embora se diga que filhas e filhos foram gerados, nenhuma mulher é expressamente registrada pelo nome; mas naqueles que surgiram de Caim no próprio final para o qual a linhagem corre, a última pessoa nomeada como gerada é uma mulher. Pois lemos: "Methusael gerou Lamech. E Lamech tomou para si duas mulheres: o nome de uma era Ada, e o nome da outra Zillah. E Ada deu à luz Jabal: ele foi o pai dos pastores que habitam em tendas. E o nome de seu irmão era Jubal: ele era o pai de todos os que tocam harpa e órgão. ." Aqui terminam todas as gerações de Caim, sendo oito em número, incluindo Adão, a saber, sete de Adão a Lameque, que se casou com duas esposas, e cujos filhos, entre os quais uma mulher também é nomeada, formam a oitava geração. Pelo que é elegantemente significado que a cidade terrena terá, até o seu término, gerações carnis procedentes do intercurso de machos e fêmeas. E, portanto, as próprias esposas do homem que é o último pai da linhagem de Caim são registradas em seus próprios nomes – uma

prática seguida em nenhum lugar antes do dilúvio, exceto no caso de Eva. Agora, como Caim, significando possessão, o fundador da cidade terrena, e seu filho Enoque, significando dedicação, em cujo nome foi fundada, indicam que esta cidade é terrena tanto em seu começo quanto em seu fim – uma cidade na qual nada mais se espera do que se pode ver neste mundo – assim Sete, significando ressurreição, e sendo o pai de gerações registradas à parte das outras, devemos considerar o que esta história sagrada diz de seu filho.

CAPÍTULO. 18.-O SIGNIFICADO DE ABEL, SETE E ENOS PARA CRISTO E SEU CORPO A IGREJA

1. "E a Sete", diz-se, "nasceu um filho, e ele chamou seu nome Enos: ele esperava invocar o nome do Senhor Deus". Aqui temos um testemunho alto da verdade. O homem, então, filho da ressurreição, vive na esperança: ele vive na esperança enquanto a cidade de Deus, que é gerada pela fé na ressurreição, peregrina neste mundo. Pois nestes dois homens, Abel, significando "peso", e seu irmão Seth, significando "ressurreição", a morte de Cristo e Sua vida dentre os mortos são prefiguradas. E pela fé nestes é gerada neste mundo a cidade de Deus, isto é, o homem que esperou invocar o nome do Senhor. "Pois pela esperança", diz o apóstolo, "somos salvos; mas a esperança que se vê não é esperança; pois o que o homem vê, por que ainda espera? nós com paciência o esperamos."³ Quem pode evitar referir isso a um profundo mistério? Pois Abel não esperava invocar o nome do Senhor Deus quando seu sacrifício é mencionado nas Escrituras como tendo sido aceito por Deus? O próprio Sete não esperava invocar o nome do Senhor Deus, de quem foi dito: "Porque Deus me designou outra semente em lugar de Abel?" Por que, então, isso é comum a todos os piedosos especialmente atribuídos a Enos, a menos que fosse adequado para ele, que é mencionado como o primogênito do pai daquelas gerações que foram separadas na maior parte da vida? na cidade celestial, deveria haver um tipo de homem, ou sociedade de homens, que não vivesse de acordo com o homem em contentamento com a felicidade terrena, mas de acordo com Deus na

esperança de felicidade eterna? E não foi dito: "Ele esperou no Senhor Deus", nem invocou o nome do Senhor Deus", mas "esperou invocar o nome do Senhor Deus". "Quer dizer, a menos que seja uma profecia que um povo deveria surgir que, de acordo com a eleição da graça, invocaria o nome do Senhor Deus? É isso que foi dito por outro profeta, e que o apóstolo interpreta da pessoas que pertencem à graça de Deus: "E será que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". esperava invocar o nome do Senhor Deus", são prova suficiente de que o homem não deve depositar suas esperanças em si mesmo; como está escrito em outro lugar: "Maldito o homem que confia no homem". em si mesmo que ele se tornará um cidadão daquela outra cidade que não é dedicada em nome do filho de Caim neste tempo presente, isto é, no fugaz curso deste mundo mortal, mas na imortalidade da bem-aventurança perpétua.

CAPÍTULO. 19.-O SIGNIFICADO DA TRADUÇÃO DE ENOQUE

1. Para aquela linha também da qual Seth é o pai tem o nome "Dedicação" na sétima geração de Adão, contando Adão. Pois o sétimo dele é Enoque, isto é, Dedicação. Mas este é aquele homem que foi trasladado porque agradou a Deus, e que ocupou na ordem das gerações um lugar notável, sendo o sétimo depois de Adão, número assinalado pela consagração do sábado. Mas, contando a partir do ponto divergente das duas linhas, ou de Seth, ele era o sexto. Ora, foi no sexto dia que Deus fez o homem, e consumou Suas obras. Mas a tradução de Enoque prefigurava nossa dedicação adiada; pois, embora de fato já tenha sido realizado em Cristo, nosso Cabeça, que ressuscitou para não mais morrer, e que também foi trasladado, ainda resta outra dedicação de toda a casa, da qual o próprio Cristo é o fundamento, e esta a dedicação é adiada até o fim, quando todos ressuscitarão para não mais morrer. E se é a casa de Deus, ou o templo de Deus, ou a cidade de Deus, que se diz dedicada, é tudo a mesma coisa, e igualmente de acordo com o uso da língua latina. Pois o próprio Virgílio chama a cidade do império mais amplo de "a casa de

Assaracus", significando os romanos, que descendiam dos troianos de Assaracus. Ele também os chama de casa de Enéias, porque Roma foi construída por aqueles troianos que vieram para a Itália sob Enéias.² Pois aquele poeta imitou os escritos sagrados, nos quais a nação hebraica, embora tão numerosa, é chamada de casa de Jacó.

CAPÍTULO. 20.-COMO É QUE A LINHA DE CAIM TERMINA NA OITAVA GERAÇÃO, ENQUANTO NOÉ, EMBORA DESCENDENTE DO MESMO PAI, ADÃO, É CONSIDERADO O DÉCIMO DELE

1. Alguém dirá: Se o escritor desta história pretendia, ao enumerar as gerações de Adão através de seu filho Sete, descer através delas até Noé, em cujo tempo ocorreu o dilúvio, e dele novamente traçar as gerações conectadas abaixo para Abraão, com quem Mateus começa a linhagem de Cristo, o eterno Rei da cidade de Deus, o que ele pretendia enumerar as gerações de Caim, e até que ponto ele pretendia rastreá-las? Respondemos: Ao dilúvio, pelo qual todo o estoque da cidade terrena foi destruído, mas reparado pelos filhos de Noé. Pois a cidade terrena e a comunidade de homens que vivem segundo a carne nunca falharão até o fim deste mundo, do qual nosso Senhor diz: "Os filhos deste mundo geram e são gerados". Mas a cidade de Deus, que peregrina neste mundo, é conduzida pela regeneração para o mundo vindouro, do qual os filhos não geram nem são gerados. Neste mundo a geração é comum às duas cidades; embora mesmo agora a cidade de Deus tenha muitos milhares de cidadãos que se abstêm do ato de geração; no entanto, a outra cidade também tem alguns cidadãos que os imitam, embora erroneamente. Pois a essa cidade pertencem também aqueles que se desviaram da fé e introduziram diversas heresias; porque vivem segundo o homem, não segundo Deus. E os gimnosofistas indianos, que dizem filosofar na solidão da Índia em estado de nudez, são seus cidadãos; e eles se abstêm do casamento. Pois a continência não é uma coisa boa, exceto quando praticada na fé do bem maior, que é Deus. No entanto, ninguém o praticou antes do dilúvio; pois, de fato, o próprio Enoque, o sétimo de Adão, que se diz

ter sido trasladado sem morrer, gerou filhos e filhas antes de ser trasladado, e entre estes estava Matusalém, por quem a sucessão das gerações registradas é mantida.

2. Por que, então, é tão pequeno um número de gerações de Caim registrado, se era apropriado rastreá-los até o dilúvio, e se não houve tal atraso na data da puberdade a ponto de impedir a esperança de descendência por cem? ou mais anos? Pois se o autor deste livro não tivesse em vista alguém a quem ele pudesse traçar rigidamente a série de gerações, como ele projetou naquelas que surgiram da semente de Seth para descer a Noé, e daí começar de novo por uma ordem rígida, o que havia necessidade de omitir os filhos primogênitos para descender a Lameque, em cujos filhos essa linhagem termina, isto é, na oitava geração de Adão, ou na sétima de Caim, como se desse ponto ele desejava passar para outra série, pela qual pudesse alcançar o povo israelita, entre os quais a Jerusalém terrena apresentava uma figura profética da cidade celestial, ou a Jesus Cristo, "segundo a carne, que é sobre todos, Deus abençoou para sempre", o Criador e Governante da cidade celestial? Qual era, eu digo, a necessidade disso, visto que toda a posteridade de Caim foi destruída no dilúvio? Disto é manifesto que são os primogênitos registrados nesta genealogia. Por que, então, há tão poucos deles? Seu número no período anterior ao dilúvio deve ter sido maior, se a data da puberdade não tivesse proporção com sua longevidade, e eles tiveram filhos antes dos cem anos de idade. Por supor que eles tivessem em média trinta anos quando começaram a gerar filhos, então, como são oito gerações, incluindo os filhos de Adão e Lameque, 8 vezes 30 dá 240 anos; eles então não produziram mais filhos em todo o resto do tempo antes do dilúvio? Com que intenção, então, aquele que escreveu este registro não fez menção às gerações subseqüentes? Pois de Adão ao dilúvio são contados, de acordo com nossas cópias das Escrituras, 2.262 anos,⁵ e de acordo com o texto hebraico, 1.656 anos. Supondo, então, que o número menor seja o verdadeiro, e subtraindo de 1656 anos 240, é crível que durante os restantes 1400 e anos ímpares até o dilúvio a posteridade de Caim não gerou filhos?

3. Mas quem se emocionar com isso lembre-se de que, quando discuti a questão, como é crível que esses homens primitivos pudessem se abster por tantos anos de gerar filhos, dois modos de solução foram encontrados - ou uma puberdade tarde na proporção de sua longevidade, ou que os filhos registrados nas genealogias não fossem os primogênitos, mas aqueles por meio de quem o autor do livro pretendia chegar ao ponto visado, como pretendia chegar a Noé pelas gerações de Seth . De modo que, se nas gerações de Caim não ocorre ninguém a quem o escritor pudesse tornar seu objetivo alcançar omitindo os primogênitos e inserindo aqueles que serviriam a tal propósito, então devemos recorrer à suposição de puberdade tardia. , e dizem que só em alguma idade além dos cem anos eles se tornaram capazes de gerar filhos, de modo que a ordem das gerações percorreu os primogênitos e preencheu até mesmo todo o período anterior ao dilúvio, por mais longo que fosse. É, no entanto, possível que, por alguma razão mais secreta que me escapa, esta cidade, que dizemos ser terrena, seja exibida em todas as suas gerações até Lamech e seus filhos, e que então o escritor se abstenha de registrar o resto que pode ter existido antes do dilúvio. E sem supor uma puberdade tão tardia nesses homens, pode haver outra razão para traçar as gerações por filhos que não eram primogênitos, a saber, que a mesma cidade que Caim construiu, e nomeou seu filho Enoque, pode ter tido um domínio amplamente estendido e muitos reis, não reinando simultaneamente, mas sucessivamente, o rei reinante cercado sempre seu sucessor. O próprio Caim seria o primeiro desses reis; seu filho Enoque, em cujo nome foi construída a cidade em que reinou, seria o segundo; o terceiro Irad, a quem Enoque gerou; o quarto Mehujael, a quem Irad gerou; o quinto Methusael, a quem Mehujael gerou; o sexto Lameque, a quem Methusael gerou, e que é o sétimo desde Adão até Caim. Mas não era necessário que os primogênitos sucedessem seus pais no reino, mas sucederiam aqueles que fossem recomendados pela posse de alguma virtude útil à cidade terrena, ou que fossem escolhidos por sorteio, ou o filho que fosse mais querido por seu pai sucederia por uma espécie de direito hereditário ao trono. E o dilúvio pode ter acontecido durante a vida e reinado de Lameque, e pode tê-lo destruído junto com todos os outros homens, exceto aqueles que

estavam na arca. Pois não podemos nos surpreender que, durante um período tão longo de Adão ao dilúvio, e com as idades dos indivíduos variando como variaram, não deve haver um número igual de gerações em ambas as linhagens, mas sete em Caim e dez em de Set; pois como já disse, Lameque é o sétimo de Adão, Noé o décimo; e no caso de Lamech não é registrado apenas um filho, como nos casos anteriores, mas mais, porque era incerto qual deles teria sucesso quando ele morreu, se houvesse intervindo algum tempo para reinar entre sua morte e o dilúvio.

4. Mas de qualquer maneira que as gerações da linhagem de Caim são traçadas, seja pelos primogênitos ou pelos herdeiros do trono, parece-me que não devo deixar de notar que, quando Lameque foi estabelecido como o sétimo a partir de Adão, foram nomeados, além disso, tantos de seus filhos que compunham esse número até onze, que é o número que significa pecado; para três filhos e uma filha são adicionados. As esposas de Lameque têm outro significado, diferente daquele que estou pressionando agora. Pois no momento estou falando dos filhos, e não daqueles de quem os filhos foram gerados. Como, então, a lei é simbolizada pelo número dez – de onde vem aquele memorável Decálogo –, não há dúvida de que o número onze, que vai além do dez, simboliza a transgressão da lei e, conseqüentemente, o pecado. Por isso, ordenaram que onze véus de pele de cabra fossem pendurados no tabernáculo do testemunho, que servia nas andanças do povo de Deus como templo ambulante. E naquele pano de cabelo havia uma lembrança de pecados, porque os bodes deveriam ser colocados à esquerda do Juiz; e, portanto, quando confessamos nossos pecados, nos prostramos no cabelo, como se estivéssemos dizendo o que está escrito no salmo: "Meu pecado está sempre diante de mim". completado no número onze, que simboliza o pecado; e este próprio número é constituído por uma mulher, pois foi do mesmo sexo que se deu o início do pecado pelo qual todos morremos. E foi cometido que o prazer da carne, que resiste ao espírito, pudesse seguir; e assim Naamah, a filha de Lamech, significa "prazer". Mas de Adão a Noé, na linhagem de Sete, há dez gerações. E a Noé são acrescentados três filhos, dos quais, enquanto um caiu em

pecado, dois foram abençoados por seu pai; de modo que, se você deduzir os réprobos e adicionar os filhos graciosos ao número, você obtém doze – um número sinalizado no caso dos patriarcas e dos apóstolos, e composto pelas partes do número sete multiplicadas uma pela outra, —para três vezes quatro, ou quatro vezes três, dê doze. Sendo assim, vejo que devo considerar e mencionar como essas duas linhas, que por suas genealogias separadas descrevem as duas cidades, uma de nascidos na terra, a outra de pessoas regeneradas, tornaram-se depois tão misturadas e confusas, que todo o ser humano raça, com exceção de oito pessoas, merecia perecer no dilúvio.

CAPÍTULO. 21.- PORQUE É QUE, ASSIM QUE O FILHO DE CAIM ENOQUE FOI NOMEADO, A GENEALOGIA É CONTINUADA ATÉ O DILÚVIO, ENQUANTO APÓS A MENÇÃO DE ENOS, FILHO DE SETE, A NARRATIVA VOLTA NOVAMENTE À CRIAÇÃO DO HOMEM

1. Devemos primeiro ver por que, na enumeração da posteridade de Caim, depois que Enoque, em cujo nome a cidade foi construída, foi mencionado em primeiro lugar, o resto é imediatamente enumerado até o término de que falei, e em que essa corrida e toda a linha foi destruída no dilúvio; enquanto, depois que Enos, filho de Seth, foi mencionado, o resto não é imediatamente nomeado para o dilúvio, mas uma cláusula é inserida com o seguinte efeito: "Este é o livro das gerações de Adão. No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez; homem e mulher os criou; e os abençoou, e os chamou pelo nome de Adão, no dia em que foram criados". Isso me parece ser inserido para este propósito, que aqui novamente o cálculo dos tempos pode começar do próprio Adão – um propósito que o escritor não tinha em vista ao falar da cidade terrena, como se Deus a mencionasse, mas não ter em conta a sua duração. Mas por que ele volta a essa recapitulação depois de mencionar o filho de Sete, o homem que esperava invocar o nome do Senhor Deus, a menos que fosse apropriado apresentar essas duas cidades, uma começando com um assassino e terminando em um assassino (pois Lameque também

reconhece às suas duas esposas que ele havia cometido assassinato), o outro construído por aquele que esperava invocar o nome do Senhor Deus? Pois o dever terrestre mais elevado e completo da cidade de Deus, que é uma estranha neste mundo, é aquele que foi exemplificado no indivíduo que foi gerado por aquele que tipificou a ressurreição do assassinado Abel. Esse homem é a unidade de toda a cidade celestial, ainda não completa, mas a ser completada, como esta figura profética prenuncia. O filho de Caim, portanto, isto é, o filho da possessão (e do que senão uma possessão terrena?), pode ter um nome na cidade terrena que foi construída em seu nome. É disso que o salmista diz: "Eles chamam suas terras pelos seus próprios nomes."² Portanto, eles incorrem no que está escrito em outro salmo: "Tu, ó Senhor, na tua cidade desprezarás a sua imagem". Mas quanto ao filho de Sete, o filho da ressurreição, espere invocar o nome do Senhor Deus. Pois ele prefigura aquela sociedade de homens que diz: "Mas eu sou como uma oliveira verde na casa de Deus: confiei na misericórdia de Deus". sobre a terra, pois "Bem-aventurado o homem que faz do nome do Senhor sua confiança, e não respeita vaidades nem loucuras mentirosas". Depois de ter apresentado as duas cidades, uma fundada no bem material deste mundo, a outra na esperança em Deus, mas ambas partindo de uma porta comum aberta em Adão para este estado mortal, e ambas correndo e correndo para o seu próprio e fins merecidos, a Escritura começa a contar os tempos, e neste cálculo inclui outras gerações, fazendo uma recapitulação de Adão, de cuja semente condenada, como de uma massa entregue à condenação merecida, Deus fez alguns vasos de ira para desonra e outros vasos de misericórdia para honrar; em castigo dando ao primeiro o que é devido, em graça dando ao segundo o que não é devido: para que, pela própria comparação com os vasos da ira, a cidade celestial, que peregrina na terra, aprenda a não colocar confiança na liberdade de sua própria vontade, mas pode esperar invocar o nome do Senhor Deus. Pois a vontade, sendo uma natureza que foi feita boa pelo Deus bom, mas mutável pelo imutável, porque foi feita do nada, pode tanto declinar do bem para fazer o mal, que ocorre quando ele escolhe livremente, como também pode escapar o mal e fazer o bem, o que só acontece com a ajuda divina.

**CAPÍTULO. 22.-DA QUEDA DOS FILHOS DE DEUS QUE
FORAM CATIVADOS PELAS FILHAS DOS HOMENS, ONDE
TODOS, COM EXCEÇÃO DE OITO PESSOAS, PERECERAM
MERECIDAMENTE NO DILÚVIO**

1. Quando a raça humana, no exercício desta liberdade de vontade, aumentou e avançou, surgiu uma mistura e confusão das duas cidades por sua participação em uma iniquidade comum. E esta calamidade, assim como a primeira, foi ocasionada pela mulher, embora não da mesma maneira; pois essas mulheres não foram traídas, nem persuadiram os homens a pecar, mas, tendo pertencido à cidade terrena e à sociedade dos terrenos, eram desde o início de maneiras corruptas e eram amadas por sua beleza corporal pelos filhos de Deus, ou os cidadãos da outra cidade que peregrina neste mundo. A beleza é realmente uma boa dádiva de Deus; mas para que os bons não pensem que é um grande bem, Deus o dispensa até aos ímpios. E assim, quando o bem que é grande e próprio do bem foi abandonado pelos filhos de Deus, eles caíram em um bem mesquinho que não é peculiar ao bem, mas comum ao bem e ao mal; e quando eles foram cativados pelas filhas dos homens, eles adotaram os costumes do terreno para conquistá-los como suas noivas, e abandonaram os caminhos piedosos que eles seguiram em sua própria sociedade santa. E assim a beleza, que é de fato obra de Deus, mas apenas um tipo de bem temporal, carnal e inferior, não é adequadamente amada em preferência a Deus, o bem eterno, espiritual e imutável. Quando o avarento prefere seu ouro à justiça, não é por culpa do ouro, mas do homem; e assim com cada coisa criada. Pois, embora seja bom, pode ser amado com um amor mau como com um amor bom: é amado corretamente quando é amado ordenadamente; mal, quando desordenadamente, é isso que alguém disse brevemente nestes versos em louvor ao Criador: "Estes são teus, eles são bons, porque tu és bom quem os criou. Não há neles nada de nosso, a menos que o pecado que cometemos quando nos esquecemos da ordem das coisas e, em vez de Ti, amamos o que Tu fizeste."

Mas se o Criador é verdadeiramente amado, isto é, se Ele mesmo é amado e não outra coisa em Seu lugar, Ele não pode ser mal amado; pois o próprio amor deve ser amado ordenadamente, porque fazemos bem em amar aquilo que, quando o amamos, nos faz viver bem e virtuosamente. De modo que me parece que é uma definição breve mas verdadeira de virtude dizer que é a ordem do amor; e por isso, nos Cânticos, a noiva de Cristo, a cidade de Deus, canta: "Ordene o amor em mim". Foi a ordem desse amor, então, dessa caridade ou apego, que os filhos de Deus perturbaram quando abandonaram Deus e se apaixonaram pelas filhas dos homens.³ E por esses dois nomes (filhos de Deus e filhas dos homens) as duas cidades são suficientemente distintas. Pois, embora os primeiros fossem por natureza filhos dos homens, eles haviam adquirido outro nome pela graça. Pois na mesma Escritura em que se diz que os filhos de Deus amaram as filhas dos homens, eles também são chamados anjos de Deus; de onde muitos supõem que não eram homens, mas anjos.

CAPÍTULO. 23.-SE DEVEMOS CRER QUE OS ANJOS, QUE SÃO DE SUBSTÂNCIA ESPIRITUAL, SE APAIXONARAM PELA BELEZA DAS MULHERES, E AS PROCURARAM EM CASAMENTO, E QUE DESTA RELAÇÃO NASCEM GIGANTES

1. No terceiro livro desta obra (c. 5) fizemos uma referência passageira a esta questão, mas não decidimos se os anjos, enquanto espíritos, poderiam ter relações corporais com mulheres. Pois está escrito: "Quem faz Seus anjos espíritos", isto é, Ele faz aqueles que são por natureza espíritos Seus anjos, designando-os para o dever de levar Suas mensagens. Pois a palavra grega ἄγγελος, que em latim aparece como "angelus", significa mensageiro. Mas se o salmista fala de seus corpos quando acrescenta: "e Seus ministros um fogo flamejante", ou significa que os ministros de Deus devem brilhar com amor como com um fogo espiritual, é duvidoso. No entanto, a mesma Escritura confiável testifica que os anjos apareceram aos homens em corpos que não só podiam ser vistos, mas também tocados. Há, também, um

boato muito geral, que muitos verificaram por sua própria experiência, ou que pessoas confiáveis que ouviram a experiência de outros corroboram, que silvestres e faunos, comumente chamados de "íncubos", muitas vezes fizeram maus assaltos às mulheres e satisfizeram sua luxúria sobre elas; e que certos demônios, chamados Duses pelos gauleses, estão constantemente tentando e efetuando essa impureza é tão geralmente afirmado que seria insolente negá-la. A partir dessas afirmações, de fato, não ousou determinar se existem alguns espíritos encarnados em uma substância aérea (pois esse elemento, mesmo quando agitado por um leque, é sensivelmente sentido pelo corpo), e que são capazes de luxúria e de se misturar sensivelmente com mulheres; mas certamente eu não poderia de modo algum acreditar que os santos anjos de Deus pudessem ter caído naquele momento, nem posso pensar que é deles que o apóstolo Pedro disse: "Porque se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou para inferno, e os entregou nas cadeias das trevas, para serem reservados para o juízo". Acho que ele fala daqueles que primeiro apostataram de Deus, junto com seu chefe, o diabo, que enganou com inveja o primeiro homem sob a forma de uma serpente. Mas a mesma Sagrada Escritura fornece o mais amplo testemunho de que até mesmo homens piedosos foram chamados de anjos; pois de João está escrito: "Eis que eu envio meu mensageiro (anjo) diante de Tua face, que preparará Teu caminho."² E o profeta Malaquias, por uma graça peculiar especialmente comunicada a ele, foi chamado de anjo.

2. Mas alguns se comovem com o fato de termos lido que o fruto da conexão entre aqueles que são chamados anjos de Deus e as mulheres que eles amavam não eram homens como a nossa raça, mas gigantes; como se não tivessem nascido mesmo em nosso tempo (como mencionei acima) homens de tamanho muito maior do que a estatura comum. Não havia em Roma alguns anos atrás, quando a destruição da cidade agora realizada pelos godos se aproximava, uma mulher, com seu pai e sua mãe, que por seu tamanho gigantesco superava todas as outras? Multidões surpreendentes de todos os cantos vinham vê-la, e o que mais os impressionava era a circunstância de que nenhum de seus pais estava à altura da mais alta estatura comum. Os

gigantes, portanto, podem muito bem nascer, mesmo antes que os filhos de Deus, que também são chamados anjos de Deus, formassem uma conexão com as filhas dos homens, ou daqueles que vivem segundo os homens, isto é, antes que os filhos de Sete se formassem. uma conexão com as filhas de Caim. Pois assim fala até a própria Escritura canônica no livro em que lemos sobre isso; suas palavras são: "E aconteceu que, quando os homens começaram a se multiplicar sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram formosas [boas]; e eles tomaram para si mulheres de todas as que escolheram. E disse o Senhor Deus: Nem sempre o meu Espírito contenderá com o homem, porque também ele é carne; mas os seus dias serão cento e vinte anos. Havia gigantes na terra naqueles dias; e também depois disso, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens, e delas deram à luz filhos, estes se tornaram os gigantes, homens de renome". Estas palavras do livro divino indicam bastante que já havia gigantes na terra naqueles dias, em que os filhos de Deus tomavam esposas dos filhos dos homens, quando os amavam porque eram bons, isto é, justos. Pois é costume desta Escritura chamar aqueles que são belos na aparência de "bons". Mas depois que essa conexão foi formada, os gigantes também nasceram. Pois as palavras são: "Houve gigantes na terra naqueles dias, e também depois disso, quando os filhos de Deus chegaram às filhas dos homens." Portanto, havia gigantes tanto antes, "naqueles dias", como "também depois disso". E as palavras, "eles geraram filhos para eles", mostram claramente que antes dos filhos de Deus caírem dessa maneira eles geraram filhos para Deus, não para si mesmos, isto é, não movidos pela luxúria da relação sexual, mas cumprindo o dever de propagação, pretendendo produzir não uma família para gratificar seu próprio orgulho, mas cidadãos para povoar a cidade de Deus; e a estes, como anjos de Deus, levariam a mensagem, para que depositassem sua esperança em Deus, como aquele que nasceu de Sete, o filho da ressurreição, e que esperava invocar o nome do Senhor Deus, no qual espero que eles e seus descendentes sejam co-herdeiros das bênçãos eternas e irmãos na família da qual Deus é o Pai.

3. Mas que esses anjos não eram anjos no sentido de não serem

homens, como alguns supõem, a própria Escritura decide, que declara inequivocamente que eles eram homens. Pois quando foi declarado pela primeira vez que "os anjos de Deus viram que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para elas esposas de todas as que escolheram", foi imediatamente acrescentado: "E o Senhor Deus disse: Meu Espírito será nem sempre contendais com estes homens, porque também eles são carne". Pois pelo Espírito de Deus eles foram feitos anjos de Deus e filhos de Deus; mas declinando para as coisas inferiores, eles são chamados homens, um nome da natureza, não da graça; e eles são chamados carne, como desertores do Espírito, e por sua deserção abandonados [por Ele]. A Septuaginta de fato os chama de anjos de Deus e filhos de Deus, embora todas as cópias não mostrem isso, alguns tendo apenas o nome de "filhos de Deus". E Áquila, a quem os judeus preferem aos outros intérpretes, não traduziu nem anjos de Deus nem filhos de Deus, mas filhos de deuses. Mas ambos estão corretos. Pois ambos eram filhos de Deus e, portanto, irmãos de seus próprios pais, que eram filhos do mesmo Deus; e eles eram filhos de deuses, porque gerados por deuses, juntamente com os quais eles também eram deuses, conforme a expressão do salmo: "Eu disse: Vós sois deuses, e todos vós sois filhos do Altíssimo". Pois acredita-se com justiça que os tradutores da Septuaginta receberam o Espírito de profecia; de modo que, se eles fizessem alguma alteração sob Sua autoridade e não aderissem a uma tradução estrita, não poderíamos duvidar de que isso foi divinamente ditado. No entanto, pode-se dizer que a palavra hebraica é ambígua e suscetível de qualquer tradução, "filhos de Deus" ou "filhos dos deuses".

4. Vamos omitir, então, as fábulas das Escrituras que são chamadas apócrifas, porque sua origem obscura era desconhecida pelos pais de quem a autoridade das verdadeiras Escrituras nos foi transmitida por uma sucessão muito certa e bem comprovada. Pois embora haja alguma verdade nesses escritos apócrifos, eles contêm tantas declarações falsas que não têm autoridade canônica. Não podemos negar que Enoque, o sétimo depois de Adão, deixou alguns escritos divinos, pois isso é afirmado pelo apóstolo Judas em sua epístola

canônica. Mas não é sem razão que esses escritos não têm lugar naquele cânon das Escrituras que foi preservado no templo do povo hebreu pela diligência de sucessivos sacerdotes; pois sua antiguidade os colocou sob suspeita, e era impossível verificar se esses eram seus escritos genuínos, e eles não foram apresentados como genuínos pelas pessoas que foram encontradas preservando cuidadosamente os livros canônicos por uma transmissão sucessiva. De modo que os escritos que são produzidos sob seu nome, e que contêm essas fábulas sobre os gigantes, dizendo que seus pais não eram homens; são devidamente julgados por homens prudentes como não genuínos; assim como muitos escritos são produzidos por hereges sob os nomes de outros profetas e, mais recentemente, sob os nomes dos apóstolos, todos os quais, após exame cuidadoso, foram separados da autoridade canônica sob o título de Apócrifos. Portanto, não há dúvida de que, de acordo com as Escrituras canônicas hebraicas e cristãs, havia muitos gigantes antes do dilúvio, e que estes eram cidadãos da sociedade terrena dos homens, e que os filhos de Deus, que eram segundo a carne os filhos de Sete, afundados nesta comunidade quando eles abandonaram a justiça, Nem precisamos nos perguntar que gigantes devem nascer mesmo deles. Pois todos os seus filhos não eram gigantes; mas houve mais do que nos períodos restantes desde o dilúvio. E agradou ao Criador produzi-los, para que assim se demonstrasse que nem a beleza, nem o tamanho e a força são de grande importância para o homem sábio, cuja bem-aventurança está em bênçãos espirituais e imortais, em coisas muito melhores e mais duradouras. presentes, nas coisas boas que são propriedade peculiar dos bons, e não são compartilhadas por bons e maus igualmente. É isso que outro profeta confirma quando diz: "Estes foram os gigantes, famosos desde o princípio, de tão grande estatura e tão peritos na guerra. Esses não o Senhor escolheu, nem deu o caminho do conhecimento para eles; mas eles foram destruídos porque não tinham sabedoria, e pereceram por sua própria loucura".

CAPÍTULO. 24.—COMO DEVEMOS ENTENDER ISTO QUE O

SENHOR DISSE AOS QUE TIVERAM QUE PERECER NO DILÚVIO: "OS SEUS DIAS SERÃO DE 120 ANOS".

1. Mas o que Deus disse: "Seus dias serão cento e vinte anos", não deve ser entendido como uma previsão de que daqui em diante os homens não deveriam viver mais de 120 anos - pois mesmo após o dilúvio descobrimos que eles viveram mais de 500 anos, mas devemos entender que Deus disse isso quando Noé havia quase completado seu quinto século, isto é, tinha vivido 480 anos, o que a Escritura, como freqüentemente usa o nome de todo o maior parte, chama 500 anos. Agora o dilúvio veio no 600º ano da vida de Noé, o segundo mês; e assim 120 anos foram previstos como sendo o período restante daqueles que estavam condenados, que anos sendo passados, eles deveriam ser destruídos pelo dilúvio, E não se acredita sem razão que o dilúvio veio como veio, porque já não foram encontrados na terra, qualquer um que não fosse digno de compartilhar uma morte tão manifestamente judicial – não que um homem bom, que deve morrer algum tempo, seria um pouco pior de tal morte depois que ela passou. No entanto, não morreu no dilúvio nenhum dos mencionados na Sagrada Escritura como descendente de Seth. Mas aqui está o relato divino da causa do dilúvio: "O Senhor Deus viu que a maldade do homem era grande na terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era apenas má continuamente. Ele havia feito o homem sobre a terra, e isso o entristeceu em seu coração. E o Senhor disse: Destruirei da face da terra o homem que criei, tanto o homem como o animal, e o réptil, e o aves do céu: porque estou zangado por tê-las feito."4

CAPÍTULO. 25.-DA IRA DE DEUS, QUE NÃO INFLAMA SUA MENTE, NEM PERTURBE SUA TRANQUILIDADE IMUTÁVEL

1. A ira de Deus não é uma emoção perturbadora de Sua mente, mas um julgamento pelo qual a punição é infligida ao pecado. Seu pensamento e reconsideração também são a razão imutável que muda

as coisas; pois Ele não se arrepende, como o homem, de nada que tenha feito, porque em todos os assuntos Sua decisão é tão inflexível quanto Sua presciência é certa. Mas se a Escritura não usasse expressões como as acima, não se insinuaria familiarmente nas mentes de todas as classes de homens, a quem busca acesso para seu bem, para alarmar os orgulhosos, despertar os descuidados, exercitar o curiosos, e satisfazem os inteligentes; e isso não poderia fazer, se primeiro não se inclinou e de certa maneira desceu até eles onde estão. Mas sua denúncia da morte de todos os animais da terra e do ar é uma declaração da vastidão do desastre que se aproximava: não que ameaçasse a destruição dos animais irracionais como se eles também o tivessem incorrido pelo pecado.

CAPÍTULO. 26.-QUE A ARCA QUE NOÉ FEZ FIGURAVA EM TODOS ASPECTOS A CRISTO E A IGREJA

1. Além disso, visto que Deus ordenou a Noé, um homem justo e, como diz a verdadeira Escritura, um homem perfeito em sua geração, não de fato com a perfeição dos cidadãos da cidade de Deus naquela condição imortal em que eles igual aos anjos, mas na medida em que eles podem ser perfeitos em sua permanência neste mundo, - visto que Deus lhe ordenou, eu digo, para fazer uma arca, na qual ele pode ser resgatado da destruição do dilúvio, juntamente com sua família, ou seja, sua esposa, filhos e noras, e junto com os animais que, em obediência à ordem de Deus, vieram até ele na arca: esta é certamente uma figura da cidade de Deus peregrinando neste mundo; isto é, da igreja, que é resgatada pelo madeiro em que pendia o Mediador de Deus e dos homens, o homem Cristo Jesus. Pois mesmo suas próprias dimensões, em comprimento, largura e altura, representam o corpo humano no qual Ele veio, como havia sido predito. Pois o comprimento do corpo humano, desde o alto da cabeça até a sola do pé, é seis vezes a sua largura de lado a lado, e dez vezes sua profundidade ou espessura, medindo-se de trás para frente: isto é, se você medir um homem deitado de costas ou de bruços, ele é seis vezes mais comprido da cabeça aos pés do que largo de um lado para o

outro, e dez vezes mais alto do que o chão. E, portanto, a arca foi feita de 300 côvados de comprimento, 50 de largura e 30 de altura. E ter uma porta feita em seu lado certamente significava a ferida que foi feita quando o lado do Crucificado foi perfurado com a lança; pois por isso entram os que vêm a Ele; pois daí fluíram os sacramentos pelos quais aqueles que creem são iniciados. E o fato de ter sido ordenado que fosse feito de vigas quadradas significa a firmeza imóvel da vida dos santos; por mais que você gire um cubo, ele ainda está de pé. E as outras peculiaridades da construção da arca são sinais de características da igreja.

2. Mas não temos tempo agora para aprofundar este assunto; e, de fato, já nos debruçamos sobre isso na obra que escrevemos contra Fausto, o maniqueísta, que nega que haja algo profetizado de Cristo nos livros hebraicos. Pode ser que a exposição de um homem supere a de outro, e que a nossa não seja a melhor; mas tudo o que é dito deve ser referido a esta cidade de Deus da qual falamos, que peregrina neste mundo perverso como um dilúvio, pelo menos se o expositor não perder amplamente o significado do autor. Por exemplo, a interpretação que dei na obra contra Fausto, das palavras, "com histórias inferiores, segunda e terceira farás isso", é que, porque a igreja é reunida de todas as nações, diz-se que têm duas histórias, para representar os dois tipos de homens – a circuncisão, a saber, e a incircuncisão, ou, como o apóstolo os chama, judeus e gentios; e ter três histórias, porque todas as nações foram reabastecidas dos três filhos de Noé. Agora, qualquer um pode se opor a essa interpretação e dar outra que se harmonize com a regra da fé. Pois como a arca deveria ter quartos não apenas nos andares inferiores, mas também nos andares superiores, que eram chamados de "terceiros andares", para que houvesse um espaço habitável no terceiro andar do porão, alguém pode interpretá-los como significa as três graças recomendadas pelo apóstolo – fé, esperança e caridade. Ou ainda mais adequadamente eles podem representar essas três colheitas no evangelho, trinta vezes, sessenta vezes, cem vezes – casamento casto morando no térreo, viuvez casta no andar superior e virgindade casta no andar térreo. história superior. Ou qualquer interpretação melhor

pode ser dada, desde que a referência a esta cidade seja mantida. E a mesma afirmação eu faria de todos os detalhes restantes nesta passagem que exigem exposição, a saber, que, embora diferentes explicações sejam dadas, todas devem concordar com a fé católica harmoniosa.

CAPÍTULO. 27.-DA ARCA E DO DILÚVIO

1. No entanto, ninguém deve supor que essas coisas foram escritas sem propósito, ou que devemos estudar apenas a verdade histórica, além de quaisquer significados alegóricos; ou, pelo contrário, que são apenas alegorias, e que não houve tais fatos, ou que, seja ou não, não há aqui nenhuma profecia da igreja. Pois que homem sensato argumentará que livros tão religiosamente preservados durante milhares de anos e transmitidos por uma sucessão tão ordenada foram escritos sem um objeto, ou que apenas os fatos históricos simples devem ser considerados quando os lemos? Pois, para não falar de outros casos, se o número de animais implicava a construção de uma arca de grande porte, onde havia a necessidade de enviar para ela dois animais imundos e sete limpos de cada espécie, quando ambos poderiam ter sido preservados em igual quantidade? números? Ou não poderia Deus, que ordenou que fossem preservados para reabastecer a raça, restaurá-los da mesma maneira que os criou?

2. Mas aqueles que afirmam que essas coisas nunca aconteceram, mas são apenas figuras que estabelecem outras coisas, em primeiro lugar supõem que não poderia haver um dilúvio tão grande que a água subisse quinze côvados acima das montanhas mais altas, porque é disse que as nuvens não podem subir acima do topo do Monte Olimpo, porque atinge o céu onde não há aquela atmosfera mais espessa em que ventos, nuvens e chuvas têm sua origem. Eles não refletem que o elemento mais denso de todos, a terra, possa existir ali; ou talvez neguem que o topo da montanha seja terra. Por que, então, esses medidores e pesadores dos elementos afirmam que a terra pode ser elevada a essas altitudes aéreas e que a água não pode, enquanto eles

admitem que a água é mais leve e mais fácil de subir do que a terra? Por que razão eles aduzem por que a terra, o elemento mais pesado e mais baixo, tem por tantas eras escalado para o éter tranquilo, enquanto a água, o mais leve e mais propenso a ascender, não é permitido fazer o mesmo mesmo por um breve espaço de tempo? Tempo?

3. Dizem também que a área daquela arca não poderia conter tantos tipos de animais de ambos os sexos, dois dos impuros e sete dos puros. Mas eles me parecem contar apenas uma área de 300 côvados de comprimento e 50 de largura, e não lembrar que havia outra semelhante na história acima, e ainda outra tão grande na história acima; e que havia, conseqüentemente, uma área de 900 côvados por 150. E se aceitarmos o que Orígenes sugeriu com alguma propriedade, que Moisés, o homem de Deus, sendo, como está escrito, "instruído em toda a sabedoria dos egípcios", 2 que se deleitava em geometria, pode ter significado côvados geométricos, dos quais dizem que um é igual a seis de nossos côvados, então quem não vê que capacidade essas dimensões dão à arca? Pois quanto à sua objeção de que uma arca de tal tamanho não poderia ser construída, é uma calúnia muito tola; pois eles estão cientes de que grandes cidades foram construídas, e eles devem se lembrar de que a arca foi construída há cem anos. Ou, talvez, embora a pedra possa aderir à pedra quando cimentada com nada além de cal, de modo que uma parede de vários quilômetros possa ser construída, ainda assim a prancha não pode ser rebitada à prancha por encaixes, parafusos, pregos e cola de piche, de modo a construir uma arca que não fosse feita de nervuras curvas, mas de madeiras retas, que não fosse lançada por seus construtores, mas levantada pela pressão natural da água quando chegasse a ela, e que fosse preservada do naufrágio à medida que fosse flutuava mais por supervisão divina do que por habilidade humana.

4. Quanto a outra indagação habitual dos escrupulosos sobre as criaturas muito diminutas, não apenas como ratos e lagartos, mas também gafanhotos, besouros, moscas, pulgas, e assim por diante, se não havia na arca um número maior de eles do que foi determinado

por Deus em Seu comando, as pessoas que são movidas por essa dificuldade devem ser lembradas que as palavras "todo réptil da terra" apenas indicam que não era necessário preservar na arca os animais que podem viver na água, quer os peixes que nela vivem submersos, quer as aves marinhas que nadam à sua superfície. Então, quando se diz "macho e fêmea", sem dúvida se faz referência à reparação das raças e, conseqüentemente, não havia necessidade de aquelas criaturas estarem na arca que nascem sem a união dos sexos de coisas inanimadas, ou de sua corrupção; ou se estivessem na arca, poderiam estar lá como costumam estar nas casas, não em números determinados; ou se fosse necessário que houvesse um número definido de todos aqueles animais que não podem viver naturalmente na água, para que o mistério mais sagrado que estava sendo encenado pudesse ser encarnado e perfeitamente figurado em realidades reais, ainda assim não era o cuidado de Noé ou de seus filhos, mas de Deus. Pois Noé não pegou os animais e os colocou na arca, mas deu-lhes entrada quando eles vieram buscá-la. Pois esta é a força das palavras: "Eles virão a ti" - não, isto é, pelo esforço do homem, mas pela vontade de Deus. Mas certamente não somos obrigados a acreditar que aqueles que não têm sexo também vieram; pois é expressa e definitivamente dito: "Eles serão macho e fêmea". Pois há alguns animais que nascem da corrupção, mas depois eles mesmos copulam e produzem descendentes, como moscas; mas outros, que não têm sexo, como as abelhas. Então, quanto aos animais que fazem sexo, mas sem capacidade de propagar sua espécie, como mulas e shemulas, é provável que eles não estivessem na arca, mas que fosse considerado suficiente para preservar seus pais, a saber, o cavalo e a bunda; e isso se aplica a todos os híbridos. No entanto, se fosse necessário para a completude do mistério, eles estavam lá; pois mesmo esta espécie tem "macho e fêmea".

5. Outra questão é comumente levantada em relação à alimentação dos animais carnívoros: se, sem transgredir a ordem que fixava o número a ser preservado, havia necessariamente outros incluídos na arca para seu sustento; ou, como é mais provável, pode haver algum alimento que não seja carne e que ainda seja adequado para todos. Pois

sabemos quantos animais cuja comida é carne também comem produtos vegetais e frutas. especialmente figos e castanhas. Que maravilha é, portanto, se aquele homem sábio e justo foi instruído por Deus o que convém a cada um, de modo que sem carne ele preparou e armazenou provisões adequadas para todas as espécies? E o que há que a fome não faria os animais comerem? Ou o que não poderia ser feito doce e saudável por Deus, que, com uma facilidade divina, poderia ter permitido que eles ficassem sem comida, se não fosse necessário para a completude de um mistério tão grande que eles fossem alimentados? Mas ninguém, exceto um homem contencioso, pode supor que não havia prefiguração da igreja em um detalhe tão múltiplo e circunstancial. Pois as nações já encheram a igreja de tal maneira e estão compreendidas na estrutura de sua unidade, os puros e os impuros juntos, até o fim designado, que este cumprimento muito manifesto não deixa dúvida de como devemos interpretar mesmo aqueles outros que são um pouco mais obscuro, e que não pode ser tão prontamente discernido. E sendo assim, se nem mesmo o mais audacioso se atreverá a afirmar que essas coisas foram escritas sem propósito, ou que, embora os eventos realmente tenham acontecido, não significam nada, ou que realmente não aconteceram, mas são apenas alegoria, ou que em todos os eventos estão longe de ter qualquer referência figurativa à igreja; se ficou claro que, por outro lado, devemos antes acreditar que houve um propósito sábio em serem comprometidos com a memória e a escrita, e que eles aconteceram, e têm um significado, e que esse significado tem um significado. referência profética à igreja, então este livro, tendo servido a esse propósito, pode agora ser encerrado, para que possamos seguir traçando na história posterior ao dilúvio os cursos das duas cidades – a terrena, que vive de acordo com homens, e o celestial, que vive segundo Deus.

LIVRO XVI

ARGUMENTO

NA PRIMEIRA PARTE DESTE LIVRO, DO PRIMEIRO AO DÉCIMO SEGUNDO CAPÍTULO, O PROGRESSO DAS DUAS CIDADES, A TERRESTRE E A CELESTIAL, DE NOÉ A ABRAÃO, É EXIBIDO A PARTIR DA SAGRADA ESCRITURA: NA SEGUNDA PARTE, O PROGRESSO DO CELESTIAL SOZINHO, DE ABRAÃO AOS REIS DE ISRAEL, É O TEMA.

CAPÍTULO. 1.-SE, DEPOIS DO DILÚVIO, DE NOÉ A ABRAÃO, PODEM SER ENCONTRADAS FAMÍLIAS QUE VIVERAM DE ACORDO COM DEUS

1. É difícil descobrir nas Escrituras se, após o dilúvio, os vestígios da cidade santa são contínuos, ou são tão interrompidos por períodos intermediários de impiedade, que nem um único adorador do único Deus verdadeiro foi encontrado entre os homens; porque desde Noé, que, com sua esposa, três filhos e tantas noras, alcançou a libertação na arca da destruição do dilúvio, até Abraão, não encontramos nos livros canônicos que a piedade de qualquer um é celebrado por testemunho divino expresso, a menos que seja no caso de Noé, que elogia com uma bênção profética seus dois filhos Sem e Jafé, enquanto ele viu e previu o que aconteceria muito tempo depois. Foi também por este espírito profético que, quando seu filho do meio - isto é, o filho que era mais novo que o primeiro e mais velho que o último - pecou contra ele, ele o amaldiçoou não em sua própria pessoa, mas no de seu filho. (de seu próprio neto), nas palavras: "Maldito seja o rapaz Canaã; servo será de seus irmãos". Agora Canaã nasceu de Cam, que, longe de cobrir a nudez de seu pai adormecido, a divulgou. Pela mesma razão também ele ordena a bênção sobre seus outros dois filhos, o mais velho e o mais novo, dizendo: "Bendito seja o Senhor Deus de Sem, e Canaã será seu servo. Deus alegrará a Jafé, e ele

habitará nas casas de Sem. significados proféticos e velados em mistérios.

CAPÍTULO. 2.-O QUE FOI PROFETICAMENTE PREFIGURADO NOS FILHOS DE NOÉ

1. As coisas que então estavam ocultas são agora suficientemente reveladas pelos eventos reais que se seguiram. Pois quem pode considerar cuidadosa e inteligentemente essas coisas sem reconhecê-las realizadas em Cristo? Sem, de quem Cristo nasceu na carne, significa "nomeado". E o que há de maior nome do que Cristo, cuja fragrância é agora percebida em toda parte, de modo que até mesmo a profecia o canta de antemão, comparando-o no Cântico dos Cânticos, ao unguento derramado? Não é também nas casas de Cristo, isto é, nas igrejas, que habita o "alargamento" das nações? Pois Jafé significa "ampliação". E Cam (isto é, quente), que era o filho do meio de Noé, e, por assim dizer, separou-se de ambos, e permaneceu entre eles, não pertencendo às primícias de Israel nem à plenitude dos gentios, o que ele significa apenas a tribo dos hereges, ardentes de espírito, não de paciência, mas de impaciência, com a qual os peitos dos hereges costumam arder e com a qual perturbam a paz dos santos? Mas mesmo os hereges dão vantagem para aqueles que fazem proficiência, de acordo com as palavras do apóstolo: "Também é necessário que haja heresias, para que os aprovados se manifestem entre vós." De onde, também, é dito em outro lugar: "O filho que recebe instrução será sábio, e ele usa o tolo como seu servo". defendê-los nos obriga a investigá-los com mais precisão, a compreendê-los mais claramente e a proclamá-los com mais seriedade; e a questão levantada por um adversário torna-se ocasião de instrução. No entanto, não apenas aqueles que estão abertamente separados da igreja, mas também todos os que se gloriam no nome cristão, e ao mesmo tempo levam vidas abandonadas, podem sem absurdo parecer ser figurados pelo filho do meio de Noé: pela paixão de Cristo, que foi significado pela nudez daquele homem, é ao mesmo tempo proclamado por sua profissão e desonrado por sua conduta perversa. Desses, portanto, foi dito: "Pelos

seus frutos os conhecereis”. E, portanto, Ham foi amaldiçoado em seu filho, sendo ele, por assim dizer, seu fruto. Assim, também, este filho dele, Canaã, é adequadamente interpretado como "seu movimento", que nada mais é do que o trabalho deles. Mas Sem e Jafé, isto é, a circuncisão e a incircuncisão, ou, como o apóstolo os chama, os judeus e os gregos, mas chamados e justificados, tendo de alguma forma descoberto a nudez de seu pai (que significa a paixão do Salvador), tomaram uma roupa e a colocaram nas costas, e entraram de costas e cobriram a nudez de seu pai, sem que eles vissem o que sua reverência escondia. Pois tanto honramos a paixão de Cristo como realizada por nós, quanto odiamos o crime dos judeus que o crucificaram. A vestimenta significa o sacramento, as costas a memória das coisas passadas: pois a igreja celebra a paixão de Cristo como já realizada, e não mais esperada, agora que Jafé já habita nas habitações de Sem, e seu irmão perverso entre eles.

2. Mas o irmão mau é, na pessoa de seu filho (isto é, seu trabalho), o menino, ou escravo, de seus bons irmãos, quando homens bons fazem uso hábil de homens maus, seja para o exercício de sua paciência ou para o seu avanço na sabedoria. Pois o apóstolo testifica que há alguns que pregam a Cristo sem motivos puros; “mas”, diz ele, “seja em pretensão ou em verdade, Cristo é pregado; e nisso eu me alegro, sim, e me regozijarei”. Pois foi o próprio Cristo quem plantou a videira da qual o profeta diz: “A videira do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel”; Podeis beber do cálice que eu beberei?” e, "Pai, se for possível, passe de mim este cálice",⁷ com o que Ele obviamente quer dizer Sua paixão. Ou, como o vinho é o fruto da videira, podemos preferir entender que desta videira, isto é, da raça de Israel, Ele assumiu carne e sangue para sofrer; “e ele estava bêbado”, isto é, Ele sofreu; “e estava nu”, isto é, Sua fraqueza apareceu em Seu sofrimento, como diz o apóstolo, “embora Ele tenha sido crucificado por fraqueza”. Portanto, o mesmo apóstolo diz: “A fraqueza de Deus é mais forte do que os homens; e a loucura de Deus é mais sábia do que os homens”. Jesus deveria sofrer a cruz e a morte nas mãos de Sua própria casa, Seus próprios amigos e parentes, os judeus. Esta paixão de Cristo é apenas externa e verbalmente professada pelos réprobos, pois o que eles

professam não entendem. Mas os eleitos guardam no homem interior este mistério tão grande, e honram interiormente no coração esta fraqueza e loucura de Deus. E disso há uma figura em Cam saindo para proclamar a nudez de seu pai; enquanto Sem e Jafé, para cobri-lo ou honrá-lo, entraram, isto é, o fizeram interiormente.

3. Esses segredos da Escritura divina nós investigamos o melhor que podemos. Nem todos aceitarão nossa interpretação com igual confiança, mas todos têm certeza de que essas coisas não foram feitas nem registradas sem algum prenúncio de eventos futuros, e que devem ser referidas apenas a Cristo e Sua igreja, que é a cidade de Deus . , proclamado desde o início da história humana por figuras que agora vemos realizadas em toda parte. Desde a bênção dos dois filhos de Noé, e a maldição do filho do meio, até Abraão, ou por mais de mil anos, não há, como eu disse, nenhuma menção de quaisquer pessoas justas que adorassem a Deus. Não concluo, portanto, que não houve; mas tinha sido tedioso mencionar cada um e teria mostrado precisão histórica em vez de previsão profética. O objetivo do escritor desses livros sagrados, ou melhor, do Espírito de Deus nele, não é apenas registrar o passado, mas retratar o futuro, no que diz respeito à cidade de Deus; pois tudo o que é dito daqueles que não são seus cidadãos é dado ou para sua instrução ou como um contraste para aumentar sua glória. No entanto, não devemos supor que tudo o que está registrado tenha algum significado; mas as coisas que não têm significado próprio são entrelaçadas por causa das coisas que são significativas. É apenas o arado que racha o solo; mas para efetuar isso, outras partes do arado são necessárias. São apenas as cordas das harpas e outros instrumentos musicais que produzem sons melódicos; mas para que possam fazê-lo, existem outras partes do instrumento que não são realmente tocadas por aqueles que cantam, mas estão conectadas às cordas que são tocadas e produzem notas musicais. Assim, nesta história profética são narradas algumas coisas que não têm significado, mas são, por assim dizer, a estrutura à qual as coisas significativas estão ligadas.

CAPÍTULO. 3.-DAS GERAÇÕES DOS TRÊS FILHOS DE NOÉ

1. Devemos, portanto, introduzir neste trabalho uma explicação das gerações dos três filhos de Noé, na medida em que possa ilustrar o progresso no tempo das duas cidades. As Escrituras primeiro mencionam a do filho mais novo, que se chama Jafé: ele teve oito filhos, e de dois desses filhos sete netos, três de um filho, quatro do outro; ao todo, quinze descendentes. Cam, o filho do meio de Noé, teve quatro filhos, e de um deles cinco netos, e de um desses dois bisnetos; ao todo, onze. Depois de enumerá-los, as Escrituras retornam ao primeiro dos filhos e dizem: "Cush gerou Ninrode; ele começou a ser um gigante na terra. Ele era um caçador gigante contra o Senhor Deus; por isso dizem: Como Ninrode, o caçador gigante contra o Senhor. E o princípio do seu reino foi Babilônia, Ereque, Acade e Calne, na terra de Sinar. Daquela terra saiu Assur, e edificou Nínive, e a cidade Reobote, Calá e Resen, entre Nínive. e Calá: esta era uma grande cidade." Ora, este Cuxe, pai do gigante Ninrode, é o primeiro nome entre os filhos de Cão, a quem são atribuídos cinco filhos e dois netos. Mas ele gerou esse gigante depois que seus netos nasceram ou, o que é mais crível, as Escrituras falam dele separadamente por causa de sua eminência; pois também é feita menção ao seu reino, que começou com aquela magnífica cidade Babilônia, e os outros lugares, sejam cidades ou distritos, mencionados junto com ela. Mas o que está registrado da terra de Sinar, que pertencia ao reino de Ninrode, a saber, que Assur saiu dela e construiu Nínive e as outras cidades mencionadas com ela, aconteceu muito depois; mas ele aproveita a ocasião para falar disso aqui por causa da grandeza do reino assírio, que foi maravilhosamente estendido por Ninus, filho de Belus, e fundador da grande cidade de Nínive, que recebeu o nome dele, Nínive, de Ninus. Mas Assur, pai do assírio, não era um dos filhos de Cam, filho do meio de Noé, mas é encontrado entre os filhos de Sem, seu filho mais velho. De onde parece que entre a descendência de Sem surgiram homens que depois tomaram posse do reino daquele gigante e, avançando dele, fundaram outras cidades, a primeira das quais se chamava Nínive, de Ninus. Dele as Escrituras retornam ao outro filho de Cam, Mizraim; e seus filhos são enumerados, não como sete indivíduos, mas como sete

nações. E desde o sexto, como se fosse do sexto filho, diz-se que a raça chamada filisteus surgiu; para que haja em todos os oito. Então volta novamente a Canaã, em cuja pessoa Cam foi amaldiçoado; e seus onze filhos são nomeados. Em seguida, os territórios que ocuparam, e algumas das cidades, são nomeados. E assim, se contarmos filhos e netos, há trinta e um dos descendentes de Cam registrados.

2. Resta mencionar os filhos de Sem, o filho mais velho de Noé; pois para ele essa narrativa genealógica ascende gradualmente desde o mais jovem. Mas no início do registro dos filhos de Sem há uma obscuridade que exige explicação, pois está intimamente ligada ao objeto de nossa investigação. Pois lemos: "A Sem, pai de todos os filhos de Heber, irmão de Jafé, o mais velho, nasceram filhos". Esta é a ordem das palavras: E a Sem nasceu Heber, mesmo para si mesmo, isto é, o próprio Sem nasceu Heber, e Sem é o pai de todos os seus filhos. Pretendemos entender que Sem é o patriarca de toda a sua posteridade que deveria ser mencionada, sejam filhos, netos, bisnetos ou descendentes em qualquer lugar. Para Sem não gerou Heber, que estava de fato na quinta geração dele. Pois Sem gerou, entre outros filhos, Arfaxad; Arphaxad gerou Cainan, Cainan gerou Salah, Salah gerou Heber. E foi com razão que ele foi nomeado o primeiro entre os descendentes de Sem, tendo precedência até mesmo de seus filhos, embora apenas um neto da quinta geração; pois dele, como diz a tradição, os hebreus derivaram seu nome, embora a outra etimologia que deriva o nome de Abraão (como se Abrahews) possa estar correta. Mas pode haver pouca dúvida de que o primeiro é a etimologia correta, e que eles foram chamados depois de Heber, Heberews, e então, deixando uma letra, Hebrews; e assim foi a sua língua chamada hebraico, que não era falada por ninguém, mas pelo povo de Israel, entre o qual estava a cidade de Deus, misteriosamente prefigurada em todo o povo, e verdadeiramente presente nos santos. Seis dos filhos de Sem são nomeados primeiro, depois quatro netos nascidos de um desses filhos; depois menciona outro filho de Sem, que gerou um neto; e seu filho, novamente, ou bisneto de Sem, foi Heber. E Heber gerou dois filhos, e chamou a um Peleg, que significa "dividir"; e as Escrituras acrescentam a razão desse nome, dizendo: "porque em seus

dias foi dividida a terra". O que isso significa aparecerá depois. O outro filho de Heber gerou doze filhos; conseqüentemente, todos os descendentes de Sem têm vinte e sete anos. O número total da descendência dos três filhos de Noé é setenta e três, quinze por Jafé, trinta e um por Cam, vinte e sete por Sem. Então a Escritura acrescenta: "Estes são os filhos de Sem, segundo as suas famílias, segundo as suas línguas, nas suas terras, segundo as suas nações". E assim de todo o número: "Estas são as famílias dos filhos de Noé segundo as suas gerações, em suas nações; e por estas foram as ilhas das nações dispersas pela terra após o dilúvio." Do que deduzimos que os setenta e três (ou melhor, como mostrarei agora, setenta e dois) não eram indivíduos, mas nações. Pois em uma passagem anterior, quando os filhos de Jafé foram enumerados, é dito em conclusão: "Por estas foram divididas as ilhas das nações em suas terras, cada um segundo sua língua, em suas tribos e em suas nações".

3. Mas as nações são expressamente mencionadas entre os filhos de Cam, como mostrei acima. "Mizraim gerou aqueles que são chamados Ludim;" e assim também das outras sete nações. E depois de enumerar todos eles, conclui: "Estes são os filhos de Cam, em suas famílias, de acordo com suas línguas, em seus territórios e em suas nações". A razão, então, pela qual os filhos de vários deles não são mencionados, é que eles pertenciam por nascimento a outras nações, e não se tornaram nações. Por que mais é que, embora oito filhos sejam contados a Jafé, os filhos de apenas dois deles são mencionados; e embora quatro sejam contados a Cam, apenas três são mencionados como tendo filhos; e embora seis sejam contados a Sem, os descendentes de apenas dois deles são rastreados? O resto permaneceu sem filhos? Não podemos supor que sim; mas eles não produziram nações tão grandes que justifiquem sua menção, mas foram absorvidos pelas nações às quais pertenciam por nascimento.

CAPÍTULO. 4.-DA DIVERSIDADE DAS LÍNGUAS E DA FUNDAÇÃO DA BABILÔNIA

1. Mas, embora se diga que essas nações foram dispersas de acordo com suas línguas, o narrador retorna ao tempo em que todas tinham apenas uma língua e explica como aconteceu que uma diversidade de línguas foi introduzida. "Toda a terra", diz ele, "era de um só lábio, e todos tinham uma só palavra. E aconteceu que, partindo eles do oriente, acharam uma planície na terra de Sinar, e ali habitaram. E diziam uns aos outros: Vinde, façamos tijolos e os queimemos completamente; e tinham tijolos por pedra e lodo por argamassa. E diziam: Vinde, e edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cuja cume chegará ao céu, e façamos para nós um nome, antes que sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. E o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificaram. E o Senhor Deus disse: Eis que o povo é um, e todos eles têm uma língua; e isto eles começam a fazer; e agora nada será impedido deles, o que eles planejaram fazer. ali a sua língua, para que não entendam a fala uns dos outros; e Deus os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e deixaram de edificar a cidade e a torre. Portanto, o nome disso é chamado Confusão; porque o Senhor ali confundiu a língua de toda a terra; e o Senhor Deus os espalhou dali sobre a face de toda a terra." Esta cidade, que se chamava Confusão, é a mesma Babilônia, cuja maravilhosa construção a história dos gentios também observa . Pois Babilônia significa Confusão. Daí concluímos que o gigante Ninrode foi seu fundador, como havia sido sugerido um pouco antes, onde a Escritura, ao falar dele, diz que o início de seu reino foi Babilônia, ou seja, Babilônia teve uma supremacia sobre as outras cidades como metrópole e residência real, embora não alcançasse as grandes dimensões projetadas por seu orgulhoso e ímpio fundador, o plano era fazê-lo tão alto que chegasse ao céu, quer se tratasse de uma torre que eles pretendiam construir mais alto do que os outros, ou de todas as torres, o que pode ser significado pelo número singular, quando falamos de "soldado", significando o exército, e do sapo ou gafanhoto, quando nos referimos a toda a multidão de fr ogs e gafanhotos nas pragas com que Moisés feriu os egípcios. Mas o que esses homens vaidosos e presunçosos pretendiam? Como eles esperavam levantar essa massa elevada contra Deus, quando a construíram acima de todas as montanhas e nuvens da atmosfera da terra? Que dano qualquer

elevação espiritual ou material poderia causar a Deus? O caminho seguro e verdadeiro para o céu é feito pela humildade, que eleva o coração ao Senhor, não contra Ele; como se diz que este gigante foi um "caçador contra o Senhor". Isso foi mal interpretado por alguns por causa da ambiguidade da palavra grega, e eles a traduziram, não "contra o Senhor", mas "diante do Senhor"; pois ἐναντίον significa tanto "antes" quanto "contra". No Salmo, esta palavra é traduzida: "Choremos diante do Senhor, nosso Criador". A mesma palavra ocorre no livro de Jó, onde está escrito: "Estás furioso contra o Senhor". E assim este gigante deve ser reconhecido como um "caçador contra o Senhor". E o que significa o termo "caçador" senão enganador, opressor e destruidor dos animais da terra? Ele e seu povo, portanto, erigiram esta torre contra o Senhor, e assim expressaram seu orgulho ímpio; e com justiça sua intenção perversa foi punida por Deus, embora não tenha sido bem-sucedida. Mas qual era a natureza da punição? Como a língua é o instrumento de dominação, nela o orgulho foi punido; para que o homem, que não entendesse a Deus quando Ele emitisse Seus mandamentos, fosse mal compreendido quando ele mesmo desse ordens. Assim se desfez aquela conspiração, pois cada homem retirou-se daqueles que não conseguia entender e se associou àqueles cuja fala era inteligível; e as nações foram divididas de acordo com suas línguas, e espalhadas sobre a terra como bem pareceu a Deus, que realizou isso de maneiras ocultas e incompreensíveis para nós.

CAPÍTULO. 5.-DA "DESCIDA" DE DEUS PARA CONFUNDIR AS LÍNGUAS DOS CONSTRUTORES DA CIDADE

1. Lemos: "O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens construíram": não eram os filhos de Deus, mas aquela sociedade que vivia de maneira meramente humana, e que chamamos de terrena cidade. Deus, que está sempre totalmente em toda parte, não se move localmente; mas diz-se que Ele desce quando faz algo na terra fora do curso usual, o que, por assim dizer, faz sentir Sua presença. E da mesma forma, Ele não "vendo" aprende alguma coisa

nova, pois Ele nunca pode ignorar nada; mas diz-se que Ele vê e reconhece, com o tempo, aquilo que Ele faz com que os outros vejam e reconheçam. E, portanto, aquela cidade não estava sendo vista anteriormente como Deus a fez ser vista quando Ele mostrou o quão ofensivo ela era para Ele. Podemos, de fato, interpretar a descida de Deus à cidade da descida de Seus anjos em quem Ele habita; de modo que as seguintes palavras: "E disse o Senhor Deus: Eis que são todos uma raça e uma língua", e também o que se segue: "Venham, desçamos e confundamos a sua fala", são uma recapitulação, explicando como a "descida do Senhor" anteriormente sugerida foi realizada. Pois se Ele já havia descido, por que Ele diz: "Vinde, e desçamos e confundimos?" - palavras que parecem ser dirigidas aos anjos, e para intimar que Aquele que estava nos anjos desceu em sua descida. E as palavras mais apropriadas não são: "Desça e confunda", mas "Vamos confundir o discurso deles"; mostrando que Ele trabalha de tal maneira por Seus servos, que eles mesmos também são cooperadores de Deus, como diz o apóstolo: "Pois somos colaboradores de Deus".

CAPÍTULO. 6.-O QUE DEVEMOS ENTENDER POR DEUS FALANDO AOS ANJOS

1. Poderíamos ter suposto que as palavras proferidas na criação do homem, "Façamos", e não deixe-me, "faça o homem", foram dirigidas aos anjos, se Ele não tivesse acrescentado "à nossa imagem"; mas como não podemos acreditar que o homem foi feito à imagem dos anjos, ou que a imagem de Deus é a mesma que a dos anjos, é apropriado referir esta expressão à pluralidade da Trindade. E ainda esta Trindade, sendo um Deus, mesmo depois de dizer "Façamos", continua dizendo: "E Deus fez o homem à Sua imagem", e não "Deuses feitos" ou "à imagem deles". E se houvesse alguma dificuldade em aplicar aos anjos as palavras: "Venham, desçamos e confundamos a sua fala", poderíamos referir o plural à Trindade, como se o Pai estivesse se dirigindo ao Filho e ao Espírito Santo; mas pertence aos anjos aproximar-se de Deus por movimentos santos, isto é, por

pensamentos piedosos, e assim valer-se da verdade imutável que governa na corte do céu como sua lei eterna. Pois eles mesmos não são a verdade; mas participando da verdade criativa, eles são movidos para ela como a fonte da vida, para que o que eles não têm em si possam obter nela. E esse movimento deles é constante, pois eles nunca voltam atrás do que alcançaram. E a esses anjos Deus não fala como nós falamos uns com os outros, ou com Deus, ou com anjos, ou como os anjos nos falam, ou como Deus nos fala por meio deles: Ele fala a eles de uma maneira inefável de O dele próprio, e o que Ele diz é transmitido a nós de uma maneira adequada à nossa capacidade. Pois o falar de Deus antecedente e superior a todas as Suas obras, é a razão imutável de Sua obra: não tem som ruidoso e passageiro, mas uma energia que permanece eternamente e produz resultados no tempo. Assim Ele fala aos santos anjos; mas para nós, que estamos longe, Ele fala de outra forma. Quando, no entanto, ouvimos com o ouvido interno alguma parte da fala de Deus, nos aproximamos dos anjos. Mas nesta obra não preciso me esforçar para dar conta das maneiras pelas quais Deus fala. Pois ou a Verdade imutável fala diretamente à mente da criatura racional de alguma maneira indescritível, ou fala através da criatura mutável, apresentando imagens espirituais ao nosso espírito, ou vozes corporais ao nosso sentido corporal.

2. As palavras: "Nada será impedido deles que eles imaginaram fazer", certamente não significam uma afirmação, mas um interrogatório, como é usado por pessoas ameaçadoras, como, por exemplo, quando Dido exclama:

"Eles não vão pegar em armas e perseguir?"

Devemos entender as palavras como se tivessem sido ditas: Nada será restringido deles que eles imaginaram fazer? Destes três homens, portanto, os três filhos de Noé queremos dizer, 73, ou melhor, como o catálogo mostrará, 72 nações e tantas línguas foram espalhadas sobre a terra, e à medida que aumentaram encheram até as ilhas. Mas as nações se multiplicaram muito mais do que as línguas. Pois mesmo na África conhecemos várias nações bárbaras que têm apenas uma língua; e quem pode duvidar que, com o crescimento da raça humana,

os homens conseguiram passar para as ilhas em navios?

CAPÍTULO. 7.-SE MESMO AS ILHAS MAIS REMOTAS RECEBERAM SUA FAUNA DOS ANIMAIS QUE FORAM PRESERVADOS, ATRAVÉS DO DILÚVIO, NA ARCA

1. Há uma questão levantada sobre todos aqueles tipos de animais que não são domesticados, nem são produzidos como rãs da terra, mas são propagados por pais masculinos e femininos, como lobos e animais dessa espécie; e pergunta-se como eles poderiam ser encontrados nas ilhas após o dilúvio, em que todos os animais que não estavam na arca pereceram, a menos que a raça fosse restaurada daqueles que foram preservados em pares na arca. Pode-se, de fato, dizer que eles atravessaram para as ilhas nadando, mas isso só poderia ser verdade para aqueles muito próximos do continente; enquanto há alguns tão distantes, que imaginamos que nenhum animal poderia nadar até eles. Mas se os homens os pegassem e os levassem consigo, e assim propagassem essas raças em suas novas moradas, isso não significaria um gosto incrível pela caça. Ao mesmo tempo, não se pode negar que pela intervenção dos anjos eles podem ser transferidos por ordem ou permissão de Deus. Se, no entanto, eles foram produzidos da terra como em sua primeira criação, quando Deus disse: "Produza a terra o ser vivente", isso torna mais evidente que todos os tipos de animais foram preservados na arca, não tão tanto para renovar o estoque, como para prefigurar as várias nações que deveriam ser salvas na igreja; isso, eu digo, é mais evidente, se a terra trouxe muitos animais em ilhas para as quais eles não podiam atravessar.

CAPÍTULO. 8.-SE CERTAS RAÇAS MONSTRUOSAS DE HOMENS SÃO DERIVADAS DE ADÃO OU DOS FILHOS DE NOÉ

1. Pergunta-se também se devemos acreditar que certas raças monstruosas de homens, mencionadas na história secular, surgiram

dos filhos de Noé, ou melhor, devo dizer, daquele homem de quem eles mesmos descenderam. Pois é relatado que alguns têm um olho no meio da testa; alguns, pés virados para trás a partir do calcanhar; alguns, um duplo sexo, o seio direito como um homem, o esquerdo como uma mulher, e que alternadamente geram e geram: outros dizem que não têm boca e respiram apenas pelas narinas; outras têm apenas um côvado de altura, e por isso são chamadas pelos gregos de "Pigmies": 6 eles dizem que em alguns lugares as mulheres concebem no quinto ano e não vivem além do oitavo. Assim também eles falam de uma raça que tem dois pés, mas apenas uma perna, e é de uma rapidez maravilhosa, embora não dobre o joelho: eles são chamados de Skiopodes, porque no tempo quente eles se deitam de costas e -se com os pés. Outros dizem que não têm cabeça e os olhos nos ombros; e outras raças humanas ou quase humanas são retratadas em mosaico na esplanada do porto de Cartago, na fé de histórias de raridades. Que direi dos cinocéfalos, cuja cabeça de cão e latidos os proclamam bestas em vez de homens? Mas não somos obrigados a acreditar em tudo o que ouvimos sobre essas monstruosidades. Mas quem quer que em algum lugar tenha nascido homem, isto é, um animal racional e mortal, não importa que aparência incomum ele apresente em cor, movimento, som, nem quão peculiar ele seja em algum poder, parte ou qualidade de sua natureza, nenhum cristão pode duvidar que ele brota daquele protoplasto. Podemos distinguir a natureza humana comum daquela que é peculiar e, portanto, maravilhosa.

2. O mesmo relato que é dado de nascimentos monstruosos em casos individuais pode ser dado a respeito de raças monstruosas. Pois Deus, o Criador de tudo, sabe onde e quando cada coisa deveria estar, ou ter sido criada, porque Ele vê as semelhanças e diversidades que podem contribuir para a beleza do todo. Mas Aquele que não pode ver o todo se ofende com a deformidade da parte, porque é cego para o que a equilibra e a que pertence. Sabemos que os homens nascem com mais de quatro dedos nas mãos ou nos pés: isso é uma questão menor; mas longe de nós esteja a loucura de supor que o Criador confundiu o número de dedos de um homem, embora não possamos explicar a diferença. E assim nos casos em que a divergência da regra é maior.

Aquele em cujas obras nenhum homem critica com justiça, sabe o que Ele fez. Em Hippo-Diarrhytus há um homem cujas mãos são em forma de meia-lua e têm apenas dois dedos cada, e seus pés são formados de forma semelhante. Se houvesse uma raça como ele, seria adicionada à história dos curiosos e maravilhosos. Devemos, portanto, negar que este homem é descendente daquele homem que foi criado primeiro? Quanto aos Andróginos, ou Hermafroditas, como são chamados, embora sejam raros, de vez em quando aparecem pessoas de sexo tão duvidosas, que permanece incerto de qual sexo eles tomam seu nome; embora seja costume dar-lhes um nome masculino, como o mais digno. Pois ninguém nunca os chamou de Hermafroditas. Alguns anos atrás, bem na minha memória, um homem nasceu no Oriente, duplo na parte superior, mas solteiro na metade inferior - com duas cabeças, dois peitos, quatro mãos, mas um corpo e dois pés como um homem comum. ; e ele viveu tanto que muitos tiveram a oportunidade de vê-lo. Mas quem poderia enumerar todos os nascimentos humanos que diferiram amplamente de seus pais comprovados? Como, portanto, ninguém negará que todos eles descendem daquele único homem, assim todas as raças que são relatadas como tendo divergido em aparência corporal do curso usual que a natureza geralmente ou quase universalmente preserva, se elas são abrangidas nessa definição. do homem como animais racionais e mortais, inquestionavelmente traçam sua linhagem para aquele primeiro pai de todos. Estamos supondo que essas histórias sobre várias raças que diferem umas das outras e de nós sejam verdadeiras; mas possivelmente não são: pois se não tivéssemos conhecimento de que macacos, macacos e esfinges não são homens, mas bestas, esses historiadores possivelmente os descreveriam como raças de homens e ostentariam impunemente suas descobertas falsas e vanglórias. Mas supondo que sejam homens de quem essas maravilhas são registradas, e se Deus achou por bem criar algumas raças dessa maneira, para que não suponhamos que os nascimentos monstruosos que aparecem entre nós são as falhas daquela sabedoria pela qual Ele molda o natureza humana, ao falarmos do fracasso de um operário menos perfeito? Portanto, não deve parecer absurdo para nós que, como em raças individuais existem nascimentos monstruosos, em toda a raça existem raças

monstruosas. Portanto, para concluir esta questão com cautela e cautela, ou essas coisas que foram contadas de algumas raças não existem; ou se existem, não são raças humanas; ou se são humanos, descendem de Adão.

CAPÍTULO. 9.-SE DEVEMOS CRER NOS ANTÍPODAS

1. Mas quanto à fábula de que existem Antípodas, isto é, homens do outro lado da terra, onde o sol nasce quando se põe para nós, homens que andam com os pés opostos aos nossos, que não está em chão credível. E, de fato, não se afirma que isso tenha sido aprendido pelo conhecimento histórico, mas por conjecturas científicas, com o fundamento de que a terra está suspensa na concavidade do céu e que tem tanto espaço de um lado quanto como por outro: por isso dizem que a parte que está embaixo também deve ser habitada. Mas eles não observam que, embora seja suposto ou demonstrado cientificamente que o mundo é de uma forma redonda e esférica, ainda assim não se segue que o outro lado da terra esteja desprovido de água; nem mesmo, embora seja nu, segue imediatamente que é povoado. Pois a Escritura, que prova a veracidade de suas declarações históricas pelo cumprimento de suas profecias, não fornece informações falsas; e é muito absurdo dizer que alguns homens podem ter embarcado e atravessado todo o oceano largo, e atravessado deste lado do mundo para o outro, e que, assim, mesmo os habitantes daquela região distante descendem daquela. primeiro homem. Portanto, vamos procurar se podemos encontrar a cidade de Deus que peregrina na terra entre aquelas raças humanas que são catalogadas como tendo sido divididas em setenta e duas nações e tantas línguas. Pois continuou até o dilúvio e a arca, e provou-se que ainda existia entre os filhos de Noé por suas bênçãos, e principalmente no filho mais velho Sem; pois Jafé recebeu esta bênção, que ele deveria habitar nas tendas de Sem.

CAPÍTULO. 10.-DA GENEALOGIA DE SEM, EM CUJA LINHA

A CIDADE DE DEUS É PRESERVADA ATÉ O TEMPO DE ABRAÃO

1. É necessário, portanto, preservar a série de gerações descendentes de Sem, para exibir a cidade de Deus após o dilúvio; como antes do dilúvio, foi exibido na série de gerações descendentes de Seth. E, portanto, a Escritura divina, depois de exibir a cidade terrena como Babilônia ou "Confusão", reverte ao patriarca Sem e recapitula as gerações dele até Abraão, especificando, além disso, o ano em que cada pai gerou o filho que pertencia a essa linhagem. , e quanto tempo ele viveu. E, sem dúvida, é isso que cumpre a promessa que fiz, que deve aparecer por que se diz dos filhos de Heber: "O nome de um era Pelegue, pois em seus dias a terra foi dividida". Pois o que podemos entender pela divisão da terra, senão a diversidade das línguas? E, portanto, omitindo os outros filhos de Sem, que não estão preocupados com este assunto, as Escrituras dão a genealogia daqueles por quem a linhagem segue para Abraão, como antes do dilúvio são dados aqueles que levaram a linha de Noé de Sete . Assim, esta série de gerações começa assim: "Estas são as gerações de Sem: Sem tinha cem anos e gerou Arfaxad dois anos depois do dilúvio. E Sem viveu depois que gerou Arfaxad quinhentos anos, e gerou filhos e filhas. " Da mesma maneira registra o resto, nomeando o ano de sua vida em que cada um gerou o filho que pertencia àquela linha que se estende até Abraão. Especifica, também, quantos anos ele viveu depois disso, gerando filhos e filhas, para que não possamos supor infantilmente que os homens mencionados fossem os únicos homens, mas podemos entender como a população aumentou e como regiões e reinos tão vastos poderiam ser povoados. pelos descendentes de Sem; especialmente o reino da Assíria, do qual Ninus subjuguou as nações vizinhas, reinando com brilhante prosperidade e legando a seus descendentes um império vasto, mas completamente consolidado, que se manteve por muitos séculos.

2. Mas, para evitar prolixidade desnecessária, não mencionaremos o número de anos que cada membro desta série viveu, mas apenas o ano de sua vida em que ele gerou seu herdeiro, para que possamos calcular

o número de anos desde o dilúvio até Abraham, e pode ao mesmo tempo deixar espaço para tocar brevemente e superficialmente em alguns outros assuntos necessários ao nosso argumento. No segundo ano, então, após o dilúvio, Sem, quando ele tinha cem anos, gerou Arfaxad; Arphaxad, quando tinha 135 anos, gerou Cainan; Cainan, quando ele tinha 130 anos, gerou Salah. O próprio Salah também tinha a mesma idade quando gerou Eber. Eber viveu 134 anos e gerou Pelegue, em cujos dias a terra foi dividida. O próprio Peleg viveu 130 anos e gerou Reu; e Reu viveu 132 anos e gerou Serug; Serug 130, e gerou Nahor; e Nahor 79, e gerou Terah; e Terah 70, e gerou Abraão, cujo nome Deus depois mudou para Abraão. Há, portanto, desde o dilúvio até Abraão 1072 anos, segundo as versões da Vulgata ou da Septuaginta. Nas cópias hebraicas são dados muito menos anos; e por isso não é dada nenhuma razão ou uma razão pouco credível.

3. Quando, portanto, procuramos a cidade de Deus nessas setenta e duas nações, não podemos afirmar que, enquanto eles tinham apenas um lábio, isto é, uma língua, a raça humana se afastou da adoração do verdadeiro Deus, e essa genuína piedade sobreviveu apenas naquelas gerações que descendem de Sem através de Arfaxad e chegam a Abraão; mas a partir do momento em que eles orgulhosamente construíram uma torre para o céu, um símbolo de exaltação sem Deus, a cidade ou sociedade dos ímpios torna-se aparente. Se antes era apenas disfarçado, ou inexistente; se ambas as cidades permaneceram após o dilúvio – o piedoso nos dois filhos de Noé que foram abençoados, e em sua posteridade, e o ímpio no filho amaldiçoado e seus descendentes, de quem surgiu aquele poderoso caçador contra o Senhor – não é facilmente determinado. Pois possivelmente - e certamente isso é mais credível - havia desprezadores de Deus entre os descendentes dos dois filhos, mesmo antes de Babilônia ser fundada, e adoradores de Deus entre os descendentes de Cam. Certamente nenhuma das raças jamais foi obliterada da terra. Pois em ambos os Salmos em que é dito: "Todos eles se foram, tornaram-se totalmente imundos; não há quem faça o bem, nem um sequer", lemos mais adiante: "Todos os que praticam a iniquidade não têm conhecimento? que comem o meu povo como se come pão, e não invocam o Senhor".

Havia então um povo de Deus mesmo naquela época. E, portanto, as palavras: "Não há ninguém que faça o bem, não, nem um", foram ditas dos filhos dos homens, não dos filhos de Deus. Pois foi dito anteriormente: "Deus olhou do céu para os filhos dos homens, para ver se alguém entendia e buscava a Deus"; e depois siga as palavras que demonstram que todos os filhos dos homens, isto é, todos os que pertencem à cidade que vive segundo o homem, não segundo Deus, são réprobos.

CAPÍTULO. 11.-QUE A LÍNGUA ORIGINAL EM USO ENTRE OS HOMENS FOI AQUELA QUE DEPOIS FOI CHAMADA HEBRAICO, DE HEBER, EM CUJA FAMÍLIA FOI PRESERVADA QUANDO OCORREU A CONFUSÃO DE LÍNGUAS

1. Portanto, como o fato de todos usarem um idioma não garantiu a ausência de homens infectados pelo pecado da raça, - pois mesmo antes do dilúvio havia um idioma, e ainda assim todos, exceto a única família de Noé, foram considerados dignos de destruição pelo dilúvio – então quando as nações, por uma impiedade mais orgulhosa, ganharam o castigo da dispersão e a confusão das línguas, e a cidade dos ímpios foi chamada Confusão ou Babilônia, ainda havia a casa de Heber na qual a linguagem primitiva da raça sobreviveu. E, portanto, como já mencionei, quando uma enumeração é feita dos filhos de Sem, que cada um fundou uma nação, Heber é mencionado pela primeira vez, embora fosse da quinta geração de Sem. E porque, quando as outras raças foram divididas por suas próprias línguas peculiares, sua família preservou aquela língua que não é injustificadamente considerada a língua comum da raça, por isso foi daí em diante chamada de hebraico. Pois então tornou-se necessário distinguir essa linguagem do resto por um nome próprio; embora, embora houvesse apenas um, não tinha outro nome além da linguagem do homem, ou fala humana, sendo o único falado por toda a raça humana.

2. Alguém dirá: Se a terra era dividida por línguas nos dias de Pelegue,

filho de Héber, essa língua, que antes era comum a todos, deveria antes ter sido chamada de Pelegue. Mas devemos entender que o próprio Heber deu a seu filho este nome Peleg, que significa Divisão; porque ele nasceu quando a terra foi dividida, isto é, no exato momento da divisão, e que este é o significado das palavras: "Nos seus dias a terra foi dividida". Pois, a menos que Heber ainda estivesse vivo quando as línguas foram multiplicadas, a língua que foi preservada em sua casa não teria sido chamada por ele. Somos induzidos a acreditar que esta era a língua primitiva e comum, porque a multiplicação e mudança de línguas foi introduzida como um castigo, e cabe atribuir ao povo de Deus uma imunidade a esse castigo. Não é sem significado que esta é a linguagem que Abraão reteve, e que ele não poderia transmiti-la a todos os seus descendentes, mas apenas aos da linhagem de Jacó, que distinta e eminentemente constituíam o povo de Deus, e receberam Suas alianças, e eram os filhos de Cristo. progenitores segundo a carne. Da mesma forma, o próprio Heber não transmitiu essa linguagem a toda a sua posteridade, mas apenas à linha de onde surgiu Abraão. E assim, embora não seja expressamente declarado, que quando os ímpios estavam construindo a Babilônia havia uma semente divina remanescente, essa indistinção destina-se a estimular a pesquisa em vez de evitá-la. Pois quando vemos que originalmente havia uma língua comum, e que Heber é mencionado antes de todos os filhos de Sem, embora pertencesse à quinta geração dele, e que a língua que os patriarcas e profetas usavam, não apenas em sua conversa, mas na linguagem oficial das Escrituras, é chamado hebraico, quando nos perguntam onde essa língua primitiva e comum foi preservada após a confusão de línguas, certamente, pois não pode haver dúvida de que aqueles entre os quais foi preservada estavam isentos da punição que ela encarnado, que outra sugestão podemos fazer, senão que sobreviveu na família daquele cujo nome tomou, e que isso não é uma pequena prova da retidão dessa família, que o castigo com que as outras famílias foram visitadas não caiu sobre isso?

3. Mas ainda outra questão é levantada: como Heber e seu filho Peleg fundaram uma nação, se eles tinham apenas uma língua? Pois, sem dúvida, a nação hebraica propagada de Heber a Abraão, e tornando-se

por meio dele um grande povo, é uma nação. Como, então, todos os filhos dos três ramos da família de Noé são enumerados como fundadores de uma nação cada um, se Heber e Peleg não o fizeram? É muito provável que o gigante Ninrode também tenha fundado sua nação, e que a Escritura o tenha nomeado separadamente por causa das dimensões extraordinárias de seu império e de seu corpo, de modo que o número de setenta e duas nações permanece. Mas Pelegue foi mencionado, não porque fundou uma nação (pois sua raça e língua são hebraicas), mas por causa do momento crítico em que ele nasceu, toda a terra sendo então dividida. Nem devemos nos surpreender que o gigante Ninrode tenha vivido até a época em que Babilônia foi fundada e ocorreu a confusão de línguas e a conseqüente divisão da terra. Pois embora Heber estivesse na sexta geração de Noé e Ninrode na quarta, não se segue que eles não pudessem estar vivos ao mesmo tempo. Pois quando as gerações são poucas, vivem mais e nascem mais tarde; mas quando são muitos, vivem menos e vêm ao mundo mais cedo. Devemos entender que, quando a terra foi dividida, os descendentes de Noé que são registrados como fundadores de nações não apenas já nasceram, mas estavam em idade de ter famílias imensas, dignas de serem chamadas de tribos ou nações. E, portanto, não devemos de modo algum supor que eles nasceram na ordem em que foram estabelecidos; caso contrário, como os doze filhos de Joctã, outro filho de Heber e irmão de Pelegue, já fundaram nações, se Joctã nasceu, como está registrado, depois de seu irmão Pelegue, já que a terra foi dividida no nascimento de Pelegue? Devemos, portanto, entender que, embora Peleg seja o primeiro nomeado, ele nasceu muito depois de Joctã, cujos doze filhos já tinham famílias tão grandes que admitiam serem divididas por diferentes idiomas. Não há nada de extraordinário no último nascido sendo nomeado primeiro: dos filhos de Noé, os descendentes de Jafé são os primeiros; depois os filhos de Cam, que era o segundo filho; e por último os filhos de Sem, que era o primeiro e o mais velho. Destas nações, os nomes sobreviveram em parte, de modo que hoje podemos ver de quem eles surgiram, como os assírios de Assur, os hebreus de Heber, mas em parte foram alterados no decorrer do tempo, de modo que os mais homens eruditos, por profunda pesquisa em registros antigos, mal conseguiram descobrir a

origem, não digo de todas, mas de algumas dessas nações. Não há, por exemplo, nada no nome egípcios que mostre que descendem de Misraim, filho de Cam, nem no nome etíopes que mostre uma conexão com Cuxe, embora se diga que essa é a origem dessas nações. E se fizermos um levantamento geral dos nomes, descobriremos que mais foram alterados do que permaneceram os mesmos.

CAPÍTULO. 12.-DA ERA NA VIDA DE ABRAÃO A PARTIR DA QUAL SE COMEÇA UM NOVO PERÍODO NA SANTA SUCESSÃO

1. Examinemos agora o progresso da cidade de Deus desde a época do patriarca Abraão, a partir de cuja época começa a ser mais visível, e as promessas divinas que agora se cumprem em Cristo são mais plenamente reveladas. Aprendemos, então, pelas insinuações da Sagrada Escritura, que Abraão nasceu no país dos caldeus, uma terra pertencente ao império assírio. Agora, mesmo naquela época, superstições ímpias eram abundantes entre os caldeus, como em outras nações. A família de Terah, à qual pertencia Abraão, foi a única em que sobreviveu o culto ao verdadeiro Deus, e a única, podemos supor, em que a língua hebraica foi preservada; embora Josué, filho de Nun, nos diga que mesmo essa família serviu a outros deuses na Mesopotâmia. Os outros descendentes de Heber foram gradualmente absorvidos por outras raças e outras línguas. E assim, como a única família de Noé foi preservada através do dilúvio de água para renovar a raça humana, assim, no dilúvio de superstição que inundou o mundo inteiro, restava apenas uma família de Terah na qual a semente da cidade de Deus foi preservado. E como, quando as Escrituras enumeraram as gerações anteriores a Noé, com suas idades, e explicaram a causa do dilúvio antes de Deus começar a falar com Noé sobre a construção da arca, é dito: "Estas são as gerações de Noé; " assim também agora, depois de enumerar as gerações de Sem, filho de Noé, até Abraão, então sinaliza uma era dizendo: "Estas são as gerações de Terah: Terah gerou Abrão, Nahor e Haran; e Haran gerou Lot. E Haran morreu antes de Terá, seu pai, na terra do seu

nascimento, em Ur dos caldeus. E Abrão e Naor tomaram para si mulheres: o nome da mulher de Abrão era Sarai; e o nome da mulher de Naor, Milca, filha de Harã, pai de Milca, e pai de Iscá.”² Este Iscá é suposto ser o mesmo que Sara, esposa de Abraão.

CAPÍTULO. 13.—POR QUE, EM CONTA DA EMIGRAÇÃO DE TERAH, EM SEU ABANDONAR OS CALDEUS E PASSANDO PARA A MESOPOTAMIA, NENHUMA MENÇÃO É FEITA DE SEU FILHO NAHOR

1. Em seguida, é relatado como Terah com sua família deixou a região dos caldeus e entrou na Mesopotâmia, e habitou em Haran. Mas nada é dito sobre um de seus filhos chamado Nahor, como se ele não o tivesse levado consigo. Pois a narrativa é assim: "E Terá tomou Abrão, seu filho, e Ló, filho de Harã, filho de seu filho, e Sara, sua nora, mulher de seu filho Abrão, e os levou para fora da região dos caldeus para ir para a terra de Canaã; e ele entrou em Harã, e habitou lá". Nahor e Milcah, sua esposa, não são mencionados em nenhum lugar aqui. Mas depois, quando Abraão enviou seu servo para tomar uma esposa para seu filho Isaque, encontramos assim escrito: "E o servo tomou dez camelos dos camelos de seu senhor, e de todos os bens de seu senhor, e levantou-se e foi para a Mesopotâmia, para a cidade de Naor."² Este e outros testemunhos desta história sagrada mostram que Naor, irmão de Abraão, também havia deixado a região dos caldeus e fixou sua morada na Mesopotâmia, onde Abraão morava com seu pai. Por que, então, a Escritura não o menciona, quando Terah com sua família saiu da nação caldéia e habitou em Harã, uma vez que menciona que ele levou consigo não apenas seu filho Abraão, mas também Sara sua nora? lei, e seu neto Lot? A única razão em que podemos pensar é que talvez ele tenha perdido a piedade de seu pai e irmão e aderido à superstição dos caldeus, e depois emigrou dali, seja por penitência ou porque foi perseguido como suspeito. pessoa. Pois no livro chamado Judite, quando Holofernes, o inimigo dos israelitas, perguntou que tipo de nação poderia ser, e se a guerra deveria ser feita contra eles, Aquior, o chefe dos amonitas, respondeu-lhe assim: "Que

nosso senhor ouve agora uma palavra da boca do teu servo, e eu te anunciarei a verdade acerca do povo que habita perto de ti nesta região montanhosa, e não sairá mentira alguma da boca do teu servo, porque este povo é descendente dos caldeus, e antes habitavam na Mesopotâmia, porque não quiseram seguir os deuses de seus pais, que eram gloriosos na terra dos caldeus, antes se desviaram do caminho de seus pais e adoraram o Deus do céu, a quem eles o souberam, e os expulsaram da presença de seus deuses, e fugiram para a Mesopotâmia, e lá habitaram muitos dias. E seu Deus lhes disse que se retirassem de sua habitação e fossem para a terra de Canaã; e eles habitaram", etc., como Aquior, o Amon ite narra. Daí é manifesto que a casa de Terah sofreu perseguição dos caldeus pela verdadeira piedade com que adoravam o único e verdadeiro Deus.

CAPÍTULO. 14.-DOS ANOS DE TERAH, QUE COMPLETOU SUA VIDA EM HARAN

1. Com a morte de Terah na Mesopotâmia, onde se diz ter vivido 205 anos, as promessas de Deus feitas a Abraão começam agora a ser apontadas; pois assim está escrito: "E os dias de Terah em Haran foram duzentos e cinco anos, e ele morreu em Haran." Isso não deve ser tomado como se ele tivesse passado todos os seus dias lá, mas que ele completou os dias de sua vida, que foram duzentos e cinco anos: caso contrário, não se saberia quantos anos Terah viveu, pois é não disse em que ano de sua vida ele entrou em Harã; e é absurdo supor que, nesta série de gerações, onde se registra cuidadosamente quantos anos cada um viveu, sua idade foi a única não registrada. Pois embora alguns que a mesma Escritura menciona não tenham sua idade registrada, eles não estão nesta série, na qual a contagem do tempo é continuamente indicada pela morte dos pais e pela sucessão dos filhos. Pois esta série, que é dada em ordem de Adão a Noé, e dele até Abraão, não contém ninguém sem o número dos anos de sua vida.

CAPÍTULO. 15.-DO TEMPO DA MIGRAÇÃO DE ABRAÃO,

QUANDO, SEGUNDO O MANDAMENTO DE DEUS, ELE SAIU DE HARÃ

1. Quando, após o registro da morte de Terah, pai de Abraão, lemos em seguida: "E o Senhor disse a Abrão: Sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai", etc. ., não se deve supor, porque isso segue na ordem da narrativa, que também seguiu na ordem cronológica dos acontecimentos. Pois se assim fosse, haveria uma dificuldade insolúvel. Pois depois destas palavras de Deus que foram ditas a Abraão, a Escritura diz: "E partiu Abrão, como o Senhor lhe havia dito, e Ló foi com ele. Ora, Abraão tinha setenta e cinco anos quando partiu de Harã."6 Como isso pode ser verdade se ele partiu de Harã após a morte de seu pai? Pois quando Terah tinha setenta anos, como é sugerido acima, ele gerou Abraão; e se a este número somarmos os setenta e cinco anos que Abraão calculou quando saiu de Harã, obtemos 145 anos. Portanto, esse foi o número dos anos de Terah, quando Abraão partiu daquela cidade da Mesopotâmia; pois ele havia atingido o septuagésimo quinto ano de sua vida, e assim seu pai, que o gerou no septuagésimo ano de sua vida, atingiu, como foi dito, seu 145º. Portanto, ele não partiu dali após a morte de seu pai, isto é, após os 205 anos que seu pai viveu; mas o ano de sua partida daquele lugar, visto que era seu septuagésimo quinto, infere-se sem dúvida como sendo o 145º de seu pai, que o gerou em seu septuagésimo ano. E assim deve-se entender que a Escritura, de acordo com seu costume, voltou ao tempo que já havia passado pela narrativa; assim como acima, quando mencionou os netos de Noé, disse que eles estavam em suas nações e línguas; e ainda depois, como se isso também tivesse seguido em ordem de tempo, diz: "E toda a terra era de um lábio e um discurso para todos". Como, então, pode-se dizer que eles estão em suas próprias nações e de acordo com suas próprias línguas, se havia um para todos; exceto porque a narrativa volta para recolher o que havia passado? Aqui, também, da mesma maneira, depois de dizer: "E os dias de Terah em Haran foram 205 anos, e Terah morreu em Haran", a Escritura, voltando ao que havia sido passado para completar o que havia sido iniciado sobre Terah, diz: "E o Senhor disse a Abrão: Sai da tua terra",2 etc. . Mas Abrão tinha setenta e cinco anos

quando partiu de Harã”. Portanto, foi feito quando seu pai estava com 145 anos de idade; pois era então o septuagésimo quinto de sua autoria. Mas esta questão também é resolvida de outra maneira, que os setenta e cinco anos de Abraão, quando ele partiu de Harã, são contados a partir do ano em que ele foi libertado do fogo dos caldeus, não do ano de seu nascimento, como se ele deveria ser considerado como tendo nascido então.

2. Agora o bem-aventurado Estevão, ao narrar essas coisas nos Atos dos Apóstolos, diz: "O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, quando ele estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Charran, e disse-lhe: Vai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, e entra na terra que eu te mostrar”. Segundo estas palavras de Estêvão, Deus falou a Abraão, não depois da morte de seu pai, que certamente morreu em Harã, onde seu filho também morava com ele, mas antes de morar naquela cidade, embora já estivesse na Mesopotâmia. Portanto, ele já havia partido dos caldeus. De modo que quando Estêvão acrescenta: "Então Abraão saiu da terra dos caldeus e habitou em Charran",⁴ isso não indica o que aconteceu depois que Deus falou com ele (pois não foi depois dessas palavras de Deus que ele saiu da terra dos caldeus, uma vez que ele diz que Deus falou com ele na Mesopotâmia), mas a palavra “então” que ele usa se refere a todo aquele período de sua saída da terra dos caldeus e habitar em Harã. Da mesma forma no que se segue: “E desde então, quando seu pai morreu, ele o estabeleceu nesta terra, onde vós agora habitais, e vossos pais”, ele não diz, depois que seu pai morreu, ele saiu de Harã; mas daí em diante ele o instalou aqui, depois que seu pai morreu. Deve-se entender, portanto, que Deus havia falado com Abraão quando ele estava na Mesopotâmia, antes de morar em Harã; mas que ele veio a Harã com seu pai, tendo em mente o preceito de Deus, e que saiu dali em seu próprio septuagésimo quinto ano, que era o 145^o de seu pai. Mas ele diz que seu estabelecimento na terra de Canaã, não sua saída de Harã, ocorreu após a morte de seu pai; porque seu pai já estava morto quando ele comprou a terra, e pessoalmente entrou na posse dela. Mas quando, tendo já se estabelecido na Mesopotâmia, isto é, já saiu da terra dos caldeus, Deus diz: “Saia da tua terra, da tua parentela

e da casa de teu pai”, isso significa: não que ele devesse expulsar seu corpo de lá, pois ele já havia feito isso, mas que ele deveria arrancar sua alma. Pois ele não havia saído dali em mente, se fosse mantido pela esperança e desejo de retornar – uma esperança e desejo que seriam cortados pelo mandamento e ajuda de Deus e por sua própria obediência. De fato, não seria uma suposição incrível que depois, quando Naor seguiu seu pai, Abraão cumpriu o preceito do Senhor, de que ele deveria partir de Harã com Sara, sua esposa, e Ló, filho de seu irmão.

CAPÍTULO. 16.-DA ORDEM E NATUREZA DAS PROMESSAS DE DEUS QUE FORAM FEITAS A ABRAÃO

1. As promessas de Deus feitas a Abraão devem agora ser consideradas; pois nestes os oráculos de nosso Deus, isto é, do verdadeiro Deus, começaram a aparecer mais abertamente em relação ao povo piedoso, a quem a autoridade profética predisse. A primeira delas diz assim: "E o Senhor disse a Abrão: Sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, e vai para uma terra que eu te mostrarei; e eu te farei uma grande nação, e eu te abençoarei e engrandecerei o teu nome, e tu serás abençoado; e abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as tribos da terra". Agora, deve-se observar que duas coisas são prometidas a Abraão, uma, que sua semente possuiria a terra de Canaã, o que é insinuado quando se diz: "Vá para uma terra que eu te mostrarei, e farei de ti uma grande nação;" mas o outro muito mais excelente, não quanto à semente carnal, mas à semente espiritual, pela qual ele é o pai, não de uma nação israelita, mas de todas as nações que seguem as pegadas de sua fé, que foi prometida primeiro nestas palavras, "E em ti serão benditas todas as tribos da terra." Eusébio pensou que essa promessa foi feita no septuagésimo quinto ano de Abraão, como se logo depois de feita, Abraão tivesse partido de Harã; porque a Escritura não pode ser contrariada na qual lemos: "Abraão tinha setenta e cinco anos quando partiu de Harã". Mas se essa promessa foi feita naquele ano, então é claro que Abraão

estava em Harã com seu pai; pois ele não poderia partir dali a menos que tivesse morado lá primeiro. Isso, então, contradiz o que Estêvão diz: "O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, quando ele estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Charran?" Mas deve-se entender que tudo aconteceu no mesmo ano, —tanto a promessa de Deus antes de Abraão habitar em Harã, e sua habitação em Harã, e sua partida de lá,—não apenas porque Eusébio nas Crônicas conta a partir do ano desta promessa, e mostra que depois de 430 anos o êxodo do Egito aconteceu, quando a lei foi dada, mas porque o apóstolo Paulo também a menciona.

CAPÍTULO. 17.-DOS TRÊS REINOS MAIS FAMOSOS DAS NAÇÕES, DOS QUAIS UM, QUE É O ASSÍRIO, JÁ ERA MUITO EMINENTE QUANDO ABRAÃO NASCEU

1. Durante o mesmo período, houve três famosos reinos das nações, nos quais a cidade dos nascidos da terra, isto é, a sociedade dos homens que vivem segundo o homem sob o domínio dos anjos caídos, floresceu principalmente, a saber, o três reinos de Sícion, Egito e Assíria. Destes, a Assíria era o mais poderoso e sublime; pois aquele rei Ninus, filho de Belus, subjugou o povo de toda a Ásia, exceto a Índia. Por Ásia eu agora quero dizer não aquela parte que é uma província desta grande Ásia, mas o que é chamado de Ásia Universal, que alguns estabelecem como a metade, mas a maioria como a terceira parte de todo o mundo – os três sendo Ásia, Europa, e África, fazendo assim uma divisão desigual. Pois a parte chamada Ásia se estende do sul até o leste até o norte; Europa do norte até o oeste; e África do oeste até o sul. Assim, vemos que dois, Europa e África, contêm uma metade do mundo, e somente a Ásia a outra metade. E essas duas partes são feitas pela circunstância de que entre elas entra do oceano toda a água do Mediterrâneo, que faz este nosso grande mar. De modo que, se você dividir o mundo em duas partes, o leste e o oeste, a Ásia estará em uma, e a Europa e a África na outra. assírios, porque foi na Europa; mas quanto ao Egito, como poderia deixar de estar sujeito ao império que governava toda a Ásia com a única exceção da Índia? Na

Assíria, portanto, o domínio da cidade ímpia tinha a preeminência. Sua cabeça era Babilônia – uma cidade nascida na terra, nomeada mais apropriadamente, pois significa confusão. Lá Ninus reinou após a morte de seu pai Belus, que primeiro reinou lá sessenta e cinco anos. Seu filho Ninus, que, com a morte de seu pai, sucedeu ao reino, reinou cinquenta e dois anos, e tinha sido rei quarenta e três anos quando Abraão nasceu, que foi por volta do ano 1200 antes de Roma ser fundada, como se fosse outro Babilônia no oeste.

CAPÍTULO. 18.-DO DISCURSO REPETIDO DE DEUS A ABRAÃO, NO QUAL ELE PROMETEU A TERRA DE CANAAN A ELE E À SUA DESCENDÊNCIA

1. Abraão, então, tendo partido de Harã no ano sete e cinco de sua idade, e no centésimo quadragésimo quinto de seu pai, foi com Ló, filho de seu irmão, e Sara, sua mulher, para o terra de Canaã, e chegou a Siquém, onde novamente recebeu o oráculo divino, do qual está escrito: "E o Senhor apareceu a Abrão, e disse-lhe: À tua descendência darei esta terra." Nada é prometido aqui sobre aquela semente na qual ele é feito pai de todas as nações, mas apenas sobre aquilo pelo qual ele é o pai de uma nação israelita; pois por esta semente aquela terra foi possuída.

CAPÍTULO. 19.-DA PRESERVAÇÃO DIVINA DA CASTIDADE DE SARAH NO EGITO, QUANDO ABRAÃO A CHAMAVA NÃO DE SUA ESPOSA, MAS DE SUA IRMÃ

1. Tendo construído ali um altar e invocado a Deus, Abraão procedeu dali e habitou no deserto, e foi compelido pela pressão da fome a ir para o Egito. Lá ele chamou sua esposa de irmã, e não mentiu. Pois ela também era assim, porque estava perto de sangue; assim como Ló, por causa da mesma proximidade, sendo filho de seu irmão, é chamado de irmão. Agora ele não negou que ela era sua esposa, mas manteve sua paz sobre isso, entregando a Deus a defesa da castidade de sua esposa,

e provendo como um homem contra as artimanhas humanas; porque se ele não tivesse provido contra o perigo o máximo que pudesse, ele estaria tentando a Deus em vez de confiar nele. Já dissemos o suficiente sobre este assunto contra as calúnias de Fausto, o Maniqueísta. Por fim, aconteceu o que Abraão esperava que o Senhor fizesse. Pois Faraó, rei do Egito, que a havia tomado como esposa, a restituiu ao marido após ser severamente atormentada. E longe de nós acreditarmos que ela foi contaminada por deitar-se com outro; porque é muito mais crível que, por essas grandes aflições, Faraó não foi autorizado a fazer isso.

CAPÍTULO. 20.-DA PARTIDA DE LÓ E ABRAÃO, QUE CONCORADARAM SEM QUEBRA DA CARIDADE

1. No retorno de Abraão do Egito para o lugar que havia deixado, Ló, filho de seu irmão, partiu dele para a terra de Sodoma, sem falta de caridade. Pois eles haviam enriquecido e começado a ter muitos pastores de gado, e quando estes lutavam juntos, evitavam assim a briga combativa de suas famílias. De fato, no que diz respeito aos assuntos humanos, essa causa pode até ter dado origem a algum conflito entre eles. Conseqüentemente, estas são as palavras de Abraão a Ló, ao tomar precauções contra esse mal: "Não haja contenda entre mim e ti, e entre meus pastores e teus pastores; porque somos irmãos. Eis que toda a terra não está diante de ti ? Separe-se de mim: se você for para a esquerda, eu irei para a direita; ou se você for para a direita, eu irei para a esquerda." Disso, talvez, tenha surgido um costume pacífico entre os homens, de que quando há alguma divisão das coisas terrenas, quanto maior deve ser a divisão, menor a escolha.

CAPÍTULO. 21.-DA TERCEIRA PROMESSA DE DEUS, PELA QUAL ELE ASSEGUROU A TERRA DE CANAÃ A ABRAÃO E SUA DESCENDÊNCIA EM PERPETUIDADE

1. Agora, quando Abraão e Ló se separaram e moraram separados,

devido à necessidade de sustentar suas famílias, e não a discórdia vil, e Abraão estava na terra de Canaã, mas Ló em Sodoma, o Senhor disse a Abraão em um terceiro oráculo: "Levanta os olhos e olha do lugar onde estás agora, para o norte e para a África, e para o oriente e para o mar; porque toda a terra que vês, para ti te Eu a dou e à tua descendência para sempre, e farei a tua descendência como o pó da terra; se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada. Levanta-te, e anda pela terra, no seu comprimento e na sua largura; porque a ti o darei". Não aparece claramente se nesta promessa também está contida pela qual ele é feito o pai de todas as nações. Pois a cláusula "E farei a tua semente como o pó da terra", pode parecer se referir a isso, sendo falada por aquela figura que os gregos chamam de hipérbole, que de fato é figurativa, não literal. Mas nenhuma pessoa de entendimento pode duvidar de que maneira a Escritura usa esta e outras figuras. Pois essa figura (isto é, maneira de falar) é usada quando o que é dito é muito maior do que o que se entende por ela; pois quem não vê quão incomparavelmente maior o número do pó deve ser do que o de todos os homens pode ser desde o próprio Adão até o fim do mundo? Quão maior, então, deve ser do que a semente de Abraão - não apenas aquela pertencente à nação de Israel, mas também aquela que é e será de acordo com a imitação da fé em todas as nações do mundo inteiro! Pois essa semente é realmente muito pequena em comparação com a multidão dos ímpios, embora mesmo esses poucos façam uma multidão inumerável, que por uma hipérbole é comparada ao pó da terra. Verdadeiramente aquela multidão que foi prometida a Abraão não é inumerável para Deus, embora para o homem; mas para Deus nem o pó da terra é assim. Além disso, a promessa aqui feita pode ser entendida não apenas da nação de Israel, mas de toda a semente de Abraão, que pode ser adequadamente comparada ao pó da multidão, porque também sobre ela há a promessa de muitos filhos, não conforme segundo a carne, mas segundo o espírito. Mas, portanto, dissemos que isso não aparece claramente, porque a multidão mesmo daquela nação, que nasceu segundo a carne de Abraão por meio de seu neto Jacó, aumentou tanto que encheu quase todas as partes do mundo. Consequentemente, até mesmo por hipérbole pode ser comparado ao pó por multidão, porque

mesmo ele é inumerável pelo homem. Certamente ninguém questiona que só se refere àquela terra que se chama Canaã. Mas aquele ditado: “A ti darei, e à tua semente para sempre”, pode comover alguns, se por “para sempre” eles entenderem “para a eternidade”. Mas se nesta passagem eles tomam “para sempre” assim, como sustentamos firmemente, significa que o começo do mundo por vir deve ser ordenado a partir do fim do presente, ainda não há dificuldade, porque, embora os israelitas sejam expulsos de Jerusalém, eles ainda permanecem em outras cidades na terra de Canaã, e permanecerão até o fim; e quando toda essa terra é habitada por cristãos, eles também são a própria semente de Abraão.

CAPÍTULO. 22.-DE ABRAÃO VENCER OS INIMIGOS DE SODOMA, QUANDO LIBERTOU LÓ DO CATIVEIRO E FOI ABENÇOADO PELO SACERDOTE MELQUISEDEQUE

1. Tendo recebido este oráculo da promessa, Abraão migrou e permaneceu em outro lugar da mesma terra, isto é, ao lado do carvalho de Manre, que era Hebron. Então, na invasão de Sodoma, quando cinco reis travaram guerra contra quatro, e Ló foi levado cativo com os sodomitas conquistados, Abraão o livrou do inimigo, levando com ele para a batalha contra trezentos e dezoito de seus servos nascidos em casa, e conquistou a vitória para os reis de Sodoma, mas não aceitou nada dos despojos oferecidos pelo rei para quem os havia conquistado. Ele foi então abertamente abençoado por Melquisedeque, que era sacerdote do Deus Altíssimo, sobre quem muitas e grandes coisas estão escritas na epístola inscrita aos hebreus, que muitos dizem ser do apóstolo Paulo, embora alguns neguem isso. Pois então apareceu primeiro o sacrifício que agora é oferecido a Deus pelos cristãos em todo o mundo, e se cumpriu o que muito depois do evento foi dito pelo profeta a Cristo, que ainda estava por vir no frescor: “Tu és um sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque”, isto é, não segundo a ordem de Arão, pois essa ordem deveria ser retirada quando as coisas brilhassem que foram sugeridas de antemão por essas sombras.

**CAPÍTULO. 23.-DA PALAVRA DO SENHOR A ABRAÃO,
PELA QUAL LHE FOI PROMETIDO QUE A SUA
POSTERIDADE SE MULTIPLICARIA DE ACORDO COM A
MULTIDÃO DAS ESTRELAS; ACREDITANDO QUE ELE FOI
DECLARADO JUSTIFICADO ENQUANTO AINDA NA
INCIRCUNCISÃO**

1. A palavra do Senhor veio a Abraão também em uma visão. Pois quando Deus lhe prometeu proteção e grande recompensa, ele, sendo solícito com a posteridade, disse que um certo Eliezer de Damasco, nascido em sua casa, seria seu herdeiro. Imediatamente lhe foi prometido um herdeiro, não aquele servo nascido em casa, mas aquele que viria do próprio Abraão; e novamente uma semente inumerável, não como o pó da terra, mas como as estrelas do céu – o que me parece uma promessa de uma posteridade exaltada na felicidade celestial. Pois, no que diz respeito à multidão, o que são as estrelas do céu para o pó da terra, a menos que se diga que a comparação é semelhante, pois as estrelas também não podem ser numeradas? Pois não se deve acreditar que todos eles possam ser vistos. Pois quanto mais atentamente a pessoa as observa, mais ela vê. De modo que deve-se supor que algumas permanecem escondidas dos observadores mais perspicazes, para não falar das estrelas que dizem nascer e se pôr em outra parte do mundo mais distante de nós. Finalmente, a autoridade deste livro condena aqueles como Arato ou Eudoxo, ou qualquer outro que se gabe de ter descoberto e anotado o número completo das estrelas. Aqui, de fato, está registrada a frase que o apóstolo cita para elogiar a graça de Deus: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça”; para que a circuncisão não se glorie e não queira receber as nações incircuncisos à fé de Cristo. Pois no tempo em que ele creu, e sua fé lhe foi imputada como justiça, Abraão ainda não havia sido circuncidado.

CAPÍTULO. 24.-DO SIGNIFICADO DO SACRIFÍCIO ABRAÃO

1. Na mesma visão, Deus falando com ele também diz: "Eu sou o Deus que te tirei da região dos caldeus, para te dar esta terra em herança." E quando Abrão perguntou como ele poderia saber que ele deveria herdá-lo, Deus lhe disse: "Toma-me uma novilha de três anos, e uma cabra de três anos, e um carneiro de três anos, e uma tartaruga - pomba e um pombo. E ele tomou para si todos estes, e os dividiu no meio, e colocou cada pedaço um contra o outro; mas as aves ele não dividiu. E as aves desceram", como está escrito, "sobre os cadáveres, e Abrão sentou-se ao lado deles. Mas, ao pôr-do-sol, caiu grande temor sobre Abrão, e eis que um pavor de grandes trevas caiu sobre ele. E disse a Abrão: Sabe com certeza que a tua descendência será peregrina em terra que não é deles, e eles os reduzirão à servidão e os afligirão por quatrocentos anos; mas a nação a quem eles servirem eu julgarei; Irás em paz para teus pais, guardados em boa velhice, mas na quarta geração eles voltarão para cá; porque o iniqui ty dos amorreus ainda não está completo. E quando o sol estava se pondo, havia uma chama, e uma fornalha fumegante, e lâmpadas de fogo, que passavam entre aquelas peças. Naquele dia fez o Senhor uma aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates: os queneus, e os quenezeus, e os cadmoneus, e os heteus, e os ferezeus, refains, amorreus, cananeus, heveus, gircaseus e jebuseus".

2. Todas essas coisas foram ditas e feitas em uma visão de Deus; mas levaria muito tempo, e excederia o escopo deste trabalho, para tratá-los exatamente em detalhes. É suficiente que saibamos que, depois que foi dito que Abrão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça, ele não falhou na fé em dizer: "Senhor Deus, por meio do qual saberei que hei de herdar? " pois a herança daquela terra lhe foi prometida. Agora ele não diz: Como saberei, como se ele ainda não acreditasse; mas ele diz: "Por onde eu saberei", querendo dizer que algum sinal pode ser dado pelo qual ele pode conhecer a maneira das coisas que ele acreditou, assim como não é por falta de fé a Virgem Maria diz: "Como seja isto, visto que não conheço homem algum?" pois ela perguntou sobre a maneira pela qual isso deveria acontecer, o que ela tinha certeza que aconteceria. E quando ela perguntou isso, foi-lhe

dito: "O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra". uma cabra, e um carneiro e dois pássaros, uma rola e um pombo, para que ele soubesse que as coisas que ele não duvidava que aconteceriam deveriam acontecer de acordo com este símbolo. Se, portanto, a novilha era um sinal para que o povo fosse colocado sob a lei, a cabra para que o mesmo povo se tornasse pecador, o carneiro para que eles re nassem (e esses animais são ditos ter três anos de idade). por esta razão, que existem três divisões notáveis de tempo, de Adão a Noé, e dele a Abraão, e dele a Davi, que, ao rejeitar Saul, foi estabelecido pela primeira vez pela vontade do Senhor no reino da nação israelita: nesta terceira divisão, que se estende de Abraão a Davi, esse povo cresceu como se estivesse passando pela terceira idade da vida), ou se eles tinham algum outro significado mais adequado, ainda não tenho dúvida de que as coisas espirituais foram prefiguradas por eles, assim como pela rola e pelo pombo. E é dito: "Mas os pássaros não os dividiu", porque os homens carnis estão divididos entre si, mas os espirituais não de forma alguma, se eles se afastam da conversa ocupada dos homens, como a rola, ou habitam entre eles. , como o pombo; pois ambas as aves são simples e inofensivas, significando que mesmo no povo israelita, ao qual aquela terra deveria ser dada, haveria indivíduos que eram filhos da promessa e herdeiros do reino que permaneceria em eterna felicidade. Mas as aves que descem sobre as carcaças divididas não representam nada de bom, mas os espíritos deste ar, procurando algum alimento para si na divisão dos homens carnis. Mas que Abraão se sentou com eles, significa que mesmo em meio a essas divisões do carnal, os verdadeiros crentes perseverarão até o fim. E que sobre o pôr do sol grande temor caiu sobre Abraão e horror de grandes trevas, significa que sobre o fim deste mundo os crentes estarão em grande perturbação e tribulação, das quais o Senhor disse no evangelho: "Porque então haverá uma grande tribulação, como nunca houve desde o princípio."6

3. Mas o que é dito a Abraão: "Sabe com certeza que a tua semente será peregrina em terra que não é deles, e eles os reduzirão à servidão, e os afligirão por 400 anos", é mais claramente uma profecia sobre o

povo de Israel que deveria estar em servidão no Egito. Não que esse povo estivesse nessa servidão sob os opressores egípcios por 400 anos, mas foi predito que isso ocorreria no decorrer desses 400 anos. Pois como está escrito de Terah, pai de Abraão: "E os dias de Terah em Haran foram 205 anos", não porque todos eles foram passados lá, mas porque eles foram concluídos lá, assim também é dito aqui : "E eles os reduzirá à servidão e os afligirá por 400 anos", por essa razão, porque esse número foi concluído, não porque tudo foi gasto nessa aflição. Diz-se que os anos são 400 em números redondos, embora fossem um pouco mais, - se você considera a partir deste momento, quando essas coisas foram prometidas a Abraão, ou desde o nascimento de Isaque, como a semente de Abraão, da qual esses as coisas estão previstas. Pois, como já dissemos acima, desde o septuagésimo quinto ano de Abraão, quando a primeira promessa lhe foi feita, até o êxodo de Israel do Egito, são contados 430 anos, que o apóstolo assim menciona: "E digo isto, que a aliança confirmada por Deus, a lei, que foi feita 430 anos depois, não pode anular, para tornar a promessa sem efeito."2 Então, esses 430 anos podem ser chamados de 400, porque eles não são muito mais, especialmente porque parte desse número já havia passado quando essas coisas foram mostradas e ditas a Abraão em visão, ou quando Isaque nasceu no 100º ano de seu pai, vinte e cinco anos após a primeira promessa, quando desses 430 anos restaram agora 405, que Deus teve o prazer de chamar de 400. Ninguém duvidará que as outras coisas que se seguem nas palavras proféticas de Deus pertencem ao povo de Israel.

4. Quando é acrescentado: "E, quando o sol estava se pondo, havia uma chama, e eis uma fornalha fumegante e lâmpadas de fogo que passavam entre aquelas peças", isso significa que no fim do mundo o carnal será julgado pelo fogo. Pois assim como a aflição da cidade de Deus, como nunca houve antes, que deve ocorrer sob o Anticristo, foi significada pelo horror de Abraão de grandes trevas sobre o pôr do sol, isto é, quando o fim do mundo se aproxima, assim, ao pôr do sol, isto é, no fim do mundo, é significado por aquele fogo o dia do julgamento, que separa os carnis que devem ser salvos pelo fogo daqueles que serão condenados no fogo. E então a aliança feita com Abraão

apresenta particularmente a terra de Canaã, e nomeia onze tribos nela, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates. Não é então do grande rio do Egito, isto é, o Nilo, mas de um pequeno que separa o Egito da Palestina, onde fica a cidade de Rhinocorura.

CAPÍTULO. 25.-DA SERVA DE SARA, HAGAR, QUE ELA MESMA DESEJOU SER CONCUBINA DE ABRAÃO

1. E aqui seguem os tempos dos filhos de Abraão, um por Hagar, a serva, o outro por Sara, a mulher livre, sobre quem já falamos no livro anterior. No que diz respeito a este assunto, Abraão não deve ser considerado culpado em relação a esta concubina, pois ele a usou para gerar descendência, não para a satisfação da luxúria; e não para insultar, mas sim para obedecer a sua esposa, que supôs que seria um consolo de sua esterilidade se ela pudesse usar o ventre fecundo de sua serva para suprir o defeito de sua própria natureza, e por aquela lei da qual o apóstolo diz: "Assim também o marido não tem poder sobre seu próprio corpo, mas a esposa", poderia, como esposa, fazer uso dele para gerar filhos por outro, quando ela não poderia fazê-lo em sua própria pessoa. Aqui não há luxúria devassa, nem lascívia imunda. A serva é entregue ao marido pela esposa por causa da prole, e é recebida pelo marido por causa da prole, cada um buscando não o excesso culposos, mas o fruto natural. E quando a escrava grávida desprezou sua senhora estéril, e Sara, com ciúmes femininos, colocou a culpa disso em seu marido, mesmo então Abraão mostrou que ele não era um amante escravo, mas um procriador livre de filhos, e que em usando Agar, ele guardou a castidade de Sara, sua esposa, e gratificou a vontade dela e não a sua própria, - a recebeu sem procurar, foi para ela sem se apegar, engravidou sem amá-la - pois ele diz: " Eis que tua serva está em tuas mãos: faz com ela o que te apraz; 4 um homem capaz de usar as mulheres como um homem deve: sua esposa com moderação, sua serva complacente, nem intemperante!

CAPÍTULO. 26.-DE CERTIFICAÇÃO DE DEUS A ABRAÃO,

PELA QUAL ELE GARANTE, QUANDO AGORA VELHO, "DE UM FILHO DA ESTÉRIL SARAH.., E O NOMEIA PAI DAS NAÇÕES, E SELA A SUA FÉ NA PROMESSA PELO SACRAMENTO DA CIRCUNCISÃO

1. Depois destas coisas Ismael nasceu de Hagar; e Abraão poderia pensar que nele foi cumprido o que Deus lhe havia prometido, dizendo, quando ele desejasse adotar seu servo nascido em casa: "Este não será o teu herdeiro, mas aquele que de ti sair, esse será o teu herdeiro. ." Portanto, para que ele não pense que o que foi prometido foi cumprido no filho da serva, "quando Abrão tinha noventa e nove anos, Deus lhe apareceu e disse-lhe: Eu sou Deus; sê agradável aos meus olhos, e seja sem queixa, e farei a minha aliança entre mim e ti, e te encherei muito."2

2. Aqui há promessas mais distintas sobre o chamado das nações em Isaque, isto é, no filho da promessa, pelo qual a graça é significada, e não a natureza; pois o filho é prometido por um velho e uma velha estéril. Pois, embora Deus efetue até mesmo o curso natural da procriação, ainda assim, onde a ação de Deus é manifesta, através da decadência ou falha da natureza, a graça é mais claramente discernida. E porque isso deveria ocorrer, não por geração, mas por regeneração, a circuncisão foi ordenada agora, quando um filho foi prometido a Sara. E ordenando que todos, não apenas filhos, mas também servos nascidos em casa e comprados sejam circuncidados, ele testifica que essa graça pertence a todos. Pois o que mais significa a circuncisão senão uma natureza renovada ao se desfazer da velha? E o que mais significa o oitavo dia além de Cristo, que ressuscitou quando a semana foi completada, isto é, depois do sábado? Os próprios nomes dos pais são mudados: todas as coisas proclamam novidade, e a nova aliança é refletida na antiga. Pois o que o termo antiga aliança implica senão a ocultação da nova? E o que o termo nova aliança implica senão a revelação da antiga? O riso de Abraão é a exultação de quem se alegra, não o riso desdenhoso de quem desconfia. E aquelas palavras dele em seu coração: "Porventura me nascerá um filho de cem anos? e Sara, que tem noventa anos, dará à luz?" não são palavras de dúvida, mas de

admiração. E quando é dito: “E darei a ti e à tua descendência depois de ti, a terra em que és peregrino, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua”, se alguém incomodar se isso é para ser considerado como cumprido, ou se seu cumprimento ainda pode ser esperado, uma vez que nenhum tipo de possessão terrena pode ser eterna para qualquer nação, que ele saiba que a palavra traduzida eterna, por nossos escritores, é o que os gregos chamam de αἰώνιον, que é derivado de αἰών, o grego para sæculum, uma idade. Mas os latinos não se aventuraram a traduzir isso por secular, para não mudar o significado para algo muito diferente. Pois muitas coisas são chamadas de seculares que acontecem neste mundo a ponto de passarem mesmo em pouco tempo; mas o que é denominado αἰώνιον ou não tem fim, ou dura até o fim deste mundo.

CAPÍTULO. 27.-DO HOMEM, QUE DEVERIA PERDER SUA ALMA SE NÃO FOI CIRCUNCIADO NO OITAVO DIA, PORQUE ELE TINHA QUEBRADO A ALIANÇA DE DEUS

1. Quando é dito: "O homem que não for circuncidado na carne de seu prepúcio, essa alma será extirpada de seu povo, porque ele quebrou minha aliança", alguns podem ficar preocupados como isso deve ser entendido, visto que não pode ser culpa da criança cuja vida se diz que deve perecer; nem a aliança de Deus foi quebrada por ele, mas por seus pais, que não tiveram o cuidado de circuncidar. Mas mesmo as crianças, não pessoalmente em sua própria vida, mas de acordo com a origem comum da raça humana, todos quebraram a aliança de Deus naquele em quem todos pecaram. os antigos e os novos, que quem quiser pode ler e conhecer. Pois a primeira aliança, que foi feita com o primeiro homem, é exatamente esta: “No dia em que dela comerdes, certamente morrereis”. De onde está escrito no livro chamado Eclesiástico: "Toda a carne envelhece como o vestido. Porque a aliança desde o princípio é: Tu morrerás a morte." diz: "Onde não há lei, não há prevaricação", em que suposição é verdade o que é dito no salmo: "Considerarei prevaricadores todos os pecadores da terra",⁸ exceto que todos os que são responsabilizados por qualquer pecado são acusado

de lidar enganosamente (prevaricando) com alguma lei? Se por esta razão, então, mesmo as crianças são, de acordo com a verdadeira crença, nascidas em pecado, não atual, mas original, de modo que confessamos que eles precisam da graça para a remissão dos pecados, certamente deve ser reconhecido que no no mesmo sentido em que são pecadores são também prevaricadores daquela lei que foi dada no Paraíso, de acordo com a verdade de ambas as escrituras: "Considerarei prevaricadores todos os pecadores da terra" e "Onde não há lei, não há prevaricação." E assim, porque a circuncisão era o sinal de regeneração, e a criança, por causa do pecado original pelo qual a aliança de Deus foi quebrada pela primeira vez, não deveria perder sua geração sem que fosse libertada pela regeneração, essas palavras divinas devem ser entendidas como se tivesse sido dito: Quem não nascer de novo, essa alma perecerá do seu povo, porque quebrou minha aliança, pois também pecou em Adão com todos os outros. Pois se Ele tivesse dito: Porque ele quebrou esta minha aliança, Ele nos teria compelido a entender apenas isso da circuncisão; mas como Ele não disse expressamente que aliança a criança quebrou, somos livres para entendê-lo como falando daquela aliança cuja violação pode ser atribuída a uma criança. No entanto, se alguém afirma que não se diz nada além da circuncisão, que nela a criança quebrou a aliança de Deus porque não é circuncidada, deve procurar algum método de explicação pelo qual possa ser entendido sem absurdo (tal como este) que ele quebrou a aliança, porque foi quebrada nele, embora não por ele. No entanto, também neste caso deve ser observado que a alma da criança, não sendo culpada de nenhum pecado de negligência contra si mesma, pereceria injustamente, a menos que o pecado original a tornasse desagradável ao castigo.

CAPÍTULO. 28.-DA MUDANÇA DE NOME EM ABRAÃO E SARA, QUE RECEBEU O DOM DA FECUNDIDADE QUANDO ERAM INCAPAZES DE TER FILHOS DEVIDO À ESTERILIDADE DE UM E À VELHICE DE AMBOS

1. Agora, quando uma promessa tão grande e clara foi feita a Abraão,

na qual foi tão claramente dito a ele: "Eu te fiz pai de muitas nações, e eu te multiplicarei sobremaneira, e eu farei de ti nações , e reis sairão de ti. E eu te darei um filho de Sara, e o abençoarei, e ele se tornará nações, e reis de nações serão dele," uma promessa que agora vemos cumprida em Cristo, - a partir desse momento este casal não é chamado nas Escrituras, como antigamente, Abrão e Sarai, mas Abraão e Sara, como os chamamos desde o início, pois todos o fazem agora. A razão pela qual o nome de Abraão foi mudado é dada: "Pois", diz Ele, "eu te constituí pai de muitas nações". Este, então, deve ser entendido como o significado de Abraão; mas Abrão, como era chamado anteriormente, significa "pai exaltado". A razão da mudança do nome de Sarah não é dada; mas como dizem aqueles que escreveram interpretações dos nomes hebraicos contidos nesses livros, Sara significa "minha princesa" e Sarai "força". De onde está escrito na Epístola aos Hebreus: "Pela fé também a própria Sara recebeu força para conceber a semente". Pois ambos eram velhos, como a Escritura testifica; mas ela também era estéril e havia parado de menstruar, de modo que não podia mais ter filhos, mesmo que não fosse estéril. Além disso, se uma mulher é avançada em anos, mas ainda mantém o costume das mulheres, ela pode gerar filhos de um jovem, mas não de um velho, embora esse mesmo velho possa gerar, mas apenas de uma jovem; como depois da morte de Sara, Abraão pôde de Quetura, porque ele se encontrou com ela em sua idade viva. Isso, então, é o que o apóstolo menciona como maravilhoso, dizendo, além disso, que o corpo de Abraão estava agora morto;³ porque naquela idade ele não era mais capaz de gerar filhos de qualquer mulher que retivesse agora apenas uma pequena parte de seu vigor natural. . Claro que devemos entender que seu corpo estava morto apenas para alguns propósitos, não para todos; pois se fosse assim para todos, não seria mais o corpo envelhecido de um homem vivo, mas o cadáver de um morto. Embora essa questão, como Abraão gerou filhos de Quetura, geralmente seja resolvida dessa maneira, que o dom de gerar que ele recebeu do Senhor permaneceu mesmo após a morte de sua esposa, ainda assim acho que a solução da questão que tenho seguido é preferível, porque, embora em nossos dias um velho de cem anos não possa gerar filhos de mulher, não era assim, quando os homens ainda viviam tanto que

cem anos ainda não traziam sobre eles a decrepitude dos velhos era.

CAPÍTULO. 29.-DOS TRÊS HOMENS OU ANJOS, EM QUE O SENHOR ESTÁ RELACIONADO PARA TER APARECIDO A ABRAÃO NO CARVALHO DE MAMRE

1. Deus apareceu novamente a Abraão em forma de três homens, dos quais não há dúvida de que eram anjos, embora alguns pensem que um deles era Cristo, e afirmem que Ele era visível antes de se revestir de carne. Agora pertence ao poder divino, e à natureza invisível, incorpórea e incomutável, sem mudar a si mesma, aparecer mesmo aos homens mortais, não pelo que é, mas pelo que está sujeito a ele. E o que não está sujeito a isso? No entanto, se eles tentarem estabelecer que um desses três era Cristo pelo fato de que, embora ele tenha visto três, ele se dirigiu ao Senhor no singular, como está escrito: "E eis que três homens estavam com ele; e, quando ele os viu, correu para encontrá-los da porta da tenda, e adorou em direção ao chão, e disse: Senhor, se achei graça diante de ti", etc.; por que eles não advertem para isso também, que quando dois deles vieram para destruir os sodomitas, enquanto Abraão ainda falava com um, chamando-o de Senhor, e intercedendo para que ele não destruísse os justos junto com os ímpios em Sodoma, Ló recebeu estes dois de tal maneira que ele também em sua conversa com eles se dirigiu ao Senhor no singular? Pois depois de dizer-lhes no plural: "Eis meus senhores, retirem-se para a casa de seu servo",² etc., mas depois é dito: "E os anjos seguraram sua mão e a mão de sua esposa, e as mãos de suas duas filhas, porque o Senhor foi misericordioso para com ele. E aconteceu que, quando o levaram para fora, disseram: Salva a tua vida; não olhe para trás, nem fique por toda esta região : salva-te no monte, para que não sejas apanhado. E disse-lhes Ló: Rogo- te, Senhor, visto que o teu servo achou graça aos teus olhos", etc. E depois destas palavras o Senhor também lhe respondeu no singular , embora Ele estivesse em dois anjos, dizendo: "Veja, eu aceitei a tua face",⁴ etc. número, mesmo quando se dirigiam a homens; pois eles os receberam como o fizeram por nenhuma outra razão senão para que pudessem ministrar a

reflexão humana a eles como homens que precisavam. No entanto, havia neles algo tão excelente, que aqueles que lhes mostravam hospitalidade como homens não podiam duvidar de que Deus estava neles como costumava estar nos profetas e, portanto, às vezes se dirigia a eles no plural, e às vezes Deus neles em o singular. Mas que eles eram anjos, a Escritura testifica, não apenas neste livro de Gênesis, no qual essas transações são relatadas, mas também na Epístola aos Hebreus, onde em louvor à hospitalidade é dito: "Pois assim alguns acolheram anjos sem saber." Por estes três homens, então, quando um filho Isaque foi novamente prometido a Abraão por Sara, um oráculo divino também foi dado que foi dito: "Abraão se tornará uma grande e numerosa nação, e todas as nações da terra serão bem-aventurados nele." 6 E aqui estas duas coisas são prometidas com a máxima brevidade e plenitude: a nação de Israel segundo a carne, e todas as nações segundo a fé.

CAPÍTULO. 30.-DE LIBERTAÇÃO DE LÓ EM SODOMA, E SEU CONSUMO PELO FOGO DO CÉU; E DE ABIMELEQUE, CUJA LUXÚRIA NÃO PODE PREJUDICAR A CASTIDADE DE SARA

1. Depois dessa promessa, Ló foi libertado de Sodoma, e uma chuva de fogo do céu transformou em cinzas toda aquela região da cidade ímpia, onde o costume havia tornado a sodomia tão prevalente quanto as leis em outros lugares fizeram outros tipos de maldade. Mas esse castigo deles era um espécime do julgamento divino por vir. Pois o que significa os anjos proibindo aqueles que foram entregues de olhar para trás, mas que não devemos olhar para trás no coração para a velha vida que, sendo regenerada pela graça, adiámos, se pensamos escapar do juízo final ? A mulher de Ló, de fato, quando olhou para trás, permaneceu e, transformada em sal, forneceu aos homens crentes um condimento para saborear um pouco a advertência a ser extraída desse exemplo. Então Abraão fez novamente em Gerar, com Abimeleque, rei daquela cidade, o que ele havia feito no Egito com sua esposa, e a recebeu de volta intacta da mesma maneira. Nesta ocasião, quando o

rei repreendeu Abraão por não dizer que ela era sua esposa, e chamando-a de sua irmã, ele explicou o que ele tinha medo, e acrescentou ainda: "E, no entanto, ela é minha irmã por parte de pai, mas não pela mãe, pois ela era irmã de Abraão por seu próprio pai, e tão próxima de parentes, mas sua beleza era tão grande, que mesmo naquela idade avançada ela poderia se apaixonar.

CAPÍTULO. 31.-DE ISAQUE, QUE NASCEU DE ACORDO COM A PROMESSA, CUJO NOME FOI DADO POR CAUSA DO RISO DOS PAIS

1. Depois destas coisas nasceu um filho a Abraão, segundo a promessa de Deus, de Sara, e foi chamado Isaque:, que significa riso. Pois seu pai havia rido quando ele foi prometido a ele, maravilhado, e sua mãe, quando ele foi novamente prometido por aqueles três homens, riu, duvidando de alegria; no entanto, ela foi culpada pelo anjo porque aquele riso, embora fosse de alegria, ainda não estava cheio de fé. Depois ela foi confirmada na fé pelo mesmo anjo. A partir disso, então, o menino recebeu seu nome. Pois quando Isaac nasceu e foi chamado por esse nome, Sarah mostrou que seu riso não era de reprovação desdenhosa, mas de louvor alegre; pois ela disse: "Deus me fez rir, para que todo aquele que ouvir ria comigo". Então, em pouco tempo, a serva foi expulsa da casa com seu filho; e, segundo o apóstolo, essas duas mulheres significam a antiga e a nova aliança — Sara representando a Jerusalém que está acima, ou seja, a cidade de Deus.²

CAPÍTULO. 32.-DA OBEDIÊNCIA E FÉ DE ABRAÃO, QUE FORAM PROVADAS PELA OFERTA DE SEU FILHO EM SACRIFÍCIO E DA MORTE DE SARA

1. Entre outras coisas, das quais levaria muito tempo para mencionar o todo, Abraão foi tentado a oferecer seu bem-amado filho Isaque, para provar sua obediência piedosa, e assim torná-la conhecida ao mundo, não para Deus. Agora, toda tentação não é censurável; pode até ser

louvável, porque fornece provação. E, na maioria das vezes, a mente humana não pode alcançar o autoconhecimento a não ser testando seus poderes através da tentação, por algum tipo de auto-interrogação experimental e não meramente verbal; quando, se reconheceu o dom de Deus, é piedoso e consolidado pela graça inabalável e não inchado por vanglória. Claro que Abraão nunca poderia acreditar que Deus se deleitava em sacrifícios humanos; contudo, quando o mandamento divino trovejou, deveria ser obedecido, não contestado. No entanto, Abraão é digno de louvor, porque sempre acreditou que seu filho, ao ser oferecido, ressuscitaria; pois Deus lhe havia dito, quando ele não estava disposto a cumprir o prazer de sua esposa ao expulsar a serva e seu filho: "Em Isaque será chamada a tua descendência". Sem dúvida, Ele continua dizendo: "E quanto ao filho desta escrava, farei dele uma grande nação, porque ele é a tua descendência". Como, então, é dito: "Em Isaque será chamada a tua semente", quando Deus chama Ismael também sua semente? O apóstolo, explicando isso, diz: "Em Isaque será chamada a tua descendência, isto é, os que são filhos da carne, estes não são filhos de Deus; mas os filhos da promessa são contados para a semente. “4 Para que os filhos da promessa sejam descendência de Abraão, são chamados em Isaque, isto é, são reunidos em Cristo pelo chamado da graça. Portanto, o pai, retendo desde o princípio a promessa que devia ser cumprida por meio desse filho a quem Deus lhe ordenou que matasse, não duvidou que aquele que antes achava impossível receber seria restaurado a ele quando tivesse ofereceu-lhe. É assim que a passagem da Epístola aos Hebreus também deve ser entendida e explicada. "Pela fé", diz ele, "Abraão venceu, quando tentado a respeito de Isaque; e aquele que recebeu a promessa ofereceu seu único filho, a quem foi dito: Em Isaque será chamada a tua descendência; ressuscite-o, mesmo dentre os mortos;" portanto, ele acrescentou: “de onde também o recebeu à semelhança”. À semelhança de quem, mas daquele de quem o apóstolo diz: "Aquele que não poupou a seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós?" ser oferecido, assim como o próprio Senhor carregou Sua própria cruz. Finalmente, visto que Isaque não deveria ser morto, depois que seu pai foi proibido de feri-lo, quem era aquele carneiro cuja oferta foi completada com sangue típico? Pois quando Abraão o viu, ele foi pego

pelos chifres em uma moita. O que, então, ele representava senão Jesus, que, antes de ser oferecido, foi coroado de espinhos pelos judeus?

2. Mas ouçamos antes as palavras divinas proferidas pelo anjo. Pois a Escritura diz: "E Abraão estendeu a mão para pegar a faca, para matar seu filho. E o Anjo do Senhor o chamou do céu, e disse: Abraão. E ele disse: Aqui estou. E ele disse: Não estenda a mão sobre o rapaz, nem lhe faça nada; pois agora sei que teme a Deus, e não poupou o seu filho amado por minha causa". É dito: "Agora eu sei", isto é, agora eu fiz ser conhecido; pois Deus não era anteriormente ignorante disso. Então, tendo oferecido aquele carneiro em lugar de seu filho Isaque, "Abraão", como lemos, "chamou o nome daquele lugar que o Senhor vê; como se diz hoje: No monte o Senhor apareceu". é dito: "Agora eu sei", pois agora eu fiz ser conhecido, então aqui, "O Senhor vê", pois o Senhor apareceu, isto é, fez-Se ser visto. "E o anjo do Senhor chamou a Abraão do céu segunda vez, dizendo: Por mim mesmo jurei, diz o Senhor, porque fizeste isto, e não poupaste o teu filho amado por minha causa; que abençoando eu te abençoarei, e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu, e como a areia que está na praia do mar; e a tua descendência possuirá por herança as cidades dos adversários; e na tua descendência todas as nações do bendita seja a terra, porque obedeceste à minha voz". Dessa maneira, a promessa relativa ao chamado das nações na semente de Abraão é confirmada até pelo juramento de Deus, depois daquele holocausto que tipificou Cristo. Pois Ele havia prometido muitas vezes, mas nunca jurou. E o que é o juramento de Deus, o verdadeiro e fiel, senão uma confirmação da promessa e uma certa repreensão aos incrédulos?

3. Depois destas coisas morreu Sara, no 127^o ano da sua vida, e no 137^o do seu marido; pois ele era dez anos mais velho do que ela, como ele mesmo diz, quando um filho lhe é prometido por ela: "Porventura me nascerá um filho de cem anos? e Sara, que tem noventa anos, dará à luz ?" Então Abraão comprou um campo, no qual sepultou sua esposa. E então, de acordo com o relato de Stephen, ele foi estabelecido naquela terra, entrando então na posse real dela, isto é,

após a morte de seu pai, que se infere ter morrido dois anos antes.

CAPÍTULO. 33.-DE REBECA, A NETA DE NAOR, QUE ISAQUE TOMOU ESPOSA

1. Isaque casou-se com Rebeca, neta de Naor, irmão de seu pai, quando ele tinha quarenta anos, ou seja, no 140º ano de vida de seu pai, três anos após a morte de sua mãe. Quando um servo foi enviado por seu pai à Mesopotâmia para buscá-la, e quando Abraão disse a esse servo: "Põe a tua mão debaixo da minha coxa, e eu te farei jurar pelo Senhor, o Deus dos céus, e o Senhor dos terra, para que não tomes mulher para meu filho Isaque das filhas dos cananeus", o que mais foi indicado por isso, mas que o Senhor, o Deus do céu, e o Senhor da terra, havia de vir na carne que deveria ser derivada daquela coxa? São estes pequenos sinais da verdade predita que vemos cumprida em Cristo?

CAPÍTULO. 34.-O QUE SIGNIFICA O CASAMENTO DE ABRAÃO COM KETURAH APÓS A MORTE DE SARA

1. O que Abraão quis dizer ao se casar com Quetura após a morte de Sara? Longe de nós suspeitar de incontinência, especialmente quando ele atingiu tal idade e tal santidade de fé. Ou ele ainda estava procurando gerar filhos, embora ele mantivesse firme, com fé mais aprovada, a promessa de Deus de que seus filhos seriam multiplicados de Isaque como as estrelas do céu e o pó da terra? E, no entanto, se Agar e Ismael, como o apóstolo nos ensina, significavam o povo carnal da antiga aliança, por que Quetura e seus filhos não podem significar também o povo carnal que pensa pertencer à nova aliança? Pois ambas são chamadas esposas e concubinas de Abraão; mas Sara nunca é chamada de concubina (mas apenas esposa). Pois quando Agar é dado a Abraão, está escrito. "E Sarai, mulher de Abrão, tomou Agar, a egípcia, sua serva, depois de Abraão ter morado dez anos na terra de Canaã, e a deu a seu marido Abrão por mulher." E de Quetura, a quem

ele tomou após a partida de Sara, lemos: "Então, novamente Abraão tomou uma esposa, cujo nome era Quetura." ambas são chamadas de esposas, mas ambas são concubinas; pois a Escritura depois diz: "E Abraão deu toda a sua propriedade a Isaque seu filho. Mas aos filhos de suas concubinas Abraão deu presentes, e os despediu de seu filho Isaque (enquanto ele ainda vivia) para o oriente, para o oriente. país." Portanto, os filhos das concubinas, isto é, os hereges e os judeus carnais, têm alguns dons, mas não alcançam o reino prometido; "Porque os filhos da carne não são filhos de Deus; não vejo por que Keturah, que se casou após a morte da esposa, deveria ser chamada de concubina, exceto por causa desse mistério. Mas se alguém não está disposto a atribuir tais significados a essas coisas, ele não precisa caluniar Abraão. Pois, e se mesmo isso fosse previsto contra os hereges que seriam os adversários do segundo casamento, para que se mostrasse que não era pecado no caso do próprio pai de muitas nações, quando, após a morte de sua esposa, ele casou de novo? E Abraão morreu quando ele tinha 175 anos, de modo que deixou seu filho Isaque com setenta e cinco anos, tendo-o gerado quando tinha 100 anos.

CAPÍTULO. 35.-O QUE FOI INDICADO PELA RESPOSTA DIVINA SOBRE OS GÊMEOS AINDA NO ÚTERO DE REBECA SUA MÃE

1. Vejamos agora como os tempos da cidade de Deus correm a partir deste ponto entre os descendentes de Abraão. No tempo desde o primeiro ano da vida de Isaque até o septuagésimo, quando seus filhos nasceram, a única coisa memorável é que, quando ele orou a Deus para que sua esposa, que era estéril, pudesse dar à luz, e o Senhor concedeu o que ele buscava, e ela concebeu, os gêmeos saltaram enquanto ainda dentro de seu ventre. E quando ela foi perturbada por esta luta, e perguntou ao Senhor, ela recebeu esta resposta: "Duas nações estão em teu ventre, e dois tipos de pessoas serão separadas de tuas entranhas; e um povo vencerá o outro povo, e o mais velho servirá ao mais novo". O apóstolo Paulo quer que entendamos isso como um

grande exemplo de graça; 2 porque os filhos ainda não nasceram, nem fizeram bem ou mal, o menor é escolhido sem nenhum mérito, e o maior é rejeitado, quando sem dúvida, quanto ao pecado original, ambos eram semelhantes, e quanto ao pecado real, nenhum dos dois. Mas o plano do trabalho em questão não me permite falar mais detalhadamente sobre esse assunto agora, e já falei muito sobre isso em outros trabalhos. Apenas aquele ditado, "O mais velho servirá ao mais jovem", é entendido por nossos escritores, quase sem exceção, como significando que os mais velhos, os judeus, devem servir aos mais jovens, os cristãos. E realmente, embora isso possa parecer ser cumprido na nação idumeana, que nasceu do ancião (que tinha dois nomes, sendo chamado Esaú e Edom. que surgiu do mais jovem, isto é, pelos israelitas, e deveria se tornar sujeito a eles; no entanto, é mais adequado acreditar que, quando foi dito: "Um povo vencerá o outro povo, e o mais velho servirá ao mais jovem", essa profecia significava algo maior; e o que é isso, exceto o que é evidentemente cumprido nos judeus e cristãos?

CAPÍTULO. 36.-DO ORÁCULO E BÊNÇÃO QUE ISAQUE RECEBE, ASSIM COMO SEU PAI

1. Isaque também recebeu um oráculo como seu pai muitas vezes recebeu. Deste oráculo está assim escrito: "E houve uma fome sobre a terra, além da primeira fome que houve nos dias de Abraão. E Isaque foi a Abimeleque, rei dos filisteus, a Gerar. disse: Não desças ao Egito, mas habita na terra que eu te disser, e fica nesta terra, e eu serei contigo, e te abençoarei; a ti e à tua descendência darei toda esta terra; e confirmarei o meu juramento, que fiz a Abraão teu pai; e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu, e darei à tua descendência toda esta terra; e na tua descendência estarão todas as nações da terra bem-aventurado; porque Abraão teu pai obedeceu à minha voz e guardou os meus preceitos, os meus mandamentos, a minha justiça e as minhas leis". Este patriarca não teve outra esposa, nem concubina, mas se contentou com os filhos gêmeos gerados por um ato de geração. Ele também temia, quando vivia entre estranhos,

ser posto em perigo devido à beleza de sua esposa, e gostava de seu pai ao chamá-la de irmã, e não dizer que ela era sua esposa; pois ela era sua parente próxima por parte de pai e mãe. Ela também permaneceu intocada pelos estranhos, quando se soube que ela era sua esposa. No entanto, não devemos preferi-lo ao pai, porque ele não conhecia outra mulher além de sua única esposa. Pois, sem dúvida, os méritos da fé e obediência de seu pai foram maiores, na medida em que Deus diz que é por causa dele que Ele faz bem a Isaque: "Em tua semente", diz Ele, "serão abençoadas todas as nações da terra, porque Abraão teu pai obedeceu à minha voz e guardou os meus preceitos, os meus mandamentos, os meus estatutos e as minhas leis". E novamente em outro oráculo Ele diz: "Eu sou o Deus de Abraão, teu pai; não temas, porque estou contigo, e te abençoarei, e multiplicarei a tua descendência por amor de meu servo Abraão". castamente Abraão agiu, porque homens imprudentes, que buscam algum apoio para sua própria maldade nas Sagradas Escrituras, pensam que ele agiu por luxúria. Também podemos aprender isso, não a comparar os homens por coisas boas, mas a considerar tudo em cada um; pois pode acontecer que um homem tenha algo em sua vida e caráter em que ele supera outro, e pode ser muito mais excelente do que aquele em que o outro o supera. E assim, de acordo com o julgamento correto e correto, enquanto a continência é preferível ao casamento, ainda assim um homem casado crente é melhor do que um incrédulo continente; pois o incrédulo não é apenas menos louvável, mas é até altamente detestável. Devemos concluir, então, que ambos são bons; ainda assim, para sustentar que o homem casado que é mais fiel e mais obediente é certamente melhor do que o homem continente cuja fé e obediência são menores. Mas se igual em outras coisas, quem hesitaria em preferir o homem continente ao casado?

CAPÍTULO. 37.-DAS COISAS MÍSTICAMENTE PREFIGURADAS EM ESAU E JACÓ

1. Os dois filhos de Isaque, Esaú e Jacó, cresceram juntos. A primazia do mais velho foi transferida para o mais novo por uma barganha e

acordo entre eles, quando o mais velho cobiçou imoderadamente as lentilhas que o mais jovem havia preparado para comida, e por esse preço vendeu seu direito de primogenitura a ele, confirmando-o com um juramento. Aprendemos com isso que uma pessoa deve ser culpada, não pelo tipo de comida que come, mas pela ganância imoderada. Isaque envelheceu e a velhice o privou de sua visão. Ele quis abençoar o filho mais velho, e em vez do mais velho, que era peludo, involuntariamente abençoou o mais novo, que se colocou sob as mãos de seu pai, cobrindo-se com peles de cabrito, como se carregasse os pecados dos outros. Para que não pensemos que essa astúcia de Jacó foi uma astúcia fraudulenta, em vez de buscar nela o mistério de uma grande coisa, as Escrituras predisseram nas palavras pouco antes: "Esaú era um caçador astuto, um homem do campo; e Jacó foi um homem simples, morando em casa." Alguns de nossos escritores interpretaram isso "sem dolo". Mas se o grego ἄπλαστος significa "sem dolo", ou "simples", ou melhor, "sem fingimento", ao receber essa bênção, qual é o engano do homem sem dolo? Qual é a astúcia do simples, qual é a ficção do homem que não mente, mas um profundo mistério da verdade? Mas o que é a bênção em si? "Veja", diz ele, "o cheiro de meu filho é como o cheiro de um campo cheio que o Senhor abençoou; por isso Deus te dê do orvalho do céu e da fecundidade da terra, e abundância de trigo e vinho: sirvam-te as nações, e os príncipes te adorem; e sê senhor de teus irmãos, e os filhos de teu pai te adorem; maldito aquele que te amaldiçoar, e bem-aventurado aquele que te abençoar." A bênção de Jacó é, portanto, uma proclamação de Cristo a todas as nações. É isso que aconteceu, e agora está sendo cumprido. Isaque é a lei e a profecia: também pela boca dos judeus, Cristo é abençoado pela profecia como por quem não sabe, porque ela mesma não é compreendida. O mundo como um campo está cheio do odor do nome de Cristo: Sua é a bênção do orvalho do céu, isto é, das chuvas de palavras divinas; e da fecundidade da terra, isto é, da reunião dos povos: Sua é a fartura de trigo e vinho, isto é, a multidão que ajunta pão e vinho no sacramento de seu corpo e sangue. A ele servem as nações, a ele os príncipes adoram. Ele é o Senhor de Seus irmãos, porque Seu povo governa sobre os judeus. A ele adoram os filhos de seu Pai, isto é, os filhos de

Abraão segundo a fé; porque ele mesmo é filho de Abraão segundo a carne. Maldito é aquele que o amaldiçoa, e aquele que o abençoa é abençoado. Cristo, eu digo, que é nosso é abençoado, isto é, verdadeiramente falado da boca dos judeus, quando, embora erram, eles ainda cantam a lei e os profetas, e pensam que estão abençoando outro por quem eles erroneamente esperam . Assim, quando o filho mais velho reivindica a bênção prometida, Isaque fica com muito medo e se pergunta quando sabe que abençoou um em vez do outro e exige quem ele é; ainda assim, ele não reclama que foi enganado, sim, quando o grande mistério lhe é revelado, em seu coração secreto ele imediatamente evita a raiva e confirma a bênção. “Quem então”, diz ele, “me caçou caça e me trouxe, e eu comi de tudo antes de você chegar, e o abençoei, e ele será abençoado?” 3 Quem não teria esperado a maldição de um homem irado aqui, se essas coisas tivessem sido feitas de maneira terrena, e não por inspiração de cima? Ó coisas feitas, mas feitas profeticamente; na terra, mas celestialmente; pelos homens, mas divinamente! Se tudo o que é fértil de tão grandes mistérios fosse examinado cuidadosamente, muitos volumes seriam preenchidos; mas a bússola moderada fixada para este trabalho nos obriga a apressar-nos para outras coisas.

CAPÍTULO. 38.-DA MISSÃO DE JACÓ NA MESOPOTAMIA PARA CONSEGUIR UMA ESPOSA, E DA VISÃO QUE ELE VIU EM SONHO AO CAMINHO, E DE TER CONSEGUIDO QUATRO MULHERES QUANDO PROCUROU UMA ESPOSA

1. Jacó foi enviado por seus pais à Mesopotâmia para que pudesse tomar uma esposa lá. Estas foram as palavras de seu pai ao enviá-lo: "Não tomarás mulher das filhas dos cananeus. Levanta-te, voa para a Mesopotâmia, para a casa de Betuel, pai de tua mãe, e toma de lá uma mulher das filhas de Labão, irmão de tua mãe, e o meu Deus te abençoe, e te multiplique, e te multiplique; e serás uma assembleia de povos; e te dará a bênção de teu pai Abraão, e à tua descendência depois de ti, para que herdás a terra em que habitas, que Deus deu a Abraão". Agora entendemos aqui que a semente de Jacó é separada da

outra semente de Isaque que veio através de Esaú. Pois quando se diz: “Em Isaque será chamada a tua descendência”,⁵ por esta semente se entende unicamente a cidade de Deus; de modo que dela é separada a outra semente de Abraão, que estava no filho da escrava, e que deveria estar nos filhos de Quetura. Mas até agora era incerto em relação aos filhos gêmeos de Isaque se essa bênção pertencia a ambos ou apenas a um deles; e se para um, qual deles era. Isto é agora declarado quando Jacó é profeticamente abençoado por seu pai, e é dito a ele: "E tu serás uma assembléia de povos, e Deus te dará a bênção de teu pai Abraão."

2. Quando Jacó estava indo para a Mesopotâmia, ele recebeu em sonho um oráculo, do qual está escrito. "E Jacó saiu do poço do juramento, e foi para Harã. E ele chegou a um lugar, e dormiu ali, porque o sol se pôs; e ele tomou das pedras do lugar, e as colocou em sua cabeceira, e dormi naquele lugar, e sonhei. E eis que uma escada foi colocada na terra, e o topo dela chegava ao céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela. E o Senhor estava em cima dela, e disse: Eu sou o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaque; não temas; a terra em que dormes, a ti a darei e à tua descendência; e a tua descendência será como o pó da terra; e se estenderá ao mar, e à África, e ao norte, e ao oriente; e todas as tribos da terra serão abençoadas em ti e na tua descendência. E eis que estou contigo, para guardar em todo o teu caminho por onde quer que fores, e eu te trarei de volta a esta terra, porque não te deixarei, até que eu tenha feito tudo o que te tenho falado. E Jacó acordou do seu sono e disse, Certamente o Senhor está neste lugar, e eu não sabia. E ele estava com medo, e disse: Quão terrível é este lugar! esta não é outra senão a casa de Deus, e esta é a porta do céu. E Jacó levantou-se, e tomou a pedra que ali pusera debaixo da cabeça, e a erigiu como memorial, e derramou azeite sobre ela. E Jacó chamou o nome daquele lugar casa de Deus."² Isso é profético, pois Jacó não derramou óleo sobre a pedra de maneira idólatra, como se estivesse fazendo dela um deus; nem adorou aquela pedra, nem sacrificou a Mas visto que o nome de Cristo vem do crisma ou unção, algo pertencente ao grande mistério foi certamente representado nisso. Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!" porque Israel que teve esta visão não é outro senão Jacó. E no

mesmo lugar Ele diz: "Em verdade, em verdade vos digo: Vereis o céu aberto, e o anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem".

3. Jacó foi para a Mesopotâmia para tomar uma esposa de lá. E a divina Escritura indica como, sem desejar ilegalmente nenhuma delas, ele veio a ter quatro mulheres, das quais gerou doze filhos e uma filha; pois ele veio para levar apenas um. Mas quando um foi falsamente dado a ele no lugar do outro, ele não a mandou embora depois de usá-la involuntariamente durante a noite, para que não parecesse tê-la envergonhado; mas como naquela época, para multiplicar a posteridade, nenhuma lei proibia a pluralidade de esposas, ele a levou também a quem havia prometido casamento. Como ela era estéril, ela deu sua serva ao marido para que ela pudesse ter filhos com ela; e sua irmã mais velha fez a mesma coisa em imitação dela, embora ela tivesse dado à luz, porque desejava multiplicar a descendência. Não vemos que Jacó procurou apenas um, ou que usou muitos, exceto para gerar filhos, salvando os direitos conjugais; e ele não teria feito isso, se suas esposas, que tinham poder legítimo sobre o corpo de seu próprio marido, não o tivessem exortado a fazê-lo. Então ele gerou doze filhos e uma filha de quatro mulheres. Então ele entrou no Egito por seu filho José, que foi vendido por seus irmãos por inveja, e levado para lá, e lá foi exaltado.

CAPÍTULO. 39.-A RAZÃO POR QUE JACÓ TAMBÉM FOI CHAMADO ISRAEL

1. Como disse há pouco, Jacó também se chamava Israel, nome que mais prevalecia entre os descendentes dele. Agora, este nome foi dado a ele pelo anjo que lutou com ele no caminho de volta da Mesopotâmia, e que era mais evidentemente um tipo de Cristo. Pois quando Jacó o venceu, sem dúvida com seu próprio consentimento, para que o mistério pudesse ser representado, significava a paixão de Cristo, na qual os judeus são vistos vencendo-o. E, no entanto, ele implorou uma bênção do próprio anjo que ele havia vencido; e assim a

imposição deste nome foi a bênção. Para Israel significa ver a Deus, que por fim será a recompensa de todos os santos. O anjo também o tocou na largura da coxa quando o venceu, e assim o fez coxo. De modo que Jacó foi ao mesmo tempo bem-aventurado e coxo: bem-aventurado naqueles entre aquele povo que creu em Cristo, e coxo nos incrédulos. Pois a largura da coxa é a multidão da família. Pois há muitos dessa raça de quem foi profeticamente dito de antemão: “E eles pararam em seus caminhos”.

CAPÍTULO. 40.-COMO SE DIZ QUE JACÓ ENTROU NO EGITO COM SETENTA E CINCO HOMENS, QUANDO A MAIORIA DOS QUE SÃO MENCIONADOS NASCEU EM UM PERÍODO POSTERIOR

1. Relata-se que setenta e cinco homens entraram no Egito junto com Jacó, contando-o com seus filhos. Neste número são mencionadas apenas duas mulheres, uma filha e outra neta. Mas quando a coisa é cuidadosamente considerada, não parece que a descendência de Jacó fosse tão numerosa no dia ou ano em que ele entrou no Egito. Também estão incluídos entre eles os bisnetos de Josep h, que não poderiam ter nascido já. Pois Jacó tinha então 130 anos, e seu filho José, trinta e nove; e como é claro que ele se casou quando tinha trinta anos ou mais, como poderia em nove anos ter bisnetos dos filhos que teve dessa esposa? Ora, como Efraim e Manassés, filhos de José, nem sequer podiam ter filhos, pois Jacó os achou meninos de menos de nove anos quando entrou no Egito, de que maneira não só seus filhos, mas seus netos são contados entre os setenta e cinco que depois entrou no Egito com Jacó? Porque ali se conta Maquir, filho de Manassés, neto de José, e filho de Maquir, isto é, Gileade, neto de Manassés, bisneto de José; ali também está aquele que Efraim, o outro filho de José, gerou, isto é, Sutela, neto de José, e Ezer, filho de Sutela, neto de Efraim e bisneto de José, que não poderia existir quando Jacó veio. para o Egito, e ali encontrou seus netos, os filhos de José, seus avós, ainda meninos com menos de nove anos de idade. Mas, sem dúvida, quando a Escritura menciona a entrada de Jacó no Egito com setenta e

cinco almas, isso não significa um dia ou um ano, mas todo o tempo em que José viveu, que foi a causa de sua entrada. Pois a mesma Escritura fala assim de José: “E José habitou no Egito, ele e seus irmãos, e toda a casa de seu pai; e José viveu 110 anos, e viu os filhos de Efraim da terceira geração”. neto, o terceiro de Efraim; pois a terceira geração significa filho, neto, bisneto. Em seguida, é acrescentado: "Também os filhos de Maquir, filho de Manassés, nasceram sobre os joelhos de José". E este é aquele neto de Manassés, e bisneto de José. Mas o número plural é empregado de acordo com o uso das escrituras; pois a única filha de Jacó é mencionada como filhas, assim como no uso da língua latina *liberi* é usado no plural para crianças, mesmo quando há apenas uma. Agora, quando a própria felicidade de José é proclamada, porque ele podia ver seus bisnetos, não é de modo algum pensar que eles já existiam no trigésimo nono ano de seu bisavô José, quando seu pai Jacó veio até ele No Egito. Mas aqueles que diligentemente examinarem essas coisas serão menos facilmente enganados, porque está escrito: "Estes são os nomes dos filhos de Israel que entraram no Egito junto com seu pai Jacó". Pois isso significa que os setenta e cinco são contados com ele, não que todos estivessem com ele quando ele entrou no Egito; pois, como eu disse, todo o período durante o qual José, que ocasionou sua entrada, viveu, é considerado o tempo dessa entrada.

CAPÍTULO. 41.-DA BÊNÇÃO QUE JACÓ PROMETEU EM JUDÁ

1. Se, por causa do povo cristão no qual a cidade de Deus peregrina na terra, procuramos a carne de Cristo na semente de Abraão, deixando de lado os filhos das concubinas, temos Isaque; se na descendência de Isaque, deixando de lado Esaú, que também é Edom, temos Jacó, que também é Israel; se na semente do próprio Israel, deixando de lado o resto, temos Judá, porque Cristo nasceu da tribo de Judá. Ouçamos, então, como Israel, ao morrer no Egito, ao abençoar seus filhos, abençoou profeticamente Judá. Ele diz: "Judá, teus irmãos te louvarão; tuas mãos estarão sobre as costas dos teus inimigos; os

filhos de teu pai te adorarão. Judá é filhote de leão: desde o rebento, meu filho, subiste; dormiste como um leão e como um filhote de leão; quem o acordará? Não faltará em Judá um príncipe, nem um chefe nas suas coxas, até que venham as coisas que lhe estão reservadas; e ele será a expectativa das nações, atando o seu jumentinho à vide, e o jumentinho da sua jumenta à videira escolhida; lavará a sua túnica no vinho, e as suas vestes no sangue da uva; os seus olhos estão vermelhos de vinho, e seus dentes são mais brancos que o leite." Eu expus essas palavras na disputa contra Fausto, o Maniqueísta; e acho que é suficiente fazer brilhar a verdade dessa profecia, observar que a morte de Cristo é predita pela palavra sobre seu deitar, e não a necessidade, mas o caráter voluntário de Sua morte, no título de leão . Esse poder Ele mesmo proclama no evangelho, dizendo: "Eu tenho o poder de dar a minha vida, e tenho o poder de tomá-la novamente. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo, e a tomo novamente." Então o leão rugiu, então Ele cumpriu o que Ele disse. Pois a esse poder o que é acrescentado sobre a ressurreição se refere: "Quem o acordará?" Isso significa que nenhum homem, a não ser Ele mesmo, O ressuscitou, que também disse de Seu próprio corpo: "Destrua este templo, e em três dias o levantarei". a cruz, é entendido pela única palavra: "Tu subiste". O evangelista explica o que é acrescentado: "Deitado, você dormiu", quando diz: "Ele inclinou a cabeça e entregou o espírito". Ou pelo menos deve ser entendido o Seu sepultamento, no qual Ele se deitou dormindo, e de onde nenhum homem O ressuscitou, como os profetas fizeram alguns, e como Ele mesmo fez outros; mas Ele mesmo se levantou como que do sono. Quanto ao Seu manto que Ele lava em vinho, isto é, purifica do pecado em Seu próprio sangue, cujo sangue os batizados conhecem o mistério, de modo que ele acrescenta: "E as suas vestes no sangue da uva", o que é senão a Igreja? "E seus olhos estão vermelhos de vinho", [estes são] Seu povo espiritual embriagado com Seu cálice, do qual o salmo canta: "E o teu cálice que embriaga, quão excelente é!" "E os seus dentes são mais brancos do que o leite" 4 - isto é, as palavras nutritivas que, segundo o apóstolo, os bebês bebem, sendo ainda impróprios para alimentos sólidos. E é Ele em quem as promessas de Judá foram estabelecidas, para que, até que elas venham, nunca faltem em Judá os

príncipes, isto é, os reis de Israel. "E Ele é a expectativa das nações." Isso é muito claro para precisar de exposição.

CAPÍTULO. 42.-DOS FILHOS DE JOSÉ, A QUEM JACÓ ABENÇOOU

1. Agora, como os dois filhos de Isaú, Esaú e Jacó, forneceram um tipo das duas pessoas, os judeus e os cristãos (embora, no que diz respeito à descendência carnal, não foram os judeus, mas os idumeus que vieram da semente de Esaú, nem as nações cristãs, mas sim os judeus que vieram de Jacó, pois o tipo é válido apenas no que diz respeito ao ditado: "O mais velho servirá ao mais novo"), então a mesma coisa aconteceu com os dois filhos de José; pois o mais velho era um tipo dos judeus, e o mais jovem dos cristãos. Pois quando Jacó os abençoou e pôs a mão direita sobre o menor, que estava à sua esquerda, e a mão esquerda sobre o maior, que estava à direita, isso pareceu errado ao pai deles, e ele admoestou seu pai tentando para corrigir seu erro e mostrar-lhe qual era o mais velho. Mas ele não mudou de mãos, mas disse: "Eu sei, meu filho, eu sei. Ele também se tornará um povo, e ele também será exaltado; mas seu irmão mais novo será maior do que ele, e sua descendência será uma multidão de nações."7 E essas duas promessas mostram a mesma coisa. Pois esse deve tornar-se "um povo"; este "uma multidão de nações." E o que pode ser mais evidente do que essas duas promessas abrangem o povo de Israel e todo o mundo da semente de Abraão, um segundo a carne, o outro segundo a fé?

CAPÍTULO. 43.-DOS TEMPOS DE MOISÉS E JOSUÉ, FILHO DE NUM, DOS JUÍZES, E DEPOIS DOS REIS, DE QUE SAUL FOI O PRIMEIRO, MAS DAVI DEVE SER CONSIDERADO COMO O CHEFE, AMBOS PELO JURAMENTO E POR MÉRITO

1. Jacó estando morto, e José também, durante os restantes 144 anos

até que eles saíram da terra do Egito, aquela nação cresceu em um grau incrível, embora desperdiçada por tão grandes perseguições, que uma vez os meninos foram assassinados em seu nascimento, porque os egípcios maravilhados estavam aterrorizados com o aumento muito grande daquele povo. Então Moisés, sendo escondido furtivamente dos assassinos das crianças, foi levado à casa real, Deus se preparando para fazer grandes coisas por ele, e foi amamentado e adotado pela filha de Faraó (este era o nome de todos os reis do Egito), e tornou-se um homem tão grande que ele - sim, sim, Deus, que havia prometido isso a Abraão, por ele - tirou aquela nação, tão maravilhosamente multiplicada, do jugo da servidão mais dura e dolorosa que havia suportado lá. A princípio, de fato, ele fugiu dali (dizem-nos que ele fugiu para a terra de Midiã), porque, ao defender um israelita, ele havia matado um egípcio e estava com medo. Depois, sendo divinamente comissionado no poder do Espírito de Deus, ele venceu os magos do Faraó que resistiram a ele. Então, quando os egípcios não deixaram o povo de Deus ir, dez pragas memoráveis foram trazidas por Ele sobre eles: a água se transformou em sangue, as rãs e os piolhos, as moscas, a morte do gado, os furúnculos, o granizo, a gafanhotos. as trevas, a morte dos primogênitos. Por fim, os egípcios foram destruídos no Mar Vermelho enquanto perseguiam os israelitas, a quem eles soltaram quando finalmente foram quebrados por tantas grandes pragas. O mar dividido abriu caminho para os israelitas que partiam, mas, voltando sobre si mesmo, subjuguou seus perseguidores com suas ondas. Então por quarenta anos o povo de Deus atravessou o deserto, sob a liderança de Moisés, quando o tabernáculo do testemunho foi dedicado, no qual Deus era adorado por sacrifícios proféticos das coisas por vir, e isso foi depois que a lei foi muito terrivelmente dado no monte, pois sua divindade foi mais claramente atestada por sinais e vozes maravilhosos. Isso aconteceu logo após o êxodo do Egito, quando o povo havia entrado no deserto, no quinquagésimo dia depois que a páscoa foi celebrada pela oferta de um cordeiro, que é tão completamente um tipo de Cristo, predizendo que por meio de Seu sacrifício paixão Ele deve ir deste mundo para o Pai (para pascha na língua hebraica significa trânsito), que quando a nova aliança foi revelada, depois que Cristo nossa páscoa foi oferecido,

o Espírito Santo desceu do céu no quinquagésimo dia; e Ele é chamado no evangelho o Dedo de Deus, porque Ele traz à nossa memória as coisas feitas antes por meio de tipos, e porque as tábuas dessa lei foram escritas pelo dedo de Deus.

2. Com a morte de Moisés, Josué, filho de Num, governou o povo, e os conduziu à terra da promessa, e a repartiu entre eles. Por esses dois líderes maravilhosos, as guerras também foram realizadas de maneira mais próspera e maravilhosa, Deus chamando para testemunhar que eles obtiveram essas vitórias não tanto por causa do mérito do povo hebreu, mas por causa dos pecados das nações que subjugaram. Depois destes chefes vieram os juízes, quando o povo se estabeleceu na terra da promessa, de modo que, entretanto, começou a cumprir-se a primeira promessa feita a Abraão sobre uma nação, isto é, a hebraica, e sobre a terra de Canaã; mas ainda não a promessa sobre todas as nações e todo o mundo, pois isso deveria ser cumprido, não pelas observâncias da velha lei, mas pelo advento de Cristo na carne e pela fé do evangelho. E foi para prefigurar isso que não foi Moisés, que recebeu a lei para o povo no monte Sinai, que conduziu o povo à terra da promessa, mas Josué, cujo nome também foi mudado por ordem de Deus, de modo que ele foi chamado Jesus. Mas nos tempos dos juízes a prosperidade alternava-se com a adversidade na guerra, conforme os pecados do povo e a misericórdia de Deus se manifestavam.

3. Chegamos próximo aos tempos dos reis. O primeiro que reinou foi Saul; e quando ele foi rejeitado e abatido em batalha, e seu anel de descendentes rejeitado para que nenhum rei surgisse dele, Davi sucedeu ao reino, cujo filho Cristo é chamado principalmente. Ele foi feito uma espécie de ponto de partida e início da juventude avançada do povo de Deus, que havia passado uma espécie de puberdade de Abraão para este Davi. E não é em vão que o evangelista Mateus registra as gerações de forma a resumir este primeiro período de Abraão a Davi em quatorze gerações. Pois desde a puberdade o homem começa a ser capaz de gerar; portanto, ele inicia a lista de gerações de Abraão, que também foi feito pai de muitas nações quando mudou seu nome. De modo que anteriormente esta família do povo de

Deus estava em sua infância, de Noé a Abraão; e por isso aprendeu-se então a primeira língua, isto é, o hebraico. Pois o homem começa a falar na infância, a idade seguinte à infância, que é assim chamada porque então ele não pode falar. E aquela primeira era está completamente afogada no esquecimento, assim como a primeira era da raça humana foi apagada pelo dilúvio; pois quem há que possa se lembrar de sua infância? Portanto, neste progresso da cidade de Deus, como o livro anterior continha aquela primeira idade, também este deve conter a segunda e a terceira idade, na qual terceira idade, como foi mostrado pela novilha de três anos, a fêmea bode de três anos e o carneiro de três anos, foi imposto o jugo da lei, e apareceu abundância de pecados, e surgiu o princípio do reino terrestre, no qual não faltavam homens espirituais, dos quais o rola e pombo representavam o mistério.

LIVRO XVII

ARGUMENTO

NESTE LIVRO A HISTÓRIA DA CIDADE DE DEUS É TRAÇADA DURANTE O PERÍODO DOS REIS E PROFETAS DE SAMUEL A DAVI, ATÉ CRISTO; E AS PROFECIAS QUE ESTÃO REGISTRADAS NOS LIVROS DOS REIS, SALMOS E AS DE SALOMÃO, SÃO INTERPRETADAS POR CRISTO E DA IGREJA.

CAPÍTULO. 1.-DA IDADE PROFÉTICA

1. Pelo favor de Deus, tratamos distintamente de Suas promessas feitas a Abraão, que tanto a nação de Israel segundo a carne, e todas as nações segundo a fé, deveriam ser sua descendência, e a Cidade de Deus, procedendo de acordo com a ordem do tempo, vai apontar como eles foram cumpridos. Tendo, portanto, no livro anterior descido ao reinado de Davi, trataremos agora do que resta, na medida em que pareça suficiente para o objetivo deste trabalho, começando no mesmo reinado. Agora, desde o tempo em que o santo Samuel começou a profetizar, e sempre em diante, até que o povo de Israel foi levado cativo para a Babilônia, e até, de acordo com a profecia do santo Jeremias, no retorno de Israel dali depois de setenta anos, a casa de Deus foi construído de novo. todo este período é a era profética. Pois, embora o próprio patriarca Noé, em cujos dias toda a terra foi destruída pelo dilúvio, e outros antes e depois dele até este tempo em que começou a haver reis sobre o povo de Deus, não podem ser imerecidamente denominados profetas, em conta de certas coisas pertencentes à cidade de Deus e ao reino dos céus, que eles predisseram ou de alguma forma significaram que deveriam acontecer, e especialmente porque lemos que alguns deles, como Abraão e Moisés, foram expressamente assim denominados, no entanto, esses são mais e principalmente chamados de dias dos profetas desde o tempo em que Samuel começou a profetizar, que, por

ordem de Deus, ungiu Saul para ser rei e, em sua rejeição, o próprio Davi, a quem outros de sua descendência deveriam suceder enquanto como era apropriado que eles o fizessem. Se, portanto, eu desejasse ensaiar tudo o que os profetas predisseram a respeito de Cristo, enquanto a cidade de Deus, com seus membros morrendo e nascendo em sucessão constante, seguisse seu curso por aqueles tempos, essa obra se estenderia além de todos os limites. Primeiro, porque a própria Escritura, mesmo quando, tratando em ordem dos reis e de seus atos e dos acontecimentos de seus reinados, parece ocupar-se em narrar com diligência histórica os negócios realizados, serão encontrados, se as coisas manipulados por ela são considerados com a ajuda do Espírito de Deus, ou mais, ou certamente não menos, com a intenção de predizer o que está por vir do que de relatar o passado. E quem pensa um pouco sobre isso não sabe o quão trabalhoso e prolixo seria um trabalho, e quantos volumes seriam necessários para buscá-lo por uma investigação completa e demonstrá-lo por meio de argumentos? E então, por causa daquilo que sem disputa pertence à profecia, há tantas coisas concernentes a Cristo e ao reino dos céus, que é a cidade de Deus, que para explicá-las seria necessária uma discussão maior do que a devida proporção deste trabalho. admite. Portanto, se puder, limitar-me-ei a tal ponto que, ao realizar este trabalho, não possa, com a ajuda de Deus, dizer o supérfluo nem omitir o necessário.

CAPÍTULO. 2.-EM QUE MOMENTO A PROMESSA DE DEUS FOI CUMPRIDA COM RELAÇÃO À TERRA DE CANAÃ

1. No livro anterior, dissemos que na promessa de Deus a Abraão duas coisas foram prometidas desde o princípio, a saber, que sua semente deveria possuir a terra de Canaã, que foi insinuada quando foi dito: "Vá para uma terra que te mostrarei, e de ti farei uma grande nação;" mas o outro muito mais excelente, não quanto à semente carnal, mas espiritual, da qual ele é o pai, não de uma nação de Israel, mas de todas as nações que seguem os passos de sua fé, que começou a ser prometida nestes palavras: "E em ti serão benditas todas as famílias da terra."² E depois disso mostramos por muitas outras provas que essas

duas coisas foram prometidas. Portanto, a semente de Abraão, isto é, o povo de Israel segundo a carne, já estava na terra da promessa; e ali, não apenas por possuir e possuir as cidades dos inimigos, mas também por ter reis, já havia começado a reinar, as promessas de Deus a respeito daquele povo já estavam em grande parte cumpridas: não apenas aquelas que foram feitas àqueles três pais, Abraão, Isaque e Jacó, e tudo o que outros foram feitos em seu tempo, mas também aqueles que foram feitos pelo próprio Moisés, por quem o mesmo povo foi libertado da servidão no Egito, e por quem todas as coisas passadas foram reveladas em seus tempos, quando conduzia o povo pelo deserto. Mas nem pelo ilustre líder Jesus, filho de Nun, que conduziu aquele povo à terra da promessa e, depois de expulsar as nações, a dividiu entre as doze tribos de acordo com o mandamento de Deus, e morreu; nem depois dele, em todo o tempo dos juízes, foi cumprida a promessa de Deus a respeito da terra de Canaã, de que se estenderia de algum rio do Egito até o grande rio Eufrates; nem ainda foi profetizado quanto a vir, mas seu cumprimento era esperado. E foi cumprido por meio de Davi e Salomão, seu filho, cujo reino se estendia por todo o espaço prometido; porque subjugaram todas aquelas nações e as tornaram tributárias. E assim, sob aqueles reis, a semente de Abraão foi estabelecida na terra da promessa segundo a carne, isto é, na terra de Canaã, de modo que nada restava para o cumprimento completo dessa promessa terrena de Deus, exceto que, no que diz respeito à prosperidade temporal, a nação hebraica deve permanecer na mesma terra pela sucessão da posteridade em um estado inabalável até o fim desta era mortal, se obedeceu às leis do Senhor seu Deus. Mas como Deus sabia que não faria isso, Ele usou Seus castigos temporais também para treinar Seus poucos fiéis nele, e para dar advertência necessária àqueles que depois deveriam estar em todas as nações, em quem a outra promessa, revelada no Novo Testamento, estava prestes a ser cumprido através da encarnação de Cristo.

CAPÍTULO. 3.-DO TRÊS SIGNIFICADOS DAS PROFECIAS, QUE DEVEM SER REFERIDAS AGORA AO TERRENO,

AGORA À JERUSALÉM CELESTIAL, E AGORA NOVAMENTE A AMBOS

1. Portanto, assim como aquele oráculo divino para Abraão, Isaque e Jacó, e todos os outros sinais ou ditos proféticos que são dados nos primeiros escritos sagrados, também as outras profecias deste tempo dos reis pertencem em parte à nação de A carne de Abraão, e em parte para aquela semente dele na qual todas as nações são abençoadas como co-herdeiras de Cristo pelo Novo Testamento, para a posse da vida eterna e do reino dos céus. Portanto, eles pertencem em parte à escrava que gera a escravidão, isto é, a Jerusalém terrena, que está em escravidão com seus filhos; mas em parte para a cidade livre de Deus, isto é, a verdadeira Jerusalém eterna nos céus, cujos filhos são todos os que vivem de acordo com Deus na terra; à escrava propriamente dita, à mulher livre figurativamente.

2. Portanto, declarações proféticas de três tipos devem ser encontradas; visto que há alguns relacionados com a Jerusalém terrena, alguns com a celestial e outros com ambas. Acho apropriado provar o que digo por meio de exemplos. O profeta Natã foi enviado para condenar o rei Davi de pecado hediondo, e predizer a ele quais males futuros deveriam ser decorrentes disso. Quem pode questionar que isto e coisas semelhantes pertencem à cidade terrestre, seja publicamente, isto é, para a segurança ou ajuda do povo, ou privadamente, quando são proferidas para o bem privado de cada um as declarações divinas por meio das quais algo do futuro pode ser conhecido pelo uso da vida temporal? Mas onde lemos: "Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que farei para a casa de Israel e para a casa de Judá um novo testamento; não segundo o testamento que estabeleci para seus pais no dia em que segurei a mão deles para tirá-los da terra do Egito, porque eles não permaneceram no meu testamento, e eu não dei atenção a eles, diz o Senhor; porque este é o testamento que farei para a casa de Israel : depois daqueles dias, diz o Senhor, eu lhes darei as minhas leis em suas mentes, e as escreverei em seus corações, e eu os cuidarei; e eu serei para eles um Deus, e eles serão para mim um povo ;"— sem dúvida, isso é profetizado para a Jerusalém acima, cuja

recompensa é o próprio Deus, e cujo principal e inteiro bem é tê-lo e ser dele. Mas isso se refere a ambos, que a cidade de Deus é chamada Jerusalém e que está profetizado que a casa de Deus estará nela; e esta profecia parece ser cumprida quando o rei Salomão constrói aquele templo mais nobre. Pois essas coisas aconteceram na Jerusalém terrestre, como mostra a história, e eram tipos da Jerusalém celestial. E esse tipo de profecia, por assim dizer compactada e misturada de ambas as outras nos antigos livros canônicos, contendo narrativas históricas, é de grande importância e exercitou e exercitou grandemente a inteligência daqueles que buscam as escrituras sagradas. Por exemplo, o que lemos historicamente como previsto e cumprido na semente de Abraão segundo a carne, devemos também indagar o significado alegórico de, como deve ser cumprido na semente de Abraão segundo a fé. E tanto é este o caso, que alguns pensaram que não há nada nestes livros predito e efetuado, ou efetuado embora não predito, que não insinue algo mais que deva ser referido por significado figurativo à cidade de Deus nas alturas. , e aos seus filhos que são peregrinos nesta vida. Mas se for assim, então as declarações dos profetas, ou melhor, todas as Escrituras que são contadas sob o título do Antigo Testamento, não serão de três, mas de dois tipos diferentes. Pois não haverá nada lá que pertença apenas à Jerusalém terrestre, se o que for dito e cumprido ou a respeito dela significa algo que também se refere por prefiguração alegórica à Jerusalém celestial; mas haverá apenas dois tipos, um que pertence à Jerusalém livre, o outro a ambos. Mas, assim como, penso eu, erram muito aqueles que são de opinião que nenhum dos registros de assuntos nesse tipo de escritos significa nada mais do que isso aconteceu, também acho que aqueles muito ousados que afirmam que toda a essência de seu conteúdo reside em significações alegóricas. Portanto, eu disse que eles são tríplexes, não duplos. No entanto, ao sustentar esta opinião, não culpo aqueles que podem extrair de tudo que há um significado espiritual, apenas salvando, antes de tudo, a verdade histórica. Quanto ao resto, que crente pode duvidar de que essas coisas são ditas em vão que são tais que, se dizem que foram feitas ou que ainda estão por vir, não parecem assuntos humanos ou divinos? Quem não os chamaria à compreensão espiritual se pudesse,

ou confessaria que eles deveriam ser lembrados por aquele que é capaz?

CAPÍTULO. 4.-SOBRE A MUDANÇA PREFIGURADA DO REINO E DO SACERDÓCIO ISRAELITA, E SOBRE AS COISAS QUE ANA MÃE DE SAMUEL PROFETOU, PREFIGURANDO A IGREJA

1. Portanto, o avanço da cidade de Deus, onde atingiu os tempos dos reis, rendeu uma figura, quando, na rejeição de Saul, Davi primeiro obteve o reino em tal base que daí em diante seus descendentes deveriam reinar na terra. Jerusalém em sucessão contínua; pois o curso das coisas significadas e preditas, o que não deve ser ignorado, sobre a mudança das coisas por vir, o que pertence a ambos os Testamentos, o Antigo e o Novo, onde o sacerdócio e o reino são mudados por aquele que é um sacerdote e ao mesmo tempo um rei, novo e eterno, mesmo Cristo Jesus. Pois tanto a substituição no ministério de Deus, na rejeição de Eli como sacerdote, de Samuel, que executou de uma só vez o ofício de sacerdote e juiz, e o estabelecimento de Davi no reino, quando Saul foi rejeitado, tipificam isso de que falo . E a própria Ana, a mãe de Samuel, que antes era estéril e depois se alegrou com a fertilidade, não parece profetizar mais nada, quando exultante derrama sua ação de graças ao Senhor, ao entregar a Deus o mesmo menino que ela havia nascido e desmamado com a mesma piedade com que ela o havia jurado. Pois ela diz: "Meu coração se fortalece no Senhor, e meu poder se exalta em meu Deus; minha boca se dilata sobre meus inimigos; me alegro na tua salvação, porque não há santo como o Senhor, e nenhum é justo como o nosso Deus; não há outro santo além de ti. Não te glories com tanta soberba, nem fales altivez, nem saias da tua boca altivez; porque o Deus da ciência é o Senhor, e o Deus que prepara o seu desígnios curiosos. O arco dos poderosos Ele enfraqueceu, e os fracos são cingidos de força. Os que estavam cheios de pão diminuíram, e os famintos passaram para além da terra; porque a estéril nasceu sete, e a que muitos filhos se debilita. O Senhor mata e vivifica; faz descer aos infernos e

ressuscita; o Senhor empobrece e enriquece; abate e exalta; levanta do pó o pobre, e levanta o mendigo do monturo, para colocá-lo entre os poderosos do [Seu] povo, e eles herdaram o trono de glória; dando o voto ao que faz o voto, e abençoou os anos do justo; porque o homem não é poderoso em força. O Senhor enfraquecerá o seu adversário: o Senhor é santo. Não deixe o prudente; glorie-se em sua prudência e não deixe que o poderoso se glorie em seu poder; e não se glorie o rico nas suas riquezas; mas o que se gloriar glorie-se nisto, em entender e conhecer o Senhor, e praticar juízo e justiça no meio da terra. O Senhor subiu aos céus e tropejou; ele julgará os confins da terra, porque é justo; e dá força aos nossos reis, e exalta o poder do seu Cristo”.

2. Você diz que estas são as palavras de uma mulher solteira e fraca dando graças pelo nascimento de um filho? Pode a mente dos homens ser tão avessa à luz da verdade a ponto de não perceber que as palavras que esta mulher derrama excedem sua medida? Além disso, aquele que está adequadamente interessado nessas coisas que já começaram a ser cumpridas também nesta peregrinação terrena, ele não aplica sua mente e percebe e reconhece isso através desta mulher - cujo próprio nome, que é Hannah, significa "Sua graça" - a própria religião cristã, a própria cidade de Deus, cujo rei e fundador é Cristo, em suma, a própria graça de Deus, assim falou pelo Espírito profético, pelo qual os orgulhosos são exterminados para que eles caem, e os humildes se enchem de modo que se levantam, o que esse hino principalmente celebra? A menos que alguém diga que esta mulher não profetizou nada, mas apenas louvou a Deus com exultante louvor por causa do filho que ela obteve em resposta à oração. O que então ela quer dizer quando diz: “O arco dos poderosos Ele enfraqueceu, e os fracos se cingiram de força; os que estavam cheios de pão diminuíram, e os famintos foram além da terra; porque o estéril nasceu sete, e a que tem muitos filhos se enfraqueceu?” Teria ela nascido sete anos, embora fosse estéril? Ela tinha apenas um quando disse isso; nem ela deu à luz sete depois, nem seis, com quem o próprio Samuel poderia ser o sétimo, mas três machos e duas fêmeas. E então, quando ainda ninguém era rei sobre aquele povo, de onde, se ela não profetizou, ela

disse o que ela põe no final: "Ele dá força aos nossos reis, e exaltará o poder do seu Cristo? "

3. Portanto, que a Igreja de Cristo, a cidade do grande Rei, cheia de graça, prolífica de filhos, diga o que a profecia proferida sobre ela há muito tempo pela boca desta piedosa mãe confessa: "Meu coração é feito forte no Senhor, e o meu poder é exaltado no meu Deus". Seu coração é verdadeiramente fortalecido, e seu poder é verdadeiramente exaltado, porque não em si mesma, mas no Senhor seu Deus. "Minha boca está dilatada sobre meus inimigos"; porque mesmo em apuros a palavra de Deus não está presa, nem mesmo em pregadores que estão presos.³ "Estou alegre", diz ela, "na tua salvação". Este é o próprio Cristo Jesus, a quem o velho Simeão, como lemos no Evangelho, abraçando como um pequenino, mas reconhecendo como grande, disse: "Senhor, agora deixa em paz o teu servo, porque os meus olhos viram a tua salvação." Portanto, pode a Igreja dizer: "Eu me alegro em Tua salvação. Pois não há santo como o Senhor, e nenhum é justo como nosso Deus"; como santo e santificador, justo e justificador.⁵ "Não há santo além de Ti"; porque ninguém se torna assim, exceto por causa de Ti. E então segue: "Não se glorie com tanta soberba, e não fale coisas altivas, nem deixe que a vaidade saia de sua boca. Pois o Deus de conhecimento é o Senhor." Ele conhece você mesmo quando ninguém sabe; pois "aquele que pensa ser alguma coisa quando nada é, engana-se a si mesmo". Estas coisas são ditas aos adversários da cidade de Deus que pertencem à Babilônia, que se atrevem em suas próprias forças e se gloriam em si mesmos, não no Senhor; dos quais são também os israelitas carnais, os habitantes terrestres da Jerusalém terrena, que, como diz o apóstolo, "ignorando a justiça de Deus",⁷ isto é, a qual Deus, o único justo e justificador, dá ao homem, "e desejando estabelecer o seu próprio", isto é, que é como se adquirido por eles mesmos, não concedido por Ele, "não está sujeito à justiça de Deus", só porque é orgulhoso, e pensam que podem agradar a Deus com os seus, não com o que é de Deus, que é o Deus do conhecimento, e, portanto, também cuida das consciências, vendo os pensamentos dos homens de que são vãos, se forem dos homens, e não são dEle. "E preparando", diz ela, "Seus desenhos curiosos." Que desenhos curiosos

achamos que são esses, exceto que os orgulhosos devem cair e os humildes se levantar? Esses curiosos desígnios ela relata, dizendo: "O arco dos poderosos é enfraquecido, e os fracos são cingidos de força". O arco é enfraquecido, isto é, a intenção daqueles que se julgam tão poderosos, que sem o dom e a ajuda de Deus são capazes pela suficiência humana de cumprir os mandamentos divinos; e aqueles estão cingidos de força cujo clamor interior é: "Tem misericórdia de mim, ó Senhor, porque sou fraco".

4. "Os que estavam cheios de pão", diz ela, "estão diminuídos, e os famintos foram além da terra". Quem deve ser entendido como cheio de pão, exceto aqueles mesmos que eram como se fossem poderosos, isto é, os israelitas, a quem foram confiados os oráculos de Deus? Mas nesse povo os filhos da escrava eram diminuídos – com essa palavra menos, embora seja latina, é bem expressa a ideia de que, sendo maiores, diminuíram – porque, mesmo no próprio pão, isto é, os oráculos divinos, que somente os israelitas de todas as nações receberam, eles saboreiam as coisas terrenas. Mas as nações às quais essa lei não foi dada, depois de terem chegado a esses oráculos pelo Novo Testamento, com muita sede, foram além da terra, porque nelas saborearam não as coisas terrenas, mas as celestiais. E a razão pela qual isso é feito é como se procurasse; "pois a estéril", diz ela, "nasceu sete, e a que tem muitos filhos se enfraqueceu". Aqui tudo o que havia sido profetizado resplandeceu para aqueles que entenderam o número sete, que significa a perfeição da Igreja universal, razão pela qual também o apóstolo João escreve às sete igrejas, mostrando assim que escreve para a totalidade de a única Igreja; e nos Provérbios de Salomão é dito outrora, prefigurando isto: "A sabedoria edificou a sua casa, ela fortaleceu as suas sete colunas." Vemos também que a Jerusalém temporal, que teve muitos filhos, está agora enfraquecida. Porque quem nela era filho da mulher livre era a sua força; mas agora, visto que a letra está lá, e não o espírito, tendo perdido sua força, ela está enfraquecida.

5. "O Senhor mata e vivifica:" Ele matou aquela que tinha muitos filhos, e deu vida a esta estéril, de modo que ela deu à luz sete. Embora

possa ser mais adequadamente entendido que Ele deu vida aos mesmos que Ele matou. Pois ela, por assim dizer, repete isso acrescentando: "Ele faz descer ao inferno e o faz subir". A quem verdadeiramente o apóstolo diz: "Se estais mortos com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à direita de Deus". Portanto, eles são mortos pelo Senhor de maneira salutar, de modo que ele acrescenta: "Saboreie as coisas que são de cima, não as coisas da terra"; de modo que estes são os que, famintos, passaram além da terra. "Pois estais mortos", diz ele: eis como Deus mata salvadoramente! Então segue-se: "E sua vida está escondida com Cristo em Deus:" veja como Deus vivifica o mesmo! Mas Ele os traz para o inferno e os traz de volta? É sem controvérsia entre os crentes que melhor vemos ambas as partes desta obra cumpridas nEle, a saber, nosso Cabeça, com quem o apóstolo disse que nossa vida está escondida em Deus. "Pois quando ele não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós",⁷ dessa forma, certamente, ele o matou. E visto que Ele o ressuscitou dentre os mortos, Ele o ressuscitou. E uma vez que Sua voz é reconhecida na profecia: "Não deixarás minha alma no inferno", Ele O trouxe para o inferno e O ressuscitou. Por esta Sua pobreza somos feitos ricos;⁹ pois "o Senhor empobrece e enriquece". Mas para que possamos saber o que é isso, vamos ouvir o que se segue: "Ele abaixa e eleva"; e verdadeiramente Ele humilha os orgulhosos e exalta os humildes. Que também lemos em outro lugar: "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes". Este é o fardo de toda a canção desta mulher cujo nome é interpretado como "Sua graça".

6. Além disso, o que é acrescentado: "Ele levanta os pobres da terra", eu não entendo de ninguém melhor do que daquele que, como foi dito há pouco, "se fez pobre por nós, quando era rico, que por Sua pobreza nós podemos ficar ricos." Pois Ele o ressuscitou da terra tão rapidamente que Sua carne não viu corrupção. Nem devo desviar dele o que é acrescentado: "E levanta o pobre do monturo". Pois, de fato, aquele que é o pobre também é o mendigo. Mas pelo monturo do qual ele é levantado, temos a maior razão para entender os judeus perseguidores, dos quais o apóstolo diz, ao contar que quando

pertencia a eles perseguia a Igreja: "O que para mim era lucro, aqueles Eu considereí perda por causa de Cristo, e não apenas considereí perda, mas também esterco, para ganhar a Cristo." 12 Portanto, aquele pobre é levantado da terra acima de todos os ricos, e aquele mendigo é levantado daquela monturo acima de todos os ricos, "para que ele possa sentar-se entre os poderosos do povo", a quem Ele diz: "Vocês se sentarão em doze tronos", "e para fazê-los herdar o trono de glória". Pois esses poderosos disseram: "Eis que abandonamos tudo e Te seguimos". Eles haviam jurado poderosamente este voto.

7. Mas de onde eles recebem isso, exceto dAquele de quem é imediatamente dito aqui: "Dando o voto ao que faz o voto?" Caso contrário, seriam daqueles poderosos cujo arco está enfraquecido. "Dando", ela diz, "o voto para aquele que faz o voto." Pois ninguém poderia prometer nada aceitável a Deus, a menos que recebesse dEle o que poderia votar. Segue-se: "E abençoou os anos do justo", a saber, que ele possa viver para sempre com Aquele a quem se diz: "E os teus anos não terão fim". Pois ali permanecem os anos; mas aqui eles passam, sim, eles perecem; porque antes que eles venham eles não são, e quando eles vierem eles não serão, porque eles trazem seu próprio fim com eles. Agora, destes dois, isto é, "dar o voto ao que faz o voto" e "Ele abençoou os anos do justo", um é o que fazemos, o outro o que recebemos. Mas este outro não é recebido de Deus, o doador liberal, até que Ele, o auxiliador, Ele mesmo nos capacite para o primeiro; "porque o homem não é poderoso em força." "O Senhor enfraquecerá o seu adversário", a saber, aquele que inveja o homem que faz votos e resiste a ele, para que não cumpra o que prometeu. Devido à ambiguidade do grego, também pode ser entendido "seu próprio adversário". Pois quando Deus começa a nos possuir, imediatamente aquele que foi nosso adversário se torna dele e é conquistado por nós; mas não por nossa própria força, "porque o homem não é poderoso em força". Portanto, "o Senhor enfraquecerá o seu adversário, o Senhor é santo", para que ele seja conquistado pelos santos, a quem o Senhor, o Santo dos santos, fez santos. 8. Por esta razão, "não se glorie o prudente na sua prudência, nem o poderoso se glorie na sua força, nem o rico se glorie nas suas riquezas; mas o que

se gloriar glorie-se nisto: entender e conhecer Senhor, e fazer juízo e justiça no meio da terra", Ele em grande medida entende e conhece o Senhor que entende e sabe que até isso, que ele pode entender e conhecer o Senhor, é dado a ele pelo Senhor. "Pois que tens", diz o apóstolo, "que não tenhas recebido? Mas, se o recebeste, por que te glorias como se não o tivesses recebido?" Isto é, como se você tivesse de si mesmo do que poderia se gloriar. Agora, ele faz julgamento e justiça quem vive corretamente. Mas vive bem aquele que rende obediência a Deus quando Ele ordena. "O fim do mandamento", isto é, ao qual o mandamento se refere, "é a caridade de um coração puro, e uma boa consciência, e uma fé não fingida". Além disso, essa "caridade", como testifica o apóstolo João, "é de Deus"². Portanto, fazer justiça e julgar é de Deus. Mas o que está "no meio da terra?" Pois aqueles que habitam nos confins da terra não devem fazer julgamento e justiça? Quem diria isso? Por que, então, é acrescentado: "No meio da terra?" Pois se isso não tivesse sido acrescentado, e apenas tivesse sido dito: "Para fazer julgamento e justiça", esse mandamento teria pertencido a ambos os tipos de homens - tanto os que moram no interior quanto os que estão no litoral. Mas, para que ninguém pense que, após o fim da vida vivida neste corpo, resta um tempo para fazer julgamento e justiça que ele não fez enquanto estava na carne, e que o julgamento divino pode ser escapado, "no meio da terra" parece-me ser dito do tempo em que cada um vive no corpo; pois nesta vida cada um carrega sua própria terra, que, ao morrer de um homem, a terra comum leva de volta, para ser certamente devolvida a ele em sua ressurreição. Portanto, "no meio da terra", isto é, enquanto nossa alma está encerrada neste corpo terreno, o julgamento e a justiça devem ser feitos, o que será proveitoso para nós no futuro, quando "cada um receberá de acordo com o que fez no corpo, seja bom ou mau". Pois quando o apóstolo diz "no corpo", ele quer dizer no tempo em que viveu no corpo. No entanto, se alguém blasfemar com mente maliciosa e pensamento ímpio, sem que nenhum membro de seu corpo esteja empregado nisso, ele não será inocente, porque não o fez com movimento corporal, pois o terá feito no tempo em que o fez. passou no corpo. Da mesma forma, podemos entender adequadamente o que lemos no salmo: "Mas Deus, nosso Rei

antes dos mundos, operou a salvação no meio da terra”; 4 para que o Senhor Jesus seja entendido como nosso Deus que é antes dos mundos, porque por Ele os mundos foram feitos, operando a nossa salvação no meio da terra, pois o Verbo se fez carne e habitou em um corpo terreno.

9. Então, depois que Ana profetizou com estas palavras, que aquele que se gloria não deve gloriar-se em si mesmo, mas no Senhor, ela diz, por causa da retribuição que virá no dia do julgamento: "O Senhor subiu aos céus e trovejou; ele julgará os confins da terra, porque é justo". Por toda parte ela mantém a ordem do credo dos cristãos: Pois o Senhor Cristo subiu ao céu e deve vir de lá para julgar os vivos e os mortos. Pois, como diz o apóstolo: "Quem subiu, senão aquele que também desceu às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas". trovejou através de Suas nuvens, as quais Ele encheu com Seu Espírito Santo quando Ele ascendeu. Sobre a qual a serva Jerusalém – isto é, a vinha infrutífera – é ameaçada no profeta Isaías de que não choverá sobre ela. Mas "Ele julgará os confins da terra" é falado como se tivesse sido dito "até os extremos da terra". Pois isso não significa que Ele não julgará as outras partes da terra, que, sem dúvida, julgarão todos os homens. Mas é melhor entender pelos extremos da terra os extremos do homem, pois não serão julgadas as coisas que, no meio tempo, mudarão para melhor ou para pior, mas o fim em que será encontrado aquele que é julgado. Por essa razão é dito: "Aquele que perseverar até o fim, esse será salvo". Aquele, portanto, que perseverantemente faz julgamento e justiça no meio da terra não será condenado quando os extremos da terra forem julgados. "E dá", diz ela, "força aos nossos reis", para que Ele não os condene no julgamento. Ele lhes dá força pela qual, como reis, governam a carne e conquistam o mundo nAquele que derramou Seu sangue por eles. "E exaltará o poder do Seu Cristo." Como Cristo exaltará o chifre de Seu Cristo? Pois Aquele de quem foi dito acima: "O Senhor subiu aos céus", significando o próprio Senhor Cristo, como é dito aqui, "exaltará o poder de Seu Cristo". Quem, portanto, é o Cristo de Seu Cristo? Isso significa que Ele exaltará o chifre de cada um de Seu povo crente,

como ela diz no início deste hino: "Meu chifre é exaltado em meu Deus?" Pois podemos com razão chamar todos os cristos que são ungidos com o seu crisma, pois todo o corpo com a cabeça é um só Cristo. 4 Estas coisas profetizou Ana, mãe de Samuel, o homem santo e muito De fato, a mudança do antigo sacerdócio foi então imaginada e agora está cumprida, uma vez que aquela que teve muitos filhos está enfraquecida, para que o estéril que nasceu sete possa ter o novo sacerdócio em Cristo.

CAPÍTULO. 5.-DAQUELAS COISAS QUE UM HOMEM DE DEUS FALA PELO ESPÍRITO A ELI, O SACERDOTE

1. Mas isso é dito mais claramente por um homem de Deus enviado ao próprio Eli, o sacerdote, cujo nome de fato não é mencionado, mas cujo ofício e ministério mostram que ele foi indubitavelmente um profeta. Pois assim está escrito: "E veio um homem de Deus a Eli, e disse: Assim diz o Senhor: Eu me revelei claramente à casa de teu pai, quando estavam na terra do Egito escravos na casa de Faraó; e escolhi a casa de teu pai de todos os cetros de Israel para me ocupar o ofício de sacerdote, para subir ao meu altar, para queimar incenso e usar o éfode; e dei por mantimento a casa de teu pai todas as ofertas queimadas do filhos de Israel. Por que olhaste para o meu incenso e para as minhas ofertas com olhos insolentes, e glorificaste a teus filhos acima de mim, para abençoares as primícias de todo sacrifício em Israel diante de mim? Portanto, assim diz o Senhor Deus de Israel, eu disse que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim para sempre; mas agora diz o Senhor: Afasta-te de mim, porque honrarei aos que me honram, e aquele que me despreza será desprezado. virão os dias em que cortarei a tua descendência e a descendência da casa de teu pai, e tu nunca terei um velho em minha casa. E exterminarei o teu homem do meu altar, para que se consumam os seus olhos, e se desfaça o seu coração; e todo o que ficar da tua casa cairá à espada dos homens. E isto te será um sinal que virá sobre estes teus dois filhos, Hofni e Finéias; em um dia morrerão ambos. E suscitarei para mim um sacerdote fiel, que fará conforme tudo o que está no meu coração e

na minha alma; e eu lhe edificarei uma casa segura, e ele andar\u00e1 diante do meu Cristo para sempre. E acontecer\u00e1 que aquele que ficar em tua casa vir\u00e1 ador\u00e1-lo com um peda\u00e7o de dinheiro, dizendo: P\u00f5e-me numa parte do teu sacerd\u00f3cio, para que eu coma p\u00e3o”.

2. N\u00e3o podemos dizer que esta profecia, na qual a mudan\u00e7a do antigo sacerd\u00f3cio \u00e9 predita com tanta clareza, foi cumprida em Samuel; pois, embora Samuel n\u00e3o fosse de outra tribo al\u00e9m daquela que havia sido designada por Deus para servir no altar, ainda assim ele n\u00e3o era dos filhos de Ar\u00e3o, cuja descend\u00eancia foi separada para que os sacerdotes fossem retirados dela. E assim, por essa transa\u00e7\u00e3o, tamb\u00e9m a mesma mudan\u00e7a que deveria acontecer por meio de Cristo Jesus \u00e9 obscurecida, e a pr\u00f3pria profecia em a\u00e7\u00e3o, n\u00e3o em palavras, pertencia ao Antigo Testamento propriamente, mas figurativamente ao Novo, significando pelo fato apenas o que foi dito pela palavra a Eli, o sacerdote, por meio do profeta. Pois houve depois sacerdotes da ra\u00e7a de Ar\u00e3o, como Zadoque e Abiatar durante o reinado de Davi, e outros em sucess\u00e3o, antes que chegasse o tempo em que as coisas que foram preditas tanto tempo antes sobre a mudan\u00e7a do sacerd\u00f3cio deveriam ser cumpridas por Cristo. Mas quem agora v\u00ea essas coisas com olhos crentes n\u00e3o v\u00ea que elas s\u00e3o cumpridas? Visto que, de fato, nenhum tabern\u00e1culo, nenhum templo, nenhum altar, nenhum sacrif\u00edcio e, portanto, nenhum sacerdote permaneceu para os judeus, a quem foi ordenado na lei de Deus que ele fosse ordenado da semente de Ar\u00e3o; que tamb\u00e9m \u00e9 mencionado aqui pelo profeta, quando ele diz: “Assim diz o Senhor Deus de Israel: Eu disse que a tua casa e a casa de teu pai andar\u00e3o diante de mim para sempre; aos que me honram, honrarei, e quem me despreza ser\u00e1 desprezado”. Pois, ao nomear a casa de seu pai, ele n\u00e3o quer dizer a de seu pai imediato, mas a de Ar\u00e3o, que primeiro foi nomeado sacerdote, a ser sucedido por outros descendentes dele, \u00e9 mostrado pelas palavras anteriores, quando ele diz: “Eu foi revelado \u00e0 casa de teu pai, quando estavam na terra do Egito escravos na casa de Fara\u00f3; e escolhi a casa de teu pai dentre todos os cetros de Israel para me ocupar o of\u00edcio de sacerdote”. Qual dos pais naquela escravid\u00e3o eg\u00edpcia, sen\u00e3o Ar\u00e3o, era seu pai, que, quando foram libertados, foi escolhido para o sacerd\u00f3cio? Era de sua

linhagem, portanto, ele disse nesta passagem que deveria acontecer que eles não fossem mais sacerdotes; que já vemos cumprido. Se a fé estiver vigilante, as coisas estão diante de nós: elas são discernidas, são apreendidas e são forçadas aos olhos dos relutantes, para que sejam vistas: "Eis que vêm os dias", diz ele, "em que cortarei a tua descendência e a descendência da casa de teu pai, e nunca terás um ancião em minha casa. ." Eis que os dias que foram anunciados já chegaram. Não há sacerdote segundo a ordem de Arão; e quem é um homem de sua linhagem, quando vê o sacrifício dos cristãos prevalecendo sobre o mundo inteiro, mas essa grande honra tirada de si mesmo, seus olhos desfalecem e sua alma se derrete consumida pela dor.

3. Mas o que se segue pertence propriamente à casa de Eli, a quem estas coisas foram ditas: "E todo o resto da tua casa cairá pela espada dos homens. E isso será um sinal para ti que há de vir sobre estes teus dois filhos, Hofni e Finéias; em um dia ambos morrerão os dois". Isso, portanto, é feito um sinal da mudança do sacerdócio da casa deste homem, pelo qual é significado que o sacerdócio da casa de Arão deve ser mudado. Porque a morte dos filhos deste homem não significou a morte dos homens, mas do próprio sacerdócio dos filhos de Arão. Mas o que se segue pertence àquele Sacerdote que Samuel tipificou ao suceder este. Portanto, as coisas que se seguem são ditas de Cristo Jesus, o verdadeiro Sacerdote do Novo Testamento: "E eu suscitarei para mim um sacerdote fiel, que fará conforme tudo o que está no meu coração e na minha alma; e eu o edificarei uma casa segura." O mesmo é a Jerusalém eterna acima. "E Ele andarà", diz Ele, "sempre diante de meu Cristo". "Ele andarà" significa "com quem ele deve estar familiarizado", assim como Ele havia dito antes da casa de Arão: "Eu disse que a tua casa e a casa de teu pai andarão diante de mim para sempre". Mas o que Ele diz, "Ele andarà diante do meu Cristo", deve ser entendido inteiramente da própria casa, não do sacerdote, que é o próprio Cristo, o Mediador e Salvador. Sua casa, portanto, andarà diante dele. "Andarà" também pode ser entendido como significando da morte para a vida, todo o tempo que essa mortalidade passar, até o fim deste mundo. Mas onde Deus diz: "Quem fará tudo o que está em

meu coração e em minha alma", não devemos pensar que Deus tem uma alma, pois Ele é o Autor das almas; mas isso é dito de Deus tropicalmente, não propriamente, assim como se diz que Ele tem mãos e pés, e outros membros corporais. E, para que não se suponha de tal linguagem que o homem na forma desta carne é feito à imagem de Deus, asas também são atribuídas a Ele, o que o homem não tem; e é dito a Deus: "Esconde-me sob a sombra de Tuas asas", para que os homens possam entender que tais coisas são ditas daquela natureza inefável não em palavras apropriadas, mas figuradas.

4. Mas o que é acrescentado: "E acontecerá que aquele que ficar em tua casa virá adorá-lo", não é dito adequadamente da casa deste Eli, mas daquele Arão, cujos homens permaneceram até o advento de Jesus Cristo, de cuja raça não faltam homens até o presente. Pois daquela casa de Eli já havia sido dito acima: "E cada um da tua casa que ficar cairá pela espada dos homens". Como, portanto, poderia ser verdadeiramente dito aqui: "E acontecerá que todo o que resta virá a adorá-lo", se isso é verdade, que ninguém escapará da espada vingadora, a menos que a tenha? entendido daqueles que pertencem à raça de todo aquele sacerdócio segundo a ordem de Arão? Portanto, se é destes o remanescente predestinado, sobre quem outro profeta disse: "O remanescente será salvo"; de onde o apóstolo também diz: "Assim, pois, neste tempo também o remanescente, segundo a eleição da graça, é salvo"; casa", com certeza ele acredita em Cristo; assim como no tempo do apóstolo muitos daquela nação creram; nem estão faltando aqueles, embora muito poucos, que ainda creem, e neles se cumpre o que este homem de Deus aqui imediatamente acrescentou: "Ele virá adorá-lo com um pedaço de dinheiro"; adorar a quem, se não ao sumo sacerdote, que também é Deus? Pois naquele sacerdócio segundo a ordem de Arão, os homens não vinham ao templo ou altar de Deus com o propósito de adorar o sacerdote. Mas o que é que ele diz: "Com um pedaço de dinheiro", se não a curta palavra de fé, sobre a qual o apóstolo cita o ditado: "Uma palavra consumadora e encurtadora fará o Senhor sobre a terra?" Mas esse dinheiro é colocado para a palavra o salmo é uma testemunha, onde é cantado: "As palavras do Senhor são palavras puras, dinheiro provado com

fogo".

5. O que diz então aquele que vem adorar o sacerdote de Deus, mesmo o sacerdote que é Deus? "Coloque-me em uma parte do Teu sacerdócio, para comer pão." Não desejo ser colocado na honra de meus pais, que não é nenhuma; coloca-me em parte do Teu sacerdócio. Pois "escolhei ser mau em Tua casa"; Desejo ser membro de Teu sacerdócio, não importa o que seja ou quão pequeno seja. Por sacerdócio ele aqui se refere ao próprio povo, do qual Ele é o Sacerdote que é o Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus.⁶ Este povo o apóstolo Pedro chama de "povo santo, sacerdócio real". Mas alguns traduziram "Do Teu sacrifício", não "Do Teu sacerdócio", que não significa menos o mesmo povo cristão. Daí o apóstolo Paulo diz: "Nós, sendo muitos, somos um só pão, um só corpo."⁸ [E novamente ele diz: "Apresentem seus corpos em sacrifício vivo."] O que, portanto, ele acrescentou, "comer pão", também expressa elegantemente o próprio tipo de sacrifício do qual o próprio Sacerdote diz: "O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo". este é o sacrifício, não segundo a ordem de Arão, mas segundo a ordem de Melquisedeque; quem lê, entenda. coma pão", é em si a moeda, pois é breve, e é a Palavra de Deus que habita no coração de quem crê. Pois, porque Ele havia dito acima, que Ele havia dado por comida à casa de Arão as vítimas sacrificais do Antigo Testamento, onde Ele diz: "Eu dei por comida a casa de teu pai todas as coisas que são oferecidas por fogo dos filhos de Israel, "que de fato eram os sacrifícios dos judeus; portanto, aqui Ele disse: "Comer pão", que é no Novo Testamento o sacrifício dos cristãos.

CAPÍTULO. 6.-DO SACERDÓCIO E REINO JUDAICO, QUE, EMBORA PROMETIDO SER ESTABELECIDO PARA SEMPRE, NÃO CONTINUOU; PARA QUE OUTRAS COISAS DEVEM SER ENTENDIDAS PARA AS QUAIS A ETERNIDADE É GARANTIDA

1. Embora, portanto, essas coisas agora brilhem tão claramente quanto

foram preditas com maestria, ainda assim alguém pode não ser levado a perguntar em vão: Como podemos estar confiantes de que todas as coisas que estão preditas nesses livros devem acontecer? por vir, se esta mesma coisa que é divinamente dita: “Tua casa e a casa de teu pai andarão diante de mim para sempre”, não poderia ter efeito? Pois vemos que o sacerdócio foi mudado; e não pode haver esperança de que o que foi prometido a essa casa possa ser cumprido algum dia, porque o que consegue ser rejeitado e mudado é predito como eterno. Aquele que diz isso ainda não entende, ou não se lembra, que esse mesmo sacerdócio, segundo a ordem de Arão, foi designado como a sombra de um futuro sacerdócio eterno; e, portanto, quando a eternidade lhe é prometida, não é prometida à mera sombra e figura, mas ao que é sombreado e prefigurado por ela. Mas para que não se pense que a própria sombra permaneceria, portanto sua mutação também deveria ser predita.

2. Desta forma, também, o reino do próprio Saul, que certamente foi reprovado e rejeitado, era a sombra de um reino ainda por vir, que deveria permanecer para a eternidade. Pois, de fato, o óleo com o qual ele foi ungido, e desse crisma ele é chamado de Cristo, deve ser tomado em um sentido místico e deve ser entendido como um grande mistério; que o próprio Davi venerava tanto nele, que estremeceu com o coração ferido quando, estando escondido em uma caverna escura, na qual Saul também entrou quando pressionado pela necessidade da natureza, ele veio secretamente atrás dele e cortou um pequeno pedaço de seu manto, para que pudesse provar como o poupou quando poderia tê-lo matado e, assim, remover de sua mente a suspeita pela qual perseguira veementemente o santo Davi, pensando que ele era seu inimigo. Portanto, ele estava com muito medo de ser acusado de violar um mistério tão grande em Saul , porque ele havia se intrometido até mesmo em suas roupas. Pois assim está escrito: "E o coração de Davi o feriu, porque ele havia tirado a aba do seu manto." Mas aos homens que estavam com ele, que o aconselharam a destruir Saulo assim entregue em suas mãos, ele disse: "O Senhor me livre de fazer isso com meu senhor, o Cristo do Senhor, de colocar minha mão sobre ele, porque ele é o Cristo do Senhor." Portanto, ele mostrou

grande reverência a essa sombra do que estava por vir, não por si mesma, mas por causa do que ela prefigurava. Daí também o que Samuel diz a Saul: “Visto que não guardaste o meu mandamento, que o Senhor te ordenou, ao passo que agora o Senhor quer preparar para sempre o teu reino sobre Israel, agora o teu reino não continuará para ti; e o Senhor buscar-lhe-á um homem segundo o seu coração, e o Senhor lhe ordenará que seja príncipe sobre o seu povo, porque não guardaste o que o Senhor te ordenou”,² não deve ser tomado como se Deus tivesse estabelecido que o próprio Saul deveria reinar para sempre, e depois, em seu pecado, não cumpriria essa promessa; nem ignorava que pecaria, mas havia estabelecido seu reino para que pudesse ser uma figura do reino eterno. Portanto, ele acrescentou: "Ainda agora o teu reino não continuará para ti." Portanto, o que significou permaneceu e permanecerá; mas isso não valerá para este homem, porque ele mesmo não deveria reinar para sempre, nem sua descendência; para que pelo menos essa palavra “para sempre” pareça ser cumprida através de sua posteridade de um para o outro. "E o Senhor", diz ele, "buscará para Ele um homem", significando ou Davi ou o Mediador do Novo Testamento, que foi figurado no crisma com o qual Davi também e sua descendência foram ungidos. Mas não é como se Ele não soubesse onde estava que Deus assim O procura um homem, mas, falando por meio de um homem, Ele fala como um homem, e nesse sentido nos procura. Pois não só a Deus Pai, mas também ao seu Unigênito, que veio buscar o que estava perdido,⁴ já éramos conhecidos até o ponto de sermos escolhidos nele antes da fundação do mundo. "Ele O buscará" significa, portanto, que Ele terá os Seus (como se Ele tivesse dito, Quem Ele já sabia ser Seu, Ele mostrará aos outros como Seu amigo). De onde, em latim, esta palavra (quærit) recebe uma preposição e se torna acquirit (adquires), cujo significado é bastante claro; embora mesmo sem a adição da preposição quærere seja entendido como adquirirre, de onde os ganhos são chamados quæstus.

CAPÍTULO. 7.-DA INTERRUPÇÃO DO REINO DE ISRAEL

1. Novamente Saul pecou por desobediência, e novamente Samuel lhe disse na palavra do Senhor: "Porque desprezaste a palavra do Senhor, o Senhor te desprezou, para que não sejas rei sobre Israel." E novamente pelo mesmo pecado, quando Saul o confessou, e orou por perdão, e rogou a Samuel que voltasse com ele para apaziguar o Senhor, ele disse: "Não voltarei contigo, porque desprezaste a palavra do Senhor, E o Senhor te desprezará, para que não sejas rei sobre Israel. E Samuel virou o rosto para ir embora, e Saul agarrou a aba do seu manto, e o rasgou. E Samuel lhe disse: O Senhor rasgou o o reino de Israel da tua mão hoje, e o dará ao teu próximo, que é superior a ti, e dividirá Israel em dois; e ele não será mudado, nem se arrependerá; porque ele não é como um homem , para que se arrependa; que ameaça e não persiste."7 Aquele a quem é dito: "O Senhor te desprezará para que não sejas rei sobre Israel", e "O Senhor rasgou o reino de Israel de tua mão hoje", reinou quarenta anos sobre Israel, isto é, tanto tempo quanto o próprio Davi, mas ouviu isso na primeira vez. período de seu reinado, para que possamos entender que foi dito porque nenhum de raça oculta deveria reinar, e para que possamos olhar para a raça de Davi, de onde também procedeu, segundo a carne, o Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus.2

2. Mas a Escritura não tem o que é lido na maioria das cópias latinas: "O Senhor rasgou hoje da tua mão o reino de Israel", mas, assim como o estabelecemos, encontra-se nas cópias gregas: "O Senhor arrancou da tua mão o reino de Israel; que as palavras "da tua mão" podem ser entendidas como "de Israel". Portanto, este homem representava figurativamente o povo de Israel, que deveria perder o reino, Cristo Jesus, nosso Senhor, prestes a reinar, não carnalmente, mas espiritualmente. E quando se diz dele: "E o dará ao teu próximo", isso deve ser referido ao parentesco carnal, pois Cristo, segundo a carne, era de Israel, de onde também Saulo nasceu. Mas o que é acrescentado, "Bom acima de ti", pode de fato ser entendido, "Melhor do que você", e de fato alguns o traduziram assim; mas é melhor tomar assim, "Bom acima de ti", no sentido de que porque Ele é bom, portanto Ele deve estar acima de ti, de acordo com aquele outro ditado profético: "Até que eu coloque todos os Teus inimigos debaixo dos

Teus pés". E entre eles está Israel, de quem, como seu perseguidor, Cristo tirou o reino; embora o Israel em quem não havia dolo também estivesse lá, uma espécie de grão, por assim dizer, daquela palha. Pois certamente dali vieram os apóstolos, daí tantos mártires, dos quais Estevão é o primeiro, daí tantas igrejas, que o apóstolo Paulo nomeia, engrandecendo a Deus em sua conversão.

3. Do que não duvido, o que se segue deve ser entendido: "E dividirá Israel em dois", a saber, em Israel pertencente à escrava e Israel pertencente à livre. Pois esses dois tipos estavam no início juntos, como Abraão ainda se apegou à escrava, até que a estéril, fecundada pela graça de Deus, clamou: "Lança a escrava e seu filho". Sabemos, de fato, que por causa do pecado de Salomão, no reinado de seu filho Roboão, Israel foi dividido em dois, e continuou assim, as partes separadas tendo seus próprios reis, até que toda aquela nação foi derrubada com uma grande destruição, e levado pelos caldeus. Mas o que era isso para Saul, quando, se algo assim fosse ameaçado, seria ameaçado contra o próprio Davi, cujo filho Salomão era? Finalmente, a nação hebraica não está agora dividida internamente, mas está dispersa pela terra indiscriminadamente, na comunhão do mesmo erro. Mas aquela divisão com a qual Deus ameaçou o reino e o povo na pessoa de Saul, que os representava, mostra-se eterna e imutável por isto que é acrescentado: "E Ele não será mudado, nem se arrependerá; porque Ele é não como um homem, para que se arrependa; que ameaça e não persiste", isto é, um homem ameaça e não persiste, mas não Deus, que não se arrepende como o homem. Pois quando lemos que Ele se arrepende, significa uma mudança de circunstância, fluindo da presciência divina e imutável. Portanto, quando se diz que Deus não se arrepende, deve-se entender que Ele não muda.

4. Vemos que esta sentença relativa a esta divisão do povo de Israel, divinamente proferida nestas palavras, foi totalmente irremediável e perpétua. Pois quem se converteu, ou está se voltando, ou se converterá a Cristo, foi de acordo com a presciência de Deus, não de acordo com a única e mesma natureza da raça humana. Certamente nenhum dos israelitas que, apegados a Cristo, permaneceram nele,

jamais estará entre aqueles israelitas que persistem em ser Seus inimigos até o fim desta vida, mas permanecerão para sempre na separação que aqui é predita. Pois o Antigo Testamento, desde o Monte Sinai, que gera a escravidão, nada aproveita, a não ser porque dá testemunho do Novo Testamento. Caso contrário, por mais que Moisés seja lido, o véu é colocado sobre o coração; mas quando alguém dali se voltar para Cristo, o véu será retirado.⁶ Pois o próprio desejo daqueles que se voltam é mudado do antigo para o novo, de modo que cada um não deseja mais obter felicidade carnal, mas espiritual. Portanto, aquele grande, o próprio profeta Samuel, antes de ungir a Saul, quando ele clamou ao Senhor por Israel, e ele o ouviu, e quando ofereceu um holocausto, enquanto os estrangeiros vinham para pelejar contra o povo de Deus, e o Senhor trovejou acima deles e eles ficaram confusos, e caíram diante de Israel e foram vencidos; [então] ele pegou uma pedra e a colocou entre o antigo e o novo Masephat [Mizpeh], e chamou seu nome Ebenezer, que significa "a pedra do ajudante", e disse: "Até aqui o Senhor nos ajudou". Masephat é interpretado como "desejo". Essa pedra do ajudante é a mediação do Salvador, pela qual passamos do antigo Masephat ao novo, isto é, do desejo com que se esperava a felicidade carnal no reino carnal ao desejo com o qual a mais verdadeira felicidade espiritual é esperado no reino dos céus; e como nada é melhor do que isso, o Senhor nos ajuda até agora.

CAPÍTULO. 8.-DAS PROMESSAS FEITAS A DAVI EM SEU FILHO, QUE NÃO SÃO DE FORMA ALGUMA CUMPRIDAS EM SALOMÃO, MAS SIM, DE FORMA COMPLETA, EM CRISTO

1. E agora vejo que devo mostrar o que, no que diz respeito ao assunto de que trato, Deus prometeu ao próprio Davi, que sucedeu a Saul no reino, cuja mudança prefigurava aquela mudança final por causa da qual todas as coisas foram divinamente ditas, todas as coisas se comprometeram a escrever. Quando muitas coisas foram prósperas com o rei Davi, ele pensou em fazer uma casa para Deus, mesmo

aquele templo de excelente renome que foi posteriormente construído pelo rei Salomão, seu filho. Enquanto ele pensava nisso, veio a palavra do Senhor ao profeta Natã, a qual ele trouxe ao rei, na qual, depois de Deus ter dito que uma casa não deveria ser construída para ele pelo próprio Davi, e que em tudo o que Por muito tempo Ele nunca havia ordenado a nenhum de Seu povo que lhe construísse uma casa de cedro, ele diz: "E agora assim dirás ao meu servo Davi: Assim diz o Deus Todo-Poderoso: Tirei-te do curral das ovelhas para que fosses como governante do meu povo em Israel; e eu fui contigo por onde quer que fosses, e exterminei todos os teus inimigos de diante da tua face, e te fiz um nome, conforme o nome dos grandes que estão sobre a terra . E designarei um lugar para o meu povo Israel, e o plantarei, e ele habitará à parte, e não será mais perturbado, e o filho da impiedade não mais o humilhará, como desde o princípio, desde os dias quando designei juízes sobre o meu povo Israel, e te darei descanso de todos os teus inimigos, e O Senhor te dirá [te disse], porque para ele construirás uma casa. E acontecerá que, quando se cumprirem os teus dias, e dormires com teus pais, levantarei depois de ti a tua descendência, que sairá das tuas entranhas, e prepararei o seu reino. Ele me edificará uma casa ao meu nome; e ordenarei o seu trono até a eternidade. Eu serei seu Pai, e ele será meu filho. E, se cometer iniquidade, castigá-lo-ei com vara de homens, e com açoites de filhos de homens; mas não tirarei dele a minha misericórdia, como a tirei daqueles que de antes afastei. meu rosto. E a sua casa será fiel, e o seu reino para sempre diante de mim, e o seu trono será estabelecido para sempre".

2. Aquele que pensa que esta grande promessa foi cumprida em Salomão erra muito; pois ele atende ao ditado: "Ele me edificará uma casa", mas ele não atende ao ditado: "Sua casa será fiel, e seu reino para sempre diante de mim". Que ele, portanto, compareça e veja a casa de Salomão cheia de mulheres estranhas adorando deuses falsos, e o próprio rei, outrora sábio, seduzido por eles e lançado na mesma idolatria: e não ouse pensar que Deus prometeu isso falsamente, ou foi incapaz de prever que Salomão e sua casa se tornariam o que eles fizeram. Mas não devemos ter dúvidas aqui, ou ver o cumprimento

dessas coisas salvo em Cristo nosso Senhor, que foi feito da semente de Davi segundo a carne, para que não procuremos em vão e inutilmente outros aqui, como os judeus carnais. Pois mesmo eles entendem isso, que o filho de quem eles leram naquele lugar como prometido a Davi não era Salomão; de modo que, com maravilhosa cegueira para Aquele que foi prometido e agora é declarado com tão grande manifestação, eles dizem que esperam outro. De fato, mesmo em Salomão apareceu alguma imagem do evento futuro, em que ele construiu o templo e teve paz de acordo com seu nome (pois Salomão significa “pacífico”), e no início de seu reinado foi maravilhosamente louvável; mas enquanto, como uma sombra dAquele que deveria vir, ele predisse a Cristo nosso Senhor, ele também não se assemelhava a Ele em sua própria pessoa. De onde algumas coisas a respeito dele são escritas como se fossem profetizadas por ele mesmo, enquanto a Sagrada Escritura, profetizando até por eventos, de alguma forma delineia nele a figura das coisas por vir. Pois, além dos livros da história divina, nos quais seu reinado é narrado, o Salmo 72 também está inscrito no título com seu nome, no qual são ditas tantas coisas que não podem se aplicar a ele, mas que se aplicam ao Senhor Cristo com uma aptidão tão evidente que torna bastante evidente que em uma a figura é de alguma forma sombreada, mas na outra a própria verdade é apresentada. Pois é conhecido dentro de quais limites o reino de Salomão foi encerrado; e ainda nesse salmo, para não falar de outras coisas, lemos: "Ele terá domínio de mar a mar, e desde o rio até os confins da terra",³ que vemos cumprido em Cristo. Verdadeiramente ele tomou o início de Seu reinado do rio onde João batizou; para, quando apontado por ele. Ele começou a ser reconhecido pelos discípulos, que O chamavam não apenas de Mestre, mas também de Senhor.

3. Nem foi por qualquer outra razão que, enquanto seu pai Davi ainda estava vivo, Salomão começou a reinar, o que não aconteceu a nenhum outro de seus reis, exceto que a partir disso também pode ser claramente aparente que não era ele mesmo essa profecia falado a seu pai significava de antemão, dizendo: "E acontecerá que, quando os teus dias se cumprirem, e dormirás com teus pais, levantarei a tua

descendência, que sairá das tuas entranhas, e prepararei o seu reino." Como, portanto, deve ser pensado por causa do que se segue: "Ele me edificará uma casa", que este Salomão é profetizado, e não deve ser entendido por causa do que precede: "Quando teus dias forem cumpridos, e tu dorme com teus pais, levantarei a tua semente depois de ti", que outro Pacífico é prometido, que é predito como prestes a ser levantado, não antes da morte de Davi, como ele era, mas depois dela? Por mais longo que fosse o intervalo de tempo antes que Jesus Cristo viesse, sem dúvida foi depois da morte do rei Davi, a quem Ele foi prometido, que ele deveria vir, que deveria construir uma casa de Deus, não de madeira e pedra, mas de homens, como nos alegramos que Ele edifique. Pois para esta casa, isto é, para os crentes, o apóstolo diz: "Santo é o templo de Deus, templo que sois".

CAPÍTULO. 9.-COMO A PROFECIA SOBRE CRISTO NO SALMO 89 É PARA AS COISAS PROMETIDAS NA PROFECIA DE NATÃ NOS LIVROS DE SAMUEL

1. Portanto, também no Salmo 89, cujo título é "Uma instrução para si mesmo por Etã, o israelita", é feita menção às promessas que Deus fez ao rei Davi, e algumas coisas são adicionadas semelhantes às encontradas no Livro de Samuel, como este: "Jurei a Davi, meu servo, que prepararei sua semente para sempre". E ainda: "Então falaste em visão a teus filhos, e disseste: Auxiliei o poderoso, e exaltei o escolhido do meu povo. Encontrei Davi, meu servo, e com o meu santo óleo ungi-o, porque a minha mão o socorrerá, e o meu braço o fortalecerá; o inimigo não prevalecerá contra ele, e o filho da iniquidade não o fará mais dano. a quem o odeia porei em fuga, e a minha fidelidade e a minha misericórdia estarão com ele, e em meu nome se exaltará o seu poder; porei também a sua mão no mar, e a sua destra nos rios. clama a mim: Tu és meu Pai, meu Deus, e o agente da minha salvação. Também eu o farei meu primogênito, alto entre os reis da terra. Minha misericórdia guardarei para sempre para sempre, e minha aliança será fiel (certo) com ele. Sua semente também eu estabelecerei para todo o sempre, e seu trono como os dias do céu. entendidos, são todos

entendidos como sendo sobre o Senhor Jesus Cristo, sob o nome de Davi, por causa da forma de servo, que o mesmo Mediador assumiu da virgem da semente de Davi. pecados de seus filhos, como está registrado no Livro de Samuel, e é mais prontamente tomado como se fosse de Salomão. Pois ali, isto é, no livro de Samuel, ele diz: “E se ele cometer iniquidade, castigá-lo-ei com vara de homens e com açoites de filhos de homens; mas a minha misericórdia não tirarei de ele”, significando por listras os traços de correção. Daí aquele ditado: "Não toqueis em meus cristos".⁷ Pois o que mais é isso do que: Não os prejudique? Mas no salmo, ao falar como se fosse de Davi, Ele diz algo do mesmo tipo ali também. "Se os seus filhos", diz Ele, "deixarem a minha lei, e não andarem nos meus juízos; se profanarem as minhas justiças e não guardarem os meus mandamentos, castigarei as suas iniquidades com vara, e as suas faltas com açoites; mas os meus misericórdia não o anularei". Ele não disse “deles”, embora falasse de seus filhos, não de si mesmo; mas ele disse "dele", o que significa a mesma coisa se corretamente entendido. Pois do próprio Cristo, que é a cabeça da Igreja, não poderia ser encontrado nenhum pecado que exigisse ser divinamente contido pela correção humana, continuando a misericórdia; mas eles são encontrados em Seu corpo e membros, que é Seu povo. Portanto, no livro de Samuel é dito "iniquidade dele", mas no salmo, "de seus filhos", para que possamos entender que o que é dito de seu corpo é de alguma forma dito de si mesmo. Por isso também, quando Saul perseguiu Seu corpo, isto é, Seu povo crente, Ele mesmo disse do céu: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" ⁹ Então, nas seguintes palavras do salmo, Ele diz: "Nem hei de ferir na minha verdade, nem profanar a minha aliança, e as coisas que saem dos meus lábios eu não vou desaprovar. Uma vez que jurei pela minha santidade, se minto a Davi," isto é, de modo algum mentirei a Davi; pois as Escrituras costumam falar assim. Mas o que é isso em que Ele não vai mentir, Ele acrescenta, dizendo: "Sua semente durará para sempre, e seu trono como o sol diante de mim, e como a lua aperfeiçoada para sempre, e uma testemunha fiel no céu".

CAPÍTULO. 10.-COMO OS ATOS NO REINO DO JERUSALÉM TERRENO SÃO DIFERENTES DAQUELES QUE DEUS HAVIA PROMETIDO, DE MODO QUE A VERDADE DA PROMESSA DEVE SER ENTENDIDA COMO PERTENCENTE À GLÓRIA DO OUTRO REI E REINO

1. Para que não se suponha que uma promessa tão fortemente expressa e confirmada foi cumprida em Salomão, como se ele esperasse, mas não a encontrasse, ele diz: "Mas tu rejeitaste e reduziste a nada, ó Senhor." Isso realmente foi feito em relação ao reino de Salomão entre sua posteridade, até a derrubada da própria Jerusalém terrena, que era a sede do reino, e especialmente a destruição do próprio templo que havia sido construído por Salomão. Mas para que por isso não se pense que Deus fez o contrário de Sua promessa, imediatamente acrescenta: "Tu retardaste o Teu Cristo".³ Portanto, ele não é Salomão, nem o próprio Davi, se o Cristo do Senhor está atrasado. Pois enquanto todos os reis são chamados de seus cristos, que foram consagrados com esse crisma místico, não apenas do rei Davi para baixo, mas até mesmo daquele Saul que primeiro foi ungido rei daquele mesmo povo, o próprio Davi de fato o chama de cristo do Senhor, mas havia um verdadeiro Cristo, cuja figura eles carregavam pela unção profética, que, de acordo com a opinião dos homens, que pensavam que ele deveria ser entendido como vindo em Davi ou em Salomão, demorou muito, mas que, de acordo com Deus disposto, viria em Seu próprio tempo. A parte seguinte deste salmo continua a dizer o que, entretanto, enquanto Ele estava atrasado, viria a ser do reino da Jerusalém terrena, onde se esperava que Ele certamente reinasse: "Tu derrubaste a aliança do Teu servo; Profanaste na terra o seu santuário, derrubaste todos os seus muros, puseste com medo os seus baluartes, todos os que passam pelo caminho o despojam, ele se tornou o opróbrio dos seus vizinhos. destra dos seus inimigos; alegraste todos os seus inimigos; desviaste o auxílio da sua espada, e não o ajudaste na guerra; destruístes-o da purificação; derrubaste o seu trono por terra. Tu abreviaste os dias do seu trono; tu o confundiste". Todas estas coisas vieram sobre Jerusalém a escrava, na qual também reinaram alguns, que eram

filhos da livre, tendo aquele reino em mordomia temporária, mas tendo o reino da Jerusalém celestial, de quem eram filhos, com verdadeira fé, e esperando no verdadeiro Cristo. Mas como essas coisas chegaram a esse reino, a história de seus assuntos mostra se for lida.

CAPÍTULO. 11.-DA SUBSTÂNCIA DO POVO DE DEUS, QUE ATRAVÉS DE SUA ASSUNÇÃO DE CARNE ESTÁ EM CRISTO, QUE SÓ TINHA PODER PARA LIBERTAR SUA PRÓPRIA ALMA DO INFERNO

1. Mas depois de ter profetizado estas coisas, o profeta o leva a orar a Deus; no entanto, até a própria oração é profecia: "Até quando, Senhor, no final te desviarás?" "Teu rosto" é entendido, como é dito em outros lugares: "Até quando você desvia o seu rosto de mim?" embora pudesse ser entendido: "Tu desvias a Tua misericórdia, que prometeste a Davi". Mas quando ele diz "no final", o que isso significa, exceto até o fim? Por qual fim deve ser entendido a última vez, quando até mesmo aquela nação deve crer em Cristo Jesus, antes do qual o que Ele lamentou com tristeza deve acontecer. Por causa disso, também é acrescentado aqui: "Tua ira queimará como fogo. Lembre-se de qual é minha substância". Isso não pode ser melhor compreendido do que o próprio Jesus, a substância de Seu povo, de cuja natureza Sua carne é. "Pois não foi em vão", diz ele, "que fizeste todos os filhos dos homens." todos os filhos dos homens teriam sido feitos inteiramente em vão. Mas agora, de fato, toda a humanidade pela queda do primeiro homem caiu da verdade para a vaidade; por essa razão, outro salmo diz: "O homem é como a vaidade: seus dias passam como uma sombra"; mas Deus não fez todos os filhos dos homens em vão, porque Ele liberta muitos da vaidade através do Mediador Jesus, e aqueles que Ele não previu para serem libertados, Ele não fez totalmente em vão na mais bela e mais justa ordenação de toda a criação racional, para o uso daqueles que deveriam ser libertados e para a comparação das duas cidades por contraste mútuo. A seguir, segue-se: "Quem é o homem que viverá e não verá a morte? Arrebatará ele a sua alma das

mãos do inferno?" Quem é esta, senão aquela substância de Israel da semente de Davi, Cristo Jesus, de quem o apóstolo diz, que "ressuscitando dos mortos já não morre, e a morte não terá mais domínio sobre ele?" viverá e não verá a morte, de modo que ainda estará morto; mas terá livrado Sua alma das mãos do inferno, aonde Ele desceu para soltar alguns das cadeias do inferno; mas Ele a libertou por aquele poder do qual Ele diz no Evangelho: "Eu tenho o poder de dar minha vida, e tenho o poder de tomá-la novamente".

CAPÍTULO. 12.-COMO DEVE SER ENTENDIDO "“Onde estão as tuas antigas misericórdias, Senhor, que juraste a Davi em tua verdade?”"

1. Mas o resto deste salmo é assim: "Onde estão as tuas antigas misericórdias, Senhor, que juraste a Davi em tua verdade? com que os teus inimigos afrontam, ó Senhor, com que afrontam a mudança do teu Cristo." Agora, pode-se perguntar com muito boa razão se isso é falado na pessoa daqueles israelitas que desejavam que a promessa feita a Davi fosse cumprida a eles; ou melhor, dos cristãos, que são israelitas não segundo a carne, mas segundo o Espírito.⁵ Isso certamente foi falado ou escrito no tempo de Etã, de cujo nome este salmo recebe o título, e isso foi o mesmo do tempo de Davi de reinado; e, portanto, não teria sido dito: "Onde estão as tuas antigas misericórdias, Senhor, que juraste a Davi em tua verdade?" a menos que o profeta tivesse assumido a pessoa daqueles que viriam muito depois, para quem aquele tempo em que essas coisas foram prometidas a Davi era antigo. Mas pode-se entender assim que muitas nações, quando perseguiram os cristãos, os reprovaram com a paixão de Cristo, que a Escritura chama de Sua mudança, porque morrendo Ele se torna imortal. A mudança de Cristo, de acordo com esta passagem, também pode ser entendida como reprovada pelos israelitas, porque, quando eles esperavam que Ele fosse deles, Ele foi feito o Salvador das nações; e muitas nações que creram nele pelo Novo Testamento agora repreendem os que permanecem no antigo com isso: de modo que é dito: "Lembra-te, Senhor, do opróbrio de teus

servos"; porque pelo Senhor não se esquecer deles, mas sim compadecendo-se deles, mesmo eles depois dessa reprovação devem crer. Mas o que coloquei em primeiro lugar me parece o significado mais adequado. Pois para os inimigos de Cristo que são vituperados com isso, que Cristo os deixou, voltando-se para os gentios, este discurso é incongruentemente atribuído: "Lembra-te, Senhor, do opróbrio de teus servos", pois tais judeus não devem ser chamados de servos de Deus; mas essas palavras se ajustam àqueles que, se sofressem grandes humilhações pela perseguição pelo nome de Cristo, poderiam lembrar que um reino exaltado havia sido prometido à semente de Davi e, desejando-o, poderiam dizer não desesperadamente, mas como perguntando, buscando, batendo, 7 "Onde estão as tuas antigas misericórdias, Senhor, que juraste a Davi em tua verdade? Lembra-te, Senhor, do opróbrio dos teus servos, que eu tenho suportado no meu seio de muitas nações;" isto é, perseverarei pacientemente em minhas partes internas. "Que Teus inimigos têm censurado, ó Senhor, com que eles têm censurado a mudança de Teu Cristo", não pensando que seja uma mudança, mas um consumo. Mas o que significa "Lembra-te, Senhor", senão que Tu terias compaixão e, por minha humilhação pacientemente suportada, me recompensarias com a excelência que juraste a Davi em Tua verdade? Mas se atribuirmos estas palavras aos judeus, aqueles servos de Deus que, na conquista da Jerusalém terrena, antes de Jesus Cristo nascer à maneira dos homens, foram levados ao cativeiro, poderiam dizer essas coisas, entendendo a mudança de Cristo, porque, de fato, através dele era certamente esperado, não uma felicidade terrena e carnal, como apareceu durante os poucos anos do rei Salomão, mas uma felicidade celestial e espiritual; e quando as nações, então ignorantes disso por incredulidade, exultaram e insultaram o povo de Deus por serem cativos, o que mais era isso do que ignorantemente censurar com a mudança de Cristo aqueles que entendem a mudança de Cristo? E, portanto, o que se segue quando este salmo é concluído: "Seja para sempre a bênção do Senhor, amém, amém", é bastante adequado para todo o povo de Deus pertencente à Jerusalém celestial, seja para aquelas coisas que estavam escondidas no Antigo Testamento antes que o Novo fosse revelado, ou para aqueles que, sendo agora revelados

no Novo Testamento, são manifestamente discernidos como pertencentes a Cristo. Pois a bênção do Senhor na descendência de Davi não pertence a nenhum tempo determinado, como apareceu nos dias de Salomão, mas deve ser para sempre esperada, na qual a mais certa esperança se diz: "Amém, amém ;" pois essa repetição da palavra é a confirmação dessa esperança. Portanto, Davi entendendo isso, diz no segundo Livro dos Reis, na passagem da qual nos desviamos para este salmo: "Tu também falaste pela casa do teu servo por um longo tempo."2 Portanto, também um pouco depois, ele diz: "Agora começa e abençoa a casa do teu servo para sempre", etc., porque o filho estava prestes a nascer, de quem sua posteridade deveria ser continuada a Cristo, por meio de quem sua casa deveria ser eterna, e também deveria ser o casa de Deus. Pois é chamada casa de Davi por causa da linhagem de Davi; mas o mesmo é chamado casa de Deus por causa do templo de Deus, feito de homens, não de pedras, onde habitará para sempre o povo com e em seu Deus, e Deus com e em seu povo, para que Deus encha o Seu povo, e o povo seja cheio de seu Deus, enquanto Deus será tudo em todos, Ele mesmo sua recompensa na paz, que é sua força na guerra. Portanto, quando é dito nas palavras de Natã : "E o Senhor te dirá que casa você deve construir para Ele", é depois dito nas palavras de Davi: "Pois tu, Senhor Todo-Poderoso, Deus de Israel , abriste o ouvido do teu servo, dizendo: Eu te edificarei uma casa." 4 Pois esta casa é construída por nós, vivendo bem, e por Deus, ajudando-nos a viver bem; pois "se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam". E quando a dedicação final desta casa ocorrer, então o que Deus aqui diz por Natã será cumprido: "E designarei um lugar para o meu povo Israel, e o plantarei, e ele habitará à parte, e será perturbado não mais; e o filho da iniquidade não o humilhará mais, como desde o princípio, desde os dias em que designei juízes sobre o meu povo Israel."6

**CAPÍTULO. 13.-SE A VERDADE DESTA PAZ PROMETIDA
PODE SER ATRIBUÍDA AOS TEMPOS PASSADOS SOB
SALOMÃO**

1. Quem espera por tão grande bem neste mundo e nesta terra, sua sabedoria é apenas loucura. Alguém pode pensar que foi cumprido na paz do reinado de Salomão? A Escritura certamente recomenda essa paz com excelente louvor como uma sombra do que está por vir. Mas esta opinião deve ser combatida com vigilância, pois depois de ter sido dito: "E o filho da iniquidade não o humilhará mais", acrescenta-se imediatamente, "como desde o princípio, desde os dias em que designei juízes sobre meu povo Israel." Pois os juízes foram nomeados sobre aquele povo desde o momento em que receberam a terra da promessa, antes que os reis começassem a existir. E certamente o filho da iniquidade, isto é, o inimigo estrangeiro, o humilhou por períodos de tempo em que lemos que a paz alternava com as guerras; e nesse período são encontrados tempos de paz mais longos do que Salomão teve, que reinou quarenta anos. Pois sob aquele juiz que se chama Eúde houve oitenta anos de paz.⁸ Longe de nós, portanto, que creiamos que os tempos de Salomão são preditos nesta promessa, muito menos os de qualquer outro rei. Pois nenhum outro reinou em tão grande paz como ele; nem aquela nação jamais sustentou aquele reino de modo a não ter ansiedade para que não fosse subjugado por inimigos: pois na grande mutabilidade dos assuntos humanos nunca é dada tanta segurança a nenhum povo, que não deve temer invasões hostis. a esta vida. Portanto, o lugar desta prometida habitação pacífica e segura é eterno, e de direito pertence eternamente a Jerusalém, a mãe livre, onde o genuíno povo de Israel estará: pois este nome é interpretado como "Vendo a Deus"; no desejo de qual recompensa uma vida piedosa deve ser conduzida pela fé nesta peregrinação miserável.

CAPÍTULO. 14.-DE PREOCUPAÇÃO DE DAVI NA ESCRITA DOS SALMOS

1. No progresso da cidade de Deus através dos tempos, portanto, Davi primeiro reinou na Jerusalém terrena como uma sombra do que estava por vir. Ora, Davi era um homem habilidoso em canções, que amava muito a harmonia musical, não com um deleite vulgar, mas

com uma disposição de fé, e por ela servia a seu Deus, que é o verdadeiro Deus, pela representação mística de uma grande coisa. Pois a concordância racional e bem ordenada de diversos sons em variedade harmoniosa sugere a unidade compacta da cidade bem ordenada. Então, quase toda a sua profecia está nos salmos, dos quais cento e cinquenta estão contidos no que chamamos de Livro dos Salmos, dos quais alguns o terão, apenas os feitos por Davi que estão inscritos com seu nome. Mas também há alguns que pensam que nenhum deles foi feito por ele, exceto aqueles que estão marcados como “De Davi”; mas aqueles que têm no título "Para David" foram feitos por outros que assumiram a sua pessoa. Essa opinião é refutada pela voz do próprio Salvador no Evangelho, quando Ele diz que o próprio Davi pelo Espírito disse que Cristo era seu Senhor; pois o Salmo 110 começa assim: "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés". E realmente esse mesmo salmo, como muitos outros, tem no título, não “de Davi”, mas “para Davi”. Mas aqueles que me parecem ter a opinião mais credível, que atribuem a ele a autoria de todos esses cento e cinquenta salmos, e pensam que ele prefixou a alguns deles os nomes até de outros homens, que prefiguraram algo pertinente ao assunto, mas optou por não ter o nome de nenhum homem nos títulos do resto, assim como Deus o inspirou no manejo dessa variedade, que, embora obscura, não é sem sentido. Nem deve comover ninguém não acreditar que os nomes de alguns profetas que viveram muito depois dos tempos do rei Davi são lidos nas inscrições de certos salmos naquele livro, e que as coisas ditas ali parecem ser ditas como se fossem ditas por eles. Nem foi o Espírito profético incapaz de revelar ao rei Davi, quando ele profetizou, até mesmo esses nomes de futuros profetas, para que ele pudesse cantar profeticamente algo que deveria se adequar às pessoas deles; assim como foi revelado a um certo profeta que o rei Josias deveria surgir e reinar depois de mais de trezentos anos, o qual predisse seus atos futuros juntamente com seu nome.²

CAPÍTULO. 15.-SE TODAS AS COISAS PROFECIAS NOS SALMOS REFERENTES A CRISTO E SUA IGREJA DEVEM SER RETOMADAS NO TEXTO DESTA OBRA

1. E agora vejo que se pode esperar de mim que abra nesta parte deste livro o que Davi pode ter profetizado nos Salmos a respeito do Senhor Jesus Cristo ou Sua Igreja. Mas, embora eu já tenha feito isso em um caso, sou impedido de fazer o que essa expectativa parece exigir, mais pela abundância do que pela escassez da matéria. Pois a necessidade de evitar a prolixidade me proíbe de colocar todas as coisas; no entanto, temo que, se eu selecionar alguns, pareça a muitos, que sabem dessas coisas, ter deixado de lado o mais necessário. Além disso, a prova apresentada deve ser apoiada pelo contexto de todo o salmo, para que pelo menos não haja nada contra ela se tudo não a apoiar; para que não pareçamos, à moda dos centos, reunir para o que desejamos, por assim dizer, versos de um grande poema, o que se descobrirá ter sido escrito não sobre ele, mas sobre algum outro e muito diferente coisa. Mas antes que isso possa ser apontado em cada salmo, todo ele deve ser exposto; e quão grande seria uma obra, os volumes de outros, bem como os nossos, em que o fizemos, mostram bem o suficiente. Que aquele que quiser ou puder ler estes volumes, ele descobrirá quantas e grandes coisas Davi, ao mesmo tempo rei e profeta, profetizou sobre Cristo e Sua Igreja, a saber, sobre o Rei e a cidade que Ele construiu.

CAPÍTULO. 16.-DAS COISAS PERTINENTES A CRISTO E À IGREJA, DITADAS NO 45º SALMO

1. Para quaisquer declarações proféticas diretas e manifestas que possam existir sobre qualquer coisa, é necessário que aquelas que são tropicais sejam misturadas com elas; que, principalmente por causa dos de compreensão mais lenta, impunham aos mais instruídos a laboriosa tarefa de esclarecê-los e expô-los. Alguns deles, de fato, à primeira vista, logo que são falados, exibem Cristo e a Igreja, embora algumas coisas neles que são menos inteligíveis permaneçam para

serem expostas com calma. Temos um exemplo disso no mesmo livro dos Salmos: "Meu coração borbulhou um bom assunto: pronuncio minhas palavras ao rei. Minha língua é a pena de um escriba, escrevendo rapidamente. homens, a graça se derramou em teus lábios, por isso Deus te abençoou para sempre. Cinge a tua espada sobre a tua coxa, ó Poderoso. Com a tua bondade e formosura vai em frente, procede com prosperidade e reina, por causa da tua verdade, e mansidão e justiça, e a tua destra te guiará maravilhosamente. As tuas flechas afiadas são as mais poderosas: no coração dos inimigos do rei. O povo cairá sob o tempo. O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre: um A vara da direção é a vara do teu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, teu Deus, te ungiu com óleo de exultação acima de teus companheiros. Mirra e gotas, e cássia de tuas vestes, do casas de marfim: das quais as filhas dos reis se deleitaram. e em Tua honra." Quem está lá, não importa quão lento, mas deve aqui reconhecer Cristo a quem pregamos e em quem cremos, se ele ouve que Ele é Deus, cujo trono é para todo o sempre, e que Ele é ungido por Deus, como Deus de fato unge, não com um crisma visível, mas com um crisma espiritual e inteligível? Pois quem é tão inculto nesta religião, ou tão surdo à sua fama amplamente difundida, que não saiba que Cristo é nomeado a partir deste crisma, isto é, desta unção? Mas quando se reconhece que este Rei é Cristo, que cada um que já está sujeito àquele que reina por causa da verdade, mansidão e justiça, pergunte à vontade sobre essas outras coisas que aqui são ditas tropicalmente: como sua forma é bela além dos filhos dos homens, com uma certa beleza que é tanto mais amada e admirada quanto menos é corpórea; e o que Sua espada, flechas e outras coisas desse tipo podem ser, que são estabelecidas, não adequadamente, mas tropicalmente.

2. Então, que ele olhe para Sua Igreja, unida ao seu tão grande Esposo em casamento espiritual e amor divino, da qual se diz nestas palavras que se seguem: "A rainha estava à tua mão direita com vestes bordadas a ouro, cingida ao redor com variedade. Ouve, ó filha, e olha, e inclina o teu ouvido; esquece também o teu povo, e a casa de teu pai. Porque o Rei desejou muito a tua formosura, porque ele é o Senhor teu

Deus. E as filhas de Tiro adorarão Ele com presentes; os ricos do povo suplicarão a Tua face. A filha do Rei tem toda a sua glória dentro, em franjas de ouro, cingida de variedade. As virgens serão levadas após ela ao Rei; seus vizinhos serão trazidos com alegria e exultação serão levados ao templo do Rei. Em lugar de teus pais, filhos te nascerão; tu os estabelecerás como príncipes sobre toda a terra. do teu nome em cada geração e descendência . Portanto, o povo te reconhecerá para sempre, para todo o sempre." Não acho que alguém seja tão estúpido a ponto de acreditar que alguma pobre mulher é aqui elogiada e descrita como a esposa, a saber, dAquele a quem é dito: "Teu trono, ó Deus, é para todo o sempre: uma vara de direção é a vara de Teu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, teu Deus, te ungiu com óleo de exultação mais do que a teus companheiros; 2 isto é, claramente, Cristo acima dos cristãos. quem em todas as nações essa rainha é formada, como se diz dela em outro salmo, "A cidade do grande Rei." O mesmo é Sion espiritualmente, cujo nome em latim é interpretado *speculatio* (descoberta); pois ela descreve o grande bem do mundo vindouro, porque sua atenção está voltada para lá. Da mesma forma ela também é Jerusalém espiritualmente, da qual já dissemos muitas coisas. Seu inimigo é a cidade do diabo, Babilônia, que é interpretada como "confusão". "No entanto, desta Babilônia, esta rainha é libertada em todas as nações pela regeneração, e passa do pior ao melhor Rei, isto é, do diabo a Cristo. casa de teu pai." Desta cidade ímpia também são uma parte que sou eu sraelitas somente na carne e não pela fé, inimigos também deste grande Rei e de Sua rainha. Pois Cristo, vindo a eles e sendo morto por eles, tanto mais se tornou o Rei dos outros, a quem Ele não viu na carne. De onde o próprio Rei diz através da profecia de um certo salmo: "Tu me livrarás das contradições dos povos; tu me farás cabeça das nações. Um povo que eu não conheci me serviu; ouvido me obedeceu." Portanto, este povo das nações, que Cristo não conheceu em sua presença corporal, ainda assim creu no Cristo que lhe foi anunciado; para que se possa dizer com boa razão: "No ouvido do ouvido me obedeceu", pois "a fé é pelo ouvir". a carne e pela fé, é a cidade de Deus, que deu à luz o próprio Cristo segundo a carne, visto que Ele estava somente nestes israelitas. Pois dali veio a Virgem Maria, em quem Cristo assumiu

carne para ser homem. De qual cidade outro salmo diz: "Mãe Sião, um homem dirá, e o homem é feito nela, e o Altíssimo mesmo a fundou". Quem é este Altíssimo, exceto Deus? E assim Cristo, que é Deus, antes de se tornar homem através de Maria naquela cidade, Ele mesmo a circundou pelos patriarcas e profetas. Como, portanto, foi dito por profecia muito tempo antes a esta rainha, a cidade de Deus, o que já podemos ver cumprido: "Em lugar de teus pais, filhos te nascerão; tu os farás príncipes sobre toda a terra"; de seus filhos verdadeiramente são estabelecidos até mesmo seus pais [príncipes] por toda a terra, quando o povo, reunindo-se a ela, confessa a ela com a confissão de louvor eterno para todo o sempre. Sem dúvida, qualquer interpretação que seja dada ao que aqui é expresso de maneira um tanto sombria em linguagem figurada, deve estar de acordo com essas coisas mais manifestas.

CAPÍTULO. 17.-DAQUELAS COISAS NO 110º SALMO QUE SE RELACIONAM AO SACERDÓCIO DE CRISTO, E NO 22D À SUA PAIXÃO

1. Assim como naquele salmo também onde Cristo é mais abertamente proclamado como Sacerdote, assim como Ele está aqui como Rei, "O Senhor disse ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés". Que Cristo está sentado à direita de Deus Pai é acreditado, não visto; que Seus inimigos também são colocados sob Seus pés ainda não aparece; está sendo feito, [portanto] aparecerá finalmente: sim, agora se acredita, depois será visto. Mas o que se segue: "O Senhor enviará a vara da Tua força de Sião, e Te governará no meio dos Teus inimigos",² é tão claro que negá-lo implicaria não apenas incredulidade e erro, mas pura insolência. . E mesmo os inimigos certamente devem confessar que de Sião foi enviada a lei de Cristo, que chamamos de evangelho, e reconhecemos como a vara de Sua força. Mas que Ele governa no meio de Seus inimigos, esses mesmos inimigos entre os quais Ele governa a si mesmos dão testemunho, rangendo os dentes e consumindo, e não tendo poder para fazer nada contra Ele. Então, o que ele diz um pouco

depois: “O Senhor jurou e não se arrependerá”, por meio das quais Ele sugere que o que ele acrescenta é imutável: “Tu és um sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”,⁴ que tem permissão para dúvida de quem essas coisas são ditas, visto que agora não há sacerdócio e sacrifício segundo a ordem de Arão, e em todos os lugares os homens oferecem sob Cristo como o Sacerdote, o que Melquisedeque mostrou quando abençoou Abraão? Portanto, a essas coisas manifestas devem ser referidas, quando corretamente entendidas, aquelas coisas no mesmo salmo que são colocadas um pouco mais obscuramente, e já fizemos conhecido em nossos sermões populares como essas coisas devem ser corretamente entendidas. Assim também naquilo em que Cristo profere por profecia a humilhação de Sua paixão, dizendo: "Eles traspassaram minhas mãos e meus pés; eles contaram todos os meus ossos. Sim, eles olharam e olharam para mim". Com quais palavras ele certamente quis dizer Seu corpo estendido na cruz, com as mãos e os pés perfurados e perfurados pelos cravos, e que Ele assim se fez um espetáculo para aqueles que olhavam e olhavam. E acrescenta: "Repartiram entre si as minhas vestes, e sobre as vestes lançaram sortes."⁶ Como esta profecia se cumpriu, a história do Evangelho narra. Então, de fato, também as outras coisas que lá são ditas menos abertamente são bem compreendidas quando concordam com aquelas que brilham com tanta clareza; especialmente porque aquelas coisas que também não acreditamos como passadas, mas examinamos como presentes, são vistas por todo o mundo, sendo agora exibidas exatamente como são lidas neste mesmo salmo como predito há muito tempo. Pois é dito um pouco depois: "Todos os confins da terra se lembrarão e se converterão ao Senhor, e todas as tribos das nações adorarão diante dele; porque o reino é do Senhor, e ele governará as nações ."

CAPÍTULO. 18.-DOS SALMOS 3D, 41, 15 E 68, EM QUE A MORTE E RESSURREIÇÃO DO SENHOR SÃO PROFETIZADAS

1. Sobre Sua ressurreição também os oráculos dos Salmos não são de

modo algum silenciosos. Pois o que mais é cantado em Sua pessoa no Salmo 3: "Deitei-me e dormi, [e] acordei, porque o Senhor me susterá?" Existe por acaso alguém tão estúpido a ponto de acreditar que o profeta escolheu apontar para nós como algo grande que Ele havia dormido e ressuscitado, a menos que aquele sono fosse a morte, e aquele despertar a ressurreição, que deveria ser assim profetizado? a respeito de Cristo? Pois no Salmo 41 também é mostrado com muito mais clareza, onde na pessoa do Mediador, da maneira usual, as coisas são narradas como se o passado fosse profetizado ainda por vir, pois essas coisas que ainda estavam por vir estavam em a predestinação e presciência de Deus como se fossem feitas, porque eram certas. Ele diz: "Meus inimigos falam mal de mim; quando ele morrerá, e seu nome perecerá? E se ele entrou para me ver, seu coração falou coisas vãs; ele ajuntou iniquidade para si. contra mim todos os meus inimigos sussurram juntos: contra mim eles maquinam o mal. Eles planejaram uma coisa injusta contra mim. Aquele que dorme também não ressuscitará? pode ser entendido para dizer nada mais do que se ele dissesse: Aquele que morreu não recuperará a vida novamente? As palavras anteriores mostram claramente que Seus inimigos meditaram e planejaram Sua morte, e que isso foi executado por aquele que entrou para ver e saiu para trair. Mas a quem não ocorre aqui Judas, que, de seu discípulo, tornou-se seu traidor? Portanto, porque eles estavam prestes a fazer o que haviam planejado, - isto é, estavam prestes a matá-lo - ele, para mostrar-lhes que com malícia inútil eles estavam prestes a matar Aquele que deveria ressuscitar, acrescenta este versículo, como se ele, disse: Que coisa vã você está fazendo? Qual será o seu crime será o meu sono. "Aquele que dorme não ressuscitará também?" E, no entanto, ele indica nos versículos seguintes que eles não deveriam cometer impiedade tão grande impunemente, dizendo: "Sim, o homem da minha paz em quem eu confiava, que comia meu pão, aumentou o calcanhar sobre mim;" isto é, me pisoteou. "Mas Tu", diz ele, "Ó Senhor, ele tem misericórdia de mim, e me levanta, para que eu possa retribuir." 2 Quem pode agora negar isso que vê os judeus, após a paixão e ressurreição de Cristo, totalmente enraizados de suas moradas por matança e destruição bélicas? Pois, sendo morto por eles, Ele ressuscitou, e os retribuiu por meio de disciplina

temporária, exceto que para aqueles que não são corrigidos, Ele a guarda para o tempo em que julgará os vivos e os mortos. Pois o próprio Senhor Jesus, ao apontar aquele homem aos apóstolos como Seu traidor, citou este mesmo versículo deste salmo, e disse que se cumpriu em Si mesmo: "Aquele que comia o meu pão alargava o calcanhar sobre mim". Mas o que ele diz, "Em quem eu confiei", não convém à cabeça, mas ao corpo. Pois o próprio Salvador não ignorava aquele a respeito de quem já havia dito antes: "Um de vocês é um demônio". , porque a cabeça e o corpo são um Cristo; de onde vem aquele ditado no Evangelho: "Tive fome, e me destes de comer".⁶ Explicando isso, Ele diz: "Visto que o fizestes a um dos meus pequeninos, a mim o fizestes". Portanto, Ele disse que havia confiado, porque seus discípulos haviam confiado a respeito de Judas; pois ele foi contado com os apóstolos.⁸

2. Mas os judeus não esperam que o Cristo que eles esperam morra; por isso eles não pensam que é nosso aquele que a lei e os profetas anunciaram, mas fingem para si não sei quem deles, isentos do sofrimento da morte. Portanto, com maravilhoso vazio e cegueira, eles afirmam que as palavras que estabelecemos significam não morte e ressurreição, mas sono e despertar novamente. Mas o Salmo 16 também clama a eles: "Por isso o meu coração está alegre, e a minha língua exulta; além disso, também a minha carne descansará em esperança; porque não deixarás a minha alma no inferno, nem darás o teu Santo ao ver corrupção." Quem, senão Aquele que ressuscitou ao terceiro dia, poderia dizer que sua carne descansou nesta esperança; que Sua alma, não sendo deixada no inferno, mas retornando rapidamente a ele, deve revivê-la, para que não seja corrompida como os cadáveres costumam ser, o que eles não podem dizer de Davi, o profeta e rei? O Salmo 68 também clama : "Nosso Deus é o Deus da salvação: mesmo do Senhor a saída foi pela morte".¹⁰ O que poderia ser dito mais abertamente ? Pois o Deus da salvação é o Senhor Jesus, que é interpretado como Salvador, ou Curador. Por esta razão este nome foi dado, quando foi dito antes que Ele nascesse da virgem: "Tu darás à luz um Filho, e porás o seu nome Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados." Porque Seu sangue foi derramado para a

remissão de seus pecados, convinha a Ele não ter outra saída desta vida a não ser a morte. Portanto, quando foi dito: "Nosso Deus é o Deus da salvação", imediatamente foi adicionado: "Até do Senhor a saída foi pela morte", a fim de mostrar que deveríamos ser salvos por Sua morte. Mas esse ditado é maravilhoso, "Até do Senhor", como se fosse dito: Tal é a vida dos mortais, que nem mesmo o próprio Senhor poderia sair dela senão pela morte.

CAPÍTULO. 19.-DO 69º SALMO, NO QUAL É DECLARADA A OBSTINADA INCREDULIDADE DOS JUDEUS

1. Mas quando os judeus não cedem nem um pouco aos testemunhos desta profecia, que são tão manifestos, e também são levados por eventos a uma conclusão tão clara e certa, certamente isso se cumpre no que está escrito naquele salmo que aqui segue. Pois quando as coisas que pertencem à sua paixão são profeticamente faladas também na pessoa de Cristo, isso é mencionado que é desdobrado no Evangelho: "Deram-me fel por comida, e na minha sede me deram vinagre para beber. " E como se fosse depois de tal festa e guloseimas assim dadas a Si mesmo, logo Ele traz [estas palavras]: "Que a mesa deles se torne uma armadilha diante deles, e uma retribuição e uma ofensa; que seus olhos sejam obscurecidos para que eles não vêem, e suas costas estão sempre curvadas",¹³ etc. Coisas que não são ditas como desejadas, mas são preditas sob a forma profética do desejo. Que maravilha, então, se aqueles cujos olhos estão obscurecidos para que não vejam não vejam essas coisas manifestas? Que maravilha se aqueles não olham para as coisas celestiais cujas costas estão sempre curvadas para que possam rastejar entre as coisas terrenas? Pois essas palavras transferidas do corpo significam falhas mentais. Deixe, essas coisas que foram ditas sobre os Salmos, isto é, sobre a profecia do rei Davi, bastam, para que possamos manter alguns limites. Mas que nos desculpem os leitores que os conheciam antes; e que eles não se queixem daquelas provas talvez mais fortes que eles sabem ou pensam que eu ignorei.

**CAPÍTULO. 20.-DE REINO E MÉRITO DE DAVID; E DE SEU
FILHO SALOMÃO, E AQUELA PROFECIA RELATIVA A
CRISTO QUE SE ENCONTRA NOS LIVROS QUE ESTÃO
JUNTOS AOS ESCRITOS POR ELE**

1. Davi, portanto, reinou na Jerusalém terrena, filho da Jerusalém celestial, muito elogiado pelo testemunho divino; pois até suas faltas são superadas por grande piedade, através da humildade mais salutar de seu arrependimento, que ele é totalmente um daqueles de quem ele mesmo diz: “Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas e cujos pecados são cobertos”. Depois dele, Salomão, seu filho, reinou sobre todo o mesmo povo, que, como foi dito antes, começou a reinar enquanto seu pai ainda estava vivo. Este homem, depois de bons começos, teve um final ruim. Pois, de fato, a "prosperidade, que desgasta a mente dos sábios",² o feriu mais do que a sabedoria que o beneficiou, que ainda é e será renomada no futuro, e foi então elogiada em toda parte. Ele também profetizou em seus livros, dos quais três são recebidos como de autoridade canônica, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos. Mas costuma-se atribuir a Salomão outros dois, dos quais um é chamado Sabedoria, o outro Eclesiástico, por causa de alguma semelhança de estilo, mas os mais instruídos não têm dúvida de que não são dele; no entanto, antigamente, a Igreja, especialmente a ocidental, os recebeu em autoridade – em um dos quais, chamado Sabedoria de Salomão, a paixão de Cristo é mais abertamente profetizada. Pois, de fato, Seus ímpios assassinos são citados como dizendo: "Deixe-nos armar ciladas para o justo, porque ele é desagradável para nós e contrário às nossas obras; e ele nos repreende pelas nossas transgressões da lei, e se opõe à nossa vergonha, o transgressões de nossa educação. Ele professa ter o conhecimento de Deus, e chama a si mesmo de Filho de Deus. Ele foi feito para reprovar nossos pensamentos. somos diferentes. Somos considerados por ele como falsificações; e ele se abstém de nossos caminhos como de imundícia. Ele exalta o último fim do justo; e se gloria que ele tem Deus por seu Pai. Vejamos, portanto, se suas

palavras são verdade; e provemos o que lhe acontecerá, e saberemos qual será o seu fim; porque se o justo é o Filho de Deus, ele o tomará por ele e o livrará da mão daqueles que estão contra ele. Vamos colocá-lo em questão com injúria e tortura, podemos conhecer sua reverência e provar sua paciência. Vamos condená-lo à morte mais vergonhosa; pois pelas Suas próprias palavras Ele será respeitado. Essas coisas eles imaginaram e se enganaram; pois sua própria malícia os cegou completamente." Mas em Eclesiástico a fé futura das nações é predita desta maneira: "Tem misericórdia de nós, ó Deus, Governante de todos, e envia o Teu temor sobre todas as nações: levanta o Teu entrega as nações estranhas, e deixe-as ver o teu poder. Como Tu foste santificado em nós diante deles, assim sejas Tu santificado neles diante de nós, e que eles Te reconheçam, como nós também Te reconhecemos; pois não há Deus além de ti, ó Senhor."4 Vemos esta profecia na forma de um desejo e oração cumprida por meio de Jesus Cristo. Mas as coisas que não estão escritas no cânon dos judeus não podem ser citadas contra suas contradições com tão grande validade.

2. Mas quanto aos três livros que é evidente serem de Salomão e tidos como canônicos pelos judeus, mostrar o que pode ser encontrado neles referente a Cristo e à Igreja exige uma discussão laboriosa, que, se agora iniciada, prolongaria indevidamente este trabalho. No entanto, o que lemos nos Provérbios de homens ímpios, dizendo: "Injustamente, ocultemos na terra o justo; sim, traguemo-lo vivo como o inferno, e tiremos da terra a sua memória; preciosa posse", não é tão obscuro que não possa ser entendido, sem exposição laboriosa, de Cristo e Sua possessão a Igreja. De fato, a parábola do evangelho sobre os lavradores ímpios mostra que o próprio Senhor Jesus disse algo assim: "Este é o herdeiro; vamos matá-lo, e a herança será nossa". mesmo livro, no qual já tocamos quando falávamos da mulher estéril que deu à luz sete, deve logo depois que foi pronunciado ser entendido apenas de Cristo e da Igreja por aqueles que sabiam que Cristo era a Sabedoria de Deus. . "A sabedoria edificou-lhe uma casa, e levantou sete colunas; sacrificou as suas vítimas, misturou o seu vinho na taça; também mobilou a sua mesa; enviou os seus servos convocando à taça com excelente proclamação, dizendo: Quem é ingênuo, volte-se para

mim. E ao falto de juízo disse: Venha, coma do meu pão e beba do vinho que preparei para você. A sabedoria de Deus, isto é, o Verbo co-eterno com o Pai, construiu para Ele uma casa, sim, um corpo humano no ventre virgem, e a ela subjugou a Igreja como membros de uma cabeça, matou os mártires como vítimas, forneceu uma mesa com vinho e pão, onde também aparece o sacerdócio segundo a ordem de Melquizedek, e chamou os simples e os faltos de sentido, porque, como diz o apóstolo, "Ele escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as coisas poderosas". No entanto, para esses fracos, ela diz o que se segue: "Abandone a simplicidade, para que viva; e busque a prudência, para que tenha vida".⁴ Mas tornar-se participante desta mesa é começar a ter vida. Pois quando ele diz em outro livro, que é chamado Eclesiastes: "Não há bem para o homem, exceto que ele coma e beba", o que pode ser entendido com mais credibilidade do que o que pertence à participação desta mesa? que o próprio Mediador do Novo Testamento, o Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, fornece com Seu próprio corpo e sangue? Pois esse sacrifício sucedeu a todos os sacrifícios do Antigo Testamento, que foram mortos como uma sombra do que estava por vir; por isso também reconhecemos a voz no Salmo 40 como a do mesmo Mediador falando por meio de profecia: "Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo aperfeiçoou para mim." ⁶ Porque, em vez de todos esses sacrifícios e oblações, Seu corpo é oferecido e servido aos participantes dele. Pois que este Eclesiastes, nesta frase sobre comer e beber, que ele repete muitas vezes e muito elogia, não saboreia as guloseimas dos prazeres carnavais, fica bastante claro quando diz: "É melhor entrar na casa de luto do que entrar na casa do banquete". E um pouco depois Ele diz: "O coração dos sábios está na casa do luto, e o coração dos simples na casa da festa"., o do diabo, o outro de Cristo, e para seus reis, o diabo e Cristo: "Ai de ti, ó terra", diz ele, "quando teu rei é jovem, e teus príncipes comem de manhã! Abençoada és tu, ó terra, quando teu rei é filho de nobres, e teus príncipes comem na hora certa, com coragem, e não em confusão!" Ele chamou o diabo de jovem, por causa da tolice e orgulho, temeridade e indisciplina, e outros vícios que costumam abundar nessa idade; mas Cristo é o Filho dos nobres, isto é, dos santos patriarcas, daqueles que pertencem à cidade livre, de quem Ele

foi gerado na carne. Os príncipes desta e de outras cidades comem pela manhã, isto é, antes da hora adequada, porque não esperam a felicidade oportuna, que é a verdadeira, no mundo vindouro, desejando ser rapidamente felizes com a fama. deste mundo; mas os príncipes da cidade de Cristo esperam pacientemente o tempo de uma bem-aventurança que não é falaciosa. Isso é expresso pelas palavras “em fortaleza e não em confusão”, porque a esperança não os engana; do qual o apóstolo diz: “Mas a esperança não confunde”.¹⁰ Um salmo também diz: “Porque os que esperam em ti não serão confundidos”. Mas agora o Cântico dos Cânticos é um certo prazer espiritual das mentes santas, no casamento daquele Rei e Rainha-cidade, isto é, Cristo e a Igreja. Mas este prazer está envolto em véus alegóricos, para que o Esposo seja mais ardentemente desejado, e mais alegremente desvelado, e possa aparecer; a quem é dito neste mesmo cântico: “A eqüidade te agradou;

CAPÍTULO. 21.-DOS REIS DEPOIS DE SALOMÃO, TANTO EM JUDÁ E ISRAEL

1. Os outros reis dos hebreus depois de Salomão dificilmente profetizaram, "através de certas palavras ou ações enigmáticas deles, o que pode pertencer a Cristo e à Igreja, seja em Judá ou em Israel; pois assim foram as partes daquele povo denominado, quando, por causa da ofensa de Salomão, desde o tempo de Roboão, seu filho, que o sucedeu no reino, foi dividido por Deus como punição. As dez tribos, de fato, que Jeroboão, servo de Salomão, recebeu, sendo o rei em Samaria, eram distintamente chamados de Israel, embora este tivesse sido o nome de todo aquele povo; mas as duas tribos, a saber, de Judá e Benjamim, que por causa de Davi, para que o reino não fosse totalmente arrancado de sua raça, permaneceram subordinados à cidade de Jerusalém, chamavam-se Judá, porque essa era a tribo de onde Davi nasceu. tribos juntas, como foi dito, foram chamados de Judá, e foram distinguidos por esse nome de Israel, que era o título distintivo das dez tribos sob seu próprio rei. Para a tribo de Levi, por ser sacerdotal, ligada à servidão de Deus, não dos reis, foi contada a

décima terceira. Pois José, um dos doze filhos de Israel, não formou, como os outros, uma tribo, mas duas, Efraim e Manassés. No entanto, a tribo de Levi também pertencia mais ao reino de Jerusalém, onde ficava o templo de Deus a quem servia. Na divisão do povo, portanto, Roboão, filho de Salomão, reinou em Jerusalém como o primeiro rei de Judá, e Jeroboão, servo de Salomão, em Samaria como rei de Israel. E quando Roboão desejou como um tirano perseguir aquela parte separada com a guerra, o povo foi proibido de lutar com seus irmãos por Deus, que lhes disse através de um profeta que Ele havia feito isso; de onde parecia que neste assunto não havia pecado do rei ou do povo de Israel, mas a vontade cumprida de Deus, o vingador. Quando isso foi conhecido, ambas as partes se estabeleceram pacificamente, pois a divisão feita não era religiosa, mas política.

**CAPÍTULO. 22.-DE JEROBOÃO, QUE PROFANOU O POVO
SUBMETIDO A ELE PELA IMPIEDADE DA IDOLATRIA, EM
MEIO DE QUE, NO ENTANTO, DEUS NÃO DEIXOU DE
INSPIRAR OS PROFETAS, E DE PERDOAR MUITO
PECADOS E CRIMES DE IDOLATRIA**

1. Mas Jeroboão, rei de Israel, com a mente perversa , não acreditando em Deus, a quem ele havia demonstrado fiel ao prometer e dar-lhe o reino, temeu que, chegando ao templo de Deus que estava em Jerusalém, onde, segundo para a lei divina, toda aquela nação deveria vir para sacrificar, o povo deveria ser seduzido dele e retornar à linhagem de Davi como a semente real; e estabeleceu a idolatria em seu reino, e com horrível impiedade enganou o povo, enlaçando-os à adoração de ídolos consigo mesmo. No entanto, Deus não cessou completamente de reprovar pelos profetas, não apenas aquele rei, mas também seus sucessores e imitadores em sua impiedade, e também o povo. Pois ali surgiram o grande e ilustre profeta Elias e Eliseu seu discípulo, que também fez muitas obras maravilhosas. Mesmo ali, quando Elias disse: "Ó Senhor, eles mataram Teus profetas, eles cavaram Teus altares; e eu estou sozinho, e eles buscam a minha vida", foi respondido que sete mil homens estavam lá que não se curvaram o

joelho a Baal.

CAPÍTULO. 23.-DA CONDIÇÃO VARIÁVEL DE AMBOS OS REINOS HEBRAICOS, ATÉ QUE O POVO DE AMBOS ESTAVA EM TEMPOS DIFERENTES LEVADOS AO CATIVEIRO, JUDÁ SENDO DEPOIS CONVOCADO AO SEU REINO, QUE FINALMENTE PASSOU AO PODER DOS ROMANOS

1. Assim também no reino de Judá pertencente a Jerusalém profetas não faltaram, mesmo nos tempos dos reis sucessivos, assim como agradou a Deus enviá-los, seja para a previsão do que era necessário, seja para correção do pecado e instrução em justiça; pois lá também, embora muito menos do que em Israel, surgiram reis que ofenderam gravemente a Deus por suas impiedades e, junto com seu povo, que era como eles, foram feridos com flagelos moderados. Os méritos não pequenos dos reis piedosos são realmente elogiados. Mas lemos que em Israel os reis eram, eu mais, outros menos, mas todos perversos. Cada parte, portanto, conforme a providência divina ordenou ou permitiu, foi levantada pela prosperidade e sobrecarregada pela adversidade de vários tipos; e foi afligido não apenas por estrangeiros, mas também por guerras civis entre si, a fim de que por certas causas existentes a misericórdia ou ira de Deus pudesse ser manifestada; até que, por Sua crescente indignação, toda aquela nação foi pelos conquistadores caldeus não apenas derrubada em sua residência, mas também em sua maior parte transportada para as terras dos assírios – primeiro, aquela parte das treze tribos chamada Israel, mas depois Judá também, quando Jerusalém e aquele templo mais nobre foi derrubado – em que terras ele descansou setenta anos em cativeiro. Sendo depois desse tempo enviados dali, eles reconstruíram o templo derrubado. E embora muitos ficassem nas terras dos estrangeiros, ainda assim o reino não tinha mais duas partes separadas, com reis diferentes sobre cada um, mas em Jerusalém havia um príncipe sobre eles; e em certos momentos, de todas as direções onde quer que estivessem, e de qualquer lugar que pudessem, todos eles vinham ao

templo de Deus que estava ali. No entanto, nem mesmo então eles estavam sem inimigos e conquistadores estrangeiros; sim, Cristo os achou tributários dos romanos.

CAPÍTULO. 24.-DOS PROFETAS, QUEM SÃO OS ÚLTIMOS ENTRE OS JUDEUS, OU QUE A HISTÓRIA DO EVANGELHO REPORTA SOBRE O TEMPO DO NASCIMENTO DE CRISTO

1. Mas em todo esse tempo depois que eles voltaram da Babilônia, depois de Malaquias, Ageu e Zacarias, que então profetizaram, e Esdras, eles não tiveram profetas até o tempo do advento do Salvador, exceto outro Zacarias, pai de João, e Elisabeth sua esposa, quando o nascimento de Cristo já estava próximo; e quando Ele já nasceu, Simeão o velho, e Ana viúva, e agora muito velha; e, por último, o próprio João, que, sendo jovem, não predisse que Cristo, agora jovem, viria, mas por conhecimento profético apontou-O embora desconhecido; razão pela qual o próprio Senhor diz: "A lei e os profetas duraram até João". Mas o profetizar destes cinco nos é dado a conhecer no evangelho, onde a própria virgem mãe de nosso Senhor também profetizou antes de João. Mas esta profecia deles os judeus ímpios não recebem; mas receberam-na aquelas inúmeras pessoas que deles creram no evangelho. Pois então verdadeiramente Israel foi dividido em dois, por aquela divisão que foi predita pelo profeta Samuel ao rei Saul como imutável. Mas mesmo os judeus réprobos consideram Malaquias, Ageu, Zacarias e Esdras como os últimos a receberem autoridade canônica. Pois também há escritos destes, como de outros, que sendo muito poucos na grande multidão de profetas, escreveram aqueles livros que obtiveram autoridade canônica, de cujas previsões me parece bom colocar neste trabalho alguns que pertencem a Cristo e Sua Igreja; e isso, com a ajuda do Senhor, será feito mais convenientemente no livro seguinte, para que não sobrecarregamos ainda mais este, que já é muito longo.

LIVRO XVIII

ARGUMENTO

AGOSTINHO TRAÇA OS CURSOS PARALELOS DAS CIDADES TERRESTRE E CELESTIAIS DO TEMPO DE ABRAÃO ATÉ O FIM DO MUNDO; E ALUDE AOS ORÁCULOS A RESPEITO DE CRISTO, TANTO AQUELES PROFERIDOS PELOS IRMÃOS, COMO AOS DOS SAGRADOS PROFETAS QUE ESCREVERAM APÓS A FUNDAÇÃO DE ROMA, OSÉIAS, AMOS, ISAÍAS, MIQUÉIAS E SEUS SUCESSORES.

CAPÍTULO. 1.-DAQUELAS COISAS ATÉ OS TEMPOS DO SALVADOR QUE FORAM DISCUTIDAS NOS DEZESSETE LIVROS

1. PROMETI escrever sobre a ascensão, o progresso e o fim designado das duas cidades, uma das quais é de Deus, a outra deste mundo, na qual, no que diz respeito à humanidade, a primeira é agora uma estranha. Mas antes de tudo empreendi, na medida em que Sua graça me permitisse, refutar os inimigos da cidade de Deus, que preferem seus deuses a Cristo, seu fundador, e odeiam ferozmente os cristãos com a mais mortal malícia. E isso eu fiz nos primeiros dez livros. Então, no que diz respeito à minha tríplice promessa que acabei de mencionar, tratei distintamente, nos quatro livros que seguem o décimo, da ascensão de ambas as cidades. Depois disso, procedi desde o primeiro homem até o dilúvio em um livro, que é o décimo quinto desta obra; e daí novamente até Abraão nosso trabalho seguiu ambos em ordem cronológica. Do patriarca Abraão até o tempo dos reis israelitas, no qual encerramos nosso décimo sexto livro, e daí até o advento do próprio Cristo na carne, período em que chega o décimo sétimo livro. a cidade de Deus parece, pelo meu modo de escrever, ter seguido seu curso sozinha; ao passo que não seguiu seu curso sozinho nesta época, pois ambas as cidades, em seu curso em meio à

humanidade, certamente experimentaram tempos conturbados juntos, como desde o início. Mas fiz isso para que, em primeiro lugar, desde o momento em que as promessas de Deus começaram a ser mais claras, até o nascimento virginal daquele em quem as coisas prometidas desde o princípio devem ser cumpridas, o curso de aquela cidade que é de Deus pode se tornar mais distintamente aparente, sem interpolação de matéria estranha da história da outra cidade, embora até a revelação da nova aliança ela seguisse seu curso, não na luz, mas na sombra. Agora, portanto, acho adequado fazer o que passei e mostrar, na medida do necessário, como essa outra cidade seguiu seu curso desde os tempos de Abraão, para que leitores atentos possam comparar as duas.

CAPÍTULO. 2.-DOS REIS E TEMPOS DA CIDADE TERRESTRE QUE FORAM SÍNCRONOS COM OS TEMPOS DOS SANTOS, CONTANDO A PARTIR DA ASCENSÃO DE ABRAÃO

1. A sociedade dos mortais, espalhada por toda a terra em todos os lugares e nos mais diversos lugares, embora unida por uma certa comunhão de nossa natureza comum, ainda está na maior parte dividida contra si mesma, e os mais fortes oprimem os outros, porque todos seguem seus próprios interesses e concupiscências, enquanto o que se deseja ou não é suficiente para nenhum, ou não para todos, porque não é a mesma coisa. Pois os vencidos sucumbem aos vitoriosos, preferindo qualquer tipo de paz e segurança à própria liberdade; de modo que aqueles que escolheram morrer em vez de serem escravos ficaram muito admirados. Pois em quase todas as nações a própria voz da natureza de alguma forma proclama que aqueles que são conquistados devem escolher antes se sujeitar a seus conquistadores do que serem mortos por todos os tipos de destruição bélica. Isso não acontece sem a providência de Deus, em cujo poder está que alguém subjuguie ou seja subjugado na guerra; que alguns são dotados de reinos, outros sujeitos a reis. Agora, entre os muitos reinos da terra em que, por interesse ou luxúria terrestre, a sociedade está

dividida (que chamamos pelo nome geral da cidade deste mundo), vemos que dois, estabelecidos e mantidos distintos um do outro tanto no tempo quanto no lugar, tornaram-se muito mais famosos do que o resto, primeiro o dos assírios, depois o dos romanos. Primeiro veio um, depois o outro. O primeiro surgiu no leste e, imediatamente após o término, o último no oeste. Posso falar de outros reinos e outros reis como apêndices destes.

2. Nino, então, que sucedeu seu pai Belus, o primeiro rei da Assíria, já era o segundo rei daquele reino quando Abraão nasceu na terra dos caldeus. Havia também naquela época um reino muito pequeno de Sicyon, com o qual, desde uma data antiga, começa aquele homem universalmente erudito Marco Varrão, escrevendo sobre a raça romana. Pois desses reis de Sicyon ele passa para os atenienses, deles para os latinos e destes para os romanos. No entanto, muito pouco é relatado sobre esses reinos, antes da fundação de Roma, em comparação com o da Assíria. Pois embora mesmo Salústio, o historiador romano, admita que os atenienses eram muito famosos na Grécia, ele pensa que eles eram mais famosos do que de fato. Pois ao falar deles ele diz: "Os feitos dos atenienses, como eu penso, foram muito grandes e magníficos, mas ainda um pouco menos do que relatado pela fama. Mas porque escritores de grande gênio surgiram entre eles, os feitos dos atenienses foram celebrados em todo o mundo como muito grande. Assim, a virtude daqueles que os fizeram era considerada tão grande quanto homens de gênio transcendente poderiam representá-la pelo poder de palavras laudatórias." Esta cidade também obteve grande glória da literatura e da filosofia, cujo estudo floresceu principalmente lá. Mas no que diz respeito ao império, nenhum dos primeiros tempos foi maior que o assírio, ou tão amplamente estendido. Pois quando Nino, filho de Belus, era rei, é relatado que ele subjugou toda a Ásia, até os limites da Líbia, que quanto ao número é chamado a terceira parte, mas quanto ao tamanho é a metade do mundo inteiro. Os índios das regiões orientais foram o único povo sobre o qual ele não reinou; mas depois de sua morte Semiramis sua esposa fez guerra contra eles. Assim aconteceu que todo o povo e reis naqueles países estavam sujeitos ao reino e

autoridade dos assírios, e fizeram tudo o que lhes foi ordenado. Ora, Abraão nasceu naquele reino entre os caldeus, no tempo de Ninus. Mas como os assuntos gregos são muito mais conhecidos por nós do que os assírios, e aqueles que investigaram diligentemente a antiguidade da origem da nação romana seguiram a ordem do tempo através dos gregos aos latinos, e deles aos romanos, que são latinos, devemos, por esse motivo, onde é necessário, mencionar os reis assírios, para que pareça como Babilônia, como uma primeira Roma, seguiu seu curso junto com a cidade de Deus, que é uma estranha neste mundo. Mas as coisas próprias para inserção neste trabalho ao comparar as duas cidades, isto é, a terrena e a celestial, devem ser tiradas principalmente dos reinos grego e latino, onde a própria Roma é como uma segunda Babilônia.

3. No nascimento de Abraão, então, os segundos reis da Assíria e Sicyon respectivamente foram Ninus e Europs, sendo o primeiro Belus e Ægialeus. Mas quando Deus prometeu a Abraão, em sua partida da Babilônia, que ele se tornaria uma grande nação, e que em sua semente todas as nações da terra seriam abençoadas, os assírios tiveram seu sétimo rei, os Sícios seu quinto; pois o filho de Ninus reinou entre eles depois de sua mãe Semiramis, que se diz ter sido morta por ele por tentar contaminá-lo deitando-se incestuosamente com ele. Alguns pensam que ela fundou a Babilônia e, de fato, ela pode tê-la fundado novamente. Mas contamos, no décimo sexto livro, quando ou por quem foi fundada. Agora o filho de Ninus e Semiramis, que sucedeu sua mãe no reino, também é chamado Ninus por alguns, mas por outros Ninias, uma palavra patronímica. Telexion o n detinha o reino dos Sicyons. Em seu reinado, os tempos foram tão calmos e alegres que, após sua morte, eles o adoraram como um deus, oferecendo sacrifícios e celebrando jogos, que dizem ter sido instituídos pela primeira vez nesta ocasião.

**CAPÍTULO. 3.-QUE REIS REINARAM NA ASSÍRIA E SICION
(SICIÃO) QUANDO, DE ACORDO COM A PROMESSA,
ISAQUE NASCEU PARA ABRAÃO EM SEU CENTO ANO, E**

QUANDO OS GÊMEOS ESAU E JACÓ NASCEU DE REBECA PARA ISAQUE EM SEU 600º ANO

1. Também em seus tempos, pela promessa de Deus, Isaque, filho de Abraão, nasceu a seu pai, quando ele tinha cem anos, de Sara, sua mulher, que, sendo estéril e velha, já havia perdido a esperança de emitir. Aralius era então o quinto rei dos assírios. Do próprio Isaque, em seu sexagésimo ano, nasceram filhos gêmeos, Esaú e Jacó, que Rebeca, sua esposa, lhe deu, seu avô Abraão, que morreu ao completar cento e setenta anos, estando ainda vivo, e contando seus cento e sexagésimo ano. Naquela época reinaram como os sétimos reis – entre os assírios, aquele Xerxes mais antigo, que também se chamava Balæus; e entre os Sicyons, Thuriachus, ou, como alguns escrevem seu nome, Thurimachus. O reino de Argos, no qual Inachus reinou primeiro, surgiu no tempo dos netos de Abraão. E não devo omitir o que Varro relata, que os Sicyons também costumavam sacrificar na tumba de seu sétimo rei Thuriachus. No reinado de Armamitres na Assíria e Leucippus em Sicyon como o oitavo rei, e de Inachus como o primeiro em Argos, Deus falou a Isaque e prometeu a ele as mesmas duas coisas que a seu pai, a saber, a terra de Canaã. à sua descendência, e a bênção de todas as nações na sua descendência. Estas mesmas coisas foram prometidas a seu filho, neto de Abraão, que primeiro foi chamado Jacó b, depois Israel, quando Belocus era o nono rei da Assíria, e Foroneu, filho de Inachus, reinou como o segundo rei de Argos, Leucippus ainda continuando rei de Sicyon. Naquela época, sob o rei Argivo Foroneu, a Grécia tornou-se mais famosa pela instituição de certas leis e juízes. Com a morte de Foroneu, seu irmão mais novo, Fego, construiu um templo em seu túmulo, no qual ele foi adorado como Deus, e bois foram sacrificados a ele. Creio que o consideravam digno de tanta honra, porque em sua parte do reino (pois seu pai havia dividido seus territórios entre eles, nos quais reinaram durante sua vida) ele havia fundado capelas para o culto dos deuses, e tinha ensinado-os a medir o tempo por meses e anos e, nessa medida, manter a contagem e o cálculo dos eventos. Homens ainda incultos, admirando-o por essas novidades, ou imaginavam que ele era, ou resolveram que deveria ser feito um deus após sua morte.

Também se diz que Io era filha de Inachus, que mais tarde foi chamada de Ísis, quando era adorada no Egito como uma grande deusa; embora outros escrevam que ela veio como uma rainha da Etiópia, e porque ela governou extensivamente e com justiça, e instituiu para seus súditos cartas e muitas coisas úteis, tal honra divina foi dada a ela depois que ela morreu, que se alguém dissesse que ela tinha ser humano, ele foi acusado de um crime capital.

CAPÍTULO. 4.-DOS TEMPOS DE JACÓ E SEU FILHO JOSÉ

1. No reinado de Balæus, o nono rei da Assíria, e Mesappus, o oitavo de Sicyon, que alguns dizem ter sido também chamado Cephisos (se é que o mesmo homem tinha ambos os nomes, e aqueles que colocam o outro nome em seus escritos não o confundiram com outro homem), enquanto Apis era o terceiro rei de Argos, Isaque morreu, com cento e oitenta anos, e deixou seus filhos gêmeos com cento e vinte anos. Jacó, o mais novo deles, pertencia à cidade de Deus sobre a qual escrevemos (o mais velho foi totalmente rejeitado), e teve doze filhos, um dos quais, chamado José, foi vendido por seus irmãos a mercadores que desciam para o Egito, enquanto seu avô Isaque ainda estava vivo. Mas quando ele tinha trinta anos de idade, José apresentou-se diante de Faraó, sendo exaltado pela humilhação que sofreu, porque, interpretando divinamente os sonhos do rei, ele predisse que haveria sete anos de fartura, cuja riquíssima abundância seria ser consumido por outros sete anos de fome que se seguirão. Por isso o rei o fez governante do Egito, libertando-o da prisão, na qual havia sido lançado por manter intacta sua castidade; pois ele corajosamente o preservou de sua amante, que o amava perversamente, e mentiu para seu mestre fracamente crédulo, e não consentiu em cometer adultério com ela, mas fugiu dela, deixando sua roupa em suas mãos quando ela o agarrou. . No segundo dos sete anos de fome Jacó desceu ao Egito a seu filho com tudo o que tinha, tendo cento e trinta anos, como ele mesmo disse em resposta à pergunta do rei. José tinha então trinta e nove anos, se somarmos sete anos de fartura e dois de fome aos trinta que ele calculou quando homenageado pelo rei.

CAPÍTULO. 5.-DE ÁPIS REI DE ARGOS, A QUEM OS EGÍPCIOS CHAMARAM SERÁPIS, E ADORADOS COM HONRAS DIVINAS

1. Nesses tempos, Ápis, rei de Argos, atravessou o Egito em navios e, morrendo ali, foi feito Serápis, o principal deus de todos os egípcios. Agora Varrão dá esta razão muito clara porque, depois de sua morte, ele foi chamado, não Apis, mas Serápis. A arca na qual ele foi colocado quando morto, que todos agora chamam de sarcófago, foi então chamada em grego σορ ὄς, e eles começaram a adorá-lo quando enterrados nela antes que seu templo fosse construído; e de Soros e Apis ele foi chamado primeiro [Sorosapis, ou] Sorapis, e depois Serapis, mudando uma letra, como facilmente acontece. Foi decretado em relação a ele também, que quem dissesse que ele tinha sido um homem deveria ser punido com a capital. E como em todos os templos onde se adorava Ísis e Serápis havia também uma imagem que, com o dedo pressionado nos lábios, parecia alertar os homens para que se calassem, Varrão pensa que isso significa que se deve manter em segredo que eles foram humanos. Mas aquele touro que, com maravilhosa insensatez, enganou o Egito, alimentou com abundantes iguarias em sua homenagem, não se chamava Serápis, mas Apis, porque o adoravam vivo sem sarcófago. Com a morte daquele touro, quando procuraram e encontraram um bezerro da mesma cor, isto é, igualmente marcado com certas manchas brancas, eles acreditaram que era algo milagroso, e divinamente provido para eles. No entanto, não era grande coisa para os demônios, para enganá-los, mostrar a uma vaca quando ela estava concebendo e grávida a imagem de um touro, que só ela podia ver, e por isso atrair a paixão reprodutora da mãe. , para que aparecesse em forma corpórea em seus filhotes, assim como Jacó conseguiu com as varas malhadas que as ovelhas e os cabritos nasceram malhados. Pois o que os homens podem fazer com cores e substâncias reais, os demônios podem facilmente fazer mostrando formas irreais aos animais reprodutores.

CAPÍTULO. 6.-QUEM ERAM REIS DE ARGOS E DA ASSÍRIA, QUANDO JACÓ MORREU NO EGITO

1. Apis, então, que morreu no Egito, não era o rei do Egito, mas de Argos. Ele foi sucedido por seu filho Argus, de cujo nome a terra foi chamada Argos e o povo Argives, pois sob os reis anteriores nem o lugar nem a nação ainda tinham esse nome. Enquanto ele então reinou sobre Argos, e Eratus sobre Sicyon, e Baleus ainda permaneceu rei da Assíria, Jacó morreu no Egito com cento e quarenta e sete anos de idade, depois que ele, ao morrer, abençoou seus filhos e netos por José, e profetizou muito claramente de Cristo, dizendo na bênção de Judá: "Não faltará um príncipe de Judá, nem um líder de suas coxas, até que venham as coisas que lhe estão reservadas; e ele é a expectativa das nações. " No reinado de Argus, a Grécia começou a usar frutas e a cultivar milho nos campos cultivados, sendo a semente trazida de outros países. Argus também começou a ser considerado um deus após sua morte, e foi homenageado com um templo e sacrifícios. Esta honra foi conferida em seu reinado, antes de ser dada a ele, a um particular por ser o primeiro a juntar bois no arado. Este foi um Homogiro, que foi atingido por um raio.

CAPÍTULO. 7.-QUEM ERAM REIS QUANDO JOSÉ MORREU NO EGITO

1. No reinado de Mamito, o décimo segundo rei da Assíria, e Plemneu, o décimo primeiro de Sicyon, enquanto Argus ainda reinava sobre os Argivos, José morreu no Egito com cento e dez anos de idade. Depois de sua morte, o povo de Deus, crescendo maravilhosamente, permaneceu no Egito cento e quarenta e cinco anos, em tranqüilidade no início, até que aqueles que conheciam José morreram. Depois, por inveja de seu crescimento e pela suspeita de que finalmente conquistariam sua liberdade, foram oprimidos por perseguições e trabalhos de servidão intolerável, em meio à qual, no entanto, ainda cresceram, sendo multiplicados com a fertilidade dada por Deus. Durante este período, os mesmos reinos continuaram na Assíria e na

Grécia.

CAPÍTULO. 8.-QUEM ERAM REIS QUANDO MOISÉS NASCEU, E QUE DEUSES COMEÇARAM A SER ADORADOS ENTÃO

1. Quando Saphrus reinou como o décimo quarto rei da Assíria, e Orthopolis como o décimo segundo de Sicyon, e Criasus como o quinto de Argos, Moisés nasceu no Egito, por quem o povo de Deus foi libertado da escravidão egípcia, na qual eles deviam ser assim provados para que pudessem desejar a ajuda de seu Criador. Alguns pensaram que Prometeu viveu durante o reinado dos reis agora nomeados. Dizem que ele formou homens de barro, porque era considerado o melhor professor de sabedoria; no entanto, não parece que homens sábios havia em seus dias. Diz-se que seu irmão Atlas foi um grande astrólogo; e isso deu ocasião à fábula de que ele sustentava o céu, embora a opinião vulgar sobre ele erguer o céu pareça ter sido sugerida por uma alta montanha com seu nome. De fato, desde então muitas outras coisas fabulosas começaram a ser inventadas na Grécia; no entanto, até Cecrops, rei de Atenas, em cujo reinado aquela cidade recebeu seu nome, e em cujo reinado Deus tirou Seu povo do Egito por meio de Moisés, apenas alguns heróis mortos são relatados como tendo sido deificados de acordo com a vã superstição do gregos. Entre estes estavam Melantomice, a esposa do rei Criasus, e Phorbas seu filho, que sucedeu seu pai como sexto rei dos argivos, e Iasus, filho de Triopas, seu sétimo rei, e seu nono rei, Stenelas, ou Sthenelus, ou Sthenelus,—pois seu nome é dado de forma diferente por diferentes autores. Nesses tempos também, se diz que Mercúrio, neto de Atlas por sua filha Maia, teria vivido, de acordo com o relato comum em livros. Ele era famoso por sua habilidade em muitas artes, e as ensinou aos homens, pelo que eles resolveram fazer dele, e até acreditaram que ele merecia ser, um deus após a morte. Diz-se que Hércules foi posterior, mas pertencendo ao mesmo período; embora alguns, que acho equivocados, atribuam a ele uma data anterior a Mercúrio. Mas, seja qual for a época em que nasceram, é consenso entre os

historiadores sérios, que escreveram essas coisas antigas, que ambos eram homens e que mereciam honras divinas dos mortais, porque lhes conferiam muitos benefícios para tornar esta vida mais agradável. para eles. Minerva era muito mais antiga do que estes; pois é relatado que ela apareceu na idade virgem nos tempos de Ogiges no lago chamado Tritão, do qual ela também é chamada de Tritonia, a inventora de muitas obras, e a mais prontamente acreditada como uma deusa porque sua origem era tão pouco conhecido. Pois o que se canta sobre ela ter nascido da cabeça de Júpiter pertence à região da poesia e da fábula, e não à da história e do fato real. E os escritores históricos não concordam quando Ogiges floresceu, em cuja época também ocorreu um grande dilúvio – não aquele maior do qual nenhum homem escapou, exceto aqueles que puderam entrar na arca, pois nem a história grega nem a latina o conheciam, mas um dilúvio maior do que o que aconteceu depois no tempo de Deucalião. Pois Varrão começa o livro que já mencionei nesta data, e não propõe a si mesmo, como ponto de partida para chegar aos negócios romanos, nada mais antigo do que o dilúvio de Ogiges, isto é, que aconteceu no séc. tempo de Ogiges. Agora nossos escritores de crônicas - primeiro Eusébio e depois Jerônimo, que seguem inteiramente alguns historiadores anteriores nesta opinião - relatam que o dilúvio de Ogiges aconteceu mais de trezentos anos depois, durante o reinado de Foroneu, o segundo rei de Argos. Mas sempre que ele pode ter vivido, Minerva já era adorada como uma deusa quando Cecrops reinou em Atenas, em cujo reinado a própria cidade foi reconstruída ou fundada.

CAPÍTULO. 9.-QUANDO A CIDADE DE ATENAS FOI FUNDADA, E QUE MOTIVO VARRÃO ATRIBUI PARA SEU NOME

1. Atenas certamente derivou seu nome de Minerva, que em grego é chamada 'Αθηνη, e Varrão aponta a seguinte razão pela qual foi assim chamada. Quando uma oliveira apareceu de repente ali, e a água irrompeu em outro lugar, esses prodígios levaram o rei a enviar ao Apolo de Delfos para perguntar o que eles queriam dizer e o que ele

deveria fazer. Ele respondeu que a azeitona significava Minerva, a água Netuno, e que os cidadãos tinham o poder de nomear sua cidade como quisessem, depois de qualquer um desses dois deuses cujos sinais eram esses. Ao receber este oráculo, Cecrops convocou todos os cidadãos de ambos os sexos para dar seu voto, pois naquela época era costume naquelas partes que as mulheres também participassem das deliberações públicas. Quando a multidão foi consultada, os homens votaram em Netuno, as mulheres em Minerva; e como as mulheres tinham maioria de um, Minerva venceu. Então Netuno, enfurecido, devastou as terras dos atenienses, lançando as ondas do mar; pois os demônios não têm dificuldade em espalhar mais amplamente as águas. A mesma autoridade disse que, para aplacar sua ira, as mulheres deveriam ser visitadas pelos atenienses com o triplo castigo - que elas não deveriam mais ter voto; que nenhum de seus filhos deve ter o nome de suas mães; e que ninguém deveria chamá-los de atenienses. Assim, aquela cidade, mãe e enfermeira das doutrinas liberais, e de tantos e tão grandes filósofos, do que a Grécia notou mais famosa e nobre, pela zombaria dos demônios sobre a contenda de seus deuses, homem e mulher, e de a vitória do feminino através das mulheres, recebeu o nome de Atenas; e, ao ser prejudicado pelo deus vencido, foi compelido a punir a própria vitória da vitoriosa, temendo mais as águas de Netuno do que as armas de Minerva. Pois nas mulheres assim castigadas, Minerva, que havia conquistado, foi conquistada também, e não pôde sequer ajudar seus eleitores a tal ponto que, embora o direito de voto fosse perdido doravante, e as mães não pudessem dar seus nomes aos filhos, eles poderiam pelo menos ser chamados de atenienses, e merecer o nome daquela deusa que eles fizeram vitoriosa sobre um deus masculino, dando-lhe seus votos. O que e quanto poderia ser dito sobre isso, se não tivéssemos que nos apressar para outras coisas em nosso discurso, é óbvio.

CAPÍTULO. 10.-O QUE VARRO INFORMA SOBRE O TERMO AREOPAGUS E SOBRE A INUNDAÇÃO DE DEUCALION

1. Marco Varrão (VARRO), no entanto, não está disposto a creditar

fábulas mentirosas contra os deuses, para que não encontre algo desonroso à sua majestade; e, portanto, ele não vai admitir que o Areópago, o lugar onde o apóstolo Paulo disputou com os atenienses, recebeu esse nome porque Marte, que em grego é chamado de Ἄρης, quando foi acusado do crime de homicídio, e foi julgado por doze deuses nesse campo, foi absolvido pela sentença de seis; porque era costume, quando os votos eram iguais, absolver em vez de condenar. Contra esta opinião, que é muito mais amplamente publicada, ele tenta, a partir das notas de livros obscuros, apoiar outra razão para esse nome, para que os atenienses não o chamem de Areópago das palavras "Marte" e "campo, " como se fosse o campo de Marte, para a desonra dos deuses, com certeza, de quem ele julga processos e julgamentos distantes. E ele afirma que isso que é dito sobre Marte não é menos falso do que o que é dito sobre as três deusas, a saber, Juno, Minerva e Vênus, cuja disputa pela palma da beleza, perante Paris como juiz, a fim de obter a maçã de ouro, não só é contada, mas é celebrada em cantos e danças entre os aplausos dos teatros, em peças destinadas a agradar aos deuses que se deleitam com esses crimes próprios, reais ou fábulas. Varrão não acredita nessas coisas, porque são incompatíveis com a natureza dos deuses e da moral; e, no entanto, ao dar não uma razão fabulosa, mas histórica para o nome de Atenas, ele insere em seus livros a disputa entre Netuno e Minerva sobre qual nome deveria ser dado àquela cidade, que era tão grande que, quando eles disputavam por a exibição de prodígios, mesmo Apolo não ousava julgar entre eles quando consultado; mas, para acabar com a contenda dos deuses, assim como Júpiter enviou as três deusas que nomeamos a Paris, assim ele as enviou aos homens, quando Minerva venceu pelo voto e, no entanto, foi derrotada pelo castigo de seus próprios eleitores. , pois ela não podia conferir o título de atenienses às mulheres que eram suas amigas, embora pudesse impô-lo aos homens que eram seus oponentes. Nesses tempos, quando Cranao reinava em Atenas como sucessor de Cecrops, como escreve Varrão, mas, de acordo com nossos Eusébio e Jerônimo, enquanto o próprio Cecrops ainda permanecia, ocorreu o dilúvio que é chamado de Deucalião, porque ocorreu principalmente naquelas partes do a terra em que reinou. Mas esse dilúvio não atingiu o Egito ou seus

arredores.

CAPÍTULO. 11.-QUANDO MOISÉS LEVOU O POVO PARA FORA DO EGITO; E QUEM ERAM REIS QUANDO SEU SUCESSOR JOSUÉ, O FILHO DE NUM, MORREU

1. Moisés conduziu o povo para fora do Egito na última vez de Cecrops, rei de Atenas, quando Ascatades reinava na Assíria, Marathus em Sicyon, Triopas em Argos; e tendo conduzido o povo, deu-lhes no monte Sinai a lei que recebeu de Deus, que se chama Antigo Testamento, porque tem promessas terrenas e porque, por meio de Jesus Cristo, haveria um Novo Testamento, no qual o reino dos céus deve ser prometido. Pois a mesma ordem deveria ser observada nisto, como é observada em cada homem que prospera em Deus, de acordo com a palavra do apóstolo: "Não é primeiro o que é espiritual, mas o que é natural", pois, como ele diz, e que verdadeiramente, "O primeiro homem da terra, é terreno; o segundo homem, do céu, é celestial." Agora Moisés governou o povo por quarenta anos no deserto, e morreu com cento e vinte anos de idade, depois de ter profetizado de Cristo pelos tipos de observâncias carnis no tabernáculo, sacerdócio e sacrifícios, e muitas outras ordenanças místicas. Josué, filho de Nun, sucedeu a Moisés, e estabeleceu na terra da promessa o povo que ele havia trazido, tendo por autoridade divina conquistado o povo por quem anteriormente era possuído. Ele também morreu, depois de governar o povo vinte e sete anos após a morte de Moisés, quando Amintas reinou na Assíria como o décimo oitavo rei, Coracos como o décimo sexto em Sicyon, Danaos como o décimo em Argos, Erichthonius como o quarto em Atenas.

CAPÍTULO. 12.-DOS RITUAIS DE FALSOS DEUSES INSTITUIDOS PELOS REIS DA GRÉCIA NO PERÍODO DO ÊXODO DE ISRAEL DO EGITO ATÉ A MORTE DE JOSUÉ, O FILHO DE NUM

1. Durante este período, isto é, desde o êxodo de Israel do Egito até a morte de Josué, filho de Num, por meio de quem aquele povo recebeu a terra prometida, foram instituídos rituais aos falsos deuses pelos reis da Grécia, que, pela celebração declarada, recordou a memória do dilúvio, e da libertação dos homens dele, e daquela vida conturbada que eles então levavam migrando de um lado para o outro entre as alturas e as planícies. Pois mesmo os Luperci, quando sobem e descem o caminho sagrado, representam os homens que buscaram os cumes das montanhas por causa da inundação das águas e retornaram às planícies em seu afundamento. Naqueles tempos, Dionísio, que também era chamado de Pai Liber, e era considerado um deus após a morte, teria mostrado a videira ao seu anfitrião na Ática. Em seguida, os jogos musicais foram instituídos para o Apolo Delfo, para aplacar sua cólera, por meio da qual pensavam que as regiões da Grécia estavam afligidas de esterilidade, por não terem defendido seu templo que Dânaos queimou quando invadiu aquelas terras; pois eles foram avisados por seu oráculo para instituir esses jogos . Mas o rei Erichthonius primeiro instituiu-lhe jogos na Ática, e não apenas a ele, mas também a Minerva, em que jogos a azeitona era dada como prêmio aos vencedores, porque eles relatam que Minerva foi a descobridora desse fruto, como Liber era da uva. Naqueles anos, Europa teria sido levado por Xanto, rei de Creta (a quem encontramos alguns dão outro nome), e lhe deu Rhadamanthus, Sarpedon e Minos, que são mais comumente relatados como filhos de Júpiter pela mesma mulher. Agora, aqueles que adoram tais deuses consideram o que dissemos sobre Xanto, rei de Creta, como história verdadeira; mas isto de Júpiter, que os poetas cantam, os teatros aplaudem e o povo festeja, como fábula vazia inventada como motivo de jogos para apaziguar as divindades, mesmo com a falsa atribuição de crimes a elas. Naquela época, Hércules era honrado em Tiro, mas não era o mesmo daquele de quem falamos acima. Na história mais secreta, diz-se que houve vários que foram chamados de Pai Liber e Hércules. Este Hércules, cujos grandes feitos são contados como doze (sem incluir a matança de Antæus, o africano, porque esse caso pertence a outro Hércules), é declarado em seus livros ter se queimado no Monte Ceta, porque ele não foi capaz, por isso força com que ele havia subjogado monstros,

para suportar a doença sob a qual ele definhava. Naquela época, o rei, ou melhor, o tirano Busiris, que se diz ter sido filho de Netuno com a Líbia, filha de Epaphus, teria oferecido seus convidados em sacrifício aos deuses. Agora, não se deve acreditar que Netuno cometeu esse adultério, para que os deuses não sejam incriminados; no entanto, tais coisas devem ser atribuídas a eles pelos poetas e nos teatros, para que possam se agradar deles. Diz-se que Vulcano e Minerva foram os pais de Erichthonius, rei de Atenas, em cujos últimos anos se descobriu que Josué, filho de Nun, morreu. Mas como eles querem que Minerva seja virgem, eles dizem que Vulcano, perturbado na luta entre eles, derramou sua semente na terra, e por isso o homem nascido dela recebeu esse nome; pois na língua grega ἔρις é "disputa", e χθὼν "terra", das quais duas palavras Erichthonius é um composto. No entanto, deve-se admitir que os mais eruditos refutam e negam tais coisas a respeito de seus deuses, e declaram que essa crença fabulosa se originou no fato de que no templo de Atenas, que Vulcano e Minerva tinham em comum, um menino que havia sido exposto era encontrado envolto nas espirais de um dragão, o que significava que ele se tornaria grande, e, como seus pais eram desconhecidos, foi chamado de filho de Vulcano e Minerva, porque tinham o templo em comum. No entanto, essa fábula explica a origem de seu nome melhor do que essa história. Mas o que isso importa para nós? Que aquele nos livros que falam a verdade edifique os homens religiosos, e o outro nas fábulas mentirosas deleite os demônios impuros. No entanto, esses homens religiosos os adoram como deuses. Ainda assim, enquanto eles negam essas coisas que lhes dizem respeito, não podem livrá-los de todos os crimes, porque, a seu pedido, exibem peças nas quais as mesmas coisas que negam sabiamente são feitas de forma vil, e os deuses são apaziguados por essas coisas falsas e vis. Ora, embora a peça celebre um crime irreal dos deuses, deliciar-se com a atribuição de um crime irreal é real.

CAPÍTULO. 13.-QUE FÁBULAS FORAM INVENTADAS NA ÉPOCA EM QUE OS JUÍZES COMEÇARAM A INSTRUIR OS

HEBREUS

1. Após a morte de Josué, filho de Nun, o povo de Deus teve juízes, em cujos tempos foram alternadamente humilhados pelas aflições por causa de seus pecados e consolados pela prosperidade pela compaixão de Deus. Naqueles tempos foram inventadas as fábulas sobre Triptolemus, que, por ordem de Ceres, carregado por cobras aladas, concedia milho às terras necessitadas voando sobre elas; sobre aquele animal, o Minotauro, que estava encerrado no Labirinto, do qual os homens que entravam em seus labirintos inextricáveis não encontravam saída; sobre os centauros, cuja forma era um composto de cavalo e homem; sobre Cerberus, o cão de três cabeças do inferno; sobre Phryxus e sua irmã Hellas, que fugiram, carregados por um carneiro alado; sobre a Górgona, cujos cabelos eram compostos de serpentes, e que transformava em pedra aqueles que a olhavam; sobre Belerofonte, que era carregado por um cavalo alado chamado Pégaso; sobre Amphion, que encantou e atraiu as pedras pela doçura de sua harpa; sobre o artífice Dédalo e seu filho Ícaro, que voavam nas asas em que haviam montado; sobre Édipo, que obrigou um certo monstro de quatro patas com rosto humano, chamado esfinge, a se destruir lançando-se de cabeça, tendo resolvido o enigma que costumava propor como insolúvel; sobre Antæus, que era o filho da terra, por isso, ao cair na terra, ele costumava se levantar mais forte, a quem Hércules matou; e talvez haja outros que eu tenha esquecido. Essas fábulas, facilmente encontradas em histórias que contêm um relato verdadeiro dos acontecimentos, nos remetem à guerra de Tróia, na qual Marco Varrão encerrou seu segundo livro sobre a raça do povo romano; e eles são tão habilmente inventados pelos homens que não envolvem nenhum escândalo para os deuses. Mas quem quer que tenha fingido o estupro de Ganimedes por Júpiter, um menino muito bonito, esse rei Tântalo cometeu o crime, e a fábula o atribuiu a Júpiter; ou quanto a ele engravidar Danæ como uma chuva de ouro, isso significa que a virtude da mulher foi corrompida pelo ouro: se essas coisas foram realmente feitas ou apenas fabuladas naqueles dias, ou foram realmente feitas por outros e falsamente atribuídas a Júpiter, é impossível dizer quanta maldade deve ter sido dada como certa no

coração dos homens para que eles fossem considerados capazes de ouvir tais mentiras com paciência. E, no entanto, eles os aceitaram de bom grado, quando, de fato, quanto mais devotadamente adoravam Júpiter, deveriam ter punido com mais severidade aqueles que ousaram dizer tais coisas dele. Mas eles não apenas não estavam zangados com aqueles que inventaram essas coisas, mas temiam que os deuses ficassem zangados com eles se não representassem tais ficções mesmo nos teatros. Naqueles tempos, Latona deu à luz Apolo, não aquele de cujo oráculo já falamos acima, como tantas vezes consultamos, mas aquele que, junto com Hércules, alimentou os rebanhos do rei Admetus; no entanto, acreditava-se que ele era um deus, que muitos, na verdade quase todos, acreditavam que ele era o mesmo Apolo. Então também o padre Liber fez a guerra na Índia, e liderou em seu exército muitas mulheres chamadas Bacchæ, que eram notáveis não tanto pela bravura quanto pela fúria. Alguns, de fato, escrevem que este Liber foi conquistado e amarrado; e alguns que ele foi morto na Pérsia, mesmo dizendo onde ele foi enterrado; e, no entanto, em seu nome, como o de um deus, os demônios imundos instituíram a sagrada, ou melhor, a sacrílega Bacchanalia, da ultrajante vileza da qual o Senado, depois de muitos anos, se envergonhou tanto a ponto de proibi-las no cidade de Roma. Os homens acreditavam que naqueles tempos Perseu e sua esposa Andrômeda foram elevados ao céu após sua morte, para que não tivessem vergonha ou medo de marcar suas imagens por constelações e chamá-las por seus nomes.

CAPÍTULO. 14.-DOS POETAS TEOLÓGICOS

1. Na mesma época surgiram os poetas, que também eram chamados de teólogos, porque faziam hinos sobre os deuses; ainda sobre deuses que, embora grandes homens, eram apenas homens, ou os elementos deste mundo que o verdadeiro Deus fez, ou criaturas que foram ordenadas como principados e potestades de acordo com a vontade do Criador e seu próprio mérito. E se, entre muitas coisas vãs e falsas, cantavam alguma coisa do único Deus verdadeiro, ainda assim,

adorando-o junto com outros que não são deuses, e mostrando-lhes o serviço que é devido somente a ele, eles não o serviram. com toda a razão; e mesmo poetas como Orfeu, Musæus e Linus foram incapazes de se abster de desonrar seus deuses por meio de fábulas. Mas, no entanto, esses teólogos adoravam os deuses e não eram adorados como deuses, embora a cidade dos ímpios costume, não sei como, colocar Orfeu sobre os ritos sagrados, ou melhor, sacrílegos do inferno. A esposa do rei Athamas, que se chamava Ino, e seu filho Melicertes, morreram atirando-se ao mar, e foram, segundo a crença popular, contados entre os deuses, como outros homens da mesma época, [entre os quais estavam] Castor e Pólux. Os gregos, de fato, chamavam aquela que era a mãe de Melicertes, Leucothea, os latinos, Matuta; mas ambos a consideravam uma deusa.

CAPÍTULO. 15.-DA QUEDA DO REINO DE ARGOS, QUANDO PICUS (PICO), O FILHO DE SATURNO, RECEBEU O REINO DE LAURENTUM DE SEU PAI

1. Durante esses tempos o reino de Argos chegou ao fim; sendo transferido para Miceno, de onde veio Agamenon, e surgiu o reino de Laurentum, do qual Pico filho de Saturno foi o primeiro rei, quando a mulher Débora julgou os hebreus; mas foi o Espírito de Deus que a usou como Seu agente, pois ela também era uma profetisa, embora sua profecia seja tão obscura que não poderíamos demonstrar, sem uma longa discussão, que ela foi proferida a respeito de Cristo. Agora os Laurentes já reinavam na Itália, de quem a origem do povo romano é evidentemente derivada depois dos gregos; no entanto, o reino da Assíria ainda durou, no qual Lampares era o vigésimo terceiro rei quando Picus começou a reinar em Laurentum. Os adoradores de tais deuses podem ver o que devem pensar de Saturno, pai de Picus, que negam que ele era um homem; de quem alguns também escreveram que ele mesmo reinou na Itália antes de seu filho Picus; e Virgílio em seu conhecido livro diz:

"Aquela raça dócil, e por altas montanhas

Disperso, ele se estabeleceu, e dotado de leis,
E nomeou seu país Lácio, porque
Latente dentro de suas costas ele morava seguro.
A tradição diz que a idade de ouro é pura
Começou quando ele era rei."

Mas eles consideram isso como fantasias poéticas, e afirmam que o pai de Picus foi antes Estércio, e relatam que, sendo um lavrador habilidoso, ele descobriu que os campos poderiam ser fertilizados pelo esterco de animais, que é chamado de esterco de seu nome. . Alguns dizem que ele se chamava Stercutius. Mas, por qualquer motivo que tenham escolhido chamá-lo de Saturno, ainda é certo que fizeram deste Sterces ou Stercutius um deus por seu mérito na agricultura; e eles também receberam no número desses deuses Picus seu filho, a quem eles afirmam ter sido um famoso augur e guerreiro. Picus gerou Fauno, o segundo rei de Laurentum; e ele também é, ou foi, um deus com eles. Essas honras divinas eles deram aos mortos antes da guerra de Tróia.

CAPÍTULO. 16.-DE DIOMEDE, QUE APÓS A DESTRUIÇÃO DE TROIA FOI COLOCADO ENTRE OS DEUSES, ENQUANTO SE DIZ QUE SEUS COMPANHEIROS SÃO TRANSFORMADOS EM PÁSSAROS

1. Tróia foi derrubada, e sua destruição foi cantada por toda parte e divulgada até mesmo para os meninos; pois foi notavelmente publicado e difundido no exterior, tanto por sua própria grandeza quanto por escritores de excelente estilo. E isso foi feito no reinado de Latinus, filho de Fauno, de quem o reino começou a ser chamado de Lácio em vez de Laurentum. Os gregos vitoriosos, ao deixar Tróia destruída e retornar aos seus próprios países, foram dilacerados e esmagados por diversos e horríveis calamidades. No entanto, mesmo

entre eles, eles aumentaram o número de seus deuses, pois fizeram de Diomedes um deus. Alegam que seu retorno para casa foi impedido por um castigo divinamente imposto, e provam, não por falsidade fabulosa e poética, mas por atestado histórico, que seus companheiros foram transformados em pássaros. No entanto, eles pensam que, embora ele tenha sido feito um deus, ele não poderia restaurá-los à forma humana por seu próprio poder, nem ainda obtê-lo de Júpiter seu rei, como um favor concedido a um novo habitante do céu. Dizem também que seu templo fica na ilha de Diomedéia, não muito longe do monte Garganus, na Apúlia, e que esses pássaros voam ao redor desse templo e o adoram com uma obediência tão maravilhosa que enchem seus bicos de água e borrifam-no. ; e se os gregos, ou os nascidos da raça grega, chegam lá, eles não apenas ficam parados, mas voam para encontrá-los; mas se eles são estrangeiros, eles voam em suas cabeças e os ferem com golpes tão severos que até os matam. Pois dizem que estão bem armados para esses combates com seus bicos duros e grandes.

CAPÍTULO. 17.-O QUE DIZ VARRO SOBRE AS INCRÍVEIS TRANSFORMAÇÕES DOS HOMENS

1. Em apoio a esta história, Varrão relata outras não menos incríveis sobre a feiticeira mais famosa Circe, que transformou os companheiros de Ulisses em feras, e sobre os Arcádios, que, por sorte, nadaram em um certo lago e foram transformados em lobos ali, e viviam nos desertos daquela região com feras como eles. Mas se eles nunca se alimentaram de carne humana por nove anos, eles foram restaurados à forma humana nadando de volta pela mesma piscina. Finalmente, ele cita expressamente um Demænetus, que, ao provar um menino oferecido em sacrifício pelos Arcádios ao seu deus Lycæus, de acordo com seu costume, foi transformado em lobo e, sendo restaurado à sua forma adequada no décimo ano, treinado ele mesmo como um pugilista, e foi vitorioso nos jogos olímpicos. E o mesmo historiador pensa que o epíteto Lycæus foi aplicado na Arcádia a Pan e Júpiter por nenhuma outra razão que essa metamorfose dos homens

em lobos, porque se pensava que não poderia ser forjado exceto por um poder divino. Pois um lobo é chamado em grego λυκὸς, do qual o nome Lycaeus parece ser formado. Ele diz também que os Luperci romanos eram como que nascidos da semente desses mistérios.

CAPÍTULO. 18.-O QUE DEVEMOS ACREDITAR SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES QUE PARECE OCORRER AOS HOMENS ATRAVÉS DA ARTE DOS DEMÔNIOS

1. Talvez nossos leitores esperem que digamos algo sobre essa grande ilusão operada pelos demônios; e o que diremos senão que os homens devem fugir do meio da Babilônia? Pois este preceito profético deve ser entendido espiritualmente no sentido de que, avançando no Deus vivo, pelos passos da fé, que opera por amor, devemos fugir da cidade deste mundo, que é totalmente uma sociedade de anjos e homens ímpios. Sim, quanto maior vemos o poder dos demônios nessas profundezas, tanto mais tenazmente devemos nos apegar ao Mediador por meio do qual ascendemos desses lugares mais baixos para os mais altos. Pois se dissermos que essas coisas não devem ser creditadas, não faltam ainda agora alguns que afirmem ter ouvido com a melhor autoridade, ou mesmo experimentado, algo desse tipo. De fato, nós mesmos, quando na Itália, ouvimos tais coisas sobre uma certa região lá, onde se dizia que as senhorias de pousadas, imbuídas dessas artes perversas, tinham o hábito de dar aos viajantes que escolhessem ou conseguissem, algo em um pedaço de queijo pelo qual eles foram transformados no local em animais de carga, e levaram o que fosse necessário, e foram restaurados à sua própria forma quando o trabalho foi feito. No entanto, sua mente não se tornou bestial, mas permaneceu racional e humana, assim como Apuleio, nos livros que escreveu com o título de O Asno de Ouro, disse, ou fingiu, que aconteceu a si mesmo que, ao tomar veneno, ele se tornou um asno, mantendo sua mente humana.

2. Essas coisas são falsas ou tão extraordinárias que são, com razão, desacreditadas. Mas deve-se acreditar mais firmemente que Deus

Todo-Poderoso pode fazer o que quiser, seja punindo ou favorecendo, e que os demônios não podem realizar nada por seu poder natural (pois seu ser criado é em si mesmo angelical, embora feito maligno por sua própria culpa), exceto o que Ele pode permitir, cujos julgamentos são muitas vezes ocultos, mas nunca injustos. E, de fato, os demônios, se realmente fazem coisas como estas sobre as quais esta discussão se volta, não criam substâncias reais, mas apenas mudam a aparência das coisas criadas pelo verdadeiro Deus para fazê-las parecer o que não são. Não posso, portanto, acreditar que mesmo o corpo, muito menos a mente, possa realmente ser transformado em formas e traços bestiais por qualquer razão, arte ou poder dos demônios; mas o fantasma de um homem que mesmo em pensamento ou sonhos passa por inúmeras mudanças, pode, quando os sentidos do homem estão adormecidos ou dominados, ser apresentado aos sentidos de outros em uma forma corpórea, de alguma maneira indescritível desconhecida para mim, então que os próprios corpos dos homens podem jazer em algum lugar, vivos, de fato, mas com seus sentidos trancados com muito mais força e firmeza do que pelo sono, enquanto esse fantasma, por assim dizer encarnado na forma de algum animal, pode aparecer aos sentidos de outros , e pode até parecer para o próprio homem ser mudado, assim como ele pode parecer para si mesmo no sono como sendo mudado e carregando fardos; e essas cargas, se são substâncias reais, são suportadas pelos demônios, para que os homens possam ser enganados ao contemplar ao mesmo tempo a substância real das cargas e os corpos simulados dos animais de carga. Pois um certo homem chamado Præstantius costumava contar que tinha acontecido com seu pai em sua própria casa, que ele tomou aquele veneno em um pedaço de queijo e deitou em sua cama como se estivesse dormindo, mas não conseguiu de modo algum ser despertado. Mas ele disse que depois de alguns dias ele acordou e relatou as coisas que ele havia sofrido como se fossem sonhos, a saber, que ele havia sido feito um cavalo de carga e, junto com outros animais de carga, havia carregado provisões para os soldados do que é chamado de Legião Rhoëtian, porque foi enviado para Rhoëtia. E descobriu-se que tudo isso aconteceu exatamente como ele contou, mas parecia-lhe ser o seu próprio sonho. E outro homem declarou que

em sua própria casa, à noite, antes de dormir, viu um certo filósofo, que ele conhecia muito bem, vir até ele e explicar-lhe algumas coisas da filosofia platônica que ele antes se recusou a explicar quando perguntado . E quando ele perguntou a esse filósofo por que ele fez em sua casa o que ele se recusou a fazer em casa, ele disse: "Eu não fiz isso, mas sonhei que tinha feito isso". E assim, o que um viu ao dormir foi mostrado ao outro quando acordado por uma imagem fantasmagórica.

3. Essas coisas não nos vieram de pessoas que poderíamos considerar indignas de crédito, mas de informantes que não poderíamos supor estar nos enganando. Portanto, o que os homens dizem e se comprometeram a escrever sobre os Arcádios sendo muitas vezes transformados em lobos pelos deuses da Arcádia, ou melhor, demônios, e o que é contado em canções sobre Circe transformando os companheiros de Ulisses, se realmente foram feitos, pode, em meu opinião, foram feitos da maneira que eu disse. Quanto às aves de Diomedes, como se alega que sua raça foi perpetuada pela constante propagação, acredito que elas não foram feitas pela metamorfose dos homens, mas foram astuciosamente substituídas por elas em sua remoção, assim como a corça foi para Ifigênia, a filha do rei Agamenon. Pois malabarismos desse tipo não poderiam ser difíceis para os demônios se permitidos pelo julgamento de Deus; e como aquela virgem foi depois encontrada viva, é fácil ver que uma corça havia sido astutamente substituída por ela. Mas porque os companheiros de Diomedes de repente não foram vistos em lugar nenhum, e depois não puderam ser encontrados em nenhum lugar, sendo destruídos por maus anjos vingadores, acredita-se que eles foram transformados naquelas aves, que foram secretamente trazidas para lá de outros lugares onde tais pássaros eram, e de repente os substituíram por fraude. Mas que eles tragam água em seus bicos e aspergissem sobre o templo de Diomedes, e que bajulassem os homens de raça grega e perseguem os estrangeiros, não é algo maravilhoso a ser feito pela influência interna dos demônios, cujo interesse é persuadir os homens de que Diomedes foi feito um deus, e assim seduzi-los a adorar muitos deuses falsos, para grande desonra do Deus

verdadeiro; e servir os mortos, que mesmo em vida não viveram verdadeiramente, com templos, altares, sacrifícios e sacerdotes, todos os quais, quando do tipo certo, são devidos apenas ao único Deus vivo e verdadeiro.

CAPÍTULO. 19.- ÆNEAS (ENÉIAS) REINOU NA ITÁLIA

1. Após a captura e destruição de Tróia, Enéias, com vinte navios carregados com as relíquias troianas, entrou na Itália, quando Latino reinou lá, Menesteu em Atenas, Polyphidos em Sicyon e Tautanos na Assíria, e Abdon era juiz dos hebreus . Com a morte de Latino, Eneas reinou três anos, os mesmos reis continuando nos lugares acima mencionados, exceto que Pelasgus era agora rei em Sicyon, e Sansão era juiz dos hebreus, que se acredita ser Hércules, por causa de sua maravilhosa força. Agora os latinos fizeram de Enéias um de seus deuses, porque em sua morte ele não estava em lugar algum. Os sabinos também colocaram entre os deuses seu primeiro rei, Sancus, [Sangus], ou Sanctus, como alguns o chamam. Naquela época, Codrus, rei de Atenas, expôs-se incógnito para ser morto pelos inimigos do Peloponeso daquela cidade, e assim foi morto. Desta forma, dizem, ele libertou seu país. Pois os peloponesos receberam uma resposta do oráculo, que eles deveriam vencer os atenienses apenas com a condição de que não matassem seu rei. Portanto, ele os enganou aparecendo vestido de pobre e provocando-os, brigando, para matá-lo. De onde Virgílio diz: "Ou as brigas de Codrus". E os atenienses adoravam este homem como um deus com honras sacrificais. O quarto rei dos latinos foi Sílvio, filho de Enéias, não de Creusa, de quem nasceu o terceiro rei Ascânio, mas de Lavínia, filha de Latino, e diz-se que ele foi seu filho póstumo. Oneus era o vigésimo nono rei da Assíria, Melanthus o décimo sexto dos atenienses, e Eli, o sacerdote, era o juiz dos hebreus; e o reino de Sicyon chegou ao fim, depois de durar, diz-se, novecentos e cinquenta e nove anos.

CAPÍTULO. 20.-DA SUCESSÃO DA LINHA DE REIS ENTRE

OS ISRAELITAS APÓS OS TEMPOS DOS JUÍZES

1. Enquanto esses reis reinavam nos lugares mencionados, terminando o período dos juízes, o reino de Israel começou com o rei Saul, quando o profeta Samuel viveu. Nessa data começaram aqueles reis latinos que tinham o sobrenome Sívio, tendo esse sobrenome, além do nome próprio, de seu predecessor, aquele filho de Enéias que se chamava Sívio; assim como, muito tempo depois, os sucessores de Cæsar Augustus foram apelidados de Cæsars. Saul sendo rejeitado, para que nenhum de seus descendentes reinasse, em sua morte Davi o sucedeu no reino, depois que ele reinou quarenta anos. Então os atenienses deixaram de ter reis após a morte de Codrus, e passaram a ter uma magistratura para governar a república. Depois de Davi, que também reinou quarenta anos, seu filho Salomão foi rei de Israel, que construiu o mais nobre templo de Deus em Jerusalém. Em seu tempo Alba foi construída entre os latinos, a partir do qual os reis passaram a ser denominados reis não dos latinos, mas dos albaneses, embora no mesmo Lácio. Salomão foi sucedido por seu filho Roboão, sob o qual aquele povo foi dividido em dois reinos, e suas partes separadas começaram a ter reis separados.

CAPÍTULO. 21.-DOS REIS DO LÁCIO, O PRIMEIRO E O DÉCIMO SEGUNDO DOS QUAIS, ÆNEAS E AVENTINUS, FORAM FEITOS DEUSES

1. Depois de Enéias, a quem eles divinizaram, Lácio teve onze reis, nenhum dos quais foi deificado. Mas Aventinus, que era o décimo segundo depois de Enéias, tendo sido derrubado na guerra e enterrado naquela colina ainda chamada por seu nome, foi adicionado ao número de deuses que eles fizeram para si mesmos. Alguns, de fato, não quiseram escrever que ele foi morto em batalha, mas disseram que ele não estava em lugar algum, e que não era pelo seu nome, mas pelo pouso dos pássaros, que aquela colina se chamava Aventinus. Depois disso, nenhum deus foi feito no Lácio, exceto Rômulo, o fundador de Roma. Mas dois reis são encontrados entre esses dois, o primeiro dos

quais descreverei no verso virgiliano:

"A seguir veio aquele Procas, glória da raça troiana."

Aquele maior de todos os reinos, o assírio, teve sua longa duração encerrada em seu tempo, aproximando-se a época do nascimento de Roma . Pois o império assírio foi transferido para os medos depois de quase trezentos e cinco anos, se incluirmos o reinado de Belus, que gerou Ninus e, contente com um pequeno reino, foi o primeiro rei lá. Agora Procas reinou antes de Amulius. E Amulius tinha feito a filha de seu irmão Numitor, Rhea, que também se chamava Ilia, uma virgem vestal, que concebeu filhos gêmeos de Marte, como eles terão, dessa maneira honrando ou desculpando seu adultério, acrescentando como prova de que uma loba amamentava os bebês quando expostos. Pois eles pensam que esse tipo de animal pertence a Marte, de modo que acredita-se que a loba tenha dado suas tetas aos bebês, porque ela sabia que eles eram filhos de Marte, seu senhor; embora não haja pessoas que digam que quando os bebês chorando ficaram expostos, eles foram primeiro apanhados por não sei que prostituta, e chuparam seus seios primeiro (agora as prostitutas eram chamadas lupa, lobas, das quais seus vis moradas ainda são chamadas de lupanaria), e que depois vieram para as mãos do pastor Faustulus, e foram amamentados por Acca, sua esposa. No entanto, que maravilha é, se, para repreender o rei que cruelmente ordenou que fossem jogados na água, Deus se agradou, depois de libertá-los divinamente da água, socorrer, por meio de uma fera que dava leite, essas crianças por quem uma cidade tão grande deveria ser fundada? Amulius foi sucedido no reino latino por seu irmão Numitor, avô de Romulus; e Roma foi fundada no primeiro ano deste Numitor, que desde então reinou junto com seu neto Rômulo.

CAPÍTULO. 22.-QUE ROMA FOI FUNDADA QUANDO O REINO ASSÍRIO PERECEU, QUANDO EZEQUIAS REINAVA EM JUDÁ

1. Para ser breve, a cidade de Roma foi fundada, como outra Babilônia, e por assim dizer filha da antiga Babilônia, pela qual Deus se agradou de conquistar o mundo inteiro e subjogá-lo por toda parte, trazendo-o para uma irmandade de governo e leis. Pois já havia povos e nações poderosos e corajosos treinados para as armas, que não cediam facilmente e cuja subjugação necessariamente envolvia grande perigo e destruição, bem como grande e horrível trabalho. Pois quando o reino assírio subjugou quase toda a Ásia, embora isso tenha sido feito por luta, as guerras não poderiam ser muito ferozes ou difíceis, porque as nações ainda não estavam treinadas para resistir, e nem tantas nem tão grandes quanto depois; pois, depois daquele dilúvio maior e de fato universal, quando apenas oito homens escaparam na arca de Noé, não muito mais de mil anos se passaram quando Ninus subjugou toda a Ásia, com exceção da Índia. Mas Roma não subjugou totalmente com a mesma rapidez e facilidade todas as nações do leste e oeste que vemos sob o império romano, porque, em seu aumento gradual, em qualquer direção em que se estendesse, as achava fortes e guerreiras. Na época em que Roma foi fundada, então, o povo de Israel estava na terra da promessa setecentos e dezoito anos. Destes anos, vinte e sete pertencem a Josué, filho de Num, e depois disso trezentos e vinte e nove ao período dos juízes. Mas desde o momento em que os reis começaram a reinar ali, trezentos e sessenta e dois anos se passaram. E naquela época havia um rei em Judá chamado Acaz, ou, como outros calculam, Ezequias, seu sucessor, o melhor e mais piedoso rei, que se admite que reinou nos tempos de Rômulo. E naquela parte da nação hebraica chamada Israel, Oséias começou a reinar.

CAPÍTULO. 23.—DA SIBILA (SACERDOSTISA) ERITREIA (ERITHRÆAN), QUE É CONHECIDA POR CONTAR MUITAS COISAS SOBRE CRISTO MAIS CLARAMENTE DO QUE AS OUTRAS SIBILAS (SACERDOTIAS).

1. Alguns dizem que a sibila eritreia profetizou nesta época. Agora Varro declara que havia muitas sibilas (sacerdotisas), e não apenas uma. Esta sibila de Erythræ certamente escreveu algumas coisas sobre

Cristo que são bastante manifestas, e nós as lemos primeiro na língua latina em versos de mau latim, e não rítmicos, pela falta de habilidade, como soubemos depois, de algum intérprete desconhecido para mim. Pois Flacciano, um homem muito famoso, que também era procônsul, homem de eloquência muito pronta e muito conhecimento, quando falávamos de Cristo, apresentou um manuscrito grego, dizendo que eram as profecias da sibila eritreia, nas quais ele apontou uma certa passagem que tinha as letras iniciais das linhas dispostas de modo que estas palavras pudessem ser lidas nelas: 'Ιησοῦς Χριστος Θεοῦ υἱὸς σωτηρ, que significa "Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Salvador". E esses versos, cujas letras iniciais dão esse significado, contêm o que se segue traduzido por alguém para o latim em bom ritmo:

I

O julgamento umedecerá a terra com o suor de seu estandarte,

H

Sempre duradouro, eis que o Rei virá através dos tempos,

Σ

Enviado para estar aqui na carne, e Juiz no fim do mundo.

O

Ó Deus, os crentes e os infiéis igualmente Te contemplarão

Υ

Elevado com santos, quando finalmente as eras terminarem.

Σ

Sentados diante Dele estão almas na carne para Seu julgamento.

X

Escondido em vapores espessos, enquanto desolada jaz a terra.

P

Rejeitados pelos homens são os ídolos e tesouros há muito escondidos;

E

A terra é consumida pelo fogo, e vasculha o oceano e o céu;

I

Emitindo, ele destrói os terríveis portais do inferno.

Σ

Os santos em seu corpo e alma, liberdade e luz herdarão:

T

Os culpados arderão em fogo e enxofre para sempre.

O

Ações ocultas reveladoras, cada um publicará seus segredos;

Σ

Segredos do coração de cada homem Deus revelará à luz.

⊖

Então haverá choro e pranto, sim, e ranger de dentes;

E

Eclipsado é o sol, e silenciado as estrelas em seu coro.

O

Acabou-se o esplendor do luar, derreteu o céu,

Y

Elevados por Ele são os vales, e ao leste as montanhas.

Υ

Completamente desaparecidas entre os homens estão as distinções de alto e baixo.

Ι

Nas planícies correm as colinas, os céus e os oceanos se misturam.

Ο

Oh, que fim de todas as coisas! a terra quebrada em pedaços perecerá;

Σ

Inchando juntas de uma só vez as águas e as chamas fluirão nos rios.

Σ

Soando a trombeta do arcanjo ressoará do céu,

Ω

Sobre os ímpios que gemem em sua culpa e suas múltiplas tristezas.

Τ

Tremendo, a terra se abrirá, revelando o caos e o inferno.

Η

Todo rei diante de Deus comparecerá naquele dia para ser julgado.

Ρ

Rios de fogo e enxofre cairão dos céus.

Nesses versos latinos, o significado do grego é dado corretamente, embora não na ordem exata das linhas relacionadas às letras iniciais; pois em três deles, o quinto, o décimo oitavo e o décimo nono, onde ocorre a letra grega γ, não foram encontradas palavras latinas

começando com a letra correspondente e produzindo um significado adequado. De modo que, se anotarmos juntas as letras iniciais de todas as linhas em nossa tradução latina, exceto aquelas três em que mantemos a letra Y no lugar apropriado, elas expressarão em cinco palavras gregas este significado: "Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Salvador." E os versos são vinte e sete, que é o cubo de três. Pois três vezes três são nove; e o próprio nove, se triplicado, de modo a subir do quadrado superficial ao cubo, chega a vinte e sete. Mas se você juntar as letras iniciais dessas cinco palavras gregas, Ἰησοῦς χριστός Θεοῦ υἱὸς σωτήρ, que significa "Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Salvador", eles farão a palavra ἰχθῦς, isto é, "peixe", na qual a palavra Cristo é misticamente entendida, porque Ele foi capaz de viver, isto é, de existir, sem pecado no abismo desta mortalidade como nas profundezas das águas”.

2. Mas esta sibila, seja ela a eritreia, ou, como alguns acreditam, a cumeia, em todo o seu poema, do qual esta é uma porção muito pequena, não só não tem nada que possa se relacionar com o culto do falso ou deuses fingidos, mas fala contra eles e seus adoradores de tal maneira que podemos até pensar que ela deve ser contada entre aqueles que pertencem à cidade de Deus. Lactâncio também inseriu em sua obra as profecias sobre Cristo de uma certa sibila, ele não diz qual. Mas julguei conveniente reunir num único excerto, que pode parecer longo, o que ele expôs em muitas citações curtas. Ela diz: "Depois ele virá nas mãos injuriosas dos incrédulos, e eles darão a Deus bofetadas com mãos profanas, e com boca impura cuspirá saliva envenenada; mas ele com simplicidade entregará suas costas santas em açoites. se calará quando for ferido com o punho, para que ninguém descubra de que palavra, nem de onde vem falar ao inferno; e será coroado com uma coroa de espinhos. E deram-lhe fel por mantimento e vinagre. para a sua sede: eles vão espalhar esta mesa de inospitalidade. Pois tu mesmo, sendo tolo, não compreendeste o teu Deus, iludindo as mentes dos mortais, mas ao mesmo tempo O coroaste de espinhos e misturaste para Ele fel amargo. Mas o véu do templo será rasgado, e ao meio-dia será mais escuro do que a noite por três horas. E ele morrerá a morte, dormindo por três dias; e então,

voltando do inferno, ele virá primeiro para a luz, o princípio da ressurreição sendo mostrado aos chamados." Lactânncio fez uso desses testemunhos sibilinos, apresentando-os pouco a pouco no decorrer de sua discussão, conforme as coisas que pretendia provar pareciam exigir, e os apresentamos em uma série conectada, ininterrupta por comentários, apenas tendo o cuidado de marcar em maiúsculas, desde que os transcritores não deixem de preservá-los no futuro. Alguns escritores, de fato, dizem que a sibila eritreia não foi no tempo de Rômulo, mas da guerra de Tróia.

CAPÍTULO. 24.-QUE OS SETE SÁBIOS FLORESCERAM NO REINADO DE RÔMULO (ROMULUS), QUANDO AS DEZ TRIBOS QUE ERAM CHAMADAS ISRAEL FORAM LEVADAS EM CATIVEIRO PELOS CALDEUS, E ROMULUS, QUANDO MORTO, TEVE AS HONRAS DIVINAS CONFERIDAS A ELE

1. Enquanto Rômulo reinou, diz-se que Tales, o Milesiano, viveu, sendo um dos sete sábios, que sucederam os poetas teológicos, dos quais Orfeu era o mais famoso, e foram chamados Σοφοί, isto é, sábios. Durante esse tempo, as dez tribos, que na divisão do povo se chamavam Israel, foram conquistadas pelos caldeus e levadas cativas para suas terras, enquanto as duas tribos que se chamavam Judá, e tinham a sede do seu reino em Jerusalém, permaneceram na terra da Judéia. Como Rômulo, quando morto, não pôde ser encontrado em nenhum lugar, os romanos, como é notório em toda parte, o colocaram entre os deuses – algo que já havia deixado de ser feito, e que não foi feito depois até o tempo do César, e não por engano, mas por lisonja; de modo que Cícero atribui grandes elogios a Rômulo, porque ele mereceu tais honras não em tempos rudes e iletrados, quando os homens eram facilmente enganados, mas em tempos já polidos e instruídos, embora a sutil e aguda loquacidade dos filósofos ainda não tivesse culminado. Mas, embora os tempos posteriores não tenham deificado os mortos, ainda assim eles não deixaram de considerar e adorar como deuses os deificados do passado; mais ainda, por imagens, que os antigos nunca tiveram, eles até aumentaram as

seduções da superstição vã e ímpia, os demônios impuros efetuando isso em seus corações, e também os enganando com oráculos mentirosos, de modo que até os crimes fabulosos dos deuses, que não foram imaginados por uma época mais educada, ainda foram vilmente representados nas peças em homenagem a essas mesmas divindades falsas. Numa reinou depois de Rômulo; e embora ele pensasse que Roma seria melhor defendida quanto mais deuses houvesse, ainda assim, em sua morte, ele próprio não foi considerado digno de um lugar entre eles, como se fosse suposto que ele tivesse um céu tão lotado que um lugar não pudesse ser encontrado para ele lá. Eles relatam que a sibila sâmia viveu enquanto ele reinou em Roma, e quando Manassés começou a reinar sobre os hebreus — um rei ímpio, por quem se diz que o profeta Isaías foi morto.

CAPÍTULO. 25.-QUE FILÓSOFOS ERAM FAMOSOS QUANDO TARQUÍNIO PRISCO (TARQUINIUS PRISCUS) REINAVA SOBRE OS ROMANOS E ZEDEQUIAS SOBRE OS HEBREUS, QUANDO JERUSALÉM FOI TOMADA E O TEMPLO DERRUBADO

1. Quando Zedequias reinou sobre os hebreus, e Tarquínio Prisco, sucessor de Ancus Martius, sobre os romanos, o povo judeu foi levado cativo para a Babilônia, Jerusalém e o templo construído por Salomão foram derrubados. Pois os profetas, repreendendo-os por sua iniquidade e impiedade, predisseram que essas coisas aconteceriam, especialmente Jeremias, que até declarou o número de anos. Pítaco de Mitylene, outro dos sábios, teria vivido naquela época. E Eusébio escreve que, enquanto o povo de Deus foi mantido cativo na Babilônia, os outros cinco sábios viveram, que devem ser adicionados a Tales, a quem mencionamos acima, e Pítaco, para compor os sete. Estes são Solon de Atenas, Chilo de Lacedemon, Periandro de Corinto, Cleobulus de Lindus e Bias de Priene. Estes floresceram depois dos poetas teológicos, e foram chamados de sábios, porque eles superaram outros homens em uma certa linha de vida louvável, e resumiram alguns preceitos morais em ditos epigramáticos. Mas eles não

deixaram para a posteridade nenhum monumento literário, exceto que Sólon supostamente deu certas leis aos atenienses, e Tales era um filósofo natural, e deixou livros de sua doutrina em provérbios curtos. Naquele tempo de cativo judaico, Anaximandro, Anaxímenes e Xenófanes, os filósofos naturais, floresceram. Pitágoras também viveu nessa época, e nessa época o nome filósofo foi usado pela primeira vez.

CAPÍTULO. 26.-QUE NO MOMENTO EM QUE O CATIVEIRO DOS JUDEUS TERMINOU, AO COMPLETAR SETENTA ANOS, OS ROMANOS TAMBÉM FORAM LIBERTADOS DO DOMÍNIO REAL

1. Nessa época, Ciro, rei da Pérsia, que também governava os caldeus e os assírios, tendo afrouxado um pouco o cativo dos judeus, fez regressar cinquenta mil deles para reconstruir o templo. Eles só começaram as primeiras fundações e construíram o altar; mas, devido a invasões hostis, não puderam prosseguir, e a obra foi adiada para o tempo de Dario. Durante o mesmo tempo também foram feitas as coisas que estão escritas no livro de Judite, que, de fato, os judeus dizem não ter recebido no cânon das Escrituras. Sob Dario, rei da Pérsia, então, ao completar os setenta anos preditos pelo profeta Jeremias, o cativo dos judeus foi encerrado e eles foram restaurados à liberdade. Tarquínio então reinou como o sétimo rei dos romanos. Em sua expulsão, eles também começaram a ficar livres do governo de seus reis. Até este tempo o povo de Israel tinha profetas; mas, embora fossem numerosos, os escritos canônicos de apenas alguns deles foram preservados entre os judeus e entre nós. Ao encerrar o livro anterior, prometi escrever algo sobre eles neste livro, e agora o farei.

CAPÍTULO. 27.-DOS TEMPOS DOS PROFETAS CUJOS ORÁCULOS ESTÃO CONTIDOS EM LIVROS, E QUE CANTARAM MUITAS COISAS SOBRE O CHAMADO DOS GENTIOS NO MOMENTO EM QUE O REINO ROMANO COMEÇOU E A ASSÍRIA CHEGOU AO FIM

1. Para podermos considerar estes tempos, voltemos um pouco aos tempos anteriores. No início do livro do profeta Oséias, que é o primeiro de doze, está escrito: "A palavra do Senhor que veio a Ossos nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá". Amós também escreve que profetizou nos dias de Uzias, e acrescenta o nome de Jeroboão, rei de Israel, que viveu na mesma época. outro que não era profeta, mas era chamado pelo mesmo nome, também põe no início de seu livro esses quatro reis nomeados por Oséias, dizendo no prefácio que ele profetizou em seus dias. Miquéias também nomeia os mesmos tempos que os de sua profecia, depois dos dias de Uzias; 4 pois ele nomeia os mesmos três reis que Oséias nomeou: Jotão, Acaz e Ezequias. Descobrimos em seus próprios escritos que esses homens profetizaram contemporaneamente. A estes são acrescentados Jonas no reinado de Uzias, e Joel no de Jotão, que sucedeu a Uzias. Mas podemos encontrar a data desses dois profetas nas crônicas, não em seus próprios escritos, pois eles mesmos nada dizem sobre isso. Agora esses dias se estendem de Procas rei dos latinos. ou seu predecessor Aventino, até Rômulo, rei dos romanos, ou mesmo no início do reinado de seu sucessor Numa Pompílio. Ezequias, rei de Judá, certamente reinou até então. De modo que, assim, essas fontes de profecia, como posso chamá-las, explodiram de uma só vez durante aqueles tempos em que o reino assírio falhou e o romano começou; de modo que, assim como no primeiro período do reino assírio surgiu Abraão, a quem foram feitas as mais distintas promessas de que todas as nações seriam abençoadas em sua semente, assim no início da Babilônia ocidental, no tempo de cujo governo Cristo estava por vir em quem essas promessas deveriam ser cumpridas, os oráculos dos profetas foram dados não apenas em palavras faladas, mas em palavras escritas, para um testemunho de que uma coisa tão grande deveria acontecer. Pois, embora o povo de Israel quase nunca tenha faltado profetas desde o tempo em que começou a ter reis, estes eram apenas para seu próprio uso, não para o das nações. Mas quando a Escritura mais manifestamente profética começou a ser formada, que deveria beneficiar também as nações, era apropriado que começasse quando esta cidade fosse fundada, que deveria governar as nações.

CAPÍTULO. 28.-DAS COISAS RELATIVAS AO EVANGELHO DE CRISTO QUE OSÉIAS E AMÓS PROFETIZARAM

1. O profeta Oséias fala tão profundamente que é um trabalho penoso penetrar no seu significado. Mas, de acordo com a promessa, devemos inserir algo de seu livro. Ele diz: "E acontecerá que no lugar em que lhes foi dito: Vós não sois meu povo, ali serão chamados filhos do Deus vivo." Até os apóstolos entenderam isso como um testemunho profético do chamado das nações que anteriormente não pertenciam a Deus; e porque este mesmo povo dos gentios está espiritualmente entre os filhos de Abraão, e por essa razão é justamente chamado de Israel, portanto ele continua dizendo: "E os filhos de Judá e os filhos de Israel serão reunidos em um , e constituirão a si mesmos uma liderança, e ascenderão da terra."7 Devemos apenas enfraquecer o sabor deste oráculo profético se nos dispusermos a expô-lo. Lembre-se o leitor apenas daquela pedra angular e daqueles dois muros de separação, um dos judeus, o outro dos gentios, e ele os reconhecerá, um sob o termo filhos de Judá, o outro como filhos de Israel, sustentando-se por uma e mesma liderança, e ascendendo da terra. Mas que aqueles raelitas carnis que agora não estão dispostos a crer em Cristo crerão depois, isto é, seus filhos (pois eles mesmos, é claro, irão para seu próprio lugar morrendo), este mesmo profeta testifica, dizendo: " Pois os filhos de Israel ficarão muitos dias sem rei, sem príncipe, sem sacrifício, sem altar, sem sacerdócio, sem manifestações."9 Quem não vê que os judeus são agora assim? Mas ouçamos o que ele acrescenta: "E depois os filhos de Israel voltarão, e buscarão ao Senhor seu Deus, e a Davi seu rei, e se admirarão do Senhor e da sua bondade nos últimos dias". Nada é mais claro do que esta profecia, na qual por Davi, distinguido pelo título de rei, Cristo deve ser entendido, "que é feito", como diz o apóstolo, "da descendência de Davi segundo a carne". Este profeta também predisse a ressurreição de Cristo no terceiro dia, como deveria ser predito, com altivez profética, quando ele diz: "Ele nos curará depois de dois dias, e no terceiro dia ressuscitaremos". De acordo com isso, o apóstolo nos

diz: “Se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima”. Amós também profetiza assim a respeito de tais coisas: "Prepara-te, para que possas invocar o teu Deus, ó Israel; pois eis que estou ligando o trovão, e criando o espírito, e anunciando aos homens o seu Cristo". diz: “Naquele dia levantarei o tabernáculo caído de Davi, e edificarei as suas brechas; e levantarei as suas ruínas, e as reconstruirei como nos dias da antiguidade; os homens podem consultar por mim, e todas as nações sobre as quais o meu nome é invocado, diz o Senhor que faz isso”.

CAPÍTULO. 29.-QUE COISAS SÃO PREVISTAS POR ISAÍAS COM RELAÇÃO A CRISTO E À IGREJA

1. A profecia de Isaías não está no livro dos doze profetas, que são chamados de menores pela brevidade de seus escritos, em comparação com aqueles que são chamados de profetas maiores porque publicaram volumes maiores. Isaías pertence a este último, mas eu o relaciono com os dois acima mencionados, porque ele profetizou ao mesmo tempo. Isaías, então, juntamente com suas repreensões de maldade, preceitos de justiça e previsões do mal, também profetizou muito mais do que o resto sobre Cristo e a Igreja, isto é, sobre o rei e a cidade que ele fundou; de modo que alguns dizem que ele deveria ser chamado de evangelista e não de profeta. Mas, para finalizar este trabalho, cito apenas um dentre muitos neste lugar. Falando na pessoa do Pai, ele diz: "Eis que o meu servo entenderá, e será exaltado e muito glorificado. Muitos se admirarão de Ti." Isso é sobre Cristo.

2. Mas vamos agora ouvir o que se segue sobre a Igreja. Ele diz: "Alegra-te, ó estéril, tu que não deu à luz; rompe e clama, tu que não tiveste dores de parto; porque muito mais são os filhos da desolada do que da que tem marido." Mas estes devem ser suficientes; e algumas coisas neles devem ser expostas; no entanto, considero suficientes as partes que são tão claras que até os inimigos devem ser compelidos contra sua vontade a entendê-las.

CAPÍTULO. 30.-O QUE MIQUÉIAS, JONAS E JOEL PROFETIZAM DE ACORDO COM O NOVO TESTAMENTO

1. O profeta Miquéias, representando Cristo sob a figura de um grande monte, fala assim: "Acontecerá nos últimos dias que o monte manifesto do Senhor será preparado nos cumes dos montes, e será ser exaltado acima dos montes, e os povos se apressarão a ela. Muitas nações irão, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó, e ele nos mostrará o seu caminho, e nós iremos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor. E ele julgará entre muitos povos, e repreenderá as poderosas nações de longe". Este profeta prediz o próprio lugar em que Cristo nasceu, dizendo: "E tu, Belém, da casa de Efrata, és a menor que pode ser contada entre os milhares de Judá; de ti me sairá um líder, para ser o príncipe em Israel; e a sua saída é desde o princípio, desde os dias da eternidade. Portanto, ele os entregará até o tempo em que a que estiver de parto dará à luz; e o restante de seus irmãos converter-se-á aos filhos de Israel; e ele se levantará, e verá, e apascentará o seu rebanho na força do Senhor, e na dignidade do nome do Senhor seu Deus; porque agora será engrandecido até ao máximo da terra." 9

2. O profeta Jonas, não tanto por palavras, mas por sua própria experiência dolorosa, profetizou a morte e ressurreição de Cristo com muito mais clareza do que se as tivesse proclamado com sua voz. Pois por que ele foi levado para o ventre da baleia e restaurado no terceiro dia, mas para que ele pudesse ser um sinal de que Cristo retornaria das profundezas do inferno no terceiro dia?

3. Eu deveria ser obrigado a usar muitas palavras para explicar tudo o que Joel profetiza, a fim de esclarecer aquelas que dizem respeito a Cristo e à Igreja. Mas há uma passagem que não devo ignorar, que os apóstolos também citaram quando o Espírito Santo desceu do alto sobre os crentes reunidos de acordo com a promessa de Cristo. Ele diz: "E acontecerá depois destas coisas que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, e vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; e mesmo sobre meus servos e minhas servas naqueles dias derramarei meu Espírito".

CAPÍTULO. 31.-DAS PREVISÕES RELATIVAS À SALVAÇÃO DO MUNDO EM CRISTO, EM OBADIAS, NAUM E HABACUQUE

1. A data de três dos profetas menores, Obadias, Naum e Habacuque, não é mencionada por eles mesmos nem dada nas crônicas de Eusébio e Jerônimo. Pois, embora eles coloquem Obadias com Miquéias, quando Miquéias profetizou não aparece na parte de seus escritos em que as datas são anotadas. E isso, eu acho, aconteceu por causa do erro deles em copiar negligentemente as obras de outros. Mas não encontramos os outros dois agora mencionados nas cópias das crônicas que temos; no entanto, porque eles estão contidos no cânon, não devemos ignorá-los.

Obadias, no que diz respeito aos seus escritos, o mais breve de todos os profetas, fala contra Iduméia, isto é, a nação de Esaú, aquele ancião réprobo dos filhos gêmeos de Isaque e netos de Abraão. Agora, se, por essa forma de discurso em que uma parte é colocada pelo todo, tomamos a Iduméia como colocada para as nações, podemos entender de Cristo o que ele diz entre outras coisas: "Mas sobre o monte Sião haverá segurança, e será um Santo." E pouco depois, no final da mesma profecia, ele diz: "E os que forem salvos de novo subirão do monte Sião, para defenderem o monte Esaú, e será um reino ao Senhor". É bastante evidente que isso foi cumprido quando os salvos novamente do monte Sião - isto é, os crentes em Cristo da Judéia, dos quais os apóstolos devem ser reconhecidos principalmente - subiram para defender o monte Esaú. Como eles poderiam defendê-la, exceto tornando seguros, através da pregação do evangelho, aqueles que acreditavam que poderiam ser "livres do poder das trevas e trasladados para o reino de Deus?" Isso ele expressou como uma inferência, acrescentando: "E será para o Senhor um reino". Pois o monte Sião significa a Judéia, onde se prediz que haverá segurança, e um Santo, isto é, Cristo Jesus. Mas o monte Esaú é Iduméia, que significa a Igreja dos gentios, que, como expus, os salvos novamente de

Sião defenderam que deveria ser um reino para o Senhor. Isso era obscuro antes de acontecer; mas que crente não descobre agora que está feito?

2. Quanto ao profeta Naum, por meio dele Deus diz: "Exterminarei as coisas esculpidas e fundidas: farei a tua sepultura. Pois eis que os pés daquele que traz boas novas e anuncia a paz são velozes sobre os montes! Ó Judá, celebra os teus dias de festa e cumpre os teus votos; porque agora eles não irão mais para se tornarem antiquados; está acabado, é consumido, é tirado. ti fora da tribulação." Que aquele que se lembra do evangelho lembre-se de quem subiu do inferno e soprou o Espírito Santo na face de Judá, isto é, dos discípulos judeus; pois eles pertencem ao Novo Testamento, cujos dias festivos são tão espiritualmente renovados que não podem se tornar antiquados. Além disso, já vemos as coisas esculpidas e fundidas, isto é, os ídolos dos falsos deuses, exterminados pelo evangelho, e entregues ao esquecimento como da sepultura, e sabemos que esta profecia se cumpre exatamente nisso.

3. De que mais além do advento de Cristo, que havia de vir, Habacuque é entendido como dizendo: "E o Senhor me respondeu, e disse: Escreve a visão abertamente em uma tábua de buxo, para que quem lê estas coisas possa entender . Pois a visão ainda é para um tempo determinado, e no fim surgirá, e não se perderá; se tardar, espera-a, porque certamente virá e não tardará?"

CAPÍTULO. 32.-DA PROFECIA QUE ESTÁ CONTIDA NA ORAÇÃO E CANÇÃO DE HABACUQUE

1. Em sua oração, com um cântico, a quem, senão ao Senhor Cristo, ele diz: "Ó Senhor, ouvi o que ouviste e tive medo: Ó Senhor, considere as tuas obras e tive muito medo?" O que é isso senão a admiração inexprimível da salvação dos homens, conhecida de antemão, nova e repentina? "No meio de dois seres viventes tu serás reconhecido." O que é isso senão entre os dois testamentos, ou entre os dois ladrões, ou

entre Moisés e Elias conversando com Ele no monte? "Enquanto os anos se aproximam, Tu serás reconhecido; na chegada do tempo Tu serás mostrado", nem mesmo precisa de exposição. "Enquanto minha alma estiver perturbada por Ele, na ira Tu estarás atento à misericórdia." O que é isso, senão que Ele se coloca pelos judeus, de cuja nação Ele era, que estavam perturbados com grande ira e Cristo crucificado, quando Ele, lembrando-se da misericórdia, disse: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem?" "Deus virá de Temã, e o Santo da montanha sombria e próxima."² O que é dito aqui, "Ele virá de Temã", alguns interpretam "do sul", ou "do sudoeste", pelo qual é significado o meio-dia, isto é, o fervor da caridade e o esplendor da verdade. "O monte sombrio e fechado" pode ser entendido de muitas maneiras, mas prefiro tomá-lo como significando a profundidade das Escrituras divinas, nas quais Cristo é profetizado: pois nas Escrituras há muitas coisas sombrias e próximas que exercitam a mente do leitor; e Cristo vem de lá quando aquele que tem entendimento o encontra lá. "O seu poder cobre os céus, e a terra está cheia do seu louvor." O que é isso, mas o que também é dito no salmo: "Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus, e a tua glória acima de toda a terra?" "Seu esplendor será como a luz." O que é, senão que a fama dEle ilumine os crentes? "Os chifres estão em Suas mãos." O que é isso senão o troféu da cruz? "E Ele colocou a firme caridade de Sua força"⁴ não precisa de exposição. "Ante a sua face irá a palavra, e sairá pelo campo a seus pés." O que é isso senão que Ele deve ser anunciado antes de Sua vinda para cá e depois de Seu retorno? "Ele se levantou, e a terra se moveu." O que é isso senão que "Ele ficou" para socorrer, "e a terra se moveu" para crer? "Ele considerou, e as nações se derreteram"; isto é, Ele teve compaixão e fez o povo penitente. "As montanhas estão quebradas com violência"; isto é, através do poder daqueles que fazem milagres, o orgulho dos altivos é quebrado. "Os montes eternos desceram"; isto é, eles são humilhados no tempo para que possam ser elevados para a eternidade. "Eu vi Seus passos [feitos] eternos por seus labores"; isto é, eu vi Seu trabalho de amor não deixado sem a recompensa da eternidade. "As tendas da Etiópia terão muito medo, e as tendas da terra de Midiã;" isto é, mesmo aquelas nações que não estão sob a autoridade romana, sendo subitamente aterrorizadas pelas notícias de

Tuas maravilhosas obras, se tornarão um povo cristão. "Você se irritou contra os rios, ó Senhor? Ou foi o teu furor contra os rios? ou foi o teu furor contra o mar? Isto é dito porque Ele não vem agora para condenar o mundo, mas para que o mundo por meio dele seja salvo . "Pois Tu montarás em Teus cavalos, e Tua cavalgada será salvação", isto é, Teus evangelistas Te levarão, pois eles são guiados por Ti, e Teu evangelho é salvação para aqueles que crêem em Ti. curvará o Teu arco contra os cetros, diz o Senhor", isto é, Tu ameaçarás até mesmo os reis da terra com Teu julgamento. fluindo sobre eles, os corações dos homens serão abertos para fazer confissão, a quem é dito: "Rasga seus corações e não suas vestes". O que é "espalhar as águas em marcha", senão andar naqueles que por toda parte Te proclamam, Tu espalharás aqui e ali as correntes de Tua doutrina? O que é "O abismo pronunciou sua voz?" Não é que a profundidade do coração humano expressou o que percebeu? As palavras, "A profundidade de sua fantasia", são uma explicação do versículo anterior, pois a profundidade é o abismo; e "Pronunciou sua voz" deve ser entendido diante deles, isto é, como dissemos, expressou o que percebeu. Agora, a fantasia é a visão, que não reteve ou escondeu, mas derramou em confissão. "O sol foi levantado, e a lua parou em seu curso;" isto é, Cristo ascendeu ao céu, e a Igreja foi estabelecida sob seu Rei. "Teus dardos irão na luz"; isto é, Tuas palavras não serão enviadas em segredo, mas abertamente. Pois Ele havia dito a Seus próprios discípulos: "O que vos digo nas trevas, dissei-o na luz."⁸ "Ameaçando diminuirás a terra"; isto é, por essa ameaça humilharás os homens. "E com indignação abaterás as nações"; pois ao castigar aqueles que se exaltam, Tu os lanças um contra o outro. "Saíste para a salvação do teu povo, para salvar o teu Cristo; enviaste a morte sobre a cabeça dos ímpios." Nenhuma dessas palavras requer exposição. "Tu levantaste os grilhões até o pescoço." Isso pode ser entendido até mesmo dos bons laços da sabedoria, que os pés podem ser colocados em seus grilhões e o pescoço em seu colar. "Tu, com espanto da mente, rompeste os laços" deve ser entendido, pois Ele levanta o bem e elimina o mal, sobre o qual se diz a Ele: "Tu rompeste os meus grilhões", e que "com espanto da mente", isto é, maravilhosamente. "As cabeças dos poderosos serão movidas nele;" a saber, nessa maravilha. "Eles abrirão

os dentes como um pobre que come às escondidas." Pois alguns dos poderosos dentre os judeus virão ao Senhor, admirando suas obras e palavras, e comerão avidamente o pão de sua doutrina em segredo por medo dos judeus, assim como o Evangelho mostrou que eles fizeram. "E enviaste ao mar os teus cavalos, perturbando muitas águas", que nada mais são do que muitas pessoas; pois, a menos que todos estivessem perturbados, alguns não se converteriam com medo, outros perseguidos com fúria. "Ouvi, e meu ventre estremeceu à voz da oração dos meus lábios; e um tremor penetrou nos meus ossos, e o meu hábito do corpo se perturbou debaixo de mim." Ele deu atenção às coisas que ele disse, e ele mesmo ficou aterrorizado em sua própria oração, que ele havia derramado profeticamente e na qual ele discernia coisas por vir. Pois quando muitas pessoas estão perturbadas, ele viu a tribulação ameaçadora da Igreja, e imediatamente se reconheceu como membro dela, e disse: "Eu descansarei no dia da tribulação", como sendo um daqueles que estão se regozijando na esperança, paciente na tribulação.² "Para que eu possa ascender", diz ele, "entre o povo de minha peregrinação", afastando-se completamente das pessoas más de seu parentesco carnal, que não são peregrinos nesta terra, e não procuram o país acima. "Ainda que a figueira", diz ele, "não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam cortadas da carne, e não haverá bois nos currais." Ele vê aquela nação que deveria matar Cristo prestes a perder a abundância de suprimentos espirituais, que, de maneira profética, ele estabeleceu pela figura da abundância terrena. E porque essa nação deveria sofrer tal ira de Deus, porque, ignorando a justiça de Deus, desejava estabelecer a sua própria,⁴ ele imediatamente diz: "Ainda me alegrarei no Senhor; exultarei em Deus, minha salvação. O Senhor Deus é a minha força, e ele porá os meus pés em perfeição; Ele me colocará acima das alturas, para que eu vença em seu cântico", a saber, naquele cântico de que algo semelhante é dito no salmo, "Ele colocou meus pés sobre uma rocha, e dirigiu meus passos, e colocou em minha boca um novo cântico, um hino ao nosso Deus." Ele, portanto, vence no cântico do Senhor, que tem prazer em Seu louvor, não em seu próprio; que "aquele que se gloria, glorie-se no Senhor".

não estabelecer esse mesmo nome que para nós é mais caro e mais doce nomear.

CAPÍTULO. 33.-O QUE JEREMIAS E SOFONIAS TÊM, PELO ESPÍRITO PROFÉTICO, FALADO ANTES A RESPEITO DE CRISTO E DO CHAMADO DAS NAÇÕES

1. Jeremias, como Isaías, é um dos profetas maiores, não dos menores, como os outros de cujos escritos acabei de dar trechos. Ele profetizou quando Josias reinava em Jerusalém, e Ancus Martius em Roma, quando o cativeiro dos judeus já estava próximo; e ele continuou a profetizar até o quinto mês do cativeiro, como encontramos em seus escritos. Sofonias, um dos profetas menores, é colocado junto com ele, porque ele mesmo diz que profetizou nos dias de Josias; mas ele não diz até quando. Jeremias assim profetizou não apenas nos tempos de Ancus Martius, mas também nos de Tarquínio Prisco, que os romanos tinham como seu quinto rei. Pois ele já havia começado a reinar quando esse cativeiro ocorreu. Jeremias, ao profetizar sobre Cristo, diz: "O sopro de nossa boca, o Senhor Cristo, foi tomado em nossos pecados", mostrando brevemente que Cristo é nosso Senhor e que Ele sofreu por nós. Também em outro lugar ele diz: "Este é o meu Deus, e nenhum outro será considerado em comparação com ele; que descobriu todo o caminho da prudência, e o deu a Jacó, seu servo, e a Israel, seu amado : depois Ele foi visto na terra, e conversou com os homens."8 Alguns atribuem este testemunho não a Jeremias, mas a seu secretário, que se chamava Baruch; mas é mais comumente atribuído a Jeremias. Novamente o mesmo profeta diz a respeito Dele: "Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um rebento justo, e um Rei reinará e será sábio, e fará juízo e justiça na terra. naqueles dias Judá será salvo, e Israel habitará em confiança; e este é o nome que o chamarão, nosso justo Senhor". E do chamado das nações que estava para acontecer, e que agora vemos cumprido, ele assim falou: "Ó Senhor meu Deus, e meu refúgio no dia dos males, a ti virão as nações desde o fim da terra, dizendo: Na verdade, nossos pais adoraram imagens mentirosas, para as quais não há proveito". Mas

que os judeus, por quem Ele pretendia ser morto, não iriam reconhecê-Lo, este profeta assim sugere: “O coração está pesado em todos; e Ele é um homem, e quem o conhecerá?” Essa passagem também é o que citei no décimo sétimo livro sobre o novo testamento, do qual Cristo é o Mediador. Pois o próprio Jeremias diz: “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que completarei sobre a casa de Jacó um novo testamento”, e o resto, que pode ser lido ali.

2. Por ora, anotarei essas predições sobre Cristo feitas pelo profeta Sofonias, que profetizou com Jeremias. “Esperem em mim, diz o Senhor, no dia da minha ressurreição, no futuro; porque é minha determinação reunir as nações e reunir os reinos”. E novamente ele diz: "O Senhor será terrível sobre eles, e exterminará todos os deuses da terra; e eles o adorarão cada um de seu lugar, mesmo todas as ilhas das nações." diz: "Então darei uma língua ao povo e à sua descendência, para que invoquem o nome do Senhor, e o sirvam debaixo de um só jugo. Das fronteiras dos rios da Etiópia me trarão sacrifícios. Naquele dia não serás confundido por todas as tuas curiosas invenções, que fizeste impiamente contra mim; Deixarei em ti um povo manso e humilde, e os que restarem de Israel temerão o nome do Senhor". Estes são os remanescentes de quem o apóstolo cita o que está profetizado em outro lugar: “Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar , um remanescente será salvo”. acreditava em Cristo.

CAPÍTULO. 34.-DA PROFECIA DE DANIEL E EZEQUIEL, OUTROS DOIS DOS PROFETAS MAIORES

1. Daniel e Ezequiel, outros dois dos maiores profetas, também primeiro profetizaram no cativeiro da Babilônia. Daniel até definiu o tempo em que Cristo viria e sofreria na data exata. Levaria muito tempo para mostrar isso por computação, e isso foi feito muitas vezes por outros antes de nós. Mas de Seu poder e glória ele assim falou: "Eu vi em uma visão noturna, e eis que um como o Filho do homem vinha com as nuvens do céu, e ele veio até o Ancião de dias, e ele foi levado à

sua presença. E a ele foi dado o domínio, e a honra, e o reino; e todos os povos, tribos e línguas o servirão. O seu poder é um poder eterno, que não passará, e o seu reino não seja destruído."

2. Ezequiel também, falando profeticamente na pessoa de Deus Pai, assim prediz Cristo, falando dele de maneira profética como Davi, porque Ele assumiu a carne da semente de Davi, e por causa daquela forma de servo em que Ele se fez homem, Aquele que é o Filho de Deus também é chamado de servo de Deus. Ele diz: "E sobre as minhas ovelhas estabelecerei um pastor, que as apascentará, o meu servo Davi; e ele as apascentará, e será o seu pastor. E eu, o Senhor, serei o seu Deus e o meu servo Davi um príncipe no meio deles. Eu, o Senhor, falei. E em outro lugar ele diz: "E um Rei será sobre todos eles; e não serão mais duas nações, nem mais serão divididos em dois reinos; nem se contaminarão mais com seus ídolos, e seus abominações e todas as suas iniquidades, e eu os livrarei de todas as suas moradas em que pecaram, e os purificarei, e eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. E o meu servo Davi será rei sobre eles, e haverá um pastor para todos eles."10

CAPÍTULO. 35.-DA PROFECIA DOS TRÊS PROFETAS, AGEU, ZACARIAS E MALAQUIAS

1. Restam três profetas menores, Ageu, Zacarias e Malaquias, que profetizaram no fim do cativeiro. Destes Ageu profetiza mais abertamente de Cristo e da Igreja assim brevemente: "Assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda um pouco, e farei abalar o céu, a terra, o mar e a terra seca; e mover todas as nações, e o desejado de todas as nações virá." O cumprimento desta profecia é em parte já visto e em parte esperado no final. Pois Ele moveu o céu pelo testemunho dos anjos e das estrelas, quando Cristo se encarnou. Ele moveu a terra pelo grande milagre de Seu nascimento da virgem. Ele moveu o mar e a terra seca, quando Cristo foi proclamado nas ilhas e no mundo inteiro. Assim vemos todas as nações movidas à fé; e o cumprimento do que se segue, "E o desejado de todas as nações virá", é esperado em Sua

última vinda. Pois antes que os homens possam desejá-Lo e esperar por Ele, eles devem crer e amá-Lo.

2. Zacarias diz de Cristo e da Igreja: "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta de júbilo, ó filha de Jerusalém; eis que o teu Rei virá a ti, justo e Salvador, pobre, e montado em jumento, e um jumentinho, cria de jumenta; e o seu domínio será de mar a mar, e desde o rio até aos confins da terra". Como isso foi feito, quando o Senhor Cristo em Sua jornada usou uma besta de carga desse tipo, lemos no Evangelho, onde, também, é citado tanto desta profecia quanto parece suficiente para o contexto. Em outro lugar, falando no Espírito de profecia ao próprio Cristo sobre a remissão dos pecados por meio de Seu sangue, ele diz: "Tu também, pelo sangue do Teu testamento, tiraste os Teus prisioneiros do lago em que não havia água." 2 Diferentes opiniões podem ser sustentadas, consistentemente com a crença correta, quanto ao que ele quis dizer com este lago. No entanto, parece-me que nenhum significado se adapta melhor do que a profundidade da miséria humana, que é, por assim dizer, seca e estéril, onde não há correntes de justiça, mas apenas a lama da iniquidade. Pois é dito nos Salmos: "E ele me tirou do lago da miséria, e do lodo de lodo."

3. Malaquias, anunciando a Igreja que agora vemos propagada por meio de Cristo, diz mais abertamente aos judeus, na pessoa de Deus: "Não tenho prazer em você, e não aceitarei um presente de sua mão. subindo até o poente do sol, grande é o meu nome entre as nações; e em todo lugar se fará sacrifício, e uma oblação pura será oferecida ao meu nome; porque o meu nome será grande entre as nações, diz o Senhor." Como já podemos ver este sacrifício oferecido a Deus em todo lugar, desde o nascente do sol até o poente, pelo sacerdócio de Cristo segundo a ordem de Melquisedeque, enquanto os judeus, aos quais foi dito: "Não tenho prazer em vós, nem aceitarei um dom de vossas mãos", não podem negar que seu sacrifício cessou, por que eles ainda procuram outro Cristo, quando lêem isso na profecia, e o vêem cumprido, o que não poderia ser cumprido senão por meio de Ele? E um pouco depois ele diz dele, na pessoa de Deus: "Minha aliança era com ele de vida e paz; estava na sua boca; guiando em paz, andou

comigo, e a muitos desviou da iniquidade, porque os lábios do sacerdote guardarão o conhecimento, e da sua boca buscarão a lei, porque ele é o anjo do Senhor dos exércitos. "5 Nem é de admirar que Cristo Jesus seja chamado o Anjo do Deus Todo-Poderoso. Pois, assim como é chamado servo por causa da forma de servo com que veio aos homens, assim também é chamado anjo por causa do evangelho que proclamou aos homens. Pois se interpretarmos essas palavras gregas, evangelho é "boa notícia" e anjo é "mensageiro". Novamente ele diz dele: "Eis que enviarei o meu anjo, e ele olhará o caminho diante da minha face; e de repente entrará no seu templo o Senhor, a quem vós procurais, o anjo do testamento, a quem vós desejais. . Eis que Ele vem, diz o Senhor Todo-Poderoso, e quem permanecerá no dia de Sua entrada, ou quem permanecerá em Sua aparição? Neste lugar, ele predisse tanto o primeiro quanto o segundo advento de Cristo: o primeiro, a saber, do qual ele diz: "E Ele virá repentinamente ao Seu templo"; isto é, em Sua carne, da qual Ele disse no Evangelho: "Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei novamente." E do segundo advento ele diz: "Eis que Ele vem, diz o Senhor Todo-Poderoso, e quem permanecerá no dia de Sua entrada, ou quem permanecerá em Sua vinda?" Mas o que ele diz: "O Senhor a quem buscais, e o Anjo do testamento a quem desejais", significa apenas que mesmo os judeus, de acordo com as Escrituras que lêem, buscarão e desejarão a Cristo. Mas muitos deles não reconheceram que Aquele que eles buscavam e desejavam havia vindo, estando cegos em seus corações, que estavam preocupados com seus próprios méritos. Agora, o que ele aqui chama de testamento, seja acima, onde ele diz: "Meu testamento estava com Ele", ou aqui, onde ele O chamou de Anjo do testamento, devemos, sem dúvida, tomar como sendo o novo testamento, em que as coisas prometidas são eternas, e não o antigo, em que são apenas temporais. No entanto, muitos que são fracos ficam perturbados quando vêem os ímpios abundarem em tais coisas temporais, porque as valorizam muito e servem ao verdadeiro Deus para serem recompensadas com elas. Por isso, para distinguir a bem-aventurança eterna do novo testamento, que será dado apenas aos bons, da felicidade terrena do antigo, que na maioria das vezes também é dada aos maus, o mesmo profeta diz: " Vocês tornaram as

suas palavras um peso para mim; mas vocês disseram: Em que falamos mal de Ti? Vocês disseram: Insensato é todo aquele que serve a Deus; e que proveito há em guardarmos Suas observâncias e andaram como suplicantes diante da face do Senhor Todo-Poderoso? E agora chamamos bem-aventurados os estrangeiros; sim, todos os que praticam coisas iníquas são edificados novamente; sim, eles se opõem a Deus e são salvos. Os que temiam ao Senhor proferiram estas injúria cada um ao seu próximo; e o Senhor atendeu e ouviu; e escreveu um memorial diante dele, para os que temem ao Senhor e reverenciam o seu nome". Por esse livro se entende o Novo Testamento. Finalmente, vamos ouvir o que se segue: "E eles serão uma aquisição para mim, diz o Senhor Todo-Poderoso, no dia que eu fizer; e eu os escolherei como um homem escolhe seu filho que o serve. e discernirá entre o justo e o injusto, e entre o que serve a Deus e o que não o serve; porque eis que o dia vem queimando como um forno, e os queimarão; e todos os estrangeiros e todos os que fazem impiedosamente se tornará o restolho; e o dia que virá os incendiará, diz o Senhor dos Exércitos, e não deixará raiz nem ramo; e para vós, que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, e a saúde estará em seu asas; e saireis, e exultareis como bezerras soltos das cadeias; e pisareis os ímpios, e eles se farão cinza debaixo dos vossos pés, no dia em que farei [isto], diz o Senhor Todo-Poderoso "2 Este dia é o dia do julgamento, do qual, se Deus quiser, falaremos mais plenamente em seu próprio lugar.

CAPÍTULO. 36.-SOBRE ESDRAS E OS LIVROS DOS MACABEUS

1. Depois destes três profetas, Ageu, Zacarias e Malaquias, durante o mesmo período da libertação do povo da servidão babilônica também escreveu Esdras, que é histórico e não profético, como também o livro chamado Ester, que é encontrados para relatar, para o louvor de Deus, eventos não muito distantes daqueles tempos; a menos que, talvez, Esdras deve ser entendido como profetizando de Cristo naquela passagem onde, tendo surgido uma questão entre alguns jovens sobre

qual é a coisa mais forte, quando se dizia reis, outro vinho, as terceiras mulheres, que por a maior parte governa reis, mas esse mesmo terceiro jovem demonstrou que a verdade é vitoriosa sobre tudo. Pois consultando o Evangelho aprendemos que Cristo é a Verdade. A partir desse momento, quando o templo foi reconstruído, até o tempo de Aristóbulo, os judeus não tiveram reis, mas príncipes; e o cálculo de suas datas é encontrado, não nas Sagradas Escrituras, que são chamadas canônicas, mas em outras, entre as quais também estão os livros dos Macabeus. Estes são tidos como canônicos, não pelos judeus, mas pela Igreja, por causa dos sofrimentos extremos e maravilhosos de certos mártires, que, antes de Cristo ter vindo em carne, lutaram pela lei de Deus até a morte, e suportaram males mais graves e horríveis.

CAPÍTULO. 37.-QUE SÃO ENCONTRADOS REGISTROS PROFÉTICOS MAIS ANTIGOS QUE QUALQUER FONTE DA FILOSOFIA GENTÍLICA

1. No tempo de nossos profetas, então, cujos escritos já haviam chegado ao conhecimento de quase todas as nações. os filósofos das nações ainda não haviam surgido, pelo menos não aqueles que eram chamados por esse nome, que se originou com Pitágoras, o Sâmio, que estava se tornando famoso no momento em que terminou o cativeiro judaico. Muito mais, então, são os outros filósofos considerados posteriores aos profetas. Pois mesmo Sócrates, o ateniense, o mestre de todos os que eram então mais famosos, mantendo a preeminência naquele departamento que é chamado de moral ou ativo, é encontrado depois de Esdras nas crônicas. Platão também nasceu não muito depois, que longe foram os outros discípulos de Sócrates. Se, além destes, tomarmos os seus predecessores, que ainda não tinham sido chamados de filósofos, a saber, os sete sábios, e depois os físicos, que sucederam a Tales e imitaram a sua pesquisa estudiosa da natureza das coisas, a saber, Anaximandro, Anaxímenes , e Anaxágoras, e alguns outros, antes de Pitágoras se declarar filósofo pela primeira vez, mesmo estes não precederam todos os nossos profetas na antiguidade

dos tempos, uma vez que Tales, a quem os outros sucederam, teria florescido no reinado de Rômulo, quando a corrente da profecia irrompeu das fontes de Israel naqueles escritos que se espalharam por todo o mundo. De modo que apenas aqueles poetas teológicos, Orfeu, Linus e Musæus, e, pode ser, alguns outros entre os gregos, são encontrados mais cedo do que os profetas hebreus cujos escritos temos como autoritários. Mas nem mesmo estes precederam no tempo nosso verdadeiro divino, Moisés, que pregou autenticamente o único Deus verdadeiro e cujos escritos são os primeiros no cânon autoritário; e, portanto, os gregos, em cuja língua a literatura desta época aparece principalmente, não têm motivo para se gabar de sua sabedoria, na qual nossa religião, na qual é a verdadeira sabedoria, não é evidentemente mais antiga, pelo menos, se não superior. No entanto, deve-se confessar que antes de Moisés já havia, não realmente entre os gregos, mas entre as nações bárbaras, como no Egito, alguma doutrina que poderia ser chamada de sabedoria, caso contrário não teria sido escrita nos livros sagrados que Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios, como ele era, quando, nascendo lá, e adotado e amamentado pela filha de Faraó, ele também foi liberalmente educado. No entanto, nem mesmo a sabedoria dos egípcios poderia ser antecedente no tempo à sabedoria de nossos profetas, porque mesmo Abraão era um profeta. E que sabedoria poderia haver no Egito antes que Ísis lhes desse cartas, a quem eles julgavam apropriados para adorar como uma deusa após sua morte? Agora se declara que Ísis era filha de Ínaco, que começou a reinar em Argos quando se sabe que os netos de Abraão já nasceram.

CAPÍTULO. 38.-QUE O CÂNON Eclesiástico NÃO ADMITIU CERTOS ESCRITOS POR CAUSA DE SUA ANTIGUIDADE DEMASIADO

1. Se me lembro de tempos muito mais antigos, nosso patriarca Noé certamente foi antes daquele grande dilúvio, e eu não poderia chamá-lo imerecidamente de profeta, pois a arca que ele fez, na qual ele escapou com sua família, era ela mesma um profecia de nossos

tempos. E quanto a Enoque, o sétimo depois de Adão? A epístola canônica do apóstolo Judas não declara que ele profetizou? Mas os escritos desses homens não podiam ser tidos como autoritários nem entre os judeus nem entre nós, por causa de sua antiguidade muito grande, o que tornava necessário considerá-los com suspeita, para que coisas falsas não sejam expostas em vez de verdadeiras. Pois alguns escritos que dizem ser deles são citados por aqueles que, de acordo com seu próprio humor, acreditam vagamente no que querem. Mas a pureza do cânon não admitiu esses escritos, não porque a autoridade desses homens que agradaram a Deus seja rejeitada, mas porque não se acredita que sejam deles. Tampouco deve parecer estranho que os escritos de tão grande antiguidade sejam considerados suspeitos, visto que na própria história dos reis de Judá e de Israel contendo seus atos, que acreditamos pertencer à Escritura canônica, muitas coisas são mencionados que não são explicados lá, mas dizem que são encontrados em outros livros que os profetas escreveram, os próprios nomes desses profetas sendo às vezes dados, e ainda assim eles não são encontrados no cânon que o povo de Deus recebeu. Agora eu confesso que a razão disso está escondida de mim; apenas penso que mesmo aqueles homens, a quem certamente o Espírito Santo revelou as coisas que devem ser consideradas como autoridade religiosa, podem escrever algumas coisas como homens por diligência histórica e outras como profetas por inspiração divina; e essas coisas eram tão distintas, que se julgou que as primeiras deveriam ser atribuídas a si mesmas, mas as últimas a Deus falando por meio delas: e assim uma pertencia à abundância do conhecimento, a outra à autoridade da religião. Nessa autoridade o cânon é guardado. De modo que, se quaisquer escritos fora dele são agora apresentados sob o nome dos profetas antigos, eles não podem servir nem como auxílio ao conhecimento, porque é incerto se são genuínos; e por isso não são confiáveis, especialmente aqueles em que se encontram algumas coisas que são até contrárias à verdade dos livros canônicos, de modo que é bastante evidente que não lhes pertencem.

CAPÍTULO. 39.- SOBRE OS CARACTERES ESCRITOS EM HEBRAICO QUE ESSA LÍNGUA SEMPRE POSSUIU

1. Agora, não devemos acreditar que Heber, de cujo nome deriva a palavra hebraico, preservou e transmitiu a língua hebraica a Abraão apenas como uma língua falada, e que as letras hebraicas começaram com a entrega da lei por meio de Moisés; mas sim que essa linguagem, juntamente com suas letras, foi preservada por essa sucessão de pais. Moisés, de fato, designou alguns dentre o povo de Deus para ensinar letras, antes que pudessem conhecer quaisquer letras da lei divina. A Escritura chama esses homens de Ὑραμματιστῶν Ὡσεῖς, que podem ser chamados em latim indutores ou introdutores de letras, porque eles, por assim dizer, os introduzem no coração dos alunos, ou melhor, conduzem aqueles a quem ensinam a eles. Portanto, nenhuma nação poderia se vangloriar de nossos patriarcas e profetas por qualquer vaidade perversa pela antiguidade de sua sabedoria; pois nem mesmo o Egito, que costuma se gloriar falsa e em vão na antiguidade de suas doutrinas, precedeu no tempo a sabedoria de nossos patriarcas em sua própria sabedoria, tal como é. Ninguém ousará dizer que eles eram mais hábeis em ciências maravilhosas antes de conhecer as letras, isto é, antes de Ísis vir e ensiná-los lá. Além disso, o que, em grande parte, era aquela doutrina memorável deles que era chamada de sabedoria, mas astronomia, e pode ser algumas outras ciências desse tipo, que geralmente têm mais poder para exercitar a inteligência dos homens do que iluminar suas mentes com verdadeira sabedoria? ? No que diz respeito à filosofia, que professa ensinar aos homens algo que os fará felizes, estudos desse tipo floresceram naquelas terras nos tempos de Mercúrio, a quem chamavam de Trismegisto, muito antes dos sábios e filósofos da Grécia, mas ainda depois de Abraão, Isaque, Jacó e José, e mesmo depois do próprio Moisés. Naquela época, de fato, quando Moisés nasceu, descobriu-se que Atlas vivia, aquele grande astrônomo, irmão de Prometeu, e neto materno do eider Mercúrio, de quem esse Mercúrio Trismegisto era neto.

CAPÍTULO. 40.- SOBRE A VAIDADE MAIS MENTIROSA

DOS EGÍPCIOS, EM QUE ATRIBUEM À SUA CIÊNCIA UMA ANTIGUIDADE DE CEM MIL ANOS

1. Em vão, então, balbuciam com a mais vã presunção, dizendo que o Egito compreendeu o cálculo das estrelas por mais de cem mil anos. Pois em que livros eles coletaram esse número que aprendeu letras de Ísis, sua amante, não muito mais do que dois mil anos atrás? Varrão, que o declarou, não é pouca autoridade na história, e não discorda da verdade dos livros divinos. Pois, como ainda não se passaram seis mil anos desde que o primeiro homem, que se chama Adão, não devem ser ridicularizados, em vez de refutados, aqueles que tentam nos persuadir de algo a respeito de um espaço de tempo tão diferente e contrário ao determinado verdade? A que historiador do passado devemos dar mais crédito do que aquele que também previu coisas que estão por vir e que agora vemos cumpridas? E o próprio desacordo dos historiadores entre si fornece uma boa razão pela qual devemos antes acreditar naquele que não contradiz a história divina que sustentamos. Mas, por outro lado, os cidadãos da cidade ímpia, espalhados por toda a terra, quando lêem os escritores mais eruditos, nenhum dos quais parece ser de autoridade desprezível, e os descobrem discordando entre si sobre assuntos mais distantes do mundo. memória de nossa época, não podem descobrir em quem devem confiar. Mas nós, sendo sustentados pela autoridade divina na história de nossa religião, não temos dúvida de que tudo o que se opõe a ela é mais falso, qualquer que seja o caso em relação a outras coisas em livros seculares, que, sejam verdadeiras ou falsas, não trazem nada de momento para nossa vida correta e feliz.

CAPÍTULO. 41.-SOBRE A DISCÓRDIA DE OPINIÃO FILOSÓFICA E A CONCORDÂNCIA DAS ESCRITURAS QUE SÃO CONSIDERADAS CANÔNICAS PELA IGREJA

1. Mas vamos omitir um exame mais aprofundado da história e voltar aos filósofos de quem nos desviamos para essas coisas. Eles parecem ter trabalhado em seus estudos para nenhum outro fim do que

descobrir como viver de uma maneira adequada para alcançar a bem-aventurança. Por que, então, os discípulos discordaram de seus mestres, e os condiscípulos uns dos outros, exceto porque, como homens, eles buscaram essas coisas pelos sentidos e raciocínios humanos? Agora, embora possa haver entre eles um desejo de glória, de modo que cada um desejasse ser considerado mais sábio e mais agudo do que outro, e de modo algum viciado no julgamento dos outros, mas o inventor de seu próprio dogma e opinião, ainda assim eu pode admitir que havia alguns, ou mesmo muitos deles, cujo amor pela verdade os separou de seus professores ou condiscípulos, para que pudessem lutar pelo que pensavam ser a verdade, fosse ou não. Mas o que pode fazer a miséria humana, ou como ou onde pode chegar, para alcançar a bem-aventurança, se a autoridade divina não a conduz? Finalmente, que nossos autores, entre os quais o cânon dos livros sagrados é fixo e delimitado, estejam longe de discordar em qualquer aspecto. Não é sem razão, então, que não apenas algumas pessoas tagarelando nas escolas e ginásios em disputas capciosas, mas tantas e grandes pessoas, tanto instruídas quanto incultas, em países e cidades, acreditaram que Deus lhes falou ou por eles, ou seja, os escritores canônicos, quando escreveram esses livros. Deve haver, de fato, apenas poucos deles, para que, por causa de sua multidão, o que deveria ser religiosamente estimado se torne barato; e, no entanto, não tão poucos que seu acordo não seja maravilhoso. Pois entre a multidão de filósofos, que em suas obras deixaram para trás os monumentos de seus dogmas, ninguém encontrará facilmente alguém que concorde em todas as suas opiniões. Mas mostrar isso é uma tarefa muito longa para este trabalho.

2. Mas que autor de qualquer seita é tão aprovado nesta cidade adoradora de demônios, que os demais que diferiram ou se opuseram a ele em opinião foram reprovados? Os epicuristas afirmavam que os assuntos humanos não estavam sob a providência dos deuses; e os estóicos, de opinião oposta, concordavam que eram governados e defendidos por deuses favoráveis e tutelares. No entanto, ambas as seitas não eram famosas entre os atenienses? Eu me pergunto, então, por que Anaxágoras foi acusado de um crime por dizer que o sol era

uma pedra ardente e negar que fosse um deus; enquanto na mesma cidade Epicuro floresceu gloriosamente e viveu com segurança, embora ele não apenas não acreditasse que o sol ou qualquer estrela fosse um deus, mas afirmasse que nem Júpiter nem nenhum dos deuses habitavam no mundo, de modo que as orações e as súplicas dos homens podem alcançá-los! Não estavam ali Aristipo e Antístenes, dois nobres filósofos e ambos socráticos? no entanto, eles colocaram o fim principal da vida dentro de limites tão diversos e contraditórios, que o primeiro fez do prazer do corpo o principal bem, enquanto o outro afirmava que o homem era feito feliz principalmente pela virtude da mente. Aquele também dizia que o sábio deveria fugir da república; o outro, que ele deveria administrar seus negócios. No entanto, cada um não reuniu discípulos para seguir sua própria seita? De fato, no pórtico conspícuo e conhecido, nos ginásios, nos jardins, nos lugares públicos e privados, eles lutavam abertamente em bandos cada um por sua própria opinião, alguns afirmando que havia um mundo, outros inúmeros mundos; alguns que este mundo teve um começo, outros que não; alguns que pereceria, outros que existiria sempre; alguns que era governado pela mente divina, outros por acaso e acidente; uns que as almas são imortais, outros que são mortais – e dos que afirmavam sua imortalidade, alguns diziam que transmigraram através de bestas, outros que não era de modo algum; enquanto dos que afirmaram sua mortalidade, alguns disseram que pereceram imediatamente após o corpo, outros que sobreviveram pouco ou mais tempo, mas nem sempre; alguns fixando o bem supremo no corpo, alguns na mente, alguns em ambos; outros acrescentando à mente e ao corpo coisas boas externas; alguns pensam que os sentidos corporais devem ser sempre confiáveis, alguns nem sempre, outros nunca. Agora, que povo, senado, poder ou dignidade pública da cidade ímpia já teve o cuidado de julgar entre todas essas e mais inumeráveis dissensões dos filósofos, aprovando e aceitando algumas, e desaprovando e rejeitando outras? Não guardou em seu seio ao acaso, sem julgamento e confusamente, tantas controvérsias de homens em desacordo, não sobre campos, casas ou qualquer coisa de natureza pecuniária, mas sobre as coisas que tornam a vida miserável ou feliz? Mesmo que algumas coisas verdadeiras fossem ditas nele,

ainda assim, falsidades foram proferidas com a mesma licença; para que tal cidade não tenha recebido o título de Babilônia mística. Pois Babilônia significa confusão, como lembramos já explicamos. Tampouco importa ao diabo, seu rei, como eles disputam entre si em erros contraditórios, já que todos igualmente lhe pertencem por causa de sua grande e variada impiedade.

3. Mas essa nação, esse povo, essa cidade, essa república, esses israelitas, a quem os oráculos de Deus foram confiados, de modo algum confundiram com licença semelhante os falsos profetas com os verdadeiros profetas; mas, concordando entre si e não diferindo em nada, reconheceram e confirmaram os autores autênticos de seus livros sagrados. Esses eram seus filósofos, esses eram seus sábios, teólogos, profetas e mestres de probidade e piedade. Quem era sábio e vivia segundo eles era sábio e não vivia segundo os homens, mas segundo Deus que por eles falou. Se o sacrilégio é proibido ali, Deus o proibiu. Se for dito: "Honra teu pai e tua mãe", Deus ordenou. Se for dito: "Não adulterarás, não matarás, não roubarás"² e outros mandamentos semelhantes, não lábios humanos, mas os oráculos divinos os proclamaram. Seja qual for a verdade que certos filósofos, em meio às suas falsas opiniões, puderam ver, e se esforçaram por discussões laboriosas para persuadir os homens, como a que Deus fez este mundo, e Ele mesmo o governa com toda a providência, ou da nobreza das virtudes, do amor à pátria, da fidelidade na amizade, das boas obras e de tudo o que diz respeito aos costumes virtuosos, embora não soubessem a que fim e a que regra se refeririam todas essas coisas, tudo isso, por palavras proféticas, isto é, divinos, embora falados por homens, foram recomendados ao povo daquela cidade, e não inculcados por contenção em argumentos, para que quem os conhecesse pudesse ter medo de desprezar, não a inteligência dos homens, mas o oráculo de Deus.

CAPÍTULO. 42.-POR QUAL DISPENSAÇÃO DA PROVIDÊNCIA DE DEUS AS ESCRITURAS SAGRADAS DO ANTIGO TESTAMENTO FORAM TRADUZIDAS DO

HEBRAICO PARA O GREGO, PARA QUE FOSSEM CONHECIDAS DE TODAS AS NAÇÕES

1. Um dos Ptolomeus, reis do Egito, desejava conhecer e possuir esses livros sagrados. Pois depois que Alexandre da Macedônia, que também é denominado o Grande, com seu poder mais maravilhoso, mas de modo algum duradouro, subjugou toda a Ásia, sim, quase todo o mundo, em parte pela força das armas, em parte pelo terror e , entre outros reinos do Oriente, havia entrado e obtido a Judéia também em sua morte, seus generais não dividiram pacificamente esse reino mais amplo entre eles para uma posse, mas o dissiparam, desperdiçando todas as coisas por guerras. Então o Egito começou a ter os Ptolomeus como seus reis. O primeiro deles, filho de Lago, levou muitos cativos da Judéia para o Egito. Mas outro Ptolomeu, chamado Filadelfo, que o sucedeu, permitiu que todos os que ele havia colocado sob o jugo voltassem livres; e, mais do que isso, enviou presentes reais ao templo de Deus, e implorou a Eleazar, que era o sumo sacerdote, que lhe desse as Escrituras, que ele ouvira por relato serem verdadeiramente divinas e, portanto, desejava muito ter na mais nobre biblioteca que ele havia feito. Quando o sumo sacerdote os enviou a ele em hebraico, ele depois exigiu intérpretes dele, e foram dados a ele setenta e dois, de cada uma das doze tribos, seis homens, os mais instruídos em ambas as línguas, a saber, o hebraico e o Grego e sua tradução é agora por costume chamado de Septuag int. É relatado, de fato, que havia um acordo em suas palavras tão maravilhosas, estupendas e claramente divinas, que quando eles se sentaram neste trabalho, cada um à parte (pois assim agradou a Ptolomeu testar sua fidelidade), eles diferiam de entre si em nenhuma palavra que tivesse o mesmo significado e força, ou, na ordem das palavras; mas, como se os tradutores fossem um, então o que todos traduziram era um, porque de fato o único Espírito estava em todos eles. E eles receberam um dom tão maravilhoso de Deus, a fim de que a autoridade dessas Escrituras pudesse ser elogiada não como humana, mas divina, como de fato foi, para o benefício das nações que em algum momento creriam, como agora as vemos. fazendo.

CAPÍTULO. 43.-DA AUTORIDADE DA TRADUÇÃO SEPTUAGINTA. O ORIGINAL HEBRAICO, DEVE SER PREFERIDA PARA TODAS AS TRADUÇÕES

1. Pois, embora houvesse outros intérpretes que traduziram esses oráculos sagrados da língua hebraica para o grego, como Áquila, Símaco e Teodotion, e também aquela tradução que, como o nome do autor é desconhecido, é citada como a quinta edição, mas a Igreja recebeu esta tradução da Septuaginta como se fosse a única; e tem sido usado pelo povo cristão grego, a maioria dos quais não sabe que existe outro. Desta tradução também foi feita uma tradução na língua latina, que as igrejas latinas usam. Nossos tempos, no entanto, têm desfrutado da vantagem do presbítero Jerônimo, um homem muito instruído e hábil em todas as três línguas, que traduziu essas mesmas Escrituras para a língua latina, não do grego, mas do hebraico. Mas, embora os judeus reconheçam que esse trabalho muito erudito dele seja fiel, enquanto afirmam que os tradutores da Septuaginta erraram em muitos lugares, ainda assim as igrejas de Cristo julgam que ninguém deve ser preferido à autoridade de tantos homens, escolhidos por esta grande obra de Eleazar, que era então sumo sacerdote; pois mesmo que não tivesse aparecido neles um espírito, sem dúvida divino, e os setenta eruditos tivessem, à maneira dos homens, comparado as palavras de sua tradução, para que o que agradasse a todos permanecesse, nenhum único tradutor deveria ser preferido a eles; mas uma vez que um sinal tão grande de divindade apareceu neles, certamente, se qualquer outro tradutor, de suas Escrituras do hebraico para qualquer outra língua, é fiel, nesse caso ele concorda com esses setenta tradutores, e se ele não for encontrado concordar com eles, então devemos acreditar que o dom profético está com eles. Pois o mesmo Espírito que estava nos profetas quando falaram estas coisas também estava nos setenta homens quando as traduziram, para que certamente também pudessem dizer outra coisa, como se o próprio profeta tivesse dito ambas, porque seria o mesmo Espírito que disse ambos; e poderia dizer a mesma coisa de maneira diferente, de

modo que, embora as palavras não fossem as mesmas, ainda assim o mesmo significado deveria brilhar para aqueles de bom entendimento; e poderia omitir ou acrescentar algo, de modo que mesmo assim se pudesse mostrar que havia naquela obra não escravidão humana, que o tradutor devia às palavras, mas sim poder divino, que preenchia e governava a mente do tradutor. Alguns, no entanto, pensaram que as cópias gregas da versão da Septuaginta deveriam ser corrigidas das cópias hebraicas; no entanto, eles não ousaram tirar o que faltava ao hebraico e a Septuaginta tinha, mas apenas acrescentaram o que foi encontrado nas cópias hebraicas e estava faltando na Septuaginta, e os notou colocando no início dos versículos certas marcas na forma de estrelas que eles chamam de asteriscos. E aquelas coisas que as cópias hebraicas não têm, mas a Septuaginta têm, elas têm da mesma maneira marcada no início dos versos por marcas horizontais em forma de espeto, como aquelas pelas quais denotamos onças; e muitas cópias com essas marcas circulam até em latim. Mas não podemos, sem examinar os dois tipos de cópias, descobrir aquelas coisas que não são omitidas nem adicionadas, mas expressas de maneira diferente, se elas fornecem outro significado que não é em si inadequado, ou se podem explicar o mesmo significado de outra maneira. Se, então, como nos convém, não vemos nada mais nestas Escrituras além do que o Espírito de Deus falou por meio dos homens, se alguma coisa está nas cópias hebraicas e não está na versão dos Setenta, o Espírito de Deus não escolhem dizê-lo através deles, mas somente através dos profetas. Mas o que quer que esteja na Septuaginta e não nas cópias hebraicas, o mesmo Espírito preferiu dizer através desta última, mostrando assim que ambos eram profetas. Pois dessa maneira Ele falou como Ele escolheu, algumas coisas através de Isaías, algumas através de Jeremias, algumas através de vários profetas, ou então a mesma coisa através deste profeta e através daquele. Além disso, o que quer que seja encontrado em ambas as edições, que um e o mesmo Espírito quis dizer através de ambas, mas de modo que o primeiro precedeu em profetizar, e o último seguiu em interpretá-los profeticamente; porque, como o único Espírito de paz estava no primeiro quando eles falaram palavras verdadeiras e concordantes, assim o mesmo Espírito apareceu no último, quando, sem conferência

mútua, eles ainda interpretaram todas as coisas como se com uma boca.

CAPÍTULO. 44.-COMO A AMEAÇA DA DESTRUÇÃO DOS NINEVITAS DEVE SER ENTENDIDA, QUE NO HEBRAICO SE PROLONGA A QUARENTA DIAS, ENQUANTO NA SEPTUAGINTA É TRÊS

1. Mas alguém pode dizer: "Como saberei se o profeta Jonas disse aos ninivitas: 'Ainda três dias e Nínive será subvertida', ou quarenta dias?" Pois quem não vê que o profeta não poderia dizer as duas coisas, quando foi enviado para aterrorizar a cidade pela ameaça de ruína iminente? Pois se sua destruição ocorresse no terceiro dia, certamente não poderia ser no quadragésimo; mas se no quadragésimo, então certamente não no terceiro. Se, então, me perguntam qual desses Jonas pode ter dito, prefiro pensar no que é lido no hebraico: "Ainda quarenta dias e Nínive será derrubada". No entanto, os Setenta, interpretando muito depois, puderam dizer o que era diferente e ainda assim pertinente ao assunto, e concordar no mesmo significado, embora sob um significado diferente. E isso pode admoestar o leitor a não desprezar a autoridade de nenhum dos dois, mas a se elevar acima da história e a buscar aquelas coisas que a própria história foi escrita para expor. Essas coisas, de fato, ocorreram na cidade de Nínive, mas também significavam outra coisa grande demais para se aplicar a essa cidade; assim como, quando aconteceu que o próprio profeta estava três dias no ventre da baleia, significava, além disso, que Aquele que é o Senhor de todos os profetas deveria estar três dias nas profundezas do inferno. Portanto, se essa cidade é corretamente considerada como representando profeticamente a Igreja dos gentios, a saber, como derrubada pela penitência, de modo a não ser mais o que era, uma vez que isso foi feito por Cristo na Igreja dos gentios, que Nínive representou, o próprio Cristo foi significado tanto pelos quarenta dias como pelos três dias: pelos quarenta, porque Ele passou esse número de dias com os Seus discípulos depois da ressurreição, e depois subiu ao céu, mas pelos três dias, porque Ele ressuscitou no terceiro dia. De

modo que, se o leitor não deseja nada além de aderir à história dos eventos, ele pode ser despertado de seu sono pelos intérpretes da Septuaginta, bem como pelos profetas, para pesquisar a profundidade da profecia, como se eles tivessem dito , Nos quarenta dias, busca Aquele em quem também podes encontrar os três dias – aquele que encontrarás em Sua ascensão, o outro em Sua ressurreição. Porque o que poderia ser mais adequadamente significado por ambos os números, dos quais um é usado por Jonas, o profeta, o outro pela profecia da versão da Septuaginta, o mesmo Espírito falou. Eu temo a prolixidade, de modo que não devo demonstrar isso por muitos casos em que os setenta intérpretes podem ser considerados diferentes do hebraico e, no entanto, quando bem compreendidos, concordam. Por isso também eu, de acordo com minha capacidade, seguindo os passos dos apóstolos, que citaram testemunhos proféticos de ambos, isto é, do hebraico e da Septuaginta, pensei que ambos deveriam ser usados como autoridade, pois ambos são um, e divino. Mas vamos agora seguir como podemos o que resta.

CAPÍTULO. 45.-QUE OS JUDEUS DEIXARAM DE TER PROFETAS APÓS A RECONSTRUÇÃO DO TEMPLO, E DESDE AQUELE TEMPO ATÉ O NASCIMENTO DE CRISTO FORAM AFLIGIDOS PELA CONTÍNUA ADVERSIDADE, PARA PROVAR QUE A CONSTRUÇÃO DE OUTRO TEMPLO HAVIA SIDO PROMETIDA POR VOZES PROFÉTICAS

1. A nação judaica, sem dúvida, piorou depois que deixou de ter profetas, exatamente no momento em que, na reconstrução do templo após o cativeiro na Babilônia, esperava melhorar. Pois assim, de fato, aquele povo carnal entendeu o que foi predito pelo profeta Ageu, dizendo: "A glória desta última casa será maior do que a da primeira". Agora, que isso é dito do novo testamento, ele mostrou um pouco acima, onde diz, evidentemente prometendo a Cristo: "E moverei todas as nações, e o desejado virá a todas as nações". tradutores dando outro sentido mais adequado ao corpo do que a Cabeça, isto é, à Igreja do que a Cristo, disseram por autoridade profética: "As coisas hão de

vir que são escolhidas do Senhor de todas as nações", isto é, homens, de quem Jesus diz no Evangelho: "Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos." Pois por esses escolhidos das nações é construída, através do novo testamento, com pedras vivas, uma casa de Deus muito mais gloriosa do que aquele templo que foi construído pelo rei Salomão e reconstruído após o cativo. Por esta razão, então, aquela nação não tinha profetas daquela época, mas foi afligida com muitas pragas por reis de raça estrangeira e pelos próprios romanos, para que não imaginassem que esta profecia de Ageu foi cumprida por aquela reconstrução do templo. .

2. Pouco tempo depois, com a chegada de Alexandre, foi subjugado, quando, embora não houvesse pilhagem, porque não ousaram resistir a ele, e assim, sendo muito facilmente subjugados, o receberam pacificamente, mas a glória daquela casa não era tão grande como quando estava sob o livre poder de seus próprios reis. Alexandre, de fato, ofereceu sacrifícios no templo de Deus, não como um convertido ao Seu culto em verdadeira piedade, mas pensando, com tolice ímpia, que Ele deveria ser adorado junto com falsos deuses. Então Ptolomeu filho de Lago, a quem já mencionei, depois da morte de Alexandre os levou cativos para o Egito. Seu sucessor, Ptolomeu Filadelfo, descartou-os com muita benevolência; e por ele foi realizado, como narrei um pouco antes, que deveríamos ter a versão Septuaginta das Escrituras. Então eles foram esmagados pelas guerras que são explicadas nos livros dos Macabeus. Depois foram levados cativos por Ptolomeu, rei de Alexandria, que se chamava Epifânio. Então Antíoco rei da Síria os compeliu por muitos e mais graves males a adorar ídolos, e encheu o próprio templo com as superstições sacrílegas dos gentios. No entanto, seu líder mais vigoroso, Judas, que também é chamado de Macabæus, depois de derrotar os generais de Antíoco, purificou-o de toda a corrupção da idolatria.

3. Mas não muito tempo depois, um certo Alcimus, embora estrangeiro da tribo sacerdotal, foi, por ambição, feito pontífice, o que era uma coisa ímpia. Depois de quase cinquenta anos, durante os quais nunca tiveram paz, embora tenham prosperado em alguns

assuntos, Aristóbulo assumiu primeiro o diadema entre eles e foi feito rei e pontífice. Antes disso, de fato, a partir do momento de seu retorno do cativeiro babilônico e da reconstrução do templo, eles não tinham reis, mas generais ou príncipes. Embora o próprio rei possa ser chamado de príncipe, por seu principado no governo, e líder, porque lidera o exército, mas não se segue que todos os príncipes e líderes também possam ser chamados de reis, como Aristóbulo. Ele foi sucedido por Alexandre, também rei e pontífice, que teria reinado cruelmente sobre eles. Depois dele, sua esposa Alexandra foi rainha dos judeus, e de seu tempo para baixo males mais graves os perseguiram; pois os filhos desta Alexandra, Aristóbulo e Hircano, ao lutarem entre si pelo reino, convocaram as forças romanas contra a nação de Israel. Pois Hircano pediu ajuda deles contra seu irmão. Naquela época, Roma já havia subjugado a África e a Grécia, e governado extensivamente também em outras partes do mundo, e ainda assim, como se incapaz de suportar seu próprio peso, de certa forma, havia se quebrado por seu próprio tamanho. Pois, de fato, ela havia chegado a graves sedições domésticas, e daí a guerras sociais e, pouco a pouco, a guerras civis, e havia se enfraquecido e se desgastado tanto que o estado alterado da república, no qual ela deveria ser governada por reis, era agora iminente. Pompeu, então, um ilustre príncipe do povo romano, tendo entrado na Judéia com um exército, tomou a cidade, abriu o templo, não com a devoção de um suplicante, mas com a autoridade de um conquistador, e foi, sem reverência, mas profanamente, no santo dos santos, onde era lícito para ninguém, exceto o pontífice, entrar. Tendo estabelecido Hircano no pontificado e colocado Antípatro sobre a nação subjugada como guardião ou procurador, como eram então chamados, ele levou Aristóbulo com ele amarrado. A partir desse momento os judeus também começaram a ser tributários romanos. Depois Cassius saqueou o próprio templo. Então, depois de alguns anos, era seu deserto ter Herodes, um rei de origem estrangeira, em cujo reinado Cristo nasceu. Pois já havia chegado o tempo significado pelo Espírito profético pela boca do patriarca Jacó, quando diz: “Não lhe faltará príncipe de Judá, nem mestre de seus lombos, até que venha aquele a quem está reservado; e ele é a expectativa das nações”. Não faltou, portanto, um príncipe

judeu dos judeus até aquele Herodes, que foi o primeiro rei de uma raça estrangeira recebido por eles. Portanto, era agora o tempo em que Ele deveria vir para quem estava reservado o que é prometido no Novo Testamento, que Ele deveria ser a expectativa das nações. Mas não era possível que as nações esperassem que Ele viesse, como vemos, fazer julgamento no esplendor do poder, a menos que primeiro cressem nEle quando Ele veio para sofrer julgamento na humildade da paciência.

CAPÍTULO. 46.-DO NASCIMENTO DE NOSSO SALVADOR, PELO QUAL A PALAVRA SE FEZ CARNE; E DA DISPERSÃO DOS JUDEUS ENTRE TODAS AS NAÇÕES, COMO HAVIA SIDO PROFETIZADO

1. Enquanto Herodes, portanto, reinava na Judéia, e César Augusto era imperador em Roma, o estado da república já sendo mudado, e o mundo pacificado por ele, Cristo nasceu em Belém de Judá, homem manifesto de uma virgem humana, Deus escondido de Deus Pai. Pois assim o profeta havia predito: "Eis que uma virgem conceberá no ventre e dará à luz um filho, e chamarão o seu nome Emanuel, que, traduzido, é Deus conosco". Ele fez muitos milagres para louvar a Deus em si mesmo, alguns dos quais, tantos quantos pareciam suficientes para proclamá-lo, estão contidos nas Escrituras evangélicas. A primeira delas é que Ele nasceu tão maravilhosamente, e a última, que com Seu corpo ressuscitado dentre os mortos Ele ascendeu ao céu. Mas os judeus que o mataram e não acreditaram nele, porque lhe convinha morrer e ressuscitar, foram ainda mais miseravelmente desperdiçados pelos romanos e totalmente extirpados de seu reino, onde os estrangeiros já haviam governado sobre eles, e foram dispersos pelas terras (de modo que, de fato, não há lugar onde eles não estejam), e são, portanto, por suas próprias Escrituras um testemunho para nós de que não forjamos as profecias sobre Cristo. E muitos deles, considerando isso, mesmo antes de sua paixão, mas principalmente depois de sua ressurreição, creram nEle, de quem foi predito: "Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do

mar, o restante será sejam salvos." 3 Mas os demais estão cegos, dos quais foi predito: "Que a sua mesa seja diante deles uma armadilha, e uma retribuição, e uma pedra de tropeço. sempre de costas." Portanto, quando eles não acreditam em nossas Escrituras, as suas próprias, que eles lêem cegamente, se cumprem nelas, para que ninguém diga que os cristãos forjaram essas profecias sobre Cristo que são citadas sob o nome de sibila, ou de outros, se houver, que não pertencem ao povo judeu. Para nós, de fato, bastam aqueles que são citados dos livros de nossos inimigos, a quem fazemos nosso reconhecimento, por causa desse testemunho que, apesar de si mesmos, eles contribuem com a posse desses livros, enquanto eles mesmos estão dispersos. entre todas as nações, onde quer que a Igreja de Cristo esteja espalhada no exterior. Pois uma profecia sobre isso foi enviada antes nos Salmos, que eles também leem, onde está escrito: "Meu Deus, sua misericórdia me impedirá. Meu Deus me mostrou a respeito dos meus inimigos, para que não os mate, para que não eles devem finalmente esquecer a tua lei: dispersá-los em teu poder."5 Portanto, Deus mostrou à Igreja em seus inimigos os judeus a graça de Sua compaixão, uma vez que, como diz o apóstolo, "a sua ofensa é a salvação dos gentios. " E, portanto, Ele não os matou, isto é, Ele não permitiu que o conhecimento de que eles são judeus se perdesse neles, embora tenham sido conquistados pelos romanos, para que não se esqueçam da lei de Deus, e seu testemunho seja de nenhum proveito neste assunto de que tratamos. Mas não era suficiente que ele dissesse: "Não os mate, para que por fim não esqueçam a Tua lei", a menos que ele também tenha acrescentado: "Dispersa-os"; porque se eles estivessem apenas em sua própria terra com esse testemunho das Escrituras, e não em todos os lugares, certamente a Igreja que está em todos os lugares não poderia tê-los como testemunhas entre todas as nações das profecias que foram enviadas antes a respeito de Cristo.

CAPÍTULO. 47.-SE ANTES DOS TEMPOS CRISTÃOS HAVIA ALGUÉM FORA DA RAÇA ISRAELITICA QUE PERTENCEU À COMUNHÃO DA CIDADE CELESTIAL

1. Portanto, se lemos sobre algum estrangeiro - isto é, alguém que não nasceu de Israel nem foi recebido por esse povo no cânon dos livros sagrados - tendo profetizado algo sobre Cristo, se chegou ou chegará ao nosso conhecimento, podemos consultá-lo acima e acima; não que isso seja necessário, mesmo que querendo, mas porque não é incongruente acreditar que mesmo em outras nações pode ter havido homens a quem este mistério foi revelado, e que também foram impelidos a proclamá-lo, sejam eles participantes do mesma graça ou não tiveram experiência dela, mas foram ensinados por anjos maus, que, como sabemos, até confessaram o Cristo presente, a quem os judeus não reconheceram. Nem acho que os próprios judeus ousam argumentar que ninguém pertenceu a Deus, exceto os israelitas, uma vez que o crescimento de Israel começou com a rejeição de seu irmão mais velho. Pois de fato não havia outro povo que fosse especialmente chamado de povo de Deus; mas eles não podem negar que houve certos homens, mesmo de outras nações, que pertenciam, não por comunhão terrena, mas celestial, aos verdadeiros israelitas, os cidadãos do país que está acima. Porque, se eles negarem isso, eles podem ser mais facilmente refutados pelo caso do santo e maravilhoso homem Jó, que não era nem nativo nem prosélito, ou seja, um estrangeiro que se juntou ao povo de Israel, mas, sendo Raça idumeana, surgiu lá e morreu também, e que é tão elogiada pelo oráculo divino, que nenhum homem de seu tempo se iguala a ele no que diz respeito à justiça e à piedade. E embora não encontremos sua data nas crônicas, ainda de seu livro, que por seu mérito os israelitas receberam como de autoridade canônica, concluimos que ele estava na terceira geração depois de Israel. E não duvido que tenha sido divinamente provido para que, a partir deste caso, pudéssemos saber que entre outras nações também pode haver homens pertencentes à Jerusalém espiritual que viveram de acordo com Deus e Lhe agradaram. E não se deve supor que isso tenha sido concedido a qualquer um, a menos que o único Mediador entre Deus e os homens, o Homem Cristo Jesus, tenha sido divinamente revelado a ele; que foi pré-anunciado aos santos da antiguidade ainda para vir na carne, assim como ele nos é anunciado como vindo, para que a mesma fé por meio dele conduza a Deus todos os que estão predestinados para ser a cidade de Deus, a

casa de Deus e o templo de Deus. Mas quaisquer que sejam as profecias sobre a graça de Deus por meio de Cristo Jesus citadas, pode-se pensar que foram forjadas pelos cristãos. De modo que não há nada de mais peso para refutar todos os tipos de alienígenas, se eles discutem sobre esse assunto, e para apoiar nossos amigos, se eles são verdadeiramente sábios, do que citar aquelas previsões divinas sobre Cristo que estão escritas nos livros do Judeus, que foram arrancados de sua morada natal e dispersos por todo o mundo para dar este testemunho, de modo que a Igreja de Cristo aumentou em todos os lugares.

CAPÍTULO. 48.-A PROFECIA DE AGEU, EM QUE ELE DISSE QUE A GLÓRIA DA CASA DE DEUS SERIA MAIOR DO QUE A PRIMEIRA, FOI REALMENTE CUMPRIDA, NÃO NA RECONSTRUÇÃO DO TEMPLO, MAS NA IGREJA DE CRISTO

1. Esta casa de Deus é mais gloriosa do que aquela primeira que foi construída de madeira e pedra, metais e outras coisas preciosas. Portanto, a profecia de Ageu não se cumpriu na reconstrução daquele templo. Pois nunca pode ser demonstrado que teve tanta glória depois de ser reconstruído como no tempo de Salomão; sim, antes, mostra-se que a glória daquela casa foi diminuída, primeiro pela cessação da profecia, e depois pela própria nação sofrendo tão grandes calamidades, até a destruição final feita pelos romanos, como as coisas acima mencionadas. provar. Mas esta casa que pertence ao novo testamento é tanto mais gloriosa quanto as pedras vivas, mesmo crentes, homens renovados, das quais ela é construída são melhores. Mas foi tipificado pela reconstrução daquele templo por esta razão, porque a própria renovação daquele edifício tipifica no oráculo profético outro testamento que é chamado de novo. Quando, portanto, Deus disse pelo profeta que acabou de citar: "E eu darei paz neste lugar", deve ser entendido quem é tipificado por esse lugar típico; pois, visto que por aquele lugar reconstruído é tipificada a Igreja que deveria ser construída por Cristo, nada mais pode ser aceito como o

significado do ditado: "Eu darei paz neste lugar", exceto que eu darei paz no lugar que aquele lugar lugar significa. Pois todas as coisas típicas parecem de alguma forma personificar aqueles a quem elas tipificam, como é dito pelo apóstolo: "Aquele Rocha era Cristo".⁴ Portanto, a glória desta casa do novo testamento é maior do que a glória da casa do antigo testamento; e se mostrará maior quando for dedicado. Pois então "virá o desejado de todas as nações", como lemos no hebraico. Pois antes de Seu advento Ele ainda não havia sido desejado por todas as nações. Pois eles não conheciam aquele a quem deveriam desejar, em quem não haviam crido. Então, também, de acordo com a interpretação da Septuaginta (pois também é um significado profético), "virão aqueles que são eleitos pelo Senhor de todas as nações". Pois então, de fato, virão apenas aqueles que forem eleitos, dos quais o apóstolo diz: "Como nos elegeu nele antes da fundação do mundo."⁶ Pois o Mestre Construtor que disse: "Muitos são chamados, mas poucos escolhidos", não disse isso daqueles que, ao serem chamados, vieram de modo a serem expulsos da festa, mas apontariam a casa construída pelos eleitos, que doravante não temerá ruína. No entanto, porque as igrejas também estão cheias daqueles que serão separados pela joeira como na eira, a glória desta casa não é tão aparente agora como será quando todos os que estiverem lá estarão sempre lá.

CAPÍTULO. 49.-DO AUMENTO INDISCRIMINADO DA IGREJA, ONDE MUITOS REPROBATOS ESTÃO NESTE MUNDO MISTURADOS COM OS ELEITOS

1. Neste mundo perverso, nestes dias maus, quando a Igreja mede sua futura altivez por sua humildade presente, e é exercitada por medos instigantes, dores atormentadoras, trabalhos inquietantes e tentações perigosas, quando ela se regozija sobriamente, regozijando-se apenas na esperança, há muitos réprobos misturados com os bons, e ambos são reunidos pelo evangelho como em uma rede de arrasto; e neste mundo, como no mar, ambos nadam imersos na rede, sem distinção, até que ela seja trazida à terra, quando os ímpios devem ser separados

dos bons, para que nos bons, como em seu templo, Deus esteja todo em tudo. Reconhecemos, de fato, que agora se cumpriu a Sua palavra, que falou no salmo e disse: “Eu anunciei e falei; eles são multiplicados acima do número ” . de seu precursor João, e depois por sua própria boca, dizendo: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus. Ele escolheu discípulos, a quem também chamou de apóstolos, 5 de origem humilde, sem honra e analfabetos, para que qualquer coisa grande que fossem ou fizessem, Ele fosse e fizesse neles. Ele tinha um entre eles cuja maldade Ele poderia usar bem para cumprir Sua paixão designada, e fornecer à Sua Igreja um exemplo de tolerância com os ímpios. Tendo semeado o santo evangelho tanto quanto devia ser feito por sua presença corporal, ele sofreu, morreu e ressuscitou, mostrando por sua paixão o que devemos sofrer pela verdade e por sua ressurreição o que devemos esperar na adversidade; salvando sempre o mistério do sacramento, pelo qual o seu sangue foi derramado para a remissão dos pecados. Ele conversou na terra quarenta dias com Seus discípulos, e à vista deles subiu ao céu, e depois de dez dias enviou o prometido Espírito Santo. Foi dado como o principal e mais necessário sinal de Sua vinda sobre aqueles que creram, que cada um deles falasse as línguas de todas as nações; significando assim que a unidade da Igreja Católica abrangeria todas as nações e, da mesma maneira, falaria em todas as línguas.

CAPÍTULO. 50.-DA PREGAÇÃO DO EVANGELHO, QUE SE TORNA MAIS FAMOSA E PODEROSA PELOS SOFRIMENTOS DE SEUS PREGADORES

1. Então se cumpriu aquela profecia: "De Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor"; e a predição do próprio Senhor Cristo, quando, após a ressurreição, "Ele abriu o entendimento" de Seus discípulos maravilhados "para que entendessem as Escrituras, e lhes disse que assim está escrito, e assim convinha que Cristo padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia, e que o arrependimento e a remissão dos pecados sejam pregados em seu nome entre todas as nações, começando por Jerusalém.”⁷ E novamente, quando, em

resposta ao questionamento deles sobre o dia última vinda, Ele disse: "Não vos compete saber os tempos ou as épocas que o Pai estabeleceu em seu próprio poder, mas recebereis o poder do Espírito Santo que desce sobre vós, e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra". Em primeiro lugar, a Igreja se difundiu a partir de Jerusalém; e quando muitos na Judéia e Samaria creram, ela também foi para outras nações por aqueles que anunciaram o evangelho, os quais, como luzes, Ele mesmo havia preparado por Sua palavra e aceso por Seu Espírito Santo. Pois Ele lhes havia dito: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma." 9 E para que não ficassem congelados de medo, queimaram com o fogo da caridade. Finalmente, o evangelho de Cristo foi pregado em todo o mundo, não só por aqueles que o viram e ouviram tanto antes de sua paixão e depois de sua ressurreição, mas também depois de sua morte por seus sucessores, em meio às horríveis perseguições, diversos tormentos e mortes dos mártires, dando-lhes também Deus testemunho, com sinais e prodígios, e diversos milagres e dons do Espírito Santo, para que os povos das nações, crendo naquele que foi crucificado para sua redenção, venerem com amor cristão o sangue dos mártires que eles haviam derramado com fúria diabólica, e os próprios reis por cujas leis a Igreja havia sido devastada poderiam tornar-se lucrativamente sujeitos a esse nome que eles haviam cruelmente se esforçado para tirar da terra, e poderiam começar a perseguir os falsos deuses por cuja causa os adoradores do verdadeiro Deus haviam sido anteriormente perseguidos.

CAPÍTULO. 51.-QUE A FÉ CATÓLICA PODE SER CONFIRMADA ATÉ MESMO PELAS DISSENSÕES DOS HEREGES

1. Mas o diabo, vendo desertos os templos dos demônios, e a raça humana correndo para o nome do Mediador libertador, moveu os hereges sob o nome cristão a resistir à doutrina cristã, como se pudessem ser mantidos na cidade de Deus indiferentemente sem

qualquer correção, assim como a cidade da confusão manteve indiferente os filósofos que eram de opiniões diversas e adversas. Aqueles, portanto, na Igreja de Cristo, que saboreiam qualquer coisa mórbida e depravada, e, sendo corrigidos para que possam saborear o que é saudável e certo, resistem contumazly, e não alterarão seus dogmas pestíferos e mortais, mas persistem em defendê-los, tornam-se hereges e, ficando de fora, devem ser considerados inimigos que servem para sua disciplina. Pois também assim eles lucram com sua maldade os verdadeiros membros católicos de Cristo, pois Deus faz bom uso até dos ímpios, e todas as coisas cooperam para o bem daqueles que o amam. Para todos os inimigos da Igreja, qualquer que seja o erro que os cegue ou a malícia os deprave, exercite sua paciência se eles receberem o poder de afligi-la corporalmente; e se eles apenas se opõem a ela por pensamentos perversos, eles exercem sua sabedoria; mas ao mesmo tempo, se esses inimigos são amados, eles exercem sua benevolência, ou mesmo sua beneficência, se ela lida com eles por doutrina persuasiva ou por terrível disciplina. E assim o diabo, o príncipe da cidade ímpia, quando ele agita seus próprios vasos contra a cidade de Deus que peregrina neste mundo, não tem permissão para fazer-lhe mal. Pois, sem dúvida, a providência divina obtém para ela tanto o consolo pela prosperidade, para que ela não seja quebrada pela adversidade, quanto a prova pela adversidade, para que ela não seja corrompida pela prosperidade; e assim cada um é temperado pelo outro, como reconhecemos nos Salmos aquela voz que não surge de outra causa: "De acordo com a multidão de minhas dores em meu coração, Tuas consolações agradaram minha alma". do apóstolo, "Alegrando-se na esperança, paciente na tribulação".

2. Pois não se deve pensar que o que o mesmo professor diz pode falhar a qualquer momento: "Quem quer viver piedosamente em Cristo sofrerá perseguição". Porque mesmo quando os que estão de fora não se enfurecem, e assim parece haver, e realmente há, tranqüilidade, que traz muito consolo, especialmente para os fracos, mas não faltam, sim, há muitos dentro que por sua os costumes abandonados atormentam os corações daqueles que vivem piedosamente, pois por eles o nome cristão e católico é blasfemado; e

quanto mais caro esse nome é para aqueles que viverão piedosamente em Cristo, mais eles se entristecem porque através dos ímpios, que têm um lugar dentro, ele vem a ser menos amado do que as mentes piedosas desejam. Os próprios hereges também, por terem o nome e os sacramentos, as Escrituras e a profissão de fé cristãos, causam grande tristeza nos corações dos piedosos, tanto porque muitos que desejam ser cristãos são compelidos por suas dissensões a hesitar, e muitos os mal-falantes também encontram neles matéria para blasfemar o nome cristão, porque eles também são chamados de cristãos. Por essas e outras maneiras depravadas e erros dos homens, aqueles que vivem piedosamente em Cristo sofrem perseguição, mesmo quando ninguém molesta ou aflige seu corpo; pois eles sofrem essa perseguição, não em seus corpos, mas em seus corações. De onde vem essa palavra: “De acordo com a multidão de minhas dores em meu coração”; pois ele não diz, em meu corpo. No entanto, por outro lado, nenhum deles pode perecer, porque as promessas divinas imutáveis são pensadas. E porque o apóstolo diz: “O Senhor conhece os que são seus; para quem de antemão conheceu, também os predestinou [para serem] conformes à imagem de seu Filho”,⁶ nenhum deles pode perecer; portanto, segue-se nesse salmo: "Tuas consolações alegraram minha alma". Mas aquela dor que surge no coração dos piedosos, que são perseguidos pelos costumes dos maus ou falsos cristãos, é proveitosa para os sofredores, porque procede da caridade em que eles não querem que eles pereçam ou impeçam o salvação dos outros. Finalmente, grandes consolações brotam de seus castigos, que impregnam as almas dos piedosos com uma fecundidade tão grande quanto as dores com que foram perturbados por sua própria perdição. Assim, neste mundo, nestes dias maus, não apenas desde o tempo da presença corporal de Cristo e seus apóstolos, mas também de Abel, a quem primeiro seu irmão ímpio matou porque era justo,⁸ e daí em diante até o fim deste mundo, a Igreja avançou em peregrinação entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus.

**CAPÍTULO. 52.-SE DEVEMOS ACREDITAR NO QUE
ALGUNS PENSAM, QUE, COMO AS DEZ PERSEGUIÇÕES
PASSADAS FORAM CUMPRIDA, NÃO RESTA OUTRA ALÉM
DA DÉCIMA PRIMEIRA, QUE DEVE ACONTECER NO
PRÓPRIO TEMPO DO ANTICRISTO**

1. Eu não acho, de fato, que o que alguns pensaram ou podem pensar é dito ou acreditado precipitadamente, que até o tempo do Anticristo a Igreja de Cristo não deve sofrer quaisquer perseguições além daquelas que ela já sofreu, isto é, dez – e que o décimo primeiro e o último serão infligidos pelo Anticristo. Consideram o primeiro o feito por Nero, o segundo por Domiciano, o terceiro por Trajano, o quarto por Antonino, o quinto por Severo, o sexto por Maximino, o sétimo por Décio, o oitavo por Valeriano, o nono por Aureliano o décimo por Diocleciano e Maximiano. Pois como houve dez pragas no Egito antes que o povo de Deus pudesse começar a sair, eles pensam que isso deve ser referido como uma demonstração de que a última perseguição do Anticristo deve ser como a décima primeira praga, na qual os egípcios, enquanto seguiam o Hebreus com hostilidade, pereceram no Mar Vermelho quando o povo de Deus passou por terra seca. No entanto, não acho que as perseguições tenham sido profeticamente significadas pelo que foi feito no Egito, por mais bela e engenhosamente que aqueles que pensam assim possam parecer ter comparado os dois em detalhes, não pelo Espírito profético, mas pela conjectura da mente humana, que às vezes atinge a verdade, e às vezes é enganado. 2. Mas o que aqueles que pensam isso podem dizer da perseguição em que o próprio Senhor foi crucificado? Em que número vão colocar? E se eles pensam que o cálculo deve ser feito exclusivo deste, como se aqueles que pertencem ao corpo devem ser contados, e não aquele em que a própria Cabeça foi colocada e morta, o que eles podem fazer daquele que, depois que Cristo ascendeu ao céu, aconteceu em Jerusalém, quando o bem-aventurado Estêvão foi apedrejado; quando Tiago, irmão de João, foi morto à espada; quando o apóstolo Pedro foi preso para ser morto e libertado pelo anjo; quando os irmãos foram expulsos e dispersos de Jerusalém; quando Saulo, que mais tarde se tornou o Apóstolo Paulo, desperdiçou a Igreja; e quando ele mesmo, publicando

as boas novas da fé que perseguiu, sofreu as coisas que havia infligido, seja dos judeus ou de outras nações, onde pregou com mais fervor a Cristo em todos os lugares? Por que, então, eles acham conveniente começar com Nero, quando a Igreja em seu crescimento chegou aos tempos de Nero em meio às perseguições mais cruéis sobre as quais seria muito longo dizer alguma coisa? Mas se eles pensam que apenas as perseguições feitas pelos reis devem ser contadas, foi o rei Herodes que também fez uma das mais dolorosas após a ascensão do Senhor. E que relato eles dão de Juliano, a quem eles não contam entre os dez? Ele não perseguiu a Igreja, que proibiu os cristãos de ensinar ou aprender letras liberais? Sob ele, o mais velho Valentiniano, que foi o terceiro imperador depois dele, apresentou-se como confessor da fé cristã e foi demitido de seu comando no exército. Não direi nada do que ele fez em Antioquia, exceto mencionar sua admiração pela liberdade e alegria de um jovem muito fiel e firme, que, quando muitos foram presos para serem torturados, foi torturado durante um dia inteiro, e cantou sob o instrumento de tortura, até que o imperador temeu que ele sucumbisse sob as continuadas crueldades e o envergonhasse por fim, o que o fez temer e temer que ele fosse ainda mais desonrosamente envergonhado pelos outros. Por fim, dentro de nossa própria lembrança, Valente, o Ariano, irmão do citado Valentiniano, não desperdiçou a Igreja Católica com grande perseguição em todo o Oriente? Mas como não é razoável considerar que a Igreja, que frutifica e cresce em todo o mundo, pode sofrer perseguição de reis em algumas nações, mesmo quando não sofre em outras! Talvez, no entanto, não devesse ser considerada uma perseguição quando o rei dos godos, na própria Gothia, perseguiu os cristãos com uma crueldade maravilhosa, quando não havia senão católicos, dos quais muitos foram coroados com o martírio, como temos ouvido de certos irmãos que estiveram lá naquela época quando garotos, e sem hesitação, lembraram que tinham visto essas coisas? E o que aconteceu na Pérsia ultimamente? A perseguição não foi tão forte contra os cristãos (se é que ainda é aplacada) que alguns dos fugitivos dela chegaram até mesmo às cidades romanas? Quando penso nestas e outras coisas semelhantes, não me parece que se possa afirmar definitivamente o número de perseguições com que a Igreja

será julgada. Mas, por outro lado, não é menos temerário afirmar que haverá algumas perseguições de reis além desta última, sobre as quais nenhum cristão tem dúvidas. Portanto, deixamos isso indeciso, apoiando ou refutando nenhum dos lados dessa questão, mas apenas restringindo os homens da presunção audaciosa de afirmar qualquer um deles.

CAPÍTULO. 53.-DO TEMPO OCULTO DA PERSEGUIÇÃO FINAL

1. Verdadeiramente, o próprio Jesus extinguirá pela Sua presença aquela última perseguição que será feita pelo Anticristo. Pois assim está escrito que "Ele o matará com o sopro de sua boca, e o esvaziará com o resplendor de sua presença". Costuma-se perguntar: Quando será isso? Mas isso é bastante irracional. Pois se nos fosse útil saber isso, por quem poderia ter sido melhor dito do que pelo próprio Deus, o Mestre, quando os discípulos o questionaram? Pois eles não se calaram quando estavam com ele, mas perguntaram-lhe, dizendo: "Senhor, será neste tempo ou quando apresentar o reino a Israel?" 2 Mas ele disse: "Não é para você saber os tempos, que o Pai colocou em seu próprio poder". Quando eles obtiveram essa resposta, eles não O questionaram sobre a hora, ou dia, ou ano, mas sobre a hora. Em vão, então, tentamos calcular definitivamente os anos que podem restar a este mundo, quando podemos ouvir da boca da Verdade que não nos compete saber isso. No entanto, alguns disseram que quatrocentos, alguns quinhentos, outros mil anos, podem ser completados desde a ascensão do Senhor até Sua vinda final. Mas apontar como cada um deles sustenta sua própria opinião levaria muito tempo e não é necessário; pois, de fato, eles usam conjecturas humanas e não apresentam nada certo da autoridade das Escrituras canônicas. Mas sobre este assunto Ele põe de lado os números dos calculadores e ordena silêncio, que diz: "Não é para você saber os tempos, que o Pai colocou em Seu próprio poder."

2. Mas porque esta frase está no Evangelho, não é de admirar que os

adoradores dos muitos e falsos deuses tenham sido impedidos de fingir que pelas respostas dos demônios, a quem eles adoram como deuses, foi fixado quanto tempo a religião cristã deve durar. Pois quando eles viram que não poderia ser consumido por tantas e grandes perseguições, mas antes extraíram delas maravilhosas ampliações, inventaram não sei que versos gregos, como se derramados por um oráculo divino a alguém que o consulta, em que, de fato, eles tornam Cristo inocente deste, por assim dizer, crime sacrílego, mas acrescentam que Pedro, por encantamentos, fez com que o nome de Cristo fosse adorado por trezentos e sessenta e cinco anos e, após a conclusão de esse número de anos, deve terminar imediatamente. Oh, os corações dos homens instruídos! Oh, sábios sábios, encontrem-se para acreditar em coisas sobre Cristo que você não está disposto a acreditar em Cristo, que Seu discípulo Pedro não aprendeu artes mágicas com Ele, mas que, embora Ele fosse inocente, Seu discípulo era um encantador, e escolheu que Seu nome, em vez de seu próprio, deveria ser adorado por meio de suas artes mágicas, seus grandes trabalhos e perigos e, finalmente, até mesmo o derramamento de seu sangue! Se Pedro, o encantador, fez o mundo amar tanto a Cristo, o que Cristo, o inocente, fez para que Pedro o amasse tanto? Então respondam a si mesmos e, se puderem, entendam que o mundo, por causa da vida eterna, foi feito para amar a Cristo por aquela mesma graça suprema que fez Pedro também amar a Cristo por causa da vida eterna. ser recebido dEle, e isso até o ponto de sofrer a morte temporal por Ele. E então, que tipo de deuses são esses que são capazes de prever tais coisas, mas não são capazes de evitá-las, sucumbindo de tal maneira a um único encantador e mago perverso (que, como dizem, tendo matado um menino de um ano e despedaçaram-no, enterraram-no com ritos nefastos), que permitiram que a seita hostil a si mesma ganhasse força por tanto tempo e superasse as horríveis crueldades de tantas grandes perseguições, não resistindo, mas sofrendo, e conseguir a derrubada de suas próprias imagens, templos, rituais e oráculos? Finalmente, que deus foi — não o nosso, certamente, mas um deles — que foi atraído ou compelido por tão grande maldade a realizar essas coisas? Pois esses versículos dizem que Pedro prendeu, não qualquer demônio, mas um deus para fazer

essas coisas. Tal deus têm aqueles que não têm Cristo.

CAPÍTULO. 54.-DA MENTIRA MUITO TOLA DOS PAGÕES, FINGINDO QUE A RELIGIÃO CRISTÃ NÃO DEVERIA DURAR ALÉM DE TREZENTOS E SESSENTA E CINCO ANOS

1. Eu poderia reunir esses e muitos argumentos semelhantes, se já não tivesse passado aquele ano em que a adivinhação mentirosa prometeu e a vaidade enganada acreditou. Mas como há poucos anos se completaram trezentos e sessenta e cinco anos desde o tempo em que a adoração do nome de Cristo foi estabelecida por Sua presença na carne e pelos apóstolos, que outra prova precisamos buscar para refutar essa falsidade? ? Pois, para não colocar o início deste período no nascimento de Cristo, porque quando criança e menino Ele não teve discípulos, mas, quando Ele começou a tê-los, sem dúvida a doutrina e religião cristãs se tornaram conhecidas através de Sua presença corporal. , isto é, depois que Ele foi batizado no rio Jordão pelo ministério de João. Por isso, a profecia foi anterior a respeito dele: "Ele reinará de mar a mar, e desde o rio até os confins da terra". Mas visto que, antes de sofrer e ressuscitar dos mortos, a fé ainda não estava definida para todos, mas foi definida na ressurreição de Cristo (pois assim o apóstolo Paulo fala aos atenienses, dizendo: "Mas agora ele anuncia aos homens que todos, em toda parte, se arrependam, porque Ele estabeleceu um dia para julgar o mundo com equidade, por meio do Homem em quem Ele definiu a fé a todos os homens, ressuscitando-O dentre os mortos"2), é melhor que, em resolvendo esta questão, devemos partir desse ponto, especialmente porque o Espírito Santo foi dado então, assim como Ele devia ser dado depois da ressurreição de Cristo naquela cidade da qual a segunda lei, isto é, o novo testamento, deve ser começar. Para o primeiro, que é chamado de antigo testamento, foi dado do Monte Sinai por meio de Moisés. Mas a respeito disso que deveria ser dado por Cristo foi predito: "De Sião sairá a lei e a palavra do Senhor de Jerusalém"; de onde Ele mesmo disse que o arrependimento em Seu nome devia ser pregado entre todas as nações, começando por Jerusalém.4 Ali, portanto,

surgiu o culto a este nome, para que se acreditasse em Jesus, que morreu e ressuscitou. Ali esta fé resplandeceu com tão nobre início, que vários milhares de homens, convertendo-se ao nome de Cristo com maravilhosa vivacidade, venderam seus bens para distribuição entre os necessitados, assim, por uma santa resolução e fervorosa caridade, chegando à pobreza voluntária. , e se prepararam, em meio aos judeus que se enfureciam e tinham sede de seu sangue, para lutar pela verdade até a morte, não com poder armado, mas com paciência mais poderosa. Se isso não foi realizado por nenhuma arte mágica, por que eles hesitam em acreditar que o outro poderia ser feito em todo o mundo pelo mesmo poder divino pelo qual isso foi feito? Mas supondo que Pedro tenha feito aquele encantamento para que uma multidão tão grande de homens em Jerusalém fosse assim incendiada para adorar o nome de Cristo, que o havia agarrado e amarrado na cruz, ou o injuriado quando preso ali, ainda devemos perguntar quando o trezentos e sessenta e cinco anos devem ser completados, contados a partir desse ano. Ora, Cristo morreu quando os Gêmeos eram cônsules, no oitavo dia antes das calendas de abril. Ele ressuscitou no terceiro dia, como os apóstolos provaram pela evidência de seus próprios sentidos. Então, quarenta dias depois, Ele ascendeu ao céu. Dez dias depois, isto é, no quinquagésimo dia após sua ressurreição, Ele enviou o Espírito Santo; então três mil homens creram quando os apóstolos O pregaram. Então, surgiu a adoração desse nome, como cremos, e de acordo com a verdade real, pela eficácia do Espírito Santo, mas, como a vaidade ímpia fingiu ou pensou, pelas artes mágicas de Pedro. Um pouco depois, também, em um sinal maravilhoso sendo feito, quando por palavra do próprio Pedro, um certo mendigo, tão coxo desde o ventre de sua mãe que foi carregado por outros e deitado à porta do templo, onde pedia esmolas, foi curado em nome de Jesus Cristo, e saltou, cinco mil homens creram, e daí em diante a Igreja cresceu por diversas adesões de crentes. Assim, reunimos o próprio dia com que aquele ano começou, ou seja, aquele em que o Espírito Santo foi enviado, ou seja, durante os idos de maio. E, contando os cônsules, os trezentos e sessenta e cinco anos encontram-se completos nos mesmos idos no consulado de Honório e Eutíquio. Agora, no ano seguinte, no consulado de Mallius Theodorus,

quando, de acordo com aquele oráculo dos demônios ou invenção dos homens, já não deveria haver religião cristã, não foi necessário perguntar, que porventura foi feito em outras partes da terra. Mas, como sabemos, na cidade mais notável e eminente, Cartago, na África, Gaudêncio e Jovius, oficiais do imperador Honório, no décimo quarto dia antes das calendas de abril, derrubaram os templos e quebraram as imagens dos falsos deuses . E desde então até hoje, durante quase trinta anos, quem não vê o quanto o culto ao nome de Cristo aumentou, especialmente depois que muitos daqueles que se tornaram cristãos que foram afastados da fé por pensarem que a adivinhação era verdadeira, mas viu quando esse mesmo número de anos foi completado que era vazio e ridículo? Nós, portanto, que somos chamados e somos cristãos, não cremos em Pedro, mas naquele em quem Pedro acreditou, sendo edificadas pelos sermões de Pedro sobre Cristo, não envenenados por seus encantamentos; e não enganado por seus encantamentos, mas auxiliado por suas boas ações. O próprio Cristo, que foi o Mestre de Pedro na doutrina que conduz à vida eterna, também é nosso Mestre.

2. Mas vamos agora finalmente terminar este livro, depois de tratar até agora, e mostrar até onde pareceu suficiente, qual é o curso mortal das duas cidades, a celestial e a terrena, que estão misturadas desde o princípio até o fim. Destes, a terrena fez para si mesma de quem ela faria, seja de qualquer outra parte, ou mesmo entre os homens, falsos deuses a quem ela poderia servir em sacrifício; mas aquela que é celestial e é peregrina na terra não faz falsos deuses, mas ela mesma é feita pelo verdadeiro Deus de quem ela mesma deve ser o verdadeiro sacrifício. No entanto, ambos desfrutam de bens temporais ou são afligidos por males temporais, mas com fé diversa, esperança diversa e amor diverso, até que devem ser separados pelo juízo final, e cada um deve receber seu próprio fim, do qual há sem fim. Sobre essas extremidades de ambos devemos tratar a seguir.

LIVRO XIX

ARGUMENTO

NESTE LIVRO O FIM DAS DUAS CIDADES, A TERRESTRE E A CELESTIAL, É DISCUTIDO. AGOSTINHO REVISTA AS OPINIÕES DOS FILÓSOFOS SOBRE O BEM SUPREMO, E SEUS VÃOS ESFORÇOS PARA FAZER PARA SI MESMO UMA FELICIDADE NESTA VIDA; E, ENQUANTO ELE REFUTA, ELE APROVEITA A OCASIÃO PARA MOSTRAR O QUE A PAZ E A FELICIDADE PERTENCEM À CIDADE CELESTIAL, OU AO POVO DE CRISTO, SÃO AGORA E NO FUTURO.

CAPÍTULO. 1.-QUE VARRO DECLAROU QUE DUZENTAS E OITENTA E OITO SEITAS DIFERENTES DE FILOSOFIA PODERIAM SER FORMADAS PELAS DIVERSAS OPINIÕES SOBRE O BEM SUPREMO

1. Como vejo que ainda tenho que discutir os destinos adequados das duas cidades, a terrena e a celestial, devo primeiro explicar, na medida em que os limites deste trabalho me permitem, os raciocínios pelos quais os homens tentaram fazer para si mesmos uma felicidade nesta vida infeliz, para que seja evidente, não apenas pela autoridade divina, mas também por razões que podem ser aduzidas aos incrédulos, como os sonhos vazios dos filósofos diferem da esperança que Deus dá aos nós, e do cumprimento substancial disso que Ele nos dará como nossa bem-aventurança. Os filósofos exprimiram uma grande variedade de opiniões diversas sobre os fins dos bens e dos males, e esta questão eles discutiram avidamente, para que pudessem, se possível, descobrir o que faz um homem feliz. Pois o fim de nosso bem é aquele pelo qual outras coisas devem ser desejadas, enquanto elas devem ser desejadas por si mesmas; e o fim do mal é aquele pelo qual outras coisas devem ser evitadas, enquanto ele é evitado por si mesmo. Assim, por fim do bem, entendemos agora não aquilo pelo qual o bem é destruído, para

que não exista mais, mas aquilo pelo qual ele é acabado, para que se torne completo; e por fim do mal queremos dizer, não o que o abole, mas o que completa seu desenvolvimento. Esses dois fins, portanto, são o bem supremo e o mal supremo; e, como eu disse, aqueles que nesta vida vã professaram o estudo da sabedoria têm se esforçado muito para descobrir esses fins e obter o bem supremo e evitar o mal supremo nesta vida. E embora eles tenham errado de várias maneiras, a percepção natural os impediu de se desviar da verdade tanto que eles não colocaram o bem e o mal supremos, alguns na alma, alguns no corpo e alguns em ambos. Desta distribuição tripartida das seitas da filosofia, Marcus Varro, em seu livro *De Philosophia*, extraiu uma variedade tão grande de opiniões que, por uma análise sutil e minuciosa das distinções, ele enumera sem dificuldade até 288 seitas, — não que tenham existido de fato, mas seitas que são possíveis.

2. Para ilustrar brevemente o que ele quer dizer, devo começar com sua própria declaração introdutória no livro acima mencionado, que há quatro coisas que os homens desejam, por assim dizer por natureza, sem mestre, sem a ajuda de qualquer instrução, sem a indústria ou a arte de viver que se chama virtude e que certamente é aprendida: ou o prazer, que é uma agradável agitação dos sentidos corporais; ou repouso, que exclui todos os inconvenientes corporais; ou ambos, que Epicuro chama pelo único nome, prazer; ou os objetos primários da natureza, que compreendem as coisas já nomeadas e outras coisas, quer corporais, como a saúde e segurança e integridade dos membros, ou espirituais, como os maiores e menores dons mentais que são encontrados nos homens. Ora, essas quatro coisas — prazer, repouso, as duas combinadas e os objetos primários da natureza — existem em nós de tal maneira que devemos desejar a virtude por causa delas, ou elas pela virtude, ou ambas por si mesmas. ; e, conseqüentemente, surgem dessa distinção doze seitas, pois cada uma é triplicada por essa consideração. Ilustrarei isso em um caso e, tendo feito isso, não será difícil entender os outros. De acordo, então, como o prazer corporal é submetido, preferido ou unido à Virtude, há três seitas. Está sujeito à virtude quando é escolhido como subserviente à virtude. Assim, é um dever da virtude viver para a

pátria, e por causa dela gerar filhos, nada disso pode ser feito sem prazer corporal. Pois há prazer em comer e beber, prazer também na relação sexual. Mas quando é preferida à virtude, é desejada por si mesma, e a virtude é escolhida apenas por causa dela, e para efetuar nada mais do que a obtenção ou preservação do prazer corporal. E isso, de fato, é tornar a vida hedionda; pois onde a virtude é escrava do prazer, não merece mais o nome de virtude. No entanto, mesmo essa distorção vergonhosa encontrou alguns filósofos que a patrocinam e defendem. Então a virtude se une ao prazer quando nenhum deles é desejado por causa do outro, mas ambos por si mesmos. E, portanto, como o prazer, conforme é submetido, preferido ou unido à virtude, faz três seitas, assim também o repouso, prazer e repouso combinados, e as primeiras bênçãos naturais, fazem suas três seitas cada. Pois como as opiniões dos homens variam, e essas quatro coisas são às vezes submetidas, às vezes preferidas e às vezes unidas à virtude, são produzidas doze seitas. Mas esse número novamente é duplicado pela adição de uma diferença, a saber, a vida social; pois quem se apega a qualquer uma dessas seitas o faz por si mesmo ou por causa de um companheiro, a quem deve desejar o que deseja para si mesmo. E assim haverá doze daqueles que pensam que algumas dessas opiniões devem ser mantidas por si mesmas, e outros doze que decidem que devem seguir esta ou aquela filosofia não apenas por si mesmos, mas também por causa de outros cujo bem eles desejam como seu. Essas vinte e quatro seitas novamente são duplicadas e tornam-se quarenta e oito pela adição de uma diferença tirada da Nova Academia. Pois cada uma dessas vinte e quatro seitas pode ter e defender sua opinião como certa, como os estóicos defendiam a posição de que o bem supremo do homem consistia unicamente na virtude; ou podem ser considerados prováveis, mas não certos, como fizeram os Novos Acadêmicos. Há, portanto, vinte e quatro que consideram sua filosofia certamente verdadeira, outros vinte e quatro que consideram suas opiniões como prováveis, mas não certas. Além disso, como cada pessoa que se apega a qualquer uma dessas seitas pode adotar o modo de vida dos cínicos ou dos outros filósofos, essa distinção dobrará o número e, portanto, fará noventa e seis seitas. Então, finalmente, como cada uma dessas seitas pode ser aderida ou por homens que amam uma vida fácil, como

aqueles que por escolha ou necessidade se dedicaram ao estudo, ou por homens que amam uma vida ocupada, como aqueles que, enquanto filosofando, têm estado muito ocupados com assuntos de Estado e negócios públicos, ou por homens que escolhem uma vida mista, à imitação daqueles que repartiram seu tempo em parte para o lazer erudito, em parte para negócios necessários: por essas diferenças, o número das seitas é triplicou e se torna 288.

3. Assim, tão breve e lúcida quanto pude, expus com minhas próprias palavras as opiniões que Varrão expressa em seu livro. Mas como ele refuta todo o resto dessas seitas, e escolhe uma, a Velha Academia, instituída por Platão, e continuando com Polemo, o quarto professor daquela escola de filosofia que sustentava que seu sistema era certo; e como, por esse motivo, ele a distingue da Nova Academia, que começou com o sucessor de Polemo, Arcesilaus, e sustentou que todas as coisas são incertas; e como ele procura estabelecer que a Velha Academia estava tão livre de erros quanto de dúvidas – tudo isso, eu digo, era muito longo para entrar em detalhes, e ainda assim não devo passar totalmente em silêncio. Varrão então rejeita, como primeiro passo, todas aquelas diferenças que multiplicaram o número de seitas; e o fundamento em que ele faz isso é que não são diferenças sobre o bem supremo. Ele sustenta que em filosofia uma seita é criada apenas por ter uma opinião própria, diferente das outras escolas, no ponto dos fins principais. Pois o homem não tem outra razão para filosofar senão ser feliz; mas o que o faz feliz é em si o bem supremo. Em outras palavras, o bem supremo é a razão de filosofar; e, portanto, isso não pode ser chamado de uma seita da filosofia que não segue um caminho próprio para o bem supremo. Assim, quando se pergunta se um homem sábio adotará a vida social e desejará e se interessará pelo bem supremo de seu amigo como se fosse seu, ou se, ao contrário, fará tudo o que faz apenas por si mesmo, não se trata aqui do bem supremo, mas apenas da conveniência de associar ou não um amigo em sua participação: se o sábio fará isso não por si mesmo, mas por causa de seu amigo em cujo bem ele se deleita como em seu próprio. Assim, também, quando se pergunta se todas as coisas que dizem respeito à filosofia devem ser consideradas incertas, como pela Nova

Academia, ou certas, como sustentam os outros filósofos, a questão aqui não é que fim deve ser perseguido, mas se ou não, devemos acreditar na existência substancial desse fim; ou, para colocar mais claramente, se aquele que busca o bem supremo deve sustentar que é um bem verdadeiro, ou apenas que lhe parece verdadeiro, embora possivelmente possa ser ilusório – ambos buscando um e o mesmo bem. A distinção, também, que se baseia na vestimenta e nos costumes dos cínicos, não toca a questão do bem principal, mas apenas a questão de saber se aquele que busca aquele bem que parece a si mesmo verdadeiro deve viver como os cínicos. Houve, de fato, homens que, embora perseguissem coisas diferentes como o bem supremo, alguns escolhendo o prazer, outros a virtude, ainda adotaram aquele modo de vida que deu nome aos cínicos. Assim, seja o que for que distingue os cínicos de outros filósofos, isso não tem relação com a escolha e a busca daquele bem que constitui a felicidade. Pois se tivesse tal comportamento, então os mesmos hábitos de vida exigiriam a busca do mesmo bem principal, e hábitos diversos exigiriam a busca de diferentes fins.

**CAPÍTULO. 2.-COMO VARRO, AO REMOVER TODAS AS
DIFERENÇAS QUE NÃO FORMAM SEITAS, MAS SÃO
MERAMENTE QUESTÕES SECUNDÁRIAS, ALCANÇA TRÊS
DEFINIÇÕES DO BEM PRINCIPAL, DAS QUAIS DEVEMOS
ESCOLHER UMA**

1. O mesmo pode ser dito desses três tipos de vida, a vida de lazer estudioso e busca da verdade, a vida de envolvimento fácil em negócios e a vida em que ambos estão misturados. Quando se pergunta qual deles deve ser adotado, isso não envolve controvérsia sobre o fim do bem, mas indaga qual desses três coloca o homem na melhor posição para encontrar e reter o bem supremo. Pois este bem, assim que o homem o encontra, o faz feliz; mas o lazer letrado, ou os negócios públicos, ou a alternância destes, não constituem necessariamente felicidade. Muitos, de fato, acham possível adotar um ou outro desses modos de vida e, no entanto, perder o que faz um

homem feliz. A questão, portanto, sobre o bem supremo e o mal supremo, e que distingue as seitas da filosofia, é uma só; e essas questões relativas à vida social, a dúvida da Academia, o vestuário e a alimentação dos cínicos, os três modos de vida – o ativo, o contemplativo e o misto – são questões diferentes, em nenhuma das quais a questão da o bem principal entra. E, portanto, como Marco Varrão multiplicou as seitas para o número de 288 (ou qualquer número maior que ele escolheu) introduzindo essas quatro diferenças derivadas da vida social, a Nova Academia, os Cínicos e a tríplice forma de vida, então, por eliminando essas diferenças como não tendo relação com o bem supremo e, portanto, não constituindo o que se pode chamar propriamente de seitas, ele volta às doze escolas que se ocupam em indagar qual é o bem que torna o homem feliz, e mostra que uma destes é verdadeiro, o resto é falso. Em outras palavras, ele descarta a distinção fundada no tríplice modo de vida e, assim, diminui o número inteiro em dois terços, reduzindo as seitas a noventa e seis. Então, deixando de lado as peculiaridades cínicas, o número diminui pela metade, para quarenta e oito. Tirando a seguir a distinção ocasionada pela hesitação da Nova Academia, o número é novamente reduzido à metade e reduzido para vinte e quatro. Tratando de maneira semelhante a diversidade introduzida pela consideração da vida social, restam apenas doze, que essa diferença dobrou para vinte e quatro. Em relação a essas doze, nenhuma razão pode ser atribuída para que não sejam chamadas de seitas. Pois neles a única indagação é sobre o bem supremo e o mal último, isto é, sobre o bem supremo, pois assim sendo encontrado, o mal oposto é encontrado. Agora, para fazer essas doze seitas, ele multiplica por três essas quatro coisas - prazer, repouso, prazer e repouso combinados, e os objetos primários da natureza que Varrão chama de primigênia. Pois como essas quatro coisas são às vezes subordinadas à virtude, de modo que parecem ser desejadas não por si mesmas, mas por causa da virtude; às vezes preferia a ela, de modo que a virtude parece ser necessária não por si mesma, mas para alcançar essas coisas; às vezes unidos a ele, de modo que tanto eles quanto a virtude são desejados por si mesmos – devemos multiplicar o quatro por três, e assim obtemos doze seitas. Mas daquelas quatro coisas Varrão elimina três

— prazer, repouso, prazer e repouso combinados — não porque pense que estas não são dignas do lugar que lhes é atribuído, mas porque estão incluídas nos objetos primários da natureza. E que necessidade há, de qualquer forma, de fazer uma divisão tripla desses dois fins, prazer e repouso, tomando-os primeiro separadamente e depois conjuntamente, uma vez que ambos, e muitas outras coisas, estão compreendidas nos objetos primários? da natureza? Qual das três seitas restantes deve ser escolhida? Esta é a questão sobre a qual Varro se debruça. Pois se um destes três ou algum outro for escolhido, a razão proíbe que mais de um seja verdadeiro. Isso veremos depois; mas, enquanto isso, vamos explicar o mais breve e distintamente possível como Varrão faz sua seleção desses três, isto é, das seitas que sustentam separadamente que os objetos primários da natureza devem ser desejados por causa da virtude, que a virtude deve ser desejada por causa deles, e que a virtude e esses objetos devem ser desejados cada um por si.

CAPÍTULO. 3.-QUAL DAS TRÊS PRINCIPAIS OPINIÕES SOBRE O BEM PRINCIPAL DEVE SER PREFERIDA, DE ACORDO COM A VARRO, QUE SEGUE A ANTIOCHUS E A ANTIGA ACADEMIA

1. Qual destes três é verdadeiro e para ser adotado ele tenta mostrar da seguinte maneira. Como é o bem supremo, não de uma árvore, ou de um animal, ou de um deus, mas do homem, que a filosofia busca, ele pensa que, antes de tudo, devemos definir o homem. Ele é de opinião que há duas partes na natureza humana, corpo e alma, e não duvida que dessas duas a alma é a melhor e de longe a parte mais digna. Mas se apenas a alma é o homem, de modo que o corpo mantém com ela a mesma relação que um cavalo com o cavaleiro, isso ele pensa que deve ser verificado. O cavaleiro não é um cavalo e um homem, mas apenas um homem, mas é chamado de cavaleiro, porque está em alguma relação com o cavalo. Mais uma vez, o corpo sozinho é o homem, tendo uma relação com a alma como o copo tem com a bebida? Pois não é o copo e a bebida que ele contém que são chamados de copo,

mas somente o copo; no entanto, é assim chamado porque é feito para segurar a bebida. Ou, por fim, não é só a alma nem só o corpo, mas ambos juntos, que são o homem, sendo o corpo e a alma cada um uma parte, mas o homem inteiro sendo ambos juntos, como chamamos dois cavalos atrelados a um par. , de qual par o próximo e o fora do cavalo fazem parte, mas não chamamos nenhum deles, não importa o quão conectado com o outro, um par, mas apenas ambos juntos? Dessas três alternativas, então, Varrão escolhe a terceira, que o homem não é só o corpo, nem só a alma, mas os dois juntos. E, portanto, o bem supremo, no qual reside a felicidade do homem, é composto de bens de ambos os tipos, tanto corporais como espirituais. E, conseqüentemente, ele pensa que os objetos primários da natureza devem ser buscados por si mesmos, e que a virtude, que é a arte de viver, e pode ser comunicada pela instrução, é o mais excelente dos bens espirituais. Esta virtude, então, ou arte de regular a vida, quando recebeu esses objetos primários da natureza que existiam independentemente dela, e antes de qualquer instrução, busca-os a todos, e também ela mesma, por si mesma; e usa-os, como também usa a si mesmo, para que de todos tire proveito e gozo, maior ou menor, conforme eles próprios sejam maiores ou menores; e enquanto tem prazer em todos eles, despreza o menos que pode obter ou reter o maior quando a ocasião exige. Ora, de todos os bens, espirituais ou corporais, não há nenhum que se compare à virtude. Pois a virtude faz bom uso de si mesma e de todos os outros bens em que reside a felicidade do homem; e onde está ausente, não importa quantas coisas boas um homem tenha, elas não são para o bem dele, e conseqüentemente não devem ser chamadas de coisas boas enquanto elas pertencem a quem as torna inúteis usando-as mal. A vida do homem, então, é chamada feliz quando goza da virtude e desses outros bens espirituais e corporais sem os quais a virtude é impossível. Diz-se mais feliz se goza de algumas ou muitas outras coisas boas que não são essenciais à virtude; e mais feliz de tudo, se não lhe faltar uma das coisas boas que pertencem ao corpo e à alma. Pois a vida não é a mesma coisa que a virtude, pois nem toda vida, mas uma vida sabiamente regulada, é virtude; e, no entanto, embora possa haver algum tipo de vida sem virtude, não pode haver virtude sem vida . Isso

eu poderia aplicar à memória e à razão, e a tais faculdades mentais; pois estes existem antes da instrução, e sem eles não pode haver nenhuma instrução e, portanto, nenhuma virtude, pois a virtude é aprendida. Mas as vantagens corporais, como a agilidade dos pés, a beleza ou a força, não são essenciais para a virtude, nem a virtude é essencial para elas, e ainda assim são coisas boas; e, de acordo com nossos filósofos, mesmo essas vantagens são desejadas pela virtude por si mesmas, e são usadas e desfrutadas por ela de maneira conveniente.

2. Dizem que esta vida feliz também é social, e ama as vantagens de seus amigos como se fossem suas, e por causa deles deseja para eles o que deseja para si, quer esses amigos vivam na mesma família, como esposa, filhos, domésticos; ou na localidade onde se encontra a sua residência, como cidadãos da mesma cidade; ou no mundo em geral, como as nações unidas em fraternidade humana comum; ou no próprio universo, compreendido nos céus e na terra, como aqueles que eles chamam de deuses, e fornecem como amigos para o homem sábio, e a quem mais familiarmente chamamos de anjos. Além disso, eles dizem que, em relação ao bem e ao mal supremos, não há espaço para dúvidas, e que, portanto, diferem da Nova Academia a esse respeito, e não se preocupam se um filósofo persegue os fins que eles consideram verdadeiros no Vestimenta e modo de vida cínicos ou em algum outro. E, finalmente, em relação aos três modos de vida, o contemplativo, o ativo e o composto, eles se declaram a favor do terceiro. Que essas eram as opiniões e doutrinas da Velha Academia, Varrão afirma com a autoridade de Antíoco, mestre de Cícero e seu próprio, embora Cícero faça com que ele tenha estado mais frequentemente de acordo com os estóicos do que com a Velha Academia. Mas qual é a importância disso para nós, que devemos julgar o assunto por seus próprios méritos, em vez de entender com precisão o que diferentes homens pensaram sobre isso?

CAPÍTULO. 4.-O QUE OS CRISTÃOS ACREDITAM SOBRE O BEM SUPREMO E O MAL, EM OPOSIÇÃO AOS FILÓSOFOS,

QUE MANTENHAM QUE O BEM SUPREMO ESTÁ EM SI MESMOS

1. Se, então, nos perguntarem o que a cidade de Deus tem a dizer sobre esses pontos e, em primeiro lugar, qual é sua opinião sobre o bem e o mal supremos, ela responderá que a vida eterna é o bem supremo, a morte eterna o mal supremo, e que para obter um e escapar do outro devemos viver corretamente. E assim está escrito: “O justo vive pela fé”, pois ainda não vemos o nosso bem e, portanto, devemos viver pela fé; nem temos em nós mesmos o poder de viver corretamente, mas só podemos fazê-lo se Aquele que nos deu fé para crer em Sua ajuda nos ajudar quando cremos e oramos. Quanto aos que supuseram que o bem e o mal soberanos se encontram nesta vida, e o colocaram na alma ou no corpo, ou em ambos, ou, para falar mais explicitamente, no prazer ou na virtude, ou em ambos; em repouso ou em virtude, ou em ambos; em prazer e repouso, ou em virtude, ou em tudo combinado; nos objetos primários da natureza, ou na virtude, ou em ambos, todos eles, com uma superficialidade maravilhosa, procuraram encontrar sua bem-aventurança nesta vida e em si mesmos. O desprezo foi derramado sobre tais idéias pela Verdade, dizendo pelo profeta: "O Senhor conhece os pensamentos dos homens" (ou, como o apóstolo Paulo cita a passagem, "O Senhor conhece os pensamentos dos sábios") "que eles são vãos."

2. Pois que torrente de eloquência pode ser suficiente para detalhar as misérias desta vida? Cícero, na Consolação pela morte de sua filha, gastou toda a sua capacidade em lamentação; mas quão inadequada era sua habilidade aqui? Pois quando, onde, como, nesta vida, esses objetos primários da natureza podem ser possuídos para que não sejam assaltados por acidentes imprevistos? O corpo do sábio está isento de qualquer dor que possa dissipar o prazer, de qualquer inquietação que possa banir o repouso? A amputação ou decadência dos membros do corpo põe fim à sua integridade, a deformidade arruina sua beleza, a fraqueza sua saúde, a lassidão seu vigor, a sonolência ou a lentidão sua atividade – e qual deles não pode agredir a carne do corpo? o homem sábio? Atitudes e movimentos do corpo

graciosos e apropriados são contados entre as principais bênçãos naturais; mas e se alguma doença fizer os membros tremerem? e se um homem sofre de curvatura da coluna vertebral a tal ponto que suas mãos chegam ao chão, e ele anda de quatro como um quadrúpede? Isso não destrói toda beleza e graça do corpo, seja em repouso ou em movimento? Que direi das bênçãos fundamentais da alma, dos sentidos e do intelecto, das quais uma é dada para a percepção e a outra para a compreensão da verdade? Mas que tipo de sentido resta quando um homem se torna surdo e cego? onde estão a razão e o intelecto quando a doença faz um homem delirar? Dificilmente, ou de modo algum, podemos conter as lágrimas, quando pensamos ou vemos as ações e palavras de tais pessoas frenéticas, e consideramos quão diferente e até oposto ao seu próprio julgamento sóbrio e conduta ordinária é seu comportamento atual. E o que direi daqueles que sofrem de possessão demoníaca? Onde sua própria inteligência está escondida e enterrada enquanto o espírito maligno está usando seu corpo e alma de acordo com sua própria vontade? E quem tem certeza de que tal coisa não pode acontecer com o sábio nesta vida? Então, quanto à percepção da verdade, o que podemos esperar mesmo desta forma enquanto estamos no corpo, como lemos no verdadeiro livro da Sabedoria: "O corpo corruptível sobrecarrega a alma, e o tabernáculo terrestre oprime a mente que medita sobre muitas coisas?" E a ânsia, ou desejo de ação, se este é o significado correto para colocar no grego ὀρμη, também é considerado entre as principais vantagens da natureza; e, no entanto, não é isso que produz esses movimentos lamentáveis do insano e essas ações que estremecemos ao ver, quando o sentido é enganado e a razão perturbada?

3. Em suma, a própria virtude, que não está entre os objetos primários da natureza, mas os sucede como resultado do aprendizado, embora ocupe o lugar mais alto entre os bens humanos, qual é sua ocupação, exceto a guerra perpétua contra os vícios? ,—não aqueles que estão fora de nós, mas dentro; não a de outros homens, mas a nossa – uma guerra que é travada especialmente por aquela virtude que os gregos chamam de σωφρονη, e nós temperança, e que refreia os desejos carnis e os impede de obter o consentimento do espírito para atos

perversos? Pois não devemos imaginar que não há vício em nós, quando, como diz o apóstolo, “a carne cobiça contra o espírito”; espírito cobiça contra a carne”. “Pois estes dois”, diz ele, “são contrários um ao outro, de modo que você não pode fazer as coisas que você faria.” Mas o que desejamos fazer quando buscamos alcançar o bem supremo, a menos que a carne cesse de cobiçar contra o espírito, e que não haja vício em nós contra o qual o espírito possa cobiçar? E como não podemos alcançar isso na vida presente, por mais ardentemente que o desejemos, façamos pelo menos com a ajuda de Deus, para preservar a alma de sucumbir e ceder à carne que a deseja, e recusar nosso consentimento para a perpetração do pecado. Longe de nós, então, imaginar que enquanto ainda estamos engajados nesta guerra intestinal, já encontramos a felicidade que buscamos alcançar pela vitória. E quem há tão sábio que não tenha nenhum conflito a manter contra seus vícios?

4. Que direi dessa virtude que se chama prudência? Não é toda a sua vigilância gasta no discernimento das coisas boas das más, para que não se admita nenhum erro sobre o que devemos desejar e o que evitar? E assim é em si uma prova de que estamos no meio dos males, ou que os males estão em nós; pois nos ensina que é um mal consentir em pecar e um bem recusar esse consentimento. E, no entanto, este mal, ao qual a prudência ensina e a temperança nos permite não consentir, é removido desta vida nem pela prudência nem pela temperança. E a justiça, cuja função é dar a cada homem o que lhe é devido, pela qual há no próprio homem uma certa ordem justa da natureza, de modo que a alma está sujeita a Deus, e a carne à alma, e conseqüentemente tanto a alma quanto a carne a Deus – essa virtude não demonstra que ainda está trabalhando para o seu fim do que descansando em sua obra acabada? Pois a alma está tanto menos sujeita a Deus quanto menos ocupada com o pensamento de Deus; e a carne é tanto menos submetida ao espírito quanto mais cobiça com mais veemência contra o espírito. Enquanto estivermos assediados por essa fraqueza, essa praga, essa doença, como ousaremos dizer que estamos seguros? e se não estivermos seguros, como podemos já estar desfrutando de nossa bem-aventurança final? Então aquela virtude

que se chama fortaleza é a prova mais clara dos males da vida, pois são esses males que ela é obrigada a suportar pacientemente. E isso é válido, não importa se a sabedoria mais madura coexiste com isso. E não consigo entender como os filósofos estóicos podem ousar dizer que esses não são males, embora ao mesmo tempo eles permitam que o sábio cometa suicídio e saia desta vida se eles se tornarem tão dolorosos que ele não pode ou não deveria suportá-los. Mas tal é o orgulho estúpido desses homens que imaginam que o bem supremo pode ser encontrado nesta vida, e que eles podem ser felizes por seus próprios recursos, que seu sábio, ou pelo menos o homem que eles fantasiosamente retratam como tal, está sempre feliz, mesmo que fique cego, surdo, mudo, mutilado, atormentado por dores, ou sofra qualquer calamidade concebível que possa obrigá-lo a se livrar de si mesmo; e eles não se envergonham de chamar feliz a vida que está assediada por esses males. Ó vida feliz, que busca a ajuda da morte para acabar com ela? Se for feliz, que o sábio permaneça nela; mas se esses males o expulsam, em que sentido ele é feliz? Ou como podem dizer que não são males que vencem a virtude da fortaleza e a forçam não apenas a ceder, mas a delirar de modo que de uma só vez chama a vida de feliz e recomenda que ela seja abandonada? Pois quem é tão cego a ponto de não ver que, se fosse feliz, não fugiria? E se eles dizem que devemos fugir dele por causa das enfermidades que o cercam, por que então eles não diminuem seu orgulho e reconhecem que é miserável? Foi, eu perguntaria, fortaleza ou fraqueza que levou Cato a se matar? pois ele não teria feito isso se não estivesse fraco demais para suportar a vitória de César. Onde, então, está sua fortaleza? Ele cedeu, sucumbiu, foi tão completamente vencido a ponto de abandonar, abandonar, fugir desta vida feliz. Ou não era mais feliz? Então foi miserável. Como, então, não eram esses males que tornavam a vida miserável e uma coisa a ser evitada?

5. E, portanto, aqueles que admitem que estes são males, como fazem os peripatéticos, e a Velha Academia, a seita que Varrão defende, expressam uma doutrina mais inteligível; mas o erro deles também é surpreendente, pois afirmam que esta é uma vida feliz que é assediada por esses males, embora sejam tão grandes que aquele que os suporta

deve cometer suicídio para escapar deles. "Dores e angústias do corpo", diz Varrão, "são males, e tanto piores em proporção à sua gravidade; e para escapar deles você deve deixar esta vida". Que vida, eu rezo? Esta vida, diz ele, que é oprimida por tais males. Então está feliz em meio a esses mesmos males por causa dos quais você diz que devemos abandoná-lo? Ou você chama isso de feliz porque tem a liberdade de escapar desses males pela morte? O que, então, se por algum julgamento secreto de Deus você foi preso e não foi permitido morrer, nem sofreu para viver sem esses males? Nesse caso, pelo menos, você diria que tal vida era miserável. Ele logo é abandonado, sem dúvida, mas isso não o torna miserável; pois se fosse eterno, você mesmo o declararia miserável. Sua brevidade, portanto, não o livra da miséria; nem deve ser chamado de felicidade porque é uma miséria breve. Certamente há uma força poderosa nesses males que compelem um homem - segundo eles até um homem sábio - a deixar de ser um homem para que possa escapar deles, embora digam, e digam com verdade, que é como se o A primeira e mais forte exigência da natureza é que um homem cuide de si mesmo, e naturalmente, portanto, evite a morte, e deva ser seu próprio amigo de modo a desejar e almejar veementemente continuar a existir como uma criatura viva, e subsistir nesta união de alma e corpo. Há uma força poderosa nesses males para superar esse instinto natural pelo qual a morte é evitada por todos os meios e com todos os esforços do homem, e superá-lo tão completamente que o que foi evitado é desejado, buscado e, se não puder de qualquer outra forma seja obtida, é infligida pelo homem a si mesmo. Há uma força poderosa nestes males que fazem da fortaleza um homicídio, se, de fato, se deve chamar fortaleza que é tão completamente vencida por esses males, que não só não pode preservar com paciência o homem que se comprometeu a governar e defender, mas é ele próprio obrigado a matá-lo. O sábio, reconheço, deve suportar a morte com paciência, mas quando é infligida por outro. Se, então, como esses homens sustentam, ele é obrigado a infligir a si mesmo, certamente deve ser reconhecido que os males que o obrigam a isso não são apenas males, mas males intoleráveis. A vida, então, que está sujeita a acidentes, ou cercada de males tão consideráveis e graves, nunca poderia ter sido chamada de feliz, se os

homens que lhe dão esse nome tivessem condescendido em ceder à verdade e ser conquistada por argumentos, quando perguntam sobre a vida feliz, como cedem à infelicidade e são vencidos por males avassaladores, quando se entregam à morte e se não imaginavam que o bem supremo deveria ser encontrado nesta vida mortal; pois as próprias virtudes desta vida, que são certamente seus melhores e mais úteis bens, são provas ainda mais reveladoras de suas misérias na medida em que são úteis contra a violência de seus perigos, labutas e infortúnios. Pois se estas são verdadeiras virtudes – e tais não podem existir senão naqueles que têm verdadeira piedade – elas não professam ser capazes de livrar os homens que as possuem de todas as misérias; pois as verdadeiras virtudes não contam tais mentiras, mas professam que pela esperança do mundo futuro esta vida, que está miseravelmente envolvida nos muitos e grandes males deste mundo, é feliz como também é segura. Pois se ainda não está seguro, como poderia ser feliz? E, portanto, o apóstolo Paulo, falando não de homens sem prudência, temperança, fortaleza e justiça, mas daqueles cujas vidas foram reguladas pela verdadeira piedade e cujas virtudes eram, portanto, verdadeiras, diz: "Pois somos salvos pela esperança: agora espere o que se vê não é esperança; pois o que o homem vê, por que ainda espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos". Como, portanto, somos salvos, também somos felizes pela esperança. E como ainda não possuímos um presente, mas procuramos uma salvação futura, assim é com nossa felicidade, e isso "com paciência"; pois estamos cercados de males, que devemos suportar pacientemente, até chegarmos ao inefável gozo do bem puro; pois não haverá mais nada para suportar. A salvação, tal como será no mundo vindouro, será em si a nossa felicidade final. E nesta felicidade estes filósofos recusam-se a acreditar, porque não a vêem, e tentam fabricar para si uma felicidade nesta vida, baseada numa virtude que é tão enganosa quanto orgulhosa.

CAPÍTULO. 5.-DA VIDA SOCIAL, QUE, EMBORA MAIS DESEJÁVEL, É FREQUENTEMENTE PERTURBADA POR

MUITOS SOFRIMENTOS

1. Damos uma aprovação muito mais ilimitada à sua ideia de que a vida do sábio deve ser social. Pois como poderia a cidade de Deus (sobre a qual já escrevemos nada menos que o livro dezenove desta obra) ter um começo ou se desenvolver, ou atingir seu próprio destino, se a vida dos santos não fosse uma vida social? ? Mas quem pode enumerar todas as grandes queixas com as quais a sociedade humana abunda na miséria deste estado mortal? Quem pode pesá-los? Ouça como um de seus roteiristas faz com que um de seus personagens expresse os sentimentos comuns de todos os homens nesse assunto: "Sou casado; isso é uma miséria. As crianças nascem para mim; são cuidados adicionais". O que direi das misérias do amor que Terêncio também relata - "desprezos, suspeitas, brigas, guerra hoje, paz amanhã?"² A vida humana não está cheia dessas coisas? Eles não ocorrem com frequência mesmo em amizades honrosas? Por todas as mãos experimentamos esses desrespeitos, suspeitas, brigas, guerras, todos os quais são males indubitáveis; enquanto, por outro lado, a paz é um bem duvidoso, porque não conhecemos o coração de nosso amigo e, embora o conhecêssemos hoje, deveríamos ignorar o que poderia ser amanhã. Quem deveria ser, ou quem é mais amigável do que aqueles que vivem na mesma família? E, no entanto, quem pode confiar mesmo nessa amizade, visto que a traição secreta muitas vezes a rompeu e produziu inimizade tão amarga quanto a amizade era doce, ou parecia doce pela mais perfeita dissimulação? É por isso que as palavras de Cícero tocam tanto o coração de cada um, e provocam um suspiro: "Não há armadilhas mais perigosas do que aquelas que se escondem sob o pretexto do dever ou do nome da relação. seu inimigo declarado você pode facilmente confundir por precaução; mas esse perigo oculto, intestinal e doméstico não apenas existe, mas o esmaga antes que você possa prevê-lo e examiná-lo. É também a isso que se faz alusão ao dito divino: "Os inimigos do homem são os de sua própria casa"⁴ — palavras que não se pode ouvir sem dor; pois, embora um homem tenha força suficiente para suportá-lo com equanimidade e sagacidade suficiente para frustrar a malícia de um pretenso amigo, ainda assim, se ele próprio é um homem bom, não

pode deixar de ficar muito magoado com a descoberta da perfídia de homens maus, se eles sempre foram maus e apenas fingiram bondade, ou caíram de uma disposição melhor para uma disposição maliciosa. Se, pois, a casa, o refúgio natural dos males da vida, não é segura, o que diremos da cidade que, por ser maior, é tanto mais cheia de processos civis e criminais, e nunca livre do medo, se às vezes da própria eclosão, de insurreições perturbadoras e sangrentas e guerras civis?

CAPÍTULO. 6.-DO ERRO DE JULGAMENTOS HUMANOS QUANDO A VERDADE ESTÁ ESCONDIDA

1. O que direi desses julgamentos que os homens pronunciam sobre os homens e que são necessários nas comunidades, qualquer que seja a paz exterior de que gozem? Julgamentos melancólicos e lamentáveis são eles, pois os juízes são homens que não conseguem discernir a consciência dos que estão em seu tribunal e, portanto, são frequentemente obrigados a colocar testemunhas inocentes na tortura para apurar a verdade sobre os crimes de outros homens. Que direi da tortura aplicada ao próprio acusado? Ele é torturado para descobrir se ele é culpado, de modo que, embora inocente, ele sofre a mais indubitável punição por um crime ainda duvidoso, não porque está provado que ele o cometeu, mas porque não se verifica que ele não o cometeu. Assim, a ignorância do juiz frequentemente envolve uma pessoa inocente em sofrimento. E o que é ainda mais insuportável – coisa, de fato, a ser lamentada e, se isso fosse possível, regada com fontes de lágrimas – é que, quando o juiz interroga o acusado, ele não pode inadvertidamente colocar uma inocente à morte, o resultado dessa lamentável ignorância é que essa mesma pessoa, a quem ele torturou para não condená-lo se inocente, é condenada à morte torturada e inocente. Pois se ele escolheu, em obediência às instruções filosóficas do sábio, deixar esta vida em vez de suportar mais tais torturas, ele declara que cometeu o crime que de fato não cometeu. E quando ele foi condenado e morto, o juiz ainda não sabe se ele matou um inocente ou um culpado, embora ele tenha torturado o acusado

com o propósito de se salvar de condenar o inocente. ; e, conseqüentemente, ele torturou um homem inocente para descobrir sua inocência e o matou sem descobri-la. Se tal escuridão encobre a vida social, um juiz sábio tomará seu assento no banco ou não? Sem dúvida, ele vai. Pois a sociedade humana, que ele considera uma maldade abandonar, o constrange e o compele a esse dever. E ele não acha nenhuma maldade que testemunhas inocentes sejam torturadas em relação aos crimes de que outros homens são acusados; ou que os acusados sejam submetidos à tortura, de modo que muitas vezes são dominados pela angústia e, embora inocentes, fazem falsas confissões sobre si mesmos e são punidos; ou que, embora não sejam condenados a morrer, muitas vezes morrem durante ou em consequência da tortura; ou que às vezes os acusadores, que talvez tenham sido motivados pelo desejo de beneficiar a sociedade levando os criminosos à justiça, são eles próprios condenados por ignorância do juiz, porque não conseguem provar a verdade de suas acusações, embora sejam verdadeiras, e porque as testemunhas mentem e o acusado suporta a tortura sem ser levado à confissão. Esses numerosos e importantes males ele não considera pecados; pois o juiz sábio faz essas coisas, não com qualquer intenção de prejudicar, mas porque sua ignorância o compele e porque a sociedade humana o reivindica como juiz. Mas, embora absolvamos o juiz de malícia, não devemos, no entanto, condenar a vida humana como miserável. E se ele é obrigado a torturar e punir o inocente porque seu cargo e sua ignorância o constroem, ele é um homem feliz e inocente? Certamente seria prova de consideração mais profunda e sentimento mais refinado se ele reconhecesse a miséria dessas necessidades e se esquivasse de sua própria implicação nessa miséria; e se ele tivesse alguma piedade sobre ele, ele clamaria a Deus "Das minhas necessidades, livra-me".

**CAPÍTULO. 7.-DA DIVERSIDADE DE LÍNGUAS, PELA QUAL
O INTERCURSO DOS HOMENS É IMPEDIDO; E DA
MISERIA DAS GUERRAS, MESMO DOS CHAMADOS
JUSTOS**

1. Depois do estado ou cidade vem o mundo, o terceiro círculo da sociedade humana, sendo o primeiro a casa e o segundo a cidade. E o mundo, quanto maior, mais cheio de perigos, quanto maior o mar, mais perigoso. E aqui, em primeiro lugar, o homem está separado do homem pela diferença das línguas. Pois se dois homens, cada um ignorante da língua do outro, se encontram e não são obrigados a passar, mas, ao contrário, a permanecer em companhia, os animais mudos, embora de espécies diferentes, manteriam relações mais facilmente do que eles, os seres humanos embora sejam. Pois sua natureza comum não ajuda a amizade quando eles são impedidos pela diversidade de linguagem de transmitir seus sentimentos uns aos outros; de modo que um homem teria mais facilidade em manter relações sexuais com seu cachorro do que com um estrangeiro. Mas a cidade imperial procurou impor às nações sujeitas não só o seu jugo, mas a sua língua, como vínculo de paz, de modo que os intérpretes, longe de serem escassos, são inumeráveis. Isso é verdade; mas quantas grandes guerras, quanta matança e derramamento de sangue proporcionaram esta unidade! E embora isso já tenha passado, o fim dessas misérias ainda não chegou. Pois, embora nunca tenham faltado, nem ainda faltam, nações hostis além do império, contra as quais as guerras foram e são travadas, ainda assim, supondo que não houvesse tais nações, a própria extensão do império produziu guerras de um tipo mais descrição desagradável - guerras sociais e civis - e com estas toda a raça foi agitada, seja pelo conflito real ou pelo medo de um novo surto. Se eu tentasse dar uma descrição adequada desses múltiplos desastres, dessas necessidades severas e duradouras, embora eu não esteja à altura da tarefa, que limite eu poderia estabelecer? Mas, dizem eles, o sábio fará guerras justas. Como se ele não lamentasse a necessidade de guerras justas, se ele se lembra de que é um homem; pois se eles não fossem justos, ele não os travaria e, portanto, seria libertado de todas as guerras. Pois é a transgressão da parte contrária que compele o sábio a travar guerras justas; e essa transgressão, embora não tenha dado origem a nenhuma guerra, ainda seria motivo de pesar para o homem, porque é uma transgressão do homem. Que todo aquele, então, que pensa com dor em todos esses grandes males, tão horríveis, tão implacáveis, reconheça que isso é

miséria. E se alguém os suporta ou pensa neles sem dor mental, esta é uma situação ainda mais miserável, pois ele se considera feliz porque perdeu o sentimento humano.

CAPÍTULO. 8.-A AMIZADE DOS HOMENS; E OS PERIGOS DESTA VIDA QUE NOS OBRIGAM A FICAR ANSIOSOS

1. Em nossa atual condição miserável, freqüentemente confundimos um amigo com um inimigo, e um inimigo com um amigo. E se escaparmos dessa cegueira lamentável, não é a confiança não fingida e o amor mútuo de amigos verdadeiros e bons nosso único consolo na sociedade humana, cheia de mal-entendidos e calamidades? E, no entanto, quanto mais amigos temos, e quanto mais eles estão espalhados, mais numerosos são nossos temores de que alguma parte das vastas massas dos desastres da vida possa cair sobre eles. Pois não estamos apenas ansiosos para que eles não sofram de fome, guerra, doença, cativeiro ou os horrores inconcebíveis da escravidão, mas também somos afetados pelo medo muito mais doloroso de que sua amizade se transforme em perfídia, malícia e injustiça. E quando essas contingências realmente ocorrem – como acontece com mais frequência, quanto mais amigos temos, e quanto mais eles estão espalhados – e quando chegam ao nosso conhecimento, quem, senão o homem que a experimentou, pode dizer com que dores o coração está rasgado? Na verdade, preferiríamos ouvir que eles estavam mortos, embora não pudéssemos ouvir sem angústia até mesmo isso. Pois se a vida deles nos consolou com os encantos da amizade, pode ser que sua morte nos afete sem tristeza? Aquele que não quer ter essa tristeza não deve, se possível, ter relações amistosas. Deixe-o interditar ou extinguir o afeto amigável; que ele rompa com implacável insensibilidade os laços de todo relacionamento humano; ou que ele planeje usá-los de modo que nenhuma doçura se destile em seu espírito. Mas se isso é totalmente impossível, como podemos tentar não sentir amargura na morte daqueles cuja vida foi doce para nós? Daí surge aquela dor que afeta o coração terno como uma ferida ou uma contusão, e que é curada pela aplicação de consolação bondosa.

Pois, embora a cura seja afetada tanto mais fácil e rapidamente quanto melhor a condição da alma, não devemos supor que não haja nada para curar. Embora, então, nossa vida atual seja afligida, às vezes de forma mais branda, às vezes mais dolorosa, pela morte daqueles que nos são muito queridos, e especialmente de homens públicos úteis, ainda assim preferiríamos ouvir que tais homens estavam mortos. em vez de ouvir ou perceber que eles caíram da fé ou da virtude – em outras palavras, que eles estavam espiritualmente mortos. Deste vasto material para miséria a terra está cheia e, portanto, está escrito: "Não é a vida humana na terra uma provação?" E com a mesma referência o Senhor diz. "Ai do mundo por causa das ofensas!"² e novamente: "Por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará". E, portanto, desfrutamos de alguma gratificação quando nossos bons amigos morrem; pois, embora a morte deles nos deixe em tristeza, temos a garantia consoladora de que estão além dos males pelos quais nesta vida até os melhores homens são quebrados ou corrompidos, ou correm o risco de ambos os resultados.

CAPÍTULO. 9.-DA AMIZADE DOS SANTOS ANJOS, DA QUAL OS HOMENS NÃO PODEM TER CERTEZA NESTA VIDA, DEVIDO AO ENGANO DOS DEMÔNIOS QUE MANTÊM EM CATIVEIRO OS ADORADORES DE UMA PLURALIDADE DE DEUSES

1. Os filósofos que desejavam que tivéssemos os deuses como amigos classificam a amizade dos santos anjos no quarto círculo da sociedade, avançando agora dos três círculos da sociedade na terra para o universo, e abraçando o próprio céu. E nessa amizade, de fato, não temos medo de que os anjos nos entristeçam por sua morte ou deterioração. Mas como não podemos conviver com eles tão familiarmente como com os homens (o que em si é uma das queixas desta vida), e como Satanás, como lemos, às vezes se transforma em anjo de luz, para tentar aqueles a quem é necessário disciplina, ou apenas para enganar, há grande necessidade da misericórdia de Deus para nos preservar de fazer amigos de demônios disfarçados, enquanto

imaginamos que temos bons anjos para nossos amigos; pois a astúcia e falsidade desses espíritos malignos é igualada por sua nocividade. E não é uma grande miséria da vida humana, estarmos envolvidos em tal ignorância que, mas pela misericórdia de Deus, nos torna presa desses demônios? E é muito certo que os filósofos da cidade sem Deus, que sustentaram que os deuses eram seus amigos, caíram presas dos demônios malignos que governam essa cidade, e cujo castigo eterno deve ser compartilhado por ela. Pois a natureza desses seres é suficientemente evidenciada pelas observâncias sagradas ou antes sacrílegas que formam seu culto, e pelos jogos imundos em que seus crimes são celebrados, e que eles mesmos originaram e exigiram de seus adoradores como uma propiciação adequada.

CAPÍTULO. 10.-A RECOMPENSA PREPARADA PARA OS SANTOS DEPOIS DE SUPORTAR A PROVA DESTA VIDA

1. Mas nem mesmo os santos e fiéis adoradores do único Deus verdadeiro e altíssimo estão a salvo das múltiplas tentações e enganos dos demônios. Pois nesta morada de fraqueza e nestes dias perversos, esse estado de ansiedade também tem seu uso, estimulando-nos a buscar com mais desejo aquela segurança onde a paz é completa e inatacável. Lá desfrutaremos os dons da natureza, isto é, tudo o que Deus, o Criador de todas as naturezas, concedeu aos nossos, dons não apenas bons, mas eternos, não apenas do espírito, curado agora pela sabedoria, mas também do corpo renovado pela ressurreição. Lá as virtudes não mais lutarão contra nenhum vício ou mal, mas gozarão da recompensa da vitória, a paz eterna que nenhum adversário perturbará. Esta é a bem-aventurança final, esta é a consumação final, o fim sem fim. Aqui, de fato, diz-se que somos abençoados quando temos a paz que pode ser desfrutada em uma vida boa; mas tal bem-aventurança é mera miséria comparada a essa felicidade final. Quando nós, mortais, possuímos a paz que esta vida mortal pode proporcionar, a virtude, se estivermos vivendo corretamente, faz uso correto das vantagens dessa condição pacífica; e quando não a temos, a virtude faz bom uso até dos males que o homem sofre. Mas esta é a verdadeira

virtude, quando se refere a todas as vantagens de que faz bom uso, e tudo o que faz ao fazer bom uso das coisas boas e más, e também a si mesma, para o fim em que desfrutaremos do melhor e maior paz possível.

CAPÍTULO. 11.-DA FELICIDADE DA PAZ ETERNA, QUE CONSTITUI O FIM OU A VERDADEIRA PERFEIÇÃO DOS SANTOS

1. E assim podemos dizer da paz, como dissemos da vida eterna, que é o fim do nosso bem; e sim porque o salmista diz da cidade de Deus, o assunto deste trabalho laborioso: "Louva ao Senhor, ó Jerusalém; dentro de ti; quem pacificou os teus termos". Pois quando as trancas de suas portas forem reforçadas, ninguém entrará ou sairá dela; conseqüentemente, devemos entender a paz de suas fronteiras como aquela paz final que desejamos declarar. Pois mesmo o próprio nome místico da cidade, isto é, Jerusalém, significa, como já disse, "Visão de Paz". Mas como a palavra paz é empregada em conexão com coisas neste mundo em que certamente a vida eterna não tem lugar, preferimos chamar o fim ou bem supremo desta cidade de vida eterna em vez de paz. Sobre este fim, o apóstolo diz: "Mas agora, livres do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna". Mas, por outro lado, como aqueles que não estão familiarizados com as Escrituras podem supor que a vida dos ímpios é a vida eterna, seja por causa da imortalidade da alma, que alguns dos filósofos até reconheceram, seja por causa da infundável castigo dos ímpios, que faz parte de nossa fé e que parece impossível, a menos que os ímpios vivam para sempre, pode ser aconselhável, para que todos possam compreender prontamente o que queremos dizer, dizer que o fim ou o bem supremo desta cidade é paz na vida eterna, ou vida eterna em paz. Pois a paz é um bem tão grande, que mesmo nesta vida terrena e mortal não há palavra que ouçamos com tanto prazer, nada que desejemos com tanto entusiasmo, ou que achemos mais gratificante. De modo que, se nos demormos um pouco mais neste assunto, não seremos, em minha opinião, cansativos para nossos

leitores, que assistirão tanto para entender qual é o fim desta cidade de que falamos, quanto para pela doçura da paz que é cara a todos.

CAPÍTULO. 12.-A FEROCIDADE DA GUERRA, A INQUIETAÇÃO DOS HOMENS, E O DESEJO DE PAZ

1. Quem der uma atenção ainda que moderada aos assuntos humanos e à nossa natureza comum, reconhecerá que, se não há homem que não queira ser alegre, também não há quem não queira ter paz. Pois mesmo aqueles que fazem a guerra não desejam nada além da vitória, isto é, desejam alcançar a paz com glória. Pois o que mais é a vitória do que a conquista daqueles que nos resistem? e quando isso é feito, há paz. É, portanto, com o desejo de paz que as guerras são travadas, mesmo por aqueles que têm prazer em exercer sua natureza guerreira no comando e na batalha. E, portanto, é óbvio que a paz é o fim procurado pela guerra. Pois todo homem busca a paz travando a guerra, mas nenhum homem busca a guerra fazendo a paz. Pois mesmo aqueles que interrompem intencionalmente a paz em que vivem não têm ódio da paz, mas apenas desejam que ela se transforme em uma paz que lhes seja mais conveniente. Eles não desejam, portanto, não ter paz, mas apenas mais uma em sua mente. E no caso de sedição, quando os homens se separam da comunidade, eles ainda não realizam o que desejam, a menos que mantenham algum tipo de paz com seus companheiros de conspiração. E, portanto, até os ladrões cuidam de manter a paz com seus companheiros, para que possam com maior eficácia e maior segurança invadir a paz de outros homens. E se acontecer de um indivíduo ter uma força tão incomparável, e ser tão ciumento de parceria, que ele não confia em si mesmo com nenhum camarada, mas faz seus próprios planos, e comete depredações e assassinatos por conta própria, ainda assim ele mantém alguma sombra de paz com as pessoas que ele não pode matar, e de quem ele deseja esconder seus atos. Em sua própria casa, também, ele busca estar em paz com sua esposa e filhos, e quaisquer outros membros de sua casa; pois inquestionavelmente sua pronta obediência a cada olhar dele é uma fonte de prazer para ele. E se isso

não for feito, ele fica com raiva, ele repreende e pune; e mesmo por essa tempestade ele assegura a calma paz de sua própria casa, conforme a ocasião exige. Pois ele vê que a paz não pode ser mantida a menos que todos os membros do mesmo círculo doméstico estejam sujeitos a um chefe, como ele próprio está em sua própria casa. E, portanto, se uma cidade ou nação se oferecesse para se submeter a ele, para servi-lo no mesmo estilo que ele fez com que sua casa o servisse, ele não mais se esconderia nos esconderijos de um bandido, mas levantaria a cabeça em dia aberto como um rei, embora a mesma cobiça e maldade devesse permanecer nele. E assim todos os homens desejam ter paz com seu próprio círculo, a quem desejam governar como lhes convier. Pois mesmo aqueles contra os quais eles fazem guerra, eles desejam fazer seus próprios e impor-lhes as leis de sua própria paz.

2. Mas suponhamos que um homem como a poesia e a mitologia falam, um homem tão insociável e selvagem que seja chamado mais de semi-homem do que de homem. Embora, então, seu reino fosse a solidão de uma caverna sombria, e ele próprio fosse tão singularmente mal-humorado que foi chamado *Κακός*, que é a palavra grega para mau; embora não tivesse esposa para acalmá-lo com conversas carinhosas, filhos com quem brincar, filhos para cumprir suas ordens, nenhum amigo para animá-lo com relações sexuais, nem mesmo seu pai Vulcano (embora em um aspecto ele fosse mais feliz que seu pai, não ter gerado um monstro como ele); embora não desse a homem algum, mas tomasse como quisesse tudo o que podia, de quem pudesse, quando ainda podia naquele covil solitário, cujo chão, como diz Virgílio, estava sempre cheirando a matança recente, não havia mais nada. do que a paz procurada, uma paz na qual ninguém deveria molestá-lo ou inquietá-lo com qualquer ataque ou alarme. Com seu próprio corpo ele desejava estar em paz, e ele estava satisfeito apenas na medida em que tinha essa paz. Pois ele governou seus membros, e eles lhe obedeceram; e para pacificar sua natureza mortal, que se rebelava quando precisava de alguma coisa, e para acalmar a sedição da fome que ameaçava banir a alma do corpo, ele fez incursões, matou e devorou, mas usou a ferocidade e selvageria que ele exibido nessas

ações apenas para a preservação da paz de sua própria vida. De modo que, se ele estivesse disposto a fazer com outros homens a mesma paz que fez consigo mesmo em sua própria caverna, ele não teria sido chamado de mau, nem de monstro, nem de semi-homem. Ou se a aparência de seu corpo e suas chamas enfumaçadas vomitando assustavam os homens de ter qualquer tipo de contato com ele, talvez seus modos ferozes não tivessem surgido do desejo de fazer o mal, mas da necessidade de ganhar a vida. Mas ele pode não ter existido, ou, pelo menos, ele não era como os poetas fantasiosamente o descrevem, pois eles tiveram que exaltar Hércules, e o fizeram às custas de Caco. É melhor, então, acreditar que tal homem ou semi-homem nunca existiu, e que isso, em comum com muitas outras fantasias dos poetas, é mera ficção. Pois os animais mais selvagens (e dizem que ele era quase uma fera) cercam sua própria espécie com um anel de paz protetora. Eles coabitam, geram, produzem, amamentam e criam seus filhotes, embora muitos deles não sejam gregários, mas solitários - não como ovelhas, veados, pombos, estorninhos, abelhas, mas como leões, raposas, águias, morcegos . Pois qual tigresa não ronrona suavemente sobre seus filhotes e deixa de lado sua ferocidade para acariciá-los? Que papagaio, solitário como ele é quando circula sobre sua presa, não procura um companheiro, constrói um ninho, choca os ovos, cria os filhotes e mantém com a mãe de sua família uma aliança doméstica tão pacífica quanto possível? Quão mais poderosamente as leis da natureza do homem o movem a manter a comunhão e manter a paz com todos os homens até onde ele está, uma vez que mesmo os homens perversos fazem a guerra para manter a paz de seu próprio círculo e desejam que , se possível, todos os homens pertenciam a eles, para que todos os homens e coisas servissem a uma só cabeça e pudessem, por amor ou medo, entregar-se à paz com ele! É assim que o orgulho em sua perversidade imita Deus. Abomina a igualdade com outros homens sob Ele; mas, em vez de Seu governo, procura impor um governo próprio aos seus iguais. Abomina, isto é, a justa paz de Deus e ama sua própria paz injusta; mas não pode deixar de amar a paz de um tipo ou de outro. Pois não há vício tão puro contrário à natureza que oblitere até os mais tênues vestígios da natureza.

3. Aquele, pois, que prefere o que é certo ao que é errado, e o que é bem ordenado ao que é pervertido, vê que a paz dos injustos não é digna de ser chamada de paz em comparação com a paz dos justos. E, no entanto, mesmo o que é pervertido deve necessariamente estar em harmonia e em dependência e em alguma parte da ordem das coisas, pois de outra forma não teria existência alguma. Suponha que um homem pendure com a cabeça para baixo, esta é certamente uma atitude pervertida de corpo e disposição de seus membros; pois o que a natureza exige estar acima está abaixo, e vice-versa. Essa perversidade perturba a paz do corpo e, portanto, é dolorosa. No entanto, o espírito está em paz com seu corpo e trabalha para sua preservação e, portanto, o sofrimento; mas se ele é banido do corpo por suas dores, então, enquanto a estrutura corporal se mantém unida, há nos restos uma espécie de paz entre os membros e, portanto, o corpo permanece suspenso. E como o corpo terreno tende para a terra e repousa sobre o vínculo pelo qual está suspenso, tende assim para sua paz natural, e a voz de seu próprio peso exige um lugar para descansar; e embora agora sem vida e sem sentimento, não cai da paz que é natural ao seu lugar na criação, quer já a tenha, quer esteja tendendo para ela. Pois se você aplicar preparações de embalsamamento para evitar que a estrutura do corpo se deforme e se dissolva, uma espécie de paz une parte a parte e mantém todo o corpo em um lugar adequado na terra, em outras palavras, em um lugar que é em paz com o corpo. Se, por outro lado, o corpo não recebe tal cuidado, mas é deixado ao curso natural, é perturbado por exalações que não se harmonizam umas com as outras e que ofendem nossos sentidos; pois é isso que é percebido em putrefação até ser assimilado aos elementos do mundo, e partícula por partícula entra em paz com eles. No entanto, durante todo esse processo, as leis do Altíssimo Criador e Governador são estritamente observadas, pois é por Ele que a paz do universo é administrada. Pois embora pequenos animais sejam produzidos a partir da carcaça de um animal maior, todos esses pequenos átomos, pela lei do mesmo Criador, servem em paz aos animais aos quais pertencem. E embora a carne de animais mortos seja comida por outros, não importa onde seja transportada, nem com que seja posta em contato, nem em que seja convertida e

transformada, ainda é regida pelas mesmas leis que permeiam todas as coisas. a conservação de todas as raças mortais, e que harmonizam as coisas que se encaixam umas nas outras.

**CAPÍTULO. 13.-DA PAZ UNIVERSAL QUE A LEI DA
NATUREZA PRESERVA APESAR DE TODOS OS
DISTÚRBIOS, E PELA QUAL CADA UM CHEGA A SEU
DESTINO DE UMA FORMA REGULADA PELO JUSTO JUIZ**

1. A paz do corpo consiste, então, no arranjo devidamente proporcionado de suas partes. A paz da alma irracional é o repouso harmonioso dos apetites, e a da alma racional a harmonia do conhecimento e da ação. A paz do corpo e da alma é a vida e a saúde bem ordenadas e harmoniosas do ser vivo. A paz entre o homem e Deus é a obediência bem ordenada da fé à lei eterna. A paz entre homem e homem é uma concórdia bem ordenada. A paz doméstica é a harmonia bem ordenada entre aqueles da família que governam e aqueles que obedecem. A paz civil é um acordo semelhante entre os cidadãos. A paz da cidade celestial é o gozo perfeitamente ordenado e harmonioso de Deus e uns dos outros em Deus. A paz de todas as coisas é a tranquilidade da ordem. A ordem é a distribuição que distribui as coisas iguais e desiguais, cada uma no seu lugar. E, portanto, embora os miseráveis, na medida em que são, certamente não gozem da paz, mas sejam separados daquela tranquilidade da ordem em que não há perturbação, no entanto, na medida em que são merecida e justamente miseráveis, eles são por sua própria miséria ligada à ordem. Eles não são, de fato, unidos aos bem-aventurados, mas são separados deles pela lei da ordem. E embora estejam inquietos, suas circunstâncias não obstante são ajustadas a eles e, conseqüentemente, eles têm alguma tranquilidade de ordem e, portanto, alguma paz. Mas eles são miseráveis porque, embora não totalmente miseráveis, eles não estão naquele lugar onde qualquer mistura de miséria é impossível. Eles seriam, no entanto, mais miseráveis se não tivessem aquela paz que surge de estar em harmonia com a ordem natural das coisas. Quando eles sofrem, sua paz é tão

perturbada; mas sua paz continua enquanto eles não sofrem e enquanto sua natureza continua a existir. Assim como pode haver vida sem dor, enquanto não pode haver dor sem algum tipo de vida, também pode haver paz sem guerra, mas não pode haver guerra sem algum tipo de paz, porque a guerra supõe a existência de algumas naturezas empreenda-o, e essas naturezas não podem existir sem paz de um tipo ou de outro.

2. E, portanto, há uma natureza na qual o mal não existe ou mesmo não pode existir; mas não pode haver uma natureza na qual não haja bem. Portanto, nem mesmo a natureza do próprio diabo é má, na medida em que é natureza, mas foi feita má por ser pervertida. Assim, ele não permaneceu na verdade, mas não pôde escapar do julgamento da verdade; ele não permaneceu na tranquilidade da ordem, mas, portanto, não escapou do poder do Ordenador. O bem concedido por Deus à sua natureza não o protegeu da justiça de Deus pela qual a ordem foi preservada em seu castigo; nem Deus puniu o bem que Ele havia criado, mas o mal que o diabo havia cometido. Deus não tomou de volta tudo que Ele havia dado à sua natureza, mas algo que Ele tomou e algo que Ele deixou, para que permanecesse o suficiente para ser sensível à perda do que foi tomado. E essa mesma sensibilidade à dor é evidência do bem que foi tirado e do bem que foi deixado. Pois, se nada de bom sobrasse, não poderia haver dor por causa do bem que havia sido perdido. Pois aquele que peca é ainda pior se se alegra com a perda da justiça. Mas quem está com dor, se não tira proveito disso, lamenta pelo menos a perda da saúde. E como a justiça e a saúde são coisas boas, e como a perda de qualquer coisa boa é motivo de tristeza, não de alegria - se, pelo menos, não houver compensação, como a justiça espiritual pode compensar a perda da saúde corporal, - certamente é mais adequado para um homem mau sofrer com o castigo do que se alegrar com sua culpa. Como, então, a alegria de um pecador que abandonou o que é bom é evidência de uma má vontade, sua dor pelo bem que ele perdeu quando é punido é evidência de boa natureza. Pois aquele que lamenta a paz que sua natureza perdeu é incitado a fazê-lo por algumas relíquias de paz que tornam sua natureza amiga de si mesma. E é muito justo que, no castigo final, os

ímpios e ímpios em angústia lamentem a perda das vantagens naturais de que desfrutavam e percebam que foram tirados deles com justiça por aquele Deus cuja benigna liberalidade eles desprezaram. Deus, então, o mais sábio Criador e o mais justo Ordenador de todas as naturezas, que colocou a raça humana na terra como seu maior ornamento, concedeu aos homens algumas coisas boas adaptadas a esta vida, a saber, a paz temporal, de que podemos desfrutar nesta vida da saúde e segurança e da comunhão humana, e todas as coisas necessárias para a preservação e recuperação desta paz, como os objetos que são acomodados aos nossos sentidos externos, luz, noite, ar e águas adequadas para nós, e tudo o que o corpo necessita para sustentá-lo, abrigá-lo, curá-lo ou embelezá-lo: e tudo sob esta condição mais eqüitativa. que todo homem que fez bom uso dessas vantagens adequadas à paz desta condição mortal, receba bênçãos mais amplas e melhores, a saber, a paz da imortalidade, acompanhada de glória e honra em uma vida sem fim adequada ao gozo de Deus e uns dos outros em Deus; mas que aquele que usou mal as presentes bênçãos deve perdê-las e não receber as outras.

CAPÍTULO. 14.-DA ORDEM E DA LEI QUE SE OBTÊM NO CÉU E NA TERRA, POR MEIO DA QUAL ACONTECE QUE A SOCIEDADE HUMANA É SERVIDA POR AQUELES QUE A GOVERNAM

1. Todo o uso, então, das coisas temporais tem uma referência a esse resultado da paz terrena na comunidade terrena, enquanto na cidade de Deus está ligado à paz eterna. E, portanto, se fôssemos animais irracionais, nada desejaríamos além do arranjo adequado das partes do corpo e da satisfação dos apetites; nada, portanto, senão o conforto corporal e a abundância de prazeres, para que a paz do corpo pudesse contribuir para a paz da alma. Pois se falta a paz do corpo, uma barreira é colocada à paz mesmo da alma irracional, pois ela não pode obter a gratificação de seus apetites. E esses dois juntos ajudam a paz mútua da alma e do corpo, a paz da vida harmoniosa e da saúde. Pois, assim como os animais, evitando a dor, mostram que amam a paz do

corpo e, buscando o prazer para satisfazer seus apetites, mostram que amam a paz da alma, assim o seu medo da morte é uma indicação suficiente de seu intenso amor por aquela paz que une alma e corpo em estreita aliança. Mas, como o homem tem uma alma racional, ele subordina tudo o que tem em comum com os animais à paz de sua alma racional, para que seu intelecto tenha liberdade de ação e regule suas ações, e para que assim goze do bem - harmonia ordenada de conhecimento e ação que constitui, como dissemos, a paz da alma racional. E para isso ele deve desejar não ser molestado pela dor, nem perturbado pelo desejo, nem extinguido pela morte, para que possa chegar a algum conhecimento útil pelo qual possa regular sua vida e seus costumes. Mas, devido à propensão da mente humana a cair em erros, essa mesma busca do conhecimento pode ser uma armadilha para ele, a menos que ele tenha um Mestre divino, a quem ele possa obedecer sem hesitar, e que ao mesmo tempo lhe dê tal ajuda a preservar sua própria liberdade. E porque, enquanto ele está neste corpo mortal, ele é um estranho para Deus, ele anda por fé, não por vista; e ele, portanto, refere toda paz, corporal ou espiritual ou ambas, àquela paz que o homem mortal tem com o Deus imortal, de modo que ele exhibe a obediência bem ordenada da fé à lei eterna. Mas como este divino Mestre inculca dois preceitos – o amor de Deus e o amor ao próximo – e como nesses preceitos o homem encontra três coisas que deve amar – Deus, a si mesmo e ao próximo – e que ele quem ama a Deus ama a si mesmo, segue-se que deve esforçar-se para fazer com que o próximo ame a Deus, pois é ordenado que ame o próximo como a si mesmo. Ele deve fazer esse esforço em favor de sua esposa, seus filhos, sua casa, tudo ao seu alcance, assim como gostaria que seu vizinho fizesse o mesmo por ele, se ele precisasse; e, conseqüentemente, ele estará em paz, ou em harmonia bem ordenada, com todos os homens, até onde ele estiver. E esta é a ordem desta concórdia, que um homem, em primeiro lugar, não prejudique ninguém, e, em segundo lugar, faça o bem a todos que puder alcançar. Principalmente, portanto, sua própria casa é seu cuidado, pois a lei da natureza e da sociedade lhe dá acesso mais fácil a eles e maior oportunidade de servi-los. E, portanto, o apóstolo diz: “Ora, se alguém não tem provisões para seus próprios, e especialmente para os de sua

própria casa, negou a fé e é pior que um infiel”. Esta é a origem da paz doméstica, ou a concórdia bem ordenada dos que governam na família e dos que obedecem. Pois aqueles que cuidam do resto governam: o marido a esposa, os pais os filhos, os patrões os servos; e aqueles que são cuidados obedecem - as mulheres seus maridos, as crianças seus pais, os servos seus senhores. Mas na família do homem justo que vive pela fé e ainda é um peregrino a caminho da cidade celestial, mesmo aqueles que governam servem àqueles que parecem comandar; pois eles governam não por amor ao poder, mas por um senso do dever que devem aos outros - não porque se orgulham da autoridade, mas porque amam a misericórdia.

CAPÍTULO. 15.-DA LIBERDADE PRÓPRIA DA NATUREZA DO HOMEM E DA SERVIDÃO INTRODUZIDA PELO PECADO, - UMA SERVIDÃO EM QUE O HOMEM CUJA VONTADE É MÁ É ESCRAVO DE SUA PRÓPRIA LUXÚRIA, EMBORA SEJA LIVRE NO QUE DIZ RESPEITO A OUTROS HOMENS

1. Isto é prescrito pela ordem da natureza: é assim que Deus criou o homem. Pois “que eles”, diz Ele, “dominem sobre os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre todo réptil que rasteja sobre a terra”. Ele não pretendia que Sua criatura racional, que foi feita à Sua imagem, tivesse domínio sobre qualquer coisa que não a criação irracional – não o homem sobre o homem, mas o homem sobre os animais. E, portanto, os homens justos nos tempos primitivos foram feitos pastores de gado em vez de reis de homens, Deus pretendendo assim nos ensinar qual é a posição relativa das criaturas e qual é o deserto do pecado; pois é com justiça, cremos, que a condição de escravidão é fruto do pecado. E é por isso que não encontramos a palavra "escravo" em nenhuma parte das Escrituras até que o justo Noé marcou o pecado de seu filho com esse nome. É um nome, portanto, introduzido pelo pecado e não pela natureza. A origem da palavra latina para escravo deve ser encontrada na circunstância de que aqueles que pela lei da guerra eram passíveis de serem mortos às vezes eram

preservados por seus vencedores e, portanto, eram chamados de servos.² E essas circunstâncias nunca poderiam ter surgido. salvar através do pecado. Pois mesmo quando travamos uma guerra justa, nossos adversários devem estar pecando; e toda vitória, ainda que obtida por homens ímpios, é resultado do primeiro julgamento de Deus, que humilha os vencidos para remover ou punir seus pecados. Testemunhe aquele homem de Deus, Daniel, que, quando estava em cativeiro, confessou a Deus seus próprios pecados e os pecados de seu povo, e declara com piedosa tristeza que estes foram a causa do cativeiro. A causa principal, então, da escravidão é o pecado, que coloca o homem sob o domínio de seu semelhante, - o que não acontece senão pelo julgamento de Deus, com quem não há injustiça, e que sabe como conceder castigos adequados a todos variedade de delito. Mas nosso Mestre no céu diz: "Todo aquele que comete pecado é servo do pecado".⁴ E assim há muitos mestres iníquos que têm homens religiosos como seus escravos, e que ainda estão em cativeiro; "pois de quem o homem é vencido, do mesmo é feito escravo." E, sem dúvida, é mais feliz ser escravo de um homem do que de uma luxúria; pois mesmo esse desejo de governar, para não mencionar outros, devasta os corações dos homens com o domínio mais implacável. Além disso, quando os homens se submetem uns aos outros em uma ordem pacífica, a posição humilde faz tanto bem ao servo quanto a posição orgulhosa prejudica ao senhor. Mas, por natureza, como Deus nos criou, ninguém é escravo do homem ou do pecado. Esta servidão é, no entanto, penal, e é determinada por aquela lei que ordena a preservação da ordem natural e proíbe sua perturbação; pois se nada tivesse sido feito em violação dessa lei, não haveria nada para restringir pela servidão penal. E, portanto, o apóstolo aconselha os escravos a se sujeitarem a seus senhores e a servi-los de coração e boa vontade, para que, se não puderem ser libertados por seus senhores, eles mesmos possam tornar sua escravidão de alguma forma livre, servindo não com astúcia temor, mas em fiel amor, até que toda injustiça passe, e todo principado e todo poder humano sejam reduzidos a nada, e Deus seja tudo em todos.

CAPÍTULO. 16.-DE REGRA EQUITATIVA

1. E, portanto, embora nossos pais justos tivessem escravos e administrassem seus assuntos domésticos de modo a distinguir entre a condição de escravos e a herança de filhos em relação às bênçãos desta vida, ainda em relação à adoração a Deus, em a quem esperamos bênçãos eternas, eles supervisionaram igualmente com amor todos os membros de sua família. E isso está tão de acordo com a ordem natural, que o chefe da família se chamava paterfamilias; e esse nome tem sido tão geralmente aceito, que mesmo aqueles cujo governo é injusto ficam felizes em aplicá-lo a si mesmos. Mas aqueles que são verdadeiros pais de família desejam e se esforçam para que todos os membros de sua família, igualmente com seus próprios filhos, adorem e ganhem a Deus, e venham para aquele lar celestial em que o dever de governar os homens não é mais necessário. , porque o dever de cuidar de sua felicidade eterna também cessou; mas, até chegarem a esse lar, os senhores devem sentir sua posição de autoridade um fardo maior do que os servos, seu serviço. E se algum membro da família interrompe a paz doméstica por desobediência, é corrigido por palavra ou golpe, ou algum tipo de punição justa e legítima, conforme a sociedade permite, para que ele mesmo seja o melhor por isso, e seja lido justificou-se à harmonia familiar da qual se deslocou. Pois, como não é benevolente ajudar um homem à custa de algum benefício maior que ele possa receber, também não é inocente poupar um homem sob o risco de cair em pecado mais grave. Para ser inocente, não devemos apenas fazer mal a ninguém, mas também impedi-lo de pecar ou puni-lo, de modo que ou o próprio homem que é punido possa se beneficiar de sua experiência, ou outros sejam advertidos por seu exemplo. Como, então, a casa deve ser o começo ou elemento da cidade, e todo começo se refere a algum fim de sua própria espécie, e todo elemento à integridade do todo do qual é um elemento, segue-se claramente que a paz doméstica tem relação com a paz cívica – em outras palavras, que a concordância bem ordenada de obediência doméstica e governo doméstico tem relação com a concordância bem ordenada de obediência cívica e governo cívico. E, portanto, segue-se, além disso, que o pai de família deve enquadrar seu governo doméstico de acordo

com a lei da cidade, para que a casa esteja em harmonia com a ordem cívica.

CAPÍTULO. 17.-O QUE PRODUZ PAZ, E QUE DISCÓRDIA ENTRE AS CIDADES CELESTIAIS E TERRESTRES

1. Mas as famílias que não vivem pela fé buscam sua paz nas vantagens terrenas desta vida; enquanto as famílias que vivem pela fé buscam as bênçãos eternas que são prometidas, e usam como peregrinos as vantagens do tempo e da terra que não os fascinam e os desviam de Deus, mas antes os ajudam a suportar com maior facilidade e guardar diminuir o número daqueles fardos do corpo corruptível que pesam sobre a alma. Assim, as coisas necessárias para esta vida mortal são usadas por ambos os tipos de homens e famílias, mas cada um tem seu próprio objetivo peculiar e amplamente diferente ao usá-los. A cidade terrena, que não vive pela fé, busca uma paz terrena, e o fim que ela propõe, na harmonia bem ordenada de obediência cívica e regra, é a combinação das vontades dos homens para alcançar as coisas que são úteis para esta vida . A cidade celestial, ou melhor, a parte dela que peregrina na terra e vive pela fé, faz uso dessa paz apenas porque deve, até que essa condição mortal que a necessita passe. Conseqüentemente, enquanto vive como cativo e estrangeiro na cidade terrena, embora já tenha recebido a promessa da redenção, e o dom do Espírito como penhor dela, não tem escrúpulos em obedecer às leis do cidade terrena, onde são administradas as coisas necessárias para a manutenção desta vida mortal; e assim, como essa vida é comum a ambas as cidades, há uma harmonia entre elas em relação ao que pertence a ela. Mas, como a cidade terrena teve alguns filósofos cuja doutrina é condenada pelo ensinamento divino, e que, sendo enganados por suas próprias conjecturas ou por demônios, supuseram que muitos deuses deveriam ser convidados a se interessar pelos assuntos humanos, e designados a cada um uma função separada e um departamento separado — a um o corpo, a outro a alma; e no próprio corpo, a um a cabeça, a outro o pescoço, e cada um dos outros membros a um dos deuses; e da mesma maneira, na alma, a um deus

foi atribuída a capacidade natural, a outro educação, a outro ira, a outro desejo; e assim os vários assuntos da vida foram atribuídos: gado para um, milho para outro, vinho para outro, azeite para outro, florestas para outro, dinheiro para outro, navegação para outro, guerras e vitórias para outro, casamentos para outro, nascimentos e fecundidade para outro, e outras coisas para outros deuses: e como a cidade celestial, por outro lado, sabia que um só Deus deveria ser adorado, e que somente a Ele era devido aquele serviço que os gregos chamam de λατρεία, e que só pode ser dado a um deus, aconteceu que as duas cidades não podiam ter leis comuns de religião, e que a cidade celestial foi compelida a discordar e tornar-se desagradável para aqueles que pensam diferentemente . , e suportar o peso de sua raiva, ódio e perseguições, exceto na medida em que as mentes de seus inimigos foram alarmadas pela multidão de cristãos e reprimidas pela manifesta proteção de Deus concedida a eles. Esta cidade celestial, então, enquanto peregrina na terra, convoca cidadãos de todas as nações, e reúne uma sociedade de peregrinos de todas as línguas, sem escrúpulos sobre diversidades nos costumes, leis e instituições pelas quais a paz terrena é assegurada e mantida. , mas reconhecendo que, por mais variados que sejam, todos eles tendem a um e mesmo fim da paz terrena. Portanto, está tão longe de rescindir e abolir essas diversidades, que até as preserva e as adota, desde que não seja introduzido nenhum obstáculo ao culto do único Deus supremo e verdadeiro. Mesmo a cidade celestial, portanto, enquanto em seu estado de peregrinação, aproveita a paz da terra e, na medida em que pode, sem prejudicar a fé e a piedade, deseja e mantém um acordo comum entre os homens quanto à aquisição das necessidades da vida. vida, e faz com que esta paz terrena se apóie na paz do céu; pois somente isso pode ser verdadeiramente chamado e estimado de paz das criaturas racionais, consistindo como consiste no gozo perfeitamente ordenado e harmonioso de Deus e uns dos outros em Deus. Quando tivermos alcançado essa paz, esta vida mortal dará lugar a uma que é eterna, e nosso corpo não será mais este corpo animal que por sua corrupção sobrecarrega a alma, mas um corpo espiritual que não sente falta, e em tudo seus membros submetidos à vontade. Em seu estado de peregrinação, a cidade celestial possui essa

paz pela fé; e por essa fé vive retamente quando se refere à obtenção dessa paz toda boa ação para com Deus e o homem; pois a vida da cidade é uma vida social.

CAPÍTULO. 18.-COMO A INCERTEZA DA NOVA ESCOLA É DIFERENTE DA CERTEZA DA FÉ CRISTÃ

1. Quanto à incerteza sobre tudo o que Varrão alega ser a característica diferenciadora da Nova Escola (Academia), a cidade de Deus detesta profundamente essa dúvida como loucura. Com relação às coisas que ele apreende pela mente e pela razão, ele tem a mais absoluta certeza, embora seu conhecimento seja limitado por causa do corpo corruptível pressionando a mente, pois, como diz o apóstolo, “conhecemos em parte”. Acredita também na evidência dos sentidos que a mente usa com a ajuda do corpo; pois [se alguém que confia em seus sentidos às vezes é enganado], é mais miseravelmente enganado quem imagina que nunca deve confiar neles. Acredita também nas Sagradas Escrituras, antigas e novas, que chamamos canônicas, e que são a fonte da fé pela qual o justo vive² e pela qual caminhamos sem duvidar enquanto estamos ausentes do Senhor. Enquanto esta fé permanecer inviolada e firme, podemos, sem culpa, ter dúvidas sobre algumas coisas que não percebemos nem pelos sentidos nem pela razão, e que não nos foram reveladas pelas Escrituras canônicas, nem chegaram ao nosso conhecimento por meio de testemunhas. em quem é absurdo não acreditar.

CAPÍTULO. 19.-DO VESTUÁRIO E HÁBITOS DO POVO CRISTÃO

1. Não é uma questão de momento na cidade de Deus se aquele que adota a fé que leva os homens a Deus a adota em um vestido e modo de vida ou de outro, contanto que ele viva em conformidade com os mandamentos de Deus . E, portanto, quando os próprios filósofos se tornam cristãos, são compelidos, de fato, a abandonar suas doutrinas

errôneas, mas não seu vestuário e modo de vida, que não são obstáculo à religião. De modo que não levamos em conta essa distinção de seitas que Varrão aduziu em relação à escola cínica, desde que sempre nada indecente ou auto-indulgente seja mantido. Quanto a esses três modos de vida, o contemplativo, o ativo e o composto, embora, enquanto a fé de um homem for preservada, ele possa escolher qualquer um deles sem prejuízo de seus interesses eternos, mas ele nunca deve ignorar as reivindicações de verdade e dever. Nenhum homem tem o direito de levar uma vida de contemplação a ponto de esquecer em sua própria vontade o serviço devido ao próximo; nem qualquer homem tem o direito de estar tão imerso na vida ativa a ponto de negligenciar a contemplação de Deus. O encanto do lazer não deve ser o vazio indolente da mente, mas a investigação ou descoberta da verdade, para que assim cada homem possa fazer realizações sólidas sem ressentir-se de que outros façam o mesmo. E, na vida ativa, não são as honras ou o poder desta vida que devemos cobiçar, visto que todas as coisas debaixo do sol são vaidade, mas devemos procurar usar nossa posição e influência, se elas foram honrosamente alcançadas, para o bem-estar daqueles que estão sob como, da maneira que já explicamos. É a isso que o apóstolo se refere quando diz: "Aquele que deseja o episcopado deseja uma boa obra".⁵ Ele desejava mostrar que o episcopado é o título de uma obra, não de uma honra. É uma palavra grega e significa que aquele que governa superintende ou cuida daqueles que governam: pois ἐπί significa sobre, e σκοπεῖν, ver; portanto ἐπισκοπεῖν significa "supervisionar". De modo que quem ama governar mais do que fazer o bem não é bispo. Assim, ninguém está proibido de buscar a verdade, pois nesse lazer pode ser gasto de maneira mais louvável; mas é impróprio cobiçar a alta posição necessária para governar o povo, mesmo que essa posição seja mantida e que o governo seja administrado de maneira decente. E, portanto, o lazer sagrado é almejado pelo amor da verdade; mas é a necessidade do amor empreender os negócios necessários. Se ninguém nos impõe esse fardo, somos livres para peneirar e contemplar a verdade; mas se nos for imposto, somos obrigados por amor a empreendê-lo. E, no entanto, nem mesmo neste caso somos obrigados a renunciar totalmente aos doces da contemplação; pois se estes

fossem retirados, o fardo poderia ser maior do que poderíamos suportar.

CAPÍTULO. 20.-QUE OS SANTOS ESTÃO NESTA VIDA ABENÇOADOS NA ESPERANÇA

1. Visto que o bem supremo da cidade de Deus é a paz perfeita e eterna, não como os mortais entram e saem pelo nascimento e morte, mas a paz da liberdade de todo mal, na qual os imortais sempre habitam; quem pode negar que essa vida futura é mais abençoada, ou que, em comparação com ela, esta vida que agora vivemos é mais miserável, seja ela cheia de todas as bênçãos do corpo e da alma e coisas externas? E, no entanto, se alguém usa esta vida com referência àquela outra que ele ama ardentemente e espera com confiança, ele pode muito bem ser chamado mesmo agora de bem-aventurado, embora não tanto na realidade quanto na esperança. Mas a posse real da felicidade desta vida, sem a esperança do que está além, é apenas uma falsa felicidade e uma profunda miséria. Pois as verdadeiras bênçãos da alma não são agora desfrutadas; pois não é verdadeira sabedoria que não direcione todas as suas observações prudentes, ações viris, autocontrole virtuoso e arranjos justos, para aquele fim em que Deus será tudo e todos em uma eternidade segura e perfeita paz.

CAPÍTULO. 21.-SE JÁ HOUE UMA REPÚBLICA ROMANA RESPONDENDO ÀS DEFINIÇÕES DE CIPIÃO NO DIÁLOGO DE CÍCERO

1. Este, então, é o lugar onde devo cumprir a promessa feita no segundo livro desta obra, e explicar, tão breve e claramente quanto possível, que se aceitarmos as definições estabelecidas por Cipião em De Republica de Cícero, nunca houve uma república romana; pois ele define brevemente uma república como o bem do povo. E se esta definição for verdadeira, nunca houve uma república romana, pois o bem do povo nunca foi alcançado entre os romanos. Pois o povo,

segundo sua definição, é um agenciamento associado por um reconhecimento comum de direito e por uma comunidade de interesses. E o que ele entende por reconhecimento comum do direito ele explica amplamente, mostrando que uma república não pode ser administrada sem justiça. Onde, portanto, não há verdadeira justiça, não pode haver direito. Pois o que é feito por direito é feito com justiça, e o que é feito injustamente não pode ser feito por direito. Pois as invenções injustas dos homens não devem ser consideradas nem mencionadas como direitos; pois até eles mesmos dizem que o direito é o que flui da fonte da justiça, e negam a definição que é comumente dada por aqueles que entendem mal o assunto, esse direito é o que é útil para a parte mais forte. Assim, onde não há verdadeira justiça não pode haver assembleia de homens associados por um reconhecimento comum de direito e, portanto, não pode haver povo, como definido por Cipião ou Cícero; e se não há povo, então não há bem do povo, mas apenas de alguma multidão promíscua indigna do nome de povo. Consequentemente, se a república é o bem do povo, e não há povo se não estiver associado por um reconhecimento comum do direito, e se não há direito onde não há justiça, então certamente se segue que não há república onde não há justiça. Além disso, a justiça é aquela virtude que dá a cada um o que lhe é devido. Onde, então, está a justiça do homem, quando ele abandona o verdadeiro Deus e se entrega a demônios impuros? Isso é dar a cada um o que lhe é devido? Ou é injusto aquele que retém um terreno do comprador e o dá a um homem que não tem direito a ele, enquanto aquele que se retém do Deus que o criou e serve aos espíritos malignos é justo?

2. Este mesmo livro, De Republica, defende a causa da justiça contra a injustiça com grande força e ardor. O pedido de injustiça contra a justiça foi ouvido pela primeira vez, e foi afirmado que sem injustiça uma república não poderia crescer nem mesmo subsistir, pois foi estabelecido como uma posição absolutamente inatacável que é injusto que alguns homens governem e outros sirvam. ; e, no entanto, a cidade imperial à qual pertence a república não pode governar suas províncias sem recorrer a essa injustiça. Respondeu-se, em nome da justiça, que esta regra das províncias é justa, porque a servidão pode

ser vantajosa para os provinciais, e o é quando bem administrada, isto é, quando homens sem lei são impedidos de fazer mal. E, além disso, à medida que se tornaram cada vez piores enquanto fossem livres, melhorarão pela sujeição. Para confirmar esse raciocínio, acrescenta-se um exemplo eminente tirado da natureza: pois "por que", pergunta-se, "Deus governa o homem, a alma o corpo, a razão as paixões e outras partes viciosas da alma?" Este exemplo não deixa dúvidas de que, para alguns, a servidão é útil; e, de fato, servir a Deus é útil a todos. E é quando a alma serve a Deus que exerce um controle correto sobre o corpo; e na própria alma a razão deve estar sujeita a Deus para governar como deve as paixões e outros vícios. Portanto, quando um homem não serve a Deus, que justiça podemos atribuir a ele, já que neste caso sua alma não pode exercer um controle justo sobre o corpo, nem sua razão sobre seus vícios? E se não há justiça em tal indivíduo, certamente não pode haver nenhuma em uma comunidade composta por tais pessoas. Aqui, portanto, não há aquele reconhecimento comum do direito que faz de uma assembléia de homens um povo cujos negócios chamamos de república. E por que preciso falar da vantagem, da participação comum em que, segundo a definição, faz um povo? Pois embora, se você decidir considerar o assunto com atenção, você verá que não há nada de vantajoso para aqueles que vivem sem Deus, como todo aquele que não serve a Deus, mas a demônios, cuja maldade você pode medir pelo desejo de receber a adoração dos homens, embora sejam os espíritos mais impuros, o que eu disse sobre o reconhecimento comum do direito é suficiente para demonstrar que, de acordo com a definição acima, não pode haver povo e, portanto, república, onde não há justiça. Pois se eles afirmam que em sua república os romanos não serviam a espíritos imundos, mas a deuses bons e santos, devemos, portanto, responder novamente a essa evasão, embora já tenhamos dito o suficiente, e mais do que o suficiente, para denunciá-la? Ele deve ser uma pessoa incomumente estúpida, ou uma pessoa descaradamente contenciosa, que leu os livros anteriores até este ponto, e ainda pode questionar se os romanos serviram a demônios perversos e impuros. Mas, para não falar de seu caráter, está escrito na lei do verdadeiro Deus: "Aquele que sacrificar a qualquer deus, a não ser somente ao Senhor, será totalmente

destruído". Ele, portanto, que proferiu um mandamento tão ameaçador, decretou que nenhuma adoração deveria ser dada a deuses bons ou maus.

CAPÍTULO. 22.-SE O DEUS A QUE OS CRISTÃOS SERVEM É O DEUS VERDADEIRO A QUEM SOMENTE O SACRIFÍCIO DEVE SER PAGO

1. Mas pode-se responder: Quem é este Deus, ou que prova há de que somente Ele é digno de receber sacrifício dos romanos? É preciso ser muito cego para continuar perguntando quem é esse Deus. Ele é o Deus cujos profetas predisseram as coisas que vemos realizadas. Ele é o Deus de quem Abraão recebeu a certeza: "Na tua semente serão benditas todas as nações." Que isso foi cumprido em Cristo, que segundo a carne nasceu dessa semente, é reconhecido, quer queiram ou não, mesmo por aqueles que continuaram a ser os inimigos desse nome. Ele é o Deus cujo Espírito divino falou pelos homens cujas predições citei nos livros anteriores e que se cumprem na Igreja que se estendeu por todo o mundo. Este é o Deus que Varrão, o mais erudito dos romanos, supunha ser Júpiter, embora não saiba o que diz; no entanto, acho correto notar a circunstância de que um homem de tal conhecimento foi incapaz de supor que esse Deus não existia ou era desprezível, mas acreditava que Ele era o mesmo que o Deus supremo. Em suma, Ele é o Deus que Porfírio, o mais erudito dos filósofos, embora o mais ferrenho inimigo dos cristãos, confessa ser um grande Deus, mesmo de acordo com os oráculos daqueles que ele considera deuses.

CAPÍTULO. 23.-RELATÓRIO DE PORFÍRIO DAS RESPOSTAS DADAS PELOS ORÁCULOS DOS DEUSES A RESPEITO DE CRISTO

1. Pois em seu livro chamado *ἐκ λογίων φιλοσοφίας*, no qual ele coleta e comenta as respostas que ele finge que foram proferidas pelos deuses

sobre as coisas divinas, ele diz: Eu dou suas próprias palavras como foram traduzidas do grego: " A quem perguntou que deus ele deveria propiciar para chamar sua esposa do cristianismo, Apolo respondeu nos seguintes versos. Então, as seguintes palavras são dadas como as de Apolo: "Você provavelmente achará mais fácil escrever caracteres duradouros na água, ou voar levemente como um pássaro pelo ar, do que restaurar o sentimento correto em sua esposa ímpia depois que ela se poluiu. . Que ela permaneça como quiser em seu engano tolo, e cante falsos lamentos ao seu Deus morto, que foi condenado por juízes retos e pereceu ignominiosamente por uma morte violenta". Depois desses versos de Apolo (que demos em uma versão latina que não preserva a forma métrica), ele continua dizendo: "Nestes versos Apolo expôs a corrupção incurável dos cristãos, dizendo que os judeus, ao invés de os cristãos, reconheceram Deus." Veja como ele deturpa Cristo, dando aos judeus a preferência aos cristãos no reconhecimento de Deus. Esta foi sua explicação dos versos de Apolo, nos quais ele diz que Cristo foi morto por juízes justos ou justos – em outras palavras, que Ele merecia morrer. Deixo a responsabilidade deste oráculo a respeito de Cristo no intérprete mentiroso de Apolo, ou neste filósofo que acreditou nele ou possivelmente o inventou; quanto à sua concordância com as opiniões de Porfírio ou com outros oráculos, em breve teremos algo a dizer. Nesta passagem, no entanto, ele diz que os judeus, como intérpretes de Deus, julgaram com justiça ao declarar Cristo digno da morte mais vergonhosa. Ele deveria ter ouvido, então, este Deus dos judeus a quem ele dá este testemunho, quando aquele Deus diz: "Aquele que sacrificar a qualquer outro deus, exceto ao Senhor, será totalmente destruído". Mas vamos chegar a expressões ainda mais claras e ouvir quão grande é o Deus Porfírio que pensa ser o Deus dos judeus. Apolo, diz ele, quando perguntado se a palavra, ou seja, a razão ou a lei é a melhor coisa, respondeu nos versos seguintes. Em seguida, ele dá os versos de Apolo, dos quais seleciono o seguinte como suficiente: "Deus, o Gerador e o Rei antes de todas as coisas, diante de quem o céu e a terra e o mar e os lugares ocultos do inferno estremecem, e as próprias divindades estão com medo, pois sua lei é o Pai a quem os santos hebreus honram". Neste oráculo de seu deus Apolo, Porfírio confessou que o Deus dos hebreus é tão grande que as

próprias divindades têm medo diante dele. Estou surpreso, portanto, que quando Deus disse: Aquele que sacrificar a outros deuses será totalmente destruído, o próprio Porfírio não teve medo de ser destruído por sacrificar a outros deuses.

2. Este filósofo, no entanto, também tem algo de bom a dizer de Cristo, alheio, por assim dizer, à sua desprezo de que acabamos de falar; ou como se seus deuses falassem mal de Cristo apenas enquanto dormiam, e O reconhecessem como bom, e Lhe dessem Seu merecido louvor, quando acordaram. Pois, como se estivesse prestes a proclamar alguma coisa maravilhosa que passa despercebida, ele diz: "O que vamos dizer certamente surpreenderá alguns. Pois os deuses declararam que Cristo era muito piedoso e se tornou imortal, e que eles acalentam sua memória: que os cristãos, no entanto, estão poluídos, contaminados e envolvidos no erro. E muitas outras coisas semelhantes", diz ele, "os deuses dizem contra os cristãos". Em seguida, ele dá exemplos das acusações feitas, como ele diz, pelos deuses contra eles, e continua: "Mas a alguns que perguntaram a Hécate se Cristo era um Deus, ela respondeu: Você conhece a condição da alma imortal desencarnada, e que, se foi separada da sabedoria, sempre erra. A alma a que você se refere é a de um homem acima de tudo em piedade: eles a adoram porque confundem a verdade. A esta chamada resposta oracular ele acrescenta as seguintes palavras de sua autoria: "Deste homem muito piedoso, então, Hécate disse que a alma, como as almas de outros homens bons, foi depois da morte dotada de imortalidade, e que os cristãos por ignorância adorá-lo. E para aqueles que perguntam por que ele foi condenado a morrer, o oráculo da deusa respondeu: O corpo, de fato, está sempre exposto a tormentos, mas as almas dos piedosos permanecem no céu. E a alma você pergunta sobre tem sido a causa fatal do erro para outras almas que não estavam destinadas a receber os dons dos deuses, e ter o conhecimento do imortal Júpiter. Tais almas são, portanto, odiadas pelos deuses, pois aqueles que estavam destinados a não receber o dons dos deuses, e não conhecer a Deus, estavam fadados a cometer erros por meio dele que você fala. Ele mesmo, porém, era bom, e o céu foi aberto a ele como a outros homens bons. Você não é, então, falar mal dele, mas ter

pena da loucura dos homens: e por meio dele o perigo dos homens é iminente."

3. Quem é tão tolo para não ver que esses oráculos foram compostos por um homem inteligente com forte animosidade contra os cristãos, ou foram proferidos como respostas por demônios impuros com um desígnio semelhante, isto é, para que seu louvor a Cristo pode ganhar credibilidade por sua vituperação dos cristãos; e que assim possam, se possível, fechar o caminho da salvação eterna, que é idêntico ao cristianismo? Pois eles acreditam que de forma alguma estão contrariando seu próprio ofício prejudicial ao promover a crença em Cristo, desde que sua calúnia aos cristãos também seja aceita; pois assim asseguram que mesmo o homem que pensa bem de Cristo se recusa a se tornar cristão e, portanto, não é libertado de seu próprio governo pelo Cristo que ele louva. Além disso, seu louvor a Cristo é tão artificial que quem crê nEle como assim representado não será um verdadeiro cristão, mas um herege fotiniano, reconhecendo apenas a humanidade, e não também a divindade de Cristo, e assim será excluído da salvação e da morte. libertação das malhas dessas mentiras diabólicas. De nossa parte, não estamos mais satisfeitos com os louvores de Hécate a Cristo do que com a calúnia de Apolo. Apolo diz que Cristo foi morto por juízes justos, o que implica que Ele era injusto. Hécate diz que Ele era um homem muito piedoso, mas não mais. A intenção de ambos é a mesma, impedir que os homens se tornem cristãos, porque se isso for garantido, os homens nunca serão resgatados de seu poder. Mas cabe ao nosso filósofo, ou melhor, àqueles que acreditam nestes pretensos oráculos contra os cristãos, antes de tudo, se puderem, levar Apolo e Hécate à mesma mente em relação a Cristo, para que ambos possam condenar ou ambos elogiar-o. E mesmo que conseguissem isso, nós, de nossa parte, repudiaríamos o testemunho dos demônios, sejam favoráveis ou adversos a Cristo. Mas quando nossos adversários encontram um deus e uma deusa próprios em desacordo sobre Cristo, um louvando-o, o outro o vituperando, eles certamente não podem dar crédito, se tiverem algum julgamento, a meros homens que blasfemam contra os cristãos.

4. Quando Porfírio ou Hécate louvam a Cristo, e acrescentam que Ele se deu aos cristãos como um dom fatal, para que eles possam estar envolvidos no erro, ele expõe, como pensa, as causas desse erro. Mas antes de citar suas palavras com esse propósito, gostaria de perguntar: Se Cristo se entregou assim aos cristãos para envolvê-los no erro, Ele o fez voluntariamente ou contra Sua vontade? Se voluntariamente, como Ele é justo? Se contra a Sua vontade, como Ele é abençoado? No entanto, vamos ouvir as causas desse erro. "Há", diz ele, "em certo lugar espíritos terrenos muito pequenos, sujeitos ao poder de demônios malignos. Os sábios dos hebreus, entre os quais estava este Jesus, como você ouviu dos oráculos de Apolo citados acima, transformou as pessoas religiosas desses demônios muito perversos e espíritos menores, e os ensinou a adorar os deuses celestiais, e especialmente adorar a Deus Pai. Isso", disse ele, "os deuses ordenam; e já mostramos como eles admoesta a alma a voltar-se para Deus, e manda-a adorá-lo. Mas os ignorantes e ímpios, que não estão destinados a receber favores dos deuses, nem a conhecer o imortal Júpiter, não ouvindo os deuses e suas mensagens, têm se afastaram de todos os deuses, e não apenas se recusaram a odiar, mas também veneraram os demônios proibidos. Professando adorar a Deus, eles se recusam a fazer aquelas coisas pelas quais somente Deus é adorado. Pois Deus, de fato, sendo o Pai de todos, não precisa de nada; mas para nós é bom adorá-lo por meio s de justiça, castidade e outras virtudes, e assim fazer da própria vida uma oração a Ele, indagando e imitando Sua natureza. Para a investigação", diz ele, "nos purifica e a imitação nos deifica, aproximando-nos dele." Ele está certo na medida em que proclama Deus o Pai e a conduta pela qual devemos adorá-lo. os livros dos hebreus estão cheios, quando eles elogiam ou censuram a vida dos santos, mas ao falar dos cristãos ele está errado, e os calunia tanto quanto é desejado pelos demônios que ele toma por deuses, como se fosse difícil para qualquer homem recordar as ações vergonhosas e vergonhosas que costumavam ser feitas nos teatros e templos para agradar aos deuses, e comparar com essas coisas o que é ouvido em nossas igrejas, e o que é oferecido ao verdadeiro Deus, e de esta comparação para concluir onde o caráter é edificado e onde é arruinado. Mas quem, senão um espírito diabólico, disse ou sugeriu a

este homem uma mentira tão manifesta e vã, que os cristãos reverenciavam em vez de odiar os demônios, cuja adoração os hebreus proibido? Mas esse Deus, a quem os hebreus sábios adorados, proíbe o sacrifício de ser oferecido até mesmo aos santos anjos do céu e poderes divinos, a quem nós, nesta nossa peregrinação, veneramos e amamos como nossos concidadãos mais abençoados. Pois na lei que Deus deu ao Seu povo hebreu Ele profere esta ameaça, como em uma voz de trovão: "Aquele que sacrificar a qualquer deus, exceto ao Senhor somente, será totalmente destruído." E para que ninguém suponha que essa proibição se estende apenas aos demônios e espíritos terrenos muito perversos, a quem esse filósofo chama muito pequenos e inferiores, pois também estes são chamados na Escritura de deuses, não dos hebreus, mas das nações, como os tradutores da Septuaginta mostraram no salmo onde é dito: "Porque todos os deuses das nações são demônios",² - para que ninguém pudesse supor, eu digo, que o sacrifício a esses demônios era proibido, mas que o sacrifício poderia ser oferecido a todos ou alguns dos celestiais, foi imediatamente acrescentado, "salvo somente ao Senhor". 5. O Deus dos hebreus, então, a quem este renomado filósofo dá este testemunho notável, deu ao Seu povo hebreu uma lei, composta na língua hebraica, e não obscura e desconhecida, mas publicada agora em todas as nações, e neste lei está escrito: "Aquele que sacrificar a qualquer deus, exceto ao Senhor somente, ele será totalmente destruído." Que necessidade há de buscar mais provas na lei ou nos profetas desta mesma coisa? Procure, não precisamos dizer, pois as passagens não são poucas nem difíceis de encontrar; mas qual a necessidade de coletar e aplicar ao meu argumento as provas que são densamente semeadas e óbvias, e pelas quais parece claro como o dia que o sacrifício não pode ser pago a ninguém além do Deus supremo e verdadeiro? Aqui está uma breve, mas decidida, mesmo ameaçadora, e certamente verdadeira declaração daquele Deus a quem os mais sábios de nossos adversários tanto exaltam. Que isso seja ouvido, temido, cumprido, para que não haja alma desobediente cortada. "Aquele que sacrifica", diz Ele, não porque Ele precisa de alguma coisa, mas porque nos convém ser Sua possessão. Por isso, o Salmo nas Escrituras Hebraicas canta: "Eu disse ao Senhor: Tu és o meu Deus, porque não

precisas do meu bem." Pois nós mesmos, que somos a sua própria cidade, somos o seu mais nobre e digno sacrifício, e é este mistério que celebramos nos nossos sacrifícios, que são bem conhecidos dos fiéis, como explicamos nos livros anteriores. Pois através dos profetas os oráculos de Deus declararam que os sacrifícios que os judeus ofereciam como uma sombra do que havia de ser cessariam, e que as nações, desde o nascer até o pôr do sol, ofereceriam um sacrifício. Desses oráculos, que agora vemos cumpridos, fizemos as seleções que nos pareceram adequadas ao nosso propósito neste trabalho. E, portanto, onde não há essa justiça pela qual o único Deus supremo governa a cidade obediente de acordo com sua graça, de modo que ela não sacrifique a ninguém além dele, e pela qual, em todos os cidadãos desta cidade obediente, a alma conseqüentemente governa o corpo e raciocinar os vícios na ordem correta, para que, como o homem justo individual, assim também a comunidade e o povo dos justos, vivam pela fé, que opera pelo amor, aquele amor pelo qual o homem ama a Deus como deve ser amado, e o próximo como a si mesmo – aí, digo, não há um agenciamento associado por um reconhecimento comum do direito e por uma comunidade de interesses. Mas se não houver isso, não há povo, se nossa definição for verdadeira, e, portanto, não há república; pois onde não há povo não pode haver república.

CAPÍTULO. 24.-A DEFINIÇÃO QUE DEVE SER DADA DE UM POVO E UMA REPÚBLICA, PARA VINDICAR A ASSUNÇÃO DESTES TÍTULOS PELOS ROMANOS E POR OUTROS REINO

1. Mas se descartarmos esta definição de povo e, supondo outra, dissermos que um povo é um conjunto de seres racionais unidos por um acordo comum quanto aos objetos de seu amor, então, para descobrir o caráter de qualquer povo, temos apenas que observar o que eles amam. No entanto, tudo o que ama, desde que seja um conjunto de seres racionais e não de animais, e esteja ligado por um acordo quanto aos objetos do amor. é razoavelmente chamado de povo; e será um povo superior na medida em que está unido por

interesses superiores, e inferior na medida em que está unido por interesses inferiores. De acordo com esta nossa definição, o povo romano é um povo, e seu bem é sem dúvida uma comunidade ou república. Mas quais eram seus gostos em seus primeiros dias e nos dias seguintes, e como ele declinou em sedições sanguinárias e depois em guerras sociais e civis, e assim rompeu ou apodreceu o vínculo de concórdia em que consiste a saúde de um povo, a história mostra. e nos livros anteriores eu relatei em geral. E, no entanto, eu não diria por isso que não era um povo, ou que sua administração não era uma república, enquanto houver um conjunto de seres racionais unidos por um acordo comum quanto aos objetos do amor. Mas o que digo deste povo e desta república deve ser entendido como pensando e dizendo dos atenienses ou de qualquer estado grego, dos egípcios, da antiga Babilônia assíria e de todas as outras nações, grandes ou pequenas, que tiveram um governo público. Pois, em geral, a cidade dos ímpios, que não obedeceu ao mandamento de Deus de que não deveria oferecer sacrifício senão a Ele somente, e que, portanto, não podia dar à alma o seu próprio comando sobre o corpo, nem a razão pela qual sua justa autoridade sobre os vícios é nula de verdadeira justiça.

CAPÍTULO. 25.-QUE ONDE NÃO HÁ VERDADEIRA RELIGIÃO NÃO HÁ VERDADEIRAS VIRTUDES

1 . Pois, embora a alma pareça governar o corpo admiravelmente, e a razão os vícios, se a alma e a razão não obedecem a Deus, como Deus ordenou que o servissem, elas não têm autoridade adequada sobre o corpo e os vícios. Pois que tipo de senhora do corpo e dos vícios pode ser aquela mente que ignora o verdadeiro Deus e que, em vez de estar sujeita à Sua autoridade, é prostituída às influências corruptoras dos demônios mais cruéis? É por isso que as virtudes que parece possuir, e pelas quais restringe o corpo e os vícios para que possa obter e manter o que deseja, são antes vícios do que virtudes, desde que não haja referência a Deus. no que diz respeito. Pois, embora alguns suponham que as virtudes que se referem apenas a si mesmas, e são desejadas apenas por si mesmas, são virtudes verdadeiras e genuínas, o fato é

que, mesmo assim, elas são infladas de orgulho e, portanto, devem ser consideradas como vícios. do que virtudes. Pois, assim como o que dá vida à carne não é derivado da carne, mas está acima dela, assim o que dá vida abençoada ao homem não é derivado do homem, mas é algo acima dele; e o que digo do homem é verdade para qualquer poder e virtude celeste.

CAPÍTULO. 26.-DA PAZ QUE É DESFRUTADA PELO POVO AFASTADO DE DEUS, E O USO QUE O POVO DE DEUS FAZ DELA NO TEMPO DE SUA PEREGRINAÇÃO

1. Portanto, como a vida da carne é a alma, assim a vida abençoada do homem é Deus, de quem os escritos sagrados dos hebreus dizem: "Bem-aventurado o povo cujo Deus é o Senhor". Miserável, portanto, é o povo que está alienado de Deus. No entanto, mesmo este povo tem uma paz própria que não deve ser desprezada, embora, de fato, no final não a desfrute, porque não faz bom uso dela antes do fim. Mas é nosso interesse que desfrute desta paz enquanto esta vida; pois enquanto as duas cidades estiverem misturadas, também desfrutaremos da paz da Babilônia. Pois da Babilônia o povo de Deus é tão livre que, enquanto isso, peregrina em sua companhia. E, portanto, o apóstolo também admoestou a Igreja a orar pelos reis e pelas autoridades, atribuindo como razão, "que possamos viver uma vida tranquila e tranquila em toda piedade e amor". estava para acontecer ao antigo povo de Deus, e dando-lhes a ordem divina para irem obedientemente à Babilônia, e assim servirem ao seu Deus, aconselhou-os também a orar pela Babilônia, dizendo: "Na paz dela tereis paz" - o paz temporal que os bons e os ímpios desfrutam juntos.

CAPÍTULO. 27.-QUE A PAZ DOS QUE SERVEM A DEUS NÃO PODE NESTA VIDA MORTAL SER COMPREENDIDA EM SUA PERFEIÇÃO

1. Mas a paz que é peculiar a nós desfrutamos agora com Deus pela fé,

e no futuro desfrutaremos eternamente com Ele pela vista. Mas a paz que desfrutamos nesta vida, seja comum a todos ou peculiar a nós mesmos, é mais o consolo de nossa miséria do que o gozo positivo da felicidade. A nossa própria justiça, embora verdadeira no que diz respeito ao verdadeiro bem, é ainda nesta vida de tal espécie que consiste mais na remissão dos pecados do que no aperfeiçoamento das virtudes. Testemunhe a oração de toda a cidade de Deus em seu estado de peregrinação, pois clama a Deus pela boca de todos os seus membros: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores". E esta oração é eficaz não para aqueles cuja fé é "sem obras e morta",⁵ mas para aqueles cuja fé "opera pelo amor". Pois como a razão, embora sujeita a Deus, ainda é "oprimida pelo corpo corruptível",⁷ enquanto estiver nesta condição mortal, não tem autoridade perfeita sobre o vício e, portanto, essa oração é necessária aos justos. Pois embora exerça autoridade, os vícios não se submetem sem luta. Pois, por mais bem que se mantenha o conflito, e por mais que tenha subjogado esses inimigos, há algo de mal que, se não encontrar pronta expressão em ato, escapa pelos lábios ou se insinua no pensamento; e, portanto, sua paz não é plena enquanto ele estiver em guerra com seus vícios. Pois é um conflito duvidoso que ele trava com os que resistem, e sua vitória sobre os derrotados não é segura, mas cheia de ansiedade e esforço. Em meio a essas tentações, portanto, de tudo o que foi dito sumariamente nos oráculos divinos: "Não é a vida humana na terra uma tentação?" quem, a não ser um homem orgulhoso, pode presumir que vive de tal maneira que não precisa dizer a Deus: "Perdoa-nos as nossas dívidas?" E tal homem não é grande, mas inchado e inchado de vaidade, e é justamente resistido por Aquele que abundantemente dá graça aos humildes. De onde se diz: "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes". quando se rebelam, à sua razão, que os derrota ou pelo menos resiste; e também que ele implore a Deus graça para cumprir seu dever e o perdão de seus pecados, e que ele dê graças a Deus por todas as bênçãos que recebe. Mas, naquela paz final à qual toda a nossa justiça se refere, e por causa da qual é mantida, como nossa natureza desfrutará de uma imortalidade e incorrupção sã, e não terá mais vícios, e como também não experimentaremos resistência de nós

mesmos ou dos outros, não será necessário que a razão governe os vícios que não existem mais, mas Deus governará o homem, e a alma governará o corpo, com doçura e facilidade adequadas à felicidade de uma vida que é feito com escravidão. E esta condição será eterna, e teremos certeza de sua eternidade; e assim a paz desta bem-aventurança e a bem-aventurança desta paz serão o bem supremo.

CAPÍTULO. 28.-O FIM DOS ÍMPIOS

1. Mas, por outro lado, aqueles que não pertencem a esta cidade de Deus herdarão a miséria eterna, que também é chamada de segunda morte, porque a alma será então separada de Deus sua vida e, portanto, não se pode dizer que viverá, e o corpo será submetido a dores eternas. E, conseqüentemente, esta segunda morte será a mais grave, porque nenhuma morte a terminará. Mas sendo a guerra contrária à paz, como a miséria à felicidade e a vida à morte, não é sem razão que se pergunta que tipo de guerra pode ser encontrada no fim dos ímpios respondendo à paz que é declarada o fim dos justos ? A pessoa que faz essa pergunta tem apenas que observar o que há na guerra que é prejudicial e destrutivo, e ele verá que nada mais é do que a oposição mútua e o conflito das coisas. E pode ele conceber uma guerra mais dolorosa e amarga do que aquela em que a vontade é tão oposta à paixão, e a paixão à vontade, que sua hostilidade nunca pode ser encerrada pela vitória de uma ou outra, e na qual a violência da dor é tão conflitante? com a natureza do corpo, que nenhum cede ao outro? Pois nesta vida, quando este conflito surgiu, ou a dor vence e a morte expulsa o sentimento dela, ou a natureza vence e a saúde expulsa a dor. Mas no mundo vindouro a dor continua para atormentar, e a natureza resiste para que possa ser sensível a isso; e nem deixa de existir, para que a punição também não cesse. Agora, como é pelo juízo final que os homens passam a esses fins, o bem ao bem supremo, o mal ao mal supremo, tratarei desse juízo no livro seguinte.

LIVRO XX

ARGUMENTO

SOBRE O ÚLTIMO JUÍZO E AS DECLARAÇÕES A RESPEITO NO ANTIGO E NO NOVO TESTAMENTO.

CAPÍTULO. 1.- QUE, EMBORA DEUS ESTEJA SEMPRE JULGANDO, É RAZOÁVEL LIMITAR NOSSA ATENÇÃO NESTE LIVRO AO SEU ÚLTIMO JULGAMENTO

1. PRETENDO falar, dependendo da graça de Deus, do dia de Seu julgamento final, e afirmá-lo contra os ímpios e incrédulos, devemos antes de tudo colocar, por assim dizer, no fundamento do edifício as declarações divinas . As pessoas que não acreditam em tais declarações fazem o possível para se opor a eles próprios sofismas falsos e ilusórios, seja alegando que o que é aduzido da Escritura tem outro significado, ou negando completamente que seja uma declaração de Deus. Pois suponho que nenhum homem que entende o que está escrito e acredita que foi comunicado pelo Deus supremo e verdadeiro por meio de homens santos se recusa a ceder e consentir com essas declarações, quer ele confesse oralmente seu consentimento, ou se envergonhe de alguma influência maligna. ou medo de fazê-lo; ou mesmo, com uma opinião muito parecida com a loucura, faz grandes esforços para defender o que sabe e acredita ser falso contra o que sabe e acredita ser verdade.

2. Aquilo, portanto, que toda a Igreja do verdadeiro Deus sustenta e professa como seu credo, que Cristo virá do céu para julgar vivos e mortos, isso chamamos de último dia, ou última vez, do julgamento divino. Pois não sabemos quantos dias esse julgamento pode ocupar; mas ninguém que lê as Escrituras, por mais negligente que seja, precisa saber que nelas "dia" costuma ser usado para "tempo". E quando falamos do dia do julgamento de Deus, acrescentamos a palavra último ou final por esta razão, porque mesmo agora Deus

julga, e julgou desde o início da história humana, banindo do paraíso e excluindo da árvore da vida, aqueles primeiros homens que cometeram um pecado tão grande. Sim, Ele certamente estava exercendo julgamento também quando Ele não poupou os anjos que pecaram, cujo príncipe, vencido pela inveja, seduziu os homens depois de ser seduzido. Tampouco é sem o profundo e justo julgamento de Deus que a vida dos demônios e dos homens, um no ar, outro na terra, está cheia de miséria, calamidades e erros. E mesmo que ninguém tivesse pecado, só poderia ter sido pelo bom e justo julgamento de Deus que toda a criação racional poderia ter sido mantida em eterna bem-aventurança por uma perseverante adesão ao seu Senhor. Ele julga, também, não só na massa, condenando a raça dos demônios e a raça dos homens a serem miseráveis por causa do pecado original dessas raças, mas também julga os atos voluntários e pessoais dos indivíduos. Pois até os demônios rezam para que não sejam atormentados, o que prova que, sem injustiça, eles podem ser poupados ou atormentados de acordo com seus merecimentos. E os homens são punidos por Deus por seus pecados muitas vezes visivelmente, sempre secretamente, seja nesta vida ou após a morte, embora nenhum homem aja corretamente a não ser com a ajuda da ajuda divina; e nenhum homem ou diabo age injustamente a não ser pela permissão do julgamento divino e mais justo. Pois, como o apóstolo diz: "Não há injustiça em Deus"; 2 e como ele diz em outro lugar: "Seus julgamentos são inescrutáveis, e seus caminhos inescrutáveis" Neste livro, então, falarei, como Deus permite, não daqueles primeiros julgamentos, nem desses julgamentos intermediários de Deus, mas do último julgamento, quando Cristo virá do céu para julgar os vivos e os mortos. Pois esse dia é propriamente chamado de dia do julgamento, porque nele não haverá espaço para o ignorante questionar por que esse ímpio é feliz e aquele justo infeliz. Naquele dia, a verdadeira e plena felicidade será a sorte de ninguém, exceto dos bons, enquanto a miséria merecida e suprema será a porção dos ímpios, e somente deles.

CAPÍTULO. 2.-QUE NA TEIA MISTURADA DOS ASSUNTOS HUMANOS ESTÁ PRESENTE O JULGAMENTO DE DEUS, EMBORA NÃO POSSA SER DISCERNIDO

1. Neste tempo presente, aprendemos a suportar com equanimidade os males aos quais até os homens bons estão sujeitos e a desprezar as bênçãos que até os ímpios desfrutam. E conseqüentemente, mesmo naquelas condições de vida em que a justiça de Deus não é aparente, Seu ensinamento é salutar. Pois não sabemos por qual julgamento de Deus este homem bom é pobre e aquele homem mau é rico; por que aquele que, em nossa opinião, deveria sofrer agudamente por sua vida abandonada se diverte, enquanto a tristeza persegue aquele cuja vida louvável nos leva a supor que ele deveria ser feliz; por que o homem inocente é expulso do tribunal não apenas sem vingança, mas até condenado, sendo injustiçado pela iniquidade do juiz ou esmagado por provas falsas, enquanto seu adversário culpado, por outro lado, não é apenas dispensado impunemente, mas até mesmo suas reivindicações são admitidas; por que o ímpio goza de boa saúde, enquanto o piedoso definha na doença; por que os rufiões são da mais sólida constituição, enquanto aqueles que não poderiam ferir ninguém nem mesmo com uma palavra são desde a infância afligidos por desordens complicadas; por que aquele que é útil à sociedade é cortado pela morte prematura, enquanto aqueles que, como pode parecer, nunca deveriam ter nascido, têm vidas de duração incomum; por que aquele que está cheio de crimes é coroado com honras, enquanto o homem inocente é enterrado nas trevas da negligência. Mas quem pode coletar ou enumerar todos os contrastes desse tipo? Mas se esse estado anômalo de coisas fosse uniforme nesta vida, na qual, como diz o sagrado salmista, "o homem é como a vaidade, seus dias como uma sombra que passa" - tão uniforme que ninguém, exceto os homens ímpios, ganhou o transitório prosperidade da terra, enquanto apenas os bons sofriam seus males - isso poderia ser referido ao julgamento justo e até benigno de Deus. Poderíamos supor que aqueles que não estavam destinados a obter os benefícios eternos que constituem a bem-aventurança humana foram iludidos por bênçãos transitórias como a justa recompensa de sua maldade, ou foram, na misericórdia de Deus,

os consolaram, e que aqueles que não estavam destinados a sofrer tormentos eternos foram afligidos com castigo temporal por seus pecados, ou foram estimulados a maior realização em virtude. Mas agora, como é, visto que não só vemos homens bons envolvidos nos males da vida, e homens maus desfrutando do bem dela, o que parece injusto, mas também que o mal muitas vezes supera os homens maus, e o bem surpreende o bom, o em vez disso, os julgamentos de Deus são insondáveis, e Seus caminhos além de serem descobertos. Embora, portanto, não saibamos por qual julgamento essas coisas são feitas ou permitidas a serem feitas por Deus, com quem está a mais alta virtude, a mais alta sabedoria, a mais alta justiça, nenhuma enfermidade, nenhuma temeridade, nenhuma injustiça, ainda assim é salutar para nós aprendermos a desprezar tais coisas, sejam elas boas ou más, que se ligam indiferentemente a homens bons e maus, e cobiçar aquelas coisas boas que pertencem apenas a homens bons, e fugir daqueles males que pertencem apenas a homens maus. Mas quando tivermos chegado a esse julgamento, cuja data é chamada peculiarmente o dia do julgamento, e às vezes o dia do Senhor, reconheceremos a justiça de todos os julgamentos de Deus, não apenas daqueles que serão pronunciados, mas, de todos os que entram em vigor desde o início, ou podem entrar em vigor antes dessa data. E naquele dia também reconheceremos com que justiça tantos, ou quase todos, os justos julgamentos de Deus na vida presente desafiam o escrutínio do senso ou discernimento humano, embora neste assunto não seja oculto às mentes piedosas que o que é oculto é justo.

CAPÍTULO. 3.-O QUE SALOMÃO, NO LIVRO DE ECLESIASTES, DIZ SOBRE AS COISAS QUE ACONTECEM IGUAL A HOMENS BONS E MAUS

1. Salomão, o mais sábio rei de Israel, que reinou em Jerusalém, assim começa o livro chamado Eclesiastes, que os judeus contam entre suas Escrituras canônicas: "Vaidade de vaidades, disse Eclesiastes, vaidade de vaidades; tudo é vaidade. homem de todo o trabalho que fez debaixo do sol?" E depois de enumerar, com este como seu texto, as

calamidades e ilusões desta vida, e a natureza mutável do tempo presente, em que não há nada substancial, nada duradouro, ele lamenta, entre as outras vaidades que estão sob o sol, isto também, que embora a sabedoria supere a loucura como a luz supera as trevas, e ainda que os olhos do sábio estejam em sua cabeça, enquanto o tolo anda nas trevas, ainda assim um evento acontece a todos eles, isto é, em esta vida sob o sol, inquestionavelmente aludindo aos males que vemos acontecer a homens bons e maus. Ele diz, ainda, que os bons sofrem os males da vida como se fossem malfeitores, e os maus desfrutam do bem da vida como se fossem bons. "Há uma vaidade que se faz sobre a terra: que haja justos a quem aconteça segundo a obra dos ímpios; também há ímpios, a quem aconteça segundo a obra dos justos. Eu disse , que também isso é vaidade."2 Esse homem mais sábio dedicou todo o livro a uma exposição completa dessa vaidade, evidentemente sem outro objetivo senão o de ansiarmos por aquela vida na qual não há vaidade sob o sol, mas verdade sob o sol. Aquele que fez o sol. Nesta vaidade, então, não foi pelo justo e justo julgamento de Deus que o homem, feito como a vaidade, estava destinado a passar? Mas, nestes dias de vaidade, faz uma diferença importante se ele resiste ou cede à verdade, e se ele é destituído da verdadeira piedade ou participante dela – importante não tanto quanto à aquisição das bênçãos ou à evasão. das calamidades desta vida transitória e vã, mas em conexão com o julgamento futuro que dará aos homens bons coisas boas, e aos homens maus coisas ruins, em posse permanente e inalienável. Em suma, este sábio conclui este seu livro dizendo: "Temei a Deus e guardai os seus mandamentos, porque isto é todo homem. seja mau." Que declaração mais verdadeira, concisa e salutar poderia ser feita? "Temei a Deus", diz ele, "e guardai os Seus mandamentos, porque isto é todo homem." Pois quem tem existência real, é este, é um guardião dos mandamentos de Deus; e quem não é isso, não é nada. Enquanto permanece à semelhança da vaidade, não se renova à imagem da verdade. "Pois Deus julgará toda obra" - isto é, tudo o que o homem fizer nesta vida - "seja bom ou mau, de todo homem desprezado" - isto é, de todo homem que aqui parece desprezível e, portanto, não é considerado; pois Deus o vê e não o despreza nem o ignora em Seu julgamento.

CAPÍTULO. 4.-QUE AS PROVAS DO ÚLTIMO JUÍZO SERÃO APRESENTADAS, PRIMEIRO DO NOVO TESTAMENTO, E DEPOIS DO ANTIGO

1. As provas, então, deste último julgamento de Deus que proponho aduzir devem ser extraídas primeiro do Novo Testamento e depois do Antigo. Pois embora o Antigo Testamento seja anterior em termos de tempo, o Novo tem precedência em valor intrínseco; pois o Velho atua como arauto do Novo. Devemos, portanto, primeiro citar passagens do Novo Testamento e confirmá-las com citações do Antigo Testamento. O Antigo contém a lei e os profetas, o Novo o evangelho e as epístolas apostólicas. Agora o apóstolo diz: "Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado. Mas agora a justiça de Deus sem a lei se manifesta, sendo testemunhada pela lei e pelos profetas; agora a justiça de Deus é pela fé em Jesus Cristo sobre todos os que acreditam." Esta justiça de Deus pertence ao Novo Testamento, e a evidência disso existe nos livros antigos, isto é, na lei e nos profetas. Vou primeiro, depois expor o caso e depois chamar as testemunhas. Essa ordem, o próprio Jesus Cristo nos orienta a observar, dizendo: "O escriba instruído no reino de Deus é como um bom chefe de família, tirando do seu tesouro coisas novas e velhas". Ele certamente teria dito se não desejasse seguir a ordem do mérito e não a do tempo.

CAPÍTULO. 5.-AS PASSAGEM EM QUE O SALVADOR DECLARA QUE HAVERÁ UM JULGAMENTO DIVINO NO FIM DO MUNDO

1. O próprio Salvador, ao repreender as cidades nas quais Ele havia feito grandes obras, mas que não haviam crido, e ao colocá-las em comparação desfavorável com cidades estrangeiras, diz: "Mas eu vos digo que será mais tolerável para Tiro e Sídon no dia do juízo do que para vós." E um pouco depois Ele diz: "Em verdade vos digo que será mais tolerável para a terra de Sodoma no dia do juízo do que para ti."

E em outro lugar Ele diz: “Os homens de Nínive se levantarão em juízo com esta geração, e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas; e eis que aqui está um maior do que Jonas . se levantará no juízo com esta geração, e a condenará; porque ela veio dos confins da terra para ouvir as palavras de Salomão; e eis que aqui está quem é maior do que Salomão”. Duas coisas aprendemos com esta passagem, que um julgamento deve ocorrer e que deve ocorrer na ressurreição dos mortos. Pois quando Ele falou dos ninivitas e da rainha do sul, Ele certamente falou de pessoas mortas, e ainda assim Ele disse que eles deveriam ressuscitar no dia do julgamento. Ele não disse: “Eles condenarão”, como se eles mesmos fossem os juízes, mas porque, em comparação com eles, os outros serão justamente condenados.

2. Novamente, em outra passagem, na qual Ele estava falando da presente mistura e futura separação dos bons e maus – a separação que será feita no dia do julgamento – Ele aduziu uma comparação extraída do trigo semeado e o joio semeado entre eles, e deu esta explicação a seus discípulos: "Aquele que semeia a boa semente é o Filho do homem", etc. Aqui, de fato, Ele não nomeou o julgamento ou o dia do julgamento, mas indicou muito mais claramente, descrevendo as circunstâncias, e predisse que deveria ocorrer no fim do mundo.

3. Da mesma maneira, Ele diz aos Seus discípulos: "Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, na regeneração, quando o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, vós também vos assentareis em doze tronos. , julgando as doze tribos de Israel." Aqui aprendemos que Jesus julgará com Seus discípulos. E, portanto, Ele disse em outro lugar aos judeus: "Se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Portanto, eles serão vossos juízes." , embora Ele diga que eles se sentarão em doze tronos; pois pelo número doze é significada a plenitude da multidão daqueles que devem julgar. Para as duas partes do número sete (que comumente simboliza a totalidade), ou seja, quatro e três, multiplicados um pelo outro, dão doze. Pois quatro vezes três, ou três vezes quatro, são doze. Há outros significados, também, neste número doze. Não fosse essa a

interpretação correta dos doze tronos, então, uma vez que lemos que Matias foi ordenado apóstolo na sala de Judas, o traidor, o apóstolo Paulo, embora trabalhasse mais do que todos eles, não deveria ter trono de julgamento; mas ele inequivocamente se considera incluído no número dos juízes quando diz: "Não sabeis que devemos julgar os anjos?"⁶ A mesma regra deve ser observada ao aplicar o número doze aos que serão julgados. Pois embora tenha sido dito, "julgando as doze tribos de Israel", a tribo de Levi, que é a décima terceira, não será por isso isenta de julgamento, nem o julgamento será proferido apenas sobre Israel e não sobre as outras nações. E pelas palavras "na regeneração", Ele certamente quis dizer que a ressurreição dos mortos deveria ser entendida; pois nossa carne será regenerada pela incorrupção, como nossa alma é regenerada pela fé.

4. Muitas passagens eu omito, porque, embora pareçam se referir ao último julgamento, ainda assim, em um exame mais detalhado, elas são consideradas ambíguas, ou aludem antes a algum outro evento – seja à vinda do Salvador que continuamente ocorre em Sua Igreja, isto é, em Seus membros, na qual vem pouco a pouco, e pedaço por pedaço, já que toda a Igreja é Seu corpo, ou para a destruição da Jerusalém terrena. Pois quando Ele fala até disso, Ele muitas vezes usa uma linguagem que é aplicável ao fim do mundo e àquele último e grande dia do julgamento, de modo que esses dois eventos não podem ser distinguidos a menos que todas as passagens correspondentes sobre o assunto nos três evangelistas, Mateus, Marcos e Lucas, são comparados uns com os outros – pois algumas coisas são colocadas de forma mais obscura por um evangelista e mais claramente por outro – de modo que se torna aparente quais coisas devem ser referidas a um evento. É isso que me esforcei para fazer em uma carta que escrevi a Hesíquio de abençoada memória, bispo de Salon, e intitulada "Do Fim do Mundo".

5. Passo agora a citar do Evangelho segundo Mateus a passagem que fala da separação dos bons dos maus pelo juízo mais eficaz e final de Cristo: "Quando o Filho do homem", diz ele, "virá em Sua glória, ... então também dirá aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de

mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos”. Então Ele, da mesma maneira, relata aos ímpios as coisas que eles não fizeram, mas que Ele havia dito que os que estavam à direita haviam feito. E quando eles perguntam quando O viram necessitando dessas coisas, Ele responde que, visto que eles não fizeram isso ao menor de Seus irmãos, eles não o fizeram a Ele, e conclui Seu discurso com as palavras: " E irão estes para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna”. Além disso, o evangelista João declara mais distintamente que Ele havia predito que o julgamento seria na ressurreição dos mortos. Pois depois de dizer: "O Pai a ninguém julga, mas deu todo o julgamento ao Filho; para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai; quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou ;" Ele imediatamente acrescenta: "Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em juízo, mas passou da morte para a vida". Aqui Ele disse que os crentes nEle não deveriam entrar em julgamento. Como, então, eles serão separados dos ímpios pelo julgamento, e colocados à Sua mão direita, a menos que o julgamento seja usado nesta passagem para condenação? Pois em julgamento, neste sentido, não virão os que ouvem a sua palavra e crêem naquele que o enviou.

CAPÍTULO. 6.-QUAL É A PRIMEIRA RESSURREIÇÃO E QUAL A SEGUNDA

1. Depois disso, Ele acrescenta as palavras: "Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão. o Pai tem vida em si mesmo; assim deu ao Filho ter vida em si mesmo”. Ainda Ele não fala da segunda ressurreição, isto é, a ressurreição do corpo, que será no fim, mas da primeira, que agora é. É para fazer esta distinção que Ele diz: "A hora está chegando, e agora é." Agora, esta ressurreição não diz respeito ao corpo, mas à alma. Pois também as almas têm morte própria em maldade e pecados, por meio da qual são os mortos de quem os mesmos lábios dizem: "Deixai que os mortos sepultem seus

mortos",³ isto é, que aqueles que estão mortos de alma enterre os que estão mortos no corpo. É desses mortos, então - os mortos em impiedade e maldade - que Ele diz: "Vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão". "Aqueles que ouvem", isto é, aqueles que obedecem, acreditam e perseveram até o fim. Aqui não há diferença entre o bem e o mal. Pois é bom que todos os homens ouçam sua voz e vivam, passando para a vida de piedade da morte da impiedade. Sobre esta morte, o apóstolo Paulo diz: "Portanto, todos estão mortos, e ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou". Assim todos, sem uma exceção, estavam mortos em pecados, sejam pecados originais ou voluntários, pecados de ignorância ou pecados cometidos contra o conhecimento; e por todos os mortos morreu o único que viveu, isto é, que não tinha pecado algum, a fim de que os que vivem para a remissão dos seus pecados vivam, não para si mesmos, mas para Aquele que morreu por todos, por nossos pecados, e ressuscitou para nossa justificação, para que, crendo naquele que justifica o ímpio, e sendo justificados da impiedade ou vivificados da morte, possamos alcançar a primeira ressurreição que agora existe. Pois nesta primeira ressurreição ninguém tem parte, exceto aqueles que serão eternamente abençoados; mas no segundo, do qual Ele passa a falar, todos, como aprenderemos, têm uma parte, tanto os bem-aventurados quanto os miseráveis. Uma é a ressurreição da misericórdia, a outra do juízo. E, portanto, está escrito no salmo: "Cantarei a misericórdia e o juízo: a Ti, ó Senhor, cantarei".

2. E sobre este julgamento Ele continuou dizendo: "E deu-lhe autoridade para julgar também, porque Ele é o Filho do homem." Aqui Ele mostra que Ele virá para julgar naquela carne na qual Ele veio para ser julgado. Pois é para mostrar isso que Ele diz, "porque Ele é o Filho do homem". E então siga as palavras para nosso propósito: "Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz, e sairão; os que tiverem feito o bem, para a ressurreição de vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição do juízo". Este julgamento Ele usa aqui no mesmo sentido de um pouco

antes, quando Ele diz: "Aquele que ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em juízo, mas passou da morte para vida;" isto é, por ter parte na primeira ressurreição, pela qual uma transição da morte para a vida é feita neste tempo presente, ele não entrará na condenação, que Ele menciona pelo nome de julgamento, como também no lugar onde Ele diz, "mas os que fizeram o mal para a ressurreição do juízo", ou seja, da condenação. Aquele, portanto, que não seria condenado na segunda ressurreição, ressuscite na primeira. Pois "vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão", isto é, não entrarão na condenação, que é chamada de segunda morte; na qual a morte, depois da segunda ressurreição ou ressurreição corporal, serão lançados os que não ressuscitarem na primeira ou ressurreição espiritual. Pois "a hora está chegando" (mas aqui Ele não diz "e agora é", porque virá no fim do mundo no último e maior julgamento de Deus) "quando todos os que estão nas sepulturas ouvirão Sua voz e sairá." Ele não diz, como na primeira ressurreição: "E os que ouvirem viverão". Pois nem todos viverão, pelo menos com a vida que só deve ser chamada de vida, porque somente ela é abençoada. Para algum tipo de vida eles devem ter a fim de ouvir, e sair das sepulturas em seus corpos em ascensão. E por que nem todos viverão Ele ensina nas palavras que se seguem: "Os que fizeram o bem, para a ressurreição da vida" - estes são os que viverão; "mas os que fizeram o mal, para a ressurreição do juízo" - estes são os que não viverão, porque morrerão na segunda morte. Eles fizeram o mal porque sua vida foi má; e sua vida tem sido má porque não foi renovada na primeira ressurreição espiritual que agora existe, ou porque eles não perseveraram até o fim em sua vida renovada. Como, então, há duas regenerações, das quais já mencionei - aquela segundo a fé, e que ocorre na vida presente por meio do batismo; a outra segundo a carne, e que se cumprirá em sua incorrupção e imortalidade por meio do grande e final juízo, assim também há duas ressurreições, uma primeira e espiritual ressurreição, que tem lugar nesta vida, e nos preserva de entrar na segunda morte; o outro o segundo, que não ocorre agora, mas no fim do mundo, e que é do corpo, não da alma, e que pelo juízo final há de despedir alguns para a segunda morte,

outros para a vida que não tem morte.

CAPÍTULO. 7.-O QUE ESTÁ ESCRITO NA REVELAÇÃO (APOCALIPSE) DE JOÃO SOBRE AS DUAS RESSURREIÇÕES E OS MIL ANOS, E O QUE RAZOAVELMENTE PODE SER REALIZADO NESTES PONTOS

1. O evangelista João falou dessas duas ressurreições no livro chamado Apocalipse, mas de tal maneira que alguns cristãos não entendem a primeira das duas, e assim interpretam a passagem como fantasias ridículas. Pois o apóstolo João diz no livro citado: "E vi descer do céu um anjo... Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele mil anos". Aqueles que, com base nesta passagem, suspeitaram que a primeira ressurreição é futura e corporal, foram movidos, entre outras coisas, especialmente pelo número de mil anos, como se fosse uma coisa adequada que os santos assim desfrutar de uma espécie de descanso sabático durante esse período, um lazer sagrado após os trabalhos dos seis mil anos desde que o homem foi criado, e por causa de seu grande pecado foi dispensado da bem-aventurança do paraíso para as desgraças desta vida mortal, então que assim, como está escrito: "Um dia é para o Senhor como mil anos, e mil anos como um dia",² deveria seguir-se ao completar seis mil anos, a partir de seis dias, uma espécie de sétimo - dia de sábado nos mil anos seguintes; e que é para este propósito que os santos se levantam, a saber, para celebrar este sábado. E essa opinião não seria censurável, se acreditasse que as alegrias dos santos naquele sábado serão espirituais e conseqüentes da presença de Deus; pois eu também já tive essa opinião. Mas, como eles afirmam que aqueles que então ressuscitam desfrutarão do lazer de banquetes carnis imoderados, guarnecidos com uma quantidade de carne e bebida que não apenas chocará o sentimento dos moderados, mas até ultrapassará a medida da própria credulidade, tais afirmações só podem ser acreditadas pelo carnal. Aqueles que acreditam nelas são

chamados pelos quiliastas espirituais, que podemos reproduzir literalmente pelo nome de milenaristas.⁴ Foi um processo tedioso refutar essas opiniões ponto a ponto: preferimos continuar mostrando como essa passagem da Escritura deve ser entendida.

2. O próprio Senhor Jesus Cristo diz: "Ninguém pode entrar na casa do valente, e estragar os seus bens, sem primeiro amarrar o valente" - querendo dizer com o valente o diabo, porque ele tinha poder para levar cativo o raça humana; e significando por seus bens que ele deveria tomar, aqueles que haviam sido mantidos pelo diabo em diversos pecados e iniquidades, mas deveriam se tornar crentes em Si mesmo. Foi então para amarrar este forte que o apóstolo viu no Apocalipse "um anjo que descia do céu, tendo a chave do abismo e uma cadeia na mão. o dragão, aquela antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, e o prendeu por mil anos", isto é, refreou e restringiu seu poder para que ele não pudesse seduzir e obter posse daqueles que deveriam ser libertados. Agora, os mil anos podem ser entendidos de duas maneiras, tanto quanto me ocorre: ou porque essas coisas acontecem no sexto milênio ou no sexto milênio (a última parte do qual está passando agora), como se durante o sexto dia, que deve ser seguido por um sábado que não tem noite, o descanso sem fim dos santos, de modo que, falando de uma parte sob o nome de todo, ele chama a última parte do milênio - a parte, isto é, que ainda tinha que expirar antes do fim do mundo - mil anos; ou ele usou os mil anos como um equivalente para toda a duração deste mundo, empregando o número da perfeição para marcar a plenitude do tempo. Pois mil é o cubo de dez. Pois dez vezes dez faz cem, isto é; o quadrado em uma superfície plana. Mas para dar altura a esta superfície e torná-la um cubo, a centena é novamente multiplicada por dez, o que dá mil. Além disso, se às vezes cem é usado para a totalidade, como quando o Senhor disse por meio de promessa àquele que deixou tudo e O seguiu: "Ele receberá neste mundo cem vezes mais"; da qual o apóstolo dá, por assim dizer, uma explicação quando diz: "Como nada tendo, mas possuindo todas as coisas", 2 - pois desde a antiguidade se dizia: O mundo inteiro é a riqueza de um crente - com quanto mais razão se coloca mil para a totalidade, já que é o cubo, enquanto a outra

é apenas o quadrado? E pela mesma razão, não podemos interpretar melhor as palavras do salmo: "Ele se lembrou de sua aliança para sempre, a palavra que ordenou a mil gerações", do que entendendo que significa "para todas as gerações".

3. "E ele o lançou no abismo," isto é, lançou o diabo no abismo. Por abismo entende-se a multidão incontável de ímpios cujos corações são insondavelmente profundos em malignidade contra a Igreja de Deus; não que o diabo não estivesse lá antes, mas diz-se que ele foi lançado lá, porque, quando impedido de prejudicar os crentes, ele toma posse mais completa dos ímpios. Pois esse homem é mais abundantemente possuído pelo diabo que não apenas está alienado de Deus, mas também odeia gratuitamente aqueles que servem a Deus. "E encerrá-lo, e selar sobre ele, para que não engane mais as nações até que os mil anos se cumpram." "Cale-o", isto é, proibiu-o de sair, de fazer o que era proibido. E a adição de "selo sobre ele" parece-me significar que foi projetado para manter em segredo quem pertencia ao partido do diabo e quem não. Pois neste mundo isso é um segredo, pois não podemos dizer se mesmo o homem que parece estar de pé cairá, ou se aquele que parece mentir se levantará novamente. Mas pela cadeia e prisão deste interdito o diabo é proibido e impedido de seduzir as nações que pertencem a Cristo, mas que ele anteriormente seduziu ou manteve em sujeição. Pois antes da fundação do mundo Deus escolheu resgatá-los do poder das trevas e traduzi-los para o reino do Filho do Seu amor, como diz o apóstolo. Pois qual cristão não sabe que ele seduz as nações ainda agora e as atrai para o castigo eterno, mas não os predestinados à vida eterna? E que ninguém se assuste com a circunstância de que o diabo muitas vezes seduz até mesmo aqueles que foram regenerados em Cristo e começaram a andar no caminho de Deus. Pois "o Senhor conhece aqueles que são Seus",⁵ e destes o diabo não seduz ninguém para a condenação eterna. Pois é como Deus, de quem nada está oculto, mesmo das coisas futuras, que o Senhor as conhece; não como um homem, que vê um homem no momento presente (se é que se pode dizer que vê alguém cujo coração não vê), mas não vê nem a si mesmo a ponto de poder saber que tipo de pessoa ele é ser estar. O diabo, então, está preso e encerrado no abismo para

não seduzir as nações das quais a Igreja está reunida, e que ele seduziu antes que a Igreja existisse. Pois não se diz "que ele não deve seduzir a ninguém", mas "que ele não deve seduzir as nações" - significando, sem dúvida, aquelas entre as quais a Igreja existe - "até que os mil anos se cumpram", ou seja, , ou o que resta do sexto dia, que consiste em mil anos, ou todos os anos que devem decorrer até o fim do mundo.

4. As palavras "para que ele não seduza as nações até que os mil anos se cumpram", não devem ser entendidas como indicando que depois ele deve seduzir apenas aquelas nações das quais a Igreja predestinada é composta, e de seduzir quem ele é contido por essa corrente e prisão; mas eles são usados em conformidade com o uso freqüentemente empregado nas Escrituras e exemplificado no salmo: "Assim, nossos olhos esperam no Senhor nosso Deus, até que ele tenha misericórdia de nós" - não como se os olhos de Seus servos não mais esperar no Senhor seu Deus quando Ele teve misericórdia deles. Ou a ordem das palavras é inquestionavelmente esta: "E ele o encerrou e selou sobre ele, até que os mil anos se cumprissem"; e a cláusula interposta, "para que ele não mais seduza as nações", não deve ser entendida na conexão em que está, mas separadamente, e como se adicionada posteriormente, para que toda a frase possa ser lida: "E Ele cale-o e ponha um selo sobre ele até que os mil anos se cumpram, para que ele não mais seduza as nações" – isto é, ele está trancado até que os mil anos se cumpram, por esta razão, para que ele não possa mais enganar as nações.

CAPÍTULO. 8.-DA LIBERTAÇÃO E APRISIONAMENTO DO DIABO

1. "Depois disso", diz João, "ele deve ser solto um pouco." Se o aprisionamento e fechamento do diabo significa que ele se torna incapaz de seduzir a Igreja, sua libertação deve ser a recuperação dessa capacidade? De jeito nenhum. Pois a Igreja predestinada e eleita antes da fundação do mundo, a Igreja da qual se diz: "O Senhor conhece

aqueles que são Seus", nunca será seduzida por ele. E ainda haverá uma Igreja neste mundo mesmo quando o diabo for solto, como tem havido desde o princípio, e sempre haverá, os lugares dos moribundos sendo preenchidos por novos crentes. Pois um pouco depois João diz que o diabo, sendo solto, atrairá as nações que ele seduziu em todo o mundo para fazer guerra contra a Igreja, e que o número desses inimigos será como a areia do mar. "E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; e desceu fogo do céu e os devorou. E o diabo que os seduziu foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta, e serão atormentados de dia e de noite para todo o sempre". Isso se relaciona com o juízo final, mas julguei oportuno mencioná-lo agora, para que ninguém suponha que naquele curto período em que o diabo estará solto não haverá Igreja na terra, seja porque o diabo não encontra Igreja, ou a destrói por múltiplas perseguições. O diabo, então, não está preso durante todo o tempo que este livro abrange – isto é, desde a primeira vinda de Cristo até o fim do mundo, quando Ele vier pela segunda vez – não está preso neste sentido, que durante este intervalo, que atende pelo nome de mil anos, ele não deve seduzir a Igreja, pois nem mesmo quando solto ele deve seduzi-la. Pois certamente, se o fato de ele estar preso significa que ele não pode ou não pode seduzir a Igreja, o que pode significar perdê-lo, senão que ele pode ou está autorizado a fazê-lo? Mas Deus não permita que tal seja o caso! Mas o aprisionamento do diabo é ele ser impedido de exercer todo o seu poder de seduzir os homens, seja forçando-os violentamente ou enganando-os fraudulentamente a participar dele. Se durante um período tão longo lhe fosse permitido atacar a fraqueza dos homens, muitas pessoas, como Deus não desejaria expor a tal tentação, teriam sua fé derrubada ou seriam impedidas de acreditar; e para que isso não aconteça, ele está preso.

2. Mas quando o curto tempo chegar, ele será solto. Pois ele se enfurecerá com toda a força de si mesmo e de seus anjos por três anos e seis meses; e aqueles com quem ele fizer guerra terão poder para resistir a toda a sua violência e estratégias. E se ele nunca fosse solto, seu poder malicioso seria menos patente, e menos provas seriam

dadas da firmeza inabalável da cidade santa: seria, em suma, menos manifesto o bom uso que o Todo-Poderoso faz de seu grande mal. Pois o Todo-Poderoso não isola absolutamente os santos de sua tentação, mas protege apenas seu homem interior, onde reside a fé, para que pela tentação externa possam crescer na graça. E Ele o amarra para que ele não possa, no livre e ansioso exercício de sua malícia, impedir ou destruir a fé daqueles incontáveis pessoas fracas, já crentes ou ainda por acreditar, de quem a Igreja deve ser aumentada e completada; e ele no final o soltará, para que a cidade de Deus possa ver quão poderoso adversário ela conquistou, para a grande glória de seu Redentor, Auxiliador, Libertador. E o que somos nós em comparação com aqueles crentes e santos que então existirão, visto que eles serão testados pela perda de um inimigo com quem fazemos guerra com o maior perigo, mesmo quando ele está preso? Embora também seja certo que mesmo neste período intermediário houve e há alguns soldados de Cristo tão sábios e fortes, que se eles estivessem vivos nesta condição mortal no momento de sua perda, ambos se protegeriam sabiamente contra , e mais pacientemente suportar, todas as suas armadilhas e assaltos.

3. Ora, o diabo estava assim preso não apenas quando a Igreja começou a se estender cada vez mais amplamente entre as nações além da Judéia, mas agora está e estará preso até o fim do mundo, quando será solto. Porque mesmo agora os homens são, e sem dúvida até o fim do mundo serão, convertidos à fé da incredulidade em que os mantinha. E este forte é obrigado em cada caso em que ele é roubado de um de seus bens; e o abismo em que ele está encerrado não termina quando morrem aqueles que estavam vivos quando ele foi encerrado nele, mas estes foram sucedidos, e serão sucedidos até o fim do mundo, por outros nascidos depois. com um ódio semelhante aos cristãos, e nas profundezas de cujos corações cegos ele está continuamente encerrado como em um abismo. Mas é uma questão se, durante esses três anos e seis meses, quando ele estiver solto e furioso com todas as suas forças, alguém que não tenha crido anteriormente se apegue à fé. Pois como, nesse caso, as palavras seriam válidas: "Quem entra na casa do forte para roubar seus bens, sem antes

amarrar o forte?" Conseqüentemente, este versículo parece nos obrigar a acreditar que durante esse tempo, por mais curto que seja, ninguém será adicionado à comunidade cristã, mas que o diabo fará guerra contra aqueles que se tornaram cristãos anteriormente, e que, embora alguns dos estes podem ser vencidos e desertar para o diabo, estes não pertencem ao número predestinado dos filhos de Deus. Pois não é sem razão que João, o mesmo apóstolo que escreveu este Apocalipse, diz em sua epístola a respeito de certas pessoas: "Saíram de nós, mas não eram de nós; porque se fossem de nós, não fariam dúvida permaneceram conosco." Mas o que será dos pequeninos? Pois é além de toda crença que nestes dias não serão encontradas algumas crianças cristãs nascidas, mas ainda não batizadas, e que também não haverá algumas nascidas durante esse mesmo período; e se houver, não podemos acreditar que seus pais não encontrarão alguma maneira de trazê-los à pia da regeneração. Mas, se assim for, como serão arrebatados ao diabo estes bens quando ele estiver solto, visto que em sua casa ninguém entra para saquear seus bens, a menos que primeiro o tenha amarrado? Pelo contrário, devemos acreditar que nestes dias não faltarão nem os que se afastam, nem os que se apegam à Igreja; mas haverá tanta determinação, tanto nos pais para buscarem o batismo de seus filhos, como naqueles que primeiro crerem, que vencerão aquele forte, mesmo que solto, isto é, compreenderão diligentemente e pacientemente resista contra ele, embora empregando tais artimanhas e aplicando tanta força como ele nunca usou antes; e assim eles serão arrebatados dele, ainda que desamarrados. E, no entanto, o versículo do Evangelho não será falso: "Quem entra na casa do valente para roubar os seus bens, sem antes amarrar o valente?" Pois, de acordo com este verdadeiro ditado, a ordem é observada - o forte primeiro amarrado, e depois seus bens estragaram; pois a Igreja é tão aumentada pelos fracos e fortes de todas as nações distantes e próximas, que por sua fé mais robusta nas coisas divinamente previstas e realizadas, será capaz de estragar os bens até mesmo do diabo solto. Pois, como devemos reconhecer que, "quando a iniquidade abunda, o amor de muitos se esfria", e que aqueles que não foram escritos no livro da vida, em grande número, cederão às severas e sem precedentes perseguições e estratégias do

diabo. agora soltos, por isso não podemos deixar de pensar que não apenas aqueles que naquele tempo acharão são na fé, mas também alguns que até então não estarão, se tornarão firmes na fé que até agora rejeitaram e poderosos para vencer o diabo , embora sem limites, a graça de Deus ajudando-os a compreender as Escrituras, nas quais, entre outras coisas, é predito aquele fim que eles mesmos vêm chegar. E se assim for, sua ligação deve ser mencionada como precedente, para que possa seguir um despojo dele tanto amarrado quanto solto; pois é disso que se diz: "Quem entrará na casa do forte para roubar seus bens, a menos que primeiro tenha amarrado o forte?"

CAPÍTULO. 9.-O QUE É O REINO DOS SANTOS COM CRISTO POR MIL ANOS E COMO DIFERE DO REINO ETERNO

1. Mas enquanto o diabo está preso, os santos reinarão com Cristo durante os mesmos mil anos, entendidos da mesma maneira, isto é, do tempo de Sua primeira vinda. Pois, deixando de lado aquele reino sobre o qual Ele dirá no final: "Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos está preparado",⁴ a Igreja não poderia agora ser chamada de Seu reino ou o reino de céu, a menos que Seus santos estivessem reinando com Ele, embora de outra maneira muito diferente; pois aos Seus santos Ele diz: "Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo". Certamente é neste tempo presente que o escriba bem instruído no reino de Deus, e de quem já falamos, tira de seu tesouro coisas novas e velhas. E da Igreja aqueles ceifeiros colherão o joio que Ele deixou crescer com o trigo até a colheita, como Ele explica nas palavras "A colheita é o fim do mundo, e os ceifeiros são os anjos. são reunidos e queimados a fogo, assim será no fim do mundo. O Filho do homem enviará os seus anjos, e eles ajuntarão do seu reino todas as ofensas". Ele pode dizer fora daquele reino em que não há ofensas? Então deve ser fora de Seu reino presente, a Igreja, que eles são reunidos. Assim Ele diz: "Aquele que violar um destes menores mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; mas aquele que assim fizer e ensinar será

chamado grande no reino dos céus”. Ele fala de ambos como estando no reino dos céus, tanto o homem que não cumpre os mandamentos que Ele ensina - pois "quebrar" significa não guardar, não cumprir - e o homem que faz e ensina como Ele fez; mas aquele que ele chama menos, o outro grande. E Ele imediatamente acrescenta: “Pois eu vos digo que, a menos que a vossa justiça exceda a dos escribas e fariseus”, isto é, a justiça daqueles que violam o que ensinam; pois dos escribas e fariseus Ele em outro lugar diz: "Porque eles dizem e não fazem" - a menos que sua justiça exceda a deles, isto é, para que você não quebre, mas faça o que ensina, "não entrareis no reino dos céus." 4 Devemos entender em um sentido o reino dos céus, no qual existem juntos tanto aquele que transgredir o que ensina como aquele que o pratica, sendo um o menor, o outro grande, e em outro sentido o reino dos céus em onde só entrará aquele que fizer o que ensina. Conseqüentemente, onde existem ambas as classes, é a Igreja como é agora, mas onde somente uma deve existir, é a Igreja como está destinada a ser quando nenhum ímpio estiver nela. Portanto, a Igreja ainda agora é o reino de Cristo e o reino dos céus. Conseqüentemente, mesmo agora Seus santos reinam com Ele, embora de outra forma que não como reinarão no futuro; e ainda, embora o joio cresça na Igreja junto com o trigo, eles não reinam com Ele. Porque reinam com Aquele que faz o que o apóstolo diz: "Se já ressuscitastes com Cristo, atentai para as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Buscai as coisas que são de cima, não as que são de cima. a Terra." De tais pessoas, ele também diz que sua conversa é no céu.⁶ Em suma, eles reinam com Aquele que está tão em Seu reino que eles mesmos são Seu reino. Mas em que sentido são aqueles do reino de Cristo que, para não dizer mais, embora estejam nele até que todas as ofensas sejam recolhidas dele no fim do mundo, contudo buscam nele as suas próprias coisas, e não as coisas que são de Cristo?

2. É então deste reino militante, no qual o conflito com o inimigo ainda é mantido, e a guerra continua com luxúrias guerreiras, ou governo colocado sobre eles à medida que cedem, até chegarmos ao reino mais pacífico em que reinaremos sem inimigo, e é desta primeira ressurreição na vida presente, que o Apocalipse fala nas palavras que

acabamos de citar. Pois, depois de dizer que o diabo está preso por mil anos e depois é solto por um curto período de tempo, passa a dar um esboço do que a Igreja faz ou do que é feito na Igreja naqueles dias, nas palavras: " E eu vi os assentos e os que estavam assentados sobre eles, e o julgamento foi dado". Não se deve supor que isso se refira ao juízo final, mas aos assentos dos governantes e aos próprios governantes pelos quais a Igreja agora é governada. E nenhuma melhor interpretação do julgamento que está sendo dado pode ser produzida do que a que temos nas palavras: "O que ligardes na terra será ligado no céu, e o que desligardes na terra será desligado no céu." De onde o apóstolo diz: "Que tenho eu a ver com julgar os que estão fora? não julgais os que estão dentro?" 9 "E as almas", diz João, "dos que foram mortos por causa do testemunho de Jesus e pela palavra de Deus" – entendendo o que ele diz depois, "reinou com Cristo mil anos" – isto é, as almas dos mártires ainda não restauradas em seus corpos. Pois as almas dos mortos piedosos não estão separadas da Igreja, que ainda agora é o reino de Cristo; caso contrário, não haveria nenhuma lembrança deles no altar de Deus ao participar do corpo de Cristo, nem haveria perigo algum em correr para o Seu batismo, para que não passássemos desta vida sem ele; nem à reconciliação, se por penitência ou má consciência alguém pode ser separado de seu corpo. Pois por que essas coisas são praticadas, se não porque os fiéis, mesmo mortos, são seus membros? Portanto, enquanto esses mil anos correm, suas almas reinam com Ele, embora ainda não em conjunto com seus corpos. E, portanto, em outra parte deste mesmo livro, lemos: "Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor; e agora, diz o Espírito, para que descansem de seus trabalhos, porque suas obras os seguem". A Igreja, então, começa seu reinado com Cristo agora nos vivos e nos mortos. Pois, como diz o apóstolo, "Cristo morreu para ser Senhor tanto dos vivos como dos mortos". reinar após a morte; mas, tomando a parte pelo todo, compreendemos as palavras de todos os outros que pertencem à Igreja, que é o reino de Cristo.

3. Quanto às seguintes palavras: "E se alguém não adorou a besta nem a sua imagem, nem recebeu a sua inscrição na testa ou na mão", devemos tomá-las tanto dos vivos como dos mortos. E o que é essa

besta, embora exija uma investigação mais cuidadosa, não é inconsistente com a verdadeira fé entendê-la da própria cidade ímpia e da comunidade de incrédulos em oposição ao povo fiel e à cidade de Deus. "Sua imagem" me parece significar sua simulação, a saber, naqueles homens que professam crer, mas vivem como incrédulos. Pois eles fingem ser o que não são, e são chamados cristãos, não por uma verdadeira semelhança, mas por uma imagem enganosa. Pois a esta besta pertencem não apenas os inimigos declarados do nome de Cristo e Sua cidade mais gloriosa, mas também o joio que deve ser recolhido do Seu reino, a Igreja, no fim do mundo. E quem são aqueles que não adoram a besta e sua imagem, senão aqueles que fazem o que o apóstolo diz: "Não se ponham em jugo com incrédulos?" Pois tais não adoram, ou seja, não consentem, não estão sujeitos; nem recebem a inscrição, a marca do crime, na testa pela profissão, na mão pela prática. Eles, então, que estão livres dessas poluições, quer ainda vivam nesta carne mortal, quer estejam mortos, reinam com Cristo ainda agora, por todo esse intervalo que é indicado pelos mil anos, de maneira adequada a este tempo. .

4. "O resto deles", diz ele, "não viveu". Porque agora é a hora em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão; e os demais não viverão. As palavras adicionadas, "até que os mil anos se completem", significam que eles não viveram no tempo em que deveriam ter vivido, passando da morte para a vida. E, portanto, quando chegar o dia da ressurreição corporal, eles sairão de suas sepulturas, não para a vida, mas para o julgamento, ou seja, para a condenação, que é chamada de segunda morte. Pois todo aquele que não viveu até que os mil anos se completassem, isto é, durante todo este tempo em que está acontecendo a primeira ressurreição, — todo aquele que não ouviu a voz do Filho de Deus e passou da morte para a vida — esse homem certamente na segunda ressurreição, a ressurreição da carne, passará com sua carne para a segunda morte. Pois ele vai dizer "Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição", ou que a experimenta. Agora ele experimenta aquele que não apenas revive da morte do pecado, mas continua nesta vida renovada. "Nestes, a

segunda morte não tem poder." Portanto, tem poder no resto, de quem ele disse acima: "O resto deles não viveu até que os mil anos se completassem"; pois em todo esse tempo intermediário chamado mil anos, por mais vigorosamente que tenham vivido no corpo, eles não foram vivificados para a morte em que sua maldade os mantinha, para que por essa vida revivida eles se tornassem participantes da primeira ressurreição. , e assim a segunda morte não deve ter poder sobre eles.

CAPÍTULO. 10.-O QUE DEVE SER RESPONDIDO AQUELES QUE PENSAM QUE A RESSURREIÇÃO PERTENCE APENAS A CORPOS E NÃO A ALMAS

1. Há alguns que supõem que a ressurreição pode ser predicada apenas do corpo e, portanto, afirmam que esta primeira ressurreição (do Apocalipse) é uma ressurreição corporal. Pois, dizem eles, "ressuscitar-se" só pode ser dito de coisas que caem. Agora, os corpos caem na morte. Não pode, portanto, haver ressurreição de almas, mas de corpos. Mas o que eles dizem ao apóstolo que fala de uma ressurreição de almas? Pois certamente foi no homem interior e não no exterior que aqueles que ressuscitaram a quem ele diz: "Se vocês ressuscitaram com Cristo, prestem atenção às coisas que são de cima". , "Para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também andemos em novidade de vida." Assim também: "Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará. , e não às almas, porque os corpos caem, por que eles não fazem nada das palavras: "Vós que temeis ao Senhor, esperai por Sua misericórdia; e não vos desvieis para que não caias"; e "Para seu próprio Mestre ele se levanta ou cai";² e "Aquele que pensa que está de pé, cuide para que não caia?" Pois imagino que essa queda que devemos tomar cuidado é uma queda da alma, não do corpo. Se, então, ressurgir pertence às coisas que caem, e as almas caem, deve-se admitir que as almas também ressurgem. Às palavras: "Neles a segunda morte não tem poder", são acrescentadas as palavras, "mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos"; e isso não se refere apenas aos bispos e presbíteros, que agora são

especialmente chamados sacerdotes na Igreja; mas como chamamos todos os crentes de cristãos por causa do crisma místico, também chamamos todos os sacerdotes porque são membros de um só Sacerdote. Deles, o apóstolo Pedro diz: "Um povo santo, um sacerdócio real." Certamente ele deu a entender, embora de forma passageira e incidental, que Cristo é Deus, dizendo sacerdotes de Deus e Cristo, isto é, do Pai e do Pai. Filho, embora tenha sido em Sua forma de servo e como Filho do homem que Cristo foi feito Sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque. Mas isso já explicamos mais de uma vez.

CAPÍTULO. 11.-DE GOGUE E MAGOGUE, QUE DEVEM SER DESPERTADOS PELO DIABO PARA PERSEGUIR A IGREJA, QUANDO ELE É SOLTO NO FIM DO MUNDO

1. "E quando os mil anos se cumprirem, Satanás será solto de sua prisão, e sairá para seduzir as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, e as atrairá para a batalha, cujo número é como a areia do mar." Este, então, é o seu propósito em seduzi-los, atraí-los para esta batalha. Pois mesmo antes disso ele costumava usar tantas e várias seduções quanto pudesse continuar. E as palavras "ele sairá" significam que ele explodirá do ódio à espreita em perseguição aberta. Pois esta perseguição, ocorrendo enquanto o julgamento final é iminente, será a última que será suportada pela santa Igreja em todo o mundo, toda a cidade de Cristo sendo assaltada por toda a cidade do diabo, conforme cada uma existe na terra. Pois essas nações que ele chama de Gog e Magog não devem ser entendidas como algumas nações bárbaras em alguma parte do mundo, sejam Getæ e Massagetæ, como alguns concluem das letras iniciais, ou algumas outras nações estrangeiras que não estão sob o governo romano. Pois João marca que eles estão espalhados por toda a terra, quando ele diz: "As nações que estão nos quatro cantos da terra", e ele acrescentou que estas são Gogue e Magogue. Descobrimos que o significado desses nomes é Gog, "um telhado", Magog, "de um telhado" – uma casa, por assim dizer, e aquele que sai da casa. São, portanto, as nações em que

descobrimos que o diabo estava encerrado como num abismo, e o próprio diabo saindo delas e saindo, de modo que elas são o telhado, ele do telhado. Ou se referirmos ambas as palavras às nações, não uma para elas e outra para o diabo, então ambas são o telhado, porque nelas o velho inimigo está atualmente fechado e, por assim dizer, coberto; e eles serão do telhado quando irromperem do ódio oculto para o ódio aberto. As palavras: "E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o acampamento dos santos e a cidade amada", não significa que eles vieram, ou virão, a um lugar, como se o acampamento dos santos e a cidade amada devem estar em algum lugar; pois este acampamento nada mais é do que a Igreja de Cristo que se estende por todo o mundo. E, conseqüentemente, onde quer que a Igreja esteja – e estará em todas as nações, como é significado pela “largura da terra” – também haverá o acampamento dos santos e a cidade amada, e lá será cercada pela perseguição selvagem de todos os seus inimigos; pois eles também existirão junto com ele em todas as nações – isto é, será apertado, e duramente pressionado, e encerrado no estreito da tribulação, mas não abandonará seu dever militar, que é significado pela palavra “acampamento”..”

CAPÍTULO. 12.-SE O FOGO QUE DESCEU DO CÉU E OS DEVOROU REFERE-SE AO ÚLTIMO CASTIGO DOS ÍMPIOS

1. As palavras: "E desceu fogo do céu e os devorou", não devem ser entendidas como o castigo final que será infligido quando for dito: "Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno"; porque então serão lançados no fogo, e não descerá fogo do céu sobre eles. Neste lugar, "fogo do céu" é bem entendido da firmeza dos santos, com a qual eles se recusam a obedecer àqueles que se enfurecem contra eles. Pois o firmamento é o “céu”, por cuja firmeza esses assaltantes serão afligidos com zelo ardente, pois serão impotentes para atrair os santos para o partido do Anticristo. Este é o fogo que os devorará, e isso é “de Deus”; pois é pela graça de Deus que os santos se tornam invencíveis, e assim atormentam seus inimigos. Pois assim como no bom sentido se diz: “O zelo da Tua casa me consumiu”, assim no mau sentido se diz:

“O zelo possuiu o povo sem instrução, e agora o fogo consumirá os inimigos”. agora”, isto é, não o fogo do juízo final. Ou se por este fogo descer do céu e consumi-los, João quis dizer aquele golpe com o qual Cristo em Sua vinda deve ferir aqueles perseguidores da Igreja que Ele encontrará vivos na terra, quando Ele matar o Anticristo com o sopro de Seu boca, então mesmo este não é o último julgamento dos ímpios; mas o último julgamento é aquele que eles sofrerão quando a ressurreição corporal ocorrer.

CAPÍTULO. 13.-SE O TEMPO DA PERSEGUIÇÃO OU DO ANTICRISTO DEVE SER CONTADO EM MIL ANOS

1. Esta última perseguição do Anticristo durará três anos e seis meses, como já dissemos e afirmado tanto no livro do Apocalipse como no profeta Daniel. Embora este tempo seja breve, não é sem razão que se questiona se está compreendido nos mil anos em que o diabo está preso e os santos reinam com Cristo, ou se este pequeno período deve ser acrescentado a esses anos. Pois se dissermos que eles estão incluídos nos mil anos, então os santos reinarão com Cristo durante um período mais prolongado do que o diabo está preso. Pois eles reinarão com seu Rei e Conquistador poderosamente mesmo naquela perseguição de coroação, quando o diabo for agora solto e se enfurecer contra eles com toda a sua força. Como, então, as Escrituras definem tanto a prisão do diabo quanto o reinado dos santos pelos mesmos mil anos, se a ligação do diabo cessa três anos e seis meses antes deste reinado dos santos com Cristo? Por outro lado, se dissermos que o breve espaço desta perseguição não deve ser contado como parte dos mil anos, mas sim como um período adicional, de fato poderemos interpretar as palavras: "Os sacerdotes de Deus e de Cristo reinará com ele mil anos; e quando os mil anos se cumprirem, Satanás será solto de sua prisão; pois assim eles significam que o reino dos santos e a escravidão do diabo cessarão simultaneamente, de modo que o tempo da perseguição de que falamos não deve ser contemporâneo nem do reino dos santos nem da prisão de Satanás, mas deve ser considerado acima e acima como uma porção superadicionada de

tempo. Mas então, neste caso, somos forçados a admitir que os santos não reinarão com Cristo durante essa perseguição. Mas quem pode ousar dizer que Seus membros não reinarão com Ele naquele exato momento em que, acima de tudo, e com a maior fortaleza, se apegarão a Ele, e quando a glória da resistência e a coroa do martírio forem mais visíveis? em proporção ao calor da batalha? Ou se for sugerido que se pode dizer que eles não reinam por causa das tribulações que sofrerão, seguir-se-á que todos os santos que anteriormente, durante os mil anos, sofreram tribulações, não serão considerados como tendo reinado com Cristo durante o período de sua tribulação e, conseqüentemente, mesmo aqueles cujas almas o autor deste livro diz que viu, e que foram mortos por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus, não reinaram com Cristo quando sofriam perseguição, e eles mesmos não eram o reino de Cristo, embora Cristo os possuísse então eminentemente. Isso é de fato perfeitamente absurdo e deve ser investigado. Mas certamente as almas vitoriosas dos gloriosos mártires, tendo vencido e terminado todas as dores e labutas, e tendo dado seus membros mortais, reinaram e reinarão com Cristo até que os mil anos se completem, para que depois possam reinar com Ele quando tiverem recebido seus corpos imortais. E, portanto, durante estes três anos e meio, as almas daqueles que foram mortos por Seu testemunho, tanto aqueles que anteriormente deixaram o corpo como aqueles que passarão naquela última perseguição, reinarão com Ele até que o mundo mortal chegue ao fim, e passar para aquele reino em que não haverá morte. E assim o reinado dos santos com Cristo durará mais do que os grilhões e prisões do diabo, porque eles reinarão com seu Rei, o Filho de Deus, por esses três anos e meio durante os quais o diabo não está mais preso. Resta, portanto, que quando lemos que "os sacerdotes de Deus e de Cristo reinarão com ele mil anos; e quando os mil anos se cumprirem, o diabo será solto da sua prisão", entendemos que o mil anos do reinado dos santos não termina, embora o aprisionamento do diabo termine, - de modo que ambas as partes tenham seus mil anos, isto é, seu tempo completo, mas cada uma com uma duração real diferente e apropriada a si mesma, o reino dos santos sendo mais longo, a prisão do diabo mais curta, - ou pelo menos, como três anos e seis meses é um tempo

muito curto, não é contado como deduzido de todo o tempo de prisão de Satanás, ou adicionado ao toda a duração do reinado dos santos, como mostramos acima no livro dezesseis em relação ao número redondo de quatrocentos anos, que foram especificados como quatrocentos, embora na verdade um pouco mais; e expressões semelhantes são freqüentemente encontradas nos escritos sagrados, se alguém os marcar.

CAPÍTULO. 14. -DA CONDENAÇÃO DO DIABO E SEUS SUDITOS; E UM ESBOÇO DA RESSURREIÇÃO CORPORAL DE TODOS OS MORTOS, E DO JULGAMENTO RETRIBUTIVO FINAL

1. Após esta menção da perseguição final, ele indica sumariamente tudo o que o diabo e a cidade da qual ele é o príncipe sofrerão no juízo final. Pois ele diz: "E o diabo que os seduziu será lançado no lago de fogo e enxofre, no qual estão a besta e o falso profeta, e eles serão atormentados de dia e de noite para todo o sempre". Já dissemos que pela besta se entende bem a cidade ímpia. Seu falso profeta é o Anticristo ou aquela imagem ou invenção da qual falamos no mesmo lugar. Depois disso, ele dá uma breve narrativa do próprio juízo final, que ocorrerá na segunda ou ressurreição corporal dos mortos, como lhe foi revelado: "Vi um trono grande e branco, e um sentado sobre ele desde cuja face fugiram os céus e a terra, e o seu lugar não foi achado". Ele não diz: "Eu vi um trono grande e branco, e um sentado sobre ele, e de sua face o céu e a terra fugiram", pois não havia acontecido então, ou seja, antes que os vivos e os mortos fossem julgados. ; mas ele diz que o viu sentado no trono de cuja presença o céu e a terra fugiram, mas depois. Pois quando o julgamento terminar, este céu e terra deixarão de existir, e haverá um novo céu e uma nova terra. Pois este mundo passará por transmutação, não por destruição absoluta. E, portanto, o apóstolo diz: "Pois a figura deste mundo passa. Eu gostaria que você ficasse sem ansiedade". A figura, portanto, passa, não a natureza. Depois de João ter dito que tinha visto Um sentado no trono de cuja presença o céu e a terra fugiram, embora só depois, ele disse:

"E vi os mortos, grandes e pequenos; e os livros foram abertos, e outro livro foi aberto, que é o livro da vida de cada homem; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras". Ele disse que os livros foram abertos, e um livro; mas ele nos deixou sem saber a natureza deste livro, "que é", diz ele, "o livro da vida de cada homem". Por esses livros, então, que ele mencionou pela primeira vez, devemos entender os livros sagrados, antigos e novos, para que deles possa ser mostrado quais mandamentos Deus havia ordenado; e esse livro da vida de cada homem deve mostrar quais mandamentos cada homem fez ou deixou de fazer. Se este livro for considerado materialmente, quem pode calcular seu tamanho ou comprimento, ou o tempo que levaria para ler um livro no qual toda a vida de cada homem está registrada? Estarão presentes tantos anjos quantos homens, e cada homem ouvirá sua vida recitada pelo anjo que lhe foi designado? Nesse caso, não haverá um livro contendo todas as vidas, mas um livro separado para cada vida. Mas nossa passagem exige que pensemos em apenas um. "E outro livro foi aberto", diz. Devemos, portanto, entendê-lo de um certo poder divino, pelo qual será feito que cada um recorde todas as suas próprias obras, sejam boas ou más, e as examine mentalmente com uma rapidez maravilhosa, para que esse conhecimento acusar ou desculpar a consciência, e assim todos e cada um serão julgados simultaneamente. E esse poder divino é chamado de livro, porque nele leremos, por assim dizer, tudo o que ele nos faz lembrar. Para que ele possa mostrar quem são os mortos, pequenos e grandes, que devem ser julgados, ele retorna ao que havia omitido ou antes adiado, e diz: "E o mar apresentou os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que havia neles". É claro que isso ocorreu antes que os mortos fossem julgados, mas é mencionado depois. E assim, digo, ele volta novamente ao que havia omitido. Mas agora ele preserva a ordem dos eventos e, para exibi-la, repete em seu devido lugar o que ele já havia dito sobre os mortos que foram julgados. Pois depois de ter dito: "E o mar apresentou os mortos que nele havia, e a morte e o inferno deram os mortos que havia neles", ele imediatamente acrescentou o que já havia dito, "e foram julgados cada um segundo suas obras." Pois isso é exatamente o que ele havia dito antes: "E os

mortos foram julgados de acordo com as suas obras".

CAPÍTULO. 15.-QUEM SÃO OS MORTOS QUE SÃO ENTREGUES AO JULGAMENTO PELO MAR, PELA MORTE E PELO INFERNO

1. Mas quem são os mortos que estavam no mar e que o mar apresentou? Pois não podemos supor que aqueles que morrem no mar não estejam no inferno, nem que seus corpos sejam preservados no mar; nem ainda, o que é ainda mais absurdo, que o mar reteve o bem, enquanto o inferno recebeu o mal. Quem poderia acreditar nisso? Mas alguns supõem muito sensatamente que neste lugar o mar está posto para este mundo. Quando João quis então significar que aqueles que Cristo deveria encontrar ainda vivos no corpo deveriam ser julgados junto com aqueles que deveriam ressuscitar, ele os chamou de mortos, tanto os bons a quem foi dito: "Porque vocês estão mortos, e sua vida está escondida com Cristo em Deus", e os ímpios de quem se diz: "Deixe os mortos enterrarem seus mortos."² Eles também podem ser chamados de mortos, porque usam corpos mortais, como diz o apóstolo: "O corpo na verdade está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida por causa da justiça"; provando que em um homem vivo no corpo há um corpo que está morto, e um espírito que é vida. No entanto, ele não disse que o corpo era mortal, mas morto, embora imediatamente depois fale da maneira mais usual de corpos mortais. Estes, então, são os mortos que estavam no mar, e que o mar apresentou, a saber, os homens que estavam neste mundo, porque ainda não haviam morrido, e que o mundo apresentou para julgamento. "E a morte e o inferno", diz ele, "entregaram os mortos que neles havia". O mar os apresentou porque eles tinham apenas que ser encontrados no lugar onde estavam; mas a morte e o inferno os entregaram ou os restauraram, porque os chamaram de volta à vida, da qual já haviam abandonado. E talvez não seja sem razão que nem a morte nem o inferno foram julgados suficientes por si só, e ambos foram mencionados – a morte para indicar os bons, que sofreram apenas a morte e não o inferno; inferno para indicar os ímpios, que

também sofrem o castigo do inferno. Pois se não parece absurdo acreditar que os antigos santos que creram em Cristo e em Sua futura vinda, foram mantidos em lugares realmente distantes dos tormentos dos ímpios, mas ainda no inferno, até que o sangue de Cristo e Sua descida a estes lugares que os entregaram, certamente bons cristãos, redimidos por aquele precioso preço já pago, não estão familiarizados com o inferno enquanto esperam sua restauração ao corpo e a recepção de sua recompensa. Depois de dizer: "Eles foram julgados cada homem de acordo com suas obras", ele acrescentou brevemente qual era o julgamento: "A morte e o inferno foram lançados no lago de fogo"; por esses nomes designando o diabo e toda a companhia de seus anjos, pois ele é o autor da morte e das dores do inferno. Pois isso é o que ele já havia, por antecipação, dito em linguagem mais clara: "O diabo que os seduziu foi lançado em um lago de fogo e enxofre". A adição obscura que ele havia feito nas palavras "na qual também estavam a besta e o falso profeta", ele explica aqui: "Aqueles que não foram encontrados escritos no livro da vida foram lançados no lago de fogo". Este livro não é para lembrar a Deus, como se as coisas pudessem escapar dele por esquecimento, mas simboliza Sua predestinação daqueles a quem a vida eterna será dada. Pois não é que Deus seja ignorante e leia no livro para se informar, mas sua presciência infalível é o livro da vida em que estão escritos, isto é, conhecidos de antemão.

CAPÍTULO. 16.-DO NOVO CÉU E A NOVA TERRA

1. Terminada a profecia do juízo, quanto aos ímpios, resta que ele fale também dos bons. Tendo explicado brevemente as palavras do Senhor: "Estes irão para o castigo eterno", resta que ele explique as palavras relacionadas, "mas os justos para a vida eterna". "E vi", diz ele, "um novo céu e uma nova terra; porque o primeiro céu e a primeira terra passaram, e já não há mar." antecipação declarada nas palavras: "Vi Um sentado no trono, de cuja presença fugiram o céu e a terra". Pois assim que aqueles que não estão escritos no livro da vida foram julgados e lançados no fogo eterno – a natureza do fogo, ou sua

posição no mundo ou universo, suponho que ninguém saiba, a menos que talvez o Espírito divino revelar a alguém, então a figura deste mundo passará em uma conflagração de fogo universal, como uma vez antes que o mundo fosse inundado por um dilúvio de água universal. E por esta conflagração universal, as qualidades dos elementos corruptíveis que se adequaram aos nossos corpos corruptíveis perecerão completamente, e nossa substância receberá as qualidades que, por uma maravilhosa transmutação, se harmonizarão com nossos corpos imortais, de modo que, à medida que o próprio mundo for renovado para algo melhor, é apropriadamente acomodado aos homens, eles mesmos renovados em sua carne para algo melhor. Quanto à afirmação: "E não haverá mais mar", eu não diria levianamente se secou com aquele calor excessivo ou se também se transformou em algo melhor. Pois lemos que haverá um novo céu e uma nova terra, mas não me lembro de ter lido em nenhum lugar algo sobre um novo mar, a não ser o que encontro neste mesmo livro: "Como se fosse um mar de vidro como cristal" Mas ele não estava falando desse fim do mundo, nem parece falar de um mar literal, mas "como se fosse um mar". É possível que, como a dicção profética se deleita em misturar linguagem figurada e real, e assim, de certa forma, ocultar o sentido, as palavras "E não há mais mar" podem ser tomadas no mesmo sentido da frase anterior: "E o mar apresentou os mortos que nele havia". Pois então não haverá mais deste mundo, não haverá mais agitação e agitação da vida humana, e é isso que é simbolizado pelo mar.

CAPÍTULO. 17.-DA GLÓRIA SEM FIM DA IGREJA

1. "E vi", diz ele, "uma grande cidade, a nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, ataviada como uma noiva adornada para seu marido. E ouvi uma grande voz do trono, que dizia: Eis que o tabernáculo de Deus está com os homens, e com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles. E Deus enxugará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem tristeza, nem clamor, mas não haverá mais dor, porque as primeiras coisas já

passaram. E aquele que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas". Diz-se que esta cidade desceu do céu, porque a graça com que Deus a formou é do céu. Por isso Ele diz a ela por Isaías: "Eu sou o Senhor que te formou." 3 Na verdade, ela desceu do céu desde o início, pois seus cidadãos durante o curso deste mundo crescem pela graça de Deus, que desce do alto através da pia da regeneração no Espírito Santo enviado do céu. Mas pelo julgamento final de Deus, que será administrado por Seu Filho Jesus Cristo, pela graça de Deus se manifestará uma glória tão penetrante e tão nova, que nenhum vestígio do que é antigo permanecerá; pois até mesmo nossos corpos passarão de sua antiga corrupção e mortalidade para uma nova incorrupção e imortalidade. Pois referir esta promessa ao tempo presente, em que os santos estão reinando com seu Rei por mil anos, parece-me excessivamente descarado, quando é mais distintamente dito: "Deus enxugará de seus olhos toda lágrima; e haverá não haverá mais morte, nem pranto, nem pranto, mas não haverá mais dor." E quem é tão absurdo, e cego por opiniões contenciosas, a ponto de ser audacioso o suficiente para afirmar que em meio às calamidades deste estado mortal, o povo de Deus, ou mesmo um único santo, vive, ou já viveu, ou jamais viverá, sem lágrimas ou dor – o fato é que quanto mais santo um homem é, e quanto mais cheio de desejo santo, tanto mais abundante é o choro de sua súplica? Não são estas as declarações de um cidadão da Jerusalém celestial: "Minhas lágrimas têm sido meu alimento dia e noite"; e "Toda noite farei minha cama nadar; com minhas lágrimas regarei meu leito"; e "Meu gemido não se esconde de Ti"; e "Minha tristeza foi renovada?" 7 Ou não são os filhos de Deus que gemem, sendo sobrecarregados, não porque desejam ser despidos, mas revestidos, para que a mortalidade seja engolida pela vida? Não gemem em si mesmos aqueles que têm as primícias do Espírito, esperando a adoção, a redenção do seu corpo? 9 Não era o próprio apóstolo Paulo um cidadão da Jerusalém celestial, e não o era tanto mais quando ele teve peso e contínua tristeza de coração por seus irmãos israelitas? Mas quando não haverá mais morte naquela cidade, exceto quando se disser: "Ó morte, onde está a tua contenda? 11 Ó morte, onde está o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado." Obviamente, não

haverá pecado quando se pode dizer: "Onde está" - Mas, no momento, não é algum pobre cidadão fraco desta cidade, mas o próprio apóstolo João que diz: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós."13 Sem dúvida, embora este livro seja chamado de Apocalipse, há nele muitas passagens obscuras para exercitar a mente do leitor, e há poucas passagens tão claras quanto para nos ajudar na interpretação dos outros, mesmo que nos esforcemos; e essa dificuldade é aumentada pela repetição das mesmas coisas, em formas tão diferentes, que as coisas mencionadas parecem diferentes, embora na verdade sejam apenas enunciadas de maneira diferente. Mas nas palavras: "Deus enxugará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, mas não haverá mais dor ", há uma referência tão manifesta ao mundo futuro e a imortalidade e eternidade dos santos – pois somente então e somente ali tal condição será percebida – que, se pensarmos isso obscuro, não precisamos esperar encontrar nada claro em qualquer parte das Escrituras.

CAPÍTULO. 18.-O QUE O APÓSTOLO PEDRO PREVIU A RESPEITO DO JUÍZO FINAL

1. Vejamos agora o que o Apóstolo Pedro predisse a respeito deste julgamento. "Virão", diz ele, "nos últimos dias escarnecedores... Mas nós, segundo a Sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça." Não há nada dito aqui sobre a ressurreição dos mortos, mas com certeza suficiente sobre a destruição deste mundo. E por sua referência ao dilúvio, ele parece sugerir-nos até que ponto devemos acreditar que a ruína do mundo se estenderá no fim do mundo. Pois ele diz que o mundo que então pereceu, e não apenas a própria terra, mas também os céus, pelos quais entendemos o ar, cujo lugar e sala foram ocupados pela água. Portanto, toda, ou quase toda, a atmosfera tempestuosa (que ele chama de céu, ou melhor, os céus, significando a atmosfera da terra, e não o ar superior em que o sol, a lua e as estrelas se põem) foi transformado em umidade, e assim pereceu junto com a terra, cuja aparência anterior havia sido destruída

pelo dilúvio. "Mas os céus e a terra que agora existem, pela mesma palavra, são guardados, reservados para o fogo, para o dia do julgamento e perdição dos homens ímpios." Portanto, os céus e a terra, ou o mundo que foi preservado da água para substituir aquele mundo que pereceu no dilúvio, está reservado para o fogo finalmente no dia do julgamento e perdição dos homens ímpios. Ele não hesita em afirmar que nesta grande mudança os homens também perecerão: sua natureza, no entanto, continuará, embora em castigos eternos. Alguém talvez faça a pergunta: Se depois que o julgamento for pronunciado o próprio mundo deve queimar, onde estarão os santos durante a conflagração, e antes que seja substituído por um novo céu e uma nova terra, já que em algum lugar eles devem estar, porque eles têm corpos materiais? Podemos responder que eles estarão nas regiões superiores nas quais a chama dessa conflagração não subirá, como nem a água do dilúvio; pois eles terão tais corpos que estarão onde quiserem. Além disso, quando eles se tornarem imortais e incorruptíveis, eles não temerão muito o fogo dessa conflagração, pois os corpos corruptíveis e mortais dos três homens foram capazes de viver ilesos na fornalha ardente.

CAPÍTULO. 19.-O QUE O APÓSTOLO PAULO ESCREVEU AOS TESSALONICENSES SOBRE A MANIFESTAÇÃO DO ANTICRISTO QUE PRECEDERÁ O DIA DO SENHOR

1. Vejo que devo omitir muitas das declarações dos evangelhos e epístolas sobre este último julgamento, para que este volume não se torne excessivamente longo; mas não posso de modo algum omitir o que o apóstolo Paulo diz, escrevendo aos tessalonicenses: "Nós vos rogamos, irmãos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo", etc.

2. Ninguém pode duvidar de que ele escreveu isso sobre o Anticristo e sobre o dia do julgamento, que ele aqui chama de dia do Senhor, nem que ele declarou que este dia não chegaria a menos que viesse primeiro aquele que é chamado de apóstata - apóstata , a saber, do Senhor Deus. E se isso pode ser dito com justiça de todos os ímpios,

quanto mais dele? Mas é incerto em que templo ele se sentará, seja naquela ruína do templo que foi construído por Salomão, ou na Igreja; pois o apóstolo não chamaria o templo de nenhum ídolo ou demônio de templo de Deus. E por isso alguns pensam que nesta passagem o Anticristo não significa apenas o próprio príncipe, mas todo o seu corpo, isto é, a massa de homens que aderem a ele, junto com ele seu príncipe; e eles também pensam que deveríamos traduzir o grego mais exatamente se lemos, não “no templo de Deus”, mas “para” ou “como o templo de Deus”, como se ele próprio fosse o templo de Deus, o Igreja. Então, quanto às palavras: "E agora você sabe o que retém", isto é, você sabe que obstáculo ou causa de atraso existe, "para que ele possa ser revelado em seu próprio tempo"; eles mostram que ele não estava disposto a fazer uma declaração explícita, porque ele disse que eles sabiam. E assim nós, que não temos seu conhecimento, desejamos e não somos capazes de entender o que o apóstolo se referiu, especialmente porque seu significado é ainda mais obscuro pelo que ele acrescenta. Pois o que ele quer dizer com "Porque o mistério da iniquidade já opera; somente aquele que agora retém, retenha até que seja tirado do caminho; e então o ímpio será revelado?" Confesso francamente que não sei o que ele quer dizer. Não obstante, mencionarei as conjecturas que ouvi ou li.

3. Alguns pensam que o apóstolo Paulo se referiu ao império romano e que ele não estava disposto a usar uma linguagem mais explícita, para não incorrer na acusação caluniosa de desejar mal ao império que se esperava que fosse eterno; de modo que, ao dizer: "Pois o mistério da iniquidade já opera", ele aludiu a Nero, cujos atos já pareciam ser como os atos do Anticristo. E, portanto, alguns supõem que ele ressuscitará e será o Anticristo. Outros, novamente, supõem que ele nem está morto, mas que foi escondido que poderia ter sido morto, e que agora vive escondido no vigor da mesma idade que atingiu quando se acreditava que pereceram e viverão até que ele seja revelado em seu próprio tempo e restaurado em seu reino . Mas me pergunto como os homens podem ser tão audaciosos em suas conjecturas. No entanto, não é absurdo acreditar que essas palavras do apóstolo: "Somente aquele que agora retém, retenha até que seja tirado do caminho", se

refira ao império romano, como se fosse dito: "Somente ele que agora reina, reine até que seja tirado do caminho". "E então os ímpios serão revelados": ninguém duvida que isso signifique o Anticristo. Mas outros pensam que as palavras "Você sabe o que retém" e "O mistério da iniquidade opera", referem-se apenas aos ímpios e hipócritas que estão na Igreja, até que atinjam um número tão grande que forneça ao Anticristo uma grande povo, e que este é o mistério da iniquidade, porque parece oculto; também que o apóstolo está exortando os fiéis tenazmente a manter a fé que eles têm quando ele diz: "Somente aquele que agora tem, que ele fique até que ele seja tirado do caminho", isto é, até o mistério da iniquidade que agora é oculto se afasta da Igreja. Pois eles supõem que é a esse mesmo mistério que João alude quando em sua epístola ele diz: "Filhinhos, é a última vez; e, como ouvistes que o Anticristo virá, também agora há muitos anticristos; pelos quais sabemos que é a última vez. Eles saíram de nós, mas não eram de nós; porque se fossem de nós, sem dúvida teriam continuado conosco". Como, portanto, saíram da Igreja muitos hereges, a quem João chama de "muitos anticristos", naquele tempo anterior ao fim, e que João chama de "último tempo", assim no final sairão aqueles que não pertencem Cristo, mas para aquele último Anticristo, e então ele será revelado.

4. Assim, várias são as explicações conjecturais das palavras obscuras do apóstolo. O que não há dúvida de que ele disse é que Cristo não virá para julgar vivos e mortos, a menos que o Anticristo, Seu adversário, venha primeiro para seduzir aqueles que estão mortos na alma; embora sua sedução seja resultado do julgamento secreto de Deus já passado. Pois, como é dito, "a sua presença será segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira, e com toda a sedução da injustiça para os que perecem". Pois então Satanás será solto, e por meio disso o Anticristo operará com todo o poder de uma maneira mentirosa, embora maravilhosa. É comumente questionado se essas obras são chamadas de "sinais e prodígios de mentira" porque ele deve enganar os sentidos dos homens por falsas aparências, ou porque as coisas que ele faz, embora sejam verdadeiros prodígios, serão uma mentira para aqueles que acreditarem que tais as

coisas só poderiam ser feitas por Deus, sendo ignorante do poder do diabo, e especialmente de tal poder incomparável que ele então apresentará pela primeira vez. Pois quando ele caiu do céu como fogo, e de um só golpe varreu do santo Jó sua numerosa casa e seus vastos rebanhos, e então como um redemoinho avançou e feriu a casa e matou seus filhos, essas não foram aparências enganosas, e contudo, eram obras de Satanás a quem Deus havia dado esse poder. Por que eles são chamados de sinais e prodígios mentirosos, então estaremos mais propensos a saber quando chegar a hora. Mas qualquer que seja a razão do nome, eles serão sinais e maravilhas que seduzirão aqueles que merecem ser seduzidos, "porque não receberam o amor da verdade para serem salvos". Tampouco o apóstolo teve escrúpulos em dizer: "Por isso Deus enviará sobre eles a operação do erro para que creiam na mentira". Pois Deus enviará, porque Deus permitirá que o diabo faça essas coisas, sendo a permissão por Seu próprio julgamento justo, embora a prática delas seja de acordo com o propósito injusto e maligno do diabo, "para que sejam julgados todos os que creram não a verdade, mas teve prazer na injustiça". Portanto, sendo julgados, serão seduzidos e, sendo seduzidos, serão julgados. Mas, sendo julgados, eles serão seduzidos por aqueles julgamentos secretamente justos e justamente secretos de Deus, com os quais Ele nunca deixou de julgar desde o primeiro pecado das criaturas racionais; e, sendo seduzidos, eles serão julgados naquele último e manifesto julgamento administrado por Jesus Cristo, que foi Ele mesmo julgado com toda a justiça e julgará com toda a justiça.

CAPÍTULO. 20.-O QUE O MESMO APÓSTOLO ENSINOU NA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES SOBRE A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

1. Mas o apóstolo não disse nada aqui sobre a ressurreição dos mortos; mas em sua primeira Epístola aos Tessalonicenses ele diz: "Não queremos que vocês sejam irmãos ignorantes, a respeito dos que dormem", etc. Essas palavras do apóstolo proclamam mais distintamente a futura ressurreição dos mortos, quando o Senhor

Cristo virá para julgar os vivos e os mortos.

2. Mas é comumente perguntado se aqueles que nosso Senhor encontrará vivos na terra, personificados nesta passagem pelo apóstolo e aqueles que estavam vivos com ele, nunca morrerão, ou passarão com rapidez incompreensível através da morte para a imortalidade em o momento exato durante o qual eles serão arrebatados junto com aqueles que se levantarão novamente para encontrar o Senhor nos ares? Pois não podemos dizer que é impossível que eles morram e revivam novamente enquanto são carregados no ar. Pois as palavras "E assim estaremos sempre com o Senhor" não devem ser entendidas como se ele quisesse dizer que sempre permaneceremos no ar com o Senhor; pois Ele mesmo não permanecerá lá, mas apenas passará por ela quando vier. Pois iremos ao seu encontro como Ele vier, não onde Ele permanece; mas "assim estaremos com o Senhor", isto é, estaremos com Ele possuidores de corpos imortais onde quer que estejamos com Ele. Parecemos compelidos a tomar as palavras nesse sentido e supor que aqueles que o Senhor encontrar vivos na terra sofrerão nesse breve espaço tanto a morte quanto receberão a imortalidade: pois esse mesmo apóstolo diz: "Em Cristo todos serão feitos vivo;" enquanto, falando da mesma ressurreição do corpo, ele diz em outro lugar: "O que você semeia não é vivificado, a menos que morra". se eles não morrerem, pois por isso mesmo é dito: "O que você semeia não é vivificado, a menos que morra?" Ou se não podemos falar corretamente de corpos humanos como semeados, a menos que, morrendo, eles de algum modo retornem à terra, como também a sentença pronunciada por Deus contra o pai pecador da raça humana: "Terra, tu és , e à terra voltarás", devemos reconhecer que aqueles a quem Cristo em Sua vinda encontrará ainda no corpo não estão incluídos nessas palavras do apóstolo nem nas de Gênesis; pois, sendo arrebatados para as nuvens, certamente não são semeados, nem vão nem voltam à terra, quer não morram ou morram por um momento no ar.

3. Mas, por outro lado, encontramos a afirmação do mesmo apóstolo quando falava aos coríntios sobre a ressurreição do corpo: "Todos

ressuscitaremos", ou, como outros MSS. leia: "Vamos todos dormir." Visto que, então, não pode haver ressurreição a menos que a morte tenha precedido, e visto que nesta passagem podemos entender por sono nada mais do que a morte, como todos dormirão ou ressuscitarão se tantas pessoas que Cristo encontrar no corpo não dormir nem levantar novamente? Se, então, acreditamos que os santos que serão encontrados vivos na vinda de Cristo, e serão arrebatados para encontrá-lo, passarão nessa mesma ascensão de corpos mortais para imortais, não encontraremos dificuldade nas palavras do apóstolo. , ou quando ele diz: "O que você semeia não é vivificado, a menos que morra", ou quando ele diz: "Todos nós ressuscitaremos", ou "todos dormirão", pois nem mesmo os santos serão vivificados para a imortalidade, a menos que eles primeiro morra, ainda que brevemente; e, conseqüentemente, eles não estarão isentos da ressurreição que é precedida pelo sono, por mais breve que seja. E por que nos parece incrível que essa multidão de corpos seja, por assim dizer, semeada no ar, e no ar imediatamente revive imortal e incorruptível, quando cremos, no testemunho do mesmo apóstolo, que o a ressurreição ocorrerá em um piscar de olhos, e que o pó de corpos mortos há muito tempo retornará com facilidade e rapidez incompreensíveis para aqueles membros que agora viverão eternamente? Tampouco supomos que, no caso desses santos, a frase: "Tu és terra e à terra voltarás" seja nula, embora seus corpos não caiam, ao morrer, na terra, mas morram e ressuscitem ao uma vez enquanto apanhado no ar. Pois "Tu retornarás à terra" significa: Tu, na morte, retornarás ao que eras antes do início da vida. Tu serás, quando examinado, aquilo que tu eras antes de seres animado. Pois foi na face da terra que Deus soprou o fôlego da vida quando o homem foi feito alma vivente; como se fosse dito: Tu és terra com uma alma que não eras; serás terra sem alma, como foste. E isso é o que todos os corpos dos mortos são antes de apodrecer; e quais serão os corpos desses santos se eles morrerem, não importa onde eles morram, assim que eles desistirem daquela vida que eles devem receber imediatamente de volta. Assim, então, eles retornam ou vão para a terra, visto que de seres vivos serão terra, como se diz que o que se torna cinza vai para cinza; o que se decompõe, para decair; e assim de

seiscentas outras coisas. Mas a maneira pela qual isso acontecerá, agora podemos apenas conjecturar debilmente, e entenderemos apenas quando acontecer. Para que haja uma ressurreição corporal dos mortos quando Cristo vier para julgar vivos e mortos, devemos crer se quisermos ser cristãos. Mas se somos incapazes de compreender perfeitamente a maneira pela qual isso acontecerá, nossa fé não é vã. Agora, no entanto, devemos, como prometemos anteriormente, mostrar, na medida do necessário, o que os antigos livros proféticos predisseram a respeito desse julgamento final de Deus; e imagino que não seja necessário gastar muito tempo discutindo e explicando essas previsões, se o leitor tiver o cuidado de aproveitar a ajuda que já fornecemos.

CAPÍTULO. 21.- DECLARAÇÕES DO PROFETA ISAÍAS SOBRE A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS E O JULGAMENTO RETRIBUTIVO

1. O profeta Isaías diz: "Os mortos ressuscitarão, e todos os que estavam nas sepulturas ressuscitarão; e todos os que estão na terra se alegrarão; porque o orvalho que vem de ti é a sua saúde, e a terra dos ímpios cairão." Toda a parte anterior desta passagem se refere à ressurreição dos bem-aventurados; mas as palavras, "a terra dos ímpios cairá", é corretamente entendida como significando que os corpos dos ímpios cairão na ruína da condenação. E se quisermos examinar com mais exatidão e cuidado as palavras que se referem à ressurreição dos bons, podemos referir à primeira ressurreição as palavras "os mortos ressuscitarão" e à segunda as seguintes palavras "e todos os que estavam nas sepulturas ressuscitarão". E se perguntarmos o que se relaciona com aqueles santos que o Senhor em Sua vinda encontrará vivos na terra, a seguinte cláusula pode ser apropriadamente referida a eles; "Todos os que estão na terra se alegrarão, porque o orvalho que vem de Ti é a sua saúde." Por "saúde" neste lugar é melhor entender a imortalidade. Pois essa é a saúde mais perfeita que não é reparada pela nutrição como por um remédio diário. Da mesma maneira, o mesmo profeta, dando esperança aos

bons e aterrorizando os ímpios quanto ao dia do juízo, diz: "Assim diz o Senhor: Eis que sobre eles descerei como um rio de paz, e sobre a glória do Os gentios como uma torrente impetuosa; seus filhos serão levados sobre os ombros, e serão consolados de joelhos. Como quem consola sua mãe, assim eu vos consolarei, e sereis consolados em Jerusalém. E vereis, e regozijar-se-á o vosso coração, e os vossos ossos se levantarão como aerb; e a mão do Senhor será conhecida pelos seus adoradores, e ameaçará os contumaz; porque eis que o Senhor virá como fogo e como turbilhão os seus carros, para executar vingança com indignação, e desfalecimento com chama de fogo; porque com fogo do Senhor será julgada toda a terra, e toda a carne com a sua espada; muitos serão feridos pelo Senhor. prometo ao bem ele diz que fluirá como um rio de paz, isto é, eu n a maior abundância possível de paz. Com esta paz seremos no final revigorados; mas disso falamos abundantemente no livro anterior. É neste rio que ele diz que fluirá sobre aqueles a quem Ele promete tão grande felicidade, para que possamos entender que na região dessa felicidade, que está no céu, todas as coisas são satisfeitas neste rio. Mas porque dali fluirá, mesmo sobre os corpos terrestres, a paz da incorrupção e imortalidade, portanto ele diz que Ele fluirá como este rio, para que Ele possa, por assim dizer, derramar-se das coisas de cima para as de baixo, e fazer dos homens o iguais aos anjos. Por "Jerusalém", também, devemos entender não o que serve com seus filhos, mas o que, segundo o apóstolo, é nossa mãe livre, eterna nos céus. Nela seremos confortados ao passarmos pela labuta dos cuidados e calamidades da terra, e seremos levados como seus filhos de joelhos e ombros. Inexperientes e novos para tais adulações, seremos recebidos em uma felicidade inusitada. Lá veremos, e nosso coração se alegrará. Ele não diz o que veremos; mas o que senão Deus, para que se cumpra em nós a promessa do Evangelho: "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus?" 4 Que veremos senão todas as coisas que agora não vemos, mas cremos em , e de que a ideia que formamos, segundo nossa débil capacidade, é incomparavelmente menor que a realidade? "E vereis", diz ele, "e o vosso coração se regozijará." Aqui você crê, lá você verá.

2. Mas porque ele disse : "Seu coração se alegrará", para que não suponhamos que as bênçãos daquela Jerusalém sejam apenas espirituais, ele acrescenta: "E seus ossos se levantarão como uma erva", aludindo à ressurreição do corpo , e como se estivesse suprindo uma omissão que ele havia feito. Pois não acontecerá quando tivermos visto; mas veremos quando aconteceu. Pois ele já havia falado dos novos céus e da nova terra, falando repetidamente, e sob muitas figuras, das coisas prometidas aos santos, e dizendo: "Haverá novos céus e uma nova terra; e os primeiros não serão lembrado, nem será lembrado; mas acharão nela alegria e exultação; eis que farei de Jerusalém uma exultação, e do meu povo, uma alegria; exultarei em Jerusalém, e exultarei no meu povo; e voz de choro não se ouvirá mais nela;" e outras promessas, que alguns se esforçam para se referir ao prazer carnal durante os mil anos. Pois, à maneira da profecia, as expressões figuradas e literais se misturam, para que uma mente séria possa, por esforço útil e salutar, alcançar o sentido espiritual; mas a preguiça carnal, ou a lentidão de uma mente inculta e indisciplinada, repousa na letra superficial, e pensa que não há nada por baixo a ser procurado. Mas que isso seja suficiente em relação ao estilo dessas expressões proféticas que acabamos de citar. E agora, para retornar à sua interpretação. Quando ele disse: "E seus ossos se levantarão como uma erva", a fim de mostrar que era a ressurreição dos bons, embora uma ressurreição corporal, à qual ele aludiu, acrescentou: "E a mão do Senhor será conhecido por seus adoradores." O que é isso senão a mão daquele que distingue aqueles que o adoram daqueles que o desprezam? Com relação a isso, o contexto imediatamente acrescenta: "E Ele ameaçará os contumazes", ou, como outro tradutor diz, "os incrédulos". Ele não deve realmente ameaçar então, mas as ameaças que agora são proferidas serão cumpridas com efeito. "Pois eis", diz ele, "o Senhor virá como um fogo, e como um redemoinho os seus carros, para executar vingança com indignação, e desolação com uma chama de fogo. Porque com o fogo do Senhor toda a terra será julgada , e toda a carne com a sua espada: muitos serão feridos pelo Senhor." Pelo fogo, redemoinho, espada, ele é o castigo judicial de Deus. Pois ele diz que o próprio Senhor virá como um fogo, para aqueles, isto é, a quem Sua vinda será penal. Por Suas carruagens (pois a palavra é

plural), entendemos adequadamente o ministério dos anjos. E quando ele diz que toda a carne e toda a terra serão julgadas com Seu fogo e espada, não entendemos que os espirituais e santos sejam incluídos, mas os terrenos e carnis, dos quais se diz que "se preocupam com as coisas terrenas, "e "ser carnal é morte",³ e a quem o Senhor chama simplesmente de carne quando diz: "Meu Espírito não permanecerá para sempre nestes homens, pois eles são carne". Quanto às palavras: "Muitos serão feridos pelo Senhor", este ferimento produzirá a segunda morte. É possível, de fato, entender fogo, espada e ferimento no bom sentido. Pois o Senhor disse que desejava enviar fogo sobre a terra. E as línguas fendidas apareceram para eles como fogo quando o Espírito Santo veio. 6 E nosso Senhor diz: "Eu não vim trazer paz à terra, mas espada." E a Escritura diz que a palavra de Deus é uma espada duplamente afiada,⁸ por causa dos dois gumes, os dois Testamentos. E no Cântico dos Cânticos a santa Igreja diz que ela está ferida de amor – perfurada, por assim dizer, com a flecha do amor. Mas aqui, onde lemos ou ouvimos que o Senhor virá para executar vingança, é óbvio em que sentido devemos entender essas expressões.

3. Depois de mencionar brevemente aqueles que serão consumidos neste julgamento, falando dos ímpios e pecadores sob a figura das carnes proibidas pela lei antiga, das quais eles não se abstiveram, ele relata sumariamente a graça do novo testamento, desde a primeira vinda do Salvador ao juízo final, do qual agora falamos; e com isso ele conclui sua profecia. Pois ele relata que o Senhor declara que vem para reunir todas as nações, para que venham e testemunhem Sua glória. Pois, como diz o apóstolo, "todos pecaram e carecem da glória de Deus" . e que deles Ele enviará aqueles que são salvos para várias nações e ilhas distantes que não ouviram Seu nome nem viram Sua glória, e eles anunciarão Sua glória entre as nações, e trarão os irmãos daqueles a quem o profeta estava falando, isto é, trará à fé sob Deus Pai os irmãos dos israelitas eleitos; e que eles trarão de todas as nações uma oferta ao Senhor em animais de carga e carroças (que são entendidos como as ajudas fornecidas por Deus na forma de ministério angélico ou humano), para a cidade santa de Jerusalém, que atualmente é espalhados pela terra, nos santos fiéis. Pois onde o

auxílio divino é dado, os homens acreditam, e onde eles acreditam, eles vêm. E o Senhor os comparou, em figura, aos filhos de Israel oferecendo sacrifício a Ele em Sua casa com salmos, o que já é feito em toda parte pela Igreja; e Ele prometeu que dentre eles escolheria para Si sacerdotes e levitas, o que também vemos já cumprido. Pois vemos que os sacerdotes e levitas agora são escolhidos, não de uma certa família e sangue, como era originalmente a regra no sacerdócio segundo a ordem de Arão, mas como convém ao novo testamento, sob o qual Cristo é o Sumo Sacerdote após o ordem de Melquisedeque, em consideração ao mérito que é concedido a cada homem pela graça divina. E esses sacerdotes não devem ser julgados por seu mero título, que muitas vezes é suportado por homens indignos, mas por aquela santidade que não é comum a homens bons e maus.

4. Depois de ter falado desta misericórdia de Deus que agora é experimentada pela Igreja, e é muito evidente e familiar para nós, ele prediz também os fins a que os homens devem chegar quando o juízo final separar os bons e os maus, dizendo pelo profeta, ou o próprio profeta falando em nome de Deus: "Pois como os novos céus e a nova terra permanecerão diante de mim, diz o Senhor, assim permanecerá a tua descendência e o teu nome, e haverá para eles um mês depois de meia e sábado após sábado. Toda a carne virá adorar perante mim em Jerusalém, diz o Senhor. E sairão e verão os membros dos homens que pecaram contra mim; o seu verme não morrerá, nem extingue-se o seu fogo, e serão para espetáculo a toda a carne". Neste ponto o profeta encerrou seu livro, pois neste ponto o mundo chegará ao fim. Alguns, de fato, traduziram "carcaças"² em vez de "membros dos homens", significando por carcaças a punição manifesta do corpo, embora a carcaça seja comumente usada apenas para carne morta, enquanto os corpos aqui mencionados devem ser animados, senão eles não podiam ser sensíveis a qualquer dor; mas talvez eles possam, sem absurdo, ser chamados de carcaças, como sendo os corpos daqueles que devem cair na segunda morte. E pela mesma razão é dito, como já citei, por este mesmo profeta: "A terra dos ímpios cairá". É óbvio que aqueles tradutores que usam uma palavra diferente para homens não pretendem incluir apenas homens, pois ninguém dirá que as mulheres

que pecaram não aparecerão nesse julgamento; mas o sexo masculino, sendo o mais digno, e aquele do qual a mulher foi derivada, destina-se a incluir ambos os sexos. Mas o que é especialmente pertinente ao nosso assunto é que, uma vez que as palavras "toda a carne virá", se aplicam aos bons, pois o povo de Deus será composto de todas as raças de homens - pois nem todos os homens estarão presentes, uma vez que a maior parte será em punição, - mas, como eu estava dizendo, uma vez que a carne é usada para os bons, e membros ou carcaças para os maus, certamente é assim colocado sem dúvida que aquele julgamento em que os bons e os maus serão atribuídos aos seus destinos após a ressurreição do corpo, nossa fé na qual é completamente estabelecida pelo uso dessas palavras.

CAPÍTULO. 22.-O QUE SIGNIFICA OS BONS SAIR PARA VER O CASTIGO DOS ÍMPIOS

1. Mas de que maneira sairão os bons para ver o castigo dos maus? Eles devem deixar suas moradas felizes por um movimento corporal e seguir para os lugares de punição, para testemunhar os tormentos dos ímpios em sua presença corporal? Certamente não; mas eles sairão com conhecimento. Para esta expressão, sair, significa que aqueles que serão punidos ficarão de fora. E assim o Senhor também chama esses lugares "as trevas exteriores", à qual se opõe aquela entrada a respeito da qual é dito ao bom servo: "Entra no gozo do teu Senhor", para que não se suponha que os ímpios possam entrar lá e ser conhecido, mas antes que os bons pelo seu conhecimento saiam para eles, porque os bons devem conhecer o que está fora. Pois aqueles que estiverem em tormento não saberão o que está acontecendo no gozo do Senhor; mas aqueles que entrarem nessa alegria saberão o que está acontecendo lá fora, nas trevas exteriores. Por isso é dito: "Eles sairão", porque eles saberão o que é feito por aqueles que estão de fora. Pois, se os profetas puderam conhecer coisas que ainda não aconteceram, por meio daquela habitação de Deus em suas mentes, embora limitada, não conhecerão os santos imortais coisas que já aconteceram, quando Deus será tudo em todos? ?5 A semente, então, e o nome dos santos

permanecerão nessa bem-aventurança — a semente, a saber, da qual João diz: "E sua semente permanece nele"; e o nome, do qual foi dito pelo próprio Isaías: "Eu lhes darei um nome eterno." 7 "E haverá para eles mês após mês, e sábado após sábado", como se fosse dito: Lua após lua, e descansar no descanso, ambos os quais eles mesmos serão quando passarem das velhas sombras do tempo para as novas luzes da eternidade. O verme que não morre e o fogo que não se apaga, que constituem o castigo dos ímpios, são interpretados de maneira diferente por pessoas diferentes. Pois alguns se referem tanto ao corpo, outros se referem tanto à alma; enquanto outros novamente referem o fogo literalmente ao corpo, e o verme figurativamente à alma, o que parece ser a ideia mais credível. Mas o presente não é o momento de discutir essa diferença, pois nos propusemos a ocupar este livro com o juízo final, no qual os bons e os maus são separados: suas recompensas e punições discutiremos mais cuidadosamente em outro lugar.

CAPÍTULO. 23.-O QUE DANIEL PREVIA SOBRE A PERSEGUIÇÃO DO ANTICRISTO, O JULGAMENTO DE DEUS E O REINO DOS SANTOS

1. Daniel profetiza sobre o juízo final de modo a indicar que o Anticristo virá primeiro e prosseguirá sua descrição para o reino eterno dos santos. Pois quando em visão profética ele viu quatro bestas, significando quatro reinos, e o quarto conquistado por um certo rei, que é reconhecido como o Anticristo, e depois disso o reino eterno do Filho do homem, isto é, de Cristo, ele diz: "Meu espírito ficou apavorado, eu Daniel no meio do meu corpo, e as visões da minha cabeça me perturbaram", etc. Alguns interpretaram esses quatro reinos como significando os dos assírios, persas, macedônios e romanos. Aqueles que desejam entender a adequação desta interpretação podem ler o livro de Jerônimo sobre Daniel, que é escrito com bastante cuidado e erudição. Mas quem lê esta passagem, mesmo meio adormecido, não pode deixar de ver que o reino do Anticristo ferozmente, embora por um curto período de tempo,

atacará a Igreja antes que o último julgamento de Deus introduza o reino eterno dos santos. Pois é patente a partir do contexto que o tempo, tempos, e meio tempo, significa um ano, e dois anos, e meio ano, ou seja, três anos e meio. Às vezes, nas Escrituras, a mesma coisa é indicada por meses. Pois embora a palavra tempos pareça ser usada aqui no latim indefinidamente, isso é apenas porque os latinos não têm dual, como os gregos têm, e como os hebreus também têm. Times, portanto, é usado para duas vezes. Quanto aos dez reis, que, ao que parece, o Anticristo encontrará na pessoa de dez indivíduos quando vier, tenho medo de que possamos ser enganados nisso, e que ele possa vir inesperadamente enquanto não houver dez reis. vivendo no mundo romano. Pois e se este número dez significar o número total de reis que devem preceder sua vinda, pois a totalidade é frequentemente simbolizada por mil, ou cem, ou sete, ou outros números, que não é necessário contar?

2. Em outro lugar, o mesmo Daniel diz: "E haverá um tempo de angústia, qual nunca houve desde que nasceu nação na terra até aquele tempo; e naquele tempo todo o teu povo, que se achar escrito no livro será entregue, e muitos dos que dormem no monte da terra se levantarão, alguns para a vida eterna, e outros para vergonha e confusão eterna. assim como as estrelas para sempre." Esta passagem é muito semelhante à que citamos do Evangelho,³ pelo menos no que diz respeito à ressurreição dos cadáveres. Pois aqueles que estão lá ditos "nas sepulturas" são aqui mencionados como "dormindo no monte da terra", ou, como outros traduzem, "no pó da terra". Ali está dito: "Eles sairão"; então aqui, "Eles se levantarão". Lá, "os que fizeram o bem, para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição do juízo"; aqui, "Alguns para a vida eterna, e outros para vergonha e confusão eterna". Tampouco se deve supor uma diferença, embora no lugar da expressão no Evangelho: "Todos os que estão em seus túmulos", o profeta não diz "todos", mas "muitos dos que dormem no monte de terra". " Para muitos às vezes é usado nas Escrituras para todos. Assim foi dito a Abraão: "Eu te coloquei como pai de muitas nações", embora em outro lugar tenha sido dito a ele: "Na tua semente serão abençoadas todas as nações." De tal

ressurreição é dito pouco depois ao próprio profeta: “E vem tu e descansa, porque ainda há um dia até a consumação da consumação; e tu descansarás, e ressuscitarás na tua sorte no fim do os dias.” 5

CAPÍTULO. 24.-PASSAGEM DOS SALMOS DE DAVI QUE PREDIZEM O FIM DO MUNDO E O ÚLTIMO JUÍZO

1. Há muitas alusões ao juízo final nos Salmos, mas na maior parte apenas casuais e leves. Não posso, no entanto, deixar de mencionar o que é dito lá em termos expressos do fim deste mundo: "No princípio lançaste os fundamentos da terra, ó Senhor, e os céus são obra de tuas mãos. perecerão, mas tu perseverarás; sim, todos eles envelhecerão como uma vestimenta; e como uma vestimenta os mudarás, e eles serão mudados; mas tu és o mesmo, e teus anos não falharão". Por que é que Porfírio, enquanto ele elogia a piedade dos hebreus em adorar um Deus grande e verdadeiro, e terrível para os próprios deuses, segue os oráculos desses deuses acusando os cristãos de extrema loucura porque eles dizem que este mundo perecerá? ? Pois aqui encontramos dito nos livros sagrados dos hebreus, àquele Deus que este grande filósofo reconhece ser terrível até mesmo para os próprios deuses: "Os céus são obra de tuas mãos; eles perecerão". Quando os céus, a parte mais alta e segura do mundo, perecerem, o próprio mundo será preservado? Se esta ideia não é apreciada por Júpiter, cujo oráculo é citado por este filósofo como uma autoridade inquestionável na repreensão da credulidade dos cristãos, por que ele também não repreende a sabedoria dos hebreus como loucura, visto que a previsão é encontrada em seus livros mais sagrados? Mas se esta sabedoria hebraica, pela qual Porfírio é tão cativado que ele a exalta através das declarações de seus próprios deuses, proclama que os céus devem perecer, como ele está tão apaixonado a ponto de detestar a fé dos cristãos em parte, se não? principalmente, por causa disso, que eles acreditam que o mundo deve perecer? - embora não seja fácil ver como os céus devem perecer se o mundo não perece. E, de fato, nos escritos sagrados que são peculiares a nós mesmos, e não comuns aos hebreus e a nós – quero dizer, os livros evangélicos e apostólicos – as

seguintes expressões são usadas: “A figura deste mundo passa;”² “O mundo passa;” “O céu e a terra passarão”⁴ — expressões que são, imagino, um pouco mais brandas do que “Eles perecerão”. Também na Epístola do Apóstolo Pedro, onde se diz que o mundo que então se diz pereceu, sendo inundado com água, é suficientemente óbvio que parte do mundo é significada pelo todo, e em que sentido a palavra pereceu é para ser tomado, e o que os céus foram guardados, reservados para o fogo para o dia do julgamento e perdição dos homens ímpios. E quando ele diz pouco depois: “O dia do Senhor virá como um ladrão; no qual os céus passarão com grande ímpeto, e os elementos se derreterão com o calor ardente, e a terra e as obras que estão nele será queimado e então acrescenta: “Visto, pois, que todas estas coisas serão dissolvidas, que tipo de pessoas deveis ser?” dito foram guardados reservados para o fogo; e os elementos que devem ser queimados são aqueles que estão cheios de tempestade e perturbação nesta parte mais baixa do mundo em que ele disse que esses céus foram guardados; pois os céus mais altos em cujo firmamento está definido, as estrelas estão seguras e permanecem em sua integridade, pois até mesmo a expressão da Escritura, que “as estrelas cairão do céu”, sem mencionar que uma interpretação diferente é muito preferível, mostra que os próprios céus devem permanecer, se as estrelas devem cair deles. Essa expressão, então, é figurativa, como é mais crível, ou esse fenômeno ocorrerá neste céu mais baixo, como o mencionado por Virgílio, —

"Um meteoro com um trem de luz

Atravessando o céu brilhava deslumbrantemente brilhante,

Então na floresta Idæan foi perdido."

Mas a passagem que citei do salmo parece excluir nenhum dos céus do destino da destruição; pois ele diz: "Os céus são obras de Tuas mãos: eles perecerão"; de modo que, como nenhum deles é excluído da categoria das obras de Deus, nenhum deles é excluído da destruição. Pois nossos oponentes não condescenderão em defender a piedade hebraica, que conquistou a aprovação de seus deuses, pelas palavras

do apóstolo Pedro, a quem eles detestam veementemente; nem argumentarão que, como o apóstolo em sua epístola entende uma parte quando fala do mundo inteiro perecendo no dilúvio, embora apenas a parte mais baixa dele e os céus correspondentes tenham sido destruídos, então no salmo o todo é usado por uma parte, e é dito "Eles perecerão", embora apenas os céus mais baixos devam perecer. Mas como, como eu disse, eles não condescendem em raciocinar assim, para que não pareçam aprovar o significado de Pedro ou atribuir tanta importância à conflagração final quanto atribuimos ao dilúvio, enquanto eles afirmam que nenhuma água ou chama poderia destruir toda a raça humana, resta-lhes apenas sustentar que seus deuses louvaram a sabedoria dos hebreus porque não leram este salmo.

2. É o último julgamento de Deus que é referido também no Salmo 50 nas palavras: "Deus virá manifestamente, nosso Deus, e não se calará; o fogo devorará diante dele, e será muito tempestuoso ao redor sobre Ele. Ele chamará os céus de cima, e a terra, para julgar o seu povo. Ajuntar a Ele os seus santos, aqueles que fazem aliança com ele sobre sacrifícios." Assim entendemos de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem do céu esperamos para julgar os vivos e os mortos. Pois Ele virá manifestamente para julgar com justiça os justos e os injustos, que antes vinham ocultamente para serem injustamente julgados pelos injustos. Ele, eu digo, virá manifestamente, e não se calará, isto é, se dará a conhecer pela Sua voz de julgamento, o qual antes, quando veio às escondidas, ficou calado diante de Seu juiz, quando Ele foi conduzido como ovelha ao matança, e, como um cordeiro diante do tosquiador, não abriu a boca, como lemos que foi profetizado por Ele por Isaías,² e como vemos isso cumprido no Evangelho. Quanto ao fogo e à tempestade, já dissemos como devem ser interpretados quando explicamos uma passagem semelhante em Isaías. Quanto à expressão: "Ele chamará o céu de cima", como os santos e os justos são justamente chamados de céu, sem dúvida isso significa o que o apóstolo diz: "Seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, para encontrar o Senhor no ar." Pois, se tomarmos o sentido literal puro, como é possível chamar o céu de cima, como se o céu pudesse

estar em qualquer outro lugar que não acima? E a seguinte expressão, "E a terra para julgar o seu povo", se fornecermos apenas as palavras "Ele chamará", isto é, "Ele chamará a terra também", e não fornecermos "acima", parece nos dar um significado de acordo com a sã doutrina, o céu simbolizando aqueles que julgarão junto com Cristo, e a terra aqueles que serão julgados; e assim as palavras: "Ele chamará o céu de cima", não significaria: "Ele se elevará no ar", mas "Ele se elevará aos assentos do julgamento". Possivelmente, também, "Ele chamará o céu", pode significar, Ele chamará os anjos nos lugares altos e elevados, para que Ele desça com eles para fazer julgamento; e "Ele também chamará a terra" significaria então, Ele chamará os homens da terra para julgamento. Mas se com as palavras "e a terra" entendermos não apenas "Ele chamará", mas também "acima", de modo a fazer todo o sentido, Ele chamará o céu de cima e chamará a terra de cima, então eu acho que é melhor entender os homens que serão arrebatados para encontrar Cristo nos ares, e que eles são chamados de céu com referência a suas almas, e a terra com referência a seus corpos. Então, o que é "julgar Seu povo", senão separar por julgamento os bons dos maus, como as ovelhas dos bodes? Então ele se volta para dirigir-se aos anjos: "Reúnam seus santos a Ele." Pois certamente um assunto tão importante deve ser realizado pelo ministério dos anjos. E se perguntarmos quem são os santos que são reunidos a Ele pelos anjos, nos é dito: "Aqueles que fazem aliança com Ele sobre sacrifícios". Esta é toda a vida dos santos, fazer uma aliança com Deus sobre sacrifícios. Pois "sobre sacrifícios" ou se refere a obras de misericórdia, que são preferíveis a sacrifícios no julgamento de Deus, que diz: "Eu desejo mais misericórdia do que sacrifícios", ou se "sobre sacrifícios" significa em sacrifícios, então essas mesmas obras de misericórdia são os sacrifícios com os quais Deus se agrada, como me lembro de ter declarado no livro décimo desta obra; 7 e nessas obras os santos fazem aliança com Deus, porque as fazem por causa das promessas contidas em Seu novo testamento ou aliança. E, portanto, quando Seus santos forem reunidos a Ele e colocados à Sua direita no juízo final, Cristo dirá: "Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer", e assim por

diante, mencionando as boas obras dos bons e suas recompensas eternas atribuídas pela última sentença do Juiz.

CAPÍTULO. 25.-DA PROFECIA DE MALAQUIAS, NA QUAL ELE FALA DO ÚLTIMO JULGAMENTO, E DE UMA PURIFICAÇÃO QUE ALGUNS DEVEM SOFRER ATRAVÉS DE PUNIÇÕES PURIFICADORAS

1. O profeta Malaquias ou Malaquias, que também é chamado de Anjo, e é por alguns (pois Jerônimo nos diz que esta é a opinião dos hebreus) identificado com Esdras, o sacerdote,¹⁰ outros cujos escritos foram recebidos no cânon, prediz o juízo final, dizendo: "Eis que vem, diz o Senhor Todo-Poderoso; e quem resistirá ao dia da sua entrada? ... porque eu sou o Senhor vosso Deus, e não mudo." A partir dessas palavras, parece mais evidente que alguns sofrerão no último julgamento algum tipo de punição do purgatório; pois o que mais pode ser entendido pela palavra: "Quem resistirá ao dia da sua entrada, ou quem poderá olhar para ele? e purificando como se fosse ouro e prata; e purificará os filhos de Levi, e os derramará como ouro e prata?" Da mesma forma, Isaías diz: "O Senhor lavará a imundícia dos filhos e filhas de Sião, e purificará o sangue do meio deles, pelo espírito de julgamento e pelo espírito de queima". A menos que talvez devêssemos dizer que eles são purificados da imundície e de uma maneira esclarecida, quando os ímpios são separados deles por julgamento penal, de modo que a eliminação e condenação de um é a purgação dos outros, porque eles viverão doravante livre da contaminação de tais homens. Mas quando ele diz: "E ele purificará os filhos de Levi, e os derramará como ouro e prata, e eles oferecerão ao Senhor sacrifícios de justiça; e os sacrifícios de Judá e de Jerusalém serão agradáveis ao Senhor", ele declara que aqueles que serão purificados agradecerão ao Senhor com sacrifícios de justiça e, conseqüentemente, eles mesmos serão purificados de sua própria injustiça que os fez desagradar a Deus. Agora eles mesmos, quando forem purificados, serão sacrifícios de justiça completa e perfeita; pois que oferta mais aceitável essas pessoas podem fazer a Deus do que elas mesmas? Mas esta questão

dos castigos purgatórios devemos adiar para outro momento, para lhe dar um tratamento mais adequado. Por filhos de Levi e Judá e Jerusalém devemos entender a própria Igreja, reunida não apenas dos hebreus, mas também de outras nações; nem uma Igreja como ela é agora, quando "se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós", mas como ela será então, expurgada pelo juízo final como uma debilha. chão por um vento joeira, e os seus membros que precisam ser purificados pelo fogo, para que não reste absolutamente ninguém que ofereça sacrifício por seus pecados. Pois todos os que fazem tais ofertas estão seguramente em seus pecados, para cuja remissão eles fazem ofertas, que, tendo feito a Deus uma oferta aceitável, eles podem então ser absolvidos.

CAPÍTULO. 26.-DOS SACRIFÍCIOS OFERECIDOS A DEUS PELOS SANTOS, QUE DEVEM SER AGRADÁVEIS A ELE, COMO NOS DIAS PRIMITIVOS

1. E foi com o objetivo de mostrar que Sua cidade não seguiria esse costume, que Deus disse que os filhos de Levi deveriam oferecer sacrifícios em justiça – não, portanto, em pecado e, conseqüentemente, não por pecado. E, portanto, vemos quão em vão os judeus prometem a si mesmos um retorno dos velhos tempos de sacrifício de acordo com a lei do antigo testamento, fundamentando-se nas palavras que se seguem: "E o sacrifício de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor, como nos dias primitivos, e como nos anos anteriores." Pois, nos tempos da lei, não ofereciam sacrifícios em justiça, mas em pecados, oferecendo principalmente e principalmente pelos pecados, tanto que até o próprio sacerdote, que devemos supor ter sido o homem mais justo, costumava oferecer, de acordo com os mandamentos de Deus, primeiro por seus próprios pecados, e depois pelos pecados do povo. E, portanto, devemos explicar como devemos entender as palavras "como nos dias primitivos e nos anos anteriores"; pois talvez ele faça alusão ao tempo em que nossos primeiros pais estavam no paraíso. Então, de fato, intactos e puros de toda mancha e defeito do pecado, eles se ofereceram a Deus como os mais puros

sacrifícios. Mas como foram banidos dali por causa de sua transgressão, e a natureza humana foi condenada neles, com exceção do único Mediador e daqueles que foram batizados e ainda são crianças, "não há ninguém limpo de mancha, nem mesmo o bebê cuja vida foi apenas por um dia sobre a terra." Mas se for respondido que aqueles que oferecem com fé podem ser ditos que oferecem em justiça, porque o justo vive pela fé, ele se engana, porém, se ele diz que não tem pecado e, portanto, ele não o diz, porque ele vive pela fé – alguém dirá que este tempo de fé pode ser colocado em pé de igualdade com aquela consumação quando aqueles que oferecem sacrifícios em justiça serão purificados pelo fogo do juízo final? E, conseqüentemente, uma vez que deve ser acreditado que depois de tal purificação o justo não reterá pecado, certamente esse tempo, no que diz respeito à sua libertação do pecado, não pode ser comparado a nenhum outro período, a não ser aquele durante o qual nossos primeiros pais viveram. no paraíso na mais inocente felicidade antes de sua transgressão. É esse período, então, que é devidamente entendido quando se diz "como nos dias primitivos e como nos anos anteriores". Pois também em Isaías, depois que os novos céus e a nova terra foram prometidos, entre outros elementos da bem-aventurança dos santos que ali são representados por alegorias e figuras, de dar uma explicação adequada da qual sou impedido pelo desejo de evitar a prolixidade, diz-se: "De acordo com os dias da árvore da vida serão os dias do meu povo." E quem olhou para as Escrituras não sabe onde Deus plantou a árvore da vida, de cujo fruto Ele excluiu nossos primeiros pais quando sua própria iniquidade os expulsou do paraíso, e ao redor do qual uma cerca terrível e ardente foi colocada?

2. Mas se alguém afirma que aqueles dias da árvore da vida mencionados pelo profeta Isaías são os tempos atuais da Igreja de Cristo, e que o próprio Cristo é profeticamente chamado de Árvore da Vida, porque Ele é Sabedoria, e de sabedoria Salomão diz: "É uma árvore de vida para todos os que a abraçam"; e se eles sustentam que nossos primeiros pais não passaram anos no paraíso, mas foram expulsos dele tão cedo que nenhum de seus filhos foi gerado lá, e que, portanto, esse tempo não pode ser aludido em palavras que correm,

"como no primitivo dias, e como nos anos anteriores", deixo de entrar nesta questão, para que ao discutir tudo eu me torne prolixo e deixe todo o assunto na incerteza. Pois vejo outro significado, que deve nos impedir de acreditar que uma restauração dos dias primitivos e dos anos anteriores dos sacrifícios legais poderia ter sido prometida a nós pelo profeta como um grande benefício. Pois os animais selecionados como vítimas sob a antiga lei deveriam ser imaculados e livres de qualquer defeito, e simbolizavam homens santos livres de todo pecado, o único exemplo de qual caráter foi encontrado em Cristo. Como, portanto, após o julgamento, aqueles que são dignos de tal purificação serão purificados até pelo fogo, e serão tornados completamente sem pecado, e se oferecerão a Deus em justiça, e serão de fato vítimas imaculadas e livres de qualquer mancha, eles certamente será, "como nos dias primitivos e como nos anos anteriores", quando as vítimas mais puras foram oferecidas, a sombra dessa realidade futura. Pois então haverá no corpo e na alma dos santos a pureza que foi simbolizada nos corpos dessas vítimas.

3. Então, com referência àqueles que são dignos não de purificação, mas de condenação, Ele diz: "E me aproximarei de vós para julgamento, e serei uma testemunha rápida contra os malfeitores e contra os adúlteros"; e depois de enumerar outros crimes condenáveis, Ele acrescenta: "Porque eu sou o Senhor vosso Deus, e não sou mudado". É como se Ele dissesse: Embora sua culpa tenha mudado você para pior, e minha graça tenha mudado você para melhor, eu não mudei. E ele diz que Ele mesmo será uma testemunha, porque em Seu julgamento Ele não precisa de testemunhas; e que Ele será "rápido", ou porque Ele virá repentinamente, e o julgamento que parecia demorar será muito rápido por Sua chegada inesperada, ou porque Ele convencerá as consciências dos homens diretamente e sem qualquer arenga prolixo. "Pois", como está escrito, "nos pensamentos dos ímpios Seu exame será conduzido". E o apóstolo diz: "Os pensamentos, acusando ou desculpando, no dia em que Deus julgar as coisas ocultas dos homens, segundo o meu evangelho em Jesus Cristo." Assim, então, o Senhor será uma testemunha rápida, quando De repente, ele trará de volta à memória aquilo que convencerá e

punirá a consciência.

CAPÍTULO. 27.-DA SEPARAÇÃO DO BEM E DO MAU NO JUÍZO FINAL

1. A passagem também que citei anteriormente para outro propósito deste profeta refere-se ao último julgamento, no qual ele diz: "Eles serão meus, diz o Senhor Todo-Poderoso, no dia em que eu compensar meus ganhos", etc. . Quando esta diversidade entre as recompensas e punições que distinguem os justos dos ímpios aparecer sob aquele Sol da justiça no brilho da vida eterna,—uma diversidade que não é discernida sob este sol que brilha sobre a vaidade desta vida— haverá então um julgamento como nunca antes houve.

CAPÍTULO. 28.-QUE A LEI DE MOISÉS DEVE SER COMPREENDIDA ESPIRITUALMENTE PARA EVITAR OS MURMÚRIOS CONDENÁVEIS DE UMA INTERPRETAÇÃO CARNAL

1. Nas palavras seguintes: "Lembra-te da lei de Moisés, meu servo, que lhe ordenei em Horebe para todo o Israel", o profeta menciona oportunamente preceitos e estatutos, depois de declarar a importante distinção a ser feita a seguir entre aqueles que observam e aqueles que desprezam a lei. Ele pretende também que eles aprendam a interpretar a lei espiritualmente e encontrem Cristo nela, por cujo julgamento essa separação entre o bem e o mal deve ser feita. Pois não é sem razão que o próprio Senhor diz aos judeus: "Se tivésseis crido em Moisés, teríeis acreditado em mim, porque ele escreveu de mim."⁷ Pois ao receber a lei carnalmente sem perceber que suas promessas terrenas eram figuras de coisas espirituais, caíram em tais murmúrios que audaciosamente disseram: "É vão servir a Deus; e que proveito há em guardarmos sua ordenança e andarmos suplicantes diante da face do Senhor Todo-Poderoso? chamam os estrangeiros de felizes; sim, os que praticam a impiedade são estabelecidos". Foram essas palavras

deles que, de certa forma, obrigaram o profeta a anunciar o último julgamento, no qual os ímpios nem aparentemente serão felizes, mas serão manifestamente mais miseráveis; e em que o bem será oprimido nem mesmo com uma miséria transitória, mas gozará de felicidade imaculada e eterna. Pois ele havia citado anteriormente algumas expressões semelhantes daqueles que diziam: "Todo aquele que pratica o mal é bom aos olhos do Senhor, e isso lhe é agradável". que eles vieram murmurar assim contra Deus. E, portanto, também, o escritor do Salmo 73 diz que seus pés quase se foram, seus passos quase escorregaram, porque ele tinha inveja dos pecadores enquanto considerava sua prosperidade, de modo que disse entre outras coisas: Como Deus sabe, e há conhecimento no Altíssimo? e novamente, santifiquei meu coração em vão, e lavei minhas mãos na inocência? Ele prossegue dizendo que seus esforços para resolver este problema tão difícil, que surge quando os bons parecem miseráveis e os maus felizes, foram em vão até que ele entrou no santuário de Deus e compreendeu as últimas coisas. as coisas do juízo final não serão assim; mas na felicidade manifesta dos justos e na miséria manifesta dos ímpios aparecerá um outro estado de coisas.

CAPÍTULO. 29.-DA VINDA DE ELIAS ANTES DO JULGAMENTO, PARA QUE OS JUDEUS SEJAM CONVERTIDOS A CRISTO POR SUA PREGAÇÃO E EXPLICAÇÃO DAS ESCRITURAS

1. Depois de admoestá-los a darem atenção à lei de Moisés, prevendo que por muito tempo não a compreenderiam espiritual e corretamente, prosseguiu dizendo: "E eis que vos enviarei Elias a tisbita antes que venha o grande e notável dia do Senhor; e ele converterá o coração do pai ao filho, e o coração do homem aos seus parentes, para que eu não venha e fira totalmente a terra". É um tema familiar na conversa e no coração dos fiéis, que nos últimos dias antes do julgamento os judeus crerão no verdadeiro Cristo, isto é, nosso Cristo, por meio deste grande e admirável profeta Elias, que exporá o lei para eles. Pois não sem razão esperamos que antes da vinda de

nosso Juiz e Salvador Elias venha, porque temos boas razões para acreditar que ele agora está vivo; pois, como as Escrituras mais distintamente nos informam,⁶ ele foi levado desta vida em uma carruagem de fogo. Quando, portanto, ele vier, ele dará uma explicação espiritual da lei que os judeus atualmente entendem carnalmente, e assim "converterá o coração do pai para o filho", isto é, o coração dos pais para seus filhos. ; pois os tradutores da Septuaginta frequentemente colocam o singular no plural . E o significado é que os filhos, isto é, os judeus, entenderão a lei como os pais, isto é, os profetas, e entre eles o próprio Moisés a entenderam. Pois o coração dos pais se voltará para os filhos, quando os filhos entenderem a lei como seus pais entenderam; e o coração dos filhos se voltará para seus pais quando tiverem os mesmos sentimentos que os pais. A Septuaginta usou a expressão "e o coração de um homem para seus parentes", porque pais e filhos são eminentemente vizinhos um do outro. Outro e um sentido preferível pode ser encontrado nas palavras dos tradutores da Septuaginta, que traduziram as Escrituras com vista à profecia, o sentido, a saber, que Elias converterá o coração de Deus Pai ao Filho, não certamente como se ele deve realizar esse amor do Pai pelo Filho, mas significando que ele deve torná-lo conhecido, e que os judeus também, que antes odiavam, devem então amar o Filho que é nosso Cristo. Pois no que diz respeito aos judeus, Deus tem Seu coração desviado de nosso Cristo, sendo esta a concepção deles sobre Deus e Cristo. Mas, no caso deles, o coração de Deus se voltará para o Filho quando eles mesmos se voltarem para o coração e aprenderem o amor do Pai para com o Filho. As palavras seguintes, "e o coração de um homem para seus parentes", isto é, Elias também deve converter o coração de um homem para seus parentes, como podemos entender isso melhor do que como o coração de um homem para o homem Cristo? Pois embora na forma de Deus Ele seja nosso Deus, ainda assim, assumindo a forma de um servo, Ele condescendeu em se tornar também nosso parente mais próximo. É isso, então, que Elias fará, "para que", ele diz, "eu venha e ferir a terra totalmente". Pois aqueles que se preocupam com as coisas terrenas são a terra. Tais são os judeus carnis até hoje; e, portanto, esses murmúrios deles contra Deus: "Os ímpios Lhe agradam" e "Vão é servir a Deus".

**CAPÍTULO. 30.-QUE NOS LIVROS DO ANTIGO
TESTAMENTO, ONDE SE DIZ QUE DEUS JULGARÁ O
MUNDO, A PESSOA DE CRISTO NÃO É EXPLICITAMENTE
INDICADA, MAS APARECE CLARAMENTE EM ALGUMAS
PASSAGENS EM QUE O SENHOR DEUS FALA QUE CRISTO
É O UNGIDO**

1. Há muitas outras passagens das Escrituras relacionadas ao juízo final de Deus – tantas, de fato, que citá-las todas aumentaria este livro a um tamanho imperdoável. Basta ter provado que tanto o Antigo quanto o Novo Testamento anunciam o julgamento. Mas no Antigo não é tão definitivamente declarado como no Novo que o julgamento será administrado por Cristo, isto é, que Cristo descera do céu como o Juiz; pois quando é declarado pelo Senhor Deus ou Seu profeta que o Senhor Deus virá, não necessariamente entendemos isso de Cristo. Pois tanto o Pai como o Filho e o Espírito Santo são o Senhor Deus. Não devemos, no entanto, deixar isso sem provas. E, portanto, devemos primeiro mostrar como Jesus Cristo fala nos livros proféticos sob o título do Senhor Deus, embora ainda não haja dúvida de que é Jesus Cristo quem fala; de modo que em outras passagens onde isso não é imediatamente aparente, e onde, no entanto, é dito que o Senhor Deus virá ao último julgamento, podemos entender que Jesus Cristo se refere. Há uma passagem no profeta Isaías que ilustra o que quero dizer. Pois Deus diz pelo profeta: "Ouvi-me, Jacó e Israel, a quem chamo. Eu sou o primeiro e sou para sempre; e minha mão fundou a terra, e minha destra firmou o céu. Eu chamarei eles, e eles estarão juntos, e se ajuntarão, e ouvirão. Quem lhes anunciou estas coisas? Por amor de ti fiz a tua vontade em Babilônia, para tirar a descendência dos caldeus. e eu chamei: eu o trouxe, e fiz prosperar o seu caminho. Aproximai-vos de mim, e ouvi isto. Eu não falei em segredo desde o princípio; quando eles foram feitos, eu era. E agora o Senhor Deus e Seu Espírito me enviaram." Era Ele mesmo quem estava falando como o Senhor Deus; e ainda assim não teríamos entendido que era Jesus Cristo se Ele não tivesse acrescentado: "E agora o Senhor Deus e Seu

Espírito me enviaram." Pois Ele disse isso com referência à forma de um servo, falando de um evento futuro como se fosse passado, como no mesmo profeta que lemos: "Ele foi levado como ovelha ao matadouro", e não "Ele será liderada;" mas o tempo passado é usado para expressar o futuro. E a profecia fala constantemente dessa maneira.

2. Há também outra passagem em Zacarias que declara claramente que o Todo-Poderoso enviou o Todo-Poderoso; e de que pessoas isso pode ser entendido senão de Deus Pai e Deus Filho? Pois está escrito: "Assim diz o Senhor Todo-Poderoso: Depois da glória, Ele me enviou às nações que vos despojaram; será um despojo para os seus servos; e sabereis que o Senhor Todo-Poderoso me enviou". Observe, o Senhor Todo-Poderoso diz que o Senhor Todo-Poderoso O enviou. Quem pode presumir entender essas palavras de qualquer outro que não seja Cristo, que está falando às ovelhas perdidas da casa de Israel? Pois Ele diz no Evangelho: "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel",⁴ que Ele aqui comparou à pupila do olho de Deus, para significar o mais profundo amor. E a essa classe de ovelhas pertenciam os próprios apóstolos. Mas depois da glória, a saber, de Sua ressurreição – pois antes que acontecesse o evangelista disse que "Jesus ainda não havia sido glorificado" – Ele foi enviado às nações nas pessoas de Seus apóstolos; e assim se cumpriu a palavra do salmo: "Tu me livrarás das contradições do povo; tu me colocarás como cabeça das nações",⁶ de modo que aqueles que despojaram os israelitas e a quem os israelitas serviram quando foram subjugados por eles, não deveriam ser estragados da mesma maneira, mas estavam em suas próprias pessoas para se tornarem o despojo dos israelitas. Pois isso havia sido prometido aos apóstolos quando o Senhor disse: "Farei de vocês pescadores de homens". E a um deles Ele diz: "De agora em diante você pescará homens."⁸ Eles deveriam então se tornar um despojo, mas em um bom sentido, como aqueles que são arrebatados daquele forte quando ele é amarrado por um mais forte.

3. Da mesma maneira o Senhor, falando pelo mesmo profeta, diz: "E acontecerá naquele dia que procurarei destruir todas as nações que

vierem contra Jerusalém. E derramarei sobre a casa de Davi , e sobre os habitantes de Jerusalém, o espírito de graça e misericórdia; e olharão para mim, porque me insultaram, e chorarão por ele como por um muito querido, e ficarão com amargura como por um unigênito ."

A quem, senão a Deus, pertence destruir todas as nações que são hostis à cidade santa de Jerusalém, que “vêm contra ela”, isto é, se opõem a ela, ou, como alguns traduzem, “vem sobre ela”, como se colocá-lo sob eles; ou derramar sobre a casa de Davi e os habitantes de Jerusalém o espírito de graça e misericórdia? Isso pertence, sem dúvida, a Deus, e é a Deus que o profeta atribui as palavras; e, no entanto, Cristo mostra que Ele é o Deus que faz essas coisas tão grandes e divinas, quando Ele continua dizendo: "E olharão para mim, porque me insultaram, e chorarão por Ele como se por um muito querido. (ou amado), e estará em amargura por Ele como por um unigênito." Pois naquele dia os judeus - aqueles, pelo menos, que receberão o espírito de graça e misericórdia - quando o virem em sua majestade, e reconhecerem que é ele quem eles, na pessoa de seus pais, insultaram quando Ele veio antes em Sua humilhação, se arrependarão de insultá-Lo em Sua paixão: e seus próprios pais, que foram os autores dessa grande impiedade, O verão quando ressuscitarem; mas isso será apenas para sua punição, e não para sua correção. Não é deles que devemos entender as palavras: "E derramarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém o espírito de graça e misericórdia, e olharão para mim, porque me insultaram"; mas devemos entender as palavras de seus descendentes, que naquele tempo crerão por meio de Elias. Mas, como dizemos aos judeus, você matou Cristo, embora tenham sido seus pais que o fizeram, então essas pessoas se lamentarão por terem feito o que seus progenitores fizeram. Embora, portanto, aqueles que recebem o espírito de misericórdia e graça, e creem, não sejam condenados com seus pais ímpios, ainda assim chorarão como se eles mesmos tivessem feito o que seus pais fizeram. Sua dor deve surgir não tanto da culpa, mas da afeição piedosa. Certamente as palavras que a Septuaginta traduziu: “Olharão para mim porque me insultaram”, permanecem no hebraico: “Olharão para mim, a quem traspassaram”. E por esta palavra a crucificação de Cristo é certamente mais claramente

indicada. Mas os tradutores da Septuaginta preferiram aludir ao insulto que estava envolvido em toda a Sua paixão. Pois, de fato, eles o insultaram tanto quando foi preso quanto quando foi amarrado, quando foi julgado, quando foi escarnecido pelo manto que o vestiram e pela homenagem que fizeram de joelhos dobrados, quando foi coroado de espinhos e ferido com uma vara na cabeça, quando Ele carregou Sua cruz, e quando finalmente Ele foi pendurado no madeiro. E, portanto, reconhecemos mais plenamente a paixão do Senhor quando não nos limitamos a uma interpretação, mas combinamos ambas, e lemos "insultado" e "transpassado".

4. Quando, portanto, lemos nos livros proféticos que Deus deve vir para julgar no final, a partir da mera menção do julgamento, e embora não haja mais nada para determinar o significado, devemos concluir que Cristo se destina ; pois embora o Pai julgue, Ele julgará pela vinda do Filho. Pois Ele mesmo, por Sua própria presença manifestada, "não julga ninguém, mas entregou todo o julgamento ao Filho"; pois, como o Filho foi julgado como homem, também julgará em forma humana. Pois não é senão aquele de quem Deus fala por Isaías sob o nome de Jacó e Israel, de cuja semente Cristo tomou um corpo, como está escrito: "Jacó é meu servo, eu o sustentarei; Israel é meu eleito, meu Espírito o assumiu: sobre ele pus o meu Espírito; ele trará juízo aos gentios; não clamará, nem cessará, nem fora a sua voz se ouvirá; não quebrará a cana rachada, nem o pavio que fumeja. Ele não apagará, mas em verdade trará juízo. Ele brilhará e não será quebrado, até que ponha juízo na terra; e as nações esperarão em seu nome. "Israel;" mas os tradutores da Septuaginta, querendo mostrar o significado da expressão "meu servo", e que se refere à forma de servo em que o Altíssimo Se humilhou, inseriram o nome daquele homem de cuja linhagem Ele tomou a forma de um servo. O Espírito Santo foi dado a Ele, e se manifestou, como testemunha o evangelista, na forma de uma pomba. Ele trouxe julgamento aos gentios, porque Ele predisse o que estava escondido deles. Em Sua mansidão, Ele não chorou, nem deixou de proclamar a verdade. Mas Sua voz não foi ouvida, nem é ouvida, fora, porque Ele não é obedecido por aqueles que estão fora do Seu corpo. E os próprios judeus, que o perseguiram, Ele não quebrou,

embora como cana rachada tivessem perdido sua integridade, e como pavio fumegante sua luz se apagou; pois Ele os poupou, vindo para ser julgado e ainda não para julgar. Ele trouxe julgamento em verdade, declarando que eles deveriam ser punidos se persistissem em sua maldade. Seu rosto brilhou no Monte,⁵ Sua fama no mundo. Ele não é quebrantado nem vencido, porque nem em Si mesmo nem em Sua Igreja prevaleceu a perseguição para aniquilá-Lo. E, portanto, isso não aconteceu e não deve acontecer o que Seus inimigos disseram ou dizem: "Quando Ele morrerá, e Seu nome perecerá?" "até que ponha juízo na terra". Eis que a coisa oculta que procurávamos é descoberta. Pois este é o último julgamento, que Ele estabelecerá na terra quando vier do céu. E é nEle, também, que já vemos cumprida a expressão conclusiva da profecia: "Em Seu nome as nações esperarão" . E por esse cumprimento, que ninguém pode negar, os homens são encorajados a acreditar naquilo que é negado com mais insolência. Pois quem poderia ter esperado por aquilo que mesmo aqueles que ainda não crêem em Cristo vêem agora cumprido entre nós, e que é tão inegável que eles podem apenas ranger os dentes e definhar? Quem, eu digo, poderia ter esperado que as nações esperassem no nome de Cristo, quando Ele foi preso, amarrado, açoitado, escarnecido, crucificado, quando até os próprios discípulos perderam a esperança que começaram a ter nEle? A esperança que era então alimentada apenas por um ladrão na cruz, agora é acariciada por nações em todos os lugares da terra, que são marcadas com o sinal da cruz na qual Ele morreu para que não morram eternamente.

5. Que o juízo final, então, será administrado por Jesus Cristo da maneira predita nos escritos sagrados, não é negado ou posto em dúvida por ninguém, a não ser por aqueles que, por alguma incrível animosidade ou cegueira, se recusam a acreditar nesses escritos, embora já sua verdade é demonstrada a todo o mundo. E em ou em conexão com esse julgamento os seguintes eventos acontecerão, como aprendemos: Elias, o Tishbite, virá; os judeus crerão; O Anticristo perseguirá; Cristo julgará; os mortos ressuscitarão; os bons e os maus serão separados; o mundo será queimado e renovado. Todas essas coisas, cremos, acontecerão; mas como, ou em que ordem, o

entendimento humano não pode nos ensinar perfeitamente, mas apenas a experiência dos próprios eventos. Minha opinião, no entanto, é que eles acontecerão na ordem em que os relatei.

6. Ainda faltam dois livros para serem escritos por mim, para completar, com a ajuda de Deus, o que prometi. Uma delas explicará o castigo dos ímpios, a outra a felicidade dos justos; e neles me esforçarei muito para refutar, pela graça de Deus, os argumentos pelos quais algumas criaturas infelizes parecem a si mesmas minar as promessas e ameaças divinas, e ridicularizar como palavras vazias declarações que são o mais salutar alimento da fé. Mas aqueles que são instruídos nas coisas divinas consideram a verdade e a onipotência de Deus como os argumentos mais fortes em favor daquelas coisas que, por mais incríveis que pareçam aos homens, ainda estão contidas nas Escrituras, cuja verdade já foi provada de muitas maneiras; pois eles estão certos de que Deus de modo algum pode mentir, e que Ele pode fazer o que é impossível para os incrédulos.

LIVRO XXI

ARGUMENTO

DO FIM RESERVADO PARA A CIDADE DO DIABO, A SABER, A PUNIÇÃO ETERNA DOS CONDENADOS; E DOS ARGUMENTOS QUE A INCREDELIDADE TRAZ CONTRA ELA.

CAPÍTULO. 1.-DA ORDEM DA DISCUSSÃO, QUE REQUER QUE FALEMOS PRIMEIRO DO CASTIGO ETERNO DOS PERDIDOS EM COMPANHIA COM O DIABO, E DEPOIS DA FELICIDADE ETERNA DOS SANTOS

1. Proponho, com a capacidade que Deus me conceder, discutir mais detalhadamente neste livro a natureza do castigo que será atribuído ao diabo e a todos os seus servos, quando as duas cidades, uma de Deus, a outra do diabo, terão alcançado seus devidos fins por meio de Jesus Cristo nosso Senhor, o Juiz dos vivos e dos mortos. E eu adotei esta ordem, e preferi falar, primeiro do castigo dos demônios, e depois da bem-aventurança dos santos, porque o corpo participa de qualquer destino; e parece ser mais incrível que os corpos suportem tormentos eternos do que continuem a existir sem qualquer dor na felicidade eterna. Conseqüentemente, quando eu tiver demonstrado que esse castigo não deve ser incrível, isso me ajudará materialmente a provar o que é muito mais crível, a saber, a imortalidade dos corpos dos santos que são libertados de toda dor. Tampouco esta ordem está em desacordo com os escritos divinos, nos quais às vezes, de fato, a bem-aventurança do bem é colocada em primeiro lugar, como nas palavras: "Os que fizeram o bem, para a ressurreição da vida; e os que fizeram mal, para a ressurreição do juízo;" mas às vezes também duram, como: "O Filho do homem enviará os seus anjos, e eles ajuntarão do seu reino todas as coisas que tropeçam, e as lançarão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes, Então os justos resplandecerão como o sol no reino de Seu Pai;"² e que, "Estes irão para o castigo

eterno, mas os justos para a vida eterna”. E embora não tenhamos espaço para citar exemplos, qualquer um que examine os profetas descobrirá que eles adotam agora um arranjo e agora o outro. Minha própria razão para seguir a última ordem que dei.

CAPÍTULO. 2.-SE É POSSÍVEL QUE OS CORPOS DUREM PARA SEMPRE EM FOGO ARDENTE

1. O que, então, posso aduzir para convencer aqueles que se recusam a acreditar que os corpos humanos, animados e vivos, podem não apenas sobreviver à morte, mas também durar nos tormentos dos fogos eternos? Eles não nos permitem referir isso simplesmente ao poder do Todo-Poderoso, mas exigem que os convençamos com algum exemplo. Se, então, respondermos a eles, que existem animais que certamente são corruptíveis, porque são mortais, e que ainda vivem no meio das chamas; e da mesma forma, que em fontes de água tão quente que ninguém pode colocar a mão impunemente nela, uma espécie de verme é encontrada, que não apenas vive lá, mas não pode viver em outro lugar; eles ou se recusam a acreditar nesses fatos a menos que possamos demonstrá-los, ou, se estivermos em circunstâncias para prová-los por demonstração ocular ou por testemunho adequado, eles afirmam, com o mesmo ceticismo, que esses fatos não são exemplos do que procuramos provar, visto que esses animais não vivem para sempre, e além disso, eles vivem naquela chama de calor sem dor, o elemento fogo sendo adequado à sua natureza e fazendo com que ela prospere e não sofra – como se não seria mais incrível que ela prosperasse do que sofresse em tais circunstâncias. É estranho que algo sofra no fogo e ainda viva, mas estranho que viva no fogo e não sofra. Se, então, se acredita no último, por que não também no primeiro?

CAPÍTULO. 3.-SE O SOFRIMENTO CORPORAL TERMINA NECESSARIAMENTE NA DESTRUIÇÃO DA CARNE

1. Mas, dizem eles, não há corpo que possa sofrer e que também não possa morrer. Como nós sabemos disso? Pois quem pode dizer com certeza que os demônios não sofrem em seus corpos, quando reconhecem que são dolorosamente atormentados? E se for respondido que não há corpo terreno, isto é, corpo sólido e perceptível, ou, em uma palavra, carne, que possa sofrer e não morrer, não é isso para nos dizer apenas o que os homens reuniram? da experiência e de seus sentidos corporais ? Pois eles, de fato, não conhecem nenhuma carne além daquela que é mortal; e este é todo o seu argumento, que o que eles não tiveram experiência eles julgam completamente impossível. Pois não podemos chamar de raciocínio fazer da dor uma presunção de morte, quando, na verdade, é antes um sinal de vida. Pois embora seja uma questão se o que sofre pode continuar a viver para sempre, é certo que tudo o que sofre a dor vive, e essa dor só pode existir em um sujeito vivo. É necessário, portanto, que aquele que sofre esteja vivo, não é necessário que a dor o mate; pois toda dor não mata nem mesmo aqueles nossos corpos mortais que estão destinados a morrer. E que qualquer dor os mate é causado pela circunstância de que a alma está tão ligada ao corpo que sucumbe a uma grande dor e se retrai; pois a estrutura de nossos membros e partes vitais é tão frágil que não pode resistir àquela violência que causa grande ou extrema agonia. Mas, na vida futura, essa conexão da alma e do corpo é de tal tipo que, como não é dissolvida por nenhum lapso de tempo, também não é rompida por qualquer dor. E assim, embora seja verdade que neste mundo não há carne que possa sofrer dores e não morrer, contudo no mundo vindouro haverá carne como agora não há, como também haverá morte como agora não há. Pois a morte não será abolida, mas será eterna, pois a alma não poderá desfrutar de Deus e viver, nem morrer e escapar das dores do corpo. A primeira morte afasta a alma do corpo contra sua vontade: a segunda morte mantém a alma no corpo contra sua vontade. Os dois têm isso em comum, que a alma sofre contra sua vontade o que seu próprio corpo inflige.

2. Nossos oponentes também dão muito valor a isso, que neste mundo não há carne que possa sofrer dor e não possa morrer; enquanto eles não fazem nada do fato de que há algo que é maior que o corpo. Pois o

espírito, cuja presença anima e rege o corpo, pode sofrer dor e não morrer. Aqui está então algo que, embora possa sentir dor, é imortal. E esta capacidade, que agora vemos no espírito de todos, estará no futuro nos corpos dos condenados. Além disso, se atentarmos um pouco mais de perto no assunto, veremos que o que se chama de dor corporal deve antes ser referido à alma. Pois é a alma, e não o corpo, que sofre, mesmo quando a dor se origina no corpo – a alma sente dor no ponto em que o corpo é ferido. Assim como falamos de corpos que sentem e vivem, embora o sentimento e a vida do corpo sejam da alma, também falamos de corpos que sofrem, embora nenhuma dor possa ser sofrida pelo corpo sem a alma. A alma, então, sofre com o corpo na parte em que ocorre algo para feri-la; e sofre sozinha, embora no corpo, quando alguma causa invisível a aflige, enquanto o corpo está são e salvo. Mesmo quando não associado ao corpo, é doloroso; pois certamente aquele homem rico estava sofrendo no inferno quando clamou: “Estou atormentado nesta chama”. Mas quanto ao corpo, não sofre dor quando está sem alma; e mesmo quando animado só pode sofrer pelo sofrimento da alma. Se, portanto, pudéssemos extrair uma presunção justa da existência da dor para a da morte e concluir que onde a dor pode ser sentida a morte pode ocorrer, a morte seria antes propriedade da alma, pois a ela pertence mais peculiarmente a dor. Mas, visto que o que mais sofre não pode morrer, que fundamento há para supor que aqueles corpos, porque destinados a sofrer, estão, portanto, destinados a morrer? Os platônicos de fato sustentavam que esses corpos terrenos e membros moribundos davam origem aos medos, desejos, tristezas e alegrias da alma. "Portanto", diz Virgílio (isto é, desses corpos terrestres e membros moribundos),

"Daí desejos selvagens e medos rastejantes,

E risos humanos, lágrimas humanas."

Mas no décimo quarto livro desta obra provamos que, de acordo com a própria teoria dos platônicos, as almas, mesmo quando purgadas de toda poluição do corpo, ainda são possuídas por um desejo monstruoso de retornar novamente a seus corpos. Mas onde o desejo pode existir, certamente a dor também pode existir; pois o desejo

frustrado, seja por perder o que almeja ou por perder o que alcançou, se transforma em dor. E, portanto, se a alma, que é a única ou a principal sofredora, ainda tem uma espécie de imortalidade própria, é inconseqüente dizer que, porque os corpos dos condenados sofrerão dor, eles morrerão. Enfim, se o corpo faz a alma sofrer, por que o corpo não pode causar a morte tanto quanto o sofrimento, a não ser porque não se segue que o que causa a dor cause também a morte? E por que então é incrível que esses fogos possam causar dor, mas não morte aos corpos de que falamos, assim como os próprios corpos causam dor, mas não morte às almas? A dor, portanto, não é presunção necessária de morte.

CAPÍTULO. 4.-EXEMPLOS DA NATUREZA PROVANDO QUE OS CORPOS PODEM PERMANECER NÃO CONSUMIDOS E VIVOS NO FOGO

1. Se, portanto, a salamandra vive no fogo, como os naturalistas registraram, e se certas montanhas famosas da Sicília estão continuamente em chamas desde a mais remota antiguidade até agora, e ainda permanecem inteiras, esses são exemplos suficientemente convincentes de que tudo o que queima não é consumido. Como a alma também é uma prova de que nem tudo que pode sofrer dor também pode morrer, por que então eles ainda exigem que apresentemos exemplos reais para provar que não é incrível que os corpos dos homens condenados ao castigo eterno possam reter sua alma? no fogo, pode queimar sem ser consumido, e pode sofrer sem perecer? Pois as propriedades adequadas serão comunicadas à substância da carne por Aquele que dotou as coisas que vemos de propriedades tão maravilhosas e diversas, que sua própria multidão impede nossa admiração. Pois quem senão Deus, o Criador de todas as coisas, deu à carne do pavão sua propriedade anti-séptica? Esta propriedade, quando a ouvi pela primeira vez, pareceu-me incrível; mas aconteceu em Cartago que um pássaro desse tipo foi cozido e servido para mim, e, tirando uma fatia adequada de carne de seu peito, mandei guardá-lo, e depois de mantido por tantos dias quanto

possível, outra carne fedendo, foi produzida e colocada diante de mim, e não emitiu nenhum cheiro desagradável. E depois de ter sido colocado por trinta dias e mais, ainda estava no mesmo estado; e um ano depois, o mesmo ainda, exceto que estava um pouco mais enrugado e mais seco. Quem deu ao joio tanto poder para congelar que preserva a neve enterrada sob ele, e tanto poder para aquecer que amadurece o fruto verde?

2. Mas quem pode explicar as estranhas propriedades do próprio fogo, que escurece tudo o que queima, embora seja brilhante; e que, embora das mais belas cores, descolora quase tudo o que toca e de que se alimenta, e transforma o combustível ardente em cinzas sujas? Ainda assim, isso não é estabelecido como uma lei absolutamente uniforme; pois, ao contrário, as próprias pedras cozidas em fogo incandescente também brilham, e embora o fogo seja de uma tonalidade vermelha, e elas brancas, o branco é congruente com a luz e o preto com as trevas. Assim, embora o fogo queime a madeira ao calcinar as pedras, esses efeitos contrários não resultam da contrariedade dos materiais. Pois, embora a madeira e a pedra sejam diferentes, não são contrários, como o preto e o branco, uma das quais produz cores nas pedras, enquanto a outra é produzida na madeira pela mesma ação do fogo, que confere seu próprio brilho ao primeiro, enquanto ele suja o último, e que não poderia ter efeito sobre um se não fosse alimentado pelo outro. Então, que propriedades maravilhosas encontramos no carvão, que é tão quebradiço que uma leve batida o quebra e uma leve pressão o pulveriza, e ainda é tão forte que nenhuma umidade o apodrece, nem o decompõe em nenhum momento. Tão duradouro é que é costume estabelecer marcos para colocar carvão debaixo deles, de modo que se, após o intervalo mais longo, alguém levantar uma ação e alegar que não há pedra de limite, ele pode ser condenado pelo carvão. abaixo. O que, então, permitiu que ela durasse tanto tempo sem apodrecer, embora enterrada na terra úmida em que [sua madeira original] apodrece, exceto esse mesmo fogo que consome todas as coisas?

3. Novamente, vamos considerar as maravilhas do tempo; pois além de tornar-se branco no fogo, que torna outras coisas negras, e do que

já disse bastante, também tem a misteriosa propriedade de conceber fogo dentro de si. Frio ao toque, ele ainda tem um depósito oculto de fogo, que não é imediatamente aparente aos nossos sentidos, mas que a experiência nos ensina, está como que adormecido dentro dele, mesmo sem ser visto. E é por isso chamado de "cal viva", como se o fogo fosse a alma invisível vivificando a substância ou corpo visível. Mas o maravilhoso é que esse fogo se acende quando se extingue. Para desligar o fogo oculto, a cal é umedecida ou encharcada com água, e então, embora esteja fria antes, torna-se quente por aquela mesma aplicação que esfria o que está quente. Como se o fogo se afastasse da cal e exalasse seu último suspiro, ele já não fica escondido, mas aparece; e então o cal que jaz na frieza da morte não pode ser reavivado, e o que antes chamávamos de "rápido", agora chamamos de "apagado". O que pode ser mais estranho do que isso? No entanto, há uma maravilha maior ainda. Pois se você tratar a cal, não com água, mas com óleo, que é como combustível para o fogo, nenhuma quantidade de óleo a aquecerá. Agora, se essa maravilha nos tivesse sido informada de algum mineral indiano que não tivéssemos oportunidade de experimentar, teríamos imediatamente declarado uma falsidade, ou certamente teríamos ficado muito surpresos. Mas as coisas que diariamente se apresentam à nossa própria observação nós desprezamos, não porque sejam realmente menos maravilhosas, mas porque são comuns; de modo que mesmo alguns produtos da própria Índia, distantes de nós mesmos, deixam de suscitar nossa admiração assim que podemos admirá-los à vontade.

4. O diamante é uma pedra possuída por muitos entre nós, especialmente por joalheiros e lapidários, e a pedra é tão dura que não pode ser forjada nem por ferro nem fogo, nem, dizem, por qualquer coisa exceto sangue de cabra. Mas você acha que ela é tão admirada por aqueles que a possuem e conhecem suas propriedades quanto por aqueles a quem ela é mostrada pela primeira vez? As pessoas que não o viram talvez não acreditem no que se diz dele, ou se o fizerem, ficam admiradas como algo além de sua experiência; e se por acaso a veem, ainda assim ficam maravilhados porque não estão acostumados a ela, mas gradualmente a experiência familiar [dele] embota sua

admiração. Sabemos que a pedra-ímã tem um maravilhoso poder de atrair ferro. Quando a vi pela primeira vez, fiquei atordoado, pois vi um anel de ferro atraído e suspenso pela pedra; e então, como se tivesse comunicado sua própria propriedade ao ferro que atraía, e o tivesse tornado uma substância semelhante a si mesmo, este anel foi colocado perto de outro e o levantou; e como o primeiro anel se agarrou ao ímã, o segundo anel também se agarrou ao primeiro. Um terceiro e um quarto foram acrescentados de maneira semelhante, de modo que pendia da pedra uma espécie de corrente de anéis, com seus aros conectados, não interligados, mas unidos por sua superfície externa. Quem não se espantaria com esta virtude da pedra, que subsiste como não só em si mesma, mas transmitida por tantos anéis suspensos, e os une por laços invisíveis? Ainda mais surpreendente é o que ouvi sobre esta pedra de meu irmão no episcopado, Severo bispo de Milevis. Disse-me que Bathanarius, outrora conde da África, quando o bispo estava jantando com ele, produziu um ímã e o segurou sob um prato de prata sobre o qual colocou um pedaço de ferro; então, enquanto ele movia a mão com o ímã embaixo do prato, o ferro sobre o prato se movia de acordo. A prata intermediária não foi afetada, mas precisamente quando o ímã foi movido para trás e para frente abaixo dele, não importa o quão rápido, o ferro também foi atraído para cima. relatei o que eu mesmo testemunhei; Relacionei o que me foi dito por alguém em quem confio como confio em meus próprios olhos. Deixe-me dizer ainda o que li sobre este ímã. Quando um diamante é colocado perto dele, ele não levanta o ferro; ou se já o levantou, assim que o diamante se aproxima, ele o deixa cair. Essas pedras vêm da Índia. Mas se deixamos de admirá-los porque agora são familiares, quanto menos admirarão aqueles que os adquirem com muita facilidade e os enviam para nós? Talvez sejam tão baratos quanto temos cal, que, por ser comum, não pensamos em nada, embora tenha a estranha propriedade de queimar quando a água, que costuma apagar o fogo, é derramada sobre ela, e de permanecer fria. quando misturado com óleo, que normalmente alimenta o fogo.

CAPÍTULO. 5.-QUE HÁ MUITAS COISAS QUE A RAZÃO NÃO PODE EXPLICAR, E QUE, NO ENTANTO, SÃO VERDADEIRAS

1. No entanto, quando declaramos os milagres que Deus operou, ou ainda operará, e que não podemos colocar sob os próprios olhos dos homens, os cétricos continuam exigindo que expliquemos essas maravilhas à razão. E porque não podemos fazê-lo, visto que estão acima da compreensão humana, eles supõem que estamos falando falsamente. Essas próprias pessoas, portanto, devem explicar todas essas maravilhas que podemos ou vemos. E se eles percebem que isso é impossível para o homem, devem reconhecer que não se pode concluir que uma coisa não foi ou não será porque não pode ser reconciliada com a razão, uma vez que existem coisas agora das quais as mesmas é verdade. Não vou, então, detalhar a multidão de maravilhas que são relatadas em livros, e que não se referem a coisas que aconteceram uma vez e passaram, mas que são permanentes em certos lugares, onde, se alguém tiver o desejo e a oportunidade, pode verificar sua verdade; mas alguns só eu conto. Eis algumas das maravilhas que os homens nos contam: — O sal de Agrigento, na Sicília, quando lançado ao fogo, torna-se fluido como se estivesse na água, mas na água crepita como se estivesse no fogo. Os Garamantæ têm uma fonte tão fria de dia que ninguém pode beber, tão quente à noite que ninguém pode tocá-la. Também no Épiro há uma fonte que, como todas as outras, apaga tochas acesas, mas, ao contrário de todas as outras, acende tochas apagadas. Há uma pedra encontrada na Arcádia, e chamada amianto, porque uma vez acesa não pode ser apagada. A madeira de um certo tipo de figueira egípcia afunda na água e não flutua como outra madeira; e, mais estranho ainda, depois de algum tempo afundado no fundo, ele sobe novamente à superfície, embora a natureza exija que, quando embebido em água, seja mais pesado do que nunca. Depois, há as maçãs de Sodoma que crescem de fato até parecerem maduras, mas, quando você as toca com a mão ou o dente, o repique racha e elas se desfazem em pó e cinzas. As piritas de pedra persas queimam a mão quando estão firmemente seguradas nela e, portanto, recebem o nome do fogo. Também na Pérsia se

encontra outra pedra chamada selenita, porque seu brilho interior aumenta e diminui com a lua. Então, na Capadócia, as éguas são impregnadas pelo vento e seus potros vivem apenas três anos. Tilon, uma ilha indiana, tem essa vantagem sobre todas as outras terras, que nenhuma árvore que cresce nela perde sua folhagem.

2. Essas e inúmeras outras maravilhas registradas na história, não de eventos passados, mas de localidades permanentes, não tenho tempo para ampliar e divergir de meu objetivo principal; mas que os cétricos que se recusam a dar crédito aos escritos divinos me dêem, se puderem, um relato racional deles. Pois seu único motivo de incredulidade nas Escrituras é que elas contêm coisas incríveis, exatamente como tenho relatado. Pois, dizem eles, a razão não pode admitir que a carne queime e permaneça não consumida, sofra sem morrer. Poderosos raciocinadores, de fato, que são competentes para dar a razão de todas as maravilhas que existem! Que eles então nos dêem a razão das poucas coisas que citamos, e que, se não soubessem que existiam, e apenas nos garantissem que ocorreriam em algum momento futuro, acreditariam ainda menos do que eles não se recusam a creditar em nossa palavra. Pois qual deles acreditaria em nós se, em vez de dizer que os corpos vivos dos homens no futuro serão capazes de suportar a dor e o fogo eternos sem nunca morrer, disséssemos que no mundo vindouro haverá sal que se torna líquido? no fogo como se estivesse na água, e crepita na água como se estivesse no fogo; ou que haverá uma fonte cuja água no ar frio da noite é tão quente que não pode ser tocada, enquanto no calor do dia é tão fria que não pode ser bebida; ou que haverá uma pedra que por seu próprio calor queima a mão quando segurada com força, ou uma pedra que não pode ser extinta se tiver sido acesa em qualquer parte; ou alguma dessas maravilhas que citei, omitindo inúmeras outras? Se disséssemos que essas coisas seriam encontradas no mundo vindouro, e nossos cétricos respondessem: "Se você deseja que acreditemos nessas coisas, satisfaça nossa razão sobre cada uma delas", deveríamos confessar que não poderíamos, porque a frágil compreensão do homem não pode dominar essas e outras maravilhas da obra de Deus; e que ainda nossa razão estava completamente convencida de que o

Todo-Poderoso não faz nada sem razão, embora a mente frágil do homem não possa explicar a razão; e que, embora em muitos casos estejamos incertos sobre o que Ele pretende, é sempre mais certo que nada do que Ele pretende é impossível para Ele; e que quando Ele declara Sua mente, cremos naquele a quem não podemos acreditar que seja impotente ou falso. No entanto, esses caviladores da fé e exatores da razão, como eles dispõem daquelas coisas sobre as quais uma razão não pode ser dada, e que ainda existem, embora em aparente contradição com a natureza das coisas? Se tivéssemos anunciado que essas coisas deveriam ser, esses cétricos teriam exigido de nós a razão delas, como fazem no caso das coisas que estamos anunciando como destinadas a ser. E, conseqüentemente, como essas maravilhas presentes não são inexistentes, embora a razão e o discurso humanos estejam perdidos em tais obras de Deus, as coisas de que falamos não são impossíveis porque inexplicáveis; pois neste particular eles estão na mesma situação que as maravilhas da terra.

CAPÍTULO. 6.-QUE TODAS AS MARAVILHAS NÃO SÃO DE PRODUÇÃO DA NATUREZA, MAS QUE ALGUMAS SÃO DEVIDAS À ENGENHOSIDADE HUMANA E OUTRAS À CONTRIÇÃO DIABÓLICA

1. A esta altura, talvez respondam: "Essas coisas não existem; não acreditamos em nenhuma delas; são contos de viajantes e romances fictícios"; e eles podem acrescentar o que tem a aparência de argumento, e dizer: "Se você acredita em coisas como essas, acredite no que está registrado nos mesmos livros, que houve ou há um templo de Vênus no qual um candelabro colocado ao ar livre segura uma lâmpada, que queima tão fortemente que nenhuma tempestade ou chuva a extingue, e que por isso é chamada, como a pedra mencionada acima, de amianto ou lâmpada inextinguível". Eles podem dizer isso com a intenção de nos colocar em um dilema: pois se dissermos que isso é incrível, então contestaremos a verdade das outras maravilhas registradas; se, por outro lado, admitirmos que isso é crível, confirmaremos as divindades pagãs. Mas, como já disse no livro XVIII

desta obra, não achamos necessário acreditar em tudo o que a história profana contém, pois, como diz Varrão, até os próprios historiadores discordam em tantos pontos, que se pensaria que pretendiam e se esforçaram para fazê-lo; mas acreditamos, se estivermos dispostos, naquelas coisas que não são contraditas por esses livros, nas quais não hesitamos em dizer que somos obrigados a acreditar. Mas quanto aos milagres permanentes da natureza, pelos quais desejamos persuadir os céticos dos milagres do mundo vindouro, bastam para nosso propósito aqueles que nós mesmos podemos observar ou dos quais não é difícil encontrar testemunhas fidedignas. Além disso, aquele templo de Vênus, com sua lâmpada inextinguível, longe de nos encerrar, abre um campo vantajoso para nossa argumentação. Pois a esta lâmpada inextinguível acrescentamos uma multidão de maravilhas feitas por homens, ou por magia, isto é, por homens sob a influência de demônios, ou pelos demônios diretamente, pois tais maravilhas não podemos negar sem contestar a verdade do Sagradas Escrituras que cremos. Essa lâmpada, portanto, foi ou por algum dispositivo mecânico e humano equipado com amianto, ou foi arranjado por arte mágica para que os adoradores pudessem ficar surpresos, ou algum demônio sob o nome de Vênus se manifestou tão claramente que esse prodígio começou e tornou-se permanente. Ora, os demônios são atraídos a habitar em certos templos por meio das criaturas (criaturas de Deus, não delas), que lhes apresentam o que convém aos seus vários gostos. Eles são atraídos não pela comida como os animais, mas, como os espíritos, por símbolos que combinam com seu gosto, vários tipos de pedras, madeiras, plantas, animais, canções, ritos. E para que os homens possam proporcionar essas atrações, os demônios primeiro os seduzem astutamente, seja imbuindo seus corações com um veneno secreto, ou revelando-se sob um disfarce amigável, e assim fazem alguns deles seus discípulos, que se tornam os instrutores da multidão. Pois, a menos que primeiro instruissem os homens, seria impossível saber o que cada um deles deseja, do que eles se esquivam, por qual nome devem ser invocados ou constrangidos a estar presentes. Daí a origem da magia e dos magos. Mas, acima de tudo, eles possuem o coração dos homens, e se orgulham principalmente dessa posse quando se transformam em

anjos de luz. Muitas coisas que ocorrem, portanto, são obra deles; e esses atos deles devemos evitar com mais cuidado, pois reconhecemos que são muito surpreendentes. E, no entanto, essas mesmas ações avançam meus argumentos atuais. Pois se tais maravilhas são feitas por demônios imundos, quanto mais poderosos são os santos anjos! e o que não pode fazer aquele Deus que fez os próprios anjos capazes de operar milagres!

2. Se, então, muitos efeitos podem ser produzidos pela arte humana, de um tipo tão surpreendente que os não iniciados os consideram divinos, como quando, por exemplo, em um certo templo dois ímãs foram ajustados, um no telhado, outro no o chão, de modo que uma imagem de ferro está suspensa no ar entre eles, seria de supor pelo poder da divindade, se ele ignorasse os ímãs acima e abaixo; ou, como no caso daquela lâmpada de Vênus que já mencionamos como sendo uma adaptação hábil do amianto; se, novamente, com a ajuda de magos, a quem a Escritura chama de feiticeiros e encantadores, os demônios pudessem ganhar tal poder que o nobre poeta Virgílio se considerasse justificado ao descrever um mago muito poderoso nestas linhas:

"Seus encantos podem curar as almas que ela quiser,

Roube outros corações de facilidade saudável,

Faz os rios voltarem à sua nascente,

E faça as estrelas esquecerem seu curso,

E chame fantasmas da noite:

O chão gritará 'sob seus pés:

A cinza da montanha deixará seu assento,

E desça as alturas;"—

Se assim é, quão mais poderoso é Deus para fazer aquelas coisas que para os cétricos são incríveis, mas ao Seu poder são fáceis, pois foi Ele

quem deu às pedras e a todas as outras coisas sua virtude e aos homens sua habilidade para usar eles de maneiras maravilhosas; Aquele que deu aos anjos uma natureza mais poderosa do que a de tudo o que vive na terra; Aquele cujo poder supera todas as maravilhas e cuja sabedoria em trabalhar, ordenar e permitir não é menos maravilhosa em seu governo de todas as coisas do que em sua criação de tudo!

CAPÍTULO. 7.-QUE A RAZÃO FINAL PARA ACREDITAR EM MILAGRES É A ONIPOTÊNCIA DO CRIADOR

1. Por que, então, Deus não pode efetuar tanto que os corpos dos mortos ressuscitem e que os corpos dos condenados sejam atormentados no fogo eterno - Deus, que fez o mundo cheio de incontáveis milagres no céu, terra, ar e águas, enquanto em si mesmo é um milagre inquestionavelmente maior e mais admirável do que todas as maravilhas de que está repleto? Mas aqueles com quem ou contra quem estamos discutindo, que acreditam que existe um Deus que fez o mundo e que existem deuses criados por Ele que administra as leis do mundo como Seus vice-regentes – nossos adversários, eu digo, que, longe de negar enfaticamente, afirmam que existem poderes no mundo que produzem resultados maravilhosos (seja por sua própria vontade, ou porque são invocados por algum rito ou oração, ou de alguma forma mágica), quando lhes apresentamos o maravilhoso propriedades de outras coisas que não são animais racionais nem espíritos racionais, mas objetos materiais como os que acabamos de citar, costumam responder: Esta é sua propriedade natural, sua natureza; estes são os poderes naturalmente pertencentes a eles. Assim, toda a razão pela qual o sal agrigentino se dissolve no fogo e crepita na água é que esta é a sua natureza. à água, mas ao fogo. Mas isso eles dizem, é a propriedade natural deste sal, mostrar efeitos contrários a estes. A mesma razão, portanto, é atribuída a essa fonte garamantiana, da qual um e o mesmo ralo é frio de dia e fervente à noite, de modo que em nenhum dos extremos não pode ser tocado. Assim também daquela outra fonte que, embora fria ao toque, e

embora, como outras fontes, extinga uma tocha acesa, mas, ao contrário de outras fontes, e de maneira surpreendente, acende uma tocha apagada. O mesmo acontece com a pedra de amianto, que, embora não tenha calor próprio, ainda assim, quando acendida pelo fogo aplicado a ela, não pode ser extinta. E assim, do resto, que estou cansado de recitar, e no qual, embora pareça haver uma propriedade extraordinária contrária à natureza, nenhuma outra razão lhes é dada senão esta, que esta é sua natureza – uma breve razão verdadeiramente, e, reconheço, uma resposta satisfatória. Mas como Deus é o autor de todas as naturezas, como é que nossos adversários, quando se recusam a acreditar no que afirmamos, por ser impossível, não querem aceitar de nós uma explicação melhor do que a deles, a saber, que esta é a vontade de Deus Todo-Poderoso, pois certamente Ele é chamado Todo-Poderoso somente porque Ele é poderoso para fazer tudo o que Ele quer, Ele que foi capaz de criar tantas maravilhas, não apenas desconhecidas, mas muito bem determinadas, como já vem mostrando, e quais, não estivessem sob nossa própria observação, ou relatados por testemunhas recentes e críveis, certamente seriam declarados impossíveis? Pois quanto às maravilhas que não têm outro testemunho senão os escritores em cujos livros as lemos, e que escreveram sem serem divinamente instruídos e, portanto, são passíveis de erro humano, não podemos culpar com justiça quem se recusa a acreditar nelas.

2. De minha parte, não desejo que todas as maravilhas que citei sejam aceitas precipitadamente, pois eu mesmo não acredito nelas implicitamente, exceto aquelas que vieram sob minha própria observação ou que qualquer um pode verificar prontamente, como a cal que é aquecida por água e resfriada por óleo; o ímã que por sua misteriosa e insensível sucção atrai o ferro, mas não afeta o canudo; a carne do pavão que triunfa sobre a corrupção da qual não está isenta a carne de Platão; o joio é tão frio que impede que a neve derreta, tão quente que força as maçãs a amadurecer; o fogo brilhante, que, de acordo com sua aparência brilhante, branqueia as pedras que assa, enquanto; ao contrário de sua aparência brilhante, ele suja a maioria das coisas que queima (assim como as manchas sujas são feitas pelo

óleo, por mais puro que seja, e como as linhas traçadas pela prata branca são pretas); também o carvão, que pela ação do fogo é tão completamente alterado de seu original, que um pedaço de madeira finamente marcado se torna hediondo, o duro torna-se quebradiço, o decadente incorruptível. Algumas dessas coisas eu conheço em comum com muitas outras pessoas, algumas delas em comum com todos os homens; e há muitos outros que não tenho espaço para inserir neste livro. Mas dos que citei, embora eu mesmo não tenha visto, mas apenas lido sobre eles, não consegui encontrar testemunhas fidedignas de quem pudesse verificar se são fatos, exceto no caso daquela fonte em que tochas acesas são apagadas e apagadas tochas acesas, e das maçãs de Sodoma, que estão maduras para aparecer, mas estão cheias de pó. E, de fato, não encontrei ninguém que dissesse ter visto aquela fonte no Épiro, mas alguns que sabiam que havia uma fonte semelhante na Gália, não muito longe de Grenoble. O fruto das árvores de Sodoma, no entanto, não é apenas mencionado em livros dignos de crédito, mas tantas pessoas dizem que o viram que não posso duvidar do fato. Mas o resto dos prodígios eu recebo sem afirmá-los ou negá-los definitivamente; e os citei porque os li nos autores de nossos adversários, e para provar quantas coisas muitos entre si acreditam, porque estão escritas nas obras de seus próprios literatos, embora nenhuma explicação racional seja dada. , e ainda assim eles desprezam acreditar em nós quando afirmamos que Deus Todo-Poderoso fará o que está além de sua experiência e observação; e isso eles fazem mesmo que atribuamos uma razão para Sua obra. Pois que razão melhor e mais forte para tais coisas pode ser dada do que dizer que o Todo-Poderoso é capaz de fazê-las acontecer, e as fará acontecer, tendo-as predito naqueles livros em que muitas outras maravilhas que já aconteceram foram previstos? As coisas que são consideradas impossíveis serão realizadas de acordo com a palavra e pelo poder daquele Deus que predisse e efetuou que as nações incrédulas cressem em maravilhas incríveis.

CAPÍTULO. 8.-QUE NÃO É CONTRÁRIO À NATUREZA QUE,

**EM UM OBJETO CUJA NATUREZA É CONHECIDA, DEVA
SER DESCOBERTA UMA ALTERAÇÃO DAS
PROPRIEDADES QUE FORAM CONHECIDAS COMO SUAS
PROPRIEDADES NATURAIS**

1. Mas se eles responderem que sua razão para não acreditar em nós quando dizemos que os corpos humanos sempre queimarão e nunca morrerão, é que a natureza dos corpos humanos é conhecida por ser constituída de outra forma; se eles dizem que para este milagre não podemos dar a razão que era válida no caso desses milagres naturais, a saber, que esta é a propriedade natural, a natureza da coisa – pois sabemos que esta não é a natureza da coisa. carne humana – encontramos nossa resposta nos escritos sagrados, que mesmo esta carne humana foi constituída de uma maneira antes que houvesse pecado, – foi constituída, de fato, para que não pudesse morrer – e de outra maneira depois do pecado, sendo feito tal como o vemos neste miserável estado de mortalidade, incapaz de manter uma vida duradoura. E assim na ressurreição dos mortos será constituído diferentemente de sua presente condição bem conhecida. Mas como eles não acreditam nesses nossos escritos, nos quais lemos a natureza que o homem tinha no paraíso, e quão distante ele estava da necessidade da morte – e de fato, se eles acreditassem neles, é claro que teríamos pouco problema. ao debater com eles o futuro castigo dos condenados, devemos extrair dos escritos de suas próprias autoridades mais eruditas alguns exemplos para mostrar que é possível que uma coisa se torne diferente do que anteriormente se sabia ser caracteristicamente.

2. Do livro de Marco Varrão, intitulado Da raça do povo romano, cito palavra por palavra o seguinte exemplo: "Ocorreu um notável portentoso celeste; pois Castor registra que, na brilhante estrela Vênus, Plauto e o adorável Héspero de Homero, ocorreu um prodígio tão estranho, que mudou de cor, tamanho, forma, curso, o que nunca aconteceu antes nem depois. Adrasto de Cízico e Dion de Nápoles, matemáticos famosos, disseram que isso ocorreu no reinado de Ogiges." Um autor tão grande como Varrão certamente não teria chamado isso de

presságio se não parecesse ser contrário à natureza. Pois dizemos que todos os portentos são contrários à natureza; mas não são assim. Pois como é contrário à natureza que acontece pela vontade de Deus, uma vez que a vontade de um Criador tão poderoso é certamente a natureza de cada coisa criada? Um presságio, portanto, acontece não contrário à natureza, mas contrário ao que conhecemos como natureza. Mas quem pode numerar a multidão de presságios registrados nas histórias profanas? Vamos, então, fixar nossa atenção apenas neste que diz respeito ao assunto em questão. O que há assim organizado pelo Autor da natureza do céu e da terra como o curso exatamente ordenado das estrelas? O que há estabelecido por leis tão seguras e inflexíveis? E, no entanto, quando agradou Aquele que com soberania e poder supremo regula tudo o que Ele criou, uma estrela notável entre as outras por seu tamanho e esplendor mudou sua cor, tamanho, forma e, o mais maravilhoso de tudo, a ordem e a lei da seu curso! Certamente esse fenômeno perturbou os cânones dos astrônomos, se é que havia algum então, pelo qual eles tabulam, como por computação infalível, os movimentos passados e futuros das estrelas, de modo a assumir que eles afirmam que isso que aconteceu com a manhã estrela (Vênus) nunca aconteceu antes nem depois. Mas lemos nos livros divinos que até o próprio sol parou quando um homem santo, Josué, filho de Nun, implorou isso a Deus até que a vitória terminasse a batalha que ele havia começado; e que até voltou atrás, para que a promessa de quinze anos adicionados à vida do rei Ezequias pudesse ser selada por esse prodígio adicional. Mas esses milagres, que foram concedidos aos méritos de homens santos, mesmo quando nossos adversários acreditam neles, eles atribuem às artes mágicas; então Virgílio, nas linhas que citei acima, atribui à magia o poder de

"Vire os rios de volta à sua nascente,

E faça as estrelas esquecerem seu curso."

Pois em nossos livros sagrados lemos que isso também aconteceu, que um rio "virou para trás", ficou acima enquanto a parte inferior fluía, quando o povo passou sob o líder acima mencionado, Josué, filho de Nun; e também quando o profeta Elias atravessou; e depois, quando

seu discípulo Eliseu passou por ela: e acabamos de mencionar como, no caso do rei Ezequias, a maior das "estrelas esqueceu seu curso". Mas o que aconteceu com Vênus, segundo Varrão, não foi dito por ele como tendo acontecido em resposta à oração de qualquer homem.

3. Que os cétricos não se iludam nesse conhecimento da natureza das coisas, como se o poder divino não pudesse realizar em um objeto nada além do que sua própria experiência lhes mostrou em sua natureza. Mesmo as coisas que são mais comumente conhecidas como naturais não seriam menos maravilhosas nem menos eficazes para excitar a surpresa em todos que as contemplassem, se os homens não estivessem acostumados a admirar nada além do que é raro. Pois quem observa atentamente a multidão incontável de homens e sua semelhança de natureza pode deixar de observar com surpresa e admiração a individualidade da aparência de cada homem, sugerindo-nos, como o faz, que, a menos que os homens fossem como uns aos outros, eles não ser distinguido do resto dos animais; ao passo que, a menos que, por outro lado, eles fossem diferentes, eles não poderiam ser distinguidos um do outro, de modo que aqueles a quem declaramos ser semelhantes, também achamos diferentes? E a dessemelhança é a consideração mais maravilhosa das duas; pois uma natureza comum parece exigir similitude. E, no entanto, porque a própria raridade das coisas é o que as torna maravilhosas, ficamos muito mais admirados quando somos apresentados a dois homens tão semelhantes, que sempre ou frequentemente erramos ao tentar distingui-los.

4. Mas possivelmente, embora Varrão seja um historiador pagão e muito erudito, eles podem não acreditar que o que citei dele realmente ocorreu; ou podem dizer que o exemplo é inválido, porque a estrela não continuou por algum tempo a seguir seu novo curso, mas retornou à sua órbita normal. Há, então, outro fenômeno atualmente aberto à sua observação, e que, em minha opinião, deve ser suficiente para convencê-los de que, embora tenham observado e verificado alguma lei natural, não devem por isso prescrever a Deus, como se Ele não pudesse mudar e transformá-lo em algo muito diferente do que eles

observaram. A terra de Sodoma nem sempre foi como é agora; mas uma vez teve a aparência de outras terras e gozou de fertilidade igual, se não mais rica; pois, na narrativa divina, foi comparado ao paraíso de Deus. Mas depois que foi tocado [pelo fogo] do céu, como atesta a história pagã, e como agora é testemunhado por aqueles que visitam o local, tornou-se de aparência artificial e horrivelmente fuliginosa; e suas maçãs, sob uma aparência enganosa de maturação, contêm cinzas em seu interior. Aqui está uma coisa que era de um tipo e é de outro. Você vê como sua natureza foi convertida pela maravilhosa transmutação operada pelo Criador de todas as naturezas em uma diversidade tão repugnante – uma alteração que depois de tanto tempo ocorreu, e depois de tanto tempo ainda continua. 5. Assim como não foi impossível para Deus criar as naturezas que Ele quis, também não é impossível para Ele mudar essas naturezas de Sua própria criação para o que Ele quiser, e assim espalhar uma multidão dessas maravilhas que são chamadas monstros, portentos, prodígios, fenômenos, e que, se me interessasse citar e registrar, que fim teria este trabalho? Dizem que são chamados de "monstros", porque demonstram ou significam algo; "portentos", porque eles pressagiam algo; e assim por diante. Mas que seus adivinhos vejam como eles estão enganados, ou mesmo quando eles predizem coisas verdadeiras, é porque eles são inspirados por espíritos, que pretendem enredar as mentes dos homens (dignas, de fato, de tal destino) no malhas de uma curiosidade dolorosa, ou como eles se deparam de vez em quando com alguma verdade, porque fazem tantas previsões. No entanto, de nossa parte, essas coisas que acontecem contra a natureza, e são consideradas contrárias à natureza (como o apóstolo, falando à maneira dos homens, diz que enxertar a azeitona brava na boa azeitona e participar de sua gordura, é contrário à natureza), e são chamados de monstros, fenômenos, portentos, prodígios, devem demonstrar, pressagiar, predizer que Deus fará acontecer o que Ele predisse sobre os corpos dos homens, nenhuma dificuldade impedindo-O, não lei da natureza prescrevendo-Lhe Seu limite. Como Ele predisse o que Ele deveria fazer, eu acho que já mostrei suficientemente no livro anterior, selecionando das Sagradas Escrituras, tanto do Novo como do Antigo Testamento, não, de fato,

todas as passagens que se relacionam com isso, mas tantas como julguei suficiente para este trabalho.

CAPÍTULO. 9.-DO INFERNO, E A NATUREZA DO CASTIGOS ETERNO

1. Então, o que Deus, por meio de Seu profeta, disse sobre o castigo eterno dos condenados acontecerá – sem falta acontecerá – “o seu verme não morrerá, nem o seu fogo se apagará”. Para nos impressionar com força, o próprio Senhor Jesus, ao ordenar que cortemos nossos membros, significando assim aquelas pessoas que um homem ama como os membros mais úteis de seu corpo, diz: "É melhor para ti entrar na vida aleijado, do que, tendo duas mãos, ir para o inferno, para o fogo que nunca se apagará, onde o seu verme não morre e o seu fogo não se apaga". Da mesma forma do pé: "É melhor para ti entrares coxo na vida, do que, tendo dois pés, ser lançado no inferno, no fogo que nunca se apaga, onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga". Assim, também, do olho: "É melhor para ti entrar no reino de Deus com um olho, do que, tendo dois olhos, ser lançado no fogo do inferno, onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga". Ele não se esquivou de usar as mesmas palavras três vezes em uma passagem. E quem não fica apavorado com essa repetição e com a ameaça desse castigo proferido com tanta veemência pelos lábios do próprio Senhor?

2. Agora, aqueles que referem o fogo e o verme ao espírito, e não ao corpo, afirmam que os ímpios, que estão separados do reino de Deus, serão queimados, por assim dizer, pela angústia de um espírito se arrependendo tarde demais e infrutiferamente; e eles afirmam que o fogo, portanto, não é usado inadequadamente para expressar esse tormento ardente, como quando o apóstolo exclama: "Quem se ofende, e eu não queimo?" O verme também, eles pensam, deve ser entendido da mesma forma. Pois está escrito, dizem eles: "Assim como a traça consome a roupa, e o verme, a madeira, assim a dor consome o coração do homem." sofrer, afirmar que o corpo será queimado com

fogo, enquanto a alma será, por assim dizer, roída por um verme de angústia. Embora essa visão seja mais razoável – pois é absurdo supor que tanto o corpo quanto a alma escaparão da dor no castigo futuro –, ainda assim, de minha parte, acho mais fácil entender ambos como referindo-se ao corpo do que supor que também não; e penso que a Escritura silencia sobre a dor espiritual dos condenados, porque, embora não expresso, é necessariamente entendido que em um corpo assim atormentado a alma também é torturada com um arrependimento infrutífero. Pois lemos nas antigas Escrituras: "A vingança da carne dos ímpios é fogo e vermes". Poderia ter sido dito mais brevemente: "A vingança dos ímpios". Por que, então, foi dito: "A carne do ímpio", a menos que tanto o fogo quanto o verme sejam o castigo da carne? Ou se o objetivo do escritor ao dizer: "A vingança da carne" foi indicar que este será o castigo daqueles que vivem segundo a carne (pois isso leva à segunda morte, como o apóstolo sugeriu quando disse, "Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis" 5, que cada um faça a sua própria escolha, ou designando o fogo ao corpo e o verme à alma - um figurativamente, o outro realmente - ou designando ambos realmente ao corpo, pois já compreendi suficientemente que os animais podem viver no fogo, queimando sem serem consumidos, sem morrer, por um milagre do Criador onipotente, a quem ninguém pode negar que isso é possível, se ele não for ignorante por quem foi feito tudo o que é maravilhoso em toda a natureza, pois foi o próprio Deus que operou todos esses milagres, grandes e pequenos, neste mundo que mencionei, e incomparavelmente mais que omiti, e que encerrou essas maravilhas neste mundo, ele próprio o maior milagre de todos. Que cada homem, então, escolha o que quiser, se pensa que o verme é real e pertence ao corpo, ou que as coisas espirituais são entendidas por representações corporais e que pertencem à alma. Mas qual delas é verdadeira será mais prontamente descoberta pelos próprios fatos, quando houver nos santos tal conhecimento que não requeira que sua própria experiência lhes ensine a natureza desses castigos, mas que, por sua própria plenitude e perfeição, basta para instruí-los neste assunto. Pois "agora sabemos em parte, até que venha o que é perfeito"; apenas, isto nós acreditamos sobre esses corpos futuros, que eles serão tais que certamente serão afligidos pelo fogo.

CAPÍTULO. 10.-SE O FOGO DO INFERNO, SE FOR FOGO MATERIAL, PODE QUEIMAR OS ESPÍRITOS MAUS, OU SEJA, OS DEMÔNIOS, QUE SÃO IMATERIAIS

1. Aqui surge a pergunta: Se o fogo não deve ser imaterial, análogo à dor da alma, mas material, queimando pelo contato, para que os corpos sejam atormentados nele, como podem os maus espíritos ser punidos nele? Pois é sem dúvida o mesmo fogo que deve servir para o castigo dos homens e dos demônios, de acordo com as palavras de Cristo: "Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos"; a não ser, talvez, como pensaram os sábios, que os demônios tenham uma espécie de corpo feito desse ar denso e úmido que sentimos nos atingir quando o vento sopra. E se esse tipo de substância não pudesse ser afetado pelo fogo, não poderia queimar quando aquecido nos banhos. Pois, para queimar, primeiro é queimado e afeta outras coisas como ela mesma é afetada. Mas se alguém sustenta que os demônios não têm corpo, isso não é um assunto para ser investigado laboriosamente, nem debatido com agudeza. Pois por que não podemos afirmar que mesmo espíritos imateriais podem, de alguma maneira extraordinária, ainda assim sofrerem realmente com a punição do fogo material, se os espíritos dos homens, que também são certamente imateriais, estão agora contidos em membros materiais do corpo? , e no mundo vindouro estarão indissolúvelmente unidos aos seus próprios corpos? Portanto, embora os demônios não tenham corpos, seus espíritos, isto é, os próprios demônios, serão postos em completo contato com os fogos materiais, para serem atormentados por eles; não que os próprios fogos com os quais são postos em contato sejam animados por sua conexão com esses espíritos, e se tornem animais compostos de corpo e espírito, mas, como eu disse, essa junção será efetuada de maneira maravilhosa e inefável, então para que recebam a dor do fogo, mas não lhes dêem vida. E, na verdade, esse outro modo de união, pelo qual corpos e espíritos se unem e se tornam animais, é completamente maravilhoso e além da compreensão do homem, embora seja o

homem.

2. Na verdade, eu diria que esses espíritos queimarão sem corpo próprio, como aquele homem rico estava queimando no inferno quando exclamou: "Sou atormentado nesta chama", se eu não soubesse que é dito apropriadamente em resposta, que aquela chama era da mesma natureza que os olhos que ele ergueu e fixou em Lázaro, como a língua na qual ele pediu que um pouco de água refrescante fosse derramada, ou como o dedo de Lázaro, com o qual ele pediu que isso fosse feito, - tudo o que ocorreu onde as almas existem sem corpos. Assim, portanto, tanto aquela chama em que ele queimava quanto aquela gota que ele implorava eram imateriais, e se assemelhavam às visões de pessoas adormecidas ou em êxtase, para quem objetos imateriais aparecem em forma corporal. Pois o próprio homem que está em tal estado, embora seja apenas em espírito, não em corpo, ainda se vê tão parecido com seu próprio corpo que não pode discernir qualquer diferença. Mas esse inferno, que também é chamado de lago de fogo e enxofre,² será fogo material e atormentará os corpos dos condenados, sejam homens ou demônios, os corpos sólidos de um, os corpos aéreos dos outros; ou se apenas os homens têm corpos e almas, ainda assim os espíritos malignos, embora sem corpos, estarão tão ligados aos fogos corporais que receberão dor sem transmitir vida. Um fogo certamente será o destino de ambos, pois assim a verdade declarou.

CAPÍTULO. 11.-SE É JUSTO QUE AS PUNIÇÕES DOS PECADOS DURAM MAIS DO QUE OS PRÓPRIOS PECADOS DURARAM

1. Alguns, porém, daqueles contra os quais estamos defendendo a cidade de Deus, acham injusto que qualquer homem seja condenado a um castigo eterno por pecados que, por maiores que fossem, foram cometidos em um breve espaço de tempo; como se alguma lei alguma vez regulasse a duração da pena pela duração da ofensa punida! Cícero nos diz que as leis reconhecem oito tipos de pena: danos, prisão,

flagelação, reparação, desgraça, exílio, morte, escravidão. Existe algum deles que possa ser compactado em uma brevidade proporcional ao rápido cometimento do delito, de modo que não seja mais tempo gasto em sua punição do que em sua perpetração, a menos, talvez, reparação? Pois isso exige que o ofensor sofra o que sofreu, como diz a cláusula da lei: “Olho por olho, dente por dente”. breve tempo enquanto ele privou outro de seu olho pela crueldade de sua própria ilegalidade. Mas se a flagelação é uma pena razoável para beijar a esposa de outro homem, não é culpa de um instante visitado com longas horas de expiação, e o prazer momentâneo punido com dor duradoura? O que diremos da prisão? O criminoso deve ser confinado apenas pelo tempo que passou no delito pelo qual foi cometido? ou não é uma pena de muitos anos de prisão imposta ao escravo que provocou seu senhor com uma palavra, ou lhe deu um golpe que acaba rapidamente? E quanto aos danos, desgraça, exílio, escravidão, que são comumente infligidos para não admitir relaxamento ou perdão, não se assemelham a castigos eternos na medida em que esta curta vida permite uma semelhança? Pois eles não são eternos apenas porque a vida em que são suportados não é eterna; e, no entanto, os crimes que são punidos com esses sofrimentos mais prolongados são perpetrados em um espaço de tempo muito curto. Tampouco há quem suponha que as dores da punição devam ocupar um tempo tão curto quanto a ofensa; ou que assassinato, adultério, sacrilégio ou qualquer outro crime deve ser medido, não pela enormidade do dano ou maldade, mas pelo tempo gasto em sua perpetração. Então, quanto à sentença de morte por qualquer grande crime, as leis consideram que a punição consiste no breve momento em que a morte é infligida, ou neste, em que o infrator é eternamente banido da sociedade dos vivos? E assim como o castigo da primeira morte separa os homens desta atual cidade mortal, o castigo da segunda morte separa os homens dessa futura cidade imortal. Pois, como as leis desta cidade atual não prevêm o retorno do criminoso executado a ela, também aquele que é condenado à segunda morte não é chamado novamente para a vida eterna. Mas se o pecado temporal é visitado com castigo eterno, como, então, eles dizem, é verdade o que seu Cristo diz: "Com a mesma medida com a qual você mede, será medido novamente para você?" e

não observam que "a mesma medida" se refere, não a um igual espaço de tempo, mas à retribuição do mal ou, em outras palavras, à lei pela qual aquele que fez o mal sofre o mal. Além disso, essas palavras podem ser apropriadamente entendidas como se referindo ao assunto sobre o qual nosso Senhor estava falando quando as usou, a saber, julgamentos e condenação. Assim, se aquele que julga e condena injustamente é ele próprio julgado e condenado com justiça, ele recebe "com a mesma medida", embora não a mesma coisa que deu. Para julgamento ele deu, e julgamento ele recebe, embora o julgamento que ele deu foi injusto, o julgamento que ele recebe é justo.

CAPÍTULO. 12.-DA GRANDEZA DA PRIMEIRA TRANSGRESSÃO, POR CAUSA DA QUAL O CASTIGO ETERNO É DEVIDO A TODOS OS QUE NÃO ESTÃO NA MISERICÓRDIA DA GRAÇA DO SALVADOR

1. Mas o castigo eterno parece duro e injusto para as percepções humanas, porque na fraqueza de nossa condição mortal falta aquela sabedoria mais alta e mais pura pela qual se pode perceber quão grande maldade foi cometida naquela primeira transgressão. Quanto mais prazer o homem encontrava em Deus, maior era sua maldade em abandoná-lo; e aquele que destruiu em si mesmo um bem que poderia ser eterno, tornou-se digno do mal eterno. Portanto, toda a massa da raça humana é condenada; pois aquele que primeiro deu entrada ao pecado foi punido com toda a sua posteridade que estava nele como uma raiz, de modo que ninguém está isento desse castigo justo e devido, a menos que seja entregue por misericórdia e graça imerecida; e a raça humana é tão repartida que em alguns é exibida a eficácia da graça misericordiosa, no resto a eficácia da retribuição justa. Pois ambos não poderiam ser exibidos em todos; pois se todos tivessem permanecido sob o castigo da justa condenação, não teria sido visto em ninguém a misericórdia da graça redentora. E, por outro lado, se tudo tivesse sido transferido das trevas para a luz, a severidade da retribuição não teria se manifestado em nenhum. Mas muitos mais são deixados sob punição do que dela são libertados, para que assim seja

mostrado o que era devido a todos. E se tivesse sido infligido a todos, ninguém poderia justamente criticar a justiça daquele que se vingou; ao passo que, na libertação de tantos desse justo prêmio, há motivo para render os mais cordiais agradecimentos à generosidade gratuita daquele que entrega.

CAPÍTULO. 13.-CONTRA A OPINIÃO DOS QUE PENSAM QUE AS CASTIGOS DOS ÍMPIOS APÓS A MORTE SÃO PURIFICATÓRIAS

1. Os platônicos, de fato, enquanto eles sustentam que nenhum pecado está impune, supõem que toda punição é administrada para fins remediadores, seja ela infligida por lei humana ou divina, nesta vida ou após a morte; pois um homem pode ser ileso aqui ou, embora punido, ainda não pode corrigir. Daí aquela passagem de Virgílio, onde, quando ele disse de nossos corpos terrestres e membros mortais, que nossas almas derivam –

"Daí desejos selvagens e medos rastejantes,

E risos humanos, lágrimas humanas;

Enclausurado na noite que parece uma masmorra,

Eles olham para o exterior, mas não vêem luz",

passa a dizer:

"Não, quando finalmente a vida se foi,

E deixou o corpo frio e morto,

Ee'n então não passa

A dolorosa herança do barro;

Cheio de muitas manchas de longa data

Perforce deve permanecer profundamente no grão.

Então sofrimentos penais eles suportam

Para crimes antigos, para torná-los puros;

Alguns ficam suspensos à vista,

Para que os ventos os perfurem através e através,

Enquanto outros purgam sua culpa profundamente tingida

Em fogo ardente ou maré ondulante."

Aqueles que são desta opinião teriam todas as punições após a morte para serem purgatoriais; e como os elementos ar, fogo e água são superiores à terra, um ou outro deles pode ser o instrumento de expiar e expurgar a mancha contraída pelo contágio da terra. Então Virgílio sugere o ar nas palavras: "Alguns ficam suspensos para que os ventos perfumem"; na água na "maré esmagadora"; e em chamas na expressão "em fogo ardente". De nossa parte, reconhecemos que, mesmo nesta vida, alguns castigos são purgatórios, não, de fato, para aqueles cuja vida não é melhor, mas pior para eles, mas para aqueles que são constrangidos por eles a emendar sua vida. Todas as outras punições, temporais ou eternas, infligidas a cada um pela providência divina, são enviadas por causa de pecados passados, ou de pecados atualmente permitidos na vida, ou para exercer e revelar as graças de um homem. Eles podem ser infligidos pela instrumentalidade de homens e anjos maus, bem como dos bons. Pois mesmo que alguém sofra algum dano pela maldade ou erro de outro, o homem realmente peca, cuja ignorância ou injustiça causa o dano; mas Deus, que por Seu julgamento justo, embora oculto, permite que isso seja feito, não peca. Mas os castigos temporários são sofridos por alguns apenas nesta vida, por outros após a morte, por outros agora e depois; mas todos eles antes desse último e mais estrito julgamento. Mas daqueles que sofrem castigos temporários após a morte, nem todos estão condenados às dores eternas que se seguirão a esse julgamento; para alguns, como já dissemos, o que não é remido neste mundo é remido

no próximo, ou seja, eles não são punidos com o castigo eterno do mundo vindouro.

CAPÍTULO. 14.-DAS PUNÇÕES TEMPORÁRIAS DESTA VIDA A QUE A CONDIÇÃO HUMANA ESTÁ SUJEITA

1. Excepcionais são aqueles que não são punidos nesta vida, mas somente depois. No entanto, que houve alguns que atingiram a decrepitude da idade sem experimentar a menor doença, e que desfrutaram ininterruptamente da vida, eu sei tanto por relato quanto por minha própria observação. No entanto, a própria vida que nós mortais levamos é em si toda punição, pois tudo é tentação, como declaram as Escrituras, onde está escrito: "Não é a vida do homem sobre a terra uma tentação?" Pois a própria ignorância não é um castigo leve, ou falta de cultura, da qual se julga tão necessário escapar com justiça, que os meninos são compelidos, sob pena de punição severa, a aprender ofícios ou letras; e o aprendizado a que são levados pelo castigo é em si um castigo tão grande para eles, que às vezes preferem a dor que os impulsiona à dor a que são levados por ela. E quem não se esquivaria da alternativa e escolheria morrer, se lhe fosse proposto sofrer a morte ou ser novamente uma criança? Nossa infância, de fato, apresentando-nos a esta vida não com risos, mas com lágrimas, parece predizer inconscientemente os males que encontraremos. . Pois se diz que ele foi o inventor das artes mágicas, embora, de fato, elas fossem incapazes de garantir a ele mesmo a pobre felicidade desta vida presente contra os ataques de seus inimigos. Pois, ele próprio rei dos bactrianos, foi conquistado por Ninus, rei dos assírios. Em suma, as palavras das Escrituras: "Um jugo pesado está sobre os filhos de Adão, desde o dia em que saem do ventre de sua mãe até o dia em que voltam à mãe de todas as coisas" - essas palavras tão infalivelmente encontram cumprimento, que mesmo os pequeninos, que pela camada da regeneração foram libertados do vínculo do pecado original em que foram mantidos, ainda sofrem muitos males e, em alguns casos, são expostos aos ataques de espíritos malignos. Mas não suponhamos nem por um

momento que esse sofrimento seja prejudicial à sua felicidade futura, embora tenha aumentado a ponto de separar a alma do corpo e terminar sua vida naquela idade precoce.

**CAPÍTULO. 15.-QUE TUDO O QUE A GRAÇA DE DEUS FAZ
NO CAMINHO DE NOS RESGATAR DOS MALES
INVETERADOS EM QUE NOS AFUNDAMOS, PERTENCE AO
MUNDO FUTURO, EM QUE TODAS AS COISAS SE FAZEM
NOVAS**

1. No entanto, no "jugo pesado que é colocado sobre os filhos de Adão, desde o dia em que saem do ventre de sua mãe até o dia em que voltam à mãe de todas as coisas", encontra-se um admirável, embora doloroso, monitor ensinando-nos a ser sóbrios e convencendo-nos de que esta vida se tornou penal por causa daquela maldade ultrajante que foi perpetrada no Paraíso, e que tudo o que o Novo Testamento convida pertence a essa herança futura que nos espera no mundo por vir, e é oferecido para nossa aceitação, como o penhor de que podemos, em seu devido tempo, obter aquilo de que é o penhor. Agora, portanto, andemos na esperança, e mortifiquemos pelo espírito as obras da carne, e assim progredamos dia após dia. Pois "o Senhor conhece os que são Seus"; e "todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus",² mas por graça, não por natureza. Pois há apenas um Filho de Deus por natureza, que em Sua compaixão se tornou Filho do homem por nossa causa, para que nós, por natureza filhos dos homens, pudéssemos pela graça nos tornarmos por Ele filhos de Deus. Pois Ele, permanecendo imutável, tomou sobre Si nossa natureza, para que assim pudesse nos levar para Si mesmo; e, mantendo firme Sua própria divindade, Ele se tornou participante de nossa enfermidade, para que, sendo transformados em algo melhor, pudéssemos, participando de Sua justiça e imortalidade, perder nossas próprias propriedades de pecado e mortalidade, e preservar qualquer boa qualidade que Ele havia implantado em nossa natureza, aperfeiçoado agora pela participação na bondade de Sua natureza. Pois como pelo pecado de um homem caímos em uma miséria tão

deplorável, assim pela justiça de um homem, que também é Deus, chegaremos a uma bem-aventurança inconcebivelmente exaltada. Ninguém deve confiar que passou de um homem para outro até que tenha alcançado aquele lugar onde não há tentação e tenha entrado na paz que ele busca nos muitos e vários conflitos desta guerra, em que "a carne milita contra o espírito, e o espírito contra a carne". Ora, uma guerra como esta não teria existido, se a natureza humana tivesse, no exercício do livre arbítrio, continuado firme na retidão em que foi criada. Mas agora em sua miséria faz guerra a si mesmo, porque em sua bem-aventurança não continuaria em paz com Deus; e isso, embora seja uma calamidade miserável, é melhor do que os estágios anteriores desta vida, que não reconhecem que uma guerra deve ser mantida. Pois melhor é lutar com vícios do que sem conflito ser subjugado por eles. Melhor, eu digo, é a guerra com a esperança de paz eterna do que o cativeiro sem qualquer pensamento de libertação. Ansiamos, de fato, pela cessação desta guerra e, acesos pela chama do amor divino, ardemos para entrar naquela paz bem ordenada em que tudo o que é inferior está para sempre subordinado ao que está acima. Mas se (o que Deus proíbe) não houvesse esperança de uma consumação tão abençoada, ainda teríamos preferido suportar a dureza desse conflito, em vez de, por nossa não resistência, nos render ao domínio do vício.

CAPÍTULO. 16.-AS LEIS DA GRAÇA, QUE SE ESTENDEM A TODAS AS ÉPOCAS DA VIDA DO REGENERADO

1. Mas tal é a misericórdia de Deus para com os vasos de misericórdia que Ele preparou para a glória, que mesmo a primeira idade do homem, isto é, a infância, que se submete sem qualquer resistência à carne, e a segunda idade, que é chamada de meninice, e que ainda não tem entendimento suficiente para empreender esta guerra e, portanto, cede a quase todos os prazeres viciosos (porque embora esta idade tenha o poder da fala e possa, portanto, parecer ter passado da infância, a mente ainda é fraca demais para compreender o mandamento), mas se qualquer uma dessas eras recebeu os

sacramentos do Mediador, então, embora a vida presente seja imediatamente terminada, o menino, tendo sido trasladado do poder das trevas para o reino de Cristo, não serão salvos dos castigos eternos, mas não sofrerão nem mesmo os tormentos do purgatório após a morte. Pois a regeneração espiritual por si mesma é suficiente para prevenir quaisquer más conseqüências resultantes da morte da conexão com a morte que a geração carnal forma. sobre vícios, e travar esta guerra intensamente, para que não sejamos desembarcados em pecados condenáveis. E se os vícios não ganharam força, pela vitória habitual eles são mais facilmente superados e subjugados; mas se eles foram usados para conquistar e governar, é apenas com dificuldade e trabalho que eles são dominados. E, de fato, essa vitória não pode ser conquistada de maneira sincera e verdadeira, a não ser pelo deleite na verdadeira justiça, e é a fé em Cristo que dá isso. Pois se a lei está presente com seu mandamento, e o Espírito está ausente com Sua ajuda, a presença da proibição serve apenas para aumentar o desejo de pecar e acrescenta a culpa da transgressão. Às vezes, de fato, vícios patentes são superados por outros vícios ocultos, que são virtudes reconhecidas, embora o orgulho e uma espécie de autossuficiência ruínosa sejam seus princípios informantes. Assim, os vícios só devem ser considerados vencidos quando são vencidos pelo amor de Deus, que só Deus dá, e que Ele dá somente por meio do Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que se tornou participante de nossa mortalidade. para que Ele possa nos tornar participantes de Sua divindade. Mas, de fato, poucos são aqueles que são tão felizes a ponto de terem passado a juventude sem cometer nenhum pecado condenável, seja por conduta dissoluta ou violenta, ou seguindo algumas opiniões ímpias e ilícitas, mas subjugaram por sua grandeza de alma tudo o que poderia torná-los escravos dos prazeres carnis. O maior número, tendo-se tornado primeiro transgressores da lei que receberam, e tendo permitido que o vício tenha ascendência neles, então foge para a graça em busca de ajuda, e assim, por uma penitência mais amarga e uma luta mais violenta do que seria caso contrário, eles subjugam a alma a Deus e, assim, dão a ela sua autoridade legal sobre a carne e se tornam vitoriosos. Quem, portanto, deseja escapar do castigo eterno, não apenas seja batizado, mas

também justificado em Cristo, e assim, em verdade, passe do diabo para Cristo. E que ele não imagine que existem dores do purgatório, exceto antes desse julgamento final e terrível. Não devemos, no entanto, negar que mesmo o fogo eterno será proporcional aos desertos dos ímpios, de modo que para alguns será mais, e para outros menos doloroso, se esse resultado for alcançado por uma variação na temperatura do próprio fogo, graduado de acordo com o mérito de cada um, ou se o calor permanece o mesmo, mas que todos não o sentem com igual intensidade de tormento.

CAPÍTULO. 17.-DAQUELES QUE DESEJAM QUE NENHUM HOMEM SEJA PUNIDO ETERNAMENTE

1. Devo agora, vejo, entrar nas listas de controvérsia amigável com aqueles cristãos de coração terno que se recusam a acreditar que qualquer um, ou que todos aqueles a quem o juiz infalivelmente justo possa declarar dignos do castigo do inferno, sofrerão eternamente, e que supõem que serão entregues após um prazo fixo de punição, mais longo ou mais curto de acordo com a quantidade de pecado de cada homem. A respeito deste assunto, Orígenes foi ainda mais indulgente; pois ele acreditava que mesmo o próprio diabo e seus anjos, depois de sofrer aquelas dores mais severas e prolongadas que seus pecados mereciam, deveriam ser libertados de seus tormentos e associados aos santos anjos. Mas a Igreja, não sem razão, o condenou por este e outros erros, especialmente por sua teoria da incessante alternância de felicidade e miséria, e as intermináveis transições de um estado para outro em períodos fixos de eras; pois nesta teoria ele perdeu até mesmo o crédito de ser misericordioso, distribuindo aos santos misérias reais para a expiação de seus pecados e falsa felicidade, que não lhes trouxe alegria verdadeira e segura, isto é, nenhuma garantia destemida da bem-aventurança eterna. Muito diferente, porém, é o erro de que falamos, que é ditado pela ternura desses cristãos que supõem que os sofrimentos dos condenados no julgamento serão temporários, enquanto a bem-aventurança de todos os que mais cedo ou mais tarde são libertados será eterno. Qual opinião, se for boa e

verdadeira porque é misericordiosa, será tanto melhor e mais verdadeira quanto mais misericordiosa for. Que, então, esta fonte de misericórdia seja estendida e flua até para os anjos perdidos, e que eles também sejam libertados, pelo menos depois de tantas e longas eras quanto parecerem convenientes! Por que esse fluxo de misericórdia flui para toda a raça humana e seca assim que atinge o angélico? E, no entanto, eles não ousam estender sua piedade ainda mais e propor a libertação do próprio diabo. Ou, se alguém se atreve a fazê-lo, de fato envergonha a caridade deles, mas é ele próprio condenado por um erro que é mais feio, e uma torção da verdade de Deus que é mais perversa, na medida em que sua clemência de sentimento parece ser maior.

CAPÍTULO. 18.-DAQUELES QUE SE IMAGINAM QUE, POR CAUSA DA INTERCESSÃO DOS SANTOS, NENHUM HOMEM SERÁ CONDENADO NO JUÍZO FINAL

1. Há outros, novamente, com cujas opiniões me familiarizei em conversas, que, embora pareçam reverenciar as Sagradas Escrituras, são ainda de vida repreensível e que, portanto, em seu próprio interesse, atribuem a Deus uma ainda maior compaixão para com os homens. Pois eles reconhecem que está verdadeiramente predito na palavra divina que os ímpios e incrédulos são dignos de punição, mas afirmam que, quando o julgamento vier, a misericórdia prevalecerá. Pois, dizem eles, Deus, tendo compaixão deles, os entregará às orações e intercessões de Seus santos. Pois se os santos costumavam orar por eles quando sofriam de seu ódio cruel, quanto mais o farão quando os virem suplicantes prostrados e humildes? Pois não podemos, dizem eles, acreditar que os santos perderão suas entranhas de compaixão quando alcançarem a mais perfeita e completa santidade; para que aqueles que, quando ainda pecadores, oravam por seus inimigos, agora, quando estão livres do pecado, se abstenham de interceder por seus suplicantes. Ou Deus se recusará a ouvir tantos de Seus filhos amados, quando sua santidade purgou suas orações de todo impedimento para que Ele as respondesse? E a passagem do salmo

que é citada por aqueles que admitem que os ímpios e os infiéis serão punidos por muito tempo, embora no final sejam libertados de todos os sofrimentos, também é reivindicado pelas pessoas de quem estamos falando como fazendo muito mais para eles. O versículo diz: "Esquecer-se-á Deus de ser misericordioso? Porventura calará com ira as suas ternas misericórdias?" Sua raiva, dizem eles, condenaria todos os que não são dignos de felicidade eterna ao castigo sem fim. Mas se Ele permitir que eles sejam punidos por um longo tempo, ou até mesmo, Ele não deve calar Suas ternas misericórdias, o que o salmista implica que Ele não fará? Pois ele não diz: Ele com ira calará Suas ternas misericórdias por um longo período? mas ele implica que Ele não os calará de forma alguma.

2. E eles negam que assim a ameaça de julgamento de Deus seja provada como falsa, embora Ele não condene nenhum homem, mais do que podemos dizer que Sua ameaça de derrubar Nínive era falsa, embora a destruição que foi absolutamente predita não tenha sido realizada. Pois Ele não disse: "Nínive será subvertida se eles não se arrependerem e corrigirem seus caminhos", mas sem qualquer condição Ele predisse que a cidade deveria ser derrubada. E essa previsão, eles sustentam, era verdadeira porque Deus previu o castigo que eles mereciam, embora Ele não o infligisse. Pois embora Ele os poupou em seu arrependimento, ainda assim Ele certamente estava ciente de que eles se arrependeriam e, não obstante, predisse absoluta e definitivamente que a cidade deveria ser derrubada. Isso era verdade, dizem eles, na verdade da severidade, porque eram dignos disso; mas em relação à compaixão que refreou Sua ira, de modo que Ele poupou os suplicantes do castigo com que havia ameaçado os rebeldes, não era verdade. Se, então, Ele poupou aqueles a quem Seu próprio santo profeta foi provocado por Ele poupar, quanto mais Ele poupará aqueles suplicantes mais miseráveis por quem todos os Seus santos intercederão? E eles supõem que essa conjectura deles não é sugerida nas Escrituras, para estimular muitos à reforma da vida por medo de sofrimentos muito prolongados ou eternos, e para estimular outros a orar por aqueles que não se reformaram. No entanto, eles pensam que os oráculos divinos não são totalmente silenciosos sobre

este ponto; pois perguntam com que propósito se diz: "Quão grande é a Tua bondade que escondeste para os que Te temem", se não for para nos ensinar que a grande e oculta doçura da misericórdia de Deus está oculta para que os homens possam medo? Com o mesmo propósito, eles pensam que o apóstolo disse: "Porque Deus concluiu todos os homens na incredulidade, para se compadecer de todos",³ significando que ninguém deve ser condenado por Deus. E, no entanto, aqueles que sustentam essa opinião não a estendem à absolvição ou libertação do diabo e seus anjos. Sua ternura humana é movida apenas para os homens, e eles defendem principalmente sua própria causa, mantendo falsas esperanças de impunidade para suas próprias vidas depravadas por meio dessa quase compaixão de Deus para toda a raça. Conseqüentemente, aqueles que prometem essa impunidade até mesmo ao príncipe dos demônios e seus satélites fazem uma exibição ainda mais completa da misericórdia de Deus.

CAPÍTULO. 19.-DAQUELES QUE PROMETEM IMPUNIDADE DE TODOS OS PECADOS MESMO AOS HEREGES, EM VIRTUDE DE SUA PARTICIPAÇÃO NO CORPO DE CRISTO

1. Assim, também, há outros que prometem esta libertação do castigo eterno, não, de fato, para todos os homens, mas apenas para aqueles que foram lavados no batismo cristão, e que se tornam participantes do corpo de Cristo, não importa quão viveram, ou em que heresia ou impiedade caíram. Eles fundamentam essa opinião no que Jesus disse: "Este é o pão que desceu do céu, para que, se alguém dele comer, não morrerá. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, viverá para sempre". Portanto, dizem eles, segue-se que essas pessoas devem ser libertadas da morte eterna e, em um momento ou outro, serem introduzidas na vida eterna.

CAPÍTULO. 20.-DAQUELES QUE PROMETEM ESTA INDULGÊNCIA NÃO A TODOS, MAS SOMENTE ÀQUELES QUE FORAM BATIZADOS COMO CATÓLICOS, EMBORA

DEPOIS TENHAM COMETIDO MUITOS CRIMES E HERESIAS

1. Há ainda outros que fazem esta promessa nem mesmo a todos os que receberam os sacramentos do batismo de Cristo e do seu corpo, mas apenas aos católicos, por mais mal que tenham vivido. Pois estes comeram o corpo de Cristo, não apenas sacramentalmente, mas realmente, sendo incorporados em Seu corpo, como diz o apóstolo: "Nós, sendo muitos, somos um pão, um corpo"; de modo que, embora depois tenham caído em alguma heresia, ou mesmo em paganismo e idolatria, ainda em virtude de uma coisa, eles receberam o batismo de Cristo e comeram o corpo de Cristo, no corpo de Cristo, isto é, na Igreja Católica, eles não morrerão eternamente, mas em um momento ou outro obterão a vida eterna; e toda essa maldade deles não servirá para tornar seu castigo eterno, mas apenas proporcionalmente longo e severo.

CAPÍTULO. 21.-DE QUEM ASSEGURA QUE TODOS OS CATÓLICOS QUE CONTINUAM NA FÉ, MESMO QUE PELA DEPRAVAÇÃO DE SUAS VIDAS MERECEM O FOGO DO INFERNO, SERÃO SALVOS POR CONTA DO "FUNDAMENTO" DE SUA FÉ

1. Há alguns, também, que encontraram na expressão das Escrituras: "Aquele que perseverar até o fim será salvo", e que prometem salvação apenas para aqueles que continuam na Igreja católica; e embora tais pessoas tenham vivido mal, ainda assim, dizem eles, serão salvas como pelo fogo em virtude do fundamento do qual o apóstolo diz: "Porque ninguém pôs outro fundamento, além do que já foi posto, que é Cristo Jesus. Ora, se alguém edificar sobre este fundamento ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um será manifestada; porque o dia do Senhor a declarará, porque será revelada pelo fogo; e a obra de cada um Se a obra de alguém perdurar, a obra que sobre ela edificou, será recompensada; mas, se a obra de alguém se queimar, sofrerá perda; mas o tal será salvo; assim como pelo

fogo.”² Eles dizem, portanto, que o cristão católico, não importa qual seja sua vida, tem Cristo como seu fundamento, enquanto este fundamento não é possuído por nenhuma heresia que seja separada da unidade de Seu corpo. E, portanto, em virtude deste fundamento, ainda que o cristão católico pela inconsistência de sua vida tenha sido como quem constrói madeira, feno, palha, sobre ela, eles acreditam que ele será salvo pelo fogo, em outras palavras, que ele será libertado depois de provar a dor daquele fogo ao qual os ímpios serão condenados no julgamento final.

CAPÍTULO. 22.-DOS QUE IMAGINAM, QUE OS PECADOS QUE ESTÃO ENVOLVIDOS, SERÃO ABSOLVIDOS COM A CARIDADE E NÃO SERÃO ACUSADOS NO DIA DO JULGAMENTO.

1. Eu também encontrei alguns que são de opinião que somente aqueles que negligenciam cobrir seus pecados com esmolas serão punidos no fogo eterno; e eles citam as palavras do Apóstolo Tiago: "Aquele que não mostrou misericórdia terá julgamento sem misericórdia." Portanto, dizem eles, aquele que não alterou seus caminhos, mas ainda misturou suas ações perversas e perversas com obras de misericórdia, receberá misericórdia no julgamento, para que ele escape completamente da condenação ou seja libertado de sua condenação. depois de algum tempo mais curto ou mais longo. Eles supõem que esta foi a razão pela qual o próprio Juiz de vivos e mortos recusou-se a mencionar qualquer outra coisa além de obras de misericórdia feitas ou omitidas, ao conceder aos que estavam à Sua mão direita a vida eterna e aos que estavam à Sua esquerda o castigo eterno. o mesmo propósito, dizem eles, é a petição diária que fazemos na oração do Senhor: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores". Pois, sem dúvida, quem perdoa a pessoa que o prejudicou faz uma ação de caridade. E isso foi tão altamente elogiado pelo próprio Senhor, que Ele diz: "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará; mas, se não perdoardes aos homens as suas ofensas,

também vosso Pai não perdoará vossas ofensas. "6 E assim é a este tipo de esmolas que o dito do apóstolo Tiago se refere: "Ele terá julgamento sem misericórdia, que não mostrou misericórdia." E nosso Senhor, eles dizem, não fez distinção entre grandes e pequenos pecados, mas "Seu Pai perdoará seus pecados, se você perdoar os homens deles". Conseqüentemente, eles concluem que, embora um homem tenha levado uma vida abandonada até o último dia, ainda assim, quaisquer que tenham sido seus pecados, todos eles são remidos em virtude desta oração diária, se ele estiver atento a atender a isso. uma coisa, que quando aqueles que lhe fizeram algum dano lhe pedirem perdão, ele os perdoe de coração.

Quando, com a ajuda de Deus, eu tiver respondido a todos esses erros, concluirei este livro (vigésimo primeiro).

CAPÍTULO. 23.-CONTRA AQUELES QUE SÃO DE OPINIÃO QUE NEM O CASTIGO DO DIABO NEM DOS HOMENS MAUS (ÍMPIOS) SERÁ ETERNO

1. Antes de mais nada, cabe-nos indagar e reconhecer por que a Igreja não foi capaz de tolerar a idéia que promete purificação ou indulgência ao demônio mesmo após o mais severo e prolongado castigo. Pois tantos homens santos, imbuídos do espírito do Antigo e do Novo Testamento, não ressentiram com os anjos de qualquer categoria ou caráter que eles pudessem desfrutar da bem-aventurança do reino celestial depois de serem purificados pelo sofrimento, mas perceberam que poderiam não invalidar nem evacuar a sentença divina que o Senhor predisse que pronunciará no julgamento, dizendo: "Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos". Pois aqui é evidente que o diabo e seus anjos queimarão no fogo eterno. E há também aquela declaração no Apocalipse: "O diabo, seu enganador, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde também estão a besta e o falso profeta. E serão atormentados dia e noite para sempre." Na primeira passagem, "eterno" é usado, no último "para sempre"; e com essas palavras a Escritura costuma

significar nada mais do que duração infinita. E, portanto, nenhuma outra razão, nenhuma razão mais óbvia e justa, pode ser encontrada para sustentar como a crença fixa e imóvel da mais verdadeira piedade, que o diabo e seus anjos nunca retornarão à justiça e à vida dos santos, do que essa A Escritura, que a ninguém engana, diz que Deus não os poupou, e que eles foram condenados de antemão por Ele, e lançados nas prisões das trevas no inferno,² sendo reservados para o juízo do último dia, quando o fogo eterno os receberá, em que eles serão atormentados mundo sem fim. E se assim for, como se pode acreditar que todos os homens, ou mesmo alguns, serão retirados da resistência do castigo depois de algum tempo ter sido gasto nele? como acreditar nisso sem enfraquecer nossa fé no castigo eterno dos demônios? Pois se todos ou alguns daqueles a quem for dito: "Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos", não devem estar sempre nesse fogo, então que razão há para isso? acreditando que o diabo e seus anjos sempre estarão lá? Ou talvez a sentença de Deus, que deve ser pronunciada tanto sobre homens maus como sobre anjos, seja verdadeira no caso dos anjos, falsa no caso dos homens? Claramente será assim se as conjecturas dos homens pesarem mais do que a palavra de Deus. Mas porque isso é absurdo, aqueles que desejam se livrar do castigo eterno devem abster-se de argumentar contra Deus, e antes, enquanto ainda há oportunidade, obedecer aos mandamentos divinos. Então, que fantasia é supor que o castigo eterno significa um longo e contínuo castigo, enquanto a vida eterna significa vida sem fim, uma vez que Cristo na mesma passagem falou de ambos em termos semelhantes em uma mesma frase: "Estes irão embora para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna!"⁴ Se ambos os destinos são "eternos", então devemos entender ambos como duradouros, mas finalmente terminando, ou ambos como infinitos. Pois eles são correlativos – por um lado, castigo eterno, por outro lado, vida eterna. E dizer no mesmo sentido, a vida eterna será sem fim, o castigo eterno chegará ao fim, é o cúmulo do absurdo. Portanto, como a vida eterna dos santos será sem fim, também o castigo eterno daqueles que estão condenados a ela não terá fim.

CAPÍTULO. 24.- CONTRA AQUELES QUE IMAGINAM QUE, NO JULGAMENTO DE DEUS, TODOS OS ACUSADOS SERÃO POUPADOS EM VIRTUDE DAS ORAÇÕES DOS SANTOS

1. E este raciocínio é igualmente conclusivo contra aqueles que, em seu próprio interesse, mas sob o pretexto de uma maior ternura de espírito, tentam invalidar as palavras de Deus, e que afirmam que essas palavras são verdadeiras, não porque os homens sofrerão aquelas coisas que são ameaçadas por Deus, mas porque elas merecem sofrer. Pois Deus, eles dizem, os entregará às orações de Seus santos, que então orarão com mais fervor por seus inimigos, pois serão mais perfeitos em santidade, e cujas orações serão mais eficazes e mais dignas da vontade de Deus. ouvido, porque agora purificado de todo pecado. Por que, então, se naquela santidade aperfeiçoada suas orações são tão puras e de todo proveito, eles não as usarão em favor dos anjos para quem o fogo eterno está preparado, para que Deus possa mitigar Sua sentença e alterá-la, e libertá-los de aquele fogo? Ou haverá, talvez, alguém forte o suficiente para afirmar que mesmo os santos anjos farão causa comum com os homens santos (então se tornarão iguais aos anjos de Deus) e intercederão pelos culpados, tanto homens quanto anjos, para que a misericórdia possa poupá-los da punição que a verdade declarou que eles merecem? Mas isso foi afirmado por ninguém são na fé nem será. Caso contrário, não há razão para que a Igreja não deva orar pelo diabo e seus anjos, já que Deus, seu Mestre, ordenou que ela orasse por seus inimigos. A razão, então, que impede a Igreja de orar agora pelos anjos maus, que ela sabe serem seus inimigos, é a mesma razão que a impedirá, embora aperfeiçoada em santidade, de orar no juízo final por aqueles homens que estão ser castigado no fogo eterno. Atualmente ela ora por seus inimigos entre os homens, porque eles ainda têm oportunidade de arrependimento frutífero. Pois o que ela implora especialmente por eles, senão que “Deus lhes conceda arrependimento”, como diz o apóstolo, “para que voltem à sobriedade do laço do diabo, pelo qual são mantidos cativos segundo a sua vontade?” Mas se a Igreja fosse

certificada quem são aqueles que, embora ainda permaneçam nesta vida, ainda estão predestinados a ir com o diabo para o fogo eterno, então por eles ela não poderia orar mais do que por ele. Mas como ela não tem essa certeza em relação a nenhum homem, ela reza por todos os seus inimigos que ainda vivem neste mundo; e, no entanto, ela não é ouvida em nome de todos. Mas ela é ouvida apenas no caso daqueles que, embora se oponham à Igreja, ainda estão predestinados a se tornarem seus filhos por sua intercessão. Mas se alguém conserva um coração impenitente até a morte, e não se converte de inimigos em filhos, a Igreja continua a orar por eles, pelos espíritos, ou seja, de tais pessoas falecidas? E por que ela deixa de orar por eles, a menos que o homem que não foi trasladado para o reino de Cristo enquanto estava no corpo, agora é julgado como seguidor de Satanás?

2. É então, eu digo, a mesma razão que impede a Igreja de orar a qualquer momento pelos anjos maus, que a impede de orar por aqueles homens que serão punidos no fogo eterno; e esta também é a razão pela qual, embora ela ore mesmo pelos ímpios enquanto eles viverem, ela ainda não ora neste mundo pelos incrédulos e ímpios que estão mortos. Para alguns dos mortos, de fato, a oração da Igreja ou de pessoas piedosas é ouvida; mas é para aqueles que, tendo sido regenerados em Cristo, não passaram a vida tão perversamente que possam ser julgados indignos de tal compaixão, nem tão bem que possam ser considerados como não necessitando dela. Como também, depois da ressurreição, haverá alguns dos mortos a quem, depois de terem suportado as dores próprias dos espíritos dos mortos, a misericórdia será concedida e a absolvição do castigo do fogo eterno. Pois se não houvesse alguns cujos pecados, embora não remidos nesta vida, fossem remidos na vida futura, não poderia ser verdadeiramente dito: "Eles não serão perdoados, nem neste mundo, nem no que há de 2 Mas quando o Juiz dos vivos e dos mortos disser: "Vinde, benditos de meu Pai, herdai o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo", e aos que estão do outro lado: "Afastem-se de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e seus anjos", e "Estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna", seria excessivamente presunçoso dizer que o castigo de qualquer um

dos aqueles que Deus disse que irão para o castigo eterno não serão eternos, e assim trazer desespero ou dúvida sobre a promessa correspondente de vida eterna.

3. Que nenhum homem então entenda as palavras do salmista: "Será que Deus se esquecerá de ser misericordioso? Ele calará em sua ira Suas ternas misericórdias", como se a sentença de Deus fosse verdadeira para homens bons, falsa para homens maus, ou verdadeiro de homens bons e anjos maus, mas falso de homens maus. Pois as palavras do salmista se referem aos vasos de misericórdia e aos filhos da promessa, dos quais o próprio profeta era um; pois quando ele disse: "Será que Deus se esquecerá de ser misericordioso? Ele calará em Sua ira Suas ternas misericórdias?" e então imediatamente acrescenta: "E eu disse: Agora eu começo: esta é a mudança operada pela destra do Altíssimo",⁵ ele manifestamente explicou o que queria dizer com as palavras: "Porventura calará ele na sua ira o seu terno misericórdias?" Pois a ira de Deus é esta vida mortal, na qual o homem se assemelha à vaidade, e seus dias passam como uma sombra. No entanto, nesta ira Deus não se esquece de ser misericordioso, fazendo com que Seu sol brilhe e Sua chuva desça sobre justos e injustos; fala nas palavras: "Agora eu começo: esta mudança é da mão direita do Altíssimo"; pois Ele muda para melhor os vasos de misericórdia, mesmo enquanto eles ainda estão nesta vida miserável, que é a ira de Deus, e mesmo enquanto Sua ira está se manifestando nesta corrupção miserável; pois "na Sua ira Ele não fecha as Suas ternas misericórdias". E como a verdade deste cântico divino é bastante satisfeita por esta aplicação dele, não há necessidade de dar-lhe uma referência àquele lugar em que aqueles que não pertencem à cidade de Deus são punidos no fogo eterno. Mas se alguém persistir em estender sua aplicação aos tormentos dos ímpios, que pelo menos entendam, para que a ira de Deus, que ameaçou os ímpios com o castigo eterno, permaneça, mas seja misturada com misericórdia até o ponto de aliviando os tormentos que poderiam ser justamente infligidos; para que os ímpios não escapem totalmente, nem sofram por um tempo essas dores ameaçadas, mas que sejam menos severos e mais suportáveis do que merecem. Assim a ira de Deus continuará e, ao

mesmo tempo, Ele não calará nesta ira Suas ternas misericórdias. Mas mesmo essa hipótese não devo afirmar porque não me oponho positivamente.

4. Quanto àqueles que encontram uma ameaça vazia em vez de uma verdade em passagens como estas: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno"; e "Estes irão para o castigo eterno"; e "Eles serão atormentados para todo o sempre"; 2 e "Seu verme não morrerá, e seu fogo não se apagará", - tais pessoas, eu digo, são mais enfática e abundantemente refutadas, não por mim tanto quanto pela própria Escritura divina. Pois os homens de Nínive se arrependeram nesta vida e, portanto, seu arrependimento foi frutífero, pois eles semearam naquele campo que o Senhor quis que fosse semeado com lágrimas para que depois fosse colhido com alegria. E, no entanto, quem negará que a previsão de Deus foi cumprida no caso deles, se pelo menos ele observar que Deus destrói os pecadores não apenas com raiva, mas também com compaixão? Pois os pecadores são destruídos de duas maneiras: ou, como os sodomitas, os próprios homens são punidos por seus pecados, ou, como os ninivitas, os pecados dos homens são destruídos pelo arrependimento. A previsão de Deus, portanto, foi cumprida – a ímpia Nínive foi derrubada e uma boa Nínive foi construída. Pois suas paredes e casas permaneceram de pé; a cidade foi derrubada em suas maneiras depravadas. E assim, embora o profeta tenha sido provocado que a destruição que os habitantes temiam, por causa de sua previsão, não ocorreu, ainda assim aconteceu o que a presciência de Deus havia predito, pois Aquele que predisse a destruição sabia como ela deveria ser cumprida em um sentido menos calamitoso.

5. Mas para que essas pessoas perversamente compassivas possam ver qual é o significado dessas palavras: "Quão grande é a abundância da tua doçura, Senhor, que escondeste para os que te temem". deixe-os ler o que se segue: "E tu o aperfeiçoaste para os que esperam em ti." Pois o que significa, "tu escondeste para os que te temem", "tu aperfeiçoaste para os que esperam em ti", a não ser que, para aqueles que, por temor do castigo, procuram estabelecer pela lei a sua própria

justiça, a justiça de Deus não é doce, porque a ignoram? Eles não a provaram, porque esperam em si mesmos, não em Ele e, portanto, a doçura abundante de Deus está escondida deles. Eles temem a Deus, de fato, mas é com aquele temor servil "que não está no amor; porque o perfeito amor lança fora o medo." 5 Portanto, aos que nele esperam, ele aperfeiçoa a sua doçura, inspirando-os com o seu próprio amor, para que com um santo temor, que o amor não lança fora, mas que dura para sempre, quando eles se gloriam, gloria-se no Senhor. Pois a justiça de Deus é Cristo, "que é de Deus feito para nós", como o apóstolo diz, "sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção: como está escrito, Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor." Esta justiça de Deus, que é o dom da graça sem méritos, não é conhecida por aqueles que vão estabelecer sua própria justiça e, portanto, não estão sujeitos à justiça de Deus. , que é Cristo.⁷ Mas é nesta justiça que encontramos a grande abundância da doçura de Deus, da qual o salmo diz: "Provai e vede quão doce é o Senhor." esta nossa peregrinação. Temos fome e sede dela agora, para que no futuro possamos ser saciados com isso quando O vemos como Ele é, e se cumpre o que está escrito: "Ficarei satisfeito quando a Tua glória se manifestar". . Mas se Deus oculta Sua doçura daqueles que O temem no sentido que esses nossos opositores imaginam, para que a ignorância dos homens de Seu propósito de misericórdia para com os ímpios possa levá-los a temê-Lo e viver melhor, e para que haja oração para aqueles que não estão vivendo como deveriam, como então ele aperfeiçoa sua doçura para aqueles que nele esperam, já que, se seus sonhos são verdadeiros, é essa mesma doçura que o impedirá de punir aqueles que não esperam nele? ? Busquemos então aquela sua doçura, que Ele aperfeiçoa para aqueles que nele esperam, não aquela que Ele deve aperfeiçoar para aqueles que O desprezam e blasfemam; pois em vão, depois desta vida, um homem busca o que negligenciou em fornecer enquanto nesta vida.

6. Então, quanto ao dito do apóstolo: "Porque Deus encerrou tudo na incredulidade, para ter misericórdia de todos", isso não significa que Ele não condenará ninguém; mas o contexto anterior mostra o que se quer dizer. O apóstolo compôs a epístola para os gentios que já eram crentes; e, falando-lhes dos judeus que ainda haveriam de crer, diz:

Porque, assim como outrora não crestes em Deus, agora alcançais misericórdia pela sua incredulidade, assim também estes não creram agora, para que por vossa misericórdia também eles alcancem misericórdia." Então ele acrescentou as palavras em questão com as quais essas pessoas se enganam: "Porque Deus encerrou tudo na incredulidade, para que tivesse misericórdia de todos". Todos a quem, se não todos aqueles de quem ele estava falando, exatamente como se ele tivesse dito: "Tanto você quanto eles?" Deus então concluiu todos os incrédulos, tanto judeus como gentios, a quem de antemão conheceu e predestinou para serem conformados à imagem de seu Filho, a fim de que fossem confundidos pela amargura da incredulidade, e se arrependessem e crendo se voltassem para a doçura da misericórdia de Deus, e pode pegar aquela exclamação do salmo: "Quão grande é a abundância da tua doçura, ó Senhor, que escondeste para os que te temem, mas aperfeiçoaste para os que esperam", não em si mesmos, mas "em Ti". Ele tem misericórdia, então, em todos os vasos de misericórdia. E o que significa "todos?" Tanto os dos gentios como os dos judeus a quem Ele predestinou, chamou, justificou, glorificou: nenhum destes será condenado por Ele; mas não podemos dizer nenhum de todos os homens.

**CAPÍTULO. 25.-SE AQUELES QUE RECEBERAM O
"BATISMO" E DEPOIS CAÍRAM NA INIQUIDADE; OU
AQUELES QUE RECEBERAM O BATISMO CATÓLICO, MAS
DEPOIS PASSARAM À HERESIA E AO CISMA; OU AQUELES
QUE PERMANECERAM NA IGREJA CATÓLICA NA QUAL
FORAM BATIZADOS, MAS CONTINUARAM A VIVER
IMORALMENTE,- PODEM TER ESPERANÇA ATRAVÉS DA
VIRTUDE DOS SACRAMENTOS PARA A REMISSÃO DO
CASTIGO ETERNO**

1. Mas respondamos agora àqueles que prometem a libertação do fogo eterno, não ao diabo e seus anjos (como também não fazem aqueles de quem falamos), nem mesmo a todos os homens, mas somente àqueles que foram lavados pelo batismo de Cristo e se tornaram participantes

de Seu corpo e sangue, não importa como tenham vivido, não importa em que heresia ou impiedade tenham caído. Mas eles são contrariados pelo apóstolo, onde ele diz: "Ora, as obras da carne são manifestas, que são estas: fornicação, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, ódio, divergências, emulações, iras, contendas, heresias, invejas, embriaguez, orgias e coisas semelhantes: das quais eu vos digo antes, como também já vos disse no passado, porque os que fazem tais coisas não herdarão o reino de Deus". Certamente esta sentença do apóstolo é falsa, se tais pessoas forem libertadas após algum lapso de tempo, e então herdarão o reino de Deus. Mas como não é falso, eles certamente nunca herdarão o reino de Deus. E se eles nunca entrarem nesse reino, então eles sempre serão retidos no castigo eterno; pois não há lugar intermediário onde possa viver impune aquele que não foi admitido nesse reino.

2. E, portanto, podemos razoavelmente perguntar como devemos entender estas palavras do Senhor Jesus: "Este é o pão que desceu do céu, para que o homem coma e não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, viverá para sempre". E aqueles, de fato, a quem estamos respondendo agora, são refutados em sua interpretação desta passagem por aqueles a quem devemos responder em breve, e que não prometem essa libertação a todos os que receberam os sacramentos do batismo e do corpo do Senhor, mas apenas aos católicos, por mais perversamente que vivam; pois estes, dizem eles, comeram o corpo do Senhor não apenas sacramentalmente, mas realmente, sendo constituídos membros do Seu corpo, do qual o apóstolo diz: "Nós, sendo muitos, somos um só pão, um só corpo". unidade do corpo de Cristo (isto é, na membresia cristã), cujo corpo os fiéis costumavam receber o sacramento no altar, diz-se verdadeiramente que o homem come o corpo e bebe o sangue de Cristo. E, conseqüentemente, os hereges e os cismáticos, separados da unidade deste corpo, podem receber o mesmo sacramento, mas sem proveito para si mesmos – antes, para seu próprio dano, de modo que são mais severamente julgados do que liberados após algum tempo. Tempo. Pois eles não estão nesse vínculo de paz que é simbolizado por esse sacramento.

3. Mas, novamente, mesmo aqueles que compreendem suficientemente que não se pode dizer que aquele que não está no corpo de Cristo come o corpo de Cristo, estão errados quando prometem a libertação do fogo do castigo eterno a pessoas que se afastam do unidade desse corpo em heresia, ou mesmo em superstição pagã. Pois, em primeiro lugar, eles devem considerar quão intolerável é, e quão discordante da sã doutrina, supor que muitos, de fato, ou quase todos, que abandonaram a Igreja católica, e originaram heresias ímpias e se tornaram heresiarcas, deve gozar de um destino superior àqueles que nunca foram católicos, mas caíram nas armadilhas desses outros; isto é, se o fato de seu batismo católico e recepção original do sacramento do corpo de Cristo no verdadeiro corpo de Cristo for suficiente para livrar esses heresiarcas do castigo eterno. Pois certamente aquele que abandona a fé, e de um desertor se torna um agressor, é pior do que aquele que não abandonou a fé que nunca teve. E, em segundo lugar, eles são contrariados pelo apóstolo, que, depois de enumerar as obras da carne, diz com referência às heresias: "Os que fazem tais coisas não herdarão o reino de Deus".

4. E, portanto, nem as pessoas que levam uma vida abandonada e condenável devem confiar na salvação, embora perseverem até o fim na comunhão da Igreja católica e se consolem com as palavras: "Aquele que perseverar até o fim, ser salvo." Pela iniquidade de sua vida, eles abandonam aquela mesma justiça de vida que Cristo é para eles, seja por fornicção, seja por perpetrar em seu corpo as outras impurezas que o apóstolo não mencionou, ou por um luxo absoluto. , ou fazendo qualquer uma daquelas coisas das quais ele diz: "Aqueles que fazem tais coisas não herdarão o reino de Deus". Conseqüentemente, aqueles que fazem tais coisas não existirão em nenhum lugar, exceto no castigo eterno, uma vez que não podem estar no reino de Deus. Pois, enquanto eles continuam em tais coisas até o fim da vida, não se pode dizer que permanecem em Cristo até o fim; pois permanecer nele é permanecer na fé de Cristo. E esta fé, de acordo com a definição do apóstolo, "opera pelo amor". E o "amor", como ele diz em outro lugar, "não faz mal algum". Pois, para não mencionar outras razões, eles não podem ser ao mesmo tempo

membros de Cristo e membros de uma prostituta. Em suma, Ele mesmo, quando diz: "Aquele que come minha carne e bebe meu sangue, habita em mim, e eu nele", mostra o que é na realidade, e não sacramentalmente, comer seu corpo e beber seu sangue ; pois isto é habitar em Cristo, para que ele também habite em nós. De modo que é como se dissesse: Aquele que não habita em mim, e em quem eu não habito, não diga ou pense que come meu corpo ou bebe meu sangue. Assim, aqueles que não são membros de Cristo não habitam nele. E aqueles que se fazem membros de uma prostituta não são membros de Cristo, a menos que tenham abandonado penitentemente esse mal e voltado a esse bem para se reconciliar com ele.

CAPÍTULO. 26.-O QUE É TER CRISTO POR FUNDAMENTO

1. Mas, dizem eles, os cristãos católicos têm Cristo por fundamento, e não se afastaram da união com Ele, por mais depravada que tenham construído sobre esse fundamento, como madeira, feno, palha; e, portanto, a fé bem dirigida pela qual Cristo é seu fundamento será suficiente para livrá-los algum tempo da continuação desse fogo, embora seja com perda, uma vez que as coisas que eles construíram sobre ele serão queimadas. Que o apóstolo Tiago responda sumariamente a eles: "Se alguém disser que tem fé e não tiver obras, pode a fé salvá-lo?" E quem é então, eles perguntam, de quem o apóstolo Paulo diz: "Mas ele mesmo será salvo, ainda assim como pelo fogo?" e uma coisa é muito certa, que não é dele que Tiago fala, senão devemos fazer os dois apóstolos se contradizerem, se um disser: "Ainda que as obras de um homem sejam más, sua fé o salvará como pelo fogo, " enquanto o outro diz: "Se ele não tiver boas obras, sua fé pode salvá-lo?"

2. Verificaremos então quem é que pode ser salvo pelo fogo, se primeiro descobirmos o que é ter Cristo por fundamento. E isso podemos facilmente aprender com a própria imagem. Em um edifício, a fundação está em primeiro lugar. Quem, então, tem Cristo em seu coração, para que nenhuma coisa terrena ou temporal, nem mesmo as

legítimas e permitidas, sejam preferidas a Ele, tem Cristo por fundamento. Mas se essas coisas são preferidas, então mesmo que um homem pareça ter fé em Cristo, ainda assim Cristo não é o fundamento para esse homem; e muito mais se ele, desprezando os preceitos salutares, busca gratificações proibidas, ele está claramente convencido de colocar Cristo não em primeiro, mas em último, uma vez que O desprezou como seu governante e preferiu cumprir suas próprias concupiscências perversas, em desprezo Os mandamentos e concessões de Cristo. Assim, se algum cristão ama uma prostituta e, unindo-se a ela, torna-se um corpo, ele não tem agora Cristo por fundamento. Mas se alguém ama sua própria esposa, e a ama como Cristo quer que ele a ame, quem pode duvidar que ele tem Cristo como fundamento? Mas se ele a ama à maneira do mundo, carnalmente, como a doença da luxúria o incita, e como os gentios amam aqueles que não conhecem a Deus, mesmo isso o apóstolo, ou melhor, Cristo pelo apóstolo, permite como uma falta venial. E, portanto, mesmo tal homem pode ter Cristo como fundamento. Enquanto ele não preferir tal afeição ou prazer a Cristo, Cristo é seu fundamento, embora nele ele construa madeira, feno, palha ; e, portanto, ele será salvo como pelo fogo. Pois o fogo da aflição queimará tais prazeres luxuosos e amores terrenos, embora não sejam condenáveis, porque desfrutados no casamento legal. E deste fogo o combustível é o luto, e todas aquelas calamidades que consomem essas alegrias. Conseqüentemente, a superestrutura será uma perda para aquele que a construiu, pois ele não a reterá, mas será agonizado pela perda daquelas coisas nas quais ele encontrou prazer. Mas por esse fogo ele será salvo em virtude do fundamento, porque mesmo que um perseguidor exigisse se ele reteria Cristo ou essas coisas, ele preferiria a Cristo. Você ouviria, nas palavras do próprio apóstolo, quem é aquele que constrói sobre o fundamento ouro, prata, pedras preciosas? “Aquele que é solteiro”, diz ele, “cuida das coisas que pertencem ao Senhor, como há de agradar ao Senhor”. Você ouviria quem é aquele que constrói madeira, feno, palha? “Mas o que é casado cuida das coisas do mundo, em como há de agradar a sua mulher.”² tribulação – “porque”, diz ele, “será revelado pelo fogo”. Ele chama o fogo da tribulação, assim como é dito em outro lugar: “A fornalha prova os

vasos do oleiro, e a provação da aflição, os justos". trabalho permaneça" - pois o cuidado de um homem pelas coisas do Senhor, como ele pode agradar ao Senhor, permanece - "o que ele construiu sobre isso, ele receberá uma recompensa", isto é, ele colherá o fruto de seu cuidado . "Mas, se a obra de alguém se queimar, sofrerá perda" – pois o que ele amou não reterá: – “mas ele mesmo será salvo”, – pois nenhuma tribulação o afastará desse fundamento estável, – "ainda assim como pelo fogo"; pois o que ele possuía com a doçura do amor ele não perde sem a pontada aguda da dor. Aqui, então, como me parece, temos um fogo que não destrói nenhum, mas enriquece um, traz prejuízo ao outro, prova ambos.

3. Mas se esta passagem [de Coríntios] deve interpretar aquele fogo do qual o Senhor dirá aos que estiverem à sua esquerda: "Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno", de modo que entre estes devemos crer que há são aqueles que constroem sobre o fundamento madeira, feno, palha, e que eles, em virtude do bom fundamento, serão depois de algum tempo libertados do fogo que é a recompensa de seus maus merecimentos, o que então devemos pensar daqueles que estão a mão direita, a quem se dirá: Vinde, benditos de meu Pai, herdai o reino que vos está preparado,⁷ a menos que sejam os que edificaram sobre o fundamento ouro, prata e pedras preciosas? Mas se o fogo do qual nosso Senhor fala é o mesmo que o apóstolo diz: "Mas como pelo fogo", então ambos - isto é, tanto os da direita como os da esquerda - são para ser lançado nele. Pois esse fogo é para provar ambos, visto que é dito: “Porque o dia do Senhor o declarará, porque pelo fogo será revelado; e o fogo provará qual seja a obra de cada um”. Se, portanto, o fogo tentar ambos, a fim de que, se o trabalho de alguém permanecer - isto é, se a superestrutura não for consumida pelo fogo - ele possa receber uma recompensa, e que se seu trabalho for queimado ele sofrerá perda, certamente esse fogo não é o próprio fogo eterno. Pois neste último fogo somente aqueles que estiverem à esquerda serão lançados, e isso com condenação final e eterna; mas aquele fogo anterior prova aqueles que estão à direita. Mas alguns deles provam que não queima e consome a estrutura que foi construída por eles em Cristo como fundamento; enquanto outros deles provam de outra

maneira, de modo a queimar o que eles construíram e, assim, fazer com que sofram perdas, enquanto eles mesmos são salvos porque retiveram a Cristo, que foi estabelecido como seu fundamento seguro, e amaram Ele acima de tudo. Mas se eles forem salvos, então certamente estarão à direita, e com os demais ouvirão a sentença: “Vinde, benditos de meu Pai, herdai o reino preparado para vós”; e não à esquerda, onde estarão aqueles que não serão salvos e, portanto, ouvirão a condenação: “Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno”. Pois desse fogo ninguém será salvo, porque todos eles irão para o castigo eterno, onde os seus vermes não morrerão, nem o seu fogo se apagará, no qual serão atormentados dia e noite para sempre.

4. Mas se for dito que no intervalo de tempo entre a morte deste corpo e aquele último dia de julgamento e retribuição que se seguirá à ressurreição, os corpos dos mortos serão expostos a um fogo de tal natureza que não afetará aqueles que nesta vida não se entregaram a prazeres e atividades que serão consumidos como madeira, feno, palha, mas afetará aqueles outros que carregaram consigo estruturas desse tipo; se for dito que tal mundanismo, sendo venial, será consumido no fogo da tribulação apenas aqui, ou aqui e depois em ambos, ou aqui para que não seja depois, - isso eu não contradigo, porque possivelmente é verdade . Pois talvez até mesmo a morte do corpo faça parte dessa tribulação, pois resulta da primeira transgressão, de modo que o tempo que se segue à morte toma sua cor em cada caso da natureza da construção do homem. Também as perseguições que coroaram os mártires, e que sofrem cristãos de toda espécie, provam como um fogo ambos os edifícios, consumindo alguns, juntamente com os próprios construtores, se neles não se encontra Cristo como fundamento, enquanto outros consomem. sem os construtores, porque Cristo é encontrado neles, e eles são salvos, embora com perda; e outros edifícios ainda não consomem, porque neles se encontram materiais que permanecem para sempre. No fim do mundo haverá no tempo da tribulação do Anticristo como nunca antes houve. Quantos edifícios serão então, de ouro ou de feno, construídos sobre o melhor fundamento, Cristo Jesus, que esse fogo provará, trazendo alegria para alguns, perda para outros, mas sem

destruir nenhum dos tipos, por causa desse fundamento estável! Mas quem preferir, não digo sua mulher, com quem vive por prazeres carnavais, mas qualquer um daqueles parentes que não oferecem tal prazer e a quem é justo amar, quem prefere isso a Cristo e ama eles de uma forma humana e carnal, não tem Cristo como fundamento e, portanto, não serão salvos pelo fogo, nem de fato; pois ele não deve habitar com o Salvador, que diz muito explicitamente sobre este assunto: "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim. ." Mas aquele que ama seus parentes carnalmente, e ainda assim não os prefere a Cristo, mas os deseja antes a Cristo, se for provado, será salvo pelo fogo, porque é necessário que, pela perda de nessas relações ele sofre dores na proporção de seu amor. E aquele que ama pai, mãe, filhos, filhas, segundo Cristo, para que os ajude a obter o seu reino e apegar-se a ele, ou os ama porque são membros de Cristo, Deus não permita que esse amor seja consumido como madeira, feno, palha, e não antes ser considerada uma estrutura de ouro, prata, pedras preciosas. Pois como pode um homem amar aqueles mais do que a Cristo, a quem ele ama apenas por causa de Cristo?

CAPÍTULO. 27.-CONTRA A CRENÇA DAQUELES QUE PENSAM QUE OS PECADOS QUE FORAM ACOMPANHADOS DE ESMOLAS (CARIDADES) NÃO LHES FARÃO MAL

1. Resta responder àqueles que sustentam que somente queimarão no fogo eterno aqueles que negligenciam as esmolas proporcionais aos seus pecados, baseando esta opinião nas palavras do Apóstolo Tiago: "Ele terá julgamento sem misericórdia, que não demonstrou Misericórdia." Portanto, dizem eles, aquele que mostrou misericórdia, embora não tenha reformado sua conduta dissoluta, mas tenha vivido perversa e iniquamente, mesmo enquanto abunda em esmolas, terá um julgamento misericordioso, de modo que não será condenado de forma alguma, ou será proferida a partir do julgamento final após um tempo. E pela mesma razão eles supõem que Cristo discriminará entre

os da direita e os da esquerda, e enviará uma parte ao Seu reino, a outra ao castigo eterno, com o único fundamento de sua atenção ou negligência obras de caridade. Além disso, eles se esforçam para usar a oração que o próprio Senhor ensinou como prova e baluarte de sua opinião, de que os pecados diários que nunca são abandonados podem ser expiados por meio de esmolas, não importa quão ofensivos ou de que tipo sejam. Pois, dizem eles, como não há dia em que os cristãos não devam usar essa oração, também não há pecado de qualquer tipo que, embora cometido todos os dias, não seja perdoado quando dizemos: "Perdoa-nos nossas dívidas", se temos o cuidado de cumprir o que se segue, "assim como perdoamos aos nossos devedores". ", mas "perdoará seus pecados". Portanto, sejam eles de qualquer tipo ou magnitude, sejam eles perpetrados diariamente e nunca abandonados ou subjugados nesta vida, eles podem ser perdoados, eles presumem, por meio de esmolas.

2. Mas eles estão certos em inculcar a doação de objetivos proporcionais aos pecados passados; pois se eles dissessem que qualquer espécie de esmola poderia obter o perdão divino de grandes pecados cometidos diariamente e com enormidade habitual, se eles dissessem que tais pecados poderiam assim ser remidos diariamente, eles veriam que sua doutrina era absurda e ridícula. Pois eles seriam levados a reconhecer que era possível para um homem muito rico comprar a absolvição de assassinatos, adultérios e todo tipo de maldade, pagando uma esmola diária de dez moedas insignificantes. E se for muito absurdo e insano fazer tal reconhecimento, e se ainda perguntarmos quais são as esmolas apropriadas das quais até mesmo o precursor de Cristo disse: "Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento", sem dúvida descobriremos que eles não são como os homens que prejudicam sua vida com enormidades diárias até o fim. Pois supõem que, dando aos pobres uma pequena fração da riqueza que adquirem por extorsão e espoliação, podem propiciar a Cristo, para que cometam impunemente os pecados mais condenáveis, na persuasão de que compraram dele uma licença para transgredir, ou melhor, comprar uma indulgência diária. E se eles por um crime distribuíram todos os seus bens aos membros necessitados de Cristo,

isso não lhes serviria de nada, a menos que eles desistissem de todas as ações semelhantes e alcançassem a caridade que não pratica o mal. Aquele, portanto, que faz esmolas proporcionais aos seus pecados deve primeiro começar por si mesmo. Pois não é razoável que um homem que exerce caridade para com o próximo não o faça para consigo mesmo, pois ouve o Senhor dizer: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo"² e novamente: "Tem compaixão da tua alma e por favor Deus." Aquele, então, que não tem compaixão de sua própria alma para agradar a Deus, como se pode dizer que ele faz esmolas proporcionais aos seus pecados? Com o mesmo propósito está escrito: "Aquele que é mau consigo mesmo, para quem pode ser bom?"⁴ Devemos, portanto, fazer esmolas para que sejamos ouvidos quando oramos para que nossos pecados passados sejam perdoados, não para que enquanto se continuarmos neles, podemos pensar em nos fornecer uma licença para a maldade por meio de esmolas.

3. A razão, portanto, de predizermos que Ele imputará aos que estão à Sua direita as esmolas que eles fizeram, e acusará aqueles à Sua esquerda de omitirem os mesmos, é que Ele pode assim mostrar a eficácia da caridade para a eliminação dos pecados passados, não pela impunidade em sua perpétua comissão. E tais pessoas, de fato, que se recusam a abandonar seus maus hábitos de vida por um curso melhor, não podem ser consideradas como praticantes de caridade. Pois este é o significado do ditado: "Se não o fizestes a um destes pequeninos, não o fizestes a mim." Ele mostra a eles que eles não realizam ações de caridade, mesmo quando pensam que estão fazendo isso. Pois se dessem pão a um cristão faminto porque ele é cristão, certamente não negariam a si mesmos o pão da justiça, isto é, o próprio Cristo; pois Deus considera não a pessoa a quem o dom é feito, mas o espírito em que é feito. Portanto, aquele que ama a Cristo em um cristão lhe dá esmolas com o mesmo espírito com que se aproxima de Cristo, não com aquele espírito que abandonaria Cristo se pudesse fazê-lo impunemente. Pois na proporção em que um homem ama o que Cristo desaprova, ele mesmo abandona a Cristo. Pois que aproveita ao homem ser batizado, se não for justificado? Aquele que disse: "A menos que o homem nasça da água e do Espírito, não entrará no reino

de Deus", 6 também disse: "Se a vossa justiça não exceder a justiça dos escribas e fariseus, vós não entrará no reino dos céus?" Por que muitos, por medo da primeira palavra, correm para o batismo, enquanto poucos, por medo da segunda, procuram ser justificados? Como, portanto, não é para seu irmão que um homem diz: "Tolo", se quando ele diz isso não se indigna com a irmandade, mas com o pecado do ofensor - pois de outra forma ele seria culpado do fogo do inferno - assim quem estende a caridade a um cristão não a estende a um cristão se não ama Cristo nele. Agora ele não ama a Cristo que se recusa a ser justificado nEle. Ou, ainda, se um homem foi culpado desse pecado de chamar seu irmão de louco, injuriando-o injustamente sem nenhum desejo de remover seu pecado, suas esmolas são um pouco para expiar essa falta, a menos que ele acrescente a isso o remédio de reconciliação que a mesma passagem ordena. Pois ali está dito: "Portanto, se você trouxer sua oferta ao altar, e ali se lembrar de que seu irmão tem alguma coisa contra você, deixe a sua oferta diante do altar e vá; primeiro reconcilia-te com teu irmão, e então venha e ofereça sua dádiva."8 Da mesma forma, é uma questão pequena fazer esmolas, não importa quão grandes elas sejam, para qualquer pecado, desde que o ofensor continue na prática do pecado.

4. Então, quanto à oração diária que o próprio Senhor ensinou, e que é, portanto, chamada de oração do Senhor, de fato elimina os pecados do dia, quando dia a dia dizemos: "Perdoa-nos nossas dívidas", e quando não apenas diga, mas represente o que se segue, "como perdoamos nossos devedores"; mas fazemos esta petição porque os pecados foram cometidos, e não para que possam ser. Pois por ela nosso Salvador planejou nos ensinar que, por mais que vivamos retamente nesta vida de enfermidades e trevas, ainda cometemos pecados para a remissão dos quais devemos orar, enquanto devemos perdoar aqueles que pecam contra nós que nós mesmos também pode ser perdoado. O Senhor, então, não pronunciou as palavras: "Se perdoardes aos homens as suas ofensas, vosso Pai também vos perdoará as vossas ofensas",10 para que possamos obter desta petição a confiança que nos permita pecar com segurança dia após dia. , ou

nos colocando acima do medo das leis humanas, ou enganando astutamente os homens sobre nossa conduta, mas para que possamos aprender a não supor que estamos sem pecados, mesmo que devêssemos estar livres de crimes; como também Deus advertiu os sacerdotes da antiga lei para este mesmo efeito em relação aos seus sacrifícios, que Ele ordenou que eles oferecessem primeiro por seus próprios pecados e depois pelos pecados do povo. Pois mesmo as próprias palavras de tão grande Mestre e Senhor devem ser consideradas atentamente. Pois Ele não diz: Se perdoardes aos homens os seus pecados, vosso Pai também vos perdoará os vossos pecados, sejam eles de que espécie forem, mas diz, os vossos pecados; pois era uma oração diária que Ele estava ensinando, e certamente era para discípulos já justificados que Ele estava falando. O que, então, Ele quer dizer com "seus pecados", senão aqueles pecados dos quais nem mesmo você que é justificado e santificado pode ser livre? Enquanto, então, aqueles que procuram a ocasião desta petição para se entregar ao pecado habitual sustentam que o Senhor quis incluir grandes pecados, porque Ele não disse, Ele perdoará seus pequenos pecados, mas "seus pecados", nós, no por outro lado, levando em conta o caráter das pessoas a quem se dirige, não podemos ver nossa maneira de interpretar a expressão "seus pecados" como nada além de pequenos pecados, porque tais pessoas não são mais culpadas de grandes pecados. No entanto, nem mesmo os grandes pecados - pecados dos quais devemos fugir com uma reforma total da vida - são perdoados àqueles que oram, a menos que observem o preceito anexo, "assim como vós também perdoais a vossos devedores". Pois, se os pequeninos pecados que se ligam à vida dos justos não são remidos sem essa condição, quanto mais longe de obter a indulgência estarão aqueles que estão envolvidos em muitos grandes crimes, se, enquanto eles cessam de cometer tais enormidades, eles ainda se recusam inexoravelmente a pagar qualquer dívida contra si mesmos, uma vez que o Senhor diz: "Mas, se não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai não perdoará vossas ofensas?" Pois este é o significado do dito do apóstolo Tiago também: "Ele terá julgamento sem misericórdia, que não mostrou misericórdia". pague, porque o próprio servo não teve piedade de seu conservo que lhe devia cem

denários. As palavras que o apóstolo Tiago acrescenta: "E a misericórdia se alegra contra o juízo",⁴ encontram sua aplicação entre aqueles que são filhos da promessa e vasos de misericórdia. Pois mesmo aqueles homens justos, que viveram com tanta santidade que receberam nas habitações eternas outros também que conquistaram sua amizade com as riquezas da injustiça, tornaram-se assim somente pelo livramento misericordioso daquele que justifica o ímpio, imputando-lhe um recompensa de acordo com a graça, não de acordo com a dívida. Pois entre este número está o apóstolo, que diz: "Alcançei misericórdia para ser fiel".

5. Mas deve-se admitir que aqueles que são assim recebidos nas habitações eternas não são de tal caráter que sua própria vida seja suficiente para resgatá-los sem a ajuda dos santos e, conseqüentemente, em seu caso, especialmente a misericórdia se alegra contra julgamento. E, no entanto, não devemos supor que todo devasso abandonado, que não fez nenhuma alteração em sua vida, seja recebido nas habitações eternas se apenas tiver ajudado os santos com as riquezas da injustiça, isto é, com dinheiro ou riqueza que foi injustamente adquirido, ou, se legitimamente adquirido, ainda não é a verdadeira riqueza, mas apenas a iniquidade que conta como riqueza, porque não conhece as verdadeiras riquezas em que abundam aquelas pessoas, que até recebem outros também em moradas eternas. Há então um certo tipo de vida, que não é, por um lado, tão ruim que aqueles que o adotam não são ajudados para o reino dos céus por nenhuma esmola generosa pela qual eles possam aliviar as necessidades dos santos, e fazer amigos que possam recebê-los em moradas eternas, nem, por outro lado, tão bons que baste por si só para ganhar para eles essa grande bem-aventurança, se eles não obtiverem misericórdia pelos méritos daqueles que fizeram seus amigos. E eu freqüentemente me pergunto que mesmo Virgílio deveria dar expressão a esta sentença do Senhor, na qual Ele diz: "Fazei amigos do dinheiro da injustiça, para que eles possam recebê-lo em habitações eternas"; e este dito muito semelhante: "Quem recebe um profeta, na qualidade de profeta, receberá a recompensa de profeta; e quem recebe um justo, na qualidade de justo, receberá a

recompensa de justo”. 8 Pois quando aquele poeta descreveu os campos Elísios, onde eles supõem que as almas dos bem-aventurados habitam, ele colocou lá não apenas aqueles que por mérito próprio puderam chegar a essa morada, mas acrescentou:

"E aqueles que agradecida memória ganharam

Por serviços prestados a terceiros;"

isto é, aqueles que serviram aos outros e, assim, mereceram ser lembrados por eles. Assim como se eles usassem a expressão tão comum nos lábios cristãos, onde uma pessoa humilde se recomenda a um dos santos e diz: Lembre-se de mim, e garante que o fará por merecer o bem de suas mãos. Mas que tipo de vida estamos falando, e quais são os pecados que impedem um homem de ganhar o reino de Deus por si mesmo, mas ainda permitem que ele se beneficie dos méritos dos santos, é muito difícil apurar, muito perigoso definir. De minha parte, apesar de todas as investigações, até o presente momento não consegui descobrir isso. E possivelmente está escondido de nós, para que não sejamos descuidados em evitar tais pecados e, assim, deixemos de progredir. Pois se se soubesse quais são esses pecados, que, embora continuem e não sejam abandonados por uma vida superior, ainda assim não nos impedem de buscar e esperar a intercessão dos santos, a preguiça humana se envolveria presunçosamente nesses pecados. , e não daria nenhum passo para ser desembaraçado de tais envolturas pela energia hábil de qualquer virtude, mas apenas desejaria ser resgatado pelos méritos de outras pessoas, cuja amizade havia sido conquistada pelo uso abundante do dinheiro da injustiça. Mas agora que somos deixados na ignorância da natureza exata dessa iniquidade que é venial, mesmo que seja perseverada, certamente estamos mais vigilantes em nossas orações e esforços para progredir, e mais cuidadosos para garantir com o dinheiro da injustiça amigos para nós entre os santos.

6. Mas esta libertação, que é efetuada pelas próprias orações, ou pela intercessão de homens santos, assegura que um homem não seja lançado no fogo eterno, mas não que, uma vez lançado nele, ele seja

depois de um tempo ser resgatado dele. Pois mesmo aqueles que imaginam que o que se diz da boa terra que produz frutos abundantes, cerca de trinta, sessenta, cem vezes, deve ser referido aos santos, de modo que, na proporção de seus méritos, alguns deles entregarão trinta homens, cerca de sessenta, cerca de cem – mesmo aqueles que sustentam isso ainda são comumente inclinados a supor que essa libertação ocorrerá no dia do julgamento e não após. Sob essa impressão, alguém que observou a tolice imprópria com a qual os homens prometem a si mesmos a impunidade, alegando que todos serão incluídos neste método de libertação, teria observado com muita alegria que deveríamos nos esforçar para viver tão bem que serão todos encontrados entre o número daqueles que devem interceder pela libertação de outros, para que estes não sejam tão poucos em número, que, depois de terem entregue um trinta, outro sessenta, outro cem, ainda restem muitos que não poderia ser liberto do castigo por suas intercessões, e entre eles todo aquele que em vão e temerariamente prometeu a si mesmo o fruto do trabalho de outro. Mas o suficiente foi dito em resposta àqueles que reconhecem a autoridade das mesmas Sagradas Escrituras que nós, mas que, por uma interpretação errônea delas, concebem o futuro mais como eles mesmos desejam, do que como as Escrituras ensinam. E tendo dado esta resposta, agora, de acordo com a promessa, fecho este livro.

LIVRO XXII

ARGUMENTO

ESTE LIVRO TRATA DO FIM DA CIDADE DE DEUS, OU SEJA, DA ETERNA FELICIDADE DOS SANTOS; A FÉ NA RESSURREIÇÃO DO CORPO ESTÁ ESTABELECIDADA E EXPLICADA; E O TRABALHO TERMINA MOSTRANDO COMO OS SANTOS, VESTIDOS DE CORPOS IMORTAL E ESPIRITUAL, SERÃO EMPREGADOS.

CAPÍTULO. 1.-DA CRIAÇÃO DE ANJOS E HOMENS

1. Como prometemos no livro imediatamente anterior, este, o último de toda a obra, conterà uma discussão sobre a eterna bem-aventurança da cidade de Deus. Essa bem-aventurança é chamada eterna, não porque dure por muitos séculos, embora finalmente chegue ao fim, mas porque, de acordo com as palavras do evangelho, "do Seu reino não haverá fim". Tampouco gozará da mera aparência de perpetuidade que é mantida pelo surgimento de novas gerações para ocupar o lugar daqueles que morreram, como em uma sempre-viva o mesmo frescor parece continuar permanentemente, e a mesma aparência de folhagem densa é preservada. pelo crescimento de folhas frescas no quarto daquelas que murcharam e caíram; mas naquela cidade todos os cidadãos serão imortais, homens agora pela primeira vez desfrutando o que os santos anjos nunca perderam. E isso será realizado por Deus, o mais poderoso Fundador da cidade. Pois Ele prometeu isso, e não pode mentir, e já cumpriu muitas de Suas promessas, e fez muitas bondades não prometidas àqueles a quem Ele agora pede para acreditar que Ele também fará isso.

2. Pois foi Ele quem no princípio criou o mundo cheio de todos os seres visíveis e inteligíveis, entre os quais não criou nada melhor do que aqueles espíritos que dotou de inteligência, e tornou capaz de contemplá-lo e desfrutá-lo, e unidos em nossa sociedade, que chamamos de cidade santa e celestial, e na qual o material de seu

sustento e bem-aventurança é o próprio Deus, como se fosse seu alimento e nutrição comuns. Foi Ele quem deu a esta natureza intelectual um livre-arbítrio de tal tipo, que se ele desejasse abandonar Deus, isto é, sua bem-aventurança, a miséria resultaria imediatamente. É Ele quem, sabendo de antemão que certos anjos, em seu orgulho, desejariam ser suficientes para sua própria bem-aventurança e abandonariam seu grande bem, não os privou desse poder, julgando ser mais adequado ao Seu poder e bondade trazer o bem do mal do que impedir que o mal venha a existir. E, de fato, o mal nunca existiu, se a natureza mutável - mutável, embora boa, e criada pelo Deus altíssimo e imutável Bem, que criou todas as coisas boas - trouxe o mal sobre si mesma pelo pecado. E este seu pecado é a própria prova de que sua natureza era originalmente boa. Pois se não fosse muito bom, embora não igual ao seu Criador, a deserção de Deus como sua luz não poderia ter sido um mal para ele. Pois como a cegueira é um vício do olho, e este mesmo fato indica que o olho foi criado para ver a luz, e como, conseqüentemente, o próprio vício prova que o olho é mais excelente do que os outros membros, porque é capaz de luz (pois em nenhuma outra suposição seria um vício do olho querer luz), então a natureza que uma vez desfrutou de Deus ensina, mesmo por seu próprio vício, que foi criada a melhor de todas, pois agora é miserável porque não desfruta de Deus. Foi ele que, com uma punição muito justa, condenou os anjos que voluntariamente caíram na miséria eterna, e recompensou aqueles que continuaram em seu apego ao bem supremo com a garantia de estabilidade sem fim como a recompensa de sua fidelidade. Foi Ele que fez também o homem reto, com a mesma liberdade de vontade, um animal terrestre, de fato, mas adequado para o céu, se permanecesse fiel ao seu Criador, mas destinado à miséria própria de tal natureza se abandonasse Ele. É Ele que, sabendo de antemão que o homem pecaria por sua vez abandonando Deus e violando Sua lei, não o privou do poder do livre-arbítrio, porque ao mesmo tempo previu o bem que Ele mesmo faria o mal, e como desta raça mortal, merecida e justamente condenada, Ele por Sua graça reuniria, como agora Ele faz, um povo tão numeroso, que Ele assim preenche e repara o vazio feito pelos anjos caídos, e que assim aquela cidade amada e celestial não é defraudada do número

total de seus cidadãos, mas talvez até se regozije com uma população ainda mais transbordante.

CAPÍTULO. 2.-DA ETERNA E IMUTÁVEL VONTADE DE DEUS

1. É verdade que os ímpios fazem muitas coisas contrárias à vontade de Deus; mas tão grande é Sua sabedoria e poder, que todas as coisas que parecem adversas ao Seu propósito ainda tendem para aqueles fins e questões justos e bons que Ele mesmo conheceu de antemão. E conseqüentemente, quando se diz que Deus muda Sua vontade, como quando, por exemplo, Ele se zanga com aqueles a quem Ele foi gentil, são mais eles do que Ele que são mudados, e eles O encontram mudado na medida em que sua experiência de o sofrimento em Suas mãos é novo, como o sol se transforma em olhos feridos, e se torna feroz por ser suave e doloroso por ser agradável, embora em si permaneça o mesmo que era. Isso também é chamado de vontade de Deus que Ele faz no coração daqueles que obedecem aos Seus mandamentos; e disso o apóstolo diz: "Porque é Deus quem opera em vós tanto o querer." Assim como a "justiça" de Deus é usada não apenas para a justiça com a qual Ele mesmo é justo, mas também para o que Ele produz no homem a quem Ele justifica, assim também isso é chamado Sua lei, que, embora dada por Deus, é antes a lei dos homens. Pois certamente eram homens a quem Jesus disse: "Está escrito na tua lei",² embora em outro lugar lemos: "A lei do seu Deus está em seu coração". De acordo com esta vontade que Deus opera nos homens, diz-se que Ele também quer o que Ele mesmo não quer, mas faz com que Seu povo queira; como se diz que Ele sabe o que Ele fez com que aqueles que o ignoravam. Pois quando o apóstolo diz: "Mas agora, depois de ter conhecido a Deus, ou melhor, conhecido de Deus",⁴ não podemos supor que Deus ali pela primeira vez conheceu aqueles que foram conhecidos por ele antes da fundação do mundo; mas diz-se que Ele os conheceu então, porque então Ele os fez saber. Mas lembro que discuti esses modos de expressão nos livros anteriores. Segundo esta vontade, portanto, pela qual dizemos que

Deus quer o que Ele faz querer por outros, de quem o futuro está oculto, Ele quer muitas coisas que Ele não realiza.

2. Assim, Seus santos, inspirados por Sua santa vontade, desejam muitas coisas que nunca acontecem. Eles oram, por exemplo, por certos indivíduos - eles oram de maneira piedosa e santa - mas o que eles pedem Ele não realiza, embora Ele mesmo por Seu próprio Espírito Santo tenha operado neles essa vontade de orar. E, conseqüentemente, quando os santos, em conformidade com a mente de Deus, desejam e rezam para que todos os homens sejam salvos, podemos usar este modo de expressão: Deus quer e não realiza – significando que Aquele que os faz querer essas coisas, Ele mesmo quer eles. Mas se falarmos daquela Sua vontade que é eterna como Sua presciência, certamente Ele já fez todas as coisas no céu e na terra que Ele quis, não apenas coisas passadas e presentes, mas também coisas ainda futuras. Mas antes da chegada daquele tempo em que Ele desejou a ocorrência do que Ele conheceu e providenciou antes de todos os tempos, dizemos: Acontecerá quando Deus quiser. Mas se ignoramos não apenas o tempo em que deve ser, mas até mesmo se será, dizemos: acontecerá se Deus quiser – não porque Deus terá então uma nova vontade que Ele não tinha. antes, mas porque aquele evento, que desde a eternidade foi preparado em Sua vontade imutável, então acontecerá.

CAPÍTULO. 3.-DA PROMESSA DE BÊNÇÃO ETERNA AOS SANTOS, E CASTIGO ETERNO AOS ÍMPIOS

1. Portanto, para não mencionar muitos outros casos, como agora vemos em Cristo o cumprimento daquilo que Deus prometeu a Abraão quando disse: "Em tua semente serão benditas todas as nações", assim também será cumprido o que Ele prometido à mesma raça, quando disse pelo profeta: "Os que estão em seus sepulcros ressuscitarão",⁶ e também: "Haverá um novo céu e uma nova terra; e o primeiro não será mencionado, nem lembrar-se-ão, mas nela se regozijarão e se regozijarão; porque farei de Jerusalém uma alegria, e do meu povo,

uma alegria; e exultarei em Jerusalém, e exultarei no meu povo, e não haverá mais voz de choro. ouvido nela." E por outro profeta Ele proferiu a mesma predição: "Naquele tempo será libertado o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro. E muitos dos que dormem no pó" (ou, como alguns interpretam, " no monte") "da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno."2 E em outro lugar pelo mesmo profeta: "Os santos do Altíssimo tomarão o reino, e possui o reino para sempre, sim, para todo o sempre". E um pouco depois ele diz: "Seu reino é um reino eterno".4 Outras profecias referentes ao mesmo assunto eu avancei no vigésimo livro, e outras ainda que não abordei encontram-se escritas nas mesmas Escrituras; e essas previsões serão cumpridas, como também foram aquelas que os incrédulos supunham que seriam frustradas. Pois é o mesmo Deus que prometeu ambos e predisse que ambos aconteceriam – o Deus a quem as divindades pagãs tremem diante, como atesta Porfírio, o mais nobre dos filósofos pagãos.

CAPÍTULO. 4.- CONTRA OS SÁBIOS DO MUNDO, QUE IMAGINAM QUE OS CORPOS TERRESTRES DOS HOMENS NÃO PODEM SER TRANSFERIDOS PARA UMA HABITAÇÃO CELESTIAL

1. Mas os homens que usam seu aprendizado e capacidade intelectual para resistir à força dessa grande autoridade que, em cumprimento do que foi previsto há muito tempo, converteu todas as raças de homens à fé e à esperança em suas promessas, parecem argumentar veementemente contra a ressurreição do corpo enquanto citam o que Cícero menciona no terceiro livro De Republica. Pois quando ele estava afirmando a apoteose de Hércules e Rômulo, ele diz: "Cujos corpos não foram levados ao céu; pois a natureza não permitiria que um corpo de terra existisse em nenhum lugar, exceto na terra". Este é, sem dúvida, o profundo raciocínio dos sábios, cujos pensamentos Deus sabe que são vãos. Pois se fôssemos apenas almas, isto é, espíritos sem corpo algum, e se habitássemos no céu e não tivéssemos conhecimento dos animais terrestres, e nos dissessem que deveríamos

estar ligados aos corpos terrestres por algum maravilhoso vínculo de união, e animar não deveríamos recusar-nos muito mais vigorosamente a acreditar nisso e sustentar que a natureza não permitiria que uma substância incorpórea fosse mantida por um vínculo corpóreo? E, no entanto, a terra está cheia de espíritos vivos, aos quais os corpos terrestres estão ligados e com os quais estão maravilhosamente envolvidos. Se, pois, o mesmo Deus que criou tais seres quer isso também, o que impede que o corpo terreno seja elevado a corpo celeste, visto que um espírito, que é mais excelente do que todos os corpos e, conseqüentemente, do que mesmo um corpo celeste? , foi amarrado a um corpo terreno? Se uma partícula terrena tão pequena foi capaz de manter em união consigo algo melhor do que um corpo celeste, para receber sensação e vida, o céu desdenhará receber, ou pelo menos reter, essa partícula sensível e viva, que deriva sua vida e sensação de uma substância mais excelente do que qualquer corpo celeste? Se isso não acontece agora, é porque ainda não chegou o tempo determinado por Aquele que já fez uma coisa muito mais maravilhosa do que aquilo em que esses homens se recusam a acreditar. Pois por que não admiramos mais intensamente que as almas incorpóreas, que são de categoria superior aos corpos celestes, estejam ligadas a corpos terrestres, em vez de que os corpos, embora terrestres, sejam elevados a uma morada que, embora celestial, ainda é corpórea, exceto porque estamos acostumados a ver isso, e de fato somos isso, enquanto ainda não somos essa outra maravilha, nem nunca a vimos? Certamente, se consultarmos a razão sóbria, a mais maravilhosa das duas obras divinas é ligar de alguma forma coisas corpóreas a incorpóreas, e não conectar coisas terrenas com celestiais, que, embora diversas, são ambas corpóreas.

CAPÍTULO. 5.-DA RESSURREIÇÃO DA CARNE, QUE ALGUNS SE RECUSAM A ACREDITAR, EMBORA O MUNDO EM GERAL ACREDITE

1. Mas admitindo que isso já foi incrível, eis que agora o mundo chegou à crença de que o corpo terreno de Cristo foi recebido no céu.

Tanto os instruídos como os indoutos já acreditaram na ressurreição da carne e na sua ascensão aos lugares celestiais, enquanto apenas muito poucos, tanto os instruídos como os incultos, ainda estão atordoados por ela. Se isso é uma coisa crível que se acredita, então que aqueles que não acreditam vejam quão impassíveis eles são; e se é incrível, então também é uma coisa incrível, que o que é incrível tenha recebido tal crédito. Aqui, então, temos dois incríveis, a saber, a ressurreição de nosso corpo para a eternidade, e que o mundo creia em uma coisa tão incrível; e ambos esses incríveis, o mesmo Deus predisse, deveriam acontecer antes que qualquer um deles tivesse ocorrido. Vemos que já aconteceu um dos dois, pois o mundo acreditou no que era incrível; por que deveríamos desesperar que o restante também aconteça, e que isso em que o mundo acreditou, embora fosse incrível, ocorra? Pois já aconteceu o que era igualmente incrível, no mundo acreditar em uma coisa incrível. Ambos foram incríveis: o que vemos realizado, o outro acreditamos que será; pois ambos foram preditos nas mesmas Escrituras por meio das quais o mundo creu. E a própria maneira pela qual a fé do mundo foi conquistada é ainda mais incrível se a considerarmos. Homens não instruídos em qualquer ramo da educação liberal, sem nenhum refinamento do aprendizado pagão, inexperientes em gramática, não armados com dialética, não adornados com retórica, mas simples pescadores, e muito poucos em número - esses foram os homens a quem Cristo enviou com as redes da fé ao mar deste mundo, e assim tirou de cada raça tantos peixes, e até os próprios filósofos, maravilhosos como são raros. Acrescentemos, por favor, ou porque você deveria estar satisfeito, esta terceira coisa incrível às duas primeiras. E agora temos três incríveis, todos os quais ainda aconteceram. É incrível que Jesus Cristo tenha ressuscitado em carne e subido com carne ao céu; é incrível que o mundo tenha acreditado em uma coisa tão incrível; é incrível que pouquíssimos homens, de nascimento medíocre e de posição mais baixa, e sem educação, tenham sido capazes de persuadir tão eficazmente o mundo, e mesmo seus homens instruídos, de uma coisa tão incrível. Destes três incríveis, os partidos com os quais estamos debatendo se recusam a acreditar no primeiro; eles não podem se recusar a ver a segunda, da

qual não podem explicar se não acreditam na terceira. É indubitável que a ressurreição de Cristo, e Sua ascensão ao céu com a carne na qual Ele ressuscitou, já é pregada e crida em todo o mundo. Se não é credível, como é que já recebeu credibilidade em todo o mundo? Se vários homens nobres, exaltados e eruditos disseram que testemunharam isso e se esforçaram para publicar o que testemunharam, não seria maravilhoso que o mundo acreditasse nisso, mas seria muito teimoso recusar crédito; mas se, como é verdade, o mundo acreditou em algumas pessoas obscuras, insignificantes e incultas, que afirmam e escrevem que testemunharam isso, não é desarrazoado que um punhado de homens de cabeça errada se oponha ao credo de todo o mundo. mundo, e recusar sua crença? E se o mundo depositou fé em um pequeno número de homens, de nascimento mesquinho e de classe mais baixa, e sem educação, é porque a divindade da própria coisa apareceu ainda mais manifestamente em testemunhas tão desprezíveis. A eloquência, de fato, que dava persuasão à sua mensagem, consistia em obras maravilhosas, não em palavras. Pois aqueles que não viram a Cristo ressuscitado em carne, nem ascendendo ao céu com seu corpo ressuscitado, acreditaram nos que relataram como viram essas coisas, e que testemunharam não apenas com palavras, mas também com sinais maravilhosos. Para os homens que eles sabiam conhecer apenas uma, ou no máximo duas línguas, eles se maravilhavam ao ouvir falar nas línguas de todas as nações. Eles viram um homem, coxo desde o ventre de sua mãe, depois de quarenta anos se levantar sadio à sua palavra em nome de Cristo; que lenços tirados de seus corpos tinham virtude para curar os enfermos; que incontáveis pessoas, doentes de várias doenças, foram colocadas em fila na estrada por onde deveriam passar, para que sua sombra caísse sobre eles enquanto caminhavam, e que imediatamente recebessem saúde; que muitos outros milagres estupendos foram feitos por eles em nome de Cristo; e, finalmente, que eles até ressuscitaram os mortos. Se for admitido que essas coisas ocorreram como estão relacionadas, então temos uma infinidade de coisas incríveis para adicionar a esses três incríveis. Para que se acredite na única incredibilidade da ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, acumulamos os testemunhos de incontáveis milagres incríveis,

mas mesmo assim não dobramos a assustadora obstinação desses cétricos. Mas se eles não acreditam que esses milagres foram operados pelos apóstolos de Cristo para ganhar credibilidade em sua pregação de Sua ressurreição e ascensão, este grande milagre é suficiente para nós, que o mundo inteiro creu sem nenhum milagre.

CAPÍTULO. 6.-QUE ROMA FEZ DO SEU FUNDADOR RÔMULO UM DEUS PORQUE O AMAVA; MAS A IGREJA AMOU A CRISTO PORQUE CRÊ QUE ELE É DEUS

1. Recitemos aqui a passagem em que Tully expressa seu espanto de que a apoteose de Rômulo tenha sido creditada. Vou inserir suas palavras como estão: "É mais digno de nota em Rômulo, que outros homens que se diz terem se tornado deuses viveram em épocas menos educadas, quando havia uma maior propensão ao fabuloso, e quando os não instruídos eram facilmente persuadido a acreditar em qualquer coisa. Mas a idade de Rômulo foi apenas seiscentos anos atrás, e a literatura e a ciência já haviam dissipado os erros associados a uma época inculta." E um pouco depois ele diz sobre as mesmas palavras de Rômulo para esse efeito: "A partir disso, podemos perceber que Homero floresceu muito antes de Rômulo, e que agora havia tanto aprendizado em indivíduos e uma iluminação tão geralmente difundida, que quase nenhum havia espaço para a fábula. Pois a antiguidade admitia fábulas, e às vezes até mesmo muito desajeitadas; mas esta época [de Rômulo] foi suficientemente esclarecida para rejeitar tudo o que não tivesse o ar de verdade." Assim, um dos homens mais eruditos, e certamente o mais eloquente, o Sr. Túlio Cícero, diz que é surpreendente que se acreditasse na divindade de Rômulo, porque os tempos já eram tão esclarecidos que não aceitavam uma ficção fabulosa. Mas quem acreditava que Rômulo era um deus, exceto Roma, que era pequena e em sua infância? Depois, foi necessário que as gerações sucessivas preservassem a tradição de seus ancestrais; que, bebendo essa superstição com o leite de sua mãe, o Estado pudesse crescer e chegar a tal poder que pudesse ditar essa crença, como de um ponto de vista, a todas as nações sobre as quais

seu domínio se estendia. E essas nações, embora não acreditassem que Rômulo fosse um deus, pelo menos o diziam, para não ofenderem seu estado soberano, recusando-se a dar ao seu fundador o título que lhe foi dado por Roma, que havia adotado essa crença. , não por um amor ao erro, mas um erro de amor. Mas, embora Cristo seja o fundador da cidade celestial e eterna, ainda assim não acreditou que Ele fosse Deus porque foi fundado por Ele, mas é fundado por Ele, em virtude de sua crença. Roma, depois de construída e dedicada, adorava seu fundador em um templo como um deus; mas esta Jerusalém colocou Cristo, seu Deus, como seu fundamento, para que a edificação e a dedicação pudessem prosseguir. A antiga cidade amava seu fundador e, portanto, acreditava que ele era um deus; o último acreditava que Cristo era Deus e, portanto, o amava. Havia uma causa antecedente para o amor da antiga cidade e para ela acreditar que até mesmo uma falsa dignidade estava ligada ao objeto de seu amor; então havia uma causa antecedente para a crença deste último, e para seu amor a verdadeira dignidade que uma fé adequada, não uma suposição precipitada, atribuiu ao seu objeto. Pois, para não mencionar a multidão de milagres muito impressionantes que provaram que Cristo é Deus, também havia profecias divinas que O anunciavam, profecias mais dignas de fé, que já cumpridas, não temos, como os pais, que esperar por sua verificação . De Rômulo, por outro lado, e de sua construção de Roma e reinado nela, lemos ou ouvimos a narrativa do que aconteceu, não a previsão que disse de antemão que tais coisas deveriam ser. E no que diz respeito à sua recepção entre os deuses, a história apenas registra que isso foi acreditado, e não o declara como um fato; pois nenhum sinal milagroso testemunhou a verdade disso. Pois quanto ao lobo que se diz ter amamentado os irmãos gêmeos e que é considerado uma grande maravilha, como isso prova que ele era divino? Pois mesmo supondo que essa ama fosse uma loba de verdade e não uma mera cortesã, ainda assim ela amamentou os dois irmãos, e Remo não é considerado um deus. Além disso, o que havia para impedir alguém de afirmar que Rômulo ou Hércules, ou qualquer homem assim, era um deus? Ou quem preferiria morrer a professar a crença em sua divindade? E uma única nação adorava Rômulo entre seus deuses, a menos que fosse forçada pelo medo do nome romano?

Mas quem pode contar as multidões que escolheram a morte nas formas mais cruéis em vez de negar a divindade de Cristo? E assim o medo de alguma leve indignação, que se supunha, talvez infundada, pudesse existir nas mentes dos romanos, obrigou alguns estados que estavam sujeitos a Roma a adorar Rômulo como um deus; Considerando que o pavor, não de um leve choque mental, mas de punições severas e variadas, e da própria morte, a mais formidável de todas, não pôde impedir uma imensa multidão de mártires em todo o mundo de não apenas adorar, mas também confessar a Cristo como Deus . A cidade de Cristo, que, embora ainda estrangeira na terra, tinha inúmeras hostes de cidadãos, não guerreou contra seus ímpios perseguidores por causa da segurança temporal, mas preferiu obter a salvação eterna abstendo-se da guerra. Eles foram amarrados, presos, espancados, torturados, queimados, despedaçados, massacrados e, no entanto, se multiplicaram. Não lhes foi dado lutar por sua salvação eterna, exceto desprezando sua salvação temporal por amor de seu Salvador.

2. Estou ciente de que Cícero, no terceiro livro de seu *De Republica*, se não me engano, argumenta que uma potência de primeira linha não se engajará na guerra senão por honra ou por segurança. O que ele tem a dizer sobre a questão da segurança, e o que ele entende por segurança, ele explica em outro lugar, dizendo: "As pessoas privadas frequentemente escapam, por uma morte rápida, miséria, exílio, prisões, flagelo e outras dores que até os mais insensíveis sentem. Mas para os Estados, a morte, que parece emancipar os indivíduos de todos os castigos, é ela mesma um castigo, pois um Estado deve ser constituído de modo a ser eterno. um homem, para quem a morte não é apenas necessária, mas muitas vezes até desejável. Mas quando um estado é destruído, obliterado, aniquilado, é como se (para comparar grandes coisas com pequenas) todo este mundo perecesse e desmornasse." Cícero disse isso porque ele, como os platônicos, acreditava que o mundo não pereceria. Concorda-se, portanto, que, de acordo com Cícero, um estado deve engajar-se na guerra pela segurança que preserva o estado permanentemente em existência, embora seus cidadãos mudem; como a folhagem de uma oliveira ou

louro, ou qualquer árvore desse tipo, é perene, as folhas velhas são substituídas por folhas frescas. Pois a morte, como ele diz, não é um castigo para os indivíduos, mas os livra de todos os outros castigos, mas é um castigo para o Estado. E, portanto, é razoável perguntar se os Saguntinos fizeram certo quando escolheram que todo o seu estado deveria perecer em vez de quebrar a fé com a república romana; pois este feito deles é aplaudido pelos cidadãos da república terrena. Mas não vejo como eles poderiam seguir o conselho de Cícero, que nos diz que nenhuma guerra deve ser empreendida a não ser por segurança ou por honra; nem diz qual desses dois deve ser preferido, se ocorrer um caso em que um não possa ser preservado sem a perda do outro. Pois manifestamente, se os Saguntinos escolheram a segurança, eles devem quebrar a fé; se eles mantiveram a fé, eles devem rejeitar a segurança; como também caiu. Mas a segurança da cidade de Deus é tal que pode ser mantida, ou melhor, adquirida pela fé e com fé; mas se a fé for abandonada, ninguém poderá alcançá-la. É este pensamento de um espírito mais firme e paciente que fez tantos nobres mártires, enquanto Rômulo não teve, e não poderia ter, sequer um que morresse por sua divindade.

CAPÍTULO. 7.-QUE A CRENÇA DO MUNDO EM CRISTO É O RESULTADO DO PODER DIVINO, NÃO DA PERSUSÃO HUMANA

1. Mas é completamente ridículo fazer menção à falsa divindade de Rômulo como de alguma forma comparável à de Cristo. No entanto, se Rômulo viveu cerca de seiscentos anos antes de Cícero, em uma época que já era tão esclarecida que rejeitava todas as impossibilidades, quanto mais, em uma época certamente mais esclarecida, seiscentos anos depois, a época do próprio Cícero, e dos imperadores Augusto e Tibério, a mente humana teria se recusado a ouvir ou acreditar na ressurreição do corpo de Cristo e sua ascensão ao céu, e a consideraria uma impossibilidade, não tivesse a divindade da própria verdade, ou a verdade da divindade, e corroborando os sinais milagrosos, provou que isso poderia acontecer e aconteceu? Em virtude desses

testemunhos, e não obstante a oposição e o terror de tantas perseguições cruéis, a ressurreição e a imortalidade da carne, primeiro em Cristo e depois em todos no novo mundo, foi crida, proclamada com intrepidez e semeada sobre todo o mundo, para ser ricamente fecundado com o sangue dos mártires. Pois as previsões dos profetas que precederam os eventos foram lidas, elas foram corroboradas por sinais poderosos, e a verdade foi vista como não contraditória à razão, mas apenas diferente das idéias costumeiras, de modo que finalmente o mundo abraçou a fé que tinha perseguido furiosamente.

CAPÍTULO. 8.-DOS MILAGRES QUE FORAM FEITOS PARA QUE O MUNDO PUDESSE ACREDITAR EM CRISTO

1. Por que, eles dizem, esses milagres, que você afirma que foram feitos anteriormente, não são mais realizados? Eu poderia, de fato, responder que os milagres eram necessários antes que o mundo acreditasse, para que pudesse acreditar. E quem quer que hoje em dia exija ver prodígios para que possa acreditar, é ele próprio um grande prodígio, porque não acredita, embora o mundo inteiro acredite. Mas eles fazem essas objeções com o único propósito de insinuar que mesmo aqueles antigos milagres nunca foram realizados. Como, então, é que em todos os lugares Cristo é celebrado com uma crença tão firme em Sua ressurreição e ascensão? Como é que em tempos iluminados, em que toda impossibilidade é rejeitada, o mundo, sem nenhum milagre, acreditou em coisas maravilhosamente incríveis? Ou dirão que essas coisas eram críveis e, portanto, foram creditadas? Por que então eles mesmos não acreditam? Nosso argumento, portanto, é resumido – ou coisas incríveis que não foram testemunhadas fizeram o mundo acreditar em outras coisas incríveis que ocorreram e foram testemunhadas, ou esse assunto era tão crível que não precisava de milagres para provar isso, e portanto, condena esses incrédulos de um ceticismo imperdoável. Isso eu poderia dizer para refutar esses opositores mais frívolos. Mas não podemos negar que muitos milagres foram feitos para confirmar aquele grande e salutar milagre da ascensão de Cristo ao céu com a carne na qual Ele ressuscitou. Pois

esses nossos livros mais confiáveis contêm em uma narrativa tanto os milagres que foram operados quanto o credo que eles foram feitos para confirmar. Os milagres foram publicados para que pudessem produzir fé, e a fé que eles produziram os trouxe para maior destaque. Pois eles são lidos nas congregações para que possam ser cridos, e ainda assim não seriam lidos a menos que fossem cridos. Pois mesmo agora os milagres são feitos em nome de Cristo, seja por Seus sacramentos ou pelas orações ou relíquias de Seus santos; mas eles não são tão brilhantes e conspícuos a ponto de fazer com que sejam publicados com tanta glória quanto os antigos milagres. Pois o cânon dos escritos sagrados, que deveria ser fechado, faz com que sejam recitados em todos os lugares e afundem na memória de todas as congregações; mas esses milagres modernos mal são conhecidos mesmo por toda a população em meio à qual são realizados e, na melhor das hipóteses, estão confinados a um local. Pois freqüentemente eles são conhecidos apenas por poucas pessoas, enquanto todos os outros os ignoram, especialmente se o estado for grande; e quando são relatados a outras pessoas em outras localidades, não há autoridade suficiente para dar-lhes crédito imediato e inabalável, embora sejam relatados aos fiéis pelos fiéis.

2. O milagre que foi feito em Milão quando eu estava lá, e pelo qual um cego foi restaurado à vista, poderia chegar ao conhecimento de muitos; pois não só a cidade é grande, mas também o imperador estava lá na época, e a ocorrência foi testemunhada por uma imensa multidão de pessoas que se reuniram aos corpos dos mártires Protásio e Gervásio, que por muito tempo permaneceram ocultos e desconhecido, mas agora foi dado a conhecer ao bispo Ambrósio em um sonho, e descoberto por ele. Em virtude destes restos, as trevas daquele cego se dispersaram, e ele viu a luz do dia.

3. Mas quem, senão um número muito pequeno, conhece a cura que foi feita em Innocentius, ex-advogado da vice-prefeitura, uma cura feita em Cartago, na minha presença e sob meus próprios olhos? Pois quando eu e meu irmão Alípio, que ainda não éramos clérigos, embora já servos de Deus, viemos do exterior, este homem nos recebeu e nos

fez viver com ele, pois ele e toda a sua casa eram devotamente piedosos. Ele estava sendo tratado por médicos para fístulas, das quais ele tinha um grande número intricadamente sentado no reto. Ele já havia se submetido a uma operação, e os cirurgiões estavam usando todos os meios ao seu alcance para seu alívio. Nessa operação ele sofrera dores agudas e prolongadas; no entanto, entre as muitas dobras do intestino, uma escapou tão completamente aos operadores que, embora devessem tê-la aberto com a faca, nunca a tocaram. E assim, embora todos aqueles que foram abertos tenham sido curados, este permaneceu como estava e frustrou todo o seu trabalho. O paciente, tendo suas suspeitas despertadas pelo atraso assim ocasionado, e temendo grandemente uma segunda operação, que outro médico - um de seus próprios domésticos - lhe dissera que ele deveria se submeter, embora esse homem não tivesse sido autorizado a testemunhar a primeira operação, e havia sido banido da casa, e com dificuldade autorizado a voltar à presença de seu senhor enfurecido, - o paciente, eu digo, irrompeu para os cirurgiões, dizendo: "Você vai me cortar de novo? afinal, para cumprir a predição daquele homem que você não permitiria nem mesmo estar presente?" Os cirurgiões riram do médico inábil e acalmaram os medos de seus pacientes com palavras e promessas justas. Assim, vários dias se passaram, e ainda nada que eles tentaram ajudá-lo bem. Ainda assim, eles insistiram em prometer que iriam curar aquela fístula com drogas, sem a faca. Chamaram também outro antigo praticante de grande reputação naquele departamento, Amônio (pois ele ainda estava vivo naquela época); e ele, depois de examinar a peça, prometeu o mesmo resultado que eles por seu cuidado e habilidade. Nesta grande autoridade, o paciente tornou-se confiante e, como se já estivesse bem, desabafou seu bom humor em comentários jocosos às custas de seu médico doméstico, que havia predito uma segunda operação. Para encurtar a história, passados alguns dias assim inutilmente, os cirurgiões, cansados e confusos, tiveram de confessar que ele só podia ser curado com a faca. Agitado pelo medo excessivo, ficou aterrorizado e empalideceu de pavor; e quando ele se recompôs e foi capaz de falar, ele ordenou que eles fossem embora e nunca mais voltassem. Desgastado pelo choro e movido pela necessidade, ocorreu-lhe chamar

um alexandrino, que na época era considerado um operador maravilhosamente hábil, para que ele pudesse realizar a operação que sua raiva não permitiria que eles fizessem. Mas quando ele veio e examinou com um olhar profissional os vestígios de seu trabalho cuidadoso, ele fez o papel de um bom homem e persuadiu seu paciente a permitir que aquelas mesmas mãos tivessem a satisfação de terminar sua cura que a havia iniciado com habilidade. que excitou sua admiração, acrescentando que não havia dúvida de que sua única esperança de cura era uma operação, mas que era totalmente inconsistente com sua natureza ganhar o crédito da cura fazendo o pouco que restava a ser feito e roubar de sua recompensa homens cuja habilidade, cuidado e diligência consumados ele não podia deixar de admirar quando viu os vestígios de seu trabalho. Eles foram, portanto, novamente recebidos em favor; e foi acordado que, na presença do alexandrino, eles deveriam operar a fístula, que, com o consentimento de todos, agora só poderia ser curada com a faca. A operação foi adiada para o dia seguinte. Mas quando eles foram embora, levantou-se na casa um lamento tão grande, em consonância com o desânimo excessivo do mestre, que nos pareceu o luto de um funeral, e mal pudemos reprimi-lo. Homens santos costumavam visitá-lo diariamente; Saturnino de abençoada memória, então bispo de Uzali, e o presbítero Geloso, e os diáconos da igreja de Cartago; e entre estes estava o bispo Aurélio, o único que sobreviveu - um homem a ser nomeado por nós com a devida reverência - e com ele tenho falado muitas vezes sobre esse assunto, enquanto conversávamos sobre as maravilhosas obras de Deus, e descobri que ele se lembra distintamente do que estou relatando agora. Quando essas pessoas o visitaram naquela noite, de acordo com seu costume, ele lhes implorou, com lágrimas de pena, que lhe fizessem a honra de estar presente no dia seguinte ao que ele julgou seu funeral e não seu sofrimento. Pois tal era o terror que suas dores anteriores haviam produzido, que ele não teve dúvidas de que morreria nas mãos dos cirurgiões. Eles o confortaram e o exortaram a colocar sua confiança em Deus, e estimular sua vontade como um homem. Então fomos orar; mas enquanto nós, da maneira usual, estávamos ajoelhados e curvados no chão, ele se ajoelhou, como se alguém o estivesse

arremessando violentamente para a terra, e começou a orar; mas de que maneira, com que seriedade e emoção, com que torrente de lágrimas, com que gemidos e soluços, que sacudiu todo o seu corpo e quase o impediu de falar, quem pode descrever! Se os outros oraram e não tiveram sua atenção totalmente desviada por essa conduta, não sei. Para mim, eu não podia orar de jeito nenhum. Isso só eu disse brevemente em meu coração: "Ó Senhor, que orações do Teu povo ouves se não as ouves?" Pois parecia-me que nada poderia ser acrescentado a esta oração, a menos que ele expirasse em oração. Levantamo-nos de joelhos e, recebendo a bênção do bispo, partimos, o paciente implorando aos visitantes que estivessem presentes na manhã seguinte, exortando-o a manter seu coração. O dia temido amanheceu. Os servos de Deus estavam presentes, como haviam prometido; os cirurgiões chegaram; tudo o que as circunstâncias exigiam estava pronto; os instrumentos assustadores são produzidos; todos olham com admiração e suspense. Enquanto aqueles que têm mais influência sobre o paciente aplaudem seu espírito desmaiado, seus membros são dispostos no divã de modo a se adequarem à mão do operador; os nós das bandagens são desatados; a parte está nua; o cirurgião o examina e, de bisturi na mão, procura avidamente o seio a ser cortado. Ele a procura com os olhos; ele sente com o dedo; ele aplica todo tipo de escrutínio: ele encontra uma cicatriz perfeitamente firme! Nenhuma palavra minha pode descrever a alegria, o louvor e a ação de graças ao misericordioso e todo-poderoso Deus que foi derramado dos lábios de todos, com lágrimas de alegria. Deixe a cena ser imaginada em vez de descrita!

4. Na mesma cidade de Cartago viveu Innocentia, uma mulher muito devota da mais alta posição do estado. Ela tinha câncer em um de seus seios, uma doença que, segundo os médicos, é incurável. Ordinariamente, portanto, ou amputam, e assim separam do corpo o membro em que a doença se apoderou, ou, para que a vida do paciente se prolongue um pouco, embora a morte seja inevitável, mesmo que um pouco retardada, abandonam todos os remédios, seguindo, como se costuma dizer, o conselho de Hipócrates. Esta senhora de quem falamos fora aconselhada por um médico hábil, que era íntimo de sua

família; e ela se dirigiu a Deus somente pela oração. Ao aproximar-se a Páscoa, ela foi instruída em sonho a esperar pela primeira mulher que saísse do batistério depois de batizada, e pedir-lhe que fizesse o sinal de Cristo sobre sua chaga. Ela o fez e foi imediatamente curada. O médico que a havia aconselhado a não aplicar nenhum remédio se ela desejasse viver um pouco mais, depois de examiná-la depois disso, e descobrir que ela, em seu exame anterior, estava afligida daquela doença agora estava perfeitamente curada, perguntou ansiosamente qual remédio ela havia usado, ansiosa, como bem podemos acreditar, para descobrir a droga que deveria derrotar a decisão de Hipócrates. Mas quando ela lhe contou o que havia acontecido, ele disse ter respondido, com polidez religiosa, embora com um tom de desprezo, e uma expressão que a fez temer que ele pronunciasse alguma blasfêmia contra Cristo: "Eu pensei que você faria uma grande descoberta para mim." Ela, estremeando com a indiferença dele, respondeu rapidamente: "Que grande coisa foi para Cristo curar um câncer, que ressuscitou alguém que estava morto há quatro dias?" Quando, portanto, ouvi isso, fiquei extremamente indignado que um milagre tão grande, operado naquela cidade tão conhecida, e em uma pessoa que certamente não era obscura, não fosse divulgado, e considere que ela deveria ser falada. para, se não repreendido nesta pontuação. E quando ela me respondeu que não tinha guardado silêncio sobre o assunto, perguntei às mulheres que ela conhecia melhor se já tinham ouvido falar disso antes. Eles me disseram que não sabiam nada disso. "Veja", eu disse, "o que significa não guardar silêncio, já que nem mesmo aqueles que estão tão familiarizados com você sabem disso." E como eu tinha ouvido a história apenas brevemente, eu a fiz contar como tudo aconteceu, do começo ao fim, enquanto as outras mulheres ouviam com grande espanto e glorificavam a Deus.

5. Um médico gotoso da mesma cidade, quando deu em seu nome para o batismo, e foi proibido no dia anterior ao seu batismo de ser batizado naquele ano, por meninos negros de cabelos lanosos que lhe apareceram em sonhos, e a quem ele entendia serem demônios, e quando, embora eles pisassem em seus pés e infligissem a dor mais aguda que ele já havia experimentado, ele se recusou a obedecê-los,

mas os superou e não adiou ser lavado na camada de regeneração, foi aliviado no próprio ato do batismo, não apenas da dor extraordinária com que foi torturado, mas também da própria doença, de modo que, embora tenha vivido muito tempo depois, nunca sofreu de gota; e, no entanto, quem sabe desse milagre? Nós, no entanto, sabemos disso, e também o pequeno número de irmãos que estavam na vizinhança, e a cujos ouvidos pode chegar.

6. Um velho comediante de Curubis foi curado no batismo não só de paralisia, mas também de hérnia, e, sendo liberto de ambas as aflições, saiu da fonte da regeneração como se não tivesse nada de errado com seu corpo. Quem fora de Curubis sabe disso, ou quem, mas muito poucos que podem ouvir em outro lugar? Mas nós, quando soubemos disso, fizemos o homem vir a Cartago, por ordem do santo bispo Aurélio, embora já tivéssemos verificado o fato por informações de pessoas cuja palavra não podíamos duvidar.

7. Hespérius, de família tribunita e vizinho nosso, tem uma fazenda chamada Zubedi no distrito de Fussalian; 3 e, descobrindo que sua família, seu gado e seus servos estavam sofrendo da malícia de espíritos malignos, ele Pediu aos nossos presbíteros, durante minha ausência, que um deles fosse com ele e banisse os espíritos com suas orações. Um foi, ofereceu ali o sacrifício do corpo de Cristo, orando com todas as suas forças para que aquele vexame cessasse. Ele cessou imediatamente, pela misericórdia de Deus. Agora, ele havia recebido de um amigo seu alguma terra santa trazida de Jerusalém, onde Cristo, tendo sido sepultado, ressuscitou ao terceiro dia. Esta terra ele havia pendurado em seu quarto para se preservar do mal. Mas quando sua casa foi expurgada daquela invasão demoníaca, ele começou a considerar o que deveria ser feito com a terra; pois sua reverência por ele o fez não querer mais tê-lo em seu quarto. Aconteceu que eu e Maximino bispo de Synita, e então meu colega, estávamos na vizinhança. Hesperius nos pediu para visitá-lo, e nós o fizemos. Quando ele relatou todas as circunstâncias, ele implorou que a terra fosse enterrada em algum lugar, e que o local fosse feito um lugar de oração onde os cristãos pudessem se reunir para adorar a Deus. Não

fizemos nenhuma objeção: foi feito como ele desejava. Havia naquela vizinhança um jovem camponês paraplégico que, ao saber disso, implorou a seus pais que o levassem sem demora para aquele lugar santo. Quando ele foi trazido para lá, ele orou, e imediatamente foi embora em seus próprios pés perfeitamente curado.

8. Há uma sede de campo chamada Victoriana, a menos de trinta milhas de Hippo-regius. Nele há um monumento aos mártires milaneses, Protásio e Gervásio. Para lá foi levado um jovem que, quando dava água a seu cavalo em um dia de verão ao meio-dia em uma poça de um rio, havia sido possuído por um demônio. Deitado junto ao monumento, perto da morte, ou mesmo quase morto, a dona do solar, com as suas criadas e os religiosos, entraram no local para a oração e louvor da noite, como era seu costume, e começaram a cantar hinos. A este som o jovem, como que eletrizado, ficou completamente excitado, e com gritos assustadores agarrou o altar, e segurou-o como se não ousasse ou não pudesse soltá-lo, e como se estivesse preso ou amarrado a ele. Isto; e o diabo nele, com grande lamentação, implorou para que ele pudesse ser poupado, e confessou onde e quando e como ele tomou posse do jovem. Por fim, declarando que iria sair dele, ele nomeou uma a uma as partes de seu corpo que ele ameaçou mutilar ao sair e com essas palavras ele se afastou do homem. Mas seu olho, caindo em sua bochecha, pendia por uma fina veia como por uma raiz, e toda a pupila que era preta tornou-se branca. Quando isso foi testemunhado pelos presentes (outros também se juntaram aos seus gritos e todos se juntaram em oração por ele), embora estivessem satisfeitos por ele ter recuperado sua sanidade mental, mas, por outro lado, ficaram tristes. Sobre seu olho, e disse que deveria procurar orientação médica. Mas o marido de sua irmã, que o trouxe para lá, disse: "Deus, que baniu o diabo, é capaz de restaurar seu olho nas orações de Seus santos". Com isso ele recolocou o olho que estava caído e pendurado, e o prendeu em seu lugar com seu lenço o melhor que pôde, e o aconselhou a não soltar o curativo por sete dias. Quando o fez, achou-o bastante saudável. Outros também foram curados lá, mas deles era tedioso falar.

9. Sei que uma jovem de Hipona foi imediatamente despojada de um demônio, ao se ungir com óleo, misturado com as lágrimas do presbítero que orava por ela. Sei também que certa vez um bispo rezou por um jovem endemoninhado que ele nunca viu, e que ele foi curado na hora.

10. Havia um compatriota nosso em Hipona, Florentius, um homem velho, religioso e pobre, que se sustentava como alfaiate. Tendo perdido seu casaco, e não tendo meios para comprar outro, ele orou aos Vinte Mártires, que têm um santuário memorial muito famoso em nossa cidade, pedindo em voz distinta que ele fosse vestido. Alguns jovens zombadores, que por acaso estavam presentes, o ouviram e o seguiram com seu sarcasmo enquanto ele se afastava, como se ele tivesse pedido cinquenta pence aos mártires para comprar um casaco. Mas ele, andando em silêncio, viu na praia um grande peixe, ofegando como se acabasse de ser lançado, e tendo-o apanhado com a ajuda bondosa dos jovens, vendeu-o para curar a um cozinheiro de nome Catosus. , um bom homem cristão, dizendo-lhe como ele tinha conseguido, e recebendo por isso trezentos pence, que ele colocou em lã, para que sua esposa pudesse exercitar sua habilidade e fazer um casaco para ele. Mas, ao cortar o peixe, o cozinheiro encontrou um anel de ouro em sua barriga; e imediatamente, movido pela compaixão e influenciado também pelo medo religioso, entregou-o ao homem, dizendo: "Veja como os vinte mártires o vestiram".

11. Quando o bispo Projectus estava trazendo as relíquias do glorioso mártir Estevão para as águas de Tibilis, uma grande multidão veio ao seu encontro no santuário. Ali, uma cega suplicou que a conduzissem ao bispo que trazia as relíquias. Ele deu a ela as flores que estava carregando. Ela os pegou, aplicou-os nos olhos e imediatamente viu. Os presentes ficaram espantados, enquanto ela, com toda expressão de alegria, os precedia, seguindo seu caminho sem mais necessidade de guia.

12. O bispo Lúcio de Sinita, nas imediações da vila colonial de Hipona, levava em procissão algumas relíquias do mesmo mártir, que haviam sido depositadas no castelo de Sinita. Uma fístula sob a qual ele

trabalhava há muito tempo, e que seu médico particular estava vendo uma oportunidade de cortar, foi subitamente curada pelo simples fato de carregar aquele fardel sagrado – pelo menos, depois não havia vestígios dele em seu corpo.

13. Eucharius, um padre espanhol, residente em Calama, foi durante muito tempo um doente de pedra. Pelas relíquias do mesmo mártir, que o bispo Possídio lhe trouxe, foi curado. Depois o mesmo padre, afundando sob outra doença, jazia morto, e já estavam amarrando suas mãos. Pelo socorro do mesmo mártir ele foi ressuscitado, tendo o manto do padre sido trazido do oratório e colocado sobre o cadáver.

14. Havia um velho nobre chamado Marcial, que tinha grande aversão à religião cristã, mas cuja filha era cristã, enquanto seu marido havia sido batizado naquele mesmo ano. Quando ele estava doente, suplicaram-lhe com lágrimas e orações que se tornasse cristão, mas ele recusou positivamente e os dispensou de sua presença em uma tempestade de indignação. Ocorreu ao genro ir ao oratório de Santo Estêvão e ali rezar por ele com toda a seriedade para que Deus lhe desse uma mente sã, para que não demorasse a crer em Cristo. Isso ele fez com grande gemido e lágrimas, e o fervor ardente da piedade sincera; depois, ao sair do local, apanhou algumas das flores que ali estavam e, como já era noite, colocou-as junto à cabeça do pai, que assim dormia. E olha! antes do amanhecer, ele grita para que alguém corra para o bispo; mas naquela época ele estava comigo em Hippo. Assim, quando soube que era de casa, pediu aos presbíteros que viessem. Eles vieram. Para alegria e espanto de todos, ele declarou que cria e foi batizado. Enquanto ele permaneceu em vida, estas palavras estavam sempre em seus lábios: "Cristo, receba meu espírito", embora ele não estivesse ciente de que essas eram as últimas palavras do abençoado Estêvão quando ele foi apedrejado pelos judeus. Foram também as suas últimas palavras, pois não muito tempo depois ele próprio também entregou o fantasma.

15. Ali também, pelo mesmo mártir, dois homens, um cidadão e outro estrangeiro, foram curados de gota; mas enquanto o cidadão estava absolutamente curado, o estranho só era informado do que deveria

aplicar quando a dor voltasse; e quando ele seguiu esse conselho, a dor foi imediatamente aliviada.

16. Audurus é o nome de uma propriedade, onde existe uma igreja que contém um santuário memorial do mártir Estevão. Aconteceu que, enquanto um menino brincava no pátio, os bois puxando uma carroça saíram do trilho e o esmagaram com a roda, de modo que imediatamente ele parecia em seu último suspiro. Sua mãe o agarrou e o colocou no santuário, e não apenas ele reviveu, mas também parecia ileso.

17. Uma mulher religiosa, que morava em Caspalium, uma propriedade vizinha, quando estava tão doente que se desesperava, teve seu vestido trazido para este santuário, mas antes que fosse trazido de volta, ela se foi. No entanto, seus pais envolveram seu cadáver no vestido e, com a respiração voltando, ela ficou muito bem.

18. Em Hipona, um sírio chamado Bassus estava rezando nas relíquias do mesmo mártir por sua filha, que estava gravemente doente. Ele também trouxe o vestido dela para o santuário. Mas enquanto ele orava, eis que seus servos correram da casa para lhe dizer que ela estava morta. Seus amigos, no entanto, os interceptaram e os proibiram de contar a ele, para que ele não a lamentasse em público. E quando ele voltou para sua casa, que já ressoava com as lamentações de sua família, e jogou no corpo de sua filha o vestido que ele carregava, ela foi restaurada à vida.

19. Ali, também, o filho de um homem, Irineu, um de nossos coletores de impostos, adoeceu e morreu. E enquanto seu corpo jazia sem vida, e os últimos ritos estavam sendo preparados, em meio ao choro e luto de todos, um dos amigos que consolavam o pai sugeriu que o corpo fosse ungido com o óleo do mesmo mártir. Foi feito, e ele reviveu.

20. Da mesma forma Eleusino, um homem de classe tribunita entre nós, colocou seu filho recém-nascido, que havia morrido, sobre o santuário do mártir, que está no subúrbio onde ele morava, e, depois da oração, que ele derramou com muitas lágrimas, ele pegou seu filho

vivo.

21 . O que eu devo fazer? Estou tão pressionado pela promessa de terminar este trabalho, que não posso registrar todos os milagres que conheço; e, sem dúvida, vários de nossos adeptos, quando lerem o que narrei, se arrependerão de ter omitido tantos que eles, assim como eu, certamente sabem. Mesmo agora, peço a essas pessoas que me desculpem e considerem quanto tempo levaria para relatar todos esses milagres, que a necessidade de terminar o trabalho que empreendi me obriga a omitir. Pois se eu silenciasse sobre todos os outros e registrasse exclusivamente os milagres de cura que foram operados no distrito de Calama e de Hipona por meio desse mártir - quero dizer, o glorioso Estêvão - eles encheriam muitos volumes; e, no entanto, nem todos eles puderam ser coletados, mas apenas aqueles cujas narrativas foram escritas para recitação pública. Pois quando vi, em nossos dias, sinais freqüentes da presença de poderes divinos semelhantes aos que foram dados antigamente, desejei que fossem escritas narrativas, julgando que a multidão não deveria permanecer ignorante dessas coisas. Ainda não se passaram dois anos desde que essas relíquias foram trazidas pela primeira vez a Hippo-regius, e embora muitos dos milagres que foram operados por ela não tenham sido registrados, como tenho os meios mais seguros de saber, aqueles que foram publicados chegam a quase setenta na hora em que escrevo. Mas em Calama, onde essas relíquias estão há mais tempo, e onde mais milagres foram narrados para informação pública, há incomparavelmente mais.

22. Também em Uzali, uma colônia perto de Utica, muitos milagres notáveis foram, que eu saiba, operados pelo mesmo mártir, cujas relíquias haviam encontrado um lugar ali por direção do bispo Evódio, muito antes de as termos em Hipona. Mas aí o costume de publicar narrativas não prevalece, ou, devo dizer, não prevaleceu, pois possivelmente pode ter começado agora. Pois, quando estive lá recentemente, uma mulher de posição, Petronia, havia sido milagrosamente curada de uma grave doença de longa data, na qual todos os aparelhos médicos falharam e, com o consentimento do bispo

acima nomeado do local, eu exortou-a a publicar um relato que pudesse ser lido ao povo. Ela prontamente obedeceu e inseriu em sua narrativa uma circunstância que não posso deixar de mencionar, embora seja obrigado a apressar os assuntos que este trabalho exige que eu trate. Ela disse que tinha sido persuadida por um judeu a usar junto à pele, sob todas as suas roupas, um cinto de cabelo, e neste cinto um anel, que, em vez de uma pedra preciosa, tinha uma pedra que havia sido encontrada nos rins de um boi. Cingida com este encanto, ela se dirigia ao limiar do santo mártir. Mas, depois de sair de Cartago, e quando ela estava hospedada em seu próprio domínio no rio Bagrada, e agora estava subindo para continuar sua jornada, ela viu seu anel caído diante de seus pés. Com grande surpresa, ela examinou o cinto de cabelo e, quando o encontrou amarrado, como estava, bem firme com nós, conjecturou que o anel havia sido gasto e caído; mas quando ela descobriu que o anel também estava perfeitamente inteiro, ela presumiu que por esse grande milagre ela havia recebido de alguma forma uma promessa de sua cura, então ela desamarrou o cinto e o jogou no rio, e o anel junto com ele. Isso não é creditado por aqueles que também não acreditam que o Senhor Jesus Cristo saiu do ventre de Sua mãe sem destruir sua virgindade, e entrou no meio de Seus discípulos quando as portas foram fechadas; mas deixe-os fazer uma investigação rigorosa sobre este milagre, e se o acharem verdade, deixe-os acreditar nos outros. A dama é distinta, nascida nobre, casada com um nobre. Ela reside em Cartago. Distingue-se a cidade, distingue-se a pessoa, de modo que quem indaga não pode deixar de encontrar satisfação. Certamente o próprio mártir, por cujas orações ela foi curada, acreditou no Filho dela que permaneceu virgem; naquele que entrou no meio dos discípulos quando as portas estavam fechadas; em suma, - e para isso tende tudo o que temos vendido - sobre Aquele que ascendeu ao céu com a carne na qual Ele havia ressuscitado; e é porque ele deu sua vida por essa fé que tais milagres foram feitos por seus meios.

Mesmo agora, portanto, muitos milagres são operados, o mesmo Deus que operou aqueles que lemos que ainda os realizam, por quem Ele quer e como Ele quer; mas eles não são tão conhecidos, nem são

gravados na memória, como o cascalho, pela leitura frequente, de modo que não podem cair da mente. Pois mesmo onde, como agora é feito entre nós, cuida-se que os panfletos dos beneficiados sejam lidos publicamente, mas os presentes ouvem a narrativa apenas uma vez, e muitos estão ausentes; e assim acontece que mesmo aqueles que estão presentes esquecem em poucos dias o que ouviram, e dificilmente se encontra um deles que diga o que ouviu a alguém que ele sabe que não estava presente.

23. Um milagre foi feito entre nós, que, embora não maior do que os que mencionei, foi ainda tão notável e visível, que suponho que não há habitante de Hipona que não tenha visto ou ouvido falar dele, ninguém que pudesse esquecer. Havia sete irmãos e três irmãs de uma família nobre da Capadócia Cesaréia, que foram amaldiçoados por sua mãe, uma viúva recém-feita, por causa de algum mal que lhe fizeram, e do qual ela se ressentiu amargamente, e que foram visitados com uma punição tão severa do céu, que todos eles foram apreendidos com um tremor hediondo em todos os seus membros. Incapaz, apesar de apresentar essa aparência repugnante, de suportar os olhos de seus concidadãos, eles vagaram por quase todo o mundo romano, cada um seguindo sua própria direção. Dois deles vieram a Hipona, um irmão e uma irmã, Paulus e Palladia, já conhecidos em muitos outros lugares pela fama de sua miserável sorte. Agora faltavam cerca de quinze dias para a Páscoa quando eles chegaram, e vinham diariamente à igreja, e especialmente às relíquias do glorioso Estevão, orando para que Deus pudesse agora ser apaziguado e restaurar sua saúde anterior. Lá, e onde quer que fossem, atraíam a atenção de todos. Alguns que os tinham visto em outros lugares e sabiam a causa de seu tremor, contaram a outros conforme a ocasião se oferecia. A Páscoa chegou, e no dia do Senhor, pela manhã, quando já havia uma grande multidão presente, e o jovem estava segurando as barras do lugar santo onde estavam as relíquias, e orando, de repente ele se prostrou e deitou-se precisamente como se estivesse dormindo, mas não tremendo como costumava fazer mesmo durante o sono. Todos os presentes ficaram surpresos. Alguns ficaram alarmados, alguns foram movidos de pena; e enquanto alguns estavam para levantá-lo, outros os impediram, e

disseram que deveriam esperar e ver o que resultaria. E eis! ele se levantou e não tremeu mais, pois estava curado, e ficou muito bem, examinando aqueles que o examinavam. Quem então se absteve de louvar a Deus? A igreja inteira se encheu com as vozes daqueles que gritavam e o felicitavam. Então eles vieram correndo para mim, onde eu estava sentado pronto para entrar na igreja. Um após o outro eles se aglomeraram, o último a chegar me contando como novidade o que o primeiro já havia me contado; e enquanto eu me alegrava e interiormente dava graças a Deus, o próprio jovem também entra, com vários outros, cai de joelhos, levanta-se para receber meu beijo. Entramos na congregação: a igreja estava cheia e ressoava com gritos de alegria: "Graças a Deus! Louvado seja Deus!" todos se juntando e gritando por todos os lados: "Eu curei o povo", e então com voz ainda mais alta gritando novamente. Obtido finalmente o silêncio, foram lidas as lições costumeiras das Escrituras divinas. E quando cheguei ao meu sermão, fiz algumas observações adequadas à ocasião e ao sentimento feliz e alegre, não desejando que me ouvissem, mas sim que considerassem a eloquência de Deus nesta obra divina. O homem juntou conosco e nos deu um relato cuidadoso de sua própria calamidade, de sua mãe e de sua família. Assim, no dia seguinte, depois de proferir meu sermão, prometi que no dia seguinte leria sua narrativa ao povo. E quando o fiz, no terceiro dia depois do domingo de Páscoa, fiz o irmão e a irmã ficarem nos degraus do lugar elevado de onde eu costumava falar; e enquanto eles estavam ali, seu panfleto foi lido.² Toda a congregação, homens e mulheres, viu um de pé sem nenhum movimento anormal, o outro tremendo em todos os membros; de modo que aqueles que antes não tinham visto o próprio homem viram em sua irmã o que a compaixão divina havia removido dele. Nele viam motivo de congratulações, em seu assunto para oração. Enquanto isso, terminando o panfleto, instruí-os a se afastarem do olhar do povo; e eu tinha começado a discutir todo o assunto com um pouco mais de cuidado, quando eis! enquanto eu prosseguia, outras vozes são ouvidas do túmulo do mártir, gritando novos parabéns. Minha audiência virou-se e começou a correr para o túmulo. A jovem, quando desceu os degraus onde estivera, foi rezar nas relíquias sagradas, e mal tocou as barras, ela, da mesma forma que

seu irmão, caiu, como se estivesse caindo adormecido, e ressuscitou curado. Enquanto, então, perguntávamos o que havia acontecido e o que havia causado esse barulho de alegria, eles entraram na basílica onde estávamos, levando-a do túmulo do mártir em perfeita saúde. Então, de fato, um grito de admiração se ergueu de homens e mulheres juntos, que as exclamações e as lágrimas pareciam nunca ter fim. Ela foi conduzida ao lugar onde um pouco antes estava tremendo. Eles agora se regozijavam por ela ser como seu irmão, como antes lamentavam que ela continuasse diferente dele; e como ainda não haviam feito suas orações em favor dela, perceberam que sua intenção de fazê-lo fora prontamente ouvida. Eles gritavam louvores a Deus sem palavras, mas com tanto barulho que nossos ouvidos mal podiam suportar. O que havia no coração daquelas pessoas exultantes senão a fé em Cristo, pela qual Estêvão derramou seu sangue?

CAPÍTULO. 9.-TODOS OS MILAGRES QUE SÃO FEITOS POR MEIO DOS MÁRTIRES EM NOME DE CRISTO TESTIFICAM A FÉ QUE OS MÁRTIRES TINHAM EM CRISTO

1. De que testemunham esses milagres, senão desta fé que prega Cristo ressuscitado em carne e com a mesma ascendido ao céu? Pois os próprios mártires foram mártires, isto é, testemunhas desta fé, atraindo sobre si com seu testemunho o ódio do mundo e conquistando o mundo não resistindo a ele, mas morrendo. Por essa fé eles morreram, e agora podem pedir esses benefícios ao Senhor em cujo nome foram mortos. Por essa fé, sua maravilhosa constância foi exercida, de modo que nesses milagres grande poder foi manifestado como resultado. Pois se a ressurreição da carne para a vida eterna não ocorreu em Cristo, e não deve ser realizada em Seu povo, como predito por Cristo, ou pelos profetas que predisseram que Cristo viria, por que os mártires que foram mortos por esta fé que proclama a ressurreição possuem tal poder? Pois se o próprio Deus operou esses milagres por aquela maravilhosa maneira de operar pela qual, embora Ele mesmo eterno, Ele produz efeitos no tempo; ou se Ele as operou por meio de servos, e se sim, se Ele usou os espíritos dos mártires como Ele usa

homens que ainda estão no corpo, ou efetua todas essas maravilhas por meio de anjos, sobre os quais Ele exerce uma influência invisível e imutável. , influência incorpórea, de modo que o que é dito ser feito pelos mártires não é feito por sua operação, mas apenas por sua oração e pedido; ou se, finalmente, algumas coisas são feitas de uma maneira, outras de outra, e de modo que o homem não pode compreendê-las – no entanto, esses milagres atestam essa fé que prega a ressurreição da carne para a vida eterna.

CAPÍTULO. 10.-QUE OS MÁRTIRES QUE OBTÊM MUITOS MILAGRES PARA QUE O VERDADEIRO DEUS POSSA SER ADORADO, SÃO DIGNOS DE UMA HONRA MUITO MAIOR DO QUE OS DEMÔNIOS, QUE FAZEM ALGUMAS MARAVILHAS PARA QUE ELES MESMOS POSSAM SER SUPOSTAMENTE DEUSES

1. Aqui talvez nossos adversários digam que seus deuses também fizeram coisas maravilhosas, se agora começarem a comparar seus deuses com nossos mortos. Ou dirão também que têm deuses tirados de entre os mortos, como Hércules, Rômulo e muitos outros que imaginam terem sido recebidos no número dos deuses? Mas nossos mártires não são nossos deuses; pois sabemos que os mártires e nós temos um só Deus, e que é o mesmo. Nem ainda os milagres que eles afirmam terem sido feitos por meio de seus templos são comparáveis aos que são feitos pelos túmulos de nossos mártires. Se eles parecem semelhantes, seus deuses foram derrotados por nossos mártires como os magos do faraó foram derrotados por Moisés. Na realidade, os demônios fizeram essas maravilhas com o mesmo orgulho impuro com que aspiravam a ser os deuses das nações; mas os mártires fazem essas maravilhas, ou melhor, Deus as faz enquanto eles rezam e assistem, para que seja dado um impulso à fé pela qual acreditamos que eles não são nossos deuses, mas têm, conosco, um só Deus. Em suma, eles construíram templos para esses deuses deles, e estabeleceram altares, e ordenaram sacerdotes e designaram sacrifícios; mas para nossos mártires construímos, não templos como

se fossem deuses, mas monumentos como se fossem mortos cujos espíritos vivem com Deus. Nem erguemos altares nesses monumentos para sacrificar aos mártires, mas ao único Deus dos mártires e de nós mesmos; e neste sacrifício eles são nomeados em seu próprio lugar e posição como homens de Deus que conquistaram o mundo confessando-O, mas eles não são invocados pelo sacerdote sacrificador. Pois é a Deus, não a eles, que ele sacrifica, embora sacrifique em seu monumento; pois ele é o sacerdote de Deus, não deles. O próprio sacrifício também é o corpo de Cristo, que não lhes é oferecido, porque eles mesmos são esse corpo. Qual, então, pode ser mais facilmente acreditado para operar milagres? Aqueles que desejam ser considerados deuses por aqueles em quem fazem milagres, ou aqueles cujo único objetivo em realizar qualquer milagre é induzir a fé em Deus, e em Cristo também como Deus? Aqueles que quiseram transformar até mesmo seus crimes em ritos sagrados, ou aqueles que não querem que até mesmo seus próprios louvores sejam consagrados, e procuram que tudo pelo que eles são justamente louvados seja atribuído à glória daquele em quem eles são louvados? Pois no Senhor suas almas são louvadas. Vamos, portanto, acreditar naqueles que falam a verdade e fazem maravilhas. Pois falando a verdade eles sofreram, e assim conquistaram o poder de operar maravilhas. E a principal verdade que eles professaram é que Cristo ressuscitou dos mortos, e primeiro mostrou em Sua própria carne a imortalidade da ressurreição que Ele prometeu que seria nossa, seja no princípio do mundo vindouro, ou no fim deste mundo. .

CAPÍTULO. 11.- CONTRA OS PLATONISTAS, QUE ARGUMENTAM QUE FISICAMENTE UM CORPO TERRESTRE NÃO PODE HABITAR O CÉU

1. Mas contra este grande dom de Deus, esses raciocinadores, "cujos pensamentos o Senhor sabe que são vãos" trazem argumentos do peso dos elementos; pois eles foram ensinados por seu mestre Platão que os dois maiores elementos do mundo, e os mais distantes um do outro, são acoplados e unidos pelos dois intermediários, ar e água. E,

conseqüentemente, dizem que, sendo a terra o primeiro dos elementos, começando pela base da série, o segundo a água acima da terra, o terceiro o ar acima da água, o quarto o céu acima do ar, segue-se que um corpo de terra não pode viver no céu; pois cada elemento é equilibrado por seu próprio peso de modo a preservar seu próprio lugar e classificação. Veja com que argumentos a enfermidade humana, possuída de vaidade, contradiz a onipotência de Deus! O que, então, tantos corpos terrestres fazem no ar, já que o ar é o terceiro elemento da terra? A menos que, talvez, Aquele que concedeu aos corpos terrestres dos pássaros que eles sejam transportados pelo ar pela leveza das penas e asas, não tenha sido capaz de conferir aos corpos dos homens tornados imortais o poder de habitar no mais alto céu. Também os animais terrestres, que não podem voar, entre os quais estão os homens, devem, nestes termos, viver sob a terra, como os peixes, que são os animais da água, vivem sob a água. Por que, então, um animal da terra não pode viver no segundo elemento, isto é, na água, enquanto pode no terceiro? Por que, embora pertença à terra, é imediatamente sufocado se for forçado a viver no segundo elemento logo acima da terra, enquanto vive no terceiro e não pode viver dele? Há um erro aqui na ordem dos elementos, ou não é o erro mais em seus raciocínios, e não na natureza das coisas? Não vou repetir o que disse no livro décimo terceiro,² que muitos corpos terrestres, embora pesados como chumbo, recebem da mão do trabalhador uma forma que os capacita a nadar na água; e, no entanto, é negado que o Trabalhador onipotente possa conferir ao corpo humano uma propriedade que lhe permita passar para o céu e nele habitar.

2. Mas contra o que eu disse anteriormente, eles não encontram nada a dizer, embora introduzam e aproveitem essa ordem dos elementos em que confiam. Pois se a ordem é que a terra seja primeiro, a água em segundo, o ar em terceiro, o céu em quarto, então a alma está acima de tudo. Pois Aristóteles disse que a alma era um quinto corpo, enquanto Platão negou que fosse um corpo. Se fosse um quinto corpo, certamente estaria acima dos demais; e se não é um corpo, tanto mais se eleva acima de tudo. O que, então, ele faz em um corpo terreno? O que esta alma, que é mais fina do que todas as outras, faz em uma

massa de matéria como esta? O que a mais leve das substâncias faz nessa ponderosidade? esta substância mais rápida em tal lentidão? O corpo não será elevado ao céu em virtude de uma natureza tão excelente como esta? e se agora os corpos terrenos podem reter as almas abaixo, as almas não poderão um dia elevar os corpos terrenos acima?

3. Se passarmos agora aos seus milagres que eles opõem aos nossos mártires como forjados por seus deuses, nem mesmo estes serão encontrados para fazer por nós e ajudar nosso argumento? Pois se algum dos milagres de seus deuses é grande, certamente é um grande que Varrão menciona de uma virgem vestal, que, quando foi ameaçada por uma falsa acusação de falta de castidade, encheu uma peneira com água do Tibre e levou para seus juízes sem que nenhuma parte dela vazasse. Quem guardou o peso da água na peneira? Quem impediu que qualquer gota dela caísse por tantos buracos abertos? Eles responderão: Algum deus ou algum demônio. Se um deus, ele é maior do que o Deus que fez o mundo? Se um demônio, ele é mais poderoso do que um anjo que serve ao Deus por quem o mundo foi feito? Se, então, um deus, anjo ou demônio menor pudesse sustentar o peso desse elemento líquido de tal maneira que a água parecesse ter mudado sua natureza, o Deus Todo-Poderoso, que Ele mesmo criou todos os elementos, não seria capaz de eliminar do corpo terreno seu peso, para que o corpo vivificado habite em qualquer elemento que o espírito vivificador agrade?

4. Então, novamente, já que eles dão ao ar um lugar intermediário entre o fogo acima e a água abaixo, como é que nós o encontramos muitas vezes entre a água e a água, e entre a água e a terra? Pois o que eles fazem dessas nuvens aquosas, entre as quais e o ar do mar se encontra constantemente intervindo? Eu gostaria de saber com que peso e ordem dos elementos acontece que torrentes muito violentas e tempestuosas são suspensas nas nuvens acima da terra antes de se precipitarem sobre a terra sob o ar. Enfim, por que em todo o globo o ar está entre o céu mais alto e a terra, se seu lugar está entre o céu e a água, como o lugar da água está entre o céu e a terra?

5. Finalmente, se a ordem dos elementos está disposta de tal maneira que, como pensa Platão, os dois extremos, fogo e terra, estão unidos pelos dois meios, ar e água, e que o fogo ocupa a parte mais alta do céu, e a terra a parte mais baixa, ou como foi a fundação do mundo, e que, portanto, a terra não pode estar nos céus, como está o fogo na terra? Pois, de acordo com esse raciocínio, esses dois elementos, terra e fogo, devem estar tão restritos a seus próprios lugares, o mais alto e o mais baixo, que nem o mais baixo possa subir ao lugar do mais alto, nem o mais alto descer àquele lugar. Assim, como eles pensam que nenhuma partícula de terra está ou jamais estará no céu, não devemos ver nenhuma partícula de fogo na terra. Mas o fato é que existe a tal ponto, não apenas na terra, mas também debaixo da terra, que os cumes das montanhas o vomitam; além disso, vemos que existe na terra para usos humanos, e até mesmo para ser produzido a partir da terra, pois é aceso de madeira e pedras, que são sem dúvida corpos terrestres. Mas esse fogo [superior], dizem eles, é tranquilo, puro, inofensivo, eterno; mas este fogo [terrestre] é turvo, esfumaçado, corruptível e corruptor. Mas não corrompe as montanhas e cavernas da terra em que se enfurece continuamente. Mas admita que o fogo terrestre seja tão diferente do outro que se adapte à sua posição terrena, por que então eles se opõem à nossa crença de que a natureza dos corpos terrestres um dia se tornará incorruptível e adequada para o céu, assim como agora o fogo é corruptível? e adequado à terra? Eles, portanto, aduzem de seus pesos e ordem dos elementos nada a partir do qual possam provar que é impossível para Deus Todo-Poderoso fazer nossos corpos de tal forma que possam habitar nos céus.

CAPÍTULO. 12.-CONTRA AS CALÚNIAS COM AS QUAIS OS INCRÉDULOS RIDICULARIZAM A FÉ CRISTÃ NA RESSURREIÇÃO DA CARNE

1. Mas o jeito deles é fingir uma ansiedade escrupulosa ao investigar essa questão e ridicularizar nossa fé na ressurreição do corpo, perguntando: Se os abortos surgirão? E como o Senhor diz: "Em verdade vos digo que nem um fio de cabelo de vossa cabeça perecerá",

todos os corpos terão a mesma estatura e força, ou haverá diferenças de tamanho? Pois se deve haver igualdade, onde esses abortos, supondo que eles ressuscitem, obterão o volume que não tiveram aqui? Ou se não se levantarem porque não nasceram, mas foram expulsos, levantam a mesma questão sobre as crianças que morreram na infância, perguntando-nos de onde obtêm a estatura que vemos que não tinham aqui; pois não diremos que aqueles que não apenas nasceram, mas nasceram de novo, não ressuscitarão. Então, ainda, eles perguntam de que tamanho devem ser esses corpos iguais. Pois se todos devem ser tão altos e grandes como os maiores e mais altos deste mundo, eles nos perguntam como é que não apenas as crianças, mas muitos adultos devem receber o que eles não possuíam aqui, se cada um deve receber o que ele tinha aqui. E se o dito do apóstolo, que todos nós devemos chegar à “medida da idade da plenitude de Cristo”, ou aquele outro ditado: “A quem Ele predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho”,² é para ser entendido como significando que a estatura e o tamanho do corpo de Cristo serão a medida dos corpos de todos aqueles que estarão em Seu reino, então, dizem eles, o tamanho e a altura de muitos devem ser diminuídos; e se tanto da estrutura corporal se perder, o que acontece com o ditado: "Nem um fio de cabelo de sua cabeça perecerá?" Além disso, pode-se perguntar sobre o próprio cabelo, se tudo o que o barbeiro cortou será restaurado? E se for restaurada, quem não recuará de tal deformidade? Pois, como a mesma restauração será feita do que foi cortado das unhas, muito será substituído no corpo que uma consideração por sua aparência havia cortado. E onde, então, estará sua beleza, que certamente deveria ser muito maior naquela condição imortal do que poderia ser neste estado corruptível? Por outro lado, se tais coisas não forem restauradas ao corpo, elas devem perecer; como, então, dizem eles, não perecerá um fio de cabelo da cabeça? Da mesma maneira, eles raciocinam sobre gordura e magreza; pois se todos devem ser iguais, certamente não haverá alguns gordos, outros magros. Alguns, portanto, ganharão, outros perderão alguma coisa. Consequentemente, não haverá uma simples restauração do que existia anteriormente, mas, por um lado, uma adição do que não existia e, por outro, uma perda do que existia antes.

2. As dificuldades, também, sobre a corrupção e a dissolução de corpos mortos – que um é transformado em pó, enquanto outro evapora no ar; que alguns são devorados por animais, outros pelo fogo, enquanto alguns perecem por naufrágio ou afogamento de uma forma ou de outra, de modo que seus corpos se decompõem em líquido - essas dificuldades lhes dão um alarme imoderado, e eles acreditam que todos esses elementos dissolvidos não podem ser reunido novamente e reconstruído em um corpo. Eles também fazem uso ansioso de todas as deformidades e manchas que o acidente ou o nascimento produziram e, portanto, com horror e escárnio, citam nascimentos monstruosos e perguntam se toda deformidade será preservada na ressurreição. Pois se dissermos que tal coisa não será reproduzida no corpo de um homem, eles supõem que nos refutam citando as marcas das feridas que afirmamos terem sido encontradas no corpo ressuscitado do Senhor Cristo. Mas de todas essas, a questão mais difícil é: em cujo corpo voltará aquela carne que foi comida e assimilada por outro homem constrangido pela fome a usá-la assim; pois foi convertido na carne do homem que o usou como seu alimento, e preencheu as perdas de carne que a fome havia produzido. Por uma questão, então, de ridicularizar a ressurreição, eles perguntam: Isso retornará ao homem cuja carne era primeiro, ou àquele cuja carne depois veio? E assim, também, eles procuram prometer à alma humana alternâncias de verdadeira miséria e falsa felicidade, de acordo com a teoria de Platão; ou, de acordo com Porfírio, que, depois de muitas transmigrações em diferentes corpos, termina suas misérias. e nunca mais retorna a eles, não, porém, obtendo um corpo imortal, mas escapando de todo tipo de corpo.

CAPÍTULO. 13.-SE ABORTOS, SE ESTÃO NUMERADOS ENTRE OS MORTOS, SE TAMBÉM NÃO TERÃO PARTE NA RESSURREIÇÃO

1. A essas objeções, então, de nossos adversários, que assim descrevi, responderei agora, confiando que Deus misericordiosamente ajudará

meus esforços. Que os abortos que, mesmo supondo que estivessem vivos no útero, também ali morreram, ressuscitem, não me atrevo a afirmar nem a negar, embora não veja por que, se não forem excluídos do número dos mortos, não devem alcançar a ressurreição dos mortos. Pois, ou todos os mortos não ressuscitarão, e haverá por toda a eternidade algumas almas sem corpos, embora uma vez os tivessem – apenas no ventre de sua mãe, de fato; ou, se todas as almas humanas receberem novamente os corpos que tiveram onde viveram e que deixaram quando morreram, então não vejo como posso dizer que mesmo aqueles que morreram no ventre de sua mãe não terão ressurreição. Mas quaisquer que sejam essas opiniões que alguém possa adotar a respeito delas, devemos pelo menos aplicar a elas, se elas surgirem novamente, tudo o que temos a dizer sobre as crianças que nasceram.

CAPÍTULO. 14.-SE OS BEBÊS DEVEM RESSUSCITAR NAQUELE CORPO QUE TERIAM TIDO SE TIVESSEM CRESCIDO

1. O que, então, devemos dizer das crianças, senão que elas não ressuscitarão naquele corpo diminuto em que morreram, mas receberão pela maravilhosa e rápida operação de Deus aquele corpo que o tempo por um processo mais lento teria dado a eles? Pois nas palavras do Senhor, onde Ele diz: “Nem um fio de cabelo de sua cabeça perecerá”, afirma-se que nada do que foi possuído ficará faltando; mas não é dito que nada que não foi possuído será dado. Ao bebê morto faltava a estatura perfeita de seu corpo; pois mesmo o bebê perfeito carece da perfeição do tamanho corporal, sendo capaz de crescer ainda mais. Essa estatura perfeita é, em certo sentido, tão possuída por todos que eles são concebidos e nascem com ela – isto é, eles a possuem potencialmente, embora ainda não em volume real; assim como todos os membros do corpo estão potencialmente na semente, embora, mesmo após o nascimento da criança, alguns deles, os dentes, por exemplo, possam estar faltando. Neste princípio seminal de toda substância, parece haver, por assim dizer, o começo de tudo o que

ainda não existe, ou melhor, não aparece, mas que no decorrer do tempo virá a ser, ou melhor, à vista. Nisso, portanto, a criança que deve ser alta ou baixa já é alta ou baixa. E na ressurreição do corpo, precisamos, pela mesma razão, não temer nenhuma perda corporal; pois, embora todos devam ser do mesmo tamanho e atingir proporções gigantescas, para que os homens que eram maiores aqui não perdessem nada de seu volume e perecessem, em contradição com as palavras de Cristo, que disse que nem um fio de cabelo de sua cabeça deveria perecer, mas por que faltam os meios pelos quais esse maravilhoso Trabalhador deve fazer tais acréscimos, visto que Ele é o Criador, que Ele mesmo criou todas as coisas do nada?

CAPÍTULO. 15.-SE OS CORPOS DE TODOS OS MORTOS SURGEM DO MESMO TAMANHO QUE O CORPO DO SENHOR

1. É certo que Cristo ressuscitou na mesma estatura corpórea em que morreu, e que é errado dizer que, quando a ressurreição geral chegar, Seu corpo, para igualar o mais alto, assumirá proporções que não aconteceu quando Ele apareceu aos discípulos na figura com a qual eles estavam familiarizados. Mas se dissermos que mesmo os corpos dos homens mais altos devem ser reduzidos ao tamanho do corpo do Senhor, haverá uma grande perda em muitos corpos, embora Ele tenha prometido que nem um fio de cabelo de sua cabeça pereceria. Resta, portanto, concluir que todo homem receberá seu próprio tamanho que teve na juventude, embora tenha morrido velho, ou que teria, supondo que morresse antes de seu auge. Quanto ao que o apóstolo disse sobre a medida da idade da plenitude de Cristo, devemos entender que ele se refere a outra coisa, a saber, ao fato de que a medida de Cristo será completada quando todos os membros entre os cristãos comunidades são adicionadas ao Head; ou se devemos nos referir à ressurreição do corpo, o significado é que nem todos subirão além nem abaixo da juventude, mas naquele vigor e idade a que sabemos que Cristo chegou. Pois mesmo os homens mais sábios do mundo fixaram o florescimento da juventude por volta dos

trinta anos; e passado esse período, o homem começa a declinar em direção ao período defeituoso e mais maçante da velhice. E, portanto, o apóstolo não falou da medida do corpo, nem da medida da estatura, mas da “medida da idade da plenitude de Cristo”.

CAPÍTULO. 16.-O QUE SIGNIFICA A CONFORMAÇÃO DOS SANTOS À IMAGEM DO FILHO DE DEUS

1. Então, novamente, estas palavras, "Predestinados para serem conformes à imagem do Filho de Deus", podem ser entendidas do homem interior. Assim, em outro lugar, Ele nos diz: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”. somos conformados ao Filho de Deus. Também pode ser entendido assim que, como Ele foi conformado a nós ao assumir a mortalidade, seremos conformados a Ele pela imortalidade; e isso de fato está relacionado com a ressurreição do corpo. Mas se também somos ensinados com estas palavras em que forma nossos corpos devem subir, como a medida de que falamos antes, também essa conformidade deve ser entendida não pelo tamanho, mas pela idade. Assim, todos se elevarão à estatura que alcançaram ou teriam alcançado se tivessem vivido até o auge, embora não haja grande desvantagem, mesmo que a forma do corpo seja infantil ou envelhecida, enquanto nenhuma enfermidade permanecerá na mente nem no próprio corpo. De modo que, mesmo que alguém afirme que toda pessoa ressuscitará na mesma forma corpórea em que morreu, não precisamos gastar muito trabalho discutindo com ele.

CAPÍTULO. 17.-SE OS CORPOS DAS MULHERES MANTERÃO SEU PRÓPRIO SEXO NA RESSURREIÇÃO

1. Das palavras: "Até que todos cheguemos a um homem perfeito, à medida da idade da plenitude de Cristo", e das palavras, "conformados à imagem do Filho de Deus", alguns concluem que mulheres não ressuscitarão mulheres, mas que todos serão homens, porque Deus fez

o homem somente da terra, e a mulher do homem. De minha parte, parecem mais sábios aqueles que não duvidam que ambos os sexos ressuscitarão, Pois não haverá luxúria, que agora é causa de confusão. Pois antes de pecar, o homem e a mulher estavam nus e não se envergonhavam. Desses corpos, então, o vício será retirado, enquanto a natureza será preservada. E o sexo da mulher não é um vício, mas a natureza. Será então, de fato, superior à relação carnal e à procriação; não obstante, os membros femininos permanecerão adaptados não aos antigos usos, mas a uma nova beleza, que, longe de provocar a luxúria, agora extinta, excitará louvor à sabedoria e clemência de Deus, que tanto fez o que não era quanto libertou do corrupção o que Ele fez. Pois no início da raça humana a mulher era feita de uma costela retirada do lado do homem enquanto ele dormia; pois parecia apropriado que mesmo então Cristo e Sua Igreja fossem prefigurados neste evento. Pois esse sono do homem foi a morte de Cristo, cujo lado, pendurado sem vida na cruz, foi trespassado com uma lança, e dele fluíram sangue e água, e estes sabemos serem os sacramentos pelos quais a Igreja é "construído". Pois as Escrituras usaram essa mesma palavra, não dizendo "Ele formou" ou "emoldurou", mas "a edificou em mulher"; de onde também o apóstolo fala da edificação do corpo de Cristo, que é a Igreja. A mulher, portanto, é uma criatura de Deus assim como o homem; mas por sua criação do homem a unidade é recomendada; e o modo de sua criação prefigurava, como já foi dito, Cristo e a Igreja. Ele, então, que criou ambos os sexos restaurará ambos. O próprio Jesus também, quando perguntado pelos saduceus, que negavam a ressurreição, qual dos sete irmãos deveria ter como esposa a mulher que todos em sucessão haviam tomado para gerar descendência a seu irmão, como a lei ordenava, errei, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus." mas "na ressurreição nem se casam nem se dão em casamento, mas são como os anjos de Deus no céu". Serão iguais aos anjos em imortalidade e felicidade, não em carne, nem em ressurreição, de que os anjos não precisavam, porque não podiam morrer. O Senhor então negou que haveria na ressurreição, não mulheres, mas casamentos; e Ele pronunciou essa negação em circunstâncias nas quais a questão levantada teria sido mais fácil e rapidamente resolvida negando que o sexo feminino

existiria, se isso tivesse sido realmente conhecido por Ele. Mas, de fato, Ele mesmo afirmou que o sexo deveria existir ao dizer: "Eles não serão dados em casamento", o que só pode se aplicar às mulheres; "Nem eles devem se casar", que se aplica aos homens. Haverá, portanto, aqueles que estão neste mundo acostumados a se casar e ser dados em casamento, mas eles não devem fazer tais casamentos.

CAPÍTULO. 18.-DO HOMEM PERFEITO, QUE É, CRISTO; E DO SEU CORPO, QUE É A IGREJA, QUE É A SUA PLENITUDE

1. Para entender o que o apóstolo quer dizer quando diz que todos chegaremos a um homem perfeito, devemos considerar a conexão de toda a passagem, que segue assim: "Aquele que desceu é o mesmo que subiu muito acima de todos os céus , para cumprir todas as coisas, e deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação de corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da idade da plenitude de Cristo; para que já não sejamos mais meninos, atirados e levados ao redor por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens e pela astúcia com que armam ciladas para enganar; mas, seguindo a verdade em amor, cresçam em tudo naquele que é o Cabeça, Cristo : de quem todo o corpo bem ajustado e compactado pelo que toda junta fornece, segundo a operação eficaz na medida de cada parte, aumenta o corpo, para edificação de si mesmo em amor ." Eis o que é o homem perfeito - a cabeça e o corpo, que é composto de todos os membros, que em seu próprio tempo serão aperfeiçoados. Mas novas adições estão sendo feitas diariamente a este corpo enquanto a Igreja está sendo edificada, ao que se diz: "Vós sois o corpo de Cristo e Seus membros"; "que é a Igreja"; e novamente: "Nós sendo muitos, somos uma cabeça, um corpo." 8 É da edificação deste corpo que está aqui, também, disse: "Para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para o edificação do corpo de Cristo;" e então a passagem

da qual estamos falando agora é acrescentada: "Até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da idade da plenitude de Cristo", e assim por diante. E ele mostra de que corpo devemos entender que essa é a medida, quando diz: "Para que em tudo crescamos naquele que é a Cabeça, Cristo, do qual todo o corpo bem ajustado e compactado pelo que cada junta fornece, segundo a operação eficaz na medida de cada parte". Como, portanto, há uma medida de cada parte, assim há uma medida da plenitude de todo o corpo que é composto de todas as suas partes, e é dessa medida que se diz: "À medida da idade da plenitude de Cristo." Essa plenitude ele falou também no lugar onde ele diz de Cristo: "E o deus como Cabeça sobre todas as coisas à Igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que preenche tudo em todos". isto deve referir-se à forma em que cada um se levantará, o que deve nos impedir de aplicar à mulher o que se diz expressamente do homem, entendendo que ambos os sexos estão incluídos no termo geral "homem"? , "Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor", as mulheres também que temem ao Senhor estão incluídas.

**CAPÍTULO. 19.-QUE TODAS AS MANCHAS CORPORAIS
QUE MARQUEM A BELEZA HUMANA NESTA VIDA SERÃO
REMOVIDAS NA RESSURREIÇÃO, A SUBSTÂNCIA
NATURAL DO CORPO RESTANTE, MAS A QUALIDADE E
QUANTIDADE DELE SERÃO ALTERADAS PARA PRODUZIR
BELEZA**

1. O que devo dizer agora sobre o cabelo e as unhas? Uma vez entendido que nenhuma parte do corpo deve perecer a ponto de produzir deformidade no corpo, é ao mesmo tempo entendido que as coisas que teriam produzido uma deformidade por suas proporções excessivas devem ser adicionadas ao volume total do corpo. corpo, não a partes em que a beleza da proporção seria prejudicada. Assim como se, depois de fazer um vaso de barro, se quisesse refazê-lo do mesmo barro, não seria necessário que a mesma porção do barro que formou o cabo formasse novamente o cabo novo, ou que o que tinha formado o

fundo deveria fazê-lo novamente, mas apenas que todo o barro fosse para compor todo o novo vaso, e que nenhuma parte dele fosse deixada sem uso. Portanto, se o cabelo que foi cortado e as unhas que foram cortadas causarem uma deformidade se eles forem restaurados em seus lugares, eles não serão restaurados; e, no entanto, ninguém perderá essas partes na ressurreição, pois serão transformadas na mesma carne, sendo sua substância alterada de modo a preservar a proporção das várias partes do corpo. No entanto, o que nosso Senhor disse: "Nem um fio de cabelo de sua cabeça perecerá", pode ser interpretado mais adequadamente pelo número, e não pelo comprimento dos cabelos, como Ele diz em outro lugar: "Os cabelos de sua cabeça estão todos contados ." Nem diria isso porque suponho que qualquer parte que pertença naturalmente ao corpo pode perecer, mas que qualquer deformidade que tenha nele e serviu para exibir a condição penal em que nos encontramos, mortais, deve ser restaurada de tal maneira que, enquanto a substância for inteiramente preservada, a deformidade perecerá. Pois se mesmo um operário humano, que por algum motivo fez uma estátua deformada, pode reformulá-la e torná-la muito bonita, e isso sem sofrer nenhuma parte da substância, mas apenas a deformidade a ser perdida, - se ele puder , por exemplo, remover alguma parte imprópria ou desproporcional , não cortando e separando essa parte do todo, mas quebrando e misturando o todo de modo a se livrar da mancha sem diminuir a quantidade de seu material,— não devemos pensar tão bem do Todo-Poderoso Trabalhador? Ele não será capaz de remover e abolir todas as deformidades do corpo humano, sejam comuns ou raras e monstruosas, que, embora de acordo com esta vida miserável, ainda não devem ser consideradas em conexão com essa futura bem-aventurança; e Ele não será capaz de removê-los de modo que, enquanto as manchas naturais, mas impróprias, forem eliminadas, a substância natural não sofrerá diminuição?

2. E, conseqüentemente, as pessoas crescidas e emaciadas não precisam temer que estejam no céu de tal forma que não estariam neste mundo se pudessem ajudá-lo. Pois toda beleza corporal consiste na proporção das partes, juntamente com uma certa afabilidade da

cor. Onde não há proporção, o olho se ofende, seja porque há algo que falta, ou muito pequeno, ou muito grande. E assim não haverá nenhuma deformidade resultante da falta de proporção naquele estado em que tudo o que está errado é corrigido, e tudo o que é defeituoso fornecido pelos recursos que o Criador conhece, e tudo o que é excessivo removido sem destruir a integridade da substância. . E quanto à cor agradável, quão notável será onde "os justos resplandecerão como o sol no reino de seu Pai!" Devemos acreditar que esse brilho foi escondido dos olhos dos discípulos quando Cristo ressuscitou, do que estar em falta. Pois a visão humana fraca não podia suportar isso, e era necessário que eles olhassem para Ele de modo que pudessem reconhecê-Lo. Para isso também permitiu que eles tocassem as marcas de Suas feridas, e também comessem e bebessem, não porque Ele precisasse de alimento, mas porque Ele poderia tomá-lo se quisesse. Agora, quando um objeto, embora presente, é invisível para pessoas que vêem outras coisas que estão presentes, como dizemos que esse brilho estava presente, mas invisível para aqueles que viram outras coisas, isso é chamado em grego ὀρασιᾶ; e nossos tradutores latinos, por falta de uma palavra melhor, traduziram esta cæcitas (cegueira) no livro de Gênesis. Esta cegueira os homens de Sodoma sofreram quando procuraram a porta do justo Ló e não conseguiram encontrá-la. Mas se fosse cegueira, isto é, se não pudessem ver nada, não teriam pedido a porta pela qual pudessem entrar na casa, mas os guias que os pudessem conduzir.

3. Mas o amor que temos para com os bem-aventurados mártires faz com que, não sei como, desejemos ver no reino celestial as marcas das chagas que receberam pelo nome de Cristo, e possivelmente as veremos. Pois isso não será uma deformidade, mas uma marca de honra, e dará brilho à sua aparência, e uma beleza espiritual, se não corporal. E, no entanto, não precisamos acreditar que aqueles a quem foi dito: "Nem um fio de cabelo de sua cabeça perecerá", na ressurreição, desejarão de seus membros os que foram privados em seu martírio. Mas se for decente nesse novo reino ter algumas marcas dessas feridas ainda visíveis naquela carne imortal, os lugares onde foram feridas ou mutiladas conservarão as cicatrizes sem que nenhum

dos membros se perca. Embora, portanto, seja bem verdade que nenhuma mancha que o corpo tenha sofrido aparecerá na ressurreição, ainda assim não devemos calcular ou nomear essas marcas de manchas de virtude.

CAPÍTULO. 20.-QUE, NA RESSURREIÇÃO, A SUBSTÂNCIA DE NOSSOS CORPOS, POR MAIS DESINTEGRADA QUE ESTEJA, SERÁ INTEIRAMENTE REUNIDA

1. Longe de nós temermos que a onipotência do Criador não possa, para a ressurreição e reanimação de nossos corpos, recordar todas as porções que foram consumidas por animais ou fogo , ou foram dissolvidas em pó ou cinzas, ou se decompuseram em água ou evaporaram no ar. Longe de nós esteja o pensamento de que qualquer coisa que escapa à nossa observação em qualquer recesso mais oculto da natureza ou escapa ao conhecimento ou transcende o poder do Criador de todas as coisas. Cícero, a grande autoridade de nossos adversários, desejando definir Deus com a maior precisão possível, diz: "Deus é uma mente livre e independente, sem materialidade, percebendo e movendo todas as coisas, e dotada de movimento eterno". Isso ele encontrou nos sistemas dos maiores filósofos. Deixe-me perguntar, então, em sua própria linguagem, como algo pode ficar escondido daquele que percebe todas as coisas, ou escapar irrevogavelmente daquele que move todas as coisas?

2. Isso me leva a responder à pergunta que parece a mais difícil de todas: A quem, na ressurreição, pertencerá a carne de um homem morto que se tornou a carne de um homem vivo? Pois se alguém, faminto de necessidade e oprimido pela fome, usa carne humana como alimento – uma extremidade não desconhecida, como nos ensinaram a história antiga e a infeliz experiência de nossos dias – pode ser contestado, com qualquer demonstração? da razão, que toda a carne comida foi evacuada, e que nada disso foi assimilado à substância do comedor, embora a própria emaciação que existia antes e agora desapareceu, indica suficientemente as grandes deficiências que foram

preenchidas com isso. Comida? Mas eu já fiz algumas observações que serão suficientes para a solução desta dificuldade também. Pois toda a carne que a fome consumiu encontra seu caminho no ar por evaporação, de onde, como dissemos, Deus Todo-Poderoso pode revogá-la. Essa carne, portanto, será restaurada ao homem em quem primeiro se tornou carne humana. Pois deve ser encarado como emprestado pela outra pessoa e, como um empréstimo pecuniário, deve ser devolvido ao credor. Sua própria carne, no entanto, que ele perdeu pela fome, será restituída a ele por Aquele que pode recuperar até o que evaporou. E, embora tivesse sido absolutamente aniquilado, de modo que nenhuma parte de sua substância permanecesse em qualquer local secreto da natureza, o Todo-Poderoso poderia restaurá-lo por todos os meios que lhe aproovessem. Pois esta frase, proferida pela Verdade, "Nem um fio de cabelo de sua cabeça perecerá", nos proíbe de supor que, embora nenhum fio de cabelo de um homem possa perecer, ainda assim as grandes porções de sua carne comidas e consumidas pelos famintos podem perecer.

3. De tudo o que consideramos e discutimos com tão pouca habilidade quanto podemos ordenar, concluimos que, na ressurreição da carne, o corpo será daquele tamanho que atingiu ou deveria ter alcançado em a flor de sua juventude, e desfrutará da beleza que surge da preservação da simetria e proporção em todos os seus membros. E é razoável supor que, para a preservação dessa beleza, qualquer parte da substância do corpo que, se colocada em um ponto, produziria uma deformidade, seja distribuída por todo o corpo, de modo que nenhuma parte, nem a simetria do todo pode ser perdida, mas apenas a estatura geral do corpo um pouco aumentada pela distribuição em todas as partes daquilo que, em um lugar, teria sido feio. Ou se for afirmado que cada um se levantará com a mesma estatura do corpo em que morreu, não devemos contestar obstinadamente isso, desde que não haja deformidade, enfermidade, languidez, corrupção – nada de qualquer tipo. que mal se tornaria aquele reino em que os filhos da ressurreição e da promessa serão iguais aos anjos de Deus, se não em corpo e idade, pelo menos em felicidade.

CAPÍTULO. 21.-DO NOVO CORPO ESPIRITUAL EM QUE A CARNE DOS SANTOS SERÁ TRANSFORMADA

1. Portanto, tudo o que foi tirado do corpo, seja durante a vida ou depois da morte, será restituído a ele e, em conjunto com o que permaneceu na sepultura, ressuscitará, transformado da velhice do corpo animal em a novidade do corpo espiritual, e revestido de incorrupção e imortalidade. Mas mesmo que o corpo tenha sido completamente reduzido a pó por algum acidente grave, ou pela crueldade dos inimigos, e embora tenha sido tão diligentemente espalhado aos ventos, ou na água, que não há vestígios dele, ainda assim, não estará além da onipotência do Criador – não, nem um fio de cabelo de sua cabeça perecerá. A carne será então espiritual e sujeita ao espírito, mas ainda carne, não espírito, como o próprio espírito, quando sujeito à carne, era carnal, mas ainda espírito e não carne. E disso temos prova experimental na deformidade de nossa condição penal. Pois aquelas pessoas eram carnis, não de um modo carnal, mas de um modo espiritual, a quem o apóstolo disse: "Eu não poderia falar com você como espiritual, mas como carnal." E um homem nesta vida é espiritual de tal maneira que ainda é carnal com respeito ao seu corpo, e vê outra lei em seus membros guerreando contra a lei de sua mente; mas mesmo em seu corpo ele será espiritual quando a mesma carne tiver tido aquela ressurreição da qual estas palavras falam: "Semeou-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual". grande sua graça, temo que fosse precipitado pronunciá-lo, visto que ainda não temos experiência disso. No entanto, como é conveniente que a alegria de nossa esperança se expresse, e assim manifeste o louvor de Deus, e como foi do mais profundo sentimento de amor ardente e santo que o salmista clamou: "Ó Senhor, eu amei a beleza da Tua casa", podemos, com a ajuda de Deus, falar das dádivas que Ele concede aos homens, bons e maus, nesta vida mais miserável, e podemos fazer o nosso melhor para conjecturar a grande glória daquele estado que não podemos falar dignamente de, porque ainda não o experimentamos. Pois nada digo do tempo em que Deus fez o

homem reto; Não falo da vida feliz do "homem e sua mulher" no frutífero jardim, pois foi tão curta que nenhum de seus filhos a experimentou: falo apenas desta vida que conhecemos e na qual estamos agora, das tentações das quais não podemos escapar enquanto estivermos nela, não importa o progresso que façamos, pois tudo é tentação, e eu pergunto: Quem pode descrever os sinais da bondade de Deus que se estendem à raça humana mesmo em essa vida?

CAPÍTULO. 22.-DAS MISÉRIAS E LESÕES A QUE A RAÇA HUMANA ESTÁ EXPOSTA ATRAVÉS DO PRIMEIRO PECADO, E DAS QUAIS NENHUM PODE SER LIBERADO, A NÃO SER PELA GRAÇA DE CRISTO

1. Que toda a raça humana foi condenada em sua primeira origem, esta própria vida, se é que a vida é para ser chamada, testemunha pela multidão de males cruéis de que está cheia. Isso não é provado pela profunda e terrível ignorância que produz todos os erros que envolvem os filhos de Adão, e dos quais nenhum homem pode ser libertado sem labuta, dor e medo? Não é provado por seu amor a tantas coisas vãs e prejudiciais, que produz cuidados roedores, inquietações, tristezas, medos, alegrias selvagens, brigas, ações judiciais, guerras, traições, raivas, ódios, enganos, lisonjas, fraudes, roubos, roubo, perfídia, orgulho, ambição, inveja, assassinatos, parricídios, crueldade, ferocidade, maldade, luxo, insolência, impudência, impudência, fornicações, adultérios, incestos, e as inúmeras impurezas e atos antinaturais de ambos os sexos, o que é vergonhoso tanto quanto mencionar; sacrilégios, heresias, blasfêmias, perjúrios, opressão dos inocentes, calúnias, complôs, falsidades, falsos testemunhos, julgamentos injustos, atos violentos, saques e qualquer maldade semelhante encontrou seu caminho na vida dos homens, embora não possa encontrar seu caminho na concepção de mentes puras? Estes são de fato os crimes de homens ímpios, mas eles brotam daquela raiz de erro e amor mal colocado que nasce com cada filho de Adão. Pois quem não observou com que profunda ignorância, manifestando-se

ainda na infância, e com que superfluidade de desejos tolos, começando a aparecer na infância, o homem vem a esta vida, de modo que, se lhe fosse deixado viver como bem entendesse? , e para fazer o que quisesse, ele mergulharia em todos, ou certamente em muitos desses crimes e iniquidades que mencionei e não pude mencionar?

2. Mas porque Deus não abandona totalmente aqueles a quem Ele condena, nem cala em Sua ira Suas ternas misericórdias, a raça humana é restringida pela lei e pela instrução, que guardam guarda contra a ignorância que nos assedia e se opõem aos assaltos do vício. , mas estão eles próprios cheios de trabalho e tristeza. Pois o que significam essas ameaças multifacetadas que são usadas para conter a loucura das crianças? O que significa pedagogos, mestres, a bétula, a correia, a bengala, a escola que a Escritura diz que deve ser dada a uma criança, "batendo-lhe nos lados para que não se torne teimoso", e dificilmente será possível ou impossível subjugar-lo ele? Por que todos esses castigos, exceto para superar a ignorância e refrear os maus desejos - esses males com os quais viemos ao mundo? Pois por que lembramos com dificuldade e esquecemos sem dificuldade? aprender com dificuldade, e sem dificuldade permanecer ignorante? são diligentes com dificuldade, e sem dificuldade são indolentes? Isso não mostra a que a natureza viciada inclina e tende por seu próprio peso, e de que socorro ela precisa para ser entregue? A inatividade, a preguiça, a preguiça, a negligência, são vícios que evitam o trabalho, pois o trabalho, embora útil, é em si um castigo.

3. Mas, além dos castigos da infância, sem os quais não haveria conhecimento do que os pais desejam – e os pais raramente desejam que algo útil seja ensinado – quem pode descrever, quem pode conceber o número e a gravidade dos castigos que afligem a raça humana – dores que não são apenas o acompanhamento da maldade dos homens ímpios, mas fazem parte da condição humana e da miséria comum – que medo e que tristeza são causados pelo luto e luto, pelas perdas e condenações, por fraude e falsidade, por falsas suspeitas, e todos os crimes e atos perversos de outros homens? Pois em suas mãos sofremos roubo, cativo, correntes, prisão, exílio,

tortura, mutilação, perda de visão, violação da castidade para satisfazer a luxúria do opressor e muitos outros males terríveis. Que inúmeras baixas ameaçam nossos corpos de fora – extremos de calor e frio, tempestades, inundações, inundações, raios, trovões, granizo, terremotos, casas caindo; ou do tropeço, ou timidez, ou vício de cavalos; de inúmeros venenos em frutas, água, ar, animais; das mordidas dolorosas ou mesmo mortais de animais selvagens; da loucura que um cão louco comunica, de modo que mesmo o animal que, de todos os outros, é mais gentil e amigável com seu próprio dono, torna-se objeto de medo mais intenso do que um leão ou dragão, e o homem que por acaso infectou com esse contágio pestilento torna-se tão raivoso que seus pais, esposa, filhos o temem mais do que qualquer animal selvagem! Que desastres sofrem aqueles que viajam por terra ou mar! Que homem pode sair de sua própria casa sem ser exposto por todos os lados a acidentes imprevistos? Voltando para casa ileso, ele escorrega em sua própria porta, quebra a perna e nunca se recupera. O que pode parecer mais seguro do que um homem sentado em sua cadeira? Eli, o sacerdote, caiu do seu e quebrou o pescoço. Quantos acidentes os agricultores, ou melhor, todos os homens, temem que as colheitas sofram com o clima, ou o solo, ou a devastação de animais destruidores? Comumente, eles se sentem seguros quando as colheitas são colhidas e alojadas. No entanto, que eu saiba, inundações repentinas afastaram os trabalhadores e varreram os celeiros da melhor colheita. A inocência é uma proteção suficiente contra os vários ataques de demônios? Para que nenhum homem possa pensar assim, mesmo bebês batizados, que certamente são insuperáveis em inocência, às vezes são tão atormentados, que Deus, que o permite, nos ensina a lamentar as calamidades desta vida e desejar a felicidade da vida para venha. Quanto às doenças corporais, elas são tão numerosas que nem todas podem ser contidas em livros de medicina. E em muitos, ou quase todos, as curas e os remédios são eles próprios torturas, de modo que os homens se livram de uma dor que destrói por uma cura que dói. A loucura da sede não levou os homens a beber urina humana, e até a sua própria? A fome não levou os homens a comer carne humana, e que a carne não de corpos encontrados mortos, mas de corpos mortos para esse propósito? As

dores ferozes da fome não levaram as mães a comer seus próprios filhos, por mais selvagem que pareça? Enfim, o próprio sono, que é justamente chamado de repouso, quão pouco repouso às vezes há nele quando perturbado por sonhos e visões; e com que terror a mente miserável é dominada pelas aparências das coisas que são assim apresentadas e que, por assim dizer, se destacam diante dos sentidos, que não podemos distingui-las das realidades! Quão miseravelmente as falsas aparências distraem os homens em certas doenças! Com que espantosa variedade de aparências também os homens são às vezes são enganados por espíritos malignos, que produzem essas ilusões para confundir os sentidos de suas vítimas, se não conseguem seduzi-las para o seu lado!

4. Deste inferno na terra não há escapatória, a não ser pela graça do Salvador Cristo, nosso Deus e Senhor. O próprio nome Jesus mostra isso, pois significa Salvador; e Ele nos salva especialmente de passar desta vida para um estado mais miserável e eterno, que é mais uma morte do que uma vida. Pois nesta vida, embora os homens santos e as atividades santas nos ofereçam grandes consolos, as bênçãos que os homens anseiam não são invariavelmente concedidas a eles, para que a religião não seja cultivada por causa dessas vantagens temporais, enquanto deve ser cultivada para por causa daquela outra vida da qual todo mal é excluído. Portanto, também a graça ajuda os homens bons em meio às calamidades presentes, para que possam suportá-las com uma constância proporcional à sua fé. Os sábios do mundo afirmam que a filosofia contribui com algo para isso, aquela filosofia que, segundo Cícero, os deuses concederam em sua pureza apenas a alguns homens. Eles nunca deram, diz ele, nem podem dar, um presente maior aos homens. De modo que mesmo aqueles contra quem estamos disputando foram compelidos a reconhecer, de alguma forma, que a graça de Deus é necessária para a aquisição, não, de fato, de qualquer filosofia, mas da verdadeira filosofia. E se a verdadeira filosofia – este único apoio contra as misérias desta vida – foi dada pelo Céu apenas a alguns, parece que o gênero humano foi condenado a pagar essa pena de miséria. E como, de acordo com seu reconhecimento, nenhum dom maior foi concedido por Deus, deve-se acreditar que só poderia ser

dado por aquele Deus que eles mesmos reconhecem como maior do que todos os deuses que adoram.

**CAPÍTULO. 23.-DAS MISÉRIAS DESTA VIDA QUE SE
PRENDEM PECULIARMENTE À LABUTA DOS HOMENS
BONS, INDEPENDENTEMENTE DAS QUE SÃO COMUNS
AOS BONS E AOS MAUS**

1. Mas, independentemente das misérias que nesta vida são comuns aos bons e maus, os justos sofrem trabalhos próprios, na medida em que fazem guerra contra seus vícios e se envolvem nas tentações e perigos de tal concurso. Pois, embora às vezes mais violento e às vezes mais preguiçoso, mas sem interrupção a carne cobiça contra o espírito e o espírito contra a carne, de modo que não podemos fazer o que queremos, e extirpar toda a cobiça, mas só podemos recusar o consentimento para como Deus nos dá capacidade, e assim mantê-lo sob vigilância vigilante para que uma aparência de verdade não nos engane, para que um discurso sutil nos cegue, teste o erro nos envolva nas trevas, teste que devemos tomar bem por mal ou mal por bem , para que o medo não nos impeça de fazer o que devemos, ou o desejo nos precipite a fazer o que não devemos, para que o sol não se ponha sobre nossa ira, para que o ódio não nos provoque a pagar o mal por mal, para que a tristeza imprópria ou imoderada nos consuma, para que uma disposição ingrata não nos torne lentos em reconhecer os benefícios recebidos, para que as calúnias não aflijam nossa consciência, para que a suspeita precipitada de nossa parte nos engane em relação a um amigo, ou a falsa suspeita de nós por parte de outros nos cause muita inquietação, para que o pecado não reine em nosso corpo mortal a obedecer aos seus desejos, para que nossos membros não sejam usados como instrumentos de injustiça, para que os olhos não sigam a luxúria, para que a sede de vingança não nos leve, para que a visão ou o pensamento não demorem muito em alguma coisa má que nos dá prazer, para que não linguagem perversa ou indecente seja escutada de bom grado, para que não façamos o que é agradável, mas ilegal, e para que nesta guerra, cheia de labuta e perigo, esperemos

garantir a vitória por nossa própria força, ou atribuí-la quando assegurada à nossa própria força, e não à Sua graça de quem o apóstolo diz: "Graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo"; e em outro lugar ele diz: "Em todas essas coisas somos mais que vencedores por meio daquele que nos amou". Mas, no entanto, devemos saber que, por mais valorosamente que resistamos aos nossos vícios, e por mais bem-sucedidos que sejamos em superá-los, ainda assim, enquanto estivermos neste corpo, sempre teremos motivos para dizer a Deus: Perdoe nossas dívidas". Mas naquele reino onde habitaremos para sempre, vestidos de corpos imortais, não teremos mais conflitos nem dívidas – como de fato não teríamos em nenhum momento ou em qualquer condição, se nossa natureza continuasse reta como era. Conseqüentemente, também este nosso conflito, no qual estamos expostos ao perigo, e do qual esperamos ser libertados por uma vitória final, pertence aos males desta vida, que é provado pelo testemunho de tantos graves males uma vida sob condenação.

CAPÍTULO. 24.-DAS BÊNÇÃOS COM AS QUAIS O CRIADOR PREENCHEU ESTA VIDA

1. Mas agora devemos contemplar as ricas e incontáveis bênçãos com que a bondade de Deus, que cuida de tudo o que criou, preencheu esta miséria do gênero humano, que reflete sua justiça retributiva. Aquela primeira bênção que Ele pronunciou antes da queda, quando disse: "Aumentai, multiplicai e enchei a terra", Ele não inibiu depois que o homem pecou, mas a fecundidade originalmente concedida permaneceu na linhagem condenada; e o vício do pecado, que nos envolveu na necessidade de morrer, ainda não nos privou desse poder maravilhoso da semente, ou melhor, daquele poder ainda mais maravilhoso pelo qual a semente é produzida, e que parece ser como se fosse forjado e entranhado no corpo humano. Mas neste rio, como posso chamá-lo, ou torrente da raça humana, ambos os elementos são levados juntos – tanto o mal que deriva daquele que gera quanto o bem que é concedido por Aquele que nos cria. No mal original há duas

coisas, pecado e castigo; no bem original, há duas outras coisas, propagação e conformação. Mas dos males, dos quais um, o pecado, surgiu de nossa audácia, e o outro, o castigo, do julgamento de Deus, já dissemos o que convém ao nosso propósito atual. Quero agora falar das bênçãos que Deus conferiu ou ainda confere à nossa natureza, viciada e condenada como está. Pois ao condená-lo, Ele não retirou tudo o que havia dado, caso contrário, teria sido aniquilado; nem Ele, ao sujeitá-lo penalmente ao diabo, o removeu além de Seu próprio poder; pois nem mesmo o próprio diabo está fora do governo de Deus, pois a natureza do diabo subsiste apenas pelo Criador supremo que dá ser a tudo o que existe em qualquer forma.

2. Dessas duas bênçãos, então, que dissemos fluir da bondade de Deus, como de uma fonte, para nossa natureza, viciada pelo pecado e condenada ao castigo, a única, a propagação, foi conferida pela bênção de Deus quando Ele fez os primeiros obras, das quais descansou no sétimo dia. Mas a outra, a conformação, é conferida naquela Sua obra em que “Ele trabalha até agora”. Pois se Ele retirasse Seu poder eficaz das coisas, elas não poderiam continuar e completar os períodos designados para seus movimentos medidos, nem deveriam continuar na posse da natureza em que foram criadas. Deus, então, assim criou homem que Ele lhe deu o que podemos chamar de fertilidade, pelo qual ele poderia propagar outros homens, dando-lhes uma capacidade congênita de propagar sua espécie, mas não impondo a eles nenhuma necessidade de fazê-lo. Essa capacidade Deus retira à vontade dos indivíduos, tornando-os estéreis; mas de toda a raça Ele não retirou a bênção da propagação uma vez conferida. Mas, embora não seja retirado por causa do pecado, esse poder de propagação não é o que teria sido se não houvesse pecado. Pois desde que “o homem honrado caiu, ele se tornou como os animais”³ e gera como eles, embora a pequena centelha de razão, que era a imagem de Deus nele, não tenha sido totalmente apagada. Mas se a conformação não fosse adicionada à propagação, não haveria reprodução de sua espécie. Pois, embora não houvesse cópula, e Deus desejasse encher a terra com habitantes humanos, Ele poderia criar tudo isso como criou um sem a ajuda da geração humana. E, de fato, mesmo assim, aqueles que copulam nada

podem gerar a não ser pela energia criadora de Deus. Como, portanto, em relação ao crescimento espiritual pelo qual um homem é formado para a piedade e a justiça, o apóstolo diz: "Nem o que planta coisa alguma, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento", também deve ser disse que não é ele que gera que é alguma coisa, mas Deus que dá a forma essencial; que não é a mãe que carrega e amamenta o fruto de seu ventre que é alguma coisa, mas Deus que dá o crescimento. Pois somente Ele, por aquela energia com a qual "Ele trabalha até agora", faz com que a semente se desenvolva e evolua de certas dobras secretas e invisíveis para as formas visíveis de beleza que vemos. Ele sozinho, acoplando e conectando de uma forma maravilhosa as naturezas espiritual e corpórea, uma para comandar, a outra para obedecer, faz um ser vivo. E esta sua obra é tão grande e maravilhosa, que não só o homem, que é um animal racional e, conseqüentemente, mais excelente do que todos os outros animais da terra, mas mesmo o mais diminuto inseto, não pode ser considerado com atenção sem espanto e sem louvor. o criador.

3. Foi Ele, pois, quem deu à alma humana uma mente, na qual a razão e o entendimento jazem como adormecidos na infância, e como se não fossem, destinados, porém, a serem despertados e exercitados com o passar dos anos. , para se tornarem capazes de conhecer e receber instrução, aptos a compreender o que é verdadeiro e a amar o que é bom. É por essa capacidade que a alma bebe de sabedoria e se torna dotada daquelas virtudes pelas quais, com prudência, fortaleza, temperança e justiça, ela faz guerra contra o erro e os outros vícios inatos, e os vence, fixando seus desejos em nenhum outro. outro objeto que não o Bem supremo e imutável. E mesmo que isso não seja uniformemente o resultado, ainda assim, quem pode proferir com competência ou mesmo conceber a grandeza desta obra do Todo-Poderoso, e o benefício indescritível que Ele conferiu à nossa natureza racional, dando-nos a capacidade de tal realização? Pois além daquelas artes que são chamadas virtudes e que nos ensinam como podemos passar bem nossa vida e alcançar a felicidade sem fim, artes que são dadas aos filhos da promessa e do reino pela única graça de Deus que está em Cristo – o gênio do homem não inventou e aplicou inúmeras

artes surpreendentes, em parte o resultado da necessidade, em parte o resultado de uma invenção exuberante, de modo que esse vigor da mente, que é tão ativo na descoberta não apenas de coisas supérfluas, mas mesmo de coisas perigosas e destrutivas, indica uma riqueza inesgotável na natureza que pode inventar, aprender ou empregar tais artes? Que progressos maravilhosos - pode-se dizer espantosos - a indústria humana fez nas artes da tecelagem e da construção, da agricultura e da navegação! Com que variedade infinita são produzidos os desenhos em cerâmica, pintura e escultura, e com que habilidade executados! Que espetáculos maravilhosos são exibidos nos teatros, que aqueles que não os viram não podem acreditar! Quão hábeis são os artifícios para capturar, matar ou domar animais selvagens! E para o dano dos homens, também, quantos tipos de venenos, armas, máquinas de destruição, foram inventadas, enquanto para a preservação ou restauração da saúde os aparelhos e remédios são infinitos! Para despertar o apetite e agradar o paladar, que variedade de temperos foram preparados! Para exprimir e fazer entrar o pensamento, que multiplicidade e variedade de signos, entre os quais a fala e a escrita ocupam o primeiro lugar! que ornamentos tem a eloquência à disposição para deleitar a mente! que riqueza de canto há para cativar o ouvido! quantos instrumentos musicais e acordes de harmonia foram inventados! Que habilidade foi alcançada em medidas e números! com que sagacidade foram descobertos os movimentos e as conexões das estrelas! Quem poderia dizer o pensamento que foi gasto sobre a natureza, ainda que, desesperado em contá-lo em detalhes, ele se esforçasse apenas para dar uma visão geral dela? Em suma, mesmo a defesa de erros e mal-entendidos, que ilustrou o gênio dos hereges e filósofos, não pode ser suficientemente declarada. Pois atualmente é a natureza da mente humana que adorna esta vida mortal que estamos exaltando, e não a fé e o caminho da verdade que levam à imortalidade. E uma vez que esta grande natureza foi certamente criada pelo Deus verdadeiro e supremo, que administra todas as coisas que Ele fez com absoluto poder e justiça, ela nunca poderia ter caído nessas misérias, nem ter saído delas para misérias eternas – salvando somente aqueles que são redimidos – não tivesse sido encontrado um pecado muito grande no primeiro homem de

quem o resto surgiu.

4. Além disso, mesmo no corpo, embora morra como o dos animais, e seja de muitas maneiras mais fraco que o deles, que bondade de Deus, que providência do grande Criador é aparente! Os órgãos dos sentidos e o resto dos membros, não estão assim colocados, a aparência, a forma e a estatura do corpo como um todo, não estão tão modelados que indiquem que foi feito para o serviço de um alma razoável? O homem não foi criado inclinado para a terra, como os animais irracionais; mas sua forma corporal, ereta e olhando para o céu, o aconselha a se preocupar com as coisas do alto. Então, a maravilhosa agilidade que foi dada à língua e às mãos, habilitando-as a falar e escrever, e executar tantos deveres e praticar tantas artes, não prova a excelência da alma para a qual tal assistente foi forneceu? E mesmo além de sua adaptação ao trabalho que lhe é exigido, há uma tal simetria em suas várias partes, e uma proporção tão bela mantida, que não se pode decidir se, na criação do corpo, foi dada maior atenção ao utilidade ou beleza. Seguramente, nenhuma parte do corpo foi criada por uma questão de utilidade que também não contribua com algo para sua beleza. E isso seria ainda mais evidente, se soubéssemos com mais precisão como todas as suas partes estão conectadas e adaptadas umas às outras, e não nos limitamos em nossas observações ao que aparece na superfície; pois quanto ao que está encoberto e escondido de nossa visão, a intrincada teia de veias e nervos, as partes vitais de tudo o que está sob a pele, ninguém pode descobri-lo. Pois embora, com um zelo cruel pela ciência, alguns médicos, chamados anatomistas, tenham dissecado os corpos dos mortos, e às vezes até mesmo de pessoas doentes que morreram sob suas facas, e desumanamente se intrometeram nos segredos da humanidade corpo para aprender a natureza da doença e sua sede exata, e como ela pode ser curada, mas aquelas relações de que falo e que formam a concórdia, ou, como os gregos chamam, "harmonia", de todo o corpo fora e dentro, como de algum instrumento, ninguém conseguiu descobrir, porque ninguém teve a audácia de procurá-los. Mas se isso pudesse ser conhecido, então mesmo as partes internas, que parecem não ter beleza, nos deleitariam tanto com sua extraordinária aptidão, a

ponto de proporcionar uma satisfação mais profunda à mente – e os olhos são apenas seus ministros – do que o óbvio. beleza que gratifica os olhos. Há também algumas coisas que têm tal lugar no corpo, que obviamente não servem a nenhum propósito útil, mas são apenas para a beleza, como, por exemplo, as tetas no peito de um homem ou a barba em seu rosto; pois que isso é para ornamento, e não para proteção, é provado pelos rostos nus das mulheres, que deveriam, como o sexo mais fraco, desfrutar de tal defesa. Se, portanto, de todos os membros que estão expostos à nossa visão, certamente não há um em que a beleza seja sacrificada à utilidade, enquanto há alguns que não servem para nenhum propósito, mas apenas para a beleza, acho que pode-se concluir prontamente que na criação da beleza do corpo humano era mais considerada do que necessidade. Na verdade, a necessidade é uma coisa transitória; e está chegando o tempo em que desfrutaremos a beleza uns dos outros sem qualquer luxúria - uma condição que redundará especialmente no louvor do Criador, que, como é dito no salmo, "vestiu-se de louvor e formosura",

5. Como posso falar do resto da criação, com toda a sua beleza e utilidade, que a bondade divina deu ao homem para agradar aos seus olhos e servir aos seus propósitos, embora condenado, e lançado a esses trabalhos e misérias? Devo falar da multiforme e variada beleza do céu, da terra e do mar; do suprimento abundante e qualidades maravilhosas da luz; de sol, lua e estrelas; da sombra das árvores; das cores e perfume das flores; da multidão de pássaros, todos diferentes na plumagem e no canto; da variedade de animais, dos quais os menores em tamanho são muitas vezes os mais maravilhosos – as obras de formigas e abelhas nos surpreendem mais do que os enormes corpos de baleias? Devo falar do mar, que em si mesmo é um espetáculo tão grandioso, quando se veste como que em várias cores, ora percorrendo todos os tons de verde, e novamente se tornando roxo ou azul? Não é delicioso olhar para ela na tempestade e experimentar a complacência tranquilizadora que ela inspira, sugerindo que nós mesmos não somos jogados e naufragados? Que direi dos inúmeros alimentos para saciar a fome e da variedade de temperos para estimular o apetite, espalhados por toda parte pela natureza, e pelos

quais não devemos à arte da culinária? Quantos aparelhos naturais existem para preservar e restaurar a saúde! Quão grata é a alternância do dia e da noite! como são agradáveis as brisas que refrescam o ar! quão abundante o suprimento de roupas nos forneceu por árvores e animais! Quem pode enumerar todas as bênçãos que desfrutamos? Se eu tentasse detalhar e desdobrar apenas esses poucos que indiquei na massa, tal enumeração encheria um volume. E tudo isso é apenas o consolo dos miseráveis e condenados, não as recompensas dos bem-aventurados. Quais serão então essas recompensas, se tais são as bênçãos de um estado condenado? O que Ele dará àqueles a quem Ele predestinou para a vida, que deu tais coisas mesmo para aqueles que Ele predestinou para a morte? Que bênçãos Ele derramará na vida abençoada sobre aqueles por quem, mesmo neste estado de miséria, Ele desejou que Seu Filho unigênito suportasse tais sofrimentos até a morte? Assim, o apóstolo raciocina sobre aqueles que estão predestinados a esse reino: "Aquele que não poupou a seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas?"³ Quando esta promessa for cumprida, o que seremos? Que bênçãos receberemos nesse reino, uma vez que já recebemos como penhor deles a morte de Cristo? Em que condição estará o espírito do homem, quando não tiver mais nenhum vício; quando não cede a ninguém, nem está em servidão a ninguém, nem tem que fazer guerra contra ninguém, mas é aperfeiçoado e desfruta de paz imperturbável consigo mesmo? Não conhecerá então todas as coisas com certeza, e sem nenhum trabalho ou erro, quando sem impedimentos e com alegria bebe a sabedoria de Deus na fonte? O que será o corpo, quando estiver em todos os aspectos sujeito ao espírito, do qual tirará uma vida tão suficiente que não necessitará de nenhum outro alimento? Pois não será mais animal, mas espiritual, tendo na verdade a substância da carne, mas sem qualquer corrupção carnal.

**CAPÍTULO. 25.-DA OBSTINAÇÃO DOS INDIVÍDUOS QUE
CONTESTAM A RESSURREIÇÃO DO CORPO, EMBORA,
COMO FOI PREVISTO, O MUNDO INTEIRO ACREDITE**

1. Os principais dos filósofos concordam conosco sobre a felicidade espiritual desfrutada pelos bem-aventurados na vida futura; é apenas a ressurreição da carne que eles colocam em questão, e com todas as suas forças negam. Mas a massa dos homens, instruídos e iletrados, os sábios do mundo e seus tolos, creram, e deixaram em isolamento os incrédulos, e se voltaram para Cristo, que em Sua própria ressurreição demonstrou a realidade do que parece aos nossos adversários absurdos. Pois o mundo acreditou no que Deus predisse, como também foi predito que o mundo acreditaria – uma previsão não devido às feitiçarias de Pedro, pois foi proferida muito antes. Aquele que predisse essas coisas, como já disse, e não me envergonho de repetir, é o Deus diante de quem todas as outras divindades estremecem, como o próprio Porfírio reconhece e procura provar, por testemunhos dos oráculos desses deuses, e chega a chamá-lo de Deus Pai e Rei. Longe de nós interpretarmos essas previsões como aqueles que não acreditaram, junto com o mundo inteiro, naquilo em que foi previsto que o mundo acreditaria. foi previsto, e deixar aquele punhado de incrédulos com sua conversa fiada e infidelidade obstinada e solitária? Pois se eles sustentam que os interpretam de maneira diferente apenas para evitar acusar as Escrituras de loucura, e assim prejudicar aquele Deus de quem eles prestam um testemunho tão notável, não é um dano muito maior que eles fazem quando dizem que Suas previsões deve ser entendido de outra forma do que o mundo acreditou neles, embora Ele mesmo tenha louvado, prometido, cumprido essa crença por parte do mundo? E por que Ele não pode fazer com que o corpo ressuscite e viva para sempre? ou não se deve acreditar que Ele fará isso, porque é uma coisa indesejável e indigna de Deus? De sua onipotência, que realiza tantos grandes milagres, já dissemos o suficiente. Se quiserem saber o que o Todo-Poderoso não pode fazer, direi que Ele não pode mentir. Vamos, portanto, acreditar no que Ele pode fazer, recusando-nos a acreditar no que Ele não pode fazer. Recusando-se a acreditar que Ele pode mentir, deixe-os acreditar que Ele fará o que prometeu fazer; e que eles creiam como o mundo creu, cuja fé Ele predisse, cuja fé Ele louvou, cuja fé Ele prometeu, cuja fé Ele agora aponta. Mas como eles provam que a ressurreição é uma coisa indesejável? Não haverá então corrupção,

que é a única coisa má sobre o corpo. Já falei bastante sobre a ordem dos elementos e as outras objeções fantasiosas que os homens levantam; e no décimo terceiro livro, em meu próprio julgamento, illustrei suficientemente a facilidade de movimento que o corpo incorruptível desfrutará, a julgar pela facilidade e vigor que experimentamos mesmo agora, quando o corpo está em boa saúde. Aqueles que não leram os livros anteriores, ou desejam refrescar a memória, podem lê-los por si mesmos.

CAPÍTULO. 26.-QUE A OPINIÃO DE PÓRFIRO, QUE A ALMA, PARA SER ABENÇOADA, DEVE SER SEPARADA DE TODO TIPO DE CORPO, É DEMOLIDA POR PLATÃO, QUE DIZ QUE O DEUS SUPREMO PROMETEU AOS DEUSES QUE ELES NUNCA DEVERIAM SER EXPULSOS DE SEUS CORPOS

1. Mas, dizem eles, Porfírio nos diz que a alma, para ser abençoada, deve escapar da conexão com todo tipo de corpo. Não adianta, portanto, dizer que o corpo futuro será incorruptível, se a alma não puder ser abençoada até ser libertada de todo tipo de corpo. Mas no livro acima mencionado eu já discuti isso suficientemente. Apenas uma coisa vou repetir: que Platão, seu mestre, corrija seus escritos e diga que seus deuses, para serem abençoados, devem deixar seus corpos, ou, em outras palavras, morrer; pois ele disse que eles estavam encerrados em corpos celestes, e que, no entanto, o Deus que os fez lhes prometeu imortalidade, isto é, uma posse eterna desses mesmos corpos, como não lhes foi fornecida naturalmente, mas somente pela intervenção posterior de Sua vontade, para que assim eles possam ter certeza de felicidade. Nisto ele obviamente derruba sua afirmação de que a ressurreição do corpo não pode ser acreditada porque é impossível; pois, segundo ele, quando o Deus inciado prometeu imortalidade aos deuses criados, disse expressamente que faria o que era impossível. Pois Platão nos diz que Ele disse: "Assim como você teve um começo, então você não pode ser imortal e incorruptível; ainda assim, você não deve decair, nem qualquer destino destruí-lo ou

provar mais forte do que minha vontade, que mais eficazmente o liga à imortalidade. do que o vínculo de sua natureza o mantém longe disso." Se aqueles que ouvem essas palavras têm, não dizemos entendimento, mas ouvidos, eles não podem duvidar de que Platão acreditava que Deus prometeu aos deuses que Ele havia feito que Ele realizaria uma impossibilidade. Pois Aquele que diz: "Vocês não podem ser imortais, mas pela minha vontade serão imortais", o que mais Ele diz além disso: "Eu farei de vocês o que vocês não podem ser?" O corpo, portanto, será ressuscitado incorruptível, imortal, espiritual, por Aquele que, segundo Platão, prometeu fazer o que é impossível. Por que então eles ainda exclamam que isso que Deus prometeu, que o mundo acreditou na promessa de Deus como foi predito, é uma impossibilidade? Pois o que dizemos é que o Deus que, mesmo de acordo com Platão, faz coisas impossíveis, fará isso. Não é, então, necessário para a bem-aventurança da alma que ela seja separada de um corpo de qualquer espécie, mas que ela receba um corpo incorruptível. E em que corpo incorruptível eles se regozijarão mais adequadamente do que naquele em que gereram quando era corruptível? Pois assim eles não sentirão aquele desejo terrível que Virgílio, em imitação de Platão, lhes atribuiu quando diz que desejam retornar novamente aos seus corpos. Eles não sentirão, eu digo, esse desejo de retornar aos seus corpos, uma vez que eles terão aqueles corpos para os quais um retorno foi desejado e, de fato, estarão em posse tão completa deles, que eles nunca os perderão mesmo por o mais breve momento, nem nunca os deitou na morte.

CAPÍTULO. 27.-DAS OPINIÕES APARENTEMENTE CONFLITANTES DE PLATÃO E PÓRFIRO, QUE OS TERIAM CONDUZIDO AMBOS À VERDADE SE PUDESSEM TER CEDIDO UM AO OUTRO

1. Afirmações foram feitas por Platão e Porfírio isoladamente, que se eles pudessem ter visto seu caminho para manter em comum, eles poderiam ter se tornado cristãos. Platão disse que as almas não poderiam existir eternamente sem corpos; pois era por causa disso,

disse ele , que as almas mesmo dos sábios deveriam, uma vez ou outra, retornar aos seus corpos. Porfírio, mais uma vez, disse que a alma purificada, quando retornar ao Pai, nunca mais retornará aos males deste mundo. Conseqüentemente, se Platão havia comunicado a Porfírio o que ele via ser verdade, que as almas, embora perfeitamente purificadas e pertencentes aos sábios e justos, deveriam retornar aos corpos humanos; e se Porfírio, mais uma vez, tivesse comunicado a Platão a verdade que ele viu, aquela alma santa nunca retornará às misérias de um corpo corruptível, de modo que eles não deveriam ter cada um apenas sua própria opinião, mas ambos deveriam ter ambos. verdades, acho que eles teriam visto que se segue que as almas retornam aos seus corpos, e também que esses corpos serão tais que lhes proporcionarão uma vida abençoada e imortal. Pois, de acordo com Platão, até as almas santas retornarão ao corpo; segundo Porfírio, as almas santas não voltarão aos males deste mundo. Deixe Porfírio então dizer com Platão, eles devem retornar ao corpo; deixe Platão dizer com Porfírio, eles não retornarão à sua antiga miséria: e eles concordarão em retornar a corpos nos quais eles não sofrerão mais. E isso nada mais é do que o que Deus prometeu – que Ele dará felicidade eterna às almas unidas aos seus próprios corpos. Por isso, presumo, ambos admitiriam prontamente que, se as almas dos santos devem ser reunidas aos corpos, será aos seus próprios corpos, no qual eles suportaram as misérias desta vida e no qual, para escapar dessas misérias, serviram a Deus com piedade e fidelidade.

**CAPÍTULO. 28.-QUE PLATO OU LABEO, OU MESMO
VARRO, PODERIAM TER CONTRIBUÍDO PARA A
VERDADEIRA FÉ DA RESSURREIÇÃO, SE TIVESSEM
ADOTADO AS OPINIÕES UM DO OUTRO EM UM
DIAGRAMA**

1. Alguns cristãos, que gostam de Platão por causa de seu estilo magnífico e das verdades que ele de vez em quando pronunciou, dizem que ele até tinha uma opinião semelhante à nossa sobre a ressurreição dos mortos. Cícero, no entanto, aludindo a isso em sua República,

afirma que Platão quis dizer isso mais como uma fantasia lúdica do que como uma realidade; pois ele apresenta um homem que voltou à vida e deu uma narrativa de sua experiência em corroboração das doutrinas de Platão. Labeo, também, diz que dois homens morreram em um dia, e se encontraram em uma encruzilhada, e que, sendo depois ordenados a retornarem a seus corpos, eles concordaram em ser amigos para a vida, e assim foram até que eles morressem novamente. Mas a ressurreição que esses escritores exemplificam se assemelha àquela daquelas pessoas que nós mesmos sabemos que ressuscitaram e que voltaram de fato a esta vida, mas não para nunca mais morrer. Marcus Varro, no entanto, em sua obra Sobre a origem do povo romano, registra algo mais notável; Acho que suas próprias palavras devem ser dadas. "Certos astrólogos", diz ele, "escreveram que os homens estão destinados a um novo nascimento, que os gregos chamam de palingenesia. Isso acontecerá depois de quatrocentos e quarenta anos; e então a mesma alma e o mesmo corpo, que estavam anteriormente unidos na pessoa, serão novamente reunidos". Este Varrão, de fato, ou aqueles astrólogos sem nome – pois ele não nos dá os nomes dos homens cuja afirmação ele cita – afirmaram o que de fato não é totalmente verdade; pois uma vez que as almas retornaram aos corpos que usavam, nunca mais os deixarão. No entanto, o que eles dizem perturba e destrói muito daquela conversa fútil de nossos adversários sobre a impossibilidade da ressurreição. Pois aqueles que foram ou são desta opinião, não pensaram ser possível que corpos que se dissolveram no ar, ou poeira, ou cinzas, ou água, ou nos corpos dos animais ou mesmo dos homens que se alimentaram deles, devem ser restaurados novamente ao que eram anteriormente. E, portanto, se Platão e Porfírio, ou melhor, se seus discípulos agora vivos, concordam conosco que as almas santas retornarão ao corpo, como diz Platão, e que, no entanto, elas não voltarão à miséria, como Porfírio sustenta, — se aceitarem a consequência destas duas proposições que é ensinada pela fé cristã, de que receberão corpos nos quais possam viver eternamente sem sofrer qualquer miséria —, que adotem também de Varrão a opinião de que devem retornar ao mesmo corpos como eles estavam anteriormente, e assim toda a questão da eterna ressurreição do corpo será resolvida por suas próprias bocas.

CAPÍTULO. 29.-DA VISÃO BEATÍFICA

1. E agora vamos considerar, com a habilidade que Deus pode conceder, como os santos devem ser empregados quando estiverem vestidos em corpos imortais e espirituais, e quando a carne não viver mais de uma forma carnal, mas espiritual. E, de fato, para dizer a verdade, não consigo entender a natureza desse emprego, ou, devo dizer, repouso e tranqüilidade, pois nunca chegou ao alcance de meus sentidos corporais. E se eu deveria falar de minha mente ou entendimento, qual é o nosso entendimento em comparação com sua excelência? Pois então será aquela “paz de Deus que”, como diz o apóstolo, “excede todo o entendimento” – isto é, todo entendimento humano, e talvez todo angelical, mas certamente não o divino. Não há dúvida de que passa pelo nosso; mas se ultrapassa a dos anjos – e aquele que diz “todo o entendimento” parece não fazer exceção a seu favor – então devemos entender que ele quer dizer que nem nós nem os anjos podemos entender, como Deus entende, a paz que o próprio Deus desfruta. Sem dúvida, isso ultrapassa todo o entendimento, exceto o Seu. Mas como um dia seremos levados a participar, de acordo com nossa pequena capacidade, em sua paz, tanto em nós mesmos como com nosso próximo, e com Deus nosso bem principal, neste aspecto os anjos entendem a paz de Deus em sua vida. própria medida, e os homens também, embora agora muito atrás deles, qualquer avanço espiritual que tenham feito. Pois devemos lembrar quão grande foi aquele que disse: "Em parte sabemos, e em parte profetizamos, até que venha o que é perfeito"; e "Agora vemos por espelho, em enigma, mas então veremos face a face." 3 Assim também é agora a visão dos santos anjos, que também são chamados nossos anjos, porque nós, sendo resgatados do poder das trevas, e recebendo o penhor do Espírito, são trasladados para o reino de Cristo, e já começam a pertencer àqueles anjos com os quais desfrutaremos daquela santa e deliciosa cidade de Deus sobre a qual já escrevemos tanto. Assim, então, os anjos de Deus são nossos anjos, como Cristo é de Deus e também nosso. São de Deus, porque não O abandonaram;

eles são nossos, porque somos seus concidadãos. O Senhor Jesus também disse: "Vede que não desprezeis a nenhum destes pequeninos; Como, então, eles vêm, assim também veremos; mas ainda não vemos assim. Portanto, o apóstolo usa as palavras citadas há pouco: "Agora vemos por espelho, em enigma, mas então veremos face a face". Esta visão é reservada como recompensa de nossa fé; e sobre isso o apóstolo João também diz: "Quando ele aparecer, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é."⁵ "Pela "face" de Deus devemos entender sua manifestação, e não uma parte do corpo semelhante àquela que em nossos corpos chamamos por esse nome.

2. E assim, quando me perguntam como os santos devem ser empregados naquele corpo espiritual, não digo o que vejo, mas digo o que acredito, de acordo com o que li no salmo: "Crei, portanto, eu falei." Eu digo, então, eles verão a Deus no corpo; mas se eles O verão por meio do corpo, como agora vemos o sol, a lua, as estrelas, o mar, a terra e tudo o que há nele, essa é uma questão difícil. Pois é difícil dizer que os santos terão então tais corpos que não poderão fechar e abrir os olhos como quiserem; enquanto é ainda mais difícil dizer que todo aquele que fecha os olhos perderá a visão de Deus. Pois se o profeta Eliseu, embora à distância, viu seu servo Geazi, que pensava que sua maldade escaparia à observação de seu senhor e aceitou presentes de Naamã, o sírio, a quem o profeta havia purificado de sua lepra imundo, quanto mais os santos no corpo espiritual vêm todas as coisas, não apenas com os olhos fechados, mas também a grande distância? Pois então será "o que é perfeito", do qual o apóstolo diz: "Nós conhecemos em parte, e em parte profetizamos; mas quando o que é perfeito vier, então o que é em parte será aniquilado". Então, para que ele possa ilustrar o melhor possível, por um símile, como a vida futura é superior à vida agora vivida, não apenas por homens comuns, mas até mesmo pelos principais dos santos, ele diz: "Quando eu era um menino, entendia como menino, falava como menino, pensava como menino; mas, quando me tornei homem, deixei de lado as coisas de menino. Agora vemos através de um espelho, obscuramente; mas então face a face: agora conhecer em parte; mas então conhecerei como também sou conhecido". Se, então, mesmo

nesta vida, em que o poder profético de homens notáveis não é mais digno de ser comparado à visão da vida futura do que a infância à idade adulta, Eliseu, embora distante de seu servo, o viu aceitar presentes, diremos que quando vier o que é perfeito, e o corpo corruptível não mais oprimir a alma, mas for incorruptível e não oferecer impedimento, os santos precisarão de olhos corporais para ver, embora Eliseu não precisasse deles para ver seu servo? Pois, seguindo a versão da Septuaginta, estas são as palavras do profeta: “Não foi contigo o meu coração, quando o homem saiu do seu carro ao teu encontro, e tu recebeste os seus presentes?”² Ou, como o presbítero Jerônimo traduziu do hebraico: "Não estava meu coração presente quando o homem virou de sua carruagem para te encontrar?" O profeta disse que viu isso com o coração, milagrosamente auxiliado por Deus, como ninguém pode duvidar. Mas quanto mais abundantemente os santos desfrutarão deste dom quando Deus for tudo em todos? Não obstante, os olhos corporais também terão seu ofício e seu lugar, e serão usados pelo espírito por meio do corpo espiritual. Pois o profeta não renunciou ao uso de seus olhos para ver o que estava diante deles, embora ele não precisasse deles para ver seu servo ausente, e embora pudesse ter visto esses objetos presentes em espírito, e com os olhos fechados, como ele viu coisas muito distantes em um lugar onde ele mesmo não estava. Longe de nós, então, dizer que na vida futura os santos não verão a Deus com os olhos fechados, pois sempre o verão com o espírito.

3. Mas surge a questão, se, quando seus olhos estiverem abertos, eles o verão com os olhos do corpo? Se os olhos do corpo espiritual não têm mais poder do que os olhos que agora possuímos, manifestamente Deus não pode ser visto com eles. Eles devem ter um poder muito diferente se puderem olhar para aquela natureza incorpórea que não está contida em nenhum lugar, mas está em todos os lugares. Pois embora digamos que Deus está no céu e na terra, como Ele mesmo diz pelo profeta: "Eu encho o céu e a terra", não queremos dizer que há uma parte de Deus no céu e outra na terra; mas Ele está todo no céu e tudo na terra, não em intervalos alternados de tempo, mas ambos ao mesmo tempo, como nenhuma natureza corporal pode ser. O olho,

então, terá um poder imensamente superior – o poder não de visão aguçada, como é atribuído a serpentes ou águias, pois, por mais que esses animais vejam, eles não podem discernir nada além de substâncias corporais – mas o poder de ver coisas incorpóreas. Possivelmente foi este grande poder de visão que foi temporariamente comunicado aos olhos do santo Jó enquanto ainda neste corpo mortal, quando ele diz a Deus: A ti: por isso me abomino, e me derreto, e me considero pó e cinza; "4 embora não haja razão para não entendermos isso do olho do coração, do qual o apóstolo diz: "Tendo os olhos de seu coração iluminado." Mas que Deus seja visto com estes olhos, nenhum cristão duvida que aceita com fé o que nosso Deus e Mestre diz: “Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus”. com o olho do corpo, esta é agora a nossa questão.

4. A expressão da Escritura, "E toda a carne verá a salvação de Deus", pode sem dificuldade ser entendida como se fosse dito: "E todo homem verá o Cristo de Deus." E Ele certamente foi visto no corpo, e será visto no corpo quando Ele julgar vivos e mortos. E que Cristo é a salvação de Deus, muitas outras passagens da Escritura testemunham, mas especialmente as palavras do venerável Simeão, que, quando ele recebeu em suas mãos o menino Cristo, disse: "Agora, deixe teu servo partir em paz, segundo a tua palavra, porque os meus olhos viram a tua salvação." 8 Quanto às palavras do Jó acima mencionado, como se encontram nos manuscritos hebraicos: "E na minha carne verei a Deus", sem dúvida foram uma profecia da ressurreição da carne; contudo, ele não diz “pela carne”. E, de fato, se ele tivesse dito isso, ainda seria possível que Cristo se referisse a “Deus”; pois Cristo será visto pela carne na carne. Mas mesmo entendendo isso de Deus, é apenas equivalente a dizer, estarei na carne quando vir Deus. Então a expressão do apóstolo, "face a face, não nos obriga a crer que veremos a Deus pelo rosto corpóreo em que estão os olhos do corpo, pois o veremos sem interrupção no espírito. E se o apóstolo não tivesse referindo-se ao rosto do homem interior, ele não teria dito: "Mas nós, com rosto desvendado, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo espírito de o Senhor." No mesmo sentido, entendemos o

que o salmista canta: "Chegai-vos a Ele, e sede iluminados; e os vossos rostos não se envergonharão." 2 Pois é pela fé que nos aproximamos de Deus, e a fé é um ato do espírito, não do corpo. Mas, como não sabemos que grau de perfeição o corpo espiritual deve alcançar,—pois aqui falamos de um assunto do qual não temos experiência, e sobre o qual a autoridade da Escritura não se pronuncia definitivamente,—é necessário que as palavras do Livro da Sabedoria sejam ilustradas em nós: "Os pensamentos dos mortais os homens são tímidos e nossas previsões incertas."

5. Pois se o raciocínio dos filósofos, pelo qual eles tentam fazer com que os objetos inteligíveis ou mentais sejam vistos pela mente, e os objetos sensíveis ou corporais tão vistos pelo corpo, que os primeiros não podem ser discernidos pela mente através o corpo, nem este pela mente mesma sem o corpo — se esse raciocínio fosse confiável, então certamente se seguiria que Deus não poderia ser visto pelos olhos nem mesmo de um corpo espiritual. Mas esse raciocínio é explodido tanto pela verdadeira razão quanto pela autoridade profética. Pois quem está tão pouco familiarizado com a verdade a ponto de dizer que Deus não conhece os objetos sensíveis? Ele tem, portanto, um corpo, cujos olhos lhe dão esse conhecimento? Além disso, o que acabamos de relatar do profeta Eliseu, isso não mostra suficientemente que as coisas corporais podem ser discernidas pelo espírito sem a ajuda do corpo? Pois quando aquele servo recebeu os dons, certamente esta foi uma transação corporal ou material, mas o profeta não a viu pelo corpo, mas pelo espírito. Como, portanto, concorda-se que os corpos são vistos pelo espírito, e se o poder do corpo espiritual for tão grande que o espírito também seja visto pelo corpo? Pois Deus é um espírito. Além disso, cada homem reconhece sua própria vida - aquela vida pela qual agora vive no corpo e que vivifica esses membros terrenos e os faz crescer - por um sentido interior, e não pelo olho corporal; mas a vida de outros homens, embora seja invisível, ele vê com os olhos do corpo. Pois como podemos distinguir entre corpos vivos e mortos, exceto vendo ao mesmo tempo o corpo e a vida que não podemos ver senão pelos olhos? Mas uma vida sem corpo não podemos ver assim.

6. Portanto, pode muito bem ser, e é totalmente crível, que veremos no mundo futuro as formas materiais dos novos céus e da nova terra de tal maneira que reconheceremos mais distintamente Deus em todos os lugares presente e governando todas as coisas, materiais e espirituais, e o veremos, não como agora entendemos as coisas invisíveis de Deus, pelas coisas que são feitas, e o vemos em trevas, como em um espelho, e em parte, mas pela fé do que pela visão corporal das aparências materiais, mas por meio dos corpos que usaremos e que veremos onde quer que voltemos os olhos. Como não acreditamos, mas vemos que os homens vivos ao nosso redor que estão exercendo funções vitais estão vivos, embora não possamos ver sua vida sem seus corpos, mas vê-la mais distintamente por meio de seus corpos, então, para onde quer que olhemos com aqueles olhos espirituais de nossos corpos futuros, nós também, por meio de substâncias corpóreas, veremos Deus, embora um espírito, governando todas as coisas. Ou, portanto, os olhos devem possuir alguma qualidade semelhante à da mente, pela qual eles possam discernir as coisas espirituais, e entre elas Deus – uma suposição para a qual é difícil ou mesmo impossível encontrar qualquer apoio nas Escrituras. ,—ou, o que é mais fácil de compreender, Deus será tão conhecido por nós, e estará tão diante de nós, que o veremos pelo espírito em nós mesmos, uns nos outros, em si mesmo, nos novos céus e a nova terra, em cada coisa criada que então existirá; e também pelo corpo o veremos em cada corpo que a visão aguda do olho do corpo espiritual alcançar. Nossos pensamentos também serão visíveis a todos, pois então se cumprirão as palavras do apóstolo: "Nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os pensamentos do coração, e então cada um terá louvor a Deus".

CAPÍTULO. 30.-DA ETERNA FELICIDADE DA CIDADE DE DEUS, E DO SÁBADO PERPÉTUO

1. Quão grande será aquela felicidade, que não será maculada por nenhum mal, que não carecerá de bem e que proporcionará lazer para os louvores de Deus, que será tudo em todos! Pois não sei que outro

emprego pode haver onde nenhuma lassidão afrouxe a atividade, nem qualquer necessidade estimule o trabalho. Também sou admoestado pelo cântico sagrado, no qual leio ou ouço as palavras: "Bem-aventurados os que habitam em Tua casa, ó Senhor; eles ainda Te louvarão". Todos os membros e órgãos do corpo incorruptível, que agora vemos adequados para vários usos necessários, contribuirão para os louvores de Deus; pois nessa vida a necessidade não terá lugar, mas a felicidade plena, certa, segura e eterna. Pois todas as partes da harmonia corporal, que são distribuídas por todo o corpo, dentro e fora, e das quais acabei de dizer que no momento escapam à nossa observação, serão então discernidas; e, juntamente com as outras grandes e maravilhosas descobertas que acenderão as mentes racionais em louvor ao grande Artífice, haverá o gozo de uma beleza que apela à razão. Que poder de movimento tais corpos devem possuir, não tenho a audácia de definir precipitadamente, pois não tenho a capacidade de conceber. No entanto, direi que em qualquer caso, tanto em movimento quanto em repouso, eles serão, como em sua aparência, decentes; pois nesse estado nada que seja impróprio será admitido. Uma coisa é certa, o corpo estará imediatamente onde o espírito quiser, e o espírito não desejará nada que seja impróprio para o espírito ou para o corpo. A verdadeira honra estará lá, pois não será negada a ninguém que seja digno, nem cedida a qualquer indigno; nem qualquer pessoa indigna deve processá-lo, pois ninguém, exceto os dignos, estará lá. A verdadeira paz estará lá, onde ninguém sofrerá oposição de si mesmo ou de qualquer outro. O próprio Deus, que é o Autor da virtude, haverá sua recompensa; pois, como não há nada maior ou melhor, Ele prometeu a Si mesmo. O que mais significava Sua palavra por meio do profeta: "Eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo", do que serei a satisfação deles, serei tudo o que os homens desejam honrosamente - vida e saúde, e alimento, e fartura, e glória, e honra, e paz, e todas as coisas boas? Esta, também, é a interpretação correta do dito do apóstolo: "Para que Deus seja tudo em todos". Ele será o fim de nossos desejos que será visto sem fim, amado sem enjoo, louvado sem cansaço. Essa saída de afeto, esse emprego, certamente será, como a própria vida eterna, comum a todos.

2. Mas quem pode conceber, para não dizer descrever, que graus de honra e glória serão concedidos aos vários graus de mérito? No entanto, não se pode duvidar de que haverá graus. E nessa cidade abençoada haverá esta grande bênção, que nenhum inferior invejará qualquer superior, como agora os arcanjos não são invejados pelos anjos, porque ninguém desejará ser o que não recebeu, embora vinculado em estrita concordância com aquele que recebeu; como no corpo o dedo não procura ser o olho, embora ambos os membros estejam harmoniosamente incluídos na estrutura completa do corpo. E assim, junto com seu presente, maior ou menor, cada um receberá este presente adicional de contentamento para não desejar mais do que ele tem.

3. Tampouco devemos supor que, porque o pecado não terá poder para agradá-los, o livre arbítrio deva ser retirado. Será, pelo contrário, tanto mais verdadeiramente livre, quanto livre do prazer de pecar para ter o prazer infalível de não pecar. Pois a primeira liberdade da vontade que o homem recebeu quando foi criado reto consistia na capacidade de não pecar, mas também na capacidade de pecar; ao passo que este último livre arbítrio será superior, na medida em que não poderá pecar. Isso, de fato, não será uma habilidade natural, mas o dom de Deus. Pois uma coisa é ser Deus, outra é ser participante de Deus. Deus por natureza não pode pecar, mas o participante de Deus recebe essa incapacidade de Deus. E neste dom divino deveria ser observada esta gradação, que o homem deveria primeiro receber um livre-arbítrio pelo qual ele fosse capaz de não pecar, e finalmente um livre-arbítrio pelo qual ele não poderia pecar – o primeiro sendo adaptado para a aquisição de mérito, este último para o gozo da recompensa. Mas a natureza assim constituída, tendo pecado quando tinha a capacidade de fazê-lo, é por uma graça mais abundante que é entregue para alcançar aquela liberdade em que não pode pecar. Pois como a primeira imortalidade que Adão perdeu pelo pecado consistiu em não poder morrer, enquanto a última consistirá em não poder morrer; assim, o primeiro livre arbítrio consistiu em não poder pecar, o último em não poder pecar. E assim a piedade e a justiça serão tão irrevogáveis quanto a felicidade. Pois certamente ao pecar perdemos

tanto a piedade quanto a felicidade; mas quando perdemos a felicidade, não perdemos o amor por ela. Devemos dizer que o próprio Deus não é livre porque Ele não pode pecar? Nessa cidade, então, haverá livre arbítrio, um em todos os cidadãos, e indivisível em cada um, livre de todo mal, cheio de todo bem, gozando irrevogavelmente das delícias das alegrias eternas, alheio aos pecados, alheio aos sofrimentos, e mas não tão alheio à sua libertação a ponto de ser ingrato ao seu Libertador.

4. A alma, então, terá uma lembrança intelectual de seus males passados; mas, no que diz respeito à experiência sensível, eles serão completamente esquecidos. Pois um médico habilidoso conhece, de fato, profissionalmente quase todas as doenças; mas experimentalmente ele ignora um grande número do qual ele mesmo nunca sofreu. Como, portanto, existem duas maneiras de conhecer as coisas más, uma pela percepção mental, a outra pela experiência sensível, pois uma coisa é entender todos os vícios pela sabedoria de uma mente cultivada, outra é entendê-los pela tolice de uma vida abandonada — assim também há duas maneiras de esquecer os males. Pois um homem bem instruído e instruído os esquece de uma maneira, e aquele que experimentou com eles esquece-os de outra: o primeiro negligenciando o que aprendeu, o segundo escapando do que sofreu. E desta última maneira os santos esquecerão seus males passados, pois terão escapado tão completamente de todos eles que serão completamente apagados de sua experiência. Mas seu conhecimento intelectual, que será grande, os manterá familiarizados não apenas com suas próprias aflições passadas, mas também com os sofrimentos eternos dos perdidos. Pois se eles não soubessem que haviam sido miseráveis, como poderiam, como diz o salmista, cantar para sempre as misericórdias de Deus? Certamente aquela cidade não terá maior alegria do que a celebração da graça de Cristo, que nos redimiou por Seu sangue. Serão cumpridas as palavras do salmo: “Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus”. Haverá o grande sábado que não tem tarde, que Deus celebrou entre Suas primeiras obras, como está escrito: “E Deus descansou no sétimo dia de todas as suas obras que havia feito. E Deus abençoou o sétimo dia, e santificou porque

nele descansou de toda a Sua obra que Deus começou a fazer." Ali ficaremos quietos e saberemos que Ele é Deus; que Ele é o que nós mesmos aspiramos ser quando nos afastamos dEle e ouvimos a voz do sedutor: "Sereis como deuses", e assim abandonamos Deus, que nos teria feito como deuses, não abandonando Ele, mas participando Dele. Pois sem Ele o que temos realizado, exceto perecer em Sua ira? Mas quando formos restaurados por Ele e aperfeiçoados com maior graça, teremos o lazer eterno para ver que Ele é Deus, pois estaremos cheios Dele quando Ele for tudo em todos. Pois mesmo nossas boas obras, quando são entendidas como sendo mais dele do que nossas, são imputadas a nós para que possamos desfrutar deste descanso sabático. Pois se os atribuímos a nós mesmos, eles serão servis; porque se diz do sábado: "Nenhum trabalho servil fareis nele." 4 Por isso também é dito pelo profeta Ezequiel: "E dei-lhes os meus sábados para serem um sinal entre mim e eles, para que soubessem que eu sou o Senhor que os santifico ". Esse conhecimento será aperfeiçoado quando estivermos perfeitamente em repouso e saberemos perfeitamente que Ele é Deus.

5. Este sábado aparecerá ainda mais claramente se contarmos as eras como dias, de acordo com os períodos de tempo definidos nas Escrituras, pois esse período será considerado o sétimo. A primeira era, como o primeiro dia, estende-se de Adão ao dilúvio; a segunda, do dilúvio a Abraão, igualando a primeira, não em extensão de tempo, mas em número de gerações, sendo dez em cada uma. De Abraão até o advento de Cristo há, como o evangelista Mateus calcula, três períodos, em cada um dos quais catorze gerações – um período de Abraão a Davi, um segundo de Davi ao cativo, um terceiro do cativo ao nascimento de Cristo na carne. Há, portanto, cinco idades ao todo. O sexto está passando agora, e não pode ser medido por qualquer número de gerações, como foi dito: "Não vos compete saber os tempos que o Pai estabeleceu em Seu próprio poder." Após este período, Deus descansará como no sétimo dia, quando Ele nos dará (que será o sétimo dia) descanso em Si mesmo.⁷ Mas agora não há espaço para tratar dessas eras; basta dizer que o sétimo será o nosso sábado, que será encerrado, não por uma tarde, mas pelo dia do

Senhor, como um oitavo e eterno dia, consagrado pela ressurreição de Cristo, e prefigurando o repouso eterno não só do espírito, mas também do corpo. Lá descansaremos e veremos, veremos e amaremos, amaremos e louvaremos. Isto é o que será no fim sem fim. Para que outro fim nos propomos senão alcançar o reino sem fim?

6. Acho que agora, com a ajuda de Deus, cumpri minha obrigação de escrever esta grande obra. Que aqueles que pensam que falei muito pouco, ou aqueles que pensam que falei demais, me perdoem; e que aqueles que pensam que eu disse o suficiente se juntem a mim dando graças a Deus. Um homem.